Afonso de Castro



História da Missão Salesiana de Mato Grosso

- 1894-2008 -

UCDB

Volume 2

RESUMO DA HISTÓRIA DA MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO – 1894-2008

Depois de terem se estabelecido na Argentina e no Uruguai, os salesianos, seguindo as intuições e sonhos de D. Bosco vieram para o Brasil e se estabeleceram em primeiro lugar em Niterói em 1884.

Depois, o grande missionário D. Luis Lasagna tinha como tarefa principal entrar em contato com os índios do Brasil, uma vez que os salesianos da Argentina já haviam entrado em contato com os índios do sul da Argentina. Com essa finalidade D. Lasagna procurou um lugar para que os salesianos pudessem se encontrar com os índios através da cidade de Botucatu. Esse projeto não deu certo.

Nesse tempo o bispo de Cuiabá, D. Carlos d'Amour já havia solicitado a D. Bosco que enviassem os salesianos para Cuiabá; porém somente depois de mais dez anos que o Bispo de Cuiabá teve a oportunidade de se encontrar com D. Lasagna em Montevidéu e tendo falido a iniciativa de contato com os índios pelo interior de S. Paulo, a referência então passou a ser Cuiabá com a plena aprovação do bispo da cidade.

D. Lasagna escolheu o Pe. Malan para chefiar a primeira turma de salesianos que sairia de Montevidéu em direção à Cuiabá. Essa delegação de salesianos chegou ao local previsto no dia 18 de junho de 1894. Foram muito bem recebidos pela população e autoridades locais.

Antes de retornar, D. Lasagna estabeleceu com o governo a chefia da Colônia Indígena de Teresa Cristina, a ser entregue para os salesianos. Eram os militares que tomavam conta dessa Colônia Indígena de Bororos. Em 1895 os salesianos tomaram posse da Colônia Teresa Cristina, e lá permaneceram por dois anos.

Em 1902 os salesianos fundaram nova missão entre os índios Bororos às margens do Rio Barreiro em um local denominado Tachos. Então o trabalho missionário prosseguiu com grande êxito. Depois fundaram a missão de Sangradouro. Em 1899 os salesianos inauguraram um

História da Missão Salesiana de Mato Grosso

- 1894-2008 -

Volume 2







Missão Salesiana de Mato Grosso

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO

Instituição Salesiana de Educação Superior

Chanceler:
Pe. Gildásio Mendes dos Santos

Reitor:
Pe. José Marinoni

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:
Prof. Dr. Hemerson Pistori

Conselho Editorial:

Josemar de Campos Maciel (Presidente)
Arlinda Cantero Dorsa
Mami Yano
Marco Hiroshi Naka
Maria Cristina Lima Paniago Lopes
Marta Brostolin
Olivier Vilpoux

Castro, Afonso de
C355h História da Missão Salesiana de Mato Grosso – 1894-2008 / Afonso de Castro - Campo Grande: UCDB, 2014.
2 v. : il.

ISBN Vol. 1: 978-85-7598-158-0
ISBN Vol. 2: 978-85-7598-159-7

1 Missão Salesiana de Mato Grosso – História, 1894-2008 2 Salesianos no Brasil - Mato Grosso I. Título

---

Clélia Takie Nakahata Bezerra
Bibliotecária - CRB n. 1/757

Afonso de Castro

História da Missão Salesiana de Mato Grosso

- 1894-2008 -

Volume 2

UCDB

Campo Grande, MS, 2014

© 2014 Editora UCDB

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

1ª Edição

Coordenação de Editoração
Ereni dos Santos Benvenuti

Editoração
Glauciene da Silva Lima Souza

Revisão de Texto
Maria Helena Silva Cruz

Capa
Arte Brasil Publicidade

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, para qualquer finalidade, sem autorização por escrito da Editora UCDB.

O conteúdo publicado é de inteira responsabilidade do autor e não representa o posicionamento da Editora UCDB.

Feito depósito legal na Fundação Biblioteca Nacional (Decreto n. 10.994, de 14/12/2004).

Os direitos desta edição são reservados à Editora UCDB, cadastrada no Sistema ISBN sob o n. 7598 e Membro da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU).

Av. Tamandaré, 6000 - Jardim Seminário
CEP 79117-900 Campo Grande-MS
Fone/Fax: (67) 3312-3373
e-mail: editora@ucdb.br
http://www.ucdb.br/editora



Nossa Senhora Auxiliadora, rogai por nós!

Direitos reservados

Agradecimentos

Simplesmente impossível realizar a História da Missão Salesiana de Mato Grosso sem a benévola intervenção e cooperação de inúmeras pessoas e comunidades salesianas. O projeto de se reescrever a História da Inspetoria – pois Pe. César Albisetti, Pe. Duroure e Pe. Corazza, já haviam realizado a primeira redação – foi idealizado a partir de conceituações persistentes da teoria da história com acentuações típicas da vida dos salesianos nessa região do país.

Em primeiro lugar expresso meus agradecimentos à Inspetoria na pessoa do Revmo. Sr. Pe. Lauro Takaki Shinohara, digníssimo Inspetor, por ter indicado minha pessoa para realizar esse projeto; agradeço as indicações oficiais, através de documentos, para que eu pudesse ter acesso e credibilidade em instituições detentoras de documentação necessária para a redação fundamentada devidamente.

Em segundo lugar minhas palavras de agradecimento são referenciadas às comunidades salesianas que me acolheram e permitiram consultas aos respectivos arquivos; em especial as comunidades do Santa Teresa de Corumbá, do S. Gonçalo de Cuiabá, do Colégio D. Lasagna de Araçatuba e à comunidade do Colégio D. Bosco, onde estou residindo desde o início de 2011.

Uma palavra de reconhecimento ao Secretário Inspetorial e diretor da Comunidade Inspetorial de Campo Grande, Revmo. Pe. João Bosco Monteiro Maciel, que me auxiliou de duas maneiras: fornecendo um montante significativo de documentos e fontes originais ou em CDs do Arquivo Inspetorial, sem os quais seria inviável qualquer tentativa; de outra forma, pela primeira leitura dos textos e inúmeras correções por ele apresentadas. Foi uma atuação muito bem qualificada e consistente.

Ao lado do arquivo inspetorial, a UCDB tornou-se uma referência ímpar quanto à acessibilidade às fontes documentais e históricas devido ao inestimável valor de suas "Obras Raras". Ao Revmo. Sr. Pe. José Marinoni, mui digno Reitor da UCDB, seja expressa minha gratidão. Deixo registrado, também, meu agradecimento à bibliotecária da UCDB, Sra. Clélia pelo atendimento quanto aos mais de cem textos utilizados nessa redação.

Em especial, pelo acesso ao arquivo da primeira casa da Inspetoria, Colégio S. Gonçalo, dedico minhas palavras de gratidão ao Pe. Giulio Boffi, Diretor, ao Pe. Marcelo e ao Pe. Paulo Fernando; porém uma palavra especial para a dedicada responsável do Arquivo, Sra. Benedita.

Registro também meus agradecimentos a outras pessoas: ao Pe. Pedro Borges por facilitar uma parte da bibliografia. Mas um agradecimento sincero e alto fica registrado pelo relevante serviço de orientação quanto à textura da teoria científica da historiografia para se definir o direcionamento da construção de um relato histórico, à Professora Terezinha de Jesus Barros Pinheiro, de Cuiabá; em algumas horas de intenso debate sobre as teorias da Historiografia, ela forneceu-me uma orientação fundamental para a abordagem científica da história da MSMT; além disso, indicou-me os autores mestres nesse mister e me presenteou com algumas obras que foram essenciais na reconstrução histórica da presença salesiana a partir de Cuiabá, de Mato Grosso.

Igualmente, meus agradecimentos para as pessoas que se tornaram essenciais para que se pudesse realizar esta obra; à Profª Maria Helena S. Cruz, pela magistral e precisa correção do texto; à Profª Ereni dos Santos Benvenuti e sua colega Glauciene Lima Souza, pela preparação técnica do texto a ser impresso.

Por fim uma especial palavra de agradecimento pela atenção, carinho e generosidade em levar avante esse empreendimento, ao Pró-Reitor de Administração da UCDB, Sr. Altair Gonçalo Monteiro da Silva. Ele assumiu institucionalmente a publicação desse texto expressando o seu grande amor a D. Bosco e à Missão Salesiana de Mato Grosso, a partir da UCDB, onde atualmente realiza um consistente trabalho em todos os setores da instituição. Antes, em 2010, ele, como diretor do Colégio Santa Teresa, já havia patrocinado a publicação de outro livro, "A Espiritualidade de S. João Bosco"(706 páginas); hoje este livro ganhou espaço além do Brasil, em nações da Europa (Espanha e Portugal), da África (Angola e Moçambique) e da Ásia (Índia e Timor Leste).

Oficialmente recebi a incumbência de escrever a História da MSMT, em agosto de 2010, quando estava finalizando o texto da "Espiritualidade de S. João Bosco"; iniciei o estudo das fontes e, ao perceber que não haveria condições de permanecer em Corumbá, devido à carência de fontes históricas, o Sr. Inspetor transferiu-me para o Colégio D. Bosco de Campo Grande, no início de 2011; gastei seis meses para estudar e buscar as fontes necessárias. Iniciei a redação do texto em agosto de 2011; em agosto de 2013 consegui finalizar o último capítulo do texto; foram dois anos intensos de estudos e de muita reflexão. Em particular, meu agradecimento aos salesianos do Colégio D. Bosco, onde passei esse tempo: Pe. Ricardo Carlos, Pe. Rafael Zanata, Sr. Rafael Lochi, ao Pe. Wagner Galvão e uma lembrança do falecido Pe. Jorge Parovel.

Dedico esta obra aos meus queridos salesianos que nos precederam na construção da Inspetoria; são tantos, e muitos deles tão humildes e santos que gastaram sua vida para o bem de tantos jovens, de tantas povoações do interior dos estados e para o bem dos índios xavantes e bororos. Mas é uma glória para D. Bosco saber que foram tantos salesianos santos que trabalharam nessas presenças, e hoje se podem verificar os resultados dessas vidas de sacrificado trabalho. Em especial, sejam lembrados os vários salesianos que entregaram suas vidas para que a mensagem suprema de D. Bosco se concretizasse neste território: "Formar bons cristãos e honestos cidadãos!" e que tudo foi feito para "o bem das almas e para a maior Glória de Deus!"

Pe. Afonso de Castro



SÃO JOÃO BOSCO

Prefácio

Convidado pelo Pe. Inspetor Pe. Lauro Takaki Shinohara a fazer a apresentação deste novo livro escrito pelo Pe. Afonso de Castro "História da Missão Salesiana de Mato Grosso-Inspetoria de Campo Grande", aceitei com muita satisfação, pois julguei essa tarefa, mais que um peso, uma honra. De fato, desde que o autor recebeu a incumbência de se dedicar a tempo pleno a essa empreitada, eu o tenho acompanhado, devido ao trabalho que realizo na Inspetoria, ou seja, cuidar do arquivo inspetorial, um significativo acervo mais que centenário. Li os volumes escritos pelo Pe. Afonso e assim posso dizer que conheço de antemão a obra.

Em 1994, tive o ensejo de apresentar o livro do Pe. José Corazza "Esboço histórico da Missão Salesiana de Mato Grosso", escrito num momento muito significativo, a celebração do centenário da Inspetoria. Lá eu dizia, e agora repito com mais ênfase: esta obra histórica "não é um frio trabalho acadêmico, mas uma obra cheia de vida que brota da mente e do coração de alguém que soube unir o rigor da pesquisa histórica com a vibração, o amor e o entusiasmo pelos feitos desta centenária Inspetoria". Sim, Pe. Afonso, nestes dois anos de intensa e total dedicação a essa tarefa, se debruçou sobre antigos manuscritos do nosso arquivo, tirando vasto material para compor a tessitura da nossa história; compulsou muitos e variados livros que ampliaram o horizonte e auxiliaram a enquadrar os fatos dentro de um horizonte maior.

A obra segue a linha cronológica, tendo como marco referencial o Inspetor de um determinado período e nele se encaixam todos os acontecimentos, pessoas, histórias e fatos... De modo que a obra, ao lado do fio e enquadramento histórico, segue também um estilo de crônica, o que torna todo o conjunto mais harmonioso e leve.

A variedade do acervo consultado possibilitou ao autor brindar os leitores com vasto material inédito o que torna o livro uma grande fonte para ulteriores pesquisas. A obra também não pretende esgotar a nossa história, mas deixa aos pósteros a tarefa de aprofundar os fatos e eventos aqui tratados e apresentar outros aspectos das variadas personalidades que compuseram a nossa história.

Agradeço em nome da inspetoria ao Pe. Afonso pela dedicação em levar até o fim essa grande empreitada. Não foi uma tarefa fácil! Só quem esteve metido numa pesquisa pode aquilatar o que é ficar dias, meses e anos, continuamente a pesquisar, refletir, resumir, escrever, ajuizar. Esta obra da autoria do Pe. Afonso ficará como um marco significativo dos 120 anos de

história da nossa inspetoria e do Bicentenário do nascimento de Dom Bosco. Foi por causa dos grandes sonhos do nosso Pai e Fundador que seus filhos realizaram e levaram pelo mundo afora seu carisma e espiritualidade. Assim no dia 18 de junho de 1894 Dom Luiz Lasagna chegou a Cuiabá com um grupo de salesianos, os fundadores da nossa Inspetoria, e plantaram aqui a sementinha do carisma salesiano em terras mato-grossenses; semente que hoje é uma árvore grandiosa com muitos frutos e muita história para contar. Uma história tecida em "suor e sangue", com muito sacrifício e martírio, uma história que se explicita em paróquias, escolas, oratórios, casas de formação, centros juvenis, obras sociais e, sobretudo, pois essa foi a finalidade precípua pela qual os salesianos vieram a Mato Grosso, o trabalho missionário entre os indígenas.

Assim, enfatizando essa nossa característica primordial, em sua visita a nossa inspetoria em 1983, o saudoso Pe. Viganó disse: "As Missões são um valor significativo da Inspetoria de Campo Grande, não só pelo passado, mas pelo presente e em vista do futuro". A obra está aí para que nós que vivemos agora, e os pósteros possamos conhecer e aquilatar a grandiosidade e a coragem de todos os que acreditaram nesta terra e construíram esta porção do Brasil salesiano que é a Missão Salesiana de Mato Grosso.

Pe. João Bosco Monteiro Maciel
Ex-Inspetor e atual Secretário Inspetorial
Campo Grande, 4 de outubro de 2013

Inspetores de Mato Grosso

1 – D. Luiz Lasagna – 1894 e 1895
2 – Pe. Antônio Malan – 1896 a 1914 foi inspetor; de 1915 a 1918, foi Prelado e Inspetor
3 – Pe. Pedro Massa – 1919 e 1920, depois foi nomeado Prefeito Apostólico do Rio Negro-AM
4 – Pe. Hermenegildo Carrá – de 1921 a 1927
5 – Pe. Antônio Della Via – de 1928 a 1932
6 – Pe. Ernesto Carletti – de 1932 a 1946
7 – Pe. Guido Borra – de 1947 a 1958
8 – Pe. João Greiner – de 1958 a 1964
9 – Pe. Leonardo Jacuzzi – de 1965 a 1966
10 – Pe. Pedro Cometti – de 1966 a 1969
11 – Pe. Geraldo Pompeu de Campos – de 1969 a 1975
12 – Pe. Walter Bini – de 1976 a 1977
13 – Pe. José Winkler – de 1978 a 1984
14 – Pe. José Marinoni – de 1984 a 1990
15 – Pe. João Bosco – de 1990 a 1996
16 – Pe. José Winkler - de 1996 a 2002
17 – Pe. Afonso de Castro - de 2002 a 2008
18 – Pe. Lauro Takaki Shinohara – de 2008 a 2014
19 – Pe. Gildásio Mendes dos Santos – 2014

Sedes Inspetoriais

1 – Liceu S. Gonçalo – Cuiabá – de 1894 a 1947
2 – Colégio Dom Bosco – Campo Grande – de 1947 a 1976
3 – Casa São José – de 1976 até hoje

Lista de siglas

DOCUMENTOS

ACC – Atas dos Conselhos das Casas

ACI – Atas do Conselho Inspetorial

Cr. CI – Livros de Crônicas da Casa Inspetorial

Cr. CC – Livros de Crônicas das diversas casas

MB – Memorie Biografiche di S. Giovanni Bosco

MO – Memórias do Oratório de S. João Bosco

REVISTAS

BI – Boletim Informativo da Inspetoria de Mato Grosso

BSI – Bollettino Salesiano Italiano

BSF – Boletim Salesiano Francês

BSB – Boletim Salesiano Italiano traduzido para o Português

NI – Noticiário Inspetorial da Inspetoria de Mato Grosso – Campo Grande

O Ginásio – Ginásio Municipal Dom Bosco – Campo Grande – Mato Grosso

RSS – Revista de Pesquisa Histórica Salesiana – Richerche Storiche Salesiane – Roma

Revista Matto Grosso – Colégio S. Gonçalo – Cuiabá

SIGLAS

FMA – Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora

SDB – Salesianos de D. Bosco

SSFrS – Sociedade de São Francisco de Sales – Congregação Salesiana

Sumário

Capítulo I: O desenvolvimento de algumas atividades da inspetoria no período de 1947 a 1958 29

1.1 A formação dos novos salesianos – as casas de formação conforme as etapas: aspirantado, noviciado e estudantado de filosofia – 1947-1958 31

1.2 O Aspirantado de Tupã – tentativas de outros aspirantados em Campo Grande: Amambaí e S. José – 1947-1958 34

1.3 Dois seminários diocesanos sob os cuidados dos salesianos – Campo Grande e Cuiabá – 1947-1958 43

1.4 A segunda etapa da formação: o noviciado – 1947-1958 47

1.5 A terceira etapa da formação: o Instituto de Filosofia na Chácara S. Vicente – 1947-1958 52

1.6 Salesianos estudantes de teologia enviados para Crocetta-Turim. Outras etapas da formação para os padres novos na inspetoria. Traços de animação da vida salesiana nas casas – 1947-1958 58

Capítulo II: Construções e ampliações nos colégios – 1947-1958 63

2.1 A passagem de duas casas de Silvânia e do Ateneu de Goiânia para a inspetoria de Minas 64

2.2 As propostas de abertura de Colégios em Andradina, Marília, Bauru e em Presidente Bernardes 68

2.3 A construção do Bloco da filosofia no Colégio D. Bosco em Campo Grande 71

2.4 Colégio S. Gonçalo-Cuiabá: construção do bloco das oficinas e dormitórios e casa para as irmãs 74

2.5 Ampliação do Colégio de Lins 76

2.6 A construção do Colégio D. Luiz Lasagna em Araçatuba 78

2.7 A presença salesiana em Lucélia: a construção do Colégio S. Domingos Sávio 83

2.8 Desenvolvimento das atividades salesianas em Corumbá ao redor do colégio Santa Teresa 87

2.9 Construções e ampliações dos prédios para escolas em Alto Araguaia, Araguaiana, Guiratinga, Meruri e Sangradouro, Três Lagoas e Dourados 91

2.9.1 Alto Araguaia 93

2.9.2 Araguaiana 95

2.9.3 Guiratinga 98

2.9.4 Meruri 100

2.9.5 Sangradouro 103

2.9.6 Três Lagoas e Dourados 108

Capítulo III: A vida nas missões e a chegada dos xavantes em Sangradouro e Meruri – alguns dados do governo do Pe. Guido Borra 117

3.1 A fundação de Nova Xavantina e a missão de Santa Terezinha 118
3.2 A chegada dos xavantes em Meruri e Sangradouro 125
3.3 Acontecimentos significativos historicamente durante o governo do Pe. Guido Borra 132
3.4 As atividades de atendimento paroquial na inspetoria no governo do Pe. Guido Borra 143
3.5 A grande festa do Congresso Eucarístico de Cuiabá em 1951 145
3.6 Lançamento da pedra fundamental do "Prédio da Filosofia" no Colégio D. Bosco 146
3.7 A fundação do Museu Dom Bosco em Campo Grande 147
3.8 Consolações 153
3.9 Os Bororos hoje 154

Capítulo IV: Escritos do Pe. César Albisetti 157

4.1 Um oásis no deserto 158
4.2 Assim foi o primeiro bispo dos bororos! – Di questa Tempra fu il primo vescovo dei Bororo 161
4.3 Um "Centro de Pesquisa" na Missão Salesiana de Mato Grosso 163
4.4 Um Centro de Pesquisa 164
4.5 Os triunfos da Banda de Música dos Bororos 166
4.6 Faleceu Akirio Aipobureu, a "Ínfula branca" 168
4.7 Um "iluminado pela chama de Deus" 169
4.8 O Museu Dom Bosco 172
4.9 A apreciação do Pe. César Albisetti sobre a atividade missionária dos salesianos – Exposição no Capítulo Inspetorial de 1958 174

Capítulo V: Pe. João Greiner, o novo inspetor, dá prosseguimento aos trabalhos da Inspetoria 183

5.1 Prosseguem os trabalhos na construção do bloco da Rua 14 do Colégio D. Bosco de Campo Grande 184
5.2 O governo de Juscelino Kubistcheck – inauguração de Brasília – o progresso no Brasil e a Revolução de 1964 188
5.3 A afluência de salesianos de diversos países para o trabalho missionário na Inspetoria 194
5.4 A construção da casa de retiro na Lagoa da Cruz e outras melhorias no conjunto de todas as atividades daquela comunidade 197
5.5 Encerramento da visita extraordinária de Pe. Modesto Bellido 201
5.6 A instalação das Faculdades no Colégio D. Bosco – Faculdade D. Aquino de Filosofia, Ciências e Letras de Campo Grande – Faculdade Mato-grossense de Direito 204
5.7 Propostas para uma presença salesiana em Marília 209

5.8 As ampliações do aspirantado de Coxipó – a organização das casas de Dourados, Maracaju e propostas sobre as Escolas Profissionais 211

Capítulo VI: A atividade missionária no período de 1958 a 1964 – início da publicação da Enciclopédia Bororo 217

6.1 As atividades missionárias em S. Marcos e nas outras missões 218

6.2 Publicação dos volumes da Enciclopédia 222

6.3 Entrevista com o Pe. César 230

6.4 Museu Regional D. Bosco – documentos da cultura xavante 232

6.5 A vida nas missões com grande empenho ao lado dos xavantes 235

Capítulo VII: A presença salesiana na diocese de Campo Grande e outras atividades na Inspetoria 253

7.1 Os salesianos e as novas iniciativas da Diocese de Campo Grande 254

7.2 O governo da Inspetoria de 1964 a 1967 259

7.2.1 Atitudes e decisões da Inspetoria nesse tempo de 1964 a 1967 262

7.3 O trabalho dos salesianos nas paróquias 268

7.4 A inspetoria no governo do Pe. Pedro Cometti – 1967 a 1969 274

7.5 Festejos comemorativos dos 75 anos da chegada dos salesianos em Mato Grosso 282

7.6 Entrevista com o Pe. Pedro Cometti em relação aos 75 anos de presença dos salesianos em Mato Grosso, em especial entre os índios bororos e xavantes 287

Capítulo VIII: As grandes mudanças históricas, sociais e políticas no país e na Igreja – Concílio Vaticano II – e na vida salesiana na Inspetoria de Mato Grosso, no período de 1970 a 1985 293

8.1 Em abril de 1985, terminou o Regime Militar e o Brasil voltou à reconstrução da democracia 295

8.2 A nova visão do mundo, da cultura, da teologia e da Igreja nos principais documentos do Concílio Vaticano II 302

8.3 As grandes linhas orientadoras dos documentos do Vaticano II correlacionados ao trabalho dos salesianos em Mato Grosso 305

8.4 Depois do Concílio Vaticano II, dois acontecimentos interferiram culturalmente na mudança de mentalidade de diversos setores da sociedade 311

8.5 O governo inspetorial do Pe. Geraldo Pompeu de Campos e os grandes esforços para colocar em vigor as novas orientações da Congregação e as decisões do "Redimensionamento Inspetorial" 314

8.5.1 A evolução das presenças salesianas no Oeste de S. Paulo 317

8.5.2 A evolução das atividades salesianas em Corumbá, nesse período 320

8.5.3 A atividade salesiana nas presenças de Cuiabá nesse período, 1970-1978 322

8.5.4 As presenças salesianas na Prelazia e novas perspectivas quanto ao trabalho dos salesianos no período de 1970 até março de 1978 325

8.5.5 A atuação missionária dos salesianos nas colônias indígenas durante o governo do Pe. Geraldo Pompeu de Campos – 1970-1976 329
8.6 O movimento intenso nas casas de Campo Grande durante o período de 1970 a 1976 335

Capítulo IX: As sucessivas mudanças na complexa comunidade do Colégio D. Bosco, da FUCMT e de outros setores da atividade salesiana em Campo Grande nesse período de 1970 a 1978 343
9.1 Proposta sobre a Universidade D. Bosco 344
9.2 A presença da Rádio Educação Rural e do Jornal do Comércio nas dependências do Colégio D. Bosco 345
9.3 A organização do setor universitário na casa do Colégio D. Bosco e desenvolvimento dos cursos universitário nesse tempo, 1970-1978 348
9.4 Encontro Nacional de Irmãos Coadjutores 353
9.5 A construção de um novo Bloco para abrigar alunos do Colégio D. Bosco e das Faculdades surge paralela à rua 13 de Maio 354
9.6 Celebrações do Centenário das Missões na Congregação 357
9.7 O percurso histórico do Museu Regional Dom Bosco 362
9.8 A nova sede da Missão Salesiana 368
9.9 Traços da Pastoral Juvenil na Inspetoria nesse período – 1970 a 1978 370

Capítulo X: Pe. Walter Bini, Inspetor de 1976 a 1978 – os acontecimentos de Meruri de 15 de julho de 1976 383
10.1 Os parâmetros e as metas do Pe. Walter Bini como Inspetor 384
10.2 Alguns passos na organização da Inspetoria nesse período 387
10.3 Antecedentes na Colônia de Meruri 388
10.4 Os fatos ocorridos em Meruri no dia 15 de julho de 1975 390
10.5 A grande repercussão da tragédia de Meruri 396
10.6 Duas declarações significativas depois da trágica morte do Pe. Rodolfo Lunkenbein, do índio Simão e do jovem Aloísio Bispo em Meruri 310
10.7 A vida em Meruri depois da morte do Pe. Rodolfo Lunkenbein 403

Capítulo XI: Final do governo do Pe. Walter Bini – o novo Inspetor, Pe. José Winkler – 1978 – 1984 411
11.1 As atividades na Inspetoria nesse final de ano de 1977 e início de 1978 com a presença ativa do vice-inspetor, Pe. José Corazza 412
11.2 O início do governo da Inspetoria do Pe. José Winkler 414
11.3 Atividades, iniciativas e decisões, na vida da inspetoria, nos seis anos de governo do Pe. José Winkler 416
11.4 A animação da vida inspetorial através de algumas iniciativas pastorais, pedagógicas e organizacionais 420
11.5 As atividades nas dioceses e paróquias da inspetoria no período – 1979-1984 425

11.6 As atividades da inspetoria nas missões, durante esse período – 1979-1984 429
11.7 As atividades no campo da formação nesse período – 1979-1984 439
11.8 As festas comemorativas desse período – 1979-1984 444
11.9 Visitas de superiores e outras iniciativas desse período -1979-1984 447

Capítulo XII: A gestão e a vida salesiana na Inspetoria de 1984-1990 453

12.1 A organização inspetorial quanto às novas diretrizes e modalidades organizacionais de cada setor das atividades educativo-pastorais 453
12.2 A Pastoral Juvenil e as atividades pastorais nas paróquias no período de 1984 a 1990 456
12.3 A presença salesiana nas escolas de 1º e 2º graus no período de 1984 a 1990 463
12.4 As perspectivas que se evidenciaram no complexo do Colégio D. Bosco e da Fucmt nesse período de 1984 a 1991 469
12.5 As atividades nas missões, as questões de terras na reserva xavante de Sangradouro, pendências com a Funai e as reuniões do Cimi 478
12.6 Ainda atividades e ocorrências ao redor da ação missionária – o projeto AMA e suas atividades em prol das missões nesse período 484
12.7 A Pastoral do Menor – Casa D. Bosco 488
12.8 As iniciativas no setor administrativo da inspetoria e a implantação de nova modalidade administrativa e respectiva informatização 493
12.9 O retorno do noviciado e pós-noviciado para a inspetoria e atividade salesiana no aspirantado e pré-aspirantados 496
12.10 O final do governo da inspetoria durante o governo do Pe. José Marinoni – de 1984 a 1990 500

Capítulo XIII: A Inspetoria sob o governo do Pe. João Bosco Monteiro Maciel – 1990 a 1996 509

13.1 A inspetoria diante de projetos e de estudos para organização do trabalho pastoral nas escolas, Família Salesiana e na ação social 512
13.2 As posturas para melhorias nas instalações e no aperfeiçoamento pedagógico nas escolas e na ação pastoral das comunidades 522
13.3 A visita do Papa João Paulo II 529
13.4 O trabalho inicial de instalação e desenvolvimento da UCDB – o ensino superior em Araçatuba e Lins 532
13.5 Os trabalhos de pastoral indígena com encontros com Agentes de Pastoral Indígena – estudos sobre a cultura e o Centro Cultural Rodolfo Lunkenbein de Meruri 539
13.6 As atividades nas casas formação na Inspetoria 544
13.7 A nova presença salesiana em Rondonópolis 547
13.8 Sagração episcopal de D. José Foralosso 549

Capítulo XIV: Celebrações do Centenário e continuação do tempo de governo inspetorial de 1990 a 1996 ..... **555**

14.1 As celebrações do centenário da chegada dos salesianos em Cuiabá 556

14.1.1 Preparação e comemoração do centenário da chegada dos salesianos em Cuiabá 558

14.1.2 Palestras do Pe. Antônio Ferreira sobre a história da Inspetoria, tendo em vista a preparação para a celebração do Centenário 560

14.1.3 A atuação do Pe. Firmo Pinto Duarte na preparação das celebrações do Centenário 561

14.1.4 Abertura dos festejos do Centenário em Cuiabá 30-01-1994 562

14.1.5 Comemoração do Centenário com a presença do Reitor-Mor em Campo Grande e Cuiabá: 24-04-1994 a 26-04-1994 567

14.1.6 Iniciativas significativas e festas comemorativas do Centenário em algumas comunidades 569

14.2 Alguns fatos importantes na inspetoria nesse tempo 574

14.3 As consolidações no setor administrativo: unificação administrativa, a informatização, o decreto sobre a Filantropia e outras tomadas de posição no setor 580

14.4 O desenvolvimento das Obras Sociais diante do decreto de ser a MSMT uma entidade de fins filantrópicos 582

14.5 Encerramento desse período de governo inspetorial 584

Capítulo XV: A vida da Missão Salesiana de Mato Grosso no período de 1996 a 2002 – O governo inspetorial do Pe. José Winkler **591**

15.1 Notícias sobre a formação dos novos salesianos, sobre as casas de formação de cada etapa e sobre as orientações da Congregação para esse setor 593

15.2 Centenário da Casa de Coxipó 1897-1997 597

15.3 As atividades dos salesianos nas missões 599

15.4 A atividade paroquial desse período e as mudanças nesse setor 605

15.5 A atividade educativa e pastoral nos colégios 609

15.6 A expansão do Ensino Superior na Inspetoria 615

15.6.1 O Ensino Universitário em Lins e Araçatuba 617

15.6.2 As tentativas por parte da inspetoria em abrir o ensino universitário em Cuiabá 618

15.6.3 Universidade Católica D. Bosco: novo campus e novos cursos 620

15.7 Prosseguimento da implantação de melhorias no setor administrativo 624

15.8 A grande expansão no setor das obras sociais 626

15.9 A presença de Superiores de Roma em Campo Grande – Visitas Extraordinárias 630

15.10 O grande esforço no planejamento e execução dos projetos de animação pastoral 632

15.11 Atividades pedagógicas especiais, plano de qualificação dos salesianos e promoções de alguns salesianos 638

15.12 Coroamento de um tempo de grande empenho em organização 641
15.13 Falecimento do Pe. José Motta e a Pastoral Vocacional na Inspetoria 643

Capítulo XVI: Governo inspetorial de 2002 a 2008 647
16.1 Organização da inspetoria diante de acontecimentos inesperados 649
16.2 Visitas de superiores de Roma e do Regional à Inspetoria 652
16.3 Atividades normais nas casas quanto à pastoral nas escolas, paróquias e obras sociais 663
16.3.1 As atividades nas Paróquias 665
16.3.2 As atividades nas Obras Sociais 668
16.3.3 Algumas atividades pastorais nas escolas 670
16.4 As escolas da educação fundamental na Inspetoria 672
16.5 A atividade missionária na Inspetoria nesse período 676
16.6 O trabalho de animação vocacional 679
16.7 A animação nas diversas etapas da Formação 680
16.7.1 Melhorias e reformas no Aspirantado e Pré- Noviciado 682
16.7.2 Melhorias no Noviciado 683
16.7.3 A vida salesiana no Pós-noviciado no Paulo VI-Campo Grande 684
16.7.4 Tirocínio ou tempo experiencial de trabalho entre os jovens 685
16.7.5 Locais de estudos de teologia – uma etapa decisiva da formação 688

Capítulo XVII: As instituições do ensino superior e outros acontecimentos nesse período de 2002-2008 701
17.1 A animação no setor universitário – Os progressos na UCDB 702
17.2 Interpelações sobre o ensino superior por parte do governo central da Congregação 708
17.3 O Unisalesiano de Lins-Araçatuba 711
17.4 O Unisalesiano em Araçatuba 717
17.5 O Ensino Universitário em Coxipó e em Corumbá 720
17.5.1 Implantação do ensino universitário em Coxipó, MT 721
17.5.2 O ensino universitário em Corumbá 722
17.6 A pastoral juvenil nesse período, animação nas escolas, nos movimentos juvenis 724
17.7 Estatísticas e encontros de animação dos vários setores de trabalho dos salesianos 726
17.8 Problemas administrativos e como a grande crise econômica mundial também afetou a Missão Salesiana de Mato Grosso 731
17.9 Inauguração do Museu no Parque das Nações Indígenas 736
17.9.1 Esboço histórico do Museu das Culturas D. Bosco 737
17.9.2 História dos novos mostruários e Festa da inauguração dos novos mostruários do Museu 740

17.10 Alguns fatos importantes na inspetoria no ano de 2008 741
17.11 Ao concluir o período de governo inspetorial de 2002 a 2008, surgem algumas considerações: novo mundo das comunicações, novo trabalho nas missões, na formação 743

Capítulo XVIII: Os traços de S. João Bosco que se edificaram e perduraram na história da Missão Salesiana de Mato Grosso 775
18.1 S. João Bosco 775
18.2 Missionários 776
18.3 A devoção a Nossa Senhora Auxiliadora 776
18.4 O Método Educativo de S. João Bosco: o Sistema Preventivo – Bons Cristãos e Honestos cidadãos! 778
18.5 A santidade salesiana 778
18.6 A presença dos salesianos gerou sempre confiabilidade 779
18.7 A Família Salesiana e as congregações que surgiram nesse território sob o carisma salesiano 780
18.8 Brasília – os sonhos de D. Bosco! 781
18.9 Contribuições na arte, na cultura e nos esportes 781
18.10 A alegria 782

Referências 787



D. Luiz Lasagna

Capítulo I

O desenvolvimento de algumas atividades da inspetoria no período de 1947 a 1958

O desenvolvimento em geral, do Brasil em si e da região da inspetoria, trouxe a novidade muito apreciada no tempo do novo inspetor, Pe. Guido Borra, a possibilidade de se viajar com maior rapidez. Anteriormente uma viagem do centro inspetorial, Cuiabá, para o sul ou para o oeste para visitar as colônias, era morosa e muito complicada. Caminhões, ônibus, trem de ferro, e a possibilidade de se viajar de avião favoreceu muito, sobretudo em ganhos significativos de tempo, de desgaste e de transporte das cargas para as casas das missões com maior rapidez. Esse fator permitiu que o Pe. Inspetor estivesse em todas as casas mais de uma vez por ano e até várias vezes quando as oportunidades surgiam inesperadamente, como uma viagem de avião militar para as missões.

A organização da atividade de animação do Pe. Guido tinha por objetivo dar continuidade ao trabalho do seu antecessor, Pe. Ernesto Carletti, e fortalecer a identidade salesiana de cada comunidade pela sua inserção no trabalho educativo e pastoral em prol dos jovens daquela região. Desejava que houvesse maior eficácia, organização, para que a vida religiosa se concretizasse no trabalho, na inserção plena na vida de comunidade que cuidava dos alunos externos e internos. A atuação dos salesianos se pautava pela vida de comunidade e pelo cuidado dos alunos: presença e aulas. Os salesianos todos são conscientizados de que são educadores pelo sistema preventivo e professores competentes em todas as séries. Sobre o trabalho de seu antecessor, deixou registrado:

> Ao ser nomeado em substituição ao Pe. Carletti, este havia desde janeiro tido um ataque apoplético, renovado com mais força no mês de agosto [...] Os superiores, portanto, julgaram dar-lhe um sucessor após um trabalho e uma responsabilidade que duraram quase 15 anos – de 1932 até o fim de 1946. Neste período, a Inspetoria deu passos gigantescos com o Colégio de Campo Grande e os novos colégios de Lins, Goiânia e Tupã. Este trabalho excessivo foi certamente a causa principal dos dois ataques que minaram-lhe a saúde; Deus lhe dê o prêmio, nos lhe dedicaremos nossa imorredoura gratidão! (BORRA, 1956, p. 1).

Diante desse horizonte, o Pe. Guido organizou sua postura de animador das comunidades e de referência para as iniciativas no desenvolvimento

e progresso de cada casa. Suas visitas eram de estímulo para a consolidação desse projeto já previsto pelo Pe. Carletti, e uma vez em desenvolvimento e crescimento, encontra o amparo e o apoio do Pe. Guido. O padrão solidificado pela sua atuação seria, então, a modalidade comum para todas as atividades dos salesianos com exceção de duas outras maneiras de se posicionar no trabalho apostólico: o trabalho paroquial e o atendimento de povoados afastados, a desobriga. Esta implicava muitas viagens e, na Prelazia, ocupava o tempo todo, a exemplo do Prelado, D. Pedro Massa, em viagens muito penosas e difíceis por falta de uma alternativa ao meio de transporte das regiões, o cavalo; nas cidades, muitos salesianos passaram a atender as capelas de povoados mais próximos como em Campo Grande, Três Lagoas, Corumbá, Cuiabá, Coxipó, Lins, Tupã, Lucélia, Araçatuba.

De acordo com as possibilidades de transporte, com intensa utilização do avião de linhas aéreas ou de táxi, Pe. Guido realizava sempre duas visitas ou mais a cada comunidade; de acordo com seus relatórios, marcaram-se os seus cuidados por alguns itens em que se espelhavam os resultados do trabalho pastoral e educativo da comunidade. Esses traços da presença salesiana constituíam a certeza do envolvimento de todos os salesianos da comunidade, bem como o resultado educativo quanto ao comportamento e desenvolvimento dos alunos nas aulas, nas práticas de piedade, nas atividades do internato e na vida animada como reflexo do bom espírito da comunidade.

Dentro do modelo de comunidade, manifestou sempre uma grande preocupação para que, em todas as comunidades, houvesse atividades educativas e religiosas organizadas com competência, como os teatros, os esportes, as companhias, as festas cívicas, as apresentações do colégio em público, como nas procissões, nas paradas ou desfiles. Ao mesmo tempo, verificava com cuidado que houvesse uma infraestrutura capaz de manter a alegria e o entusiasmo dos alunos; lutou pelos bons ambientes, pelas praças de esportes, pelo salão de teatro, pelas competições esportivas, pela beleza das capelas, pelos lugares adequados para os passeios com os internos; assim desejava que, ao lado dos internatos, houvesse uma chácara para os passeios.

Dentro das atividades de animação, estimulou em todas as casas as festas de finais de ano com premiações em comportamento e classificação nos estudos; incentivou, com ânimo e alegria, os certames de catecismo nas casas e depois, com os classificados, organizava-se a grande competição em âmbito inspetorial.

Estabeleceu também sua organização nas casas de formação: dos aspirantados, ao noviciado e ao estudantado de filosofia. Em particular, estruturou a formação dos futuros salesianos, lutando pelas vocações da terra e na aceitação de muitos salesianos europeus que vinham para a inspetoria como missionários. Estruturou os períodos de estudo de acordo com as leis

do Brasil e as orientações do centro da Congregação. Mas queria que, ao lado de cada casa de formação, houvesse uma chácara ou uma possibilidade de os formandos passarem o maior tempo possível das férias em atividades simples, mas agradáveis. Promovia a troca de ambientes para que os formandos, ao terminar o ano escolar, pudessem organizar a vida com mais liberdade e empenhos em artes ou em aprendizados diferentes.

Para garantir e fortalecer a vida religiosa, Pe. Guido organizou quatro retiros marcados pela facilidade de os salesianos daquelas regiões em se locomover para poder participar desses retiros anuais. Sempre presente o tempo todo nesses retiros, com suas pregações ou "boas noites" realizava seu papel de animador espiritual da vivência da vida salesiana na construção da identidade salesiana como alma de todas as comunidades e como alimento para a identidade de cada um e da inspetoria. Para pregadores desses retiros, sempre se valeu dos salesianos da inspetoria; em particular todos os que chegavam dos estudos na Europa, ou em Roma, ou na Crocetta em Turim, eram convidados a animar os salesianos com meditações ou instruções. Raros, em seu tempo de governo, foram os pregadores de outras inspetorias para esses retiros. Havia retiros em Guiratinga, o primeiro, no início de dezembro; o segundo em Cuiabá, antes do Natal; o terceiro, em Campo Grande, Colégio D. Bosco, durante os últimos dias do ano e início do seguinte. O último retiro marcado pela presença dos noviços e pela renovação dos votos trienais, ou votos perpétuos, acontecia na Chácara S. Vicente.

Fez parte de seu projeto de animação da vida salesiana em conjunto com a inspetoria a "Campanha Missionária" de orações e donativos para as missões. Da mesma forma, cresceram, tornando-se um destaque de sua animação, nos encontros locais e posteriormente no centro inspetorial, os certames de catecismo. Maneira de instruir e mostrar o valor da doutrina católica.

O período do governo do Pe. Guido registrou outra possibilidade, anteriormente não existente devido ao período da Segunda Guerra Mundial: a visita aos parentes por parte dos salesianos europeus. Regularmente, todos os anos uma turma viajava, de navio ou de avião, para passar uns meses com os parentes na Europa. Ao retornarem, traziam animação e alguns salesianos novos para o trabalho missionário.

1.1 A formação dos novos salesianos – as casas de formação conforme as etapas: aspirantado, noviciado e estudantado de filosofia – 1947-1958

Uma das maiores preocupações do inspetor anterior, Pe. Carletti, manifestou-se quanto às casas de formação tanto para os candidatos à vida

religiosa salesiana bem como dos salesianos novos. É verdade que os Superiores de Turim sempre haviam garantido enviar missionários novos para as obras que surgiam, e o Pe. Carletti valeu-se sempre dessa possibilidade ao lutar para expandir as obras da inspetoria. Não descuidou dos candidatos à vida salesiana que surgiam aqui nos colégios. Pe. Guido Borra continuou com essas duas perspectivas de manter o crescimento dos salesianos. Ao chegar Pe. Carletti, a inspetoria contava com 118 salesianos e, quando deixou a inspetoria, os salesianos eram mais de 150. Assim o Pe. Guido Borra desejava, além de receber todos os anos novos missionários, que outro tanto surgisse dos aspirantados locais. Esse trabalho tornou-se uma de suas metas. Foi apresentada a questão na reunião do conselho inspetorial de 25 de dezembro de 1953:

> Notando-se certo mal-estar no Seminário de Cuiabá para a continuação aí do nosso aspirantado, precisa-se tratar de um local mais próprio e em nossa casa, para trabalharmos com mais liberdade e resultado. Ao menos provisoriamente o local do Noviciado poderá provavelmente suprir no próximo ano, para os ginasianos, visto ser o número mui reduzido dos noviços sobre os quais se possa contar. Estes iriam eventualmente para Pinda e durante o próximo ano se providenciaria o local na mesma Chácara S. Vicente ou onde parecer mais oportuno. Consta entretanto que no próximo ano não existiriam motivos próximos para apreensões para Cuiabá, por outra parte observa-se a vantagem do noviciado feito na Inspetoria caso o número de noviços seja apenas suficiente. O terreno do Amambaí poderá talvez ser aproveitado para o aspirantado.[1]

Esse registro permite esclarecer ao menos a preocupação do inspetor quanto ao futuro dos aspirantados; tudo ainda em conjecturas e possibilidades para serem enfrentadas em futuro próximo. Somente um ano depois essas conjecturas, sob o parecer de todos os diretores no início de 1955, tornar-se-iam decisões a respeito dos aspirantados. Por outro lado, o Pe. Guido já havia tomado suas decisões quanto aos aspirantados. Assim ele registrou em suas crônicas em setembro de 1955:

> Os aspirantes se retiram do Seminário de Cuiabá: no dia 31 de dezembro de 1955, os Aspirantes Salesianos de Cuiabá se retiram do Seminário local para ocupar a nova sede de Coxipó da Ponte, que está sendo remodelada e onde se espera aprontar, em 1956, um pavilhão novo para 100 internos. O Seminário será ocupado pelos seminaristas diocesanos que nestes anos estavam no Seminário de Campo Grande. (BORRA, 1956, p. 90).

[1] Atas do Conselho Inspetorial, 25 dez. 1953, 43ª reunião, p. 92.

O Aspirantado da região norte da inspetoria estava localizado no antigo seminário diocesano – Seminário da Conceição – cedido por D. Aquino para acolher os missionários novos que vieram da Itália desde 1934. Já em 1947, no início do governo do Pe. Guido, esse local funcionava como aspirantado, devidamente dirigido por uma comunidade salesiana, e os aspirantes estudavam no Colégio S. Gonçalo. De 1947 até 1955, a média de aspirantes variou de 40 a 45, pois as acomodações não permitiam mais que isso. Depois de vários pedidos por parte do novo bispo de Cuiabá, que desejava um lugar para iniciar o seminário diocesano, o Pe. Guido resolveu então, de acordo com toda a inspetoria, levar os aspirantes para a Casa de Coxipó. No dia 31 de dezembro de 1955, os aspirantes se despediram do Seminário da Conceição e iniciaram um tempo novo na casa do Coxipó da Ponte. Após essa decisão, ocorreu a melhoria das instalações da casa de Coxipó para receber os aspirantes e, ao mesmo tempo, surgiu o projeto de se construir um novo pavilhão para que o aspirantado pudesse abrigar maior número de aspirantes, segundo o desejo do Pe. Guido, mais de cem aspirantes. No mês de fevereiro, em seu livro de crônicas registrou:

> No dia 21 de fevereiro de 1956, voltaram de Sangradouro os nossos Aspirantes, ocupando a casa de Coxipó; foi reformada a parte antiga e construída nova cozinha e dependências. Espera-se iniciar em abril ou maio o novo pavilhão para 90 aspirantes [...] O Seminário (da Conceição de Cuiabá) agora é ocupado pelos seminaristas diocesanos, uns 18 mais ou menos. Dos salesianos, ficou o pessoal adido ao Sr. Arcebispo, à catedral e à Santa Casa.
> (E em junho, por ocasião de sua visita a Coxipó Pe. Guido deixou escrito:) Desde janeiro a casa de Coxipó é a sede do Aspirantado, tendo sido reformada por completo a casa antiga e inaugurada a cozinha nova. O pátio foi ampliado e construído um muro com cancela na entrada. A casa apresenta-se agora muito bem, com vasta horta bem cultivada e plantações. A festa de Santo Antônio no dia 13 de junho foi o meio eficacíssimo de propaganda ficando todos entusiastas com a transformação. Os aspirantes são 44. Espera-se começar em agosto próximo a construção do novo pavilhão de 87m de comprimento por 16 de largura. (BORRA, 1956, p. 91b, p. 95).

De fato, essas providências conseguiram concretizar o objetivo da inspetoria de solucionar a questão do aspirantado do norte. De fato a casa de Coxipó passou a ser uma comunidade para o cuidado e formação dos aspirantes, que foram crescendo em número nos anos seguintes. Numa das apresentações dos relatórios sobre as casas, no capítulo inspetorial de 17/02/1958, o diretor do aspirantado de Coxipó afirmou:

> O diretor, Pe. Domingos Vallero expôs a situação da sua casa, ainda incompleta nos locais e incapaz de receber os aspirantes que batem

às portas em bom número. Logo o Revmo. Pe. Inspetor acrescentou que, neste princípio de ano, devia-se sem mais iniciar a construção dos novos locais projetados, para ter as aulas, o dormitório, o refeitório e toda a casa ficar instalada para cerca de uma centena de aspirantes, que hoje são só 60 por falta de local. Que todas as casas concorram entregando pontualmente as quotas, que deverão ser principalmente empregadas na única construção autorizada neste ano: o aspirantado de Coxipó.[2]

Pe. Guido encerrava o período de seu governo em junho de 1958, pois foi eleito para o Conselho Superior da Congregação; então essa foi a última intervenção em prol do aspirantado de Coxipó. Nos anos seguintes, iniciaram a construção do pavilhão projetado que, ao ficar pronto, passou a acolher, naquela casa de formação, o dobro de aspirantes desde os primórdios da inspetoria, quando lá funcionou por alguns anos o Noviciado.

1.2 O Aspirantado de Tupã – tentativas de outros aspirantados em Campo Grande: Amambaí e S. José – 1947-1958

Durante o governo do Pe. Carletti, foram fundadas duas novas casas no oeste paulista: Lins, em 1942, e Tupã, em 1944. Quando Pe. Guido assumiu o comando da inspetoria, portanto, essas casas já funcionavam como comunidades normais dentro do ritmo de colégio para internos e externos. Em março de 1947, o novo inspetor iniciou o roteiro de suas viagens realizando a primeira visita às casas; deixou assim registrado em sua crônica: "Dia 12/03/1947, estava em Tupã: o colégio tem 58 alunos internos e quase 400 externos. Piedade fria: não se sente o espírito de família – Vamos esperar mais animação! (BORRA, 1956, p. 3).

Por essa anotação, descortina-se a primeira impressão que o novo inspetor registrou, não foi nada animadora; porém, pelos traços da educação salesiana notificada na observação, – piedade, espírito de família e animação – deduz-se o horizonte esperado que ele desejaria encontrar em um colégio para internos e externos. Assim descobrem-se as referências que identificariam o ambiente educativo da comunidade e dos alunos. Não perdurou essa imagem de indiferença, pois logo ele e junto os salesianos iriam conjecturar outra finalidade para a casa; essa nova face para a casa preencheria seu desejo de ver lá muita piedade, alegria e animação. Já no mês seguinte, em sua crônica fala de outra forma: "Atualmente temos crédito superior à dívida da casa (Tupã) [...] poderemos liquidar a nossa dívida e ter ainda para a construção do futuro Aspirantado em Tupã" (BORRA, 1956, p. 4).

[2] Atas do Conselho Inspetorial, 25 dez. 1953 – Capítulo Inspetorial de 17 a 19 de fevereiro de 1958. Relatório das casas de Formação, p. 23.

Além de encerrar as dívidas, mostra seu contentamento diante do financiamento de outro seu projeto: o aspirantado. Na primeira reunião da nova sede inspetorial, em Campo Grande, no dia 20/04/1948, portanto um ano após a primeira visita, na 7ª reunião do conselho inspetorial, um dos assuntos contemplados foi a casa de Tupã:

> Também a casa de Tupã está em notável progresso, sendo previsto um maior internato e necessário o local para o Aspirantado. Propõe, para isto, o Sr. Pe. Inspetor o seu projeto que com alguns retoques fica aprovado, recomendando o Pe. Greiner que se trata de incluir no nosso terreno a área da atual rua que o divide nas duas quadras.[3]

Dessa forma, o projeto de melhorar a casa para acolher maior número de internos e abrigar também o Aspirantado fora chancelado pelo conselho da inspetoria. Esse pensamento certificado pela deliberação do conselho inspetorial tivera a comprovação através das observações do inspetor em sua crônica:

> De 10 a 16 de abril visitou oficialmente o ginásio de Tupã com o novo diretor Pe. João Maria: impressão muito boa, ambiente mais achegado, o internato mais cuidado e sobretudo, as vocações prometedoras de 8 ginasianos. Ao todo, a matrícula é de 423 alunos, sendo os internos 32. Para o ano se espera ter lá uma divisão de Aspirantes. (BORRA, 1956, p. 11b).

Quase um ano depois, diante da despedida dos salesianos que deixaram a casa de Silvânia, que fora entregue à inspetoria nova de Belo Horizonte, a escolha da maior parte dos aspirantes que moravam na comunidade de Silvânia recaiu sobre a casa de Tupã. Pe. Guido fez questão de acompanhar a todos nessa viagem. Ele deixou escrito em suas crônicas:

> No sábado, dia 09 de fevereiro de 1949, encerrando-se o retiro, o Pe. Inspetor deu as comovidas despedidas à casa de Silvânia, que passaria para a nova Inspetoria de Minas. Apesar do convite escrito e oral, não estava presente o Pe. Alcides Lanna para receber a nova casa. Meio triste foi o dia 14, quando partiram os 15 aspirantes e 8 salesianos: a casa dava a impressão de vazio e de orfandade.
> Dia 15 de fevereiro de 1949, o Pe. Inspetor estava em S. Paulo e, no dia 16, em Campinas para constatar que todos tinham viajado bem; lá descansaram o dia e a noite. No dia 17, viajaram de Campinas para Tupã. Ótima impressão do novo ambiente. Boa parte dos superiores vem de Silvânia. Os aspirantes são 20, mas outros chegarão. Passei lá três dias bem impressionado com o ambiente. (BORRA, 1956, p. 18-18b).

[3] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso – 1940-1955, p. 60.

O cuidado do inspetor quanto ao Aspirantado foi decisivo para que tudo ocorresse de forma planejada e muito bem. Depois de dois meses, ele retornou a Tupã para uma visita e deixou registrado:

> De 3 a 9 de maio de 1949, visitei a casa de Tupã; são 34 internos e 23 aspirantes, os externos são 402. Os aspirantes constituem uma divisão à parte com assistente próprio e estudo, dormitório e recreio à parte. Boa impressão da casa; o Aspirantado influi sobre a piedade e a disciplina de todos. (BORRA, 1956, p. 20).

Era plano do Pe. Inspetor ganhar estruturas e consistência quanto ao cultivo e cuidado das vocações nativas. No mês de maio, na reunião do conselho inspetorial, foi aprovado o pedido da comunidade de Tupã para que se construísse uma casa de férias na chácara do colégio. O pedido foi aprovado e, então, a comunidade iniciou o processo de viabilização dessa casa para que os aspirantes tivessem lugar para passar um tempo de férias. A chácara distava do colégio 7 km.

No ano de 1950, a casa iniciou o ano escolar com 35 internos e 40 aspirantes, sendo ao todo 440 alunos. No mês de junho, o Pe. Inspetor retornou a Tupã e, encontrando um ambiente alegre e os alunos bem mais disciplinados e próximos, começou a pensar numa solução para ampliar o espaço para o aspirantado. Nesses dias, havia chegado a estátua de D. Bosco, que seria devidamente colocada num pedestal no meio do praça fronteiriça ao colégio. Em agosto, uma vez pronto o pedestal de 4 metros de altura, foi colocada a estátua de D. Bosco, de bronze, ladeada por dois meninos. Essa obra foi executada no Liceu de Artes de S. Paulo. No Brasil, foi a primeira cidade a receber um monumento de D. Bosco em praça pública. No dia 24 de setembro, houve a festa de inauguração. Pe. Guido assim a descreveu:

> No domingo, 24 de setembro de 1950, em Tupã houve grande festa para solenizar do dia de D. Bosco. A parte religiosa foi no tríduo antecedente. No domingo dia 24 houve Missa Campal no pátio, muito concorrida. Às 9,30 horas inauguração da Praça e do monumento de D. Bosco com discurso do Sr. Souza Leão (fundador da cidade) depois do discurso do Sr. Pio de Almeida, secretário da Câmara Municipal, e descobrimento do monumento [...] Grande palmas e vivas; falou também o Pe. Inspetor agradecendo em nome da Inspetoria às autoridades e ao povo de Tupã pelo monumento. Lembrou que Tupã é a primeira cidade do Brasil a erguer um monumento a D. Bosco em praça pública. Às dez horas, houve na pátio do colégio exibição de músicas e ginástica esportiva pelos dois colégios. Assim Tupã, no mesmo mês de setembro, assistiu à ampliação do Ginásio Auxiliadora e à inauguração da praça e do monumento a D. Bosco. Estavam presentes representações dos Colégios de Lins e de Lucélia. À tarde houve procissão com a estátua de D. Bosco e bênção no pátio precedida por breves e entusiásticas

> palavras, em seguida foi girado o filme sobre D. Bosco, com satisfação geral. Foi um esplêndido dia de Nossa Senhora e de D. Bosco! (BORRA, 1956, p. 34).

No ano seguinte, em maio de 1951, tendo em vista o bom andamento da casa e o entusiasmo dos salesianos pela obra de Tupã, na visita de 14 a 18 de maio, Pe. Guido deixou uma orientação precisa para a comunidade salesiana:

> Há na casa 60 internos, sendo 31 aspirantes e 29 estudantes; ao todo são 476 alunos. A casa está limpa e bem apresentável internamente. Para 1952 o internato será reservado exclusivamente aos Aspirantes. Na chácara (do colégio) existe lá uma boa casa de campo (para 30 alunos) que será ampliada; estão crescendo várias plantações. (BORRA, 1956, p. 41).

Consolidava-se assim a instauração de um Aspirantado em Tupã. De agora para frente o Pe. Inspetor providenciaria tudo para que a inspetoria tomasse conhecimento dessa decisão e houvesse um planejamento quanto ao futuro para se poder atender ou cumprir com todas as orientações e instruções do centro da congregação sobre a instalação de um Aspirantado.

O primeiro passo para dar prosseguimento ao plano de instalação de um Aspirantado em Tupã foi a apresentação do plano ao Conselho Inspetorial para apreciação e aprovação. Nesse sentido, na reunião do Conselho Inspetorial de 11 de julho de 1951, ao tratar sobre aspirantes, assim se fez constar em ata: "A casa de Tupã passará a receber no internato só Aspirantes, visto haver possibilidades para alunos internos nos nossos colégios de Lucélia e de Araçatuba"[4].

Em fevereiro de 1952, Pe. Guido passou rapidamente pelas casas da Paulista e, em Tupã, encontrou o internato reservado somente para os aspirantes com 53; estes estavam passando férias na casa da chácara. A esperança sempre foi de que o número crescesse. Nesse ano, com a abertura do Ginásio Estadual o número de alunos caiu para 399. Em 1952, Pe. Guido esteve em Tupã, de 13 a 16 de outubro, e deixou registrado em suas crônicas que os aspirantes daquele ano eram 62; e que vários ainda deveriam entrar para o aspirantado naquele ano de 1952, pois estavam em fevereiro e como conclusão deixou uma orientação precisa: no ano de 1953, os aspirantes tenham aulas em salas separadas dos outros alunos. Manifestou sua alegria pelo sucesso do aspirantado e pelo progresso das lavouras e plantações na chácara de campo do colégio. Porém as conjecturas a respeito do aspirantado somente mais tarde tomariam corpo para uma decisão apropriada. Assim

[4] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso – 1940-1955, p. 81b.

no final de 1953, na reunião do conselho inspetorial 44ª de 31/12/1953, foi registrado o seguinte parecer:

> O mesmo (o visitador extraordinário Pe. Bellido que havia sugerido deixar as paróquias nas catedrais) opinou que para os Aspirantados estejam em ambientes mais favoráveis para a formação, veja-se de localizar o do sul na Chácara de Tupã e o do Norte em Coxipó. Ultimamente apresentou-se também a perspectiva de se receber da Prefeitura Municipal de Tupã novo terreno para se construir o no Aspirantado o qual ficaria separado do Colégio, destinado aos externos. O mesmo prefeito recebendo do seu Estado um vultoso empréstimo, destinaria uma quantia suficiente para a nossa construção.[5]

A visita do inspetor em Tupã ocorreu nos primeiros dias de abril; passou a Semana Santa com os aspirantes, que nesse ano somavam 80. No final de setembro, o Pe. Inspetor realizou sua segunda visita e registrou que os aspirantes eram 82; deixou registrado que no próximo ano, 1954, as aulas dos aspirantes deveriam ser em salas separadas dos externos.

No ano seguinte, precisamente em 12 de março de 1954, Pe. Guido realizou sua primeira visita ao Aspirantado e registrou que os aspirantes já eram 90 e, finalmente tinham aulas em salas exclusivas e com ótimos resultados. Mas, diante das conjecturas do passado, deixou seu pensamento sobre o futuro do Aspirantado, afirmando que pensar em outra construção agora do grande Aspirantado não seria possível; melhor mesmo seria acabar antes o prédio do Colégio D. Bosco, que abrigaria 150 aspirantes (BORRA, 1956, p. 72).

Em outra visita, 25 a 28 de junho de 1954, registrou que os aspirantes eram 91 e estavam bem; foi construído um novo pavilhão de pórtico na pátio superior, melhorando o funcionamento do Aspirantado. Na outra visita de 28 a 2 de julho de 1955 deixou escrito em sua crônica:

> São 86 os aspirantes, bem encaminhados. A construção está surgindo e no ponto da primeira laje; tudo vai regularmente. Foi-nos oferecida uma área de 20 mil metros quadrados perto do aeroporto para o futuro grande aspirantado; mas esta área somente não basta, deve-se chegar a 40 mil. Deus nos ajude a preparar uma grande casa para muitos aspirantes. (BORRA, 1956, p. 86).

Porém, na reunião do conselho inspetorial de 19 de agosto de 1955, ficou ratificado o procedimento a respeito da ampliação da construção do prédio do D. Bosco de Tupã para sediar o Aspirantado:

[5] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso – 1940-1955, p. 92b-93.

> Após a leitura da ata anterior esclareceu ainda o Revmo. Pe. Inspetor que, com relação aos trabalhos de Tupã, de que se tratava, ele mesmo julgava melhor, por este ano que as coisas assim se procedessem, pois, além de se ter já começado a escavação dos novos alicerces, não era suficiente o terreno oferecido para o Aspirantado. Só depois é que foram oferecidas mais duas quadras adjacentes às primeiras, formando-se um total de 40.000 metros quadrados, sobre os quais no próximo ano se construirá com o projeto em elaboração junto ao Dr. Faedo em S. Paulo.[6]

Em setembro, o prédio já estava além da segunda laje, e os aspirantes se mantinham animados com a perspectiva de um ambiente exclusivo para eles.

Em maio de 1956, Pe. Guido passou alguns dias em visita à Casa e constatou que o prédio estava pronto e possivelmente poderia ser logo inaugurado. Assim a previsão da festa ficaria para o segundo semestre, em agosto. Convém sublinhar que tudo se concretizou devido às orientações do Pe. Bellido, visitador extraordinário quanto à construção ou preparação de dois aspirantados, um para o norte e outro para o restante da inspetoria. Na reunião dos diretores, em janeiro de 1955, foi decidido pelos diretores que, para atender as orientações do Pe. Bellido, dois aspirantados seriam edificados, um em Coxipó e outro em Tupã [7]

Devidamente finalizada a construção da segunda parte do prédio do Colégio D. Bosco de Tupã, com todos os ambientes devidamente adaptados para a habitação e estudos dos aspirantes, a primeira parte do colégio permaneceria para o atendimento dos mais de 400 externos. Os salesianos deveriam trabalhar mais, pois as aulas para os aspirantes permaneceriam separadas das aulas dos alunos externos, duplicando o trabalho dos professores salesianos, que eram a maioria. Em suas crônicas, o Pe. Guido Borra deixou registrados os momentos mais marcantes da festa de inauguração da nova ala do prédio do Colégio D. Bosco de Tupã:

> Em abril de 1955 foram iniciados os trabalhos para o acabamento do Colégio D. Bosco de Tupã. Aproveitando o desnível, o novo prédio tem 4 pisos, sendo o último a clausura dos Salesianos. Assim agora o internato tem capacidade para 120 aspirantes, com 5 salas de aula a mais, dois estudos, o térreo para as Obras Sociais (Ex-alunos, Associações paroquiais etc.). Com a reforma do dormitório antigo, suprimindo os quartos dos salesianos, o Colégio terá lugar para mais de 160 internos. A festa de inauguração no sábado, dia 18 de agosto de 1956, com a concentração de mais de mil alunos salesianos, isto é, os dois colégios

[6] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso - 1940-1955, p. 99.
[7] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso - 1940-1955, p. 96b.

> de Tupã, salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora, os internos de Lins (200), os de Lucélia com trem especial (280) e uma representação de Araçatuba (60): tudo saiu brilhantemente, a contento de todos. Pelas 5 horas da tarde, os de fora, voltaram para suas casas. Autoridades e povo admiraram a execução artística da construção, cômoda e prática, devida à Firma Faedo. Ele também está realizando com grande competência todas as nossas construções de Campo Grande, Araçatuba e Tupã. (BORRA, 1956, p. 98).

Na reunião dos diretores e delegados para o Capítulo Inspetorial de 1958, em preparação ao Capítulo Geral da Congregação que ocorreria depois de agosto em Turim, precisamente no dia 19/02/1958, na sessão das 8h sobre as Casas de Formação, houve a intervenção dos diversos diretores das casas de formação da inspetoria. Sobre a casa de Tupã interveio o seu diretor:

> O Pe. Heitor Castoldi, Diretor do Aspirantado de Tupã, usou em seguida da palavra, dizendo em substância que o prédio completado e melhorado abriga agora mais de 100 aspirantes, em ambiente formativo e confortável, ficando separado, como era preciso, do Externato, que funciona na mesma casa. Os poucos salesianos sustentam assim o labor de um duplo ginásio, além de muito ministério, ficando a dificuldade para cuidar devidamente da formação dos Aspirantes. Graças à "Providência" as finanças permitiram melhorar e completar o mobiliamento. Alegrando-se pela situação, o Revmo. Sr. Pe. Inspetor comentava que, depois de penosas e prolongadas trocas e peregrinações, agora o Aspirantado principal estava com boa instalação para seu funcionamento regular com discreto número de vocações, esperando que a "Providência" permita futuramente a construção de novo grande Aspirantado, mas só após completar o de Coxipó e construindo um primeiro braço em Dourados. (BORRA, 1956, p. 98).

Com a intervenção do diretor do Aspirantado, pode-se concluir que foi um esforço grandioso terminar a segunda ala do prédio e ter pago tudo imediatamente. Da fala do Pe. Inspetor, pode-se concluir que ainda esperava a futura grande construção de um novo prédio em Tupã para um aspirantado para mais de 170 aspirantes. Mas a realidade levava a adiar esse sonho, pois, apesar das reformas, o aspirantado de Coxipó não tinha capacidade para abrigar mais que 60 aspirantes, e todos esperavam o início da construção de um novo pavilhão para abrigar mais de cem aspirantes com relativo conforto. Foi acenado também um pequeno internato de preparação dos alunos para o aspirantado de Coxipó. De fato a história iria mostrar que esse discernimento iria se concretizar por alguns anos.

Mas a questão dos aspirantados ainda não estava completamente resolvida. O visitador Pe. Bellido havia deixado uma orientação quanto a um

possível aspirantado para formar irmãos coadjutores para a inspetoria, como era o processo normal das inspetorias bem desenvolvidas da Europa. Dentro desse horizonte, houve algumas sugestões e tentativas por parte do Pe. Guido Borra. Ele queria que essas orientações fossem concretizadas, junto com o conselho pensava a esse respeito e, na reunião do conselho inspetorial de 29/07/1955, registrou-se a seguinte reflexão sobre o assunto:

> Sobre o aspirantado para coadjutores – já estão funcionando dois aspirantados para clérigos, mas falta ainda um para os coadjutores. É projeto do Revmo. Pe. Inspetor, acompanhado pelos conselheiros, que o Oratório S. José funcione para isso ao menos como pré-aspirantado, com internato gratuito para alunos de 12 a 15 anos, nas condições que possam ser aspirantes. Conforme promessa do Pe. Bellido, que enviará um coadjutor alfaiate e um encadernador, e com a saída dos novos mestres Lúcio e Fernando, será possível, para o ano, fazer funcionar no S. José, além da marcenaria, mais as oficinas de alfaiataria e de sapataria, com um possível grupo de 20 a 25 alunos internos. Existe até hoje a dificuldade do terreno que falta para completar a quadra, para o desenvolvimento das construções. O diretor da casa irá tratar com os interessados. Caso não se possa encontrar boa solução, é ventilada a ideia de passar a Escola-Aspirantado Artífices para o terreno adquirido no Amambaí, que tem espaço amplo e ótima colocação.[8]

Essa relação sobre o aspirantado para coadjutores foi levada avante e, na reunião do conselho inspetorial de 5 de dezembro de 1955, diante da realidade, o conselho tomou a seguinte deliberação registrada em ata:

> O Oratório S. José seria destinado para Aspirantado dos Coadjutores, mas em vista de estar ainda muito aberto e exposto o local sem muros e cerca, os conselheiros aconselham suspender a instalação do internato, ficando estabelecido para o próximo ano o funcionamento das oficinas de marcenaria, alfaiataria e sapataria com quatro ou cinco alunos internos para os serviços de limpeza da casa.[9]

Dessa forma, protelou-se a instalação das oficinas no Oratório S. José. Mais tarde, os salesianos que entendiam e conheciam a questão das escolas profissionais que funcionavam especialmente em Cuiabá, no capítulo inspetorial do início do ano de 1958, portanto no final de mandato do Pe. Guido, lembraram-lhe que era necessário criar novas formas de profissionalização exigidas pelos novos tempos; falaram que os coadjutores deveriam se titular em escolas de novas profissões mostradas pelo governo. Foi uma intervenção denotativa da crise dos modelos antigos e, ao mesmo tempo, da possibilidade de os coadjutores se habilitar em outros lugares.

[8] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso – 1940-1955, p. 92b.
[9] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso – 1955-1966, p. 1b.

Na reunião do conselho inspetorial de 14 de junho de 1958, portanto no final do tempo de governo do Pe. Guido, houve a apreciação da questão das escolas profissionais na inspetoria:

> Sobre a Escola Profissional S. Vicente, afirmou-se que há um esquema de projeto para a construção do local apropriado para o pré-Aspirantado profissional e Agrícola, em terreno fronteiriço ao noviciado, com as oficinas de Marcenaria, Mecânica, Alfaiataria e Sapataria, com o total de 60 meninos. Os atuais locais ficariam para a ampliação do Estudantado. O projeto foi aprovado em máxima.[10]

Dessa forma, apreciaram-se as alternativas para o Aspirantado para Coadjutores, mas não se concretizou de forma evidente o projeto. Houve a tentativa de se seguir as orientações do centro da congregação, mas a questão do estudo profissionalizado não foi tão fácil de resolver.

Ainda sobre as casas de formação, estabeleceu-se outra forma de nomeação dos empreendimentos ou projetos. Assim iniciaram a nomear duas presenças como pré-aspirantados. Assim na reunião do capítulo inspetorial de fevereiro de 1958, houve o registro:

> Ao lado da Escola Agrícola, além do Noviciado suspenso nesse ano, funciona também a Escola Agrícola como pré-aspirantado, o qual graças ao ambiente de piedade, de ordem e de espírito salesiano que soube imprimir o atual Assistente, está produzindo frutos de vocações para o Aspirantado de Coxipó e para o seminário diocesano.[11]

Essa escola seria a primeira a ser denominada de Pré-Aspirantado, a segunda escola com essa finalidade seria a que estava sendo implantada na Colônia de Dourados; como já fora anunciada como uma espécie de braço do Aspirantado de Coxipó. Assim se justificou no conselho inspetorial:

> Havendo oportunidade favorável, adquiriu-se os 30 ha tendo em vista abrir no futuro um aspirantado para o sul Mato-grossense, onde se encontram numerosas vocações para o Seminário diocesano. Foi essa a justificação escrita aos Superiores Maiores, que observaram a nossa falta de pessoal para as novas obras. Provisoriamente fica um padre que serve de capelão para o hospital.[12]

Para fechar o negócio, o Pe. Guido fez-se acompanhar pelos padres André Capelli e Jayme Venturelli; queria que eles testemunhassem a ação em prol de um futuro anunciado como casa para a formação de aspirantes para Coxipó, em outras palavras que houvesse ali no futuro um pré-aspiran-

[10] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso – 1955-1966, p. 29.
[11] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso – 1955-1966, p. 23.
[12] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso – 1955-1966, p. 4.

tado antevendo as famílias que se instalaram na região. Pe. Guido afirmou: "Cogita-se de construir em Dourados mais tarde uma escola agrícola, sede de um Aspirantado" (BORRA, 1956, p. 94).

Dessa forma, encerrou-se o tempo de governo do Pe. Guido no meio do ano de 1958; as suas providências a respeito dos aspirantados concretizaram-se com êxito em Tupã e em Coxipó, direcionou-se a finalidade de duas ou três outras atividades da inspetoria a esse respeito; por outro lado, as primeiras iniciativas para o pré-aspirantado de aprendizes no Oratório S. José transferiu-se para a Chácara S. Vicente, dentro de alguns anos através da Escola Agrícola. Incipientemente o pensamento foi o mesmo quanto ao futuro que se descortinou com a aquisição dos lotes de terras em Dourados, na Colônia denominada de Serraria. Esse local seria uma extensão de pré-aspirantes para o aspirantado de Coxipó. Dessa forma conseguiu, em seu tempo de governo, sistematizar essa etapa da formação de futuros salesianos. Seria bom recordar que, na casa de Silvânia, nos dois anos de pertença a essa inspetoria, até 1949, sempre havia um grupo de aspirantes. Agora a inspetoria, finalmente estava organizada para prosseguir esse trabalho. Sem dúvida, com seu empenho e sua determinação é que o Pe. Guido conseguiu bons frutos para concretizar esses passos nessa etapa da formação dos futuros salesianos.

1.3 Dois seminários diocesanos sob os cuidados dos salesianos – Campo Grande e Cuiabá – 1947-1958

Desde o governo de Pe. Carletti que o prédio do Seminário Diocesano foi cedido, generosamente aos salesianos por D. Aquino para o início do noviciado das turmas que o próprio Pe. Carletti conseguia na Itália. A primeira turma a ocupar como noviços o prédio do Seminário da Conceição foi em 1934. Foi o início de um período em que os novos missionários realizavam as etapas formativas aqui na inspetoria. Uma vez que o noviciado em Coxipó fora transferido para Palmeiras, e de lá não havendo nenhuma turma de noviços, seu reinício somente se deu com a famosa turma de missionários de 1934. Foram tempos gloriosos e de grandes empreendimentos na inspetoria. Posteriormente também esteve presente o grupo de estudantes da filosofia por alguns anos até que, na década de 1940 em diante, surgiu um bom aspirantado que funcionou até o final de 1955. Foram anos gloriosos em que muitos salesianos tiveram seus períodos de formação nesse casarão, ao lado da ilustríssima personalidade de D. Francisco de Aquino Corrêa.

Com o falecimento de D. Aquino, em 26 de março de 1956, seu sucessor na arquidiocese, D. Orlando Chaves, anteriormente bispo de Corumbá, manifestou imediatamente o seu desejo de que ali, no prédio do Seminário

da Conceição, iniciasse o funcionamento do seminário diocesano. Pe. Guido imediatamente providenciou o traslado dos Aspirantes do Seminário para a casa de Coxipó. Então, desde 1957 em diante, a comunidade adida ao trabalho pastoral na Catedral e Santa Casa, passou a presidir o primeiro ano do Seminário diocesano em Cuiabá. Pe. Guido Borra deixou escrito em seu livro de crônicas:

> A começar de janeiro de 1956, ficou reservado aos seminaristas (diocesanos de Cuiabá) que são 30, sendo 14 do Primário e 16 do Ginásio. As segundas e terceiras séries freqüentam o Liceu, os outros têm aulas no Seminário. Esse seminário ficou sob a direção do Pe. João Duroure. (BORRA, 1956, p. 94b).

D. Orlando Chaves, grande propugnador das vocações, trabalharia então com os salesianos por longos anos; depois que o mesmo bispo adquiriu uma extensa área às margens do rio Cuiabá, depois da cidade de Várzea Grande para localizar o novo Seminário diocesano, os salesianos estiveram presentes em auxílio à diocese, cuidando da direção do Seminário, no prédio antigo e também por muitos anos posteriormente, na nova casa muito bem edificada para abrigar os seminaristas diocesanos. O Seminário diocesano permaneceu no antigo prédio por alguns anos. Quando foi deslocado para as novas dependências, em 1959/1960, os salesianos permaneceram na direção desse seminário.

A mesma atitude tivera D. Orlando quando bispo de Corumbá, até 1955. Adquiriu um terreno apropriado para um seminário, distante da cidade 4 Km, sendo uma vasta área de cerrado alto e de uma localidade de terras muito férteis. Como antes de ser bispo fora inspetor em S. Paulo, apelou para os salesianos daquela inspetoria para que o auxiliassem a cuidar desse Seminário. Assim foi o início das atividades do seminário diocesano em Campo Grande. Pe. Guido deixou registrado:

> No dia 14 de março de 1949, foi praticamente inaugurado o Seminário Diocesano construído a 4 Km de Campo Grande, no meio do caminho para o nosso noviciado. Os trabalhos estão ainda atrasados (sem reboco, sem piso e sem forro), mas os 20 seminaristas souberam adaptar-se. O pessoal salesiano é formado assim: Pe. Arcanjo Moratelli, diretor; Pe. João Sobel, confessor; clérigo Gerino Carvalho, assistente; coadjutor Aniceto Zonta, provedor. Para a cozinha e lavanderia existem as irmãs diocesanas. (BORRA, 1956, p. 19).

Dessa forma, a inspetoria estava iniciando um longo período de tempo em colaboração com as dioceses de Campo Grande e Cuiabá, através do trabalho dos salesianos ao cuidar da formação dos seminaristas diocesanos também. Estavam, pois, presentes na construção da Igreja local, como sem-

pre estiveram em todas as partes do mundo. Em abril de 1949, Pe. Guido visitou o Seminário e deixou registrado o grande sacrifício da vida salesiana naquele prédio ainda inacabado. As Irmãs, cuja congregação fora fundada por D. Priante, moravam perto, mas também estavam sem conforto algum para poder atender os 20 seminaristas. Na visita de maio de 1951, Pe. Guido assinalou que estava sendo erguida nova parte do prédio do seminário; os seminaristas então atuais, metade do primário e outra metade ginasianos, somavam 42. No ano seguinte, foram assinaladas as presenças de dois novos assistentes, e os seminaristas já eram 60.

No dia 28 de setembro de 1952, foi inaugurada a parte nova com grande solenidade; os seminaristas desse ano chegaram a 80. Os salesianos trabalhavam ali com o mesmo espírito de uma comunidade em obra salesiana. No ano de 1952, Pe. Osório Pires foi o diretor, e os seminaristas eram 82; ao lado do diretor trabalhou o Pe. Martiniano Pinto; estes permanecerão por longos anos nessa comunidade com um trabalho grandioso de animação educativa e pastoral. Salesianos entusiasmados que deixaram lembranças nessa comunidade. Na reunião do conselho inspetorial de 9 de fevereiro de 1953, foram apresentadas algumas resoluções para que o Inspetor da Inspetoria de Mato Grosso pudesse melhor organizar as funções, sempre tendo em vista a unidade da comunidade na direção e na coordenação dos trabalhos. Essas normas foram apresentadas ao Sr. Bispo. Essa atitude foi contestada pelo Sr. Bispo que chegou a pedir a anexação da comunidade do Seminário à inspetoria de S. Paulo, como o próprio Pe. Guido já havia sugerido. Porém tudo seria decidido conforme as orientações dos superiores de Turim[13]. O resultado da consulta não foi documentado, mas a história comprovou que a comunidade salesiana continuou sob a jurisdição da inspetoria de Mato Grosso.

Em junho de 1954, Pe. Guido assinalou que a comunidade do Seminário estava muito bem encaminhada, e que os seminaristas eram 93; grande parte deles estudavam o ginásio. Singular a notificação de que 19 desses seminaristas pertenciam à diocese de Cuiabá. Em maio de 1956, em sua visita de superior responsável pela comunidade, notificou que os seminaristas eram 106, e que entre eles havia três estudantes de filosofia que frequentavam as aulas na Lagoa da Cruz, onde funcionava regularmente o curso de filosofia para os estudantes salesianos.

No ano de 1955, precisamente em agosto, os conselheiros relutaram diante de uma proposta do Sr. Bispo em trocar as casas das Irmãzinhas de Jesus Adolescente pela igreja de S. José e todo o terreno junto com o prédio construído para o Oratório. A igreja de S. José seria a catedral da nova dioce-

[13] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso – 1940-1954, p. 90.

se a ser criada, e o prédio do Oratório seria a cúria metropolitana. Diante das propostas o conselho resolveu:

> O parecer preponderante do Conselho foi contrário às propostas pelas razões de que se perderia na cidade o local tradicional do Oratório, que até se pode transformar facilmente em eficiente centro social e que seria prejudicial à Congregação a forma de pagamento em 15 anos de prazo. Aliás, pode-se oferecer provisoriamente a matriz de S. José como Catedral, quando for dividida a diocese. Assim ficou resolvida a questão.[14]

Nos anos seguintes, a comunidade do Seminário dependeu do governo salesiano da Inspetoria. No final de 1957, houve o decreto pontifício de divisão da diocese de Corumbá, surgindo assim a nova diocese de Campo Grande, cujo primeiro bispo, D. Antônio Barbosa, foi empossado no início de 1958. O novo bispo não encontrou qualquer entrave quanto ao governo da inspetoria sobre a comunidade salesiana que trabalhava na condução do Seminário. Assim continuou por muitos anos. D. Orlando fora transferido para a diocese de Cuiabá. No Capítulo Inspetorial de 1958, o diretor da comunidade do Seminário Diocesano de Campo Grande, Pe. Osório Pires, apresentou um relatório breve, na sessão de 19 de fevereiro de 1958, de como a comunidade se portava nesse trabalho especial:

> Falou ainda o Diretor do Seminário de Campo Grande, Pe. Osório Pires, esclarecendo de princípio que o Seminário não é absolutamente hoje um colégio para formar futuros pais de família, como alguém disse, mas uma comunidade cuja ordem, piedade e estudos estão acima de muitos outros seminários, conforme declarou D. Oton Motta, Visitador Apostólico, e o Reitor do Seminário menor de S. Paulo. Há sim eliminação dos que não têm disposição para a vocação eclesiástica, que entram em alta porcentagem, embora se pratique a seleção, exigindo-se a filiação legítima ou legitimada razoavelmente. Tendo sido reduzidas as classes entre o terceiro primário e a terceira série ginasial, também está mais reduzido o número de alunos e de professores. Lamenta-se, entretanto, que a situação do pessoal salesiano seja quase como de exilados, por causa das questões entre o Sr. Bispo e os inspetores. Explicou a dificuldade em atender às exigências do Sr. Bispo em relação à inspetoria, disse o Pe. Inspetor. Declarou não poder renovar o contrato anual com o Sr. Arcebispo de Cuiabá para o fornecimento de pessoal exigido, também tendo em vista do pessoal do clero secular disponível.[15]

Colocar uma comunidade religiosa salesiana para atender um seminário não era um processo normal, porém grande serviço para a Igreja lo-

[14] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso – 1940-1954, p. 97b.
[15] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso – 1955-1966, p. 23-23b.

cal, tanto em Campo Grande como em Cuiabá. Os salesianos realizavam esse trabalho com naturalidade e perspectivas factíveis com os tempos e com a cultura das cidades. Mas a efervescência por negócios de D. Orlando iria encontrar um verdadeiro caminho em Cuiabá, quando conseguiu construir um novo seminário em Várzea Grande, que por muitos anos também foi dirigido por uma comunidade salesiana.

Em Campo Grande, os salesianos não encontraram qualquer obstáculo ou dificuldade de entendimento quando, já na segunda metade do ano de 1958, Campo Grande passou a ser sede da nova diocese; o novo Prelado, D. Antônio Barbosa, sempre se entendeu muito bem com a direção da inspetoria e com os salesianos que compunham a comunidade do Seminário; por muitos anos, os salesianos trabalharam na preparação dos seminaristas menores da diocese de Campo Grande.

1.4 A segunda etapa da formação: o noviciado - 1947-1958

A história dessa etapa de formação na inspetoria mostra que, até pouco antes, não se havia ainda conseguido uma definição de lugar e de perseverança. A casa de Coxipó da Ponte, distante alguns quilômetros de Cuiabá, no final do século XIX, sediou a primeira turma de noviços da Inspetoria; o noviciado daquele ano de 1899 teve início no dia 2 de fevereiro, com os primeiros noviços já de origem brasileira. Nesse local, três anos depois, em 1902, iniciava o seu noviciado o jovem Francisco de Aquino Corrêa, mais tarde arcebispo de Cuiabá. O noviciado permaneceu por mais alguns anos em Coxipó e, em 1909, depois de bom preparo da casa, ocorreu a transferência para a fazenda Palmeiras. Nesse local, houve noviços durante três anos e, não havendo mais noviços, essa etapa de formação permaneceu sem atividade alguma. Em Palmeiras, ocorreu o assassinato do Pe. José Thannuber, no dia 29 de agosto de 1920. Depois desse triste episódio, os salesianos abandonaram essa casa.

Somente em 1934, sendo inspetor o Pe. Ernesto Carletti, foi possível reorganizar a vigência do noviciado na Inspetoria. Pe. Carletti havia trazido da Itália uma nova leva de vocacionados missionários para realizar o noviciado aqui na Inspetoria. Após interminável viagem de Gênova até Cuiabá de navio, no início de 1934, iniciou-se o noviciado no antigo casarão do Seminário da Conceição. Ao lado dos noviços, estavam também aqueles que deveriam estudar filosofia, e outros, os tratados de teologia. Assim o Casarão do Seminário, devidamente cedido aos salesianos por D. Aquino. Esta seria a referência de casa de formação por vários anos. Até o final da década, estudaram nesse local os formandos de todas as etapas. Porém, dentro do programa de expansão da inspetoria, Pe. Carletti, na década seguinte, pre-

pararia novo lugar para o noviciado no sul do Estado, em Campo Grande. O casarão do Seminário da Conceição, com a saída dos noviços e estudantes de filosofia para outros lugares, passou a sediar outra etapa da formação dos vocacionados, o aspirantado. Esse aspirantado permaneceria nesse local, no Casarão do Seminário da Conceição, até o final de 1955; em 1956 iniciaram-se as atividades do aspirantado na casa do Coxipó.

Tendo sido transferido o noviciado para Campo Grande, em 1944 funcionou na casa da Chácara S. Vicente, devidamente adquirida do Sr. Bispo D. Vicente Priante. Ainda durante o tempo do Pe. Carletti, com a presença de alguns noviços, a casa se tornara a sede do novo noviciado. Porém foi necessário, em 1946, pedir uma ratificação da mudança de sede do noviciado aos Superiores de Turim. A inspetoria não dispunha de candidatos para o noviciado nos anos de 1946 e 1947; dois seriam os noviços do ano de 1948. Estes foram destinados a realizar essa etapa de formação em Pindamonhangaba, SP, junto com os inúmeros noviços daquela inspetoria.

Depois da transferência da sede inspetorial para Campo Grande, Pe. Guido enfrentou, com muito empenho e seriedade, a questão das casas de formação. Estas deveriam preencher todas as etapas da formação na inspetoria, permanecendo somente a fase dos estudos teológicos, a ser realizada no Instituto Teológico Pio XI de S. Paulo.

Na reunião do conselho inspetorial de 20 de abril de 1948, já em Campo Grande, Pe. Guido deixou registrado, após constatar as possibilidades de se reiniciar o noviciado com os candidatos de Cuiabá (Seminário) e de Silvânia:

> Espera-se começar o noviciado no próximo ano com uns 13-14 noviços. Já está pronto um projeto para a construção do prédio, unido ao dos estudantes na Chácara S. Vicente; visto que se deve ainda resolver as pendências sobre a propriedade da Chácara com o novo bispo e, sendo o tempo insuficiente para aprontar a nova construção, fica determinado que o local do antigo Noviciado seja adaptado, de forma a ser depois utilizado pela Escola Agrícola que aí deverá funcionar.[16]

Tiveram que esperar vários meses até que o novo bispo, D. Orlando, ratificasse os documentos que foram emitidos no tempo de D. Priante sobre a venda da Chácara S. Vicente. Pe. Guido deixou escrito em suas crônicas que, se não fosse resolvida a questão a casa do Oratório S. José, seria uma alternativa para o funcionamento do noviciado no ano seguinte, em 1949. Na reunião do conselho inspetorial de 23 de setembro de 1948, deixou registrado que as pendências com o Sr. Bispo haviam sido resolvidas e que imediatamente seriam iniciados os trabalhos de ampliação da casa da Chácara S. Vicente para receber os noviços no próximo ano. A planta dessa nova casa

[16] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso – 1940 -1955, p. 60b.

já havia sido aprovada na reunião do mês de abril. Na reunião do conselho inspetorial de 3 de janeiro de 1949, foram aprovados os pedidos de oito aspirantes de Cuiabá e sete de Silvânia. Pe. Guido afirmou aos conselheiros que os trabalhos da construção ou reforma da casa do noviciado estavam adiantados, e assim registrou:

> De 22 a 31 (janeiro de 1949) se realizou o retiro dos Noviços; 7 de Silvânia e 8 de Cuiabá. Pe. Blandino acompanhou-os na viagem. Pe. Mário Blandino que da direção de Lins foi transferido para o cargo de Mestre dos Noviços, como já fora por algum tempo nesta função. Pregam o retiro o Pe. Inspetor e o Pe. Constantino de Monte. Este foi substituído depois pelo Pe. José Valentim [...] Os quinze noviços (12 clérigos e 3 coadjutores) fizeram com muito empenho o santo retiro. (BORRA, 1956, p. 18).

Assim Pe. Guido Borra, depois de um ano de governo, podia contemplar mais essa etapa da formação do pessoal novo em pleno andamento e com a certeza de que as iniciativas iriam ser compensadoras quanto aos resultados. Viu que os aspirantados iriam garantir a presença de relativa continuidade de novos candidatos à vida salesiana.

No mês de março, precisamente na festa de S. José, dia 19, o Pe. Inspetor instituiu uma tradição de se realizar nessa data, na igreja do Oratório S. José na cidade, a festa da vestição dos noviços. Presidida por D. Orlando Chaves, a cerimônia da vestição dos doze clérigos que receberam nesse dia a veste talar – a batina que passariam a usar daí a diante – e os coadjutores receberam a medalha distintiva. A crônica registra que foi uma festa muito bonita e animada.

No início do ano seguinte, repetiu-se o cenário que iniciara no ano de 1949; retiro para os noviços que findavam a etapa ao lado dos que iniciavam o noviciado para 1950. Aqueles que findaram o noviciado, onze ao todo, fizeram a profissão religiosa no dia 31 de janeiro; aqueles que foram aceitos para essa etapa, 12 ao todo, iniciaram o noviciado. Tal fato marcou a sequência dos esforços do Pe. Guido para normalizar a presença dos noviços, dos estudantes de filosofia na Chácara S. Vicente. Também, em 19 de março de 1950, aconteceu a festa denominada de "Vestição dos Noviços" na nova paróquia de S. José. De forma semelhante, em janeiro de 1951, depois do retiro para todos os noviços que iniciariam o noviciado e para a profissão daqueles que o terminavam. Iniciaram o noviciado nesse ano 12 novos, seis de Cuiabá e seis de Tupã. Registrou o Pe. Guido que o número de salesianos presentes nesse retiro atingiu a 60 participantes. A festa da "vestição dos noviços", em 1951, ocorreu também na festa de S. José; a cerimônia ocorreu na nova capela da Lagoa da Cruz; eram 12 noviços, todos clérigos. Nesse ano de 1952, os noviços diminuíram de número, dois clérigos e dois coajutores. Os dois clé-

rigos, no dia 19 de março de 1952, receberam a batina, e os dois coadjutores, as medalhas respectivas.

Em janeiro de 1953, os noviços para esse ano eram ao todo 11, sendo cinco de Cuiabá, quatro de Tupã e dois da Itália. Para a festa da vestição, houve um convidado especial, D. Francisco de Aquino Corrêa, para que ele também pudesse comemorar as Bodas de Ouro de sua própria vestidura, que ocorrera em 19 de março de 1903. Em seguida, houve missa pontifical com D. Francisco de Aquino. Pe. Guido registrou que o Arcebispo de Cuiabá escrevera um lindo poema para comemorar essa festa. O tema do poema retratou a veste talar, a batina.

Em 1954, estando presente o Visitador Extraordinário, Pe. Bellido, em janeiro providenciou junto ao conselho inspetorial que enviassem os quatro noviços para realizar o Noviciado junto com a turma de noviços da inspetoria de S. Paulo. Assim o noviciado não funcionou nesse ano na Chácara S. Vicente. Também no ano seguinte, os poucos noviços, talvez dois, foram para Pindamonhangaba. Mas o conselho inspetorial, na reunião de 29 de julho de 1955, deixou aprovado:

> Espera-se que o Noviciado possa funcionar em sua sede no próximo ano, 1956, com 10 ou 11 candidatos para essa etapa. Para isso será previamente adaptado o local com a reforma da fachada conforme projeto já aprovado e custeado pela subvenção de 100 contos que a Chácara irá receber.[17]

Apesar de falhar o número de candidatos ao noviciado por dois anos, em número muito reduzido, Pe. Guido não perdia a esperança e determinou melhorar a sede do noviciado justamente porque tinha esperança do retorno do funcionamento dessa etapa formativa aqui na inspetoria. O registro da decisão do conselho inspetorial é um indicativo de que os salesianos todos participavam também dessa esperança. Na ata da reunião do conselho inspetorial de 5 de dezembro de 1955, ficou registrado que a remodelação da fachada do prédio do noviciado estava pronta; o noviciado estava pronto para funcionar para o ano se houvesse um número suficiente de noviços.

Na ata do conselho inspetorial de 29 de janeiro de 1956, foram aprovados os candidatos a reiniciar o noviciado na Chácara S. Vicente, eram ao todo 9 noviços do Brasil e dois provenientes da Itália. Assim nesse ano, sob a conduta do novo mestre, Pe. Luiz Lorenzi, reiniciou-se o noviciado na inspetoria; a vestição dos noviços, como anteriormente, ocorreu no dia 19 de março de 1956, na Igreja de S. José do Oratório.

Em janeiro de 1957, dos noviços professaram sete que terminaram o tempo de noviciado. Foram admitidos para iniciar o noviciado nesse ano

[17] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso – 1940-1955, p. 98b.

de 1957 sete novos candidatos sendo dois provenientes da Itália. O mestre de noviços desse ano foi o Pe. José Pravisano, que viera de Portugal para a inspetoria. No ano 1958, em janeiro, professaram os seis noviços que terminaram o noviciado. Suspendeu-se o funcionamento do noviciado para o ano de 1958, devido a uma mudança nas orientações que receberam de Turim. Essas novas orientações exigiam que, para se iniciar o noviciado, os candidatos tivessem ao menos um ano de estudo do ensino clássico para depois completá-lo durante o estudo dos dois ou três anos de filosofia. Assim a inspetoria suspendeu o noviciado devido ao início do cumprimento dessa norma. Essa questão havia sido tratada no Capítulo Inspetorial de fevereiro de 1958, na sessão do dia 17, às 14h:

> [...] outras razões persuadiram a S. Igreja a determinar normas e exigências sempre mais rigorosas, para que os escolhidos por Deus, desde a sua entrada nas casas de formação, até serem lançados para o Sagrado Ministério, sejam estudados, formados e ensinados nos vários campos, humano, cultural, eclesiástico e religioso, com todos os meios de que a Igreja e os Institutos religiosos possam dispor.
> Maior rigor no critério de seleção física, moral e intelectual, um currículo de estudos mais aprimorado e demorado [...] A congregação salesiana, que, por herança do Santo Fundador, faz questão de cumprir pronta e exatamente toda disposição da Igreja, está organizando em todas as inspetorias o cumprimento das normas da Constituição [...] Salvo ulteriores disposições, o nosso currículo de formação está agora fixado em 5 anos de ginásio, em vez dos 4 do ginásio público, para levantar o nível dos estudos humanísticos, até hoje muito fraco. Talvez seja necessário passar para 6 anos [...] No Brasil, a atual lei equipara os estudos eclesiásticos aos oficiais, se se juntassem ao ano de noviciado seis anos de estudos secundários, haveria um currículo completo de 7 anos, suficiente para o ingresso nas Faculdades, que são oficializadas para os títulos legais [...] Esta perspectiva abriria o caminho para os cursos de Faculdades; [...] permitirá aos Irmãos garantirem os necessários títulos para o ensino, devendo desaparecer em breve o caminho mais rápido do exame de suficiência.[18]

Os alunos aspirantes que haviam terminado a 4ª série ginasial em Tupã, tiveram que realizar o primeiro ano do estudo Clássico/Científico durante o ano de 1958. O Pe. João Pravisano foi para Tupã na função de catequista.

Quando Pe. Guido deixou a inspetoria em julho de 1958, os aspirantes de Tupã, que cumpriram em 1958 o primeiro ano do ensino científico, conforme as disposições novas da congregação, em seguimento à orientação do documento Pontifício "Sedes Sapientiae", e um missionário alemão, Rudolf

[18] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso - 1955-1966, p. 17.

Lunkeinbein, foram enviados em janeiro de 1959, sob a orientação do novo inspetor Pe. João Greiner, para o noviciado de Pindamonhangaba, para realizar esse ano de noviciado por lá. Finalmente, em 1960, o noviciado reiniciaria as atividades na Chácara S. Vicente com 12 noviços, sendo o mestre o Pe. Primo Turella.

Ao encerrar gloriosamente seu tempo de governo da Inspetoria, Pe. Guido podia se gloriar de ter realizado ou concretizado todos os passos necessários para que os estudos e a formação adquirissem consistência de acordo com as normas do governo do Brasil e com as da Congregação. Dentro dessas etapas formativas, estava bem organizada a casa para que o noviciado continuasse aqui em território da Inspetoria, como de fato sucedeu nos anos posteriores, pois os passos necessários haviam sido concretizados com grande empenho.

1.5 A terceira etapa da formação: o Instituto de Filosofia na Chácara S. Vicente – 1947-1958

Quando houve um tempo de edificação do prédio do Oratório Festivo do S. José, uma das alternativas que foram cogitadas seria a de que ali funcionaria o Instituto de Filosofia da inspetoria, ao lado das escolas profissionais. Porém, tomando consciência da existência do "Rádio Clube" bem em frente, e sendo lugar de muitas festas e noitadas, eliminou-se essa possibilidade. Em vista disso, após a aquisição da Chácara S. Vicente recaiu sobre esse local a edificação do Instituto de Filosofia; antes que se concretizasse tal possibilidade, para lá se deslocara o noviciado, que ali já tinha funcionado desde 1944-1945 e cuja ratificação fora abordada na reunião do conselho inspetorial de 7 de janeiro de 1947.

Na primeira reunião do conselho inspetorial sob a presidência do Pe. Guido, em 14/12/1946, tratou-se de diversos assuntos referentes à legitimação dos estudos de alguns salesianos que haviam realizado somente um ano de estudos filosóficos, e de outros com pouco tempo de estudos teológicos. No início de 1947, todos os estudantes de filosofia que não haviam completado os dois anos foram enviados para Lorena para que lá completassem os seus estudos de filosofia. Lá havia dez estudantes da inspetoria de Mato Grosso (BORRA, 1956, p. 3). Tal fato indica que, até aquela época, ainda não haviam regulado os períodos de estudos filosóficos para os clérigos da inspetoria, somente em Lorena seguia-se a normalidade do curso. E para isso Pe. Guido não media esforços para preparar a Chácara S. Vicente; no final de março de 1947, registrou em sua crônica:

> Em Campo Grande, na Chácara S. Vicente foram comprados aos vizinhos um canavial (pelo preço de 50 mil cruzeiros) e um cafezal (por

> 100 mil cruzeiros). Na chácara foram realizadas grandes plantações, represa de água, turbina elétrica de trabalhos de horta que poderão quanto antes abastecer em tantas coisas todo o colégio; aqui já temos de 6 a 10 alunos agricultores; para o ano é desejável elevar a 40 ou 50 se tivermos local para isso. (BORRA, 1956, p. 4).

Porém é bom esclarecer que, somente depois da eleição de D. Orlando Chaves para a diocese de Corumbá, em junho de 1948, em setembro, Pe. Guido e D. Orlando assinaram no cartório de Campo Grande a escritura definitiva do terreno da Lagoa da Cruz, cedido por venda normal aos salesianos por D. Vicente. Finalmente Pe. Guido normalizava, com a assinatura do documento escritural, o negócio pendente devido ao falecimento de D. Vicente Priante. Esse ato foi registrado nas atas do conselho inspetorial de 23 de setembro de 1948; e, na mesma ata, existe a afirmação de que, no mês vindouro iniciaria a construção do Noviciado, vale dizer no mês de outubro de 1948. Na reunião do conselho inspetorial de 19 de maio de 1949, praticamente resolveu-se que o Instituto de Filosofia seria construído na Lagoa da Cruz:

> Na perspectiva de abrir-se no próximo ano o Curso de Filosofia na Inspetoria, parece desfavorável devido às vizinhanças do local, Oratório S. José, que aliás já está destinado para uma Escola Profissional. Volta-se, pois ao primeiro projeto duma construção própria na Chácara S. Vicente, perto do Noviciado. Dependendo a questão do financiamento do empréstimo pedido a S. Excia. D. Massa; este já consentiu em deixar para mais tempo o capital que se lhe deveria devolver [...] Se isto for confirmado, serão logo iniciadas as compras dos materiais e depois os trabalhos.[19]

Esse desejo grandioso do Pe. Guido e de todos os salesianos da inspetoria, o de poder ter aqui o curso de filosofia, foi adquirindo consistência e comandando as decisões necessárias para obter os recursos necessários e como arcar com os gastos necessários para essa construção. Praticamente a decisão surgiu na reunião do conselho inspetorial de 4 de setembro de 1949, quando o inspetor com os conselheiros conseguiram delinear o caminho a ser seguido. Registrou a conclusão, sendo que o assunto dessa reunião foi somente o estudo sobre a possibilidade de se construir o prédio para abrigar os estudantes de filosofia para o próximo ano, em 1950:

> Ficou, pois, determinado: 1) O diretor da Chácara, sob administração e subvenção do Revmo. Sr. Pe. Inspetor, providenciará logo a instalação de novo estábulo, mais simples e afastado da sede, para se adaptar o atual transformado em Casa das Irmãs, com cozinha, dispensa e lavanderia; 2) Dependendo de prévia consulta com o Dr. Joaquim,

[19] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso – 1940-1955, p. 68b.

> engenheiro que já construiu o prédio do Colégio D. Bosco, pretende-se construir logo também, por empreitadas de mão de obra, sob a vigilância do diretor, o andar térreo do Estudantado, para se providenciar logo um local suficiente aos dois primeiros anos de filosofia, separado do Noviciado. Neste caso, o Pe. Inspetor mandará providenciar logo os materiais e o pessoal necessário para o início dos trabalhos.[20]

Na reunião seguinte do conselho inspetorial, precisamente em 20 de setembro de 1949, praticamente o conselho decidiu sobre a modalidade de condução da construção do prédio da Filosofia. Mais ainda, decidiu, devido ao financiamento obtido, levar a construção até o final do prédio. Registrou-se:

> Após os estudos e consultas de que se tratou na reunião anterior, ficou constando ser mais conveniente tornar a administração dos materiais e dar a mão de obra por empreitada ao empreiteiro, tratando desde já de levar a obra até o acabamento dos dois pisos previstos. Os fornecimentos de material pesado serão feitos no lugar, indo o coadjutor Salvador para S. Paulo providenciar os materiais higiênicos, as ferragens e outros que pareçam convenientes. Já foi encaminhado o financiamento de 400 mil cruzeiros junto à Caixa Econômica, que prometeu resolver o caso com a maior brevidade. Não sendo possível ter os locais preparados para a chegada do pessoal no início do próximo ano, serão adaptados dormitórios provisórios no atual local do Noviciado.[21]

Essa decisão indicou o empenho do Pe. Guido em providenciar tudo para que a Inspetoria tivesse, o quanto antes, o local para os estudantes de filosofia que até então estavam em Lorena, SP. Transparecia uma espécie de orgulho pela inspetoria em poder afirmar que todas as casas de formação estavam bem instaladas e devidamente instituídas. Dessa forma, iniciou-se a propagar a notícia do início da construção do prédio para os estudantes de filosofia. No dia 14 de novembro, durante o encontro de muitos alunos das diversas casas que participavam do certame de catecismo inspetorial, eles foram levados por dois caminhões para a Chácara S. Vicente, onde, contando com a presença de D. Orlando Chaves, o provincial dos Redentoristas e de outros salesianos, foi feita uma visita ao Seminário diocesano. Lá permaneceram uma hora e prosseguiram a viagem até a Chácara S. Vicente, onde D. Orlando Chaves benzeu a 1ª pedra do prédio para o Curso de Filosofia. Assinaram as autoridades presentes um pergaminho, que foi colocado no ângulo esquerdo da construção. Depois todos puderam visitar todas as dependências da Chácara. Houve um almoço para todos e, à tarde, retornaram para a cidade. Concluiu o Pe. Guido afirmando que todos voltaram muito bem impressionados com a construção e com a Chácara S. Vicente.

[20] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso – 1940-1955, p. 71.
[21] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso – 1940-1955, p. 71b.

Na reunião do conselho inspetorial de 21 de novembro de 1949, oficializou-se a nova casa com o documento aprovado pelos superiores de Turim. E determinou-se também o nome oficial da casa: Instituto Pedagógico Salesiano S. Vicente, como anexo ao Noviciado. Deixou todas as possibilidades estudadas ao afirmar:

> Possivelmente se anexará ao Colégio D. Bosco pelo próximo ano, tratando-se em seguida da oficialização. Visto haver dois alunos que acabaram o primeiro ano em Lorena e outros dois em Cuiabá, que completaram também o programa do primeiro ano, haverá também o segundo ano, com 4 alunos, procurando-se unir os dois cursos nas matérias que o permitirem. O assistente mais preparado e adaptado é o clérigo Benjamin Pádua, atualmente em Lins.[22]

O ano seguinte, com tudo já organizado e determinado pelo Pe. Inspetor, iniciaria uma nova etapa na formação da Inspetoria: o funcionamento pleno do tempo de estudos filosóficos na Chácara S. Vicente. Dessa forma, já se definia a comunidade salesiana para o início do curso no ano de 1950; a casa possuía o diretor e o mestre de noviços, para o trabalho com os estudantes de filosofia, além dos salesianos da casa e do assistente, outros da comunidade do Colégio D. Bosco iriam ser professores também no curso de filosofia. Ao final, o inspetor deixou registrado que fez uma lista dos materiais principais de que iriam necessitar para o curso, em especial afirmou que estavam sendo encomendados os livros necessários para a formação inicial de uma verdadeira biblioteca para o curso de filosofia.

No retiro anual de janeiro de 1950, eram 40 e tantos salesianos participantes; notificou que, no final de janeiro, o prédio já estava na laje do andar superior. Pe. Guido afirmou que todos gostaram muito do ambiente, em especial do novo refeitório, amplo e agradável que fora construído e acabado por dentro em apenas 18 dias.

Em março de 1950, a festa da vestição dos noviços foi presidida pelo Diretor Pe. Bruno Mariano, pois Pe. Guido, bastante adoentado, achava-se impossibilitado para presidi-la. Depois da Santa Missa na Igreja S. José, todos retornaram para a Lagoa da Cruz, os salesianos do D. Bosco, noviços e estudantes de filosofia, para um banquete verdadeiro animado pelas apresentações e pela alegria do espaço novo. Estiveram presentes também alguns pais dos noviços. No mês seguinte, em abril, Pe. Guido já melhor de sua doença, veio ver o prédio do Estudantado e deixou registrado que o prédio já estava coberto; porém os estudantes de filosofia ainda continuariam ocupando os espaços do Noviciado por alguns meses.E assim passou a ser integrado no comum proceder da inspetoria, ao lado do noviciado, o Instituto Pedagógico

[22] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso – 1940-1955, p. 73.

Salesiano S. Vicente. Em julho de 1950, houve a solenidade da inauguração do prédio do Instituto.

No livro das crônicas do Pe. Guido assim ele deixou registrado:

> Na sexta-feira, dia 30 de junho de 1950, chegou de Cuiabá o Exmo. Arcebispo para presenciar as nossas festas de inauguração do Curso Filosófico na Chácara S. Vicente. Eram esperados nos dias seguintes dois diretores de S. Paulo, mas não chegaram por imprevisto não avisado. Nos dias seguintes fez-se sentir o frio e o mau tempo, mas no domingo dia 2 de julho, o tempo foi sereno e alegre. Pelas nove horas concentravam-se na Chácara S. Vicente representantes das 4 casas salesianas de Campo Grande, boa representação das irmãs salesianas, várias autoridades presentes (representantes do General, do Prefeito, os juízes de Direito, Sr. Rosário Côngruo, Dr. Francisco Maurício, Dr. Carlos da Silva, numerosos amigos, os seminaristas e o povo). Pe. Inspetor rezou a Santa Missa no pórtico; depois o Exmo. Sr. D. Aquino benzeu os vários locais de nossa casa e, em ato contínuo, foi benta e lançada a primeira pedra da capela grande. Encerrou-se com elegante e breve academia em que falou o Pe. Inspetor, um clérigo e finalmente encerrou com o magnífico discurso do Exmo D. Aquino – Philosophia Perennis. No refeitório foi oferecido um lauto banquete a todos. Estreou com aplausos merecidos a Banda do D. Bosco. No almoço contaram-se ao todo 108 pessoas, notando-se vários amigos com suas famílias. Fora do refeitório, repleto estavam outros com uma refeição mais democrática. Este dia de 2 de julho foi um dia memorável que pode marcar época na inspetoria; o nosso pessoal viverá em ambiente da Inspetoria e se formará ao lado de seus superiores com vantagens enormes. Hoje em dia os filósofos são só 12 (e 12 noviços), mas em 1951 será melhor e, de 1952, em diante esperamos saturar o ambiente. A alma do finado Pe. Carletti deve regozijar-se destas realizações encaminhadas por ele. Dies Magna, alto signanda lapillo! (BORRA, 1956, p. 31).

Além de tantas coisas belas que ocorreram na festa de inauguração desse vistoso prédio, convém realçar os esforços do Pe. Inspetor apoiado pelo laborioso diretor da Lagoa da Cruz, Pe. Bruno Mariano, que não mediu esforços para conseguir todo o material necessário para ultimar a construção. A força do Pe. Guido em proclamar que a inspetoria estava dessa forma criando as condições necessárias para que os salesianos fossem formados aqui, ao lado dos salesianos daqui, com o espírito próprio da salesianidade da inspetoria, que era muito especial. Por outro lado, a expressão "hoje é um dia memorável para a inspetoria!" demonstra a alegria e a felicidade de todos e em particular do Pe. Guido pelo êxito desse empreendimento. Mais ainda, levou o empreendimento ao saudoso e querido Pe. Ernesto Carletti, que antevira e desejara essa realização para a inspetoria. Traduzia-se assim o gosto de se prosseguir no trabalho contínuo para o verdadeiro bem da ins-

petoria desde os tempos entusiasmantes do Pe. Carletti e que agora traduzia em realidade o seu plano na formação e na expansão das casas. Uma verdadeira glória para a inspetoria de Mato Grosso.

A conclusão do prédio para os estudantes de filosofia representou também o coroamento dos esforços que ocorreram em todas as casas para que houvesse, conforme as orientações de Turim, um aparelhamento ideal nas casas de formação. Na Chácara S. Vicente, tudo confluiu para que os formandos encontrassem um ambiente favorável ao estudo e ao trabalho, com o entusiasmo que o Pe. Carletti imprimira como genuíno espírito de S. João Bosco e de que o Pe. Guido podia se orgulhar junto com todos os salesianos por estar a inspetoria em sintonia com o verdadeiro espírito que sempre a animou.

De fato, Pe. Guido tentou preparar tudo para que assim ocorresse, basta ver seu peculiar cuidado para que a biblioteca do Instituto fosse bem aparelhada com os livros necessários para o estudo da filosofia. Lutou por adquirir uma área grande e produtiva, ao mesmo tempo em que descortinava a presença dos alunos da Escola Agrícola e dos noviços, para que pudessem encontrar também um lugar produtivo.

Ao redor dessas dimensões, existia a terra adquirida, os dois lotes onde havia um cafezal e outra lavoura. Essa possibilidade, desde as orientações de D. Bellido, estavam em toda a congregação: trabalhar e produzir, além de estudar, era uma boa maneira. Assim foi o aspirantado de Coxipó, onde havia lavoura e outras atividades que poderiam auxiliar a produção de alimentos para a comunidade.

Essa maneira de atuar estava em quase todas as casas, em especial nas missões e casas menores. O trabalho educativo não excluía outros tipos de atividades, em especial também porque acompanhavam a situação do Brasil tipicamente rural até esse tempo. O trabalho nos colégios absorvia os salesianos o tempo todo, devido aos internatos. Os salesianos, além da assistência, tinham que desenvolver a capacidade de ser professor e dar muitas aulas. A atividade pastoral estava sincronizada com a organização diária do ritmo de vida nos internatos, oração, aulas, estudos, esportes, outras atividades de artes como música, fanfarra, teatros cantos e preparação dos eventos de grande renome em quase todos os meses do semestre. Então o noviciado e o Instituto de filosofia, junto com a escola agrícola, estavam muito bem integrados em um cenário que se reproduzia em quase todas as casas da inspetoria.

Somente em 30 de outubro de 1952, veio uma orientação de Turim para que o curso de filosofia tivesse duração de três anos. Imediatamente foi anunciado e, a partir de 1953, o curso de filosofia do Instituto Pedagógico S. Vicente passou de dois para três anos. Prosseguiu sua vida de estudos entre

as várias origens de seus alunos, brasileiros de Cuiabá, de Tupã e de outros lugares do país, mas houve também italianos, espanhóis, alemães, mexicanos, checos e de outras várias origens. Essa foi uma etapa bem concluída.

Na Lagoa da Cruz, ainda existiam duas construções que deveriam progredir: o prédio para os alunos da escola agrícola e a Igreja. A capela já em março de 1951 estava quase pronta, e ali se realizou a festa da vestição dos noviços. No dia 26 de maio, D. Orlando presidiu a cerimônia de sagração da capela; Pe. Guido deixou registrado que a função que iniciara às 7h findou depois das 11h. À tarde do mesmo dia, às 15h30, estando presentes o Gal. da 9ª Região Militar e o Dr. Fernando Corrêa da Costa e outras autoridades, foi inaugurada a Escola Agrícola da Chácara S. Vicente. No domingo, dia 27, houve pontifical solene com grande participação de visitantes. Pe. Guido concluiu afirmando que agora poderia dar por encerradas as construções iniciadas na Chácara S. Vicente.

Em dezembro de 1951, Pe. Guido insistiu muito com o Pe. Ladislau Obora para decorar a capela da Lagoa da Cruz, por ser ele um renomado artista, que já havia realizado um belo trabalho na Igreja da casa de Tupã e em outros lugares. Com relutância aceitou e, já em janeiro, o presbitério com as duas capelinhas arqueadas laterais estavam devidamente ornamentados com as pinturas dos santos protetores. Durante os três meses de férias, auxiliado por um grupo de clérigos, terminou o trabalho de decoração da Igreja de S. Francisco de Sales da Chácara S. Vicente; satisfez completamente as expectativas de todos pelo harmonioso trabalho executado em tão pouco tempo. Assim, a capela de S. Francisco de Sales adquiria os tons artísticos devidamente merecidos e até sonhados por todos. Na visita inspetorial de 1953, com grande satisfação, Pe. Guido notificou: os estudantes de filosofia, dos três anos, são 19; os noviços são 11 e os aspirantes da Escola Agrícola são 30. Tudo prosperou na Chácara S. Vicente durante os anos seguintes. O esforço da inspetoria tornou aquele lugar uma referência saudável para várias gerações de salesianos que ali estudaram ou que ali realizaram o seu ano de noviciado.

1.6 Salesianos estudantes de teologia enviados para Crocetta-Turim. Outras etapas da formação para os padres novos na inspetoria. Traços de animação da vida salesiana nas casas – 1947-1958

Uma das maiores preocupações do Pe. Guido, exercendo sua função de inspetor, era a animação da vida religiosa e espiritual de todos os salesianos. Seguiu sempre as orientações dos superiores gerais e manteve um ritmo normal, mas consistente de animação dos salesianos em suas atividades educativas e pastorais.

Aos clérigos que se destacavam pelo esforço e pela vontade de estudar, enviava-os para o Estudantado Central de Teologia em Turim, conhecido como Crocetta. No início de 1947, enviou três em janeiro, Carmelo Utel, Agostinho Favale e Pedro Ferreira. Corria o ano escolar, mas foram aceitos e prosseguiram os estudos normalmente. Vários eram os motivos para enviar esses salesianos novos para Turim; em primeiro lugar, um tempo bom de estudos exigentes; em segundo lugar, iriam estar perto do berço da congregação, ao lado dos Superiores Gerais. Teriam a possibilidade de conhecer e de conviver por longos 4 anos com os superiores maiores e com os lugares mais sagrados para a congregação, onde nasceu e viveu D. Bosco. Além disso, a experiência de conviver com outros estudantes de diversas nacionalidades, aprender a utilizar outras línguas, conhecer outros países da Europa, afinal um conjunto de elementos que possibilitavam uma verdadeira internacionalização dos estudantes que saiam do interior do Brasil. Pe. Guido sabia de tudo isso e, em todos os anos, enviava alguns para os estudos de teologia em Turim. Havia outro fator importante também por aqui, pois a inspetoria, sendo missionária, tinha salesianos de diversas nacionalidades e de muitas partes da Europa. Viver e conviver com pessoas de outras culturas necessitava de uma verdadeira aprendizagem diária.

No mês de outubro de 1947, enviou três estudantes para Monteortone (Pádova), pois iriam já para o segundo ano; o terceiro, Antônio Secundino de Castro, foi para a Crocetta iniciar o período completo dos estudos de teologia. Em outubro de 1951, enviou outros dois, Benjamin Pádua e Terésio Fasano, para iniciarem os estudos na Crocetta. Esse procedimento tornou-se uma atitude de rotina em determinados anos. Assim vários sacerdotes novos da inspetoria, em especial a partir de 1953, estudaram em algum estudantado da Europa, em especial Crocetta ou em outra região do norte da Itália.

A partir do início de 1946, houve maior possibilidade de viagens para a Europa; assim os salesianos, que normalmente não puderam visitar seus parentes durante a guerra, a partir desse tempo encontraram facilidades em viajar de navio e, mais tarde, de avião para essas visitas. Pe. Guido sempre anotou em sua crônica as partidas e chegadas dos salesianos que retornavam para a inspetoria. Inicialmente o costume era de que, depois de dez anos, os salesianos iriam visitar os parentes, já na década de 1950, o tempo se reduziu pela metade. Porém Pe. Guido conseguiu também que viessem estudantes e clérigos novos como missionários. A inspetoria recebeu muitos e muitos salesianos novos para trabalhar aqui no campo missionário.

A animação inspetorial também incluiu, de modo especial nos primeiros anos, alguns acertos quanto aos estudos de alguns salesianos que eram destinados ao sacerdócio. Em primeiro lugar, destinou momentos de complementação de estudos no Colégio D. Bosco, em tempos de férias, ou na

Chácara S. Vicente. Os salesianos deveriam prestar exames dos tratados de filosofia ou de teologia antes de encerrarem os tempos de dois anos para a filosofia e quatro anos para a teologia. Foram poucos os que passaram por esse processo. Depois se normalizaram os estudos tanto de filosofia como de teologia.

Surgiu a nova etapa de promoção de encontros para estudos especiais de complementação para os sacerdotes que estavam no triênio ou quinquênio de ministério sacerdotal e tinham que realizar, ao menos uma vez por ano, encontros de estudos de áreas temáticas referentes aos padres desses períodos; tudo era planejado para que houvesse encontros e estudos de atualização para os sacerdotes novos.

Pe. Guido valeu-se de cartas circulares para os salesianos como modalidade de animação da vida salesiana da inspetoria, das comunidades. Ao menos uma vez por ano, escrevia aos irmãos animando-os para o trabalho diário, para a vida de piedade e, em especial, para o engajamento no crescimento das obras e no atendimento de tantos jovens que acorriam aos colégios. A base de referência sempre foram os exemplos de vida de D. Bosco; ao mostrar o exemplo de D. Bosco, o Pe. Inspetor apontava as motivações da vida inspetorial para um atendimento aprimorado dos jovens de todas as obras.

Anualmente também, Pe. Guido organizava os retiros para os salesianos; inicialmente partiu de quatro núcleos, por motivos de distâncias e de viagens longas. O primeiro núcleo para os salesianos da Prelazia ocorria no colégio de Guiratinga, no início do mês de dezembro; o segundo, no colégio S. Gonçalo em Cuiabá, para os salesianos da região e das missões, retiro esse que ocorria imediatamente após o retiro de Guiratinga e deveria sempre terminar antes do Santo Natal. Os outros dois retiros ocorriam em Campo Grande, um no colégio D. Bosco, nos dias finais do ano e nos primeiros dias do ano seguinte, ou então, quando havia reunião de diretores, no mês de fevereiro. O outro tinha data fixa, de 25 a 31 de janeiro para os salesianos; mas os noviços iniciavam esse retiro três dias antes. Normalmente, no final desse retiro, ocorriam as renovações dos votos trienais ou perpétuos. Eram sempre pregados, via de regra, por salesianos da inspetoria. Muitos dos sacerdotes que retornavam dos estudos na Crocetta, eram convidados a pregar os retiros para os irmãos. Em poucas ocasiões, foram convidados salesianos de outras inspetorias para pregar os retiros. Os pregadores sempre eram dois, um realizava os encontros de meditação, e outro, das instruções. Os retiros foram sobretudo modelares como renovação da vida salesiana e serviam para uma animação recíproca na alegria e, nos grandes momentos de encerramentos, sempre animados com as apresentações costumeiras e cânticos típicos e tradicionais que marcaram as épocas.

Por fim, é importante notificar que a animação do Pe. Guido, apesar de todas as dificuldades nas viagens, consistia também em sua presença nas casas. Ele organizava duas visitas anuais para cada casa, normalmente. Quando surgiam oportunidades, visitava as casas rapidamente para animar a todos.

Em seu livro de crônicas, deixou registrado todos os seus esforços para se manifestar presente nas casas e verificar o andamento normal das atividades da comunidade. Sempre quis que as festas fossem celebradas dignamente; as festas patrióticas, para estabelecer uma presença da casa na cidade. As festas religiosas eram momentos para edificar e educar os jovens na vida da liturgia. Fazia questão de que as celebrações da Semana Santa ocorressem com a presença de todos os alunos internos, revestidas de uma solenidade que indicassem o mistério celebrado. Deixou orientações para as comunidades a respeito dessas celebrações nos moldes da liturgia antiga e, posteriormente, conforme as normas da reforma litúrgica de 1956.

Conseguiu, em seu espírito de animação da inspetoria, uma ou duas atividades que envolviam quase todas as comunidades; a primeira foram os certames de catecismo. Eram realizados em cada casa e os vencedores das casas concorriam entre si no centro inspetorial. Tornava-se uma festa a presença dos alunos concorrentes e o próprio momento das disputas, coroando sempre com um momento de celebração e alegria na festa final de premiação dos vencedores. A presença de tantos alunos e de salesianos tornava o encontro muito significativo e intenso.

Ao lado dessas atividades, outras foram dinamizadas pelos simbolismos passados aos alunos, como a festa de Nossa Senhora Auxiliadora, em maio, a de D. Bosco, em agosto, e a campanha missionária, em outubro. Atos e feitos que concorriam para a sustentação do ânimo das comunidades e para a vivência do espírito salesiano em meio aos alunos. Todas essas atividades do Pe. Guido estão devidamente registradas em seu livro de Crônicas.



Pe. Sebastião Teixeira



Pe. Pedro Alves Ferreira



Pe. André Cappelli



Pe. Luiz Lorenzi



D. Miguel Alagna F.



Pe. João Falco

Capítulo II

Construções e ampliações nos colégios – 1947-1958

Ao se deparar com a estrutura da inspetoria, que se solidificava com a expansão das obras para o sul do estado, tendo em vista a necessidade de escolas para os filhos, muitas pessoas que não dispunham de condições de deixar o trabalho em fazendas, encontraram nos internatos a solução para a educação dos seus filhos. Os salesianos não somente perceberam a grande necessidade de atendimento como souberam dar uma resposta digna às famílias para a educação dos filhos. Outras congregações masculinas e femininas, ou até igrejas não católicas, abriram internatos para que essa carência obtivesse a suplência necessária para as famílias do interior do Brasil, em especial, mas também nas capitais, inclusive em S. Paulo, quando os salesianos tiveram o maior número de internos no Liceu Coração de Jesus, mais de 400 internos entre aprendizes e estudantes. Pe. Guido seguiu a tendência e procurou adaptar as casas para atender a essa imensa demanda. Diante desse cenário socioeducativo, todas as atenções da inspetoria se dirigiam para esse atendimento imediato de uma demanda até então não cogitada anteriormente.

O modelo de colégio para internos predominava em todas as casas da inspetoria nesse período, da mesma forma que o modelo exigia uma atitude da parte dos educadores, pois seriam os únicos a trabalharem nas casas com a presença e as aulas. Surgiu um estilo de ser salesiano muito competente e muito próximo dos alunos diariamente, como nos tempos do oratório e casa anexa de D. Bosco. Um modelo, portanto, bem alicerçado no sistema preventivo e na experiência educativa de D. Bosco.

A grande preocupação do Pe. Guido era preparar todos os ambientes das casas para que os alunos encontrassem uma acolhida digna e dentro dos padrões normais, mas de qualidade quanto aos dormitórios, banheiros e, sobretudo, cozinha e refeitórios; da mesma forma, influía muito a questão dos pátios devido à sua importância na educação dos jovens. Um ambiente colegial deveria estar bem aparelhado nesses quesitos, mas os professores e a qualidade do ensino deveriam preponderar. A vida no internato deveria ser coroada pelas práticas de piedade e pela vida religiosa digna e cheia de entusiasmo, a ponto de não se tornar um dever, mas uma alegria que permeasse e qualificasse todas as outras atividades da vida estudantil dentro de um colégio.

Pe. Guido planejou com os salesianos melhorias em todas as casas. Enfrentou questões de empréstimos bancários, de contribuições entre as

diversas casas, mas não se deixou abater e entusiasmou a todos para deixar cada vez mais o ambiente dos colégios aptos para acolher os alunos que lá chegavam.

A seguir apresentam-se as modificações ocorridas nas casas e na inspetoria nesse tempo em que se procurou, a todo custo, melhorar a condição de cada casa.

2.1 A passagem de duas casas de Silvânia e do Ateneu de Goiânia para a inspetoria de Minas

Os salesianos de Mato Grosso foram para Silvânia a convite do Arcebispo de Goiânia, D. Emanuel, que fora salesiano da inspetoria no início do século. Pe. Antônio Dalla Via aceitou levar os salesianos para a casa de Silvânia e assumir o internato que o Arcebispo iniciara lá em 1928. Ao lado do internato, surgiu também um grupo de aspirantes à vida salesiana. Tornara-se uma casa de um ambiente legitimamente salesiano e referencial para as outras. Sendo na época o único ginásio equiparado do Estado de Goiás, atraiu muitos estudantes das famílias de diversos lugares da região. Os salesianos de Mato Grosso chegaram lá em 1930 e organizaram a casa bem como iniciaram a escola agrícola, pois a área disponível para criação de gado e para o cultivo de lavouras era de 700 hectares. Quando o Pe. Carletti visitou essa casa, ficou entusiasmado com as possibilidades educativas e de se poder conservar, entre os internos, os aspirantes. Esses variavam de 15 a 25 por ano. Deles alguns se tornaram salesianos. O trabalho educativo e escolar com os internos foi sempre modelar; os salesianos se entusiasmaram com essa casa. Quando veio o Pe. Guido, este pensou logo em aprimorar os alojamentos e melhorar os refeitórios e a casa das irmãs salesianas que cuidavam da cozinha e lavanderia.

Sempre foi uma casa que prosseguiu sua história com certezas de que a ação dos salesianos era altamente eficaz, e os ex-alunos se tornavam muito reconhecidos pela formação e aprimoramento intelectual que lhes eram oferecidos durante o período de estudo ocorrido naquela distante casa de Bonfim-Silvânia. Tudo corria muito bem até que, em 1947, foi instituída uma nova inspetoria com sede no Rio de Janeiro, tendo em vista a reorganização da destinação das casas da Inspetoria de S. Paulo, que entregou todas as presenças do Rio de Janeiro, do Espírito Santo e do Estado de Minas Gerais para essa nova inspetoria.

No final de 1948 foi a vez de a Inspetoria de Mato Grosso passar para Minas Gerais a casa de Silvânia. Pe. Guido registrou que, no ano de 1947, os alunos eram 129 internos e 37 externos; no ano seguinte, em 1948, em seu final, quando a casa foi entregue para os salesianos de Minas Gerais, os

alunos totalizavam 170. Esses números eram altamente expressivos dentro do ambiente ou panorama da população das cidades ou povoados. A capital do estado, Goiânia, havia apenas iniciado a sua vida e sua população não chegava a quinze mil habitantes. Nem todos os salesianos entenderam a postura do Inspetor ao ceder a casa de Silvânia com tanta generosidade para a inspetoria de Minas. Pe. Guido deixou escrito que havia uma postura irreversível por parte dos superiores e, mais cedo ou mais tarde, essa entrega iria ser decretada de qualquer forma. Ao menos cedendo logo a casa de Silvânia, os salesianos de lá iriam suprir as necessidades de outras casas da inspetoria, e a dívida da casa de Silvânia com as construções passaria para a inspetoria de Minas. Assim ficou decidido que, no final de 1949, seria entregue a casa para os salesianos de Minas.

No ano seguinte tratou-se também de se entregar para a inspetoria de Minas Gerais a casa que fora fundada em Goiânia, sob o título de "Ateneu Dom Bosco". Não bastou entregar a casa de Silvânia, as pressões para que fosse entregue a casa de Goiânia ganharam mais força que o esperado por Pe. Guido. Este, em seu modo de pensar, estava ciente de que o Ateneu permaneceria na inspetoria de Campo Grande por mais uns anos.

Por fim, os superiores decidiram que, no final do ano de 1950, o colégio Ateneu D. Bosco de Goiânia deixaria de pertencer à Inspetoria de Mato Grosso, seria entregue à Inspetoria de Minas Gerais.

Esse colégio para alunos internos e externos surgiu de um entendimento entre o Pe. Carletti e as autoridades que representavam o então ditador Getúlio Vargas na condução da nova capital, Goiânia. Pe. Carletti em entrevista com o Interventor Pedro Ludovico, ao mostrar a intenção de os salesianos abrirem um colégio na capital, recebeu do Sr. Ludovico a certeza da doação de uma área com relativa extensão para a edificação desse colégio. Não houve resistência, ao contrário, houve satisfação por parte de todas as autoridades pela decisão da vinda dos salesianos para instalar um colégio na capital. De forma imediata, foi designada a área que, embora naquele tempo fosse um pouco fora do plano central traçado para a cidade, era muito ampla e próxima do centro habitado já.

Seguindo as orientações de D. Emanuel, os salesianos assumiram também o trabalho de um oratório no bairro de Vila Nova que estava do lado oposto do Ateneu em relação ao centro da cidade. As atividades do oratório criaram um centro que posteriormente se tornou a sede de uma paróquia atendida pelos salesianos. Sem contar que, unido ao prédio do Ateneu, criou-se na capela do Colégio uma paróquia também dedicada a D. Bosco. Pe. Guido notificou em seu livro de crônicas que a média de alunos do colégio era de 800 a 900 alunos; a média dos alunos internos ultrapassava um pouco a 100 alunos. Era um colégio que se distinguia pelo ensino e, em 1949, além dos

laboratórios adquiridos para o ensino das disciplinas de física e química, possuía uma banda de música e uma excelente biblioteca.

Ao lado de D. Emanuel, alguns salesianos que lá estavam, de modo especial o Pe. Félix Zavattaro, que foi o último diretor, já haviam iniciado o estudo de perspectivas de se instituir lá futuras Faculdades. Essa meta foi levada avante por D. Emanuel; seu esforço em instituir cursos superiores na capital resultou na fundação da Universidade Católica de Goiânia. As duas casas de Goiás foram sempre relevantes para os salesianos que nela trabalharam, e não foram poucos. A passagem do Ateneu para o comando da Inspetoria de Minas não se sucedeu sem alguns desentendimentos, que tiveram como causas duas atitudes durante a passagem da casa para a outra inspetoria.

O último diretor do Ateneu foi o Pe. Félix Zavattaro. Este havia providenciado uma atualização dispendiosa dos laboratórios e da biblioteca. Ao encerrar o ano letivo, o Pe. Félix providenciou o transporte, para o colégio Dom Bosco de Campo Grande, dos aparelhos adquiridos para os laboratórios de física e química, junto com grande parte dos livros da biblioteca. Quando os salesianos de Minas assumiram a casa, notaram que esse material não estava mais lá; o fato causou muita indignação entre eles. Formularam uma queixa ao inspetor de Minas. A outra causa dessas desavenças referiu-se à questão de que os salesianos que deixaram a casa subentenderam que não havia dívidas a serem pagas. Mais tarde, quando houve cobranças de dívidas do colégio por parte dos bancos, a indignação foi grande. Apesar de terem nomeado um mediador, a questão prolongou-se por algum tempo. Foi pretexto para muitas conversas e justificativas direcionadas.

Em dezembro de 1949, estando em visita à casa de Goiânia, Pe. Guido Borra (1956, p. 25) registrou:

> Conforme o acordo ratificado pelos Superiores do Capítulo (Superior da Congregação em Turim) presentes em Campinas (Pe. Pietro Berti e D. Fedele Giraudi) como no começo de 1949 passou a Minas a casa de Silvânia, assim no começo de 1950 passará a casa de Goiânia. Os irmãos já eram avisados; infelizmente não foi possível concluir nada amigavelmente com o Inspetor de Minas, apesar dos esforços e dos favores nossos documentados nas várias cartas-relatório. A intransigência de Minas em pretender todas as subvenções integrais sem nada conceder a quem as tinha procurado e alcançado (Os de Mato Grosso), foi causa de exacerbação nos nossos que, ressentidos, no fim de dezembro saíram de Goiânia carregando num caminhão os gabinetes de física e coleções científicas e quase toda a biblioteca. Eu tinha aconselhado que levassem alguma coisa, mas "ínscio Ispettore", julgaram levar tudo que puderam [...] o que foi fonte de desgostos e muita conversa.
>
> Assim no dia 1 de janeiro de 1950, após já ter saído de Goiânia, seis padres, dois clérigos e um coadjutor, por último deixou a casa o Pe.

> Félix Zavattaro, entregando-a ao Pe. Valentim Chicco, novo diretor. Em Goiânia e em Silvânia, não poderão esquecer-se os novos irmãos de Minas, quanto realizaram de grandioso e heróico os irmãos de Mato Grosso; com pouquíssimo pessoal, construímos grandes colégios deixando Silvânia em 1949 no ponto áureo, com 180 internos (e hoje, a um ano de distância, dizem que tem somente 15 internos!!!) e deixamos agora em 1950, em Goiânia, que no último ano nosso (1949) contava com 900 alunos, disciplinados, estudiosos e achegados ao Superiores. Oxalá possa continuar sempre melhor! Foi pena que a história fúlgida das casas de Goiás tenha tido uma página inglória quando houve o câmbio da guarda.

A história se repetia. Pe. Guido estava presente um ano antes, em fevereiro de 1949, no final do santo retiro os salesianos se despediram da casa. E o Pe. Guido Borra (1956, p. 18b) deixou registrado:

> No sábado, 12 de fevereiro, encerrando-se o retiro, o Pe. Inspetor deu as comovidas despedidas à casa de Silvânia que passaria à nova Inspetoria de Minas. Apesar de convite escrito e oral, não estava presente o Pe. Alcides Lanna, para receber a nova casa. Mais triste foi o dia 14 quando partiram os 15 aspirantes e 8 salesianos; a casa dava a impressão de vazio e orfandade.

Deve ter sido muito triste sair de uma casa em que muitos salesianos e aspirantes viveram alguns anos em plena alegria de se constituir uma comunidade animada e respeitada em todo o Estado de Goiás. Esse sentimento de indignação e de pesar repetiu-se na despedida dos Salesianos no Ateneu D. Bosco. Não foi fácil deixar as duas casas para a outra inspetoria. Elas representavam a concretização de um ideal de crescimento e animação de todos os salesianos da inspetoria animados pela vivacidade e tenacidade grandiosa do saudoso Pe. Ernesto Carletti. Essas duas casas representavam a coragem e a força empreendedora dos salesianos nesse tempo em que construíram uma nova base de animação e vida salesiana educativo-pastoral para a inspetoria de Mato Grosso. Foi muito triste.

A inspetoria de Minas não aceitou passivamente o comportamento dos salesianos do Ateneu quando estes deixaram o colégio no final de 1949. Pe. Agenor Vieira Pontes redigiu um documento intitulado "Crônica Histórica" da transferência do Ateneu da inspetoria de Mato Grosso para a Inspetoria de Belo Horizonte. Em mais de 22 páginas, ele expressou a indignação da inspetoria de Minas devido ao que os salesianos de Mato Grosso aos resquícios deixados nesse colégio. Esse texto revela, segundo o autor, que os salesianos de Mato Grosso deixaram muitas dívidas a serem quitadas e levaram quase toda a nova aparelhagem dos laboratórios de física, bem como grande parte da biblioteca. A partir desses dois dados, o autor constrói uma

longa demonstração de tudo para incriminar os salesianos que saíram de lá. Pode, esse texto, ser analisado de alguns pontos de vista. Em primeiro lugar, do ponto de vista de Minas. Somente a ingenuidade levaria a pressupor que os salesianos de Mato Grosso sairiam de lá de bom grado e que aquilo que eles trabalharam para construir seria simplesmente deixado para trás. Não se viu assinalado em nenhum parágrafo um dos sonhos que era tido como perspectiva grandiosa no Ateneu: o apoio de D. Emanuel para se instalar lá várias Faculdades.

Do ponto de vista dos salesianos de Mato Grosso, em especial do Pe. Félix e os demais da comunidade que, diante do esforço realizado para levar o Ateneu a ser um centro de Faculdades, estabeleceram um princípio de que para o projeto das Faculdades e de um forte ensino do curso científico, tudo que fora adquirido com essa finalidade, seria transportado para Campo Grande, onde iriam tentar concretizar esse sonho. Ao transferir a realização desse projeto, surgiu a primeira consequência: a decisão de levar o material então adquirido com essa finalidade. E assim o fizeram com dor no coração, mas com liberdade de decisão. Essa posição jamais foi reconhecida pelos mineiros.

Além disso, no texto o autor deixa subentendido, até na nomeação do bispo de Belo Horizonte, D. João R. Costa, como mediador da questão da dívida, um profundo sentimento de ingênua esperteza de aparências e de postura típica, característica da sagacidade do mineiro, que tudo queria na aparência de uma estrita postura de justiça. Acusavam os salesianos de Mato Grosso de não cumprirem o que fora estabelecido pelos superiores, mas jamais o texto foi capaz de expressar que eles recebiam gratuitamente duas casas enormes, onde tudo estaria pronto para continuar a vida salesiana no atendimento dos alunos; era somente iniciar a trabalhar com ânimo sem ironias e falsas posturas quanto aos salesianos que exaustivamente haviam trabalhado para que os colégios existissem da forma como eles os recebiam naquele momento.

2.2 As propostas de abertura de Colégios em Andradina, Marília, Bauru e em Presidente Bernardes

O início da expansão das casas salesianas no Oeste Paulista ocorreu com o convite do bispo de Lins, D. Henrique Mourão para que os salesianos assumissem o Ginásio Diocesano naquela cidade. Uma vez aceita essa casa, em 1942, outras propostas surgiram mais tarde, tais como o colégio de Tupã, iniciado em 1944. Mais adiante surgiram também os colégios de Araçatuba, em 1949 e, logo em seguida, o de Lucélia.

Mas a coragem do Pe. Carletti e depois do Pe. Guido em abrir o leque para outras casas ou colégios no Oeste Paulista levou-os a tentar verificar ao menos as propostas que lhes eram trazidas por dirigentes ou pessoas de

outras cidades que desejavam que os salesianos abrissem um colégio em suas cidades. Assim Pe. Guido esteve presente em outras cidades com essa finalidade: verificar a possibilidade ou não de se abrir um colégio conforme as propostas.

No dia 10 de janeiro de 1949, Pe. Guido recebeu em Campo Grande uma comissão da cidade de Andradina, SP; um professor e um médico apresentaram a proposta de venda de um colégio já construído naquela cidade. A resposta do Pe. Inspetor foi de que, na primeira ocasião, ele iria passar lá, conhecer o local e a cidade. Pe. Guido (1956, p. 17b-18) logo resolveu a questão. Deixou registrado:

> Nos dias 20 e 21 de janeiro de 1949, como havia prometido à comissão que estivera em Campo Grande, Pe. Guido e o Pe. João Greiner, ecônomo inspetorial, passaram o dia na cidade de Andradina. Foram hóspedes do Externato S. João Bosco. Visitaram o colégio de um prédio somente, andar térreo, com 5 salas de aula e uma varanda acanhada, ainda incabado [...] É propriedade de uma Sociedade local. Dias depois, receberam em uma carta a proposta de venda. Como pediram muito alto, Pe. Guido respondeu que não haveria condições de adquirir o colégio devido ao alto preço. Finalizou afirmando que, em Andradina, nada seria concluído devido ao alto preço.

Outras propostas chegaram até à Inspetoria, tais como a de Araçatuba, de Lucélia, que foram para frente. Em maio de 1951, Pe. Guido foi até Marília para examinar e conversar também sobre uma proposta que lhe fora enviada para abrir um colégio naquela cidade. Ele ficou hóspede de uma pároco, Pe. Luis Bicudo; foi-lhe apresentada uma construção iniciada e parada, para ser um colégio ainda somente do primário; o pároco somente garantiu que iria cobrir o prédio até o final do ano. Pe. Guido afirmou que esperaria pelo término da construção e retornaria. Pe. Guido, no final de setembro de 1954, em S. Paulo encontrou-se com o Sr. Bispo de Marília e em seguida em Tupã; nesses encontros trataram da aceitação desse colégio particular. A conclusão:

> O colégio, em construção há vários anos e que pertence a um grupo de professores e acionistas. Diante das dificuldades da falta de pessoal, o Exmo. Sr. Bispo dirigiu-se diretamente ao Superior Geral e ao cardeal Protetor; mas duvido que a resposta seja positiva, concluiu o Pe. Guido! (BORRA, 1956, p. 78b).

Na ata do conselho inspetorial, também foi registrada a oferta de um vasto terreno e de auxílios para que os salesianos edificassem lá um colégio, precisamente na cidade de Presidente Bernardes. Uma oferta em que se incluía o projeto de uma Escola Agrícola também. Os doadores prometiam trabalhar para se edificasse uma igreja nesse local. Apesar da generosa oferta, os conselheiros votaram pela não aceitação dessa proposta.

A vida da inspetoria prosseguia em ritmo muito consistente, e as casas do Oeste Paulista, cujas construções haviam sido iniciadas, permitiram ao Pe. Guido analisar bem as propostas que lhe chegavam de outras cidades. Assim também chegou uma proposta de uma cidade mais importante da região, Bauru. No final de maio de 1951, Pe. Guido fora visitar o Pe. Miguel Curró, que permanecia como capelão no leprosário denominado de "Aimorés". Pe. Miguel Curró já havia permanecido ali por mais de 20 anos e, agora aos oitenta anos, estava enfraquecido, e o Pe. Inspetor foi visitá-lo para resolver sua situação. Logicamente que Pe. Guido viu a importância da cidade como eixo ferroviário de três linhas férreas, Noroeste. Mogiana e Paulista. Assim deixou o registro de outra visita à cidade em julho de 1954:

> De volta de S. Paulo, passei quase um dia em Bauru para visitar o Pensionato que foi oferecido às Irmãs de M.A. de Mato Grosso, como de modo especial a Vila Falcão em toda a sua extensão com a Paróquia de S. Benedito que foi oferecida aos salesianos de Mato Grosso, se os de S. Paulo não fizerem questão de vir eles [...] Falando com o Sr. Daniel Pacífico, rico proprietário de Bauru, ele ofereceu, sem mais, quatro quadras ligadas para a futura obra salesiana. Os superiores já foram informados e se aguardam as determinações! (BORRA, 1956, p. 75b).

Essa proposta foi devidamente estudada, e Pe. Guido empenhou-se em aguardar para poder tomar alguma iniciativa. Na reunião do conselho inspetorial de 22 de julho de 1954, registrou-se a questão:

> O Revmo. Sr. Pe. Inspetor relatou que foram renovadas as antigas insistências para que se abra um Instituto Salesiano em Bauru, onde a Paróquia S. Benedito na Vila Falcão, agora ocupada pelos padres Franciscanos, ser-nos-ia entregue com a igreja, casa paroquial e 2 ou 3 lotes de terra, para cuidar de 15.000 almas. O Exmo. Sr. Bispo já deu com prazer seu consentimento. Além disso, existem 4 quadras da cidade oferecidas pelo Sr. Daniel Pacífico a uma obra social não realizada e que, portanto, ela as exigiria de volta para no-las entregar para um nosso colégio! O Missionário Pe. Paulo, que trabalha em outra paróquia de Bauru, tendo pedido sem efeito a S. Paulo, insiste para que nós entremos. As irmãs Salesianas de Mato Grosso já vão abrir lá um pensionato. A inspetoria teria grande vantagem em ter um ponto de apoio naquele centro intermédio entre as casas atuais e S. Paulo, capital; mas o preconceito existente entre os Salesianos do Sul de que Bauru está nos limites daquela Inspetoria, sem que eles aceitem de ir para lá, fez impedir a aceitação desejada há vários anos. Parece ao Conselho que, conforme já se exprimiu verbalmente, o Revmo. Visitador, Pe. Bellido, seja declarado formalmente pelo Capítulo Superior estar essa cidade no nosso limite, para se começar com a paróquia, e quando possível ampliar aí a nossa obra![1]

[1] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso – 1940-1955, p. 94-95.

Apesar de todos os esforços e desejos bem claros e manifestos por parte do Pe. Guido e dos salesianos do Conselho Inspetorial, essa permissão para a obra da Inspetoria de Mato Grosso em Bauru, não foi para frente, e nada se resolveu. Havia o exemplo do problema com a Inspetoria de Minas devido à entrega das casas de Goiás. Tudo contribuiu para que não se aclarasse a questão da possibilidade de se abrir uma obra na bela cidade de Bauru.

2.3 A construção do Bloco da filosofia no Colégio D. Bosco em Campo Grande

Depois que saíram de Silvânia e Goiânia, os salesianos reforçaram a comunidade do Colégio D.Bosco de Campo Grande. Pe. Félix foi um dos principais salesianos que havia enfrentado tantos transtornos, mas trouxe para Campo Grande o sonho de se instalar aqui o ensino superior. Esse fato não foi possível de ser concretizado em Goiânia, mas a perseverança iria levar os salesianos a não abandonar esse projeto. Um dos passos que foram concretizados tendo em vista essa finalidade ocorreu em outubro de 1950; Pe. Guido Borra (1956, p. 34b) assim escreveu em suas crônicas:

> Em vista da Faculdade de Filosofia, o Colégio D. Bosco está comprando 8 lotes com casas no fundo do pátio e confinantes com a nossa propriedade: são já quase três mil metros quadrados e espera chegar a uma faixa de 120m x 40m desde a Rua 13 de Maio até a 14 de Julho, com quase 5.000 m quadrados. Para realizar essas compras, a Inspetoria obteve por intermédio do Exmo. D. Pedro Massa um crédito proporcionado no Banco da Lavoura de Minas Gerais.

Esse passo dado pelos salesianos da casa do Colégio D. Bosco, apoiados pelo Pe. Inspetor foi muito importante para o futuro. Era necessário haver espaço para poder progredir. Em seguida ocorreu um sinal que poderia indicar o rumo do caminho escolhido pelos salesianos.

> No dia 12 de novembro de 1950, chegou do Rio a Campo Grande o Dr. Cláudio Tavares Barbosa enviado do Ministério da Educação para fiscalizar o local da futura Faculdade D. Bosco e o aparelhamento científico de que dispõe. O fiscal passou em Campo Grande 4 dias, tendo visitado os lugares mais notáveis e também o nosso Instituto Filosófico, reportando do nosso ambiente ótimas impressões que consignou no registro e nos telegramas enviados. Deo gratias! (BORRA, 1956, p. 36b).

No ano seguinte, precisamente no dia 21 de setembro de 1951, foi benta e lançada a primeira pedra fundamental do prédio intitulado Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Campo Grande. Os salesianos souberam solenizar esse instante para que as autoridades e a cidade soubessem quais eram as intenções dos projetos dos salesianos para a cidade de Campo Grande. O

"Jornal do Comércio" na primeira página descreve toda a solenidade. Estavam presentes S. Excia. o bispo auxiliar de Cuiabá, D. Antônio Campelo de Aragão, o governador do Estado e muitas outras pessoas da sociedade de Campo Grande. Tratava-se de mostrar o quanto os ideais dos salesianos convergiam para o bem do povo da cidade e do sul do Estado. O Sr. Governador fechou o ciclo de homenagens afirmando em discurso que essa iniciativa viria preencher uma lacuna existente e causadora de tantas imigrações dos jovens para outros centros e agora encontrariam essa possibilidade aqui na cidade de Campo Grande. Em seu discurso, Pe. Félix realçou que a característica predominante da obra salesiana é que ela vanguardeia o progresso numa predestinação traçada pelo Fundador e Mestre, principalmente o da hinterlândia brasileira, numa percepção quase adivinhatória. "[...] aqui será um núcleo promissor de civilização sob a inspiração dos Filhos de S. João Bosco". Pe. Guido Borra (1956, p. 44-44b), por sua vez, deixou registrado:

> Desde 27 de agosto de 1951, estão fazendo as escavações para os alicerces do futuro prédio, ao longo da Rua 14 com 103 metros de lonjura e 17 m de largura, mais 5 m de varanda. No domingo, dia 23, após a Missa Campal, rezada Pela Excia D. Campello, bispo auxiliar de Cuiabá se procedeu à bênção da primeira pedra da futura Faculdade. Paraninfou o ato o Exmo. Sr. Governador Dr. Fernando Corrêa da Costa, acompanhado por muitíssimas autoridades e numeroso povo. Houve vários discursos... O ato teve em todo o Estado larga repercussão; é o primeiro Instituto Superior que surge no Mato Grosso. A quando será a última pedra? E quanto custará? A Providência nos ajudará!

Não somente o Pe. Inspetor estava muito interessado em que esse prédio fosse logo erguido apesar da falta de recursos, mas também, sobretudo, o ecônomo inspetorial, Pe. Constantino se dedicaria a angariar recursos para poder erguer esse prédio majestoso. Pelo tamanho seria um distintivo na cidade. A partir de 1952, o número de alunos do Colégio começou a crescer e, no ano de 1953, o total de alunos atingiu 1.040 alunos. Superar a faixa dos mil alunos foi um fato grandioso e comemorado por todos os salesianos da comunidade.

Quanto à faculdade, houve a primeira frustração, pois o Pe. Guido esperava que fosse aprovada no final de 1951, mas, segundo ele, houve intervenção de um parecer de um agente anticlerical que não permitiu a aprovação, pois classificou insuficiente o local. Então era preciso lutar pelo prédio em suas grandes dimensões e também batalhar para haver número suficiente de salesianos titulados ou integrados com os de outra inspetoria, possuidores dos títulos necessários.

No final do ano de 1952, Pe. Guido orientou os salesianos para que a capela do novo prédio ficasse pronta logo, pois em março, sendo muitos os

alunos do Curso de Admissão teria que transformar o teatro em cinco salas de aulas para comportar todos os alunos. No ano de 1953, começaram a utilizar as salas de aula no térreo do prédio novo. A construção do prédio da faculdade continuava lenta, mas firme, em agosto a nova capela deveria estar pronta, segundo os cálculos do Pe.Inspetor.

No dia 2 agosto de 1952, foi inaugurada a capela nova do prédio novo. Todos gostaram, segundo o Pe. Guido afirmou, mesmo sem ter nada de decoração, nem reboco nas paredes, simplesmente caiadas, o agrado foi geral. Seria bem decorada no futuro, agora os altares laterais auxiliavam a boa apresentação.

Em abril de 1955, Pe. Guido Borra (1956, p. 83b-84) registrou em sua crônica:

> A visita inspetorial no Colégio D. Bosco iniciou no fim de março. A primeira constatação foi de que nesse ano de 1955 as matrículas chegam a 1.400, sendo 102 os internos e os demais, 752 ginasianos, 357 do primário, 157 do científico e 60 do técnico. A construção do prédio está pronta para o telhado. Ótimos os alunos internos, com piedade louvável, satisfeitos e chegados aos Superiores. Nos externos temos muitos que fazem a Santa Comunhão diariamente: um tempo atrás isso parecia uma utopia.

Em fevereiro de 1956, finalmente a maioria dos salesianos se inscreveram nos exames de suficiência para obter os títulos necessários para lecionar; esses exames ocorreram em vários lugares, alguns fizeram as provas em Bauru, em S. Paulo, em Cuiabá, onde fosse possível. Um passo a mais na capacitação dos professores salesianos.

Sobre a construção do prédio da Rua 14, prosseguiu mais lentamente por falta de recursos; a capela e as salas de aula do primeiro andar já eram utilizadas nos dois últimos anos do governo do Pe. Guido, 1957-1958, devagar processava-se a ocupação e a integração desse prédio no atendimento crescente do número de alunos. Somente mais tarde, de 1961 em diante, Pe. Constantino De Monte, designado para ser somente ecônomo inspetorial, dedicou-se mais para finalizar o prédio como um todo. Nesse tempo, também houve alguma proposta de passar a paróquia D. Bosco para uma casa das Irmãzinhas de Jesus Adolescente, mas o projeto não ganhou apoio. Depois do Pe. Constantino, já 1963, Pe. Heitor Castoldi providenciaria o material de acabamento externo desse prédio; mas no governo de inspetor sucessor do Pe. Guido Borra, o Pe. João Greiner, que seria finalizada essa construção.

Na visita inspetorial de 1956, a constatação do grande número de alunos do Colégio D. Bosco deixou o Pe. Guido muito entusiasmado pelo futuro dessa casa como expressivo colégio. Naquela visita de 13 de maio de 1956, Pe. Guido deixou registrado em seu livro de Crônicas que o número de alunos

do D. Bosco chegara a 1.444, sendo 100 internos e 1344 externos. Uma grande conquista!

2.4 Colégio S. Gonçalo-Cuiabá: construção do bloco das oficinas e dormitórios e casa para as irmãs

Depois de tantos anos de atividade, somente com o desenvolvimento das Escolas Profissionais e com o aumento de alunos internos do Ginásio, que o Liceu S. Gonçalo iniciou um tempo melhor de vida e de empreendimentos de melhorias. Pe. Guido incentivou os salesianos a melhorar o colégio, principalmente quando o Pe. Camilo Faresin, que depois foi o bispo Prelado de Guiratinga, tornou-se o diretor. Iniciou o período de construções que apresentariam melhor tanto os ambientes para os internos como os diversos pavilhões para as oficinas.

Para a construção dos pavilhões para as oficinas, Pe. Guido deixou registrado que iria auxiliar com 500 mil cruzeiros nesse ano, pois estava muito animado por essa iniciativa; no mês de abril de 1947, deixou registrado que a construção do prédio avançava e já estava perto de receber o telhado e que número de alunos era razoável. Ao resumir o trabalho em obras no S. Gonçalo em 1947, deixou registrado:

> Em Cuiabá se construiu a primeira parte das Escolas Industriais – ao longo da Rua D. Aquino; esta parte de 35 metros (em parte de três andares) compreende o porão das máquinas de marcenaria, em cima o grande salão da marcenaria, com o pórtico; no 2º andar os dois dormitórios para os aprendizes com capacidade para 95 internos. Esta parte foi inaugurada no dia 12 de outubro de 1947 e custou 600 contos e mais. Apesar das dificuldades de mão de obra e de material, decidiu-se continuar em outro braço que ligará o prédio novo ao antigo e servirá no térreo inferior para o Oratório Festivo- No térreo superior para as aulas dos estudantes, e no 1º andar, grande dormitório para 90 ou mais estudantes. (BORRA, 1956, p. 8b-9).

Essas melhorias entusiasmaram a comunidade a ponto de, na visita de 5 de março de 1948, Pe. Guido afirmar que o colégio estava bem e a construção muito bem encaminhada; afirmou que a continuação dessa construção era um verdadeiro milagre, pois não dispunham de nenhum recurso extra para garantir o prosseguimento dessa construção, mas tudo no colégio caminhava muito regularmente. Em maio, Pe. Guido retornou novamente a Cuiabá e, ao visitar o S. Gonçalo, somente tinha palavras de elogios para com toda a comunidade que trabalhava unida. No ano seguinte, no dia 06 de março de 1949, deixou por escrito as suas observações:

> Pude constatar o acabamento da construção (O braço central que liga com a construção antiga). O prédio ficou bonito e imponente. As ma-

> tríçulas que nos anos passados mal passavam de 100 alunos internos, este ano é anunciada para 150. Ótimo espírito da casa: muita piedade, disciplina e grande harmonia entre os irmãos. (BORRA, 1956, p. 19).

Essas impressões do Inspetor prosseguiriam, e a comunidade do S. Gonçalo vivia um tempo muito entusiasmado. Em junho de 1949, Pe. Guido retornou para outra visita ao S. Gonçalo. Talvez tenha registrado um dos textos mais elogiosos que saíram de suas mãos a respeito de uma comunidade salesiana:

> Já não se reconhece mais do que foi outrora o Liceu S. Gonçalo; desapareceram as antigas oficinas das quais ficou um restinho como depósito atrás da Igreja. O edifício novo é imponente; tem atualmente 145 internos e 337 externos. Está-se construindo nesses meses o braço da portaria até a rua D. Aquino com a travessa D. Bosco. Espera-se acabar esse braço em novembro. Fica para o ano o último com o teatro e os quartos dos salesianos. Mas o melhor do Liceu não é a imponência de suas construções, mas o espírito da casa, a piedade dos alunos (a melhor casa da inspetoria) e a tradicional harmonia dos irmãos; em tudo isto cabe o mérito em boa parte à bondade do Diretor. (BORRA, 1956, p. 20b).

No dia 10 de novembro do ano seguinte, o Pe. Guido assinalou que a construção do braço onde haveria o salão de teatro e no andar superior, dos alojamentos dos salesianos, já estava na cobertura, e a comunidade continuava animada em suas atividades pastorais e educativas. Em abril de 1951, constatou o Pe. Guido que o prédio do teatro estava quase pronto e era esperado que em agosto se celebrasse a inauguração dele. Nesse período, os alunos do Liceu somavam 454. Nos anos seguintes, a atenção do diretor e a do Pe. Guido se voltaram para a construção de novos refeitórios bem como para a realização de um sonho antigo das irmãs que cuidavam da cozinha, lavanderia: eles queriam uma casa para elas. De 1952 até 1954, todos esses projetos estavam plenamente realizados. Vale dizer, houve uma constante e visível melhoria em todos os ambientes do S. Gonçalo durante esses anos do governo do Pe. Guido Borra. Com tudo isso, o número de alunos também aumentou; em 1956, os internos eram 207, sendo 100 aprendizes e 100 estudantes, os alunos externos somavam 302, constituindo um total de 509 alunos. Sem dúvida que o empenho do Pe. Inspetor e o grandioso trabalho de todos os irmãos da comunidade alicerçaram esse período de melhorias e de uma atividade pedagógica e pastoral altamente eficaz. A alegria dos alunos e dos salesianos expressou, segundo o Pe. Guido, a especial grandeza do trabalho salesiano em Cuiabá, a primeira casa da Inspetoria.

2.5 Ampliação do Colégio de Lins

Desde 1944, os salesianos da Inspetoria de Mato Grosso, a convite do Sr. Bispo D. Henrique Mourão, haviam assumido o Ginásio Diocesano de Lins. Prosseguiram na batalha para atender os alunos internos e externos, conforme o desejo do Sr. Bispo. Já em 1947, havia 150 alunos internos e 155 externos, mais 210 do Comercial noturno. Pe. Guido sempre se mostrou muito entusiasmado pelas atividades da casa, embora nunca tivesse deixado de mostrar o procedimento correto de os salesianos se organizarem no atendimento de uma escola para internos e externos. Conforme seus registros, no ano seguinte, o colégio diocesano de Lins manteve as mesmas proporções quanto ao número de alunos. Durante a visita do final de abril e início de maio de 1949, já sob a orientação do novo diretor, Pe. Mario Forgione, Pe. Guido deixou registrado que a casa melhorava em espírito de atendimento aos alunos e que havia piedade, união e alegria entre alunos e irmãos; também deixou assinalado que a administração do colégio prosseguia de forma bem mais acurada. Em março de 1950, durante sua passagem por Lins, Pe. Guido Borra (1956, p. 27b) deixou registrado:

> Em Lins o internato é regurgitante com 170; outro tanto o externato e mesmo no Comercial noturno, chegando ao todo mais de 500 alunos. Desejam construir para poder ampliar o internato. Todos satisfeitos: ambiente de trabalho e de alegria.

O interessante desse registro é o manifesto desejo de todos em ampliar o projeto do Colégio, pois faltava completar a segunda fase do plano da construção e assim, como pensavam naquele tempo, poderiam ampliar o internato. Em junho de 1950, Pe. Guido realizou outra visita para essa comunidade e somente teve palavras de louvor ao afirmar que o ambiente da casa era ótimo e de serenidade e concórdia, de piedade salesiana e de mútuo entendimento entre alunos e superiores. Um ano após, justamente em maio de 1951, encontrava com alegria a comunidade muito animada e alunos, 510 alunos, também com grande espírito de disciplina, de piedade e de muito bom relacionamento com todos os salesianos. Na reunião do conselho inspetorial de 22 de julho de 1951, tratou-se sobre a construção da segunda parte da fachada da casa de Lins, e ficou acertado que a casa procuraria um financiamento da Caixa Econômica Federal para poder iniciar a construção. Um ano depois Pe. Guido Borra (1956, p. 50-50b) deixou registrado em sua visita:

> Na visita de 10 de março de 1952 iniciaram-se as escavações para a construção do outro braço que faltava para a fachada se completar conforme a planta; fazemos votos que, para 1953, Lins possa receber 240 alunos internos [...] Em abril, o colégio está cheio de alunos, 585,

> sendo 178 internos, e os demais externos do diurno e do noturno. Desde o fim de março se está construindo o braço último do prédio central, procedendo rápidos os trabalhos.

Esse entendimento para a ampliação do colégio de Lins ficou consolidado através da aprovação da inspetoria do empréstimo bancário. Pe. Guido mostrava-se muito satisfeito e confiante quanto ao crescimento de alunos nessa casa. Na reunião do conselho inspetorial, na reunião de 30 de outubro de 1952, documentou-se o seguinte:

> Lins – Em sua recente passagem, Sr. Pe. Inspetor, encontrou bom espírito, meninos achegados, ótima piedade – Já está coberta e rebocada internamente a nova construção, com a qual a capacidade fica para 240 internos, com boas instalações e quartos, devendo estar pronto para o início do próximo ano letivo. A despesa já subiu para Cr$ 200.000,00 ficando uma dívida superior a mil contos, pagáveis pelo mesmo colégio em dois ou três anos, sem suspender as contribuições para a Inspetoria.[2]

Em outubro de 1952, passando pela casa de Lins, Pe. Guido preocupado com a doença do Pe. André Soltys, por um lado, mas plenamente satisfeito com o movimento da casa , então com 178 alunos internos que vivem com disciplina e são piedosos. Por outro lado, constatou que a construção estava sendo coberta e que as partes internas já rebocadas. Deixou registrado o seu grande desejo para ano seguinte, o de chegar a 240 internos no ano de 1953. Ao passar por Lins, precisamente em 15 de abril de 1953, ficou satisfeito quanto ao número de alunos. O total dos alunos já havia atingido 645 alunos, sendo 200 internos e 250 externos do colégio e 200 do Curso Comercial noturno. Manifestou sua alegria na animação que teve para com a comunidade. Em setembro, ao retornar ao colégio de Lins, constatou que toda a construção estava concluída para a alegria e satisfação de todos. No ano de 1955, ao registrar o número de internos dos colégios, afirmou que em Lins havia nesse ano 210 internos. Em maio de 1955, deixou escrito em seu livro de crônicas:

> Lins – Esta casa conta atualmente com 202 internos e 380 externos. É o maior internato: prédio grande e belo; pouco pessoal, faltando o prefeito e catequista pelo qual supre um teólogo do 4º ano [...] Ambiente sereno, alunos chegados; [...] A casa é a maior força econômica da Inspetoria; passa para o Aspirantado de Tupã 100 contos mensais. (BORRA, 1956, p. 84).

Constatava-se assim o esforço e o apoio concedido à comunidade de Lins por parte do Pe. Guido, o resultado de um empreendimento que iria

[2] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso – 1940-1955, p. 86b.

apresentar bons resultados para os jovens, para a cidade de Lins e para a Inspetoria. Praticamente, nesse período, até o final do governo do Pe. Guido, a casa de Lins constituiu-se no protótipo de empreendimento válido daquela época, tanto educativamente quanto pelos resultados pastorais que se tornaram palpáveis entre os ex-alunos. Um trabalho de dedicação em estilo de D. Bosco, que foi muito apreciado pelas famílias e pela sociedade da região e do Oeste Paulista e Sul de Mato Grosso.

A casa de Lins se preparara para manter um ritmo de colégio com internato e externato por muitos anos pela frente; porém seu novo diretor, o Pe. Félix, que havia chegado de Campo Grande, onde manteve em franco desenvolvimento o colégio D. Bosco, agora iniciava um período também muito frutífero nessa casa.

No final do ano de 1954, Pe. Guido recebeu insistente pedido do Sr. Bispo de Lins para que os salesianos assumissem, no Colégio D. Henrique, a abertura de uma Faculdade de Filosofia tendo em vista contrapor-se à faculdade de Odontologia que fora aberta pelos protestantes. Pe. Guido não aceitou a solicitação alegando que estavam em curso as tratativas para a abertura da Faculdade de Filosofia em Campo Grande e não dispunha de pessoal habilitado para conduzir mais que essa tentativa de se iniciar um curso superior. Também ficou claro que o Pe. Guido não iria jamais aceitar cuidar de uma Faculdade cujo proprietário não fosse a Inspetoria. Certamente esse argumento, ao lado da falta de professores devidamente habilitados, influiu muito na decisão de não aceitar qualquer responsabilidade sobre essa faculdade. Mais tarde, essa faculdade passou para o governo das Filhas de Maria Auxiliadora, em Lins. Essa decisão foi tomada pelo conselho inspetorial, ata de 04 de abril de 1957; foi registrada a postura do Pe. Guido diante desse curso superior: "As Irmãs Salesianas aceitaram de hospedar a Faculdade Diocesana, sendo necessária a nossa colaboração, ao menos com o professorado do nosso Colégio"[3].

A casa de Lins continuaria o seu ritmo de colégio por vários anos ainda, antes de qualquer nova perspectiva. Estava funcionando de forma competente e no auge de uma época assinalada pelo êxito do colégio para internos. Depois de uma década, o cenário já seria modificado devido a grandes transformações sociais.

2.6 A construção do Colégio D. Luiz Lasagna em Araçatuba

Nesses anos de 1949 até 1953, Pe. Guido recebeu inúmeras propostas para fundar colégios em diversas cidades do Oeste Paulista, entre as quais duas consolidaram-se: em Araçatuba e em Lucélia. Havia relativa aceitação

[3] Atas do conselho inspetorial de Mato Grosso – Oeste S. Paulo, de 05-12-1955 a 27-01-1966. p. 7b.

de estudo e consideração sobre as diversas propostas de novas fundações de casas salesianas, tendo em vista que, no início de 1949, foi entregue a estimada casa de Silvânia para a inspetoria de Belo Horizonte; esse colégio, para internos, tinha sido assumido pelos salesianos da inspetoria de Mato Grosso desde 1932. De forma semelhante, nessa época, agosto de 1949, Pe. Guido já deveria estar antevendo outra questão: o Ateneu D. Bosco de Goiânia, também deveria ser entregue à inspetoria de Minas. Este fora construído pelos salesianos de Mato Grosso e, desde 1942, estava em plena forma como colégio para externos e internos. Ao deixar dois colégios, a coragem e a força para novos empreendimentos animavam tanto o Pe. Guido como os salesianos. Nesse tempo, surgiu então a possibilidade de duas novas fundações no Oeste Paulista, em Araçatuba e em Lucélia.

No início de fevereiro de 1949, Pe. Guido foi até a cidade de Araçatuba atendendo o convite de Mns. Vitor Mazzei para ver as possibilidades de escolha de um terreno para a futura construção de um colégio. Em companhia do Monsenhor, Pe. Guido pôde ver e avaliar algumas possibilidades. Sem nenhuma definição, mas somente com a assertiva de que iria consultar os salesianos, deixou a confirmação após a análise de suas possibilidades quanto aos salesianos que deveria dispor para esse reinício de obra. Na reunião do conselho inspetorial de maio de 1949, essa escolha foi apresentada aos salesianos do conselho como uma possibilidade bastante próxima de concretizar, mas foi na reunião do conselho inspetorial de 10 de agosto de 1949 que se registrou a decisão de se iniciar uma obra em Araçatuba, sendo também apresentada a questão de se ter que deixar a outra casa de Goiás, o Ateneu:

> Na perspectiva de se entregar Goiânia no próximo ano, se assim o determinarem melhores disposições do Inspetor de Minas ou as ordens superiores, se estaria talvez na possibilidade de atender também à necessidade de um Ginásio em Araçatuba [...] Atualmente se tem proposta de 2 quadras de terreno, a meio caminho entre o centro e as já estudadas em sessão de 19 de maio [...] Uma empresa construtora favoreceria o financiamento, exigindo a entrada de 10% no ato do contrato, outros 10% na cobertura do prédio, outros 10% na entrega do prédio, o restante com prazo de 6/7 anos. Numa próxima visita à cidade, o Pe. Inspetor tratará de ver o que for mais conveniente.[4]

Em agosto finalmente ocorreu um convite de várias pessoas da cidade que estavam muito interessadas em que a escolha do lugar para o colégio ocorresse o quanto antes. Liderados por Mns. Vitor Mazzei, no dia 14 de agosto de 1949, Pe. Guido foi acolhido por essa comissão para definir o local do terreno do futuro colégio. Foram escolhidas duas quadras mais próximas

[4] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso – 1940-1955. p. 70-70b.

do centro da cidade. Esse processo de fundação de uma casa em Araçatuba, com a escolha do local do futuro colégio, complementou-se na reunião do conselho inspetorial de 20 de setembro de 1949. As tratativas finais foram registradas de acordo com o pensamento de todos:

> Corria a última visita 'in loco' do Sr. Pe. Inspetor e a correspondência que lhe seguiu constou o interesse da Comissão local pela nova obra e a necessidade de se entrar em campo o quanto antes, portanto com o início do próximo ano letivo. Havendo, porém, dúvidas sobre a localização definitiva do prédio a se construir, a prudência sugere que se aceite o oferecimento da paróquia vacante, no subúrbio, em cujos locais anexos será possível o funcionamento provisório de algumas classes de aula, tratando-se de resolver a questão do novo local, quando os salesianos estejam morando na cidade. Neste sentido ficarão avisados o Exmo. Sr. Bispo Diocesano e Revdo. Pe. Vitor, Vigário local, de que os salesianos aceitam a Paróquia.[5]

De repente, o início da presença dos salesianos em Araçatuba ganhou nova perspectiva; tudo havia iniciado com o pensamento fixo na construção futura de um colégio e agora, para melhor considerar a situação, acharam melhor iniciar o trabalho pela aceitação de uma paróquia. Na reunião do conselho de 24 de novembro de 1949, mais uma vez ficou registrada a conclusão desse processo de escolha:

> Com a autorização de S. Excia. o Bispo de Cafelândia, os Superiores Maiores acabam de erigir esta nova Casa, para a qual irão em dezembro o Diretor e os primeiros salesianos, hospedando-se na casa paroquial da Matriz, e abrindo possivelmente as primeiras classes primárias nos locais dessas Associações. O nosso edifício será logo iniciado, sendo que a Comissão local se comprometeu de dar terreno, tijolos, telhas e madeiramento. Precisando-se poderá receber um crédito de trezentos mil a juros [...] Será construída, por agora uma metade do prédio projetado, para o funcionamento do Oratório, Externato e Residência. A nova casa será dedicada a S. Luiz, com o título de Luiz Lasagna.[6]

Rapidamente as ações se deslancharam; assim em março, o Pe. Guido pode comunicar aos irmãos que o novo prédio estava nos alicerces e que, na metade do ano, a comunidade iria passar a residir nesse prédio menos o pároco, que ficaria na nova paróquia. Em março de 1951, um ano depois de se iniciar essa casa, Pe. Guido afirmou que nessa casa caçula havia 35 internos, 30 semi-internos e 50 externos, todos muito satisfeitos com esse bom andamento inicial do colégio. No dia 10 de maio de 1951, Pe. Guido Borra (1956, p. 40b-41) novamente esteve em Araçatuba e constatou que o prolongamen-

[5] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso - 1940-1955. p. 71b.
[6] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso - 1940-1955, p. 72b.

to do prédio com o porão amplo estava em andamento e a paróquia muito animada nesse mês de maio.

No início do ano de 1952, quase todo o pavilhão central do prédio principal estava pronto e, em março desse ano, com os dormitórios prontos, os internos eram 104 e o número global dos alunos tinha atingido 300. Esses registros mostram o entusiasmo diante da constatação do Pe. Inspetor da realidade dessa nova casa de apenas um ano, com o terreno ampliado e as atividades de um colégio em andamento normal.

No final do ano de 1953, Pe. Guido registrou que fora inaugurado o aumento do dormitório que, para o ano de 1954, poderia acolher 125 internos; em março de 1924, Pe. Guido assinalava que os internos eram 120 e o total dos alunos tinha passado de 400. E no final de 1955, com muita satisfação Pe. Guido, ao constatar que os alunos internos ultrapassavam o previsto, eram 143, e os externos chegavam a 335, teve que tomar uma decisão importante para a casa: "Em 30 de abril de 1955 – a casa está em franco progresso, 143 internos e 335 externos. Urge ampliar e construir o novo prédio. Ambiente bom [...] A casa está destinada a um grande desenvolvimento! (BORRA, 1956, p. 84).

O importante desse registro foi a decisão de ir para frente e iniciar o prédio definitivo do plano de construção de um prédio paralelo à Rua Cussy de Almeida. Em setembro desse ano de 1955, em outra visita, o Pe. Guido notificou que a construção desse prédio já estava saindo dos alicerces. No ano seguinte, por ocasião de uma visita, em 01 de setembro de 1956, deixou registrado:

> De 30/08 a 01/09 de 1956, foi visitado o Colégio de Araçatuba; os internos nessa segunda parte do ano aumentaram – chegaram a 140. Ambiente bom, unidos e concordes. A construção está mais adiantada do que se podia pensar. Está-se acabando o térreo central que já será usado no fim de setembro. A parte restante do térreo já tem alicerce e subirá até à laje antes das chuvas, podendo contar para 1957 com todo o térreo de 95 metros (Capela maior, 10 salas de aula e um grande estudo) Deo Gratias! Temos mil razões de agradecer a Deus e à Sua Divina Providência! (BORRA, 1956, p. 98).

Na ata do Conselho Inspetorial de 11 de dezembro de 1955, Pe. Guido deixou também confirmadas todas essas realizações do prédio central do Colégio de Araçatuba e acrescentou outro particular importante para o colégio, que no ano de 1956 estariam iniciando o Curso Colegial. Decisão importante para coroar o desenvolvimento da Instituição como tal. No ano de 1956, a construção continuou e, segundo o parecer do Pe. Guido, somente foi possível devido a um financiamento especial concedido pelo banco para poder dar prosseguimento ao plano geral da construção do prédio principal.

No ano seguinte, 1957, a inspetoria teve que auxiliar a casa com empréstimo para poder continuar a construção e baixar um pouco o montante das dívidas. Assim a presença da Inspetoria permitiu equilibrar as finanças da casa que, com um empréstimo do Banco da Lavoura a juros módicos, conseguiu ir adiante. Um prédio alto e grandioso surgia quase em sua última fase ao lado do prédio antigo, que ainda era utilizado pelos internos como sala de estudo e dormitório. A casa, em pouco menos de sete anos, surgira e se desenvolvera em um ritmo muito veloz. O primeiro diretor fora o Pe. Pedro Cometti, mas somente pôde permanecer um ano e pouco quando teve que atender um pedido especial e foi ser o secretário de D. Francisco de Aquino Corrêa, que, em estado já meio debilitado, faleceria em 22 de março de 1956. O segundo diretor que acompanhou a maior parte de todas as atividades e construções do colégio foi o entusiasta pela obra, Pe. Mário Pellatiero. Este com entusiasmo contagiante foi uma personalidade marcante no colégio, na ação pastoral e junto à sociedade de Araçatuba.

Posteriormente o crescimento da cidade ofereceu alternativas de que os salesianos iriam se valer para prosseguir no trabalho pastoral e educativo. Tanto a paróquia como o colégio acompanharam, com muita disposição e trabalho, as novas etapas que iriam surgir. Pe. Sersen tornou-se muito conhecido pelo imenso trabalho na paróquia, tanto pela nova igreja como pelo atendimento pastoral. Estimado por todos pela sua grande bondade e presença tipicamente salesiana, em especial na catequese e no oratório festivo.

O prédio central paralelo à R. Cussy de Almeida foi terminado por etapas e, devido às circunstâncias da evolução social, teve que passar por várias transformações de finalidades dos dois andares, de modo especial o último, que chegou a funcionar como fora planejado para dormitórios, porém não para internos, mas para aspirantes. E por último, tornou-se ambiente escolar com salas de aulas. O topo do prédio, o último andar, sempre foi o lugar dos quartos dos salesianos.

Por fim, para concluir, o revestimento externo do prédio, todo em gressite, material de primeira qualidade e durabilidade, tido na época como o melhor revestimento, foi adotado devido ao exemplo do revestimento do prédio do Colégio D. Bosco de Campo Grande, o bloco da Rua 14. Então os salesianos do tempo, liderados pelo diretor Pe. Pedro Ferreira, trouxeram os mesmos funcionários que haviam revestido o prédio de Campo Grande para trabalhar no revestimento do prédio todo. Esse trabalho foi concluído depois de 1965, quase dez anos depois do início da construção do prédio.

O colégio D. Luiz Lasagna prosseguiu sua trajetória gloriosa de instituição animada pelo espírito de D. Bosco, com o mesmo entusiasmo dos salesianos que auxiliaram o empreendimento liderado pelo Pe. Guido Borra. Assim ele conseguiu dotar a inspetoria de mais uma obra consistente em

que os salesianos continuam a trabalhar até os tempos atuais. Foi a concretização de uma das iniciativas do Revmo. Pe. Guido Borra, que governou a inspetoria até julho de 1958.

2.7 A presença salesiana em Lucélia: a construção do Colégio S. Domingos Sávio

Diante da insistência da comissão de pessoas influentes da cidade que viera solicitar ao Pe. Inspetor no ano de 1949 que os salesianos fundassem um colégio naquela cidade, Pe. Guido não teve problemas para responder de forma afirmativa. Esta obra foi marcada pela rapidez de início e por alguns problemas de relacionamento com o pároco da cidade. Assim deixou registrado nas atas do conselho inspetorial em 19 de novembro de 1949:

> Dependendo da solução definitiva da casa de Goiânia, a Inspetoria, contando com oito irmãos que ficam disponíveis vindos daquela casa de Goiás e com sete novos sacerdotes a serem ordenados neste ano, poderá lançar ainda o nosso ginásio da Alta Paulista, para o qual se pedirá autorização dos Superiores após tal solução, para se contar com o pessoal certo. Essa comissão se comprometeu de fornecer: terreno, cimento, tijolos, telhas, madeiras e mais Cr$ 200.000,00 para a nova construção sendo que todo o material científico do atual ginásio - grupo, onde as aulas ainda irão funcionar provisoriamente, passará para nós. O pessoal será hospedado provisoriamente na Casa Paroquial. A casa que começará logo que houver autorização, será chamada "Ginásio Domingos Sávio.[7]

Depois de haver tomado todas as decisões para se iniciar essa nova comunidade, já em dezembro os salesianos designados dirigiram-se para a cidade de Lucélia para acompanhar o início das obras. No dia 17 de janeiro de 1950, Pe. Guido foi visitar a nova comunidade de Lucélia; encontrou já prontos o refeitório e a cozinha com os devidos anexos prontos, sendo somente um pavilhão de andar térreo. Constatou que os alicerces da fachada do Colégio já estavam iniciados. A fachada de frente tinha 50 metros de extensão e seria elevada por três andares. Deixou também registrada uma observação interessante ao afirmar que o desnível do terreno proporcionava uma vista panorâmica muito imponente.

Na reunião do Conselho Inspetorial de 25/01/1950, foram indicados os salesianos para iniciar essa nova comunidade, sendo diretor o Pe. João Maria Paczkoswiski; mas ainda aguardava um documento de aprovação definitiva dos Superiores de Turim. Na reunião do conselho de 03/03/1950,

[7] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso - 1940-1955, p. 72b.

notificou a todos que a construção do prédio central estava bastante adiantada, pois já abrangia quase metade do pavilhão interno e boa parte do prédio da frente; tal fato possibilitaria o funcionamento do externato que então ocupava o local do antigo grupo municipal. Já no dia 17 de março Pe. Guido passou outra vez pela cidade para acompanhar o processo de construção; constatou que os três sacerdotes da comunidade estavam muito empenhados e que a igreja da comunidade, ao lado do grande prédio, já estava bem adiantada como construção. Todos estavam muito satisfeitos com a nova obra (BORRA, 1956, p. 26-27b).

Em agosto de 1950, ocorreu a festa de inauguração da Capela do colégio. Foi uma cerimônia concorrida cuja solenidade foi marcada pela imponência da presença salesiana. Tal fato não foi tão promissor devido à pendenga entre o pároco e os salesianos que iria se tornar candente. Mas sobre a festa Pe. Guido Borra (1956, p. 32b-33) registrou:

> Dia 20 de agosto de 1950, domingo, foi o dia solene da inauguração da capela dedicada à Nossa Senhora Auxiliadora no nosso Colégio de Lucélia. Estavam presentes o Exmo. Sr. Bispo D. Henrique Gelain, todas as autoridades e uma onda de povo. Processionalmente foi levada a Imagem de Nossa Senhora da Matriz ao colégio onde, ao chegar, o Pe. Mário Forgione, Diretor de Lins, fez o discurso de ocasião, após a bênção solene da Capela feita pelo Revmo. Bispo. A capela que faz parte do corpo do Colégio, mede 14,5 de largura por 26 de comprimento, como coro acessível só do interno do Colégio. Houve logo depois a Santa Missa, rezada pelo Inspetor. No fim falou o Sr. Inspetor e distribuía vários diplomas de Cooperador. Às 13,00 horas banquete no FCL oferecido pelas autoridades ao Exmo. Sr. Bispo e demais presentes. A nova capela, além de representar um grande alívio para os nossos irmãos que agora rezarão a Santa Missa em casa, é um passo decisivo na vida religiosa de Lucélia, que terá muito mais comodidade para os deveres religiosos. A devoção a Nossa Senhora se espalha rapidamente "come fiamma in cannetti secco" – Deo gratias!

Em maio de 1951, Pe. Guido passou por Lucélia para avaliar o avanço da construção; deixou registro de que talvez em agosto/setembro se pudesse abrir o internato; as aulas ainda continuavam no prédio da escola municipal. A questão do curso Normal feminino continuava e sem solução. Pe. Guido esperava que as Filhas de Maria Auxiliadora assumissem uma escola feminina, mas não ocorreu essa intervenção. Essa questão somente foi solucionada quando o governo abriu uma escola Normal Estadual; nesse tempo, os alunos externos somavam 246.

Em 5 janeiro de 1953, na reunião do conselho inspetorial, um dos assuntos em pauta foi a questão dos desentendimentos do pároco de Lucélia com os salesianos. Houve o registro na ata dessa reunião:

> [...] enquanto perdura a atual questão do Vigário que nos faz guerra e criaria situações difíceis também para as FMA se viessem para a cidade para assumir uma escola para as moças. De fato, não obstante encontros com o Sr. Bispo Diocesano e recursos do povo de Lucélia ao Núncio, cartas explicativas do Revdo. Pe. Inspetor ao mesmo Núncio, ficou o vigário que devia ser removido quando saiu o antigo diretor Pe. João Maria, e nada foi feito para que se impedisse a campanha infamante do Vigário contra nós. Foi pedido que se trocasse todo o pessoal salesiano, o que o próprio Inspetor prometeu se contasse haver alguma culpa por parte dos salesianos; de outra forma seria melhor sair e vender a Casa, se a questão não se resolver satisfatoriamente [...].[8]

Diante dessas afirmações complicadas, Pe. Guido já havia, em março do ano anterior, em 1952, entrado na Cúria Diocesana com um pedido de processo canônico contra o Pe. Bernardo Reckers, alemão, ex-beneditino que promovia calúnias e ondas de boatos e difamações contra os salesianos e famílias que acolhiam e admiravam os salesianos. Pelo visto, nada foi considerado pelas autoridades eclesiásticas; a situação se complicava sempre mais durante o ano de 1952.

A situação se resolveu somente mais tarde, pois até março de 1953, o novo diretor, Pe. José Corazza não conseguia receber as provisões para celebrar e confessar. Complicavam-se mais e mais as relações entre os salesianos e o vigário. A diatribe foi solucionada no dia 8 de abril de 1953, quando o Vigário da cidade deixou a paróquia e foi para a diocese de Jacarezinho no Paraná. Foi uma grande graça, expressou o Pe. Inspetor, pois cessaram as conversas caluniosas. O colégio nesse ano passou a receber somente alunos, 168 externos e 22 internos. Finalmente o colégio passou a viver em paz (BORRA, 1956, p. 60). Mas, diante das insistências do Sr. Núncio, no final do ano, o Pe. Inspetor teve que mudar novamente o diretor. Pe. José Corazza foi transferido para Cuiabá, S. Gonçalo, e assumiu o colégio o novo diretor Pe. Alfeo Levorato. No início do ano de 1954, contava o colégio já com 54 internos e 150 alunos externos. Mas a alegria de estar em paz envolveu todos os salesianos. Em março de 1955, os internos saltaram para 80 alunos, o que foi muito comemorado por todos na inspetoria.

No meio do ano de 1955, Pe. Guido visitou a casa de Lucélia e, depois de tanto tempo, uma satisfação especial floresceu em suas avaliações. Um dos fatores que contribuíram para esse entendimento final entre a cidade e os salesianos foi a aceitação de os salesianos cuidarem da paróquia. Assim deixou registrado em seu livro de crônicas:

> Visitei a casa de Lucélia do dia 25 ao dia 28 de junho de 1955; os internos somam 78 e os externos 212. O dormitório está lotado; a piedade

[8] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso – 1940-1955, p. 88b.

> é boa, disciplina fácil, o espírito de família louvável. Todas as obras em evidente progresso: Deo gratias! Mas quantas lágrimas nos primeiros anos! Quem teria dito que nos esperava agora tanta prosperidade? Post nubila, Phoebus! (BORRA, 1956, p. 86).

No final do ano de 1955, Pe. Guido retornou a Lucélia e deixou autorizada a ampliação do refeitório, pois nesse tempo os internos eram mais de 85, e os salesianos julgavam que, para o ano vindouro, o número aumentaria; da mesma forma autorizou a reforma para que os dormitórios fossem diferentes, um para os maiores e outro para os menores. O tanto que padeceu para encaminhar essa comunidade, Pe. Guido não deixaria de ficar entusiasmado pelo progresso dos salesianos nessa casa e na cidade onde a aceitação dos salesianos foi um acontecimento grandioso.

Em janeiro do ano seguinte, Pe. Guido ao passar pela casa de Lucélia, deixou registrado a sua admiração por tudo de bom que ali sempre acontecia:

> Sempre mais bonito o pátio com a balaustrada superior e os jogos internos. Na noite do dia 16 de janeiro de 1956, houve a reunião da comissão de construção da Igreja paroquial. Foi aprovado o projeto do Benedito Calixto com os retoques feitos de comum acordo com o Sr. Bispo. O engenheiro incumbido e responsável dos trabalhos é o Dr. Jones de Lucélia. (BORRA, 1956, p. 91b).

Dessa forma, complementava-se a atividade educativa através do colégio com a presença pastoral mediante o trabalho paroquial assumido pelos salesianos. O ano de 1956, marcava o amplo progresso da atividade salesiana na cidade, e o Pe. Guido deixou registrado em suas crônicas uma afirmação simples, mas contundente e altamente expressiva: "O andamento da comunidade é consolador: 102 internos e 206 externos, ao todo 308 alunos salesianos. Visitei a casa nos dias de 7 a 10 de maio de 1956. Na paróquia ainda não foram iniciados os trabalhos" (BORRA, 1956, p. 94).

Essas anotações simples e compactadas, demonstram a simplicidade e o contentamento de todos com o desenvolvimento dessa comunidade em particular pela aceitação do trabalho dos salesianos quanto ao colégio que está com bastantes alunos e pelo reconhecimento do trabalho pastoral dos salesianos que vão iniciar uma obra grandiosa, a construção de uma nova igreja matriz.

Nessa cidade não faltariam alguns momentos de indignação devido ao comportamento do pároco Pe. Militino; foi muito sentido o seu modo de fugir às constâncias normais do trabalho salesiano. Quando se sentiu muito cobrado, tentou se encaminhar para modalidades nada confiantes; essas suas atitudes levaram-no a deixar a paróquia e a congregação. O fato foi lamentável, mas a presença salesiana continuou consistente em seus propósitos de

um trabalho educativo tipicamente salesiano e de um atendimento pastoral altamente merecedor de amparo e de contentamento por parte do povo. Os salesianos iam progredir e realizar uma continuidade de trabalho muito exemplar nos anos vindouros. Pe. Guido, depois de tantos embates estava tranquilo quanto ao futuro dessa comunidade.

Depois de 1956, principalmente os dois anos de governo do Pe. Guido, até 1958, o colégio de Lucélia caminhou dentro dessas perspectivas, pois havia terminado as construções principais; tentou melhorar sempre os pátios com a balaustrada na divisão dos campos e na edificação das quadras de esporte. Mais tarde, iria adquirir outra quadra grandiosa da rua para complementar todas as possibilidades de atividades educativas de uma casa salesiana. Pe. Alfeo Levorato, em sua simplicidade, soube se unir ao povo e, sintonizado, conduzir a casa em suas tarefas educativas e de participação nos movimentos da pequena cidade. Alegria e satisfação foram os traços comuns para a comunidade salesiana na condução dessa comunidade simples e alegre, tipicamente salesiana.

2.8 Desenvolvimento das atividades salesianas em Corumbá ao redor do colégio Santa Teresa

A primeira casa instituída em Mato Grosso por D. Lasagna foi em Cuiabá; a segunda casa que perdurou na inspetoria foi a casa de Corumbá. A fundação de uma comunidade em Corumbá já havia sido tratada pelo próprio D. Lasagna quando, ao retornar, teve a oportunidade de conversar com as autoridades locais e iniciar um diálogo para a futura comunidade salesiana iniciar suas atividades naquela cidade. Os salesianos iniciaram logo suas atividades educativas e pastorais; de modo especial, jamais deixaram de atender a população quanto aos serviços religiosos. Trabalhavam no oratório festivo e nas atividades educativas do Colégio Santa Teresa, mas também supriam a falta de uma presença pastoral, pois havia sempre falta de sacerdotes diocesanos; diante dessa eterna carência, os salesianos não se fizeram de rogados e estavam sempre disponíveis para o atendimento pastoral da população, de modo especial nos finais de semana. O foco principal da comunidade salesiana era e foi sempre a atividade escolar no Colégio Santa Teresa.

Quando o Pe. Guido Borra iniciou seu trabalho de governo da Inspetoria em 1947, o colégio, nesses quase cinquenta anos, funcionava num prédio bastante estiloso, pois todas as paredes eram edificadas por pedras, e a fachada em estilo clássico combinava com os prédios desse estilo na cidade. Nem sempre se desenvolvera como eram os prognósticos; houve épocas gloriosas em que se tornara um colégio equiparado, isto é, possuía a faculdade de formar bacharéis. Durou poucos anos essa fase inicial. Nesse tempo,

funcionava como uma escola regular com tentativas de manter também um pequeno internato. Além das atividades escolares, os salesianos nesse tempo estavam empenhados na construção do Santuário de Maria Auxiliadora, ao lado do prédio do colégio e de frente para a Praça da Independência. Em sua primeira viagem para Corumbá, pela Noroeste, em 19 de abril de 1947, teve a oportunidade de conhecer a obra e assinalar suas impressões; viu o grande trabalho para finalizar o Santuário e a luta para ver se os alunos internos superariam os 20 existentes, sendo que os alunos externos ultrapassavam os 200. Tomou contato com os alunos e salesianos daquela cidade.

No ano seguinte, em 8 de maio de 1948, ao realizar sua segunda visita à comunidade, notou que os alunos internos não aumentaram; em compensação, encontrou todos muito animados e entusiasmados com a possibilidade de marcar a inauguração do Santuário para um tempo próximo.

Em 26 de fevereiro de 1949, passou por Corumbá novamente. Constatou que o Santuário, mesmo não tendo sido concluído, já funcionava normalmente. Desde 31 de janeiro de 1949, fora ali instituída uma paróquia, sendo pároco o Pe. Miguel Alagna, mesmo sendo o diretor da comunidade. Augurava-se que em maio haveria a festa grandiosa do cinquentenário da casa. Constatou que o colégio funcionava regularmente e todos os salesianos alegres diante da perspectiva da festa do cinquentenário.

Em maio de 1950, finalmente ocorreu a festa de sagração do Santuário de Maria Auxiliadora em Corumbá. Pe. Guido Borra (1956, p. 29b) deixou registrada essa ocorrência:

> No dia 22 de maio de 1950, o Pe. Inspetor acompanhou o Sr. Bispo Diocesano D. Orlando Chaves na viagem a Corumbá, onde no dia 23 às 7,00 horas começou a cerimônia de Sagração do grande Santuário dedicado a Maria Auxiliadora e que mede 22m por 52m. Servia como mestre de cerimônias o Pe. Bruno Mariano, Diretor da Chácara S. Vicente, um grupo de fiéis acompanhou "foris stantes" toda a função religiosa que durou 4 horas. Quando às 11,00 horas os sinos tocaram dando o sinal da Missa, um bom centenar de pessoas chegou logo no Santuário. Celebrou a santa Missa no altar-mor de mármore, recentemente consagrado, o Pe. Inspetor. No dia seguinte, 24 de maio, festa de Maria Auxiliadora (apesar de ser dia da semana) os fiéis se apinharam no Santuário em todas as missas. Houve 206 primeiras comunhões (vindos de vários grupos). No dia contaram-se umas 800 comunhões. Às 9,00 horas Solene Pontifical do Exmo. Sr. Bispo e às 16,30 horas soleníssima procissão. Lembrança melhor e mais imponente e duradoura não podia deixar a nossa obra de seu cinqüentenário: Maria Auxiliadora com seu Santuário renovará a cidade de Corumbá, dando uma vitalidade religiosa que será a maior bênção para o presente e futuro da cidade.

Na outra visita, Pe. Guido encontrou a comunidade muito animada. Em 26 de abril do outro ano, 1951, ao visitar a casa teve a surpresa de encontrar o grande grupo de ex-alunos, mais de 200 sócios que haviam se determinado a fundar uma associação e, no próximo ano, iniciaram o edifício que seria sede dessa associação. Seria no fundo do pátio e com a entrada pela rua Cuiabá; proximamente fariam a festa de lançamento da pedra fundamental dessa obra. Existiam outros projetos cujas possibilidades a comunidade começava a verificar, em especial para auxiliar os mais necessitados. Em setembro de 1951, no dia 2, Pe. Guido Borra (1956, p. 43b-44) participou da festa de inauguração do Círculo Operário:

> No domingo, dia 2 de setembro de 1951, na ocasião da festa de D. Bosco, Corumbá solenizou o dia com a bênção da primeira pedra do Círculo Operário D. Bosco que como entidade surgiu em maio passado. A organização católica dos operários de Mato Grosso começou em fim de 1950, em Cuiabá, por iniciativa do Exmo. Sr. Bispo D. Antônio Campello, bispo auxiliar; atualmente Cuiabá tem 2.000 operários fichados e bem organizados. O mesmo fez o Pe. Miguel Alagna em Corumbá, onde atualmente são mais de 900 os operários organizados. O belo prédio do Círculo surgirá entre o Santuário e o Grande Hotel, de frente para a praça, tendo dois andares na frente e nos fundos com o teatro no centro. Do lado oposto do pátio, surge a sede dos ex-alunos, de ambas as construções cuida o Pe. Miguel, que é também o Diretor, Vigário e Vigário Geral. Brevemente será iniciado o movimento operário também em Campo Grande.

Na visita de novembro de 1952, Pe. Guido confirmou que as construções caminhavam bem e que a casa estava animada. Tanto a sede dos ex-alunos como o prédio do Círculo Operário caminhavam bem. O número de operários inscritos na associação havia aumentado, passou para 1.400. No ano seguinte, em 1953, houve pequeno avanço nas construções; os alunos do colégio atingiram o número de 360 alunos. O Círculo Operário já recebia 206 alunos. Dependiam as construções dos recursos, que no momento estavam em baixa. Mas a vida da comunidade estava animada. No ano seguinte, 1954, o Pe. Inspetor deixou registrado o seu contentamento pelos dados numéricos sobre os alunos. O internato crescera e tinha atingido 37 internos; os alunos do Círculo Operário já atingiram os 400, e o Oratório festivo abrigava mais de 300 oratorianos. De modo especial, crescera o número de internos; em junho desse ano de 1954, Pe. Guido deixou registrado que o novo diretor, Pe. Domingos Valero, ocupava-se do colégio, e o Pe. Miguel como Vigário e Vigário Geral das obras sociais. O atendimento das obras sociais atingira 855 alunos, desde a alfabetização às classes normais. Da mesma forma, em junho de 1955, registrou que era necessário melhorar os ambientes dos internos; seria necessário reformar a cozinha e o refeitório, que os internos eram 34 e

os externos, 354. No Círculo Operário, havia três turnos, estando o da tarde reservado para as 350 alunas; à noite, alfabetização e Corte e Costura. Para o ano seguinte, calculava-se atingir perto de 1200 alunos. Ainda no final desse ano, Pe. Guido passou por Corumbá e constatou que o número de internos chegara a 45; da mesma forma viu que as construções caminhavam para o término. Na visita de 20 de maio de 1956, deixou escrito em sua crônica:

> O Ginásio conta com 46 internos e 406 externos; é um aumento notável, especialmente no internato que foi sempre insignificante. O Círculo Operário chegou a 1010 entre alunos e alunas; destas cuidam as Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora no período da tarde. Movimento consolador! (BORRA, 1956, p. 94b).

Assim atravessou o ano de 1957; as atividades normais e as construções caminharam para os acabamentos. Porém no ano seguinte, 29 de janeiro de 1958, consta na ata do Conselho Inspetorial que a decisão sobre o colégio Santa Teresa foi necessária:

> O internato de Corumbá – pelo reduzido número em que se manteve este internato, e a falta de cuidados na assistência, julga o conselho ser conveniente eliminar o internato, ficando o pessoal daquela casa só dedicado ao externato e às demais Obras.[9]

De fato essa decisão marcou tantas e tantas tentativas do Pe. Guido em manter o internato; porém o sucesso das outras obras, em particular a construção do prédio dos ex-alunos e o prédio do Círculo Operário falou mais alto na dedicação dos salesianos. Além disso, esses alunos do Círculo Operário também influíram bastante nas atividades da comunidade quanto aos alunos do Santa Teresa. Ao lado das atividades do Círculo Operário, liderados pelo Pe. Ernesto Sacksida, sob o título de atividade assistencial dos ex-alunos, surgiria outra obra na periferia da cidade, no final da Rua D. Aquino em direção à fronteira da Bolívia, a famosa "Cidade D. Bosco". Essa obra liderada pelo Pe. encarregado dos ex-alunos fez uma espécie de contraponto à iniciativa da bem sucedida atividade do Círculo Operário. O Colégio Santa Teresa como obra principal esteve sempre ativo, mas no entrevero dessas outras atividades que suscitaram tanta atenção do povo da cidade. De uma forma ou de outra, o colégio continuou sua atividade própria mas a atividade dos salesianos daí em diante iria sempre estar confrontada com as atividades das obras sociais. Esse tremendo entrevero se prolongaria por muitos anos.

Convém assinalar que, mais tarde, entre os prédios do Círculo Operário e da sede dos ex-alunos, surgiu uma piscina normal, e o muro mais longo foi

[9] Atas do conselho inspetorial de Mato Grosso – Oeste S. Paulo, de 05-12-1955 a 27-01-1966, p. 11b.

decorado em azulejos especiais como obra artística e original do grande artista e pintor Burgos, que veio para Corumbá como foragido de guerra na Espanha. Uma grande obra de arte ao longo do comprimento da piscina testemunha até hoje seu grande talento!

2.9 Construções e ampliações dos prédios para escolas em Alto Araguaia, Araguaiana, Guiratinga, Meruri e Sangradouro, Três Lagoas e Dourados

Uma vez delineadas as fundações, os projetos e as novas casas na região do Oeste de S. Paulo e em outras regiões de Mato Grosso, Pe. Guido também pretendeu que todas as casas da Prelazia, também as duas das missões, fossem ampliadas conforme a demanda por alunos novos não indígenas. Em todo o território da Prelazia, sem que se inclua o povoado de Poxoréu, as casas salesianas foram merecedoras de sua atenção para que todos os ambientes destinados à escola fossem ampliados e reformados. As casas de Alto Araguaia, Araguaiana, Guiratinga, Sangradouro e Meruri, situadas na região da Prelazia tiveram uma atenção especial quanto a essas melhorias. Ao lado do trabalho educativo nas escolas, o atendimento pastoral prosseguia de forma exemplar. Todos os sacerdotes, nos finais de semana, estavam empenhados no atendimento pastoral da paróquia da cidade ou em outras igrejas de povoados mais próximos. Além disso, o pároco sempre atendia a toda a sua região mediante viagens de "desobrigas".

Esse trabalho pastoral de atendimento de povoados menores, de garimpos, de fazendas mais distantes foi uma das características missionárias dos salesianos. Nesse trabalho, encontravam no Prelado, D. José Selva, o exemplo; ele mesmo viajava léguas e léguas em lombo de muares, para estar presente, uma ou duas vezes ao ano, em todos os lugares da Prelazia. Em cada comunidade, em geral havia um salesiano encarregado desse trabalho. Esse missionário seguia as estradas ou picadas no serrado ou trilhas comuns, onde somente se podia transitar em lombo de um animal. Esse trabalho perdurou até quase o final do governo de Pe. Guido. O último dos missionários que se dedicava o tempo todo a viagens para o atendimento pastoral foi o Pe. Adalgisio Pio Maestro, cujas últimas desobrigas em viagens a cavalo ocorreram em 1957, estando ele na comunidade de Alto Araguaia. Depois alguns salesianos passaram a residir em Alto Garças, em Mutum ou D. Aquino, em Cassununga e em Poxoréu. As viagens então passaram a ser motorizadas.

Outra grande preocupação que despertou no Pe. Guido especial cuidado e providências referia-se à questão documental jurídica. Todas as casas e propriedades ocupadas pelos salesianos pertenciam à Prelazia, pois assim nasceram sob o comando de D. Malan, que era também o superior da

Inspetoria. Uma forma de ajuste ocorreu em relação às posses e aos terrenos de algumas casas. Amigavelmente foram resolvidas, mas demandaram negociações e muito tempo de ajuste. Somente no final do século, essa regularização jurídica completou seu curso definindo as posses dos bens e propriedades quanto à pessoa jurídica da Prelazia ou da Inspetoria de Mato Grosso.

A história de cada presença sempre foi muito significativa, não nas proporções de uma comunidade em uma cidade que crescia muito mais rapidamente; o desenvolvimento da região da Prelazia tinha características próprias. O norte da Prelazia sempre dependeu das iniciativas do governo quanto à possibilidade de uma presença até o Xingu ou quanto ao atendimento dos índios e da população ribeirinha do Rio Araguaia, do Rio das Mortes. Assim surgiram os empreendimentos do governo, como a base aérea de Aragarças, a Fundação Brasil Central de Nova Xavantina, a base aérea na Ilha do Bananal. Do outro lado, marcado pelos territórios entre as bacias do Rio Vermelho, do Rio S. Lourenço, do Rio Garças e seus afluentes, ocorreu outro tipo de presença, não do governo, mas de grupos de garimpeiros e fazendeiros. Esses grupos iniciavam suas atividades na imensa extensão do cerrado para a criação de gado, e os garimpeiros perambulavam por onde os monchões prometiam um "bamburro"; ao lado deles, surgiram outros dois tipos de grupos sociais: os negociantes, que abriam seus negócios em lugares estratégicos, como no Alto da Serra ou em outros povoados; os representantes do governo ou os chefes políticos locais, último grupo social surgido nesse tempo. Os salesianos sempre atenderam a todos sem distinção, tanto garimpeiros, fazendeiros, políticos, indígenas, com o carinho de pastores que desejavam levar a palavra de Deus a todos. Seguiam muito bem as tradições religiosas e organizavam com eles as festas mais simbólicas para cada povoado.

Para completar esse cenário, é necessário afirmar que, depois das viagens a cavalo, do transporte em lombo de tropas de burros, do carro de bois, duas outras modalidades de transporte já se faziam presentes de forma a não mais sair da região: os primeiros caminhões e os voos regulares dos aviões do Correio Aéreo Nacional (CAN), ou dos aviões de companhias regulares como a Panair, ou ainda de aviões pequenos que faziam o serviço de táxi-aéreo. De todos esses meios de transporte os missionários iniciaram a se valer para melhorar o trabalho, para desenvolver as lavouras e para atender a todos pastoralmente. Pe. Guido valeu-se de todos eles, sem exceção, durante o seu tempo de longas ou rápidas viagens pelas casas da Prelazia, conforme a disposição do dia, o cavalo, o carro de boi, o caminhão, ou o avião pequeno ou os aviões grandes do CAN, ou da Panair.

2.9.1 Alto Araguaia

A primeira visita do Pe. Guido Borra à casa de Alto Araguaia foi meio surpreendente. Ele chegou até a cidade de avião pequeno. O Pe. Diretor, Pe. Maurice Lapport, conseguira que um grande amigo dos salesianos, Sr. Joaquim Salgueiro, fosse buscá-lo de avião em Meruri; então no dia 26 de maio de 1947, Pe. Guido esteve pela primeira vez nessa comunidade. Deixou suas impressões registradas:

> Uma hora e pouco, saindo de Meruri, cheguei a Alto Araguaia. O panorama é belíssimo. Os alunos internos são 47 e os externos 57. As aulas dos salesianos são muito cotadas. O andamento da casa parece um seminário. A casa pertence à Prelazia. Os meninos são muito bons, aproveitamos as esperanças de vocações, o mesmo entre as alunas das Irmãs. Ainda bem que as aulas funcionam no prédio novo. Tive ótimas impressões e a administração é muito boa. (BORRA, 1956, p. 5-5b).

Na primeira visita, Pe. Guido conseguiu ver todas as potencialidades da casa para o futuro. Da mesma forma, viu a importância da escola e do trabalho pastoral dos salesianos. Constatou que a casa antiga era muito rústica e necessitava de concluir logo as construções iniciadas longe das margens do Rio Araguaia. A primeira casa e a igreja estavam bem próximas das margens do rio, tanto que os meninos internos valiam-se do rio para o asseio e para os banhos diários. Isso provocou um estarrecimento no pudor do Pe. Guido. Em 27 de junho de 1949, realizou outra visita à comunidade e constatou que a construção de novos dormitórios e do refeitório com respectiva cozinha caminhava bem. Os 65 internos superlotavam os ambientes. Pe. Guido não aceitaria nunca a questão do banho diário dos meninos internos no rio, mas gostava da comunidade que era animada por bom espírito. Na visita seguinte, em 23 de novembro de 1950, verificou que os dois novos dormitórios para os internos já estavam sendo finalizados. Disse que o pórtico a unir os dormitórios e acolher os alunos deveria ficar pronto em dezembro; participou das festas de despedidas dos alunos para as férias e ainda teve que permanecer alguns dias a mais, pois estava à espera de um avião da Base Aérea de Campo Grande que por lá passaria e conduzi-lo-ia até Campo Grande.

No ano seguinte, por ocasião da visita, em 11 de junho de 1951, constatou que a casa progredia e que os dois dormitórios prontos eram utilizados um como estudo, e outro, como dormitório para os 85 alunos internos; os alunos externos eram 117. Sempre apreciava o andamento da casa e manifestava esperança de que daquela casa pudessem surgir várias vocações para a congregação. Constatou que o Pe. Pio Maestro estava fora em trabalho pastoral de desobriga.

Na visita do ano de 1952, precisamente em maio, deixou registrado que a construção do prédio novo progredia e que a parte da frente, na esquina onde os salesianos teriam seus alojamentos no andar superior, já estava em fase de acabamento; o prédio surgia imponente e capaz de abrigar mais alunos. Essa constatação proporcionou sua promessa de iniciar as tratativas para que, no ano de 1953, fosse possível iniciar o Ginásio no colégio. Na visita do ano seguinte, Pe. Guido Borra (1956, p. 59b) deixou registrado:

> Novo Ginásio Salesiano em Alto Araguaia. Com decreto Ministerial de 11/02/1953, o Patronato Salesiano de Alto Araguaia foi transformado em "Ginásio Pe. Ernesto Carletti" ao saudoso meu predecessor. Os exames de admissão foram realizados nos dias 23 e 24 de janeiro, tendo-se apresentados 27 candidatos, todos bem preparados e com êxito muito satisfatório como teve a declarar o fiscal federal. Assim atualmente os ginásios da Inspetoria são 8, sendo 4 na Paulista e 4 no estado de Mato Grosso.

Na visita de 6 de junho de 1953, Pe. Guido constatou que a casa caminhava muito bem, apesar de nem sempre seguirem as orientações sobre os banhos nos rios. Tendo a casa recebido um auxílio de Cr$ 200.000,00 da LBA, foi dada a permissão para a aquisição de uma propriedade de 160 hectares próxima da cidade, por Cr$ 70.000,00 cruzeiros; essa chácara seria de auxílio para manter a vida do colégio.

Em 1954, a casa tinha novo diretor, Pe. José Bósio, e o novo conselheiro escolar, o Pe. José Corazza; a casa possuía 89 internos e 154 externos, compondo um total de 243 alunos; as duas primeiras séries ginasiais ganharam ritmo especial. No dia 3 de junho de 1955 chegou a Alto Araguaia o Pe. Inspetor depois de um breve giro pelas missões de avião militar; constatou que o internato diminuía devido à observância rígida da ordem de não poder banhar-se nos rios; os internos nesse tempo eram 65, e a vida do colégio era regular, mas, segundo o Pe. Guido, poderia ser mais animada. Na visita de 17 de junho de 1956, deixou registrada a sua apreciação ou avaliação da casa:

> No domingo, dia 17, cheguei pela Real, companhia aérea que faz essa rota. O prédio do Colégio agora se apresenta em belas linhas arquitetônicas, tendo sido refeito o telhado e tendo feita a "balconada" com colunas na esquina da entrada. O beiral que substitui a platibanda deu proteção às paredes e elegância ao prédio que satisfaz à estética. Os internos são 82, e os externos, 192, perfazendo um total de 274 alunos, com as 4 séries ginasiais, sendo esta a primeira turma de quartanistas que irão formar por ter concluído o ginásio; ao todo os ginasianos são 66. Por si não compensa, mas pode ser que aumente. Piedade louvável e disciplina regular, e sobretudo, "inirabile dictu", os alunos estudam muito e com gosto! (BORRA, 1956, p. 95b-96).

Assim foram os registros do Pe. Guido que conseguiu ver a casa bastante bem encaminhada quanto ao funcionamento de uma escola tipicamente salesiana, com apreciação do povo da cidade e das redondezas, de modo especial pelas famílias de Santa Rita do Araguaia, de Mineiros e de outras localidades tanto de Goiás como do imenso chapadão do rio Taquari. Todos os fazendeiros que desbravaram aquela região colocaram seus filhos nos internatos salesianos, as meninas com as Filhas de Maria Auxiliadora, e os meninos no Pe. Carletti. Formou geração de alunos esse colégio e, como o próprio Pe. Guido antevira, cresceu e prosperou por muitos e muitos anos nesse mister de educar e formar alunos católicos para toda a região. Essa casa estava bem encaminhada e com a estrutura bastante bem estruturada para manter bem e comodamente o internato. Com imensa satisfação, Pe. Guido constatou, no final de seu tempo de inspetor, que os passos necessários para que o colégio pudesse progredir e atender os jovens por muitos anos foram dados com presteza e com sabedoria. Assim essa casa, ao lado de inúmeras outras, estava bem aparelhada para atender aos alunos dentro do espírito salesiano, um trabalho educativo pastoral tipicamente salesiano se prolongaria ali por muito tempo. No ano final de seu governo, em reunião de 14 de junho de 1958, entre outras questões deixou registrado que o Exmo. Sr. Prelado deu documento em que declara ceder à Congregação a propriedade da quadra ocupada pelo nosso Colégio Pe. Carletti, pois pertencia à Prelazia. A compensação será transformada em duzentos mil tijolos que o colégio oferecerá para a construção da Igreja Matriz. Confirmou também que essas transações estavam de acordo com a Nunciatura. Portanto tudo seria devidamente registrado em cartório como propriedade da Missão Salesiana.

2.9.2 Araguaiana

Sempre é bom lembrar que esse povoado foi a sede da Prelazia desde a sua ereção em 12 de maio de 1914; era um povoado importante naquele tempo devido ao único fator que o tornava importante: a comunicação. Era a estação de ligação da linha telegráfica edificada pelo General Rondon quando se instalou ali a estação de ligação entre o Rio de Janeiro e Cuiabá, posteriormente até o Acre. Era um povoado fronteiriço e que abrigava os funcionários da linha telegráfica. Quando, em 1914, foi instituída a Prelazia, era muito importante esse povoado para garantir a comunicação do oeste do país com a capital, Rio de Janeiro. D. Malan foi o primeiro Prelado e permaneceu nesse povoado somente por dois anos, mudando a sede da Prelazia, em 1918, para Registro do Araguaia.

Logo que os salesianos iniciaram os trabalhos com os bororos na Colônia dos Tachos e depois, em 1906 em Sangradouro, a referência de

Araguaiana foi sempre muito considerada devido à linha telegráfica. Quando os salesianos se instalaram no local para atender a atividade pastoral e a escolar em relação às crianças das famílias ali residentes, instituíram uma escola primária regular, com internos e externos. Assim nascia a presença salesiana em Araguaiana que, durante o governo do Pe. Guido, ainda era um colégio pequeno, mas sempre em atividade tipicamente salesiana.

A sua primeira visita já denunciava outras épocas, pois lá chegara de avião no dia 11 de junho de 1947 e encontrara a casa com 33 internos e 37 alunos externos. Constatou que tudo ali era diminuto e necessitava de melhorias e que os ambientes necessitavam de uma reforma digna, com a construção de novos ambientes para salas de aula e dormitórios, mas gostou do ambiente da casa em si. Em junho de 1949, Pe. Guido encontrou a casa numa situação mais difícil devido às dificuldades em resolver as questões fundamentais de eletricidade e de provisão de água.

No ano seguinte, em 1950, durante a visita realizada no mês de junho, encontrou a casa bastante melhorada. O diretor Pe. Domingos Corso estava na Itália, mas conseguira melhorar o pátio, os dormitórios e a apresentação geral da casa. Na visita seguinte, em novembro de 1950, constatou que o diretor que retornara da Itália estava renovando a casa e tudo estava melhor. Na visita de julho de 1951, encontrou a casa mais animada com 52 alunos internos e 110 externos; a casa apresentava-se bem limpa e asseada; o clima entre os alunos era muito agradável e salesianamente bom. Em junho de 1952, deixou registrado que a casa se apresentava bem com serviços higiênicos devidamente bons e bem realizados. Os alunos internos eram 55, e os externos, 47. Em sua visita de 23 de junho de 1953, Pe. Guido encontrou a casa com 58 alunos internos e 46 externos. As atividades melhoraram e, sobretudo, a disciplina e a piedade dos alunos estavam muito bem. A visita de maio de 1954 ocorreu com uma saudável viagem de avião, que conduziu o Pe. Guido até aquele povoado. O novo Diretor, Pe. Maurice Laport, conduzia bem a comunidade então com 80 alunos internos e 54 externos, perfazendo o total de 134 alunos. Da comunidade, o Pe. José Bessemans executava o trabalho de constantes viagens de desobriga para atender os outros pequenos povoados tanto de Mato Grosso como da margem do Araguaia do estado de Goiás. Em setembro de 1954, D. Camilo Faresin foi escolhido como bispo auxiliar de D. José Selva. Força nova para o imenso trabalho pastoral na Prelazia. É verdade que a inspetoria cedia assim um salesiano que se mostrava muito dinâmico e ativo. No dia 21 de maio de 1955, Pe. Guido Borra (1956, p. 85) deixou registrado em seu livro de crônicas:

> Dia 21 de Barra do Garças desci a remo para Araguaiana (oito horas) e encontrando a casa de Araguaiana lotada com 83 alunos internos e

> 59 externos. Ótima a casa das máquinas (luz, máquina para arroz, fubá e canjica...) a luz é muito boa para os colégios e para a cidade. Os internos vão ouvir a missa na Matriz não cabendo na capela do colégio: falta um pouco a presença dos salesianos. Como em todas as missões, se tivéssemos mais espaços prontos teríamos mais alunos e todo ano aparecem tantos alunos novos como uma enchente.

Pe. Guido antevia as grandes possibilidades também para aquelas casas mais distantes e afastadas; para elas eram direcionados os filhos das famílias das fazendas próximas; em outubro de 1955, Pe. Guido visitou novamente a comunidade e encontrou a todos animados e empenhados no trabalho escolar para atender os 83 alunos internos. Estes representavam uma superlotação diante da capacidade dos ambientes da casa. No ano seguinte, em maio de 1956, em viagem por terra, durante duas horas e meia, chegou a Araguaiana para a visita normal da comunidade, durante os dias 25 a 29 de maio. Encontrou a todos animados com 82 alunos internos e 60 externos, perfazendo um total de 142 alunos. O novo conselheiro, Pe. Sebastião Arantes, soube levar a todos com ótima disciplina e encaminhados todos para o cumprimento dos próprios deveres de estudo e com ótima piedade (BORRA, 1956, p. 95).

No final de seu governo, Pe. Guido se preocupou com a questão da legitimação das propriedades da Prelazia que eram da Congregação. Seria necessário um termo para que todos os documentos se tornassem bem consistentes nesse particular, para se evitar questões futuras. Na reunião do conselho inspetorial de 14 de junho de 1958, portanto bem no final de seu governo, o conselho deliberou:

> Em Araguaiana, fica constando por outro documento que as partes extremas de nossa Casa, até hoje de propriedade da Prelazia conforme relato do Revmo. Pe. João Duroure, antigo Vigário Geral de Mns. Couturon, ficam também propriedade da Congregação, devendo-se retribuir a cessão com Cr$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros) que aquela Casa deverá entregar à Prelazia, em duas prestações iguais, nos anos de 1958 e 1959. Lembram os conselheiros ser necessário também verificar a existência da escritura legal e providenciar caso faltasse.

Encerrava-se de forma muito cuidadosa a ação de governo do Pe. Guido para com aquela comunidade que, desde 1948 até 1958, progredira sensivelmente acompanhando as outras casas da inspetoria. Iria persistentemente seguindo sua trajetória de uma presença essencial para a educação dos jovens daquelas paragens imensas das margens do Rio Araguaia, tanto do lado de Mato Grosso como do estado de Goiás. Inúmeros brasileiros receberam ali, às margens do caudaloso Araguaia, uma formação salesiana e uma educação escolar de primeira categoria, pois a dedicação daqueles salesianos era simplesmente impecável quanto a esse trabalho educativo e pastoral.

2.9.3 Guiratinga

A primeira sede da Prelazia foi o povoado de Araguaiana; permaneceu lá por dez anos, de 1914 até 1922, quando D. Malan transferiu a sede para Alto Araguaia e permaneceu lá até 1924, ao ser designado para a Diocese de Petrolina. O segundo prelado foi Mns. Couturon, que iniciou seus trabalhos em 1926; trabalhou na Prelazia durante dez anos, até 1936. Em 1938, foi nomeado o novo prelado, D. José Selva, que permaneceria nesse trabalho até 1956. Antes de encerrar seu tempo como bispo-prelado, D. José Selva recebeu um bispo novo como auxiliar, já em 1954, pois estava de saúde combalida. No ano de 1931, para melhor situar-se em relação aos novos povoados originários dos diversos garimpos, Mns. Couturon fixou sua residência em Lajeado, ou Guiratinga, por ser um povoado mais central na região da Prelazia. Convém lembrar que, nesse tempo, o território da Prelazia já passara por diversas divisões; ao sul surgiu Rondonópolis, ao norte, S. Felix do Araguaia e, a oeste, tanto a chapada dos Guimarães como a região do Diamantino passaram para outras circunscrições eclesiásticas.

A cidade de Guiratinga é fruto de um movimento social típico: garimpeiros. Assim o início dos trabalhos dos salesianos na região teve que levar em conta esse particular para se compreender o povo e os povoados. A primeira visita do Pe. Guido à casa de Guiratinga ocorreu no dia 10 de junho de 1947; ao chegar de avião pequeno, constatou imediatamente que a cidade estava em estado de crise devido ao garimpo. Por outro lado, ao constatar que havia poucos alunos, eram somente 88, 24 internos e 64 externos, e que as condições da casa deixavam muito a desejar, ficou meio assustado e afirmou que o colégio das Irmãs era muito melhor.

Em 22 de junho de 1949, ao chegar a Guiratinga constatou que nada havia melhorado; a casa estava com quase 60 alunos internos; porém expressou sua preocupação em querer melhorar os ambientes: o dormitório, o estudo, as salas de aula, o pátio e a horta do terreno ao lado. Viu que as condições higiênicas de atendimento não poderiam continuar mais sem qualidade ou melhorias. Em novembro do ano seguinte, 1950, ao visitar a casa, percebeu que nada melhorara, seria necessário tomar algumas providências. Em junho de 1951, ao realizar sua visita, deixou escrito em suas crônicas:

> A casa tem novo diretor, Pe. Alfeo Levorato, é uma casa regular bem encaminhada com 33 alunos internos e 110 externos. A casa agora está bem asseada e limpa, apesar de ainda não ter aulas boas para todas as classes. Apresentaram-se 10 alunos pedindo para ir para o Aspirantado: este é um fato extraordinário! (BORRA, 1956, p. 42).

No dia 22 de maio de 1952, Pe. Guido iniciou sua visita a essa casa; o resultado dessa visita foi que todos estavam concordes de que a casa

necessitava de novas construções para poder se apresentar melhor e progredir também pedagogicamente. Em junho do ano seguinte, em 1953, quando retornou lá no início de mês, constatou todas as melhorias que foram realizadas quanto ao piso, quanto à pintura dos ambientes. O fato extraordinário dessa visita foi a transferência do Pe. Diretor, Pe. Alfeo Levorato para a casa de Lucélia; havia exigências especiais para que essa mudança ocorresse fora do tempo comum de mudanças de casas dos salesianos.

Na visita de 1954, em maio, Pe. Guido Borra (1956, p. 83b e 84b) deixou registrado o seu contentamento:

> A casa de Guiratinga apresenta-se formosa após a inauguração do novo prédio dos refeitórios, inaugurado no dia primeiro de maio de 1954. A cidade ficou entusiasta com o novo prédio e especialmente do acabamento "di gran città! Nas férias de fim de ano se espera endireitar a parte antiga, uniformizando-a com a nova. Ótima horta com fartura de hortaliças e verdura. Todos satisfeitos e contentes. Deo gratias!" E no ano seguinte, 10/05/1955: "No dia 1 de maio foi inaugurada segunda varanda que liga com a parte antiga reformada, dando assim um belo conjunto que agrada e oferece muita praticidade. No ângulo das duas varandas, abre-se a escada que dá no pátio; agora a casa tem um ótimo dormitório, para 56 camas, bom estudo, ótimos refeitórios e cozinha com dependências, magnífica horta e quintal com pomar, criações, etc. [...] A presença no novo bispo e o auxílio do novo Vigário, Pe. Ariento, sacudiram a cidade adormecida que agora corresponde generosamente – A igreja paroquial está sendo reformada – piso, janelas com vitrais, telhado, bancos novos [...] O Colégio conta com 165 alunos, sendo 36 internos e 129 externos.

Na visita do ano seguinte, 10 de novembro de 1955, constatou que a presença salesiana se tornara mais atraente embora a cidade não reagisse pois dependia do produto dos garimpos. No ano seguinte, em 7 de junho de 1956, constatou que a quantidade de alunos, apesar de tudo estar melhor, não aumentara; contavam com 26 alunos internos e 167 externos. Alguns dos sinais de uma mudança nos anos seguintes já eram evidentes; mas Pe. Guido insistia com energia no projeto de que a melhor maneira de atender o povo seria com um ótimo trabalho pastoral e na pedagogia, com uma ótima escola de internos e externos.

Desde o início de seu trabalho como Inspetor, Pe. Guido organizava quatro retiros ou mais para os salesianos. Para favorecer a presença dos salesianos, dois retiros aconteciam na região norte, e dois outros, na região sul, precisamente em Campo Grande. O primeiro retiro sempre, até 1955, ocorria em Guiratinga, que em geral era realizado no início do mês de dezembro; enquanto em Cuiabá ocorria em seguida, mas bem antes do Natal. De uma forma muito simples, os salesianos acorriam para essa casa, apesar de antes

da reforma deixar muito a desejar, para os retiros anuais; depois da reforma, ainda por dois anos, 1954 e 1956, o retiro foi realizado na casa já reformada e bem mais capacitada para acolher os salesianos que para lá se dirigiam para participar do retiro anual.

Com a mudança de prelado depois da doença e falecimento de D. José Selva em 1956, a escola salesiana continuou por pouco tempo. Depois de alguns anos a escola de Guiratinga passou para a responsabilidade da Prelazia e, depois de 1956 em diante, foi feito um convênio com o estado e, mesmo sendo dirigida por um salesiano da Prelazia, tornou-se uma escola mantida pelo governo estadual e assim continuou até quando a Prelazia se tornou diocese.

2.9.4 Meruri

Desde 1927, os salesianos deixaram a primeira colônia fundada em 1902 para acolher os índios bororos para se instalar em Meruri. Ao sair dos Tachos, os salesianos acompanharam os índios que se fixaram perto do Rio Garças, no território antigo da Colônia Imaculada. Porém, mais tarde, foram para as margens do córrego Bariga-Jau, onde permaneceram por pouco tempo. Finalmente encontraram em Meruri um lugar bom, ao lado do rio Barreiro, e um lugar para cultivar algumas lavouras. Os salesianos passaram a investir nesse local promovendo algumas infraestruturas necessárias para a manutenção da vida normal da aldeia. Encanaram a água e mecanizaram alguns serviços a partir da instalação de uma roda d'água.

A primeira visita do Pe. Guido Borra a Meruri ocorreu de forma sintomática, todos os meios foram antigos, e ele teve que sentir na pele o peso das viagens que os missionários tinham que realizar antigamente. Conforme o seu livro de crônicas, ele se encontrava em Sangradouro, e assim descreveu sua primeira viagem a cavalo para Meruri:

> Partimos de Sangradouro no dia 16 de maio de 1947, após a festa da Ascensão de Nossa Senhora, a cavalo. À noite paramos em Areias; no dia seguinte chegamos a "Luis Duarte" onde no domingo, dia 18, rezei a Santa Missa. Pelas 10 horas vieram ao nosso encontro o Diretor e cavaleiros de Meruri; às 11,30 horas ocorreu o ingresso triunfal em Meruri, centro natural dos Bororos. Os alunos internos são 46 – as alunas 40(muito poucos os alunos ou alunas bororos) Na aldeia se conta um bom centenar de bororos. Piedade e disciplina boas. Bem animados os alunos (a maior parte são filhos de fazendeiros) O gado é bem mantido. Passei lá uma semana e a festa de Pentecostes. (BORRA, 1956, p. 5).

No ano seguinte, no dia 12 de janeiro de 1948, aproveitando uma oportunidade Pe. Guido Borra (1956, p. 9b) fez uma visita rapidíssima a Meruri:

> Aproveitando de uma oportunidade, no dia 12 de janeiro em um avião militar especial, oferecido pela generosidade do Major Ovídio Gomes, comandante da Base Aérea de Campo Grande, Pe. Inspetor viajou para Meruri; no mesmo avião viajavam a Diretora e outra irmã. O mau tempo obrigou a voltar para Herculânia quando já se estava perto de Guiratinga; o mesmo se deu chegando perto de Meruri. Todavia, lá pelas 6 horas da tarde aterrissamos em Meruri bem, pernoitando lá. Assim tive tempo para falar com todos e dar certas disposições. No dia seguinte passando por Guiratinga, trazia para Campo Grande o Pe. Higino e o Sr. Costamagna.

Essa viagem veio mostrar ao Pe. Inspetor as novas possibilidades de viajar pelas missões com a intervenção dos serviços prestados pelos aviões militares, em especial os do CAN, realizado pela base aérea de Campo Grande. Porém, em agosto de 1948, Pe. Guido programara uma visita a todas as casas da Prelazia incluindo as duas missões de Sangradouro e Meruri, além de Xavantina e Cuiabá. Esse mês foi quase fatídico. Ele e a madre inspetora das Filhas de Maria Auxiliadora sofreram um desastre aéreo na viagem de Meruri para Sangradouro no dia 9 de agosto de 1948. Ficaram vários dias perdidos no serrado, e não faleceram por pouco. O relato desse acontecimento em seus pormenores estará em Anexo I deste capítulo.

Na visita de 15 de junho de 1949, constatou-se que, com o novo diretor, os alunos bororos aumentaram, dos 25 internos, 12 são bororos. Houve algumas modificações, e grande parte das casas dos bororos foi construída mais acima liberando a beira do rio e as proximidades da casa salesiana, para que se pudesse ampliar a casa das irmãs, a qual ocuparia quase totalmente o local da aldeia antiga; logicamente essa transformação ampliou em boa área o interior da aldeia. A preocupação dos salesianos pela vida na aldeia adquiriu nova fase. Na visita do ano seguinte, em novembro de 1950, Pe. Guido assinalou a presença do Coadjutor Roberto Pólice, grande trabalhador. A esperança era de que ele pudesse instalar uma serra para a produção de tábuas e madeiras para uma capela nova e para outros ambientes. Para Pe. Guido o colégio estava melhorando.

No dia 19 de junho de 1951, com muita satisfação, Pe. Guido ao visitar a casa, constatou que tudo tinha melhorado e exaltou a instalação da serra grande e de uma oficina para diversos trabalhos como já acontecia em Sangradouro. O colégio estava com 33 internos e 12 externos. No dia 2 de junho de 1952, Pe. Guido Borra (1956, p. 52) estava novamente em Meruri:

> No dia 2 de junho de 1952, com avião da Fundação cheguei a Meruri que conta prodigiosamente com 56 internos (e nem se sabe como caibam tantos no dormitório, mas é este o segredo das redes que ocupam pouco espaço) e 8 externos. Tivéssemos mais lugar, poderíamos receber quase 100 alunos internos, tudo isto é conseqüência das faci-

> lidades que trouxe nas comunicações a nova estrada de rodagem que liga Barra do Garças a Meruri e que continuará para Sangradouro e Poxoréu.

Nessa visita houve outra questão bastante marcante com a pessoa do Pe. Guido, fraturou o fêmur da perna direita ocasionando-lhe muitos transtornos. (Sobre esse acontecimento ver anexo II deste capítulo).

No dia 11 de junho do ano seguinte, 1953, na visita a Meruri, todos estavam ainda muito conscientes sobre o incidente ocorrido com o Pe. Guido no ano anterior. Pe. Guido assinalou que a inspetoria já adquirira um caminhão para as missões para facilitar as viagens e os transportes de mantimentos e de outros utensílios necessários; a casa de Meruri iria cuidar desse caminhão; constatou que os internos eram 58 e os externos 18. Gostou da condução da casa e da escola, dos trabalhos e dos resultados plausíveis nesse ano. No ano seguinte, em sua viagem de Sangradouro a Meruri, em maio, gastou 4 horas de viagem de caminhão nesse trajeto. A escola estava com 59 internos e 17 semi-internos e seis externos, chegando ao total de 82 alunos. Constatou que todos estavam muito satisfeitos com o novo diretor, Pe. Bruno Mariano e, no dia 24 de maio, foi lançada a primeira pedra da construção da nova residência das irmãs. Uma das constatações com novas perspectivas para o trabalho e desenvolvimento nas missões foi a estrada que poderia abrir comunicação desde Barra do Garças até Poxoréu, passando por Meruri. Na visita de maio de 1955, houve um particular que se tornaria uma constante nas viagens do Pe. Guido Borra (1956, p. 85) para as missões, o serviço do CAN:

> Com avião militar, dia 24 de maio de 1955, após a missa solene, viajei de Araguaiana a Meruri chegando para o almoço. Houve grande festa, estando presente o Exmo. Sr. Bispo. Meruri é o internato maior das missões com 98 internos e 14 externos. A casa melhorou muitíssimo no prédio: refeitório novo amplo e bonito, dormitórios ampliados (com camas de dois andares) varanda que corre todo o pátio interno. Especialmente desbravada a mata do Boqueirão onde se colheram umas 600 sacas de arroz; melhor será para os anos vindouros, dispondo agora de caminhões e tratores. O novo instituto das irmãs(que ficou parado tantos meses) agora está mesmo levantando-se, funcionando regularmente as olarias. Vida religiosa regular. Alunos aproveitando bem sob todos os pontos de vista. Em todas as casas se encontram vocações para o Aspirantado.

Sem dúvida ao encontrar tanta vitalidade e tanto progresso na vida de uma missão, surgiu um verdadeiro contentamento e entusiasmo no Pe. Inspetor. Ele, sempre atento, interligou esse tempo bom com o florescer de alunos destinados ao Aspirantado. Em novembro desse ano, passou alguns dias novamente em Meruri aproveitando do serviço do CAN. Uma possibili-

dade inimaginável algum tempo antes e agora uma possibilidade concreta a ser utilizada nessas viagens. Constatou que Meruri era o maior internato da Prelazia com seus 98 internos. Na visita do ano seguinte, Pe. Guido anunciou a festa do cinquentenário de Sangradouro e, em seguida, a inauguração do Cruzeiro, no alto do morro dos Tachos, como lembrança dos primeiros anos dos trabalhos missionários entre os bororos.

O desenvolvimento do colégio de Meruri, as construções finalizadas, a inauguração da casa das Irmãs, as novas máquinas – caminhões, tratores, serras, olaria – tudo impulsionou o desenvolvimento da missão e possibilitou a presença de quase 100 alunos internos para o contentamento dos salesianos e do Pe. Guido. Mas tudo isso permaneceu em sintonia com a vida organizada dessa forma, até os inícios de 1957. Um acontecimento importante iria mudar bastante esse ritmo de vida: a chegada dos primeiros grupos de xavantes que foram logo atendidos pelos salesianos. Essa presença ocasionou a abertura de outro cenário e de muitas outras preocupações para os salesianos da Missão bem como para o governo inspetorial.

2.9.5 Sangradouro

Desde 1906, a colônia de S. José ou Sangradouro tornou-se parte do roteiro dos missionários para atingir a outra colônia dos Tachos. Foi adquirida essa propriedade como parte auxiliar do trabalho e da vida missionária; precisamente para ser um lugar de entreposto para uma época posterior ao primeiro passo idealizado por D. Malan em relação ao progresso dos bororos. A fazenda seria uma região de distribuição de lotes para as futuras famílias indígenas, que encontrariam na pequena propriedade um meio seguro de sobrevivência e de possibilidade de manter viva a fé cristã. Esse ponto ideal moveu os primeiros missionários a se dedicarem ao cultivo da terra, ao trabalho nas lavouras e à instalação de uma infraestrutura possível conforme os meios de transporte e os tempos. A última etapa dessa edificação de uma rede de infraestrutura de animação e sustentação da vida na colônia constituiu, no tempo de governo do Pe. Guido Borra, a abertura de um campo de pouso para aviões pequenos e para os aviões maiores do CAN.

A primeira visita programada do Pe. Guido Borra às missões, precisamente a Sangradouro e a Meruri, ocorreu de modo tal que ele experimentou algumas das maneiras antigas de viajar naquela região: sem pressa e a cavalo ainda. Ele deixou o relato dessa viagem em suas crônicas:

> No dia 6 de maio de 1947, acompanhado pelo Pe. Antônio Colbacchini, fui visitar pela primeira vez as missões dos Bororos. Partimos de caminhão levando 4 mil quilos de mercadorias para Sangradouro e Meruri.

> No alto da serra, visitamos ligeiramente o Instituto "Gustavo Dutra"; à noite pernoitamos ao relento. O luar era esplêndido, mas no dia seguinte [...] sem voz! Dia 8 de manhã chegamos à fazenda "João Ribeiro" e descarregado o caminhão seguimos para Poxoréu. Passamos lá o dia 8 e 9. As irmãs têm um externato para alunos de ambos os sexos. Os salesianos somente trabalham na paróquia. Dia 10, voltando à fazenda "Júlio Ribeiro" seguimos de lá a cavalo; às 5 horas da tarde chegávamos felizmente em nosso colônia de Sangradouro. Clima ideal e água ótima e abundante para mover máquinas e oficinas. A escola tem 132 alunos; uns 50 alunos nossos e o restante das irmãs. Os bororos são poucos (pouco mais de 50); dos alunos somente um é bororo; três ou quatro alunas bororas entre as meninas. Nossa capela é muito pequena e insuficiente; os empregados são todos bem remunerados, mas o gado não está bem cuidado. Nos alunos e alunas a piedade é boa, boa disciplina e correspondência muito boa [...] Partimos a cavalo no dia 16 de maio em direção a Meruri. (BORRA, 1956, p. 5).

Na visita do ano seguinte, em 10 de junho de 1949, Pe. Guido constatou que a casa de Sangradouro continuava muito bem sua trajetória. Como escola estava animada com os 50 alunos internos. Mas a notícia marcante dessa visita foi que, no dia 15 de julho de 1949, iniciaram os trabalhos da construção da nova Igreja, com a presença e a bênção do Prelado, D. José Selva; sem dúvida essa foi uma notícia agradável para todos. De uma forma extraordinária se iniciavam os preparativos para a festa de comemoração do cinquentenário dessa missão.

Em 21 de julho de 1950, Pe. Guido realizou nova visita anual e deixou registrado que a casa ia muito bem e que eram 55 os alunos internos e seis os externos. Afirmou que havia muitos pedidos para o internato para o ano de 1951. Mas a notícia mais entusiasmante para ele foi constatar que a construção da nova Igreja estava já com as paredes prontas para receber o telhado. Assim conviveu com essa comunidade sempre alegre e animada. Ao retornar em novembro, participou da festa de encerramento do ano letivo; deixou seu pensamento registrado ao afirmar que, no ano próximo, 1951, a igreja seria inaugurada e que seria necessário construir o novo colégio o quanto antes. Em junho de 1951, permaneceu em visita por sete dias. Constatou que a igreja estava em fase de acabamento. Seu entusiasmo era grande ao afirmar que seriam construídos novos aposentos para os salesianos e novo dormitório para os 55 internos; quem substituía o Pe. Diretor em visita aos parentes na Itália era o Pe. Sílvio Sartori.

No ano de 1952, ocorreu a inauguração da Igreja de Sangradouro, assim foi relatado pelo Pe. Inspetor:

> Inauguração e bênção da Igreja de S. José de Sangradouro – No dia 19 de março de 1952, festa de S. José, a Colônia de Sangradouro fez

> uma grande festa (estando presentes numerosos colonos e fiéis da redondeza) na inauguração e bênção pelo Exmo. Sr. Prelado, D. José Selva da elegante e artística Igreja de S. José, sob a planta e desenho do arquiteto salesiano Sr. Júlio Vallotti. Os trabalhos foram iniciados em 15 de julho de 1949, quase três anos de sacrifícios e suores. De Cuiabá foi representar os demais o Pe. Sílvio Sartori; de Meruri foi a banda dos Bororos para alegrar a festa. Os parabéns ao Exmo. Sr. Prelado e ao Pe. Luis Lorenzi, o diretor da casa! – E na visita do ano seguinte: em 6 de junho de 1953 – afirmou: A colônia se está renovando por completo; depois da Igreja S. José, bela e grande, se iniciou a construção da varanda que fecha o novo pátio. Foi renovado o antigo dormitório em posição longitudinal, destruindo o antigo inadaptado e imprestável. Agora se está construindo o novo e grande dormitório atrás da Igreja, com a fachada do novo colégio e a parte reservada aos escritórios da diretoria e aposentos dos salesianos. Os internos são 68, sendo 10 os externos. As culturas são ótimas. Deve chegar em julho um trator 34 HP Ford doado pelo Ministério da Agricultura para incentivar o cultivo do trigo. (BORRA, 1956, p. 50 e 62).

Sobre a construção da Igreja de Sangradouro, Pe. César Albisetti testemunhou algumas coisas muito interessantes que merecem permanecer na história. Ele afirma:

> A planta foi elaborada pelo Arquiteto Júlio Valotti, salesiano. A perfeita composição do telhado é do Me. Francisco Bondioni, e os bancos, cômodos e bonitos, do Me. Roberto Pollice, feitos todos com a madeira tirada de um único tronco de um velho jatobá de nossas matas. (ALBISETTI, 1979, p. 47).

A visita do Pe. Inspetor no ano de 1954 foi marcada pelas simples surpresas da novidade dos alunos sempre presentes e das tentativas de se cultivar o trigo e um pouco de lavoura de café. Mas a notícia maior foi que, nesse ano, provenientes das aldeias do Rio S. Lourenço, chegaram para Sangradouro uns 30 novos indígenas bororos. Deixou registrado que a construção dos novos dormitórios e dos aposentos dos salesianos estava em fase de acabamento. Tudo se coroou de glória para o entusiasmo do Pe. Inspetor, quando, em sua visita do ano seguinte, em 28 de maio de 1955, constatou o bom andamento das lavouras do trigo e das tentativas do cultivo de café. Mas sua alegria maior foi diante do número de alunos internos desse ano; os internos chegaram a 75 alunos e os externos 15. Os novos ambientes, salas de aula, dormitório e alojamentos para os salesianos, tornaram muito a vida de todos mais agradável.

No dia 10 de abril de 1956, Pe. Guido esteve em Sangradouro. O novo diretor, Pe. Mário Pansiera estava muito animado e, com a estatística dos alunos, o Pe. Guido ficou muito satisfeito: 82 alunos internos e 15 externos;

e as alunas internas eram 54, e 12 as externas. Número máximo de alunos até essa data; e o Pe. Inspetor deixou suas impressões registradas ao acrescentar que o novo dormitório teria capacidade para 90 internos. Deixou tudo marcado para que no domingo, dia 8 de julho de 1956, ocorresse a festa de comemoração do 50º de Sangradouro, com festas especiais e a presença de um bom número de irmãos de outras casas.

Havia muito que comemorar nesse cinquentenário tanto de Sangradouro como de Meruri. Decidiram realizar a festa das duas casas, embora Meruri tivesse surgido de um tempo então recente, antes era a colônia do Sagrado Coração dos Tachos, desde 1902. Somente bem mais tarde, em 1927, que surgiu a colônia de Meruri com a transferência da casa dos Tachos para esse novo lugar, não muito distante dos Tachos. Mas a festa cumpria com a mesma finalidade: celebrar os 50 anos da presença salesiana entre os bororos e entre os civilizados daquela região.

Em julho de 1956, dias antes da festa do cinquentenário de Sangradouro, Pe. Guido já estava presente e deixou registrada uma crônica e descrição dos festejos animados por tantos salesianos, por amigos e admiradores e pelos índios bororos:

> Cinquentenário da Missão de Sangradouro – Recorre neste ano o 50º da Colônia de Sangradouro, mas é festejado também o 50º de Meruri que propriamente deveria ser em 1952, mas naquele ano vários incidentes impediram pensar em festas. De Campo Grande, no dia 2 partiu o caminhão da Chácara S. Vicente levando os clérigos filósofos e representantes de várias casas, ao todo 22 duas pessoas; pernoitaram pelo caminho no primeiro e segundo dia, no terceiro dia da viagem, à meia-noite chegaram a Cuiabá. De lá, no dia seguinte, chegaram a Poxoréu onde pernoitaram e, finalmente, dia 6 chegaram a Sangradouro. Outro caminhão de Cuiabá levou o pessoal de lá, ao todo uns 14; fizeram a viagem de Cuiabá a Sangradouro em um só dia. Sábado chegou a Sangradouro o caminhão de Meruri com a banda dos Bororos. Domingo dia 8 de julho de 1956, foi a grande festa, estando presente o Exmo. Sr. Bispo-Auxiliar D. Camilo Faresin representando D. José Selva, que estava muito doente e impossibilitado de mover-se. O Revmo. Sr. Pe. Inspetor, os diretores de Cuiabá, de Guiratinga, de Poxoréu, de Meruri, sendo ao todo 50 salesianos: acontecimento inédito na história das Missões Salesianas. Entre os missionários mais antigos, estavam o Pe. César Albisetti, Pe. Antônio Colbachini, Pe. João Crema e o coadjutor Secondo Busso.
>
> Houve missa pontifical cantada pelos dois coros de alunos e das alunas. Após o Pontifical falou o Exmo. Sr. D. Camilo Faresin, benzeu-se a pedra do futuro edifício e foi inaugurado o novo prédio dos salesianos (o prédio de dois andares) e o dormitório grande dos meninos. Foi também inaugurado o novo armazém das colheitas que nesses dias serviu "às mil maravilhas" como refeitório dos salesianos. À tarde, após as

> Vésperas, foi bento solenemente o cemitério preparado com um monumento-lembrança ao Anjo da Guarda. À noite houve grande academia com discursos, poesias, números de arte, teatro e fala em bororo (Pe. César) e em português (Pe. Colbacchini).
> Tudo saiu esplendidamente favorecido por um tempo ideal, deixando em todos gratíssimas impressões, os alunos do cinquentenário não esqueceriam essa data histórica. Deo Gratias! Dia 9, quinta feira, todo o pessoal se dirigiu para Meruri, onde se celebrou o cinquentenário na terça, dia 10 de julho de 1956. Rezou a missa das comunidades o Revmo. Sr. D. Faresin. A missa campal (no lugar da futura igreja) foi rezada pelo Pe. Inspetor. Logo após, houve a bênção da primeira pedra da Igreja com a inauguração dos dois grandes braços do novo Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, muito bem construído e com material de primeira, muito bem acabado. À tarde, os caminhões levaram o pessoal para os Tachos, onde foi inaugurado o grande cruzeiro de 8 metros de altura com lápide brônzea na base. Falou em bororo (depois em português) o Pe. Colbacchini historiando a primeira Missão entre os bororos iniciada nos Tachos. Estava presente um bom número de bororos, entre os quais alguns se lembraram quando pequenos de poucos anos, dos ataques que os guerreiros queriam dar aos missionários em 1902. À noite houve grande academia (ao ar livre) como em Sangradouro com discursos e variados números de música, poesia e arte. Os clérigos filósofos, além das funções religiosas, deram valioso auxílio no canto e no teatro. As festas cinquentenárias de Sangradouro e Meruri suscitaram em todos ótimas impressões pelas magníficas realizações dos nossos missionários. Todas as manifestações foram fixadas no filme preto e branco e colorido que o Pe. Ângelo Venturelli apresentou nos momentos mais significativos. (BORRA, 1956, p. 96-97).

Com esses momentos grandiosos, Pe. Guido manifestou-se contente pelo desenvolvimento do trabalho dos salesianos nas missões. Nesse mesmo ano, três meses depois passou pelas missões e encontrou ainda os ecos da grande festa ressoando pelos ânimos dos salesianos, alunos, indígenas e irmãs. Um fato do qual ele se lembraria sempre como verdadeiro e constitutivo da identidade da inspetoria.

Pe. Guido procurou solucionar todos os problemas existentes entre as casas salesianas e a Prelazia. Já solucionara a questão das propriedades em Araguaiana e em Alto Araguaia. Na reunião do conselho inspetorial de 14 de junho de 1958, portanto poucos meses antes de se despedir do trabalho na Inspetoria, resolveu uma pendência quanto a 100 cabeças de gado que pertenciam à Prelazia e que estavam nos pastos da casa de Sangradouro. Dessa forma, deixava tudo reconstituído e bem organizado também juridicamente para poder encerrar seu governo com o mesmo ânimo de liberdade e de dedicação indicados e que sempre pautaram o seu trabalho nas casas da inspetoria. Sem dúvida que conseguira como nunca concretizar o seu projeto

de organizar e instaurar, em todas as casas, um projeto de escola para internos que atendesse às necessidades locais e que fosse um campo grandioso de trabalho educativo e apostólico para os salesianos. Dessa forma, atuou para solidificar e promover o bem da igreja em todas as regiões onde havia uma casa ou paróquia salesiana. Foi sempre coerente com o ser profundo imitador de S. João Bosco no trabalho pelos jovens. E assim ocorreu em Sangradouro e em Meruri.

2.9.6 Três Lagoas e Dourados

Para completar a exposição da história das casas no governo do Pe. Guido Borra, ainda faltariam as casas de Três Lagoas, de Dourados, de Nova Xavantina e de Santa Teresinha. A história dessas duas últimas será exposta no capítulo seguinte. Neste Capítulo, apresentam-se algumas afirmações sobre a presença salesiana em Três Lagoas e depois em Dourados.

A presença salesiana em Três Lagoas perdurou por muitos anos na forma inicial; desde os primeiros anos do início do século, os salesianos estiveram presentes nesse povoado antigo para o atendimento pastoral somente. Esse trabalho, como em outros lugares continuou sempre a pedido do Sr. Bispo de Corumbá. Os salesianos assumiram a única paróquia; devido às casas que foram surgindo no Oeste Paulista, no tempo do Pe. Carletti, essa casa se tornara uma referência para as viagens de trem. Para se chegar até as duas casas de Goiás, era necessário viajar por três ferrovias, pela NOB, Paulista e Mogiana. Por outro lado, a casa de Três Lagoas quando chegou o Pe. Guido não mais era a parada obrigatória, pois uma viagem de Campo Grande a Lins já podia ser realizada direto, sem parada para continuar no outro dia como era feita nas décadas anteriores.

No dia 24 de março de 1947, Pe. Guido iniciou sua primeira visita a essa casa; ele simplesmente revelou seu desejo de fechar essa casa porque, segundo o seu entendimento, não era lugar favorável para o desenvolvimento do trabalho salesiano. Principalmente ele estava se referindo à matriz de uma casa salesiana, pela qual buscou batalhar em todo o tempo de seu governo para esta que fosse implantada em todas as presenças. Para ele o modelo de presença que estaria apto para o atendimento dos jovens seria a matriz do colégio-internato. De uma forma ou de outra, sem exclusividade, antevia outras modalidades de trabalho salesiano como o Oratório festivo e até apoiava com determinação a abertura de Faculdades para a formação e atuação pedagógica salesiana. Havia a notícia, segundo o Pe. Guido, de que os Franciscanos assumiriam o trabalho paroquial da cidade.

No início de novembro de 1948, ao visitar a casa, teve palavras de elogios e constatou que o trabalho do pároco era muito bom, e o povo estava

satisfeito com ele. Na visita do ano seguinte, em 23 de abril de 1949, deixou registrado em suas crônicas:

> Passei em Três Lagoas os dias 23 e 24 de abril de 1949. Estava somente o Pe. João Tomes o qual cuida muito bem da paróquia (Talvez a melhor da diocese). A Igreja é bem freqüentada e também os sacramentos; as associações são animadas. Vários coroinhas entraram no Seminário e um foi para o nosso Aspirantado de Tupã. Pe. Pedro Heisel, que é o auxiliar do pároco, viajou para a Europa em visita aos parentes. (BORRA, 1956, p. 20).

Aos poucos, o Pe. Guido deixou de falar em encerrar as atividades dos salesianos nesta cidade de Três Lagoas. Na visita de 3 de maio de 1952, ele se entusiasmou com o trabalho dos salesianos e autorizou a aquisição de um bom terreno de 20x100 metros, onde segundo sua orientação logo estaria sendo construído um prédio para as obras paroquiais e sociais. Com essa atitude, encerrou-se a sua primeira impressão de que seria apropriado fechar essa presença. Ainda nesse ano, Pe. Guido em sua visita de final de ano à comunidade de Três Lagoas, no dia 21 de outubro de 1952, deixou registrado em sua crônica:

> De 21 a 23 de outubro de 1952 estive em Três Lagoas. Na paróquia a vida costumeira sendo sempre bem atendidos os fiéis. Está-se construindo a nova residência salesiana, pois a antiga já não era mais decente. Se tivermos os meios, poderá surgir na nossa quadra um Patronato para os meninos pobres. Na quadra da Capela do Bom Jesus da Lapa (distante só uns 100m ou pouco mais) autorizei a compra de toda aquela quadra (80X80 metros), por oito contos pagáveis em prestações suaves durante dois anos ou três. (BORRA, 1956, p. 54b).

No início de 1953, Pe. Guido relembra que fora autorizada a construção da nova residência para os salesianos, em dois andares, pois a antiga não tinha mais condições de ser habitada. Pe. Tomes estava empenhado em terminar essa construção logo. Dois meses depois passou por Três Lagoas para verificar o término da construção da residência. Viu que seria questão de pouco tempo, e tudo estaria terminado.

Pe. Guido viu a nova residência pronta e habitada pelos salesianos. Mas não somente isso, a expansão das atividades levaram os salesianos a ativar o que o Pe. Guido falara de Patronato para a construção e funcionamento de uma escola na quadra da Capela do Bom Jesus. Assim surgiu em 1956 a escola denominada Ginásio Bom Jesus. Esse foi um passo muito importante para a continuação das atividades salesianas na cidade, tanto pastorais na paróquia como as pedagógicas nesse Ginásio. Assim foi a postura do Pe. Guido para com a presença salesiana em Três Lagoas durante o seu tempo de governo de 1947 até junho de 1958.

Com relação à presença dos salesianos em Dourados, o marco inicial foi assinalado por um convite do bispo de Corumbá, D. Orlando Chaves, para que o Pe. Guido realizasse uma visita até aquela cidade para considerar a possibilidade de atender ao desejo do Sr. Prefeito da cidade e ao do Sr. Bispo, que estava preocupado com o crescimento populacional da região e da cidade sem a devida assistência religiosa e pastoral. Por outro lado, o Sr. Prefeito desejaria que os salesianos abrissem um colégio na cidade. Pe. Guido não tomou nenhuma posição, pois deveria consultar antes os Superiores de Turim. Diante dessas solicitações, ele afirmou que aguardaria a resposta de Turim para tomar alguma iniciativa. No final de novembro de 1951, na 32ª sessão do conselho inspetorial, ficou registrado que os Superiores de Turim aprovavam a nova fundação, mas queriam a descrição do local e, bem claras, as finalidades; por outro lado, desejavam também saber o processo de pagamento e como seria realizada essa quitação. Tantas iniciativas de construções em diversas casas da inspetoria levou o Pe. Guido a protelar um pouco a realização dessa aquisição. Mas o Pe. Guido teve a oportunidade de verificar que o fluxo de imigrantes para a região era grande, o que traria uma perspectiva nova para a região e para a cidade.

Depois de alguns anos, precisamente em junho de 1956, fechava-se uma compra de terra na vila denominada de "Serraria" como embrião de uma atividade dos salesianos em meio aos imigrantes daquele lugar. Ficava um pouco distante da cidade de Dourados, mas próximo desse povoadozinho, a vila hoje denominada de "Indápolis":

> Colônia Federal de Dourados, - assim era denominada a região –, Julgou-se conveniente comprar um lote de 30 hectares na Colônia Federal de Dourados com casa de família, plantações e criações. As práticas demoraram umas semanas; a escritura foi assinada no dia 06 de junho de 1956 realizando o pagamento de Cr$ 350.000,00. No dia 16 de maio foi a Dourados o Pe. Inspetor acompanhado pelo Pe. Ângelo Venturelli e pelo Pe. André Capelli, este foi incumbido de cuidar da nova aquisição recolhendo as colheitas (arroz, milho...) e dando os passos do caso. Cogita-se de construir em Dourados mais tarde uma Escola Agrícola, sede de um Aspirantado. (BORRA, 1956, p. 94b).

Esse foi o passo inicial para que os salesianos se instalassem nessa região. Pe. André Capelli assumiria o encargo de cuidar de tudo e da fundação da Escola Agrícola. Tudo isso ele sabia realizar com competência. No final do mês de junho, Pe. Guido retornou ao local da nova casa, onde o Pe. André já iniciara a trabalhar com vontade. A insistência do Sr. Bispo, D. Orlando, para que os salesianos assumissem uma paróquia na cidade era muito veemente, mas Pe. Guido seguiu as orientações dos salesianos já inseridos no local adquirido e vizinhos do povoado da Serraria; iriam cuidar do atendimento pastoral daqueles que ali se encontravam.

Nos anos seguintes, houve adaptação da antiga casa para a instauração de uma escola para internos. Tornou-se a concretização do plano do Pe. Guido. Pe. André atendia pastoralmente aos domingos o povoado e uma comunidade já em 1958, acolhia os internos e externos para as aulas e para os trabalhos complementares na lavoura; tratava-se de uma complementação direta como escola agrícola. Dessa incipiente escola, vários alunos seguiram para o Aspirantado de Coxipó da Ponte em Cuiabá. O ideal projetado pelo Pe. Guido Borra encontrou a plena realização com empenho de muitos salesianos dedicados que trabalharam naquela comunidade. Os alojamentos primeiros obedeciam ao costume do lugar; todas as moradias, com rara exceção eram construídas de madeira, pois esse era o material mais abundante e mais fácil de se adquirir na região toda. Mesmo na vila, quase a unanimidade, todas as casas eram de madeira. Assim surgiu essa gloriosa nova casa da Inspetoria.

A visão completa dos trabalhos de construções, reformas e ampliações realizadas no governo do Pe. Guido necessita de uma união dos dois capítulos, do capítulo XVIII e XIX, pois o anterior tratou das grandes construções e planos para as casas de formação, em especial em Campo Grande – a reforma do noviciado e o prédio do Instituto Pedagógico S. Vicente inaugurado em 1951, na Chácara S. Vicente! Não se pode esquecer da reforma dos prédios antigos do Coxipó para abrigar o novo Aspirantado; nessa casa, ainda durante o governo do Pe. Guido, foi iniciado o novo prédio bem mais amplo para abrigar os mais de cem aspirantes. Esse prédio foi concluído depois, mas projetado e iniciado nesse período de governo do Pe. Guido.

Por fim não se pode deixar de lado a ampliação do prédio de Tupã para que ali funcionasse, desde 1958, um Aspirantado segundo a visão dos Superiores, em particular do Visitador Extraordinário Pe. Bellido, que exigia um ambiente completamente à parte em relação aos alunos externos, inclusive às aulas. Com essa inclusão pode-se então ver os grandes passos concretizados para o desenvolvimento de todas as casas da Inspetoria. Essa foi a grande conquista do Pe. Guido nesse particular, vale dizer, quanto à melhoria das instalações e construções mais apropriadas para a atividade educativa nas casas. No final do capítulo seguinte serão ainda apresentados outros traços muito significativos atingidos pela inspetoria nesse período.

Anexo I – DESASTRES COM O PE. GUIDO BORRA

Em suas viagens para visitar as diversas casas, Pe. Guido utilizou de diversos meios de transporte, desde as viagens a cavalo, viagens de caminhão, de trem de ferro, de avião e também de barco quando tinha percorrer distâncias entre as casas ribeirinhas aos rios. Essa variedade de meios proporcionava a comodidade e a rapidez quando a viagem era de avião e o peso da demora quando a viagem foi a cavalo, por exemplo. Dentro desse vasto período de mais de dez anos viajando constantemente, houve três episódios meio trágicos em que o Pe. Guido poderia ter perdido a vida, mas, por graça de Deus, não perdeu e continuou sua vida até mais de 80 anos.

1 Desastre aéreo na viagem de Meruri para Sangradouro no dia 16 de agosto de 1948

A expansão da aviação beneficiou também as nossas missões. Abriram-se campos de pouso, e aviões do Correio Aéreo Nacional (CAN), instituído pelo Brigadeiro Eduardo Gomes, passaram a servir, quinzenalmente, nossas missões. Na região havia também o serviço de táxi aéreo em aviões particulares.

Em agosto de 1948, Pe. Guido em sua costumeira visita às obras da Inspetoria, com a Madre Inspetora Me. Marta, achava-se em Meruri à espera de seguir para Sangradouro, mas o avião contratado somente chegou muito tarde. Segundo a crônica do Pe. Guido:

> Devíamos partir de Meruri no dia 16, aniversário do nascimento de D. Bosco. Vem o meio dia e nada de avião. Bateram 3 horas e 4... e 5... Já não pensava mais em viajar naquele dia. Eis,porém que às 17,00 horas e dez minutos, ronca no ar um motor, e poucos instantes após desliza no solo o nosso piloto, Sr. Elias De Gasperi, paulista, filhos de italianos da província de Trento. Convidei o piloto para jantar conosco e passar a noite em Meruri, a fim de partir no dia seguinte, visto que estava para desaparecer a luz do dia. Ele, porém, recusou dizendo ter vindo de Sangradouro, onde havia dito que esperassem no campo naquela mesma tarde, que a viagem duraria somente 40 minutos, que já conhecia o campo, etc. Pelo escrúpulo de respeitar a vontade alheia, não insisti. Corremos ao campo e elevamo-nos ao espaço, às 17,40 horas....
> Até às 18,00 horas, a rota se manteve segura e firme. Passamos perto de PAREDÃOZINHO e do PAREDÃO GRANDE, grandes morros com os flancos a pique, de onde indiquei ao piloto que a estrada para Sangradouro, aliás a linha telegráfica, corria dali "em marcha para o oeste", à nossa esquerda. Não deu resposta, mas não atendeu também; tinha lá quem sabe suas razões e seus conhecimentos... Tive a sensação de que nos

> afastávamos da nossa direção, declinando para o norte. Depois de poucos minutos estávamos já completamente fora de todo sinal de civilização, em plena mata virgem, sem um ponto de referência sequer. Por quase meia hora continuou, a toda velocidade, nossa "viagem para o abismo", afastando-nos do mundo, cada vez mais. O pequenino ângulo divergente era já uma extensão de quase 50 quilômetros a noroeste de Sangradouro. O piloto perscrutava, com crescente ansiedade, à direita e à esquerda. Eu fazia o mesmo. Estávamos completamente desorientados. Improvisamente, sem dizer nada, tendo visto uma várzea marginando espessa mataria, deu uma volta e desceu... Nós, o piloto e eu, nos assentos da frente usávamos devidamente o cinto de segurança; a Madre ao contrário, não tendo previsto aquela manobra, não tomou providências a tempo. Na realidade, soube depois, que havia apenas um pedaço de cinto imprestável para uso. O avião correu e deslizou uns vinte metros no capinzal da altura de um metro naquele sítio, depois, tendo encontrado terreno mole, quase pantanoso, capotou. Ouviu-se um grito e uma invocação. Na queda para a frente, a Madre deve ter batido no leme causando-lhe a quebra dos óculos, ferindo-se. Percebia-se correr sangue. Abertas as portinholas, conseguimos libertar-nos dos cinturões que nos tinham conservado, por uns instantes amarrados ao teto; transportamos para fora a Madre para os primeiros curativos. A única coisa que eu tinha era um pouco de álcool... Mas quanto sangue, e não havia meio de estancá-lo... com o pó de alguns comprimidos o sangue estancou..., Não conseguimos colocar o avião em posição normal... tivemos que passar ali a noite... como foi longa aquela noite!...

Pe. Corazza apresenta outra versão ao afirmar que o Pe. Guido forçara o piloto a viajar... então segue o relato do Pe. Guido que narra o tempo longo da noite fatídica sem poder dormir apinhado dentro do avião...

Na manhã seguinte, o piloto examina o lugar: nem frutas silvestres para matar a fome, enganada por uns poucos caramelos que a madre levava consigo. Enquanto o piloto tenta descobrir uma saída, Pe. Guido vai em busca de água. Ao atravessar um brejo, atola até o joelho e, na lama, fica um dos seus sapatos, que não consegue retirar, o capim navalha abundante no lugar, provoca um corte profundo no polegar. Por fim consegue retornar ao ponto de partida, mas os copos estão vazios e o tormento da sede continua. Retorna o piloto sem novidades. Mais uma noite nessa solidão. Para afugentar os animais e se aquecer acendem o fogo. Começa a soprar o vento, empurrando as chamas na direção do aparelho: é forçoso apagá-las. No dia seguinte, quarta-feira, recomendam-se a S. José. O piloto, recebida a ração dos caramelos, parte decidido a encontrar uma saída. Me. Marta acusa fortes dores no olho direito, onde dezenas de larvas se desenvolvem em pequenos vermes roedores, o que felizmente, evita o tétano. O piloto anda o dia inteiro. À tardinha depara com a linha telegráfica: é a salvação. Mas qual a direção

certa? Decide-se pela direita. Finalmente encontra um caboclo, que o corrige: a direção é a oposta. Refocila-se e continua a caminhada. Na fazenda das Malas, consegue um cavalo e, à noite, chega a Sangradouro, acolhido com uma explosão de alegria. Organiza-se uma expedição de socorro. Na manhã seguinte, um avião sobrevoa o lugar do desastre, deixando cair frutas, remédios e um bilhete, avisando a próxima chegada de socorros. Pouco depois, chega um grupo de salesianos com alguns camaradas. No dia seguinte, chegam algumas irmãs trazendo remédios. Abre-se na clareira uma pista para outro avião. Este, ao levantar vôo com a madre, bate num galho e rodopia. É forçoso marchar a pé. Montam a madre em um cavalo e partem, chegando à noite em Sangradouro. Médicos vindos de Cuiabá iniciam o tratamento, mas para evitar o perigo na vista, é levada para Cuiabá. Assim terminou essa epopeia que manteve em suspense as duas inspetorias, a dos salesianos e a das Filhas de Maria Auxiliadora.

Pe. Guido deixou algumas conclusões em sua narrativa: a prudência é sempre válida! A proteção de Deus está sempre presente. Manifestou seu agradecimento aos médicos e ao governador do Estado, ao Diretor dos Correios e a todos que se empenharam para os resgatar com vida. Expressou seu agradecimento a todos que pediram a Deus por eles e que devem ter conseguido esse verdadeiro milagre: todos estão bem agora depois desse grande desastre[10].

2 Outros dois acontecimentos perigosos nas viagens do Pe. Guido

No dia 2 de junho de 1952, Pe. Guido, de avião chegava a Meruri para a visita ordinária. Já no final da visita, no dia 3 de junho, após ter visitado a olaria quase pronta para funcionar, ao passar por uma porteira teve um acidente, em que fraturou o fêmur direito. Julgando tratar-se de uma simples distorção, não ligou. Aumentando, porém, as dores, submeteu-se a exames em Aragarças, onde opinaram tratar-se de reumatismo. O tratamento para reumatismo provocou dores maiores. Foi a Cuiabá, e uma radiografia revelou a verdadeira causa: fratura no colo do fêmur. Depois de ver o Congresso Eucarístico de 12 a 15, finalmente no domingo dia 15, seguiu para S. Paulo. Lá teve que optar e escolheu a cirurgia. Foi operado no Sanatório Santa Catarina. No dia 22 de julho foi liberado após longa permanência no hospital e cuidados dos estudantes de teologia. Estando em condições de participar, em Turim, do Capítulo Geral da Congregação, compareceu de muletas e despertando muita curiosidade e boatos. Nesse Capítulo, foi eleito como Reitor-Mor o Pe. Renato Ziggiotti, que mais tarde visitaria todas as casas da Inspetoria (BORRA, 1956, p. 53-54).

[10] Relato do Pe. Guido Borra (1956, p. 5-14) e Corazza (1995, p. 140-142).

Por fim o último incidente nas viagens do Pe. Guido Borra, assim relatado pelo Pe. José Corazza (1995, p. 142):

> Antes de deixar a Inspetoria, nova aventura nas águas do rio das Mortes. Viajando para Santa Teresinha, ia no mesmo barco um estudante, desejoso de caçar. Ao avistar na margem uma anta, faz pontaria par atirar, mas um movimento brusco desequilibra o barco e o superior cai na água e se afunda, pois não sabia nadar. Voltando à tona, ainda com o chapéu na cabeça, é agarrado e arrastado até à praia, são e salvo." Este foi o último incidente antes de ir para a Europa, em Turim onde em 1958 foi eleito para pertencer ao Capítulo Superior da Congregação. Lá permaneceu até o fim de sua vida quando faleceu aos 82 anos de idade.

Em um artigo para o Boletim Salesiano, Pe. Guido descreveu alguns momentos desse último desastre:

> Tudo ocorreu em abril quando, depois da Páscoa, cheguei a Aragarças e não havia nenhum meio de me dirigir para Xavantina; da Barra a Xavantina são 200 km; entre uma tentativa e outra, gastei dois dias para chegar até Xavantina. Lá esperava que a Fundação Brasil Central pudesse dispor de avião para me levar até Santa Teresinha; a nossa embarcação, não tendo recebido nenhum aviso estava na missão.
> Então arrisquei ir para a missão em uma canoa menor, com motor, com mais três passageiros. Entre os passageiros havia um estudante estrangeiro; sabendo que iria para a missão quis ir também até lá. Mas, em um dado momento da viagem, o estudante quis ver de perto um cerbiato e, numa manobra indevida, diante de ondas sucessivas, o barco virou e toda a carga caiu no rio, inclusive a minha pasta de documentos e os galões de gasolina. Depois de me ter afundado e permanecido com água até o pescoço, agarrei na proa do barco e assim chegamos até a praia. Depois houve o trabalho de recolher os objetos perdidos. Tive a sorte de encontrar boiando a minha bolsa de documentos ao lado dos galões de combustível [...] Também foi de grande auxílio o morador ribeirinho que, vendo o desastre, veio de canoa nos socorrer [...] Depois de algum tempo retomou-se a viagem e, ao chegar à missão todo ainda meio decomposto pelo susto, todos intuíram o quase desastre na viagem. Na manhã do dia seguinte, a Santa Missa foi um verdadeiro hino de ação de graças por ninguém ter perecido nesse desastre. (BORRA, 1958).



Pe. Ângelo Jayme Venturelli



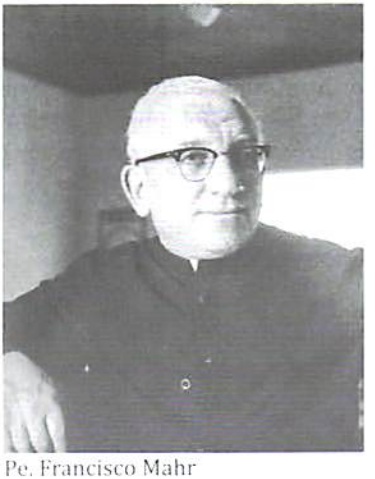
Pe. Féliz Zavattaro



Pe. João Crippa



Pe. Ricardo Remetter



Pe. Francisco Mahr



Pe. Francisco Czapla

Capítulo III

A vida nas missões e a chegada dos xavantes em Sangradouro e Meruri – alguns dados do governo do Pe. Guido Borra

Ao final de mais de dez anos de governo da Inspetoria, Pe. Guido poderia olhar para o conjunto de casas novas e dos grandes empreendimentos para melhorar todas as casas e contemplar o dinamismo das obras, em especial todos os colégios para internos e externos como expressões de um conjunto de iniciativas e do trabalho grandioso de tantos e tantos salesianos. A inspetoria crescera em proporções extraordinárias, apesar de ter passado as duas casas de Goiás para a inspetoria de Minas Gerais. Talvez Pe. Carletti pudesse estar bem satisfeito ao ver suas iniciativas atingirem pontos altos e objetivos grandiosos no atendimento aos jovens e às populações da região. Os salesianos deram grande suporte para a construção das paróquias e do trabalho pastoral para as dioceses. Um trabalho pastoral especializado, pois chegou até ao cuidado e atendimento dos dois seminários diocesanos, de Campo Grande e de Cuiabá.

Ao final desse período, também iria ocorrer a realização de outro sonho missionário que custara sangue e ainda não havia sido possível iniciar: o contato com os xavantes. Depois de vários salesianos tentarem esse contato, sem o resultado esperado – Pe. Fuchs e Sacilotti, Pe. Hipolito Chovelon e depois Pe. Colbacchini e Pe. Pedro Sbardellotto –, a chegada dos xavantes, nas colônias de Santa Teresinha, por primeiro, e, depois, em Sangradouro e em Meruri, no final de 1957 e início de 1958, coroou um grande desejo dos missionários que ainda estava em estado de expectativa. Assim esse tempo decretou o reinício de uma nova jornada missionária em todos os setores da Inspetoria.

Existe outro setor da inspetoria que foi objeto de grande cuidado e investimento por parte do Pe. Guido: o aprimoramento das casas de formação dos futuros salesianos. Surgiram dois aspirantados bem organizados: Coxipó e Tupã. Além de duas outras casas que se tornaram quase pré-aspirantados. Nesse sentido, duas escolas agrícolas mantinham os internatos também com a finalidade vocacional: Dourados e Escola S. Vicente em Campo Grande. As casas de formação criaram uma visibilidade de competência ao cuidar das vocações autóctones e dos formandos em geral.

Por fim a inspetoria caminhava administrativamente bem, sem grandes dívidas ou ônus para o futuro. Somente se preocupou o Pe. Guido, em achar a modalidade de se encaminhar o processo de pagamento do que cus-

tara a construção do prédio maior de Araçatuba. Pe. Constantino De Monte, como ecônomo inspetorial, soube conduzir muito bem a construção do grande prédio da rua 14, em Campo Grande. Assim, com equilíbrio e muito trabalho, a inspetoria caminhava para um tempo de maior atividade ainda.

Novas casas estavam em estado embrionário e progrediriam nos anos seguintes, como a missão de Santa Teresinha, a casa em Nova Xavantina e a nova presença em Barra do Garças.

3.1 A fundação de Nova Xavantina e a missão de Santa Terezinha

Sempre o Pe. Antônio Colbacchini esteve muito atento e em conexão com os militares da Fundação Brasil Central. Essa fundação era um órgão do governo para atuar nos possíveis passos entre a presença dos indígenas e dos civilizados. Uma presença governamental para manter a paz e proporcionar o desenvolvimento da região. Os objetivos seriam a exploração possível das margens do Rio das Mortes, tentativas de encontros com a tribo dos xavantes e estar ao lado de expedições patrocinadas pela governo para explorar o território dos xavantes e arredores do Rio Xingu. Nessa área, além dos xavantes, existiam várias outras etnias indígenas ainda não contactadas pelos militares ou pelos missionários. Os garimpeiros e os antropólogos iniciavam a perscrutar esse imenso território. Sob o patrocínio do governo, estava surgindo o território como área preservada para os índios ao redor dos Rios Xingu e Culuene. Pe. Colbacchini esteve sempre a par dessas iniciativas e foi designado para ser o capelão da Fundação Brasil Central. Desde 1948, Pe. Guido, em contato com os dirigentes da Fundação Brasil Central, tinha como estratégica uma casa, uma presença em Nova Xavantina para o futuro contato com os xavantes; essa posição foi registrada no conselho na reunião de 3/07/1948.

Um ano depois, precisamente na reunião do Conselho Inspetorial de 21 de novembro de 1949, Pe. Guido anunciava a fundação de mais essa presença:

> Autorizado pelos Superiores Maiores, o Revmo. Pe. Inspetor enviou há dias o Pe. Antônio Colbacchini para tratar dessa nova fundação missionária. Com o apoio de S. Excia. D. Massa, o padre foi bem recebido pelo Gal. João Borges Fortes, atual chefe da Fundação Brasil Central. Este apóia e aplaude a nossa obra, oferece provisoriamente uma casa de residência, dará o terreno necessário para os salesianos e para as Irmãs, com o transporte do material e do pessoal pelos Douglas da Fundação, inclusive para as visitas às outras missões. Fica, pois estabelecido que irão juntar-se ao Pe. Colbacchini, já em caminho para a nossa obra, mais um padre e um coadjutor, em janeiro ou em fevereiro de 1950, como pessoal inicial da missão.[1]

[1] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso – 1940-1955, p. 72.

Na reunião do Conselho Inspetorial de 3 de março de 1950, a 21ª reunião, ficou registrado que, em fevereiro desse ano de 1950, para estar ao lado do Pe. Colbacchini, foi o Coadjutor Sr. Francisco Fernandes para que, com a sua presença, se pudesse iniciar as aulas para os filhos dos funcionários da Fundação na espera da ocasião de se abrir uma nova colônia.

Mais tarde, em seu livro de crônicas Pe. Guido Borra (1956, p. 30) deixou registrado:

> No sábado, 3 de junho de 1950, passando por Poxoréu, cheguei numa hora e 45 minutos a Aragarças, hospedando-me no hotel local por convite do coronel Severo Barbosa. No dia seguinte em um avião da Fundação Brasil Central, cheguei numa hora a Xavantina no Rio das Mortes, onde trabalham desde o começo do ano o Pe. Antônio Colbacchini e o Mestre Francisco Fernandes. Têm aula diurna (manhã e tarde) para os filhos e filhas dos empregados, e no noturno de alfabetização: a primeira conta uns 15 a 20 alunos; a segunda de 35 a 40 alunos todos adultos. Este é o trampolim para chegar um dia mais adiante ao contacto direto com os xavantes. Por ora a Providência nos oferece só este campo, mas o futuro dirá melhor. Foi prometido um padre a mais quanto antes para essa comunidade.

Dessa forma são deduzidas todas as finalidades da presença dos salesianos na base aérea de Nova Xavantina. A finalidade verdadeira seria o projeto de se poder entrar em contato com os xavantes. Em junho do ano seguinte, Pe. Guido visitou a pequena comunidade dos salesianos de Nova Xavantina; para ele era muito difícil não estar em lugar que não dependesse dos salesianos, mas continuamente a presença dos militares ou do pessoal da Fundação não seria boa para o futuro contacto com os índios xavantes.

Na reunião do Conselho Inspetorial de 26 de novembro de 1951, houve um questionamento da atual posição dos salesianos entre os militares, e organizou-se uma espécie de roteiro para que se iniciasse o processo de sair dali e fundar uma nova missão para acolher os índios xavantes, mas sem a presença dos militares. Assim ficou registrada a observação na ata de 26 de novembro de 1951:

> Em Xavantina atualmente se exerce a assistência ao pessoal da Fundação Brasil Central, com um observatório meteorológico de segunda classe, sem que possa esperar maior desenvolvimento da obra. Serve, porém, como base para uma ação entre os índios. Após a viagem do Pe. Colbacchini e depois de ouvido Pe. Chovelon, fica resolvido, em via de máxima, que convém estabelecer uma residência em Santa Teresinha com dois padres e um coadjutor, ficando em Xavantina um padre e um coadjutor e se providenciará a ligação mediante batelão com motor de popa. Antes, porém de se passar à residência, ainda fazer uma viagem de inspeção os dois padres atuais

da residência tendo presentes as observações colhidas, para depois se resolver.[2]

Uma vez decretado o roteiro, os salesianos aguardavam as consultas e as orientações para se partir para a fundação de Santa Teresinha. Na reunião do conselho inspetorial de dezembro de 1951, Pe. Guido acenou que ainda não se poderia decidir nada sobre Santa Teresinha, pois não havia se encontrado com o Pe. Pedro Sbardellotto depois que este havia se entrevistado com o Pe. Chovelon em Guiratinga. Seis meses após essa decisão, Pe. Guido foi a Nova Xavantina; em junho de 1952 Pe. Guido registrou a sua visita:

> No dia 1 de junho de 1952, visitei Xavantina no Rio das Mortes chegando lá com um avião da Fundação Brasil Central. Desde abril, a Fundação está trabalhando ativamente na estrada de penetração ao rio Xingu, tendo já feito 15 Km. A convite do Dr. Arquimedes Pereira Lima, presidente da Fundação, fui de jeep até o acampamento onde encontrei uns 20 xavantes, entre os quais dois ou três meninotes de 13/14 anos; aproximaram-se com muita familiaridade. Pe. Colbacchini que me acompanhava tirou umas fotografias. Era esse o dia de Pentecostes! Apesar de não ter o dom das línguas, todavia nos entendemos igualmente. Deo Gratias! Oxalá possamos estabelecer uma Missão definitiva entre os xavantes. Em Xavantina ficam este ano dois padres: Pe. Colbacchini e Pe. Pedro Sbardellotto. Os alunos externos diurnos são 45 (meninos de manhã e meninas à tarde) e 15 no curso noturno. Depois de lá, de avião fui para Meruri. (BORRA, 1956, p. 52).

Em junho do ano seguinte, Pe. Guido foi a Nova Xavantina no avião da FAB; chegou lá no dia 19 de junho de 1952 e permaneceu lá 4 dias. Constatou que os alunos diurnos eram 52, meninos e meninas, do noturno eram 30. Constatou que a estrada de rodagem que liga Barra do Garças a Nova Xavantina trouxe muito progresso, além desse meio há também viagens semanais por avião da FAB. Mas deixou algo interessante em sua crônica do que ocorrera no início desse ano de 1952, como se fosse uma indicação das bênçãos de Deus:

> Em 9 de março S. Domingos Sávio enviou a Xavantina o primeiro xavante interno (de 12 anos) chamado Butza a que foi acrescentado o de Domingos Sávio, ficou três semanas, muito dócil e afeiçoado. Os pais, pela saudade, vieram buscá-lo e ele foi a contragosto; que Deus nos abra o caminho para eles! A 14 de maio, festa da Ascensão do Senhor e de S. Maria D. Mazzarello um grupo de xavantes da aldeia mais terrível (a que sempre flecharam os aviões) se apresentaram em Araés aos nossos avisados pelos colonos; houve troca de arco e flechas e presentes e dois deles foram a Xavantina onde ficaram dois dias. Aproxima-

[2] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Santo Afonso – 1940-1955, p. 83.

se o dia dos Xavantes e a Providência nos favorece admiravelmente! (BORRA, 1956, p. 62b).

Finalmente, em dezembro de 1953, ficou decretada a nova residência em Santa Teresinha no Rio das Mortes. Assim descreveu o Pe. Guido:

> No dia 30 de novembro, o Pe. Inspetor com os demais partiram de Xavantina, via fluvial, com um barco a motor traseiro "Penta" às 10,30 horas. O rio cheio, o motor de 12HP e a descida deram uma agradável velocidade à nossa viagem (4 léguas por hora) que durou 7 horas certinhas de viagem efetiva para fazer as 28 léguas de Xavantina a Santa Teresinha. Depois do meio dia, nos apanhou um forte aguaceiro contra o qual tínhamos somente as capas de defesa; um pouco de água que entrou no motor foi suficiente para fazer-nos perder quase duas horas, de modo que chegamos tarde, já noite feita, às 20,00 horas. Lá nos esperavam a família do Sr. Ladislao, alguns civilizados e um bom grupo de xavantes. Após as saudações e um pouco de jantar, armamos as redes na capela primitiva feita de troncos e de palha. Dia seguinte, rezamos a Santa Missa, às 6,30 horas, o ambiente estava apinhado: de um lado os civilizados rezando e cantando, do outro uns 80 xavantes em perfeito silêncio. Após a Santa Missa, o Pe. Inspetor disse algumas palavras para que todos soubessem do significado de nossa presença lá, em Santa Teresinha. Lá, 20 anos antes, Pe. Fuchs e Pe. Sacilotti tinham seu rancho e lá por longos meses esperaram e ansiaram inutilmente o encontro dos xavantes. Agora estes estavam lá espontaneamente, em grande número e em atitude amigável. Quanto caminho fez a Providência neste tempo! Deus queira que esta seja mesma a hora dos xavantes e que nós possamos começar a evangelização deles! Após a Santa Missa se distribuíram presentes e especialmente roupa para todos; ficaram satisfeitos. Mas nós tínhamos o tempo contado; às 10,30 partimos de Santa Teresinha para voltarmos para Xavantina. A viagem de volta não teve um momento sequer de parada nem momento de inquietude; às 10,30 da noite aportávamos em Xavantina, depois de doze horas de navegação ideal. No dia 2 de dezembro de 1953, pelas 10 horas, o Pe. Inspetor já voava para Meruri onde já estava desde dois dias o Pe. Bellido, o visitador extraordinário. (BORRA, 1956, p. 68-68b).

Assim, com a presença dos salesianos desde a segunda metade de ano de 1953, no antigo Rancho dos Padres, Fuchs e Sacilotti, o Pe. Inspetor realizou sua primeira viagem com êxito de visita a essa incipiente comunidade que estaria a serviço da evangelização dos xavantes.

No ano seguinte, segundo a crônica do Pe. Guido, em maio de 1954, estava em Nova Xavantina para se encontrar com os irmãos e iniciar uma viagem rio abaixo 20 léguas para visitar o local da nova presença – Santa Teresinha – iniciada naquele ano pelos padres Pedro Sbardellotto e Pe. Higino Fasso. Quando quis iniciar a viagem de barco, Pe. Colbacchini apresentou o problema: infelizmente o motor de popa estava estragado. Pe. Guido

recorreu ao diretor da Fundação B. Central e, no sábado, dia 29 de maio de 1954, Pe. Guido sobrevoou o lugar denominado de Santa Teresinha onde os salesianos haviam iniciado a construir algumas casas para moradia deles e para abrigar os xavantes que se aproximavam. Ao sobrevoar o local, lançou algumas cestas e pacotes para os salesianos.

No dia seguinte, junto com alguns norte-americanos, sob o comando da Fundação foram visitar uma aldeia xavante distante de lá uns trinta quilômetros. Pe. Guido viu a vida dos xavantes em uma aldeia de 12 choupanas e de 150 índios ao todo. Foi um contato bom para se verificar o estilo de vida desses índios.

Em agosto, Pe. Guido esteve novamente em Xavantina e, no dia 17 de agosto de 1954, afirma ele que foi inaugurar o campo de pouso de Santa Teresinha; foi visitado o lugar onde surgiria definitiva a nossa residência no Rio das Mortes. Afirma que, no dia 19, o Cessna foi buscá-lo. Na volta, deixou as orientações sobre o prosseguimento da edificação da nova missão e, veja o milagre da aviação, no mesmo dia chegou a Cuiabá.

Pe. Guido deixou registrado como notícia na reunião do conselho inspetorial de 20 de setembro de 1954 que, tendo havido uma troca de pessoal na direção da Fundação Brasil Central, os salesianos perderam um pouco o elo entre a direção e sua atuação. Pe. Guido expressou sua preocupação e mostrou-se favorável até a deixar aquela casa da Fundação e procurar outros meios para permanecer ali, mas independentes. Mas as intervenções do Sr. Bispo fez com que os salesianos não saíssem dali.

Um fato que mereceu destaque nas crônicas do Pe. Guido refere-se ao Pe. Colbacchini. Este escolheu o local de Santa Teresinha para celebrar suas bodas de ouro de sacerdócio com a celebração às margens do Rio das Mortes, em homenagem aos dois salesianos que foram mortos em 1934. Então, no dia 20 de setembro, tendo como convidados mais de cem índios xavantes, ele celebrou no cerrado a seus 50 anos de sacerdócio. Mais tarde, no salão de atos D. Malan de Cuiabá, no S. Gonçalo, houve sessão solene em comemoração a seus 50 anos de sacerdócio. Houve discursos, poesias, declamações e músicas. Houve os discursos oficiais do Pe. Faresin, diretor, do Pe. Inspetor. Nesse dia foram também homenageados: Pe. Henrique Luthe (83 anos, e 40 de Brasil), Me. Ângelo Sordi (80 anos, e 60 de profissão) e Me. Secondo Busso (77 anos, e 57 de Brasil), Me. Viriato [...] Afinal todos grandes merecedores do reconhecimento pelos seus serviços prestados na Inspetoria. Pe. Colbacchini escreveu para o Boletim Salesiano sobre sua santa missa comemorativa às margens do Rio das Mortes:

> Como se obedecesse a um imperioso impulso dos seus anjos ou dos selvagens xavantes – terror dos civilizados – surgem do interior da floresta

> e circundam o altar da missa jubilar do venerando Pe. Colbacchini, em sua celebração de cinqüenta anos de missionário [...] Ele mesmo escreveu ao Reitor-Mor: a basílica é esplêndida. Sei que será muito caro ao coração paterno saber que um missionário celebrou o seu 50º de sua primeira missa no dia 20 de setembro de 1953. Não em uma bela igreja, entre o esplendor das luzes e dos paramentos, entre a harmonia das músicas e dos cantos, com solene acompanhamento de clero, de parentes e de amigos, mas na solidão da floresta, em uma pobre cabana de folhas de palmeiras, às margens de um rio de nome triste, Rio das Mortes, e entre selvagens de triste fama, aí ocorreu a festa de seu jubileu de ouro sacerdotal. O canto dos pássaros, o borbulhar das águas e o farfalhar das copas das árvores foram os acordes musicais que acompanharam a minha missa jubilar. Ao meu coração de pobre e velho missionário, nada poderia levar maior alegria que aquela de estar rodeado de pessoas pelas quais consagrei tanto tempo de luta de trabalhos no mistério daquela floresta: os xavantes! Eu estava para iniciar a celebração da santa missa, aguardava a chegada das pessoas do lugar. Estava sentado em um tronco de árvore e contemplava o panorama do rio. Mas via, além da floresta espessa, diante de mim passavam as diversas aldeias que eu havia visto e via os xavantes movimentarem-se entre as folhagens e sonhava com a alegria de os ter ao redor do altar. E, ao contemplar-me assim isolado, sem a presença de um irmão e sem ninguém dos meus parentes, experimentei uma espécie de profunda tristeza [...] Mas enquanto pensava, do outro lado do rio apareceram os xavantes; pedi que fossem buscá-los imediatamente. Chegaram e permaneceram ao redor do altar enquanto pude celebrar a santa missa de meu 50º de sacerdote e missionário [...] Entre os selvagens desceu Jesus [...] Depois da santa missa entretive-me com os índios procurando retribuir-lhes as manifestações de amizade [...] Agradeci a Deus poder ter celebrado meu 50º de sacerdócio entre os índios xavantes e às margens do Rio das Mortes, onde antes dois salesianos deram as próprias vidas por sua evangelização. (COLBACCHINI, 1954).

No dia 14 de maio de 1955, Pe. Guido esteve novamente em Santa Teresinha e viu as grandes dificuldades que passavam todos ali. Mas com agrado verificou que estavam preparando as casas para acolher as Irmãs. No dia 22 de outubro desse ano de 1955, depois de 7 horas de viagem pelo Rio das Mortes, chegava a Santa Teresinha. Ficou sabendo que a estrada por terra estava sendo construída e facilitaria bem a vida na missão. Na visita do dia 1 de junho de 1956, em uma viagem que foi regular, de barco, durou 7 horas, Pe. Guido assim relatou:

> Encontramos lá os dois irmãos, Pe. João Invernizzi e Me. Francisco Fernandes, bem de saúde fortes; os xavantes da aldeia são 120. Tive ótimas impressões [...] as plantações de mandioca viçosas, e especialmente os xavantes, mais próximos sabendo já rezar e cantar [...] e comer com muito apetite. As refeições são distribuídas três vezes

> por dia para todos, sendo assistidos os doentes; neste ano não morreu ninguém. Trabalham com gosto e já está quase pronto o campo de pouso de 600 m de comprimento. Passei lá três dias e me convenci de que é necessário aprontar quanto antes a casa para as irmãs. E para o ano, pode-se iniciar aulas para os meninos e meninas. (BORRA, 1956, p. 92-92b).

Para a edificação das casas e demais ambientes da nova missão, muito material como portas, madeiras e mobiliário, estava sendo preparado em Meruri, pois lá dispunham de serras para preparar a madeira de maneira melhor. Assim a nova missão iniciada em setembro de 1953 continuava a se desenvolver com o empenho dos salesianos e com o apoio do centro inspetorial. Em dezembro de 1955, Pe. Guido realizou uma visita às missões e esteve também em Santa Teresinha, constatou que eram necessárias algumas providências para que a casa pudesse funcionar melhor, logicamente no atendimento aos índios xavantes:

> Pe. Inspetor encontrou um pouco abatidos os irmãos dessa comunidade pelas dificuldades e clima e de comunicação. Deixou-os, porém, animados após ter-lhes falado em particular e em conferência, providenciando-lhes a compra da antiga residência Santa Teresinha para uma boa lavoura e o próximo envio de mais um sacerdote. A missão já construiu um duplo galpão ou casa para os salesianos e alunos e outro tanto para as Irmãs, além do local ocupado pelos bororos e empregados.[3]

A marca dessa visita foi o esforço do Pe. Guido para poder atender as necessidades mais urgentes dessa comunidade tão afastada e ilhada em relação ao restante da Inspetoria. Outro fator importante quanto ao futuro: as lavouras para a alimentação de todos e a presença das Irmãs de modo especial para cuidar da saúde dos índios, das crianças.

A presença dos bororos e de empregados deve-se à necessidade de pessoas habilitadas para o trabalho elementar das construções. Pe. Pedro Sbardellotto fora buscar alguns bororos pedreiros e marceneiros em Meruri e os trouxera para esses trabalhos. Porém a presença deles terminou quando não mais persistiram no trabalho e conseguiram a presença de bebida alcoólica, Pe. Sbardellotto resolveu levá-los de volta para a missão de Meruri. Este fato está documentado no livro do Pe. Gonçalo Uchoa em que reproduz "As memórias de Frederico Coqueiro", editado em 2001 (OCHOA, 2001, p. 430-471).

No ano seguinte, em junho de 1956, Pe. Guido fez uma visita à missão; sempre preocupado com as febres, constatou que o desmatamento ao redor

[3] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Mato Grosso e Oeste de S. Paulo - 05/12/1955 a 27/01/1966, p. 1.

da missão e da aldeia dos xavantes deveria lhes favorecer, pois não havendo matas os mosquitos não apareceriam por ali perto. Deixou registrado que ainda perdura a dúvida sobre a vinda das Irmãs salesianas para cuidar das moças xavantes, da escola feminina e da cozinha e lavanderia. Também se falou em construir outra residência mais próxima da aldeia dos xavantes; também constatou que a área de terra cultivada aumentou. Com alívio constatou que agora se poderia chegar por terra até a Missão de Santa Teresinha, pois tinham concluído a estrada que liga Araguaiana até a nova missão. Deixou também uma observação que iria definir algo sobre a expectativa da casa de Xavantina: as Irmãs salesianas decidiram não assumir nada naquele lugar. Assim os salesianos deveriam continuar como até agora haviam atendido os meninos e as meninas do povoado. Segundo a narrativa do Pe. José Corazza, a vida na missão de Santa Teresinha não era fácil:

> A nova missão enfrentou momentos difíceis, seja pelo isolamento, dificultando o fornecimento de víveres e de remédios, seja pelas febres maláricas, obrigando freqüentes mudanças de pessoal seja pela própria desconfiança dos índios [...] Em 1957, foi posto à frente da missão o Pe. Luiz Lorenzi, experiente e empreendedor, tendo como auxiliares o Pe. João Invernizzi, jovem e alegre e Me. Henrique Praturlon, prático em lavoura e criação de gado [...] Nesse mesmo ano, a missão recebia a visita do Superior Geral da Congregação, Pe. Renato Ziggiotti, que pôde constatar com os próprios olhos a dificuldade da empresa e a abnegação dos salesianos. No ano seguinte, acompanhadas pela Inspetora, Me Carolina Mioletti, chegavam também as irmãs salesianas para prestar sua valiosa colaboração junto ao elemento feminino e às crianças. (CORAZZA, 1995, p. 148).

Em novembro de 1957, Pe. Guido havia ido a Santa Teresinha para verificar se a casa das irmãs já estaria ou não em condições para recebê-las. Tudo correu melhor quando viu a possibilidade concretizada, da presença das irmãs ao lado dos salesianos no trabalho missionário. Afinal seria uma complementação já bastante esperada. Na ata de 23 de maio de 1958, Pe. Guido deixou registrado que as irmãs salesianas haviam chegado à missão no dia 3 de maio; assim estava completado o plano esperado para o trabalho conjunto dos missionários e das irmãs no atendimento dos índios xavantes que para lá se instalaram.

3.2 A chegada dos xavantes em Meruri e Sangradouro

A presença dos salesianos em Santa Teresinha, bem como inicialmente na base de Nova Xavantina, foi o marco desejado pelos salesianos desde o tempo dos dois missionários, Pe. Fuchs e Pe. Sacilotti, que em 1934, foram mortos, para que se concretizasse o encontro com os xavantes. Santa

Teresinha vigorava como autêntica missão desde o final do ano de 1953; completou-se com a chegada das irmãs em 1958 para um trabalho melhor e mais completo junto aos numerosos xavantes que ali residiam. Mas o futuro do encontro com os xavantes vai exigir um pouco de história desse povo.

Segundo o Pe. Pedro Sbardellotto, em seu escrito para o governo sobre os xavantes propondo as demarcações de reservas para esse povo, desde o final do século XVIII, quando os bandeirantes se aproximaram deles no interior de Goiás, eles viviam espalhados entre os dois grandes rios do antigo estado de Goiás, o Tocantins e o Araguaia; no tempo da exploração dos diamantes na região, ainda antes do império, eles foram seduzidos e muitos se tornaram trabalhadores para os bandeirantes e deixaram as próprias famílias degenerarem-se. Diz o relato que, no início do século XIX, eles imigraram para além do Rio Araguaia e, assim como povo, ocuparam a vasta área da serra do Roncador, de norte a sul; ocuparam o território de grande extensão entre os rios, ao norte, Rio Xingu e Culuene, ao sul o Rio das Mortes e a leste o Araguaia. Nesse vasto território se refizeram e se tornaram poderosos a ponto de expulsar dali outras tribos daquela região. Nesse século e meio, refizeram sua cultura em todos os sentidos e cresceram numericamente, tornaram-se um povo forte e guerreiro:

Tiveram que rechaçar para o norte os índios Tapirapés e Caiapós, para as praias do Araguaia, a leste, o Karajás, para o sul os Bororos e para sudeste os Kajabis e Bakairis. Aquela liberdade ampla, aquela vastidão imensa e rica em caça, frutas e peixes, imensidão que percorriam incansáveis de abril a novembro provocou na tribo uma rápida explosão demográfica e, em poucos anos, os 500 imigrados alcançaram alguns milhares de silvícolas rudes e audaciosos. Os primeiros aldeamentos dividiram-se e subdividiram-se, uns por mera superpopulação, outros por rixas internas, fixando-se uns mais ao norte, nas cabeceiras do Rio São João (afluente de esquerda do Rio das Mortes), outros mais ao sul, no rio Areões de início, chegando em seguida até os rios Couto Magalhães e Culuene (CHOVELON; FERNANDES; SBARDELLOTTO, 1996, p. 91).

O primeiro contato com os xavantes ocorreu quando os salesianos souberam de seus ataques no início do século XX, quando estes acompanhavam os bororos em suas excursões de pesca pelo rio das Mortes. Inimigos temidos dos bororos, eram também um horizonte de pacificação para os missionários salesianos. Lutaram muito, instalaram-se em Santa Teresinha em 1932, mas o contato foi fatídico, e os dois salesianos foram mortos. Depois, de 1935 até 1941, Pe. Chovelon esteve periodicamente viajando pelo Rio das Mortes à procura de um contato pacífico, mas nada ocorreu. Por outro lado, o governo também, desde 1940, através do S.P.I., vinha tentando realizar um encontro de aproximação com esse povo. Somente,

> [...] m maio de 1949 o Brigadeiro Raimundo de Vasconcelos Aboim, acreditando na obra pacificadora do sertanista Francisco Meireles, chefe do Posto de Pimentel Barbosa, homenageia e é homenageado pelos maiores da tribo, como que firmando um tratado de não agressão, e no ano seguinte, com maior aparato, chegará, como hóspede ilustre, na Serra do Roncador, conseguirá até licença para presentear pessoalmente as mulheres xavante. (CHOVELON; FERNANDES; SBARDELLOTTO, 1996, p. 93).

Dessa forma, foi possível a fundação também do posto da Fundação Brasil Central em Xavantina ,e desde 1950, a presença nesse local dos salesianos na pessoa do Pe. Antônio Colbacchini e depois outros salesianos; tal fato possibilitou o contato com os xavantes que iriam se aproximando dos civilizados. Os contatos foram o suporte para se constatar a possibilidade de se iniciar um posto de missão para os xavantes. Era o início de um passo tão desejado por todos na Inspetoria. A comunidade de Nova Xavantina se manteve sempre dentro dessa perspectiva de se reiniciar o trabalho missionário para a evangelização dos xavantes. Custou tempo, sacrifícios e muito trabalho, mas a oportunidade estava se delineando como possibilidade de isso se concretizar logo.

O desenvolvimento dessa presença foi concomitante aos outros novos pontos de contato com os xavantes pelos órgãos do governo, como o SPI, ou pela Fundação Brasil Central, ou por outras entidades como a missão protestante que se fixaria em Areões. A força do investimento missionário da inspetoria se concentrava em Nova Xavantina até 1957. De repente os xavantes que haviam se aproximado dos órgãos do governo ou que dependiam de um elo para comunicação com Xavantina, iniciaram a procurar os salesianos, mas não mais em Santa Teresinha que distava um pouco desse roteiro de comunicação com os civilizados.

Depois de muitas desavenças entre os grupos dos xavantes, alguns optaram por ir ao encontro dos salesianos em Meruri e em Sangradouro. Segundo o Pe. Pedro Sbardellotto, para se ter uma noção dos entreveros entre os grupos de xavantes, seria bom recordar que, nesse tempo, eles tinham cinco chefes que lideravam grupos entre eles; essas lideranças eram disputadas e ocasionavam mortes e perseguições entre os cinco grupos. Cada grupo queria ser o dominante, e assim surgiam as desavenças, e a lei da vingança era o que predominava entre eles. Não respeitavam a ninguém nesse ritual de eliminação dos inimigos ou dos possíveis inimigos. Até os idosos ou crianças eram mortos para que um xavante não tivesse inimigos através dos grupos clânicos. Nesse tempo eram cinco os líderes principais:

- Apoena (o velho) era o chefe da maior aldeia com 350 índios. Em 1956, depois de queimar a aldeia após um ataque de xavantes inimigos de

Marãiwatsede, dirige-se para o Posto de Pimental Barbosa, depois retorna para a Serra do Roncador.

- Juruna, chefe de grupo menor com 65 índios; é dissidente do velho Apoena; vem com Eribuenã e Zé Tropeiro para Xavantina. Com esses 65 índios de Juruna, Pe. Colbacchini reabre a missão de Santa Teresinha nas vésperas do Santo Natal de 1956; em 1956, em Santa Teresinha já eram mais que 300 xavantes.
- Eribuenã, chefe maior dos três grupos dissidentes do Apoena (o velho). Este perambula para diversas direções, passa o ano de 1951 em Santa Teresina e retorna para Xavantina, depois de um tempo vai para Tapiraquara, no Rio das Mortes. Eribuenã mais tarde será morto por Zé-Tropeiro na missão Protestante Americana de Areões, em junho de 1958.
- Zé-Tropeiro. Depois de poucas semanas em Capitariquara, levando consigo quase metade dos índios, abandona definitivamente Eribuenã e ruma para os protestantes perto de Araguaiana; depois em 1957, leva os seus para o Arões, no Rio das Mortes. Eribuenã quer os seus em Capitariquara e ameaça Zé-Tropeiro. Este contemporiza e, em uma noite, entra na aldeia de Eribuenã e o elimina. Sebastião vai atrás de Zé-Tropeiro e consegue matar seis índios. Zé-Tropeiro foge e pede guarida em Santa Teresinha; houve vários encontros com mortes de ambos os lados. Em abril de 1959, o Sebastião com seus homens e mais outros de Apoena (o velho) assalta, ao amanhecer, a aldeia da Missão Salesiana de Santa Teresinha. Graças à intervenção imediata e enérgica dos Salesianos e das Irmãs, houve um só morto e alguns feridos, entre estes um padre que recebeu uma flechada no braço. Os atacantes cedem às instâncias dos Missionários e retiraram-se, impondo a condição aos nossos índios de abandonarem a Missão e afastarem-se rumo ao sul. Grupos de reconhecimento mais de uma vez compareceram nas proximidades da Missão renovando ameaças de um massacre total, se não cumprissem a condição imposta, tanto que Pepetinho e Zé-Tropeiro abandonaram aos poucos a Missão de Santa Teresinha e, até meados de 1962, já estavam todos em Xavantina e, em 1963, já estavam instalados no Posto Indígena Areões, e aí permaneceram.
- Sebastião, após o ataque de Santa Teresinha, acrescido de número com os dissidentes da Missão, isto é, de Pepetinho, permanece por pouco tempo nas imediações de Pimentel Barbosa, distancia de todos e segue para Garapu, no Couto Magalhões, e por fim no córrego Piaba, afluente do Rio das Mortes acima de Xavantina. Lá havia um entreposto do SPI; mas, não satisfeitos com a vizinhança de Zé-Tropeiro e de Pepetinho, em maio de 1961, manda procurar o velho amigo Pe. Pedro na Missão Salesiana de São Marcos, e aceita ir para lá em agosto, o Sebastião com os seus cento e mais índios. O Sebastião e mais alguns preferiram mais tarde passar para

Sangradouro. Lá estão eles nas nossas duas Missões convivendo pacificamente com os seus antigos inimigos.

Do grupo NORÕTSU'RÃ, os caciques mais célebres foram: Apoena (o novo) da Lagoa; Dutsã e Eribuenã no Couto Magalhães e José do Batovi, próximo ao Culuene. Sobre Apoena (o novo), depois de não se imiscuir nas brigas de Sebastião e Eribuenã, vendo-se sem terras, procura socorro ao sudoeste, em terras de seus tradicionais inimigos Bororos, na Missão de Meruri.

O grupo de Dutsã – Eribuena, depois de muitas idas e vindas, até que em seu aldeamento é flagelado e dizimado pelo sarampo trazido pelos parentes de Culuene em visita. Terminada a virulência do sarampo, sobreveio em 1955/1956 o eczema, trazido por parentes do norte, mas de forma tão generalizada e tão forte que era uma crosta só no corpo todo. Assim apareceram, no dia 2 de agosto de 1956, na Missão de Meruri, os quatro xavantes em missão de pedir socorro, pois ninguém mais podia procurar alimentos. As missões salesianas de Meruri e Sangradouro receberam de braços abertos, e abrigaram, e salvaram os infelizes e escurraçados xavantes; custou muito atendê-los. Em sua viagem deixaram para trás muitos mortos. Apoena-Tsibupá fixou-se em Meruri. Em começos de 1957, os salesianos afastaram-se uns 12 Km da aldeia bororo, no Meruri, no Córrego Fundo, onde eram assistidos pelos salesianos. Em abril de 1958, foram transferidos para um local melhor, a atual Missão de S. Marcos, no extremo da reserva concedida pelo governo em 1921, quando o governador era D. Francisco de Aquino Corrêa; mais tarde, vieram os 100 xavantes de Sebastião, os 300 do Tibúrcio-Bododitu vindos de Suiá Missu, e então eram mais de 800, daqueles duzentos que lá chegaram.

No Sangradouro, os xavantes encontraram tudo pronto e não tiveram nenhuma contestação; os de S. Marcos tiveram que iniciar duas vezes, no Córrego Fundo e em S. Marcos; apesar da ameaça de alguns agricultores, os salesianos missionários fizeram de tudo para que eles lá permanecessem.

Os xavantes que seguiram os dois chefes, Tibúrcio e Bododitu, que desejavam se estabelecer em MARÃIWATSÉDÉ, não conseguiram seus intentos. Quando não havia mais outra saída para esses dois grupos, em 1962, Pe. Pedro Sbardellotto até propôs ao Sr. Orlando Ometto a fundação de uma missão lá; não foi possível mesmo com a assistência do gerente do Sr. Ometto, que destinaria 5.000 hectares para iniciar a missão. Pe. Pedro julgou o lugar impróprio para se estabelecer uma missão. A conclusão foi que, em 1966, com um avião da FAB, levaram os índios para onde eles haviam escolhido entre S. Marcos e Sangradouro. Haviam escolhido S. Marcos e para lá foram transportados. Assim o grupo abandonara a região de MARÃIWATSÉSÉ, que sempre perdurou como um lugar ideal, uma "Terra Prometida".

O último grupo denomina-se NORÕTSU'RÃ, liderado pelo índio Benedito. Este se iniciou no trabalho nas fazendas e depois conseguiu que um grupo permanecesse em uma pequena aldeia perto de S. Marcos. Pe. Mario Pansiera, que era o diretor de S. Marcos não permitiu que eles se integrassem aos xavantes da aldeia da Missão por motivo de negócios com os fazendeiros. Assim eles, com Benedito, foram para Couto Magalhães, que mais tarde se tornara uma parte da reserva decretada pelo governo para os xavantes. (CHOVELON; FERNANDES; SBARDELLOTTO, 1996, p. 96-110).

Tanto o Pe. Pedro Sbardellotto, como outros pesquisadores documentaram todos esses movimentos dos diversos grupos do povo xavante. As descrições dos roteiros e peripécias de cada um conforme seus deslocamentos e diatribes políticas encontram-se plenamente descritos, com os respectivos testemunhos, pelos dois autores do livro "Xavante, Povo Autêntico", Pe. Bartolomeu Giaccaria e Sr. Adalberto Heide (GIACCARIA; HEIDE, 1984, p. 38-47).

Até aqui, a narrativa sobre os xavantes a partir da História descrita pelo Pe. Pedro Sbardellotto dos grupos dos xavantes. A chegada dos xavantes nas missões de Sangradouro e Meruri foi um dos fatos marcantes do final do governo do Pe. Guido. Havia ele lutado muito para que a missão de Santa Teresinha se tornasse um lugar de referência para os xavantes; junto com todos os missionários, havia investido em tanto trabalho para que a sede dessa missão alcançasse o mesmo desenvolvimento das outras duas que atendiam os bororos. Conseguira que a Irmãs Salesianas assumissem também um trabalho especial quanto ao grupo de mulheres e moças xavantes, no estilo de um trabalho que eles realizavam ao lado dos salesianos, com as mulheres e moças bororos. Estava animado com o início das lavouras com a aquisição da terra melhor onde antes estava o rancho dos missionários que foram mortos em 1934. Enfim, os salesianos investiam com muita dedicação para que a missão fosse uma referência para os xavantes. Porém a história desses índios conduziu tudo de forma diferente como foi descrito acima. Os diversos grupos continuavam se degladiando sempre pelo poder e por obter maior número de homens ao lado.

Quando Pe. Guido deixou o governo em julho de 1958, a missão de Santa Teresinha estava justamente partindo para o início de um bom desenvolvimento. Os salesianos que lá estavam não mediam esforços. Porém um ano após veio o entrevero entre os grupos, e os salesianos tiveram que deixar esse território. De outro lado, os xavantes, como assinalado acima no texto do Pe. Pedro, no final de 1957, eles já haviam sido acolhidos em Sangradouro e em S. Marcos. Assim a presença salesiana com missionários para o atendimento dos xavantes já estava consumada em três pontos distintos: Santa Teresinha, Sangradouro e S. Marcos.

Na reunião do conselho inspetorial de 4 de abril de 1957, ficou registrado que os xavantes estavam chegando em Sangradouro e Meruri; Pe. Guido afirmou que todas as providências seriam tomadas para que esses índios tivessem a devida acolhida. Além disso, um cuidado especial para que nada ocorresse entre os dois povos, os bororos e os antigos inimigos deles, os xavantes, que agora estavam próximos um do outro.

Na reunião de 27 de maio de 1958, foi comunicado que as Irmãs Salesianas desde o dia 3 deste mês de maio, já estavam em Santa Teresinha, como fora solicitado e recomendado pelo Reitor-Mor D. Renato Ziggiotti quando esteve lá na missão. Também nessa reunião, foi destacado para os conselheiros o novo local para a missão dos xavantes: S. Marcos. Desde 25 de abril de 1958, os xavantes já estavam lá, no território próximo do Rio S. Marcos. Junto com os xavantes, foi o Pe. Salvador Pappa e, em breve, estaria se encaminhando para lá o Me. Adalberto Heide. O local para a nova sede da missão com os xavantes fora escolhido de comum acordo entre os salesianos, por lá apresentar um bom terreno para a expansão das lavouras necessárias para manter os índios. Aos poucos, os salesianos foram assumindo a liderança dos trabalhos e da questão pedagógica, da escola para os meninos e meninas. Assumiram mais tarde o cuidado com os adolescentes conforme o costume tribal que os mantinha em casa separada da aldeia.

Os salesianos providenciaram logo nesse novo local o desmatamento para o plantio das lavouras, a estrada para se comunicar com Meruri e, sobretudo, a preparação de um campo de pouso para os aviões do Correio Aéreo Nacional (CAN) e da Força Aérea Brasileira (FAB) para trazer recursos, mas, de modo especial, para trazer remédios para não deixar as epidemias proliferarem entre eles. O trabalho era grande, mas os salesianos que para lá foram designados, estavam dispostos e animados.

Quando os xavantes chegaram tanto em Meruri como em Sangradouro, os salesianos ficaram muito atentos para que não houvesse qualquer rusga, pois no passado os ataques sempre deixaram mortos entre os dois povos. Segundo Corazza (1995, p. 149),

> [...] a princípio, cautela e desconfiança diante dos tradicionais inimigos xavantes, pois era ainda viva a lembrança das antigas lutas rivais e das muitas vítimas caídas. A presença, porém, do missionário, a mensagem evangélica do perdão e da caridade cristã irmanaram aos poucos as duas tribos, que agora vivem em pacífica harmonia.

De fato as relações entre os dois povos foram marcadas pela caridade cristã e pelo sentimento de paz em Cristo. Nada de especial ocorreu entre esses dois povos antigamente inimigos e, agora, vizinhos e amigos. Para os missionários, foi a concretização de um plano antigo e tentado por vários sa-

lesianos, a evangelização dos xavantes, bem como sua pacificação e integração ao mundo do Brasil que também ali aportava ou aportaria de uma forma ou de outra. A presença salesiana foi decisiva para que tudo ocorresse de forma pacífica e sem maiores desastres entre os xavantes e os outros povos, inclusive com os civilizados.

3.3 Acontecimentos significativos historicamente durante o governo do Pe. Guido Borra

O longo período de governo do Pe. Guido, de 1947 até julho de 1958, foi caracterizado também pelas novas circunstâncias do desenvolvimento tecnológico e social do mundo todo. Um exemplo marcante dessas mudanças foram as viagens de avião que permitiram, em alguma circunstância, ao Pe. Inspetor sair de Campo Grande, visitar as missões e outras casas e retornar no mesmo dia, uma possibilidade jamais cogitada nos anos anteriores. Ao mesmo tempo em que o progresso tornava as distâncias mais acessíveis, outras circunstâncias nem sempre se apresentavam tão favoráveis, como por exemplo, estando nas missões, não poder viajar porque o avião não pôde fazer o pouso naquele lugar. Da mesma forma outros fatores sempre foram pesados no governo da inspetoria, como a organização administrativa, os deslocamentos e mudanças dos salesianos de uma casa para outra, a animação de um ano escolar, situações que perduram e sempre exigiram a presença do coração salesiano para que os resultados sempre fossem condizentes com o esperado.

O primeiro item que se deve assinalar no tempo governo do Pe. Guido foi a melhoria nos meios de transporte. Melhoraram as linhas férreas, a NOB, a Paulista e a Mogiana. Melhoraram os meios transporte terrestre, pois no lugar das viagens a cavalo, podia-se ir de Cuiabá até as missões de caminhão. E, por fim, o que melhorou mais do que o previsto foram os serviços das linhas Aéreas da Panair, da Fundação Brasil Central e da FAB ou o CAN. De modo especial, também os táxis aéreos tornavam possíveis viagens rápidas às casas mais distantes e de difícil acesso. No livro da crônica do Colégio D. Bosco, ficou registrada uma maratona aérea que deve ter sido o horizonte de novas possibilidades para as viagens dos salesianos das missões e, em particular, do Pe. Inspetor, foi registrado assim:

> Com recorde de velocidade o Pe. Inspetor, aproveitando uma viagem especial de avião militar, no dia 10 de novembro de 1949, partindo às 6,30 horas, seguiu direto para Cuiabá (onde chegou às 9,00 horas). De lá sem ter tempo para chegar a casa salesiana, após meia hora seguiu para Sangradouro onde se pôde almoçar; às 13,00 horas paramos uns 20 minutos em Meruri, onde nos esperavam no campo; às 14,00 horas estávamos em Guiratinga e às 16,15 horas em Campo Grande, com

> grande maravilha de todos que mal acreditavam ter feito esse roteiro tão depressa.[4]

No livro de suas crônicas, Pe. Guido deixou registrado, depois do dia 7 de setembro de 1949, quando o campo de pouso, mil metros, de Sangradouro foi inaugurado, tornou-se o preferido dos pilotos por encontrarem lá um alojamento com quartos individuais para que pudessem pernoitar lá (BORRA, 1956, p. 23b-24).

A partir de 1952, as missões, Sangradouro e Meruri passaram a receber as viagens regulares e periódicas dos aviões do CAN, que transportavam pessoas e volumes de encomendas para as missões. Foi um tempo excepcional quando esses voos se tornaram regulares. Pe. Guido deixou registrado em suas crônicas um fato extraordinário para aquele tempo. Refere-se a uma viagem de Campo Grande até a cidade de Araguaiana e respectivo retorno em um só dia; fato além de extraordinário até então:

> Viagem extraordinária a Araguaiana – no dia 16 de julho de 1951, festa de Nossa Senhora do Carmo, o Pe. Inspetor foi com um avião da Base [Aérea de Campo Grande], para inaugurar o campo de pouso de Araguaiana que assim ficará incluída na linha do CAN tendo o correio semanal. Partindo de Campo Grande às 8,00 horas, aterrissamos em Aragarças às 10,25 e, em Araguaiana, às 11,15 horas. De lá partimos às 13,30 horas; houve pequena parada de meia hora em Aragarças de onde saímos às 2,00 horas para chegarmos em Campo Grande às 16,15 horas; viagem ótima! D. Malan e Pe. Carletti teriam imaginado isto 20 ou 10 anos atrás? Graças a Deus, assim, com o correio semanal as relações com as missões se tornam muito mais fáceis, sentindo-se os irmãos mais unidos! (BORRA, 1956, p. 43).

Quando não havia a possibilidade de se valer dos aviões militares do CAN ou da Base Aérea de Campo Grande, muitas vezes tiveram que se valer do táxi-aéreo ou de um avião pequeno, como sempre ocorria em Alto Araguaia com o valioso auxílio da família Salgueiro, que sempre auxiliou os salesianos em suas viagens. O CAN tornara-se regular em pousos semanais ou quinzenais nas três bases das missões, Sangradouro, Meruri e S. Marcos depois de 1958. O avião mais conhecido e utilizado nessa rota foi o Douglas C-47, que transportava de tudo, carga e passageiros. Em especial, as missões tornaram-se devedoras desse serviço nacional por ocasião de alguma doença especial para o transporte do doente ou de enfermeiros, médicos e remédios; assim ocorreu com a epidemia que ocorreu com o sarampo entre os xavantes de S. Marcos, em 1966. Foi terrível, e três aviões levaram os auxílios necessários para o atendimento dos índios infectados. Conforme Pe. Corazza (1995, p. 150):

[4] Livro de crônicas do Colégio D. Bosco – de 1941 a 1950, Campo Grande, p. 90.

> Em 1966 a situação dos xavantes em S. Marcos tornou-se alarmante. Em outubro a epidemia do sarampo invadiu a tribo, ceifando a terceira parte de um grupo que tinha sido trazido da Fazenda Suiá-Missu. Fracos e desnutridos, foram vítimas fáceis da terrível epidemia, particularmente as crianças. A missão empenhou todos os seus recursos, implorando também a beneficência pública. A FAB e o Governo de S. Paulo puseram à disposição médicos, enfermeiros e remédios, enquanto que Mato Grosso só se despertou nos últimos dias dessa epidemia.

Esse serviço público sempre foi merecedor do reconhecimento de todas as populações indígenas, bororos e xavantes, bem como das comunidades dos salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora (AEROVISÃO, n. 230, 2011, p. 10).

Outro fato muito significativo para a Inspetoria nesse tempo foi a visita de um Superior Geral, um Reitor-Mor a todas as casas da Inspetoria. Foi a novidade a partir de Turim para com os salesianos espalhados no mundo inteiro. Pe. Renato Ziggiotti visitou todas as casas da congregação. Ao iniciar sua visita na Inspetoria de Mato Grosso, mostrou-se disposto a percorrer as distâncias para alcançar seu objetivo: conhecer *in loco* todas as casas e o trabalho dos salesianos. Para isso não mediu esforços. Dentro da programação prevista, foi levado, logicamente na maior parte das casas por táxi aéreo, mas fez questão de conhecer a todos. A casa mais nova nesse tempo era a missão de Santa Teresinha, pois foi até lá levar sua animação e agradecimento aos salesianos que lá se encontravam: Pe. Luiz Lorenzi, Pe. J. Invernizzi e Me. Henrique Praturlon. Conheceu os bororos e os xavantes, bem como os jovens e alunos de todos os colégios, em especial, os internos. Foi um fato marcante em todo lugar. Foi sempre recebido com muita festa e por todas as autoridades das cidades. Constatou o quanto os salesianos trabalhavam para o bem dos jovens e na construção da presença e atendimento da Santa Igreja na região. Sem dúvida, foi importante para ele e para todos os salesianos, sem contar o entusiasmo suscitado em cada presença ao relembrar D. Bosco presente na pessoa do Reitor-Mor. Na ata do conselho inspetorial de 2 de setembro de 1957, está escrito:

> A visita do Reitor-Mor correu de acordo com o programado, tendo podido falar com ele todos os salesianos, inclusive o Pe. André, que veio de Dourados. Esteve ele bem impressionado pelo trabalho em geral, mais ainda com a missão dos Xavantes, especialmente Santa Teresinha, onde acha que ainda é pouco o pessoal para tamanho trabalho. Será mais um dos Superiores, com D. Bellido, bem dispostos para enviar pessoal.[5]

[5] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Mato Grosso e Oeste de S. Paulo - 05/12/1955 a 27/01/1966, p. 8b.

Em seu relatório para a publicação no Boletim Salesiano em Turim sobre a visita do Reitor-Mor D. Renato Ziggiotti à Inspetoria, Pe. Guido assinala que, na data prevista, era para ele chegar a Cuiabá vindo de avião de Manaus; era esperado no dia 15 de julho, mas o tempo fechado em Cuiabá não permitiu o pouso, e o aéreo se deslocou direto para Campo Grande, 800 km de distância. Foi uma surpresa para os salesianos de Campo Grande; horas depois foi possível retornar para Cuiabá, onde era esperado por aspirantes, aprendizes, alunos, professores, seminaristas e pelo povo cuiabano, bem como por 20 xavantes devidamente ornamentados. Nos dias seguintes, ocorreram as visitas às casas salesianas: liceu, paróquia S. Gonçalo, as casas das Filhas de Maria Auxiliadora e a casa de Coxipó. Visitou o Observatório de Meteorologia do S. Gonçalo. Em toda parte, houve recepções calorosas com jovens, cantos e discursos. Houve uma bela homenagem dos cooperadores salesianos na Catedral de Cuiabá.

Os dias seguintes, de 18 a 22, teve que visitar as casas salesianas de Porto Velho e outras missões do Rio Madeira. No dia 22 de julho estava de volta a Cuiabá para iniciar a visita às missões de Mato Grosso. No dia 23 chegou de avião à Guiratinga, onde foi acolhido por D. Camilo Faresin; no outro dia, celebrou a Santa Missa na catedral. Passou por Poxoréu e, depois, para Sangradouro, sendo recebido por todos: alunos, salesianos, bororos e xavantes. À noite houve muitas manifestações festivas. D. Ziggiotti teve oportunidade de conversar longamente com Pe. César Albisetti, estudioso e profundo conhecedor da cultura dos índios; estava preparando os volumes de sua próxima publicação, a "Enciclopédia Bororo". Na tarde de 25 de julho, foi para Meruri, onde agora estavam, ao lado dos bororos, os seus antigos inimigos, os xavantes; foi saudado por todos e por muitas manifestações culturais de alegria, tanto dos bororos como dos xavantes. Os expressivos rituais de cada tribo se prolongaram por muitas horas durante a noite em homenagem ao Pe. Ziggiotti. O Bororo Thiago Aipoboreu fez um discurso muito significativo quando colocaram o "parico" na cabeça do Reitor-Mor. Os xavantes cantaram e dançaram para o ilustre visitante. No dia seguinte, Pe. Ziggiotti visitou a nova aldeia xavante.

No dia seguinte visitou a paróquia e o colégio das FMA de Barra do Garças, sob a acolhida do Pe. Colbacchini; depois seguiu de avião para Araguaiana. Lá foi visitar o túmulo dos Padres mortos em 1934, Pe. Fuchs e Pe. Sacilotti, e do irmão Pellegrino. Foi para Santa Teresinha, a mais recente missão entre os Xavantes; teve oportunidade de conhecer a aldeia de 300 xavantes, então assistidos pelos salesianos. Depois de passar um dia ao lado dos salesianos em Santa Teresinha, foi até Xavantina para cumprimentar o comandante da força aérea, Olavo Cavalcante. A chegada em Alto Araguaia

foi antecipada, mas foi bem recebido pelos salesianos, alunos e pelo povo da cidade.

Em seguida viajou para Corumbá, ao lado da fronteira com a Bolívia. Celebrou no novo Santuário de Maria Auxiliadora. Teve a oportunidade de se encontrar com o Sr. Bispo D. Ladislau Paz, com as FMA e com os alunos. Numa missa apoteótica celebrou a festa do padroeiro da Inspetoria, Santo Afonso Maria de Ligório, no dia 2 de agosto. Depois viajou para Três Lagoas. Em seguida, passou a visitar as casas do Oeste Paulista. Em Araçatuba, foi aclamado pelos alunos de amigos dos salesianos. Em Lins, foi recebido pelo bispo e autoridades já no aeroporto; visitou a Faculdade Auxilium das FMA. No dia 6 de agosto, com muita festa e grande solenidade, foi recebido em Tupã. No dia 8, já estava no colégio da pequena cidade de Lucélia, onde também recebeu em sinal de acolhida uma belíssima chave, simbolizando a acolhida festiva na cidade.

No dia nove, de avião Bonanza, saiu de Lucélia e chegou a Campo Grande, o centro da Inspetoria. A recepção foi algo fora do comum; o pórtico do Colégio D. Bosco estava lotado de alunos. Um coral de 800 alunos executou um hino composto "ad hoc" pelo Pe. Kasprzik de S. Paulo; ao entardecer, dirigiu-se para a Chácara S. Vicente, onde estão o Noviciado e o Estudantado de Filosofia. No domingo, a Santa Missa foi na Igreja S. José; houve procissão luminosa, e o dia seguinte dedicou às visitas às Irmãs salesianas e às Irmãs de Jesus Adolescente.

O tempo de permanência de D. Renato Ziggiotti na Inspetoria chegou ao fim deixando um clima de saudável nostalgia e de recordações vivas das grandes manifestações que as casas prepararam para recebê-lo; o povo, os alunos, as pessoas simples, os indígenas com a alegria expressa e manifestada pela presença do sucessor de D. Bosco, conquistaram o coração do Pe. Ziggiotti e de todos salesianos. A partida do Reitor-Mor sinalizou-se acentuadamente com a bênção de Maria Auxiliadora, a protetora de S. João Bosco, da Congregação e de todos que se reúnem em nome da obra por ela sempre abençoada[6].

Além do grande sucesso das festas e homenagens ao Reitor-Mor por todas as casas, Pe. Guido deixou registrado em livro de crônicas a sua preocupação com o trabalho dos salesianos na nova missão de Santa Teresinha e, com isso, registrou que ele estaria disposto a enviar mais salesianos para trabalhar nas missões. Tal fato será de grande vantagem para a inspetoria. Pe. Ziggiotti em sua simplicidade agradou a todos e deixou uma animação especial pelo trabalho em prol dos jovens e pelo engrandecimento da Congregação. Foi uma passagem animadora em todas as casas.

[6] Boletinno Salesiano, anno LXXXI, n. 21, nov. 1957.

Um dos fatores que mais auxiliaram o trabalho de liderança e governo do Pe. Guido Borra foi a inteireza do modelo aceito, pensado, já muito experimentado e aprovado nas casas salesianas da Itália e assumido por ele e por todos os salesianos, como caminho a ser conseguido na educação dos jovens: o colégio como lugar ideal de se promover o bem dos jovens na região da inspetoria. O modelo de colégio para internos e externos foi implantado em todas as casas da Inspetoria; talvez em duas presenças não houve como instalar o projeto completo: em Poxoréu e em Xavantina. Em todas as outras casas, incluindo as duas missões de Sangradouro e Meruri, o modelo foi implantado com sucesso e muito êxito educativo, administrativo e de competência de integração com a cultura do local e do tempo. Não foram somente os salesianos que assumiram esse modelo de colégio para internos e externos; grande parte das congregações que se dedicavam à educação dos jovens, tanto das moças como dos rapazes, adotou esse modelo e dele se valeu para educar e formar gerações e gerações de famílias futuras. Esse modelo esteve presente nas regiões mais desenvolvidas do país como no Rio de Janeiro e em S. Paulo. Várias congregações se tornaram protótipo na educação das moças ou dos rapazes da alta sociedade devido aos recursos que o internato tinha possibilidade de oferecer.

O modelo perdurou por algum tempo e logo veio se transformar em semi-internato ou mesmo deixar de funcionar como tal. No interior do país, a presença do colégio para internos teve ainda maior aceitação devido às distâncias e à falta de outras maneiras de se poder colocar os jovens diante da possibilidade de estar em uma escola consistente na formação e na metodologia do ensino.

Pe. Guido animou a todas as casas a se desenvolver nesse sentido. Já havia na inspetoria alguns colégios exemplares nesse particular, como o Ginásio de Silvânia, onde os alunos, quase em sua totalidade, eram internos; posteriormente veio o Ateneu de Goiânia, que levou avante o projeto até ser transferido para a Inspetoria de Minas Gerais. Em Cuiabá, o internato cresceu para abrigar estudantes e aprendizes; em Campo Grande, também o internato teve momentos de grande sucesso. Nas duas casas de S. Paulo, Lins e Tupã, o internato foi a base inicial. Na casa de Lins, prosperou de forma exemplar como internato, por bons anos. Posteriormente vieram as casas de Lucélia e de Araçatuba, onde o internato foi marcante. Na Prelazia, dois internatos progrediram e tiveram longa duração: em Araguaiana e em Alto Araguaia. O internato de Guiratinga prosperou menos.

Mas a grande surpresa do tempo foi o crescimento do internato em Meruri, merecedor de elogios do Pe. Guido, e em Sangradouro. O internato, tanto masculino como feminino, acolheu, em proporções grandiosas para o lugar, os filhos e filhas dos civilizados da região em contrapartida com o nú-

mero diminuto de meninos e meninas bororos.

Esse modelo de escola explica outra dimensão bastante significativa dos colégios. Todas as construções, as reformas e as plantas das casas desse tempo eram concebidas e projetadas dentro dos princípios e ambientes amplos para acolher o maior número possível de internos; sejam assim considerados os ambientes amplos para dormitórios e respectivas instalações sanitárias, as enfermarias, as salas de estudo, os corredores, a cozinha e respectivos refeitórios ou salas de refeição, os amplos pátios com campos de futebol, quadras e piscina, às vezes. Tudo em termos de projeto de edificação e construção tinha uma utilidade clara para acolher os alunos internos e externos, do sexo masculino, tendo em vista uma formação humana e religiosa completa; depois tudo era integrado dentro de um abrangente, entusiasmante, dinâmico e específico projeto pedagógico, pois integrava diversas dimensões, da formativa à escolar, da relacional à esportiva, da artística a experiências intensas de passeios e diversões saudáveis, culminando com as orações diárias e as festividades litúrgicas. Um projeto que abrangia as diversas dimensões: intelectual, social, religiosa e experiencial. Eram assim os colégios salesianos desse tempo, sempre animados por uma comunidade de salesianos dispostos a conviver com os alunos e a partilhar de suas experiências na área intelectual, social e religiosa. A maior parte dos docentes eram salesianos; em alguns colégios, não havia professor que não fosse salesiano. Houve salesianos que se tornaram mestres exemplares em suas especializações. A cultura também era menos veloz e menos complexa, os parâmetros eram evidentes dentro de qualquer sociedade daquele tempo.

Ao lado desse modelo do colégio para internos e externos, surgia o princípio da autossustentação da Inspetoria através de auxílios do governo por prestação de serviços como os observatórios de meteorologia, com auxílios especiais para atendimentos dos oratórios e outros mediante subvenções para suprir as bolsas de estudo; mas incluía nesse horizonte de autossustentação a contribuição de cada casa para com o centro inspetorial através de quotas devidamente aprovadas pelo conselho inspetorial. Nesse sentido, no conselho inspetorial de 5 de abril de 1950, houve a decisão sobre as quotas aprovadas para cada casa:

> Contribuições das casas para a Inspetoria em 1950 – ficaram fixadas como se segue: Lins, 380 contos – Colégio D. Bosco, 280 contos – Corumbá 100 contos – Coxipó, 15 contos – Tupã, 80 contos – Seminário de Campo Grande, 21 contos – Excluem-se o Liceu S. Gonçalo de Cuiabá, que está empenhado em construções (mas deverá contribuir com o resultado do trabalho da meteorologia, 100 contos) e as casas de formação, além de Araçatuba e Lucélia, que estão em seu primeiro ano. Incluem-se também as casas da Prelazia, as quais muito receberam da Inspetoria e que agora estão em condições de contribuir: Sangradouro,

15 contos - Guiratinga, 25 contos - Araguaiana, 20 contos - Poxoréu, 4 contos - Meruri, 15 contos - Alto Araguaia, 30 contos.[7]

Não existe documento posterior que comprove a regularidade dessas contribuições como foram registradas ainda em 1950, três anos do início do governo do Pe. Guido. O que se deve realçar são alguns quesitos dessa atitude: a solidariedade de todas as casas, sem exceção e mesmo as mais distantes da Prelazia; outro item a ser notificado foi o modelo de escola vigente em todas as presenças que permitia o trabalho intenso dos salesianos como professores, e a presença dos internos com a justa contribuição seria a fonte desses recursos enviados para o centro inspetorial. Talvez o modelo de colégio para internos aceito e em funcionamento em todas as presenças tenha gerado o consenso no conselho e em todas as comunidades sobre o grave dever de contribuir para com o centro da inspetoria. Por outro lado, era consenso entre os salesianos de que a Inspetoria havia auxiliado a todas as comunidades, com reformas e com melhorias no ensino, por meio dos professores salesianos. Esse conjunto estruturado no modelo de obra, na atividade intensa dos salesianos na escola, no empenho de todos os salesianos na educação e animação da escola como lugar privilegiado para educar e formar bons cidadãos, indistintamente se para essa ou aquela cultura, permitia a atuação e animação do Pe. Inspetor em relação a outros trabalhos, como nas casas de formação, nas missões novas e no atendimento pastoral de toda a região, devido à escassez de sacerdotes. Sem dúvida, a consistência desse modo de ser religioso salesiano foi tão intenso e tão vivenciado por todos que perdurou por longos anos até que o desenvolvimento da sociedade, do país passou a exigir passos novos. Surgiu a adaptação baseada no refrão: "Com D. Bosco e com os tempos!".

Desde o governo anterior ao Pe. Guido, durante o governo do Pe. Ernesto Carletti, iniciou-se o costume de enviar alguns estudantes de teologia para realizar essa etapa da formação em Turim, no estudantado da Crocetta. Fora um fato relevante, pois no tempo da guerra não era possível tal intercâmbio, nem era possível, pois havia poucos estudantes de teologia na inspetoria. No governo do Pe. Guido, tal costume se sistematizou e, desde 1947 até 1958, anualmente eram enviados para esse instituto de teologia de um a três clérigos por ano para que pudessem realizar lá esse período de formação. Vários motivos direcionavam essa decisão do Pe. Inspetor. Entre outros, afirma-se que a proximidade com os superiores maiores determinava melhor conhecimento do genuíno espírito salesiano, também a convivência com os "Lugares Santos" para os salesianos, ou seja, onde D. Bosco viveu, ins-

[7] Atas do Conselho Inspetorial, 5 abr. 1950, 22ª reunião, p. 76.

taurou a congregação e vivenciou toda a saga de crescimento da congregação pelo mundo. Ali também estavam aqueles salesianos que haviam convivido com a primeira geração de salesianos e mantinham-se ligados aos costumes e tradições que transmitiam os valores do carisma de D. Bosco. Havia um elo muito forte entre os salesianos de Turim com a primeira geração que perpetuara a tradição e os valores vivenciados ao lado de D. Bosco. Turim se tornava o berço e a casa-mãe de todas as tradições, dos fatos e do ardor apostólico que qualificavam o ânimo da congregação.

Para esses estudos teológicos, esse estudantado abrigava salesianos de toda parte da Europa e das Américas. Assim depois de 1951, vários dos sacerdotes novos da inspetoria haviam passado um bom tempo de estudo em Turim. Era o elo de conforto para a fidelidade ao autêntico espírito de S. João Bosco. Os outros estudantes de teologia seguiam, com raras exceções para o Instituto de Teologia de S. Paulo, na Lapa. Esse sempre foi o destino da maior parte dos formandos desse tempo.

Outra novidade no tempo do Pe. Guido foram as novas vocações que provieram de outros países para a Inspetoria de Mato Grosso, que se proclamava sempre missionária, pois continuava a atender os bororos e os xavantes. Em 1947, chegaram 3 clérigos italianos para aqui trabalhar e se formar tendo em vista o trabalho salesiano missionário. Depois da visita do Pe. Renato Ziggiotti, houve um consenso por parte dos superiores em enviar sempre mais salesianos missionários para atender a demanda da nova presença dos xavantes. Inicialmente os salesianos missionários eram quase todos italianos, com o tempo, devido ao novo inspetor da Alemanha que trabalhara no Mato Grosso, iniciou-se também um fluxo de missionários alemães para trabalhar na inspetoria.

Pe. Guido deixou bem instalado os lugares e as etapas da formação. Deixou um aspirantado em Tupã bem conforme os costumes daquele tempo; instalou outro em Coxipó da Ponte. O noviciado se fixou em Campo Grande na Chácara S. Vicente, bem como a etapa formativa seguinte, a filosofia. A construção e inauguração do prédio do Instituto Pedagógico S. Vicente marcou o início da sequência da presença dos estudantes de filosofia ao lado do noviciado. O noviciado funcionou quase todos os anos, com uma média de mais de dez noviços por ano. Pe. Guido teve um zelo especial em organizar e deixar funcionando todas essas etapas da formação exigida pela congregação.

Ao lado da formação surgiu outro costume muito interessante na inspetoria: a volta à pátria dos salesianos estrangeiros para visitar os parentes. Anualmente, viajava sempre um grupo de salesianos que, depois de cinco anos, podiam ir até seus país natal para uma visita aos parentes e aos amigos salesianos da Europa. Sistematicamente, Pe. Guido anotou anualmente to-

dos os salesianos quando viajavam e em seu retorno para que se sentissem amparados e animados no trabalho grandioso da inspetoria. Foi uma sistematização normal; fixou o período de cinco anos para que os salesianos pudessem se organizar para essas viagens de férias bem merecidas. Antes não era possível por vários motivos e em especial na década anterior, de 1940, devido à Segunda Guerra Mundial.

Pe.Guido, em suas anotações pessoais ou em suas crônicas, sempre apreciou registrar alguns números; entre eles a constatação do crescimento do número de salesianos na Inspetoria foi animadora. Assim também vale registrar algumas de suas notificações que denotavam o resultado do trabalho das várias casas no setor educativo.

O primeiro registro significativo que merece um destaque grandioso para ele, como Pe. Inspetor, para todos os salesianos daquele tempo e, em especial, como dado histórico, foi quando constatou que os salesianos da inspetoria haviam ultrapassado o número de 200, o que jamais se imaginara concretizar tão cedo em seu trabalho de animação. Depois de passar uns dias nas missões, no dia 25 de junho de 1953, após se encontrar com um representante do ministério do governo, que era o responsável por crianças, ao visitar todas as casas da prelazia, inclusive as missões, recebeu algumas homenagens por onde passava, acompanhado pelo procurador Pe. Manoel Guerra. Pe. Guido deixou em sua crônica duas estatísticas altamente louváveis e merecedoras de uma apreciação:

> Resumindo, eis as nossas forças atuais: Salesianos 200 – 93 sacerdotes, 66 clérigos e 41 coadjutores. Depois acrescentou uma estatística geral:
> Colégios – internos 893 – Externos 3.440 – Total 4.333 alunos
> Missões: 308 alunos internos e 387 externos – Total de alunos nas missões: 695
> Somando os alunos internos ao todo, incluindo os das casas da Prelazia, resultam em 1.201 internos e 3.827 externos. Ao todo da Inspetoria incluindo os alunos das casas da Prelazia, estes chegam a 5.028 alunos. (BORRA, 1956, p. 63)

Esses dados de 25 de junho de 1953 apresentam a abrangência do trabalho de todas as casas, incluindo as da Prelazia (Sangradouro, Meruri, Araguaiana, Alto Araguaia e Guiratinga). Em 1953, completavam-se seis anos de governo do Pe. Guido, ou então completava-se o primeiro mandato de seu governo de Inspetor."

Essa estatística ganha maior consistência ao verificar o contexto do Brasil nessa região durante esse tempo. A população do Brasil não ultrapassava os 60 milhões de brasileiros nesse tempo. Nas atas do conselho inspetorial de três anos mais tarde, precisamente, de 26 de junho de 1956, portanto

três anos depois desses dados apresentados anteriormente, Pe. Guido deixou registrada outra estatística bastante sumária, mas com o mesmo significado:

> Deu-se em seguida um resumo do movimento das casas em ocasião da recente visita canônica, representado pelo total de 6.681 alunos, assim repartidos: nos colégios, 1107 internos e 4.461 externos – nas missões ou Prelazia, 337 internos e 776 externos.[8]

A primeira constatação mostra que, em pouco menos de três anos, o número de alunos cresceu mais de mil. Fato grandioso quando todas as forças de trabalho da inspetoria convergiam para os colégios. Pe. Guido e os salesianos deveriam estar muito empenhados e satisfeitos com os resultados bastante visíveis nesse ponto focal do trabalho educativo da inspetoria.

Nessa época houve um especial relevo a ser registrado pelo Pe. Guido em suas crônicas; Pe. Félix Zavattaro ao se despedir de seus seis anos de diretor no Colégio D. Bosco de Campo Grande, ele registrou a seguinte observação:

> Nos dias 1 e 2 de janeiro de 1956, houve no jantar, estando presente o Pe. Inspetor e vários outros salesianos, houve alguns que expressaram seus elogios ao Pe. Félix Zavattaro pelo seu tempo de diretor, por suas valiosas e felizes atuações durante os 6 anos de seu diretorado no Colégio D. Bosco, elevando o número de alunos de 450 a 1.483; os irmãos elogiaram sua capacidade de compreensão para com todos. (BORRA, 1956, p. 91).

De fato foi um tempo de grande pujança como instituição salesiana de ensino que ocorrera no Colégio D. Bosco; sobretudo cresceu de forma apreciável o externato, sendo que o internato nesse colégio sempre se manteve em torno dos 100 alunos. Mas indica esse registro o apreço dos salesianos e do inspetor para com o êxito visível e considerável de uma obra.

Dentro dessa perspectiva, o colégio de Lins D. Henrique Mourão foi singular de 1953 em diante, pois a meta foi atingida pelo número de internos depois da finalização da segunda metade do prédio central. Com um ambiente acolhedor, o número dos internos cresceu e atingiu sua capacidade máxima entre os 200 e 210 alunos internos. Esse fato mostra que os objetivos da inspetoria se concretizavam para a satisfação e alegria de todos os salesianos, em especial a de seu dirigente, o Pe. Guido Borra. Esses dados estatísticos permitiram um investimento financeiro e de convicta esperança quanto aos colégios mais novos e cujos prédios ainda não haviam sido finalizados, como o colégio de Araçatuba e o de Lucélia. Bem verdade que cada um

[8] Atas do conselho inspetorial da Inspetoria de Mato Grosso, de 05/12/1955 a 27/01/1966, p. 3b.

com suas características, mas eram esperanças concretas para os salesianos daquele tempo.

3.4 As atividades de atendimento paroquial na inspetoria no governo do Pe. Guido Borra

O trabalho em paróquias não era nem o objetivo nem a especialidade dos salesianos quando aqui chegaram; porém, desde o início, o primeiro passo concreto para a presença dos salesianos em Mato Grosso foi a aceitação por parte de D. Lasagna da Paróquia de S. Gonçalo, em Cuiabá. A cada nova presença na inspetoria, conforme o tempo histórico pediu, não houve como não atender, e os salesianos tiveram que assumir paróquias em todas as cidades onde outra atividade se implantava.

No governo do Pe. Guido não foi diferente o processo; em fevereiro de 1947, já deixava escrito em sua crônica que, por razões de conveniências foi obrigado a aceitar as paróquias de Silvânia e Goiânia; desejou também que, em Três Lagoas, que inicialmente contava somente com o atendimento paroquial, se houvesse possibilidade, a paróquia poderia ser deixada para o cuidado de outros sacerdotes, mas a história mostrou o contrário. Assim ocorreu no dia 16 de novembro de 1947, quando ele rezou a primeira missa solene na Igreja de S. José, recém-inaugurada e que, brevemente, no ano de 1949 também seria aceita como paróquia. Como no governo passado, no tempo do Pe. Carletti, os salesianos assumiram o atendimento pastoral das paróquias de quase todo o sul do estado e toda a região da Prelazia, era bastante natural o temor do Pe. Guido em ter que voltar a assumir essas paróquias.

Nos anos seguintes, ocorreu a constatação de que o trabalho pastoral na Prelazia necessitava também de sacerdotes que acompanhassem as populações mais distantes e de acesso mais difícil. Ainda o exemplo de trabalho nas comunidades contribuía para essa continuidade; ele seguidamente estava em viagem a cavalo para atender a todos e de forma muito paciente, realizava com zelo seu serviço pastoral. Assim eram as "desobrigas" ou viagens para os povoados afastados cujo acesso ocorria somente através das viagens a cavalo. Esse quadro perdurou até 1955, quando o novo bispo auxiliar institucionalizou outra maneira de viajar e de atender as populações distantes. Mas até em 1957, havia salesianos que viajavam a cavalo para as desobrigas em lugares mais afastados; essas viagens ocorriam nas regiões de Alto Garças, do Buriti, de D. Aquino e outros lugares cuja geografia acidentada não havia permitido o acesso de veículos motorizados.

Pe. Guido teve que aceitar algumas paróquias nos anos sucessivos; em 19 de março de 1949, aceitou a nova paróquia criada por D. Orlando na Igreja de S. José de Campo Grande. Ao iniciar a presença salesiana em Araçatuba,

julgou melhor iniciar o trabalho com a instalação da Paróquia S. João, para depois iniciar a construção do colégio. Essa paróquia, aceita em 17 de junho de 1950, possuía na ocasião sete capelas que necessitavam da colaboração dos outros sacerdotes salesianos para o devido atendimento pastoral. Em Lucélia, depois de mais de três anos de muitas rusgas e desentendimentos com o pároco diocesano, Pe. Guido aceitou passar a paróquia para a congregação. Desde o dia 3 de outubro de 1954, a paróquia da cidade passou para o cuidado e o atendimento dos salesianos que estavam no colégio Domingos Sávio.

Já na segunda metade de seu período de governo, o Pe. Guido não viabilizou outros pedidos do Sr. Bispo, como o da instalação de uma paróquia na cidade de Dourados; esse pedido foi atendido mais tarde por ocasião da instalação da Escola Agrícola em Indápolis, com o encargo do atendimento pastoral paroquial do povo daquela região. Assim os salesianos, por muitos anos, dirigiram a paróquia sediada na vila S. Pedro e, mais tarde, instituiu-se a paróquia da vila de Indápolis. De forma semelhante tiveram que atender outras paróquias vacantes da região, tanto de Dourados como de Maracaju, para onde os salesianos se dirigiram e se instalaram por alguns anos.

Em outras cidades, não havendo alternativa, os salesianos tiveram que atender aos pedidos dos Srs. Bispos; assim ocorreu com a catedral de Corumbá, que se tornou uma paróquia salesiana desde 4 de abril de 1857, com a posse do Pe. Tomás Guirardelli, e permaneceu assim até ao final do século XX. De modo semelhante, ocorreu com a catedral de Cuiabá, que permaneceu sob a responsabilidade dos salesianos até depois da demolição e construção da nova catedral. Brilhou aí a estrela do sacerdote cuiabano ordenado por D. Francisco de Aquino Corrêa, Pe. Firmo Duarte Pinto. O mesmo ocorreu com as igrejas paroquiais da cidade de Várzea Grande, atendida pelos salesianos que também haviam assumido o cuidado do Seminário Diocesano de Cuiabá, situado na Várzea Grande. Por muitos anos, uma paróquia nessa cidade esteve ainda sob os cuidados dos salesianos. Depois de várias décadas, essas paróquias sediadas nas catedrais retornaram para os sacerdotes diocesanos. Mas o serviço que a congregação prestou à igreja nessa região foi sempre incalculável, sempre esteve de acordo com o princípio da congregação de estar a serviço da Igreja.

Normalmente em todas as presenças, em especial ao lado dos colégios, os salesianos aceitaram a responsabilidade de uma paróquia. Esse costume perdurou e através dele os salesianos se inseriram na vida das dioceses e na vida das cidades. Assim o trabalho paroquial também contribuiu em sua genuinidade com o desenvolvimento da inspetoria em toda a região de Mato Grosso, tanto no norte como no sul e, em especial, na região da Prelazia em que o serviço pastoral dependeu muito da congregação até que esta se tornasse uma diocese como qualquer outra.

3.5 A grande festa do Congresso Eucarístico de Cuiabá em 1951

Houve em Cuiabá o Congresso Eucarístico no mês de junho, precisamente do dia 12 até o dia 15 desse mês. Foram dias inesquecíveis de fé, de entusiasmo religioso. Todo o congresso esteve a cargo do bispo auxiliar D. Antônio Campelo Aragão. Incluía-se nesse conjunto de celebrações a comemoração do jubileu de ouro de vida salesiana e de prata de ingresso à Academia Brasileira de Letras do Exmo. D. Francisco de Aquino Corrêa, arcebispo metropolitano de Cuiabá.

Na manhã do dia 12 de junho, grandiosa multidão aglomerou-se no grande pátio do Colégio do Estado, transformado em Catedral com um magnífico altar monumental. O primeiro Pontifical foi celebrado pelo arcebispo D. Aquino, que estava rodeado por inúmeros representantes (Praesuli – Bispos e Prelados) de toda parte do Brasil. Nessa celebração, estava o governador do Estado e o Exmo. Representante do Presidente da República, ao lado autoridades civis e militares, de grandes personalidades de toda parte do Brasil, e contou principalmente com a presença de uma grande multidão de fiéis.

Ao lado das celebrações religiosas, ocorreram outras celebrações importantes como a da inauguração do busto de D. Aquino na praça principal da cidade. Houve também uma sessão acadêmica para celebrar o duplo jubileu de D. Aquino, que foi considerado o filho mais ilustre da terra matogrossense. Recebeu nessa ocasião a condecoração de "Grande Oficial da Ordem da Marinha", com respectiva medalha conferida pelo Presidente da República. Ocorreu também uma sessão especial da Assembleia Legislativa do Estado, com a participação de todos os bispos presentes ao Congresso, e outra sessão da Câmara Municipal, em que foi solenemente entronizado o Crucifixo no Palácio da Cidade.

O entusiasmo dos cuiabanos e de numerosos peregrinos visitantes de outras partes do Estado, sem medir esforços para enfrentar longas e difíceis viagens, irrompeu de forma extraordinária à recepção solene do Exmo. Sr. Cardeal D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, arcebispo de S. Paulo, e do Governador do Estado de S. Paulo. Foi o primeiro cardeal da Santa Igreja a colocar os pés em Cuiabá e no Estado de Mato Grosso. À meia noite, realizou-se uma grandiosa e comovente procissão, que saiu da Catedral, dirigiu-se ao altar do local do Congresso. Foi reservada somente para os homens e para os militares que, em seguida, participaram da Santa Missa; numerosas foram as comunhões, seguindo o exemplo dado pelo Governador de S. Paulo, que desejou participar da procissão como um fiel comum.

O pontifical do Cardeal de S. Paulo foi soleníssimo. Ao proclamar o santo Evangelho, o bispo D. Orlando Chaves, bispo de Corumbá, leu seu elevado discurso congratulatório pelos festejos jubilares de D. Aquino. A missa foi

cantada pelo coral de mais de mil vozes formado pelos alunos e alunas do Liceu S. Gonçalo e do Colégio das Irmãs Salesianas. As partes variáveis foram executadas e os motetes eucarísticos foram executados pela Scola Cantorum do Instituto Pedagógico S. Vicente de Campo Grande, que haviam enfrentado uma viagem de mais de 800 Km de caminhão.

À tarde desse dia desfilou pelas ruas da cidade uma enorme maré de pessoas que participaram da Procissão Eucarística em que D. Aquino transportava um precioso ostensório, Jesus presente na Hóstia consagrada em um carro triunfal entre as grandes fileiras de fiéis que rezavam devotamente.

Depois da bênção com o Santíssimo pelo Cardeal de S. Paulo, seguiram-se inúmeros discursos. Um desses discursos foi de D. Aquino, que com um coração de pai dirigiu-se ao povo de sua cidade, de sua terra; outro do Eminentíssimo Cardeal que, diante da fé, da piedade e do entusiasmo do povo, não conseguiu ficar sem falar e soube em suas palavras manter e aumentar o entusiasmo de todos ao falar do amor a Deus e do amor à Pátria.

Um juízo seguro e verdadeiro sobre esse acontecimento foi a consagração do entusiasmo de todo o povo pelo evento e pela constatação de que nada foi superior à intensidade da fé do povo cuiabano e mato-grossense. Todos estavam entusiasmados pelas manifestações de fé de todo o povo da cidade e dos outros lugares do Estado. Foi um grande sinal da força da Igreja no Estado[9].

3.6 Lançamento da pedra fundamental do "Prédio da Filosofia" no Colégio D. Bosco

Um passo significativo a respeito da preparação do futuro da atividade dos salesianos em Campo Grande foi o lançamento da pedra fundamental de um novo prédio. O projeto inicial foi aumentado, passando então para um prédio de três pisos; a construção do prédio novo da Rua 14 trouxe apreensões quanto ao financiamento desse empreendimento, mas trouxe também esperanças para o futuro da atividade pedagógica dos salesianos na região.

Tendo em vista o aumento do número de alunos, de modo especial dos externos, não deixando de lado o grande desejo de todos em estabelecer no Colégio D. Bosco as faculdades de Filosofia e de Ciências e Letras, um horizonte já delineado das construções tornou-se mais premente quanto ao início dessas obras. Então o tino administrativo do ecônomo inspetorial, Pe. Constantino, que apoiou o plano do Pe. Guido para antes de iniciar o museu, lançar a pedra fundamental do grandioso prédio que seria edificado seguindo o trajeto da Rua 14. Esse prédio recebeu a denominação indicativa de

[9] Boletim Salesiano, anno LXXVI, n. 17, set. 1952, p. 331-333.

"Prédio da Filosofia". Essa denominação aparece sempre nos relatos das crônicas do Pe. Guido.

O lançamento da pedra fundamental do prédio 100x23 metros da Rua 14 ocorreu com grande solenidade no dia 23 de setembro de 1951. Portanto, antes um mês da outra grande festa da inauguração do "Museu Etnológico Dom Bosco". Um aceno do Boletim Salesiano[10] descrevia o acontecimento:

> A bênção da primeira pedra da "Faculdade D. Bosco" de Campo Grande – Brasil – Mato Grosso. Com presença de D. Antonio Campelo e de todas as autoridades civis, religiosas e militares da cidade, sendo padrinhos dessa solenidade o Exmo. Sr. Dr. Fernando Corrêa da Costa, Governador do Estado, e sua Exma. consorte foi benzida solenemente a primeira pedra da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que receberá o título de "Faculdade D. Bosco". Esta será a primeira Instituição de Estudos Superiores que surgirá no Estado de Mato Grosso, solucionando um problema, pois tantos jovens devem sair do Estado para poder formar-se e receber um título Superior. A planta de linhas modernas, sóbrias e elegantes é do ex-aluno Dr. Atílio Faedo. O edifício surgirá na rua mais movimentada de Campo Grande e medirá 103 metros de comprimento por 17 de largura e com uma varanda de mais de 6 metros que acompanhará toda a extensão do prédio de três pisos.

Pe. Guido acrescentou em suas crônicas que o ato teve larga repercussão por ser o primeiro Instituto Superior a surgir no Estado. Diante da interrogação dos custos imensos e do financiamento dessa obra, Pe. Guido deixa sua grande confiança de que será uma obra desejada por Deus: "A Providência nos ajudará!"

A Providêncida, de fato, auxiliou a dedicação dos salesianos em buscar recursos e trabalhar muito para que esse emprendimento fosse concretizado. Aos poucos, a presença e a habilidade do Pe. Constantino levaram avante os trabalhos. O prédio foi sendo ocupado à medida que os andares eram ultimados. Depois de alguns anos, já todas as salas de aula estavam lotadas de alunos do Colégio. O Instituto Superior levou mais tempo para ser aprovado, mas, dez anos depois, já funcionavam no prédio os cursos superiores devidamente aprovados pelo governo. Assim se iniciava a história do primeiro curso superior que vigorou no Estado.

3.7 A fundação do Museu Dom Bosco em Campo Grande

Desde os primóridios da chegada dos salesianos com a finalidade principal de trabalhar entre os indígenas, paralelamente sempre esteve presente a preocupação científica; os salesianos se interessavam de forma técnica

[10] Anno LXXVI, n. 3, fev. 1952, p. 56.

pela cultura e pela realidade dos povos indígenas com os quais mantiveram contato. Exemplo vivo dessa preocupação foi a pesquisa realizada e publicada pelo Pe. Nicolao Badariotti, que técnica e cientificamente conseguiu, em sua viagem ao norte do estado, pesquisar, registrar e publicar o resultado de suas andanças entre os índios bakairis e parecis em um apreciado volume denominado "Exploração no Norte de Mato Grosso – Região do Alto Paraguai e Planalto dos Parecis – Apontamentos de História Natural, Etnografia, Geografia e Impressões." Este volume foi publicado pela Escola Tipográfica Salesiana de S. Paulo em 1898. Sempre foi considerado um trabalho científico e técnico.

Depois do Pe. Nicolao Badariotti, encontramos dez anos depois a publicação de outro salesiano sobre o resultado de sua pesquisa quanto à língua dos bororos. Pe. Pessina iniciou seu trabalho, mas faleceu jovem deixando para outros o caminho iniciado. Tivemos depois o Pe. Antônio Colbacchini, que, valendo-se das pesquisas de outro salesiano, publicaria o livro "Os Bororos Orientais", que lhe rendeu a medalha de condecoração da "Ordem do Cruzeiro do Sul".

Outro salesiano que sempre se preocupou em estudar com amplitude a cultura dos bororos foi o Pe. Antônio Malan, superior da Inspetoria. Conseguiu, com o auxílio de seu grande amigo Pe. Bálzola, arrolar a primeira grande referência técnica de todas as áreas da cultura bororo. Não realizou um estudo para publicação científica, mas para mostrar a profundidade do trabalho dos salesianos em relação e essa tribo de índios de Mato Grosso. Pe. Malan elaborou um conjunto de explanações sobre a cultura bororo em suas manifestações ritualísticas, de parentesco, clãs, horizonte das divindades, principais festas e rituais para inclusão da vida e da morte, horizonte da vida após a morte, o poder dos sacerdotes e a interferência deles no horizonte das caçadas, das pescarias e do pré-conhecimento mágico ou psicológico. Todo o acervo coletado foi devidamente publicado em italiano, na Revista da Congregação Salesiana, no Boletinno Salesiano editado em Turim, Itália. Essas publicações preencheram um vazio científico sobre o povo bororo, bem como esclareceu parte de seu passado, ao mostrar as diversas tradições e grupos do mesmo povo. O próprio Pe. Antônio Malan tentou organizar a primeira exposição dos objetos da cultura bororo na casa que serviu como o primeiro noviciado da Inspetoria, a casa do Coxipó da Ponte. Pe. Malan conseguiu a primeira coleção de objetos e de enfeites ritualísticos dos bororos e a levou para ser exposta e cuidada nessa casa. Porém a falta de uma pessoa que gostasse e entendesse o valor de todo o conjunto de peças que ali estavam, fez com que o acervo todo se perdesse devido à umidade e aos insetos que afluíram sobre os objetos culturais dos índios. A esse respeito Pe. Corazza (1995, p. 88-89) assim escreveu:

> D. Malan em sua previdência, tinha instalado na Escola Agrícola do Coxipó o "Museu das Colônias Bororo". Tinha como principal motivo ilustrar, através de documentação, o progresso na civilização da tribo Bororo, com exposição de produtos agrícolas, tecelagem, carpintaria, ferraria, cortume, das respectivas oficinas das Colônias. Era documentada também a instrução primária, as aulas de música instrumental e educação física. Não faltavam trabalhos próprios dos "peões", bem aproveitados no que diz respeito ao serviço de arrieiros da tropa e carro de boi. Chamava a atenção o artesanato dos Bororos, como enfeites, arcos e flechas, sem finalidade científico-etnográfica. D. Malan tinha previsto que esta iniciativa teria avantajado a obra missionária e também teria sido apreciada pelos estudiosos de sociologia e etnografia. Muito desse material serviu para organizar, na Exposição Missionária do Vaticano em 1925, a parte referente à obra realizada pelos missionários em Mato Grosso. Infelizmente o projeto de D. Malan foi abandonado, desaparecendo todo o material ali reunido, destruído pelas traças. A semente lançada contudo não morreu. Houve quem a recolhesse e a fizesse reviver mais forte e viçosa no atual Museu Regional D. Bosco de Campo Grande.

Esse início, como asseverou o Pe. Corazza, foi a semente que mais tarde haveria de brotar em terra bem preparada, com os estudos adiantados e uma mentalidade bem correta quanto ao valor científico de um empreendimento desse teor. Os salesianos estavam sendo preparados para um trabalho técnico e científico, como ocorreu anos mais tarde.

Valiosa obra foi depois publicada mediante o trabalho do Pe. Colbacchini e do Pe. César Albisetti, em língua italiana e, posteriormente, em português. Tanto o Pe. Colbacchini como o Pe. César encontraram no pesquisador salesiano Pe. Antonio Tonelli um auxílio grandioso. O livro atribuído ao Pe. Colbacchini teve alta supervisão e inúmeras correções do Pe. Tonelli, que havia estado nas missões e estudado a cultura bororo; Pe. César recebeu do Pe. Tonelli a metodologia do trabalho científico, rigoroso e preciso[11]. Ao lado do trabalho missionário de instruir e catequisar, os salesianos sempre mantiveram a perspectiva científica como meta específica e aceita desde os tempos do fundador, Pe. João Bosco.

O pesquisador que foi se preparando e se formando para uma ação mais consistente cientificamente e mais abrangente, foi o salesiano que conviveu com todos os pesquisadores salesianos anteriores e, aos poucos, foi recebendo encargos que lhe exigiram metodologias e processos mais consistentes em suas pesquisas. Alguns fatos ou passos históricos contribuíram para essa finalidade. Pe. César estava em uma das três colônias organizadas

[11] Cartas, Pe. Antonio Tonelli. Valsalice, 17/05/1923 e 18/07/1925.

para acolher os bororos; com a nomeação do Pe. Hermenegildo Carrá para inspetor, sem pessoal resolveu fechar a colônia da Imaculada, onde se encontrava o Pe. César. O novo inspetor nomeou-se diretor de Sangradouro para onde também fora o coadjuror Secondo Busso. Pe. César, sob a direção da missão recebeu também outro encargo, preparar a Exposição Missionária do Vaticano em 1924-1925. Esse fato levou-o a estudar bem o projeto que implicava conhecer profundamente a cultura dos bororos. Assim ele se expressou:

> O fechamento da colônia da Imaculada permitiu ao inspetor reforçar as outras. Sangradouro recebeu o Irmão Secondo Busso e o Pe. César Albisetti, encarregado de preparar o material para a Exposição Missionária do Vaticano em 1924-25. O abundante material recolhido, juntamente com o do Museu de Valsálice, representou de tal modo a Missão Salesiana de Mato Grosso que Pio XI, no dia da inauguração, manifestou ao organizador (Pe. César) sua admiração e reconhecimento. Atraía a atenção dos visitantes, o livro "Os Bororos Orientais de Mato Grosso" da autoria do Pe. Antônio Colbacchini, sobre estudos realizados pelo Pe. Tonelli. (ALBISETTI, 1979, p. 31).

Pe. Antonio Tonelli, de fato havia prestado grande auxílio no trabalho dos missionários, supervisionando as pesquisas e, sobretudo, dotando aos escritos uma salutar metodologia científica. Esse trabalho do Pe. César na Exposição Missionária no Vaticano foi repetido de forma mais ampla na "Exposição Missionária" de S. Paulo, em setembro de 1942. A presença da Missão Salesiana nessa exposição foi dividida em vários setores devidamente separados; o primeiro continha os enfeites e adereços da cultura tribal em todas as fases da vida bororo ou, principalmente os enfeites e objetos utilizados em rituais mais significativos. Para documentar a cultura, conseguiram levar alguns esqueletos culturalmente preparados para o "sepultamento" conforme os costumes do povo bororo. Outro setor apresentava a atividade dos missionários no setor pedagógico com alguns exemplares de cadernos e livros; a exposição mostrava ainda o resultado das atividades de cultivo das lavouras e dos produtos especiais, como o cultivo e a produção do trigo em Sangradouro, e, por fim, os trabalhos resultantes das oficinas e de todo o maquinário existente na missão para favorecer o processo de trabalho com os produtos da lavoura, como o arroz, milho, café e outros cereais. Assim foi o registro do cronista que escreveu sobre a exposição:

> Completava o *stand* uma visão da floresta mato-grossense, na qual, em belas molduras de árvores e de verde, viam-se alguns animais (embalsamados) daquelas regiões. Ao chegar, logo apresentava-se a boca ferozmente aberta de um lobo "rie"; depois uma jaguatirica "aipobureu". Assustadora estava estendida a sucuri "jure"de mais de três metros de comprimento [...] E por estas selvas vai o missionário, entre estes e

> outros perigos levando a luz do Evangelho e da civilização. Concluindo: o pavilhão da Missão Salesiana de Mato Grosso tinha o valor de uma apologia, não de palavras, mas de fatos. Via-se aí de um lado o Bororo selvagem, armado de arco, flecha e tacape "arago" [...] de outro, o Bororo nas aulas, nas roças e nas oficinas [...] vivendo à luz do Evangelho, por obra dos Missionários filhos de D. Bosco![12]

Confirmando o sucesso obtido na Exposição do Vaticano, foram evidentes os trabalhos liderados pelo Pe. César na organização dessa exposição. Latente a esses trabalhos, para o Pe. César, para Pe. Carletti, inspetor nesse tempo, e para outros salesianos, a necessidade premente de se começar a organizar material para um museu. Depois de cinco ou seis anos, dentro de um projeto maior da inspetoria em que se contemplavam os estudos dos missionários, o desejo de um salto no campo pedagógico com o projeto demorado da instalação de um curso superior em Campo Grande, a concretização da edificação de um museu tornar-se-ia uma realidade. Convém afirmar que havia o apoio de vários salesianos, do Pe. Inspetor e dos missionários para que se pudesse iniciar tal obra. Entre os salesianos de Campo Grande, sobressaia o apoio do Pe. Ângelo Jayme Venturelli, do Pe. Félix Zavattaro e dos salesianos da comunidade do Colégio D. Bosco; fazia parte desse início de nova atividade o apoio do Pe. Constantino, que era o ecônomo da inspetoria.

Algumas posturas dos salesianos do Colégio D. Bosco foram de fundamental contribuição, como a atitude altamente incentivadora do Pe. Diretor, Pe. Félix, que já tentara uma vez iniciar algo sobre um possível museu no Ateneu D. Bosco de Goiânia, antes de 1950. A preparação do Pe. Venturelli no campo das filmagens e da fotografia, um passo decisivo para o futuro, pois dele vai depender a documentação fotográfica e devida organização do material para a edição da Enciclopédia Bororo. Na crônica do Colégio D. Bosco está registrado:

> No dia 9 de julho de 1950, Pe. Venturelli acompanhou o Sr. Pe. Inspetor às Missões a fim de tirar abundante documentação foto-cinematográfica [...] no início de agosto, chega também o Sr. Pe. Ângelo Venturelli de sua viagem às Missões, trazendo, além do mais, algum material para o Museu.[13]

Aos poucos o museu estava quase pronto na medida das possibilidades e dos espaços; as salas do colégio, reservadas para as vitrines do museu, eram grandes, porém o volume do material era excessivo para ser exposto de uma só vez. Resolveu-se inaugurar o museu conforme as possibilidades

[12] 1894 – 18 de junho – 1944 – A Missão Salesiana de Mato Grosso na Exposição Missionária de S. Paulo, s/n.
[13] Livro de crônicas do Colégio D. Bosco – de 1941 a 1950, Campo Grande, p. 93

que surgiram. A questão de espaços maiores sempre iriam persistir, pois as coleções sempre eram acrescidas com novos elementos. Pe. Guido descreveu a cerimônia de inauguração:

> No dia 27 de outubro de 1951, sábado, sendo paraninfo o Prefeito Municipal Dr. Ary Coelho de Oliveira, foi inaugurado e bento o novo Museu das Missões (na aula maior, correspondente em baixo ao ofício inspetorial) sendo visitado com muito entusiasmo desde o primeiro dia. (BORRA, 1956, p. 43).

Posteriormente, foi enviado ao Boletim Salesiano de Turim, um relatório descritivo sobre o Museu das Missões junto com a notícia da cerimônia de inauguração no dia 27 de outubro de 1951, no Colégio D. Bosco. Resumidamente expôs os itens referentes ao acervo das peças do museu:

> Inaugurou-se em Campo Grande, a maior cidade de Mato Grosso, o museu regional Dom Bosco. As autoridades civis, militares e religiosas estiveram presentes no ato da inauguração; o Prefeito da cidade cortou a fita simbólica, e o Pe. Inspetor, Pe. Guido Borra, abençoou as salas das exposições. O Museu consta de três partes:
>
> a) Coleções. Etnografia abrange quase 2.000 objetos pertencentes a mais ou menos 30 tribos indígenas do território brasileiro. Particularmente, as mais representadas são a tribo dos Bororos e as tribos do Rio Negro da Amazônia.
>
> A Entomologia oferece aos estudiosos cerca de 10.000 exemplares de insetos e aos curiosos, os maiores e mais preciosos insetos da fauna brasileira.
>
> Não menos importantes são as coleções de Mineralogia e Numismática. Tudo está exposto em amplas vitrines, desenhadas por um nosso irmão coadjutor.
>
> b) Documentação fotográfica. Um estúdio fotográfico bem aparelhado permite ao nosso irmão Pe. Ângelo J. Venturelli, especializado em produzir diapositivos e filmes coloridos, expor os aspectos da vida indígena, particularmente dos Bororos.
>
> c) Material didático. É muito abundante, originário das melhores Casas produtoras da América e da Europa.
>
> Uma filmoteca com milhares de "filmines" (diapositivos) completa essa parte e a torna uma das mais ricas".[14]

Sucintamente foi apresentado o acervo do Museu D. Bosco nessa revista salesiana para o conhecimento dos salesianos do mundo todo. Sem dúvida foi um acontecimento que determinou ou direcionou o trabalho desses salesianos em direção a outro trabalho científico que iria dimensionar com magnitude a dedicação, a competência e, sobretudo, o espírito que animou os missionários salesianos.

[14] Bolletino Salesiano, anno LXXVI, n. 17, set. 1952, p. 333.

3.8 Consolações

Em Barra do Garças, Pe. Guido participou da festa das primeiras comunhões dos alunos do colégio das Filhas de Maria Auxiliadora. Uma realidade que o fez recordar do trabalho iniciado pelo Pe. Carletti; Deixou registrado em seus relatos que a cidadezinha de Barra contava com um pároco salesiano, Pe. Guilherme Müller; ao lado do trabalho das irmãs, o pároco procurava atender a todos em sua pobreza; todos se manifestavam confiantes na Divina Providência.

Em sua viagem seguiria para Xavantina, ou de caminhão, ou de avião, são 192 quilômetros. Lá em Xavantina, no barco a motor 12 HP desceria o Rio das Mortes, chegando, depois de 7 horas, a Santa Teresinha. "Lá estavam todos enfileirados para nos receber, comandados pelo Pe. João Invernizzi e pelo coadjutor Francisco Fernandes, fizeram uma festa com a nossa chegada". As plantações já apareciam nessa nova missão.

O trabalho de alimentar tão grande número de indígenas não era tão simples. Aos domingos recebiam também leite em pó vindo dos Estados Unidos. Todos trabalhavam para prover as necessidades dessa comunidade. Pe. Invernizzi cuidava dos doentes; muitas doses de penicilina eram necessárias para conter as doenças. Ao anoitecer, depois das orações todos se recolhiam. No dia seguinte, enquanto conversava com os salesianos, chegou a notícia de que uma sucuri havia atacado o galinheiro; logo um xavante deu-lhe uma flechada e tudo voltou à paz. No domingo, os índios estiveram presentes e com muita atenção seguiram a celebração da Santa Missa.

Enquanto em Campo Grande o Pe. César Albisetti e o Pe. Ângelo Venturelli estavam finalizando a compilação do primeiro volume da Enciclopédia Bororo, em que está reunido o trabalho de 50 anos dos nossos missionários, em Santa Teresinha, os salesianos iniciavam a balbuciar as primeiras palavras na língua xavante, ainda inteiramente desconhecida, por não existir ainda transcrições para o alfabeto, nem codificação dos sons conforme o alfabeto normal. Os missionários aos poucos iriam estudando também esse novo idioma.

Ainda não fora possível iniciar uma escola regular; existiam muitas dificuldades para isso. Enquanto isso, tentavam converter os xavantes com as três obras clássicas da caridade cristã: vestir os nus, dar comida aos famintos e cuidar dos doentes. E por tais atitudes e cuidados os xavantes se mostravam agradecidos aos missionários.

Na tarde do último dia, disse algumas palavras de despedida aos índios, as quais Pe. Pedro traduzia. O chefe da aldeia se levantou e disse que esperava Pe. Guido de novo dali a cinco luas, com muitos presentes, quando iriam homenageá-lo com uma hora de dança. Finalizadas as palavras, à últi-

ma despedida, a mulher do chefe inclinou a cabeça e segurou, com o dorso da mão, os olhos úmidos de lágrimas. Também o chefe teve a mesma postura, porém de um modo mais guerreiro.

Partiu cedo, na madrugada, para não se comover nas despedidas. E pensava que, 20 anos antes, dois dos nossos missionários pioneiros, Pe. Fuchs e Pe. Sacilotti, haviam entregado a própria vida por esses índios xavantes, por essa tribo. As primeiras sementes do sangue deles derramado ofereciam os primeiros frutos.

3.9 Os Bororos hoje

Cinquenta anos atrás, o nome de Bororos indicava uma tribo selvagem que praticava assaltos em uma região imensa de Mato Grosso. Eram muitos? Seriam alguns milhares, mas inspiravam muito medo e pavor, eram perigosos.

E hoje? A resposta brotou da crônica do Pe. Guido Borra. Ele afirma que passou a festa de Maria Auxiliadora na Missão de Meruri. Viajou com o irmão Simão Costamagna, depois de uma hora de voo chegaram até a Missão, mas o céu estava de tal forma nublado, que somente após 20 minutos de manobras e de tantos giros foi possível o pouso. Veio recebê-los a banda dos bororos. Na entrada da Igreja, estavam ainda os caros Bororos cantando muito bem o motete "Ecce Sacerdos". Celebrou a missa da comunidade, animada por umas tinta primeiras comunhões, e Pe. Guido ficou profundamente comovido ao ver os Bororos entre os civilizados aproximarem-se na hora da comunhão com recolhimento e fervor admiráveis.

À tarde, houve crismas administradas por Pe. Guido ao grupo numeroso de Bororos, que recitaram com fervor o Creio, o Pater noster e a Ave Maria, e respondiam às perguntas em latim. Mais tarde, houve a comovedora procissão com a estátua de Maria Auxiliadora. Os meninos bororos estavam enfileirados cantando e rezando com a devoção de pequenos seminaristas. Também os adultos estavam numa atitude devota e edificante. "Como era encantador ouvir as melodias da banda dos Bororos!" O momento mais patético foi aquele em que a procissão entrou na aldeia: a Virgem Auxiliadora passava abençoando a todos aqueles seus filhos da selva, Pe. Guido afirma que parecia estar sonhando, mas quem de fato sonhou foi D. Bosco; Pe. Guido afirmava:

> [...] eu vivia uma grande realidade, trabalho dos sofrimentos e sacrifícios dos missionários, que tendo conduzido aos pés de Maria aqueles índios, tornando-os agora participantes da convivência comum humana, mas sobretudo agora filhos de Deus.

> Quantos suores foram gastos e quantos sacrifícios foram gastos, quantos perigos foram superados para atingir aquela meta! Mas o que não pode fazer o amor de Deus e das almas no coração de um missionário católico?! (BORRA, 1956).

Através dessas descrições, o Pe. Guido expressou sua alegria por participar dos trabalhos de todas as gerações dos missionários que estiveram ao lado dos Bororos por esse longo tempo de cinquenta anos. Seu coração, fiel a D. Bosco, levou-o à experiência invejável de passar uma festa de Maria Auxiliadora com os bororos. Eles têm em Maria Auxiliadora a própria mãe carinhosa, a Mãe de todo o povo Bororo. Nesse dia, eles expressaram o carinho grandioso pela Mãe carinhosa. Ensinam aos filhos essa verdade e a tradição é esta: Maria Auxiliadora é a Nossa Mãe, para eles, como foi sempre a vivência dos missionários que sempre agiram com o coração grandioso de D. Bosco. Com a descrição dessa experiência belíssima, Pe. Guido quis encerrar os trabalhos e guardar as recordações dos momentos inesquecíveis experienciados ao lado dos salesianos missionários, entre os xavantes e os bororos. Grandes metas e muitas realizações por parte dos missionários; Pe. Guido apoiou com sua presença esse trabalho difícil e muito exigente entre os índios.



Me. Francisco Arese



Me. Roberto Pollice



Me. Francisco Bondioni



Pe. Ricardo Remetter



Me. José Veronese



Me. Franz Würstle

Capítulo IV

Escritos do Pe. César Albisetti

No capítulo anterior, foi mencionada a trajetória de preparação do Pe. César para trabalhos científicos no campo do conhecimento da tribo dos Bororos. Particularmente, confluíram para essa preparação sua disposição e seu gosto especial pelo estudo do povo com o qual convivia diariamente; desenvolveu uma atitude de observação peculiar para todas as manifestações culturais dos bororos com a finalidade de aprofundar os conhecimentos e registrar os significados e sentidos de que eram portadoras essas manifestações culturais enquanto grupo, enquanto hierarquia entre eles ou elementos construtores de identidade pessoal, ou de funções específicas de uma pessoa ou de grupos correlacionados. Quanto à metodologia, valeu-se a princípio do professor competente, Pe. Tonelli, que orientara a pesquisa do Pe. Colbacchinni e que lhe indicara os roteiros científicos a serem respeitados em qualquer pesquisa; teve encontros com outros salesianos competentes no assunto, como o Pe. Félix Zavattaro e Pe. Ângelo J. Venturelli. Estes se tornaram referência quanto à metodologia científica, como dos moldes a serem adotados na questão documental. A questão documental passou por diversos passos, desde a descoberta ao cuidado especial com os objetos, de fato originais e representativos, para que pudessem ser devidamente tratados e não se deteriorarem com facilidade. Também houve a questão bem prática, mas bem equacionada, da documentação fotográfica e filmagens; nesse particular o Pe. Venturelli assumiu o trabalho documental com muita propriedade ao se valer dos recursos disponíveis daquela época.

Por outro lado, houve alguns acontecimentos que ofereceram ao Pe. César grandes oportunidades de se aprimorar nessa postura de estudo científico sobre a cultura e história dos Bororos: sua atuação na organização de duas grandes e significativas exposições missionárias. A primeira de 1924-1925 ocorreu no Vaticano, a Exposição Missionária Salesiana; a segunda ocorreu em setembro de 1942, em S. Paulo por ocasião do IV Congresso Eucarístico Nacional, quando o Pe. César dirigiu a confecção e a composição dos "stands" da Exposição Missionária Salesiana. Todo o grandioso resultado do trabalho missionário estava aí documentado ao lado dos diversos enfeites que mostravam a grandeza da cultura dos Bororos. Esses dois acontecimentos ofereceram ao Pe. César um conjunto de observações e posturas que lhe foi muito significativo para os trabalhos futuros que ele já possuía em mente poder realizar.

Uma vez que havia decidido estudar em amplitude a cultura dos Bororos, Pe. César teve a ventura de encontrar em Thiago Aipoboreu um auxiliar competente e muito bem preparado. Este estudara em Cuiabá e, depois, aprendeu italiano e francês, viajou para a Europa. Após um momento de crise cultural, quando se embrenhou novamente nas matas para retomar sua vida antiga, sem os moldes civilizados, depois de algum tempo retornou para Sangradouro e integrou-se à vida da missão. A convite do Pe. César, tornou-se a base de informações sobre as diversas dimensões da cultura bororo. Assim, convivendo por longos anos ao lado do Pe. César, coletaram juntos um material científico de grande importância para o conhecimento dos diversos componentes da cultura bororo. Ao lado do dimensionar as instâncias culturais, a organização tribal, as camadas de percepção dos costumes e rituais, aprofundaram os estudos do processo linguístico e ritual; conseguiu estruturar todos os mitos portadores de valores e sentidos para o povo enquanto suportes de organização social e de visão do mundo a partir dessa cultura. Essa convivência, muito profícua em sistematização do conhecimento, resultou na coleta de dados que, mais tarde, se concretizaram nos diversos volumes da Enciclopédia Bororo.

Pe. César escreveu vários artigos para serem publicados no Boletim Salesiano de Turim sobre a atividade missionária enquanto tal e sobre alguns salesianos que se tornaram beneméritos por seus trabalhos e ações em benefício dos índios bororos. Esses artigos ou depoimentos do Pe. César adquirem valor histórico extraordinário devido ao arco do tempo em que esteve nas missões, onde conviveu e presenciou todos as modalidades de mudanças e de modificações nas relações entre os missionários e os índios, entre as viagens e a convivência na missão. Alguns desses escritos se tornaram testemunhais, reveladores dos grandes acontecimentos ou ações importantes desses missionários do passado recente; também oferecem uma forte linha documental da vida salesiana nas missões e na atividade pastoral em todo o território da Prelazia. Os itens seguintes são recortes desses artigos escritos pelo Pe. César e foram publicados nas datas correspondentes.

4.1 Um oásis no deserto

Esse texto, publicado em 1956, retrata um estilo de história da missão de Sangradouro desde a sua origem, um lugar sempre considerado muito aprazível devido à altitude a e ao clima muito agradável em quase todas as épocas do ano.

"No Mato Grosso, estávamos em tempo de revolução. Em um dia de 1906 dois grupos de assaltantes se encontram na estrada que vai da capital Cuiabá ao Araguaia, ao oriente.

— Para onde vai? Indaga alguém do grupo de que retorna de um bem sucedido assalto e saque.

— Vamos para Sangradouro onde deveremos destruir a ferro e fogo a fazenda do Dr. Santos!

— Não é mais do Dr. Santos e não se deve assaltar mais lá. Foi vendida ao Pe. Antônio Malan, a quem devemos respeitar. Retornemos juntos para Cuiabá e deixemos em paz aqueles missionários.

Todos retornaram e a incipiente Missão de Sangradouro viu-se livre de sua destruição. Foi nos primeiros meses de 1906 que o Dr. Emanuel Joaquim dos Santos cedeu a sua residência de Sangradouro e os terrenos vizinhos ao Superior da Missão Salesiana, D. Malan, que enviou alguns salesianos para que tomassem posse da fazenda no dia 24 de maio, Festa de Nossa Senhora Auxiliadora.

Naquele tempo, viajar para Sangradouro era aventurar-se por regiões desconhecidas e povoadas por índios brabos. Sair de Cuiabá era sair do mundo; em um percurso de 350 quilômetros encontravam somente uma estação telegráfica e dois grupos de cabanas. Depois de algum tempo, a viagem a cavalo tornava-se atraente e conduzia a ver lugares encantadores. Sangradouro está a 600m de altura em relação ao nível do mar e está na metade do caminho entre Cuiabá, a capital e o Rio Araguaia. D. Malan intuiu que seria um lugar excelente e importante para a comunicação e que estando em meio a florestas exuberantes, poder-se-ia desenvolver bem a agricultura e a criação de gado.

A lonjura dos centros de civilização e a falta dos meios de comunicação tornaram difícil o início das atividades dos salesianos. Ali era um dos lugares de incursões dos índios bororos, como provavam as benfeitorias destruídas e as casas também destruídas na linha telegráfica que de Cuiabá vai até o Araguaia, percorrendo mais de 600 Km.

Inicialmente a colônia que recebeu a denominação de S. José cuidou dos índios. Primeiramente, D. Bálzola foi procurá-los; assim os primeiros índios de Sangradouro deveriam vir da região do Pogubo, do vale do S. Lourenço, lugar clássico dessa tribo, onde anos antes Pe. Bálzola já havia estado em atividade pastoral entre eles. Estes, ao saber que Pe. Bálzola estava em Sangradouro, vieram em um bom número. As imensas florestas e os grandes rios da região do Pogubo, ricos de pesca, exercem até hoje uma atração mágica sobre os índios, de tal maneira que na missão, às vezes, estão muitos índios e, em outras ocasiões, são poucos os que ali permanecem.

D. Malan fez com que fossem construídas algumas casas para eles, ofereceu ferramentas para o trabalho, roupas e remédios. Para facilitar os trabalhos construiu uma potente roda hidráulica que permitiu mais tarde uma verdadeira oficina mecânica. Depois chegaram também as Filhas de

Maria Auxiliadora, cujos cuidados para com os doentes sempre foram muito valiosos.

A missão evoluiu e progrediu sempre, até que em 1926 uma coluna de revolucionários passou por ali como um ciclone devastador. Quando eles se aproximavam, o diretor, Pe. César, julgou melhor afastarem-se todos e refugiarem-se na mata. Foi providencial porque houve um combate entre as forças do governo e os revoltosos, e a colônia estava entre o fogo cruzado; depois do combate, saquearam tudo. Ao retornar, os missionários encontraram somente destruição, e haviam levado tudo; mas depois de algum susto retornaram à vida normal da missão.

A vida na missão retornou a ritmo normal e, em outubro de 1929, todos estavam prontos para festejar a Beatificação de S. João Bosco. Refizeram os estragos provocados pelos soldados e revoltosos. Assim a casa de Cuiabá enviou a banda musical e tudo que foi necessário para refazer as instalações elétricas para movimentar também a projeção de filmes.

Em 1931, outro grande acontecimento alegrava os missionários em Sangradouro. Foi a desejada visita do representante do Reitor-Mor, D. Tirone, que deixou escrito: "Ficamos não somente satisfeito, mas admirado ao perceber que os índios, homens, mulheres de 50, 60 anos ou mais responder com desenvoltura na língua indígena as perguntas do catecismo feitas pelo diretor."

Existia uma deficiência que poderia vir a prejudicar toda a vida da missão: a falta de água. O que havia era muito pouco e urgia uma solução para a questão. Era necessário um grande canal que trouxesse água para toda a missão e que movimentasse as rodas hidráulicas e para a agricultura. Parecia um empreendimento muito árduo; Pe. Albisetti superou todas as objeções e iniciou a construção de um canal que assegurasse o fornecimento de água para a missão. Com o apoio de D. José Selva, iniciaram-se os trabalhos em 1939 e, em 1941, o canal foi inaugurado. Na agricultura prosperou o cultivo do trigo, das hortaliças, das frutas, enquanto a oficina de marcenaria e de mecânica viram suas possibilidades multiplicadas.

Outra grande necessidade a ser solucionada era a construção de uma nova igreja maior e decorada de acordo com a arte; o que era uma igreja diminuta hoje é uma igreja alta e bela dedicada a S. José. Foi o incansável diretor, Pe. Luiz Lorenzi que teve a consolação de construí-la dentro do projeto do nosso arquiteto Júlio Valotti. E assim, toda região sendo atendida pelos sacerdotes missionários foi transformada em paróquia. A superfície da área da paróquia é maior que a área do Piemonte, Lombardia e Veneto; os missionários heroicamente percorriam essa região a cavalo, evangelizando de moradia em moradia. Assim o território da paróquia de Sangradouro continha os territórios de Meruri, Poxoréu e Guiratinga, onde hoje reside o Prelado. Os outros centros missionários esperam agora que sejam considerados e instituídos como paróquias.

Às vezes os adversários atacavam os missionários em seu trabalho, como em 1943, quando dois senhores vieram a Sangradouro para uma visita de inspeção; inicialmente estavam muito prevenidos, mas com crescente interesse partiram admirados com o trabalho missionário e deixaram ótima apreciação por escrito: "Aqui os padres salesianos e as irmãs salesianas, Filhas de Maria Auxiliadora, desenvolvem uma conspícua obra de civilização, de instrução e de educação, digna da admiração de todo bom brasileiro!" Eram representantes enviados pelo governo federal do Rio de Janeiro; vieram para surpreender e foram surpreendidos!

Esse rápido percurso pela história cinquentenária de Sangradouro pode fornecer uma ideia do trabalho admirável que a Missão Salesiana realizou no campo religioso, e igualmente na âmbito civil e social. Na festa final do ano escolar passado, o Prefeito de Poxoréu sentiu-se na obrigação de enviar um representante que, em nome da cidade, agradecesse ao Diretor o bem grandioso que realiza a não poucos jovens carentes daquela cidade de garimpeiros. Ao retornar do colégio, os meninos se mostravam bem melhores, como que transformados.

Sangradouro continua dando grandes passos na busca pelo progresso; e o trabalho missionário, abençoado por Deus, produz frutos bons e abundantes para a religião e para a civilização. Pe. César Albisetti, missionário Salesiano" (ALBISETTI, 1956b).

4.2 Assim foi o primeiro bispo dos bororos! – Di questa Tempra fu il primo vescovo dei Bororo

Em seus registros, Pe. César Albisetti, deixaria um precioso legado sobre o marco D. Malan, na história da Missão Salesiana.

No Boletim Salesiano do primeiro decênio deste século, era muito familiar a presença do nome de D. Antônio Malan, que, ao lado do de Pe. Bálzola, mostrava-se aureolado pela luz de um intrépido missionário do Mato Grosso, cujo nome, naquele tempo, suscitava entusiasmo e um senso de interesse misturado pelo fascínio e admiração.

O primeiro idealizador do grande trabalho missionário salesiano no Mato Grosso, foi o saudoso D. Luiz Lasagna, cuja morte trágica no-lo arrebatou em 1895, justamente no início dessa grande jornada. Dele assumiu os ideais e o zelo empreendedor e iluminado D. Malan, que, ao lançar na linha de frente Pe. Bálzola, permanecia na retaguarda. Esta, para D. Malan, significava um trabalho de organização e planejamento ao lado das autoridades em todos os escalões no Brasil e também na Europa, o que ele realizava com andanças intermináveis para buscar meios de sustentação da nova Missão, que nada possuía de recursos!

Naquele tempo, as viagens eram feitas a cavalo. Da capital do Brasil, para chegar até Cuiabá, era necessário viajar de navio pelo mar até Buenos Aires, para depois viajar de barco pelos rios Paraguai e afluentes, em um percurso de mais de dois mil quilômetros, ou então, atravessar o interior do país a cavalo, coisa que D. Malan realizou mais de uma vez.

D. Malan manteve-se bem como responsável, conseguiu conquistar as simpatias e admirações, com toda sua dignidade de sacerdote, de missionário e de filho de D. Bosco, a quem soube muito bem imitar no espírito sobrenatural associado a uma atividade rica de resultados.

Após 25 anos de ausência de um homem tão extraordinário, é justo que seja recordado esse fato em nosso Boletim, que muitas vezes foi o portador das descrições de suas obras admiráveis. É este o meu desejo revelando um episódio da vida do grande missionário, um fato em que a sua fortaleza atinge ao estágio de heroísmo.

Brilhava em D. Malan uma vontade férrea que não titubeava diante das dificuldades e sabia dignamente resistir e impor-se mesmo diante dos inimigos. Tinha um semblante firme, sério e não era expansivo; por isso numa primeira impressão despertava uma pessoa imperativa, mas depois mudava quando mostrava o seu coração generoso. Eram bem conhecidas as suas risadas abertas e reconfortadoras que entusiasmavam as conversas familiares e depois suas solicitudes paternas que ele sabia manifestar a todos e a cada um em especial.

Este homem forte primeiramente teve que enfrentar uma luta terrível consigo mesmo. Quando em 1889 se tratava de partir como missionário para a América, sua querida mãe, que o amava intensamente, se opôs de forma resoluta. A boa senhora já havia permitido ao filho seguir a vocação religiosa; e agora não se via capaz de sofrer e assumir um novo e pesado sacrifício. A inesperada contrariedade tocou profundamente o coração do ardente apóstolo. Usou de todos os meios para obter da mãe o desejado consentimento, rezou, chorou, mas tudo foi inútil. Então o jovem clérigo, valendo-se das palavras de Jesus: "Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim, não é digno dos reinos do céu", teve um gesto de generosidade e se afastou da mãe, a qual decidida em sua não permissão, recusou inclusive de lhe dar o último abraço. Pobre mãe! Dominada pelo seu amor materno, privava-se da alegria e da honra de se tornar mãe de um Bispo e de um Apóstolo!

Para o jovem clérigo foi uma espécie de turbilhão, mas tudo suportou com perseverança e por longos anos rezou pela mãe, batendo de vez em quando à porta de seu coração para ver ao menos se podia iniciar uma correspondência por meio de cartas com ela. A luta foi terrível, mas valorosa para temperar o caráter do futuro apóstolo do Mato Grosso.

Nas relações entre D. Malan e sua mãe abriu-se um horizonte de serenidade quando foi possível o primeiro encontro em 1896. Naquele ano, ele, já bastante conhecido como missionário no Mato Grosso, viajando pela Europa, pôde ter uma conversa com ela que serviu para restabelecer as relações cordiais e permitiu uma separação afetuosa antes de partir para o campo das missões.

Em 1900, não somente desapareceram as nuvens negras, mas surgiu um céu muito brilhante. A mãe rendeu-se completamente e, não sem lágrimas, fez com o filho uma ampla e incondicionada paz. Esse acontecimento encheu de alegria o coração do missionário, que agradeceu a Deus, e tal fato tornou-se fonte de maior entusiasmo para o período de admirável desenvolvimento do trabalho que levou à criação de uma verdadeira e definitiva fixação dele entre os Bororos.

O Senhor tinha preparado assim o seu escolhido para grandes obras e, em 1914, para a dignidade episcopal, como Bispo titular de Amiso e Prelado do território em que havia desenvolvido a sua missão, assim foi reconhecida oficialmente pela Igreja. A primeira a participar de sua alegria e da honra foi naturalmente a sua mãe, que teve a grande consolação de poder abraçá-lo já bispo em 1920.

Esse episódio ilumina uma característica da figura moral do grande Apóstolo dos Bororos: "a sua fortaleza, que projeta sobre ele uma intensa luz de uma espiritual grandeza. Campo Grande, 1956. Pe. César Albisetti" (ALBISETTI, 1956c).

Esse texto do Pe. César simplesmente ilumina a perspectiva de poder mostrar a grandeza de alma e de coração desse excelente missionário filho de D. Bosco que concretizou em Mato Grosso o sonho e o projeto de D. Luiz Lasagna, outro excelente missionário. Duas grandes personalidades capazes de extensos atos e realizações, animados pelo espírito missionário grandioso de D. Bosco.

4.3 Um "Centro de Pesquisa" na Missão Salesiana de Mato Grosso

A Missão Salesiana de Mato Grosso, depois de ter cumprido com o seu dever para com a religião e a sociedade com resultados satisfatórios, vale-se agora de seu rico capital de conhecimento e de experiência adquirida, para oferecer à ciência o tesouro linguístico-etnográfico da tribo dos Bororos, que, sob esse aspecto, surgirá como uma das mais ricas e completas da América meridional.

Alguns dos mais anciãos da Missão, que não mais podem trabalhar nos campos mais avançados, dedicaram-se a estudos especializados para satisfazer o mais possível às justas exigências da ciência. Assim, por este motivo,

iniciou-se o "Centro de Pesquisa" com sede no Colégio D. Bosco de Campo Grande. Aos anciãos uniram-se elementos jovens que uniram à experiência forças juvenis dando vida a um conjunto de iniciativas geniais.

Depois de que as comunicações por terra melhoraram, bem como agora o transporte aéreo, tudo favorece as viagens do Centro da Missão para consultas e ilustrações da pesquisa em campo com abundantes fotos e registros cinematográficos. Ao mesmo tempo foi possível recolher, coletar um rico e variado material etnológico que deu origem a um Museu da tribo Bororo já conhecido e apreciado não somente pela abundância do material, mas ainda pelo ordenamento, classificação e elegante exposição.

Da Missão Indígena são transportados para a sede tipos Bororos escolhidos para um melhor e mais cuidadoso estudo do material e para o registro documental sobre uma fita magnética. Essa registração será de grande utilidade para a reta grafia da língua Bororo, da qual o 'Centro' está preparando um estudo amplo com bases novas e científicas.

Confiamos que o Senhor nos abençoe por estas atividades missionárias, cuja finalidade é provar mais uma vez que a religião e a ciência podem caminhar em plena harmonia. Pe. César Albisetti (ALBISETTI, 1956a).

4.4 Um Centro de Pesquisa

No mês de julho, o Liceu Coração de S. Paulo recebeu em suas dependências o Congresso Brasileiro dos Religiosos. Foram dias de estudos empenhativos, tornou-se mais solene pela presença de S. Excia. o Cardeal Valério Valeri, representante do Santo Padre o Papa.

Dois dos nossos irmãos do Amazonas e de Mato Grosso foram encarregados de redigir um documento missionário com o título: "Contribuição da sociologia e da etnologia para o desenvolvimento das missões".

Os relatores foram o Pe. Félix Zavattaro, da Inspetoria de Mato Grosso, e o diácono Casimiro Beksta, das missões do Amazonas. Entre as conclusões práticas sublinho duas, a n. 18 e a n. 19:

— Em toda província missionária seja organizado um centro de estudos etnográficos, com biblioteca, museu, publicações recentes, capazes de instruir e informar oportunamente os missionários da região.

— Os museus etnográficos prestam um grande serviço à cultura e à história. É uma obrigação de solidariedade humana e cristã salvar uma grande documentação de cultura material (manufaturados, técnicas e produtos) e espiritual (língua, religião, lendas) dos povos primitivos.

Fascínio de um Museu

A proposta caía bem sobre um terreno propício, porque o nosso Colégio D. Bosco de Campo Grande possui já uma ala de sua estrutura toda reservada para o Museu Regional.

A parte mais rica e mais atraente é a sessão etnográfica: aí estão expostos os mais significativos trabalhos de 24 tribos de índios do Brasil. Especialistas nas tecelagens e na cerâmica são os Tucanos do Rio Negro. Artistas na modelagem de estatuetas de argila são os Carajás do Rio Araguaia. Os Bororos são mais documentados: arcos, flechas, brincos, colares, ornamentos, miçangas. Causa muita impressão o esqueleto de um Bororo, revestido por penas tradicionais, tão bem enfeitado que parecia a estátua de uma santa ornamentada para uma festa popular. Muitos anos atrás os Bororos de Sangradouro ofereceram um presente ao missionário como sinal de amizade, um magnífico cesto funerário: aquele foi o primeiro objeto, o número 1 do nosso museu.

Outra sessão que é atraente e de muito valor é a coleção de mamíferos e de aves. Maravilhosos os lepdópteros e os coleópteros. Que brilho e fascínio de cores! A mãe natureza brincou em um mundo de fantasia e aí colocou brilhantes as folhas de um cintilante álbum de maravilhas naturais. E em determinado lugar, está também a exposição de minerais. Grandes colaboradores em todo esse trabalho são os próprios Bororos que aceitam com prazer vir da longíngua missão para auxiliar o missionário.

Um Centro de Pesquisa

Mas a novidade talvez mais interessante seja o Centro de Pesquisas, uma instituição científica sempre atenta para recolher o material, estudá-lo e explorá-lo. Recentemente enviou um seu entomólogo, Pe. João Falco, como representante ao Congrego Nacional dos Museus que ocorreu na cidade de Ouro Preto, no Estado de Minas Gerais.

O Centro possui uma ótima biblioteca, rica em obras clássicas de etnologia e encontra-se em contato com os centros culturais mais importantes do mundo. Nas salas de leitura, uma pessoa interessada pode folhear revistas como "Anthropos", de Friburgo, ou o "Journal de la société dês Américanistes", de Paris. O centro possui numerosas bobinas de microfilme sobre assuntos de alto interesse. Está na vanguarda o estúdio científico com o laboratório foto-cinematográfico, aparelhado com moderníssimos aparelhos.

Goza de tal alta reputação que durante o recente XVIII Congresso Internacional de Geografia, que ocorreu em agosto no Rio de Janeiro, o governo brasileiro enviou mais de trinta congressistas para visitar, em Campo Gran-

de, o nosso Museu etnográfico e o nosso Centro de Pesquisa. Por duas horas consecutivas, a comitiva demonstrou atenção à seção onde estava o conjunto entomológico e ao acervo Bororo. Em nome dos hóspedes, foi projetada a película colorida sobre os costumes e danças dos bororos. No registro dos visitantes, alguns dos mais célebres nomes da cultura européia deixaram registradas suas avaliações e impressões. Eis uma delas: "As coleções etnográficas do Colégio D. Bosco de Campo Grande são as mais interessantes do mundo, ao menos pelo que se refere ao estudo dos Bororos. Deixo anotado que estas riquezas sejam divulgadas com uma publicação científica que trará muita honra ao seu autor."

Depois lêem-se as assinaturas de Pierre Deffontaines de Barcelona, de Ivan Ambjom de Estocolmo, de Leo Aario de Helsinki. Antes de despedir-se, o prof. Formozov, de Moscou, propôs um intercâmbio e troca de informações culturais com a República Soviética. Estes estudos mostram como os nossos missionários devem procurar entender os índios, compreender-lhes os gostos e o seu folclore. Assim tornam-se os missionários mais próximos de todos e poderão mais facilmente conquistá-los ao Senhor.

O museu de Campo Grande é a história facilmente legível e documentada do trabalho de sacrifícios e de sofrimentos dos nossos missionários na difusão do Reino de Deus.

Aos nossos leitores queremos deixar um convite, embora quase irrealizável, "Venha visitar-nos e compreendereis!". Pe. César Albisetti em novembro de 1956 (ALBISETTI, 1956d).

Esse artigo para o Boletim Salesiano veio mostrar a capacidade de trabalho dos missionários, tanto zelo pela difusão do Reino de Deus e tanto zelo pelo estudo científico dos povos indígenas. Verdadeiramente um grande testemunho oferecido, para sempre, como expressão da grandeza do trabalho apostólico e missionário dos filhos de S. João Bosco.

4.5 Os triunfos da Banda de Música dos Bororos

A Aeronáutica do Brasil celebra anualmente a festa da "Asa" com particular entusiasmo e solenidade, pois nessa mesma ocasião se comemorava também o cinqüentenário do primeiro vôo, do "mais pesado que o ar", realizado em Paris pelo brasileiro Santos Dumont, que faleceu em 1932. Justamente o Brasil celebra o importante acontecimento que através da aeronáutica encontrou uma solução para o grave problema das comunicações nesse vastíssimo território nacional. Muito se espera da aviação militar que espalhou seus campos de pouso em todo o Brasil, mesmo nas regiões mais impenetráveis e desconhecidas. Por isso seu espírito de estar presente foi providencial; também as Missões Católicas são reconhecidas, pois na maior

parte delas a aviação militar tem bons campos de pouso onde, até semanalmente aterrizam os aviões militares, colocando os missionários em contato com o mundo civil.

As forças da aeronáutica, em suas festividades, recordam-se de tantos centros missionários visitados por eles e dela quiseram escolher um elemento que na solenidade associasse seu trabalho com um acontecimento diferente... Assim a Base Aérea de Campo Grande, uma das mais importantes do Brasil, foi justamente às missões salesianas de Mato Grosso buscar essa nota festiva completamente diferente. Os seus valorosos pilotos, aterrizando todas as semanas nos campos das missões, percebem o palpitar da vida e de progresso daqueles longínquos "oásis" junto com os cantos alegres e as notas festivas da banda de música dos Bororos de Meruri, formada pelos filhos e netos daqueles que, em outra festividade nacional, em 1908, foram tocar na capital, provocando estarrecimento e surpresas com suas execuções musicais, depois de somente seis anos do início da missão.

O comandante da Base de Campo Grande, Major Agenor de Figueiredo, encontrou facilidade em planejar tudo com o atual diretor da Missão de Meruri, Pe. Bruno Wisniowski, uma vez que foi também diretor do Colégio D. Bosco daquela cidade. A viagem com os músicos bororos seria aérea. Foi um acontecimento extraordinário para todos, em especial para os músicos, que, com poucas exceções, viajavam pela primeira vez de avião. O diretor da missão os acompanhava em tudo, juntamente com o infatigável coadjutor, João Rocco.

Os bons músicos corresponderam plenamente à expectativa geral com impecável atuação nas execuções musicais e com o bom comportamento. Além das apresentações oficiais do programa, apresentaram-se ao público da cidade na praça central da cidade. Durante a permanência dos Bororos em Campo Grande, da longínqua missão de Santa Teresinha chegou Pe. Pedro Sbardellotto acompanhado por dois jovens xavantes. Os dois índios com uma longa cabeleira que caía nas costas, com um sinal na cabeça que mais parecia uma tonsura ovalada e pequena, com um sorriso muito simpático, atraíram a simpatia de todos. A Providência Divina fazia encontrar em uma moderna e movimentada cidade membros de duas tribos que, até pouco tempo, eram inimigos terríveis e colocavam em contraste as duas missões: a dos Bororos do altiplano oriental de Mato Grosso já em sua completa maturidade, e aquela dos Xavantes, ainda no início, mas muito prometedora. A comitiva tinha apenas retornado da viagem triunfal de Campo Grande, quando teve que se preparar para viajar para Cuiabá. Lá no dia 12 de novembro, devia fechar a festa do cinquentenário do Governo de Mato Grosso, e o Exmo. Sr. Governador do Estado quis também que a banda dos Bororos estivesse presente na capital do Estado. Os músicos bororos viajaram e, ao se apresen-

tar em Cuiabá, corresponderam às expectativas de todos. Foram muito bem apreciadas por todos as apresentações musicais. Também foram muito bem apreciadas e aplaudidas as numerosas e variadas danças e cantos da própria tribo, bem como as apresentações do tiro ao alvo com as flechas.

Com suas apresentações a banda dos Bororos fechou as festas do cinqüentenário da fundação do Estado e reforçada com novos músicos, continuará a ser a alegria das festas na missão, dando prova da eficácia transformadora da catequese religiosa.

Campo Grande. Pe. César Albisetti (ALBISETTI, 1957).

4.6 Faleceu Akirio Aipobureu, a "Ínfula branca"

Um telegrama com poucas palavras da Colônia Indígena de Meruri informou ultimamente ao Centro de Pesquisa Etnográficas do Museu de Campo Grande que havia falecido Tiago Aipobureu, o bororo conhecido pelo grande público de leitores do Boletim. Faço notar que o seu verdadeiro nome era Akirio Bororo Kejewu, que quer dizer "ínfula enfeitada por brancas penas, que se encontra na praça da aldeia."

Com ele desaparece uma preciosa fonte de informação da civilização bororo. Morreu aos sessenta anos, vítima de uma gripe que durou poucos dias. Era um indiscutível mestre dos cantos e danças bororos e sabia colocar em cena tais execuções folclorísticas que encantavam. Foi assim que o Pe. Ângelo Venturelli pôde filmar um belíssimo documentário colorido de cantos e danças e de jogos rituais executados com exatidão sob a chefia de Akirio. Também o Reitor-Mor, Pe. Renato Ziggiotti, em sua visita às missões de Mato Grosso, teve a ocasião de admirar a maestria de Akirio nas danças bororos.

Tiago (ou Akirio) foi um dos primeiros meninos que veio para a Missão Salesiana em 1902; encontrou Pe. Bálzola e causou-lhe boa impressão. O superior Pe. Malan o indicou como apto para o estudo da música; e de fato aprendeu flauta. Participou também da histórica tournée da primeira banda dos bororos que apresentou várias peças bem executadas no Rio de Janeiro. Na volta, D. Malan colocou esse jovem muito inteligente no Colégio Salesiano de Cuiabá para estudar. Em seguida, levou-o consigo como companheiro de viagem para a Europa. Tiago visitou os palácios de Roma e de Paris, visitou o Vaticano, soube se comunicar na língua italiana e francesa, por isso sempre teve uma saudosa memória de sua permanência na Europa.

Quando tinha vinte anos, foi tomado de saudade da selva e retornou a viver com os seus irmãos bororos. Teve um período cheio de tempestades, dispersou-se em vários rumos. Mas aquele período foi de certo modo também providencial, pois lhe serviu para reaprender e recordar de suas tradições e

costumes da tribo – Assim quando o Missionário iniciou a colocar por escrito tudo o que se referia à vida, aos usos e costumes dos índios, encontrou em Tiago um fidelíssimo informante. Possuía uma sensibilidade especial para escolher ou deixar de lado o que era verdadeiramente genuíno, aquilo que era de fato da marca da cultura bororo daquilo que fora inferido da cultura dos civilizados. Deve-se ao seu trabalho a coleção de muitos cadernos com apontamentos com ótima caligrafia, e muitos objetos originais da cultura e de confecção dos bororos originais para o Museu de Campo Grande.

Recordo-me que uma vez agradeceu a nós missionários com esta poética e belíssima expressão: "Desça sobre vós uma luz viva, brilhante, muito forte e vos inunde de beleza; eu me sinto comover por aquilo que vós fizestes e sofrestes por nós..." Poucas horas antes de morrer me enviou um telegrama pedindo para ser transportado de avião para Base Militar para um hospital de Cuiabá. Em seguida, chegou a notícia de sua morte, suscitando um profundo pesar e dor. Peço a todos que se lembrem dele em suas orações e que possa gozar da luz "viva, brilhante, toda raio" e eterna no Céu.

Pe. César Albisetti (ALBISETTI, 1958).

4.7 Um "iluminado pela chama de Deus"

O missionário Pe. César Albisetti, tendo sido um dos colaboradores de D. Antônio Malan, esse grande soldado de Cristo e pioneiro da civilização, relembra os seus feitos grandiosos e heróicos.

No Santuário de Maria Auxiliadora em Turim, D. Bosco tendo terminado a Santa Missa e com passos lentos dirige-se para a sacristia. Em dado momento pára e fixa atentamente seu olhar sobre um jovem que o espera numa atitude devota. Sobre ele D. Bosco viu brilhar uma luz misteriosa, símbolo profético daquela luz que brilhou sobre a vida desse escolhido feliz para iluminar e incendiar os corações de tantos pobres índios que vagavam pelas florestas do Mato Grosso. Um sinal extraordinário, pois, que havia indicado a D. Bosco aquele que se tornaria depois o grande bispo missionário D. Antônio Malan, o civilizador do centro do Mato Grosso.

O primeiro passo nessa gigantesca obra foi a aceitação, em 1895, de uma colônia militar onde estava concentrada em grande parte a tribo dos bororos que habitava no vale do rio S. Lourenço. O exército, reconhecendo que a sua ação era limitada, cedeu o lugar para a cruz do missionário; mas também essa, em 1898, deveu retirar-se por causa de partidos sectários. Então o superior da missão, Pe. Malan, decidiu-se a procurar um lugar favorável para o encontro com a parte mais refratária da mesma tribo bororo que, no planalto a este da cidade de Cuiabá, usava de toda a sua astúcia para destruir tudo quanto havia de civilizado naquela vastíssim região.

Uma importantíssima linha telegráfica intercontinental atravessava aquele território, mas as estações deviam ser protegidas por soldados, os quais acompanhavam os guardas-linhas no cumprimento de suas obrigações para os livrar dos assaltos e das ciladas dos bororos, sempre atentos às oportunidades para uma vingança. D. Malan, junto com Pe. Bálzola percorreram a cavalo regiões inóspitas, em todas as direções, assujeitando-se a todos os sobressaltos e fadigas indescritíveis; por um acidente de viagem ficaram sem os alimentos e tiveram que se valer do milho da ração dos animais para se alimentar.

Em agosto de 1902, ocorreu o primeiro encontro com os ferozes bororos. Os missionários e as missionárias, Filhas de Maria Auxiliadora, que por uma especial proteção de Nossa Senhora, foram salvos de um possível massacre total, com sua caridade e paciência conquistaram a confiança dos índios e tiveram então campo aberto para o trabalho de civilização e catequese com resultados que falavam por si só: uma banda de jovens bororos tomou parte na exposição nacional na capital, então no Rio de Janeiro. Naqueles tempos heróicos, D. Malan, como um pai amoroso, pensava em tudo e periodicamente percorria a América e a Europa em busca do que fosse necessário para os seus queridos neófitos. Uma vez que haviam sido iniciados os trabalhos nos campos e na criação de gado, os bororos conseguiam providenciar o necessário para se viver, mas todo o restante pesava sobre a responsabilidade de D. Malan, que, com seu grande espírito de fé e de sacrifício, parecia o homem que não se cansava, o homem da Providência.

E, embora seu trabalho pesado se desenvolvesse entre dificuldades imensas, muitas vezes foi atacado pelos inimigos da Religião que chegaram a pensar em acabar e destruir este trabalho missionário e civilizador com uma ação judicial espetacular, precedida por uma súbdola propaganda de incentivos e de louvores ao trabalho missionário salesiano.

A bomba deveria ter explodido em 1911, quando houve uma ordem de inspeção judicial da magistratura com uma acusação sobre um fato ocorrido em Palmeiras para provar ao mundo que um salesiano havia atirado com uma arma de fogo em um bororo.

Na manhã do dia em que a grande comitiva deveria partir para Palmeiras, D. Malan soube do terrível ardil. Não perdeu tempo; agiu decidida e fulmineamente e, na tarde do mesmo dia, partia também ele para Palmeiras com uma comitiva. Altas horas da noite ultrapassaram o acampamento dos acusadores que tranqüilos repousavam em suas redes, decerto prelibando o sabor da vitória que acreditavam estar segura em suas mãos. D. Malan viajou a noite inteira e chegou à casa de Palmeiras na manhã do dia seguinte, depois de ter percorrido quase 100 km. Os sossegados inquisidores chegaram dois dias depois, tempo precioso para que os salesianos se dedicassem a preparar

um convincente plano de defesa, que facilmente se mudou em uma magnífica ofensa e uma brilhante vitória.

A reviravolta da situação foi determinada especialmente pelo próprio acusador, um pobre bororo precedentemente bem instruído, que ao clérigo Pessina, que se fazia de intérprete, em um determinado momento gritou que não o interrompesse, pois ficaria confuso. Às repetidas e instigantes perguntas do jovem salesiano, o bororo acabou por confessar abertamente que ele e os seus companheiros haviam sido instruídos e instigados por um daqueles senhores que ali estavam presentes para narrarem uma história inventada. D. Malan tinha salvado a missão, e o inimigo uma vez humilhado não ousou mais levantar a cabeça.

Em 1914, foi criada pela Santa Sé a Prelazia do Registro do Araguaia, e D. Malan foi o primeiro Prelado; esta nova situação descortinou para o seu zelo pastoral um vasto campo de atividade não somente entre os índios, mas também entre os civilizados.

Evangelizare pauperibus misit me era o seu lema escrito em seu brasão, e o colocou em prática heroicamente também no nordeste brasileiro, para onde a Santa Sé o havia transferido para fundar a diocese de Petrolina. Aquela desconhecida cidadezinha, às margens do Rio S. Francisco, foi conduzida pelo D. Malan a uma inesquecível época de prosperidade: dotou-a não somente de uma magnífica catedral, mas de colégios, de hospital e de tudo o que pudesse valorizar as obras sociais.

Ao fechar a comemoração do centenário do nascimento deste grande discípulo de Cristo e pioneiro da civilização em imensas regiões povoadas somente por indígenas, é muito belo recordar a grande e nobre figura: severidade também para infundir novas energias em quem continua o trabalho e a documentar ainda mais uma vez que a chamazinha de luz vista por D. Bosco sobre a cabeça do jovem Malan foi um sinal profético da admirável obra civilizadora deste ardente "Luminar de Deus".

Ali a sua lembrança está presente no coração das pessoas por ele abençoadas e auxiliadas, e assim se compreende o entusiasmo do Dr. J. C. Pereira que exclama: "No coração do povo mato-grossense existe uma corda sensibilíssima que vibra com a lembrança e a recordação do imortal filho de D. Bosco, D. Antônio Malan, ao qual todos os tributos são devidos e merecidos, ao qual se deve um perene reconhecimento por tudo que fez (ALBISETTI, 1962b).

4.8 O Museu Dom Bosco

O Museu Dom Bosco é de excepcional importância, foi fundado em Campo Grande, Mato Grosso, Brasil, no dia 27 de outubro de 1951, para valorizar um material precioso, resultado de 50 anos de trabalho salesiano entre os índios Bororos. O Inspetor Pe. Guido Borra, hoje membro do Conselho Superior da Congregação, animando o diretor da casa de Campo Grande, Pe. Félix Zavattaro, a interessar-se pela constituição desse museu, perguntava-lhe: "Se algum dia a tribo dos Bororos desaparecer, como documentaremos o trabalho realizado pela Igreja para levar para eles a civilização?"

Para a organização do Museu, o Colégio D. Bosco colocou à disposição sete salas do grande prédio construído em 1936 sob a planta desenhada pelo arquiteto salesiano Pe. Paulo Consolini. O trabalho dessa organização foi confiado ao veterano das Missões entre os Bororos, Pe. César Albisetti, uma verdadeira competência no conhecimento prático dos índios de Mato Grosso. Esteve a seu lado como auxiliar Pe. Ângelo J. Venturelli, que, por sua cultura filológica e etnológica, tinha competência para interpretar e catalogar o acervo de material recolhido.

O Museu recolhe e expõe objetos e artefatos das culturas dos índios brasileiros. O abundantíssimo material, cientificamente catalogado e apresentado com arte, está dividido em quatro seções.

A primeira compreende a coleção entomológica, com mais de 10.000 insetos, organizada pelo salesiano Pe. João Falco. Foi iniciada em 1948, contém exemplares de muitos Estados do Brasil, entre os quais de Goiás, de Mato Grosso, do Amazonas, de São Paulo e do Rio de Janeiro. Ao lado desta, admira-se a rica coleção de mamíferos, de pássaros e de peixes.

A segunda seção apresenta a coleção de adereços bororos, rica de um material mais variado que documenta os usos e os costumes da tribo dos Bororos desde os tempos remotos, quando não tinham ainda contato com a civilização. Este material foi diligentemente recolhido no lugar, sob a orientação do Pe. César Albisetti e do Pe. Venturelli com um paciente e diligente trabalho durante vários anos.

Na terceira seção do Museu está exposta a coleção dos índios tukanos, Tarianos, Desano e das tribos limítrofes, resultado de explorações realizadas por etnólogos salesianos, Pe. Alcionílio Alves Bruzzi da Silva e por Pe. Casemiro Beksta.

A quarta seção, também essa muito interessante, ilustra o recente trabalho de aproximação com a tribo dos xavantes e é fruto de pesquisas do Pe. Venturelli.

Entre todas essas coleções, a mais importante, completa e organizada é aquela dos Bororos. Cada objeto é identificado com um número

correspondente a uma ficha que fornece então dados completos para o estudo desse objeto. Nesta coleção emerge, por seu alto valor etnográfico e por sua raridade, uma cesta funerária completa, contendo ossos de um selvagem belamente ornamentados de penas e plumas de várias e vivas cores, colocadas com resina aromática de modo a formar um belo mosaico.

Outra raridade preciosa do ponto de vista arqueológico é oferecida pelas caveiras e pelos esqueletos incompletos de dois outros índios bororos. As caveiras conservam perfeitamente os seus ornamentos de penas, tanto que se pode determinar o clã a que pertencem os índios. Foram encontrados numa caverna, na qual os Bororos antigamente acostumavam conservar os seus mortos, enquanto um novo costume mais recente os leva a colocar seus mortos no fundo de alguma lagoa.

Constituem como partes do Museu: uma biblioteca especializada em etnologia e antropologia, com mais de 1000 volumes, a maior parte dos quais são de obras raríssimas e esgotadas; uma abundante fototeca registra a cultura das tribos visitadas; a filmoteca com documentários coloridos em 16 mm e os diapositivos coloridos, o serviço de microfilmes servem para os estudiosos; uma série de gravações em fita magnética dos cantos, com frases e modos de pronúncia das línguas bororo e xavante.

Em um folheto que apresenta um Guia ilustrado do Museu, em forma de álbum para o público em geral, existe, ao lado, um Anuário para as entidades científicas e para os estudiosos. Mas o trabalhho mais poderoso, já pronto para ser impresso, é a grande Enciclopédia Bororo da língua e etnografia bororo, paciente trabalho dos Salesianos Pe. César Albisetti e Pe. Ângelo Venturelli. Estes trabalhos serão publicados com o financiamento do "Conselho Nacional de Pesquisas".

O Museu é dirigido por um corpo técnico residente no local, presidido pelos Salesianos que organizaram todo o material e os vários componentes: para a etnografia tukano, Pe. Bruzzi e Pe. Beksta; para a etnografia xavante, Pe. Zacarias; para a entomologia, Pe. João Falco; para a arqueologia e para a espeleologia o Sr. Fritz Waltibor Bluma.

O Museu está aberto ao público tanto nos dias festivos como nos dias comuns, pela manhã e à tarde. Um membro da direção ou um funcionário competente acompanha os visitantes, dando as devidas explicações e informações. Em casos especiais, acontecem conferências com projeções de diapositivas ou de filmes coloridos editados pelo mesmo Museu.

Todos os anos, o Museu organiza uma ou mais expedições para o território dos bororos e dos xavantes com a finalidade de aprimorar o próprio material linguístico e etnográfico e recolher novo material para as suas várias coleções. Entre as expedições realizadas neste decênio de 1950-1960, foram dignas de nota as seguintes:

1º entre os Bororos de Sangradouro para assistir a um ciclo completo de ritos fúnebres;
2º entre os Xavantes (quatro vezes) para recolher material e organizar um documentário cinematográfico puramente científico;
3º na região do Kuidori, próximo da cidade de Guiratinga, para recolher amostragens arqueológicas pertencentes à tribo tupi-guarani;
4º na região da cidade de Coxim para explorar grutas, antigos cemitérios Bororos.

O Museu esteve presente muitas vezes, também com relatos e monografias em vários congressos nacionais e internacionais, entre os quais:
1º - Congresso Internacional de Americanistas, ocorrido em S. Paulo em 1954 (Memória sobre a fonética Bororo - Pe. César Albisetti).
2º - Primeiro Congresso Brasileiro de Dialetologia e Etnografia. Porto Alegre, em 1954 (Monografia sobre a fonética da língua bororo - Pe. Ângelo Venturelli);
3º - Semana do Índio, S. Paulo em 1960 - Conferência com projeções coloridas sobre os Bororos e Xavantes).

O Governo Brasileiro interessou-se algumas vezes pelo "Museu Dom Bosco" e reconheceu o seu alto valor científico e reconheceu que o acervo todo é muito precioso e nos concedeu uma subvenção anual para cuidar, aumentar e aperfeiçoar o acervo todo do museu. Pe. César Albisetti - 1961 (ALBISETTI, Boletinno Salesiano, Anno LXXXV, n. 9, maio/1961).

O Museu Dom Bosco tornou-se, por um lado, uma expressiva documentação histórica enquanto testemunha os povos indígenas; por outro, é a expressão da honestidade da relação dos missionários para com a cultura dos povos indígenas. Os salesianos batalharam sempre para que o trabalho missionário alcançasse a expressividade de toda a sua abrangência, também aí incluídas a preservação e o estudo da cultura de cada povo indígena. Vale recordar que sempre a Igreja batalhou pela cientificidade de seus estudos, e não foi de forma diferente que os salesianos se empenharam em estudar, preservar e manter as culturas dos povos indígenas por eles abordados.

4.9 A apreciação do Pe. César Albisetti sobre a atividade missionária dos salesianos - Exposição no Capítulo Inspetorial de 1958

Na sessão das 16,00 horas no dia 18 de fevereiro de 1958, no Capítulo Inspetorial, tratou-se de diversas questões referentes à presença e ao trabalho dos missionários nas três colônias de Santa Teresinha, Sangradouro e Meruri. Pe. Bruno Mariano, diretor de Meruri falou por primeiro e apresentou sua maneira de ver a situação do trabalho dos salesianos em Meruri:

— Até 1956 em sua missão havia somente bororos, mas agora é também missão com a presença de xavantes. Os bororos foram abrigados, man-

tidos e educados cristãmente durante mais de 50 anos. Parecem já maduros para serem aos poucos emancipados, começando a trabalhar e a produzir por própria conta, encaminhados pela Missão com terras e apetrechos, sem que lhes falte a assistência necessária. Até hoje ainda estão recebendo a comida feita, ficando boa parte das mulheres ociosas [...] Os xavantes, ao contrário, mais numerosos, dispostos para o trabalho, expansivos, chegam por centenas a procurar o nosso tecto, precisando ser instruídos e educados, mas sem mistura com os bororos, que são considerados inimigos [...]" Pede pois parecer e orientação sobre o "quid agendum!"

O diretor de Sangradouro, onde existem poucos bororos também afirmou que vê chegar sempre novas turmas de xavantes, já numerosos e aldeados provisoriamente nas proximidades da Missão; em geral estão dispostos ao trabalho, plantam suas roças nas terras que lhes foram entregues. Contando com a boa disposição dos índios, parece-lhe que a Missão, tendo bastante terra disponível, pode e deve favorecê-los, abrigando a todos que for possível com o auxílio da Providência.

O Diretor da Missão de Santa Teresinha, sendo aquele que já lida discretamente no próprio meio xavante, faz notar que sua Missão tem índios em maior número, mais de 300, mas que apresentam atitude de quem, estando em sua própria casa, é estorvado pela presença de estranhos, considerados intrusos. Pretendem tudo e não reconhecem facilmente os nossos benefícios do alimento, do vestuário, da assistência sanitária, etc... Contudo são de boa índole e, embora estejam prejudicados pelo contacto com o S.P.I. e demais civilizados, espera-se alcançar bom resultado [...].

Pe. Inspetor respondeu que é necessário confiar que a experiência e a Providência ensinarão o que se deve fazer. Rezar e trabalhar com reta intenção e prudência. Estuda-se a possibilidade de os xavantes de Meruri serem transferidos para o Rio das Mortes, mantendo-lhes a assistência do Missionário. Faça-se, entretanto, o que Deus inspirar e confie-se em sua Providência [...].

Na primeira sessão do dia seguinte, 19 de fevereiro de 1958, o Revmo. Sr. Pe. Inspetor deu a palavra ao Revmo. Sr. Pe. Luiz Lorenzi que leu o parecer do Pe. César Albisetti, missionário emérito, sobre a questão das missões dos bororos e xavantes, conforme lhe fora solicitado após a discussão do dia de ontem sobre esse assunto. Segue o texto do Pe. César Albisetti.

Acompanhei com interesse as discussões de ontem; não me encontrava em condições de tomar parte nessas discussões. Não dei conta de não intervir para mostrar o meu interesse nesse assunto muito importante. Faço-o agora em poucas palavras que expressarão o meu modo de pensar: "O missionário é uma pessoa de sacrifício e de oração que deseja desenvolver a sua difícil missão sobre o desconhecido, sob qualquer ponto de vista, guia-

do sempre, porém, por um saudável critério prático, sustentado pela caridade de Jesus Cristo e mesmo que fosse penoso. Pe. Malan, Pe. Bálzola, Pe. Traversa, Pe. Salvetto, Pe. Colli, Pe. Congiu, Pe. Miguel Curró, Pe. Crema, Pe. Miguel Strowzinski, e o insuperável Pe. Polli, foram todos da categoria de "Filhos de Maria", que, ricos de espírito de oração, de sacrifício e de bom critério, realizaram milagres. A oração os sustentava e os iluminava nas inimagináveis dificuldades daquele tempo, e o bom critério, abençoados por Deus os guiava sempre.

Muitas deficiências vieram de fora, porque queriam ver o bororo civilizado, trabalhador, catequizado em pouco tempo. O cavalo de batalha para a expulsão dos salesianos da Colônia Teresa Cristina foi a falta de progresso sob a direção dos Missionários. Entre os nossos irmãos, não houve quem não se dedicasse por algum tempo ao estudo e à pesquisa científica, sempre porém sob o império do ditado: "primeiramente viver, depois filosofar!" E note-se que os modos de vida e de filosofar são variados, antes multíplices, e um não excluiu por princípio o outro e nem sequer o condena. Ótima postura é a parte teórico-científica; porém estéril sem a prática. Ora, visto como é difícil encontrar sujeitos que reúnam em si os dois lados da questão, pode-se então recorrer ao caminho do centro, do meio, que poderia ser aquele de louvar a Deus quando envia Missionários com o espírito daqueles que foram os primeiros, que permaneciam o tempo todo no trabalho (nella breccia), nas linhas avançadas de combate. A eles eram enviados de vez em quando alguns especialistas, técnicos que lhes ofereçam uma saudável orientação, realizando alguma conferência, em que seja exposto o que de melhor ensina a sociologia cristã, valorizada pela palavra do Papa. Devem-se acrescentar as noções práticas para se poder recolher algo de material linguístico, folclórico e etnográfico. Eis assim, alguns se dedicam ao trabalho no campo, na lavoura e outros ao trabalho da mesa de estudo, unidos para pregar e apresentar o Reino de Deus em perfeita harmonia. A propósito relembro o caso do Pe. Tonelli, que passou dois meses nas colônias fraternamente ensinando e aprendendo com imenso contágio recíproco, de aprender com os missionários e ensinar seu saber.

A ideia de dividir as terras e de oferecer auxílio aos bororos foi sempre insinuada por D. Malan, desde os primeiros tempos. Depois, durante o tempo de governo do Pe. Carrá, reuniu-se sob a presidência de Mns Coutouron, no capítulo da incipiente residência de Meruri. Ali foi discutida essa ideia, foi aprovada e depois atuada essa questão de dividir as terras com todos os auxílios possíveis para emancipar os bororos. Parecia um triunfo, o resultado final foi a destruição de quase toda a grande região das matas ao redor e dispersão dos bororos. Naquele capítulo estava ausente o Pe. César, que se recusou a assinar a ata, declarando ao Pe. Carrá que os bororos não esta-

vam preparados para essa divisão. Coisa que pode ainda hoje subsistir, sendo os bororos por sua natureza pescadores e caçadores, e não agricultores. Parece-me que faltou à atenção de todos uma observação prática do Pe. Luiz Lorenzi, que agora repito dessa forma: "O que fazer com 300 índios sob a nossa dependência quando não se sabe como preencher o tempo deles?" Estas ideias, parecem-me que não devem suscitar novas questões porque não se deve nem condenar Marta nem Maria; uma pode auxiliar a outra na vinha do Senhor! (Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Mato Grosso e Oeste de S. Paulo – 05/12/1955 a 27/01/1966, p. 21-22b).

Assim encerrou-se a leitura do texto em que Pe. César equilibrou a questão proposta pelos diretores das três missões. Entre Marta e Maria, o mundo da evangelização adquiriu novas formas de acordo com os tempos e com o aprofundamento dos estudos. Pe. César manteve sempre essa atitude desde que esteve ao lado do grande pesquisador Pe. Tonelli; mais uma de suas contribuições em prol do trabalho missionário de tantos e tantos salesianos que gastaram a própria vida no trabalho incansável entre os bororos e xavantes.

Anexo I – O ENCONTRO DOS BORORO COM OS MISSIONÁRIOS EM TORI-PO

(Noticiário – Inspetoria Salesiana Santo Afonso – Campo Grande, julho de 1977, p. 9-16)

Era o dia 18 de janeiro de 1902 quando os missionários salesianos, após um mês de viagem a cavalo, desde Cuiabá, chegavam a uma localidade chamada "Taxos" pelos civilizados e "Tori-po" pelos Bororo, que lá passavam frequentemente. Os missionários fixaram suas tendas e, pacientemente, esperavam pela chegada dos indígenas. Foi realmente uma paciência heróica, porque o encontro se deu somente aos 7 de agosto!

Pe. João Bálzola, chefe do grupo missionário, em carta ao Superior Geral dos Salesianos, dava notícia do acontecimento descrevendo o encontro, com santo entusiasmo sim, mas que por nada espelhava a realidade do fato, não sabendo das maquinações e das tramas dos exasperados Bororos, cheios de ódio mortal contra o "branco", considerado qual feroz jaguar. O encontro, reduzido a amigável abraço, somente anos mais tarde foi descrito em sua trágica realidade por Pe. Antonio Colbacchini, em narração viva e atraente, embora um tanto romanesca, em volumes das "Leituras Católicas", editadas em Niterói, sob o título de "Uke Waguu" ou "A cruz nas Selvas". Rememorando o episódio com seu amigo Manno Kurireu (José Maria), este disse conhecer a história, porém, um tanto diferente da que havia lido ou ouvido contar.

— Conhece o fato como o narrava o chefe dos Bororos "Meriri Otoduia"? Perguntei-lhe

— Conheço-o. Ouvi-o de sua própria boca, porque quando faleceu, eu tinha mais de oito anos. Depois, quantas vezes, ouvi contar isto de meu pai, em seus discursos noturnos.

— Então, meu amigo, escreva logo quanto sabe.

— Fa-lo-ei de muito boa vontade, também porque não faz muitos anos revivi sua recordação em longas conversas com meu amigo Tiége Etóre (Luis Carlos), parte principal nos acontecimentos.

O Bororo Manno Kurireu, nascido na Missão, onde vive ainda, é um dos que mais assimilou nossa civilização e nossa cultura. Seu documento é uma confirmação da verdade histórica escrita pelo Pe. Antonio Colbacchini e, embora se afaste não pouco, concorda perfeitamente em dois pontos: 1) na determinada vontade de massacrar os missionários; 2) na aceitação duma intervenção sobrenatural no impedimento do massacre.

Esta descrição quer ser uma útil comemoração do 75º aniversário do encontro dos Bororos com os missionários e, ao mesmo tempo, um

reconhecido agradecimento a Nossa Senhora, que se fez missionária dos missionários, na paciente espera do "Tori-po".

Na longa espera, enquanto os missionários desmatavam o lugar para as primeiras e mais urgentes plantações e montavam umas pobres choupanas, Nossa Senhora preparava o caminho para o pacífico encontro, mostrando, em sonho, a Meriri Otoduia o grupo de missionários acampados na localidade de "Tori-po", ordenando-lhe de ir até lá o quanto antes. Fortemente impressionado pelo sonho, Meriri Otoduia pensava na possibilidade de conhecer aqueles civilizados, sem provocar alarme e sem despertar suspeita de querer entabular diálogo com os brancos, tão odiados. Quando se decidiu a revelar aos seus que, sem sonho, tinha visto alguns civilizados acampados no "Tori-po", houve um alarme geral na aldeia. Os inimigos mais encarniçados dos "brancos" se uniram com tal Jirie Ekureu (Clemente), muito imprudente e cruel, para logo assaltar eliminar os odiados civilizados.

Meriri Otoduia procurava convencê-los a não precipitar as coisas, porque aqueles "brancos" não eram como os outros, mas se fizesse, antes de agir, uma exploração. O conselho foi aceito e, numa reunião de todos os chefes, ficou decidido enviar a "Tori-po" dez exploradores, com a recomendação de não causar mal algum às pessoas, nem despertar suspeitas de sua presença.

Os dez exploradores cumpriram à risca sua missão: espertos, viram tudo e todos muitas vezes. Regressaram satisfeitos por conhecerem tudo e já terem um plano para uma nova exploração, que exigiriam de Meriri Otoduia. As recomendações de Meriri Otoduia, a partir de então, não teriam mais força perante a lei do ódio e da vingança.

Enquanto os dez cumpriam sua missão, Meriri Otoduia contava, nos discursos noturnos, seu extraordinário sonho, com todos os pormenores:

— Parecia-me estar num lugar muito bem conhecido – dizia – quando me apareceu uma "Senhora" de extraordinária beleza. Sobre uma longa veste branca, cingia uma faixa azul; seus cabelos eram ondulados e belos como as penas da "marreca", sua beleza era como a de um "aroé", isto é, de um espírito celeste. Nós nada temos para comparar ao candor da longa veste; a brancura da garça fica longe da sua. Ela ficava diante de mim como a beleza da escuma de rio. Num perfeito linguajar Bororo, ela me disse:

— Sai da névoa densa que te envolve e contigo saia tua mãe, teu pai, teus irmãos maiores e menores, teus parentes todos. Saí das trevas que vos envolvem. Observa bem o lugar que te indico e observa os civilizados que poderás reconhecer por veste branca longa até os pés: eles vos tirarão da escuridão e vos conduzirão à luz.

— Quem és tu que me falas assim?

— Eu sinto grande compaixão por vocês, por isso, falo-te assim. Na verdade eu sou a Vossa Mãe (PÁ-JE IMIRÉO). Fazei logo!

O sonho impressionou vivamente aos Bororos. Imagina! Uma Senhora civilizada que fala bororo e se diz a Mãe deles!

O regresso dos exploradores cortou todo comentário e a atenção de todos se voltou para os discursos dos recém-chegados. Notícias! Tinham muitas, mas tudo considerado, não havia motivo de alarme. Meriri Otoduia estava satisfeito com o resultado da exploração, que confirmava quanto lhe fora revelado em sonho: "aqueles brancos", de vestes longas até aos pés, eram diferentes dos demais. Os exploradores foram, aos poucos, insinuando que conhecedores do lugar e das pessoas, achavam conveniente outra exploração, insistindo também com o chefe, que se mostrava um tanto indeciso. Tantas foram as insistências, que Meriri Otoduia concordou, antes, aumentou o número de exploradores. Partiram com muitas e vivas recomendações de respeitarem aqueles civilizados, que demonstravam não ser como os outros.

Chegaram a "Tori-po" pelo meio-dia. Com toda cautela se aproximaram do acampamento dos missionários que, surpreendentemente, encontraram vazio. Deixados os novos companheiros a pouca distância, escondidos na mata, aproximaram-se das choupanas e descobriram os missionários sentados à mesa para a refeição.

— A sorte favorece-nos, disse o chefe Kiége Etóre (Luis Carlos). Entremos e cada um de nós abrace um destes "brancos" como para cumprimentar e em sinal de alegria, mas a um sinal meu, mataremos todos.

À chegada deles, os missionários se aproximaram alegres, e os abraçaram efusivamente. Espetáculo singular. Todos estavam alegres: o missionário, que podia finalmente abraçar como amigo o Bororo há muitos meses esperado, ignorando estar nos braços de seu algoz; o Bororo, que tinha em seus braços o odiado civilizado, esperando o sinal da matança, sinal que, entretanto não chegava. Ao contrário, inexplicavelmente, veio um sinal e uma palavra de "amizade", porque o chefe, batendo amigavelmente nos ombros da vítima, que tinha em seus braços, gritou: "Kamára, Kamára, Kamára"! (camarada, amigo), puseram-se a abraçar os missionários que, surpreendidos, não sabiam explicar aquela nova manifestação de amizade. No final desta, contava Kiége Etóre, os missionários estavam mais vermelhos de urucum do que os próprios bororos.

Ao entrar no refeitório um missionário com um pacote de presentes, cessaram os abraços e todos se agruparam ao redor do Pe. Bálzola, que fez a distribuição. Ao despedi-los, recomendou que voltassem, quanto antes, com muitos outros. Satisfeitos pela acolhida e mais ainda pelos presentes, afastaram-se com o coração totalmente mudado: ao ódio substituíra uma afetuosa admiração por esses civilizados de veste longa. A expedição feita para exterminar, concluiu-se no abraço, e quem desejava a morte do missionário tornava-se seu defensor. Os exploradores, ao retomar o caminho de volta, en-

contraram os companheiros que haviam ficado na mata, e que se mostraram muito zangados por não terem participado da distribuição dos presentes.

Tendo percorrido longo trecho do caminho em silêncio, o chefe Kiége Etóre começou a falar para se defender e para afastar de si a suspeita de traidor. Assim conta nosso amigo Manno Kurireu: – Todos vós sabeis, dizia Kiége Etóre, como nunca tive dó desses odiados civilizados e conheceis bem minhas façanhas. Desta vez, porém, não sei explicar o que aconteceu. Apoderou-se de mim estranho sentimento por estes "Vestes Brancas" ao me abraçarem com tanta cordialidade. Sentia, ao mesmo tempo, roer-me de vergonha pelas façanhas passadas e não tive coragem de dar o sinal para a matança. Ora, chegando à aldeia, mostrai-vos contentes pela acolhida e pelos presentes; dizei que "aqueles brancos" não são como os outros. Meriri Otoduia ficará mais contente que todos e terá palavras de elogios para nós. Cuidado, porém, em não revelar nossos planos secretos, que nos cobririam de vergonha.

Nosso informante registra ainda outro particular, revelado por Kiége Etóre em 1956, em Sangradouro, ao recordar estes acontecimentos. Dizia Kiége Etóre : Agora sei explicar a mudança que se deu em mim e que me levou a desistir do sinal marcado. Nas mãos de um daqueles "Vestes brancas" vi o terço de Nossa Mãe Maria. Eu não sabia que era o terço. Mas agora, instruído pelos padres, posso confirmar que foi nossa Mãe Maria quem mudou meus planos e sentimentos e salvou os missionários. Como foi boa, espero que será ainda minha boa Mãe na hora de minha morte, que sinto aproximar-se.

Com efeito, o valente Bororo, nonagenário e de cabelos brancos como a neve, assistido pelo missionário, concluía seus dias em novembro desse mesmo ano de 1956.

Os discursos dos membros da expedição foram ouvidos com vivo interesse e satisfação, porque dissipavam a terrível preocupação da vizinhança dos civilizados. Não há dúvida de que quem mais se alegrava era Meriri Otoduia, ao verificar a verdade daquilo que lhe fizera ouvir e ver em sonho a bela Senhora. Aos poucos, os Bororos se aproximaram dos missionários e foram acolhidos de braços abertos. Primeiro chegou Meriri Otoduia com seu irmão Meriri Okwoda e respectivas famílias. Quando o bom chefe foi levado à pequena capela, ficou surpreendido à vista do quadro de Nossa Senhora de Lourdes e disse ao irmão que o acompanhava: "Olha! É a Senhora que vi em sonho... e ficou estático fixando-a por muito tempo. Certamente, em sua fantasia, revivia o sonho e ouvia novamente as palavras da "Bela Senhora!": "vinde depressa , aqui encontrareis civilizados de vestes longas. Eles vos conduzirão à Luz!"

Pe. César Albisetti – Sangradouro, julho de 1977.



Pe. César Albisetti

Capítulo V

Pe. João Greiner, o novo inspetor, dá prosseguimento aos trabalhos da Inspetoria

Em agosto de 1958, o Pe. Guido Borra foi eleito Conselheiro do Capítulo Superior, sendo nomeado como encarregado do setor das paróquias e dos ex-alunos. Para governar a inspetoria, foi escolhido o Pe. João Greiner, que desde 1948 era inspetor na inspetoria do sul da Alemanha. Desde jovem viera para Mato Grosso como missionário; desde jovem trabalhara na Inspetoria. Ele realizou os estudos de teologia em Turim; ao regressar à inspetoria foi nomeado conselheiro do Colégio D. Bosco de Campo Grande e, em 1936, assumia a direção do Colégio Santa Teresa de Corumbá, retornando no ano seguinte a Campo Grande, como diretor do mesmo Colégio D. Bosco de Campo Grande. Em 1942, era o diretor do Colégio Diocesano de Lins e, no ano seguinte, dirigia a construção do colégio da cidade paulista de Tupã. Ao término da Segunda Guerra Mundial, foi chamado para dirigir a obra salesiana na Alemanha, reconstruindo e ampliando o que fora destruído pelo vendaval da guerra.

Ele chegou ao Brasil em setembro de 1958, quando no dia 18, tomou posse e iniciou o período de governo na inspetoria, estando ainda presente o antigo Inspetor, Pe. Guido Borra (CORAZZA, 1995, p. 142-143).

Em 19/09/1958, estando presentes quase todos os diretores das casas da Inspetoria, em Campo Grande foi dada a posse ao novo inspetor, bem como houve várias manifestações de agradecimento ao Pe. Guido pelo seu trabalho em prol da inspetoria. Este, agora como membro do Capítulo Superior, fez uso da palavra para asseverar que os interesses da Inspetoria seriam sempre muito bem defendidos no Conselho Superior; ao mesmo tempo, usou da palavra para colocar todos os irmãos a par de todos os pontos mais importantes do Capítulo Superior. Agradeceu a todos a colaboração nesses anos longos de trabalho aqui e encerrou, mais uma vez manifestando grande apreço pela Inspetoria[1].

O novo inspetor, que já tinha um bom conhecimento da inspetoria, encontrava pela frente muitas e muitas novidades que sensivelmente haviam configurado uma nova feição do conjunto de obras da Inspetoria, quer nas casas, quer na geografia. Quando o Pe. Greiner foi para a Alemanha, a inspe-

[1] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria Salesiana de Mato Grosso-Oeste de S. Paulo, de 05/12/1955 a 27/01/1966, ago./set. 1958, p. 30.

toria animava as duas casas do Estado de Goiás; estas casas foram passadas para a administração de uma nova inspetoria salesiana que surgira e cuja sede seria em Belo Horizonte, MG. Percebeu que as casas no Oeste Paulista duplicaram e, na Prelazia, os salesianos continuavam com o trabalho missionário entre os índios e com o trabalho pastoral das pequenas cidades. Constatou que, depois de tantos anos de tentativas, finalmente os salesianos haviam acolhido os xavantes em três lugares novos para eles: Sangradouro, Meruri ou S. Marcos e em Santa Teresinha. As atividades das casas salesianas acompanharam o progresso do Brasil e, além de aumentar os alunos, modernizaram-se dentro do nível possível de melhorias da sociedade nacional.

Algumas obras na inspetoria eram, com grande evidência, de uma urgência especial, tanto no setor das escolas como no setor das missões. De modo especial, a chegada dos xavantes exigiu nova postura nas missões, em especial a urgência pelo atendimento na saúde e na alimentação deles. No setor das escolas, a prioridade era a finalização do prédio do Colégio D. Bosco da Rua 14 de Julho. Iniciado em 1951, ainda não havia sido concluído pela enorme extensão e pelo volume de material necessário para sua edificação. Era visível essa urgência. Em outras casas, a animação continuou dentro de suas expectativas.

5.1 Prosseguem os trabalhos na construção do bloco da Rua 14 do Colégio D. Bosco de Campo Grande

O ecônomo inspetorial, Pe. Constantino apresentou ao novo inspetor a situação da construção do prédio da Rua 14 de julho, então iniciada em 1951; em setembro de 1952 já iniciavam a concretagem do segundo lance do prédio; em 02/08/1953, segundo a crônica da casa, os salesianos e alunos puderam estar presentes para a bênção da nova capela que está no térreo desse prédio, conferida pelo Pe. Inspetor, Pe. Guido, podendo daquele dia em diante, realizar as celebrações da comunidade e dos alunos neste local. No dia 14 de janeiro de 1954, foi terminada a segunda laje do prédio e para o dia 02/08/1954 estava prevista a utilização das salas de aula do prédio novo; porém faltou material para colocar os vidros e não foi possível essa mudança tendo que se restringir ao uso das salas antigas. Somente no dia 25 de setembro foi possível um mutirão para transportar as carteiras das salas antigas e iniciar uma nova etapa com as salas de aula funcionando no primeiro andar do grande prédio. Foram ocupadas então, no dia 27/09/1954, as 11 salas de aulas mais ou menos prontas, e o novo ambiente despertou muita satisfação em todos, alunos e salesianos.

No final do ano de 1954, o prédio praticamente estava pronto com exceção dos três andares da torre, mas faltavam ainda muitas questões a serem

resolvidas quanto ao acabamento e ao revestimento do prédio. Conforme a exposição do ecônomo inspetorial, Pe. Constantino, duas dificuldades eram evidentes, a falta de recursos e de materiais para que o ritmo da construção adquirisse maior abrangência. Na segunda reunião do Conselho Inspetorial, dia 17/01/1959, o Revmo. Sr. Pe. Inspetor junto com os conselheiros enfrentaram a situação e deixaram registrado:

> Com o fim de tornar o novo prédio ocupável convenientemente em todos os locais, a Inspetoria lança mão de todo o recurso vindo do próprio Colégio e de mais de dois milhões de auxílio, dando-se desde já um notável avanço nos trabalhos, estando já disponíveis os principais materiais, e o Ecônomo Inspetorial especialmente destacado para estas realizações [...]. Espera-se alcançar tudo com o esforço comum na economia e no trabalho. Vários trabalhos, como eletricidade e marcenaria estão sendo executados pelos Irmãos.[2]

Na reunião seguinte, 13/02/1959, a batalha continuou. Pe. Constantino apresentou uma espécie de relatório das atividades e pediu que o Colégio D. Bosco colocasse à disposição as reservas ou o dinheiro que possuísse para dar prosseguimento aos trabalhos iniciados. Foi apoiado nesse quesito pelos conselheiros e pelo Pe. Inspetor. Na reunião de 11/04/1959, tendo sido constatada a demora dos recursos, notificou-se aos conselheiros que seria melhor arrefecer os trabalhos por alguns meses para poder prosseguir com maior impulso no segundo semestre, tendo como objetivo ultimar as escadarias e as salas de aula do primeiro andar. Mais tarde, já em agosto de 1959, depois de quase quatro anos, a torre central do prédio já estava revestida com os respectivos desenhos em pastilhas. Nesse tempo, os salesianos já haviam passado a ocupar os quartos da torre. No dia 25 de dezembro de 1959, a crônica da casa afirmou que o Pe. Inspetor, naqueles dias ocupara os novos espaços reservados para seu escritório e aposentos no final do andar térreo sobre o espaço da livraria[3].

Quase dois anos depois, na reunião de 16/01/1961, com um novo ecônomo inspetorial, Pe. Heitor Castoldi, foi reapresentado um plano de custos e de execução do restante da construção. Segundo o plano apresentado pelo ecônomo, ainda seriam necessários três anos para finalizar todo o acabamento. Os recursos viriam da inspetoria e de empréstimos necessários, pois as despesas seriam altas. O parecer do conselho foi favorável quanto aos empréstimos necessários para o acabamento do prédio. Nova etapa surgia no horizonte para que se desse novo impulso às finalizações desse prédio. O

[2] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria Salesiana de Mato Grosso-Oeste de S. Paulo, de 05/12/1955 a 27/01/1966, ago./set. 1958, p. 31.
[3] Crônicas do Colégio D. Bosco, Campo Grande – de 1951-1960.

primeiro passo seria finalizar todas as pendências do primeiro andar para aí se instalar a Faculdade com suas respectivas aulas e escritórios.

Na reunião de 17 de março de 1961, foi comunicada no conselho inspetorial uma notícia altamente alentadora para todos: o Colégio D. Bosco atingia a 1.580 alunos, com alto número de alunos internos também. Essa notícia animou a todos, mas foi também constatado que a forma do piso desse primeiro andar estava sendo definida pelo diretor, Pe. Félix:

> Desejando-se conhecer o plano de trabalho de acabamento, expõe o Pe. Félix, Diretor do mesmo Colégio, que já está marcada a viagem do Ecônomo Inspetorial para S. Paulo a fim de providenciar os materiais para o revestimento externo completo, trabalho que avançaria junto com o do acabamento das salas do primeiro andar, já previstas como necessárias para o funcionamento da Faculdade. Está também prevista a utilização provisória da área coberta do piso térreo como salão, para o qual deverão ser levantadas as paredes e postas as esquadrias - É parecer da casa e do Ecônomo que, quanto antes se faça a aquisição do resto da quadra ao menos do lado da Rua 13 de Maio, como também ao menos uma faixa no ocupado pela primeiras casa adjacentes ao novo prédio, pela Rua 14 de Julho, a fim de se isolar melhor o Colégio e providenciar outras dependências e eventualmente completar os pátios com vistas ao futuro prédio próprio e definitivo da Faculdade. Sr. Pe. Inspetor reitera a colaboração da Inspetoria com pessoal especializado e mais professores, com o adiantamento de capitais e todo apoio.[4]

Em março, foi registrado também na reunião do conselho que o Ministério da Educação, ao examinar o relatório de pedidos de cursos para a faculdade, pediu que fossem desmembrados em cursos diversos - cursos de Geografia, de História Geral e do Brasil; a direção afirma que seria muito difícil encontrar agora docentes para esses cursos e que se fixariam nos dois: Pedagogia e de Línguas.

Em 19 de outubro de 1961, foi apresentada uma modificação para o prédio da Rua 14; a primeira, uma nova escada para o primeiro andar somente, ficaria limitada a esse andar e serviria para atender os alunos do ginásio. Foi aprovada com a análise do Engenheiro Faedo, mostrando a possibilidade dessa nova escada para o primeiro andar somente. Outra modificação foi aprovada pelo conselho inspetorial para esse prédio, na reunião de 25 de janeiro de 1962, a opção entre instalar ar condicionado ou ar insuflado. Depois das explicações, o conselho aprovou a instalação do ar insuflado. Nessa mesma reunião, o Pe. Félix pediu permissão para encomendar todos os materiais necessários para iniciar a instalação da biblioteca. O ecônomo já havia

[4] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria Salesiana de Mato Grosso-Oeste de S. Paulo, de 05/12/1955 a 27/01/1966, ago./set. 1958, p. 39-39b.

adquirido as máquinas necessárias e assinado o contrato com a firma para a instalação do ar insuflado; na reunião do conselho de outubro de 1962, decidiram que somente o primeiro andar receberia esse ar insuflado. No dia 16 de outubro, a crônica do Colégio D. Bosco sinalizou que haviam sido entregues as duas grandes máquinas do ar insuflado. Nesses meses, constataram algumas irregularidades entre o engenheiro, o construtor e os serviços prestados; diante desses entraves, e ainda maior gasto a na aquisição de novas carteiras para as salas de aula, que fossem seguidos com maior rigor essas despesas.

Outra modificação no prédio que levantou uma pequena querela foi a abertura de uma porta da capela para a rua para melhor atender o povo que ali frequentava as missas. Não foi unanimidade essa atitude, mas perdurou como necessária para a casa enquanto tal. No ano seguinte, precisamente no dia 28 de julho de 1963, a crônica do Colégio D. Bosco assinalava a afirmação de que todas as salas do primeiro andar estavam sendo usadas; os trabalhos de acabamento do prédio continuavam acelerados marchando para o fim. Todos muito satisfeitos com o ambiente novo que o prédio oferece e grande alegria também pelo número extraordinário de alunos matriculados naquele ano: 1.628 alunos.

Depois do início das atividades das Faculdades e das melhorias apresentadas com as salas de aula no primeiro andar do prédio da Rua 14, o internato ganhou mais sossego, e outras questões foram sendo analisadas pelos salesianos já com perspectivas diferentes. Assim o teatro foi demolido quando surgiu a oportunidade de se instalar um teatro no andar térreo do prédio da Rua 14. Com a contribuição dos coadjutores Sr. Panathier e Luiz Wurstle, que foram buscar de caminhão as poltronas para o teatro, no dia 27 de outubro de 1963, com a festa do Pe. Inspetor e a presença dos demais diretores das outras casas da Inspetoria, inaugurou-se o novo salão de atos do Colégio no andar térreo do prédio da Rua 14[5].

Nesse ano de 1963, em setembro, solucionava-se outro grande problema: o abastecimento de água para todos os prédios do colégio. A perfuração de um poço semiartesiano resolveu a questão e foi realizada uma distribuição e abastecimento completo para todos nos diversos lugares da casa[6].

Em seguida, foi vista a questão do cuidado com o pátio e, somente na reunião do conselho inspetorial de 22 de janeiro de 1964, com a presença do ecônomo do colégio, Pe. Nélson Pombo, e do diretor do colégio, Pe. Mário Pellattiero, foi esclarecido o plano da nova etapa para os pátios:

Também comunicaram que continuando os trabalhos de acabamento do novo prédio (da Rua 14), será pavimentada a grande varanda, ainda no

[5] Crônicas do Colégio D. Bosco, Campo Grande – de 1960-1964, p. 88.
[6] Crônicas do Colégio D. Bosco, Campo Grande – de 1960-1964, p. 86b.

mês de fevereiro, sendo projetado em seguida o nivelamento do pátio inferior, para que seja ladrilhado e possa receber as quadras de futebol de salão e de basquete, com uma tribuna em degraus, debaixo da sombra de figueiras que dividem os dois pátios.[7]

Com o término dos acabamentos do prédio novo, com um salão de atos e com as aulas das faculdades no segundo andar desse prédio, o diretor do Colégio notificou em suas crônicas que, no ano de 1964, sendo 23 os salesianos residentes nessa comunidade, os alunos internos atingiram o número de 148, um recorde; mas a constatação maior foi o número geral de alunos do colégio, 1.710 alunos; o maior número de alunos em toda a história da instituição. Não bastasse essa constatação, o mesmo diretor deixou registrado que, no final do ano letivo, o número de alunos matriculados em todos os cursos chegou a 2.000. Deixou essa notificação com uma exclamação: Deo gratias![8]

Ao findar o governo do Pe. João Greiner, tudo estava caminhando para que o colégio D. Bosco adquirisse, além do grande prédio da Rua 14 de julho, as novas características que iriam ainda mostrar as grandes possibilidades de crescimento para o futuro.

5.2 O governo de Juscelino Kubistcheck – inauguração de Brasília – o progresso no Brasil e a Revolução de 1964

A situação do Brasil depois da queda do governo de Getúlio Vargas adquiriu novo vigor com a eleição de Juscelino Kubistcheck para a presidência do país. Segundo Boris Fausto, o governo de Juscelino foram anos de otimismo devido à estabilidade política, aos altos índices de crescimento econômico e, em especial, pela inauguração de Brasília. Ele conseguiu realizar a colisão dos partidos políticos que o apoiaram para poder dar vazão ao seu plano de governo,

> A política econômica de Juscelino foi definida no Programa de Metas. Ele abrangia 31 objetivos, distribuídos em seis grandes grupos: energia, transportes, alimentação, indústrias de base, educação e a construção de Brasília, chamada de meta-síntese! (FAUSTO, 2001, p. 425).

Nesses anos, além de grandes transformações na política, vários indicadores das mudanças econômicas iniciavam a mostrar novas situações que implicariam novos rumos e posturas em toda a sociedade. De modo especial, sublinha-se o papel do rádio, dos jornais, da incipiente televisão e dos movimentos ideológicos em posturas sociais. Toda a grande transformação passa-

[7] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria Salesiana de Mato Grosso-Oeste de S. Paulo, de 05/12/1955 a 27/01/1966, jan. 1964, p. 64b-65.
[8] Crônicas do Colégio D. Bosco, Campo Grande – de 1960-1964, p. 92b e 100.

va pelo desejo amplo de crescimento e de uma postura de desenvolvimento econômico, social e político também, fatores esses que se acentuavam nas grandes cidades e outros, como os movimentos sociais do nordeste, iriam atingir a população rural e da incipiente periferia das cidades.

No final do governo de Juscelino, no dia 21 de abril de 1960, houve a inauguração da nova capital do país. A força aglutinadora dessa realização exprimiu-se em tantos outros fatos singulares, como a construção da estrada Belém-Brasília que sugeria a presença da força da indústria automobilística, e a nova velocidade nas comunicações pelo imenso território brasileiro.

Ao lado dessa nova fase de desenvolvimento do país, deve-se ressaltar as transformações sociais; as imensas regiões produtoras de café deixavam de lado essa cultura e provocavam a primeira grande migração dos meeiros para as cidades. Nesse movimento de mudanças sociais, as cidades se tornavam refúgio de outros migrantes do nordeste provocando nova circunstância nas cidades com as moradias em favelas nas periferias.

O governo que sucedeu a Juscelino Kubistcheck durou pouco. Jânio Quadros, sem a habilidade de manobras políticas, baseou-se em sua presumível força carismática pessoal para comandar o país; mas de outra forma pensavam os políticos, e a crise veio pela impossibilidade de se conduzir politicamente o país. A renúncia de Jânio Quadros provocou uma reviravolta quanto às vertentes políticas para se conduzir o país. Jango Goulart, movido pelo compatriota Brizola, buscou apoio dos movimentos sociais e de modo especial dos movimentos de esquerda; ressurgiu o Partido Comunista, criaram força os sindicatos e as ligas camponesas. O socialismo comunista fortemente exaltado por Jânio Quadros, ao conceder a grande condecoração da "Ordem do Cruzeiro do Sul" a Che Guevara, despertou a preocupação de se manter a ordem e a democracia no país, visto que a Revolução Cubana era a grande referência para muitos sindicatos e ligas camponesas.

Por outro lado, entre os Estados Unidos e a Rússia, cresce a famosa "guerra fria" pois a presença do comunismo em Cuba e em outros países preocupava a liderança dos americanos; estes haviam conseguido isolar a política de Fidel Castro em relação aos aliados. A presença americana no Brasil irá se concretizar pelas grandes firmas industriais e pelos movimentos de assistência social. Com a eleição de John Kennedy, esses marcantes divisores se tornaram mais intensos e bem individualizados. O crescimento das facções sociocomunistas no Brasil encontrou inicialmente em Leonel Brizola o apoio de renome. Tais posturas suscitavam a atenção redobrada dos militares das forças armadas, da marinha e de aeronáutica. Os clubes militares passaram a analisar a situação quando o país foi governado pelo vice de Jânio, João Goulart. Inicialmente, o decreto da assembleia legislativa limitando-lhe o poder através do "Parlamentarismo" instituído como limitação do poder do

presidente; os primeiros ministros praticamente governariam o país, tomou posse o novo presidente no dia 7 de setembro de 1961.

Segundo o historiador Boris Fausto, três movimentos sociais tiveram grande influência na política de Jango; as ligas camponesas do nordeste, sob o comando de Francisco Julião, lutavam pela terra, pelos auxílios do governo e pelo socialismo; o movimento se espalhou principalmente no nordeste. O segundo elemento de influência marcante politicamente foram os movimentos e greves estudantis lideradas pela UNE; esse movimento de esquerda passou a influenciar na política pela sua força de mobilização. O terceiro elemento apontado pelo historiador foi a Igreja Católica, que promoveu no nordeste a sindicalização rural e, entre os estudantes, a Juventude Universitária Católica (JUC) se radicalizou e aderiu aos movimentos revolucionários. Depois a JUC se proclamou independente e surgiu a ação popular. A CNBB, apoiada na encíclica papal Pacem in Terris, de 30 de abril de 1963, insistiu na validade das propostas de reforma social para poder enfrentar os problemas da fome e da miséria, mas dentro dos padrões da ordem e da paz.

Em janeiro de 1963, um plebiscito decretou a volta ao presidencialismo, e assim o Presidente Jango retornava ao poder presidencial. Nesse tempo, a inflação crescia assustadoramente e o presidente proclamou seu plano de governo na luta contra a inflação e no crescimento econômico e grande patrocinador das reformas sociais; mas já na metade do ano, tudo se transformou em solene fracasso. Os movimentos sociais iniciaram uma onda de protestos e de lutas por ganhos e por postos políticos. Houve atos que alertaram as forças armadas; um deles foi a aprovação no Congresso de uma lei que previa a autorização de desapropriação de terras sem prévia indenização. O deputado Federal Leonel Brizola batalhava pelo socialismo em tudo e por tudo. Nos meios militares cresceu a conspiração contra o presidente Jango por seus excessos governamentais. Entre as lideranças dos militares, encontrava-se o general Humberto de Alencar Castelo Branco. As intervenções do governo diante de revoltas e de movimentos sociais em conflitos mostraram a incapacidade de manter a ordem. Em outubro de 1963, ocorreu a proposta por parte dos militares de se decretar, mediante a votação no Congresso, o estado de sítio para se manter a ordem no campo e nas cidades; a proposta fracassou. Nesse tempo, houve muitas paralisações de operários, o que culminou com a "greve dos 700 mil" no setor dos metalúrgicos. O governo tentou o apoio das massas, e o primeiro grande comício foi marcado para o Rio de Janeiro no dia 13 de março; na Praça da República reuniu-se uma multidão de 150 mil pessoas, sob a proteção das tropas do exército, para ouvir a palavra do presidente Jango e de Brizola. Aí surgiam os manifestos pelas desapropriações de terras, pela legalização do Partido Comunista e outras propostas que o Congresso deveria transformar em lei.

A partir desse dia, iniciou-se o fim do governo de Jango. O primeiro sinal foi a Marcha da Família com Deus e pela Liberdade, organizada em S. Paulo a partir de organizações das Senhoras Católicas. Cerca de 500 mil pessoas desfilaram em S. Paulo em 19 de março de 1964; era a demonstração para as forças armadas de que eles encontrariam apoio na sociedade em caso de um golpe; antes do fim do mês de março houve rebelião dos marinheiros liderados pelo cabo Anselmo. O ministro da Marinha pediu apoio do Exército para conter a rebelião. O último gesto do presidente Jango indo discursar no Rio para uma assembleia de sargentos foi decisivo, o golpe já estava em andamento. O general Mourão, comandante das tropas sediadas em Juiz de Fora, com o apoio do governador de Minas iniciou a marcha em direção do Rio de Janeiro; Brizola, ao saber da mobilização dos militares, ainda tentou obter o apoio dos militares do sul, mas nada conseguiu; os sindicalistas tentaram ainda decretar uma greve geral, mas não obtiveram resultado. O exército tomou conta da situação, e o golpe militar foi a grande realidade de 31 de março de 1964. Ocorreu a implantação de uma ditadura militar e os generais assumiram o comando da nação.

Politicamente os militares passaram a instituir nova maneira de governo através de leis promulgadas por Atos Institucionais (AI). Em 9 de abril de 1964, foi promulgado o primeiro Ato Institucional pelos comandantes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica; nesse ato, promovia-se a mudança na Constituição de 1946, mas o congresso continuaria seus trabalhos sob as ordens dos comandantes militares. Várias medidas foram tomadas para se fortalecer o executivo e limitar o legislativo. O AI inicial suspendeu as imunidades parlamentares e autorizou o comando supremo da revolução a suspender direitos políticos em todos os planos, estadual, municipal e federal. Proibiram-se as manifestações estudantis e sindicais, mas repressão mais violenta ocorreu no nordeste ao desfazer as ligas camponesas. Também houve expurgos no campo dos juízes e magistrados; a revolução organizava outro caminho para o país. Em 15 de abril de 1964, o general Humberto de Alencar Castelo Branco foi eleito presidente por votação indireta no Congresso Nacional; seu mandato iria até 31 de janeiro de 1964. Novo período da história do Brasil estava apenas se iniciando (FAUSTO, 2001, p. 450-468).

Nesse período de história do Brasil em que tantos fatores determinaram diversos rumos e passos do desenvolvimento do país, convém assinalar que, antes da revolução dos militares de 1964, houve em 1961 a tentativa de melhorias no campo educativo ou no meio escolar; trata-se da promulgação de Lei de Diretrizes e Bases. Depois de muito debate no dia 20 de dezembro de 1961, foi aprovada a lei n. 4.024, em que se regulamentava o ensino no país. Quanto às finalidades da educação escolar, nada de novo ao estabelecer

as finalidades gerais da educação e depois, em vários artigos, sistematizar o sistema de ensino, mantendo a estrutura tradicional. Assim foi classificada a estrutura do ensino:

> 1. Ensino pré-primário, composto de escolas maternais e jardins da infância;
> 2. Ensino primário de 4 anos, com chance de ser acrescido de 2 anos mais, com programa de artes aplicadas;
> 3. Ensino médio, subdividido em dois ciclos: o ginasial de 4 anos e o colegial de 3 anos, ambos por sua vez compreendendo o ensino secundário e o ensino técnico (industrial, agrícola, comercial e de formação de professores);
> 4. Ensino superior, com a mesma estrutura já consagrada antes.
> Em essência, pois, a lei nada mudou; o único progresso da lei: a quebra da rigidez e certo grau de descentralização. A possibilidade de os Estados e os estabelecimentos de ensino anexarem disciplinas optativas ao currículo mínimo estabelecido pelo Conselho Federal de Educação, foi, sem dúvida, um progresso em matéria de legislação. (ROMANELLI, 2010, p. 187-188).

De fato a lei de Diretrizes e Bases veio sistematizar o ensino para todo o território nacional; nesse ponto foi um dado de unificação e de definição da função e do poder de legislar dos conselhos de educação nas diversas esferas, federal, estadual e municipal. O fato de se poder incluir disciplinas optativas foi muito bom para as escolas salesianas, que, valendo-se dessa legislação, pôde sempre introduzir no currículo as disciplinas formativas como religião, civismo e até ética. Foi um passo que mais tarde receberia outros acréscimos legais para ampliar e especificar as possibilidades de cada região.

A partir dessa visão política do país e das variadas instâncias legislativas sobre o ensino, as escolas salesianas atualizaram seus currículos escolares sem grandes problemas. Para essa atualização, houve uma reunião dos diretores e demais encarregados das escolas em Campo Grande, no dia 16 de janeiro de 1963; para expor os itens mais exigentes da lei ou as referências quanto às adaptações locais ou regionais permitidas pela lei, o Revmo. Sr. Pe. Inspetor convidou o presidente do Conselho Nacional de Educação, o salesiano Pe. José Vasconcelos, para explanar os assuntos controvertidos da lei para os salesianos da inspetoria. Era uma tentativa de que se pudessem unificar os critérios da aplicação da Lei em todas as escolas, em particular sobre a escolha das matérias, sobre as notas avaliativas e sobre o critério dos exames, ou de outros assuntos de interesse comum. Sobre a reunião, foi registrado:

> Abrindo a sessão o Revmo. Pe. Inspetor declarou que convinha examinar as questões escolares nascidas com a nova Lei, para que, embora fossem problemas particulares, de cada escola, os mesmos devessem

ser resolvidos em conformidade de critérios especialmente no que diz respeito às exigências da Congregação e da própria Inspetoria. Assim devem ser entendidas as medidas da LDB sobre:

1 – Matérias facultativas – embora haja necessidades locais, procure-se a uniformidade possível; conforme a observação dos diretores, também dever-se-á adaptar-se à possibilidade ou não de professores salesianos ou externos;

2 – Latim – nas 3ª e 4ª séries dos ginásios diurnos comuns. Dispensado no noturno, mas deve haver em todas as séries, com horas convenientes nos aspirantados.

3 – Religião – Não deve ser entregue somente aos clérigos, sobretudo nas séries superiores, nas quais o professor deve ser um sacerdote apto e preparado.

4 – Aspirantado – De preferência se tenha o Curso de Admissão à parte [...] ater-se mais à qualidade dos alunos que ao número. Se o externato é de estorvo, deve-se, como se tende a fazer em Lucélia, eliminá-lo que prejudicar o Aspirantado.

5 – Bom Dia – Os diretores e os capitulares devem dar o "Bom Dia" para os externos, e a "Boa Noite"para os internos.

8 – Missa dominical – É necessário formar a consciência da obrigação como cristãos.

9 – Reunião de pais – em geral deve-se promover essa reunião.

10 – Exames – de acordo com a Lei, é bom introduzir a dispensa do exame final, mediante a média 7 nas notas dos meses para cada matéria; para admitir à segunda época somente com insuficiência em duas disciplinas; ao final nota 5 em cada matéria. Peso das notas para a média geral, 6 para a média mensal e 4 para a prova.

11 – Férias – para todos no mês de julho e no final do ano.[9]

Pelo registro, denota-se a maneira comum em se regularizar perante a lei e introduzir nas escolas as posturas tradicionais das casas salesianas. A relação dos salesianos com as normas da Lei foram introduzidas com calma, e nada de especial ocorreu nas escolas. Ao introduzir no conjunto a questão do Aspirantado, mostrava-se que o estudo nessa fase de formação continuava muito sério e exigente. Salesiano tinha que estudar com afinco desde os primeiros tempos do ginásio.

Outra questão que o governo tentou dar passos para a melhoria do ensino ocorreu com a instituição de cursos de atualização e de titulação dos professores que não dispunham ou de títulos superiores oficiais, ou não possuíssem cursos universitários, ou ainda não tivessem uma preparação para lecionar senão o estudo até o final do ensino médio. Esses cursos ocorriam em diversas partes da região e denominavam-se de CADES; a maioria dos

[9] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria Salesiana de Mato Grosso-Oeste de S. Paulo, de 05/12/1955 a 27/01/1966, jan. 1964, p. 59-59b.

salesianos desse tempo adquiriu essa titulação oficial perante a lei. De modo especial, estiveram presentes aos cursos, específicos para cada disciplina, que foram instituídos pelo governo em Cuiabá, Campo Grande ou Bauru. Os salesianos participavam desses cursos com agrado e foi sempre uma maneira de eles se confrontarem com outros estilos didáticos que surgiam nesses encontros. Os salesianos antes possuíam uma titulação de docentes por requerimento ao ministério de educação, de agora em diante mediante essa titulação todos se tornavam titulados para o exercício do magistério, de acordo com suas escolhas e preferências.

5.3 A afluência de salesianos de diversos países para o trabalho missionário na Inspetoria

Quando o Pe. Ernesto Carletti assumiu a inspetoria em 1932 e a governou até 1948, algumas conquistas desse salesiano, empreendedor e entusiasta da causa missionária e educativa da juventude, alicerçaram as iniciativas futuras. Uma dessas iniciativas assumidas por ele foi o cuidado com as vocações, tanto as originárias do Brasil como do exterior, dos países da Europa. De modo especial, conseguiu que depois da Segunda Guerra Mundial o fluxo de formandos europeus em número se mantivesse constante e crescente. Lutou para implantar os aspirantados de Tupã e de Coxipó; não havendo número suficiente de formandos para a implantação dos estudos de filosofia, sempre enviara os estudantes para Lorena ou para a Crocetta no norte da Itália. Seguidas levas de estudantes foram para Crocetta para o curso de teologia. Esse era o melhor que pudera realizar naqueles anos. No início de seu governo, os estudantes de filosofia realizaram os seus estudos em Cuiabá sob a supervisão de alguns salesianos; somente mais tarde é que se resolveu essa questão com maior consistência.

O empenho do Pe. Carletti para com as vocações se firmou com a instalação dos aspirantados de Tupã, e do Seminário da Conceição enquanto se preparava para ser transladado para Coxipó, e do cultivo das vocações provenientes das casas, em especial da casa de Silvânia. Ao encerrar seu tempo de governo, havia salesianos suficientes para o empenho em todas as casas, porém ele não deixou de mostrar que o trabalho missionário entre os índios e entre os jovens necessitava sempre de mais e mais missionários.

Com a vinda do Pe. Guido Borra em substituição ao Pe. Carletti, os trabalhos em prol das vocações ganharam a devida consistência e cuidado. Os aspirantados melhoraram, e as demais etapas da formação foram organizadas de forma mais regular. Deu grande consistência ao trabalho nos dois aspirantados, sonhou com os pré-aspirantados de Dourados e da Lagoa da Cruz, na Escola Agrícola; batalhou para manter vivo o noviciado e organizou

bem a etapa do estudo da filosofia com a construção do prédio do Instituto Pedagógico S. Vicente, na Lagoa da Cruz. Ao transferir o aspirantado da região norte da Inspetoria do antigo Seminário para a casa de Coxipó em 1956, consolidou a estruturação dos dois aspirantados com salesianos trabalhadores e muito dedicados. Continuou a enviar salesianos para estudar na Europa e apoiou o estudo de todos até a oficialização do trabalho de professores mediante participação nos cursos oficiais, promovidos pelo governo. Desejou instalar em Campo Grande a Faculdade de Filosofia para regularizar o estudo dos salesianos também.

Outro grande fator de crescimento do número de salesianos na Inspetoria foi sua marca originária, de ser uma inspetoria missionária e, como tal, estava presente entre os indígenas. De modo especial, lutou e apoiou a presença dos salesianos junto ao povo xavante. Essa luta datava de 1932, com o Pe. Fuchs e Pedro Sacillotti, mas foi se concretizar somente em 1953, inicialmente, com a presença dos salesianos em Santa Teresinha e com a chegada dos xavantes em Sangradouro e Meruri nos últimos dias de 1957. A história da inspetoria era continuamente associada ao trabalho entre os índios; tal fato exerceu um grande apelo missionário entre vocacionados de diversos países europeus e também nos formandos do México que para cá vieram.

Como nesse período a inspetoria dispunha de um número grande de salesianos, todas as comunidades exerciam suas atividades educativas mediante professores salesianos; todos os salesianos eram docentes das escolas, e assim havia uma consistência da comunidade que dinamizava o trabalho educativo de forma contínua e pautada pelas grandes comemorações de um calendário, em que as festividades religiosas, artísticas e cívicas se entrelaçavam em um movimento de animação muito variado, distinto e envolvente da vivência da comunidade unida pelos mestres e alunos. Todos aguardavam a próxima festa com grande dedicação na preparação e na vivência espiritual quando se tratava das celebrações e comemorações religiosas. A vida de cada comunidade no seu trabalho diário, em suas especificidades de cada região, era animada pela vivência humana e religiosa tão envolvente que unia as atenções e educativamente tornavam pontos de expressões altamente educativas. A vida salesiana, tanto nas escolas como nas missões, que também mantinham suas escolas, tornara-se intensa e com grande capacidade educativa, pela vibrante manifestação da vida empenhada no trabalho, na aprendizagem e na convivência saudável com os jovens. Essa vivência sempre apresentou seus grandes méritos e também possíveis deficiências quando os salesianos não se uniam diante dos projetos comuns. Muito compreensível essa possibilidade.

Quando o Pe. Greiner veio para iniciar o governo da inspetoria, já havia a presença de alguns missionários alemães; posteriormente cresceu

grandemente o número de estudantes de filosofia em Campo Grande. No ano de 1963, eram doze os alemães entre estudantes e docentes na comunidade. Ao lado dos alemães, vinham também italianos, espanhóis e, uma raridade, mais de seis mexicanos. No ano de 1964, veio o último mexicano para o noviciado e estudo da filosofia. Com essa constante de estudantes salesianos, a comunidade dos estudantes de filosofia, entre brasileiros, mexicanos, alemães, espanhóis e mexicanos quase chegou a trinta estudantes.

Como já havia sido preparado pelos inspetores anteriores, o resultado dos aspirantados permitiu que, depois de 1959, funcionasse sequencialmente o noviciado. O resultado do trabalho de todos nos aspirantados era visível, e o número de noviços prosseguiu por vários anos. Em 1959, foram fazer a etapa do noviciado em Pindamonhangaba sete noviços da inspetoria, sendo que um deles era alemão, o futuro Pe. Rodolfo Lunkenbein. No ano de 1960, reiniciou-se o noviciado na Lagoa da Cruz, Campo Grande, com 12 noviços, sendo um deles alemão e os outros, brasileiros; no ano de 1961, os noviços eram 11, em 1962, eram sete e em 1963, 12 noviços. Entre os 12 noviços de 1963, havia um que era bororo. E no último ano do governo do Pe. Greiner, os noviços eram 12, sob o comando do Pe. Primo Turella. Dessa forma manifestou-se a consistência de um trabalho da inspetoria quanto às vocações locais e estrangeiras; Pe. Greiner mantivera a dedicação da inspetoria em preparar os futuros salesianos.

Dentro do horizonte de trabalho e ações em vista do cultivo das vocações, durante o primeiro ano de governo do Pe. Greiner, ele expusera a questão do aspirantado de Tupã quanto à possibilidade de ser transferido para a casa de Lucélia por vários motivos; entre os motivos assinalados sobressaiam a possibilidade de deixar o colégio de Tupã mais livre para o trabalho educativo com alunos internos e externos, e a menor afluência de alunos externos em Lucélia permitiria uma grande independência do Aspirantado enquanto tal naquele colégio. A reunião do conselho inspetorial de 14 de abril de 1959 tratou dessa possibilidade:

> Casa do Aspirantado – Está ficando mais evidente a necessidade de deixar o Colégio de Tupã (que fora fundado pelo próprio Pe. Inspetor em 1944) dedicar-se totalmente aos alunos internos e externos, que ficam constrangidos pelas exigências dos aspirantes. O Ginásio de Lucélia, muito menos freqüentado e em posição melhor para o internato, apresenta-se mais apto para ficar destinado aos aspirantes, fazendo-se algum local para as aulas dos externos em parte separada, se for conveniente, nos locais da paróquia, como escola paroquial.[10]

[10] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria Salesiana de Mato Grosso-Oeste de S. Paulo de 05/12/1955 a 27/01/1966, jan. 1964, p. 33.

De fato essa orientação prevaleceu e, em 1960, o Aspirantado foi transferido para o colégio de Lucélia. Prosperou grandemente nesse local; chegou a atingir mais de 150 aspirantes. Pe. Greiner investiu muito na melhoria do ambiente; construiu um salão de atos para mais de 400 lugares, um salão de estudos e apartamentos para abrigar os salesianos que ali trabalhavam. Além disso, realizou inúmeras melhorias nos pórticos e varandas; adquiriu uma área ao lado para uma horta e galinheiro. Aumentou o pavilhão de atividades para uma banda; cuidou da terraplanagem dos campos de futebol. Reformou a capela com esmero. Tornou a casa bela e apresentável para que os aspirantes se sentissem acolhidos e em casa. Estabeleceu um tempo de grandiosidades e de muita alegria para todos os salesianos e aspirantes daquela casa. A casa de Tupã ficou entregue a uma comunidade para tratar dos internos e externos. Essas iniciativas redundaram em uma constância do número de noviços como já foi apresentada uma série de números em todos os anos de seu governo.

O tempo do Pe. Greiner foi marcado por outro grande acontecimento: nesse período a inspetoria de Santo Afonso atingiu o maior número de salesianos de sua história, precisamente, 243 salesianos. Foi um fato memorável que jamais se repetiu e que representou o coroamento ou o resultado de tantos anos de trabalho a partir do tempo do Pe. Carletti, que iniciara a batalha ou trabalho para dar consistência à Inspetoria. Pe. Guido, ao cuidar dos aspirantados, pedira a todas as comunidades uma atenção especial quanto às vocações, que atingia nesses anos de 1962 até 1964, um número significativo de salesianos e deveria perdurar por bom tempo. Era uma constatação e uma certeza para a maioria dos salesianos que todos deveriam colaborar com o trabalho vocacional para se manter a potencialidade do trabalho apostólico da inspetoria.

5.4 A construção da casa de retiro na Lagoa da Cruz e outras melhorias no conjunto de todas as atividades daquela comunidade

A necessidade de uma casa para os retiros dos salesianos da inspetoria era uma exigência urgente na inspetoria, e essa questão tornou-se também uma constante recomendação por parte dos visitadores e dos demais Superiores. Os retiros eram realizados em lugares previamente escolhidos desde muitos anos; em geral ocorreram em Guiratinga, no colégio; em Cuiabá, no S. Gonçalo e em Campo Grande, no Colégio D. Bosco; às vezes, ocorreram também alguns retiros na casa de Lins, SP. Normalmente os retiros para os noviços e para os estudantes de filosofia, e juntamente outros salesianos das casas, no final de janeiro, ocorriam nos ambientes em que os formandos já estavam alojados, e os salesianos das outras casas eram acolhidos no

dormitório da Escola Agrícola. Nesses lugares onde ocorriam os retiros, os alojamentos, normalmente, não passavam de pequenas celas para cada participante dormir nos dormitórios dos internos, onde os lavatórios eram comuns. Para o tempo de recolhimento pessoal, utilizava-se também das salas de estudo dos mesmos internos; em geral as palestras ocorriam na capela ou em algum salão mais apropriado. Era então urgente uma casa apropriada e direcionada para essa atividade essencial na vida religiosa. Pe. Greiner tomou a peito essa necessidade e se empenhou em concretizar esse projeto tão necessário e útil para os salesianos e demais atividades da inspetoria.

A decisão da construção dessa casa de retiro na Chácara S. Vicente foi registrada na reunião do Conselho Inspetorial de 27 de junho de 1961:

> A casa de Retiro - O Revmo. Sr. Pe. Inspetor relatou que, sendo recomendada pelos Superiores e sendo uma necessidade reclamada pelos Irmãos, é sua intenção realizar dentro de uns dois anos a Casa para Retiro que será anexada ao Instituto S. Vicente, proporcionando um número suficiente de quartos com instalações (apartamentos), um salão de atos e mais acomodações apropriadas para a diretoria e prefeitura, etc. Embora se observasse que o projeto vai alterar a atual disposição simétrica das construções, achava o Superior prevalecer-se da conveniência de os novos locais encontrarem-se mais na estrada da entrada, afastando do centro os visitantes, e haver também a vantagem de se evitar muito movimento de terraplanagem, com a construção de um salão de atos na parte mais baixa. Não houve objeções ao plano exposto.
>
> A Inspetoria se dispõe, portanto, a destinar as economias que for possível, para preparar os materiais neste ano, devendo-se construir o prédio projetado conforme os desenhos do Dr. C. Boni, nos dois próximos anos. O projeto foi aprovado.[11]

A construção dessa casa tornou-se assim uma incumbência do centro da inspetoria, além disso, a comunidade da Lagoa da Cruz não dispunha de fonte de renda nem poderia jamais pensar em uma obra desse porte sem o financiamento da Inspetoria. Ficou claro que seria a obra assumida pela inspetoria também quanto ao acompanhamento das atividades da construção.

Na reunião do Conselho Inspetorial de 19 de outubro de 1961, foram apresentados dois projetos da firma "Faedo" para a futura casa de Retiro. O primeiro mostrava-se muito apertado em relação aos prédios já existentes propondo um segundo andar em relação ao prédio da Escola Agrícola; outro pretendia alguns lances de construção ao redor das partes já existentes e longe da estrada, em direção à casa das irmãs. Outra proposta mais condi-

[11] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria Salesiana de Mato Grosso-Oeste de S. Paulo, de 05/12/1955 a 27/01/1966, jan. 1964, p. 42.

zente apresentava uma construção em plano térreo como pensavam antes os salesianos, permanecendo o salão de atos no térreo e, no andar de cima, os apartamentos restantes; um conjunto que estaria ao lado do prédio da Escola Agrícola. Logicamente a decisão caiu sobre essa última exposição: um prédio em parte térreo e o salão de atos na defasagem da ladeira, sendo a parte superior ocupada com o longo trecho dos apartamentos. Essa planta seria terminada para depois poder iniciar as atividades da construção propriamente dita.

Na reunião do Conselho Inspetorial de 23 de novembro de 1961, portanto um mês depois, o Pe. Inspetor comunicava a todos que o Sr. Bonifácio estaria vindo de Lucélia para iniciar os passos da construção do prédio da casa de Retiro. Assim, no início de 1962, com o auxílio de alguns mestres salesianos, iniciou-se a preparação do terreno para a construção. Nas férias dos estudantes de filosofia, desde esse tempo até janeiro, estes se revezavam em trabalhos de preparação. Uma vez aprovada a planta, feita a devida marcação do terreno, iniciou-se a limpeza do terreno que possuía muitas laranjeiras, antigas mangueiras e alguns pés de jambo. Com o auxílio da primeira motosserra da região foi possível retirar as grandes árvores, as jabuticabeiras e deixar a área livre para se iniciar a abertura das valas dos alicerces. Valeram-se muito bem os mestres que comandavam essa fase do serviço, de um trator novo também, Ford 260, para auxiliar na limpeza e nas escavações com o transporte da terra tirada. Houve entre os estudantes de filosofia um verdadeiro entusiasmo, e as turmas se alternavam nesse trabalho até que os barrancos permitiram chegar aonde era necessário, pois a última parte fora bem profunda devido ao andar superior dos apartamentos.

A etapa seguinte foi mais demorada, pois as chuvas não deram trégua, e o transporte das pedras da região dos morros da estrada de Rochedo foi demorado; essas pedras constituíram a base para as colunas a serem concretadas. Veio o empreiteiro com um grupo de auxiliares e pedreiros para assumirem os trabalhos de forma mais técnica, ao passo que a etapa inicial fora realizada com a colaboração dos estudantes de filosofia e dos mestres, pois eram serviços menos técnicos. O prédio da antiga oficina mecânica, ou da casa da turbina, tornou-se o alojamento deles. Dessa forma, o projeto prosseguia com a satisfação de todos.

Ao abrir as valas para os alicerces, aumentou a altura dos barrancos entre o prédio da Escola Agrícola e a futura casa de Retiro; foi necessário planejar também muros de arrimo para esses desníveis. Ao delimitar a entrada da casa de Retiro em linha com a parte frontal do prédio do Noviciado, foi necessário nivelar a estrada e, ao mesmo tempo, trabalhar os barrancos que surgiram do lado do campo de futebol. Pe. Greiner, de acordo com o construtor, planejou colocar uma parede de pedra para proteger a estrada desse

desnível. A parede de pedra deixou a estrada segura oferecendo uma vista mais simples e agradável. Os prédios passaram a se intermediar a partir do mesmo nível; assim o nível básico da porta da igreja que está no mesmo nível da porta do refeitório dos salesianos, serviu de referência para a construção de um longo pórtico ao lado do prédio da escola Agrícola desde a estrada que, ao passar pela portaria de entrada da casa de Retiro, segue no mesmo plano até a porta da igreja; esse pórtico longo passa pela frente da igreja e, numa suave rampa, se intercala com o pórtico do prédio do Instituto de Filosofia e segue até perto do salão do refeitório dos salesianos. Assim não há dificuldade de se locomover, nem os salesianos idosos em passar da casa de Retiro para os outros prédios; todos ali estão no mesmo nível.

A estrada passando pela frente da casa das Irmãs chega até o alto eucaliptal; do lado contrário, desce em direção à represa passando ao lado da frondosa mangueira onde está o nicho de Nossa Senhora. Devido a essa construção, foi necessário transladar um apiário que estava próximo da estrada na margem da represa para as proximidades das pocilgas. Era uma atividade intensa nesse apiário; a colheita era muito rica. Também com a derrubada de tantas mangueiras frondosas do lado esquerdo da estrada de quem sai em direção à represa, surgiu a ideia de se iniciar o plantio de uma avenida ladeada de mangueiras com as sementes daquelas que foram derrubadas. Dessa forma, surgiu a nova avenida ladeada por mangueiras até a represa de cima. A construção da casa de retiro veio trazer também incontáveis melhorias para o conjunto de prédios onde moravam os salesianos daquela comunidade.

Durante o ano de 1962, os trabalhos da construção prosseguiram, e o Pe. inspetor estava de sobreaviso para que ficasse pronta logo. Assim, no início do ano de 1963, alguns salesianos que vieram para o retiro já utilizaram alguns apartamentos, mesmo sem um acabamento esperado. Como o retiro era em tempo de calor, alguns dos quartos ocupados não possuíam todos os estágios das janelas, mas foram ocupados. No final desse ano, tudo estava pronto e, no início de 1964, tudo correu magnificamente como nunca se imaginara realizar os santos retiros naquela casa, tão bem disposta e aparelhada para hospedar e acolher os irmãos. Ainda não se utilizava da cozinha, pois o salão do refeitório dos salesianos comportava a todos; somente bem mais tarde é que a cozinha do prédio passou a ser utilizada. Foi uma conquista para a Inspetoria, e o Pe. Inspetor recebeu todos os gestos de gratidão dos salesianos. Os apartamentos do piso superior da entrada da casa foram planejados para acolher o inspetor que lá dispunha de seu apartamento e de uma sala confortável para atender os irmãos.

Pe. João Greiner dedicou-se de corpo e alma nas melhorias da casa de Lagoa da Cruz. Em seu relatório final sobre as benfeitorias ocorridas nas diversas casas da inspetoria, ao anotar suas intervenções em favor da casa da

Lagoa da Cruz, nomeou mais de 35 atos ou melhorias para a casa. Entre essas melhorias, algumas se destacam por sua grandeza e por seus resultados benéficos; todas essas intervenções tinham a finalidade de tornar essa comunidade independente e autossustentável financeiramente, mediante o trabalho dos salesianos e dos alunos da escola Agrícola. A infraestrutura produtiva cresceu e se tornou importante fator para a sustentação da casa.

Entre outras assinalou: o aumento do pavilhão dos meninos da Escola Agrícola para o sul em 15 metros e para o norte, 4,5 metros (salão de estudo, 3 salas de aula, duas oficinas e um dormitório). Houve também o aumento do pavilhão das irmãs e a reforma da cozinha e da lavanderia.

Mais abaixo, houve a construção de pocilgas; iniciou-se a construção da terceira represa ao lado do chiqueiro. Porém uma das iniciativas que perdurou e redundou em benefício inigualável para a casa foi a construção de um longo pavilhão para o galinheiro com 1000 gaiolas.

Houve a construção de um novo refeitório para os meninos da Escola Agrícola e ao lado deste surgiu o aumento do prédio da Filosofia, sendo o térreo para a biblioteca e laboratórios para a Filosofia; no andar superior da biblioteca, surgiram seis novos apartamentos para os salesianos.

Foi solucionada a questão do abastecimento da água com dois poços semiartesianos, com um reservatório grande para todos os prédios; no prédio do noviciado foram construídos dois apartamentos para os salesianos. E foi muito importante construir uma linha de transmissão para a rede elétrica de 5 km.

Além de tudo isso, enumeram-se outras edificações como a de uma quadra de basquete, a reforma dos esgotos e os esforços para aumentar o pomar, a horta e outras atividades produtivas, como lavouras mecanizadas e aquisição de um caminhão para os trabalhos da casa (GREINER, 1964, p. 1-2).

Nessa lista não estão todos os empreendimentos desejados e realizado pelo Inspetor Pe. João Greiner. Mas sua atuação em benefício da melhoria de vida de todos nessa comunidade de estudantes e de alunos, sem contar os noviços, foi altamente gratificante e animadora.

5.5 Encerramento da visita extraordinária de Pe. Modesto Bellido

O encerramento da visita extraordinária protagonizado pelo Pe. Bellido deu-se na reunião dos diretores do dia 24 de abril de 1962. Era justamente uma terça-feira depois da Páscoa; a reunião tinha por finalidade apreciar o parecer e a avaliação do visitador sobre a vida salesiana na Inspetoria; segundo o visitador, a finalidade era simplesmente manter e aperfeiçoar a vida dos irmãos conforme o espírito salesiano.

Inicialmente agradeceu a todos pela acolhida que teve em todas as comunidades. Declarou ter recebido ótimas impressões do conjunto de todas as obras quanto ao pessoal e quanto ao espírito religioso, ao espírito de trabalho e de sacrifício, o que recomendou conservar e aperfeiçoar, conforme algumas recomendações que iria fazer.

Individualizou especialmente o notável progresso quanto às Casas de Formação em relação ao que havia em sua visita anterior de 1953. Exortou a todos e, em especial, aos diretores a se esforçarem para manter a vida religiosa. Segundo o visitador, o porvir da Inspetoria se apresenta extraordinário; porém está nas mãos dos diretores concretizá-lo de acordo com o bom espírito; os superiores acompanham de longe, mas cabe aos diretores a responsabilidade da animação das comunidades. Para isso apresenta uma série de itens como se fosse um roteiro de exame de consciência. Como o papa João XXIII falou recentemente dos bispos, pode-se afirmar de um diretor: "Episcopus (Director) qui sanctus sit, sacerdos et fratres) conducit ad santitatem!". Assim esforce-se o diretor para ser modelo de vida religiosa para que todos os irmãos o imitem na prática. Passou a examinar os vários deveres:

1 - Meditação – notou que alguns trabalham nesse momento e deveria haver um horário somente para a meditação.
2 - Leitura Espiritual – deveria ser feita para todos, em comum, de preferência sobre algum texto de "Formação Salesiana".
3 - Confissão – que haja possibilidade para todos, e não falte o Confessor extraordinário.
4 - Exercício da Boa Morte – seja um verdadeiro momento de recolhimento para todos.
5 - Rendiconto – é preciso que aconteça.
6 - Conferências – não se omita quanto a esse dever, mesmo com leituras.
7 - Testamentino – deve-se fazer essa reunião mesmo com um só clérigo.
8 - Casos de Consciência – é obrigação do diretor e dos sacerdotes.
9 - Capítulo da casa – é necessário para o governo da casa.
10 - Vocações – o porvir da congregação depende do pessoal. É preciso formá-lo para que cumpra as suas obrigações no apostolado e com bom espírito. Todos na Igreja sentem a necessidade de trabalhar pelas vocações. O campo para se cultivar as vocações são os colégios, as paróquias, os oratórios festivos. A atual situação da Inspetoria é confortável, se se trabalhar formando no verdadeiro espírito. Sente-se, porém, a necessidade de boas vocações para coadjutores, tão necessários para os mestres de Oficinas e para as Missões. É importante que o pessoal para as casas de formação seja bem escolhido. Cuide-se da formação moral, intelectual, de iniciativa pessoal, orientando as inclinações. Ensine-se a civilidade com aulas e oportunas observações. As casas de formação

devem se apresentar bem para que os aspirantes se sintam à vontade. É necessário auxiliar o Inspetor, financeiramente, para mantê-las.

11 - Apostolado – já é imenso o que se tem em mãos, superior ao número e às forças dos irmãos. Não se procure aumentá-lo nem com mais casas, nem com novas obras nas casas. Pode-se ter em vista o aspirantado em Maracaju, se for o caso, Marília, mas sem precipitações, não se pode esgotar os irmãos. Organizem-se e aperfeiçoem antes as obras atuais; Seminários, sempre D. Bosco trabalhou para os sacerdotes diocesanos; Colégios, quanto aos internatos, estão indo normalmente; Externatos, necessário se esmerar na formação, pouco se trabalha com as Companhias – se não houver formação não se tornarão cristãos de convicção.

12 - Paróquias – chegam a 700 na congregação. Exigem muito trabalho. Os vigários cuidem de entrar com o catecismo nas escolas públicas ou particulares; cuidem das Obras Sociais, mas recorram aos leigos também.

13 - Oratórios Festivos – deveriam movimentar em todas as cidades, desde os meninos até os anciãos. Os oratorianos são alunos que mais correspondem na formação cristã.

14 - As Missões são a parte mais gloriosa da Inspetoria. Merecem da parte de todos particular carinho e entusiasmo, auxiliando com as várias campanhas, especialmente a do Dia das Missões, que se vai introduzindo nas casas da Congregação. As missões de Sangradouro e de S. Marcos exigem verdadeira vida heroica por causa do encargo com os xavantes, pois estão sem meios e sem confortos para todos [...]

15 - Ex-alunos e Cooperadores – são obras indispensáveis em todas as casas – deve-se encaminhar os alunos para se incorporar ao grupo dos ex-alunos. Quanto aos cooperadores, a primeira coisa é estabelecer o delegado local que tenha vontade e possibilidade de trabalhar.

16 - Pais de famílias – é necessário orientar os pais na educação dos filhos e formação cristã. Sejam realizadas as reuniões com os pais e o diretor sempre tenha uma boa palavra para todos[12].

Todos esses itens e outros mostraram a grande preocupação do visitador para a organização da vida salesiana em cada comunidade e nos diferentes campos de trabalho. Relatou-se todo esse roteiro simplesmente para se ter uma ideia da grande preocupação dos superiores para com a limpidez da vida de cada comunidade da Inspetoria. Afinal foi uma visita de revisão e, ao mesmo tempo, de promoção da vida religiosa com entusiasmo.

[12] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria Salesiana de Mato Grosso-Oeste de S. Paulo, de 05/12/1955 a 27/01/1966, 24 de abril de 1962, p. 54b-56b.

5.6 A instalação das Faculdades no Colégio D. Bosco – Faculdade D. Aquino de Filosofia, Ciências e Letras de Campo Grande – Faculdade Mato-grossense de Direito

A questão da faculdade a ser instalada pairou por muito tempo no propósito geral dos salesianos da Inspetoria, mas somente depois da visita de verificação do prédio por parte do representante do Ministério da Educação iniciou-se a etapa decisiva. Enquanto todos aguardavam as definições do MEC, a questão esteve presente, mas não fora encarada com o devido planejamento. A possibilidade de se instalar uma faculdade no Colégio D. Bosco tornava-se um assunto de interesse para as autoridades municipais; o Sr. Prefeito, em 1960, era um distinto ex-aluno do colégio. Nas reuniões com a diretoria dos ex-alunos, a presença do Dr. Wilson Barbosa, prefeito, foi caracterizada como apresentações de algumas possibilidades de se adquirir os recursos necessários para a instalação e a manutenção dos cursos. Combinaram-se na postura do Sr. Prefeito, Dr. Wilson Barbosa, as duas dimensões de interesses; por um lado, como ex-aluno, estava muito satisfeito pelo acontecimento; por outro, como prefeito, postou-se à disposição com propostas de buscar os recursos necessários no governo federal. Diante das insistentes ofertas dos ex-alunos, mediante a pessoa do Dr. Wilson, Pe. Greiner expressou na reunião do Conselho Inspetorial sua posição ponderada por prudentes e reais arrazoados. Algumas dessas afirmações estão na ata da reunião:

> Contudo, vista a boa vontade mostrada por ex-alunos influentes, como o Prefeito da Cidade, para a solução financeira, estava disposto a fazer estudos sobre o problema, para apresentar os resultados positivos aos Superiores de Turim, de quem depende a palavra definitiva para a solução, em vista especialmente de se poder eventualmente resolver o problema da formação intelectual e dos títulos legais para os nossos clérigos da Filosofia. Outras dificuldades a ser consideradas eram as questões: professores, que eventualmente poderiam ser contratados de outras faculdades; e que a Faculdade seria mista [...]. Dr. Wilson deixou sua proposta para buscar recursos e verbas junto ao governo, contando de verbas para a sustentação do professorado e outra verba para as instalações e o acabamento do prédio[...]. Visto que as subvenções, embora votadas e garantidas, não viriam imediatamente, Pe. Inspetor frisava que, sem contrato escrito, não se deixaria induzir a tomar compromisso de gastos adiantados [...] daí a afirmação de não se poder iniciar no ano de 1961, mas mais para frente...
>
> Pe. Ângelo que já trabalhou com o Pe. Félix nas práticas anteriores para a faculdade, apresentava a conveniência da instituição de uma Secretaria, encarregada dos estudos e da organização necessárias para lançar a Faculdade e ao mesmo tempo providenciar urgentemente meios financeiros adequados, para se poder esperar as subvenções [...]. A secretaria deveria servir-se de todas as pessoas e demais meios úteis

> para se alcançar as subvenções e outros financiamentos diretos[...] Encerrou-se a reunião com a aprovação dessa proposta do Pe. Ângelo.[13]

Com a aprovação da secretaria da Faculdade, iniciaram-se as tratativas possíveis para se adiantar os trabalhos. Na reunião do Conselho Inspetorial do mês de janeiro, já estava presente o novo ecônomo inspetorial, Pe. Heitor Castoldi; este apresentou um plano de gastos e empréstimos para ir trabalhando e tentando finalizar a questão do acabamento de outros trabalhos ainda necessários no prédio; afirmou que iria lutar por verbas públicas, pelo auxílio das casas e por alguns empréstimos. Também tratou-se, além do acabamento da construção do prédio rua 14 de Julho, da possibilidade de se adquirir as casas adjacentes ao prédio na mesma rua e de se verificar a preparação do andar térreo para um salão de atos e outras salas a serem logo utilizadas.

Na reunião do Conselho Inspetorial de 17 de março de 1961, foi registrada a definição por parte do Ministério da Educação sobre os cursos da Faculdade:

> O Ministério que examinou o relatório enviado, solicitou o desdobramento dos Cursos de Geografia e de História em Geral e do Brasil. Não sendo possível apresentar profissionais suficientes para esses 4 cursos, ficarão os de Pedagogia e de Línguas.[14]

A definição dos cursos seria mesmo pelos dois que restavam com a possibilidade de se indicar professores da cidade para mantê-los, ao menos inicialmente. No dia 7 de junho de 1961, conforme a crônica do Colégio D. Bosco, esteve visitando o prédio novo o Inspetor designado pelo MEC para inspecionar as dependências do prédio onde funcionaria a faculdade "Dom Aquino". No dia 3 de agosto de 1961, o Jornal Correio do Estado trouxe a notícia tão esperada: "Jânio Quadros recomenda Faculdade de Filosofia em Campo Grande" – O Presidente recomendou, em despacho com o Ministro da Educação o entendimento com a Congregação Salesiana, tendo em vista a organização de uma Faculdade de Filosofia em Campo Grande. Essa notícia foi confirmada através de um telegrama em que se notificava a intervenção do Presidente e do governador do Estado. No dia 24 de novembro desse ano saiu o decreto de autorização para o funcionamento da Faculdade Dom Aquino:

> Decreto nº 217 – De 24 de novembro de 1961. Concede autorização para o funcionamento dos cursos que indica.

---

[13] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria Salesiana de Mato Grosso-Oeste de S. Paulo, de 05/12/1955 a 27/01/1966, 4 nov. 1960, p. 36b-37b.

[14] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria Salesiana de Mato Grosso-Oeste de S. Paulo, de 05/12/1955 a 27/01/1966, 17 mar. 1961, p. 40.

> O Presidente do Conselho de Ministros, usando da atribuição que lhe confere o artigo 18, item III, do Ato Adicional, e nos termos do artigo 23 do Decreto-Lei nº 421 de 11 de maio de 1938, decreta:
> - Artigo único. É concedida autorização para o funcionamento dos cursos de Pedagogia e Letras Neolatinas da Faculdade de Ciências e Letras, mantida pela Missão Salesiana de Mato Grosso e situada em Campo Grande, no Estado de Mato Grosso.
> Brasília, em 24 de novembro de 1961: 140º da Independência e 73º da República. Tancredo Neves - Antônio de Oliveira Brito (nº 38.890 - 24/11/61).[15]

A notícia correu com entusiasmo pela cidade. O Jornal do Comércio do dia 04 de dezembro de 1961 trazia o seguinte título na página inicial:

> Faculdade D. Aquino de Filosofia, Ciências e Letras de Campo Grande - Autorizado por decreto federal o funcionamento do primeiro estabelecimento de ensino superior de nossa cidade - Cursos de Pedagogia e de Letras Neolatinas [...] Será a Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras a pioneira no ensino superior em Campo Grande, e o início de suas atividades, que deverá ocorrer no próximo ano, marcará sem dúvida nova e auspiciosa era no setor educacional matogrossense, ensejando a centenas de jovens maiores possibilidades no aprimoramento de seu nível intelectual e cultural, ficando Mato Grosso a dever aos abnegados e devotados salesianos mais esse valioso e importante empreendimento. (JORNAL DO COMÉRCIO, 04/12/1961, p. 1).

Sem dúvida esse decreto veio atualizar os sonhos dos primeiros salesianos que aportaram em Cuiabá em 1894; já o Pe. Lasagna sonhara com uma universidade em Montevidéu. Posteriormente os salesianos desejaram iniciar o ensino superior em Goiânia, na década de 1940, fato que não foi possível; porém, desse desejo, o arcebispo de Goiânia, D. Emanuel, a partir de 1950 iniciou os trabalhos nesse sentido, e surgiu a Universidade Católica de Goiás. Agora o sonho dos salesianos que conviveram com ele se concretizava em Campo Grande depois de dez anos. A tradição de um desejo e de um sonho passou para a dimensão da realidade. Campo Grande seria a concretização desse sonho dos salesianos de oferecer aos jovens um roteiro completo para a formação intelectual dos jovens; de uma forma diferente, esse passo representa a complementação de um trajeto glorioso de projeto missionário dos salesianos.

No início do ano de 1962, o livro de crônicas do Colégio D. Bosco registrou:

> No dia 16 de janeiro de 1962, ocorreu o encerramento do Retiro Espiritual. Muita cordialidade e otimismo. Foi dada a notícia oficial

[15] Crônica do Colégio D. Bosco, 1960-1964, 25 nov. 1961, p. 61b.

> pelo Revmo. Sr. Pe. Inspetor de que o novo diretor do Colégio D. Bosco seria o Revmo. Sr. Pe. Mário Pellattiero, dinâmico diretor então do Liceu S. Gonçalo de Cuiabá. A ele nossos parabéns da parte de todos os salesianos do Colégio D. Bosco e feliz permanência entre nós. O antigo diretor, Pe. Félix Zavattaro passou a ocupar o novo e primeiro cargo de Diretor da nova Faculdade, coroando assim seus ingentes esforços pela sua realização. A ele o Colégio D. Bosco agradece as grandes jornadas laboriosas entre as fileiras salesianas e seus alunos.[16]

Dessa forma se concretizava o esperado e desejado sonho do Pe. Félix e de todos os salesianos quanto ao início do ensino superior. Tanto que, nesse ano, no próprio Colégio D. Bosco, estava funcionando nas férias o curso de preparação e capacitação para professores, promovido pelo Ministério da Educação, denominado de CADES.

No dia 12 de março de 1962, a crônica do colégio registrou a decisão sobre o local do funcionamento das aulas da faculdade; foram reservadas quatro salas no andar superior do prédio da Rua 14, e a entrada para os universitários seria pela Rua 14. Essa decisão permitiu que os alunos das faculdades tivessem entrada diferente e locais apropriados para que a vida dos estudantes e docentes da faculdade fosse diferente do regime dos alunos do Colégio. Vários salesianos se tornaram professores nos dois cursos universitários, em especial o Pe. Félix, o Pe. Agreiter, Pe. Ângelo Venturelli e outros.

Um dos traços mais significativos quanto à instalação da Faculdade com cursos de Licenciaturas, havia nessa decisão duas dimensões; a primeira seria a possibilidade de se ir qualificando os salesianos jovens e aqueles que pudessem, de alguma forma, obter a titulação necessária para ser professor nos colégios e demais obras da inspetoria. Uma segunda dimensão seria a possibilidade de se ir formando os futuros professores das escolas públicas de acordo com o espírito salesiano e de acordo com a fé cristã católica. Sintomaticamente, ser missionário no ensino, ao tentar formar bem os professores das escolas públicas para que eles também se tornassem testemunhas da fé cristã católica.

No dia 21 de março de 1962, ocorreu a inauguração oficial da Faculdade, foi o dia da primeira aula inaugural com celebração festiva. O programa assinala que, no dia 21 de março, às 8h, houve missa solene presidida pelo Sr. Bispo, D. Antônio Barbosa. Nessa missa, esteve presente o coral dos estudantes de filosofia da Lagoa da Cruz e animou a celebração com a execução de vários motetes consagrados. Às 20h houve no salão de atos do Colégio Auxiliadora das irmãs salesianas, a primeira aula inaugural das faculdades; o palestrante foi o salesiano Pe. Dr. Alcionílio Alvez Bruzzi da Silva, antropó-

[16] Crônica do Colégio D. Bosco, 1960-1964, 16 jan. 1962, p. 665-65b.

logo e pesquisador das culturas indígenas da Amazônia. Com a presença dos convidados e autoridades locais, foi dado o passo oficial e público do início das atividades regulares do funcionamento da Faculdade D. Aquino[17].

A atividade escolar da faculdade ocorria em clima de início e de alegria para todos; estar funcionando no prédio da Rua 14, também adquiriu uma qualidade especial, pois o acabamento desse majestoso prédio chegava ao final, e a visão dele todo recoberto de gressite amarelada produzia uma sensação de grandeza e de imponência. O trabalho pedagógico prosseguia sua experiência dentro de posturas, logicamente, do espírito do sistema educativo salesiano, do sistema preventivo.

Depois de um ano de funcionamento, por insistência e apoio do Sr. Bispo, D. Antônio, os salesianos tiveram que apressar o processo para a abertura de novo curso, e naquele tempo, de nova Faculdade. Segundo a motivação inicial tudo seria para o crescimento das faculdades, mas houve, sim, uma motivação singular, e o apoio de D. Antônio foi decisivo para que os salesianos assumissem o processo da nova faculdade, conforme registrado na reunião do Conselho Inspetorial de 10 de junho de 1964:

> Faculdade de Direito – Em vista da intenção de os batistas abrirem aqui a Faculdade de Direito, para o que receberam a aprovação do governo estadual, estamos dando os passos necessários junto ao Ministério competente, com o consentimento dos Superiores Maiores, para anexar à Faculdade de Filosofia a de Direito, que se chamaria "Faculdade Matogrossense de Direito"![18]

Com a aprovação do conselho, o processo foi encaminhado ao Ministério de Educação. Em novembro desse ano de 1964, o Pe. Inspetor pediu para o Pe. João Falco ir até o Rio de Janeiro verificar o andamento do processo para se abrir a faculdade de Direito. Era a manifestação do governo da Inspetoria de que todos estavam empenhados na aprovação de mais essa faculdade.

Nesse ano, cogitaram em chamar o Pe. Alcionílio Bruzzi para ser o diretor da futura faculdade de Direito, este, porém, afirmou não ser isso possível nem poderia se transferir para Campo Grande. Voltaram-se as atenções então para o Pe. Pedro Alves Ferreira que fora capacitado em Direito pela Sorbonne em Paris. Depois de seu curso de teologia em Turim, ele fora para Paris para se especializar em Direito e agora então poderia assumir a direção da Faculdade. Assim, numa circular do Pe. Inspetor, Pe. Leonardo Jacuzzi, de 6 de novembro de 1965, comunicava a todos os salesianos:

[17] Crônica do Colégio D. Bosco, 1960-1964, 21 mar. 1962, p. 67b.
[18] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria Salesiana de Mato Grosso-Oeste de S. Paulo, de 05/12/1955 a 27/01/1966, 10 jun. 1964, p. 71.

> Faculdade de Direito – Graças a Deus e aos esforços do pessoal da Casa Inspetorial, e principalmente do Revmo. Sr. Pe. Pedro Ferreira, o Conselho Federal de Ensino Superior aprovou os documentos e a abertura da Faculdade de Direito de Campo Grande. Assumimos esta grave responsabilidade, em vista do grande bem que se fará, completando, ampliando a formação cristã da elite Campograndense. Deus e a Virgem Santíssima e D. Bosco nos amparem, guiem e auxiliem neste invulgar empreendimento! (JACUZZI, 1965, p. 3).

O interessante desse documento são as afirmações de que a Faculdade irá permitir a formação cristã da sociedade; outro particular interessante foi a intervenção do Sr. Bispo diocesano que demonstrou certeza de um caminho ou meio de se atingir a evangelização da sociedade e da cultura mediante instituição de uma faculdade, ou mediante a atuação salesiana no ensino superior. Assim, marcou-se mais uma vez a presença salesiana com uma atitude condizente quanto ao plano de evangelização dos jovens e da cultura. Conforme registro na secretaria do D. Bosco:

> [...] dia 15 de outubro de 1965, por telefone do Rio de Janeiro é recebida a comunicação, por intermédio de seu diretor Pe. Pedro Alves Ferreira, de que a Faculdade de Direito de Campo Grande foi aprovada. Início do cursinho: 5 de novembro de 1965. Exames de vestibulares previstos para o dia 15 de fevereiro de 1966 com as disciplinas de: português – francês ou inglês e – noções de sociologia. Nessa época, em outubro, foram inauguradas no Colégio D. Bosco as quadras de Basquete, Futebol de Salão e Voley. (DADOS DO COLÉGIO D. BOSCO, p. 14).

No ano de 1966, houve o início desse curso que se manifestou glorioso e rico de possibilidades para os jovens da cidade de Campo Grande e arredores. O Diretor primeiro da Faculdade de Direito foi o Pe. Pedro Alves Ferreira, exímio professor na área e grande articulador de relações com os professores e com os jovens estudantes. Foi um passo marcante para o desenvolvimento das faculdades nos anos subsequentes. Nesse período ainda não havia nenhum outro órgão de ensino superior funcionando na cidade. A UFMS viria a funcionar somente anos depois.

5.7 Propostas para uma presença salesiana em Marília

Bem antes do tempo de governo do Pe. João Greiner na Inspetoria, ocorreram propostas, em especial na década de 1950, para que os salesianos iniciassem uma obra na cidade de Marília; ao lado de outras propostas como a que houve para os salesianos iniciarem uma obra em Bauru, surgiram os apelos para que os salesianos se estabelecessem em Marília. O então inspetor, Pe. Guido, embora desejoso de atender a essas solicitações, não teve

oportunidade de concretizar essa proposta. Depois de dez anos, o próprio bispo, D. Hugo Bressane, volta a interpelar os salesianos quanto a uma presença nessa cidade:

> Marília – Uma carta do Exmo Sr. D. Hugo Bressane solicitava a abertura da casa prometida para aquela sede, dando prazo para a resposta até 31 de julho próximo. É intenção do Revmo. Pe. Inspetor responder que não estamos mais em condições de atender, por falta de pessoal com que se contava para aquela obra. Com isso concordava o conselho.[19]

A confiança esperada da ida dos salesianos para aquela cidade mereceu a intervenção do Sr. Bispo, mas mesmo assim não houve essa possibilidade. Na reunião do dia 23 de novembro do mesmo ano, precisamente em 1961, o conselho tratou de outra proposta para a ida dos salesianos para a cidade de Marília:

> Externato em Marília – O ex-aluno salesiano Glicério Póvoas, diretor e proprietário do Instituto Dr. Fernando Magalhães, com curso médio e Faculdade de Ciências Econômicas, insistiu muito como o Revmo. Pe. Inspetor para que, querendo o proprietário retirar-se a descanso, os salesianos tomassem conta daquela obra, para vê-la em boas mãos e na possibilidade de maior futuro, disposto a entregá-la em condições favoráveis. De fato o Superior aceitou ver a obra que consta de dois prédios de construção recente, sobradados e de boa apresentação, contando doze salas de aula e um salão nobre, mais a Diretoria, mais um galpão no fundo com secretaria e dependências e área coberta para a educação física, ficando com pouquíssimo espaço de pátio. Nesses locais funcionariam o curso ginasial, científico, técnico e a Faculdade de Ciências Econômicas, freqüentados os cursos médios por uns 800 alunos e a Faculdade com 250. As condições propostas para a aquisição seriam um total de dez milhões de cruzeiros, entregues três no ato da compra e os demais em três anos de prazo. O Superior relevando que as condições seriam ainda facilitadas por financiamento por intermédio do Sr. Bispo D. Hugo Bressane, acrescentou que este, no caso de os salesianos aceitarem essa obra, alcançaria ainda a doação de um alqueire de terreno suburbano, para um eventual Oratório Festivo e desenvolvimento da mesma obra. Reconhecia em tudo isto uma oportunidade favorável, não houvesse o grave problema do pessoal e pedindo o parecer do conselho, acrescentava que no caso, por dois ou três primeiros anos, bastaria colocar um sacerdote para administrar, até iniciar uma comunidade gradualmente.
>
> Os conselheiros reconheceram todos as ótimas condições da oferta e a oportunidade de se entrar no maior centro da Alta Paulista, completando-se nossos colégios da região com um instituto de estudos supe-

[19] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria Salesiana de Mato Grosso-Oeste de S. Paulo, de 05/12/1955 a 27/01/1966, 27 jun. 1961, p. 42.

> riores. Ficaram, entretanto, divididos e discutiram sobre a possibilidade do pessoal, na futura comunidade. A conclusão foi de esperar na Providência que nos irá dando cada ano ao menos cinco ou seis novos padres, com os quais se poderá esperar ter o pessoal mínimo para mais uma obra, ainda que hoje se apresente a necessidade urgente para a Faculdade D. Aquino, a iniciar-se no próximo ano.[20]

Conforme consta no livro de atas da inspetoria, em janeiro chegou a anuência dos Superiores de Turim quanto à aquisição do Ginásio Dr. Magalhães de Marília. Ao lado do Pe. Inspetor, esteve em visita de inspeção no local o Pe. João Falco; conforme o relatório do Pe. Falco, a conclusão do Pe. Inspetor foi de que a base econômica da instituição estava muito fraca e outro fator determinante teria sido a constatação de que a maior parte dos alunos eram moças; este fato foi determinante, pois os salesianos naquele tempo não tinham permissão para trabalhar com alunado misto. Dessa forma, foram dadas as devidas explicações ao Sr. Bispo sobre o adiamento da decisão da Inspetoria quanto à aquisição do Ginásio Dr. Magalhães em Marília. Não mais se repetiu a possibilidade de os salesianos se radicarem na bela cidade de Marília.

5.8 As ampliações do aspirantado de Coxipó – a organização das casas de Dourados, Maracaju e propostas sobre as Escolas Profissionais

A inspetoria estaria organizada a partir do governo do Pe. Guido Borra no setor das vocações com dois aspirantados; o de Tupã, que no tempo do Pe. Greiner foi transferido para o colégio de Lucélia, para as vocações de S. Paulo e do sul do Estado de Mato Grosso. Para os vocacionados do norte, Pe. Guido instituiu a casa de Coxipó como tal, após a saída dos aspirantes do antigo seminário da Conceição, em 1956. Em Coxipó, foram realizadas muitas melhorias para acolher os aspirantes. Inclusive houve o plano de se construir novo prédio em paralelo ao antigo, com frente aberta com largo pórtico e finalizado com um salão de atos. Esse prédio não fora ainda completado quando Pe. Guido deixou o governo da Inspetoria em 1958. Posteriormente, Pe. Greiner passou a buscar recursos para finalizar essa construção. O objetivo seria acolher lá mais de 100 aspirantes do ginásio. Muitos desses aspirantes viriam do sul do Estado na década de 1960, devido à escola de Dourados ser considerada um verdadeiro pré-aspirantado. Porém os aspirantes vinham de todas as partes, da cidade de Cuiabá, das vizinhanças e das outras casas da Inspetoria, como de Araguaiana, de Alto Araguaia, de Guiratinga, de Poxoréu e de outros lugares.

[20] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria Salesiana de Mato Grosso-Oeste de S. Paulo, de 05/12/1955 a 27/01/1966, 23 nov. 1961, p. 51-51b.

Na reunião do Conselho Inspetorial de 19 de fevereiro de 1959, o Pe. Inspetor deixou registrado que recebera uma verba significativa para ser aplicada na região de Cuiabá, e a construção do aspirantado seria então completada com esse dinheiro, pois os benefícios prestados aos jovens através do estudo e da formação era a expressiva atuação dos salesianos em prol dos mais necessitados. Dessa forma, o financiamento para o término da construção proporcionaria a possibilidade de se realizar uma verdadeira obra de promoção humana a tantos jovens que para lá se dirigiam para estudar a própria vocação ou serem educados para uma vida de "bons cristãos e honestos cidadãos" como queria D. Bosco, sempre fazer o bem para os jovens mais necessitados.

Em junho de 1961, surgiu uma proposta singular da parte do governo para os salesianos; tratava-se de entendimento prévio com o Sr. Governador, que iria propor ao Presidente que a Escola Técnica de Coxipó, então em construída, fosse entregue aos salesianos. Uma verdadeira oferta, porém foram debatidas as questões fundamentais sobre as modalidades de financiamento e sustentação posterior. Houve uma proposta bastante tentadora de que o governo federal disporia de uma bolsa para o sustento de cada aluno. Se esse projeto vingasse, a proposta dos salesianos de Cuiabá consistiria em encerrar as oficinas que funcionavam para os aprendizes no S. Gonçalo e passar todos os mestres para serem os professores dessa Escola Técnica Federal. Inicialmente todos consideraram a proposta muito apropriada. Os conselheiros desejavam que o Pe. Inspetor fosse pessoalmente conversar com o Governador e trouxesse as propostas bem delineadas, sobretudo quanto aos financiamentos futuros.

Essa proposta inicialmente entusiasmou a todos, porém algumas lembranças do passado, de modo especial a saída dos salesianos da Colônia Teresa Cristina junto aos índios bororos, no final do século XIX, deixou pendente tudo, e esse receio prevaleceu quanto ao futuro desse trabalho salesiano na Escola Técnica. Restaria a satisfação de ver a confiança do governo no trabalho técnico da escola Profissional do S. Gonçalo.[21]

Quanto a Dourados, no início do ano de 1959, ocorreram algumas observações do Sr. Bispo local quanto ao trabalho dos salesianos em Indápolis. Segundo ele os salesianos viviam somente cuidando da propriedade, e o povo aguardava que eles se envolvessem no trabalho pastoral da região. A reflexão do conselho inspetorial foi muito objetiva: nesse tempo ainda não dispunham de todo o pessoal necessário para ampliar o raio de atividades; todos sabiam que estava programado instalar uma escola e de providenciar

[21] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria Salesiana de Mato Grosso-Oeste de S. Paulo, de 05/12/1955 a 27/01/1966, 21 jun. 1961, p. 40b.

os alojamentos para os alunos internos que se dedicariam ao estudo e ao aprendizado no campo da agricultura. Nessa reflexão, surgiu até a possibilidade de se transferir para Dourados a Escola Agrícola S. Vicente, instalada na Lagoa da Cruz. Porém não se chegou a qualquer proposta concreta para o assunto, postergando assim as soluções para que a casa de Dourados se manifestasse como uma escola agrícola. O conselho era de parecer que se aguardasse definir o que realizar na casa de Dourados.

No dia 17 de março de 1961, na reunião do Conselho Inspetorial, Pe. Inspetor disse que, em companhia do ecônomo inspetorial, visitara a comunidade de Dourados. Afirmou que estavam levantando dois pavilhões de madeira para brevemente acolher de 30 a 40 alunos internos da 3ª e 4ª séries primárias e depósitos agrícolas. Disse que iriam realizar um negócio de trocas de terrenos, a área da Vila Brasil seria trocada por outro limítrofe ao terreno atual. Também fez uma observação de que no futuro teriam que olhar melhor para a comunidade, pois o único padre era capelão do hospital e não podia celebrar a Santa Missa em casa[22].

Na reunião de 1º de abril de 1963, portanto no último ano de inspetor do Pe. Greiner, o Conselho Inspetorial discutiu amplamente a oferta do financiamento de construção e edificação de escolas técnicas profissionais na casa do Oratório S. José; ao final parece que iriam aprovar o projeto, mesmo com alto custo também para a inspetoria. Ao finalizar as propostas, Pe. Greiner deixou assinalado que ele lamentava a ausência na inspetoria de uma escola Técnica em Agricultura, pois a Inspetoria ainda não tinha uma verdadeira escola agrícola. Ao final de seu arrazoado, indicou que a casa de Dourados poderia ainda ser uma escola técnica em agricultura que servisse para orientar e formar técnicos específicos de que tanto o país necessitava. Em seu relatório de melhorias, apontou a Escola Agrícola de Dourados como uma realidade, pois foram edificados os alojamentos para os alunos, mas das séries do primário ainda. Essa foi a última menção sobre o futuro da escola de Dourados manifestada pelo Pe. Greiner.

Ao tratar de tantas propostas sobre obras futuras que a inspetoria recebera nesses anos de governo do Pe. Greiner, deve-se documentar também a proposta que surgiu na cidade de Maracaju depois da estadia lá do ex-ecônomo inspetorial Pe. Constantino. Essa proposta foi apresentada ao Conselho Inspetorial no dia 31 de janeiro de 1962:

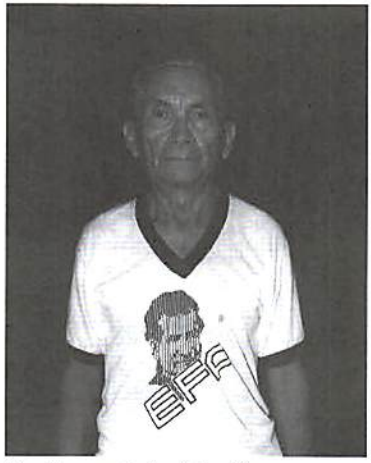
> Maracaju – Com a presença do Sr. Pe. Constantino de Monte naquela vila de fortes fazendeiros, durante um ano, surgiram com a nova igreja outras obras de educação, construídas com as largas contribuições

[22] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria Salesiana de Mato Grosso-Oeste de S. Paulo, de 05/12/1955 a 27/01/1966, 21 jun. 1961, p. 39.

> dos moradores. Não se resignando agora eles a ficarem sem sacerdote, com a retirada do padre, emprestado por um ano, surge a possibilidade de os mesmos moradores oferecerem aos Salesianos uma obra para nela fazer funcionar um novo Aspirantado Salesiano para a zona sul de Mato Grosso. O Revmo. Pe. Inspetor, dando parte ao conselho desse projeto, disse que o próprio Pe. Constantino ficou incumbido de trazer propostas sólidas por escrito, dizendo-se disposto a iniciar o funcionamento da obra, se a Comissão se comprometer a dar o terreno de uns 20 a 25 hectares e a casa construída, ficando a cargo da Congregação a mobília do novo Instituto. O conselho deu seu pleno consentimento para com a proposta.[23]

No ano seguinte, as negociações para a instalação de uma comunidade em Maracaju não receberam o apoio prometido, porém a ideia não morreu, e somente mais tarde os salesianos puderam aumentar o número de membros da comunidade e exercer um verdadeiro trabalho pastoral na cidade e nas cercanias. Em seu relatório de benfeitorias, Pe. Greiner deixou escrito que foi construído o prédio para o aspirantado com capacidade de receber 100 alunos; por outro lado, afirma que a terra concedida era de 50 hectares. A escola paroquial foi entregue às irmãs de Jesus Adolescente. Pe. Constantino continuou como pároco e diretor de toda a obra salesiana naquela cidade (GREINER, 1964, p. 5).

[23] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria Salesiana de Mato Grosso-Oeste de S. Paulo, de 05/12/1955 a 27/01/1966. 31 de janeiro de 1962, p.53b.



Me. Fernando José da Silva



Pe. César Albisetti



Pe. Armindo de Oliveira



Pe. José Pessina



Pe. Martinho Pini



Me. José Nunes



Pe. José Corazza e Pe. João Duroure



Grupo de Coadjutores:
Me. Ancona
Me. Bondioni
Me. José Veronese
Me. Paulo Pires

Capítulo VI

A atividade missionária no período de 1958 a 1964 – início da publicação da Enciclopédia Bororo

Após a chegada dos xavantes às missões, a atividade dos salesianos ganhou outra dimensão devido ao número de índios que iria exigir uma dedicação maior no setor lavoureiro produtivo para que eles tivessem uma alimentação razoável. Desde o final de 1957, quando chegaram numerosos xavantes, a preocupação aumentou, pois, de um lado, era essa questão desejada desde 1932, quando o Pe. Fuchs e Pe. Sacillotti se dedicaram ao primeiro contato frustrado com os xavantes, e por outro lado, havia a questão de atendê-los devidamente. Sobre essa situação Pe. Corazza (1995, p. 149-150) escreveu:

> As missões salesianas de Meruri e Sangradouro abriram as portas para acolher e cuidar dos infelizes e escorraçados xavantes. Vindos de suas aldeias, de Couto Magalhães, em conjunta peregrinação de sofredores e moribundos, deixando atrás de si um rastro de sepulturas, encontraram socorro junto aos missionários. Dividindo-se em dois grupos, uns 100 se estabeleceram em Sangradouro, e outros 200, em Meruri, depois do Córrego Fundo e, por fim, na atual colônia de São Marcos, em 25 de abril de 1958. Os de Sangradouro encontraram tudo pronto e sem contestação. Os de S. Marcos tiveram que começar do nada duas vezes, sofrendo a oposição dos invasores da região não faltando nem o banho de sangue do missionário na defesa dos direitos dos índios. Estes viviam em pacífica harmonia com os antigos inimigos bororos [...] Para facilitar as comunicações entre Meruri e a nova residência de São Marcos, os missionários abriram uma estrada de uns 50 quilômetros, mais tarde retificada e cascalhada. Num novo traçado, foi ultimamente aberta nova estrada, com ponte recém-inaugurada sobre o Barreiro, facilitando a ida à antiga colônia dos Tachos.

Assim a vida das missões adquiriu novo traço com a presença dos xavantes. Tal fato exigiu muito dos missionários em todos os sentidos; houve um esforço para se cultivar novas áreas com lavouras para a sustentação desses novos índios e muito esforço para manter a saúde e depois a dedicação à escola e à alfabetização. Para isso a inspetoria se mobilizou e tentou construir uma infraestrutura condizente com a vida dessas novas colônias indígenas.

6.1 As atividades missionárias em S. Marcos e nas outras missões

Os xavantes acataram com satisfação a nova possibilidade de se instalar em S. Marcos, pois o lugar era muito condizente com suas necessidades: o Rio S. Marcos, extensão de matas para se iniciar novos campos de lavoura e possibilidade de se construir uma nova aldeia com a presença dos salesianos e das irmãs Filhas de Maria Auxiliadora. Teriam sustento e assistência médica, fatores altamente importantes para que evitassem as doenças e as pestes. A nova aldeia foi dedicada a D. Rinaldi, e todos estavam satisfeitos em poder morar pacificamente naquele lugar. Com eles, no primeiro ano, somente estavam dois salesianos: Pe. Salvador Pappa e Me. Adalberto Heide.

Apenas mais tarde é que a presença salesiana se tornou mais consistente. Chegaram outros salesianos e salesianas para se implantar um verdadeiro centro de atendimento aos índios. Inicialmente os salesianos se preocuparam com o essencial, o sustento e a evangelização. Assim iniciaram as lavouras e as aulas de catequese das crianças. Os primeiros alojamentos foram essencialmente ranchos de palhas, e somente depois foram construídos os pavilhões para os salesianos, para as filhas de Maria Auxiliadora e para as aulas. No grande lance de construção, foi instalada a primeira capela para as cerimônias e para as santas missas. Houve o cuidado de se abrir grandes extensões para o cultivo de milho, arroz, feijão para o sustento de todos. As lavouras eram essenciais para a vida da aldeia e dos salesianos. Para lá foram salesianos dedicados e peritos, como Me. Mário Nascimento, que auxiliou a construir todos os pavilhões que persistem até o dia de hoje. Segundo o relatório do Pe. Greiner, foram também realizados outros investimentos para que a vida dos missionários estivesse mais bem amparada; foi construído o pavilhão grande para acolher as irmãs, e ambientes melhores, para acolher os índios em seu tempo de vida fora das casas da aldeia. A vida foi beneficiada em seu conjunto pelas máquinas que permitiram preparar melhor as imensas lavouras para produzir os cereais necessários para a subsistência de todos. Além disso, foi adquirido um locomóvel para produzir energia para as diversas máquinas e serras. A missão possuía também um caminhão que servia para transportar cargas e, naquele tempo, também as pessoas.

Uma das atividades que mais progrediram nas missões junto aos xavantes foram as escolas, em que os xavantes logo progrediram, e iniciou-se a alfabetização deles enquanto os missionários também estavam se dedicando à transcrição de sua língua para o alfabeto português. Depois de alguns anos conseguiram transcrever as palavras xavantes e iniciar o estudo da língua, vocábulos e gramática, bem como dos costumes ou da cultura em geral. Somente após uns dez anos foi possível iniciar a redigir algo em língua xavante.

A vida dos salesianos nesse tempo nas missões foi exemplar quanto à dedicação ao trabalho de construir uma infraestrutura necessária, ampliar sempre o atendimento aos índios e não falhar no cultivo das lavouras; mais tarde vieram as melhorias com a instalação de uma usina no Rio S. Marcos, que passou a fornecer eletricidade para todos. Esse foi um passo muito significativo na vida da missão.

Já a Sangradouro, os xavantes chegaram no dia 24 de fevereiro de 1957; inicialmente eram ao redor de trinta pessoas, depois de alguns meses já eram mais de 200. O fato mais curioso foi a fácil adaptação dos jovens xavantes ao sistema que viram parecido ao deles, ao internato. Eles, no período de "wapté" não frequentam a aldeia nem a casa de sua família. Logo os missionários construíram uma choupana para esses jovens, que passaram também a tentar ser alfabetizados ou a participar de outras atividades que o internato oferecia, como o esporte e os momentos de trabalhos coletivos. Nesse particular, foi mais fácil iniciar uma catequese elementar a partir do grupo de "waptés".

Enquanto em Sangradouro o Pe. César preparava o primeiro volume da Enciclopédia Bororo, alguns salesianos, estudantes de teologia que vieram passar as férias nas colônias xavantes, iniciavam a preparação dos primeiros apontamentos quanto ao vocabulário, quanto às leis gramaticais e, principalmente, tentando confeccionar o primeiro dicionário xavante/português. Sobretudo esses estudantes, Bartolomeu Giaccaria e Pedro Gawilik, em constante contato com o Sr. Adalberto Heide, vão iniciando os primeiros passos tanto no conhecimento da língua, na construção das palavras e expressões idiomáticas, como nos processos rituais da cultura que é a base de suas relações pessoais ou tribais. Esse processo de descoberta e registro da cultura descortinaria a cosmovisão dos xavantes e de todos os processos que determinam as relações sociais e outras perspectivas sociais, como a constituição do parentesco e demais pendências.

O exemplo do acurado e preciso estudo da cultura bororo serviu de estímulo para esses novos missionários logo iniciarem os estudos, tanto da língua como dos processos sociais e religiosos desse povo. Esses salesianos dedicariam a própria vida a esse estudo e ao trabalho de catequese em futuro bem próximo. Outros, ao trabalho diário e duro das plantações e das lavouras; outros ainda, ao trabalho mais especializado de cuidar das máquinas e dos projetos de manutenção de tantas atividades da colônia, como o fornecimento de luz elétrica, de remédios e atendimentos ao cuidado da saúde, de manutenção de fornecimento de água, de alimentos e de outros elementos necessários para a vida ativa de uma missão com mais de 300 índios. Cotidianamente outros salesianos se dedicariam às aulas, à alfabetização, ao cuidado dos alunos para que não lhes faltasse alimento saudável e

abundante. Nesse particular, sempre foi fundamental a presença das Irmãs Salesianas e de suas atividades ao lado das meninas xavantes, bororas e civilizadas (BORRA, 1958).

Para apoiar os salesianos de Sangradouro, Pe. Greiner auxiliou com recursos para a aquisição de todo o material necessário para a instalação de uma usina hidroelétrica; auxiliou na construção necessária para aumentar o local das oficinas, ao lado da aquisição de um trator e de um caminhão Mercedes. Para o desenvolvimento da lavoura, providenciou um trator maior e novo, bem como os recursos para o combustível necessário para tantas viagens e trabalhos variados.

Em Meruri, a vida da missão, após os xavantes se deslocarem para as proximidades do Rio S. Marcos, a uma distância de mais de 50 Km, em março de 1958, retornou ao seu ritmo de vida normal como aldeia bororo e internato para os índios e meninos filhos de civilizados dos arredores. Segundo César Albisetti (1979, p. 50),

> Esperava-se que a abertura de Santa Teresinha reunisse os xavantes. Vã esperança. A inimizade dos grupos, alimentada pela rivalidade dos chefes, continuou. Em dezembro de 1956, chegou um grupo de 150 xavantes, cansados, doentes, cobertos de feridas. Acolhidos com muita cordialidade, encontraram abrigo na missão. Em janeiro chega um segundo grupo, chefiado por Aribuanàn e, em fevereiro um terceiro com Apuena. Salesianos e irmãs cuidaram, com paciente caridade, das feridas físicas e morais. A base aérea de Campo Grande, em avião especial, transportou para Meruri mantimentos, roupa e remédios. Eram uns 300 xavantes acampados a poucos quilômetros de Meruri, numa aldeia, posta sob a proteção de D. Filipe Rinaldi. Uma grande cruz, benta pelo Superior Geral, quando de sua visita, era o penhor de paz. Um quarto grupo, chefiado por Dussan, hostil aos primeiros, foi recebido na missão de Sangradouro, que, pouco depois, recebia o de Aribuanan, que rompera com Apuena.
>
> Por precaução e para atender aos desejos de maiores plantações, o grupo de Meruri, transferiu-se em março de 1958, para as proximidades do Rio S. Marcos, não distante da confluência com o Rio das Mortes. Abriram-se uns 50 Km de estrada para facilitar as comunicações com Meruri, construíram-se choupanas e fez-se uma grande derrubada para as plantações.

A missão de S. Marcos tornou-se, então, a grande referência para os grupos de xavantes de toda a área. As lavouras surgiram, os salesianos se empenharam junto às autoridades, em especial junto às forças da aeronáutica para os primeiros socorros. Uma das primeiras providências que tomaram foi a abertura de um longo campo de pouso para receber os aviões da FAB, CAN e de outros ministérios; esse campo de pouso fora projetado de forma

que pudesse receber todo tipo de avião militar daquele tempo, em geral, bimotor e de grande porte para poder transportar boa carga ou passageiros.

Por outro lado, em Meruri também foram realizadas grandes e significativas obras no tempo de governo do Pe. Greiner. Em seu relatório, deixou registrado que foi completada a construção da nova casa para as irmãs; foi remodelada a casa dos salesianos e as dependências para os internos, em especial o dormitório e refeitório. Proporcionou uma reforma total nas oficinas. Esteve presente junto ao diretor de Meruri até que todas as terras fossem legalizadas e devidamente registradas. Além disso, houve um aumento significativo nas lavouras e, devido a isso, construiu-se um grande armazém para os grãos e outros produtos. A novidade desse tempo e que trouxe outra visão para a aldeia foi a construção de 30 casas de alvenaria para as famílias indígenas. O passo fora grande para quem durante muitos e muitos anos edificava casas com materiais do serrado.

A atitude e preocupação do Pe. Greiner em relação às missões expressam a sua dedicação a todas as obras da Inspetoria. Assim lutou por recursos para melhorar a vida dos missionários através de órgão internacionais também. Na reunião do Conselho Inspetorial de 14 de abril de 1963, registrou que havia recebido através do Procurador da Missão no Rio, Pe. Penisi, a informação de que logo estaria disponível um auxílio para a provisão de material necessário para as lavouras, para aquisição de ferramentas e de tantos outros elementos necessários para a organização da vida missionária; alguns missionários também receberiam auxílios das Organizações de caridade da Alemanha[1].

Meruri adquiriu nesse tempo outro aspecto, de aldeia bem cuidada e muito bem atendida pelos salesianos e pelas irmãs. Muitos irmãos coadjutores se dedicavam para que a grande infraestrutura estivesse em pleno funcionamento para o benefício de todos. Um grande trabalhador na lavoura e em demais atividades foi o Sr. João Rocco; incansável, entusiasmava os índios para que as lavouras rendessem muito.

Ressalta-se que Santa Teresinha foi a missão que surgiu como concretização de um projeto dos salesianos que, durante quase 25 anos de tentativas, não fora possível iniciar. A realidade dessa missão tornou-se, então, a esperança de tanto tempo de tentativas e de anseios. Nos idos de 1957, quando o entusiasmado Pe. Luiz Lorenzi era seu diretor, essa missão recebeu a visita do Reitor-Mor, D. Ziggiotti; ânimo e trabalho não faltavam para o trabalho missionário. À época, o Pe. Albisetti (1979, p. 51) fez assim constar em seus registros:

[1] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria Salesiana de Mato Grosso – Oeste de S. Paulo de 05/12/1955 a 27/01/1966.14/04/1963, p. 61.

> Certo temor de ataque por parte de outros grupos (de xavantes) ainda persistia. Numa manhã de abril de 1959, quando ainda dormiam em suas choupanas, cansados por uma caçada, realizada na véspera, os índios foram acordados pelos gritos dos atacantes. Graças à presença de espírito dos salesianos, foi evitada uma verdadeira carnificina. Enquanto o diretor, Pe. Luiz Lorenzi resistia aos invasores, outros salesianos cobriam a retirada dos índios para as choupanas da missão. No final da refrega restavam um morto e alguns feridos. O perigo de outras incursões, a insalubridade da região, a pouca produtividade e a distância decidiram pelo abandono definitivo da missão em março de 1962. Os xavantes seguiram o Pe. Luiz para Sangradouro [...] pois já havia xavantes nessa missão de Sangradouro desde o ano de 1957. Nesta data foi abandonada também a residência de Xavantina, onde o Pe. Antônio Colussi substituíra o Pe. Colbacchini. Durante cinco anos, de 1957 a 1962, foi vigário, diretor e professor da escola, que havia sido devolvida aos salesianos. Durante cinco anos, permaneceu sozinho entre operários e empregados, exercendo sua missão de sacerdote católico com dedicação e entusiasmo.

O trabalho missionário entre os xavantes continuou firme e, em nada se abateu ao ter que deixar de lado a missão de Santa Teresinha. Valeu como experiência difícil e gloriosa para os missionários. Foi, sem dúvida, um gesto da generosidade que os xavantes presenciaram mediante a atitude dos salesianos ao agir em defesa deles.

6.2 Publicação dos volumes da Enciclopédia

Depois de quase cinquenta anos de presença entre os índios, a atividade missionária dos salesianos agora iria expressar com amplitude uma de suas maiores preocupações, a necessária documentação cultural. O esforço dos salesianos resultou em primeiro lugar na paz entre os bororos e os civilizados da região; uma vez que a convivência entre os civilizados e os grupos de índios de toda a imensa região que abrange as proximidades do Rio das Mortes, do Araguaia e do Rio Vermelho, adquiriu a possibilidade de uma convivência pacífica, as outras dimensões desse trabalho também progrediram. Sobretudo os salesianos tiveram que lutar muito para que se instalasse na região uma infraestrutura de produção alimentar, de transporte, de oferta de água potável, de transporte, de luz elétrica, de remédios e de convivência pacífica, as outras duas faces do trabalho missionário também tiveram suas atuações bastante convincentes. A escola permitiu que a alfabetização se tornasse uma postura normal, o estudo com escola instituída também para os filhos das famílias mais próximas tornou-se uma presença comum em Meruri e em Sangradouro. Por outro lado, a catequese foi desenvolvida de acordo com o ritmo do tempo da aldeia e do trabalho dos missionários e das missionárias com postura de liberdade e convicção.

O estudo da cultura, da língua e os respectivos registros ocorreram concomitantemente à vida normal e à ocorrência das manifestações culturais de cada colônia; inicialmente, com o jovem sacerdote Pe. José Pessina, foi possível se registrarem as palavras e as primeiras leis da gramática da língua bororo, em 1908. Em seguida houve os estudos do Pe. Antônio Colbacchini, pautados pelos sólidos ensinamento do Pe. Antônio Tonelli, que aqui permaneceu alguns meses, decidiu progredir e, em sua obra, "Os Bororos Orientais", registrou-se a cultura dos bororos em seus pontos principais. Bem mais devagar, mas com persistência cabível, o Revmo. Pe. César Albisetti iria adquirindo conhecimentos para organizar, aos poucos, um estudo definitivo e amplo da cultura e da língua dos bororos orientais. Em 1924 e 1925, por ocasião da Exposição Missionária no Vaticano, Pe. César teve oportunidade de se organizar melhor para aprofundar o estudo da cultura indígena. Pe. César teve também a presença de alguns bororos que o auxiliaram; entre eles estão o famoso Meriri Otodúia (falecido em 1916), Marido Akiri (+1956), Bokodoro Akiri (+1925), Ipare Ekiga (+1958) e o principal auxiliar, Akírio Bororo Kejewu, falecido em 1958. Esse nobre bororo foi muito criticado por alguns antropólogos, mas prestou um serviço de inestimável valor para o registro e aprofundamento sobre a cultura de seu povo. Era conhecido como Tiago Marques Aipoburéu. Auxiliou em tudo ao Pe. César e ao Pe. Ângelo para que o trabalho documental fosse o mais exímio e preciso quanto à formulação e expressões da língua, das interpretações e das variações possíveis dentro da cultura desse povo. Essa postura do Pe. César foi fundamental para que se iniciasse esse brilhante projeto de se registrar todas as dimensões da cultura dos bororos em uma Enciclopédia.

Uma vez que o Pe. César resolveu concretizar seu projeto, gastou anos e anos de pesquisa e de estudo muito preciso sobre a língua e sobre as manifestações culturais desse povo, quer em Sangradouro, quer em Meruri, quer em outras aldeias do Rio Vermelho. Em suas viagens para a região das aldeias do Rio Vermelho, teve oportunidade de entrar em contato com outras aldeias e confrontar as informações recebidas e documentadas. Segundo a informação contida na "Introdução" do primeiro volume, foram mais de quarenta anos de observação e de estudo aprimorado por parte do Pe. César para poder conseguir o volume de informações e registros. Nessas viagens, muitas vezes foi acompanhado pelo Pe. Ângelo J. Venturelli, que proporcionou também documentário cinematográfico, fotográficos e "registros magnéticos" possíveis naqueles tempos, de lugares, de rituais, de animais e, sobretudo, de cantos ou cerimônias rituais.

O plano geral da obra compreenderia 4 volumes: 1º Vocabulários e Etnografia; 2º Língua, Lendas e Nomes Próprios; 3º Cantos; 4º Aculturação.

O Volume I, segundo esse plano, consistiria em *Vocabulários e Etnografia*, dividido em duas partes: vocabulário bororo-português e vocabulário português-bororo. O vocabulário bororo-português encerra cerca de dez mil formas e toda a etnografia dos bororos orientais, excetuando-se as lendas, os nomes próprios e cantos. Tem como apêndices as palavras dos vários xamãs das almas, xamãs dos espíritos e do pranto ritual. Fala do espírito, em que se desvendam os segredos da religião dos bororos. Ao falar da aldeia bororo, mostra sua organização material e clânica sobre os conceitos a partir dos quais se organizam os parentescos e os casamentos. Além disso, todas as palavras são acompanhadas de sua etimologia original; são bem visíveis as variações das palavras e seus sentidos. Para completar a exposição, a introdução apresenta todas as variações fonéticas da transcrição do alfabeto da fonética bororo.

A base da pesquisa foram mais de dez anos de convivência do Pe. César Albisetti com os Bororos Orientais ou da tribo dos Orári Mógo-Dóge de Sangradouro, de Meruri e das outras aldeias do Rio Vermelho. Dessa forma, ele ampliou a pesquisa anterior de outros salesianos e aprimorou os resultados, em termos de profundidade das bases anteriores de sustentação da expressão dos estudos da cultura dos bororos. Logicamente que a pesquisa foi confrontada com a de outros pesquisadores, em especial de Steinem (1894), e todas as afirmações partiram de estudos e informações dos colaboradores do Pe. César; entre eles são nomeados, o Pe. Pessina, Pe. Colbacchini, Pe. Tonelli e vários indígenas como Meríri Otoduía, Marido Akíri, Bokodori Akíri, Ipare Ekiga e, especialmente, Akírio Bororo Kejewu, falecido em 1958 (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962, p. 1-18).

O Volume I, editado em 31 de janeiro de 1962, após a introdução, apresenta o Vocabulário Bororo-Português, da página 01 até 987; em seguida, registra o vocabulário Português-Bororo, da página 991 até 1035. O texto apresenta ilustrações preciosas, originais ou de outros autores, em especial das aves, animais e plantas. Quanto às ilustrações culturais e expressivas em indicações de origens clânicas e dos diversos troncos familiares, estas foram confeccionadas pelo Pe. Ângelo em seu laboratório fotográfico. essa valiosa documentação fotográfica provém do acervo do Museu Regional D. Bosco ou de outras oportunidades em que ocorreram em viagens dos autores. A presença do acervo do Museu veio auxiliar não somente em fotos, mas em estudos mais distintivos entre os diversos clãs, entre as indicações de individualizações e outros particulares. O acervo do Museu D. Bosco é simplesmente muito amplo e tem o poder de documentação em seu ramo de igual magnitude à dos volumes da Enciclopédia.

O Volume II, editado em 1 de janeiro de 1969, tem a "Apresentação" do grande antropólogo Egon Schaden. Este elogia a competência dos autores

ao fornecer uma verdadeira obra monumental de longa e criteriosa pesquisa científica; afirma que,

> Os etnólogos, os sociólogos e também os representantes de outras ciências terão nesses textos uma fonte valiosíssima de elementos para a discussão de inúmeros problemas específicos. Entre outras coisas, a organização clânica e a correspondente visão totemista tão complexa do mundo adquirem um sentido novo através da maneira pela qual encontram sua expressão peculiar nos mitos tribais. E nas entrelinhas das narrativas se percebe, em suas múltiplas relações, a interação da cultura bororo com o ambiente natural da área. [...]
> Desde os dias de Anchieta até a atualidade, os missionários cristãos salvaram para a Etnologia Brasileira muitas e preciosas informações que, de outra forma, se teriam perdido para sempre. E a obra científica dos Padres Salesianos, em Mato Grosso e em outras partes do Brasil, está entre as mais importantes das que, em nossos dias, enriquecem a literatura sobre as culturas e as línguas indígenas do País. (ALBISETTI; VENTURELLI, 1969, p. 1-2).

O Volume II tem como objetivo apresentar a lendas e a mitologia do povo bororo. Pe. César faz a distinção de que a mitologia dos bororos não deve ser confundida com sua religião, embora entre ambas existam relações íntimas, pois esse setor que se relaciona com o ser supremo, representa as crenças e a fé da tribo. Para melhor esclarecer as peculiaridades dessas narrativas mitológicas, o autor teve que realizar uma revisão de tudo o que fora anteriormente publicado. Valeu-se de seus informantes da tribo para esse exigente trabalho, que amealhou mais profundidade nos sessenta e dois contos.

O Volume II apresenta as lendas a partir da Lenda da Grande Inundação, depois das lendas dos diversos chefes e heróis, para depois passar para as lendas da origem de alguns animais: onça, macaco, pomba. Passou para protagonistas femininos e Lendas dos Espíritos Méri e Ári. Ao apresentar cada narrativa, o autor segue um esquema fixo em que o texto bororo tem sua tradução e explicação em português e na língua bororo.

A apresentação da Lenda da Grande Inundação é a primeira e ocupa 20 páginas para mostrar o grande painel de sentidos. Exemplifica bem a técnica das diversas fases das explicações necessárias para alcançar o pleno sentido do enunciado. Mostra as variantes de cada palavra e o grande aporte de cada uma culturalmente.

Esse Volume II então apresenta as diversas lendas da página 01 até à pagina 1167 e, para finalizar, a segunda parte, que tem o título *Antropônimos Bororo*, vai da página 1171 até a 1269. Um volume denso e vasto que consegue retratar todo o horizonte mítico e cosmovisional desse povo, que, segundo o Pe. César, apresenta uma das mais arcaicas visão do universo e de sua origem como tribo indígena.

O Volume III, por diversas circunstâncias, teve que ser dividido em três partes. Cada parte tornou-se assim novo volume por abranger uma amplitude daquele respectivo assunto abordado nele. Essas partes, então, cada uma apresenta um setor cultural do povo bororo.

O Volume III – Parte I foi publicado em 1976, pela "Faculdade Dom Aquino de Filosofia Ciências e Letras/Museu Regional Dom Bosco" e tem como título "Textos dos cantos de caça e pesca".

A apresentação dessa Parte I do Volume III coube ao antropólogo Claude Lévy-Strauss; o texto confeccionado por ele após a leitura desse volume consta transcrito no Anexo I, ao final desse capítulo.

Na introdução os autores, muito bem acompanhados por seus informantes bororos, apresentam o roteiro percorrido por todos desde a revisão dos cantos já publicados, até a justificada revisão de todos os textos anteriores nesse setor cultural. Afirmam ainda:

> [...] julgamos poder apresentar, com esses cantos, uma imagem satisfatória da cultura bororo, em seus múltiplos aspectos. Não ousamos, porém, afirmar que a coleção seja completa e a interpretação exaustiva. Nos cantos nota-se claramente a predominância dos conceitos totêmicos que afloram, quase em cada estrofe, mediante a enumeração dos totens. Notadamente nos cantos fúnebres, o finado – defunto vivo – ainda na sepultura primária, no pátio da aldeia, é motivo de tais recordações. Sendo que a cultura bororo admite, uma vida além-túmulo, é natural que, direta ou indiretamente, mesmo nos cantos, os vivos se interessem pelo bem-estar dos mortos, os quais gozarão da paz e não vagarão incessantemente à sua procura, se receberem homenagens que os Bororo julgam dever-lhes. Somente assim encontrarão felicidade nos reinos "Itubóre" e "Bakoróro". Os cantos são o código dos feitos de heróis lendários, das instituições, dos adornos, das ações célebres de algum membro da tribo, intimamente ligado a seu totem.
>
> São suas inalienáveis "bóe eno-róe", suas riquezas, das quais toda a tribo é sumamente ciosa. Juntamente com as lendas, constituem o verdadeiro código regulador da vida social e clânica. Especialmente suas composições fúnebres compendiam, de certa forma, tudo que se refere ao mundo das crenças, norma da vida presente e garantia da felicidade de além-túmulo. Os bororos transmitiram, de geração em geração, estas leis, gravando-as na memória de seus chefes, que guiando os cantos, as lembram constantemente a seus súditos. (ALBISETTI; VENTURELLI, 1976, p. 1-2).

No índice desse Volume III – Parte I, apresentam-se os assuntos dos cantos; assim três referem-se à caçada da anta, à caçada de animais bravios, de capivaras, e apresentam um canto para a caçada com fogo; depois se apresenta uma série de cantos para as pescarias.

Após a introdução, para a devida compreensão dos totens e dos clãs, a Parte I apresenta o desenho de uma aldeia de acordo com as organizações dos clãs e das divisões a partir dos grupos de origens de descendências femininas, ou das origens clânicas das mulheres. A organização geográfica das casas espelha a organização social a partir das origens e dos parentescos de cada pessoa e família. Assim a organização social possui um substrato totêmico rígido com força para determinar os parentescos, casamentos e relações sociais.

Este volume contém 268 páginas sobre os cantos e, das páginas 273 até 277, apresenta um vocabulário específico para esse setor de cantos e lendas. É bom saber que esses cantos são executados com rituais apropriados, e cada um com uma melodia apropriada e com aparelhos de sons especiais para o acompanhamento. Sobressaem nesses cantos as repetições e as melodias específicas quando existe a participação das mulheres. Para acompanhamento, o instrumento rítmico principal é o chocalho e, em alguns cantos, as espécies de flautas ou trompas graves. Não se falou dos instrumentos apropriados; estes merecem fotos e explicações mais detalhadas. Exemplo de uma estrofe de um canto de pesca, somente a XXI estrofe:

> Fazei barulho d'água em frente dos pescadores, d'água, d'água.
> Fazei barulho d'água em frente dos dourados, d'água, d'água.
> Fazei barulho d'água em frente dos pacus, d'água, d'água.
> Fazei barulho d'água em frente dos jaús, d'água, d'água.
> Fazei barulho d'água em frente dos surubins, d'água, d'água. (ALBISETTI; VENTURELLI, 1976, p. 225)

O Volume III – Parte II – textos dos cantos festivos, foi publicado em 2002 sob o patrocínio da Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS. Este Volume III - Parte II foi concluído pelo Pe. Venturelli, pois Pe. César Albisetti que o deixara pronto, faleceu em 1977. Sob o título de *Cantos Festivos*, incluem-se momentos de profunda expressão cultual do povo todo; por exemplo, fala dos cantos de guerra, mas expressam mesmo uma guerra nas caçadas:

São cantos para o início de qualquer rito fúnebre e os mortos recebam o alívio da vingança.

> Na noite que precede à caçada, executam-se cantos para que os Bororo se animem reciprocamente a cumprir, com valor, esse importante ato social e religioso. O pensamento dominante dos índios é aliviar a alma do finado mediante uma vingança contra o espírito mau. Esses seriam os cantos de guerra dos Bororo. São, porém, apenas cantos fúnebres executados na noite que precede a caçada [...] 1 – Canto para o início do banquete das almas [...] na choupana central durante a noite que precede o Banquete das Almas. Essa refeição, de cunho festivo e

> comunitário, pode ser realizada em qualquer período do ano, no ciclo fúnebre ou fora dele, geralmente nas horas antemeridianas. Sendo que o ágape requer uma abundância de alimentos [...] o desejo da comunidade de organizar uma festa [...] com alguns dias de antecedência [...] a fim de que as mulheres tenham tempo para procurar e colher frutas, vegetais silvestres e espigas de milho, necessários para o banquete [...] O canto, guiado por Bakóro Kudú, é executado por homens e mulheres. (ALBISETTI; VENTURELLI, 2002, p. 0.10 e 1).

Exemplo de uma estrofe de cantos para o Banquete das Almas: estrofe XIII

> Frequente é a dança com as almas, com as almas.
> Frequente é a dança com tamboril, com as almas, com as almas.
> Frequente é a dança com o cilindro de caité, com as almas, com as almas.
> Frequente é a dança com pregos, com as almas, com as almas.
> Frequente é a dança com cantos, com as almas, com as almas. (ALBISETTI; VENTURELLI, 2002, p. 11).

Depois o Volume apresenta a série de "Cantos para o início do banquete do Milho", da p. 81 até p. 110; segue-se o "Canto para o início das libações com vinho de acuri", da p. 101 até 119; na sequência, o "Canto para a imposição do estojo peniano", da p. 119 a p. 130. Seguem alguns cantos titulados como "Dança", simplesmente, da p. 133 até 152. Os cantos da "Chegada de Bakoróro com trombeta e crótalo", vão da p. 153 até p. 162. Por fim, aparece o título "Ele é meu" relativo ao peixe, que foi acrescentado a vários cantos como expressão de tristeza, de saudade e de alegria. Ao final do Volume III – Parte II, surge um apêndice de formas usadas somente nos cantos. Esse apêndice vai da p. 171 até 179. Finaliza com essas explicações valiosas e necessárias para a compreensão dos versos dos cantos, pois neles existem algumas variações linguísticas.

O Volume III – Parte III recebeu o título de "Textos dos Cantos do Funeral Bororo". Esse último volume foi editado em 2009, pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), após o falecimento do segundo autor, Pe. Ângelo Jaime Venturelli. Havia a preparação de todo o material para que fosse publicado.

Coube ao Pe. Gonçalo Uchoa a apresentação desse volume. Pe. Uchoa é o grande sucessor dos autores da Enciclopédia Bororo no conhecimento da cultura e da língua Bororo. Ele, há muitos anos, reside em Meruri e teve também o auxílio de vários bororos antigos em sua aprendizagem. Esteve sempre presente nas aldeias da região do Rio Vermelho e participa de todas as funções tribais mais significativas. Já escreveu vários estudos significativos sobre o desenvolvimento e o registro da cultura bororo. Para a apresentação

desse último volume, nada melhor que sua comprovada e atenta experiência de estudos e de vida entre os bororos. Na Introdução, entre outras afirmações ele assevera:

> A parte 3, referente aos cantos do funeral Bororo, que agora se publica, abrange todos os manuscritos do padre César sobre o tema. No acervo desses manuscritos, cuja publicação padre Ângelo estava já preparando quando morreu, encontramos várias seções:
> - os textos dos cantos mais importantes que são executados no início e no encerramento de funeral bororo.
> - os textos dos cantos executados como preparação (**páru**) de vários rituais realizados durante o tempo de espera entre o início e o encerramento do funeral.
> - uma série de textos que o autor intitula de Cantos Menores, quase todos cantados fora do ciclo funerário, mas que têm alguma relação com os finados, como os cantos dos felídeos e dos gaviões abatidos como **móri**, ou vingança, pela morte de algum Bororo.
>
> A linguagem dos cantos fúnebres tem um aspecto de mistério, cuja compreensão tem desafiado o esforço dos pesquisadores e até da maioria dos Bororo. A harmonia, a lógica e a beleza da linguagem bororo parecem desaparecer na emaranhada construção dos cantos fúnebres. A dinâmica da linguagem é de tal modo alterada, que é impossível descobrir o sistema usado [...] Há nos cantos fúnebres, palavras que carregam um canto de significação tão vasto e misterioso que só quem conhece bem a mitologia bororo, o sistema totêmico de seus numerosos rituais, poderá chegar a decifrá-lo [...].
>
> Conhecendo a vida do padre César Albisetti e sua assídua dedicação a este trabalho, junto com os sábios Bororo de seu tempo, e agora, em contato com seus manuscritos, cresce a nossa admiração e gratidão tanto por ele quando pelo padre Ângelo Jayme Venturelli, quem melhor compreendeu o valor do trabalho do padre César e dedicou toda a sua inteligência e prestígio para realizar a publicação da monumental EB, dando também em muitos momentos, sua colaboração científica. Devemos, ainda, ao padre Ângelo a riqueza de ilustrações, principalmente do Volume I, no qual todos os temas, ilustrados com desenhos e fotografias, tornam-se mais compreensíveis para os detentores desta cultura, cuja escrita tradicional era o desenho, a imagem, a pintura corporal. [...] Padre César faleceu em 1977, na casa dos 90 anos, em Sangradouro, seu campo de trabalho junto aos Bororo [...]. Padre Ângelo faleceu em 2006, com 90 anos cumpridos em Campo Grande, no seu campo de trabalho junto à UCDB, nos dias em que estava preparando a publicação desde livro [...]. (ALBISETTI; VENTURELLI, 2009, p. XI-XIII).

Esse Volume III - Parte III traz a planta da aldeia bororo com todas as explicações dos respectivos clãs e suas implicâncias nos matrimônios; a planta da aldeia espelha o horizonte clânico e totêmico do grupo dos Bororos Orientais. Dividem-se os cantos em três grandes blocos:

- Bloco I – Textos dos principais cantos do funeral bororo; p. 1 até p. 480;
- Bloco II – Rituais realizados durante o tempo de espera entre o primeiro e o segundo enterro do funeral bororo; p. 481 até p. 672;
- Bloco III – Cantos menores: p. 673 até p. 854;
- Vocabulário, p. 855 até p. 868;
- Subsídios I – Linguagens rituais; p. 869 até p. 890;
- Subsídios II – Listas alfabéticas e temáticas dos cantos contidos na Enciclopédia Bororo; vai da p. 891 até o final, p. 921.

Convém notificar que o povo Bororo mantém como polos de sua rica cultura dois centros de celebrações para os quais convergem as referências e toda a vastidão dos horizontes culturais da tribo. Essas duas referências que aglutinam e expressam uma espécie de centros onde a cultura se manifesta com maior intensidade são dois pontos fundamentais da vida: o nascimento e a morte. Essas duas referências ganham destaques em todos os rituais da tribo com expressão de seus horizontes e cosmovisão culturais.

A conclusão principal ao finalizar a apresentação da publicação da Enciclopédia Bororo é de que a grandeza do estudo está intimamente correlacionada com a grandeza dos autores, de modo especial do Pe. César Albisetti. Esse missionário dedicado e talentoso soube unir o seu trabalho de pesquisador ao de sacerdote salesiano e missionário conforme o estilo de seus predecessores, em especial de D. Lasagna, de D. Malan, do Pe. Pessina e de outros que cresceram por suas atividades e por sua dedicação ao seguir o caminho traçado pelo pai comum, Pe. João Bosco. A obra grandioso de D. Bosco reverbera no brilho da obra do Pe. César e do Pe. Ângelo, na dedicação e na persistência em mostrar a grandeza de uma cultura e de um povo que, por sua vez, soube acolhê-los e compreender o valor de suas presenças. Salvaram uma cultura pelo estudo e documentação necessários, além do amor e da dedicação de uma vida toda.

6.3 Entrevista com o Pe. César

Depois da publicação do primeiro volume da Enciclopédia Bororo em janeiro de 1962, de uma forma muito simples mas reconhecida, a figura do Pe. César passou a ser vista como destaque de sacerdote salesiano missionário; porém a atividade missionária manifestou-se em seu agir de forma peculiar, como estudioso e pesquisador da cultura e da história do povo bororo. Ao lado das outras dimensões da atuação do missionário, o amor pelos bororos não somente foi expresso pela catequese e por trabalhos produtivos, mas principalmente como estudioso da cultura deles para documentá-la e dar-lhe a consistência de uma cultura estudada e documentada.

O Boletim Salesiano da Itália dedicou um longo artigo sobre esse glorioso feito de um filho de D. Bosco, missionário entre os bororos. Nessa oportunidade, fez constar matéria intitulada "Entrevista com o autor da Enciclopédia", abaixo apresentada:

"O problema missionário é sempre interessante, não somente do ponto de vista religioso mas também do ponto de vista social, linguístico e etnográfico; o encontro com um missionário oferece às vezes um intercâmbio de ideias valiosas pelos mais variados argumentos. E assim ocorreu com o último encontro com o missionário Pe. César Albisetti, autor, em colaboração com o Pe. Ângelo J. Venturelli, da Enciclopédia Bororo.

Dessa tribo do centro de Mato Grosso, que no início do século XX deu muito o que falar pelos seus ataques, hoje não se oferece mais ao leitor os terríveis acontecimentos de outrora, mas sua cultura, sua língua, que estariam fadadas a desaparecerem se não fosse a atuação cuidadosa do missionário, se não tivessem sido estudadas e documentadas através de estudos sérios e profundos; desse trabalho de documentação surgiu também o Museu do Índio de Campo Grande – Mato Grosso, Brasil.

O primeiro volume da Enciclopédia foi muito bem recebido por renomados etnólogos e glotogistas. Para citar alguns, o professor G. Benfante do Instituto de Glotologia da Faculdade Letras da Universidade de Turim, que escreveu: "O primeiro volume da Enciclopédia Bororo, publicado pelos reverendos padres César Albisetti e Ângelo J. Venturelli é uma obra monumental verdadeiramente única em seu gênero, seja pela grande quantidade de material recolhido, seja pela exatidão dos dados, seja pelo rigor do método inspirado nos princípios da linguística. É motivo de profundo orgulho para nós italianos ao ver que dois patrícios tenham finalizado, em muitos anos de trabalho, um trabalho tão excelente que se espera que seja modelo de muitos outros similares."

O senhor Claude Lévy-Strauss, docente do "Collège de France" codiretor do Instituto de Etnografia da Universidade de Paris, escreve: "Graças aos esforços, ao método, ao espírito de observação explicitados durante mais de meio século pelos missionários salesianos no Brasil central, os índios Bororos tornar-se-ão, sem dúvida a tribo mais bem estudada em toda a América tropical."

Várias obras célebres, compiladas primeiramente pelo Pe. Antônio Colbacchini e depois em colaboração com o seu digno continuador, o Pe. César Albisetti, encontram hoje o seu coroamento na Enciclopédia Bororo, da qual agora saiu o Volume I.

Obra prima do Pe. Albisetti e de seu colaborador Pe, Venturelli, monumento máximo da etnologia sul-americana, este primeiro volume, que deverá ser acompanhado por outros três, já é suficiente para modificar radi-

calmente o nosso conhecimento de uma das mais consideráveis civilizações indígenas do Brasil, e através desta, toda a etnologia americana. A obra, em suas mais de 10.000 palavras, aprimora os conhecimentos já conquistados e enriquece prodigiosamente, tanto por aquilo que é concernente à cultura como pela organização social e pelas crenças religiosas, e retifica muitas afirmações anteriores.

A Enciclopédia Bororo constituirá em qualquer biblioteca um instrumento essencial para o conhecimento das culturas indígenas do Brasil. Estamos felizes, pois, em saudar a chegada desse novo trabalho, um clássico da Etnologia. Alguns dos nossos leitores que têm gosto por estudos etnográficos pediram-nos informações sobre o plano de toda a Enciclopédia Bororo. Podemos, por agora, responder sumariamente que o trabalho está projetado em quatro volumes. O primeiro volume que contém essencialmente o dicionário bororo-português com mais de 10.000 vocábulos e suas multiformes derivações, deve ser seguido pela edição do segundo volume com um estudo gramatical, com texto traduzido e comentado com legendas, dos quais deriva a maior parte dos nomes próprios, que constituiriam também estes o objeto de um interessante estudo. Os cantos e as danças serão a matéria do terceiro volume. O quarto conterá o estudo sobre a o embate da cultura bororo com a civilização, ou seja, a postura, o comportamento da tribo diante da nova cultura que lhes foi apresentada pelos missionários.

No último Congresso Missionário realizado em Milão e organizado pela Universidade do Sagrado Coração, o prof. Guarilia, numa conferência esplêndida, falou sobre a importância da etnografia para o missionário. Citando a benemerência de vários institutos missionários, colocou em evidência o trabalho colossal e ainda inédito de uma Enciclopédia sobre uma tribo indígena; então pediu que um dos autores dessa Enciclopédia Bororo, o nosso Pe. César Albisetti, apresentasse àquela magnífica assembleia o primeiro volume da Enciclopédia. Todos ficam admirados, pois viram que não se tratava dos costumeiros volumezinhos de propaganda, mas de um volume de 1.100 páginas em formato grande e com bela composição tipográfica.

E quanto aos outros volumes? Pe. Albisetti nos respondeu: "o primeiro volume me custou doze anos de trabalho, de pesquisas, de viagens para estar em contato direto com os Bororos das missões para constantes confrontos e revisões. O segundo volume, esperamos que seja publicado dentro de dois anos; os outros, não se tem previsão, somente quando Deus quiser."

A nossa conversa com o venerando Missionário nos levou a lhe dirigir outras perguntas, que o Pe. Albisetti imediatamente respondeu. A primeira pergunta:

— Qual é o resultado de sessenta anos de trabalho entre os Bororos?

Pe. Albisetti respondeu mostrando um mapa geográfico do território ocupado pelos grupos dos Bororos. Mostrou que, no vasto território despovoado anteriormente, hoje surgem novas cidades como Guiratinga, Poxoréu, Torixoréu, Barra do Garças, Meruri, Tesouro; esse território imenso do planalto que era dominado pelos bororos, agora está ocupado por esses povoados e por muitas fazendas de criação de gado e de plantações agrícolas. Para essa mudança, contribuiu muito a presença dos missionários assegurando a pacificação dos índios.

— Os Bororos correspondem aos cuidados e aos trabalhos dos missionários?

A resposta ou correspondência dos índios aos trabalhos dos missionários é, em geral, progressiva e gradual, tanto nas atividades próprias deles como no desenvolvimento de suas posturas intelectuais e morais. Em relação ao progresso que lhes foi oferecido, alguns aceitaram-no bem outros não. Aqueles que permaneceram na aldeia onde residem os missionários aceitaram mais livremente o progresso mediante o trabalho, a escola, a catequese. Para esses também chegou a assistência médica e os remédios para acabar com as doenças. Os jovens, meninos e meninas, recebem uma atenção especial por parte dos padres e das irmãs. Os missionários prestam assistência especial para as gestantes e para os anciãos através da assistência sanitária e auxílios apropriados; de modo especial, nesse setor estão muito presentes as Filhas de Maria Auxiliadora com grande dedicação e assistência especial. Os bororos que não estão nas aldeias onde estão os missionários, tentam a vida de alguma forma perigosa, pois podem cair no vício das bebidas nas cidades; alguns deles trabalham em fazendas, e outros estão em aldeias distantes, no Rio Vermelho e vivem como antigamente, na organização tribal.

Os bororos sempre foram um povo diferente e orgulhoso da própria cultura e identidade. Sempre manifestaram um gosto especial pela música e por alguns trabalhos de mecânica e de marcenaria; gostam de trabalhar na criação de gado e não foi e não será um povo que goste da agricultura.

Os bororos jamais renunciarão aos rituais tradicionais da caça e da pesca. Faz parte de sua cultura e mostram-se muito satisfeitos quando caçam e pescam. Com essas atividades e apreço grande por seus rituais eles vão sobrevivendo ao contato com a civilização dos não índios" (BIANCO, 1963).

6.4 Museu Regional D. Bosco – documentos da cultura xavante

Uma das grandes etapas do crescimento do trabalho dos salesianos entre os índios foi, sem dúvida, a instalação do Museu Regional D. Bosco no prédio do Colégio em Campo Grande. Sempre o Museu foi a concretização dos passos realizados pelos missionários no estudo da cultura dos bororos

e, depois, de outras tribos indígenas. Sobretudo com o desenvolvimento do projeto da Enciclopédia Bororo, o acervo do Museu também adquiria maior amplitude de registro. A realidade do Museu tornou-se sempre mais ampla; cresciam também os outros setores de apoio, como a biblioteca, estúdio de fotografia e filmagens. Em 1962, foi publicado o Volume I da Enciclopédia; o trabalho exigiu aprimoramento e aumento do acervo do Museu. A produção científica proporcionou a participação dos salesianos encarregados desse estudo e da organização do Museu em congressos e exposições sobre etnografia e áreas correlacionadas.

De forma geral, os missionários sempre estavam em contato com os encarregados do acervo do Museu, e o interesse em preparar ou conquistar mais material para o enriquecimento do acervo era muito sintonizado. Não só com os missionários da Inspetoria de Mato Grosso, mas também com os salesianos que trabalhavam entre os índios da Amazônia, em especial no Rio Negro. Através do Pe. Alcionílio Bruzzi e do Pe. Casemiro Betska, o acervo de ornamentos e de objetos dos povos indígenas do Rio Negro, em especial dos Tucanos, era muito evidente e representativo. Na crônica do Colégio D. Bosco, Pe. Félix anotou no dia 31 de dezembro de 1951, "Chega de Xavantina, no Rio das Mortes, o Sr. Pe. Pedro Sbardellotto, que trouxe notável material etnológico de diversas tribos do Brasil Central, especialmente dos Xavantes"[2].

Pe. Félix cuidava do museu ao lado do Pe. Ângelo Venturelli e Pe. César. Pe. Pedro mantinha contato com as populações indígenas vizinhas do Araguaia e de outros afluentes, de modo especial do Rio das Mortes. Mais ao norte, estavam os Karajás e Javaés, dos quais teria conseguido muito bom material para o Museu; a novidade são esses primeiros enfeites e armas dos xavantes. Mais tarde, somente, depois de 1958, quando os xavantes vieram para Sangradouro e Meruri (S. Marcos), é que foi possível organizar por completo o acervo da cultura xavante. Justamente quando os salesianos Sr. Adalberto Heide e o Pe. Giccaria estavam estudando a cultura xavante com a finalidade de registrar tudo em alguns volumes; assim o estudo proporcionou também a colheita de um acervo completo e muito ilustrativo de todos os objetos da cultura da etnia xavante. Nesse período, a intenção dos salesianos manifestava-se já bastante aberta ao incluir no Museu as diversas etnias possíveis.

Em novembro de 1953, Pe. Félix notifica em sua crônica a chegada do Pe. César, que realizara uma viagem às missões e que trouxera material precioso para o museu. Sempre foi uma constante a atenção em aumentar o acervo do museu e qualificá-lo. Mais tarde, em agosto de 1963, a crônica das casas do Colégio D. Bosco registra que chegaram nesse dia o Pe. Casemiro

[2] Crônica do Colégio Dom Bosco, 31 dez. 1951, p. 37.

Betska e o Pe. Ângelo Venturelli, que passaram dois meses de estudo nas missões do Rio Negro-Amazonas, justamente para colher mais material e estudar as etnias indígenas atendidas pelos missionários salesianos daquela inspetoria. Pe. Casemiro também viera para passar um tempo nessa comunidade com dois objetivos: cuidar da saúde e auxiliar na organização do material das culturas indígenas do Rio Negro-Amazonas. Depois de mais de dez anos de fundação, o Museu aumentara o seu acervo, que estava muito bem organizado quanto ao material colhido das diversas etnias, tanto do Amazonas como do Centro-Oeste.

Esses são exemplos do empenho cuidadoso de todos para que o Museu recebesse uma variedade grande de objetos capazes de registrar e mostrar as culturas das etnias brasileiras.

6.5 A vida nas missões com grande empenho ao lado dos xavantes

Na reunião dos diretores das casas salesianas da Inspetoria, no Colégio D. Bosco de Campo Grande, por alguns dias, foram apresentados vários conjuntos temáticos sobre o trabalho dos salesianos, como a atividade nas escolas, nas paróquias, nas missões, sobre a atividade pastoral nas diversas áreas de trabalho. No dia 28 de outubro de 1961, na 4ª sessão, foi tratado o assunto das missões. Quem apresentou o tema foi o Pe. Bruno Mariano, diretor de Meruri. Inicialmente afirmou que, finalmente todos os terrenos das propriedades da Inspetoria nas missões estavam regularmente legalizados; somente a terra da missão de Santa Teresinha que não podia ser legalizada, pois fora simplesmente liberada para os salesianos na modalidade de uma concessão para uso da terra enquanto atividade de atendimento dos índios. Apresentou a seguinte estatística sobre a população dos índios nas três missões; os Bororos são 248, sendo 178 em Meruri e 70 em Sangradouro. Os xavantes são 565, sendo 350 em S. Marcos e 215 em Sangradouro. Apresentou as dificuldades ocasionadas pelos moradores das vizinhanças que atrapalham o trabalho dos missionários, pois iludem os índios e depois os deixam nos caminhos dos vícios.

Apresentou em seguida o grande problema do trabalho e respectiva remuneração, da distribuição de alimentos e a perda por não ter o costume de saber armazenar ou guardar. Sobre a catequese, verificava-se que em cada comunidade existia uma maneira, sendo mais fácil com os adolescentes xavantes que permaneciam em situação de internato; existia o outro grande problema apresentado pelo relator sobre a organização da catequese e o problema dos costumes tribais ou culturais. Sobre o batismo, Pe. Bruno afirmou que os pequenos, depois de dois ou três anos de catequese, pediam o batismo; porém isso não solucionava o problema, pois continuariam a viver

culturalmente em suas famílias as suas tradições. Ao lado do sacramento do batismo, surgiu a questão dos casais que desejavam o sacramento do matrimônio, porém a perseverança não ocorria. Depois afirmou com clareza:

> Desperte-se entre os irmãos da Inspetoria boa vontade e entusiasmo missionário para que novos elementos venham completar a vagas abertas pela idade ou pela morte. Não se descuide o lado técnico dos problemas missionários, preparando alguns elementos com estudos especializados, aproveitando-se também alguma conferência de técnicos para todos os missionários; no contato com os civilizados os xavantes se dão facilmente com os civilizados, ao passo que os Bororos tendem a ficar mais separados [...] Lembra-se ainda a colaboração recíproca entre as Colônias e o Museu Regional que muito merece das Missões, que é uma glória de toda a Inspetoria, e ao qual as Missões prestam cordialmente a colaboração que lhes é possível [...], Também é desejável que se instalem prontamente aparelhos de rádio para facilitar a comunicação das Missões com o Centro e entre si, vencendo-se em parte as grandes distâncias e diminuindo o isolamento."[3]

Os assuntos dessa relação do Pe. Bruno, diretor de Meruri, já protagoniza algumas questões importantes para aquele tempo: a questão das terras, a sustentação das missões com os respectivos habitantes indígenas, as distâncias e a comunicação e a terrível questão da proximidade dos civilizados, ou mesmo a presença dos civilizados nas proximidades dos centros das casas dos missionários. Por outro lado, indica que outras questões encontravam soluções como a catequese e os internatos para os meninos. Essa questão resolvida implicava duas outras: o estudo, a alfabetização, a alimentação e saúde, e a catequese dos adolescentes.

Sobre o desenvolvimento progressivo das missões após a chegada dos xavantes, Pe. César Albisetti (1979, p. 51-53) escreveu:

> Por precaução e para atender aos desejos de maiores plantações, o grupo de xavantes de Meruri transferiu-se, em março de 1958, para as proximidades do Rio São Marcos, não distante da confluência com o Rio das Mortes. Abriram-se uns cinqüenta quilômetros de estrada, para facilitar as comunicações com Meruri, construíram-se choupanas e fez-se uma grande derrubada para as plantações. Nas duas aldeias, meninos e meninas viviam em regime de internato, sob a direta responsabilidade dos salesianos e das irmãs. Os adultos cuidavam dos próprios trabalhos, dirigidos e ajudados pelo missionário. E os bororos receberam os xavantes com muita cautela e certa desconfiança. A lembrança dos parentes mortos nos últimos encontros era viva. A presença do missionário conseguiu neutralizá-la [...].

[3] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria Salesiana de Mato Grosso – Oeste de S. Paulo de 05/12/1955 a 27/01/1966, 28 out. 1961, p. 48-49.

> Tribo demograficamente forte, os xavantes tiveram grande aumento pela assistência da missão às crianças. Com uma natalidade alta, a mortalidade infantil era muito elevada: calculava-se em oitenta por cento. Quando se abrigaram à sombra da Missão, caiu para cinco por cento, conforme estatísticas. Evitando o álcool e o fumo, a tribo pode olhar, com grandes esperanças, o futuro. Em poucos anos a Missão de São Marcos equiparou-se às de Sangradouro e Meruri. Esta ficou reservada aos Bororos, que também, registrava aumento demográfico.
> O xavante, sem o sentido musical do Bororo, aplica-se com gosto, à música instrumental. No canto, são preferidos os próprios, que executa a qualquer momento do dia ou da noite. O xavante que, antes do encontro com o missionário, possuía rudimentar atividade agrícola, adaptou-se sem dificuldade à lavoura e ao pequeno artesanato. Artefatos indígenas encontram-se expostos no Museu Regional Dom Bosco de Campo Grande, com rica coleção etnográfica.

Essas apreciações dos missionários ocorrem depois de três ou quatro anos após a chegada dos xavantes no final de 1957; a estruturação do atendimento dos novos índios, os xavantes, sempre suscitou para os missionários uma série de questões que já foram levantadas e, sobretudo, encaminhadas conforme a melhor maneira daquele tempo e daquela época. Como foram mencionadas, as questões da catequese e do atendimento dos meninos e das meninas pela confluência do estado tribal dos "waptés" e o internato, solucionou-se outro grande problema também, o início da instrução ou alfabetização dos meninos e dos adolescentes. Em referência ao conjunto da aldeia, permanecia a grande preocupação de se estabelecer uma grande área de plantações para sustento de todos, ao mesmo tempo de incentivo para as plantações de cada família.

Outro grande passo de entendimento entre os índios e os missionários foram as celebrações de seus rituais tribais conforme os seus costumes. Em determinadas épocas, decidiam os homens como realizar esses rituais e decidiam tudo de acordo com o governo dos chefes das aldeias. Eram convidados também para as grandes festas de celebrações litúrgicas e festas de animação promovidas pela escola da missão.

O atendimento aos índios doentes, em especial para as mães e outros doentes, era uma questão altamente exigente; os missionários tinham que providenciar remédios e vacinas para a prevenção das doenças contagiantes e comuns. Este seria um grande problema candente para as irmãs e para os salesianos que inicialmente atendiam a todos. Somente mais tarde é que nas aldeias haveria um atendimento com médicos e remédios patrocinados pelo Estado. Mas nos anos iniciais tudo era por conta da missão que teve sempre que encontrar os serviços generosos de algum médico voluntário para visitar as aldeias indígenas temporariamente. O atendimento diário coube às

irmãs, que se prontificaram sempre a exercer esse papel essencial quanto à saúde dos índios.

Porém, em 1966, depois da chegada de algumas dezenas de xavantes que foram transportados de avião da região de Suiá-Missu, mais ao noroeste do Rio das Mortes, houve uma contaminação geral dos xavantes que trouxeram o vírus de uma doença desconhecida por eles, o sarampo. Segundo Pe. Corazza (1995, p. 150),

> Em 1966 a situação se tornou alarmante na aldeia de S. Marcos. Em outubro, a epidemia do sarampo invadiu a tribo, ceifando a terceira parte de um grupo que tinha sido trazido da fazenda de Suiá-Missú. Fracos e desnutridos foram vítimas fáceis da terrível epidemia, particularmente as crianças. A Missão empenhou todos os seus recursos implorando também a beneficência pública. A FAB e o Governo de S. Paulo puseram à disposição médicos, enfermeiros e remédios, enquanto que o governo de Mato Grosso demorou para auxiliá-los.

Muitos xavantes vieram a falecer em consequência dessa epidemia de sarampo; tal fato repercutiu no país todo e mesmo fora do Brasil. Na edição de dezembro desse ano, o Boletim Salesiano Italiano publicou uma pequena reportagem a respeito da devastação que a epidemia ocasionara entre os xavantes de S. Marcos; com um título muito sugestivo iniciava sua notificação: "Como setenta xavantes perderam a vida!":

> No dia 27 de agosto de 1966, chegava a Campo Grande o SOS da Missão de S. Marcos entre os índios xavantes: "Uma grave epidemia de sarampo atacou a maior parte dos xavantes com febre alta e conseqüências graves; os mortos já somam onze; muitos estão em estado grave. É necessário enviar quanto antes remédios, médicos e enfermeiros".
>
> Quando um dos médicos da FAB, que era ex-aluno, recebeu o comunicado por telefone, conseguiu logo do comando de Campo Grande que seguisse para S. Marcos um avião com socorros possíveis. Era sábado. Prepararam todos os materiais e remédios e, no domingo, às cinco da manhã, ele partia para iniciar a grande batalha contra as mortes dos xavantes indefesos.
>
> Toda a missão se transformou em um hospital. A igreja, ampla, transformou-se em enfermaria e, sob a orientação dos médicos, organizou-se um exército de enfermeiros com os salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora e também xavantes não doentes para poder socorrer a todos os doentes.
>
> O maior perigo era para os índios recém-chegados de Suiá-Missú, pois estavam muito cansados e desnutridos. Alguns deles fugiam da enfermaria e iam se banhar nas águas do ribeirão como forma de afastar a febre, mas ao voltar contraiam pulmonite e logo morriam. Foi necessário que os próprios xavantes da missão cuidassem para que não fugissem da enfermaria. Os mais difíceis de se recuperar foram as crianças,

alguns de poucos meses não tinham o cuidado das mães, pois não sabiam cuidar deles e viam-nos morrer em seus braços. Também entre os adolescentes e adultos, as vítimas foram numerosas. Os xavantes que haviam chegado recentemente na Missão eram mais ou menos uns 300; depois de dois meses e meio de luta, 70 haviam morrido. A consolação foi que os missionários puderam batizar esses que agonizavam; também os próprios xavantes auxiliavam nesse trabalho de catequese antes da morte deles.

A FAB com seus valorosos pilotos, os médicos e os enfermeiros durante 20 dias, com voos diários, e houve dias que foram necessários dois vôos para trazer pessoas, remédios, alimentos e roupas. Houve campanhas de pedido de auxílio pelas rádios e jornais. Os governos do Estado de S. Paulo e de Mato Grosso, escolas e instituições públicas respondiam generosamente com doações. Até os próprios xavantes enviavam também alguma doação.

Naturalmente o maior peso e custo sobrou para a Missão que, com numerosos sacrifícios pessoais e tendo que gastar o que não tinha, lutou para o restabelecimento dos doentes [...] A fé na Providência Divina comandava a generosidade dos salesianos [...] "buscai por primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e o resto vos será dado em acréscimo![4]

Sem dúvida essa foi a mais cruel das epidemias que os salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora tiveram que enfrentar e lutar como nunca em toda a história da presença dos salesianos no território das colônias. Tiveram outras epidemias, porém mais brandas. Foi uma situação muito dolorida, ao mesmo tempo mostrou que a presença salesiana foi decisiva para o atendimento. Além disso, foi altamente louvável a construção, bem anterior, do campo de pouso que permitiu aos aviões maiores, bimotores da FAB de pousar e alçar voos ao lado da Missão. Foi uma experiência dolorosa para todos!

[4] Bollettino Salesiano, Anno XC, 1º dez. 1966.

Anexo I – APRESENTAÇÃO DO VOLUME III-PARTE I DA ENCICLOPÉDIA BORORO POR CLAUDE LÉVY-STRAUSS (ALBISETTI; VENTURELLI, 1976)

Os Padres Albisetti e Venturelli tiveram a delicadeza de pedir-me uma breve introdução ao terceiro volume da Enciclopédia Bororo. Comove-me profundamente este testemunho de confiança, por parte de eminentes especialistas, cuja vida foi e é consagrada ao estudo dos Bororos. Agradeço-lho, ainda mais que não são algumas semanas que passei, há 40 anos, nas margens do Rio Vermelho, que poderiam justificá-lo.

É verdade que aquele breve encontro tem marcado toda a minha carreira, pois nenhum principiante poderia ter sonhado um contato mais exaltante com uma cultura indígena do que aquele que a aldeia de Kejara me ofereceu em 1935: uma cultura material quase intacta, uma intensa atividade cerimonial tanto de dia quanto de noite, habitantes ocupados a confeccionar e a exibir fantásticos adornos, tudo colaborava para despertar no visitante o sentimento da riqueza, da complexidade e da grandeza de uma das últimas sociedades da América do Sul em que os costumes e a crenças tradicionais tinham ainda conservado seu viço.

Mas os Bororos não me ofereciam apenas contemplação de um espetáculo maravilhoso. Todo meu pensamento teórico, como se desenvolveu ao longo dos últimos trinta anos, conserva o cunho daquilo que me pareceu compreender no meio deles: como uma sociedade humana pode tentar de unificar em um vasto sistema, ao mesmo tempo social e lógico, o conjunto das relações de seus membros entre si e das que mantêm em grupo, com as espécies naturais e com o mundo físico que os envolvem. Com efeito, é dos Bororos que aprendi que certas formas de pensamento, aparentemente tão diferentes das nossas, são, todavia, capazes de analisar e classificar fenômenos, de abstrair suas propriedades comuns e de elaborar uma visão de mundo com alcance verdadeiramente filosófico.

A primeira parte deste terceiro volume é consagrada aos cantos de caça e pesca, e os autores anunciam que o volume completo reunirá todos os textos rituais que correspondem a diversos cultos. É conhecida a dificuldade deste gênero de empresa: provém do caráter muitas vezes secreto dos cantos e das orações nos quais abundam os termos e as fórmulas esotéricos ou arcaicos.

Não é raro que seu sentido escape até aos que os utilizam. Isto explica o fato de, na América inteira, possuirmos tão poucas coleções comparáveis àquela cuja publicação os autores da Enciclopédia começam hoje. Na América do Norte, é possível citar, quando muito, os Iroquais, os Fox, os Pawane, os Navajos

e os Osage, entre os quais foi feito um trabalho semelhante, com êxito; e, na América do Sul, entre os Uitoto, por Preuss e entre os Guarani, por Cadogan.

Aliás, os padres Albisetti e Venturelli não deram por satisfeitos em colecionar e transcrever documentos orais; acompanharam-nos por notas críticas que definem o sentido de certos termos e que remetem, todas as vezes que é necessário, às abundantes informações sobre a cultura material, a organização social, as crenças religiosas e as tradições míticas já registradas nos dois primeiros volumes da Enciclopédia. Assim, é sempre a cultura bororo, considerada, porém, debaixo de um novo ângulo e vista numa perspectiva original, que encontramos aqui.

Além da informação etnográfica, estes documentos trazem um alimento para reflexões teóricas. Com efeito, eles põem admiravelmente em evidência o modo com que, na América e alhures, o ritual opera mediante dois processos: o fracionamento e a repetição. Primeiramente, fracionamento, porque no interior de cada classe de seres vivos, ou de objetos materiais, de cada tipo de gestos, o ritual se esforça para introduzir distinções cada vez mais sutis: ele enumera uma por uma todas as peças do equipamento do caçador, todos os membros e todas as partes do corpo de cada espécie de caça... Em seguida, repetição, pois a mesma fórmula, ou fórmulas, aparentadas pela sintaxe ou pela assonância, encadeiam-se uma com a outra para formar séries. Não é aqui o lugar para lembrar como procurei interpretar esses aspectos característicos do discurso ritual (cf. L'Homme nu, 1971, p. 601-603); é evidente que a presente publicação oferece surpreendentes ilustrações acerca disso.

Todavia, é com outra consideração que gostaria de concluir para sublinhar um aspecto que parece típico da cultura e do pensamento bororo; quero dizer, o intenso sentimento estético manifestado por estes cantos que não se cansam de evocar o esplendor das paisagens, a graça dos animais e a delicadeza das flores. O gosto dos Bororos pelas penas de cores brilhantes, pelas matérias preciosas como a madrepérola das conchas e dos dentes de marfim das feras, pelas orquídeas e outra flores da floresta, com as quais, quando eu estava com eles, os homens ornavam prazerosamente sua cabeleira, ilumina-se de uma nova luz. Nós compreendemos que povos, há tempo demais rejeitados por causa de seu débil desenvolvimento técnico e econômico, possam ser invadidos por um amor profundo à natureza. Tanto este amor, quanto as crenças religiosas são a origem de uma arte poética em que as grandes belezas não poderão deixar de tocar, além do limitado círculo dos etnólogos, todos aqueles que, escritores, artistas, os simplesmente leitores cultos, sejam sensíveis às mais diversas expressões do gênio humano.

Claude Levi-Strauss
de l'Académie française
Professeur au Collége de France

Anexo II - PERFIL DO PE. CÉSAR ALBISETTI (1888-1977)

Enzo Bianco do Boletim Salesiano, 01 ago. 1978

Pe. César Albisetti, Bororo por profissão

Pe. César viu o primeiro bororo em sua vida naquele dia na igreja de seu torrão natal, em Bergamo. Dedicou 63 anos de vida missionária aos bororos: protegê-los, animá-los e a crescer na fé. Agora os jovens índios encontram na "Enciclopédia Bororo" e no Museu Dom Bosco, as palavras, os cantos e as danças, os rituais, os enfeites e as armas de seus antepassados. Um mundo que corria o risco de perder e ser esquecido para sempre.

Cidade de Terno de Isola (Bergamo), 1913. Domingo, a missa terminou, mas as pessoas demoram para retornar para casa; comentam os acontecimentos da manhã. Um daquela cidade, que anos antes tinha deixado sua terra para se tornar salesiano e depois missionário, Pe. Luiz Galbusera, retornou e, na homilia, contou como era a vida no distante Mato Grosso. Mas não é dele que o povo fala, nem do seu sobrinho que se tornara salesiano sacerdote novo, Pe. César Albisetti; falam de um coroinha que ajudou na Santa Missa e respondeu a todo o ritual em latim, é um indígena que ali viera da Lombardia, vestido como qualquer outro europeu.

O nome desse índio é Tiago ou Akírio Bororo Kejewu, que significa "ínsula branca"; porém todos tratam-no de Tiago. Ali Tiago é somente o objeto da curiosidade de todos, mas para Pe. César Albisetti, 25 anos e neosacerdote, Tiago é um exemplo que representa o seu povo, antes uma missão, um ideal a que se pode consagrar por toda uma vida. Aquele dia foi decisivo: pediu para ir para Mato Grosso com o seu tio, ir para onde vivem os índios Bororos como Tiago. De fato tornar-se-á um deles, e o definirão como o "mais bororo dos civilizados", ou "Bororo por profissão".

Pe. César não imagina que lá passará tantos anos entre os bororos e tomará iniciativas dignas de grandes estudiosos para a glória de Deus.

Primeiramente entender

Em 1914, Pe, Albisetti realiza uma viagem cheia de aventuras, em primeiro lugar no Atlântico, depois na Bacia do Prata, no Paraná, no Paraguai e no Rio Cuiabá até a capital do Estado. De Cuiabá até os bororos, somente a cavalo por muitos quilômetros pelo serrado imenso.

Naquele ano, foi instituída a Prelazia do Registro do Araguaia, 250 mil quilômetros de superfície e somente 10.000 habitantes. O bispo salesiano D.

Malan e Pe. César recordam das viagens a cavalo, em especial a viagem de Cuiabá até Registro do Araguaia, 600 Km a cavalo. Ao passar pelas missões, foram recebidos pela banda de música dos bororos; nessa viagem do primeiro bispo que por ali passara, D. Malan se tornou o bispo dos Bororos.

No entanto, forte como um carvalho, Pe. César iniciou o seu trabalho. Trabalhou ao lado do veterano Pe. Colbacchini. Em 1916, estava na missão da Imaculada do Rio das Garças e já era o diretor. Depois foi para Palmeiras, para o Rio das Mortes, mas sempre esteve atento para entender os índios...

Os bororos gostavam de aprender música e não se aplicavam muito na escola. Gostavam de cuidar do gado e pescavam com alegria. Na escola aprendiam logo o português e um pouco de aritmética. Pe. César estava em constante observação; aceitavam a catequese e não abandonavam suas lembranças dos antepassados. Os bororos eram poucos, não chegavam a 7.000. Tempos anteriores eram bem numerosos, agora o encontro com os brancos provocou o seu orgulho e sentiam-se um pouco rebaixados. Os bororos era a tribo mais forte da região e dominavam uma imensa região, nesse tempo parecia que se deixavam morrer pelo sentido de impotência; uma das atividades dos missionários era auxiliá-los a vencer esse sentimento e despertar-lhes um sentimento de força para que pudessem sobreviver a esses embates com outras tribos e com os brancos.

O Bororo Tiago, depois de anos de escola e de viagens e contatos com a cultura europeia, retornou à vida natural dos bororos, tornou-se um índio comum, igual a todos os outros. Esse Tiago nasceu em 1898, talvez, e foi acolhido na missão pelo Pe. João Bálzola. Em , Pe. Malan o enviou para Cuiabá para estudar no S. Gonçalo e, na histórica viagem da banda dos bororos em 1908, ele estava ao lado de todos os outros. Ficou como interno em Cuiabá e, em 1913, Pe. Malan e Pe. Galbusera levaram-no até a Europa: visitou Roma, Paris e Turim. Participou de encontros em que pôde descrever a cultura de seu povo e mostrar-se um verdadeiro etnólogo ao falar de sua cultura. Ao retornar, estudou em escolas superiores, mas, ao chegar aos 20 anos dominado pela saudade da vida livre de seu povo, retornou para o meio de seu povo. Pe. Malan contava muito com seu auxílio e seu exemplo, mas não foi possível.

Sangradouro

Em 1925, ocorreu uma exposição missionária no Vaticano; Pe. César foi o encarregado de preparar os stands dos bororos. Recolheu o material e retornou para a Itália; passou por Valsálice e depois se dirigiu para Roma para organizar a exposição. Foi muito bem acolhido por estudiosos o livro do Pe. Colbacchini intitulado "Os bororos orientais", em especial pelo aprofundamento dos estudos étnicos sobre a tribo.

Ao retornar, depois de um ano, foi nomeado diretor da missão de Sangradouro, a 350 Km de Cuiabá. Depois de viajar alguns dias a cavalo, chegava a seu destino. Deixou registrado que, ao chegar, um ânimo especial o entusiasmou pelo trabalho dos salesianos entre os índios; encontrou a todos animados, tanto os salesianos como os índios. Ao ver o que haviam conseguido construir nesses dois anos o entusiasmou, principalmente a roda hidráulica para movimentar outras máquinas de serrar e de prensar, para trabalhar melhor a mandioca e para produzir farinha, para moer o milho e preparar o arroz [...] todos animados com esses sinais de progresso...

O primeiro carro

Um dos grande problemas do novo diretor de Sangradouro era o dos transportes. As cargas mais leves eram transportadas no lombo dos burros e outras cargas, no carro de bois. Porém, o primeiro carro veio solucionar o problema dos transportes, apesar de estradas péssimas e cheias de desníveis, de obstáculos difíceis.

A experiência da primeira viagem de carro de bois, ocorreu em 1925. Partiu de Sangradouro no dia 15 de outubro e retornou na festa da Imaculada; foram 53 dias para fazer 700 Km, com um carro movido por 12 juntas de bois. Durante a viagem, ocorreram muitos transtornos que foram supridos pela força de vontade dos condutores. Ao final, além de tudo, faltavam quatro bois que foram abandonados por cansaço e um por ser ofendido por uma cobra. Como conclusão havia os sonhos de um dia terem meios de transportes melhores como os caminhões ou os aviões...

Os Revoltosos

Em 1924, explodia no Brasil uma revolução que foi logo dominada. Mas os revoltosos que não foram exterminados formaram uma coluna que percorreu o interior do país em diversas direções e, por onde passava, semeava o terror e a destruição. Em 1926, alguns dos bandos desses revoltosos, cercados pelas tropas do exército, refugiaram-se no interior do Mato Grosso. Em novembro, passaram por Cassununga, vila de garimpeiros, e as notícias foram de que lá tinha havido uma devastação geral. Em Barreiros foram precedidos pelas súplicas do Pe. Colbacchini para que não atacassem a missão. Porém Pe. Albisetti, em Sangradouro, não pôde fazer nada porque chegaram lá as forças do governo e, assim, a missão sofreu um duplo saque, o primeiro dos revoltosos e depois das forças do governo. Ao chegar, no dia 4 de novembro de 1926 as forças do governo, tudo na missão foi ocupado por esses soldados, ocorreu uma grande confusão em casa. Depois os soldados, para enfrentar os inimigos, se dividiram e se espalharam, ocorreram os combates,

e no dia 20 de dezembro chegava a notícia de que os revoltosos estavam atravessando o Rio Garças, prosseguindo os combates, e chegou a notícia de que as forças do governo debandaram-se; não havia tempo para perder e era necessário abandonar a missão o mais rápido possível. Os alunos, as irmãs, suas alunas e os bororos, todos deveriam sair para evitar permanecer entre os dois fogos, dos revoltosos e das tropas governamentais.

O esconderijo na floresta

Durante a novena do Natal, Pe. César, ao terminar a função, avisava a todos da necessidade de se ir embora da missão e de se esconder no mato. Na manhã seguinte partiam por primeiro os meninos comandados por um clérigo. As irmãs com as crianças menores aguardavam a chegada do caminhão que fora a Cuiabá e deveria chegar logo... Aos bororos Pe. Albisetti distribuiu alimentos e pediu que todos se escondessem no mato para poder fugir dos prováveis combates. Todos deixaram a missão...

O caminhão que deveria chegar não retornou; chegou um senhor e avisou que os revoltosos estava próximos. Todos partiram da maneira que foi possível... todos se encontraram em um lugar afastado uns 15 km da missão para se acamparem ali; eram 54 pessoas. Difícil seriam os alimentos para essas pessoas... Depois de tanta espera, o caminhão chegou já noite alta; havia quebrado mas haviam transportado mantimentos por meio de um burro.

Na manhã do dia seguinte, retornaram para onde estava o caminhão e o cobriram com uma lona para camuflá-lo e não ser roubada pelos revoltosos a carga de alimentos que lá havia. Ao retornar para o acampamento, procuram armar algumas barracas ou cabanas para se defenderam da chuva que ameaçava chegar. Vigília do Natal, o pensamento no Menino Jesus e o barulho da chuva dominavam as atenções de todos que deveriam dormir sob a chuva intensa.

Uma nuvem de fumaça

Pela manhã, dois salesianos e um índio saem do acampamento para uma exploração e logo retornam com uma notícia inquietante: os revoltosos tomaram conta do caminhão e conseguiram que funcionasse; estão mais ou menos a 3 Km dali. Era necessário todos se afastarem mais e com rapidez.

Depois de um pouco de hesitação, conseguiram que todos ultrapassassem o rio para acampar na outra margem. Retornaram para ver a situação. Viram uma longa nuvem de fumaça no céu: teriam colocado fogo no caminhão? De repente, encontraram dois homens que caminham em sua direção. Pe. César grita: "Amigos!" Eram dois soldados em fuga: "Estamos fugindo", disseram. "Os rebeldes ontem à tarde ocuparam a missão, e ontem

nos atacaram. Muitos dos nossos foram mortos. Poucos os que conseguiram escapar..." Pe. Albisetti e seus dois companheiros atravessaram o rio a nado e continuaram andando; encontraram o caminhão completamente queimado. Levaram tudo e somente deixaram dois sacos de sal. Prosseguiram a caminhada até perto da Missão; encontraram os fios do telégrafo todos cortados. Mais próximos da missão, a evidência de sinais do saque: roupas e objetos espalhados. Identificaram até os donos dos objetos. Até que encontraram um guarda pó branco, e o Pe. César recolheu pois era a sua veste nas horas do trabalho; foi a única coisa que lhe deixaram, levaram tudo das casas. Encontraram também os mortos, com os bolsos revirados, sinal de que levaram tudo mesmo; outros mortos estavam sem roupa. Esses foram os sinais da batalha que ocorrera no dia anterior.

Aquele Natal

Ao olhar de longe, parecia que nada houvera na Missão, as casas ainda em pé e parecia que tudo estava em ordem. Mas ao aproximar-se, Pe. César percebeu sinais de que ali estavam algumas pessoas: eram os soldados do governo. Era necessário se identificar antes para não serem atingidos por tiros; com pedaço de pau, Pe. César mostrou aquele guardapó branco como gesto de paz. A missão estava um verdadeiro caos. Em toda parte, os objetos espalhados ao lado de animais mortos, que provocavam um mau cheiro terrível. A capela foi respeitada e estava como antes, mas a sacristia estava um horror! A casa das irmãs fora utilizada como estábulo; o quarto do Pe. César foi simplesmente destruído; os depósitos de mantimentos foram saqueados todos. Os soldados apoderaram-se do gramofone e tocavam músicas para passar o tempo.

Este foi o Natal de 1926. No dia seguinte, o Pe. César foi ao encontro dos refugiados no acampamento no meio do mato, crianças, meninos e meninas, as irmãs e os salesianos; estes tiveram que lutar para se defenderem das formigas e dos mosquitos. Voltaram para casa bem devagar e sabendo o que iriam encontrar.

Aos poucos os bororos saíam do mato. Silenciosos e rápidos, contemplaram o panorama da aldeia e viram que todas as casas foram saqueadas; procuraram recolher o que era possível ainda ser aproveitado: panelas, ferramentas e roupas. Ainda em bom estado a melhor máquina de costura, levaram-na para a casa das irmãs. Encontraram também uma batina de um missionário e dois volumes do breviário do Pe. César. As irmãs recolheram todas as roupas e puseram-nas a ferver em água quente para desinfetá-las de qualquer germe de doenças deixados pelos revoltosos. Quanto ao caminhão, nada puderam fazer; o jeito era voltar ao carro de boi. Gastariam muito tempo para que se pudesse refazer tudo o que fora estragado.

Um bispo chega de carro

A reconstrução da missão de Sangradouro foi lenta. Em 1929, a tecnologia oferecia aos bororos uma nova sensação: a máquina de projetar filme. Os índios admiravam, porém, não compreendiam o que estava ocorrendo, afirmou Pe. César. Comoveram-se, porém, quando foi projetado o filme do nascimento de Jesus, a presença dos pastores, os reis magos, a morte dos inocentes; eles participaram bem e ofereceram ao Menino Jesus as mais belas loas e os mais delicados cantos de carinhoso afeto.

Em 1933, Sangradouro estava bem e Pe. Albisetti foi transferido para outro campo de trabalho: catequista ambulante. Havia outros grupos de bororos que precisavam ser catequizados ou que se afastaram da missão; era necessário ir ao seu encontro. Pe. Albisetti e um coadjutor fizeram de Poxoréu o centro de suas viagens; foi construída uma pequena Igreja e assim a vila começava a crescer. Era a base para dois anos de contínuas viagens.

Nesse tempo, alguns salesianos tentaram o contato com os índios xavantes. O primeiro contato tornou-se uma tragédia: Pe. Fuchs e Pe. Sacilotti, em 1934, foram massacrados às margens do Rio das Mortes.

Em 1936, Pe. César retornou a Sangradouro como diretor; no ano seguinte novo bispo tomou posse da Prelazia, D. José Selva; este não chegou lá a cavalo, mas de carro.

Em 1939, Pe. César iniciava outro empreendimento grandioso; era necessário prover a missão com água abundante e necessária também para mover as máquinas. Abriu um canal de 7.800 metros. Nesse trabalho teve que enfrentar as pedras e os barrancos difíceis de areia, que não sustentavam as águas e desbarrancavam no tempo de muita chuva; mas obtiveram bom êxito ao final. O Sr. Bispo, no ano de 1942, afirmou: "Este canal vem da Mortandade, mas ao invés de nos trazer a morte, trará a vida e o progresso." E de fato assim ocorreu. Com a água do canal foi possível até irrigar o terreno para a horta e movimentar as pequenas oficinas da missão.

Tiago, Assistente do Diretor. Num belo dia, Tiago voltou. Terminou o tempo borrascoso de sua vida, convenceu-se de que o futuro seu e o de seu povo aconteceria ali na Missão. Quis retornar e tornar-se útil aos seus irmãos. Os anos de seu afastamento, porém, foram providenciais: pôde aprender em profundidade os costumes de seu povo e tornava-se para o Pe. César um precioso informante sobre a cultura dos bororos.

Pe. César retomou o estudo a partir do livro do Pe. Colbacchini sobre os Bororos, e, em 1942, preparou uma segunda edição em italiano e em português, completamente refeita e aprimorada. Isso foi possível com a presença constante de Tiago, pois ele estava bem a par do que era genuíno ou não na cultura dos bororos. Em 1942, foi organizada uma exposição missionária em

S. Paulo; lá Pe. César pôde mostrar de modo muito expressivo e convincente toda a grandeza do trabalho dos salesianos missionários em Mato Grosso.

Houve também momentos difíceis. Houve uma denúncia contra os trabalhos dos missionários junto aos órgãos do governo. Dois funcionários do Ministério vieram para uma inspeção na Missão de Sangradouro; a atitude de prevenção caiu por terra logo quando eles verificaram a modalidade de trabalho que era realizado na missão; retornaram entusiasmados com a presença e o trabalho dos salesianos entre os índios. Deixaram escrito: "Aqui, missionários e missionárias desenvolvem uma conspícua obra de civilização, de instrução e de educação, digno da admiração de qualquer brasileiro."

"Vieram para surpreender e foram surpreendidos e ficaram surpresos!" comentou alegremente o Pe. César.

Nesse tempo, Tiago adquiriu uma estatura moral mais consistente e assim conquistava grande prestígio diante de seus irmãos bororos. Sob seu comando, os bororos da missão aprenderam a confeccionar os enfeites que eram uma especialidade dos anciãos. Aprenderam cantos e danças. Dessa forma, tornou-se o diretor que registrava e organizava as coreografias dos rituais, das festas e das inúmeras celebrações rituais.

Quando Pe. César, em 1947, foi à Itália para presenciar o falecimento de seu pai, foi na volta nomeado diretor de Meruri, a outra missão dos bororos, e aí permaneceu até 1954. Quarenta anos de vida missionária pesariam um pouco em seu físico; era tempo de deixar esse trabalho mais pesado para os mais jovens. Foi enviado para Campo Grande, onde dois projetos necessitavam de sua experiência e de sua sabedoria: a Enciclopédia Bororo e o Museu Dom Bosco.

Uma luz em todo o esplendor de seu brilho e intensidade

Em 1956, um novo bispo se tornava o titular da Prelazia e responsável pelos índios. Era D. Camilo Faresin, que não chegou nem a cavalo nem de carro, mas de um avião bimotor. Os centros missionários, devido à presença de civilizados, pareciam pequenas cidades como um verdadeiro município, pois os colégios nas missões abrigavam muitos internos, filhos das pessoas que residiam por perto. Em 1957, os pequenos bororos da Banda foram chamados para se apresentarem em Campo Grande: viajavam pela primeira vez de avião; eram os netos daqueles que, em 1908, surpreenderam os habitantes do Rio de Janeiro e de S. Paulo com a banda musical.

Nas pesquisas científicas do Pe. C. Albisetti, o seu amigo Tiago tornou-se indispensável. Com bela caligrafia, preencheu cadernos e cadernos de anotações, de relações, de lendas, de descrição dos ritos e apresentou-os ao Pe. César, como também objetos da cultura bororo confeccionados para o museu. Examinou cada objeto do museu para que sua colocação e descrição

estivessem coerentes com os rituais e usos. Releu com máxima atenção cada página da Enciclopédia, a que chamava de "Nosso Livro".

Um dia foram para Sangradouro com a câmera de filmar, e ele, um verdadeiro e competente diretor, organiza as danças de sua tribo com brilho e fausto sem igual, e o filme colorido fixava para sempre aquele ritual que, bem provável, iria desaparecer.

Mas em janeiro de 1958, chegou a terrível notícia para o Pe. Albisetti: "Tiago está doente e grave!". Pe. Albisetti foi até ele. A gripe, chamada "asiática", surgida na Ásia, e causadora de muitas mortes na Europa, havia chegado à América, justamente a Mato Grosso. Pe. César chegou a Sangradouro em tempo de ter o último encontro com o amigo Tiago, com sessenta anos, que na floresta havia vencido os animais ferozes, mas agora encontrava-se indefeso contra essa funesta gripe.

Pe. César recorda que ele era de uma alma bela e sensível, também um poeta. Ele havia escrito sobre os missionários: "Desça sobre vós a luz / viva, brilhante, toda esplendor, e vos inunde de beleza: / comover me sinto/ por tudo o que fazeis e sofreis / Por nós!"

A Enciclopédia

Em 1935, um jovem estudioso se aventurava em viajar pela precária ferrovia que atravessava o coração do Brasil até chegar a Mato Grosso. "O trem – escreveu um dia recordando – era movido à lenha, caminhando em uma velocidade baixa; parava muitas vezes e por muito tempo para se abastecer de lenha." Esse cientista, Claude Lévi-Strauss, o mais célebre talvez dos antropólogos vivos, viajava para encontrar os Bororos do Pe. César. O missionário levou-o a conviver com os primitivos, fez as apresentações oficiais, conseguiu que os índios o aceitassem e o auxiliou em tudo o que podia. "Toda a minha carreira de antropólogo – escreveu um dia Lévi-Strauss – foi decididamente marcada pelo encontro com os Bororos e com Pe. César Albisetti, no longínquo 1935, na aldeia de Kejara!"

Pode-se afirmar que Claude Lévi-Strauss concedeu o batismo para a Enciclopédia Bororo. Escreveu a introdução do segundo volume, elogiou-a com palavras que raramente usava para os seus colegas cientistas, encorajou a publicação e a difusão desse trabalho.

"Esse era o nosso livro", como dizia Tiago, que resultou em quatro volumes. O primeiro foi publicado em 1962, contém em 1047 páginas o vocabulário da língua bororo. O segundo, em 1970, com 1269 páginas, que apresentam 62 lendas bororos e um estudo sobre 850 nomes de pessoas. O terceiro volume saiu em dois tomos: o primeiro, em 1976, e apresenta os cantos de caça e pesca; o segundo, deixado pelo Pe. César Albisetti já pronto para ser publicado, apresenta os cantos rituais. Para o último volume, sobre a aculturação

dos bororos, muito material já recolhido, Pe. César deixou ao seu colaborador e continuador Pe. Ângelo Venturelli o encargo de prosseguir o trabalho.

É um trabalho grandioso, escreveu Lévi-Strauss, e acrescentou: "Aqui as novas gerações de bororos, quando os anciãos não mais estiverem presentes, poderão ter aqui os ensinamentos apropriados para inspirar e despertar o amor deles pela cultura de seus ancestrais e a vontade de levá-la avante".

O "Museu Dom Bosco" mereceria outro longo escrito do Pe. César Albisetti, pois é rico de preciosas coleções em relação, sobretudo, aos Bororos e a outros grupos étnicos do Mato Grosso. Vale assinalar uma afirmação global de Lévi-Strauss: "Graças aos esforços, ao método, ao espírito de observação sempre atento por mais de meio século dos missionários salesianos, os índios Bororos tornaram-se, sem dúvida a tribo mais bem estudada em toda a América Latina!"

Também esteve presente Pelé!

Em 1969, Pe. César Albisetti foi chamado a Cuiabá: a assembleia de Mato Grosso concedera-lhe o título de "Cidadão Mato-Grossense". Em 1970, convocaram-no a Brasília para conceder-lhe a honorificência de "Cavaleiro da Ordem do Rio Branco": não era somente ele a recebê-la, lá estava também um jogador de futebol chamado Pelé. Em 1972, Pe. César celebrou o 60º aniversário de sacerdócio, e os festejos se multiplicaram em Sangradouro, e os Bororos dançaram e cantaram em sua homenagem. O Diretor da FUCMT de Campo Grande conferiu-lhe também uma cruz por mérito. Pe. César afirmou: "Carregarei também essa cruz, em nome da Congregação, como o Senhor sempre me auxiliou a carregar as outras". Mas em dezembro o Senhor o chamou para perto de si.

Quem foi Pe. César Albisetti? Ninguém sabe isso melhor que os Bororos, que em seu canto assim o definiram: "O nosso padre missionário / é a morada da nossa língua / e dos nossos costumes. / É uma pessoa extraordinária / sobre a qual estão muito bem/ os ornamentos do nosso herói Bakororo. / Dai-me o teu braço; / a proclamação de teu nome/ te concede o direito ao uso / dos ornamentos dos nossos ancestrais: / eles estão bem / sobre a pessoa do nosso querido Padre."

E quem são os bororos hoje? São mais ou menos uns 600. Alguns, em pequenos grupos, vivem dispersos pelo Mato Grosso, mas estão em maior número nas colônias missionárias de Sangradouro e Meruri. E agora os seus jovens e crianças aumentam: sinal de que aceitam novamente dar continuidade à vida tribal. E isso é também mérito do Pe. César Albisetti, que não hesitou em se tornar um Bororo.

Esse texto, de autoria do salesiano Enzo Bianco, foi escrito para o Boletim Salesiano de Turim, em 1978.



Pe. Raimundo Pombo M. da Cruz



Pe. José Thannuber



Pe. José Luís Valentim



Pe. Ernesto Carletti



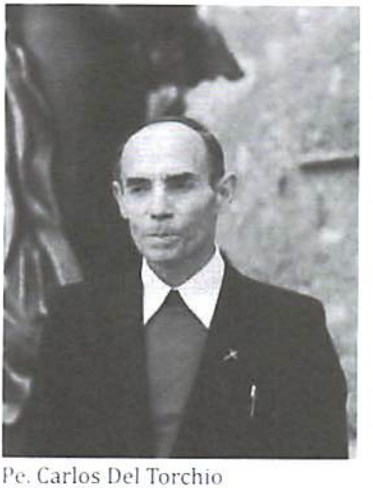
Pe. Constantino de Monte



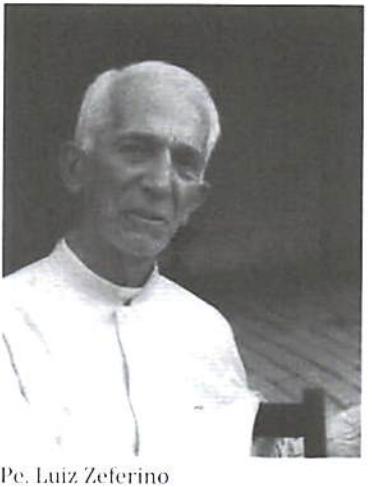
Pe. Hermenegildo Carrá



Pe. Rodolfo Lunkenbein



Pe. Carlos Del Torchio



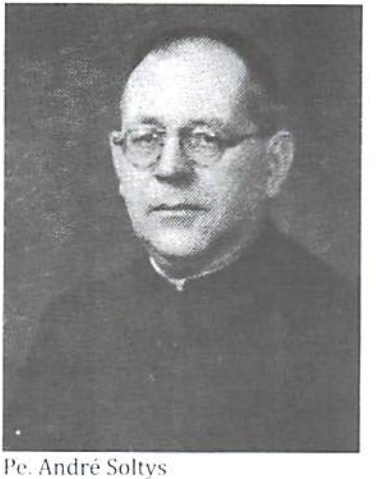
Pe. Luiz Zeferino



Pe. José Moschin



Me. Natale Battezzati



Pe. André Soltys

Capítulo VII

A presença salesiana na diocese de Campo Grande e outras atividades na Inspetoria

A região de Campo Grande pertencia à diocese de Corumbá, cujo primeiro bispo foi D. José Maurício da Rocha (1917-1927). Sendo este transferido para a diocese de Bragança, foi nomeado como administrador apostólico da diocese D. Pedro Massa, prefeito apostólico do Rio Negro, AM, e prelado de Porto Velho; foi prelado por um ano, pois, em 1928, foi nomeado o novo bispo de Corumbá, D. Antônio de Almeida Lustosa, que assumiu a diocese em 1929, a qual governou até 1931, sendo transferido para a arquidiocese de S. Luís do Maranhão. Em 1933, foi nomeado o novo bispo de Corumbá, D. Vicente Bartholomeu Maria Priante (1933-1944). Durante seu governo, a cidade de Campo Grande progredira bastante e, com a presença de muitos imigrantes, da comunicação com S. Paulo através da NOB e do transporte aéreo, a cidade se destacava na região. Para cá vieram os comandos do Exército de toda a região e uma base aérea da FAB.

O sucessor de D. Vicente Priante como bispo de Corumbá foi D. Orlando Chaves, que permaneceu no governo até 1958, quando foi transferido para a arquidiocese de Cuiabá. Nesse período, a divisão da diocese de Corumbá era evidente e necessária. Assim, o projeto da criação de duas novas dioceses nesse território, a de Campo Grande e a de Dourados, foi enviado em 1954 para a Santa Sé, somente sendo aprovado em 15 de junho de 1957, quando, pela Bula "Inter Gravíssima", foi criada a diocese de Campo Grande. Seu território foi desmembrado da diocese de Corumbá e da Prelazia Nullius de Registro do Araguaia. A área da diocese compreendia 15 municípios com 149.989 Km^2, naquele tempo. Depois houve a criação de outras dioceses dentro desse território.

> D. Antônio Barbosa foi eleito bispo para a diocese de Campo Grande em 23 de janeiro de 1958. Recebeu a ordenação episcopal, conferida por D. Armando Lombardi, Núncio Apostólico no Brasil, em primeiro de maio do mesmo ano, no Santuário do Sagrado Coração de Jesus, em S. Paulo. No dia de Nossa Senhora Auxiliadora, 24 de maio de 1958, e véspera da festa litúrgica de Pentecostes, deu-se a ereção canônica da nova Igreja Particular de Campo Grande e a tomada de posse do primeiro bispo da referida diocese. (CASTILHO, 1998, p. 55).

O novo bispo, sendo salesiano, logo se entendeu bem com os salesianos da cidade, que nesse tempo já era a sede da Inspetoria, Missão Salesiana.

Prosseguiu assim a presença dos salesianos no seminário diocesano como havia organizado o bispo anterior, D. Orlando Chaves, nesse tempo então arcebispo de Cuiabá. Além disso, expandiu-se o atendimento de diversas comunidades das duas paróquias salesianas, em tantas e tantas capelas e comunidades da periferia da cidade e dos povoados próximos da cidade. A etapa decisiva da atuação do Sr. Bispo, D. Antônio, ocorreu depois de sua participação no Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII, de 1962 até a última fase em 1965. Trabalhou incansavelmente para manter o seminário diocesano e implantar as mudanças pastorais solicitadas pelos documentos do C. Vaticano II. Houve contínua atualização apostólica, litúrgica e pastoral.

Em 03 de janeiro de 1978, o Papa Paulo VI criou a diocese de Três Lagoas e a Prelazia de Coxim, desmembrando os respectivos territórios da diocese de Campo Grande. Como expressão do crescimento de toda a região sul do Estado e da necessidade de se adaptar a ação, governo e presença da Igreja a essas novas presenças sociais, em outubro de 1978, foi criada a nova Província Eclesiástica de Campo Grande, e a Igreja Particular de Campo Grande foi elevada à categoria de Arquidiocese e Sede Metropolitana. D. Antônio foi proclamado o primeiro arcebispo dessa nova Sede Metropolitana.

7.1 Os salesianos e as novas iniciativas da Diocese de Campo Grande

Os salesianos prosseguiram o trabalho no seminário diocesano iniciado com o antecessor de D. Antônio, D. Orlando Chaves. Continuaram com o trabalho pastoral no atendimento paroquial das duas paróquias: D. Bosco e São José. O atendimento pastoral desenvolvia-se também pelas inúmeras capelas de cada uma dessas paróquias e por outras comunidades das cidades mais próximas de Campo Grande, como Água Clara, Ribas do Rio Pardo, a comunidade dos negros de Furnas dos Negros e outras.

A presença do Sr. Bispo junto aos salesianos obedecia ao apelo de se sentirem em família; foi decisiva a intervenção de D. Antônio estimulando a abertura dos cursos superiores para atender a população da região, em especial na formação dos professores através das Licenciaturas. Para os salesianos foi decisivo o pedido de D. Antônio para que os salesianos abrissem o curso de direito, e não os protestantes. Era uma visão ampla a do Sr. Bispo, ao almejar que o ensino superior promovido pelos salesianos pudesse ser um grande fator de evangelização e de construção de uma Igreja alicerçada também no Ensino Superior. Era claro para ele que a educação inicial e superior católica seria sempre um fator preponderante de contribuição e trabalho apostólico especializado, de manutenção da fé e na construção de uma presença consistente da Igreja Católica.

Porém a maior aliança pedida pelo Sr. Bispo para um trabalho pastoral especializado ocorreu com dois setores da atividade pastoral da diocese; tratava-se da direção de dois empreendimentos da diocese, com a estação de rádio e com o jornal da cidade, denominado de Jornal do Comércio.

A origem da Rádio Educação Rural deve-se à iniciativa de D. Antônio em prol daquelas pessoas que não tinham acesso à escola:

> Em outubro de 1959, D. Antônio Barbosa solicita ao presidente da República – Juscelino Kubitscheck de Oliveira, autorização para a instalação de um canal de uma emissora de 1000 watts em ondas tropicais. O ofício foi entregue pessoalmente por D. Antônio, que explicou ao Presidente sobre a necessidade de alfabetizar as pessoas do campo e da periferia das cidades. O Presidente ficou muito sensibilizado, despachou no próprio ofício uma autorização, encaminhando-o ao Ministério da Viação e Obras Públicas para as providências necessárias.
> A emissora é instalada em caráter experimental em ondas médias na freqüência de 1.260 Kcs e na potência de 1 kw – PR 37.601-60, com o nome de Rádio Educação Rural. Em 1960, a RER teve suas especificações aprovadas e em 1961, pelo Decreto nº 51.309 foi autorizada concessão à Rádio Educação Rural Ltda. para estabelecer uma estação radiodifusora de onda tropical.
> Em 1960, o bispo criou as Escolas Radiofônicas de Base, em que era colocado um rádio de freqüência cativa, sintonizado na RER. A base escolhida era normalmente uma fazenda ou região, com um número de 10 a 15 pessoas analfabetas. Dessa base, saía uma pessoa alfabetizada para ser treinada em Campo Grande. Após o treinamento, ela voltava para a base e, com um quadro negro e um rádio sobre a mesa, acompanhava as aulas. A professora treinada explicava, passava as tarefas, enfim, exercia sua função de alfabetizadora. As aulas eram dadas no período noturno, em uma sala simples, desde que comportasse de 10 a 15 pessoas entre crianças e adultos [...] O Movimento Brasileiro de Alfatização-MOBRAL veio como um arrastão e acabou com as escolas radiofônicas [...] Mesmo com o término das ER, o nome da emissora permaneceu o mesmo, porque toda a programação, de acordo com a filosofia da diocese, sempre foi de informar e formar o fiel dentro da religião cristã, sendo a emissora um elo entre a diocese e o sertão.
> A emissora prestava e presta alguns serviços comunitários, mas o seu programa de maior audiência desde a década de 60 até os dias atuais é a "Hora do Fazendeiro", programa em que as pessoas do campo se comunicam com aqueles que estão na cidade, através de recados e vice-versa. Em casos de doenças, acidentes e mortes, os avisos são comunicados aos interessados por esse programa [...] D. Antônio Barbosa falava aos diocesanos todos os domingos das 12 horas até 12h45 evangelizando os fiéis. As mensagens versavam sobre sacramentos, a caridade, as vocações sacerdotais, a obediência ao Santo Padre, a devoção a Nossa Senhora Mãe de Deus e à leitura da Bíblia. Ao encerrar pedia oração a todos [...].

> Foi também a RER pioneira em rádio novelas, apresentou a Órfã dos Olhos Negros, que comoveu os ouvintes[...]Havia programas de auditório [...] Houve também transmissões intermunicipais e estaduais através da Embratel [...]. (CASTILHO, 1998, p. 134-139).

Foi essa rádio que D. Antônio Barbosa veio oferecer para passar para os cuidados dos salesianos. Enviou ao conselho da Inspetoria um longo relatório com explicações e justificativas sobre a validade desse meio de comunicação social para a evangelização e animação dos fiéis. A princípio, Pe. Greiner foi contra a aceitação da rádio, e sua justificativa era a falta de pessoal para esse trabalho especializado. Aguardaram a resposta dos Superiores de Turim. A resposta veio cheia de ânimo para que a Inspetoria aceitasse esse trabalho. Na reunião do dia 31 de outubro de 1963, foi tratado o assunto definitivamente:

> Pe. Guido tinha respondido à consulta recomendando a aceitação, pois para ele a rádio era "como um púlpito de onde pudesse difundir a Palavra de Deus!" Assim o inspetor pediu o parecer dos conselheiros que apreciaram a relação onde o Sr. Bispo explicava que, tendo muito trabalhado e sacrificado para instalar técnica e economicamente a Estação-Rádio, via-se constrangido a pedir a intervenção da própria Congregação, para não deixar falhar este importante meio de apostolado da Diocese, ou ao menos ser obrigado a recorrer a quem não garantiria a continuidade no mesmo espírito salesiano, com que foi lançado. Depois da leitura, o Sr. Pe. Inspetor pediu o parecer dos conselheiros, os quais reconheceram unanimemente a grande conveniência de fazer-se o possível para não desiludir a esperança do Sr. Bispo Salesiano [...] Visto que a rádio deveria funcionar como anexa à Faculdade, ficou assente que no momento o Pe. Félix Zavattaro poderia talvez tomar o empenho se ele se sentir disposto. Esta não seria a solução definitiva, pois as atuais ocupações do Pe. Félix não o deixam disponível [...] mas resolveriam a questão.[1]

O conselho aprovara duas instâncias importantes. A primeira foi a aceitação da Rádio, e a segunda, a vinculação dessa Rádio às Faculdades, cujo diretor era o Pe. Félix Zavattaro; depois vieram as duas outras questões que foram sendo encaminhadas, a instalação e a direção dessa rádio. Aos poucos, encontraram a devida solução para essas duas questões.

Mas o Sr. Bispo também complementaria seu propósito ao participar da reunião do Conselho Inspetorial do mês seguinte, novembro, para completar a sua proposta em relação aos salesianos: queria passar para a Missão o Jornal do Comércio. Esse periódico tivera, em 13 de abril de 1921, a circulação de seu primeiro exemplar. Era um jornal condizente com o tempo e

[1] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria Salesiana de Mato Grosso-Oeste de S. Paulo, de 05/12/1955 a 27/01/1966, 31 out. 1963, p. 62-62b.

com a sociedade de Campo Grande desse tempo. Da data de sua fundação até a década de 60, funcionara regularmente movido pelo princípio da ampla liberdade de imprensa; depois de 1960, foi adquirido pela diocese de Campo Grande:

> D. Antônio percebe que a comunicação da RER (rádio) nem sempre era suficiente, além de não atingir a todas as classes [...] com a comunicação escrita, mesmo quando é pouco formal, confere à mensagem que se quer ou que se deve – transmitir uma forma ou um corpo que vai minimizar os efeitos negativos da transmissão oral do conhecimento [...] assim o Sr. Bispo opta por comprar o Jornal no dia 2 de setembro de 1961 [...] Com a mensagem "Arauto do Bem e da Verdade", o bispo quer atrair o público e conquistar corações e mentes, cuja meta é sempre conseguir mais e mais adeptos para sua causa: "Anunciar as riquezas de Cristo!" [...] Quando frei Tobias Massanduva (capuchinho) assume o cargo de Diretor Responsável e Redator-Chefe do JC, nova diagramação é feita apenas complementando a já existente. Ele cria na página dois uma sessão de sua autoria, objetivando esclarecer a população sobre temas atuais. Por exemplo: Subversão: o povo precisa acordar; sintomas do comunismo; defesa da democracia; o plebiscito; reforma agrária; líderes brasileiros; Cuba de Fidel. Outra sessão foi denominada de "Nossa opinião" para analisar a vida no mercado, nas festas e no trânsito. (CASTILHO, 1998, p. 142-148).

Como o Sr. Bispo tomara a iniciativa de passar para os salesianos o comando da RER (Rádio Educação Rural), também propôs a passagem do Jornal do Comércio para a direção da Missão Salesiana. Encontrava junto ao conjunto das faculdades salesianas um ambiente mais apropriado para conduzir esses dois órgãos de comunicação de massa: o jornal e a rádio. Esteve presente na reunião do conselho da inspetoria do dia 8 de novembro de 1963; no início da reunião, o Pe. Inspetor explicou o motivo da presença do Sr. Bispo; sabendo da opinião dos Superiores de Turim para a aceitação, o Pe. Greiner pediu que cada conselheiro expusesse sua opinião e, somente com decisão unânime, a inspetoria poderia aceitar essa proposta, pois a falta de pessoal qualificado seria o maior entrave para essa aceitação,

> [...] em seguida o Revmo. Pe. Inspetor deu a palavra ao Sr. Bispo, que fez uma sincera e completa exposição da situação insustentável que os atuais encarregados lhe haviam criado com relação ao jornal, assim como à Rádio. Não havia o necessário entendimento e, o que mais importa, a orientação não correspondia à do Evangelho e da S. Igreja, não obstante as suas reiteradas observações. Recorria portanto aos irmãos de sua própria Congregação, que lhe davam toda a garantia de cumprirem devidamente as finalidades do jornal católico. Fez também a exposição da situação financeira do Jornal e, de passagem, também da Rádio, dizendo-se disposto a passar, nas devidas formas, a propriedade

> à Congregação, com todos os compromissos da boa administração. Ficou acertado, após as discussões, com intervenção também do padre decano da faculdade, que toda administração do Jornal e da Rádio passariam a funcionar nas primeiras salas à direita da entrada principal da Faculdade, onde também funcionaria a parte técnica da transmissão-rádio, ficando a tipografia, ao menos temporaneamente nos locais atuais da Cúria, visitados diariamente pelo encarregado. As antenas transmissoras serão futuramente mudadas para o terreno do Seminário. A inspetoria recebendo a propriedade das duas obras de propaganda formaria uma Fundação em substituição à atual Sociedade civil, para maior garantia [...] iriam se informar para que a passagem definitiva ocorresse de acordo com o planejado e a aprovação dos Superiores de Turim.[2]

Dessa forma, passou-se também para a responsabilidade dos salesianos a direção do Jornal do Comércio; Rádio e Jornal passaram para a responsabilidade dos encarregados das Faculdades; a Rádio ficou sob o comando do Pe. Ângelo J. Venturelli, e o Jornal para a responsabilidade do Pe. Félix Zavattaro. Como fora assinalado na reunião, o comando de produção e gerenciamento dos programas da Rádio veio para as salas indicadas no térreo do prédio da Rua 14 de Julho, ao lado da entrada das Faculdades, e a tipografia, inicialmente, passou para o prédio mais antigo da Rua 14 de Julho, ao lado da livraria.

Na crônica da Inspetoria, foi registrada a passagem solene de comando da RER e do Jornal do Comércio para os salesianos, fato ocorrido em 15 de dezembro de 1963:

> Entrega da Imprensa diocesana e da Rádio Emissora à diretoria da Faculdade Dom Aquino. – Com ato solene, presidido pelo Exmo. Bispo Diocesano, D. Antônio Barbosa, e com a presença do Revmo. Pe. Inspetor e dos novos dirigentes, Pe. Ângelo Venturelli e Pe. Félix Zavattaro, à hora da Ave Maria do meio dia, foi feita a transmissão da antiga para a nova Diretoria, pelo próprio Bispo Diocesano. O ato foi transmitido pela Rádio. Com elevadas palavras de reconhecimento aos antigos responsáveis e de esperança nos novos, que representam a Congregação Salesiana, S. Excia. Revma. lembrou a fundação e as finalidades, os esforços e os progressos feitos, dizendo-se totalmente seguro que com essa entrega ele garantia a essas importantes obras de difusão da palavra escrita, Jornal do Comércio, e falada, "Rádio Emissora de Educação Rural", pleno êxito desses empreendimentos. Agradeceram o Revmo. Pe. Inspetor e o Pe. Félix Zavattaro, este especialmente encarregado do jornal e ficando a rádio aos cuidados do Pe. Venturelli.[3]

[2] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria Salesiana de Mato Grosso-Oeste de S. Paulo, de 05/12/1955 a 27/01/1966, 8 nov. 1963, p. 63b-64.
[3] Crônica da Missão Salesiana de Mato Grosso, de 01/01/1957 a 12/1980, 15 dez. 1963, p. 64.

Esses novos empreendimentos criavam um conjunto complexo ao lado do funcionamento das faculdades e do Museu Regional. Pe. Ângelo atuava na confecção dos volumes da Enciclopédia Bororo, era diretor da Faculdade de Letras e Línguas, também encarregado do Museu D. Bosco. Pe. Félix estava como encarregado de organizar a biblioteca das faculdades, professor e agora diretor do Jornal do Comércio, além de se responsabilizar pelas faculdades.

Uns dias depois, no dia primeiro de 1964, estando já transferidos para as dependências do prédio da Rua 14 de julho, o comando da Rádio, e para o antigo prédio próximo da Livraria, também na Rua 14, a sede do Jornal [...], o então diretor do Colégio, Pe. Mário Pellattiero encerrava o ano na crônica e escrevia de modo muito simples:

> Com a graça de Deus e a bênção do Sr. Bispo diocesano, D. Antônio Barbosa, realizou-se a tomada de posse da Rádio E. Rural: entregue à Inspetoria de Mato Grosso – Foram designados para tal empresa os Revmos. Pe. A. Jayme Venturelli e o Pe. Félix Zavattaro – mui dignos salesianos desta casa e aptos para tal trabalho – às 12,00 horas com um discurso do Sr. Bispo e do Sr. Pe. Inspetor, agradecendo, e do Sr. Pe. Félix, encerrou-se a solenidade. Cumpre notar que também o "Jornal do Comércio" passou para a mesma direção [...] (E no final desse ano de 1964, na crônica do mês de dezembro, no dia 15/12/1964, notificou:) A Rádio Educação Rural está mudando para os novos locais, no Colégio D. Bosco – D. Bosco é o Pai de Todos! (E no dia 31/12/1964, escreveu:) Neste fim de ano, um louvor aos salesianos da casa pelo trabalho e sacrifícios do ano findo. Acrescentamos que o Colégio D. Bosco, nesse ano de 1964, alcançou o número extraordinário de 2.000 matrículas, em seus vários cursos. Deo Gratias![4]

Cumpre notificar que, durante as negociações para a passagem da RER e do JC para a Inspetoria salesiana de Mato Grosso, o Pe. Inspetor era o Pe. João Greiner; a partir do dia 14 de março de 1964, foi designado outro inspetor, Pe. Leonardo Jacuzzi, e Pe. Greiner fora nomeado representante da Cáritas e Misereor.

7.2 O governo da Inspetoria de 1964 a 1967

Ao encerrar o seu governo, o Pe. Greiner retornou para a Alemanha, e a Inspetoria passou a ter nova direção pela nomeação do Pe. Leonardo Jacuzzi, proveniente da Inspetoria de S. Paulo. A vida na inspetoria acompanhava um pouco a evolução social e cultural que ocorria no Brasil, na Igreja e na

[4] Crônicas do Colégio D. Bosco, de 1º de janeiro de 1960 a 31 de dezembro de 1964, p. 90b e 100.

própria Congregação. No Brasil, a virada ocorria pela vida política assumida pelos militares e por todo o controle sobre as ideologias de esquerda; vivia-se um tempo fortemente marcado pelo crescimento econômico e pelas expressões da ditadura militar. Na Igreja, a fonte de nova visão ou atualização ocorreu pela consistente e forte leitura da nova cultura do mundo a partir dos principais documentos do Concílio Vaticano II. O papa Paulo VI sucedera ao grande João XXIII, e o confronto da vida na igreja diante dos novos rumos ditados pelos documentos pedia muita atenção e postura de confiança nas grandes mudanças, que ganharam características muito visíveis como a reforma litúrgica e a grande participação dos leigos na organização da Igreja a partir do documento "Lumen Gentium" e outros como a "Gaudium et Spes", que apresentou nova visão da cultura e das ciências antropológicas.

Na inspetoria, a grande perspectiva de mudança convergia para a ação do novo comando; a organização e a estruturação das casas permaneceriam com a vitalidade adquirida dentro de um esquema que possibilitou, por longo tempo, a ação educativa-pastoral a partir dos colégios para internos e externos, como pontos vitais para o trabalho pastoral e de verdadeira evangelização proveniente da força educativa de então que ocorria nos colégios.

Para manter essas casas com grande número de salesianos, que nesse tempo atingiria o número mais alto de sua história, 243 salesianos precisamente, seria necessário manter e dar sempre maior consistência ao trabalho vocacional. Assim, no governo do Pe. Jacuzzi, uma das suas maiores preocupações e atenções foram as casas de formação, em especial os Aspirantados, com a experiência de ter sido o diretor da grande e tradicional casa de formação, do Aspirantado de Lavrinhas, que se mostrava modelar nesse sentido, isto é, de casa de formação para os novos candidatos à vida salesiana. Assim as suas primeiras notificações e intenções de animação foram quanto à casa de Dourados e de Maracaju; para Dourados, queria que se aumentasse a capacidade de acolher internos como futuros aspirantes; para Maracaju, o sonho era bem alto: queria um aspirantado para mais de 150 alunos. Nos primeiros meses de seu governo, já expressava esse interesse na reunião do Conselho Inspetorial e nos entendimentos com o Pe. Constantino, que estabelecia as estratégias para aumentar a área já adquirida e a iniciar a construção desse aspirantado. Para o aspirantado de Coxipó, incentivou ao Pe. Sílvio a construção de uma nova e ampla capela, que teria ao lado uma gruta de Nossa Senhora. Para o Aspirantado de Lucélia, iniciou a pensar em um projeto que possibilitasse a diminuição do tempo de férias na casa dos próprios pais para os aspirantes e, para isso, seria necessário adquirir um local para uma casa de férias. Durante uns dois anos, essa ideia impeliu o inspetor a procurar esse lugar com características especiais. Ele desejava uma casa mais ou menos do estilo das casas salesianas de férias construídas nas

montanhas; assim suas conjecturas passaram por uma região na divisa com Minas, outra nas proximidades de Apucarana no Paraná. Porém, mais tarde, descobriu a região do Taquari, nas proximidades da casa de Alto Araguaia e chegou a adquirir uma região bem no alto de uma vertente da região que margeia as nascentes do rio Araguaia.

A questão das casas de formação tomou-lhe grande parte de suas atenções. Mas a complexidade das obras da inspetoria mostrava-se através de constante e exigente atenção pelas contínuas e importantes posturas de sustentação; em muitas casas as definições eram aguardadas a partir do centro da inspetoria, e nem sempre elas eram assumidas com a perspectiva com que eram esperadas nas comunidades. Se, por um lado, a complexidade das casas crescia pelos novos campos de trabalho assumidos, por outro, iniciava-se a deterioração de outros campos de trabalho, como os internatos que estavam em situação precária em algumas casas, em especial na Prelazia.

Como fator de complexificação da situação, chegou a nova forma de modalidade de condução do governo de uma inspetoria, através de nomeação de encarregados dos diversos setores de atividades pastorais: vocações, escolas, ex-alunos e Cooperadores etc. Dessa forma, surgiram alguns salesianos com essas novas funções e que estavam adidos à casa inspetorial. Por outro lado, pelos relatórios das atas do Conselho Inspetorial, notava-se a forte presença do Regional do Brasil Salesiano; a presença desse regional tornava-se a novidade da estrutura de governo na região. Pe. Pedro Garnero, que fora inspetor em S. Paulo, fazia-se presente através de contínuas orientações por cartas circulares. Ao mesmo tempo, as diversas iniciativas de melhorias nas casas tinham que aguardar a avaliação da inspetoria e do Conselho Superior. Nem sempre fora assim, mas nesse tempo o inspetor instituiu esse processo como passo necessário para as diversas iniciativas.

Outro fator de estudo e, ao mesmo tempo, de muitas sugestões, mas de pouca concretização, foram as organizações das casas de formação para o noviciado, estudantado de filosofia. Desejavam alguns que tudo fosse unificado com a Inspetoria de S. Paulo, o que de fato ocorreu aos poucos. Nossos formandos iriam ao noviciado de Pindamonhangaba e, para o estudo de filosofia, para Lorena. Houve alguma conjectura de forma diferente, ao analisar a possibilidade de se instituir a faculdade de filosofia na Lagoa da Cruz, mas ficou apenas em conjectura.

A complexidade de algumas casas provinha de suas formas de estruturação como colégio ou como aspirantado, o caso de Lucélia e Araçatuba, ou ainda o de Campo Grande, o Colégio D. Bosco que adquirira maior número de diversificações de atuações em sua amplitude de extensão de atividades: faculdades, faculdade de Direito, Museu D. Bosco, Rádio Educação Rural, Jornal do Comércio, Livraria, Paróquia, Colégio para internos e externos e uma co-

munidade para gerenciar todos esses setores. Por outro lado, ali estava também a comunidade inspetorial, que, nesse governo do Pe. Leonardo Jacuzzi, aumentou de número. O próprio inspetor já estava decidido a organizar a comunidade inspetorial de forma independente da comunidade do D. Bosco tanto nos espaços a serem ocupados, como nos locais de vida comunitária: refeitório e capela. A maior parte dos setores exigia posturas diferenciadas e específicas bem como espaços peculiares para cada atividade.

Esse fator da complexidade de uma obra tornou-se crucial em Lucélia devido à disposição de os aspirantes terem salas de aula separadas das aulas dos alunos externos; Pe. Leonardo chegou a projetar uma ala de salas de aulas somente para os alunos externos. Essa mentalidade perdurou por alguns anos e certamente encontrava o amparo em outros aspirantados que eram modelares naquela época, como o de Lavrinhas da inspetoria de S. Paulo e onde o Pe. Inspetor fora diretor anteriormente.

Nesse período de governo do Pe. Leonardo, dois outros fatores despertavam atenção nas casas salesianas: o aumento de professores leigos e a questão da escola mista, para moços e moças. Foram duas tendências que cresceram e tiveram de ser consideradas ao menos quanto a uma perspectiva a ser enfrentada. Assim, a questão sociocultural estaria oferecendo, ao lado de novas atividades e posturas assumidas pelos salesianos nas diversas comunidades, a evidência de novas posturas da sociedade em questão de educação e de convivência. Exemplo típico e determinante disso foi a presença das alunas dos diversos cursos das Faculdades ao lado do Colégio D. Bosco de Campo Grande e de outras faculdades, posteriormente, nas casas da Paulista.

7.2.1 Atitudes e decisões da Inspetoria nesse tempo de 1964 a 1967

As atas do conselho inspetorial registraram todas as iniciativas ou tentativas de soluções para a problemática apresentada pelas casas, pelas presenças salesianas na Prelazia e pela região toda da Inspetoria. As tendências ou preocupações do conjunto de salesianos que estavam ao lado do Pe. Inspetor, ou ainda as iniciativas ou tentativas de decisões a respeito das obras ou das dimensões da vida religiosa salesiana quanto à estruturação e vivência nas comunidades, foram apresentadas e debatidas nessas reuniões. Surgiram as diversas tendências e concepções da estruturação das comunidades nas propostas e nas atitudes do Pe. Inspetor que, diante das tendências sociais pós-conciliares, determinavam novas posturas e atitudes por parte dos salesianos. O conjunto de definições, de tentativas de exposições, principalmente sobre a vivência religiosa dos salesianos mostrou-se abrangente e revelador.

As casas da inspetoria, integradas no concerto histórico da época, apresentavam constantes necessidades de adaptações, posturas de governo e de organização para atender a demandas contínuas conexas ao trabalho educativo-pastoral. Houve muitas tentativas e, principalmente, muitas conjecturas fantásticas que indicavam sonhos e possibilidades fora do ritmo, de até então, da inspetoria, acostumada sempre a enfrentar desde os primeiros tempos de sua existência desafios descomunais com relativa certeza de sucesso expressivo. Jamais a história anterior da inspetoria alimentava um conjunto de propostas fora da possibilidade real e historicamente impossíveis de serem concretizadas. Nesse sentido, elencam-se algumas tentativas e propostas registradas nas atas do Conselho Inspetorial.

- Na reunião de despedida do Pe. Greiner, 14/03/1964 (p. 67), foi apresentado o novo Inspetor, Pe. Leonardo Jacuzzi.
- Na reunião seguinte, sob a direção do novo inspetor, em 18 de março de 1964 (p. 67b), foram indicados os escolhidos para a animação de algumas atividades pastorais e educativas da inspetoria. Foram sugeridos para delegado dos cooperadores o Pe. Tomás Ghirardelli; para encarregado das vocações, o Pe. Urbano; para encarregado dos ex-alunos, oratórios e paróquias o Pe. Ariento Domenici; e o Pe. Félix, como encarregado dos estudos oficiais e eclesiásticos. Para ecônomo inspetorial foi proposto o Pe. Pedro Cometti. Essas sugestões indicaram logo a especificidade do governo do novo Inspetor.
- Na reunião de 07/04/1964 foram apresentadas algumas decisões mais importantes: dar início ao novo oratório no terreno próximo do aeroporto em Campo Grande – a futura obra do Paulo VI. Decidiu que o projeto do aspirantado de Maracaju deveria ser ampliado tendo em vista a capacidade para mais de 100 aspirantes. Da mesma forma, pediu para se ampliar a capacidade da casa de Dourados para maior número de pré-aspirantes. Pediu que intensificasse a divulgação das "companhias" na pastoral do Colégio D. Bosco.
- Na reunião de junho, 01/06/1964 (p. 71) apresentou a questão de que, no Aspirantado de Coxipó, era necessário construir uma nova e ampla capela e uma gruta de Nossa Senhora. Também comunicou que estaria aguardando a Faculdade de Direito e que o Capítulo Geral da Congregação seria em março de 1965. Comunicou a necessidade de se adquirir um trator de esteira para a construção do canal de águas para a hidroelétrica de Meruri.
- Na reunião de 05/07/1964, comunicou que finalmente conseguiram adquirir a última casa que ainda restava para concluir o amplo pátio do Colégio de Araçatuba; da mesma forma, comunicou que em Alto Araguaia estavam construindo os cômodos de mais um pavilhão para acolher os alunos; também pediu sugestões para serem levadas ao capítulo superior.

- Em 07/09/1964, apresentou o projeto de uma casa inspetorial ampla e completa, independente (p. 72b). Apresentou também nessa reunião um projeto ou possibilidade de se adquirir um terreno para casa de férias para os aspirantes de Lucélia, na região de Jupiá.
- Nesses dias também apresentou a possibilidade de se instituir, em Araçatuba, um novo aspirantado valendo-se do prédio velho. Essa era a sua intenção.
- No ano seguinte, em 22/03/1965, foi confirmado como ecônomo inspetorial o Pe. Pedro Cometti e, como vigário inspetorial, o Pe. Félix Zavattaro; eram importantes essas nomeações, pois iria viajar para a Europa para o Capítulo Geral (p. 76b-78).
- Em 21/08/1965 retorna o Pe. Inspetor de Roma do Capítulo Geral. Na p. 84 da reunião do conselho, aparece uma ideia diferente e que depois iria ganhar corpo: que a igreja paroquial do D. Bosco teria que ser em outro lugar, e a paróquia uma outra sede. Também foi comunicado que a Faculdade de Filosofia adquirira a aprovação definitiva. Nesse tempo, houve muitas controvérsias a respeito da veste talar dos sacerdotes e clérigos. No livro de atas p. 84b, estão registradas as orientações a esse respeito.
- Na reunião do conselho inspetorial de 24/10/1965, registrou-se finalmente que fora adquirida uma área de 280 hectares perto do Rio Taquari para que se construísse ali uma casa de férias para os aspirantes (p. 85-85b). Também houve o registro de que, na fazenda do colégio de Alto Araguaia, havia a invasão de garimpeiros nas margens do ribeirão Matadouro [...] Também nessa reunião notificou-se a necessidade de todas as casas pensarem em adquirir a declaração de utilidade pública para as devidas prestações de contas para o governo (p. 87b).
- Na reunião de 18/12/1965 (p. 88b), foi comunicado que fora instituída a Conferência dos Inspetores do Brasil para a animação da presença salesiana no país. O novo diretor de Meruri, Pe. Falco, que substituíra o Pe. Bruno, estaria iniciando nova fase daquela colônia e necessitaria de todo o apoio. Com a instituição da conferência dos Inspetores Salesianos no Brasil, iniciaram as novas propostas para as casas de Formação dos Salesianos; em poucas palavras, essa proposta indicava a centralização do noviciado em Pindamonhangaba, a casa dos estudantes de filosofia em Lorena e, para os estudos de teologia, o Instituto Teológico do Pio XI (p. 91). Nesse tempo, também foi pedido pela congregação um estudo sobre as obras da Inspetoria para uma verdadeira revisão do trabalho salesiano. Nessa reunião, foram assinalados os itens que deveriam reger a avaliação das obras da inspetoria, (p. 91.b) os itens do famoso "Redimensionamento": 1) não abrir novas casas sem pessoal apropriado e os demais meios; 2) valorizar espiritualmente as obras existentes, formando pessoal qualificado; 3) separar

as obras que tornam a casa muito complexa; 4) suprimir as casas ou obras que não correspondem às necessidades conforme o nosso espírito e ao tempo atual; 5) o número dos alunos deve ser tal que seja possível exercer entre eles o nosso apostolado salesiano. Nessa reunião, foram abordados os problemas da complexidade da presença das moças da Faculdade de Filosofia, da Rádio e dos alunos internos do Colégio D. Bosco. Uma sugestão seria levar as Faculdades para a área do Instituto S. José (p. 92).

- Na reunião do conselho inspetorial de 17/12/1965, foram confirmadas as disposições de unificação das casas de formação das várias inspetorias. Iriam enviar os seus formandos para Pinda, Lorena e S. Paulo, Lapa. No dia seguinte, ainda outros problemas foram avaliados conforme as necessidades das casas; mas a inspetoria iria recebendo as modificações de acordo com o passo possível (p. 95).
- No ano seguinte, na reunião de 27 de janeiro de 1966, Pe. Leonardo comunicou ao conselho que o Regional, Pe. Garnero confirmara a centralização das casas de formação (p. 96b)[5]. Assim a inspetoria perdia uma de suas conquistas na formação de seus salesianos.

No dia 08 de março de 1966, a crônica do Colégio D. Bosco, ou casa inspetorial registra um desastre sofrido pelo carro que conduzia o Pe. inspetor para Maracaju:

> O Pe. Inspetor em viagem para Maracaju na perua inspetorial, guiada pelo Pe. Mário Blandino e acompanhado pelo Me. Menon, sofreu grave incidente nas proximidades do "entroncamento" - Pelas 13,00 horas chega na Santa Casa, acompanhado pelo Pe. Blandino com largo corte na cabeça e profundo corte no joelho - Foi atendido pelo Dr. Kubel - Estava em perigo pelo abaixamento da pressão (>0°) e pela perda de sangue - Clérigos e padres da Chácara ofereceram sangue - Pelas 17,00 horas o Pe. Alfredo e o Me. Giacomarra seguem para o Entroncamento para trazer a perua. O Me. Menon chega pelas 20 horas em condução ocasional.
>
> Dia 09 de março: O Pe. Inspetor está em pleno melhoramento, assistido continuamente pelos clérigos da Chácara [...] Pelas 18,00 horas chegam Pe. Alfredo e Me. Giacomarra trazendo a perua, a qual sofreu algo na lanterna, mas funciona...[6]

As sequelas desse desastre mostraram-se duradouras e limitaram a atuação do Pe. Inspetor; permaneceria ainda no governo da inspetoria até completar os três primeiros anos de seu mandato.

- Na reunião do conselho inspetorial do dia 2 de abril de 1966, o próprio Pe.

[5] Atas do Conselho Inspetorial da Inspetoria de Mato Grosso e Oeste de S. Paulo, de 05/12/1955 a 27/01/1966, p. 66-97.

[6] Livro de Crônica da Casa do Colégio D. Bosco - 1965-1969, p. 4b-5.

Secretário, Pe. Blandino, deixou escrito que o Pe. Inspetor, depois de ter passado por grave acidente com várias semanas de convalescença, já podia assumir a direção da reunião; tratou-se da apresentação de uma circular do Ecônomo da Congregação que detalhava a obrigação de todas as casas a se colocarem em ordem jurídica e administrativa perante os órgãos do governo; tudo deveria estar de acordo com a legislação vigente[7].

Na reunião seguinte – 26 de abril de 1966 (p. 3-5) – estava presente o Regional da Congregação, Pe. Garnero; além de recordar as normas relacionadas no volume dos documentos do Capítulo Geral XIX, insistiu muito sobre a necessidade de um "redimensionamento" convincente sobre todas as obras da inspetoria. Repassou com os conselheiros as principais obras da inspetoria acentuando os detalhes a serem modificados ou novas posturas a serem assumidas. Essas questões foram abordadas na reunião de maio, 14 de maio de 1966, de modo especial o conselho tratou de uma proposta sobre a possibilidade de se transferir ou não as faculdades do D. Bosco para as dependências do Oratório S. José (p. 5).

- Na reunião do Conselho Inspetorial de 21 de junho de 1966, ocorreu a aprovação do projeto de construções do Pe. Ernesto Sacksida sobre as Escolas Profissionais D. Bosco. A planta e respectivo orçamento foram examinados e aprovados devido também à aprovação dos Superiores de Roma; será uma obra para atender aos jovens pobres da cidade. A obra será custeada por doações de benfeitores e de doações provenientes da Europa (p. 6b).
- Na reunião do Conselho Inspetorial de 4 de novembro de 1966, o Revmo. Pe. Inspetor deixou registrado que o Pe. Ernesto recebera do Governo Estadual, Dr. Pedro Pedrossian, auxílios respeitáveis para levar avante o projeto da Cidade D. Bosco. Após visita e análise sobre as casas da Prelazia, concluiu que, em Araguaiana, o colégio com 104 internos e 60 internos continua a ser uma referência para a região. É um dos limites da Prelazia e necessita ser revalorizada pelo seu trabalho de atendimento pastoral também (p. 10). Na terceira etapa dessa reunião, foi assinalado que dos estudantes de filosofia da Lagoa da Cruz, no ano seguinte, em 1967, somente permaneceriam lá os estudantes do 3º ano; os outros seriam enviados para iniciar e prosseguir a etapa dos estudos filosóficos em Lorena, SP (p. 11b) Na etapa seguinte dessa reunião, ainda foi abordada a questão das faculdades; foram apresentadas duas hipóteses. A primeira mostrava a insistência de serem transferidas para a casa do Oratório S. José, e a outra mostrava uma iniciativa de se ampliar os ambientes para a faculdade de Direito. Não foi aceito porque o diretor da Faculdade de Direito, Pe. Pedro Ferreira,

[7] Atas do Conselho Inspetorial – Inspetoria de Mato Grosso, de 1966 a 1973, p. 2. As próximas citações serão de acordo com a numeração desse novo volume.

afirmou que as reformas seriam insuficientes devido ao número de alunos dessa faculdade (p. 13).

- Na última reunião do Conselho Inspetorial sob o governo do Pe. Leonardo Jacuzzi, em 3 de março de 1967, dois assuntos foram importantes. Havia a notícia de que de 12 a 15 de maio desse ano estaria aqui no Brasil o Reitor-Mor Pe. Luiz Ricceri; nesses dias, haveria reuniões e estudos sobre os Estudantados de Teologia em que estariam os representantes das inspetorias do Paraguai, Uruguai e da Argentina. Outro comunicado importante seria a ida para o Estudantado de Teologia da Lapa do Revmo. Sr. Pe. Antônio Secundino de Castro, como representante da inspetoria de Mato Grosso junto aos professores e superiores desse Estudantado; participaria então da comunidade formadora da casa dos estudantes de Teologia (p. 15, 15b). Esta foi a última reunião do conselho inspetorial presidida pelo Pe. Leonardo Jacuzzi, pois, no mês seguinte, ele veria o seu pedido de exoneração do cargo ser atendido devido às consequências do desastre sofrido em março de 1966.

Pela sequência desse relatório das decisões mais importantes de seu período de governo, pode-se concluir que esse inspetor tentou transferir sua experiência de formador na Inspetoria de S. Paulo para a organização das casas de formação daqui, acentuadamente aplicar aos aspirantados dessa inspetoria a matriz do Aspirantado de Lavrinhas.

De modo especial, Pe. Leonardo tornara-se um bom animador das casas salesianas através de grupos de alunos denominados de "Companhias"; estas eram grupos típicos que se empenhavam conforme as acentuações de cada uma. Ao chegar à Inspetoria insistiu para que todas as casas instituíssem as companhias e, do centro inspetorial desde 1964 até 1967, editou uma espécie de Folhetim intitulado "Crescer", como órgão oficial de comunicação dos grupos das companhias nas casas. Esse Folhetim circulou de seis a oito edições durante os três anos de seu governo. Somente nos três últimos números que esse órgão de ação de Pastoral Juvenil adquiriu um pouco mais de expressividade. Serviu para documentar uma época e uma atividade entre outras das casas salesianas da Inspetoria.

Depois, pode-se afirmar que, não tendo conhecimento nem vivência histórica das casas ou das atividades mais complexas dessa inspetoria, deixou-se levar por tantas e tantas conjecturas de possíveis soluções a ponto de se tornarem repetitivas, mas não se concretizavam, ou não ganhavam posturas de soluções ou de modificações convincentes. Por fim, o desastre na viagem para Maracaju ocasionou-lhe uma deterioração gradual da saúde limitando-lhe a possibilidade de viajar e de estar presente nas diversas comunidades, em especial nas mais distantes. Com convicção de sua real situação, pediu para deixar o cargo e imediatamente foi atendido.

7.3 O trabalho dos salesianos nas paróquias

A finalidade primeira e principal da vinda dos salesianos para o Mato Grosso foi sem dúvida a atividade missionária entre os povos indígenas. Porém, logo na chegada, para ponto de referência e apoio, o próprio D. Lasagna aceitou como obra primeira a Paróquia de S. Gonçalo. Em seguida surgiu o Oratório paralelo à atividade paroquial; ao mesmo tempo em que os salesianos se dirigiam para a Colônia Teresa Cristina, ao lado da paróquia, do oratório festivo, iniciaram as atividades na escola. Havia surgido o Liceu de Artes e Ofícios do S. Gonçalo, nas dependências da paróquia, para depois emigrar e abrir um espaço exclusivo para a escola e para o Oratório. Assim foi o início que perdurou o tempo todo onde se encontravam os salesianos. O atendimento pastoral pedido pelos bispos sempre foi uma constante na atividade da inspetoria. Em primeiro lugar para a diocese única e, depois, as dioceses de Cuiabá e Corumbá, bem como para a Prelazia de Guiratinga, desde 1914.

A segunda área de atuação dos salesianos foi Corumbá; nessa cidade os salesianos, depois de algum tempo, tornaram-se também os únicos sacerdotes de que a diocese dispunha para o atendimento pastoral. Imaginem o atendimento na área sul do Estado de Mato Grosso todo, desde Ponta Porã, Bela Vista, Nioaque, Miranda e Aquidauana, até nos meados de 1940 foram todos atendidos pelos salesianos. Em nome da Prelazia, as regiões do Rio S. Lourenço, do Rio Vermelho e do Rio Coxim sempre foram regiões atendidas pelos salesianos em contínuas viagens de "desobrigas".

Na região da Prelazia, distinguem-se duas regiões, a do norte, atendida pelas constantes viagens dos missionários pelas margens do Araguaia até a Ilha do Bananal e a região das nascentes do Rio Araguaia e da região do Garimpo no Alcantilado; e, na região do Garças, aí os salesianos atenderam sempre, desde a pequena Araguaiana, a Pedra Preta, os garimpos da região, Taquari mais ao norte e Alto Garças, sem deixar de lado a região mais próxima de Rondonópolis, como Mutum e outros pequenos povoados. Nesse tempo, o atendimento pastoral acompanhava o progresso da região; em geral todos eram atendidos, quer nos pequenos povoados, quer nas regiões dos garimpos, quer nas fazendas. Ao lado do Prelado, alguns salesianos viviam em constante desobrigas para atender a todos.

Com o tempo, outras Congregações religiosas e mesmo alguns poucos sacerdotes seculares possibilitaram a saída dos salesianos dessas atividades pastorais; porém, mesmo nas cidades, o atendimento pastoral dos sacerdotes salesianos foi sempre muito expressivo. Esse trabalho foi tão importante para a construção da Igreja em Mato Grosso que o Pe. Corazza, ao discorrer sobre a atividade pastoral de atendimento às paróquias e à população do Estado, escreveu:

Embora o "movente" da vinda dos Salesianos para Mato Grosso tenha sido a catequese de "inúmeras tribos selvagens percorrendo, em todas as direções, a parte mais interna da América", a base inicial de sua atividade foi a paróquia. À chegada em Cuiabá, os salesianos foram empossados na "imperial igreja de S. Gonçalo de Dom Pedro II", no distrito do Porto. Isto era explicável pela grande penúria de sacerdotes, de que sofria a diocese, única em todo o estado. Talvez houvesse no estado pouco mais de uma dúzia de padres, a maioria impossibilitada de atender ao ministério pela idade ou por doença. Vendo a disponibilidade dos padres salesianos, D. Carlos, recorria frequentemente a eles para atenderem não só às igrejas da cidade, mas para percorrerem o território da diocese, que ele já não podia visitar pelo adiantado da idade. Assim vemos o Pe. Solari percorrer o sul e o Pe. Bálzola a região de Coxim. Em Corumbá, onde se estabelecem no fim do século passado (séc. XIX), assumem após a retirada do Pe. Constantino Tárzio para Cáceres, o atendimento à paróquia local e a de Ladário. Sua ação se estende depois para o sul, visitando Miranda, Aquidauana, Nioac e Porto Murtinho.

Em 1924, é a vez de Campo Grande e de Três Lagoas. Campo Grande, pela sua posição, torna-se o centro de constantes viagens a Rio Verde, cuja paróquia tem por titular Nossa Senhora Auxiliadora, a Coxim e no oeste, Ponta Porã. De Três Lagoas vão até à longínqua paróquia de Sant'Ana do Paranaíba, uma das mais antigas do Estado. Em 1925, Pe. José Giardelli fixa-se em Ponta Porã indo a Maracaju e Porto Murtinho. Todo o sul do Estado é percorrido pelos mensageiros do Evangelho, sem desfalecer pelo cansaço, pelas dificuldades ou intempéries.

Em 1930, a pedido de D. Lustosa, chegam ao Estado os Padres Redentoristas, compartilhando com os salesianos as canseiras pelo reino de Deus, estabelecendo-se antes em Miranda e Aquidauana, em 1939 em Campo Grande, assumindo a paróquia de Santo Antônio e, em 1943, a de Ponta Porã. Aos salesianos é confiada a paróquia de S. João Bosco, com sede na capela do Colégio Dom Bosco; em 1949, a de São José, elevada à catedral provisória, pela criação da diocese e, em 1971, a de Nossa Senhora Auxiliadora. Cedendo paróquias centrais, como a catedral de Corumbá e de Cuiabá, os salesianos assumem paróquias periféricas para melhor atender à classe popular.

O progresso do estado e a vinda de numerosos migrantes reclamam a presença de mais operários na seara do Senhor. Novas ordens e congregações se instalam na região. São os Padres Franciscanos vindos da Alemanha, os Padres Palotinos e os Padres Capuchinhos vindos do Rio Grande do Sul, além dos Padres Diocesanos.

A Missão Salesiana continua desenvolvendo sua tríplice ação missionária: escolas, paróquias e missões. Tendo-se expandido para o Oeste de S. Paulo, além do ensino, administra as paróquias de Lins e Araçatuba, tendo cedido ao clero diocesano as de Tupã em 1975 e de Lucélia em 1985. (CORAZZA, 1995, p. 155-159).

Em tempos posteriores, o trabalho dos salesianos no atendimento paroquial adquiriu facetas significativas relativas ao atendimento da população

das cidades e das áreas mais distantes. Significativamente, por exemplo, na cidade de Corumbá e Ladário, por várias décadas, somente existiam padres salesianos para esse atendimento; havia o pároco da catedral, que era salesiano e pároco de Ladário também. Todas as capelas e atendimentos paroquiais da cidade e de toda a região eram realizados pelos salesianos; depois de 1968, surgiu também a paróquia D. Bosco na saída para a Bolívia.

Convém registrar agora o exemplo da comunidade de Corumbá, numa segunda etapa de atendimento, depois de estabelecidas as novas congregações, para evidenciar como os salesianos atendiam; todas as capelas e igrejas construídas nas regiões dos morros da cidade, todas foram edificadas pelos salesianos. Convém realçar as três capelas artísticas construídas pelo Pe. Paulo Mohr, sendo uma no bairro do aeroporto, outra acima da linha férrea, e a terceira, na distante comunidade do assentamento do Urucum. Além disso, vale lembrar que foram os salesianos que construíram as outras igrejas de Corumbá: S. Pedro, no bairro próximo ao rio; S. José, próxima à linha férrea; e a igreja do Sagrado Coração, próxima da Santa Casa. Além disso, os salesianos atendiam outras solicitações em Ladário, no atendimento das populações ribeirinhas e na extensa área do Pantanal.

De modo semelhante, pode-se considerar o imenso trabalho de atendimento pastoral na capital do Estado; lá os salesianos assumiram outras paróquias, Coxipó e outra na cidade de Várzea Grande, próxima à área do seminário. Depois os salesianos passaram a assumir a paróquia da catedral; durante a demolição da antiga catedral e a edificação da atual, foi preponderante o trabalho do Pe. Firmo Pe. Duarte. Mais recentemente, os salesianos assumiram outras paróquias nos bairros da Boa Esperança e nas proximidades da margem do Rio Cuiabá. Ao lado de cada paróquia, devem-se somar tantas e tantas capelas assumidas regularmente pelos sacerdotes que trabalhavam no Coxipó, no Colégio S. Gonçalo e no Seminário Diocesano. Inúmeras comunidades ao redor das capelas foram atendidas pelos sacerdotes salesianos por muitos e muitos anos.

Quanto ao trabalho pastoral na Prelazia, o processo de atendimento pastoral repetia-se com suas peculiaridades, pois as distâncias e as pequenas povoações eram precárias em termos de estradas. Por muitos anos, os sacerdotes salesianos viajavam para o atendimento pastoral, como os bispos também, a cavalo. Viagens que duravam semanas e meses. O último sacerdote a realizar as desobrigas a cavalo na Prelazia, na região do Araguaia, foi o Pe. Pio Maestro que deixou esse tipo de viagem somente em 1957. Havia estradas e foram criadas as paróquias com sacerdotes salesianos em Torixoréu, Pedra Preta, Mutum, Alto Garças, Poxoréu. Dessas pequenas cidades, eles atendiam outros pequenos povoados pelo imenso território da Prelazia. Ao norte, existia a paróquia de Araguaiana, de Barra do Garças e havia também

as duas sedes das missões, de onde também partiam salesianos para atender os pequenos povoados mais próximos. Ao lado desses postos avançados, existiram as novas paróquias da Barra do Garças, Nova Xavantina. Por fim existia o atendimento pastoral dos sacerdotes salesianos que viajavam pelo Rio Araguaia para o atendimento da população ribeirinha, tanto de civilizados como de aldeias indígenas.

Esse trabalho nas paróquias também foi o início da presença salesiana em Três Lagoas; da paróquia central era organizado o atendimento das outras capelas, tanto da cidade como das regiões rurais. A partir dessa cidade, houve tempos em que os salesianos também tiveram que suprir o atendimento pastoral até nas proximidades da cidade de Sant'Ana do Paranaíba. A região compreendida entre Três Lagoas e Campo Grande, mais precisamente as duas pequenas cidades de Água Clara e Ribas do Rio Pardo foram atendidas pelos sacerdotes salesianos por décadas seguidas.

Ao considerar a região de Campo Grande, convém recordar que existia uma época anterior em que a diocese era Corumbá e de lá é que surgia a organização do atendimento pastoral de toda a região sul do Estado. Até 1932, os salesianos estiveram nesse território para atender a população que, mesmo sendo menos numerosa, teve no trabalho dos sacerdotes salesianos um atendimento normal; vale realçar que desde Ponta Porã a Bela Vista, de Nioaque a Jardim, essas regiões até ao final da década de 1930, foram atendidas pelos salesianos.

Depois da criação da diocese de Campo Grande, 1958, os salesianos continuaram seu trabalho pastoral com a mesma disponibilidade e regularidade. Mais recentemente, isto é, depois que o território tinha sido delimitado pelas diversas paróquias, as referências para o atendimento pastoral dos salesianos foram as três áreas das seguintes paróquias: S. José, D. Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora, nas proximidades do aeroporto. Ao redor desses três centros, surgiram imensas áreas da cidade que crescia e encontrava amparo pastoral nos sacerdotes salesianos; por exemplo, várias capelas surgidas nos bairros às margens do córrego Segredo hoje são paróquias e foram construídas pela assistência dos sacerdotes. Exemplo típico foram as igrejas construídas pelo Pe. Luigi Fávero, no bairro da Nova Lima, onde ele atendia a população de baixa renda nos finais de semana.

O crescimento maior da presença salesiana ocorreu nos bairros próximos ao aeroporto. Várias comunidades eram atendidas pelos salesianos que se fixaram na obra denominada de Paulo VI; surgiram igrejas além do aeroporto que se tornaram independentes como paróquias. Mas a imensa área que se estendia do bairro Santo Antônio até as proximidades do DETRAN, que foi sendo povoada e organizada em diversos bairros depois do cemitério e dos quartéis, era atendida pelos estudantes de filosofia e pela paróquia do

Paulo VI, a paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora, com numerosas comunidades. Durante o trabalho do Pe. Mário Pansiera, essa imensa área de vários bairros e de vários novos loteamentos recebeu da dedicação desse pároco um atendimento especial e de uma grandiosidade inusitada; ele erigia as comunidades e construía uma igreja significativamente bela e apropriada. Assim ele, nesse tempo, construiu mais de 17 igrejas nessa região. Fato grandioso quanto à expressividade do trabalho pastoral dos sacerdotes salesianos.

A título de exemplo e de sugestão da qualidade e das possibilidades de uma comunidade salesiana daquele período, seria bom verificar, por exemplo o que a crônica da comunidade do Colégio D. Bosco registrou no final de março de 1967, como foi a estruturação da comunidade naquele ano:

> Pessoal da casa do D. Bosco em 31 de março de 1967. Pe. Walter Bocchi, diretor; Pe. Adolfo Sanchez, ecônomo; Pe. Tomás Ghirardelli, vigário; Pe. Bruno Boaventura, catequista; Pe. Geraldo Bimmerman, conselheiro; Pe. Carlos Del Torchio, Conselheiro do Noturno e vigário do Cruzeiro; Pe. Félix Zavattaro, diretor do Jornal do Comércio; Pe. Ângelo Venturelli, diretor da Rádio Educação Rural e diretor da Faculdade de Filosofia; Pe. Mário Blandino, confessor e secretário inspetorial; Pe. César Albisetti, confessor; Pe. Francisco Mahr, confessor e capelão do Colégio de Nossa Senhora Auxiliadora; Pe. João Righetti, confessor e vigário do Paulo VI; Sr. Stanilau Pannatier (leigo) secretário; Sr. Paulo Pires (leigo), livreiro; Sr. Pedro (leigo) sacristão; Clego. Arlindo assistente dos maiores e Clgo. Arnaldo Kaneko assistente dos menores.[8]

Dos dezoito salesianos, treze eram sacerdotes que se dedicavam a várias atividades, mas a maioria desses sacerdotes, no sábado e domingo sempre atendiam as capelas ou igrejas distantes da paróquia. Era uma grande variedade e enorme possibilidade de atendimentos dessas comunidades mais distantes; normalmente os sacerdotes salesianos primavam por esse trabalho típico do final de semana de cunho pastoral, diferente de seu trabalho diário com os alunos.

Esse relato, de forma sucinta e sem detalhes de datas e números, expressa a dedicação dos salesianos na construção da Igreja na região; por outro lado, a maior contribuição para essa edificação da Igreja como tal sempre foi a postura dos salesianos no exercício pedagógico, na ação educativa e cultural. Porém, ao lado da dedicação ao trabalho pedagógico e educativo, jamais os salesianos se furtaram ou se negaram em se dedicar ao trabalho tipicamente pastoral de atendimento das diversas comunidades.

Houve também outras maneiras em que os salesianos se destacaram no trabalho pastoral; alguns salesianos, com o Pe. Guerci, Pe. Eduardo

[8] Crônica da Casa, Colégio D. Bosco, Campo Grande, MS - 1965-1969, p. 25b-26.

Ambrósio, Pe. Jair Ribeiro e outros tinham programas diários de rádio. Eram ouvidos com muito agrado por muitas e muitas pessoas. Haviam desenvolvido esses dons de comunicação para evangelizar e orientar no caminho da santidade. Em outras regiões do norte do Estado, vários salesianos também se valiam dos programas de rádio para manter os fiéis atentos e bem orientados. Houve um setor que foi muito bem assumido pelos salesianos de Campo Grande, em especial. Havia na TV local, um programa diário de mais ou menos dez minutos de apresentação de mensagens, nomeado "Momentos de Paz". Durante vários anos, os salesianos das Faculdades, em especial o Pe. Luigi Fávero, Pe. José Scampini, Pe. Ângelo Adolfo Sanchez, Pe. José Marinoni, Pe. Arlindo Pereira de Lima e outros comandaram esse programa com mensagens de ânimo e de paz para tantos telespectadores do Estado. De forma semelhante também, esses sacerdotes, aos domingos, celebravam na sede da TV Morena, com transmissão direta, nas manhãs dos domingos.

As escolas salesianas, de modo especial em Campo Grande, sempre participaram dos eventos em comemorações cívicas e patrióticas; com igual entusiasmo, os salesianos organizaram as procissões religiosas e outras atividades em prol das celebrações litúrgicas. Em especial não se pode deixar de lado que foram os salesianos do Colégio D. Bosco que propuseram a substituição da Procissão no dia de "Corpus Christi" para celebrações especiais, com coreografias preparadas pelos alunos ou grupos de jovens, para a manifestação de louvor ao Senhor no Estádio Pedro Pedrossian. Essa celebração toda envolvida em coreografias com mais de 500 ou 1000 jovens passou para a história como "Torcida de Deus". Mais tarde essa realização foi assumida pela diocese e, por fim, houve o retorno às procissões normais na celebração da festa do "Corpo de Cristo".

Por fim, a atividade dos salesianos com os jovens proporcionou à igreja de Mato Grosso uma atitude de profunda anuência entre os jovens; foi o período dos "encontros de jovens" ou do movimento da juventude. Esse modelo de trabalho surgira em 1968/1969 e foi instalado também aqui pelo Movimento de Juventude, organizado pelo Pe. Moacir Queiroz e assumido por outros salesianos que espalharam esse movimento em todas as cidades do Estado. Para que esse movimento florescesse, foi decisiva a presença da casa de Retiros da Lagoa da Cruz, a casa de retiro do Colégio Santa Teresa de Corumbá, e a casa de Coxipó para os encontros em Cuiabá. Mais tarde, esse movimento também esteve presente na cidade da Barra do Garças.

Ao lado do Pe. Moacir, estavam outros padres que cuidavam desse movimento, quer nos colégios, quer nas faculdades. Estiveram presentes e dinamizaram o movimento de jovens, Pe. Osvaldo Scotti, Pe. Arlindo, Pe. Morales e, sobretudo, o Pe. Sebastião Teixeira levou o movimento para Cuiabá e para Barra do Garças. Estes realizavam encontros de jovens em Campo Grande

– algumas vezes até com a presença do Pe. Zezinho, quando bem jovem –, em Cuiabá e em Corumbá. A juventude estava unida e se dispunha ao engajamento no trabalho pastoral nas diversas dioceses. Esses salesianos lideraram os movimentos jovens por vários anos.

Ao lado desse movimento de jovens, surgiu outra atividade correlacionada ao movimento de cursilhos de cristandade, com uma aptidão pastoral tipicamente salesiana: os DDA (Dia da Amizade ou Dia de formação para os jovens!). Esse movimento auxiliou muito a concretização da Pastoral Juvenil nos colégios e nos grupos de jovens. O autor desse processo de pastoral para os jovens foi o Pe. Pedro Alves Ferreira, que, sendo diretor da Faculdade de Direito, o iniciou aqui em Campo Grande, posteriormente levou-o para as diversas cidades onde existiam os colégios ou paróquias salesianas. Levou-o para Maracaju e o instalou em definitivo em Indápolis. Nesse tempo, cuidava também dos adultos e através do Cursilho também forjou outro movimento para os casais "Encontro de Casais"; o sul do estado beneficiou-se muito dessa atividade. Quem participasse do Encontro deveria depois frequentar a "Escolinha" – verdadeiro curso de teologia ou de história da Igreja, que ocorria nas noites de segunda feira. Era um curso de aprofundamento da doutrina e da história da Igreja; 90% desse trabalho era exercido pelo Pe. Pedro Alves Ferreira e sempre foi muito reconhecido por sua capacidade de dedicação e de trabalho pastoral apropriado para os casais e jovens. Esse tempo de trabalho especializado em pastoral dos casais do Pe. Pedro foi especial e de uma receptividade fora do comum, devido à sua capacidade de liderança e do poder de sua expressividade em propor e falar. Sabia atrair e convencer os casais para uma vida engajada na igreja. Trabalho pastoral convincente e muito superior a tantas outras tentativas de linhas de uma pastoral tendente para o engajamento político mais que o serviço à Igreja. Em alguns lugares da inspetoria, a pastoral acompanhou uma espécie de politização das atividades da Igreja, mas não perdurou, principalmente devido ao desengajamento dos salesianos que promoviam esse tipo de pastoral, acabaram levados pela opção matrimonial e deixaram a congregação.

7.4 A inspetoria no governo do Pe. Pedro Cometti – 1967 a 1969

Com a renúncia aceita pelos superiores de Turim solicitada pelo Pe. Inspetor, Pe. Leonardo Jacuzzi, houve a nomeação de seu sucessor na pessoa do Pe. Pedro Cometti que estava ao lado do Pe. Jacuzzi na função de ecônomo inspetorial. Pe. Pedro Cometti era um daqueles salesianos que vieram como aspirantes ainda no tempo do Pe. Ernesto Carletti, como missionários; fizera o noviciado e seus estudos de filosofia no antigo Seminário da Conceição de Cuiabá, ao lado da sempre agradável presença de D. Francisco de Aquino

Corrêa. Conhecia, pois, as obras e o ritmo de trabalho da inspetoria desde muitos anos, isto é, desde 1932.

Assumiu o comando da inspetoria em uma época muito singular devido à força das múltiplas mudanças da época, quer no setor educativo, quer na maneira de se posicionar da Igreja pós-conciliar. Assim não foi diferente o tempo que teve pela frente no comando da Inspetoria. Nesse período, tornava-se visível a insistente presença dos Superiores Maiores ou do Capítulo Superior através da presença e orientações do Delegado Regional ou representante do Capítulo Superior. Essa dimensão de governo tornara-se mais insistente e presente para comandar as linhas gerais da congregação a respeito das posturas e posicionamento das inspetorias e respectivas casas, ou comunidades, quanto às novas orientações que surgiram dos documentos do ConcílioVaticano II e dos Capítulos Gerais da própria congregação. Essa insistência se tornou mais atuante devida à presença do Regional Pe. Pedro Garnero, argentino e conhecedor da situação da congregação na América Latina. A nova linguagem a ser utilizada como ponto referencial para as decisões de governo da inspetoria e na vida de cada comunidade era caracterizada pela expressão de adaptação aos novos parâmetros socioculturais, como caminho de adaptação do trabalho pastoral das comunidades, conforme as linhas do carisma salesiano, resumia-se na expressão: "necessidade de um Redimensionamento das obras!".

Em visita à inspetoria no mês de maio, Pe. Garnero, no Capítulo Inspetorial recomendou que se estudasse e se fizesse um "Redimensionamento" das obras mais complexas. Essa recomendação passava pelas casas da inspetoria, mas particularmente sua insistência se referia à casa do Colégio D. Bosco para que se organizasse a saída das Faculdades para outro lugar; até houve a sugestão de que fossem transferidas para a casa do Oratório de S. José. Uma das sugestões para essa questão também surgiu nesse tempo com a possibilidade de construir um prédio no final do terreno do Colégio D. Bosco, com vários andares e com a saída para rua 13 de Maio. Essa foi uma das possibilidades mais visíveis e de acordo com os salesianos do Conselho da Inspetoria.

Em junho entrou em pauta na reunião a questão do "redimensionamento" sobre a questão dos aspirantados da região de S. Paulo; prosseguiu a questão e surgiram várias possibilidades. Entre elas, a de se levar os aspirantes para o Colégio de Araçatuba, o qual funcionaria como aspirantado e com alunos externos. Ao passo que em Coxipó, ao lado do aspirantado, talvez também fosse interessante abrir a possibilidade de um externato. Essa questão tomou grande espaço nas análises da campanha vocacional; foram apresentadas questões concretas sobre a falta de perseverança dos aspirantes quando chegavam ao estágio do estudo da filosofia. Por fim, na reunião de julho de 1967, parece que surgiu uma orientação para a inspetoria:

> Os conselheiros confirmaram à unanimidade sua convicção de que, nestes três últimos anos, com a ilusão de facilmente aumentar as vocações, foram quase enchidas as três casas de Coxipó, Araçatuba e Lucélia, catando-se apressada e quase forçadamente em certos casos, uns quatrocentos meninos, os mais do curso primário, os quais já no primeiro ano de internato deviam ser eliminados mais da metade, sem haver possibilidade de escolha e de verdadeira formação, e com sacrifício pecuniário exagerado, não compensado pelos resultados.
> Por outro lado, nestes dois últimos anos, com a saída dos noviços e filósofos da Casa S. Vicente, Campo Grande, se juntaram de vinte a trinta aspirantes das classes 4ª,5ª e 6ª séries do ginásio, em ambiente apropriado para Aspirantado, o qual no ano próximo poderá ter capacidade para uns 60 alunos. Dessa maneira será mais que suficiente ter pré-aspirantados em Lucélia para o Estado de S. Paulo, com a capacidade para uns 120 e em Coxipó, Mato Grosso, com cerca de uns cem lugares para o preparatório e ginásio inferior, nos quais um pessoal melhor escolhido e mais completo poderá orientar e escolher os elementos prometedores que se enviariam para o Aspirantado de Campo Grande; e poder-se-á agradecer a Deus se pudermos ter cada ano dez ou doze noviços. Todos os conselheiros se declararam de acordo que, com a distribuição acima, a casa de Araçatuba pode funcionar como colégio, proporcionando à Inspetoria algum auxílio para manter as casas de formação, as quais são de grave peso.[9]

Esse texto indica várias dimensões da questão em pauta. Uma delas a falta de critérios para a escolha ou seleção dos candidatos à vida religiosa. Outro indica uma crítica forte e velada ao governo inspetorial anterior, que colocou suas acentuações no aumento considerável de vocacionados. Basta lembrar as determinações para as futuras casas de vocacionados que não se concretizaram: Dourados e Maracaju. Além disso, o texto indica alguma das possibilidades quanto ao futuro no trabalho com os vocacionados; um dos conselheiros era o diretor do então Aspirantado da Chácara S. Vicente de Campo Grande, Pe. João Zerbini. Nessa mesma reunião, os conselheiros assinalaram a necessidade de se criar uma comissão de reestruturação de algumas regiões da inspetoria tais como: Maracaju, Dourados e diversas casas da Prelazia.

Na reunião do conselho de 17 de agosto de 1967, convocada por ordem do Pe. Inspetor, que estava em visita nas missões, incumbiu ao Pe. Félix apresentar a necessidade de encaminhar o processo de uma nova faculdade ou novo curso, o de Ciências Naturais e Matemáticas; a aprovação dos conselheiros foi unânime. Também nessa reunião foi comunicada a escolha do Pe. Miguel Alagna, diretor da casa de Corumbá, como bispo Prelado do Rio

[9] Atas do Conselho Inspetorial – 1966 a 1973. Campo Grande, 20 de julho de 1967, p. 21-21b.

Negro, AM; também ficou estabelecido que ele seria sagrado em Corumbá, no dia 24 de agosto desse ano, pelo Exmo. Núncio Apostólico, D. Baggio.

Na reunião de 7 de novembro de 1967, surgiram alguns assuntos muito interessantes quanto à nova linguagem e perspectivas; por exemplo, ao falar da relação com os índios e o governo, aparece a presença da CNBB como órgão da Igreja e que deverá ser muito importante no diálogo com o governo. Outro assunto que demonstra a mudança rápida das condições dos tempos novos em que a cultura se modifica, surgiu nessa reunião a questão da "propaganda" dos colégios:

> Propaganda – com a concorrência dos ginásios estaduais, 'semeiados' por toda parte e dos outros institutos particulares, devemos adotar uma boa propaganda, adotando primeiramente todos os melhoramentos didáticos e esportivos convenientes e depois fazendo a necessária publicidade. O Sr. Pe. Inspetor recomenda aos colégios mais desenvolvidos que usem largos meios de publicidade com folhetos, cartões, estatísticas para não diminuir a população dos nossos estabelecimentos. Lins e Araçatuba – Parece que nestas duas casas os Cursos Técnicos noturnos teriam uma vida e movimento, aceitando-se também as moças, ao menos irmãs ou primas dos alunos, os quais as acompanhariam facilitando-lhes a freqüência das aulas noturnas. Com as devidas medidas de prudência, o Conselho não é contrário a essa experiência.[10]

O conselho, nessa reunião, introduziu dois itens que, daí em diante, deveriam fazer parte das presenças salesianas ou da organização e planejamento das casas: a presença do elemento feminino que no mínimo traria novas necessidades, como reformas para as acolher dignamente, e o uso da propaganda. Dois novos traços da cultura estudantil e que deveriam integrar o conjunto das escolas da Inspetoria. Já em dezembro, na reunião do conselho, houve a notificação de que o curso colegial do Colégio de Corumbá, Santa Teresa, já era misto, com moças e rapazes.

Para finalizar o ano, na última reunião do conselho, foi notificada a ida do Pe. Antônio Secundino de Castro para ser professor no Instituto Teológico Pio XI, na Lapa, SP. Iria para lá no início de 1968. Nessa mesma reunião, ainda se retornou a um assunto que fora carregado de polêmicas, mas que nada mais traria de novidade: uso do hábito talar para os sacerdotes ou para os seminaristas, ficando tudo restrito às normas da sagrada liturgia.

Nos dois anos seguintes em que o Pe. Pedro Cometti esteve no governo da Inspetoria, vários assuntos foram tratados e assumidos pelos conselheiros em relação às casas e às posturas diante das novas modalidades de ação que a cultura, que mudava rapidamente, passou a exigir dos salesianos.

[10] Atas do Conselho Inspetorial – 1966 a 1973, Campo Grande, 20 jul. 1967, p. 23.

Em Campo Grande, houve uma nova frente de trabalho com a instituição do Oratório do Paulo VI, nas proximidades do aeroporto. Na reunião de 07/01/1968, foi apresentada a planta de um Santuário a ser construído no local para comemorar o centenário da Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora de Turim. A planta elaborada por um ex-aluno de S. Paulo foi aprovada. Esse Santuário deveria ser construído com a colaboração de todas as casas (p. 28). Em maio desse ano, o conselho voltou a tratar do assunto, mas novos projetos também deviam ser incluídos com várias construções; mas não houve resolução sobre o assunto. Notificou-se que o Pe. João Righetti trabalhava muito, mas não poderia arcar com tudo sozinho. Em novembro de 1968, estando presente o regional Pe. Garnero, diante da solicitação do Sr. Bispo para que os salesianos aceitassem uma nova paróquia no Oratório do Paulo VI, devido à falta de pessoal, a resposta não foi positiva.

Registrou-se, ainda, que os salesianos do Colégio de Lins ficaram preocupados diante da possibilidade de uma construtora adquirir o prédio do Seminário diocesano de Lins para lotear a área dos pátios; o motivo seria prolongar a rua e ter que bancar o asfalto e perder o terreno que é um pátio para o colégio. Assim o conselho deu o parecer para que os salesianos estudassem bem a questão dentro das sugestões de transformar o prédio do seminário em um pensionato para universitários. Na reunião do conselho inspetorial de 2 de fevereiro de 1968, a aquisição do Seminário de Lins foi aprovada dentro de um plano de pagamento previamente bem preparado e aceito pela Cúria diocesana (p. 29b).

Em seguida, o ex-diretor do Colégio foi convocado para ser o vice-inspetor e foi para Campo Grande para estar ao lado do Pe. Inspetor. Porém, trabalhou pouco nesse cargo, depois de cinco meses, faleceu repentinamente ao visitar alguns parentes em Campinas, SP. Nesse ano, colaborou com a inspetoria no cargo de ecônomo inspetorial o Pe. Antonino Penisi, que fora anteriormente o procurador da Inspetoria junto aos órgãos do governo federal.

Na reunião de 18 de março de 1968 houve um pedido da comunidade do Santa Teresa de Corumbá para a aquisição de uma porção de terra de 400 hectares distante da cidade 18 Km, na beira da estrada que liga Corumbá a Campo Grande; essa terra era propriedade do ex-aluno Salomão Baruki. De modo especial, a análise foi feita devido à conversa do Pe. Inspetor, que mostrara a necessidade de os salesianos em Corumbá encontrarem uma local para descanso e repouso. O conselho decidiu que o vice-inspetor iria a Corumbá para verificar as informações sobre a terra, *in loco*. Em especial, a aprovação do Conselho seria para que lá fosse construída uma casa de "Encontros" ou retiros para os jovens. Pe. Mario Forgione foi a Corumbá, verificou as condições e que as benfeitorias eram reais e que havia um local de lazer com sombras de mangueiras e uma pequena piscina de água corrente

[...] tudo muito simples e agradável. Houve também uma carta do Sr. Bispo ao conselho, confirmando a conveniência de se adquirir aquela propriedade e de lá se construir uma casa de retiros. Diante da apresentação do vice-inspetor, que afirmou que o local era bom e apropriado para as finalidades assinaladas pela comunidade, a conclusão do conselho foi pela aquisição do terreno. Em seguida o transação foi concluída pela comunidade do Santa Teresa.

Na reunião de 28 de março de 1968, foi a aprovado um acréscimo no prédio do Colégio D. Bosco que estava sendo construído no final do pátio; foi proposto um terceiro andar somente com escritórios e apartamentos para os salesianos adidos ao trabalho inspetorial. Acrescentou que os locais que a inspetoria então ocupava no primeiro andar deveriam ser colocados à disposição da comunidade do colégio. Todos foram concordes quanto a essa sugestão e aguardavam solucionar com isso várias questões pendentes quanto aos salesianos que trabalhavam para a Inspetoria (p. 32).

Diante de tantas solicitações dos superiores da Congregação e das mudanças sociais da região toda da inspetoria, mas de modo especial no Oeste de S. Paulo e nas duas grandes cidades de Cuiabá e Campo Grande, uma das bases das escolas da inspetoria estava merecendo uma avaliação quanto a seu prosseguimento ou não; trata-se de continuar ou não com os internatos. Desde julho de 1968, os diretores em reunião decidiram fazer mais propaganda para ver se o número de alunos internos se manteria ou não. Em Cuiabá, Pe. Mário Pellattiero, diretor, já questionava se deveria ou não continuar o internato, pois eram somente 50 alunos (p. 34b). Em novembro de 1968, o diretor do Colégio D. Bosco apresentava a questão do internato ao Pe. Inspetor; não havia clérigos nem salesianos para esse trabalho, além disso, afirmou, o número de internos era pequeno. O Pe. Inspetor prometeu estudar a questão e apresentar uma solução (p. 39b). Já em Araçatuba, o conselho da casa votara favoravelmente pelo fechamento do internato a partir do ano de 1969. A mesma questão se agravava em Lucélia e em Tupã (p. 39b-40). No início de abril de 1969, com a presença do Pe. José Corazza, nomeado vice-inspetor, foi apresentada a situação das casas da paulista: Tupã com internato fraco e externato pouco numeroso; Lucélia com 50 aspirantes e 20 alunos externos; Lins, 80 alunos internos, externato fraco, um bom pensionato bem organizado; Araçatuba, 20 alunos internos e 200 externos, curso noturno numeroso e eficiente (p. 45b).

No debate do conselho para solucionar as questões dos colégios de Tupã, Lucélia e Araçatuba, foi proposto levar os aspirantes de Lucélia para Araçatuba, pois não havia mais internato lá, e propor outras soluções para as duas casas de Tupã e Lucélia. Nessa reunião de 18 de outubro de 1969, também foi tomada a decisão de fechar os internatos pequenos (p. 54b). Já

na reunião de 29 de outubro de 1969, a questão sobre a decisão de fechar a casa de Tupã ou de Lucélia ainda perdurava. Nessa reunião, estava presente como convidado o Pe. Heitor Castoldi, que fora diretor do Colégio D. Bosco de Tupã por muitos anos, para que opinasse sobre a questão. Sua opinião foi: "A casa de Lucélia foi fundada na base de "intuito personae", Lins, Lucélia e Tupã são cidades mortas; fazer voltar o aspirantado para Tupã vai de encontro a muitas dificuldades sobre a questão da piscina, construir vestiário, as moças [...]". Essa opinião mostrou esse aspecto da questão; a iniciativa foi de enviar o vice-inspetor para Adamantina para entrar em contato com os padres irlandeses para ver se lhes interessava a casa de Lucélia. Depois haveria o encontro dele com o Pe. Inspetor em Araçatuba, após sua ida até S. Paulo para propor a cessão da casa de Lucélia para a FEBEM, e assim tentariam finalizar a questão do aspirantado e dessas duas casas (p. 56b-57).

Dentro da perspectiva de "redimensionamento" das obras da inspetoria duas atitudes foram tomadas na reunião do conselho inspetorial de 18 de outubro de 1969; a primeira referia-se ao Seminário Diocesano de Campo Grande. Depois de uma análise da situação e da história da presença dos salesianos lá, desde 1949 até esse ano de 1969, foram vinte anos de trabalho, e a inspetoria, não dispondo de pessoal, resolveu passar a questão da entrega do seminário ao Sr. Bispo (p. 54). Também nessa reunião do conselho, foi registrada uma nova intenção do conselho a partir de uma postura de "redimensionamento" amplo da inspetoria. Fora enviada aos Superiores a proposta de que se deveria retornar para a Inspetoria o Noviciado que ocorria em Pindamonhangaba, SP, bem como os estudantes de filosofia que estavam também em Lorena, SP. Notificou o secretário que essas duas disposições apresentadas pela comissão de redimensionamento da inspetoria não foi aceita pelos Superiores de Turim (p. 54).

Sobre a questão do redimensionamento, na reunião do conselho inspetorial de 16 de agosto de 1969 foi registrado:

> Reunião para tomar conhecimento dos primeiros resultados, ou melhor, da relação da Comissão de Redimensionamento", eleita na segunda fase do Capítulo Inspetorial Especial e integrada pelos Pe. José Corazza, Pe. Antônio Secundino de Castro, Pe. Pedro Alves Ferreira e pelo Pe. Félix Zavattaro. Nesta primeira etapa, foram visitadas as casas da Paulista: Araçatuba, Lucélia, Lins e Tupã. Continha impressões sobre o andamento geral de cada casa e de sua comunidade religiosa e sugestões de possíveis medidas a tomar, a serem naturalmente estudadas e discutidas no âmbito do conselho inspetorial. A reunião desenrolou-se em duas fases sucessivas para os Conselheiros Inspetoriais tomarem conhecimento o mais completo possível dos problemas presentes e previsíveis dessas casas. O Pe. Inspetor, para evitar impressões menos desagradáveis aos salesianos, especialmente os das casas

de Mato Grosso, não concordou que fosse enviada a relação da Comissão para as casas, e os conselheiros concordaram com essa decisão.[11]

Dessa forma, a questão do redimensionamento foi assumida pelo Conselho Inspetorial que, aos poucos, iria tentando encontrar soluções possíveis e plausíveis para essas casas assinaladas e, em outras, como as casas de formação e as casas de Maracaju e Dourados. A evolução do redimensionamento quanto aos aspirantados seria bem clara ao tornar a casa da Chácara S. Vicente o aspirantado propriamente dito, com o estudo dos aspirantes do segundo grau; as casas de Araçatuba e de Coxipó permaneceriam com o estudo do primeiro grau dos vocacionados e receberiam a denominação de pré-aspirantados.

Na reunião do Conselho Inspetorial de 23 de junho de 1969, estando presente o Regional, Pe. Garnero, este confirmou a mudança do Secretário do Conselho que passara para o Pe. Firmo Borrini, e pediu que os conselheiros pensassem em um salesiano brasileiro para substituir o Pe. Mário Blandino, que não mais dispunha de saúde para esse exercício.

Antes de finalizar o ano, dois assuntos deveriam ser abordados pelo conselho inspetorial: tratava-se da proposta do Pe. Sacksida sobre sua obra na Cidade D. Bosco em Corumbá e de uma "Escola para formação Agrícola Pantaneira" na propriedade recém-adquirida em Corumbá pelo Colégio S. Teresa. Quanto a essa escola, a decisão ainda dependendo de aprovação superior, foi deslocada para a já ventilada e aprovada casa de encontros para jovens e retiros. Quanto ao pedido do Pe. Ernesto que solicitava a permissão de iniciar mais um pavilhão para as aulas e também para a escola noturna, o conselho delegou o encargo da avaliação do projeto ao ecônomo inspetorial, que deveria ir até lá e verificar todas as implicâncias desse projeto do Pe. Ernesto Sacksida (p. 44).

Na reunião do conselho inspetorial de 04 de agosto de 1989, ao tratar da atividade missionária na inspetoria, veio à baila o impasse que surgira nos debates das reuniões por ocasião do Capítulo Inspetorial Especial, quando houve divergências quanto à maneira de se trabalhar entre os índios; houve acentuadamente vozes que pediam para que se mudasse o método da atividade missionária entre os índios; porém todos estavam de acordo em não se condenar o que fora feito no passado nas missões (p. 51). O assunto da qualificação do trabalho missionário retorna ao conselho na reunião de 15 de novembro de 1969:

> Começou-se por ler uma carta do Pe. Ângelo Venturelli, Delegado Inspetorial das Missões, em que era apresentado o problema urgente,

[11] Atas do Conselho Inspetorial – 1966 a 1973. Campo Grande, 16 ago. 1969, p. 51b.

> apoiado pelos diretores das Missões, de fundar um posto missionário para os Xavantes nas terras que a FUNAI reservou para estes índios, sem eliminar as missões de S. Marcos e de Sangradouro. O Pe. Inspetor apresentou o estado muito precário dos salesianos que atualmente trabalham nas missões, e a impossibilidade de encontrar outros para substituí-los; situação agravada pela decisão da Madre Inspetora de retirar as Irmãs. Perante estas perspectivas a Inspetoria está na impossibilidade de abrir um novo posto. Antes de mais nada é preciso realizar uma reunião com os diretores das missões, contando com a presença do Pe. Ângelo Venturelli para reformular a Estrutura das Missões.[12]

Esse assunto da possível fundação de um novo posto missionário no território demarcado como reserva para os xavantes, retornou na reunião de 18 de novembro de 1969; os conselheiros assumiram a orientação sobre o assunto: seria, antes de tudo, conhecer bem e verificar o alcance da nova política do governo a respeito dos índios para que as atitudes dos missionários não fossem contrárias à orientação do governo militar daquela ocasião, no Brasil (p. 59). Nas últimas reuniões do conselho, apareceram com realce a realidade das casas, os traços das mudanças a serem efetuadas em todas as atividades dos salesianos, que, embora debatidas no Capítulo Inspetorial Especial e depois passadas para comissão de Redimensionamento, clamavam por soluções. Muitas foram analisadas e várias possibilidades de soluções foram verificadas; porém o desgaste provocado pelas urgências das casas que deveriam ser assumidas e encaminhadas para alguma nova solução, foi crescente, envolvente e promoveu entre os salesianos uma dispersão quanto ao futuro e quanto à capacidade de o governo da inspetoria encontrar ou mostrar alguma sugestão viável para as principais casas pendentes das novas orientações, ou de novos rumos a serem assumidos. Assim na reunião do conselho inspetorial de 24 de novembro de 1969, o Pe. Inspetor, Pe. Pedro Cometti, comunicou aos conselheiros que os Superiores de Turim haviam aceitado sua carta de renúncia ao governo da Inspetoria; e em seguida, foi comunicado que o seu substituto seria o ex-inspetor da Inspetoria do Recife, o Revmo. Sr. Pe. Geraldo Pompeu de Campos. Também foi assinalado que o novo inspetor chegaria a Campo Grande em meados do mês de dezembro e, em seguida, assumiria o governo da Inspetoria.

7.5 Festejos comemorativos dos 75 anos da chegada dos salesianos em Mato Grosso

Durante o período do governo do Pe. Pedro Cometti, de 1967-1969 ocorreu o 75º ano de presença dos salesianos em Mato Grosso. A comemoração foi organizada pelos salesianos de Cuiabá uma vez que foi lá a primeira

[12] Atas do Conselho Inspetorial – 1966 a 1973, Campo Grande, 15 nov. 1969, p. 58.

casa dos salesianos quando chegaram em 18 de junho de 1894. A casa da paróquia do S. Gonçalo é a matriz de todas as outras obras que os salesianos instituíram e desenvolveram nesse grande território do então Mato Grosso e Oeste de S. Paulo. Vale recordar que os salesianos dessa inspetoria também fundaram casas ou presenças no território de Goiás, em Silvânia e em Goiânia. Mais tarde, em 1950, as casas de Silvânia e as duas de Goiânia, o Ateneu Dom Bosco e a Paróquia e Oratório de Vila Nova-Goiânia, passaram para a recém-criada inspetoria de Belo Horizonte. Muitos salesianos da inspetoria de Mato Grosso estudaram ou trabalharam nessas casas do Estado de Goiás. Mais tarde ocorreram as fundações das casas do Oeste Paulista, incorporando esse território à inspetoria de Mato Grosso. Nesse tempo em que se comemoraram os 75 anos da chegada dos salesianos a Mato Grosso, ou as Bodas de Diamante, o território da Inspetoria estava delimitado como o Estado de Mato Grosso e o Oeste do Estado de S. Paulo.

A inspetoria programara as ocorrências da comemoração para que se reunissem todas em Cuiabá, como casa mãe de todas as outras da inspetoria. Assim para Cuiabá, no início do mês de junho de 1969, dirigiram-se as representações das casas para presenciarem as celebrações e os atos comemorativos de todas as manifestações da alegria de estarem nesse território e de aqui terem trabalhado tantos e tantos salesianos. Sempre trabalharam para o bem da população e para espalhar o espírito de S. João Bosco como animador da educação e do bem dos jovens, tanto das cidades, dos povoados como dos mais afastados indígenas, como os contemplados, bororos e xavantes, com o sacrifício e o trabalho missionário dos inúmeros salesianos que dedicaram sua vida para o bem desses povos, tanto indígenas como brasileiros jovens das regiões mais afastadas do litoral do país.

A programação extensa constou de diversos atos na cidade de Cuiabá. O primeiro e grandioso ato de reconhecimento ocorreu na Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, na noite de 10 de junho de 1969, com a cerimônia de outorga do título de "Cidadão Mato-grossense ao venerando missionário salesiano Pe. César Albisetti". Sem dúvida o estado e poder legislativo concediam essa honorificência ao Pe. César para lembrar tantos outros salesianos que sacrificaram suas vidas em prol dos índios bororos; poder-se-ia recordar de D. Malan, Pe. Bálzola, Pe. Colbacchini, Pe. Agostinho Coli, dos irmãos coadjutores sempre presentes como Roberto Pólice, Me. Bondioni, Me. Costamagna e outros que deram suas vidas pelos índios, em especial, Me. Pellegrino, Pe. Fuchs e Pe. Sacillotti. A lista seria enorme, de modo especial daqueles que cuidaram de tudo para que as missões pudessem se desenvolver e prosperar. Mas, nos estudos, não se poderia esquecer de dois outros nomes importantes relativos ao estudo cultural dos bororos: Pe. Pessina e Pe. Badarioti, no estudo de outras culturas indígenas do norte do Estado.

No dia 15 de junho de 1969, com celebração solene presidida por D. Camilo Faresin foi comemorada a lembrança de um dos maiores salesianos da história da Inspetoria e, por sinal, da cultura de Cuiabá: D. Francisco de Aquino Corrêa, falecido em 26 de março de 1956. Foi comemorado por suas atuações e grandeza de pessoa como governador do Estado e como bispo de Cuiabá, bem como por sua grande obra literária que o levou até à Academia Brasileira de Letras. O eloquente Dr. Luis Filipe Pereira Leite realizou a abertura da "Exposição Dom Aquino" no Colégio S. Gonçalo. Além disso, a fanfarra e os oratorianos festejaram salesianamente essa celebração, pois sendo domingo, não poderiam faltar os campeonatos e os lautos lanches comemorativos.

No dia 16 de junho, no Salão de Teatro D. Malan, do S. Gonçalo, ocorreu a sessão solene com a presença de inúmeros salesianos de outras cidades; o discurso principal coube ao Pe. Pedro Cometti, inspetor, que soube elogiar os feitos missionários de tantos e tantos outros salesianos que dedicaram sua vida ao trabalho educativo em prol dos índios e dos habitantes de todas as cidades do estado. Ressalta-se que, nessa sessão solene, a narrativa de epopeia salesiana nas missões coube ao Pe. Ângelo Jaime Venturelli; este, ao lado do Pe. César, havia nesse tempo editado o primeiro volume da "Enciclopédia Bororo"; obra científica e merecedora de todos os louvores nas universidades e em meios culturais onde o estudo representa a excelência maior do trabalho dos missionários.

No dia 17 de junho, houve uma santa missa comemorativa na paróquia do S. Gonçalo como berço de todas as outras casas salesianas. No dia 18 de junho, dia principal da comemoração, foi a vez da apresentação de tantos trabalhos missionários. Às 19h nos pátios do S. Gonçalo, os 141 índios que vieram das missões de Sangradouro, Meruri e S. Marcos, capitaneados pelos respectivos diretores e outros salesianos – Pe. Luiz Lorenzi , Pe. João Falco, Pe. Mário Pansiera, Pe. Bartolomeu Giacaria e Me. Roberto Pollice –, organizaram apresentações seguidas de rituais e danças de cada cultura para a imensa plateia que ali estava para festejar a presença dos índios em seus trajes tribais e em seus cânticos e danças, unindo-se aos salesianos e ao povo de Cuiabá nessa solenidade da vinda dos salesianos para Mato Grosso. Foi uma noite de grandes apresentações e de muitos aplausos.

No dia seguinte, 19 de junho de 1969, ocorreu o desfile das "Instituições Salesianas" em homenagem a Cuiabá nos seus 250 anos. Assim as escolas das Filhas de Maria Auxiliadora de Cuiabá e do Coxipó desfilaram ao lado dos alunos do S. Gonçalo e do Coxipó. Os índios, devidamente ornamentados por seus adereços e pinturas tribais, desfilaram junto com os alunos do colégio, unidos para lembrar a todos a grandiosidade do que estavam celebrando: a paz e a integração de todos com os povos indígenas que eram difíceis,

os bororos e os xavantes, que nessa data desfilavam para mostrar que o trabalho dos missionários resultou na integração de todos como filhos de Deus. Um fruto evidente e grandioso do trabalho missionário que se tornava simples e, ao mesmo tempo, marcante para os índios e para os cuiabanos.

Assim se encerraram os dias comemorativos dos 250 anos de Cuiabá e dos 75 anos da chegada dos salesianos a Mato Grosso. A manifestação dos alunos e dos indígenas nos desfiles e em outras apresentações para o povo cuiabano, mostrou expressivamente o resultado do trabalho dos missionários salesianos. Ao mesmo tempo, unidos, colegiais e indígenas, indicavam a grandeza da pedagogia de D. Bosco em querer o bem de todos os jovens do mundo todo, independentemente de cultura ou de raças. Ali na humilde e grandiosa Cuiabá, conviviam as raças e as culturas animadas pelo único e elevado espírito de S. João Bosco na ação de seus filhos dedicados. Na crônica do Colégio S. Gonçalo, não faltaram palavras entusiásticas pela festa: "Os 141 índios xavantes e bororos que vieram das Missões com os diretores para abrilhantar a festa, deram um espetáculo inédito: danças, cantos e todo um repertório muito bem executado para muitos expectadores. No desfile, à noite, das obras salesianas pela cidade, foi um sucesso: muito povo, muita animação e muito barulho das fanfarras"[13].

Fora uma festa memorável enquanto expressão da grandeza e eficácia da força do amor que os salesianos sempre manifestaram pelo bem, pela educação e pelo desenvolvimento de todos os povos, como o próprio D. Bosco antevira em seus últimos sonhos missionários de 1872, de 1874, e no último sonho missionário de 1876. Assim, a força do trabalho dos missionários movidos sempre pelo bem e pelo progresso de todos os povos, na convivência pacífica e amorosa, todos movidos pelo amor de Cristo e pela proteção de Nossa Senhora Auxiliadora.

Outra ocorrência, antes de finalizar o tempo de governo do Pe. Pedro Cometti sucedeu em S. Marcos; para celebrar a atividade missionária, as atividades de alguns sacerdotes envolvidos com a origem do órgão do governo que substituíra o SPI, isto é, a FUNAI, por parte do governo e, por parte da CNBB, surgiu um órgão semelhante, o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), com a finalidade de oferecer assistência aos missionários que trabalham diretamente com os índios e que, a partir das orientações do Vaticano II, deveriam atualizar a atividade missionária de acordo com os estudos das culturas de cada povo. Desde a fundação desse órgão, o CIMI, Pe. Ângelo Venturelli tomara parte ativa. Para os festejos de Natal na TV, a partir das culturas indígenas, houve, com o consentimento da Força Aérea ou CAN, evento especial para filmagens da TV Record planejado para a missão de S. Marcos.

[13] Crônica do Colégio S. Gonçalo, 10-18 jun. 1969.

O Arcebispo de S. Paulo, o Cardeal D. Agnello Rossi, que, em seguida, foi nomeado pelo Santo Padre presidente da "Propaganda Fide", órgão de animação e governo no Vaticano que cuida das atividades missionárias da Igreja. Com o apoio dos salesianos, decidiram junto à Rede de TV Record, que era a principal do país naquele tempo, realizar uma missa especial animada pelos indígenas. Programaram as filmagens em S. Marcos. Para lá se dirigiram todos: a numerosa equipe de TV, o Sr. Cardeal D. Agnello Rossi acompanhado pelo então inspetor da Inspetoria de S. Paulo, Pe. Fernando Legal. Todos foram transportados por dois bimotores do CAN. De Campo Grande, estiveram presentes os Srs. Pe. Inspetor e Pe. Falco, diretor de Meruri, com um grande grupo de índios bororos de Meruri.

As filmagens ocorreriam à noite; seria uma missa projetada na TV na noite de Natal; portanto todos os cantos e danças, dos xavantes e dos bororos, teriam esse cunho natalício enquanto levariam ao celebrante o Menino Jesus também tipicamente ornamentado. Depois cada grupo encenaria suas danças comuns, de acordo com os diretores das missões, Pe. Falco e Pe. Mário Pansiera. Conforme a programação, tudo foi realizado na noite do dia 14 de dezembro. Foi sem dúvida um acontecimento que iria adquirir o verdadeiro sentido ao ser transmitido pela TV na noite de Natal. No final houve algumas brincadeiras projetadas pelos cômicos da TV, que interpelavam os índios de forma meio grotesca para suscitar o riso de todos. Sem dúvida que foi um fato muito significativo como propaganda e divulgação do trabalho dos missionários salesianos em relação aos bororos e aos xavantes. O apresentador era o célebre repórter Tico-Tico.

Pe. Pedro Cometti, no dia seguinte, de avião seguiu para Campo Grande enquanto os outros partiram para S. Paulo nos outros dois aviões da FAB.

De fato essa filmagem foi projetada no dia do Natal na rede de TV de maior audiência na época, a TV Record. A repercussão correspondeu às expectativas dos programadores e do Cardeal de S. Paulo. Para os salesianos foi muito bom como divulgação do trabalho missionário. No ano seguinte, já no governo do Pe. Geraldo Pompeu, como decorrência desse acontecimento em S. Marcos e como proposta do CIMI, foi programado um Curso especial para os diretores de Missões e para outros salesianos em S. Paulo, na sede do Museu do Pe. César, da congregação do claretianos em S. Paulo. Estavam presentes os diretores das missões e outros missionários; além do Pe. Ângelo Venturelli, como palestrante, estiveram sob os auspícios do novo inspetor dois estudantes de teologia: José Benito Porto e Afonso de Castro. Para palestrantes conseguiram os melhores antropólogos do Brasil; em especial estiveram presentes e fizeram palestras sobre a temática da Antropologia Cultural os seguintes estudiosos, todos renomados e consagrados na área: Herbert Baldus, Egon Schaden, Paulo Duarte da Revista Anhembi da

USP e Assis Brasil. Além deles, proferiu palestra significativa o Pe. Ângelo Venturelli. Desse encontro, surgiu uma folha inteira no jornal do Estado de S. Paulo sobre a nova maneira de atuação dos missionários junto aos índios.

Inaugurava-se assim os estudos para nova maneira de ser missionário junto aos povos indígenas. Mas, com sabedoria eminentemente prática, os salesianos das missões sabiam que o primeiro passo para essa atitude seria valorizar as expressões culturais dos índios sem deixar de lado outras duas importantes atitudes: não deixar faltar alimento nas aldeias e cuidar da saúde. Nesse tempo, Pe. Mário Pansiera já iniciara um cuidado específico com os índios então acometidos pela tuberculose; trazia-os para a cidade do sul do Estado, Dourados, onde havia local e médicos especializados no assunto.

7.6 Entrevista com o Pe. Pedro Cometti em relação aos 75 anos de presença dos salesianos em Mato Grosso, em especial entre os índios bororos e xavantes

Antes de findar seu governo na inspetoria, Pe. Pedro Cometti foi convidado a conceder uma longa entrevista para o Boletim Salesiano na qual se resumisse a história do trabalho missionário dos salesianos inaugurado com a chegada de D. Lasagna em Cuiabá no dia 18 de junho de 1894. O título da entrevista é "75 anos de missão em Mato Grosso", conforme transcrito abaixo:

"Passaram-se 75 anos desde o dia em que os missionários salesianos, liderados pelo D. Lasagna, chegaram aqui no Mato Grosso. São 75 anos de trabalho nas regiões longínquas que constituiu um tempo grandioso de trabalho e cuja documentação está presente nos 'Anais da Congregação Salesiana'.

Aqui desejamos delinear um quadro referencial em grandes linhas dos resultados obtidos e da experiência dos missionários, por isso nos dirigimos ao Pe. Pedro Cometti.

Sabemos que, nessa ocasião de celebrações, as palavras se tornam solenes; mas deixando de lado os panegíricos, gostaríamos de que nos oferecesse uma ideia concreta do estado atual da Missão Salesiana em Mato Grosso.

Eu poderia iniciar mostrando algumas cifras, mas é melhor considerar que, quando os primeiros missionários chegaram a Cuiabá, havia somente uma diocese no estado todo, portanto um território imenso. Nesse território hoje existe uma arquidiocese e quatro dioceses com três Prelazias. Em 1896, os primeiros missionários iniciaram o trabalho na paróquia e em uma pequena escola profissional em Cuiabá. Hoje o centro da Inspetoria está em Campo Grande e possui 24 presenças, em sua maioria são paróquias, escolas e oratórios; também existem as escolas para formação dos futuros sacerdotes. Temos algumas colônias entre os índios Bororos e Xavantes.

Por qual motivo o maior número de obras da inspetoria está entre os civilizados, e não entre os índios. Por qual motivo?

O sonho dos missionários foi sempre aquele de se aproximar sempre dos índios que viviam nas florestas imensas. Mas a experiência da Patagônia ensinou-nos que esse encontro seria impossível sem antes constituir um "campo de base" para essa ação. Quer dizer, estar presente nas cidades mais próximas deles. Foi devido a isso que o primeiro passo ocorreu na cidade de Cuiabá. Mas depois os salesianos perceberam que seria necessário trabalhar tanto com os civilizados, como para os índios. As povoações daquelas regiões eram muito carentes de assistência religiosa e educativa. Assim o trabalho missionário desenvolveu-se, sobretudo, entre as populações carentes das cidades. Um exemplo disso é a mais nova obra entre os meninos da periferia de Campo Grande no Oratório Paulo VI, onde em umas casas de madeiras recebem-se muitas pessoas que se tornam amigas e afeiçoadas ao trabalho salesiano; da mesma forma, surgiu em Corumbá uma obra semelhante denominada Cidade D. Bosco, em um bairro muito pobre [...] temos porém outros trabalhos como uma rádio em Campo Grande e cursos universitários; trabalhamos também nos dois seminários diocesanos de Campo Grande e outro em Cuiabá. Mas trabalho pastoral não falta.

Mas retornemos aos índios. Sabemos que os missionários encontraram muitas dificuldades para os primeiros contatos com eles. Houve a morte do Pe. Fuchs e do Pe. Sacilotti, eles entregaram a própria vida pelo contato com os índios. Agora perguntamos se estão satisfeitos com os resultados obtidos? São muitas as conclusões originárias dessa série de anos de trabalho entre os índios?

Agora chegou o momento de colocar a experiência do passado a uma revisão crítica. Com essa finalidade, convidamos o ilustre missiólogo e etnólogo Prof. Gugliemo Guariglia, de Milão, para passar dois meses aqui em nossas três colônias missionárias entre os bororos e xavantes para, ao entrar em contato com o nosso trabalho, nos auxiliasse a superar as dificuldades e a resolver alguns problemas práticos importantes. E também por outro motivo. Acontece que existem grupos de pessoas no Brasil que querem desqualificar os índios como povos na Amazônia para poder apoderar-se das terras e das riquezas da região [...] estes, ao invés de oferecer aos índios a civilização, oferecem-lhes a morte. Foi um grande mérito da imprensa ter informado o mundo sobre essa situação cujo confronto parece menor que o de Biafra. Mas o que tem a ver isso com os missionários? É que a imprensa brasileira conseguiu unir também os missionários para se empenharem contra o extermínio das populações indígenas; não aceno aqui algo sobre algumas calúnias

sobre a presença da Igreja entre os índios [...] É justamente para evitar tais comentários que convidamos o Prof. Guariglia para nos auxiliar a reexaminar criticamente a nossa experiência missionária entre os índios.

Hoje estamos empenhados em mostrar que a cultura de cada povo indígena é uma realidade; sem querer comentar que sofrem com o contato com os civilizados influências até nocivas, hoje temos estudos que mostram que se pode recuperar a cultura indígena, como os estudos do Pe. César Albisetti, um salesiano que estuda em profundidade a história dos bororos. Os bororos eram caçadores e pescadores, e sua vida era organizada assim. Mas possuíam uma rica cultura com expressões artísticas de grande expressividade em suas concepções filosóficas e míticas de seu mundo original. Eis aí a grande dificuldade para os missionários: inserir nesse contexto de vida e de cultura os autênticos valores do cristianismo, sem violações, respeitando o que eles possuem de válido no plano humano e religioso. Temos que confessar que nem sempre foi assim; parecia, inicialmente, uma postura natural substituir todos os costumes deles pelos valores da cultura ocidental; acontece que esses valores eram muito diferentes de seu ambiente natural, de seus costumes e muitos diferentes de sua mentalidade e de suas expressões de afeto. O encontro com a civilização foi portador de prejuízos para o povo bororo.

Foi uma experiência saudável que trouxe para os missionários longas reflexões. Quando entraram em contato com os xavantes, praticamente houve uma mudança de postura: não somente não mudaram o seus costumes, mas também conservaram intactos os valores naturais de sua cultura e procuraram enriquecê-la, ao acrescentar progressivamente os valores cristãos, como a valorização do trabalho organizado, o respeito pela pessoa, a monogamia. As estruturas sociais e a vida familiar permaneceram intactas, e hoje os xavantes vivem pacificamente ao lado dos missionários. Não somente, era um povo destinado à extinção: a mortalidade infantil chegava à terrível porcentagem de 90%. Hoje essa porcentagem está reduzida quase a zero. É uma grande alegria para os xavantes que muito amam os próprios filhos. "Ao lado dos missionários – afirmam eles – os xavantes não morrem!".

Então quais foram as conclusões a que chegaram com o confronto com o Prof. Guariglia?

Esta sobretudo: o novo nome da paz – como afirmou Paulo VI – é o progresso. Mas isto não significa impor a todos um idêntico modelo de vida. O progresso deve levar em conta aquele "traço singular" de cada povo, para poder desenvolvê-lo conforme as modalidades que eles aceitam espontaneamente e livremente, para que aconteça em harmonia e não em contraste com a sua própria índole. Hoje os xavantes aprenderam a usar com segurança e

desenvoltura os benefícios da mecânica, guiam tratores e caminhões, falam com facilidade o português.

E, além disso, começam a entender o Santo Evangelho e a vivê-lo consciente e coerentemente. Especialmente os jovens demonstram notável sensibilidade espiritual. Pedem para ser batizados, frequentam os sacramentos, querem os confortos da fé quando sentem que a morte se aproxima. Gostaria de que pudessem ver os coroinhas xavantes durante as funções litúrgicas. Com os cabelos longos e negros sobre a cor vermelha da veste, as mãos unidas e... os pés descalços, permanecem assim numa atitude apropriada e devota que podem parecer outros tantos Domingos Sávios...

Talvez possa até surgir a pergunta se entre esses coroinhas não podem surgir a esperança de que entre eles possa surgir vocações eclesiásticas; nesse particular é necessário andar devagar. A adesão desse povo ao cristianismo é muito recente e ainda é frágil para se poder falar de vocações sacerdotais.

Existe diferença entre o povo bororo e o povo xavante? Quais são os traços mais evidentes que determinam a índole de cada um?

O homem bororo, em geral, é de estatura menor que o tipo xavante. Também fisicamente os xavantes se apresentam bem desenvolvidos, mais fortes fisicamente que os bororos. Mas é de uma índole mais sincera e mais aberta, mostram-se desejosos em aprender tudo. Ao passo que os bororos são mais exigentes e um pouco difíceis de enfrentar o trabalho, antes preferem dedicar-se unicamente à pesca e à caça; divertem-se mais e se sentem muito livres O trabalho metódico e exigente, cansativo da lavoura não os anima. Embora seja o passo necessário para que possam assegurar a obtenção daquilo que é necessário para viver e progredir. Os xavantes compreenderam e já aprenderam a cultivar a terra. Antes desejam aprender a construção de casas e a lidar com as máquinas. Quanto aos estudos, demonstram capacidade conforme a cultura e não mostram aptidão para o que seja teórico e abstrato.

Também do ponto de vista religioso, existem diferenças. Em geral todos participam das funções religiosas, também os não batizados. Ao contrário, às vezes manifestam um fervor que superam as posturas das pessoas civilizadas, um exemplo é a singular participação no mês mariano. Mas os bororos dão a impressão de serem mais sensíveis também quando aos presentes.

O Senhor, Pe. Cometti, citou o Pe. César Albisetti como autoridade no campo da cultura dos bororos; pode acrescentar algo sobre esse assunto?

Este venerando missionário de 81 anos de idade, encontra-se em Mato Grosso desde 1914 e hoje ele se mostra completamente inserido nesse estado. Conhece com perfeição o idioma bororo e publicou estudos de valor cien-

tífico sobre os índios. Em 1962, preparou, junto com o Pe. Ângelo Venturelli, a publicação do primeiro volume da Enciclopédia Bororo. Desde 1951, colabora com o Museu Regional do Índio, em Campo Grande, oferecendo tudo o que seu conhecimento possa mostrar de útil para a organização dos acervos bororos e de outros povos indígenas. Recentemente a Assembleia Legislativa de Mato Grosso quis manifestar o reconhecimento do Estado aos salesianos pelos 75 anos de trabalho nas longínquas matas do Estado. Foi programada uma solene comemoração, em que O Trabalho Salesiano em Mato Grosso foi personalizado na figura ímpar do Pe. César Albisetti, a quem foi conferida a cidadania mato-grossense.

Quais são as dificuldades mais sérias que os missionários encontram em seu trabalho?

Eu penso que sejam as dificuldades comuns a todos os missionários do mundo todo. Somos poucos, estamos sobrecarregados de trabalho, é difícil quando alguém fica doente e tem que se afastar. Quanto ao cansaço diário e aos pequenos achaques, todos se habituaram a eles. Mas estamos isolados pelas longas distâncias: às vezes são quase mil quilômetros para chegar a um centro de civilização. As viagens ocorrem somente por muita necessidade e não se pode evitar que ocorram essas viagens.

Mas a questão séria também é a presença ou não dos meios econômicos. Sempre estamos em falta e não se possui o dinheiro necessário; temos sérias lutas para não permitir que tomem posse das terras indígenas. Temos confiança, como nosso Pai D. Bosco, na Divina Providência. Por mais que seja pesado e cansativo o nosso trabalho, não o abandonamos jamais, sempre estamos presente e trabalhamos, e no trabalho manifestamos o nosso encontro pessoal com Deus. Somente a partir do contato pessoal com Ele podemos buscar a coragem e a força necessárias para vencer as batalhas de cada dia!"[14]

Esta entrevista testemunha também para toda a congregação e para os cooperadores a dimensão gloriosa e grandiosa do trabalho dos missionários salesianos na região de Mato Grosso – Brasil, durante esses longos e intensos 75 anos. A série interminável de nomes de tantos salesianos, desde D. Lasagna, Bálzola, Pessina até os atuais, Falco, Luiz Lorenzi, Me. Pollice e tantos outros foram devidamente reconhecidos e homenageados pela Câmara Legislativa do Estado de Mato Grosso ao conceder a cidadania Mato-Grossense ao ilustre missionário Pe. César Albisetti. O testemunho retratado na entrevista do Pe. Cometti assegura a vigência desse trabalho dos salesianos entre os povos bororo e xavante até os dias atuais.

[14] Bollettino Salesiano. Anno XCIV, n. 3 – 1 de fevereuri de 1970 – 75 anni di missione in Mato Grosso.



Me. Estanislau Pannatier



Pe. Antônio Dalla Via



Pe. Joaquim Gonçalves Ribeiro



Pe. Paulo Albera



D. Pedro Massa



Pe. Paulo Georg M. Mohr

Capítulo VIII

As grandes mudanças históricas, sociais e políticas no país e na Igreja – Concílio Vaticano II – e na vida salesiana na Inspetoria de Mato Grosso, no período de 1970 a 1985

Como notificado no capítulo anterior, depois do grande ciclo dos inspetores que construíram e mantiveram a maior parte das obras da Inspetoria, a extensão do território da Inspetoria havia atingido a maior área ao incorporar a Mato Grosso o Oeste de S. Paulo e o Estado de Goiás, em um trabalho impulsionado desde 1932, quando o Pe. Carletti chegou e com grande ânimo contagiou a todos gerando dedicação e entusiasmo até sua saída, em 1948, por motivo de saúde. Depois do Pe. Carletti, governou a inspetoria o Pe. Guido Borra, que durante os anos de seu governo, de 1948 até 1958 – sendo eleito para o Capítulo Geral no centro da congregação, o processo de crescimento não parou e as obras se intensificaram em seus trabalhos mediante a dedicação exemplar dos salesianos. Sucedeu ao Pe. Guido o antigo missionário que era inspetor na Alemanha, Pe. João Greiner; manteve o mesmo ritmo de trabalho e incentivou a criação de novas frentes de trabalho, como as Faculdades e a intensificação do trabalho missionário. Durante esse período, as casas de formação funcionaram normalmente, e a vida nos aspirantados e em outras casas de formação, noviciado e estudantado de filosofia, atingira a expressão numérica máxima. Havia muitos missionários de inúmeras outras nações, e a presença dos vocacionados brasileiros iniciara o seu curso com singular regularidade. Longo período de crescimento que permitiu que o número de salesianos atingisse quase o teto de mais de 140 membros.

A consistência e a força do trabalho e da presença de todas as obras da inspetoria não ocorreram sem a grande contribuição de todos com o trabalho incansável, quer nas escolas, nas paróquias, nos oratórios, quer nas missões, haviam adquirido padrões que permitiam antever continuidade e perseverança como perspectiva de futuro e consistência para as obras e para as vocações. Porém houve fatos e circunstâncias culturais, históricas e doutrinárias em relação à vida na Igreja e à vida na Congregação que vieram exigir novas posturas e novas previsões quanto ao futuro. As mudanças culturais e sociais, ao lado de um novo quadro com novas dimensões políticas, quer no país, quer na congregação, chegaram para exigir novas posturas e novas adaptações ao que se convencionou denominar sinais dos tempos.

No capítulo anterior, foram assinaladas duas intervenções que praticamente determinaram as posturas dos dois inspetores: Pe. Leonardo Jacuzzi e Pe. Pedro Cometti. O primeiro agente de intervenção no governo da Inspetoria sucedeu depois do Capítulo Geral XIX. Durante esse capítulo, foi adotada a presença dos Regionais; assim determinadas regiões eram supervisionadas por esses salesianos, que tiveram sempre o encargo de uma animação especial de acordo com as orientações do Capítulo Superior, que era de Turim e passou, desse tempo em diante, para Roma. Tanto o Pe. Leonardo e o Pe. Pedro sofreram uma forte influência desse Regional, Pe. Garnero, argentino que passou e exigir, de qualquer forma, uma nova atividade e postura na inspetoria em relação às atividades principais e às casas de formação. Eram imposições ou ordens que, assumidas, massacraram a vida de iniciativa dos tempos anteriores. Sempre havia, nos governos anteriores, a presença do Visitador Extraordinário, que animava a todos com exortações tipicamente vivenciais em relação ao espírito salesiano e a algumas orientações especiais. Com a presença do Regional, a história demonstrou que as iniciativas não mais brotaram do coração da maioria dos irmãos.

Uma das orientações de maior empenho chegou como expressão de um imperativo para os dois inspetores; tratava-se da questão do "Redimensionamento" de todas as obras. A ordem era promover o redimensionamento de todas as casas, mediante um projeto de adequação das atividades aos novos tempos ou às novas vivências culturais. Os dois inspetores empenharam-se em organizar esse redimensionamento das obras; de modo especial, o Pe. Pedro Cometti enfrentou com seus auxiliares, os conselheiros inspetoriais, a questão dos colégios da Paulista e de outras obras. É bem verdade que a cultura e os acontecimentos políticos haviam sido envolvidos por tantos fatores que decretavam uma veloz mudança nas cidades e na cultura em geral, e os salesianos haveriam de lutar para acompanhar essas novas exigências do tempo, ao tentar colocar nas obras as modalidades que essas novas situações exigiam; porém não foi fácil a adequação do trabalho dos salesianos às novas circunstâncias nem às exigências do famoso redimensionamento. Os novos tempos exigiram posturas que provocaram reações nem sempre adequadas e portadoras de força da presença educativa salesiana.

Esses novos tempos exigiram dos salesianos da inspetoria muita disponibilidade e capacidade de se inteirar de todas as exigências que a nova cultura passara a exigir de todos. A luta, o empenho de todos ao redor do ideal de D. Bosco haveria de ser o sustentáculo diante desse embate muito exigente.

8.1 Em abril de 1985, terminou o Regime Militar e o Brasil voltou à reconstrução da democracia

Em 1964, com o presidente general Castelo Branco, o país iniciou o governo de regime militar. Com características próprias, esse tempo foi marcado pelos militares moderados e pelos militares de "linha dura". Foram tempos difíceis e, ao mesmo tempo, de grandes modificações sociais, culturais e econômicas. Essas evoluções afetaram todos os setores do país e, logicamente, também os processos no setor educativo.

O período do Regime Militar iniciou com o governo do General Castelo Branco, em 1964, e durou até 1985, com o final do governo do General João Batista Figueiredo; nesse período, o país passou por muitas instâncias de desenvolvimento sempre inserido no conjunto político internacional também. Ainda persistia a presença das duas grandes potências que politicamente se tornavam os centros divergentes: a União Soviética dominada pelo regime comunista e os Estados Unidos, pelo regime profundamente democrático. Ao redor desses dois polos, giravam os outros países. Mas a presença da mentalidade comunista e socialista foi disseminada em toda parte por pensadores de esquerda como Gramsci, por outros pensadores na América Latina e pelos partidos que pretendiam consolidar a revolução socialista em todos os países desse continente, a exemplo do que ocorrera em Cuba, Nicarágua e outros. Devido a esse forte fator político, travestiu-se a concepção do mundo como expressão de uma cultura socializada a exemplo de tantos países vizinhos que foram incorporados à grande União Soviética. Ao lado dessa mentalidade, de modo especial na Europa, pelo conhecimento do empobrecimento das nações dominadas pela União Soviética, iniciou-se uma verdadeira depreciação do regime comunista o que iria culminar com a queda do "Muro de Berlim", que praticamente simbolizou a evidência da falência desses longos anos de governo comunista para essas nações dominadas pelo jugo do socialismo. A evolução sociopolítica era evidente, mas os seguidores do socialismo nem sempre admitiram essas novas fases históricas e perduravam em suas lutas pela implantação de um regime socialista.

A progressividade dos governos militares passou por diversas fases e foram caracterizados de acordo com as duas correntes que existiam entre os generais do exército nacional. Entre eles apontavam os generais que desejavam a reconstrução da democracia quanto antes, mas outros, denominados como alinhados da "linha dura", pensavam de outra forma e programavam varrer o horizonte dos comunistas antes de devolver o poder aos civis. Politicamente, os presidentes da "linha dura" foram Costa e Silva, Garrastazu Médici e Ernesto Geisel; este último, sempre muito moderado, programou o caminho para a redemocratização do sistema político ao passar o governo

para seu sucessor. O General Figueiredo, ao assumir a presidência, já sabia que deveria dar prosseguimento ao processo de retorno às eleições e à autonomia do Congresso.

Nesse período, o país passou por várias fases na economia e na política. Para suceder ao General Castelo Branco, o grupo da linha dura iniciou o seu porte político com a escolha de Costa e Silva, que depois de pouco tempo teve que deixar o governo, sendo eleito o General Garrastazu Médici. Nesse período, a cúpula governamental organizava as leis do país com Atos Institucionais; o AI-I mostrou o estilo de eleição a ser seguido, decretava a escolha do presidente por um ato institucional. Com a presença dos generais de linha dura, diante dos sequestros e de outras manifestações da esquerda liderada por Marighela, foi promulgado, em 13 de dezembro de 1968, o decreto do AI-5; a partir dele o presidente tinha o poder de fechar o congresso e promover a cassação de mandatos. Surgiram os órgãos e censura e controle: CENIMAR, OBAN, DOI-CODI. Esses órgãos do exército e marinha tinham poder para investigar tudo. Foi então que iniciaram a censura nos meios de comunicação e a perda das imunidades regulares dos cidadãos e dos congressistas. Foi quando o governo militar se tornou de fato uma espécie de ditadura, com censura e tortura. Conforme Boris Fausto (2006, p. 267),

> Daí resultou o paradoxo de um comando presidencial dividido em um dos períodos mais repressivos, senão o mais repressivo da história brasileira. Os grupos armados urbanos, que a princípio deram impressão de desestabilizar o regime com suas ações espetaculares, declinaram e praticamente desapareceram. Esse desfecho resultou, em primeiro lugar, da eficácia da repressão, que abrangeu os ativistas da luta armada e seus simpatizantes, constituída esta última sobretudo por jovens profissionais. Outro fator foi o isolamento dos grupos da massa da população, cuja atração por suas ações foi mínima, para não dizer nenhuma. A esquerda radical equivocara-se completamente, pensando criar no Brasil um novo Vietnã. Restou um foco de guerrilha rural em que o PC do B começou a instalar em uma região banhada pelo rio Araguaia, próxima a Marabá, situada no leste do Estado do Pará. Nos anos 1970-1971, os guerrilheiros, em número aproximado de setenta pessoas, estabeleceram ligações com os camponeses, ensinando-lhes métodos de cultivo e cuidados com a saúde. O Exército descobriu o foco em 1972, mas não se revelou tão apto na repressão como fora com a guerrilha urbana. Foi só em 1975, após transformar a região em zona de segurança nacional, que as forças do Exército conseguiram liquidar ou prender o grupo do PC do B. Tudo isso não chegou ao conhecimento do grande público, pois a divulgação do assunto era proibida. Quando muito, corriam boatos desencontrados sobre a guerrilha do Araguaia. Por outro lado, a oposição chegou a seu nível mais baixo no governo Médici, como resultado das condições econômicas favoráveis, da repressão e, em menor escala, da campanha do voto nulo [...]. O governo

> Médici não se limitou à repressão. Distinguiu claramente entre um setor significativo mais minoritário da sociedade, adversário do regime, e a massa da população que vivia um dia-a-dia aceitável nesses anos de prosperidade econômica.

Porém o governo sempre se valeu dos civis para o comando da economia e nunca pretendeu colocar militares em todas as funções governamentais. Nesse período, de 1969 até 1973, foi quando mais houve manifestações de prisões dos membros dos partidos comunistas, PC do B, ALN, VPR, e AP. Marighella tinha sido o maior propagandista dessa guerrilha urbana; ele propunha a insurreição, a destruição de propriedades rurais, assaltos a bancos, atentados e assassinatos como estava escrito no Mini-Manual do Guerrilheiro urbano. Mas denunciado, Marighella foi emboscado e morto em S. Paulo pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury, em 4 de novembro de 1969. Depois disso, a guerrilha urbana perdeu sua força pelas prisões e exílios dos participantes desses movimentos.

O progresso econômico nesse tempo foi denominado de o "Milagre Brasileiro", em que o PIB cresceu normalmente 11,2% ao ano. Havia disponibilidade de recursos e muito investimento de capital estrangeiro, de modo especial nas fábricas de veículos como a Ford, a GM e a Chrysler. Houve também expansão do comércio exterior. Todo esse movimento econômico foi comandado por um civil que soube muito bem dar um impulso ao desenvolvimento do país, o Sr. Delfim Neto. Com a expansão econômica, o Brasil como um país de interior expandiu na divulgação dos Meios de Comunicação Social. Em particular, houve o grande desenvolvimento da TV Globo, que passou, praticamente, a ser vista em todo o território nacional.

Houve nesse período dois grandes fenômenos provenientes da alta do barril de petróleo; o primeiro ocorreu como "crise internacional do petróleo", por ocasião da guerra do Yom Kippur, movida pelos estados árabes contra Israel. Nesse tempo, o Brasil importava 80% do petróleo que consumia, mas em 1974 ainda persistia o clima de euforia do "milagre brasileiro", e a condução dessa crise coube ao Ministro Mário Henrique Simonsen, que substituíra a Delfim Neto. Houve uma preocupação grande para estudar outras soluções quanto à energia; iniciaram um programa nuclear e a substituição crescente da gasolina pelo álcool proveniente da cana de açúcar. Em 1980, já com o Ministro Delfim Neto que retornara para a pasta de Simonsen, foi necessário enfrentar o segundo choque do petróleo originado pela alta do barril de óleo; a elevação dos preços agravou o problema da balança dos pagamentos. Não tendo como enfrentar a situação, Delfim Neto optou pela política recessiva no final de 1980. Depois de ter vivido tempo de grande crescimento, agora o país entrava para um período cruel de recessão. Tal fato permitiu que os sindicatos que surgiram nesse tempo entrassem

em ação contra essa política de recessão. Essa onda de manifestações dos sindicatos encontrou apoio de alguns setores da sociedade, entre eles o da Igreja Católica em sua luta pela ampla liberdade e pelo amparo à população mais pobre.

A presença das Forças Armadas no comando do país desde 1964 configurou-se de forma muito diferente de outras ditaduras do continente americano. As características principais, segundo Boris Fausto, que constituíram o comando político do país como um regime militar que determinava o rumo das ações e decisões do governo foram:

> Pela primeira vez, a cúpula das Forças Armadas assumiu diretamente o poder e muitas funções de governo. Os militares raramente atuaram em bloco na arena política [...]
> O regime implantado em 1964 não foi uma ditadura pessoal. Era um grupo de chefes militares escolhidos para governar o país com tempo determinado. A sucessão presidencial se realizava de fato no interior da corporação militar [...]
> Os militares não governaram sozinhos e muitas vezes não controlaram de perto os civis que com eles partilharam o poder. Concedeu bastante campo de ação e pôs em destaque os formuladores da política econômica, homens como Delfim Neto e Mário Henrique Simonsen. Privilegiou os dirigentes das empresas estatais.
> O regime teve características autoritárias, distinguindo-se, porém, do fascismo. Não se realizaram esforços para organizar as massas em apoio ao governo; não se tentou construir um partido único acima do Estado, nem uma ideologia capaz de ganhar os setores letrados. Pelo contrário, a ideologia de esquerda continuou a ser dominante nas universidades e nos meios culturais em geral [...].
> Quem manda é a cúpula militar e os órgãos de informação e repressão, a burocracia técnica do Estado. O populismo deixou de ser usado como recurso de poder. Os grupos que tinham obtido voz no período anterior, perderam força; os sindicatos continuaram [...].
> O regime não correspondeu a um simples instrumento da classe dominante. Ela foi beneficiária da política do governo. Mas por muitos anos não participou da condução da política econômica, nas mãos de poderosos ministros da Fazenda e do Planejamento.
> No campo da política econômica, permaneceu o princípio da forte presença do Estado na atividade econômica e na regulação da economia. Muita coisa mudou fora do esquema do populismo anterior. (FAUSTO, 2006, p. 283-285).

Desde o final do mandato do presidente Geisel, selou-se um acordo entre os generais e membros da cúpula das Forças Armadas de que o próximo presidente seria o último do regime e, em seguida, seria estudada a forma de passar o comando do Congresso aos parlamentares eleitos para a elaboração de uma nova constituição. No governo do General Figueiredo, entrou

em cena o general Golbery do Couto e Silva; este foi o grande articulador do processo de redemocratização do regime governamental do país.

Nesse período, ocorreu o segundo choque do petróleo que levou o ministro da Fazenda, Delfim Neto a optar pela política de recessão econômica; a inflação em 1982 chegou a 99,7%. O Brasil teve que ir pedir socorro ao FMI; mas, ao deixar o governo, Figueiredo contemplou um cenário econômico já fora dessa terrível onda inflacionária.

Em 1984, houve a grandiosa campanha das "diretas já" em que muitos artistas e cantores se empenharam para que houvesse o retorno à democracia plena. Mas o Congresso não aprovou esse movimento, e Tancredo e Sarney foram eleitos pela Assembleia dos Deputados e senadores, em 15 de janeiro de 1985. Com essa vitória de Tancredo, a oposição chegava ao poder. A posse do novo presidente deveria acontecer no dia 15 de março de 1985.

Em 21 de abril de 1985, em meio a muitas recriminações sobre o atendimento do então recém-eleito Tancredo Neves, ele faleceu. Segundo Skidmore (2003, p. 268-269),

> A verdade permanece em segredo, mas a reação dos brasileiros à sua morte foi certamente autêntica. Em S. Paulo, 2 milhões de pessoas enfileiraram-se nas ruas para o adeus, quando o corpo de Tancredo começou sua jornada de volta a S. João Del Rey, seu local de nascimento em Minas Gerais. O funeral de Tancredo foi a mais maciça demonstração de pesar público desde o funeral que se seguira ao suicídio de Getúlio Vargas, três décadas antes. Mais uma vez o Brasil deveria ser governado por um vice-presidente, José Sarney, companheiro de chapa de Tancredo, que era subitamente lançado sob as luzes do poder presidencial pleno [...]. A presidência de Sarney estava diante de suas tarefas gigantescas: reconstruir a democracia depois de um hiato de quase duas décadas e solucionar ainda uma outra crise inflacionária [...] A tarefa da redação da nova Constituição era uma tarefa para o congresso eleito para como Assembléia Constituinte em 1986 [...] foi preciso um ano para a redação da nova Constituição que foi proclamada em 1988.

O país então perdia uma figura política marcada por suas qualidades: honestidade, equilíbrio e coerência de posições. Após a morte de Tancredo, Sarney foi empossado o novo presidente do Brasil. Este, diante da crise inflacionária, lançou o "Plano Cruzado" em que a nova moeda, o cruzado, teria o valor 1000/1; aboliu-se a indexação e manteve-se congelado o câmbio. O entusiasmo voltara como expressão de otimismo; porém durou pouco esse plano. O plano do "Cruzado" fracassou.

Nesse tempo, foi eleita a assembleia constituinte que iniciou os seus trabalhos no dia 1º de fevereiro de 1987. A elaboração da nova constituição foi uma tarefa árdua, mas, no dia 5 de outubro de 1988, foi promulgada solenemente a Nova Constituição que regeria a redemocratização completa

do país. O Brasil saía na frente em relação aos países da América Latina que estavam sob regimes autoritários. Conforme Boris Fausto (2006, p. 289)

> A Constituição de 1988 refletiu o avanço ocorrido no país na área da extensão dos direitos sociais e políticos aos cidadãos em geral e às chamadas minorias, aí se incluindo os índios [...]. Ao mesmo tempo, consagrou um quadro que já vinha sendo superado, dadas as novas realidades de um mundo globalizado, especialmente no campo econômico. O monopólio outorgado ao Estado nos setores de petróleo, telecomunicações, energia elétrica, portos e transporte rodoviário logo revelou-se um obstáculo ao fornecimento de bens e serviços e uma carga que um Estado em crise não poderia suportar. As várias emendas constitucionais, aprovadas ao longo de poucos anos, são uma clara demonstração disso. Com todas essas ressalvas, a Constituição de 1988 pode ser vista como o marco que pôs fim aos últimos vestígios formais do regime autoritário. A abertura, iniciada pelo general Geisel em 1974, levara mais de treze anos para desembocar em um regime democrático.

Depois de promulgada a nova Constituição, a primeira eleição direta para presidência da República, desde 1960, ocorreu em 1989. Foi eleito o presidente Collor, que, depois de um tempo ao lutar contra a alta da inflação, foi deposto por impeachment. Seu vice assumiu a presidência, e então, o presidente Itamar Franco, sob a gerência do Ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso, e uma verdadeira e competente equipe de técnicos da área econômica, mediante o plano de nova moeda, instituíram o Plano Real, que perdura até os dias de hoje com a competência dos técnicos e políticos no combate à inflação e no uso do dinheiro público para o desenvolvimento do país. Mas, a partir desse tempo, inúmeras outras transformações culturais vieram influir no desenvolvimento e no progresso do Brasil como um grande país de quase duzentos milhões de habitantes. Para os salesianos foram tempos difíceis, pois as mudanças econômicas e culturais exigiram inúmeras e novas posturas para a devida adaptação das escolas e de outras atividades pastorais e missionárias à nova realidade cultural, social e política. Uma cultura portadora de inúmeros valores jamais antevistos e que, a partir desse tempo, foram incorporadas à vida das gerações de jovens.

Ao lado do quadro político-social, deve-se acrescentar que foi de grande poder de influência nas posturas das comunidades e das escolas a nova realidade da Igreja após o Concílio Vaticano II, assim como as novas posturas dos jovens diante da velocidade das mudanças de costumes e usos das novas gerações, influenciadas pela música, pela filosofia e pela cultura do consumismo e pelos meios de comunicação social, que tornavam, aos jovens e ao mundo, tudo vivencialmente instantâneo. Mudanças jamais antevistas

e sonhadas anteriormente faziam parte do novo *modus vivendi* de qualquer população do mundo.

Durante esses mais de 15 anos de mudanças políticas e sociais no Brasil, os salesianos na Inspetoria tiveram que se esforçar muito na luta para realizar a integração das novas e irrompantes mudanças, sociais, políticas, culturais, e adequá-las às novas exigências dos tempos e das cidades onde as comunidades atuavam naquele tempo. Assim não houve estrutura de trabalho que não precisou se esforçar para que as mudanças fossem devidamente integradas à vida religiosa e à atividade pastoral. Singularmente, em todas as modalidades de ação educativa ou pastoral, aconteceu a influência das características dos novos tempos. A cultura não apenas passou por inúmeras modificações nos setores sociais ou políticos; com a mesma intensidade, ocorreram profundas mudanças de visões no campo da teologia, nas diversas modificações de concepção do mundo e das ciências. De modo especial, houve uma profunda modificação da concepção do mundo sob a perspectivas das novas filosofias do existencialismo e da fenomenologia. Esse conjunto de modificações trouxe nova perspectiva diante da vida salesiana em si, de modo especial pela realização do Capítulo Geral Especial de 1972, e de novas aquisições da teologia que orientou a espiritualidade. Prosseguiu assim um volume enorme de posturas originárias dessas mudanças do mundo cultural e artístico. Porém a visão social foi aquela que mais profundamente influenciou a realidade social marcada pela desigualdade entre ricos e pobres entre os povos desenvolvidos e os menos desenvolvidos. A proposta socialista originária da Rússia invadiu o campo do pensamento como um horizonte capaz de salvar a humanidade e ganhou muitos adeptos. Assim, no Brasil, foi grande a influência da Teologia da Libertação e do apelo pelas organizações comunitárias de base, como as Comunidades Eclesiais de Base como expressão da vivência da nova teologia da libertação e da nova eclesiologia.

Os salesianos da inspetoria enfrentaram todos esses passos em um ritmo também não muito ordenado nem muito bem coordenado. O antigo representava a serenidade do passado, e o novo, uma espécie de ideologia de rejeição sobretudo às modalidades do passado e de busca pelas novas dentro dos tempos atuais. Os valores da vida salesiana, o carisma de S. João Bosco passou por linguagens totalmente diferentes, nem sempre capazes de expressar a força da virtude tipicamente vivencial de S. João Bosco. Houve até momentos em que o desprestígio ou a insensibilidade diante do carisma foi a tônica dominante de formadores e de orientadores impregnados por teorias sociais e tipicamente existencialistas, mas sem sentido teológico.

8.2 A nova visão do mundo, da cultura, da teologia e da Igreja nos principais documentos do Concílio Vaticano II

Sem dúvida alguma, o Concílio Vaticano II, continuação do Concílio Vaticano I que ocorrera no século XIX, foi um dos maiores acontecimentos para a Santa Igreja durante mais de cem anos. Várias questões indicavam a necessidade de a Igreja realizar um longo diálogo com as características culturais e científicas da segunda metade do século XX. A efervescência das mudanças emergia em todos os segmentos do conhecimento e da vida da humanidade, tanto na ciência, na cultura, nas artes, nas linguagens e nas comunicações como nas políticas. Essas novas características eram portadoras de forças, de descobertas e de atos vivenciais completamente diferentes de momentos históricos anteriores. Um fator singular dessas mudanças e da aglutinação de fatores vigorosos de influência era a velocidade com que nova conquista se sobrepunha à outra pelas descobertas, pelas invenções em todos os campos artísticos. De modo especial, isso se intensificou depois da Segunda Guerra Mundial, depois das guerras setoriais mais intensas como os longos anos da guerra no Vietnã. Assim o mundo tornava-se rápido através dos meios de comunicação social, em especial pelas novas modalidades de transmissão das notícias retratadas pelas imagens e pela força dos correspondentes, que se comunicavam quase instantaneamente. O ápice desse momento adquire substrato maior pela presença dos computadores e das transmissões via satélite. Depois que o homem foi à Lua, todas as conquistas da ciência tornaram-se meios disseminados pela comunicação, e as distâncias passaram a ser vivenciadas pela comunicação via satélite e, mais tarde, tornaram-se quase instantâneas.

A ciência que conseguira levar o homem ao espaço, a comunicação que passou a ocupar áreas imensas pelos canais dos satélites, as novas maneiras de interagir com as artes, com a distância pela presença de novos aviões e com os milhares de novos produtos, já no início da segunda metade do século XX, promoviam a antevisão de uma nova cultura e de novas linguagens sobre a vida humana na terra e no universo.

A vida política, depois da segunda grande guerra, passara pelo terrível período da guerra fria em que a ideologia americana e a comunista russa e chinesa regeram o universo dos países gerando confrontos e novas posturas em relação ao ordenamento político das nações; porém, com a queda do "Muro de Berlim", a força ideológica do comunismo ou do socialismo europeu permitiu vislumbrar o fim daquela força política socialista proveniente da época de Stalin. Depois desse fato, novas nações surgiram desse bloco, e a Europa e mundo detectaram a falência desse regime político. Surgiam novos horizontes políticos na Europa e nas Américas. Novos tempos também

para os países do Extremo Oriente, como Japão, China e Vietnã. A rapidez na comunicação tornava o mundo mais próximo e mais integrado em todas as áreas; a África seria talvez o continente a demorar mais para se integrar à nova cultura.

É verdade que os pensadores mais renomados instituíram novas linhas de pensamento ao lado do "existencialismo e da fenomenologia", optando pelas manifestações da subjetividade e da individualidade dentro do novo mundo da cultura e da ciência. Diversos pensadores introduziram uma linha de pensamento proveniente das grandes conquistas da ciência enquanto física quântica e química "atômica". Todas essas mudanças indicavam a erupção de uma nova cultura ou de uma nova época da humanidade regida pelos computadores e pelos *chips*.

A Igreja, através do Papa João XXIII, convoca um novo concílio para se confrontar com os horizontes desse novo mundo. Importantes foram a coragem e a intuição desse papa ao conclamar todos os cristãos para um revisão da Igreja diante das características da modernidade desse tempo. Como a questão de um Concílio terminara de forma incompleta no século anterior, ao decretar a abertura de um novo concílio, o papa mostrou que a vida prosseguira, e que a Igreja não poderia deixar de acompanhar o mundo como sempre fizera desde os primeiros séculos de sua existência. O início do Concílio Vaticano II ocorreu no dia 11 de outubro de 1962. Houve vários períodos ou sessões, conforme a necessidade de interrupções ditada pelo próprio desenrolar dos trabalhos dos capitulares, mais estudos dos temas e, principalmente, a confrontação da realidade com as contínuas reflexões conforme a natureza da temática e dos documentos. O encerramento desse concílio verificou-se já com outro papa, Paulo VI, sucessor de João XXIII, com a celebração solene de todos os participantes, no dia 7 de dezembro de 1965.

Frei Boaventura Kloppenburg, OFM, ao apresentar os documentos do Concílio, estabeleceu três características gerais que perpassaram pelos documentos conclusivos ou provenientes das orientações prévias de João XXIII:

> 1. O Vaticano II quis ser um Concílio pastoral: sua finalidade pastoral foi proclamada desde o início por seu idealizador, Papa João XXIII [...] a renovada, serena e tranqüila adesão a todo o ensino da Igreja, na sua integridade e exatidão como brilha nos Atos Conciliares, desde Trento até o Vaticano I, o espírito cristão, católico e apostólico do mundo inteiro espera um progresso na penetração doutrinal e na formação das consciências em correspondência mais perfeita com a fidelidade à doutrina autêntica; mas também esta seja estudada e exposta por meio de formas de indagação e formulação literária do pensamento moderno [...] outra é a formulação que a reveste [...] ter em grande conta medindo tudo nas formas e proporções do magistério prevalentemente pastoral [...] Nos nossos dias, a Esposa de Cristo prefere

> usar mais o remédio da misericórdia que o da severidade [...] A Igreja Católica deseja mostrar-se mãe amorosa de todos, benigna, paciente e cheia de misericórdia e bondade com os filhos dela separados". Concílio prevalentemente pastoral [...] para mostrar sua virtude salvadora na realidade histórica [...] a figura heróica do Bom Pastor para instruir, aproximar, amar as almas e santificá-las.
> 2. O Concílio Vaticano II quis ser um Concílio "ecumênico", mas na acepção moderna de favorecer a unidade dos cristãos.
> 3. O Concílio Vaticano II quis ser um Concílio doutrinário. Nem a índole pastoral, nem o caráter ecumênico excluem uma intenção doutrinária. A inquietação pastoral e ecumênica girava não em torno de doutrinas, mas do modo de apresentar a doutrina.
> 4. O Concílio Vaticano II quis ensinar autenticamente, isto é: com autoridade divina. Sobre seu valor teológico, que evidentemente será diferente não apenas de documento para documento, mas de ensinamento para ensinamento. Cada documento tem o seu valor teológico diferenciado, conforme a sua natureza. (KLOPPENBURG, 1996, p. 8-23).

Todos os documentos promulgados pelo Concílio foram e são importantes para a vida da Igreja; porém, devido à natureza e abrangência, cada um resultou em grau de importância, e assim foi consagrado pela assembleia e por todo o tempo posterior do Concílio, quando as diversas partes da Igreja tiveram que estudar e se adaptar às novas orientações provenientes desses documentos. De modo geral, os documentos do Vaticano II foram classificados em três tipos de categoria. Os 16 documentos promulgados pelo Concílio enquadram-se em três categorias: de Constituição, de Decretos e de Declarações. Por ordem de importância e pela exigência de maior tempo de trabalho e estudo dos padres conciliares, vieram as Constituições, posteriormente os Decretos e, por último, as Declarações.

Foram quatro Constituições, nove Decretos e três Declarações. As Constituições, conforme Kloppenburg (1996, p. 17),

> O Concílio publicou dois importantes documentos sob a forma jurídica de Constituições dogmáticas: uma sobre a Igreja – Lumen Gentium – e outra sobre a revelação divina – Dei Verbum. Em ambas é manifesta a intenção formal de ensinar, propor doutrinas e mesmo doutrinas novas. E há um documento que tomou a forma de Constituição Pastoral – Gaudium et Spes – e ganhou a seguinte nota prévia: "A constituição é chamada pastoral porque, baseada em princípios doutrinários, tem a intenção de exprimir as relações da Igreja com o mundo e os homens de hoje.

Em relação à situação da vida pastoral e apostólica da inspetoria, todos os documentos do Vaticano II foram importantes para consagrar, orientar e pautar as linhas das novas posturas pastorais. Mas entre os documentos do Vaticano II, além dessas Constituições que foram portadoras de nova

configuração dogmática e de novas orientações para os ajustes das linhas e posturas pastorais, convém realçar outros documentos, de modo especial os Decretos sobre a ação pastoral com povos não cristãos, como os índios, precisamente o Decreto "Ad gentes", e a Declaração "Gravissimum Educacionis", referente às orientações com os novos processos educativos, como sempre foi o caso da ação dos salesianos na inspetoria.

8.3 As grandes linhas orientadoras dos documentos do Vaticano II correlacionados ao trabalho dos salesianos em Mato Grosso

A série de documentos promulgados pelo Concílio Vaticano II teve repercussão em toda as partes da Igreja Católica espalhada pelo mundo. Nesse contexto, inclui-se também a atividade salesiana na Inspetoria de Mato Grosso. Em união com a grande renovação da Igreja, todas as atividades paroquiais, missionárias, educativas e formadoras tiveram que se questionar e estabelecer um plano de renovação. Ao lado das instituições da Igreja no Brasil, como a CNBB, as dioceses, assim também os salesianos estabeleceram metas para que esses novos conceitos teológicos promulgados pelos documentos do Concílio adquirissem vigência e vivência nos devidos setores das atividades pastorais. Singularmente, cada documento trouxe uma contribuição para se estabelecer novos parâmetros de confronto com a vida e a atividade pastoral das comunidades. Em especial para os salesianos, a vivência de uma sintonia com as orientações da Igreja agora se transformava em estudos e planos de adaptação às novas normas e conceitos de teologia e pastoral provenientes dos documentos conciliares. As dioceses logo iniciaram reuniões de estudo e planejamento para essa devida adequação. Sem dúvida que a atmosfera de grandes mudanças pairava sobre todas as comunidades e, de modo especial, nas celebrações litúrgicas surgiram as grandes modificações propostas pelo Concílio, estando à mão de todos compreender que as mudanças queriam propor maior possibilidade de participação e de compreensão dos mistérios celebrados na liturgia.

Em cada documento, a renovação da Igreja se caracterizava pelas concepções e adaptações que tornassem mais compreensíveis o mistério da vida e as posturas da Igreja, para que a graça da presença de Deus na História se tornasse evidente. Cada documento promulgado pelo Concílio trazia sua contribuição específica. Percorrendo os documentos, pode-se afirmar com melhor detalhe em que sentido eles mostraram novos caminhos e orientaram a atividade salesiana na inspetoria, sempre inserida na renovação eclesial das dioceses. Quer dizer que a renovação dos salesianos a partir do Concílio sempre esteve unida às orientações das dioceses em que as comunidades salesianas estavam inseridas. Entre o conjunto de Documentos promulgados

pelo Concílio, pode-se afirmar quais tópicos influíram e exigiram maior capacidade de adaptação dos salesianos.

Da série dos 16 documentos do Concílio Vaticano II, alguns adquiriram maior repercussão devido aos temas apresentados, e outros se tornaram destaques pela temática assumida e explanada em seus textos. Arbitrariamente, tendo por base a vivência das comunidades salesianas na inspetoria, talvez os documentos que mais influíram nas mudanças e nas concepções do conjunto da vida salesiana estivessem de forma mais intensa em cinco deles. De maneira alguma, ao selecionar os cinco documentos, pretende-se diminuir ou avaliar a grandeza que o conjunto de todos os documentos representou para o horizonte amplo e vasto de toda a Igreja e de todos os segmentos da vida da Igreja. Principalmente deve-se considerar que o conjunto de todos os documentos representa os dizeres e as afirmações das análises, avaliações e conceituações que atualizam e direcionam a doutrina, a compreensão e as novas propostas de leituras do tempo cultural, científico e político daquela época, devidamente conceituado e explanado para a compreensão e orientação vivencial de todos os católicos e cristãos. Afinal havia que se mostrar uma nova leitura da compreensão do mundo que se descortinava naqueles anos de grande velocidade nas conquistas e progressos científicos, mudanças sociais e culturais a serem devidamente avaliadas e integradas. Os cinco documentos assinalados seriam a *Lumen Gentium*, sobre a doutrina teológica de Igreja; a nova concepção do mundo e das ciências com a *Gaudium et Spes;* o Decreto *Ad Gentes*, para a devida orientação da compreensão das culturas indígenas; a Declaração *Gravissimum Educationis*, sobre o complexo problema da educação; ainda para a compreensão das relações dos religiosos e leigos diante da Igreja, o Decreto *Apostolicam Actuositatem*. Porém, deve-se acrescentar a esse rol mais um documento essencial para a orientação e integração das comunidades religiosas na perspectiva da visão nova da Igreja em relação aos religiosos, o Decreto *Perfectae Caritatis.*

O Documento Constituição dogmática *Lumen Gentium*, além de expor a doutrina da teologia sobre a realidade da Igreja, assinala as participações de cada estamento que compõe a realidade eclesial; assim aparecem as definições dos diversos papéis da hierarquia, do clero e dos leigos. Essa é a distinção principal ao delinear o papel importante da presença dos leigos na Igreja; além disso, ao expressar os conceitos teológicos sobre a realidade da Igreja, assinala a "santidade" como referência para todos os participantes da Igreja e indica as funções dos bispos, presbíteros e dos leigos. Mas a novidade principal em relação aos leigos refere-se à participação nos diversos campos da pastoral eclesial; os leigos passam a constituir um elemento principal ao lado dos bispos e presbíteros na condução do trabalho apostólico das

igrejas ou das comunidades pastorais. Além disso, o documento aperfeiçoa teologicamente as expressões à constituição da Igreja, ao afirmar sua índole constantemente missionária e sua vocação à santidade; e para os salesianos, um dos itens importantes refere-se a Nossa Senhora e suas atribuições como Mãe e Mestra de todas as ações pastorais.

O segundo Documento assinalado foi a Constituição Pastoral *Gaudium et Spees*. Praticamente nesse documento aparecem todas as realidades inovadas pelas características da cultura atual. Assinala a importância e autonomia das ciências em seus respectivos campos e as descobertas da ciência que permitem entender e compreender as inovações da cultura e das relações entre povos e entre as pessoas. Apresenta esse documento as riquezas da nova cultura e das novas perspectivas que a ciência aponta para a humanidade como progresso e bem-estar. De modo especial, o progresso em si neutro no campo das ciências adquire aqui uma feição ética em relação à vida e o respeito à vida dos outros e dos grupos diferentes na cultura. Mas a maior contribuição desse documento é a expressão da necessidade de se acompanhar a evolução constante das ciências e das demais expressões culturais que determinam e qualificam a cultura atual. Assim a Igreja, em suas posturas pastorais, vale-se também das conquistas das diversas ciências que promovem o bem e a riqueza em relação aos povos e às diversas culturas. Esse Documento da *Gaudium et Spes* marca a postura da Igreja em relação às modificações culturais, à história e às conquistas da ciência constantemente aberta em prol do bem e da consistência do conhecimento e da cultura em prol de todos, dos mais abastados e dos mais pobres.

Assim também esse documento apresenta as características mais consistentes e envolventes da cultura atual, entre elas a presença da rapidez crescente dos meios de comunicação e das possibilidades de se tornar os acontecimentos instantâneos à vivência e à apreciação de todas as comunidades. A globalização inteira-se através da comunicação e da possibilidade de que os bens produzidos em qualquer parte do mundo estejam disponíveis para todas as cidades e para todos os povos. As mudanças sociais tornam-se velozes, e a necessidade de providenciar a aceleração nos processos, tudo gera a esperança de se viver em relação aos acontecimentos de modo instantâneo, independentemente das distâncias. Por fim diante de um mundo variado e extremamente trabalhado, existe a necessidade de se personalizar as ações e posturas para que cada pessoa não se perca, e fortaleça a própria vida, a própria individualidade. É necessário saber que o documento apresenta também sua linha de postura pelos valores que, sofrendo terríveis e profundas mudanças com a nova cultura, jamais deixarão de ser a expressão de valores abençoados, com a vida em família e a oferta da educação na fé Católica como o parâmetro essencial para se encontrar como povo de Deus.

Da mesma forma, o documento apresenta Jesus como o Alfa e o Ômega do universo: ponto fontal e referencial para o sentido da vida e do mundo. Ele é o novo Homem e para Ele convergem todos os valores de uma cultura e de uma sociedade que se quer ver como expressão do plano de Deus Pai. Assim surge a necessidade de se cristianizar a cultura pela presença de Jesus Cristo como referência do amor de Deus. Todas as manifestações vivenciais devem encontrar em Cristo o seu sentido; assim a família, a política e as artes ou o trabalho encontram, na Palavra de Cristo, o caminho para o sentido amplo e santificador de toda pessoa que se posta no mundo a partir de Cristo.

A título de exemplo, um item sobre a educação para entender a cultura desse tempo:

> Hoje é maior do que antigamente a dificuldade de reduzir a uma síntese as várias ciências e artes. Enquanto crescem o volume e a diversidade de elementos que constituem a cultura, diminui ao mesmo tempo, para cada homem, a possibilidade de percebê-los e compô-los organicamente, de tal modo que cada vez mais desaparece a imagem do "homem universal". Contudo continua a impor-se a cada homem o dever de salvar a integridade de sua personalidade, na qual sobressaem os valores da inteligência, vontade, consciência e fraternidade, todos fundamentados em Deus Criador e que em Cristo foram sanados e elevados, de maneira admirável. Como mãe e alimentadora desta educação, acha-se em primeiro lugar a família. Nela os filhos, cuidados com amor, aprendem mais facilmente a hierarquia dos valores enquanto formas aprovadas de cultura humana são por assim dizer naturalmente comunicadas ao espírito do adolescente em crescimento. Para a mesma educação existem na sociedade atual oportunidades, decorrentes, sobretudo da larga difusão de livros e de comunicação cultural e social, que podem favorecer cultura universal [...] cresceram as vantagens para muitos homens [...] para consolidar a saúde da alma e do corpo. (KLOPPENBURG, 1996, p. 214).

Esse texto mostra a abrangência da nova cultura assumida pela Igreja como campo vasto de inserção da mensagem de Salvação de Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, mostra como deverá ser a abertura das comunidades educadoras diante dos novos traços e características dessa nova cultura.

O próximo documento a ser considerado como de importância especial para a congregação e para a inspetoria em suas atividades pastorais foi o Decreto *Apostolicam Actuositatem*, o trabalho apostólico dos leigos, isto é, como deve ser o trabalho dos leigos católicos no mundo de hoje, dessa nova cultura. O documento define muito claramente a posição do trabalho dos leigos em relação à grande tarefa de evangelização. Mostra como essa ação faz parte da missão da Igreja e, portanto, de agora para frente os leigos devem ser integrados nos planos de pastoral, em especial das paróquias. Não que

não existisse essa dimensão nas paróquias salesianas, mas de agora para frente essa atividade deverá ser incluída nos planos diocesanos e nas atividades paroquiais. Os leigos também serão chamados a tomar parte ativa nas comunidades de outras modalidades pastorais, de modo especial nos oratórios e nas escolas.

Outro documento de referência para o trabalho educativo das comunidades educativas com atividades escolares, era o *Gravissimum Educationis*, ou a A Educação Cristã. Esse documento define muito bem o que seja a educação cristã como educação que leva a aderir e conhecer as verdades fundamentais da fé e, posteriormente, a organizar e ordenar a vida dos jovens para uma atuação consciente como cristãos católicos em estado de plenitude. Para que isso ocorra a partir das comunidades educativas, o documento apresenta a responsabilidade dos educadores católicos e mostra a importância da escola católica:

> Entre todos os instrumentos da educação, possui a escola importância peculiar. É por força de sua missão que aperfeiçoa, com desvelo ininterrupto, as faculdades intelectuais, desenvolve a capacidade de julgar com retidão, faz participar no patrimônio da cultura adquirido por gerações passadas, promove o sentido dos valores, prepara a vida profissional, faz nascer relações de amizade entre alunos de índole e condição diversa e assim favorece a disposição mútua de se compreenderem [...] Além disso, constitui uma espécie de centro em cuja operosidade e progresso hão de participar, unidos, as famílias e o professorado, as associações que promovem a vida cultural, cívica e religiosa, a sociedade civil e toda a comunidade humana. Por isso é bela e de grande afluência a vocação de todos aqueles que, para ajudarem os pais no desempenho de seu ofício e para fazerem as vezes da comunidade humana, se incumbem da tarefa de educar nas escolas. Vocação que exige dotes peculiares de espírito e de coração, preparação esmerada, prontidão contínua de renovar-se e adaptar-se. (KLOPPENBURG, 1996, p. 588).

Importante como referência para as escolas, pois desde esse tempo iniciou a afluir em grande número os professores leigos nas escolas salesianas. Todos unidos no mesmo empenho do ensino em sua área e no aspecto de evangelizar e mostrar o caminho do verdadeiro cristão para todos os jovens.

Escolhido como referência para a realidade inspetorial, vem por último o Decreto *Perfectae Caritatis* como orientação geral para a atualização de todos os religiosos. Atualização quanto aos documentos do Vaticano II e como capacidade de inserção dentro da nova cultura e das mudanças propostas por todos os documentos desse concílio. Houve sempre momentos de intenso estudo a esse respeito. Porém a atualização dos salesianos passou sempre pelos documentos já atualizados provenientes do centro da Congregação em Roma. Essas novas diretrizes foram objetos de longos estudos pela

direção da Congregação, que as mostrou em seus documentos regulares e periódicos. Dessa forma, esses documentos passaram a ser referência para as atividades educativas e pastorais em todas as áreas de atividade da Inspetoria. O Vaticano II passou a ser a referência para os estudos e cursos de atualização em todas as áreas da Pedagogia Salesiana, da Espiritualidade e dos Valores Salesianos, bem como nos cursos de atualização teológica. Nesse tempo, surgiu um complexo de estudo para a atualização no campo da Moral, com os volumes do estudioso Pe. Bernardo Hering sobre a moral em sua obra "A lei de Cristo". Sem dúvida foi um marco dentro dessa perspectiva de atualização teológica e moral; nesse sentido, incluem-se as obras dos autores especiais como Karl Rhaner, Bernard Haring, Schillebeeckx, Hans Urs Von Balathasar, Dubois e outros.

Por fim, há que se nomear o Decreto *Ad Gentes*, como referência em relação à atividade missionária. No caso da Inspetoria, na modalidade de apresentação da doutrina católica aos povos não cristãos, considera-se a presença de culturas indígenas em que o Cristianismo fora apresentado e ainda perduram os traços dessas culturas originais, como expressão da identidade deles e de suas tradições, usos e costumes. Diante da necessidade de um específico posicionamento para a atividade missionária, esse documento apresenta claramente todas as posturas e etapas dessa atividade em relação aos povos não cristãos. Apresenta a necessidade de uma evangelização clara e das etapas possíveis para se formar uma comunidade cristã capaz de vida própria, desde que os sinais da presença da doutrina do Santo Evangelho estejam assumidos culturalmente e, assim, a comunidade possa articular a vida sacramental e a frequência aos santos sacramentos. Esse documento veio ao encontro das necessidades de confronto entre o trabalho missionário entre os índios e as possíveis mudanças, tendo em vista a identidade cultural de cada povo.

Após o término do Concílio Vaticano II, no dia 7 de dezembro de 1965, em seguida a congregação também realizou um Capítulo Geral. Porém as confrontações entre a realidade da congregação e essas novas posturas não aconteceram em profundidade devido à preparação, que simplesmente não ocorrera em vista da exiguidade do tempo e da impossibilidade de se confrontar com essas novas posturas contidas nos documentos conciliares. As orientações desse Capítulo Geral XIX pediam a preparação de toda a Congregação para se efetuar estudos e capítulos inspetoriais, para depois se realizar um capítulo geral especial. Esse horizonte teve a grande concretização na congregação em 1972, quando ocorreu, em Roma, o Capítulo Geral Especial, em que as temáticas mostraram a grande intenção de todos em se adequar às grandes linhas de teologia e de atividade pastoral contidas nos documentos conciliares.

8.4 Depois do Concílio Vaticano II, dois acontecimentos interferiram culturalmente na mudança de mentalidade de diversos setores da sociedade

O primeiro acontecimento importante como expressão de uma nova mentalidade e de novos comportamentos por parte dos jovens sucedeu em Paris, em 1968. Os estudantes universitários, pela primeira vez na História, insurgiram-se contra as metodologias de ensino e, principalmente, contra a relação tipicamente hierárquica entre docentes e universitários. O ideal propagado pelos jovens que, por alguns dias, tornaram Paris o palco dessa revolta, mediante o movimento de manifestações por novos valores na Academia em geral, seria a mudança em relação à estrutura vigente pela inclusão de maior expressão democrática também nesse setor. As manifestações estudantis na França em prol de reformas cresceram tanto que evoluíram para uma greve de trabalhadores de outros setores. As manifestações tiveram como ponto alto a união de todos os estudantes e trabalhadores para uma greve geral, que balançou o governo do presidente Charles de Gaulle; desejavam a maior greve da Europa e conseguiram unir nove milhões de pessoas. O presidente sentiu-se enfraquecido a ponto de refugiar-se por um tempo na Alemanha.

O conflito iniciou entre estudantes da Universidade de Paris, em Nanterre; no dia 2 de maio de 1968, a administração decidiu fechar a escola e expulsar os estudantes acusados de liderar o movimento. A reação imediata dos alunos conseguiu unir todos os estudantes também da Sorbonne para protestar, saindo em passeatas sob o comando do líder estudantil Daniel Cohn-Bendit. A repressão policial provocou lutas e surgiram barricadas nas ruas de Paris. A reação do governo ampliou as batalhas dos manifestantes nas ruas. Os confrontos nas ruas foram grandes e resultou na prisão de inúmeros manifestantes e em muitos feridos nos combates com os soldados. Os trabalhadores em geral aderiram ao movimento, e tudo ficou parado. O governo decidiu então convocar novas eleições para o mês de junho; com essa manobra política e com as promessas de aumentos salariais, o governo tomou controle da situação. Um grande movimento, mas durou pouco, pois após 10 de maio cessaram as manifestações.

Alguns estudiosos, filósofos e historiadores, afirmam que essa rebelião foi o acontecimento revolucionário mais importante do século XX; afirmam que o movimento atingiu a todos os estudantes e trabalhadores como uma verdadeira insurreição popular que superou as barreiras étnicas, culturais e sociais. Muitos participantes dessas manifestações queriam quebrar a ordem estabelecida pelos valores da "velha sociedade", contrapondo ideias avançadas em educação, sexualidade e em prazer. A maioria dos manifestan-

tes eram grandes admiradores dos ideais da esquerda e do comunismo. Entre os pensadores que influenciaram esse movimento, encontra-se Herbert Marcuse e outros artistas, como François Truffaut, Godard e outros. No Brasil, os cantores Gilberto Gil e Caetano Veloso expressaram o tempo com o famoso refrão apresentado em festivais da canção: "É proibido proibir!"

Porém esse movimento expressou a nova onda de intenções e de desejos de maiores expressões democráticas não somente na Academia, mas também, de forma geral, em todas as relações sociais. Batalhou muito para quebrar os paradigmas vigentes tendo em vista também os ideais socializantes politicamente; a igualdade propalada pelo socialismo adquiriu força inspiradora para reformas políticas também. Pairava sobre a Europa maior expressão de liberdade em todos os segmentos sociais, e nos meios de comunicação surgiram as divergências entre os valores dominantes e as posturas desejadas e idealizadas por esses jovens, que se tornaram "os agentes" inconscientes desse novo horizonte ideologizado pelo socialismo. Palavras antigas do período da revolução francesa assumiram a capacidade de mostrar o que a massa de jovens mais desejava e mais além da liberdade e igualdade.

Os embates entre os jovens e os policiais tornaram as manifestações da massa juvenil momentos históricos, em que eles se debatiam como se fosse a grande batalha a ser conquistada pelas manifestações de uma nova "aurora de vida"; de fato os dias de grande tumulto pelas ruas de Paris tornaram-se exemplares manifestações de uma nova realidade da juventude, ansiosa por novos valores e novos ideais. Parecia que haviam derrotado o que representava o "passado" como força estruturadora da vida social e política.

Esses acontecimentos influíram em todas as partes do mundo ocidental. Os jovens procuravam novas linguagens e modalidades diferentes para expressar os anseios por uma nova cultura, por maior quebra de relações nas universidades e pela liberdade a ser conquistada em todos os setores da cultura. O que já ocorrera com a linguagem das artes, agora acontecia com a vivência social e estudantil. A intensidade do movimento proveio também de grandes parâmetros sobre a música, que também iniciaria uma nova etapa nesse setor ao instituir nova modalidade de música popular, que deixava de lado toda a força das composições clássicas. O ímpeto inovador ganhou força também nas músicas populares, que foram imediatamente difundidas pelos meios de comunicação social como as rádios, os discos, a televisão e o cinema.

O segundo grande acontecimento como referência da expressão dos novos padrões foi a concentração dos jovens e artistas em Woodstock, nos Estados Unidos, precisamente perto de uma pequena cidade vizinha de Nova York, Bethel. De 15 a 17 de agosto de 1969 ocorreu esse encontro de mais de meio milhão de jovens ansiosos por estar presente nesse acontecimento.

Esse festival mudou para sempre a música, a moda e a cultura mundial. Essa multidão de jovens cantou e dançou o tempo todo. Esses jovens receberam denominação de "geração paz e amor". Segundo jornalistas da época, depois de 1960 conturbado, em 1969 o homem colocava os pés na Lua; aqui a nova geração de jovens experimentava o amor livre, as drogas e o rock n'roll que embalava tudo. Esse festival de Woodstock sintetizava a época de novas posturas e novos valores. De modo especial, exemplificou essa era *hippie* e as manifestações da contracultura dos anos da década de 1960. Esse festival tornou-se um marco lendário na história da música popular mundial.

Os roqueiros que se apresentaram nesse festival não contaram com as bandas dos Beatles nem do Led Zepellin e outros músicos célebres. Mas as bandas que lá estiveram foram capazes de movimentar a multidão o tempo todo. A língua inglesa permitiu que houvesse uma intensa manifestação de novidades abrangentes.

Além disso, a grande expressão da música eletrônica permitiu a comunicação das novidades da intensidade e da comunicação para imensas multidões; os aparelhos eletrônicos, em especial a guitarra e os outros componentes dos grupos de uma banda, permitiram a comunicação do novo ritmo e da intensidade forte capaz de envolver a todos e de criar uma nova atmosfera, cuja intensidade trazia os cantores e seus acordes musicais para absorver a atenção de todos, proporcionando uma espécie de embriaguez coletiva. Esse efeito também era proporcionado pelo livre consumo de drogas ou de outros ingredientes capazes de gerar estados de profunda abertura psicológica ao momento e à intensidade dos sons, provocando arrebatamentos prolongados proporcionados pelo ritmo frenético e pela intensidade dos instrumentos de percussão. Arrebatamentos coletivos capazes de provocar estados quase histéricos de euforia e de grande poder de energia dos jovens para passar horas e horas ininterruptas em danças que acompanhavam os ritmos frenéticos. Eram os ritos da contracultura.

Ao lado desse mundo musical, outras dimensões apareceram como expressão dessa nova linguagem do Rock; a liberdade plena para tudo, até para morrer ou mudar a qualidade da vida; a nova descoberta de uma linguagem musical que se tornara popular e com poder de animar as multidões; o lema desse novo horizonte sempre foi lembrado como a "geração paz e amor!"

Esses movimentos referenciais para todos nesse tempo vieram justamente quando os documentos do Vaticano II propunham uma atualização da Igreja diante dos novos traços e características da nova cultura, que se impunha e exigia novas posturas em todos os segmentos da vida, como expressão das conquistas e das quebras das relações sociais e familiares já bastante difundidas. Mas é bom realçar que, no Brasil, esses movimentos encontraram um cenário político completamente inverso; a ditadura nesse tempo era

dominada pelos generais da linha dura, como Costa e Silva e, posteriormente, Geisel. A ditadura era intransigente quanto às novas linhas políticas do socialismo originário das doutrinas marxistas; houve festivais em que as expressões artísticas manifestaram-se livremente, sem atropelo dos militares.

Para os salesianos, a grande influência desses movimentos e, sobretudo, das posturas diante dos valores por eles propagados repercutiram nos processos educativos e nas linguagens dos valores da proposta educativa. Mas a grande influência desses novos traços culturais, ou da presença do grande avanço tecnológico e cultural, veio repercutir nos modelos de estruturas educativas vigentes nas casas salesianas. Em especial repercutiu com veemência quanto ao modelo de colégio. Desde 1932, espalharam-se pelas presenças salesianas os internatos como padrão da escola que, assim, estava de acordo com a cultura até no final da década de 1960 e início de 1970. As novas características da cultura, das cidades, das famílias e, sobretudo, das conquistas do progresso levaram à derrocada dos internatos. Um dos fatores novos mais significativos foi a presença das meninas nas escolas; todas as escolas tornaram-se mistas, abertas tanto para os meninos como para as meninas. A inspetoria enfrentou essa fase com grandes lutas. Soube desenvolver outras características para as escolas e, assim, manter a presença juvenil com entusiasmo diante da ação educativa da Pedagogia Salesiana. Durante os períodos dos inspetores após 1964, houve uma luta para se promover uma verdadeira reavaliação das casas e uma remodelação das presenças. Muita luta diante de muitas tentativas, até que, durante o período do Inspetoriado do Pe. Geraldo Pompeu de Campos, concluíram-se os processos mais exigentes de renovação das casas. Algumas concluíram suas adaptações somente no tempo do inspetor Pe. Walter Bini, que permaneceu como inspetor somente no período de 1976-1977.

8.5 O governo inspetorial do Pe. Geraldo Pompeu de Campos e os grandes esforços para colocar em vigor as novas orientações da Congregação e as decisões do "Redimensionamento Inspetorial"

Conforme registro nas atas do Conselho Inspetorial, Pe. Pedro Cometti, antes de terminar o triênio de governo, pediu aos superiores que o exonerassem de seu cargo; e na reunião de 24 de novembro de 1969, comunicou a todos que o seu substituto seria o Pe. Geraldo Pompeu de Campos, que estava finalizando o seu mandato de inspetor na Inspetoria de Recife.

Pe. Geraldo Pompeu tomou posse como inspetor no dia 21 de dezembro de 1969, quando finalizava o primeiro retiro dos salesianos daquele ano na Chácara S. Vicente. Praticamente, antes mesmo de realizar a primeira visita a todas as casas, teve que dar prosseguimento a uma das principais

questões da inspetoria, o famoso redimensionamento das obras. Foi tomando contato com a situação das atividades e da vida das casas do oeste de S. Paulo. Percebeu a inconsistência quanto ao futuro das duas casas da paulista: Tupã e Lucélia. Em seguida, teve que fixar a data mais conveniente para a realização do Capítulo Inspetorial Especial. Ficou marcado para iniciar em 28 de julho de 1970 e finalizar em 03 de agosto. O objetivo principal seria a preparação para o Capítulo Geral Especial da Congregação já previamente fixado para depois de julho de 1971.

De início, também teve que tomar atenção quanto à presença dos jovens da Operação Mato Grosso do Pe. Hugo de Censi, pois os superiores de Roma desejavam obter informações precisas quanto ao trabalho e posturas desse grupo de voluntários que estavam trabalhando em algumas presenças salesianas, em Corumbá, em Poxoréu, nas missões e em outros povoados próximos a Poxoréu. A questão principal seria a consequente identidade desse grupo em relação ao trabalho e ao espírito salesiano assumido como congregação religiosa. Havia muitos questionamentos a esse respeito.

Pe. Pompeu não teve descanso. Em seguida teve que se programar para a vinda do Reitor-Mor para a reunião de inspetores, em junho, em Brasília. Depois dessa reunião em Brasília, o Reitor-Mor, Pe. Luiz Ricceri, esteve em Campo Grande e, no dia 23 de junho de 1970, presidiu uma reunião do Conselho Inspetorial. Nessa reunião, o assunto principal foi a "renovação" a partir da preparação do Capítulo Geral Especial em 1971. Entre outros assuntos, foram apresentados ao Superior Geral a questão de uma futura universidade católica em Campo Grande. A partir dessa questão, o Superior apresentou as finalidades da atuação pedagógica salesiana e reforçou a necessidade de uma profunda "renovação espiritual" para suprir o grande "Vazio"(espiritual) em que se encontravam muitos religiosos.

Depois da realização do Capítulo Inspetorial Especial no final de julho e início de agosto, as viagens de visitas do Pe. Inspetor às casas do oeste de S. Paulo permitiram que se constatasse a urgente necessidade de algumas providências quanto ao futuro daquelas presenças. Até o final do ano, evidenciaram-se outras situações que clamavam por um posicionamento da inspetoria, e o Pe. Inspetor, junto com o seu conselho, passou a considerar as diversas hipóteses possíveis para os problemas; entre eles, em Campo Grande, havia a Rádio Educação Rural e o Jornal do Comércio nas dependências do Colégio D. Bosco e Faculdades, uma situação que exigira um posicionamento da Inspetoria sobre o futuro desses dois órgãos de comunicação que eram dirigidos por salesianos.

Em novembro, acontecia o encerramento da visita do Pe. Garnero, que percorrera todas as casas da inspetoria e, nessa reunião de 24 de novembro de 1970, apresentou um amplo painel de notificações e de necessidades de

um posicionamento da inspetoria quanto a obras e à vida religiosa. Insistiu também sobre a necessidade de não se permitir que os participantes da Operação Mato Grosso (OMG) tivessem influência na organização da vida religiosa nas comunidades. Esse longo relatório apresentado pelo visitador servirá como painel referencial das reflexões já aventadas e, agora mais individualizadas de forma premente pelo visitador, como direcionamento das atividades do conselho e de todas as casas na programação do famoso "Redimensionamento" tão comentado e exigido pelos superiores da Congregação.

A atitude do Pe. Pompeu expressou seu cuidado em não precipitar qualquer decisão, mas que a inspetoria estivesse a par de todas essas questões que mereceriam uma participação dos salesianos dessas presenças, ao lado do parecer do Conselho Inspetorial. Esse ritmo de governo, entre constatações, estudos e propostas para o "Redimensionamento", paulatinamente, foi conduzido por vários meses de discussões, de reflexão sobre as propostas e solução que brotasse de um conjunto de indicadores como a melhor naquela ocasião. Pe. Pompeu encontrava-se diante de uma questão quanto ao processo de redimensionamento; ele deixaria a inspetoria com o Pe. José Corazza na metade do ano de 1971. Iria para Roma para participar do longo Capítulo Geral Especial. Somente em seu retorno, poder-se-ia pensar em concretizar as ações mais prementes quanto à renovação das presenças e das finalidades das casas em contínuo questionamento sobre a consistência ou não devido à evolução cultural e social da região, o que determinou mudanças na vida e sobrevivência dessas presenças.

Como já se notificou anteriormente, a evolução cultural, as novas cidades, seu desenvolvimento e o do país, as mudanças nos meios de comunicação social, as dos costumes, que pediam a grande novidade de escolas mistas, a nova mentalidade da Igreja como "comunhão e participação", a velocidade nas comunicações e na vivência de novos comportamentos, tudo merecia uma atenção especial da inspetoria ou de todos os salesianos. E a inspetoria caminhou em sua reflexão até junho com a presença do Pe. Geraldo Pompeu; depois prosseguiu seu trabalho somente no retorno do Inspetor no final de janeiro de 1972.

Diante da realidade da inspetoria, nesse tempo, a questão do redimensionamento era um assunto importante. Porém, de agora em diante, surgia outro assunto que viria exigir do Pe. Inspetor uma atitude de mesma magnitude e necessidade: a atualização dos salesianos quanto aos novos paradigmas apresentados no Capítulo Geral Especial da Congregação. Em cada região da inspetoria a demanda por novas posturas foi intensa, de modo particular nas paróquias, na atividade missionária, na postura na ação educativa nas escolas e nas faculdades, nas casas de formação e, sem grandes perspectivas, também haveria de se perceber a necessidade de uma organização

administrativa mais acurada conforme as leis do estado. A demanda por atualização gerou uma enorme expectativa a todos os salesianos da inspetoria. A base para qualquer integração aos novos valores advenientes do avanço da ciência e da cultura dever-se-ia relacionar com os grandes valores da espiritualidade e pedagogia de S. João Bosco.

8.5.1 A evolução das presenças salesianas no Oeste de S. Paulo

Quando o Pe. Geraldo Pompeu assumiu a direção da Inspetoria, percebeu que seus antecessores já haviam detectado a natureza da problemática por que passavam as casas do Oeste Paulista. Em especial, verificou que os colégios de Tupã e de Lucélia dificilmente retornariam a adquirir a vida das atividades dos anos anteriores. Por diversos motivos, constatou não mais haver possibilidade de se investir no andamento dessas casas: a sociedade, a nova cultura, as vivências especiais por que passavam as cidades da região. De forma semelhante, porém com características diversas, as casas de Lins e de Araçatuba também sofriam as consequências dessa evolução cultural e social.

Verificou que, na reunião do conselho inspetorial de 9 de julho de 1970, registraram que as casas da Paulista tornavam-se cada vez mais precárias. Em Lins, a perspectiva era de se fechar o internato por falta de alunos para o ano seguinte; o pensionato na casa do seminário do bispo não funcionava, e pensava-se em uma faculdade de Ciências Econômicas. Registrou-se que, na casa de Tupã, mesmo com a presença dessa faculdade de Direito que não pertencia à inspetoria, não haveria futuro. "Nossas obras estão em decadência!" – teriam dito. Na reunião seguinte de 02/09/1970, registrou-se que, em Tupã, o ginásio seria fechado, e conservada, porém, a paróquia; "a faculdade de Direito é muito precária...". Em Araçatuba, conjecturava-se continuar o ginásio por algum tempo e levar para lá os aspirantes de Lucélia. A casa de Lucélia poderia ser vendida, pois surgira uma oportunidade de se fechar esse negócio.

Na reunião do conselho inspetorial de 05/11/1970, registrou-se que não funcionaria mais o ginásio no ano seguinte; apenas a Faculdade que deveria pagar aluguel do prédio. Para o ano vindouro, também em Lins cogitava-se a possibilidade de se instalar a faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e de Administração, o que exigiria um novo diretor para levar avante essa iniciativa. Nessa casa seriam fechados o internato e o pensionato. O curso noturno Técnico funciona normalmente. Na reunião de 24 de novembro de 1970, com a presença do Visitador e Regional, Pe. Garnero, mais uma vez as já assinaladas questões das casas da Paulista: as de Lucélia e Tupã seriam fechadas. Em Araçatuba, funcionaria o Aspirantado, e Lins manteria os esforços para se estabelecer as faculdades.

No início do ano seguinte, os padres salesianos do colégio de Lucélia passaram a morar ao lado da paróquia e deixaram o prédio do colégio; estudavam-se as possibilidades de venda do prédio do colégio. A casa de Lins iria lutar pela instalação das faculdades, tanto de Administração como de Educação Física, mesmo continuando deficitária. Assim em março desse ano, 1971, foi enviado ao Conselho Superior o pedido de alienação dos dois colégios, o de Lucélia e o de Tupã. Nesse pedido, extensamente apresentadas as razões de a inspetoria pedir essa permissão, tanto para o colégio de Tupã como para o de Lucélia.

Em 1971, na reunião do conselho inspetorial, foi registrada a venda da chácara da casa de Lins; solucionou-se outro problema sobre a cobrança do Sr. Bispo de Lins do pagamento das parcelas do prédio do Seminário; propôs-se a devolução do prédio do Seminário à diocese, sem ônus, o que foi aceito pelo Sr. Bispo, rescindindo-se amigavelmente o contrato anterior. Assim o Seminário voltaria a ser propriedade da Cúria Diocesana de Lins.

Durante seu primeiro ano de governo, 1970, Pe. Pompeu participou das reuniões do Conselho Inspetorial, mas em 1971, teve que ir passar seis meses em Roma para participar do Capítulo Geral Especial da Congregação e, ao retornar, reassumiu o assunto em 1972. Três longos anos de conjecturas para finalmente obter uma determinação final digna para algumas dessas casas.

Na reunião do conselho inspetorial de 23 de maio de 1972, registrou-se uma solução viável para o prédio do colégio de Tupã. Seria alugado por 4 anos e 11 meses para médicos, que o transformariam em clínica psiquiátrica. Os salesianos ficariam ainda com a paróquia e passariam a residir na casa que fora trocada pela chácara do colégio. Nesse tempo, registrou-se o andamento da casa de Lins para preparar o funcionamento da Faculdade de Educação Física, pois pediram para iniciar a construção de uma piscina como necessidade fundamental para o funcionamento do curso.

Em 1974, o Sr. bispo pediu aos salesianos que doassem a casa em que residiram os salesianos ao deixarem o prédio do Colégio de Tupã; assim encerrou-se a presença dos salesianos naquela cidade. Não foi muito agradável, mas era simplesmente irreversível. Nas atas do Conselho Inspetorial de 18 de dezembro de 1975, registrou-se que ocorrera a transação da venda do prédio do Colégio D. Bosco de Tupã para a firma que conduzia o hospital psiquiátrico que lá funcionava desde 1972. Encerrava-se por completo a presença salesiana naquela cidade que acolhera com muito carinho os salesianos desde 1944. O Noticiário da Inspetoria de abril de 1975 notificou:

> O encerramento das atividades em Tupã – Após trinta anos de atividades escolares e pastorais, no dia 28 de fevereiro de 1975, os salesianos fizeram a entrega da paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora à Diocese

de Marília. Aberto o ginásio em 1944, funcionou como internato e externato, além do aspirantado, por alguns anos. Em 1950 houve a inauguração do monumento a Dom Bosco na praça fronteiriça ao Colégio. Em 1954 foi criada a paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, anexa ao Colégio [...] mais tarde, sem alunos o colégio foi alugado à Clínica de Repouso Dom Bosco [...] O "Jornal de Tupã" publicou a fala do Sr. Pio Lopes de Almeida: [...] Ninguém melhor que eles, os Salesianos, souberam como nós, os pioneiros, refletir a experiência e a amargura, como também a poeira das ruas e estradas [...] Pela nossa mente desfilam um a um os diretores, os mestres que por aqui passaram anos após anos, todos imbuídos dos mesmos ideais, dos mesmos princípios para viverem e acompanharem os nossos filhos, os alunos, através de ensinamentos como se acompanhassem amigos através da vida! Obrigado Salesianos![1]

Exemplarmente, a solução a respeito dessas quatro casas do Oeste de S. Paulo para a inspetoria, diante das novas características da cultura e da sociedade, mostrou o quanto foi longo e penoso o processo de decisão. Pe. Pompeu praticamente passou todo o seu tempo voltado para o equacionamento dos problemas apresentados nessas quatro casas e, muito mais em outros setores da inspetoria, tanto de atividades como de presenças. Pode-se acrescentar ainda que esse processo foi iniciado desde o princípio do governo do Pe. Pedro Cometti e encerrou-se no final do tempo de governo do Pe. Geraldo Pompeu de Campos. Houve reflexões e tentativas dentro de um processo de atenção a todos e de reflexões de vários salesianos que foram convidados a participar desse processo. No conjunto, o Oeste Paulista da Inspetoria ficou reduzido às casas de Lins e de Araçatuba. A paróquia de Lucélia ainda permaneceu por algum tempo sob a presença dos salesianos, mas, depois de alguns anos, também foi entregue à diocese, como ocorrera com a paróquia de Tupã.

Por outro lado, em relação às casas de Lins e de Araçatuba, a novidade foi a presença das Faculdades, tanto numa como na outra; o final do internato em Lins foi uma decorrência normal da situação. Inicialmente a permanência dos cursos noturnos nas duas casas foi uma constante normal. Em Araçatuba o internato foi substituído pela presença dos aspirantes. Assim, as duas casas tinham pela frente novos desafios e novas áreas de trabalho, em especial com o ensino universitário. Era uma nova etapa que apenas se iniciava. Foi necessário encontrar as possibilidades de se manter como salesianos dedicados à ação pedagógica e pastoral nessas presenças. Eram os indícios de novas perspectivas que viriam solicitar dos salesianos uma contínua capacidade de adaptação aos novos tempos.

[1] Noticiário Inspetorial. Inspetoria de S. Afonso de Ligório, Campo Grande, abr. 1975, p. 20.

8.5.2 A evolução das atividades salesianas em Corumbá, nesse período

Nesse período da inspetoria, 1970-1976, em todas as presenças ocorreram mudanças, e foram assumidas as novas direções que os tempos exigiam, uma vez tendo sido aprovadas pelo conselho inspetorial. Também na cidade de Corumbá houve mudanças, e novas posturas dos salesianos despertaram um acompanhamento e abertura diante das necessidades desses anos.

Na reunião de 9 de julho de 1970, isto é, apenas seis meses de governo, foram constatadas duas situações merecedoras de muita cogitação por parte da direção da Inspetoria. A primeira, que o diretor do Colégio Santa Teresa não continuaria e que a escola estava simplesmente em estado de decadência devido a várias circunstâncias. A segunda, que na Cidade D. Bosco seu diretor estava com a escola em funcionamento com professores pagos pelo Estado e que a OMG estava se interessando em construir um prédio para escola e outras dependências para se organizar lá uma comunidade desse grupo. Duas atitudes foram tomadas para o final do ano de 1970. O Sr. Umberto Pereira, que estava como encarregado da secretaria do Santa Teresa, iria ser o novo diretor da Escola da Cidade D. Bosco e, em seguida, foi comunicado ao Sr. Pe. Ernesto que o Reitor-Mor deixara clara orientação para não aceitar uma comunidade da OMG em casas salesianas. No mês de setembro, a inspetoria solicitou um relatório do planejamento da obra da Cidade D. Bosco. Até o final do ano, essas duas questões estiveram presentes nas reuniões do Conselho; ainda mais que o processo de trabalho do Pe. Ernesto não agradava também ao Sr. Bispo; diante dessas questões pendentes, argumentou-se até que se poderia entregar toda a obra da Cidade Dom Bosco à OMG. Também a inspetoria foi incisiva ao afirmar que não se responsabilizaria por qualquer ato ou atividades da OMG. No final de 1972, esteve em contato com a inspetoria o promotor italiano da OMG, Pe. Ugo de Censi para justamente averiguar e saber as motivações da inspetoria para que seus "voluntários" não estabelecessem comunidades ao lado dos salesianos. Depois de alguns meses, a OMG enviou ao conselho inspetorial um relatório de suas atividades na Cidade D. Bosco e nas Missões; porém, o Conselho Inspetorial decidiu por não patrocinar a permanência dos membros dessa instituição nas casas da inspetoria.

Assim a cidade D. Bosco, depois de assumir como escola estadual suas atividades, não mais esteve com os membros da OMG; procurou agir de acordo com outros órgãos do governo que lhe mantinham as atividades e a presença dos atendimentos de saúde para a população carente.

Quanto ao Santa Teresa, depois de um convênio com o Estado em 1972, iniciou-se a unificação dos dois colégios no segundo grau, permanecendo o Santa Teresa particular até a 8ª série. Anteriormente, providenciou-se a fina-

lização do telhado do prédio da Rua XV de Novembro. Já no início de 1973, o setor de salas de aulas poderia ser utilizado por completo. No ano seguinte, em 1973, finalizou-se a preparação do ambiente de residência dos salesianos no 4º andar e, nos outros andares, as dependências administrativas e ambientes de atendimento. Quando o número de alunos ultrapassou a 2.000, o prédio novo estava praticamente em condições de uso.

Como escola conveniada, sendo a direção dos salesianos por convênio, o número de alunos crescia de forma inusitada. Assim em 1974, o número de alunos atingia, nos três turnos, mais de 4.000 alunos. Esse seria um dos momentos de intensa atividade para comemoração dos 75 anos do Santa Teresa. O Noticiário da inspetoria afirmou:

> Os salesianos de Corumbá deram início com a celebração do mês de maio às comemorações dos 75 anos da Obra Salesiana nesta cidade. Programas de evangelização por rádio, TV, jornais, palestras formativas para os alunos, celebrações eucarísticas, distribuição de dez mil estampas de Nossa Senhora, participação em todos os movimentos organizados na cidade marcam a presença salesiana: grupo pequeno, mas valoroso. Na festa de Nossa Senhora, os milhares de alunos, previamente ensaiados, cantaram a Missa da Juventude. (E no Noticiário de dezembro) Dia 12 de outubro, à noite as escolas homenagearam Autoridades e Salesianos com solene desfile. O encerramento coincidiu com a festa da Comunidade Inspetorial, congregando ao redor do Pe. Inspetor a maioria dos diretores. O encontro proporcionou uma reunião informal em preparação ao Capítulo Inspetorial de 1975. Dia 13 à noite, solene concelebração presidida pelo Sr. Bispo D. Ladislau Paz, elevou o canto de centenas de alunos em agradecimento ao Todo Poderoso e à Virgem Auxiliadora pelos frutos de 75 anos de trabalho salesiano. A sessão acadêmica no salão do Círculo Operário rematou os festejos com apreciado programa de cantos folclóricos [...].[2]

No ano seguinte, o Colégio Santa Teresa atingia 4.600 alunos nos três turnos de aulas. Era uma presença atuante e muito bem conduzida pelos salesianos daqueles tempos; muitas questões pendentes foram resolvidas. A fazenda Band'Alta possuía agora uma infraestrutura para uma escola municipal para as crianças da região. A casa de "Encontros", que anteriormente não correspondera à primeira intenção de local para a formação de "capatazes" para o trabalho de gado no pantanal, agora acolhia os encontros de jovens e retiros. A piscina natural e as outras dependências atendiam com grande eficiência os encontros promovidos pelos professores, dias de formação para jovens da paróquia e para encontros de animação e formação dos educadores.

[2] Noticiário Inspetorial. Inspetoria de S. Afonso de Ligório, Campo Grande, jun./dez. 1974, p. 4-15.

No ano de 1974, houve o Reencontro de Jovens em Corumbá, promovido pela Inspetoria, mas coordenado pelos jovens e salesianos da cidade. Acorreram para esse encontro 400 participantes; vieram delegações de jovens de Campo Grande, de Guiratinga, Cuiabá, Dourados, Caarapó, Ponta Porã, Amambai, Bandeirantes, Sidrolândia, Nioaque, Miranda, Camapuã, Rio Pardo, Rondonópolis, além dos jovens de Corumbá. O tema central, Reencontro-Renovação-Felicidade. A participação entusiasmou a todos, e o trabalho salesiano encontrou o caminho para ser amplo e vasto como era o desejo de D. Bosco[3].

No ano de 1975, o mês de maio adquiriu ainda uma solenidade especial pela preparação da festa das mães e de Nossa Senhora. O Noticiário da Inspetoria registrou:

> A homenagem às mães foi preparada com trabalhos e cartazes, demonstrando os alunos toda a sua criatividade. Previamente preparados, abrilhantaram as comemorações com uma participação vibrante nos cantos e preces da Missa oferecida em homenagem às mães, na véspera pelo curso noturno, no dia pelo diurno.
> A festa de Nossa Senhora foi preparada com semanas de evangelização, como preparação à comunhão pascal dos alunos e dos professores, com palestras dos Padres Pedro Ferreira e Joaquim Ribeiro. A missa campal foi o ponto alto das comemorações, com participação ativa dos alunos e dos professores. No dia 24 não faltou o desfile da fanfarra com acompanhamento livre por parte de centenas de alunos.[4]

Pe. Mário Pellatiero, como diretor, não deixou jamais de animar a todos para esses grandes eventos tipicamente salesianos. Naquele ano, o mês de maio encerrou-se com a solene procissão promovida pela paróquia em homenagem a Nossa Senhora Auxiliadora.

8.5.3 A atividade salesiana nas presenças de Cuiabá nesse período, 1970-1978

Nesse período, as três presenças salesianas de Cuiabá também passaram por significativas transformações para poder acompanhar a evolução dos tempos e da cidade.

A casa de Coxipó, com as devidas construções finalizadas, – dormitórios, salas de aula e salão de estudo para os aspirantes, todos ambientes proporcionados pelo novo pavilhão – aguardava somente a possibilidade de uma nova capela para encerrar satisfatoriamente como um aspirantado ideal. Havia também as outras atividades marcadas pelas adaptações da casa

[3] Noticiário Inspetorial. Inspetoria de S. Afonso de Ligório, Campo Grande, dez. 1974, p. 12.
[4] Noticiário Inspetorial. Inspetoria de S. Afonso de Ligório, Campo Grande, set. 1975, p. 13-14.

das Irmãs, da lavanderia e de novos apartamentos para os salesianos. Mas a atividade principal prosseguia normalmente depois de todas essas construções; ao lado dessa atividade de aspirantado, havia a paróquia no bairro do Coxipó, depois da ponte, em direção a Cuiabá. Ao lado da igreja paroquial, as Filhas de Maria Auxiliadora desenvolviam suas atividades no colégio feminino, e o pároco também prestava a devida assistência para essa comunidade.

A atividade que marcaria a casa de Coxipó por muito tempo foi a presença dos coadjutores Sr. Luiz Wurstle e seu irmão Franz Wurstle, que se organizaram sob a denominação de Projeto AMA; esses destemidos trabalhadores já haviam resolvido a questão da energia elétrica nas três missões, Sangradouro, Meruri e S. Marcos, mediante a construção de usinas elétricas a partir dos rios próximos. Outra atividade que os impulsionava a um trabalho penoso, mas de grandes resultados para os salesianos das missões, consistiu na abertura de estradas e na sua conservação para que os salesianos e os índios pudessem por elas transitar com os caminhões, ou mesmos outros carros que transitavam por lá. Ao lado dos dois irmãos Wurstle, sempre havia a presença de outros irmãos coadjutores para um auxílio temporário em alguma obra especial; nas férias também alguns estudantes salesianos acampavam com o grupo para os trabalhos especiais. Esse projeto dos salesianos coadjutores ganhou consistência quando houve a oferta condizente com os projetos por parte de uma entidade filantrópica suíça que se propôs a auxiliar e dispor recursos financeiros para as atividades em prol dos índios ou de outras comunidades carentes. Na reunião do Conselho Inspetorial de 24 de janeiro de 1976, ficou registrado:

> Projeto AMA – O Pe. Inspetor apresentou aos conselheiros explicações sobre esse projeto com a entidade "Un aiuto alla Chiesa che soffre". Ela auxilia as missões com meios de condução e implantação de uma oficina para prestar assistência. A oficina que seria implantada com subvenção desta entidade no Coxipó por estar mais perto, ficará a cargo do Me. Luiz Wurstle e prestará assistência às várias prelazias do Estado. Além deste auxílio a inspetoria receberá dois ônibus e outro iria para o seminário de Cuiabá. Um dos dois destinados à inspetoria, será enviado para Campo Grande para facilitar a movimentação de encontros.[5]

Essa construção foi finalizada nesse ano, e a organização do Projeto AMA estabeleceu-se lá sob o comando do irmão do Me. Luiz; iniciou-se um tempo de prestação de grandes serviços e atendimentos às necessidades das missões. Mas, em particular, foi sempre a questão providenciar a energia elétrica e de água encanada para as missões que tornou muito meritória essa organização sempre sustentada pelas doações das ofertas da Suíça.

[5] Atas do Conselho Inspetorial – 1973 a 1981, Campo Grande, p. 12b.

Quanto à presença dos salesianos no Seminário Diocesano de Cristo Rei, na reunião do Conselho Inspetorial de 25 de novembro de 1970, foi registrado que os salesianos estavam muito descontentes com o andamento desse seminário e que o Sr. Arcebispo, D. Orlando Chaves, não queria modificar nada, apesar dos desperdícios e da ineficiência das medidas. Em dezembro de 1975, registrou-se que a comunidade salesiana que conduzia as atividades do seminário não se entendia quanto às exigências novas e quanto ao andamento da casa como proposta educativa. Esperava-se solucionar essa questão em futuro próximo. Com a presença do novo Inspetor, Pe. Walter Bini, em março de 1976, o conselho constatou a necessidade de reorganizar a comunidade que ali residia e de dar transparência à administração. Constatou-se o que era uma questão antiga. Finalmente, em maio de 1976, o novo arcebispo, D. Bonifácio Picinini apresentou à inspetoria uma carta em que solicitava a enumeração dos itens comuns para a elaboração de um convênio entre a Inspetoria e a arquidiocese, sobre a presença salesiana para a condução do seminário diocesano. Depois do convênio, Pe. Leonardo Jacuzzi passou a ser o diretor do Seminário; desenvolveu suas atividades com competência e lá permaneceu como tal até que, depois de mais de dez anos, teve que se retirar por motivos de saúde.

Em Cuiabá, a terceira casa salesiana sempre foi muito significativa para todos da Inspetoria, mas, nessa época, também teve que passar por algumas adaptações diante das novas expectativas da cultura e da sociedade. Na passagem de um colégio com duas divisões de estudantes internos e também duas de aprendizes internos, para uma escola tipicamente organizada para externos e somente estudantes, a casa necessitou de algumas transformações essenciais para o atendimento competente dos alunos. Sobre o ensino profissionalizante, somente permaneceu um pouco de alunos acompanhados na arte tipográfica. Permaneceu ainda por alguns anos o Observatório de Meteorologia; com o desenvolvimento da comunicação e observação do espaço mediante os satélites, os processos na meteorologia foram ultrapassados pelos novos detectores do tempo, todos veiculados por comunicação via satélite.

Diante dessas mudanças, para atender os novos tempos e o esperado pela sociedade cuiabana dessa tradicional instituição de ensino, duas questões se impunham ao S. Gonçalo: a aceitação das meninas, tornando o colégio misto e a adaptação de todos os ambientes diante dessa nova realidade. A realidade exigia uma escola preparada com ambientes femininos e ambientes masculinos em todas as dependências; além disso, uma adaptação para assumir as novas metodologias didático-pedagógicas em conformidade com novo material didático adotado. Essas perspectivas despertavam ressonâncias variadas que foram sendo resolvidas ao longo do governo do Pe. Geraldo Pompeu de Campos e do Pe. Walter Bini.

Até metade de 1976, o colégio foi dirigido pelo Pe. José Marinoni, que trabalhara vários anos no Colégio Dom Bosco de Campo Grande. Com sua transferência para a Colônia Indígena de Meruri, o colégio esteve por seis meses sob o comando de um diretor substituto, Sr. Pe. Jorge Parovel, que assumiu a direção e não deixou seu setor onde atuava, a administração econômica. Assim, quando chegou o novo diretor, Pe. Baldan, que já tivera uma experiência nova ao comandar o Colégio Dom Bosco de Campo Grande, viu que novas medidas seriam necessárias o quanto antes. Na reunião do Conselho Inspetorial de 12 de dezembro de 1977, foi apresentada a planta das reformas do colégio S. Gonçalo, com as devidas explicações. Ficou estabelecido que as reformas seriam executadas em partes, conforme os recursos disponíveis, pois segundo o conselho, até o ano seguinte, a inspetoria não disporia de recursos para auxiliar as casas. Mas a comunidade sabia da veemência dessas reformas devido à concorrência que acontecia em outras escolas. Assim o diretor com a comunidade estariam empenhados para que essas reformas ocorressem o quanto antes; e assim foi a sequência da adaptação do colégio às novas necessidades de uma escola aprimorada e, ao mesmo tempo, sincronizada com as mudanças no setor escolar.

As mudanças realizadas no S. Gonçalo permitiram que aumentasse significativamente o número de alunos. Conforme o cronista, Pe. Alfeo Levorato, no início do ano de 1976, as matrículas chegaram a 4.350; e o cronista assinala que seria muito mais se a escola abrisse suas portas para acolher também as moças[6].

8.5.4 As presenças salesianas na Prelazia e novas perspectivas quanto ao trabalho dos salesianos no período de 1970 até março de 1978

O trabalho salesiano na Prelazia teve sempre duas grandes vertentes bem claras e distintas; o trabalho missionário nas Colônias Indígenas, ou mesmo os atendimentos a aldeias sem a presença constante dos missionários, como aos índios do Araguaia, ou ainda, depois das demarcações das reservas, o atendimento missionário a aldeias que surgiram nas reservas. Em uma palavra, o trabalho missionário tipicamente restrito aos ambientes indígenas foi e continuaria sendo o motivo de grande empenho e inspiração de dedicação dos salesianos missionários.

Por outro lado, na região da Prelazia surgiram presenças salesianas em pequenas cidades dedicadas principalmente ao atendimento da população local. Por exemplo, a sede da Prelazia, a cidade de Guiratinga, sempre exigiu dos salesianos a ação pastoral e pedagógica; o atendimento salesiano,

[6] Noticiário Inspetorial. Inspetoria de S. Afonso de Ligório, Campo Grande, abr. 1976, p. 23.

ao lado do Prelado, estendia-se à ação pastoral de animação da cidade e dos outros povoados mais próximos, e também ao trabalho educativo com os jovens das famílias da região, mediante um colégio para internos e externos. Mas outra ação pastoral teve sempre uma presença grandiosa por parte dos salesianos e dos prelados anteriores, o atendimento pastoral itinerante pelos garimpos e pequenos povoados, trabalho esse denominado de "desobrigas".

Nesse tempo, de 1970 a 1978, houve uma série de evoluções ou mudanças que passaram a exigir dos salesianos providências imediatas quanto à atividade missionária em relação ao trabalho entre os índios e ao trabalho de pastoral de atendimento na Prelazia, assim como aos colégios dessa região.

Em Guiratinga, o Prelado, D. Camilo Faresin havia obtido uma postura de contínuo atendimento pastoral com o auxílio da comunidade de Guiratinga e de outros salesianos das comunidades de Alto Araguaia, de Barra do Garças, de Poxoréu e de Araguaiana. As poucas estradas permitiram melhorar as viagens de atendimento das pequenas comunidades. Acontece que alguns povoados cresceram e exigiram maior presença de sacerdotes: Mutum, Cassununga, Ponte Branca, Alto Garças. A partir dessas cidades, os povoados mais próximos eram atendidos dentro de um ritmo normal da vida dos párocos. Logicamente que as comunidades salesianas de Araguaiana, Barra do Garças, S. Marcos, Meruri, Sangradouro, Poxoréu, Alto Araguaia, designavam sacerdotes para o atendimento das diversas capelas em fazendas e povoados da região.

Nas reuniões do conselho inspetorial, desde novembro de 1970 até dois ou três anos posteriores, 1975, sempre foi colocada a questão do fechamento dos colégios de Guiratinga e de Araguaiana. O Colégio de Guiratinga, praticamente sem internos desde 1973, poderia continuar conforme a sugestão contida no registro da ata do Conselho Inspetorial de 27 de dezembro de 1972; durante o ano de 1973 a questão foi repensada para se chegar a uma solução somente em março de 1975. Desde o final do ano de 1974, encerrou-se o colégio de Guiratinga, confirmada a questão em março de 1975; Pe. Santo Cornélio Faresin estudou a questão de um convênio com o governo do Estado; mais tarde o colégio prosseguiu suas atividades como escola conveniada com o governo do Estado e dirigida pelo Pe. Santo Cornélio, adido à Prelazia.

Sobre o colégio da cidadezinha de Araguaiana, tão importante nos primórdios da presença salesiana entre os bororos, mas que não progredira, após quase 50 anos de funcionamento, na reunião do Conselho Inspetorial de 5 de julho de 1974, depois de longo período de reflexão, de ouvir o diretor da casa, optou-se por decretar o fechamento do Colégio no final do ano de 1974. Constou na ata:

> Estava presente também Pe. José Bósio, diretor do Instituto Nossa Senhora da Piedade de Araguaiana, de acordo com o nº 5.3 do CIE, visto tratar-se do redimensionamento da casa; Pe. Bósio expôs a situação da casa, as dificuldades para prover luz, água, etc, a falta de elemento humano, mesmo entre os salesianos, para atender os internos, todos do curso primário; a necessidade de um atendimento maior à população que está povoando a região com o surgimento de novas fazendas. Para providenciar a necessária documentação para os alunos matricular-se em outras escolas, foi proposta a ida do Secretário do Colégio D. Bosco ou do Pe. Firmo Borrini de Alto Araguaia. Os alunos da escola são 117 internos e 121 externos. O Estado já providenciou o funcionamento de séries do antigo ginásio. O conselho decidiu, portanto, o encerramento das atividades escolares com o término do ano letivo, ficando o padre apenas para o atendimento à paróquia.[7]

A questão do fechamento da Escola de Araguaiana ainda retornou na reunião do Conselho de 17 de dezembro de 1974; a motivação foi a confirmação da decisão tomada em julho, apesar das insistentes reclamações do Prelado diante do encerramento da escola. Ficou decidido que dois sacerdotes ainda permaneceriam na cidade para o atendimento pastoral da região e das Filhas de Maria Auxiliadora, que continuariam com a escola para as meninas.

Fato importante ocorreu no ano de 1973; diante das exigências de mais e mais salesianos que estivessem presentes no trabalho pastoral da Prelazia, ocorreu a reunião do Conselho Inspetorial em Guiratinga para estudar esse assunto que se tornaria o motivo maior de um convênio entre a Inspetoria e a Prelazia quanto à presença de salesianos para o trabalho pastoral. Assim,

> No dia 7 de outubro de 1973, o Conselho Inspetorial reuniu-se sob a presidência do Pe. Geraldo Pompeu de Campos, Inspetor salesiano, no Instituto Bom Jesus de Guiratinga [...] Além dos conselheiros, estavam presentes o Exmo. Sr. Prelado, D. Camilo Faresin, Pe. Maurice Laport, Vigário Geral da Prelazia, Pe. Santo Cornélio Faresin, vigário e Pe. Alfeo Levorato, diretor. O assunto foi a realização do convênio que regulasse as relações entre a Prelazia e a Inspetoria quanto à manutenção dos salesianos que trabalham nesse região. Foi apresentado pela Inspetoria um tipo de convênio que foi lido, discutido, modificado em alguns pontos, reelaborado e aprovado em geral, ficando para ser definitivamente aprovado após a reformulação.[8]

De acordo com as normas da congregação, depois de vários anos, de 1970 a 1977, alguns salesianos passaram a morar sozinhos em algumas paróquias da Prelazia, e essa permanência isolada agora era questionada nas

[7] Atas do Conselho Inspetorial – 1973 a 1981, Campo Grande, p. 5.
[8] Atas do Conselho Inspetorial – 1973 a 1981, Campo Grande, p. 3.

reuniões do Conselho Inspetorial. As normas eram claras, os salesianos que trabalhassem no serviço pastoral da Prelazia deveriam residir em alguma das comunidades vigentes da região. As situações dos párocos de Mutum, de Ponte Branca, de Cassununga e de Alto Garças deveriam ser solucionadas de acordo com essas normas. Ficou resolvido que fosse enviado um pedido ao Sr. Bispo Prelado para que esses salesianos fossem substituídos por outros sacerdotes. O salesiano de D. Aquino/Mutum até tornou-se diretor de uma escola; o mesmo ocorreu com o Pe. H. Angeloni, que também se tornou diretor da escola de Ponte Branca. Aos poucos, depois de 1977, essas situações foram normalizadas.

No final desse período, precisamente na reunião do Conselho Inspetorial de 2 de fevereiro de 1978, D. Camilo apresentou aos conselheiros uma sugestão de divisão da Prelazia em duas, deixando a parte indígena com o novo centro, que seria Barra do Garças. Convém lembrar que D. Camilo não queria deixar de forma alguma a sede de Guiratinga, pois lá ele investira muito na construção do grandioso hospital e da escola conveniada que mantinha. Porém o conselho refletiu de outra forma e apresentou novas sugestões levando em conta o desenvolvimento da Prelazia de Rondonópolis e até a transferência da sede de Guiratinga para a Barra do Garças, que nessa época já se tornara uma cidade importante da região. A nota do conselho assevera que, para uma divisão cordata e mais racional, seria necessário um estudo mais acurado da região e que os dados levantados servissem para que se tomasse uma decisão de acordo com o desenvolvimento no futuro. Isso seria melhor para o bem da Igreja e evitaria que decisões fossem tomadas por outros motivos como simpatias ou investimentos anteriores[9].

Para finalizar as devidas apreciações dos diversos momentos de redimensionamento das obras da Prelazia, havia uma espécie de unanimidade quanto ao colégio de Alto Araguaia. Conduzido por uma leva de sacerdotes alemães, que depois deixaram a congregação, o Ginásio Pe. Carletti conseguiu em 1971 iniciar o segundo grau ou o científico com a presença de bons docentes salesianos. A vigência do científico durou poucos anos e teve que ser encerrado antes de 1974. Outra expressão da grandeza das atividades desses anos foi a exuberante banda de música dos colegiais dirigidas pelo Pe. Conrad Wimmer. Durou poucos anos, pois o regente passou para a UFMT de Cuiabá, onde se tornou o regente da orquestra da universidade. Mas outros salesianos, mesmo alemães, como o Pe. Paulo Mohr, trabalharam muito pela casa e pela propriedade rural do colégio. Essa propriedade serviu por longo período para o lugar de passeios para os internos e para as festas comemorativas durante o ano. As margens do ribeirão Boiadeiro serviam com suas

[9] Atas do Conselho Inspetorial – 1973 a 1981, Campo Grande, p. 42b.

águas cristalinas para o lugar ideal de lazer para os internos. O colégio manteve uma margem constante de mais de 130 internos a cada ano e mais de 300 alunos externos. Tornara-se uma escola exemplar e muito bem apreciada por todos. Muitos e muitos salesianos anteriormente foram construindo e melhorando os ambientes que, embora simples, eram acolhedores. O Pe. Martinho Pini finalizara a construção da grandiosa Igreja Matriz que acolhia muito bem a população daquele tempo.

8.5.5 A atuação missionária dos salesianos nas colônias indígenas durante o governo do Pe. Geraldo Pompeu de Campos – 1970-1976

A animação da vida missionária ou do trabalho dos salesianos nas colônias, depois de tantos anos e de tantas mudanças, haveria sempre de estar muito atenta às novas modalidades de atendimento aos índios e das posturas de catequese ou de evangelização. Nesse período, já estavam presentes na região da Prelazia e em algumas atividades nas aldeias indígenas os membros da Operação Mato Grosso, a OMG; eram voluntários europeus que se engajavam em trabalhos voluntários por algum tempo, e mostravam-se descontentes com os processos de que os salesianos se valiam para o atendimento dos índios. Na reunião Conselho Inspetorial de 20 de fevereiro de 1970, o assunto foi ventilado devido aos questionamentos provenientes da parte da direção da Congregação. Nessa reunião, ficou claro que não dependiam em nada da Missão Salesiana; eram autônomos no planejamento e execução de seus trabalhos e não existiam correlações com a modalidade de trabalho dos salesianos da Inspetoria.

Em seguida, na reunião do Conselho Inspetorial de 22 de maio de 1970, tratou-se do assunto da provisão de energia elétrica para Meruri; ficou decidido que o Sr. Luiz Wurstle iria estudar a possibilidade de se construir uma usina hidroelétrica a partir do ribeirão mais próximo das casas da Missão.

Na reunião de 25 de novembro de 1970, durante uma longa reunião do conselho para apresentação do relatório das casas e atividades da inspetoria ao Visitador, falou-se da necessidade de se programar bem as atividades nas missões; aproveitaram da ocasião para expor ao visitador a questão das atividades da OMG, que tinha na época três núcleos de atividades: em Poxoréu, no Leprosário de Campo Grande e na Cidade D. Bosco de Corumbá. Ficou esclarecido que toda a atividade dos membros dessa instituição não dependia da Inspetoria.

As atividades nas missões prosseguiam normalmente; no ano de 1972, foi notificada a celebração de uma missa solene em Meruri para comemorar os 60 anos de sacerdócio do Pe. César Albisetti; também, nesse tempo, foi firmado o contrato com a gráfica da Mooca em S. Paulo para a publicação do

livro do Pe. Giaccaria e do Sr. Adalberto Heide sobre a cultura xavante. Em junho de 1972, na reunião do conselho foram notificadas duas ocorrências desagradáveis em Sangradouro, pois os xavantes haviam expulsado alguns civilizados que moravam nas proximidades da missão; outra ocorrência foi de um litígio normal entre os xavantes de S. Marcos; os dois grupos não se entendiam por motivos de lideranças entre eles. Assim um grupo emigrou para outra região, e a calma retornou provisoriamente entre eles.

Em abril de 1973, por indicação do ex-presidente da Funai, Gal. Bandeira, o Pe. Inspetor foi a Brasília para um encontro com o novo presidente da Funai o Gal. Ismarth de Araújo de Oliveira. Segundo a crônica, a audiência encontrou resistências iniciais, pois o Gal. Ismarth estava pensando em tratar-se de algum padre da Prelazia de S. Félix. Depois, durante o encontro, tudo foi esclarecido, e o novo presidente da Funai manifestou grande interesse pelo trabalho realizado pelos missionários entre os índios. Apesar disso, não foi possível ainda uma assinatura do convênio que fora objeto de estudo entre a Missão e o pessoal da Funai, em Campo Grande.

No mês seguinte, em 21 de maio de 1973, Pe. José Corazza e o Pe. Ângelo Venturelli participaram de uma reunião com o Gal. Demócrito, para se examinar a questão das terras pretendidas pelos índios xavantes de S. Marcos. No mês seguinte, na Revista Veja de 23 de junho de 1973, saiu um artigo sobre o índio Xavante Nicolau que fora denunciar os salesianos para as autoridades; com a presença de jornalistas e do próprio Nicolau em Sangradouro, tudo ficou esclarecido pelos próprios xavantes e pelas palavras do Pe. Giaccaria.

Depois de tantas idas e vindas, em agosto os membros dos grupos da OMG deixaram suas atividades tanto em Sangradouro como em S. Marcos. Encerrou-se assim um capítulo dessa longa história de divergências quanto ao trabalho dos salesianos entre os índios.

No final do mês de outubro de 1973, uma comissão de membros do Ministério do Interior, acompanhada pelo cacique de S. Marcos e pelo xavante José como intérprete, realizou seu objetivo: obter informações sobre as terras de Meruri e de S. Marcos. Essa comissão demonstrou claro que sua perspectiva era contra a Missão, mas obtiveram as informações e seguiram sua viagem logo.

Na reunião do Conselho Inspetorial de 20 de fevereiro de 1974, o Pe. Inspetor colocou a todos os conselheiros as dificuldades e questionamentos sobre as terras pretendidas pelos índios nas reservas de Sangradouro e de S. Marcos. Essa questão estava-se agravando devido à questão da demarcação das reservas. Na reunião seguinte, em 17 de abril de 1974, foi notificado o encontro que o Pe. Inspetor teve com o presidente da Funai, em Brasília, com a finalidade de se assinar um convênio entre a Missão e a Funai. O Gal.

Ismarth, segundo o relato do Pe. Inspetor, esteve sempre disposto a resolver essa questão, porém não deixou de observar que, nesse tempo, os missionários deixaram um pouco o atendimento e o trabalho em favor dos colonos que moravam naquela região.

Para comemorar o Centenário das Missões Salesianas, entre outras coisas foram sugeridas duas muito significativas: a inauguração em Campo Grande da "Casa da Cultura" para que fosse instalado lá o Museu Regional D. Bosco e a edição de duas novas publicações sobre o povo xavante. Além de outros momentos comemorativos, seria importante que houvesse divulgação dessa celebração como forma de animação dos salesianos de todas as casas.

O último ano do governo do Pe. Pompeu foi marcado por alguns gestos muito significativos para a atividade missionária dos salesianos. Um dos fatos dignos de nota foi a visita do Gal. Ismarth de Araújo Oliveira a S. Marcos, onde foi recebido por 807 xavantes. No dia seguinte à sua chegada à aldeia, pela manhã visitou as cabanas e se entreteve com os índios. Diante das reclamações dos índios pelos fazendeiros que não foram indenizados e tiveram que sair da reserva, obtiveram dele a promessa de que se interessaria pelo assunto. Ao se despedir, deixou registrado no livro de visitas da Missão:

> Pela primeira vez tive a oportunidade de visitar a Missão Salesiana de S. Marcos. De há muito vinha recebendo notícias da mesma e da sua atuação junto aos índios xavantes. Nesta rápida visita realizada, pude verificar que efetivamente o trabalho da Missão é digno de todos os encômios. Particularmente em se tratando de índios xavantes já conscientizados e sabendo o que querem, a responsabilidade da Missão torna-se maior, no sentido de cooperar com a comunidade na sua auto-promoção e desenvolvimento, e, pelo que pude ver, a Missão está perfeitamente capacitada para essa tarefa. Sente-se o carinho e a dedicação de todos os missionários nesta tarefa de preservação e redenção do nosso índio e, para isso, a Funai estará sempre pronta a colaborar no sentido de complementar as necessidades e minimizar os problemas existentes."Gal. Ismarth de A. Oliveira.[10]

Outro acontecimento digno de nota que ocorreu no final do ano nas Missões foi a visita de S. Excia. D. Carmine Rocco às missões. Foi recebido no dia 26 de dezembro de 1974, em Meruri, com o canto de "Ó Roma eterna!". Foi saudado pelos bororos e xavantes. À tarde, celebrou a Santa Missa campal para os índios e recebeu enfeites distintivos de hóspedes insignes e, na homilia, afirmou que a Igreja estava interessada no progresso dos índios e, embora fossem minorias étnicas, permaneciam em suas culturas e legítimas tradições. "A Igreja não leva um Deus estrangeiro de suas culturas, pois todas

[10] Noticiário Inspetorial. Inspetoria de S. Afonso de Ligório, Campo Grande, dez. 1974, p. 14.

as manifestações legítimas de um povo são reflexos do mesmo Verbo de Deus que se fez homem e pelo qual tudo foi criado, sobretudo, no reino da graça..." exortou os missionários a prosseguir nesse trabalho em prol das minorias dentro do contexto do País e da Igreja. "O índio é o próximo de que necessita de nossa ajuda." Registrou, na despedida, o seu agradecimento aos Bororos e Xavantes; afirmou sua admiração pelo trabalho dos missionários e das irmãs salesianas e augurou sucesso em seu trabalho apostólico em prol dos índios, como na conservação de sua cultura no amor a Deus e ao próximo. Essa visita foi registrada pelos jornais principais do país, em especial por uma longa reportagem do Jornal do Brasil com fotos das cerimônias da Santa Missa[11].

Outra ocorrência sintomática nesse ano em relação ao trabalho missionário veio de uma publicação do jornal "Opinião"; seu número 128, de 18 de abril de 1975, reproduz uma reportagem em que acusa o Pe. Colbacchini de ter sido o portador da tuberculose entre os bororos e proclama que 800 bororos contaminados não encontram possibilidades de sobrevivência. Essas declarações foram desmentidas por dois grupos de trabalho médico em Meruri. O professor de tisiologia da Universidade de S. Paulo, Dr. Geraldo Chaves Salomon, esteve por quatro vezes em visita às colônias mantidas pela Missão Salesiana. Ele e sua senhora, que sempre o acompanhava, realizaram testes, tiraram radiografias e realizaram outros testes; os suspeitos foram devidamente tratados em suas aldeias. Depois disso, em maio, esteve o Dr. José Antunes Miranda da Divisão Nacional de Tuberculose, fez a abreugrafia de 200 bororos comparando-as com as radiografias do Dr. Geraldo. Ao final do trabalho, relatou ao Pe. Rodolfo que o resultado da baciloscopia era negativo em todos os casos examinados. Comprovou que estavam quase todos sem os sintomas dessa doença e afirmou que o estado geral dos índios era excelente. Com o registro testemunhal desse médico sanitário da área, e de outros como o do Dr. Geraldo Salomon, quaisquer perspectivas de essas acusações serem verdadeiras foram simplesmente deixadas de lado, e realçaram-se o trabalho e a dedicação dos salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora para com a saúde de todos os índios[12].

Pe. Mário Panziera, em companhia do cacique Nicolau, foi recebido pelo Governador do Estado a quem apresentou uma série de justificativas para solicitar a colaboração do Governo no desenvolvimento agrícola da Colônia de Sangradouro, pois esta não mais oferecia potencial satisfatório de caça e pesca, sendo para os indígenas a lavoura a melhor opção. Seguindo determinações do Governador, o Secretário da Agricultura, Dr. Edmundo

[11] Noticiário Inspetorial. Inspetoria de S. Afonso de Ligório, Campo Grande, fev. 1975, p. 11; Crônica da Missão Salesiana de Mato Grosso 1957 a 1980, p. 98.

[12] Noticiário Inspetorial. Inspetoria de S. Afonso de Ligório, Campo Grande, jun. 1975, p. 10; Crônica da Missão Salesiana de Mato Grosso 1957 a 1980, p. 102.

Taques, ex-aluno, esteve em visita a Sangradouro podendo ver de perto as necessidades da colônia. A Secretaria da Agricultura prontificou-se a preparar uma área de 200 hectares, doar um trator agrícola e dar assistência técnica por meio da Acar MT. De fato foi uma lavoura bem produtiva para os índios a realização desse projeto[13].

Depois de entendimentos prévios sobre as posturas no atendimento aos índios e aos fazendeiros que residem nas terras pretendidas como reserva indígena, o Gal. Ismarth deu algumas declarações que contradisseram sua postura quando passou em visita nesse ano nas três Colônias. Assim o jornal O Estado de S. Paulo (29/07/1975, p. 21) relatou:

> O presidente da Funai, Gal. Ismarth Araújo, culpou ontem o Conselho Indigenista Missionário - Cimi - e a missão salesiana de S. Marcos pelo abandono em que vivem os índios bororos e xavantes, declarando que os posseiros que ocupam a região em que vivem não podem ser chamados de invasores, pois, quando os bororos e xavantes foram levados para essas terras, os fazendeiros já haviam se fixado na região." As afirmativas do General foram feitas em Manaus, durante uma viagem de inspeção a frentes de atração dos índios waimiris-atroaris. De acordo com o presidente da Funai, os índios bororos e xavantes são "insuflados a agir contra os fazendeiros". Cabe à Missão Salesiana - afirmou - agir de maneira tática para evitar que os índios cumpram a ameaça feita há dias à Funai, quando prometeram matar todos os posseiros que não abandonarem suas terras. "Se, por acaso, ocorrer uma guerra entre os índios e os fazendeiros - declarou - a culpa poderá ser totalmente da missão, que não moveu uma pena para impedir que isso acontecesse". O general disse ainda que o Ministério Interior concordou em liberar 15 milhões de cruzeiros para indenizar os fazendeiros da região, mas reconheceu que até agora essa verba não foi liberada. "E - acrescentou - isso pode criar problemas, pois os índios não deverão esperar muito!"
>
> O mesmo jornal - O Estado de S. Paulo - 29/12/1974 - já havia reportado uma apreciação do Ministro do Interior Rangel Reis, que afirmara aos jornalistas: "os índios têm razão quanto à reivindicação a respeito de terras!" Acrescentou que pretendia visitar até fevereiro de 1975 a região dos bororos e xavantes, a fim de pessoalmente ver a situação da área, que a seu ver é "delicada." Pretendia ouvir pessoalmente as reivindicações dos índios." Acontece que antes, no ano anterior, 1974, O Gal. Ismarth havia visitado as três missões e deixou por escrito suas impressões afirmando:
>
> - Em S. Marcos: "O trabalho da Missão é digno de todos os encômios [...] A Missão está perfeitamente capacitada para essa tarefa. Sente-se o carinho e a dedicação de todos os missionários nesta tarefa de pre-

[13] Noticiário Inspetorial. Inspetoria de S. Afonso de Ligório, Campo Grande, set. 1975, p. 20; Crônica da Missão Salesiana de Mato Grosso 1957 a 1980, p. 104b-105.

servação e redenção do nosso índio, por isso a Funai irá colaborar [...]".
- Em Meruri (02/09/1974): "[...] reafirmar que o trabalho realizado pelas missões religiosas complementa o trabalho da Funai [...] verifiquei um ótimo trabalho que a missão realiza em benefício dos nossos índios [...] A comunidade cheia de esperança visando à integração futura e é nosso dever afirmar que a missão salesiana de Meruri está perfeitamente capacitada para realizá-lo. Que esse trabalho que vem sendo realizado, prossiga sem esmorecimento, com todo o apoio da Funai."
- Em Sangradouro (04/09/1974) [...] constatei o estado de higidez da comunidade indígena, fruto do excelente tratamento que é dispensado à mesma pelos missionários. É uma missão realmente capacitada para compartilhar com a Funai a responsabilidade da gigantesca tarefa de preparar e conduzir o índio para o objetivo colimado: a integração.[14]

Diante dessa postura do Presidente da Funai, o jornal O Estado de S. Paulo de 21/09/1975 com o título "A queixa do índio Xavante" retratou a situação dos índios e os posseiros da região, e publicou uma declaração do xavante Mário Juruna da reserva de S. Marcos, que estava em S. Paulo:

> Os conflitos da Reserva de São Marcos, situada no município de Barra do Garças, são antigos. Os xavantes fixaram prazos para a retirada dos fazendeiros. Em agosto, vendo que eles não saíam, os índios chegaram a queimar algumas casas e abateram gado dos invasores. Na ocasião, o presidente da Funai, general Ismarth de Araújo Oliveira, responsabilizou os missionários salesianos pelas violências dos indígenas. Mas o Mário Juruna diz: "É mentira que o missionário manda índio matar gado de fazendeiro. Eu é que faço isso com os meus guerreiros. Os padres até seguram a gente, dão conselho para ter paciência." O xavante fez duras críticas à Funai [...] Em um encontro com outras lideranças, Juruna afirmou que todos os índios falam a mesma coisa: a terra dos índios está sendo tirada pelos fazendeiros. Mas agora nós estamos unidos [...] Para a Funai é bom que o índio não existe![15]

Essas ocorrências delimitam bem as diversas percepções e situações dos agentes sociais envolvidos nessa questão entre a presença dos índios e posseiros de um lado e, do outro, as posturas das autoridades e dos salesianos. Não há como não se identificar as posturas e atitudes de cada grupo; os salesianos permaneciam fiéis aos propósitos de sempre: o bem dos civilizados e a permanência dos índios em suas reservas. Esse era o ideal, mas estava meio complicado e difícil que fosse atingido em paz.

Durante o período de governo da Inspetoria pelo Pe. Geraldo Pompeu de Campos, outra novidade trouxe maior poder de comunicação entre as várias missões, algumas casas da Prelazia e o centro da Inspetoria; isso ocorreu

[14] Noticiário Inspetorial. Inspetoria de S. Afonso de Ligório, Campo Grande, set. 1975, p. 15-16.
[15] Crônica da Missão Salesiana de Mato Grosso 1957 a 1980, p. 107.

pelo projeto da instalação de rádios nessas casas. Esse projeto surgiu devido à grande disponibilidade do Padre Jesuíta de Santa Catarina, Pe. Benno. Ele se dispôs a instalar e a supervisionar o funcionamento desses aparelhos que permitiriam a comunicação direta entre as várias comunidades e o centro da inspetoria. Não se pensava na possibilidade de se comunicar por telefone, pois não existia ainda a linha ou, como ocorreria algumas décadas depois, a telefonia por satélite. Então a novidade da época foram os aparelhos de rádios instalados nas missões e nessas comunidades da Prelazia, que permitiam a comunicação direta, normalmente duas vezes ao dia, pela manhã e pela noitinha, quando todos os aparelhos estavam ligados.

No final de agosto de 1975, Pe. João Zerbini foi a Florianópolis buscar todos os aparelhos de rádio recomendados para a comunicação entre o centro inspetorial e as missões; Pe. Ricceri, Reitor-Mor, colaborou financeiramente para que esse projeto obtivesse o êxito esperado. Depois de obter a liberação no DENTEL, a comunicação via rádio passou a ser diária entre o centro inspetorial e as colônias, bem como de cada missão com a outra. A rede desses rádios trouxe maior poder de comunicação e proporcionou economia de viagens e de planejamento melhor entre as casas. Mais tarde também outras casas da Prelazia receberam esses aparelhos. Um passo a mais para proporcionar melhores possibilidades aos salesianos das Missões[16].

8.6 O movimento intenso nas casas de Campo Grande durante o período de 1970 a 1976

Durante o governo do Pe. Geraldo Pompeu de Campos, a inspetoria concretizou grande parte de seu plano de revisão da obras e das atividades. Como já foi descrito, em todas as regiões da inspetoria, houve acentuado impulso de renovação das atividades ou mesmo o início de várias atividades novas como o trabalho no Ensino Superior em Lins e Araçatuba, o encerramento dos internatos e nova postura no trabalho dos salesianos na Prelazia de Guiratinga.

Em Campo Grande, acompanhando o ritmo das novas perspectivas, também houve marcantes mudanças em todas as obras: Paulo VI, Chácara S. Vicente, Colégio D. Bosco e Paróquia S. José. Nesse período, de 1970 a 1976, com o Pe. Pompeu e, nos dois anos seguintes, até 1978, com o novo inspetor Pe. Walter Bini que governou a inspetoria por tempo muito breve. As mudanças nas casas dessa cidade foram muito significativas e mostraram o empenho e o desenvolvimento do trabalho dos salesianos em diversos setores, como no Ensino Superior, no desenvolvimento do colégio, na atividade

[16] Noticiário Inspetorial. Inspetoria de S. Afonso de Ligório, Campo Grande, nov. 1975, p. 17; Crônica da Missão Salesiana de Mato Grosso 1957 a 1980, p. 105b e 107b.

paroquial e assistencial mediante oratórios e encontros de jovens. A ação educativa e pastoral dos salesianos foi muito intensa nesses setores.

O desenvolvimento da obra social do Paulo VI tornou-se evidente e marcante em toda a região da cidade, pois tornou-se referência como ação paroquial, como ação social e como escola individualizada pelo sistema educativo salesiano. O Boletim Informativo da Inspetoria, em três números, respectivamente, março de 1974, abril de 1976 e maio de 1977, apresenta o plano da obra iniciada na década de 1950. Uma presença que merece todo apreço; revela a simplicidade e a grandeza do trabalho e do coração dos salesianos em favor dos jovens e da população mais humilde da periferia da cidade de Campo Grande naquela época. No dia 04/04/1976 o diretor Pe. Antônio Secundino de Castro, escreveu:

> Numa reunião do capítulo do Colégio D. Bosco, o prefeito – Pe. Constantino de Monte – propôs a aceitação de uma quadra e a aquisição de uma outra, no incipiente loteamento, que levaria o nome de "Bairro Santo Antônio." A propositura tinha como objetivo uma possível solução para o "internato" do Colégio D. Bosco, que ia sendo cada vez mais estrangulado pelo crescimento sempre mais acelerado do "externato". A proposta do Pe. Prefeito foi aceita [...] Nenhum dos capitulares presentes podia sequer pensar que estava sendo movido pelo "Dedo de Deus" para, no espírito renovado de D. Bosco, dar uma proposta "salesiana" às carências divinas e humanas do pobre Povo de Deus marginalizado na periferia desta caótica megalópolis de Campo Grande.
>
> Hoje: vinte anos depois, aí está a "Obra Social: Paulo VI" ou a "A Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, sem dúvida alguma, a mais complexa em sua aparente simplicidade; a mais pobre, na sua projetada grandiosidade; a mais fascinante na sua agressiva brutalidade, da Inspetoria. Surgiu assim como surgem as "coisas" de Deus; toleravelmente inútil. Reunia-se aos domingos e dias festivos para rezar um pouco e brincar muito. Depois, fugindo às previsões e esquematizações humanas, a "Obra Paulo VI" é hoje uma paróquia que irradia suas atividades promovedoras por dezenove bairros e vilas, numa população estimada em trinta mil pessoas, das quais, cerca de 70% tem menos de vinte anos e uma renda per capita, horrorosamente infra-humana [...] Hoje, a Obra Paulo VI tem um colégio estadual, que acolhe dois mil e trezentos alunos, todos com aula sistemática de religião, e aos domingos e dias festivos, em suas dezenove salas de aulas uma pequerruchada, e recebe aulas de catecismos ministradas por trinta e cinco catequistas, alunas do colégio. Hoje, vinte anos depois, a "Obra Social Paulo VI" é um Centro Olímpico que oferece possibilidades de se praticarem as mais variadas modalidades desportivas... E daqui vinte anos?[17]

[17] Noticiário Inspetorial. Inspetoria de S. Afonso de Ligório, Campo Grande, abr. 1976, p. 20-21.

Para expressar a situação ou descrição da Obra Social Paulo VI, o Noticiário da Inspetoria de maio de 1977 descreve a sucessão dos diretores que batalharam pelo desenvolvimento da casa e de todas as extensões dessa comunidade nos bairros:

> Em 1964, é aberto um oratório festivo, atendido por salesianos da Chácara S. Vicente, aos domingos. Aos poucos surgem os primeiros barracões para possibilitar funções religiosas e aulas de catecismo. Em 1967, assume a direção Pe. João Righetti. As Filhas de Maria Auxiliadora com um grupo de catequistas colaboram generosamente na catequese. Jovens e adultos, divididos em grupos, recebem instrução religiosa, tornada mais atraente por filminas sobre a vida de Jesus, a história sagrada, os sonhos de D. Bosco. A assistência à população pobre, aulas de corte e costura favorecem a estima da obra, que generosos benfeitores ajudam valiosamente. O cinema montado pelo Pe. Righetti, proporciona a pequenos e adultos sadia diversão.
> Em 1971, assume a direção Pe. João Falco, que contou com a colaboração do Pe. Domingos Corso. Durante os cinco anos, nos quais permaneceu à frente da obra, efetuou várias reformas: a capela, aberta em seus lados, tornando difícil a assistência a funções religiosas, particularmente em tempo de frio, tornou-se acolhedora e devota; um dos salões, construídos em 1970 para oficinas, em salão de festas e buffet. Aos 24 de maio desse ano, foi instalada a paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora. Para dar uma sede digna à Paróquia, foi construída a Igreja, dedicada à Virgem de D. Bosco, com anexa residência para os padres. Foi instalado um pequeno parque para as crianças, centro esportivo e campo de futebol para os alunos do colégio. Tudo isto graças à colaboração de generosos benfeitores e da colaboração das autoridades municipais e estaduais. Ao lado da parte material, crescia também a comunidade paroquial graças aos cursos e movimentos, que encontrou grande receptividade entre a população da paróquia [...] Foram levantados quatro centros comunitários em bairros mais distantes.
> Pe. Antônio Secundino com o Pe. Jair Ribeiro continuam impulsionando as atividades iniciadas com tantas energias.[18]

Em outro Noticiário, março de 1974, havia uma notícia que expressava o volume de todas as atividades da Obra Social Paulo VI, a ponto de atrair a atenção do poder público pela organização de todas as atividade em prol dos meninos, jovens e famílias da região. O colégio conveniado prosseguiu suas atividades educativas sob a influência do espírito e pedagogia de S. João Bosco. Essa casa tornou-se, com a construção do Santuário de Maria Auxiliadora, um centro de referência para vários bairros, e os salesianos, ao lado de outros benfeitores, souberam animar os jovens e adultos para uma

[18] Noticiário Inspetorial. Inspetoria de S. Afonso de Ligório, Campo Grande, maio 1977, p. 27-28.

vida de comunidade sob a proteção de Nossa Senhora Auxiliadora. Tornou-se uma obra muito característica, ampla e variada. Também, em julho de 1978, foi assinalada a tratativa com a Secretaria de Educação do Estado sobre a possibilidade de os salesianos indicarem o diretor do Colégio para salvaguardar o espírito e animação da escola.

As atividades dos salesianos na Chácara S. Vicente ou Lagoa da Cruz direcionavam-se para os diversos setores da obra: a Escola Agrícola S. Vicente, o Aspirantado, a casa de retiro e as oficinas. Essa casa estava reduzida a essas atividades desde que os estudantes de filosofia e os noviços foram transferidos para as casas de formação da Inspetoria de S. Paulo. Desde o governo do Pe. Leonardo Jacuzzi, os estudantes de filosofia passaram para Lorena, e os noviços, para Pindamonhangaba. Todos os formandos da inspetoria nessa época realizaram suas etapas de formação na Inspetoria de S. Paulo. A etapa de estudos de teologia sempre ocorreu no Instituto Pio XI, porém as outras etapas, normalmente aconteciam na casa da Chácara S. Vicente.

A Escola Agrícola S. Vicente atendia externos, que sempre foram muito poucos, e a maioria eram internos; vigoravam as séries iniciais a partir do terceiro ano primário e completava-se com a quinta série ginasial. Os internos, além do estudo trabalhavam nas lavouras, na manutenção da horta e no atendimento das criações de galinhas, porcos e gado. Sempre havia um coadjutor que liderava esses trabalhos. A escola era conveniada com o Estado, e vinham da cidade as professoras para as séries do primário; os salesianos assumiam as aulas da quinta série. Os internos normalmente variavam entre quarenta e cinquenta meninos. Tinham uma sala de estudos e um refeitório à parte. Sempre foi uma escola primorosa pelo estudo e disciplina. Havia um salesiano encarregado, e um clérigo que acompanhava os internos em todas as suas atividades, era o assistente. O internato e as atividades diárias da Escola constituíam uma espécie de vitalidade especial para o conjunto da casa toda.

As oficinas primavam pela simplicidade do maquinário mas proporcionava atividades completas no setor de marcenaria, carpintaria e mecânica. Um pavilhão especial, depois da casa de Retiro era o lugar onde os salesianos coadjutores trabalhavam em suas atividades específicas. Além disso, providenciavam o atendimento geral da casa. Mais tarde, quando surgiu o Projeto AMA, e o Me. Francisco Bondioni não mais tinha condições de trabalhar, passou a funcionar somente a marcenaria sob a gestão de um profissional contratado, conhecido como ex-aluno de Cuiabá e nomeado de "Zé-Preto".

Outro setor muito bem utilizado da casa era justamente a "Casa de Retiro"; esta, devido ao grande movimento de jovens, era muito bem utilizada para os "Encontros" e "Jornadas". Verdadeiramente cumpria com sua finalidade de ser um local para promover retiros, encontros e atender à pastoral das casas da cidade e da Inspetoria; nesse tempo havia uma grande movi-

mentação de atendimento pastoral aos jovens. Na circular do Pe. Inspetor, de 14 de julho de 1973, registrou-se:

> O Encontro de Juventude em nossa Inspetoria – os encontros de juventude são movimentos de conscientização cristã. Iniciados em S. Paulo em abril de 1968, mereceram a adesão da Inspetoria, que em outubro desse ano realizou um em Campo Grande, para o regional sul; outro em Cuiabá para o Regional Norte. Realizaram-se até o presente 26 Encontros: 24 em Campo Grande, 2 em Cuiabá, estando programados para este ano ainda 5: 3 no sul e 2 no norte. Foram atingidos 1.300 jovens de 18 anos para cima, faixa mínima para participação. Objetivo: conscientizar jovens líderes para que assumam seu lugar na Igreja. Existem duas equipes que cuidam desses encontros. Depois do encontro recebem os conhecimentos fundamentais do cristianismo através de aulas semanais (Escolinha) e reencontros mensais e semestrais. A ação pastoral desses jovens é fundamentada no trinômio: Piedade, Estudo e Ação.[19]

Esses encontros de jovens ocorreram naquele tempo na Casa de Retiro da Chácara S. Vicente e eram liderados pelo encarregado da Pastoral Universitária. E outros encontros com alunos do Colégio eram organizados pelo encarregado da Pastoral do Colégio D. Bosco. Esses encontros dos alunos do Colégio sempre foram denominados de "Jornada" ou "Rejornada". Dessa forma, além dos retiros dos salesianos no mês de janeiro de cada ano, dos encontros de párocos, de diretores, de coadjutores ou de assistentes, outras atividades pastorais com jovens sempre eram realizadas nessa Casa de Retiro quando implicasse uma duração mais distendida que o tempo de um dia.

Onde havia sido o Instituto Pedagógico ou o prédio em que moravam os estudantes de filosofia em épocas anteriores, nesse período de 1970 em diante, passou a funcionar o Aspirantado para os candidatos à vida Salesiana que estivessem cursando o segundo grau. Moravam lá, exerciam as pequenas atividades de manutenção da casa e estudavam regularmente o segundo grau como extensão do Colégio D. Bosco. A vida salesiana testemunhada pelos salesianos anciãos da comunidade, a presença dos alunos da Escola A. S. Vicente e os inúmeros núcleos de "Oratórios Festivos" nas tardes de domingo, tornavam a vida da comunidade intensa e animada. Anualmente celebravam-se também encontros com jovens candidatos ao Aspirantado, provenientes de outras casas. Nesse sentido, os cursos ocorriam nas férias de final de ano, ou mesmo durante o ano letivo. A equipe encarregada deixou registrada no Noticiário de março de 1976 a realização do encontro de vocacionados daquele ano:

[19] Circular do Inspetor. Inspetoria de Santo Afonso M. de Ligório. Campo Grande, 14 de julho de 1973.

> Chácara S. Vicente – Aos 15 de janeiro teve início na Chácara S. Vicente mais um curso de orientação vocacional. O número de participantes chegou a noventa, variando entre 10 e 18 anos. Os vocacionados provinham de diversas localidades: Fátima do Sul, Dourados, Caarapó, Corumbá, Terenos, Vicentina, Douradina, Rondonópolis, prova eloquente do esforço incansável do recrutador da Inspetoria. A equipe dirigente, orientada pelos Padres Osvaldo Scotti e Osmar Bezute, era composta de vários clérigos [...] Foram dias de muita alegria, trabalho, amizade e convivência no empenho para descobrir possíveis vocacionados. Mais uma vez, colocamos nosso serviço à Igreja, acolhendo e orientando vocações para as diversas dioceses e congregações, deixando ampla liberdade de escolha [...] Não faltou a presença do Sr. Bispo, D. Antônio Barbosa. A equipe trabalhou com visão aberta às necessidades da Igreja, apresentando D. Bosco como meta de nossa missão e de nossa caridade pastoral. (Helder)[20]

Além dessa modalidade de encontro pré-seletivo, iniciou-se outro tipo de encontros entre os candidatos ao ano seguinte do Aspirantado. O Noticiário de outubro de 1977 registrou a presença dos aspirantes da inspetoria na casa da Lagoa da Cruz durante os dias 15 e 16 de outubro. Assinala que foi o primeiro encontro desse tipo; eram jovens da 8ª série e do segundo grau; acentua a notícia o caráter de alegria em todos os participantes e muito entusiasmo em todas as apresentações teatrais ou musicais, em uma sessão lítero-musical. Mostrou-se a estrutura de funcionamento do Aspirantado, e os candidatos conheceram os diversos ambientes e os salesianos da comunidade.

Havia, também, encontros preparativos para selecionar os aspirantes. Nos dias 14 e 15 de outubro de 1978, o Noticiário da Inspetoria apresentou o relatório de um encontro de 87 jovens da 8ª série e do segundo grau que se reuniram na Chácara S. Vicente; vieram de Araçatuba, Cuiabá, Coxipó, Alto Araguaia e Guiratinga. A finalidade do encontro era tornar conhecido o ambiente de estudos e de aprofundamento vocacional e incrementar o conhecimento mais aprofundado dos candidatos ao Aspirantado.

No Aspirantado, o estudo de segundo grau, com quase todos os professores salesianos, ocorria de forma regular e estimulante. Outras atividades envolviam os aspirantes de forma muito educativa, como as aulas de canto, possibilidades de aprender música instrumental e de participar de representações teatrais. As atividades pastorais ocorriam no domingo à tarde, quando os aspirantes eram divididos em grupos para o atendimento de diversos pontos onde acontecia a atividade oratorianas. No Noticiário de maio de 1977, registrou-se a abertura de mais um Oratório:

[20] Noticiário Inspetorial. Inspetoria de S. Afonso de Ligório, Campo Grande, mar. 1976, p. 10.

> Mais um oratório – Seguindo as diretrizes da Pastoral Juvenil e acolhendo o convite do Pe. Inspetor para que os aspirantes se entregassem ao apostolado da catequese, foi aberto o Oratório de S. Domingos Sávio, nas proximidades da Embratel, na Mata do Jacinto. Atraídos pela bola de futebol, apareceram 50 "pirralhos", a quem após a partida de futebol, foi ministrada a primeira lição de catecismo com a récita da Ave Maria e um canto ao toque de violão. Queiram D. Bosco e Maria Auxiliadora, com o titular S. Domingos Sávio, abençoar essa nova iniciativa e aumentar os "Bartolomeus Garelli" neste rincão da próspera Campo Grande.[21]

Assim ocorriam os traços principais das atividades dos salesianos, aspirantes e estudantes da Escola S. Vicente na casa da Chácara S. Vicente. Tornava as diversas atividades ou setores da vida salesiana neste lugar uma expressão da dedicação e de ânimo dos salesianos para com os meninos, para com os aspirantes e para com os jovens que aqui realizaram seus encontros de aprofundamento na fé cristã e viviam as alegrias proporcionadas pelas atividades da vida animada pela espiritualidade de S. João Bosco.

Em prosseguimento ao registro das atividades salesianas na cidade de Campo Grande, defronta-se com a complexa realidade da comunidade do Colégio D. Bosco e da FUCMT, melhor será o delineamento dessa realidade em outro capítulo. Dessa forma, o capítulo XXVI tratará desses inúmeros assuntos e mostrará a grandeza da presença salesiana em Campo Grande, a partir do Colégio D. Bosco e da instituição do Ensino Universitário.

[21] Noticiário Inspetorial. Inspetoria de S. Afonso de Ligório, Campo Grande, maio 1977, p. 32.



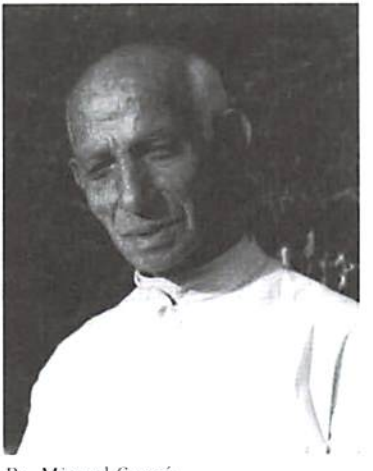
Pe. Firmo Borrini



Pe. Philip Zentner



Pe. Luiz Ghisoni



Pe. Miguel Curró



Pe. Januário Audisio Doucoutay



Pe. João Pancot

Capítulo IX

As sucessivas mudanças na complexa comunidade do Colégio D. Bosco, da FUCMT e de outros setores da atividade salesiana em Campo Grande nesse período de 1970 a 1978

Enquanto nas outras presenças da Inspetoria parecia mais fácil delinear o perfil das atividades pertencentes às comunidades, em Campo Grande, pelo volume e pela variedade de atividades, pareceu ao Pe. Garnero, visitador extraordinário, que a comunidade do Colégio D. Bosco era, de fato, uma casa muito complexa. Dando parecer favorável ao juízo do Visitador, dever-se-ia acrescentar outro fator para que a casa realmente se mostrasse bastante complexa: o número de alunos do Colégio e das Faculdades.

Esse complexo de atividades em prol de um volume grande de jovens exigia de todos os salesianos uma preocupação muito grande com a organização e a vigência de todas as atividades; uma das preocupações nesse sentido seria que a qualidade das atividades jamais criasse o afastamento dos jovens que acorriam para essa escola. Por outro lado, esse roldão de atividades variadas e exigentes, capaz de associar o trabalho salesiano a um montante grandioso de jovens, proporcionava aos salesianos um entusiasmo e um desenvolvimento da capacidade de trabalho de todos.

Assim, o que o visitador registrou em suas observações sobre o número grandioso de alunos, de fato adquire procedência devido às exigências, mas, por outro lado, sub-indica a grandiosidade dessa obra e do trabalho eficaz dos salesianos. Ficou registrada essa observação nas atas do Conselho Inspetorial quando ele apresentou seu relatório completo e, ao se referir à comunidade do D. Bosco, afirmou: "Campo Grande, Colégio D. Bosco – Casa complicada e complexa. É preciso fazer o redimensionamento. É pouco achar-se a comunidade reunida só nas refeições!"[1].

De fato a ações comunitárias nem sempre eram possíveis com a presença de todos os salesianos que ali trabalhavam. Nesse período, de 1970 a 1978, as atividades avolumaram-se e pediam espaços e planos em suas realizações. Inevitavelmente ocorriam desencontros nesse ambiente de múltiplas atividades. Podem-se arrolar os seguintes segmentos de atividades diversas nesse complexo denominado de Colégio D. Bosco: Jornal do Comércio, Rádio Educação Rural, Museu Regional D. Bosco, Colégio D. Bosco – desde o

[1] Atas do Conselho Inspetorial – 1966 a 1973 – Campo Grande, 24 de novembro 1970, p. 76b.

prezinho até o cursinho pré-universitário, matutino, vespertino e noturno, alfabetização e primário completo para adultos no período noturno, cursos profissionalizantes - FUCMT, com inúmeros cursos universitários: direito, filosofia, psicologia, pedagogia, letras, serviço social, matemática, história, biologia, história e outras licenciaturas que funcionavam algumas também no período matutino ou integral. Dependente dos cursos de licenciatura, houve tempos em que o Colégio foi muito procurado por jovens que não se identificavam com outras modalidades de estudo.

Nesse período, os alunos do Colégio D. Bosco ultrapassavam os 1.300 e os universitários também já ultrapassavam os 700 alunos dos três cursos; esses dados foram publicados na circular do Pe. Inspetor de julho de 1970.

9.1 Proposta sobre a Universidade D. Bosco

Como a proposta de novos cursos para a FUCMT importava em um crescimento significativo de alunos e professores, a proposta para que fosse iniciado o processo de transformação em Universidade ganhou terreno. Esse projeto obteve uma avaliação especial do Revmo. Pe. L. Ricceri por ocasião da reunião extraordinária do Conselho Inspetorial na Chácara S. Vicente, no dia 23 de junho de 1970; o registro da ata contém afirmações sobre o assunto:

> Faculdades: Direito, Filosofia e Ciências Econômicas - dê-se nelas uma catequese em profundidade para formar católicos dirigentes. Não se fique em programas minimalistas. Haja neste sentido uma programação e não se vá para frente improvisando. Reúnam-se sempre os salesianos encarregados.
> Universidade Católica: foi apresentada a ideia de fundá-la no Colégio D. Bosco. O Reitor-Mor salientou que a Universidade Católica deve ser um expediente e não um fim. Fazer funcionar bem as faculdades existentes. Insistiu muito na necessidade de se promover reuniões para estudar o assunto com toda a comunidade salesiana.[2]

Embora fosse apresentada já nessa data a possibilidade de se instituir a Universidade Católica a partir dos cursos de licenciatura, Direito e Ciências Econômicas, esse projeto não foi aceito pela comunidade devido à falta de docentes titulados e devido a outras motivações quanto à finalidade e à demanda da cidade. Porém os cursos novos tornaram-se uma realidade; em 1972, foi instituído o Curso de Serviço Social e, posteriormente, o curso de Psicologia. O princípio de se estabelecer uma Universidade tornou-se uma meta distante, feita realidade a partir de 1989 como início do processo perante o governo.

[2] Atas do Conselho Inspetorial - 1963 a 1973. Campo Grande, p. 67-67b.

Duas grandes dimensões iriam marcar os horizontes futuros quanto aos cursos universitários: tornar-se universidade e, em seguida, estabelecer um campus somente para a futura universidade. Nesse sentido, houve uma proposta que não foi avante. Alguns salesianos propuseram à aprovação do Conselho Inspetorial a permuta de uma parte das terras da Chácara S. Vicente com o Exército; este cederia o terreno alto onde ainda se processa o treinamento de tiros dessa corporação. Mas a proposta não foi aprovada. Por sinal o local seria ideal e tornou-se um ponto muito apreciado da cidade.

Desde essa proposta que ocorreu no meio do ano de 1970, o horizonte de uma futura Universidade Católica se constituiu em uma perspectiva realizável para o futuro. O progresso nos cursos universitários iria determinar a data para a devida concretização desse projeto.

9.2 A presença da Rádio Educação Rural e do Jornal do Comércio nas dependências do Colégio D. Bosco

A presença da Rádio e do Jornal do Comércio nas dependências do ambiente do Colégio D. Bosco ocorreu devido a uma proposta do Sr. Bispo diocesano, D. Antônio Barbosa, que pretendeu colocar a Igreja como tal a serviço da Evangelização, da Cultura e da promoção social. Particularmente, a Rádio exerceu uma atividade especial pela criação dos polos de alfabetização via rádio. Sem dúvida que se tornara tão benemérita como popular por todo o interior do Estado, em especial no pantanal, e mesmo fora do Estado, como no interior do Paraná e em alguns lugares do Estado de S. Paulo. Os salesianos, em particular o Pe. Ângelo Venturelli e o Pe. Félix Zavattaro, dedicaram-se com todo entusiasmo a esse trabalho de promoção cultural e de evangelização mediante os meios mais modernos e condizentes da época. Funcionaram nas dependências do Colégio D. Bosco, no auditório do final do Bloco C, a rádio; o JC funcionava no prédio antigo ao lado da Livraria e no início da construção do prédio da Rua 14 de Julho. Com o tempo, o número de alunos foi crescendo sintomaticamente, tanto no colégio como nas faculdades, e a demanda por novos espaços para salas de aula, para laboratórios e para um digno salão de atos novo tornaram-se fatores de mudanças em toda parte dos ambientes. Outros motivos também apressaram a questão da permanência ou não desses dois órgãos que pertenciam à diocese. Sempre ficou claro que o Sr. Bispo recorreu aos salesianos por um motivo simples e determinante: diocese nova e falta de sacerdotes diocesanos. Por outro lado, sendo de origem salesiana, percebeu que esses dois órgãos poderiam se tornar meios de se promover a verdadeira educação como fora sempre o objetivo primordial de qualquer presença salesiana.

Na reunião do conselho inspetorial de 5 de novembro de 1970, a questão de os salesianos manterem a Rádio e a Gráfica do Comércio foi

amplamente debatida e questionada; entre os assuntos mais candentes esteve a sustentação financeira dos dois órgãos; a independência deles quanto à administração, mas com folha de pagamento em nome da Missão Salesiana. O Pe. Inspetor afirmou que contratou um economista para analisar a situação e emitir um parecer sobre esse assunto; esse profissional detectou que a situação jurídica das duas entidades estava muito confusa e nada constava sobre quem são os verdadeiros proprietários desses dois órgãos. Um de seus pareceres surgiu como proposta: fechar o Jornal do Comércio e potenciar a Rádio. Pe. Félix, presente como conselheiro, esclareceu que a "Gráfica" surgiu para dar suporte financeiro ao Jornal. Pe. Félix, que era o grande redator do Jornal afirmou que não existiam mais dívidas. Entre outras afirmações realçou que o Jornal havia assumido uma linha mais apostólica, atual, tendo um dos focos principais a juventude, os universitários, assim apoiando a Missão Salesiana e a Igreja. Segundo ele, o Jornal estaria cumprindo com sua tarefa pedagógica e apostólica. Ainda afirmou que o passo seguinte seria adquirir uma nova máquina, mais moderna, com o auxílio de entidades alemãs.

Foi tratada também a questão de os salesianos não receberem salários por seu trabalho. Muitas outras questões foram levantadas e comentadas pelos conselheiros: a necessidade de se construir um auditório condizente para as faculdades e para o Colégio; a falta de pessoal competente para dirigir esses dois órgãos. Por fim, esclareceu-se que o Sr. Bispo estaria de antemão concorde com o parecer do Conselho sobre esse assunto. Assim ficou decidido que, em outra reunião, com a presença também do Pe. Ângelo, a questão seria debatida novamente. Todos estavam concordes sobre a necessidade de se tomar uma decisão sobre esses dois órgãos[3].

Na reunião do Conselho Inspetorial de 16 de novembro de 1970, com a presença do Pe. Ângelo Venturelli para esclarecer a situação financeira e jurídica dos dois órgãos, Rádio e Jornal, este apresentou uma espécie de relato sobre o assunto:

> O Jornal do Comércio – JC – possui personalidade jurídica desde o dia primeiro de junho de 1967. Formou-se uma Sociedade Ltda. com a aprovação do então Inspetor, Pe. Pedro Cometti. Eram sócios: Antônio Barbosa (Dom), Moacir Queiroz (Padre), Arlindo Lima (clérigo), Paulo Ferrer Pires (Coadjutor), que forneceram suas quotas em material tipográfico [...] Depois fez uma exposição do balancete econômico deste ano (1970), pois, nos anos anteriores, a administração estava em conjunto com a Rádio Educação Rural. Diante do questionamento se valeria a pena conservar o Jornal, Pe. Ângelo afirmou que deveria ser mantido, melhorando o ambiente e a apresentação, pois o JC é o segundo na aceitação do povo de Campo Grande [...] diante dessa postura, os

[3] Atas do Conselho Inspetorial – 1963 a 1973. Campo Grande, p. 70-72b.

> conselheiros opinaram pela não continuação do Jornal mesmo com o parecer favorável do Inspetor. Por afirmarem que o local em que está o JC está em chocante contraste como o resto do Colégio D. Bosco; seria bom levar a gráfica para a casa do S. José e construir no local um auditório para as faculdades. A questão perdura e será novamente tratada em outras reuniões.[4]

Na reunião do Conselho Inspetorial de 26 de novembro de 1970, a questão do JC e da Rádio foi novamente debatida; penderam as opiniões pelo fechamento da Gráfica e do JC, mas nada ficou resolvido. A posição do conselho inspetorial foi comunicada ao Sr. Bispo, que respondeu ao conselho; a resposta foi comentada na reunião de 02/02/1971. Porém nada de definitivo ainda teria sido resolvido, mas a opinião seria o fechamento da Gráfica e do Jornal. Em seguida, diante de uma orientação do Regional da Congregação, Pe. Garnero, sobre essa questão na reunião do conselho de 19 de fevereiro de 1971, deixava claro que o JC e a Rádio deveriam ser devolvidas ao Sr. Bispo, e tal orientação seria reforçada por uma carta do Reitor-Mor. A orientação afirmava que, ao passar o JC e a Rádio para o Sr. Bispo, os dois salesianos, Pe. Ângelo e Pe. Félix, diretor do Jornal, passariam a residir com o Sr. Bispo, continuando, porém, os trabalhos nas Faculdades[5].

Diante dessa orientação, o Conselho Inspetorial não tinha outra posição que cumprir com a orientação recebida. Depois de algum tempo de indecisão do Sr. Bispo, as questões foram resolvidas com o fechamento do Jornal do Comércio, e, depois de vários meses, a trasladação da Rádio e da Gráfica para uma construção apropriada ao lado da sede da diocese. Outra questão pendente: Pe. Félix, uma vez que a Gráfica e JC foram encerrados no Colégio, não disporia, nem ele desejaria, deixar a comunidade salesiana para ir residir com o Sr. Bispo. Somente o Pe. Ângelo, que permaneceu na direção da Rádio e da Gráfica passou a residir na residência do Sr. Bispo, D. Antônio. Pe. Ângelo permaneceu nesse trabalho até os seus últimos dias de vida, já depois do ano 2004.

No lugar do prédio da Gráfica e da residência das Irmãs de Jesus Adolescente, que coordenavam os trabalhos de direção da cozinha e da lavanderia no Colégio D. Bosco, seria mais tarde, depois da demolição desse pavilhão, planejada a construção de um grande auditório e um local para a biblioteca das faculdades. Esse prédio foi inaugurado com o título de "Casa da Cultura".

[4] Atas do Conselho Inspetorial – 1963 a 1973. Campo Grande, p. 73-73b.
[5] Atas do Conselho Inspetorial – 1963 a 1973. Campo Grande, p. 80-81.

9.3 A organização do setor universitário na casa do Colégio D. Bosco e desenvolvimento dos cursos universitário nesse tempo, 1970-1978

A comunidade salesiana do Colégio D. Bosco de Campo Grande tornara-se muito complexa com o desenvolvimento de duas atividades fundamentais para a obra: a vida do colégio para internos e externos e a atividade no Ensino Superior através das várias faculdades. Ao lado dessas duas principais atividades existiram outras que compuseram o grande rol de setores onde os salesianos atuavam; o trabalho paroquial representava outra dimensão da casa ao lado do oratório festivo nos domingos. Os salesianos empenhados no trabalho com o colégio e com as faculdades, no final de semana assumiam o trabalho pastoral em diversas capelas da paróquia e no oratório festivo. Convém realçar que, tanto no colégio como nas faculdades, a atividade pastoral era um campo muito exigente e requeria o empenho de alguns salesianos em constante trabalho para o atendimento diário, semanal ou especial como sempre foi o caso dos movimentos de jovens através dos encontros. A variedade de setores específicos de trabalho, que se inter-relacionavam, constituía uma verdadeira rede de atividades que se estendiam por toda a casa; de fato a casa possuía uma verdadeira complexidade, mas as áreas específicas de cada setor possuíam suas linhas de ação e de saudável consistência. Logicamente os dois ou três setores principais, faculdades, colégio e paróquia, assumiam as linhas demarcatórias de cada atividade. Dessa forma, as Faculdades nesse período adquiriram grande evidência pelo número de alunos, pelas exigências especiais de cada curso e pelo constante movimento dos jovens universitários pelos ambientes da casa. Essa visão de conjunto não incluiria mais a presença da Rádio Educação Rural nem do Jornal do Comércio, pois no ano de 1971 ocorrera a decisão de os devolver à Diocese.

Na reunião do Conselho Inspetorial de 22 de maio de 1972, além de outras decisões, o Pe. Félix apresentou em nome dos demais diretores das Faculdades, Pe. Carlos Del Torchio da Filosofia Ciências e Letras, Pe. Ângelo Sanchez de Ciências Econômicas e Pe. José Scampini, diretor da Faculdade de Direito, a seguinte proposta:

> - Haja no Colégio D. Bosco uma única comunidade sob a direção do Diretor do Colégio;
> - Haja duas administrações cujos membros seriam o Reitor Magnífico, os Diretores das Faculdades e o Ecônomo do Colégio. NB: o diretor do Colégio fica excluído para poder ficar neutro e mostrar as soluções. Em caso de conflito, o Diretor do Colégio e o Reitor Magnífico tratarão de resolver o problema [...] Não foi aprovada ainda essa proposta e o Pe. Inspetor afirmou que todos os recursos financeiros das faculdades deveriam ir para a construção do prédio novo para as faculdades.[6]

[6] Atas do Conselho Inspetorial – 1963 a 1973. Campo Grande, p. 91-91b.

Essa proposta, embora não tivesse sido aprovada naquela data, perduraria entre os salesianos da comunidade como uma estruturação melhor para o funcionamento da casa em todas as dimensões, em particular da administrativa. Em setembro desse ano, foi contratado um contador para normalizar a administração inspetorial, por estar no Colégio, a presença e as exigências profissionais de seu trabalho iriam orientar a solução futura da administração da comunidade.

No ano seguinte, na reunião de 04 de abril de 1973, o Pe. Inspetor introduziu na pauta do conselho o assunto da necessidade de preparar uma equipe de professores salesianos que se dedicassem às faculdades já existentes e que permitissem a entrada de novos salesianos nesse campo de trabalho.

Em julho de 1973, o conselho estabeleceu que, no novo prédio em construção depois do prédio da rua 14 de Julho, na esquina com a Av Mato Grosso, seria localizada a Faculdade de Economia e o Museu, devido à facilidade de acesso. Nesse mesmo dia, foi aventada uma proposta dos Srs. Bispos e Superiores Religiosos da cidade e região, para que os salesianos iniciassem a pensar em acolher na Lagoa da Cruz ao lado dos estudantes de filosofia outros seculares para participarem dos cursos da FUCMT.

Em outubro de 1976, o então diretor do Colégio D. Bosco, pediu ao Inspetor que se pudessem reorganizar os locais e os cursos das faculdades, uma vez que a sede da inspetoria seria transferida para a casa de S. José; tudo seria oportunamente estudado, inclusive as propostas de aberturas de novos cursos. Porém, na reunião do Conselho de 14 de maio de 1976, diante de um pedido do Regional-CNBB, foi autorizado o início de um processo para a abertura do curso de Filosofia na FUCMT, para atender os estudantes seculares e religiosos da região. Houve o comunicado de que o Regional da CNBB iria criar o curso de Teologia no IRPAMT. Nessa reunião, também foi apresentada uma série de cursos cujos processos estavam em andamento, sobretudo cursos para preparação de professores.

Nesses anos, de 1973 até 1978, algumas ocorrências tornaram-se decisivas e indicativas para a comunidade do Colégio D. Bosco; na reunião do Conselho Inspetoral de 17 de agosto de 1977, ocorreu a decisão a respeito de possíveis locais para um curso de Preparação para a Universidade; havia até a ideia de se adquirir um imóvel e atrair os candidatos para esse curso. A decisão do Conselho foi a seguinte:

> Continue-se a potenciar o segundo grau como vem sendo feito com a implantação do curso conveniado. O "cursinho" tem muita precariedade e pode gerar sérios inconvenientes e dificuldades de controle. Em nosso trabalho educativo, devemos visar mais à qualidade do que à quantidade. Isso será a nossa melhor propaganda, mais apropriada do

> que pela televisão, muito onerosa e merecedora de certas reservas. O "Cursinho" fora do Colégio D. Bosco torna a influência salesiana nula ou muito precária. O ponto favorável é a presença dos melhores professores [...] Uma concorrência leal estimula maior aprimoramento e melhor seleção. Assim o conselho desaprova o projeto de um cursinho fora da área do Colégio D. Bosco.[7]

Mais tarde o "cursinho" encontraria um lugar apropriado no próprio recinto do Colégio. Onde funcionara a Rádio Educação Rural e o auditório provisório que era utilizado pelo Colégio, Faculdades e Oratório, era um local de uma altura enorme, como o teto da Igreja; assim estudaram estabelecer uma laje em toda aquela área, e surgiram várias classes para se instalar o curso de preparação para os vestibulares. O local sempre funcionou muito bem.

Na reunião de 10 de dezembro de 1977, foi apresentada outra sugestão dos dirigentes das faculdades tendo em vista a possibilidade de se instalar a Universidade fora das dependências do Colégio D. Bosco. Tratou-se da apresentação de uma possibilidade de se permutar com o Exército toda a área de treinamento de tiro no alto do bairro depois da Avenida Tamandaré com uma área símile no terreno da Lagoa da Cruz. Porém o parecer do Conselho foi contrário, e a questão não pôde ir para frente. Nessa mesma reunião, o Conselho deu permissão para que a comunidade do Colégio D. Bosco estudasse a melhor forma para transladar a cozinha e refeitório do antigo prédio da Av. Mato Grosso para o primeiro andar do Bloco da Rua 14 de Julho, em um espaço que poderia ser muito bem estruturado para acolher o refeitório, cozinha e alguma outra dependência. Sempre houve essa possibilidade devido à escada lateral da antiga Livraria, que ofereceria um acesso discreto e separado para a cozinha. Nesse local, funcionara a sede inspetorial desde o governo do Pe. Leonardo Jacuzzi, e tornar-se-ia um refeitório acolhedor para os salesianos. Assim, os pedidos da comunidade do Colégio D. Bosco e FUCMT foram considerados, e somente foi aprovada a mudança do refeitório.

O início de duas outras grandes construções na área do Colégio D. Bosco iria marcar o desenvolvimento dos cursos universitários e o crescimento do número de alunos do Colégio. Em data de 02 de fevereiro de 1972, a Crônica da Inspetoria, cuja sede estava nas dependências do Colégio, assinalou o início da construção da futura "Casa da Cultura". Nesse prédio, inicialmente haveria, no andar superior, um auditório com mil assentos e, no térreo, salas de aula para a Faculdade de Economia, bem como para a instalação do Museu D. Bosco e também abrigaria a grande biblioteca das faculdades. Esse prédio supriria a grande falta de um bom auditório, as salas de aulas.

No informativo da Inspetoria de junho de 1974, assinala-se a notícia:

[7] Atas do Conselho Inspetorial – 1973 a 1981. Campo Grande, p. 36b.

> Em Campo Grande foi concluído o salão nobre da Casa da Cultura. Embora não oficialmente inaugurado, a primeira festa aí celebrada foi o Dia das Mães: elas bem mereciam esta distinção. Outros atos celebrados foram a comunhão pascal dos universitários, a Missa na festa de Nossa Senhora, o encerramento do encontro.[8]

Desde o início de 1974, o teatro da Casa da Cultura estava pronto e foi utilizado em outras circunstâncias além das assinaladas no trecho citado. No termo de visita inspetorial à comunidade, em 01 de julho de 1974, Pe. Geraldo Pompeu deixou registrado: "Foi inaugurado o salão de atos da 'Casa da Cultura'. Era uma necessidade para o movimento nossos alunos. Também a nova construção vai indo para permitir no próximo ano a instalação do 'Museu D. Bosco'"[9].

Como se percebe, a inauguração do Salão de Atos, no andar superior do prédio da esquina entre a Rua 14 e a Av. Mato Grosso, veio oferecer melhor qualidade ao atendimento dos numerosos alunos e para poder realizar eventos com grande participação de alunos, de pais ou de convidados para os atos celebrativos que ocorriam na casa.

Nesse ano de 1974, uniram-se várias atividades para solenizar a comemoração dos cinquentenário da chegada dos salesianos a Campo Grande; as festas foram marcadas por alguns acontecimentos: a inauguração do prédio da Casa da Cultura, o encontro nacional de irmãos coadjutores, a publicação da série de artigos do Pe. Mahr nos jornais sobre a história da presença salesiana e outras comemorações esportivas.

Conforme o Noticiário Inspetorial de dezembro de 1974,

> A cidade Morena comemorou o cinqüentenário da chegada dos Salesianos à cidade. O acontecimento teve ampla cobertura com os artigos do "Correio do Estado", da autoria do "Peregrino Ramos" (Pe. Francisco Mahr) recordando episódios e pessoas dessa longa caminhada. O programa com a comemoração das bodas de prata da paróquia de São José, previa a inauguração da praça e da fachada da Igreja de S. José. O inesperado falecimento do Pe. Heitor Castoldi, creio que motivou o cancelamento dessa parte da programação.
>
> No Colégio D. Bosco, a data foi comemorada com a festa de D. Bosco, preparada por palestras e concursos sobre o mesmo e sobre sua obra e a inauguração do prédio da "Casa da Cultura" com sessão lítero-musical. O discurso inaugural ficou a cargo do Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal, Dr. Félix Balaniuc, professor da Faculdade de Serviço Social. Falou também o Revmo. Sr. Pe. Geraldo Pompeu de Campos, Inspetor.[10]

[8] Boletim Informativo. Inspetoria de Santo Afonso de Ligório. Campo Grande, jun. 1974, p. 15.
[9] Livro de Registro das Visitas Inspetoriais – 1932 a 2012, p. 42.
[10] Boletim Informativo. Inspetoria de Santo Afonso de Ligório. Campo Grande, dez. 1974, p. 4.

Os jornais da cidade noticiaram esses eventos, e todos afirmaram a grande festa da inauguração da "Casa da Cultura; na crônica da Inspetoria, o Revmo. Pe. Corazza realçou a grande repercussão dos artigos do Pe. Francisco Mahr no Correio do Estado; neles, praticamente o Pe. Mahr soube caracterizar a grandeza dos trabalhos dos salesianos no sul do Estado de Mato Grosso, em especial, em Campo Grande. Vale lembrar principalmente que, nesses artigos, o autor mostra a construção da presença concreta da Igreja em quase todos as pequenas cidades desse território, bem como o grande trabalho dos párocos itinerantes que prestavam assistência a todos os povoados do sul do Estado. Em alguns desses artigos, Pe. Mahr apresentou a lista de salesianos e a cronologia da evolução de todas as obras e casas salesianas de Campo Grande; publicados em forma de sequências, mostram o desenvolvimento de cada presença, desde o início até 1975. Assim apareceram a lista dos diretores e das construções do Colégio D. Bosco, a lista dos párocos ou encarregados do Oratório S. José e, depois, Paróquia S. José e, por fim, o início e o desenvolvimento da Obra Social Paulo VI. Nesses artigos, encontra-se o resumo do desenvolvimento de todas as presenças salesianas em Campo Grande, desde o início até o ano de 1975. Sem dúvida, os artigos consistiram-se em uma historiografia da obra missionária e apostólica dos salesianos, dividida, depois de 1932, com os padres redentoristas que assumiram algumas paróquias dessa região. O que o Pe. Mahr escreveu com muitos detalhes, o Pe. José Corazza assim resumiu na história da presença dos salesianos no sul do Estado, em particular trabalhando nas paróquias:

> Vendo a disponibilidade dos padres salesianos, D. Carlos recorria frequentemente a eles para atenderem não só às igrejas da cidade, mas para percorrerem o território da diocese, que ele já não podia visitar pelo adiantado da idade. Assim vemos o Pe. Solari percorrer o sul, e o Pe. Bálzola, a região de Coxim.
> Em Corumbá, onde se estabeleceram no fim do século passado, assumem, após a retirada do Pe. Constantino Tárzio para Cáceres, o atendimento à paróquia local e à de Ladário. Sua ação se estende depois para o sul, visitando Miranda, Aquidauana, Nioaque e Porto Murtinho.
> Em 1924, é a vez de Campo Grande e de Três Lagoas. Campo Grande, pela sua posição, torna-se centro de constantes viagens a Rio Verde, cuja paróquia tem por titular Nossa Senhora Auxiliadora, a Coxim e, no oeste, Ponta Porã. De Três Lagoas, vão até à longínqua paróquia de Sant'Ana do Paranaíba, uma das mais antigas do Estado. Em 1925, Pe. José Giardelli fixa-se em Ponta Porã indo a Maracaju e Porto Murtinho. Todo o sul do Estado é percorrido pelos mensageiros do Evangelho, sem desfalecer pelo cansaço, pelas dificuldades ou intempéries.
> Em 1930, a pedido de D. Lustosa, chegam ao Estado os Padres Redentoristas, compartilhando com os salesianos as canseiras pelo reino de Deus, estabelecendo-se em Miranda e Aquidauana, em 1939,

em Campo Grande, assumindo a paróquia Santo Antônio e, em 1943, a de Ponta Porã. Aos salesianos é confiada a paróquia S. João Bosco, com sede na capela do Colégio D. Bosco; em 1949, a de S. José, elevada a catedral provisória, pela criação da diocese e, em 1971, a de Nossa Senhora Auxiliadora. Cedendo paróquias centrais, como a catedral de Corumbá e de Cuiabá, os salesianos assumem paróquias periféricas para melhor atender à classe popular.

O progresso do Estado e a vinda de numerosos migrantes reclamam a presença de mais operários na seara do Senhor. Novas ordens e congregações se instalam na região. São os Padres Franciscanos vindos da Alemanha, os Padres Palotinos e os Padres Capuchinhos, vindos do Rio Grande do Sul, além dos Padres diocesanos. A Missão Salesiana continua desenvolvendo sua tríplice ação missionária: escolas, paróquias e missões. Tendo-se expandido para o Oeste de S. Paulo, além do ensino, administra as paróquias de Lins e de Araçatuba. (CORAZZA, 1995, p. 158-159).

A presença salesiana nesse território vai além dos cinquenta anos, mas as festividades relembram o trabalho e a ação missionária em Campo Grande; assim os festejos pretenderam mostrar a grandiosidade desses intrépidos missionários.

9.4 Encontro Nacional de Irmãos Coadjutores

O ano de 1974 repercutiu de diferentes modalidades para os salesianos de Campo Grande. Além de outras festividades, a presença de inúmeros salesianos coadjutores de todas as outras cinco inspetorias foi um momento único para a celebração da grandeza do trabalho desses intrépidos e destemidos irmãos, que sempre estiveram nas comunidades ao lado dos salesianos sacerdotes para o trabalho apostólico ou como expressão da grandiosidade do carisma de D. Bosco, como caminho de seguimento de Jesus Cristo através do trabalho capaz em si, profissionalmente exercido para o bem do próximo, em especial dos jovens e, em determinados casos, para a edificação da devida infraestrutura necessária para todas as comunidades salesianas. Esse trabalho na inspetoria de Mato Grosso foi muito evidente e muito significativo pelos empreendimentos realizados por esses salesianos, que colocaram a profissionalidade a serviço de comunidades evangelizadoras e missionárias. Eles se tornaram missionários pelo trabalho e pelo exemplo de vida na dedicação ao próximo, como queria D. Bosco e como desejaria sempre a imitação ao exemplo de Cristo.

Preparado com tanto carinho, o encontro nacional de coadjutores teve início no dia 1º de novembro de 1974 e finalizaria no dia 04 desse mesmo mês. Estiveram presentes nesse encontro os inspetores todas as outras inspetorias. Na abertura, houve a palavra de vários inspetores e, depois da fala

do Pe. Geraldo Pompeu de Campos, inspetor dessa inspetoria, tomou a palavra o coordenador do Encontro, Sr. Raimundo Rabelo de Mesquita para apresentar a sequência dos temas e o roteiro do encontro.

A temática do encontro, mais ou menos seis temas, tinha por perspectiva a consistência da fé e a grandeza da ação por amor a Jesus Cristo, o caminho glorioso do apóstolo de Cristo. Cada tema, depois de exposto, era estudado em grupo; em seguida, os plenários serviam para a apresentação de cada grupo, de suas reflexões, sempre tendo em vista a realidade do irmão coadjutor nos tempos modernos, em particular, a vida cristã leiga salesiana como caminho de santidade. Participaram desse encontro 52 irmãos de muitas regiões do Brasil. Uma das escolhas finais, depois do estudo de todos os temas e características peculiares dos irmãos na vida salesiana, seria a escolha de dez delegados que representariam a todos no Encontro Mundial de Coadjutores em Roma, a ser realizado em janeiro de 1975.

A presença do Representante do Reitor-Mor, o Regional da América, Pe. Juan Vecchi, foi sempre a presença referencial da integridade e grandeza das conclusões a serem levadas para o Encontro Mundial em Roma. Depois dos festejos de despedidas e das manifestações de alegria por parte de todos, os inspetores iniciaram sua reunião regional sob a presidência do Pe. Juan Vecchi.

A conclusão desse encontro mostrou-se simples e grandiosa em suas expressões de alegria e de profunda identidade do espírito de D. Bosco, que previa uma vasta gama de possibilidades para a santificação dos irmãos, mediante a dedicação serena e competente aos trabalhos e às especializações de cada um deles. O encontro foi marcado por um profundo traço da espiritualidade de S. João Bosco: o espírito de família, que uniu e animou a todos mediante a alegria por participar da vida de comunidade sob o espírito de S. João Bosco. A grandeza de alma e a expressividade da alegria alimentada pela graça do caminho de santificação animaram a todos e tornaram o encontro altamente expressivo da grandeza da vida leiga na congregação.

9.5 A construção de um novo Bloco para abrigar alunos do Colégio D. Bosco e das Faculdades surge paralela à rua 13 de Maio

Na reunião do Conselho Inspetorial do dia 17 de outubro de 1975, o diretor do Colégio D. Bosco, Pe. João Baldan, solicitou que fosse aproveitada a possibilidade de uma boa reorganização dos cursos no Colégio D. Bosco. Pediu que se pudesse realizar uma nova localização para os cursos, tendo em vista o novo prédio da Rua 13 de Maio, para o próximo ano, isto é, para 1976. Além disso, assinalou que se deveria fazer um planejamento para a distribuição mais adequada dos cursos, tendo em vista a ocupação dos espa-

ços deixados pela transferência da casa inspetorial para as dependências do Instituto S. José.

Dentro da perspectiva também de utilização dos espaços nas dependências das construções do Colégio D. Bosco, Pe. José Foralosso, vigário da Paróquia D. Bosco, voltou ao assunto da nova localização da igreja paroquial e da sede da paróquia em terreno cedido pelo bispo, mais central em relação ao desenvolvimento da cidade e da abrangência territorial da paróquia.

Essas duas intervenções indicam as novas linhas de reorganização dos espaços e das demandas que o crescente aumento do número de alunos, tanto das faculdades como do Colégio, estava exigindo em relação a novo planejamento para o uso e o devido aproveitamento dos espaços. Cursos novos das faculdades exigiam ambientes para a instalação de laboratórios, de locais de atendimentos e de realizações de atividades complementares dos cursos. Da mesma forma, os alunos do ensino médio deveriam também ser atendidos com os devidos espaços para os laboratórios exigidos por lei.

Na ata do Conselho Inspetorial de 23 de janeiro de 1976, Pe. José Scampini apresentou a possibilidade de abertura do curso de Comunicação; o grande problema constatado por todos os conselheiros foi a questão dos espaços, pois o próprio Colégio D. Bosco tinha que restringir os seus cursos noturnos por falta de salas, todas estavam ocupadas pelas faculdades. O conselho como um todo insistiu para que se deixasse de lado a expansão de novos cursos nesse momento, e se intensificasse no aprimoramento dos existentes, de modo especial nas disciplinas dos cursos da Filosofia ou, então, das licenciaturas.

Em abril de 1976, ainda no conselho foi aventada a possibilidade de se estabelecer algum novo curso no então prédio do 'Hospital Pia Lami'; porém o novo inspetor foi frontalmente contra essa possibilidade; segundo ele ali surgiriam os espaços para novos empreendimentos e para a futura localização do Museu D. Bosco.

Dentro desse clima de crescimento de volume dos cursos das Faculdades da FUCMT e do grande volume de novos alunos para o Colégio D. Bosco, posiciona-se a realização de uma grande iniciativa da inspetoria de ter construído o prédio de três andares no final do pátio do Colégio D. Bosco, em paralelo à Rua 13, para que houvesse novos espaços que comportassem esse novo volume de alunos, tanto das faculdades como do Colégio.

Desde a metade do ano de 1973 que esse prédio fora projetado e, em seguida, iniciou-se a obra de sua edificação. Ao final do ano de 1974, já estava praticamente finalizada a sua construção. A inauguração desse novo prédio, no início do ano escolar de 1975, conseguiu uma repercussão especial, conforme a reportagem do Correio do Estado de 10 de janeiro de 1975, que mostra uma foto bem ampla do prédio em construção ainda:

> A informação é da diretoria da Fucmt, assinalando que as obras de construção foram iniciadas no ano passado (1973-1974) e que o cronograma de obras prevê a conclusão até no início de março. O novo prédio destinado a abrigar as faculdades de Direito e Economia está em fase final de construção, terá três andares e está na mesma área do Colégio D. Bosco. No mesmo bloco, serão instalados os diretórios acadêmicos. Quando concluída, a edificação terá um total de 32 salas de aulas, espaçosas, arejadas e confortáveis, do tipo de anfiteatro: as carteiras soltas, visam oferecer maior liberdade ao acadêmico. Além destas salas, abrigará uma sala magna, com capacidade para receber 200 pessoas e que se destina à realização de pequenos seminários, debates entre os universitários, júris simulados, etc. [...] Ainda, de acordo com informações da diretoria das Faculdades Unidas Católicas, a nova construção vai possibilitar a entrada de maior número de alunos nos dois cursos. Ano novo, prédio novo.[11]

De fato, as notificações do Correio do Estado sinalizavam toda a nova perspectiva desse novo prédio em relação ao desenvolvimento dos cursos da FUCMT. Outro jornal, o Diário da Serra do dia 11 de março de 1975, notificou a ocorrência com uma pequena nota e uma bela foto do prédio novo:

> O funcionamento conjunto das faculdades de Direito e de Ciências Econômicas, Contábeis e Administração em novo prédio, construído fronteiriço à rua 13 de Maio é a novidade apresentada pela FUCMT no corrente ano letivo, cujo início se deu ontem. Também, em conseqüência da reestruturação executada pela direção da entidade, haverá uma única secretaria para as faculdades de Direito, Economia e Serviço Social, sob a chefia da advogada Itsume Murakami [...] A construção da atual sede dos cursos de Direito e Economia, dotada de acomodações para abrigar essas importantes unidades do ensino superior campo-grandense, comprova o elevado crescimento experimentado pelas Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso.[12]

Para comprovar a expansão expressa na notícia desse artigo do Diário da Serra, no Noticiário da Inspetoria de setembro de 1975, foi publicada a relação de todos os cursos das Faculdades com as respectivas datas de reconhecimento, indicando também o número dos decretos desse reconhecimento. Ali são registrados os seguintes cursos da FUCMT: Pedagogia, Letras, História Geografia, Direito, Ciências Econômicas, Ciências Contábeis, Administração, Serviço Social, Ciências e Psicologia; estes dois últimos foram autorizados a funcionar no ano de 1975[13].

Dando prosseguimento à constatação do crescimento significativo dos alunos que frequentavam as dependências do Colégio D. Bosco, tanto para a

[11] Crônica da Missão Salesiana de Mato Grosso 1957 a 1980, p. 99.
[12] Crônica da Missão Salesiana de Mato Grosso 1957 a 1980, p. 102.
[13] Boletim Informativo. Inspetoria de Santo Afonso de Ligório. Campo Grande, set. 1975, p. 23.

escola fundamental como para os cursos universitários, também o Noticiário da Inspetoria publicou um resumo do número de alunos que estudavam tanto nas faculdades como no Colégio, um ano após a inauguração do prédio da Rua 13 de Maio. Esses números se tornaram muito significativos em si e se considerados em sua soma total de alunos.

Assim os alunos que frequentavam o ensino fundamental no Colégio D. Bosco, em todas as modalidades, somaram nesse ano, precisamente 4.187 alunos. E os alunos do Ensino Superior desse ano de 1976, que frequentavam os cursos da FUCMT, totalizaram 3.108 alunos[14].

Os dois montantes de alunos constituíram-se em uma realidade extraordinária para todos os salesianos da Inspetoria. De modo especial, devido à grande reorganização das presenças ou das casas em todo o território da inspetoria em que ocorreu o fechamento dos colégios de Tupã, de Lucélia, de Araguaiana, de Guiratinga, por um lado, mostrando uma perda quase irreparável; por outro lado, o crescimento de outras obras, como o Colégio D. Bosco, a FUCMT e o Colégio S. Gonçalo, evidenciava os sinais de novos tempos. Afinal somente em Campo Grande seriam 7.295 alunos presentes em nossas Instituições.

9.6 Celebrações do Centenário das Missões na Congregação

Celebrar o centenário das Missões Salesianas seria então um reforço para a história e para o fortalecimento da identidade da Inspetoria, cujo início ocorreu nos planos de D. Luiz Lasagna justamente para o trabalho típico missionário com povos indígenas. Já esse projeto fora concretizado pelo próprio D. Bosco em 1875, ao enviar a primeira expedição de salesianos para Buenos Aires. Depois o então Pe. L. Lasagna percorreu todo o litoral do Brasil, tendo em vista a possibilidade de se abrir colégios e obras em prol dos jovens necessitados, mas concomitantemente ele esteve no interior de S. Paulo para verificar a possibilidade de ali se estabelecer uma casa para futuro apoio para o contato com os índios, e não foi possível. Depois esteve em Belém do Pará, para verificar essa possibilidade, mas, pela primeira expedição de missionários para Cuiabá, foi que encontrou a possibilidade de se concretizar esse grande desejo de D. Bosco e dele próprio: estabelecer um campo missionário entre os índios. A colônia Teresa Cristina foi a concretização inicial desse trabalho entre os Bororos. Somente em 1902, ocorreu definitivamente o contato com os Bororos nos Tachos. Quanto tempo e quanta glória! Assim ao celebrar com toda a Congregação o Centenário das Missões seria retomar um dos pontos vitais da identidade inspetorial.

[14] Boletim Informativo. Inspetoria de Santo Afonso de Ligório. Campo Grande, abr. 1976, p. 28.

Antes de iniciar o roteiro das comemorações do Centenário das Missões, seria bom constatar algumas ocorrências singulares ou acontecimentos significativos em relação às Missões, a partir da Celebração do Santo Natal de 1974. Foi muito significativa a presença do Núncio Apostólico D. Carmine Rocco na Missão de Meruri para a celebração da Santa Missa da noite do Natal, na presença dos índios Bororos, todos pintados e bem adornados com seus ornamentos para essa celebração. Segundo o Jornal do Brasil, cerca de duzentos e cinquenta índios bororos participaram das cerimônias da Santa Missa devidamente ornamentados; também realizaram cerimônias apropriadas para lhe conferir um Pariko de ornamentação e outros adereços próprios deles. Alguns desses enfeites foram usados pelo Núncio, durante a celebração da Santa Missa. Sem dúvida aí, com a presença do Revmo. Sr. Núncio Apostólico, iniciava-se uma longa festa de comemoração do Centenário das Missões Salesianas. Em seguida, D. Carmine esteve também entre os xavantes de S. Marcos e Sangradouro. Em 28 de dezembro de 1974, o jornal o Estado de S. Paulo publicou um artigo noticiando a presença do Núncio nas aldeias xavantes e bororo; mas o artigo todo trouxe à tona as velhas questões sobre a catequese e a cultura indígena. Nesse artigo, cita-se a antropóloga Alcida Ramos, da Universidade de Brasília, que coloca a questão da catequese dependente da economia; assim ao levar recursos para os índios, os civilizados estariam intrometendo-se em suas práticas de subsistência. Porém foi clara ao afirmar que os jovens índios já possuem outras concepções a esse respeito. Essas outras questões geram posições diferenciadas entre os estudantes ou antropólogos que preferiam deixar que os próprios índios se mantivessem em seus rituais culturais. Porém os salesianos estariam sempre estudando meios de manter a cultura desses povos e, ao mesmo tempo, de levar-lhes a mensagem de Jesus Cristo Salvador de todos os povos independentemente das culturas[15].

Outra ocorrência importante para os salesianos, sempre missionários dos jovens, sucedeu no dia 16 de maio de 1975. Nesse dia, esteve presente visitando as Faculdades Salesianas de Campo Grande o Exmo. Sr. Ministro da Educação e Cultura, Sr. Ney Braga. Visitou todas as faculdades e as dependências do Colégio D. Bosco-FUCMT; nessa ocasião, foi-lhe ofertada uma coleção de livros referentes às duas principais tribos indígenas de Mato Grosso (Bororo e Xavante), contendo história, costumes e pesquisas dos salesianos estudiosos. Essas obras indicam uma das facetas do trabalho missionário salesiano realizado ao longo de tantos anos de trabalho nas colônias entre essas duas tribos. Os salesianos e professores, mesmo com a exiguidade do tempo, puderam homenagear esse ministro, que tomou conhecimento da

[15] Crônica da Missão Salesiana de Mato Grosso 1957 a 1980, p. 98-98b.

realidade do trabalho dos salesianos no Colégio D. Bosco e nas Faculdades Católicas[16].

Na sequência dos fatos que marcaram o ano de comemoração do Centenário das Missões Salesianas, situa-se a notícia do auxílio do governo do Estado ao financiar uma grande lavoura na reserva dos Xavantes em Sangradouro. O Jornal "Correio do Estado" publicou, no dia 14 de julho de 1975, um artigo com fotos de xavantes ladeando o Pe. Mário Pansiera, então diretor da Missão, com o título: "Reserva de Sangradouro vai expandir lavouras". Afirmou que por determinação do governador Garcia Neto o secretário da Agricultura tinha visitado na semana anterior a Reserva indígena, onde teve bons entendimentos com o cacique Nicolau e com o Pe. Mário Pansiera. Ficou acertado que a Secretaria da Agricultura iria preparar uma área de 200 hectares na reserva para expandir as lavouras desenvolvidas pelos índios; também seria doado um trator, e um técnico da Acar MT iria prestar assistência técnica para a implementação da lavoura dessa área; os xavantes estavam convencidos de que somente pela agricultura eles poderiam sobreviver melhor com o cultivo das lavouras do arroz, milho, mandioca e hortaliças, mas necessitavam também de instrumentos e meios para isso. Assim a vida na missão acabou recebendo um auxílio extra e de muita utilidade para todos.

Essa sequência de fatos interessantes e muito significativos marcou, por um lado, o ano da comemoração do Centenário das Missões; porém o incentivo e a organização de todos os atos celebrativos das comemorações já haviam sido cogitados pelo Conselho Inspetorial, que na reunião de 26 de abril de 1975, havia indicado o inspetor o Pe. Geraldo Pompeu, como "Animador Missionário", o Pe. J. Corazza, para ser referência quanto às iniciativas para as comemorações desse evento. Ele tomaria as iniciativas que deveriam coroar as comemorações desse Centenário. Em setembro desse ano, no Conselho planejou-se realizar a festa do Centenário das Missões ao lado da festa do Pe. Inspetor, pois seria o último ano de seu governo e mereceria uma participação maior por parte de todas as casas da Inspetoria. Essa festa, unindo a comemoração do Centenário das Missões e do Inspetor, ficou fixada para dia 14 a 16 de outubro desse ano.

Vários jornais publicaram o programa da festa comemorativa dos cem anos das Missões Salesianas; segundo Corazza, o "Jornal da Manhã", na edição do dia 13 de outubro de 1975, publicou e difundiu todo o programa da festa:

> Missão Salesiana de Mato Grosso: 1875-1975 – Os salesianos de Campo Grande, representando a Missão Salesiana de Mato Grosso, estarão comemorando a partir de amanhã (14/10/1975) o Centenário da Obra

[16] Crônica da Missão Salesiana de Mato Grosso 1957 a 1980, p. 103.

de D. Bosco no Continente Americano. As comemorações serão realizadas no Teatro-Casa da Cultura da Fucmt com início às 20h00. A sessão comemorativa terá a abertura com a palavra do Pe. Pompeu de Campos, inspetor salesiano, seguindo-se um discurso comemorativo a ser proferido pelo Dr. Cleómenes Nunes da Cunha, representando todos os ex-alunos salesianos, e também, o corpo docente da FUCMT. Logo após, a Missão Salesiana mostrará um filme sobre a vida e costumes dos índios bororos e xavantes; posteriormente ocorrerá a inauguração das novas instalações do Museu Regional D. Bosco.
Na quarta-feira, chegariam, a Campo Grande, várias delegações salesianas, para participar da missa presidida pelo Pe. Geraldo Pompeu de Campos, às 8h00 e às 9h00 estarão desfilando pelas principais ruas da cidade. Às 16h00, Pe. Geraldo Pompeu de Campos seria homenageado no Teatro da Casa da Cultura da Fucmt.[17]

A festa do dia 14 foi descrita na Crônica da Inspetoria pelo Pe. José Corazza (1995, p. 165):

> Chega pela manhã a representação do Colégio de Araçatuba. À noite, no teatro da Casa da Cultura, solene comemoração do Centenário. O salão esteve literalmente superlotado; todas as autoridades políticas, militares e eclesiástico-religiosas, estiveram presentes, grande número de povo e acadêmicos [...] O Exmo. Sr. Cleómenes Nunes da Cunha, Deputado Estadual, se houve com brilhantismo em sua oração comemorativa, que foi precedida pela apresentação do Pe. Inspetor. Após o discurso que foi longamente ovacionado, apresentaram-se os Bororos e Xavantes para as danças típicas. Concluiu a sessão comemorativa a apresentação de um filme sobre os usos e costumes dos Bororos e Xavantes [...] Após a sessão acadêmica, as autoridades foram convidadas para a inauguração do Museu. Antes da abertura Pe. João Falco, diretor do mesmo, historiou a origem e o desenvolvimento. No arquivo fotográfico, numerosas fotos espelham a inauguração. Ainda Pe. Corazza acrescenta: "Os novos armários do museu foram projetados e executados pelo Ir. Roberto Pólice da colônia indígena de Sangradouro. Antes da inauguração, Pe. João Falco historiou os 25 anos do Museu, relevando o trabalho dos Pe. Félix Zavattaro, Pe. Ângelo Venturelli e Pe. César Albisetti, autor da Enciclopédia Bororo, já em seu terceiro volume. Após suas palavras, representantes das tribos Bororo e Xavante, outrora rivais, hoje irmanadas pela ação dos salesianos, desataram a fita inaugural, sob aplausos de numerosa assistência. Os presentes, percorrendo as instalações, admiravam as belas coleções, ouvindo, atentamente as explicações do Pe. Falco e do Bororo Batista, um dos melhores conhecedores da cultura Bororo.
> No dia 15, chegaram de trem os integrantes da fanfarra de Corumbá, em ônibus especiais cedidos pela prefeitura de Cuiabá, os do Liceu S. Gonçalo da capital além dos representantes do Seminário e do Coxipó;

[17] Crônica da Missão Salesiana de Mato Grosso 1957 a 1980, p. 109.

> da mesma forma, os representantes de Lins e de Dourados [...] todos participam da Santa Missa ao ar livre no pátio do D. Bosco; nessa missa foram executados os cânticos da "Missa Missionária" com música e letras da autoria dos clérigos salesianos, estudantes de teologia: Osmar Bezutte e Nelson G. Tolentino. A homilia do Pe. Inspetor ilustrou o significado do ato litúrgico. No fim foi lida a mensagem aprovada pela Câmara Municipal e enviada ao Sr. Bispo, D. Antônio Barbosa, salesiano. Depois do desfile, do almoço solene, à tarde, no teatro da Casa da Cultura, foi homenageado o Pe. Inspetor em uma solene sessão Lítero-Musical com apresentações dos alunos das várias casas.[18]

Outro jornal da cidade ao descrever a festa comemorativa, em seu título afirmou que a comemoração festiva do centenário das missões salesianas era uma data muito importante para a cidade de Campo Grande. Descreveu o desfile após a Missa e nomeou as delegações vindas tanto de S. Paulo como de outras cidades do Estado, como Cuiabá; a presença no desfile das delegações indígenas, devidamente ornamentadas conforme os próprios rituais foi outro destaque. Assim finalizou o artigo:

> Encerrando o desfile, os alunos reuniram-se no pátio do Colégio D. Bosco para o hasteamento do pavilhão nacional pelo Bispo D. Antônio Barbosa. Em seguida, falou o inspetor salesiano, Pe. Geraldo Pompeu de Campos ao que se seguiu um almoço de confraternização. Enquanto isso, em homenagem aos professores salesianos, um outro almoço foi oferecido no Colégio Paulo VI, outra magnífica obra dos religiosos, aos quais Mato Grosso muito deve no setor educacional e cultural.[19]

Dessa forma, o Centenário das Missões Salesianas foi muito bem celebrado e comemorado no centro da Inspetoria, em Campo Grande. Numerosas fotos documentam todos os atos realizados. Convém realçar que, nessa ocasião, foram inauguradas duas obras muito importantes para indicar o valor do trabalho dos salesianos na região toda: a inauguração do salão de atos, com mil assentos, e a nova exposição do Museu Regional D. Bosco. Por si só, esses dois fatos expressam a grandiosidade do trabalho educativo e cultural, por não dizer científico, no campo da antropologia cultural. Em especial, o museu em si expressa a grandeza do trabalho missionário de todos os salesianos daqui, da inspetoria e de todos os outros lugares do mundo onde os salesianos estão desenvolvendo o mesmo trabalho educativo e pastoral para com outros povos como na África, Ásia e Oceania.

O texto do discurso comemorativo do dia 14 de outubro proferido na inauguração do Teatro, está anexo a esse capítulo. Será o Anexo I – Discurso do Deputado Estadual Dr. Cleómenes Nunes da Cunha.

[18] Crônica da Missão Salesiana de Mato Grosso 1957 a 1980, p. 110-111.
[19] Crônica da Missão Salesiana de Mato Grosso 1957 a 1980, p. 111.

A celebração do Centenário das Missões ocorreu com solenidade também na sede da Prelazia de Guiratinga. Conforme o Noticiário da Inspetoria,

> A Prelazia de Guiratinga, ex-prelazia de Registro do Araguaia, um dos primeiros frutos do trabalho missionário salesiano nas Américas e donde partiu Pe. Bálzola para iniciar o trabalho missionário da Congregação no Amazonas; esta ação missionária atingiu seu radioso esplendor sob a experiente administração de D. Pedro Massa, que partiu do Mato Grosso para lá. Assim comemorou, de par com o centenário do Instituto das Irmãs da Divina Vontade, o centenário das Missões Salesianas no Novo Mundo.
> De 26 a 31 de outubro, foi realizada uma "Semana Missionária" com palestras em todas as escolas da cidade por jovens e pelas irmãs da cidade. Os últimos dois dias, Pe. José Della Valle, vice-inspetor salesiano de Manaus, e Pe. João Falco falaram das missões salesianas do Amazonas e de Mato Grosso, respectivamente.
> Dia 1º de novembro, 41º aniversário da morte do Pe. Fuchs e do Pe. Sacilotti, às margens do Rio das Mortes, houve concentração popular e estudantil para uma solene Missa em ação de graças. As festividades, programadas para o pátio interno do Instituto Santa Terezinha, devido ao mau tempo, foram realizadas na igreja matriz. Presidiu a concelebração o Exmo. Prelado D. Camilo Faresin e contou com a participação de D. Osório Stoffel, Prelado de Rondonópolis, que, à hora do Evangelho, disse de sua satisfação por estar presente, porque considerava a Prelazia de Rondonópolis como "filha" da de Guiratinga e da Arquidiocese de Cuiabá, ambas administradas por prelados salesianos, e das quais ela fora desmembrada. Os cantos foram executados por todos os presentes, na maioria jovens, sob a direção do Pe. Cornélio.
> Após a missa, realizou-se solene comemoração cívica iniciada ao som do Hino Nacional, pela banda da Polícia Mirim local. Àquela que é a Inspiradora de toda a Obra Salesiana e que fora protetora dos primeiros missionários do Leste Matogrossense: "As missões salesianas" foi o título do discurso comemorativo proferido pelo Exmo. Sr. Dr. Luiz Philippe Pereira Leite, grande amigo e benfeitor da Obra Salesiana, expressamente convidado de Cuiabá. Sua oração simples e pausada, disse dos benéficos influxos da obra salesiana naquela região, que tudo deve aos missionários e missionárias de D. Bosco. Suas últimas palavras foram cobertas por calorosas e prolongadas ovações. O canto "Ó Dom Bosco, te ofertamos" homenageou aquele que tendo o "coração como as areias do mar", soube inspirar a seus filhos a ânsia do apostolado entre os silvícolas da América [...] Singela homenagem foi prestada na ocasião à Ir. Alzira Bastos, pelos 56 anos de doação generosa e abnegada em prol do progresso espiritual e moral da região. As palavras finais, cheias de entusiasmo e calor humano de D. Camilo num agradecimento sincero aos Oradores, a D. Osório e a quantos contribuíram para o bom êxito da comemoração, remataram a solene comemoração.[20]

[20] Noticiário. Inspetoria de Santo Afonso de Ligório, nov. 1975, p. 15-16.

Dessa forma, além dos atos solenes de comemoração do Centenário das Missões, no coração da Igreja Missionária iniciada pelo glorioso D. Antônio Malan e pelo Pe. João Bálzola, na Prelazia, com manifestações de reconhecimento e apreço por todos os missionários e pelo trabalho grandioso e inestimável, sempre auxiliados pelas Filhas de Maria Auxiliadora, que os missionários salesianos realizaram nessa imensa região, quer no atendimento aos civilizados, quer no trabalho típico com os índios Bororos e Xavantes, D. Bosco foi reconhecido como a fonte desse imenso caudal de tantos irmãos, seus filhos, que deram a vida em prol da evangelização, da catequese e da educação dos jovens nesse imenso território da Prelazia, da Inspetoria Missionária de Mato Grosso.

9.7 O percurso histórico do Museu Regional Dom Bosco

Inicialmente o museu, para os salesianos empenhados no estudo e registro da cultura bororo, teria uma importância maior de ser documental mais que uma finalidade de exposição para tornar conhecida a arte e os objetos da cultura desses índios. Pode-se até afirmar que a história do Museu D. Bosco acompanhou a evolução da publicação dos volumes da Enciclopédia Bororo. Como a base documental fotográfica era liderada pelo Pe. Ângelo Jaime Venturelli, que residia no Colégio D. Bosco, assim os primeiros acervos do Museu foram expostos numa sala do Prédio do Colégio da Av. Mato Grosso; esse prédio era o centro de tudo, do colégio, do internato, casa inspetorial. Assim perdurou até no início da década de 1970.

Depois da divulgação dos primeiros volumes da Enciclopédia, a necessidade de se promover a visibilidade do Museu também se tornou um imperativo, pois o número de visitantes aumentava, e novas coleção iniciaram a ser coletadas para o Museu, em especial a documentação da cultura dos xavantes que se aproximaram das Missões de Sangradouro e de Meruri no final do ano de 1956. A exemplo do que os missionários mais antigos realizaram quanto à cultura bororo, os missionários que se dedicavam aos xavantes iniciaram a estudar a língua e a registrar os passos culturais através de estudos pormenorizados das atuações rituais e, consequentemente, também dos adereços e outras manifestações culturais. Era necessário ampliar o espaço do Museu para que todo o montante de adereços da cultura xavante pudesse também ser exposto.

Quando o Pe. Geraldo Pompeu assumiu o governo da Inspetoria, entre tantas outras atividades dos salesianos que deveriam passar por um processo de revisão ou reprojetação quando ao futuro, incluiu-se o problema do Museu como arquivo e como possibilidade de acolher maior número de visitantes. O lugar inicial de uma sala no andar térreo do prédio do Colégio,

em frente à sala em que funcionava o laboratório fotográfico inicialmente, mostrou-se muito exíguo. Assim, antes de 1970, quando o prédio da Rua 14 de Julho ficara pronto e nas salas do andar superior funcionava a secretaria e algumas salas de aulas dos primeiros cursos das Faculdades, o acervo do Museu passou para uma ou duas salas desse andar. O espaço era melhor, porém o outro sentido de Museu, receber visitantes, não era muito viável, pois deviam ser recebidos pela antiga portaria da Rádio E. Rural que também recebia os alunos das faculdades. Mesmo com deslocamento da Rádio, o problema da recepção dos visitantes não era de solução fácil.

Na reunião do Conselho Inspetorial de 18 de março de 1971, o assunto do museu esteve presente:

> Museu: adaptar para este fim a varanda ao lado da Rua 13 de Maio, conforme sugestão do engenheiro. O caso merece sério estudo embora haja uma certa urgência na execução em vista da necessidade das salas para as aulas, atualmente ocupadas pelo Museu.[21]

Na reunião seguinte do Conselho Inspetorial, dia 28/03/1971, o assunto retornou à pauta com insistência na afirmação de que deveria ser mudado. A possibilidade de passá-lo para a varanda da Rua 13 foi aventada; em seguida foi também expressa a necessidade de se estudar uma construção para as faculdades, ou no terreno do Colégio, ou nas espaços da casa do Oratório S. José. O assunto retornou à pauta da reunião do Conselho em 20/12/1971. O conselheiro Pe. Walter Bocchi reiterou a necessidade de uma solução urgente em relação ao futuro local do Museu; o aumento do número de alunos das faculdades pedia a liberação das salas de aula ocupadas pelo Museu. Diante dessa insistência, surgiu nessa reunião a necessidade de se determinar também se o Museu pertencia à comunidade do D. Bosco ou da Inspetoria.

Na reunião do Conselho Inspetorial de 22/05/1972, o Pe. Ângelo Venturelli apresentou aos conselheiros a proposta da oferta de um terreno para a construção dos prédios para abrigar o Museu D. Bosco, ao lado da casa do fundador da cidade de Campo Grande, Sr. José Antônio Pereira, que é uma espécie de relíquia ou museu; ali os herdeiros doariam uma área para essa finalidade. Essa proposta não foi aceita pelos conselheiros devido à precariedade da política e da distância da cidade. Todos sugeriram que se estudasse a construção de um prédio para o Museu nos terrenos da Paróquia S. José, e o Pe. Ângelo ficou encarregado de apresentar um projeto para essa construção. Em 05/06/1972, houve uma reunião extraordinária do Conselho Inspetorial para dar uma resposta plausível a uma proposta de doação

[21] Atas do Conselho Inspetorial – 1966 a 1973. Campo Grande, p. 81b.

de terreno por parte do Sr. Eduardo Contar, vereador; foi enviada uma longa resposta em que apareciam todas as devidas reivindicações por parte da Missão Salesiana diante dessa oferta.

Na reunião do Conselho Inspetorial de 04/04/1973, foi debatida novamente a questão do Museu:

> Museu D. Bosco – Frisou-se a necessidade de que o Museu D. Bosco seja reestruturado e reaberto ao público que, cada vez mais, o procura para visitas. Para tanto é necessário que ele tenha um lugar próprio, não continuando como está, em salas restritas e inadequadas.[22]

Pelas datas, pode-se concluir que o assunto da localização do Museu passou por longos debates e perdurou sem solução por mais de dois anos. Esse fato é altamente compreensível devido a outras questões também não adequadamente solucionadas no contexto do grande ambiente e complexo de todas as atividades do Colégio D. Bosco e das Faculdades. Essa demanda por definições não ocorreu somente quanto ao Museu, mas quanto aos espaços para os cursos novos das Faculdades, ao crescente número de alunos tanto do Colégio como das Faculdades, e, também à falta de um auditório condizente e de uma biblioteca adequada para atender os alunos tanto do Colégio, como das Faculdades.

Finalmente, em julho de 1973, o conselho inspetorial registrou o grande passo para que o Museu tivesse o lugar apropriado pelo qual os salesianos estavam esperando desde 1970. Na reunião de 27 de julho de 1973, a decisão foi registrada assim nas atas do Conselho:

> Museu e Faculdade de Ciências Econômicas – O prédio em construção, Casa da Cultura, deverá abrigar a Biblioteca e o Museu, precisando a Faculdade de Ciências de ambiente próprio. Apresentam-se duas sugestões: a) a compra de um prédio onde atualmente funciona o Ginásio Mal. Rondon [...] Mas, depois de considerar essa ponderação de compra, foi julgada mais conveniente a construção de um novo prédio que poderia abrigar os filósofos, caso regressem para a Inspetoria; essa construção seria financiada pela Inspetoria.[23]

Dessa forma, solucionou-se a questão do local apropriado para o Museu D. Bosco e houve a sugestão de outro prédio que a inspetoria iria, de fato, concretizar para também uma melhor localização e ampliação dos espaços tanto para as Faculdades de Direito e Economia, bem como para o número crescente de alunos do Colégio D. Bosco. De fato, a Casa da Cultura foi inaugurada; o auditório de mil poltronas em maio de 1974, com uma reunião

[22] Atas do Conselho Inspetorial – 1966 a 1973. Campo Grande, p. 100.
[23] Atas do Conselho Inspetorial – 1973 a 1981. Campo Grande, p. 1b.

de pais de alunos do D. Bosco. Em outubro ocorreu a inauguração oficial com a comemoração do Centenário das Missões Salesianas com uma sessão para autoridades da cidade e para os salesianos. No piso térreo, houve a instalação do Museu D. Bosco e da Biblioteca. Pe. Corazza assim sintetizou a história do Museu D. Bosco até aquela data:

> Em 1951, Pe. Félix Zavattaro, diretor do Colégio D. Bosco, com material trazido de Goiás e peças de cultura Bororo, implantou o Museu Regional D. Bosco, destinando algumas salas do prédio da Av. Mato Grosso. Pe. Ângelo Jaime Venturelli foi o primeiro organizador do Museu, ajudado pelo Pe. César Albisetti, que viera a Campo Grande iniciar os trabalhos da Enciclopédia Bororo.
> Anos mais tarde, todo o acervo, que havia sido enriquecido com peças originárias de várias tribos da Amazônia, foi transferido para o segundo andar do prédio da Rua 14 de Julho. Para o Centenário das Missões Salesianas, a inspetoria quis dar mais amplo espaço ao Museu e de mais fácil acesso destinando parte do andar térreo da Casa da Cultura. Pe. João Falco, que reunira as primeiras coleções de insetos, foi encarregado da reorganização. Com a valiosa colaboração do Me. Roberto Pólice, foram montados novos mostruários e, por ocasião das comemorações do Centenário das Missões Salesianas, o Museu foi solenemente reaberto à visitação pública. (CORAZZA, 1995, p. 166-167).

A descrição da festa da inauguração do Museu no andar térreo do prédio da Casa da Cultura já foi registrado quando se falou da comemoração em Campo Grande, em 02/10/1974 das cerimônias comemorativas do Centenário das Missões, ao ser inaugurada a Casa da Cultura com a presença de autoridades e representantes indígenas também.

Porém a permanência do acervo do Museu D. Bosco nesse local iria durar pouco tempo. O crescimento do número de alunos das Faculdades e do Colégio, além de exigir sempre mais espaços para o devido atendimento desses alunos, não foi solucionado com a construção de um novo prédio, fronteiriço à Rua 13 de Maio, para abrigar as Faculdades de Direito e de Ciências Econômicas. A questão do ambiente para a Faculdade de Serviço Social e ampliação da Biblioteca colocou em questão a presença do Museu no andar térreo da Casa da Cultura.

No início de 1976, por determinação do Visitador Extraordinário, iniciou-se a reforma do prédio onde funcionava a escola do Ginásio S. Luís, na Rua Barão do Rio Branco, esquina com a Rua Pe. João Crippa, para ser trasladada para lá a Casa Inspetorial. A casa onde estava a inspetoria tornara-se muito mais complexa. Assim, deu-se o passo para se poder pensar em transportar para lá também o Museu, uma vez que havia sido iniciado um prédio com a finalidade de se instalar um hospital, Pia Lami, mas que não fora para frente. Também Pe. Falco expressara o desejo de retornar a organizar

o Museu. Nesse ano, o diretor do D. Bosco também formalizara o pedido de que o Museu fosse tirado do ambiente do Colégio D. Bosco. Infelizmente a questão da morte do Pe. Rodolfo assumiu o centro das ações inspetoriais, protelando outras decisões.

Somente na reunião do Conselho Inspetorial de 18 de setembro de 1977, decidiu-se que, tendo em vista a possível mudança do Museu para o prédio Pia Lami, havia necessidade de um diretor especializado para acompanhar o processo de mudança e, para essa tarefa, foi indicado o Pe. João Falco. Possivelmente a mudança ocorreria no início do ano de 1978.

De fato, Pe. João Falco, com o apoio da Casa Inspetorial, preparou a mudança do acervo do Museu para sua nova destinação: o prédio do Pia Lami na Barão do Rio Branco, ao lado da Casa Inspetorial. Em janeiro de 1978, ocorreu esse traslado, e o Jornal da Manhã do dia 10 de janeiro de 1978 noticiou:

> Museu D. Bosco será transferido – A transferência do Museu D. Bosco, da Av. Mato Grosso para a sede da Missão Salesiana de Mato Grosso, na Rua Barão do Rio Branco, nº 1885, está prevista para o final deste mês, devendo em sua sede anterior funcionar, já no início do ano letivo, a Faculdade de Serviço Social.
> Para a mudança, várias providências já foram tomadas, e a direção do Museu está apenas aguardando a visita dos reitores que participarão do XXVI Reunião Plenária do CRUB, na UEMT. Até dia 26, data em que a FUCMT receberá os congressistas para uma visita ao museu, este permanecerá fechado ao público, devido a uma série de reformas por que está passando o prédio e também, ao trabalho que o Pe. João Falco, diretor do museu, vem desenvolvendo na classificação de uma coleção inédita em Mato Grosso, de 3 mil conchas de 1600 espécies diferentes de moluscos de todos os mares, rios e lagos do mundo.[24]

Definitivamente, em início de março, o Museu D. Bosco, em sua nova sede, na Rua Rio Branco foi aberto à visitação do público. Era uma nova etapa em que seu dinâmico diretor iria conseguir novas e grandiosas exposições em diversos setores. Em especial, cresceu muito quanto ao material indígena da Amazônia e do povo xavante. Em outros setores, houve também considerável crescimento com a aquisição de um grande acervo, de um senhor do interior de S. Paulo, de animais empalhados. Esse acervo deu grande visibilidade aos visitantes se comparado com as inúmeras exposições de conchas e de outras amostras quanto aos insetos. Pe. Falco dedicou-se com carinho à expansão do acervo como um todo e conseguiu que o Museu D. Bosco fosse um lugar de destaque para o turismo e para os estudiosos. Permaneceu o Museu D. Bosco neste lugar por um bom período de tempo; porém não foi o local definitivo para o seu grandioso acervo. Sempre o Museu teve a

[24] Crônica da Missão Salesiana de Mato Grosso 1957 a 1980, p. 137b.

finalidade de sugerir e evidenciar o trabalho científico dos salesianos ao lado da atividade missionária da evangelização e da ação educativo-pastoral. As faculdades salesianas de Campo Grande sempre tiveram no museu o espelho do empenho do estudo e da pesquisa científica por parte dos salesianos, desde o início de seu trabalho apostólico em Mato Grosso.

9.8 A nova sede da Missão Salesiana

Como sempre, evidenciando a complexidade da comunidade do Colégio D. Bosco, outra dimensão a ser solucionada seria a questão da presença da Sede Inspetorial nas dependências dessa casa. Várias outras pendências foram se encaminhando para poder normalizar a expansão dos cursos universitários e o crescimento do número de alunos do Colégio D. Bosco. A saída da Rádio e do Jornal do Comércio possibilitou a construção da Casa da Cultura e a regularização de um ambiente para o cursinho Pré-Universitário. Porém a presença da Sede inspetorial ocupava espaços que poderiam ser utilizados pelas faculdades ou pelo colégio; por fim, ainda existia outra dimensão a ser equacionada de forma melhor: a presença da paróquia na capela do Colégio; mais cedo ou mais tarde a questão deveria ser solucionada.

Sobre a questão da Sede Inspetorial, o plano de uma possível transferência para outro setor das casas em Campo Grande foi assumido na reunião do Conselho Inspetorial de 18 de março de 1971, ao constatar que se deveria construir uma nova Sede Inspetorial com outros ambientes anexos, como o Centro Pastoral e salões paroquiais; o local pensado seria no terreno ainda vazio do Oratório S. José. Porém, a questão não prosseguiu devido a outras demandas mais urgentes[25].

No final do ano de 1975, Pe. Geraldo Pompeu de Campos recebeu uma orientação mais condizente do Regional, Pe. J. E. Vecchi, sobre a transferência da Sede Inspetorial para as dependências do Oratório S. José; lá se poderia organizar a futura Sede Inspetorial e aproveitar o prédio do Pia Lami para atividades pastorais. Devido a essa orientação, o Conselho Inspetorial apoiou a orientação recebida. Passaria a sede inspetorial para o prédio da Rua P. João Crippa, e o prédio do projetado hospital Pia Lami poderia também ser destinado para a sede do Museu Regional. O prédio da Rua Pe. João Crippa fora construído em 1941, e lá funcionava um colégio particular até essa decisão. Nesse tempo, ainda em 1975, iniciaram-se as obras de remodelação e preparo para a Sede Inspetorial. As modificações e melhorias ficaram prontas em maio de 1976; em seguida, fez-se a transferência da sede inspetorial. Essa nova sede, muito modesta e simples, oferece ambiente suficiente para os membros da Diretoria da Missão e também possibilidade de hospedagem

[25] Atas do Conselho Inspetorial - 1966 a 1973. Campo Grande, p. 81b.

para os irmãos em trânsito. Também aí foi instalado o Centro Administrativo de toda a Missão Salesiana.

Segundo Pe. José Corazza, a Inspetoria, cujo decreto de ereção canônica data de 20 de janeiro de 1902, teve sua primeira sede em Cuiabá, no Liceu S. Gonçalo. Em 1947, Pe. Guido Borra transferiu-a para Campo Grande, no Colégio D. Bosco. Agora está em sua sede definitiva. O prédio do Pia Lami recebeu também o Museu Regional D. Bosco; contíguo ao pavilhão da sede inspetorial, foi instalado também, em 1979, na Rua Pe. João Crippa, em prédio próprio, o Centro Salesiano de Catequese e Pastoral Juvenil para apoiar as atividades da pastoral juvenil das escolas e paróquias (CORAZZA, 1995, p. 169).

O Noticiário da Inspetoria, de junho de 1976, traz uma breve história da casa do Oratório S. José. Segundo o Pe. Francisco Mahr, foi o Pe. Ernesto Carletti quem decidiu que a casa fosse construída com a finalidade de abrigar o noviciado da Inspetoria. O projeto da casa foi elaborado pelo engenheiro Joaquim Teodoro Faria. A construção teve início no dia 6 de julho de 1943. Já no final de agosto, as paredes já estavam em pé; mas, somente em março de 1944, conseguiu-se a madeira para o telhado, por causa das dificuldades do transporte em tempo de guerra. Como, no início de 1944, a casa ainda não estava pronta, o noviciado foi aberto na Chácara S. Vicente (Na época era ainda propriedade da diocese). A casa foi solenemente inaugurada no dia 18 de junho de 1944, como Escola Primária. Era o dia do cinquentenário da chegada dos salesianos em Mato Grosso. O saudoso Pe. Luiz Valentin celebrou a missa festiva e pregou. No final, falou ao povo e aos alunos, em nome dos cooperadores, o Dr. Dolor de Andrade. Deu-se a bênção à nova escola. Começaram a funcionar as aulas nos períodos diurno e noturno. A prefeitura auxiliava pagando um professor, Sr. Júlio de Carvalho. Em 1945, abriu-se na escola um pequeno internato para aspirantes. O Pe. João Pian era quem acompanhava os aspirantes para as aulas no colégio D. Bosco. O internato para aspirantes durou somente dois anos. Em 1956, abriam-se as escolas profissionais e, novamente, o prédio da escola abrigava um pequeno internato de aprendizes. Também este durou pouco: em 1957, os internos foram para a Chácara S. Vicente. Em 1961, sob a direção do Pe. João Falco, a matrícula da escola primária chegava ao número de 541 alunos. O ano de 1966 foi o último ano de funcionamento da Escola Primária Paroquial. Do ano seguinte em diante, o prédio passou a ser alugado para o Ginásio S. Luís. Em 1975, afinal o Pe. Inspetor, Pe. Geraldo Pompeu de Campos, destinava o prédio a ser a nova casa inspetorial, fazendo-o passar por uma reforma e renovação geral. Essa foi a crônica histórica dessa obra que, desde então, tornou-se a nova Sede da Inspetoria de Mato Grosso[26].

[26] Noticiário. Inspetoria de Santo Afonso de Ligório. jun. 1976, p. 4-5.

Conforme os registros das atas do Conselho Inspetorial, no dia 18 de junho de 1976, pela primeira vez, reuniu-se o conselho na nova sede inspetorial na rua Barão do Rio Branco, sob a presidência do Pe. Inspetor, Pe. Walter Bini. Desde essa data até várias décadas, perdura a presença de Sede Inspetorial nesse novo local. Expandiram-se posteriormente as melhorias nas dependências da casa e no trabalho administrativo como Centro Inspetorial de Administração, pois, em seguida, houve a necessidade de algumas reformas quanto à união da administração das casas por exigências legais.

O local da antiga sede inspetorial no Colégio D. Bosco foi logo aproveitado com atividades específicas para os alunos do Colégio, com Laboratórios de Informática e de outras áreas. Mais tarde, nesse pequeno prédio, na parte superior, funcionaram todas as dependências dos consultórios para atendimento psicológico necessários para o funcionamento dos estágios do curso de Psicologia.

9.9 Traços da Pastoral Juvenil na Inspetoria nesse período – 1970 a 1978

Como a sede inspetorial tinha sua localização no complexo dos prédios do Colégio D. Bosco, sempre a pastoral juvenil referia-se ao D. Bosco como ponto central e local onde ocorriam as reuniões das lideranças juvenis das casas salesianas e de outros grupos nos quais estavam presentes os salesianos.

Em outubro de 1975, Pe. José Foralosso, pároco da paróquia D. Bosco, relatou no conselho a oferta do Sr. Bispo de um terreno muito bom, mais central, para que a sede paroquial lá se instalasse. Como qualquer outra atividade pastoral, no complexo da obra do D. Bosco sempre havia influência do crescente e irreversível movimento das duas atividades principais desse imenso complexo: as atividades das faculdades e do colégio D. Bosco. A manifestação do desejo de mudança da sede da paróquia para outro lugar era simplesmente indispensável para o crescimento de suas atividades em todos os setores pastorais.

Ao lado da inspetoria, também funcionava uma pequena área como Centro Pastoral Juvenil; porém tudo estava muito conectado aos salesianos das faculdades e do Colégio. As atividades desse setor eram dirigidas pelos salesianos dessas duas atividades. Devido a isso, a pastoral juvenil referenciava-se às faculdades e ao colégio. A atividade pastoral entre os universitários e os jovens foi encontrando seu caminho como atividade eclesial e inspetorial, em repercussão também das exigências que a Congregação pedia para que as inspetorias se organizassem a partir do Capítulo Geral Especial de 1971.

Desde essa época, o movimento juvenil adquirira uma singular qualidade pelos famosos "encontros" que, a partir da matriz de S. Paulo, os salesianos buscaram espalhar como possibilidade muito atraente para reunir e animar os jovens nessa década de 1970 em diante. Assim o encarregado da Pastoral dos jovens, Pe. Pascoal Forin, deixou um relatório no Noticiário de março de 1974. Afirmou que, no ano de 1973, havia ocorrido 5 encontros na Lagoa da Cruz, sendo 2 para rapazes e 3 para moças. Esse movimento dos "Encontros" vinha servindo de modelo e animação para todo o sul de Mato Grosso. Segundo ele, nesse período, foram realizados 30 "Dias de Formação", atingindo mais ou menos 1.200 adolescentes e jovens. Aos poucos, esses jovens e adolescentes, depois da experiência na fé, foram se engajando em grupos ou nas capelas e paróquias[27].

Depois que o Pe. Pascal Forin deixou o comando do movimento juvenil, Pe. Guilherme Morales iniciou suas atividades nesse setor. A primeira atividade reiniciada foi a "escolinha" como meio de estudo e aprofundamentos. Realizaram-se, nesse semestre, dois encontros na Chácara S. Vicente. Outro encontro foi em Ponta Porã; os temas tratados nesses encontros pelos Pe. Eduardo e Pe. Pedro Ferreira foram sobre "A esperança e a mensagem de Cristo!" Os grupos aumentaram notoriamente sua atividades por parte dos jovens. Os grupos das paróquias de S. Francisco, Paulo VI, N. S. de Fátima, D. Bosco, Instituto Missionário e do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, tornaram-se núcleos de assistência aos grupos mais afastados, como os de Serradinho, Centro Educacional, Vila Amaral, Vila Carvalho, Vila Pioneira, Vila Universitária, Jokey Clube, Vila Bordon. Todos esses grupos tinham encontristas, promoviam reuniões após a Missa e programavam suas atividades.

Os encontristas de Corumbá e Dourados já tinham iniciado a realização de encontros e "Dias de Formação". O programa para a formação de todos os movimentos de encontristas apresentava três itens básicos: Curso de personalidade: integração humana; Curso de espiritualidade, aprofundamento religioso; Curso de dinâmica apostólica. Vários sacerdotes estavam disponíveis para acompanhar e exercer a direção espiritual para o crescimento na fé desses jovens. No segundo semestre desse ano, ocorreriam vários "reencontros"[28].

Esse relatório do Pe. Guilherme Morales dimensiona o valor e o alcance dessas atividades da pastoral juvenil a partir de Campo Grande nesses anos. Esse movimento crescia e ganhava a simpatia dos jovens. Nesse ano, houve um "Reencontro" em Corumbá que conseguiu reunir mais de 400 jovens provenientes de várias regiões do Estado: Campo Grande, Guiratinga, Cuiabá, Dou-

[27] Noticiário. Inspetoria de Santo Afonso de Ligório. mar. 1974, p. 9.
[28] Noticiário. Inspetoria de Santo Afonso de Ligório. jun. 1974, p. 4.

rados, Caarapó, Ponta Porã, Amambai, Bandeirantes, Sidrolândia, Nioaque, Miranda, Camapuã, Rio Pardo, Rondonópolis. Estavam presentes oito sacerdotes. Foi muito bem organizado esse reencontro pelos jovens e dirigentes de Corumbá. Todos foram hospedados em casas de famílias. O tema foi "Renovação-Felicidade". Depois de três dias, os jovens voltaram com mais ânimo para um engajamento em suas paróquias. "Parabéns aos jovens e organizadores corumbaenses pelo trabalho e organização!" Assim finalizava a notícia[29].

Esse grande reencontro evidenciou então o alcance do trabalho na Pastoral Juvenil daqueles anos. Para uma melhor compreensão do grandioso trabalho com os jovens, os salesianos, para o ano de 1976, haviam já previsto em programação os seguintes itens para os jovens: fevereiro: CLC; março – Jornadas para moças e rapazes; abril – Páscoa da Juventude; maio – Páscoa Universitária e Encontro universitário (moços); Junho – encontro para universitárias; julho – CLC; agosto, jornadas para moços e outra para as moças; setembro, encontro de Juventude e, no final do ano, Reencontro em Aquidauana. Pela extensa programação constata-se a maneira de animar e oferecer sempre oportunidade para que novos participantes depois se tornassem apóstolos de outros jovens. Simplesmente esse movimento espalhou por todo o Estado[30].

Em julho de 1977, em Campo Grande, houve uma reunião dos salesianos encarregados da Pastoral das Escolas. Nesse encontro, o Pe. Inspetor chamou a atenção de todos sobre dois pontos importantes: 1) nossas escolas são um instrumento extraordinário de Pastoral; 2) nossas escolas devem ser boas escolas e centros de irradiação catequética. Além disso, houve algumas conclusões: a) toda a comunidade salesiana deve estar empenhada na Pastoral; b) a catequese deve atingir as famílias dos alunos para não ser desenraizada; c) uma das prioridades da catequese é promover lideranças entre os alunos; d) é necessário haver maior intercâmbio de material produzido pelas escolas para o enriquecimento mútuo[31].

Também nesse ano de 1977, havia ocorrido outro aporte pastoral importante; nos dias 6 e 7 de abril reuniram mais de 60 membros dos grupos jovens da cidade de Campo Grande para a "Páscoa Jovem", sob a orientação do Pe. Guilherme Morales. Mesmo com uma friagem inesperada, o ardor e o entusiasmo dessa juventude sadia foi muito animado, pois entregaram-se de corpo e alma ao Cristo, mais que nunca vivo e operante no meio deles. O bom fermento desses jovens seja estímulo para outros se entregaram ao engajamento pastoral[32].

[29] Noticiário. Inspetoria de Santo Afonso de Ligório. dez. 1974, p. 12.
[30] Noticiário. Inspetoria de Santo Afonso de Ligório. mar. 1976, p. 19-20.
[31] Noticiário. Inspetoria de Santo Afonso de Ligório. jul. 1977, p. 21.
[32] Noticiário. Inspetoria de Santo Afonso de Ligório. maio 1977, p. 32.

Já em 1978, a linguagem sobre a Pastoral Juvenil estava integrada na apropriação do trabalho pastoral nas Faculdades. Assim surgiu o termo proveniente também de outras instituições católicas do ensino superior: a Pastoral Universitária. A individualização desse trabalho ganhava sua especificação. Mas o Pe. Guilherme Morales, que era também o animador da Pastoral Universitária, notificou, em outubro de 1978, que nesse semestre havia realizado dois encontros, duas jornadas e duas fórmulas um. Também assinalou que o Reencontro de outubro, cujo tema foi "Cristo Missionário", reuniu mais de 500 jovens. Também notificou a todos que, nos sábados, havia os cursos de formação e aprofundamento para os jovens que haviam participado dos encontros[33].

Em janeiro de 1979, o Noticiário da Inspetoria publicou um comunicado que resultou de uma reunião na Chácara S. Vicente de todos os encarregados do movimento de jovens "Construindo" de Cuiabá, Corumbá e de Campo Grande:

> Insistimos na necessidade de dar mais importância às comunidades jovens. Que sejam bem escolhidos os participantes dos encontros de jovens "construindo"; em especial sejam escolhidos aqueles que sejam construtores de fraternidade.
> Reafirmamos a idade máxima de 25 anos para fazer o encontro; os elementos jovens devem ser favorecidos. Julgamos conveniente insistir que o encontro crie oportunidades para o candidato fazer sua opção fundamental de conversão, que continuará num processo de transformação do próprio ambiente. Considerando o Plano de Deus, idéia central do encontro, e a realidade do homem e da história redimida em Cristo, procure-se chegar a um compromisso de transformação dentro da experiência de conversão comunitária. Características fundamentais de todo participante: espírito crítico, fraternidade, organização, perseverança, alegria, sentido de igreja e vontade de compromisso.
> Por outro lado, as qualidades dos dirigentes seriam: sensibilidade, disponibilidade, sentido de fraternidade, espírito de trabalho e de equipe, capacidade de comunicação. Como metodologia, procure-se adotar a linha: ver, refletir, comprometer-se, celebrar de maneira adaptada e progressiva, procurando uma temática fundamental que unifique o grupo. Favoreçam-se experiências para remodelar o roteiro de encontro como também as palestras.[34]

Em âmbito salesiano nacional, houve diversas reflexões sobre os movimentos juvenis nesse ano de 1979. Entre as conclusões desses encontros, algumas são dignas de nota, como:

[33] Noticiário. Inspetoria de Santo Afonso de Ligório. out. 1978, p. 29.
[34] Noticiário. Inspetoria de Santo Afonso de Ligório. jan. 1979, p. 28-29.

> Promover e apoiar os Movimentos Juvenis de explícita inspiração salesiana, que ajudam os jovens a descobrir e viver as vocações específicas na Igreja, especialmente o carisma salesiano; Tornar presente em todos os grupos e/ou associações que animamos o estilo e a espiritualidade salesiana; Cuidar da continuidade dos grupos e Movimentos Juvenis e aprofundar aqueles pontos que nos permitem propor metas adequadas às diversas idades; Preparar, através de um programa específico, os animadores e prestar especial atenção aos líderes juvenis; Propor também a dimensão vocacional em toda a pastoral juvenil; Elaborar um projeto educativo-pastoral dentro dos traços da espiritualidade salesiana.[35]

Por fim, nesse ano de 1979, ainda houve outros encontros dos salesianos encarregados da animação dos Movimentos Juvenis e de grupos em obras salesianas; uma das afirmações desse grupo de reflexão foi justamente que todos se preparassem para uma "Recompreensão e Atualização do Sistema Preventivo." Dessa forma, houve a perspectiva bem salesiana de se animar os movimentos e os grupos de jovens, sob o comando da pedagogia e dos valores do sistema preventivo, em especial, a presença do animador salesiano, a capacidade de dinamizar em prol dos outros as atividades, a catequese, o engajamento em uma paróquia e a vivência da alegria como especificidade de uma autêntica vida cristã engajada em prol do próximo[36].

[35] Noticiário. Inspetoria de Santo Afonso de Ligório. maio 1979, p. 21-28.
[36] Noticiário. Inspetoria de Santo Afonso de Ligório. dez. 1979, p. 10-11.

Anexo I – Discurso do Deputado Estadual Dr. Cleómenes Nunes da Rocha: Celebração do Centenário das Missões Salesianas na Congregação

Estado de Mato Grosso - Assembléia Legislativa
CENTENÁRIO DAS MISSÕES SALESIANAS – 1875-1975

Pronunciamento do Deputado Cleómenes Nunes da Cunha na Sessão solene promovida pela Missão Salesiana de Mato Grosso em 14 de outubro de 1975, na Casa da Cultura – Campo Grande – Mato Grosso

Exmas. Autoridades Civis, Militares e Eclesiásticas
Minhas Senhoras, meus senhores,

Ao ensejo da comemoração do centenário das Missões Salesianas, é-nos grato apresentar, nesta oportunidade, aos revmos. padres salesianos, o preito de gratidão de toda a comunidade do Estado de Mato Grosso, feliz com as benesses recebidas ao longo de tanto tempo de trabalho dedicado pelos padres salesianos ao desenvolvimento deste Estado.

Queremos, neste momento, traçando um quadro caboclo, voltado para a Missão desenvolvida em Mato Grosso e especialmente em Campo Grande, juntar, aos tantos, também os agradecimentos, embora simples e humildes, porém sinceros e eternos, de todo o povo que não só acolheu e escolheu os salesianos como seus dirigentes, mas, ainda, e principalmente, com eles se identificou no trabalho de construção deste grandioso Estado.

Tudo começou em 1875, quando D. Bosco resolveu aceitar, dentre muitas, a proposta que lhe fez o Governo Argentino, no sentido de enviar missionários que pacificassem os índios da Patagônia. Chefiados pelo Pe. João Cagliero, vieram para a América mais cinco sacerdotes e quatro irmãos leigos.

No curso de sua viagem, pisam pela primeira vez o solo da América Latina, na Terra de Santa Cruz, no Brasil, no Rio de Janeiro, onde entrevistam-se com o bispo daquela cidade, D. Pedro Maria de Lacerda. Quis, assim, a Providência, que se não fosse reservado ao Brasil a primazia de receber os salesianos na América Latina, a nós fosse reservada a honra de ser a primeira terra que eles haveriam de tocar no continente sul-americano.

Em 1876 nova frente parte de Turim, com destino ao Uruguai, chefiada pelo Pe. Luiz Lasagna, que mais tarde, seria encarregado por D. Bosco de trazer os salesianos para o Brasil, o que efetivamente acontece sete anos após, ou seja, em 1883, quando então começa o trabalho dos salesianos no Brasil,

com a posse do Colégio Santa Rosa, em Niterói, estendendo-se sua obra dois anos após, até S. Paulo, com a fundação do Liceu Coração de Jesus.

Onze anos são passados desde a chegada dos salesianos à nossa Pátria e após a sagração episcopal do Pe. Luiz Lasagna, a quem o Papa confia particularmente a evangelização das tribos indígenas do interior do Brasil, os salesianos aportam em Cuiabá, a 18 de junho de 1894, sendo recebidos pelo presidente do Estado e pelo bispo D. Carlos Luiz d'Amour, um dos que mais haviam insistido na vinda dos padres de D. Bosco para o nosso Estado.

Eram três padres: Antônio Malan, José Solari e Arhur Castells; um clérigo, Agostinho Coli e um noviço, João Batista Ruffier, trazidos pelo próprio D. Lasagna, que se fazia acompanhar do seu secretário, Pe. João Bálzola. E era justamente esse punhado de bravos sacerdotes que haveria, muito em breve, de, através do seu trabalho, do seu exemplo, da sua dedicação e do seu entusiasmo, ir mudando os costumes desta terra e cativando a admiração e simpatia de todo um povo.

Enquanto assumiam a paróquia e o oratório, D. Lasagna entrava em conversação com o presidente do Estado, conseguindo que os salesianos assumissem a direção da Colônia Teresa Cristina, que abrigava numerosas famílias bororo.

O grupo de missionários, que era pequeno, fica, então mais dividido: seguem, para assumir a direção da Colônia, o Pe. João Bálzola, como diretor, e o Pe. José Solari, como vice-diretor, enquanto o Pe. Malan, com os demais, ficam em Cuiabá, onde passa a dirigir o Liceu de Artes e Ofícios do S. Gonçalo, que mais tarde se tornaria uma das mais gloriosas obras da Congregação.

Estava, assim, lançada a semente que deveria germinar e dar frutos com tanta abundância e bondade, como havia previsto D. Bosco, o santo fundador da Congregação. Entretanto, recordam-se aqueles que conhecem a vida de S. João Bosco, que o taumaturgo do século XIX não havia previsto e sonhado o crescimento da obra missionária apenas com o desfilar de irmãos por caminhos de rosas. Sabia, e muito bem, que dificuldades haveriam de surgir, lutas teriam que ser enfrentadas, sacrifícios seriam necessários e até o sangue dos missionários seria derramado, antes da glória que viria com a consolidação da obra missionária em nosso Estado, iniciada tímida, porém vigorosamente, com o Liceu de Artes e Ofícios de Cuiabá e com o trabalho missionário na Colônia Teresa Cristina.

"Adeus! Talvez não mais nos possamos ver nesta terra. Mas um dia estaremos reunidos para sempre..." dizia D. Bosco ao despedir-se dos primeiros missionários. Era mais do que uma exortação, um aviso de que a conquista religiosa exigiria até a doação do sangue dos bondosos sacerdotes. E a terra mato-grossense viu-se regada pelo generoso sangue de Fuchs e Sacilotti, que

tombaram vítimas dos golpes da borduna manejada pelas mãos dos nossos xavantes.

"Vi, entretanto, a distância, outros missionários que avançavam de rosto sorridente, precedidos de jovens. Aproximei-me e pude reconhecê-los: eram os meus salesianos!", narra D. Bosco, referindo-se a um dos seus sonhos proféticos. Para nós, de Mato Grosso, o santo fundador da Congregação via Chovelon, Tonelli, Colbacchini e Albisetti, fazendo seus primeiros contatos com os índios que, daí em diante, passariam a amar e a temer a Deus, dando aos missionários o conforto e a sensação do dever cumprido.

O trabalho, entretanto, não cessava. O missionário não restringia o seu campo de ação apenas aos silvícolas. Também os civilizados requisitavam o seu concurso e, com que generosidade eles procuravam a todos atender, apesar de seu reduzido número. De Cuiabá onde o trabalho já apresentava evidentes sinais de progresso e consolidação, os salesianos seguem para Corumbá, onde iniciam, em 1899, seu trabalho apostólico, numa casa alugada. O sul do Estado reclama, também, sua presença. Os salesianos aceitam diversas paróquias nesta região, tais como Aquidauana, Miranda, Três Lagoas, Paranaíba e Campo Grande. Aqui assume a direção da paróquia o Pe. Hipólito Chovelon, que mais tarde, em 1938, se notabilizaria por haver feito o primeiro contato pacífico com os xavantes. Com ele vem também um outro sacerdote que fixaria a base do seu apostolado no Oratório S. José e se notabilizaria entre os jovens da época: Pe. João Crippa.

No ano de 1927, a instância do bispo D. Antônio de Almeida Lustosa, os salesianos adquirem em Campo Grande, o Ginásio Pestalozzi, cujo primeiro diretor foi o Pe. João Pian, e dão início então, a uma das maiores obras em todo o Estado, notadamente no campo da educação e da assistência aos menores.

Por essa época, os salesianos já haviam se fixado em grande parte de Mato Grosso e numa faixa de Goiás. Faltava, porém, gente para assumir a tantos encargos e solicitações. Em 1932, o então provincial Pe. Carletti, procura trazer elementos jovens da Europa para aqui serem formados e preparados para o futuro apostolado. Com esses elementos, os salesianos de Mato Grosso, que estavam presentes também em Goiás, partem para o Oeste de S. Paulo e alcançam Lins e Tupã, para, em 1946, levar a mensagem de Deus e a presença de D. Bosco a Araçatuba e Lucélia, quando provincial o Pe. Guido Borra.

A obra, então, era imensa, como, aliás, já havia previsto D. Bosco. E os salesianos, para que tivessem chegado a esse resultado, contaram, sem dúvida alguma, com a decidida, benfazeja e caridosa contribuição das Filhas de Maria Auxiliadora, as irmãs salesianas, que, ao lado dos nossos padres, adentraram o Mato Grosso em 1895, cativando os silvícolas nas diversas

colônias salesianas, confortando os doentes nos hospitais de nossa terra e conquistando, com sua ternura e dedicação, o coração da juventude feminina do Estado, que a elas tanto deve.

Consolidado estava o campo salesiano, no que dizia respeito à catequese, promoção humana e educação de nível primário e médio. Os continuadores da obra de D. Bosco pensavam, seguindo o desejo do Santo Fundador, em expandir cada vez mais e mais o seu trabalho, a fim de que pudessem alcançar um número cada vez maior de almas. Campo Grande, sede da Inspetoria Salesiana de Mato Grosso e Oeste de S. Paulo, vê-se então, beneficiada com obras que não somente engrandeceriam e projetariam o trabalho dos salesianos, mas também, e sobretudo, promoveriam uma cidade e um Estado.

Surge, então, aqui, a primeira escola de ensino superior do Sul do Estado e aqui nasce o primeiro Museu Regional de todo um Estado. A essa escola de ensino superior, fruto do idealismo dos salesianos, seguir-se-iam mais seis. E desse Museu surgiria à luz uma das maiores obras sobre os nossos silvícolas, a "Enciclopédia Bororo", trabalho que despertaria a consciência de toda uma intelectualidade para os nossos irmãos índios.

E o que mais engrandece e valoriza todo esse trabalho, é que ele foi desenvolvido exatamente dentro do espírito de D. Bosco. Quantas obras foram iniciadas com a confiança voltada unicamente para Nossa Senhora Auxiliadora e a Providência Divina, já que se sabia, de antemão, que os recursos não seriam necessários à sua conclusão? Mas a ordem derradeira do santo fundador – trabalho, trabalho –, tinha que ser seguida, já que o suporte necessário ele também havia deixado: "Confiai em Nossa Senhora e vereis o que são os milagres!"

Foi assim, com essa fé e com essa confiança, vencendo santamente todos os obstáculos que surgiam, que a obra salesiana foi consolidada em Mato Grosso, tornando os seguidores de D. Bosco justos detentores do aplauso, do carinho e do agradecimento de todo um povo. Esse aplauso e esse carinho é manifestado pelo prestígio que não tem sido negado pela grande família mato-grossense, aos educandários mantidos pelos salesianos e pelas irmãs salesianas.

Esse agradecimento é feito pelos representantes do povo e pelos governantes, com concessões de títulos e comendas ao continuadores da obra de D. Bosco, representando, assim, o reconhecimento por todo um trabalho realizado desinteressadamente, em favor da comunidade. Vale frisar que, em nossa cidade, dentre outras honrarias justamente conferidas aos salesianos, ressaltam-se a denominação de Pe. José Valentim a uma escola municipal; de Pe. João Crippa a uma das nossas ruas e de Mestre Estanislau Pannatier a um trevo de nossa movimentada urbe.

E aqui também estamos nós, nesta feliz oportunidade que se apresenta, a fim de fazer coro a esses agradecimentos, em nome especialmente dos ex-alunos salesianos e com a chancela de um mandato que nos foi outorgado pelo povo. E como agradecer?

Como agradecer, de maneira carinhosa e perceptível a ventura e a honra de contarmos com o nosso Pastor e Guia espiritual, com a figura brilhante, sábia, caridosa e amável do bispo diocesano D. Antônio Barbosa?

Como agradecer, de maneira eficiente e capaz, as sete faculdades mantidas pelos salesianos, seus seis estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus, suas três casas de formação religiosa, suas três heroicas colônias indígenas e suas vinte e sete paróquias espalhadas pela nossa província religiosa? Como demonstrar, com afeto e gratidão, o agradecimento a essa Missão que assiste a 3.710 oratorianos, a mais de 13.000 alunos em suas escolas de nível médio, a 3.751 alunos de curso noturno e a mais de 3.000 alunos de curso superior? Como exteriorizar, com nosso agradecimento, a profunda admiração ao denodado trabalho desenvolvido em favor de mais de 1.500 índios? Como patentear à Missão Salesiana o nosso reconhecimento pela incansável labuta dos sacerdotes, clérigos e irmãos leigos, que somando menos de 200 em nosso Estado, levam a mensagem de Deus, através do trabalho paroquial, a mais de 400.000 pessoas?

Como fazer chegar também esse agradecimento, esse reconhecimento e essa admiração às irmãs salesianas, colaboradoras efetivas e incansáveis dos padres salesianos?

Por mais que se procure, cremos que não serão encontradas as palavras adequadas que possam, com a justiça exigida e a grandeza merecida, traduzir todo nosso entusiasmado agradecimento.

Assim sendo, procurando não citar nomes, reconhecendo a modéstia dos salesianos e não incorrendo também no risco das omissões, dirigimos, neste momento, esse agradecimento de forma simples, porém leal, honesta e sincera, àquele que, entre nós, com humildade, paciência, sabedoria, bondade e dedicação, representa o verdadeiro espírito e a continuação das metas sonhadas por São João Bosco, o nosso caríssimo provincial, Pe. Geraldo Pompeu de Campos.

E cremos que nada melhor para, agradecendo, Pe. Inspetor, ousarmos relembrar o último encontro de D. Cagliero com D. Bosco, quando este já se encontrava nos seus últimos dias nesta terra. A D. Bosco, que não havia podido ir à Patagônia, D. Cagliero trazia a Patagônia para que, através de um de seus filhos, agradecesse, com simplicidade, porém, com pureza e sinceridade, o grande bem recebido e proporcionado pelos salesianos. Narra Auffray que a Patagônia vinha até D. Bosco, através de uma pequenina índia, recolhida pelos salesianos na terra do Fogo. A menina aproxima-se da figura

veneranda de D. Bosco e diz-lhe em italiano, estas palavras, que desde há muito procurava decorar: "Pai, eu vos agradeço por terdes mandado vossos missionários para salvar a mim e a meus irmãos!"

Padre inspetor: permita-nos parodiar aquela menina e, através de vossa pessoa, que é D. Bosco entre nós, possamos assim fazer o nosso agradecimento.

— Muito obrigado pelo trabalho dos salesianos. Muito obrigado pelos oratórios festivos, pelas escolas, pelas faculdades, pelas missões indígenas, pelas paróquias. Deus vos pague porque, pelo vosso trabalho, pela vossa bondade, pela vossa dedicação, pela vossa retidão e pelo vosso exemplo, conseguistes fazer de um simples povo, um povo de Deus! Disse.

Dr. Cleomenes Nunes da Cunha

Observação: Esse texto do discurso do Deputado foi publicado também no Noticiário da Inspetoria em novembro de 1975, p. 4-8.



Pe. Valério Utel



Pe. Humberto Angeloni



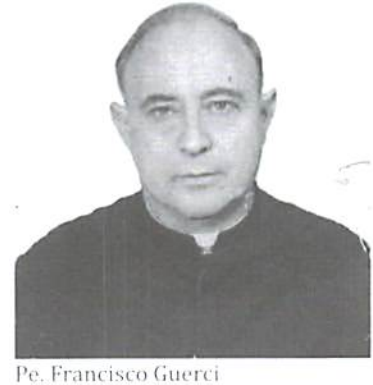
Pe. Jorge Parovel



Pe. Carmelo Utel



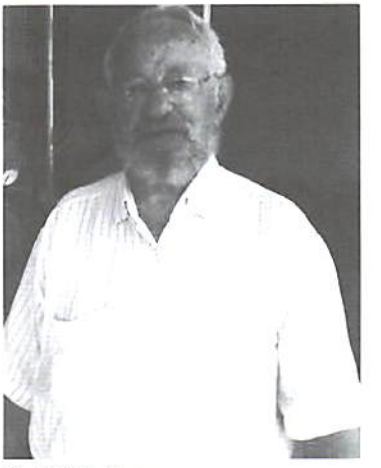
Pe. Maurício Laporte



Pe. Francisco Guerci



Pe. Samuel Galbusera



Pe. Mário Gosso



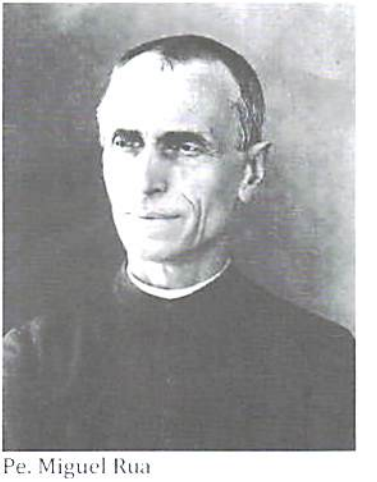
Pe. Luiz Ghisoni



Pe. Eduardo Onofre Ambrósio



Pe. José Bósio



Pe. Miguel Rua

Capítulo X

Pe. Walter Bini, Inspetor de 1976 a 1978 – os acontecimentos de Meruri de 15 de julho de 1976

O tempo do governo da inspetoria do Pe. Geraldo Pompeu foi marcado pelo esforço dele e de todos na comunidade inspetorial para concluir o processo desgastante de reformulação das obras ou redimensionamento. Nesse sentido, as obras pendentes da Inspetoria foram devidamente resolvidas; assim foram fechadas as casas de Tupã e de Lucélia, na Paulista; na Prelazia, foram fechadas as casas de Araguaiana e o Colégio de Guiratinga – que posteriormente sobreviveu como escola estadual. Assim vários problemas foram resolvidos devidamente com o apoio do Conselho Inspetorial. Por outro lado, houve um desenvolvimento muito grande de outras obras, como os colégios de Campo Grande e de Cuiabá, que adquiriram grande número de alunos. Da mesma forma, as Faculdades Unidas Católica de Mato Grosso (FUCMT) cresceram em número de alunos e em cursos. Foram aprovados Faculdades também em Lins e Araçatuba. O Colégio Santa Teresa de Corumbá, em convênio com o Estado, chegou a ter mais de 4.000 alunos. Em outros setores, houve um crescimento altamente significativo, em especial na amplitude da Pastoral Juvenil, e na organização, e no número de aspirantes. No campo da formação, criou-se a base para o desenvolvimento do aspirantado na Lagoa da Cruz, com a perspectiva de uma formação adequada para o noviciado, que somente passou a ser iniciado depois da conclusão do segundo grau.

O novo governo, do Pe. Walter Bini, encontrou uma inspetoria bem distinta após essas remodelações. Existiam forças pujantes e latentes, ansiosas por novos espaços, como os campos da Pastoral Juvenil, os cursos do Ensino Superior e as novas perspectivas nas atividades missionárias devido à presença da Funai, do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e dos fortes traços da teologia da Libertação no apelo pela valorização da inculturação e valorização das culturas indígenas. O fato principal no setor das missões foram as demarcações ou tentativas de demarcações das reservas de S. Marcos, de Sangradouro e de Meruri.

Quanto à vida religiosa salesiana, houve a dedicação para que toda a inspetoria se organizasse a partir dos parâmetros da vida salesiana apresentados no Capítulo Geral Especial de 1971. Pe. Walter Bini iria se dedicar para que a inspetoria se atualizasse em suas manifestações da vida religiosa salesiana. A redação de três manuais das ações das comunidades seria uma constante em suas preocupações: o Manual de Formação Salesiana, o

Manual da atividade missionária entre os índios e as orientações das atividades pastorais com a juventude e o projeto pastoral das escolas.

Sendo uma inspetoria missionária, constata-se que em 1974-5 chegaram os últimos salesianos missionários da Europa para iniciarem sua vida na atividade da Inspetoria; mais tarde, houve alguns missionários que para cá vieram como parte integrante de uma proposta do Reitor-Mor para que salesianos se tornassem missionários por cinco anos. Desse grupo, quatro dos seis que vieram, permaneceram na inspetoria; entre estes, estava o então bispo D. José Foralosso.

Alguns problemas ainda perduraram e exigiam alguma solução como a questão dos salesianos solitários em três paróquias da Prelazia, como a difícil presença dos salesianos em Maracaju e o apelo crescente para que se iniciasse o processo da instituição de uma universidade em Campo Grande.

10.1 Os parâmetros e as metas do Pe. Walter Bini como Inspetor

Depois de empossado como inspetor, Pe. Walter Bini percorreu todo o território da Inspetoria visitando todas as comunidades e tomando conhecimento *in loco* de como era a atividade de cada comunidade e de cada salesiano. Afirmou no Noticiário inspetorial que não era fácil expressar as primeiras interações que teve com todo o volume de obras e trabalhos que vira. Mas, como sempre, professoral e muito sintético e organizado em sua maneira de se expressar, escreveu para o Noticiário:

> Minha primeira impressão é de grandeza. Não triunfalista, mas realista. Nossa comunidade inspetorial se espalha por um "grande território", tem um grande desenvolvimento de "trabalho", tem uma grande "diversidade" de atividades e de pessoas, tem uma grande "responsabilidade" diante do futuro pelo desenvolvimento iminente e explosivo destas regiões.
> A segunda impressão e conclusão final é a necessidade de dar atenção às "pessoas" dos salesianos absorvidos demais pelo excessivo trabalho e pela imensidão das necessidades.
> Em terceiro lugar, a necessidade de cultivar o sentido de "comunidade inspetorial" como conjunto muito unido e inter-comunicante de todos os salesianos e de todas as comunidades locais [...] Paróquia e escola, cidade e missão não são times adversários, mas equipes que se complementam, na unidade diversificada e tão rica de vocações que é a inspetoria toda.[1]

Por estas observações nota-se que captou os valores de sustentação da identidade inspetorial como campo específico e singular de atuação do

[1] Noticiário da Inspetoria Salesiana Santo Afonso. Campo Grande, MT, abr. 1976, p. 3-4.

espírito de S. João Bosco, através das comunidades salesianas com as quais entrara em contato e constatara os traços marcantes e individualizantes das comunidades. Mais intelectual e professoral, expressou dignamente a realidade para a qual iniciara sua dedicação e trabalho.

Nesse ano ainda, 1976, seria surpreendido pelo fato inesperado da morte do diretor da Missão de Meruri. Fato de grande repercussão nacional e internacional, evidenciou as possibilidades de uma história para a qual nada fora cogitado anteriormente naquela época. Embora a história da mesma inspetoria já manifestasse a concretização dessa possibilidade com a morte de três salesianos: Pe. Thannnuber, Pe. Fuchs e Pe. Sacilotti. Então, depois de vivenciar as fortes e terríveis consequências do fato de 15 de julho de 1976 em Meruri, escreveu:

> Neste ano, a vocação missionária da nossa inspetoria foi confirmada mais uma vez pelo sinal do sangue: a morte do Pe. Rodolfo no mês de julho [...]. Do "luto e da angústia", estão brotando sinais numerosos de "alegria e de esperança" para as nossas missões entre os indígenas: a boa aceitação do novo diretor de Meruri; a conclusão da demarcação daquela reserva indígena; entendimentos claros e construtivos com a Funai; a aprovação do Diretório Missionário da Inspetoria por parte do Conselheiro Geral para as Missões; as perspectivas de atendimento pastoral a Xavantes e Bororos de outras localidades; o bom encaminhamento da colaboração entre os missionários, lingüistas e Funai para o ensino bilíngüe entre os Xavantes; a publicação próxima de mais um tomo da Enciclopédia Bororo; a tradução dos Evangelhos para a língua bororo que o Pe. Gonçalo Uchoa está preparando; a próxima inauguração do prédio do Projeto AMA em Coxipó, que se destina à assistência mecânica também dos veículos das missões; o crescimento do interesse por parte dos jovens de nossos colégios para prestar serviço nas missões durante as férias. Creio que esta simples enumeração é mais que eloqüente do que muitas reflexões teóricas. [E encerra] Somos todos missionários. Somos todos evangelizadores. Estamos todos plantando Igreja nesta terra quente e fértil que é o coração de nossa gente![2]

Este texto, como carta aos irmãos, indica a grandeza de alma do Pe. Inspetor e evidencia com simplicidade a leitura da presença de Deus nas ações concretas que mediatizam a ação missionária conforme o espírito de S. João Bosco: trabalho, presença e tudo para a maior glória de Deus! Enfatiza a integração do trabalho missionário com a construção da Igreja nesse imenso "território", onde estão historicamente a força das comunidades salesianas para a evangelização do povo, dos indígenas e, em especial, dos jovens.

No início do ano, ocorrera o Capítulo Inspetorial em preparação para o Capítulo Geral da Congregação a ser realizado na segunda metade desse

[2] Noticiário da Inspetoria Salesiana Santo Afonso. Campo Grande, MT, abr. 1976, p. 1-2.

ano de 1977. Ao final do Capítulo, Pe. Walter se entusiasmou com o resultado da dedicação de todos aos trabalhos e às reflexões propostas. Houve um esclarecimento seguro quanto ao trabalho pastoral e de evangelização dos salesianos em suas comunidades. Como coroamento desse tempo de reflexão e de entusiasmo para com o trabalho pastoral em todos os setores das atividades da Inspetoria, Pe. Walter escreveu para todos os irmãos:

> O Capítulo Inspetorial foi o grande acontecimento com que se inaugura este ano, o 75º desde a criação da Inspetoria Salesiana de Mato Grosso e Oeste de S. Paulo. Em sua simplicidade e familiaridade, foi o Capítulo o reencontro da inspetoria consigo mesma, através do convívio fraterno e de reflexão em grupos e plenários, dos irmãos capitulares.
> COM REALISMO E OTIMISMO a Inspetoria compreendeu-se melhor a si mesma, refletindo sobre sua missão evangelizadora através de seus colégios e faculdades, através de suas missões e paróquias, mas principalmente através do testemunho de vida das mesmas comunidades salesianas, nos espaços enormes do Brasil Oeste.
> É POSSÍVEL evangelizar através das nossas escolas, mesmo que sejam multitudinárias. É possível evangelizar em nossos centros de missão, apesar das diversidades culturais e dos conflitos de terra. É possível evangelizar através de nossas paróquias, apesar das hesitações pastorais. É possível e estamos fazendo. Esperamos fazê-lo cada vez melhor. Para isso surgiram pistas e linhas de ação.
> E AGORA, TERMINADO O CAPÍTULO, de volta às nossas casas, arregaçamos a nossas mangas novamente e nos dispomos ao trabalho.[3]

Para completar o panorama expressivo de presença e de atuação do Pe. Walter Bini, como salesiano, ao falar de Nossa Senhora assim se expressou para os salesianos:

> MARIA SANTÍSSIMA, seja a presença viva em nossas casas e em nossos corações durante esse mês e sempre. Ela, a educadora de Jesus, continua a ser hoje a educadora de nossos alunos, que são também seus filhos. Ela, a que deu Jesus ao seu povo, continua hoje a ser portadora de Jesus para o nosso povo, nas paróquias e nas missões. Como os evangelistas escrevem os Evangelhos começando por Maria, não tenhamos receio de evangelizar hoje começando também por Maria. E Jesus Cristo, o maior devoto de Maria, seja modelo para nós e para os jovens que nos rodeiam. As iniciativas que brotam numerosas em nossas comunidades para o Dia das Mães podem servir de ponto de partida para as iniciativas com que celebramos Aquela que o mesmo Cristo nos deu por Mãe![4]

O texto expressa teologicamente a sua maneira de se relacionar com Maria e assim propõe esse caminho para os salesianos agirem nas atividades

[3] Noticiário da Inspetoria Salesiana Santo Afonso. Campo Grande, MT, mar. 1977, p. 1.
[4] Noticiário da Inspetoria Salesiana Santo Afonso. Campo Grande, MT, mar. 1977, p. 3.

pastorais e evangelizadoras. Sua capacidade de propor correta e dinamicamente as suas ideias ficou mais uma vez evidente nesse trecho de sua carta aos salesianos. Cumpria assim um dos maiores e mais difíceis deveres de um inspetor, animar e entusiasmar os irmãos para o trabalho de evangelizar. Ao mesmo tempo, desperta um apreço especial pela identidade e pelo espírito salesiano para a própria santificação na proposta educativa e pastoral para com os jovens.

Esses traços delineados nortearam a atividade de animação e de governo do Pe. Walter Bini; com sua simplicidade e sabedoria, não deixou de lado nem subestimou nenhuma das características históricas que os salesianos conquistaram em sua dedicação aos jovens e ao povo, aos indígenas e aos universitários como proposta do amor de S. João Bosco aos jovens para levá-los todos para o Reino de Deus.

10.2 Alguns passos na organização da Inspetoria nesse período

Conforme as solicitações do centro da Congregação, todas as inspetorias deveriam se programar para colocar em ordem os seus diversos projetos que delineavam as linhas do processo pastoral e formativo nas diversas áreas e etapas.

Duas grandes tomadas de consciência iniciaram esse trabalho com o novo inspetor, a constante revisão e melhoria redacional dos Diretório das Missões e do Diretório da Formação. Depois de alguns meses, sendo assumidas as sugestões que vieram dos superiores da área, o Diretório das Missões estava praticamente pronto em suas linhas definitivas que estabeleciam as modalidades de atendimento dos índios levando em consideração alguns itens importantes, como a preservação e promoção da cultura, as tentativas de inculturação quanto à evangelização e catequese. Por outro lado, havia a grande virada de maneira de agir ao batalhar para que os indígenas assumissem a própria independência enquanto povo e se organizassem para se tornarem mais empreendedores e independentes. Logicamente que esse discurso se referia tanto aos bororos quanto aos xavantes, mas a tendência dos xavantes a se tornarem mais independentes era visível.

Quanto ao Diretório da Formação sucedeu o mesmo: idas e vindas, correções e assimilação de um processo de formação dos novos salesianos que fosse bem abrangente e alcançasse os objetivos de que os formandos se aprofundassem bem no estudo da vida religiosa e da espiritualidade salesiana, contidos nos moldes traçados pelo Capítulo Geral Especial de 1971 e pelos documentos da Santa Madre Igreja a esse respeito. A vida salesiana iria adquirir maior evidência em seus traços fundamentais diante de tantas mudanças e perspectivas culturais novas e exigentes. De forma geral, pre-

tendia-se que cada inspetoria pensasse na formação de modo consistente e regular, como caminho de preparação para que os novos salesianos soubessem enfrentar as novidades culturais com liberdade alicerçada no profundo conhecimento do espírito de S. João Bosco.

Outra grande preocupação da congregação quanto à consistência da formação e à necessidade de se oferecer aos irmãos oportunidade de se atualizar, gerou uma série de cursos de atualização ou de formação permanente para a grande maioria dos salesianos. Havia cursos no Brasil, em Barbacena, para sacerdotes e coadjutores, cursos na Argentina, na Guatemala e em outros lugares como em Roma, na Casa Central ou em Turim. Tempo marcante caracterizado pela constante necessidade de se atualizar diante dos documentos da Igreja quanto à vida religiosa, quanto ao trabalho pastoral, quanto ao entendimento da cultura da época e assimilação das novas propostas de atitudes pastorais, sempre concedente um grande espaço para a participação e integração dos leigos nos movimentos apostólicos e pastorais. As propostas do Vaticano II adquiriam modalidades organizativas e novas perspectivas teológicas de construção das comunidades paroquiais e eclesiais. Nesse tempo, houve um progresso grandioso quanto ao estudo e às novas metodologias na catequese. Essa nova postura na catequese necessitava de um amparo teológico-bíblico e de uma preparação constante dos catequistas quanto às metodologias e às vivências das concepções novas da teologia da vida eclesial.

Pe. Walter Bini tinha essas perspectivas em mente e sempre indicava aos salesianos a fundamentação necessária para uma atualização sempre mais profunda como expressão do novo tempo de evangelização. Sem deixar de lado o espírito de D. Bosco, tinha sempre a sensibilidade de estar em constante contato com documentos e com as novas posturas pastorais pedidas pela Santa Igreja. Tudo caminhou bem até que, no meio do ano de 1976, os fatos de Meruri passaram a exigir posturas e medidas mais condizentes com as consequências desses fatos.

10.3 Antecedentes na Colônia de Meruri

A situação das missões a partir de 1970 ou anos antes, assumiu algumas manifestações e acentuações especiais conforme o conjunto dos componentes sócio-político-culturais que determinaram individualização e fortalecimento desses fatores que proporcionaram o acirramento das posições; o fortalecimento das posições de cada integrante social da região estimulou a vibração do complexo das forças latentes, que passaram a exigir soluções para os embates ou conflitos que, por suas especificidades, fortaleciam os dois grupos sociais mais integrados nessas contendas. Porém a

complexidade adquiria notoriedade devido à atuação das forças políticas regionais, estaduais e federais. De outro lado, existia a força da nova visão, por parte da Igreja no Brasil, da atuação missionária junto aos povos indígenas. Se o lado político se individualizava pela presença da Funai, os proprietários das terras implicadas nas contendas com a presença da Funai para a demarcação das reservas indígenas, valiam-se das autoridades cartoriais e judiciais dos distritos, municípios ou estaduais.

Paralelas a essas atuações, surgiram outras intervenções da Igreja pela presença do Cimi, que se posicionava diante de todos como novo legado da defesa dos povos indígenas, em especial para a luta por demarcações das reservas para as diversas tribos indígenas e para a nova postura pela defesa da cultura desses povos. Além disso, propalava que a presença dos missionários jamais poderia usurpar o direito dos povos indígenas em busca de seus direitos como povo cultural individualizado, que mereceria por parte do governo toda a cobertura para sua subsistência. Também o Cimi propunha, com todo ardor, a autonomia das ações a partir dos próprios indígenas; desejava que os índios fossem atrás dos seus direitos e os exigisse das autoridades competentes.

Com o andar do tempo, depois de 1970, as reuniões de incentivo dos índios para que assumissem e defendessem o seu território, acirraram a disputa dos proprietários de terras na proximidade, ou até mesmo dentro das áreas já previamente selecionadas como futuras reservas. Os moradores das vizinhanças iriam tentar de tudo para defender a terra que adquiriram, e muitos deles, com documentos legitimados pelos cartórios da cidade da Barra do Garças. Se os índios se uniam e adquiriam nova força pela união diante do problema da demarcação das reservas, assim também os proprietários de terras reuniam-se e esquematizavam algumas ações para tentar impedir que as suas terras fossem incorporadas nos projetos e processos de uma próxima demarcação pelas comissões que a Funai enviava para essa finalidade. Uma alta tensão se instalava então tanto nas aldeias indígenas, como entre os proprietários de terras, os quais se sentiam ameaçados pela inesperada ordem do ministro do Interior para a demarcação das reservas indígenas, tanto de Meruri como de S. Marcos para os xavantes, e de Sangradouro para os xavantes e bororos. A situação se tornava tensa, e todos acorriam para o lance que se mostrasse mais seguro conforme os interesses de cada grupo perante essa postura do governo mediante a intervenção da Funai.

Nesse tempo, a espera pela demarcação das reservas se constituía em tempo bastante angustiante. De todos os ângulos de consideração dessa problemática, a tensão aumentava e tudo passava a ser visto e considerado dentro das hipóteses de cada grupo, sempre muito receoso pelos passos dados pelo governo diante da questão. Porém chegou uma hora em que a decisão

foi tomada pelo governo e, ao se tornar conhecida a firma indicada pela licitação para iniciar a demarcação, a ansiedade de todos atingiu o ponto máximo. Ações e posturas inesperadas eram aguardadas dentro da posição de cada grupo; a situação em relação aos proprietários das terras era de perda, pois o governo federal não realizaria uma justa indenização das terras e das benfeitorias realizadas. Por parte dos índios, a velocidade dos boatos acirrava os ânimos com o receio de alguma iniciativa mais perigosa.

A postura dos salesianos das três Missões foi marcadamente assinalada pelo apoio à demarcação das terras que seriam integradas às reservas dos índios, tanto bororos, como xavantes; em Meruri, os salesianos abertamente apoiaram as ações dos bororos quando expulsavam aqueles que desejavam permanecer em terras da área considerada integrante da reserva. Por parte dos proprietários, havia a angústia diante da possibilidade das perdas, e pensavam ainda que poderiam evitar o início da demarcação das terras. O cenário estava bem armado para o passo fatal do dia 15 de julho de 1975, justamente dois dias depois de os encarregados do trabalho da medição terem iniciado suas primeiras atividades.

10.4 Os fatos ocorridos em Meruri no dia 15 de julho de 1975

As afirmações e descrições sobre a ocorrência das mortes em Meruri nesse fatídico dia de 15 de julho de 1975, são literalmente assumidas a partir do "Relatório" intitulado "Os fatos de Meruri", preparado com técnica apropriada e condizente pelo então Pe. Inspetor. Pe. Walter Bini esteve presente nessa ocasião em Meruri chegando depois que o Pe. João Zerbini, ecônomo inspetorial, conseguira chegar na tarde daquele dia. Convém salientar que esse "Relatório" foi publicado em diversos órgãos de comunicação e serviu de base para tantas outras publicações em revistas variadas. Afirmou que era seu dever relatar os fatos ocorridos naquele dia para que se pudesse compreender o que se passara naquele dia em Meruri quando, num assalto de moradores da região, morreram o Pe. Rodolfo Lunkenbein, o bororo Simão e o rapaz Aloísio Bispo. Reafirmou que não seria uma narrativa histórica, nem antecipação de inquérito policial, nem uma instrução judicial.

Em primeiro lugar, Pe. Bini faz um retrocesso histórico das terras de Meruri; em 1901, os dois primeiros lotes de terras da Missão – Barreiro de Cima e Boqueirão, juntos perfaziam mais de 5.000 hectares. Em 1902, os salesianos fixaram a primeira residência no Barreiro de Cima. Em 1918, o então Governador concedeu dois lotes de terras para a Colônia Indígena do Sagrado Coração, de 25.000ha. Em 1927, mudou-se a sede da Missão para Meruri. Em 1935, houve invasão das terras cedidas antes aos índios, mas foi acobertada pela política estadual. Em 1957, parte das terras cedidas pelo

Estado por D. Aquino tornou-se sede de nova missão para os xavantes, S. Marcos. Em 1958, houve atritos entre o Sr. Alípio Tontinho e o Pe. Pedro Sbardellotto devido à invasão da área de terra dos xavantes; houve uma atitude de agressão por parte do Sr. Alípio que chegou a agredir com um chicotadas violentas o Pe. Pedro, derrubando-o e deixando seu corpo todo ensanguentado. O processo judicial na Barra do Garças foi arquivado sem consequências para o agressor.

Em 1959, o governador João Ponce de Arruda ordenou a redução dos lotes cedidos aos índios por D. Aquino e reduziu as áreas dos dois lotes de 25.000 ha para dois lotes reduzidos, um de 16.031ha, e outro de 9.000ha. Quanto ao restante da área que estava no nome da Colônia do Sagrado Coração, tornou-se objeto de divisão para posseiros com títulos fornecidos pelo governo. Em 1960, Pe. Bruno, diretor de Meruri teve que lutar para adquirir com título definitivo outros 9.225ha. Finalmente em 1972, São Marcos e Sangradouro obtiveram do Governo Federal Reservas para os respectivos índios, xavantes.

Em 1973, os bororos de Meruri iniciaram um trabalho de reivindicação das terras deles, a partir do que fora concedido por D. Aquino em 1918. Mas pleiteavam uma área de 79.540ha; para isso o presidente da Funai formou uma comissão composta por um agrimensor, um antropólogo, um advogado, o delegado da Funai de Cuiabá e o Pe. Rodolfo. O grupo realizou o levantamento da situação e preparou o mapa da futura reserva de 79540 há. Dentro dessa área, estavam as terras da Missão Salesiana (25.000ha de 1918; 13.000ha e 22.514ha) Essas terras, por decreto tornaram-se parte da Reserva, e os próprios salesianos perderam qualquer direito sobre essa área. Pe. Rodolfo enviou ao presidente da Funai, em Brasília, o mapa da reserva e a lista dos proprietários de terras que estavam na área da reserva.

De 1973-1974, houve muita invasão da área por parte de posseiros limítrofes da área da Reserva, e muitas tentativas por parte dos posseiros para que o decreto não fosse redigido. Em março de 1975, houve uma reunião de uma comissão mista da Funai e Incra para estudar a situação dos posseiros e propor uma solução para a questão.

De 1975 a 1976, aconteceram vários atritos entre os índios e os civilizados. Foi divulgada a ideia de que quem pretendia a reserva para os bororos eram os padres salesianos. Estes, conforme os boatos depreciativos, seriam os únicos proprietários de tudo. Surgiram os ressentimentos e concentraram-se sobre o Diretor da Missão, Pe. Rodolfo, e sobre o Pe. G. Uchoa.

Diante desses antecedentes, numa atitude de exaltação dos ânimos e de muitos encontros entre os proprietários das terras e os posseiros, arquitetavam-se maneiras de impedir que a demarcação das terras tivesse início. Pe. Bini descreve com lisura os acontecimentos daquele fatídico dia.

Na manhã do dia 15 de julho, um grupo de mais de 60 pessoas, em oito viaturas, dirigiram-se para a sede da Missão em Meruri. Duas viaturas ficaram na entrada da Missão. As outras foram em primeiro lugar até onde estavam trabalhando os topógrafos da primeira das três frentes de demarcação da Reserva. Esse trabalho havia sido iniciado três dias antes. Sem violência, convenceram os topógrafos a irem com eles para a sede da Missão. Chegando à sede da Missão, no pátio central, pediram para falar com o Diretor. Como o Pe. Rodolfo não estivesse naquele momento, pois estava trabalhando ainda na roça com os bororos, atendeu-os o Pe. Gonçalo Uchoa. Trataram-no mal com palavras e gestos, exigindo satisfação pelo fato de que a demarcação tivera início, apesar de todas as ameaças anteriores. Pe. Gonçalo tentou dialogar, mas recebeu somente insultos.

Quando o Pe. Rodolfo chegou com alguns bororos, então deixaram o Pe. Uchoa de lado e dirigiram-se ao Pe. Rodolfo com a mesma atitude de provocação. Pe. Rodolfo com calma tentou persuadi-los de que, se houvesse alguém lesado, deveriam então recorrer à Funai ou à Justiça; chegou a oferecer-se como intermediário para isso. Anotou numa folha de papel os nomes dos reclamantes; deram também nomes de outras pessoas que não se encontravam ali.

Depois de algum tempo, fizeram menção de se retirarem. Alguns se dirigiram para os carros. Um pequeno grupo, porém, cercou o Pe. Rodolfo. Começaram a insultá-lo e a empurrá-lo. Alguns bororos que estavam próximos, vendo as agressões, tentaram defender o padre. Lourenço, o chefe, foi alvejado por um tiro. Três outros tiros atingiram imediatamente o Pe. Rodolfo, que morreu dez minutos após. Seguiu-se um tiroteio em que ainda foram feridos outros quatro bororos, enquanto os carros começavam a sair. Um deles, Aloísio Bispo, de 16 anos foi atingido por um tiro no rosto e morreu ali também; todos fugiram imediatamente deixando ali o corpo do rapaz.

Alguns bororos, vendo o ocorrido pegaram a viatura da Missão e foram desesperadamente para S. Marcos, a outra missão salesiana que dista 40 km, para pedir socorro. Foram recebidos pelo diretor Pe. Mário Gosso. Compreendendo a gravidade da situação e conhecendo o ânimo agressivo dos xavantes que viviam nessa Missão, imediatamente reuniu um grupo deles e calmamente os instruiu para que nada fizessem sem sua ordem. E assim rumaram para Meruri. A presença dos xavantes serviu de reconforto e encorajamento para os bororos. Estiveram presentes o tempo todo, exercendo um papel de vigilância e de colaboração com seus irmãos bororos e com os missionários. Naquela ocasião e em todos os dias seguintes, tanto eles como os bororos não fizeram um gesto impensado ou agressivo, que pudesse comprometer a situação.

Imediatamente, após as ocorrências dos tiros, através do rádio da Missão local, a sede da Missão Salesiana em Campo Grande foi informada. Pe.

João Zerbini, ecônomo inspetorial, na ausência do Pe. Walter Bini, o inspetor, comunicou os fatos à Polícia Federal e à Delegacia da Funai de Cuiabá, pedindo providências imediatas, e seguiu logo de táxi aéreo para o local, a fim de orientar as primeiras medidas a serem tomadas em Meruri. Em Campo Grande, duas horas depois, chegava o Pe. Walter Bini, que passou a ter contato-rádio contínuo até a noite com a Missão de Meruri, e informar com seus auxiliares as autoridades, a imprensa, os irmãos salesianos e a família do Pe. Rofolfo na Alemanha.

Os socorros aos feridos e a intervenção policial verificaram-se algumas horas após, vindos de Barra do Garças, distante 120 km do local. Um avião e uma caminhonete levaram para esta cidade os feridos e também o corpo do Pe. Rodolfo, para o laudo médico legal e para o embalsamamento, desde que havia a possibilidade de que o corpo fosse pedido pela família do falecido. No avião, que transportava os feridos, veio a falecer o índio Simão Cristino. Esse avião não pôde chegar até a Barra do Garças por causa da noite; fez um pouso de emergência numa fazenda, onde, por coincidência estavam oito médicos de férias que socorreram o ferido sobrevivente. Chegou à Barra do Garças na manhã seguinte.

No dia 16, chegaram a Meruri os corpos do Pe. Rodolfo e do índio Simão. O velório na capela da Missão foi muito original, e os índios mostravam todo o carinho que tinham pelo Pe. Rodolfo. Foram eles objetos de tanto choro e de ritual dos bororos o dia todo. Às 14h, foi sepultado o corpo do índio Simão. D. Camilo Faresin, bispo da Prelazia de Guiratinga veio e celebrou, ao entardecer, a missa exequial.

Enquanto isso, em Campo Grande, o Pe. Inspetor conseguiu colocar-se em contato com a família do Pe. Rodolfo; esta declarou que consentia em que o corpo permanecesse na Missão e fosse sepultado no local onde ele dera a vida pela vida dos índios. Durante esse dia todo, o Pe. Inspetor manteve contato com os acontecimentos na Missão via rádio e assim pôde informar bem e continuamente, seja a Polícia Federal, seja a Delegacia da Funai. Estas informavam devidamente o Sr. Ministro da Justiça e o Sr. Presidente da Funai, Gal. Ismarth de Oliveira Araújo.

No dia 17, procedeu-se aos funerais do Pe. Rodolfo. Pela manhã, começaram a chegar os salesianos, irmãs e amigos. A Missa teve lugar às 14h. Antes da missa, os bororos cantaram seus longos cantos de funeral. A missa foi presidida pelo bispo D. Camilo Faresin. Ao seu lado, estavam o Sr. D. Tomás Balduíno, bispo de Goiás e Presidente do Cimi, o Pe. Walter Bini, Inspetor salesiano e outros dez sacerdotes. Após a Missa, durante a caminhada em direção ao cemitério, os bororos voltaram a cantar seus cantos de despedida. Ao lado do túmulo, depois da oração final rezada pelo bispo D. Camilo Faresin, um dos bororos com os enfeites da tribo cantou o último canto de

despedida. Foi muito emocionante, embora não se pudesse fazer um funeral típico bororo.

Nesse mesmo dia, 17 de julho, às 11h30 chegara ao campo de aviação da Missão de Meruri o avião com o Gal. Ismarth de Oliveira Araújo e alguns assessores para participarem dos funerais do Pe. Rodolfo. Sem aviso prévio, organizaram uma mesa redonda com a participação de diversas pessoas presentes; o general, D. Camilo, Pe. Walter Bini, D. Tomás Balduíno, presidente do Cimi, Pe. Mário Gosso, diretor de S. Marcos, Pe. Paulo Mohr, diretor de Sangradouro, Madre Maria do Carmo, provincial das Filhas de Maria Auxiliadora, e a diretora da comunidade de Meruri, Ir. Rita Bramati. A reunião desenvolveu-se em clima de seriedade e franqueza, na procura de soluções concretas e viáveis para os problemas que culminaram com o morte do Pe. Rodolfo, do bororo Simão e do menor Aloísio Bispo. Foi interrompida pelo almoço e o ritual do enterro e, depois, o Gal. Ismarth quis retomar a reunião para colher as sugestões; já não estavam presentes várias pessoas. Mas o Pe. Walter Bini resumiu as conclusões:

1 – A ação da justiça deverá prosseguir decididamente até o final: o acompanhamento pessoal do Ministro da Justiça e a presença da Polícia Federal dão garantias disso.
2 – A demarcação das terras deverá prosseguir também. Será preciso para isso dar a devida proteção aos agrimensores. Nas três frentes de demarcação, os três grupos de agrimensores serão acompanhados por 10 bororos em cada frente, um representante da Funai em cada frente e ainda por um corpo armado da Polícia Federal com viatura para contatos contínuos com as três frentes e para qualquer ação de emergência. A presença dos bororos não terá caráter policial. Eles ajudarão com serviços simples. A Funai pagará o serviço dos bororos através da firma de agrimensores, e o pagamento deles será semanal.
3 – A Funai e o Incra colaborarão para uma solução urgente para o problema humano criado pelos desalojados do território demarcado: uma perspectiva viável é o reassentamento dessas pessoas em lotes doados pelo Incra em duas reservas indígenas que não o serão mais, e que estariam à disposição do Governo, para outra destinação.

Os dias seguintes evidenciaram que essas três linhas de ação estavam sendo colocadas em prática. A Polícia Federal interveio com eficácia; a demarcação continuou com os resguardos previstos; a Funai entrou em contato com o Incra para dar possibilidades de reassentamento para os prejudicados pela Reserva.

Para encerrar esse relatório, o Revmo. Sr. Pe. Walter Bini, com a dignidade e simplicidade de suas posturas, que sempre primaram também por

sua objetividade e clareza, elencou oito itens que resumissem o pensamento da Inspetoria Salesiana ou Missão Salesiana diante desses tristes acontecimentos de Meruri. A clareza desses itens mostra a postura de todos os salesianos da Inspetoria que, por sinal, em sua história já possuía a entrega de três sacerdotes que foram mortos em suas atividades normais de trabalho: Pe. Thannnuber, Pe. Fuchs e Pe. Sacilotti. E agora entrava para a série de salesianos que deram suas vidas pelo trabalho missionário, o Pe. Rodolfo Lunkenbein. Além disso, as constantes solicitações dos jornais e de outros meios de comunicação ao receber esse comunicado geral, que foi distribuído para jornais, revistas do Brasil, para outros jornais do exterior, para órgãos do governo que podiam encontravam nesses itens a clareza da postura dos salesianos diante dessa tragédia inesperada. O título desses oito itens dizia: "A Missão Salesiana de Mato Grosso diante dos Fatos de Meruri".

1 – Após a celebração dos cem anos de trabalho dos salesianos na América do Sul, a Missão Salesiana de Mato Grosso sente-se atingida brutalmente por esta violenta agressão dentro do local de trabalho, construído com o sacrifício de pessoas vindas de diversas partes do mundo, para a promoção humana e cristã dos índios Bororos em Meruri. Mas, enviados para a evangelização dos indígenas de Mato Grosso desde os últimos anos do século passado, e tendo concentrado o nosso trabalho missionário principalmente a serviço dos Bororos e Xavantes, nós, salesianos de D. Bosco, TEMOS A INTENÇÃO DE CONTINUAR neste serviço, apesar das dificuldades.
2 – Nestes últimos anos, colaboramos com os Xavantes e Bororos de Sangradouro, S. Marcos e Meruri para obterem do Governo Federal a demarcação de suas reservas, porque tais reservas são condição indispensável para sua sobrevivência como povo. Por este motivo julgamos que DEVE CONTINUAR A DEMARCAÇÃO da última reserva, a de Meruri, de acordo com os critérios de inteira responsabilidade do Governo Federal e da Funai.
3 – Ao mesmo tempo, assumimos como reivindicação nossa um tratamento justo e humano para OS QUE FORAM PREJUDICADOS PELA DEMARCAÇÃO. Queremos nos colocar a serviço deles também para conseguirem dos órgãos governamentais PERSPECTIVAS DE SOBREVIVÊNCIA DIGNA.
4 – Não podemos aprovar a instrumentalização destes por parte dos POLÍTICOS que querem ignorar a existência dos nossos índios e seus direitos, e fazem de tudo para anular as reservas a eles destinadas.
5 – Deploramos também que os que foram prejudicados pela demarcação se tenham deixado instrumentalizar por um grupo de PISTOLEIROS decididos a irem até ao crime para conseguirem seus intentos.

6 - Confiamos nas autoridades e na AÇÃO DA JUSTIÇA para a apuração rigorosa das responsabilidades no crime em que tombaram um padre, um índio e um dos moradores vizinhos. Não temos outra alternativa senão confiar. O contrário seria o desastre e a loucura de uma terra sem lei em que vence o mais forte. Queremos confiar, tendo em vista mais a boa vontade atual do que as provas decepcionantes do passado.

7 - COMO MISSIONÁRIOS a serviço dos índios e a serviço dos moradores da região limítrofe à reserva, esperamos ser compreendidos por uns e por outros: não queremos terra nem poder, nem prestígio, mas tão somente a promoção humana e cristã de todos. Nada esperamos em compensação pelas terras de outrora adquiridas pela Missão e atualmente incluídas na reserva.

8 - Agradecemos a todos os que, de uma maneira ou de outra, participaram de nosso luto e das nossas preocupações destes dias. A todos pedimos que se unam a nós NA ORAÇÃO E NA AÇÃO SERENA, INTELIGENTE E EFICAZ para que o sangue derramado e o sofrimento de tantos frutifiquem em dias melhores para os índios, para todos os moradores da região e para os missionários, na procura comum da justiça, da união e da verdadeira paz![5]

Depois desse comunicado, o Noticiário da Inspetoria trouxe as inúmeras notificações da grande repercussão dos fatos de Meruri no mundo todo. Houve muitas manifestações e, de modo especial, os grandes jornais do Brasil e de outros países, em especial da terra natal do Pe. Rodolfo, a Alemanha. O documentário completo dessas notificações, cartas, telegramas e escritos de condolências e de desagravo foram devidamente arquivados e, em especial, o Noticiário apresentou grande número de telegramas, cartas e textos de muitas autoridades civis, militares e eclesiásticas do Brasil e de outros países, em especial das autoridades religiosas e salesianas. A repercussão dos acontecimentos de Meruri foi simplesmente intensa e ampla nos meios de comunicação social.

10.5 A grande repercussão da tragédia de Meruri

Depois desse comunicado do Pe. Walter Bini, que se tornou a referência do pensamento dos salesianos da Inspetoria a respeito dos fatos de Meruri e do trabalho ou presença missionária entre os xavantes e bororos, as atividades nas missões prosseguiram de forma normal, mas sempre latente um sentimento de pesar, de receios de invasões das áreas indígenas e de

[5] Noticiário da Inspetoria Salesiana Santo Afonso, Campo Grande, MT, set. 1976 - Especial, p. 3-13.

possibilidades de outras pessoas se tornarem vítimas de outros encontros. A presença dos agentes da Polícia Federal trazia a tranquilidade para a vida em Meruri; mas o peso do luto e da perda tornou a vida silenciosa e triste. Os salesianos procuraram logo reiniciar as atividades que levassem a vida na Missão a prosseguir os seus passos. A realidade, porém, ainda se manifestava muito difícil, e a ausência da pessoa do diretor, Pe. Rodolfo simplesmente manifestava a dor que os acontecimentos provocaram. Tudo permanecia pendente e no aguardo da prisão dos assassinos e no reinício dos trabalhos da demarcação da área da reserva.

Por outro lado, os fatos do dia 15 de julho de 1975 e dos dias subsequentes mantinham-se palpitantes na recordação, na dor e na alma dos índios e salesianos da missão e de todo o Brasil. Esses acontecimentos foram fortemente revivenciados pelos inúmeros acenos dos jornais que passaram a publicar muitas notícias sobre essa ocorrência calamitosa de Meruri. Nesses noticiários, Meruri representou simplesmente o cume ou a explosão de uma realidade abrangente em diversas situações e regiões do Brasil. Com o detonar dessa bomba que explodiu em Meruri, os meios de comunicação valeram-se do fato para tratar amplamente de todas as circunstâncias que envolviam os agentes e as situações semelhantes em várias regiões do país. Os jornais, em especial, apresentaram todas as circunstâncias das ocorrências de Meruri, mas acentuaram outras regiões, com a interferência dos mesmos agentes e diante das atitudes políticas idênticas, as possibilidades de outras tragédias muito semelhantes.

A repercussão dos fatos da tragédia de Meruri provocou uma verdadeira avalanche de telegramas e de cartas de apoio e de solidariedade diante do sacrifício do missionário que entregou sua vida pela defesa das terras indígenas. No mesmo dia a Missão Salesiana recebeu condolências através de comunicados telegráficos da CNBB, de vários bispos do Brasil e da Europa, das várias inspetorias dos salesianos no Brasil e no exterior; mas, sobretudo, os bispos salesianos manifestaram-se solidários e pesarosos pela gravidade da ocorrência fatídica. Inúmeros salesianos do Brasil e do exterior enviaram suas condolências. Da mesma forma, muitos telegramas de órgãos do governo do Estado, de assembleias de deputados e de câmaras de alguns municípios se fizeram presentes através de seus comunicados. Alguns deputados também enviaram suas palavras de condolências à Inspetoria em Campo Grande pela perda de um missionário jovem como o Pe. Rodolfo.

No dia 21 de julho, também o Sr. Núncio Apostólico, que se encontrava ausente do país, enviou uma carta de condolências e de apoio aos missionários salesianos. Da mesma forma, muitas comunidades paroquiais enviaram para Campo Grande suas mensagens de condolência e de união como cristãos católicos em prol do trabalho missionário entre os índios. Também,

dias depois, chegaram cartas de pêsames dos salesianos da Argentina. Em especial a notícia circulou por jornais alemães através da notificações oferecidas pela família do Pe. Rodolfo; artigos e notícias circularam em alemão por vários dias em alguns jornais desse país.

A tragédia de Meruri foi objeto de reportagens seguidas pelos jornais mais importantes do Brasil e de alguns outros no exterior. Essas reportagens inicialmente proclamavam os acontecimentos e as opiniões dos envolvidos bem como toda a questão da terra para os índios e da atuação da Funai na demarcação das reservas indígenas.

Os jornais nacionais mais importantes, diariamente apresentaram uma das facetas que influíram nos acontecimentos de Meruri. Se de início a notícia tinha como centro a morte do Pe. Rodolfo e do bororo Simão e do rapaz Aloisío, bem como todos os antecedentes que motivaram a união dos proprietários das terras a assumirem tal atitude, os jornais passaram a focalizar a ação do governo através da Funai e das Polícias civil, militar e federal na procura e na prisão dos mandantes do crime ou dos líderes do grupo que esteve presente em Meruri naquele fatídico dia.

Desde esse 16 de julho até 4 de agosto de 1976, vários jornais importantes do país publicaram algum artigo ou conjunto de artigos sobre essa ocorrência e a questão da demarcação das terras indígenas. De modo especial, os três jornais de Campo Grande, sede da Missão Salesiana – Correio do Estado, Diário da Serra e Jornal da Manhã – publicaram, quase diariamente, uma série de reportagens tipicamente expressiva sobre o assunto, em especial relevando os fatos e as questões políticas daí decorrentes, como a atuação da Funai e a pessoa de seu chefe, Gal. Ismarth.

Outros jornais nacionais de cobertura mais ampla – O Globo e Jornal do Brasil do Rio de Janeiro, a Folha de S. Paulo, o Estado de S. Paulo e o Jornal da Tarde de S. Paulo – além de outros jornais de peso, como o Notícias Populares, publicaram uma série de reportagens diariamente sobre o assunto: a chacina de Meruri. Dessa forma, a cobertura dos fatos de Meruri foi ampla e de âmbito nacional. Por outro lado, não foram arquivadas as reportagens das redes de televisão nem de revistas, como a Veja, que também tratou do assunto. O conjunto de jornais e a sequência dos artigos que de forma variada tratou dos fatos ocorridos em Meruri, mostraram a dimensão e a importância assumida pela morte do Pe. Rodolfo Lunkenbein. Também se deve incluir nesse aporte a perspectiva de um desenvolvimento mais planejado para o interior do Brasil, desde que houve a questão vivenciada pelos irmãos Vilas Boas. Da atuação deles junto ao governo surgira a demarcação da grande reserva indígena do Parque do Xingu.

As principais pautas assumidas pelos jornais em seus artigos e noticiários tinham, além da veracidade dos fatos e suas consequências, a expectativa

do público quanto ao desfecho sobre as prisões dos chefes do grupo que fora até Meruri para embargar a demarcação iniciada da Reserva dos Bororos. Depois da prisão do João Mineiro e do estabelecimento da cidade de Barra do Garças como a circunscrição judicial para o futuro julgamento dessa questão e dos réus, houve uma extensão mais abrangente desses artigos ao detectar e mostrar ao povo as implicâncias de cada parte e de cada setor em relação ao grande problema agrário, social, judicial, político e cultural da questão da demarcação das reservas indígenas.

Nesses dias em que os principais jornais do Brasil assumiram a fatídica morte do Pe. Rodolfo e do índio Simão como assunto envolvente, explicitou-se a aglutinação de todos os assuntos aglomerados e concatenados nessa pauta. Os acontecimentos de Meruri trouxeram à tona uma série de posturas e atitudes do governo e de outros agentes acionados pelo próprio governo na concretização das políticas sociais em relação aos pretendentes de terra para trabalhar e à ancestral necessidade de os índios disporem, de suas terras como "reserva indígena" devidamente legalizadas por demarcação e decretos do governo federal. Ao redor desse volume de tarefas, giravam os órgãos do governo, o Ministério do Interior, a Funai, a Polícia Federal, as alianças políticas com os estados e municípios correlacionados com essa questão.

Os jornais evidenciaram com ampla cobertura a maneira de se exercer a política dos estados e municípios envolvidos nas questões de terras e a presença dos índios. Ficaram evidentes, a partir desses inúmeros artigos, as definições das instituições por parte do governo, como a presença conjunta do Incra e da Funai na execução dos atos governamentais. Além disso, ficou clara também a presença da Igreja nessa questão através das notas da Nunciatura Apostólica, da CNBB e do Cimi. Tornaram-se muito conhecidos alguns personagens do governo, em especial o Gal. Ismarth de Oliveira Araújo por sua presença e por suas tentativas em concretizar rapidamente os decretos governamentais de demarcação de reservas indígenas. Outro personagem que se tornou presente foi o presidente do Cimi, D. Tomás Balduíno por suas posturas e declarações à imprensa em geral.

A missão salesiana encontrou em seu Inspetor, Pe. Walter Bini, a liderança tranquila, técnica e competente para assumir as providências necessárias em todos os setores e sentidos, sem causar transtornos. Esteve presente no enterro do Pe. Rodolfo e indicou aos salesianos as posturas e atitudes que deveriam ser assumidas diante desse terrível acontecimento. As agências de notícias nacionais e internacionais foram atendidas com informações precisas e exatas. A liderança serena e eficaz do Pe. Inspetor repercutiu em todos os meios eclesiásticos e perante a cúpula da Congregação. Depois de um ano, ele era escolhido para um cargo superior e internacional na Congregação Salesiana.

A questão dos proprietários que foram afastados de suas posses para dar lugar à demarcação da reserva dos Bororos e Xavantes permaneceu um grande problema para os missionários e para a cidade da Barra do Garças. Esses posseiros simplesmente foram afastados de suas propriedades sem indenização condigna e sem esperança de outras terras para o futuro de suas famílias. Surgiu uma situação muito constrangedora para todos: missionários, índios e para as famílias. Não havendo solução para esses deserdados, o fato resultou numa questão social cruel e lamentável.

Permaneceram duas expectativas em curso depois do enterro dos mortos de Meruri, o processo judicial dos assassinos e o prosseguimento da vida dos salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora na missão de Meruri e no atendimento pastoral dos povoados mais próximos da Missão.

10.6 Duas declarações significativas depois da trágica morte do Pe. Rodolfo Lunkenbein, do índio Simão e do jovem Aloísio Bispo em Meruri

Dentro do grande conjunto de artigos em jornais e revistas, declarações, notas, reflexões, cartas, comunicados e telegramas de condolências e publicações várias sobre os fatos de Meruri, duas foram muito significativas e representativas. Essas duas publicações confirmam o valor do trabalho dos missionários pessoalmente e da necessidade de se prosseguir a atividade missionária como uma das expressões características da Igreja no Brasil e no mundo. As duas comunicações reproduzem a presença da Igreja na atividade missionária através dos sacerdotes e leigos engajados, das congregações e do povo de Deus quando não mede esforços, ou não teme perder a vida pela atividade da evangelização dos povos. Repetem-se a postura e atitude dos primeiros apóstolos que doaram suas vidas pela evangelização e pela palavra de Cristo, portadora de salvação.

A primeira declaração selecionada tem como título "Em Defesa dos Índios", publicada pelo Jornal do Brasil no dia 24 de julho de 1976, transcreve com veemência a postura de toda a Igreja no Brasil; esta declaração é do insigne Cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugênio de Araújo Sales. Inicia sua declaração:

> A nação tomou conhecimento do sacrifício de um sacerdote, o Padre Rodolfo Lunkenbein, assassinado em defesa da Justiça, protegendo os direitos dos silvícolas. O crime foi perpetrado quando fazendeiros da região invadiram a Missão Salesiana de Meruri, em Mato Grosso, onde há três anos ele era o seu diretor.
>
> A demarcação da área indígena estava sendo executada por órgãos do Governo Federal. Atribuída ao padre isso serviu de motivo para lhe tirar a vida [...] Esse acontecimento doloroso para nós, católicos e

> brasileiros, faz vir à tona mais uma vez, [...] a questão de terras bem como o ingente e patriótico esforço missionário e sua responsabilidade na proteção dos mais fracos [...] O problema das terras parece um paradoxo em um país tão vasto e generoso. A própria extensão territorial e a variedade de situações põem à prova a boa vontade do legislador. Acusar um Governo pelo que vem ocorrendo há séculos é ridículo e injusto. Acomodar-se a uma situação pelo fato de sua existência em outras partes do mundo é também anticristão [...] Não corrigir uma legislação falha é lavrar atestado de incapacidade. E a punição exemplar dos culpados desestimula novos crimes [...].
>
> O ocorrido recentemente em Meruri revela à consciência nacional o heroico trabalho dos missionários. No caso, avulta um sacrifício da própria vida, o sangue inocente derramado. Outros muitos apóstolos existem que, embora não se tornem alvo de armas assassinas, fazem a doação total, a lenta imolação da existência em regiões inóspitas para levar a Boa-Nova aos nossos irmãos.
>
> Leio o documento do presidente da Missão Salesiana de Mato Grosso, redigido logo após o assassinato. Em sua simplicidade faz ressaltar o heroísmo de uma doação verdadeiramente evangélica. Começa por comunicar a trágica morte do Pe. Rodolfo 'ocorrida às 10,30 horas da manhã do dia 15 de julho de 1976' e termina afirmando que, após a celebração dos 100 anos de trabalho missionário de salesianos na América do Sul, a Missão de Mato Grosso sente-se atingida brutalmente por esta violenta agressão dentro do local de trabalho, construído com sacrifício de pessoas vindas de diversas partes do mundo para a promoção humana e cristã dos índios. Ao mesmo tempo espera que o "sangue derramado e o sofrimento de tantos frutifiquem em dias melhores para os índios bororos, para o trabalho missionário e para todos os moradores da região na procura comum da justiça, da união e da verdadeira paz.
>
> Diante do ocorrido, com a punição dos culpados e a correção das injustiças que ocasionam esses crimes, faz-se mister guardar silêncio. Não aquele que é estéril, que encobre todo mal. Mas, sim, o que demonstra vergonha diante do egoísmo e da maldade praticados por alguns brasileiros. Uma atitude de coragem e firmeza, aliada ao perdão nessas circunstâncias, bem revela o perfil do pastor que dá um verdadeiro testemunho de Cristo. (SALES, 1976, p. 11).

As palavras desse digníssimo pastor da Igreja no Brasil expressaram naqueles dias a postura da Igreja como tal que não poderia ser outra que falar do perdão e da justiça devido a quem foi criminoso.

A segunda declaração foi realizada pelo Presidente do Cimi, órgão público da CNBB com a finalidade precípua para organizar a ação missionária da Igreja através de orientação, de estudos e de representação oficial diante dos órgãos do governo. Como tal tem obrigação de mostrar as posturas da Igreja no campo missionário e no relacionamento com os índios, com os estudiosos da área, da antropologia e, principalmente, de se posicionar peran-

te a opinião pública para mostrar a complexidade da obra de evangelização e os passos assumidos pela própria atividade missionária da Igreja nesses tempos que exigiam posturas de grande doação aos índios e de técnica nas atitudes relativas à preservação das diversas culturas desses povos.

Nesse comunicado o Cimi veio manifestar sua posição diante dos fatos de Meruri e em geral da questão da demarcação das reservas indígenas:

> O conselho indigenista Missionário – Cimi – reunido em Goiânia, diante dos fatos de Meruri vem manifestar sua posição sobre esse fato e suas implicâncias no panorama indigenista e missionário no Brasil.
> Como foi amplamente divulgado pelos meios de comunicação, na manhã do dia 15 de julho de 1976, um grupo de 62 pessoas bem armadas invadiu a Colônia Indígena de Meruri, administrada pela Missão Salesiana de Mato Grosso, após haver interrompido o trabalho de uma das três equipes que faziam a demarcação da Reserva, por ordem da Funai, obrigando os topógrafos e índios bororos que executavam o serviço a acompanhá-los até a sede da Colônia. Lá insultaram e agrediram o Pe. Gonçalo Uchoa, usando de igual procedimento com o Pe. Rodolfo Lunkenbein, diretor da Colônia, que chegou ao local pouco depois. Os líderes do grupo, sobretudo João Marques (João Mineiro), José Antonio Guedes Miguez, Manoel Borges (Preto) e Alaor Borges – não conseguindo obter dos missionários qualquer reação às suas provocações, agrediram o Pe. Rodolfo e os bororos que foram defendê-lo, matando o Padre e o bororo Simão Cristino, e ferindo outros quatro bororos. No tiroteio morreu o rapaz Aloísio Bispo [...] Esses incidentes e todo o clima que se instalou na região nos dias subseqüentes fazem-nos lembrar que não são apenas os Bororos de Meruri que lutam pela garantia de suas terras [...] torna-se imperativo neste momento repetir o que é, a toda hora denunciado de muitas formas: a insegurança das populações indígenas do Brasil, pela invasão de suas terras. Do sul ao norte este problema se repete a cada vez com maior gravidade [...] Apesar de o índio ser o "dono milenar da terra", no Brasil as áreas indígenas não estão, em sua grande maioria, sequer demarcadas.
> No caso concreto de Meruri, nem todos os participantes ao ataque eram grandes fazendeiros. Alguns eram pequenos posseiros que foram para lá iludidos e inflamados por alguns cabeças, grandes fazendeiros da área [...] armados e apoiados pela política e pelo comércio de Barra do Garças e Cuiabá. Uma das causas imediatas do conflito de Meruri, foi, seguramente, o início da demarcação da reserva, sem uma prévia solução do problema dos ocupantes, mediante reassentamento dos pequenos posseiros em outras áreas e a desapropriação por interesses social de alguns invasores que já possuíam outras terras fora dali [...] Diante dessa ocorrência, o Cimi defende o direito do índios a uma extensão de terra compatível com as necessidades impostas por sua cultura, reafirmamos a importância de se respeitar e defender essa mesma cultura das pressões para uma integração rápida dos indígenas à sociedade nacional.

> Afirmamos a necessidade de "os missionários optarem por uma encarnação realista e comprometida com a vida dos povos indígenas, convivendo com eles e valorizando sua cultura e assumindo sua causa com todas as conseqüências" [...] Acreditamos que o Pe. Rodofo Lunkenbein tenha selado, com o testemunho de sua morte, a aceitação desse princípio... Apelamos à consciência de todos os brasileiros para nos unirmos na luta por transformações estruturais que nos conduzam a uma sociedade mais justa e humana, onde não tenham lugar acontecimentos com os de Meruri [...] Goiânia, 25 de julho de 1976.[6]

Nessas duas declarações emergem as posições da Igreja enquanto tal que defende a justiça para com todos os grupos sem distinção de raça ou civilização. A proposta da Igreja em apoiar a todos indistintamente adquire a revelação de sua face em manter e sustentar, perante o governo, uma atitude pautada pela justiça tanto para com os índios como para o devido ressarcimento das perdas dos proprietários das terras que foram incorporadas às reservas indígenas, tanto um grupo como o outro são merecedores de atitudes justas e devidamente estudadas e planejadas. Os salesianos sentem a morte do Pe. Rodolfo, mas estarão firmes na defesa dos índios em suas atividades missionárias; por outro lado, proclamam a justiça que deverá ser bem realizada para com os proprietários que perderam suas posses e seus bens, como está no documento oficial da Inspetoria Salesiana de Mato Grosso, editado pelo Revmo. Pe. Walter Bini.

10.7 A vida em Meruri depois da morte do Pe. Rodolfo Lunkenbein

Depois de tantos acontecimentos especiais ou fora das perspectivas das atividades normais em Meruri, foram dados passos para que tudo se encaminhasse de modo simples, e a vida dos índios, a dos missionários retornassem para a normalidade de sempre. Por parte do centro inspetorial, a primeira providência assumida pelo Pe. Walter Bini foi nomear um novo diretor para a comunidade, uma vez que o Pe. Paulo Mohr era o diretor da missão de Sangradouro e deveria retornar para sua casa.

Foi nomeado o novo diretor no final de agosto; tratava-se do então diretor do Colégio S. Gonçalo de Cuiabá, Pe. José Marinoni. No final de agosto, acompanhado pelo Pe. Inspetor e por alguns conselheiros, chegaram a Meruri onde foram recebidos festivamente pela banda dos bororos. No dia seguinte, na celebração da Santa Missa, o Pe. Inspetor deu posse ao novo diretor e apresentou-o à comunidade das Filhas de Maria Auxiliadora e aos bororos; em seguida agradeceu a presença do Pe. Paulo Mohr nesses dias difíceis; Pe. Bini reafirmou o empenho da Inspetoria, Missão Salesiana de

[6] Declaração do Cimi, Goiânia, 25 jul. 1976.

Mato Grosso, em estar presente e promover a vida em Meruri como sempre havia acontecido desde os primórdios. Depois da celebração da Santa Missa, iniciaram os novos tempos com um churrasco para alegrar a todos. Antes de partir, o Pe. Inspetor reuniu-se com o diretor e os dirigentes indígenas para apresentar um projeto de ocupação da reserva e de evitar futuros confrontos com os civilizados[7].

Ainda nesse semestre, foram tomadas mais três iniciativas pela inspetoria em benefício dos índios; a pastoral de atendimento a outras aldeias fora das Colônias da Missão ou de itinerância; a unificação da grafia xavante para que, com a aprovação da Funai, o ensino nas escolas das aldeias fosse de acordo com a língua xavante. A terceira postura da missão consistiu em enviar a Utiariti, missão dos Jesuítas, os coadjutores do Projeto AMA para auxiliar os jesuítas na melhoria da infraestrutura da missão quanto à eletricidade e quanto à perfuração de poços para que houvesse água saudável para todos. Os salesianos que estiveram em Utiariti, principalmente resolveram o problema da usina que não mais funcionava. Retornaram satisfeitos pelo auxílio prestado aos jesuítas que atendem várias tribos indígenas da área, como os parecis, nambiquaras, hiranches.

Nos meses seguintes, o novo diretor, procurando manter a devida proximidade com os índios e com os civilizados, para evitar desentendimentos, de acordo com o Conselho Inspetorial, julgou necessário divulgar com um comunicado a posição dos salesianos presentes em Meruri e nas Missões. Nesse comunicado, havia afirmações esclarecedoras como:

> 2 – Estamos nesta região como missionários, isto é, como anunciadores do Evangelho a todos que moram aqui, sejam indígenas, sejam civilizados. Queremos ser elementos de união, de reconciliação e de paz entre todos [...]
> 3 – Após a demarcação da Reserva Indígena de Meruri, não somos mais donos de nem um palmo de terra nestes lugares, pois a propriedade das terras incluídas na Reserva é totalmente do Governo Federal, administrada pela Funai [...] Não vamos exigir nada pelas terras que perdemos [...]
> 4 – Não houve nem haverá de nossa parte nenhuma interferência política nas questões políticas deste Município... A nossa missão é religiosa e não política.[8]

Nas reuniões do Conselho Inspetorial dos meses seguintes foi ventilada a questão de uma nova postura na atuação dos missionários nas missões após o decreto das Reserva; o ideal seria que os próprios índios se assumissem como defensores dessa reserva e procurassem tornar-se autossuficien-

[7] Noticiário da Inspetoria Salesiana Santo Afonso, out. 1976, p. 18-19 .
[8] Noticiário da Inspetoria Salesiana Santo Afonso, 1977, p. 14-15.

tes em tudo. Sobre as questões pendentes, o conselho iria tomar as providências no correr do tempo. De forma especial, quanto às tentativas de assinar um convênio com a Funai para que muitas providências fossem tomadas por essa entidade, como a terrível questão dos atendimentos médicos, a enfermaria e o atendimento aos doentes. Por outro lado, estudavam já a questão de retirar o gado da Missão Salesiana do território da reserva.

Quanto ao trabalho de atendimento, de evangelização dos índios Bororos e Xavantes em aldeias e regiões onde os salesianos não estivessem presentes, na reunião do Conselho Inspetorial de 3 de dezembro de 1976, indicaram os padres, Uchoa, Pedro Sbardellotto, Bartolomeu Giaccaria e Clemente Deja, para que se organizassem, de acordo com as possibilidades de viagem, para o atendimento dos índios em outras regiões fora do território das Missões.

Notificou-se também que, em reunião regional do Cimi, com a divisão da coordenação entre o sul e o norte do Estado, foi escolhido para ser o coordenador do Cimi da região norte o salesiano Pe. Gonçalo Uchoa. Tal medida tinha por finalidade maior entrosamento quanto às posturas de evangelização indígena por parte dos missionários.

Outras medidas foram adotadas pelos missionários sob a orientação do Conselho Inspetorial; na reunião de junho de 1977, houve o consenso de que seria necessário tirar o gado da Missão Salesiana do território da reserva e o transferir para as terras da Missão em Sangradouro. Também nesse dia, foi já decidido que, para o ano de 1978, não mais haveria a possibilidade de abrir o internato para os filhos dos moradores das redondezas, tanto em Sangradouro como em Meruri. Toda a atenção da escola se voltaria para o atendimento somente dos filhos dos índios.

Nesse tempo, antes do primeiro aniversário da morte do Pe. Rodolfo, o conselho analisou e praticamente aprovou o projeto de se erguer na cidade da Barra um Colégio que concretizasse, de forma bem visível, a presença dos salesianos; seria uma forma de expor solidamente a decisão de os salesianos continuarem a trabalhar na região tanto para a educação e evangelização dos índios como para o trabalho apostólico e educativo para com a população da cidade e da região. Esse projeto foi aprovado nesse período, mas a execução dele somente se iniciaria um ano depois, devido às melhorias no projeto e à preparação dos recursos necessários para a edificação do futuro prédio para a escola.

Conforme o Noticiário Inspetorial de julho de 1977, em Meruri o aniversário da morte do Pe. Rodolfo e do bororo Simão foi festejado com duas posturas importantes. Com a presença de D. Bonifácio Piccinini, Administrador Apostólico de Cuiabá, que presidiu a Missa comemorativa, houve a ordenação diaconal do Clérigo Augusto Issao Kian; em seguida, houve a bênção da

lápide que sinaliza o local da morte do Pe. Rodolfo, no pátio da Missão. Depois dessa função, todos se dirigiram ao cemitério para bênção dos túmulos do Pe. Rodolfo e do índio Simão. Ao retornar para a Missão, durante o almoço ocorreram representações simbólicas promovidas pelos moços bororos. Também houve danças e rituais de ocasião conforme os costumes deles. Nessa celebração, estavam presentes os salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora das outras missões e vários representantes das autoridades do Estado. Também o Gal. Ismarth de Oliveira enviou um representante para a comemoração desse primeiro aniversário da chacina de Meruri. Na Alemanha, terra natal do Pe. Rodolfo, esse aniversário foi celebrado com a presença de muitos coroinhas e fiéis; também foi benta uma lápide que, colocada na parede da igreja, mostra quem foi o Pe. Rodolfo e como foi o seu fim trágico na defesa dos direitos dos índios bororos[9].

Depois de um ano, a questão do ataque e das mortes por parte dos proprietários das terras que seriam incluídas na Reserva, encontrava-se em trâmite legal para a promoção dos processos judiciais. Os principais líderes já estavam presos e o andamento dos depoimentos das testemunhas também prosseguia. Ainda não se tinha a previsão do início do julgamento. A única posição em curso era o depoimento das testemunhas e o prosseguimento das etapas determinadas pelo juiz de Barra do Garças. O advogado da Funai foi instituído como advogado de defesa para acompanhar todo o processo em andamento.

Convém assinalar que, no início de outubro desse ano em que o Pe. Rodolfo foi assassinado, ocorreu a morte do Pe. João Bosco Burnier, em Ribeirão Bonito, no município de Barra do Garças. Ele era jesuíta e trabalhava em Diamantino; nessa ocasião estava acompanhando o bispo D. Casaldáliga, que fora até esse povoado para verificar uma denúncia de torturas de umas mulheres. Foram recebidos com agressões pelos soldados e, em sua simplicidade, apresentou-se como sacerdote e foi agredido brutalmente por um soldado. Este, em seguida disparou um tiro que acertou sua cabeça. Foi levado para Goiânia, mas não resistiu e faleceu. Este sacerdote, missionário jesuíta tinha conhecido os salesianos em Meruri; tornara-se amigo do Pe. Rodolfo e agora seguia a mesma trajetória daquele que dera a vida pela dignidade dos índios, e este para defender os pobres humilhados.

[9] Noticiário da Inspetoria Salesiana Santo Afonso, set. 1977, p. 6-7.

Anexo I - A DESCOBERTA DOS GUATÓS

Em 1976, um grupo de jovens da "Equipe Missionária Diocesana de Corumbá", por ocasião do levantamento de famílias Kampas ou Kollas, provenientes da Bolívia, descobriu num subúrbio da cidade, a existência duma família da tribo dos Guatós, que antropólogos e etnólogos julgavam praticamente extinta. Josefina, chefe dessa família, declarou-se Guató e, com orgulho, explicou sua sobrevivência, revelando existirem outras famílias da mesma tribo, que, impossibilitadas de navegar, viviam espalhadas nos barrancos dos rios São Lourenço e Paraguai ou nos morros vizinhos, para fugir às ameaças de fazendeiros ou supostos policiais "jagunços".

Para detectar esta realidade, a Equipe Missionária de Corumbá promoveu uma viagem de exploração. O Comandante da Flotilha Naval de Ladário pôs à disposição da mesma o rebocador "Antônio João", sob as ordens do Tenente Sad de Oliveira. A viagem tinha por meta a lagoa Uberaba, na divisa com a Bolívia, que não pôde ser atingida, porque o navio encalhou na lagoa Gaiva, de onde não foi possível prosseguir, apesar dos esforços.

Pelo que foi dado observar, há certa prevenção em todos aqueles que foram encontrados, para se agruparem novamente em tribo, por medo de serem retirados do local. Os Guatós, antigos canoeiros do Pantanal Mato-grossense, têm idioma próprio, são matriarcais e moram em míseros casebres, camuflados com ramagens ribeirinhas, por isso dificilmente localizáveis. Não sabem ler nem escrever e vestem como os moradores da região. Vivem de caça e pesca, em situação precária, apresentando aspectos de sub-nutrição. Servem-se de raízes como medicamento. Alguns trabalham como "bóia-fria". Praticam artesanato, cujos objetos vendem aos aventureiros, bem como peixe seco, em troca de alimentos e objetos de uso. São sociáveis e relatam com tranqüilidade suas condições de vida e suas origens. A maioria são solteiros, quase sem miscigenação, com consequente auto-destruição tribal. Foram localizadas quatro famílias, com um total de 13 adultos e seis crianças.

Celso Alves Ribeiro afirma que o núcleo de Porto Índio é constituído de seis famílias patriarcais. Afirma também que a localização dos Guatós era a ilha da Bela Vista do Norte, onde teriam condições de sobrevivência.

Regressando da expedição foi redigido um relatório e enviado à Funai e todas as Autoridades interessadas na sobrevivência desta tribo, para a qual é necessário um atendimento sistemático, pacífico e tempestivo.

Formavam o grupo expedicionário: o sertanista Jamiro Arantes, da Funai, o psicólogo Amir Fernandes, o médico Dr. Macedo e o índio Ambrósio Kadiuweo, Celso Guató, este filho de Josefina, como guia, e o padre abaixo assinado.

Pe. Mário Gosso (Ex-diretor da Missão Salesiana entre os xavantes, em S. Marcos)

Na reunião missionária de Dourados, essa questão foi levantada pela Igreja e a seguinte pergunta foi direcionada ao presidente da Funai, Gal. Ismarth de Oliveira: "Quais são as formalidades exigidas pela Funai para a ação pastoral nas aldeias indígenas?" O Gal. Ismarth respondeu: "Nenhuma. Basta o bispo nos informar as pessoas credenciadas para essa ação pastoral. Isto é necessário para evitar a entrada de desconhecidos!"

Relatório enviado pelo Pe. Mário Gosso, pároco da Paróquia S. João Bosco de Corumbá, na Cidade D. Bosco de Corumbá[10].

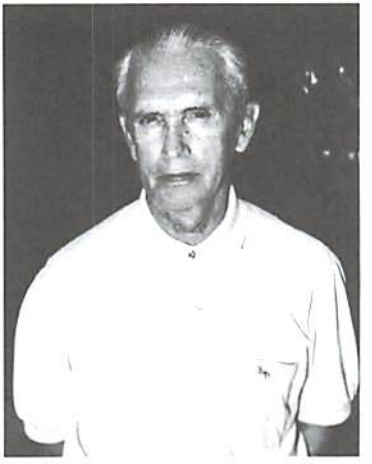


Pe. Rodolfo Lunkenbein, morto em 15 de julho de 1976.

[10] Noticiário da Inspetoria, nov. 1977, p. 32-33



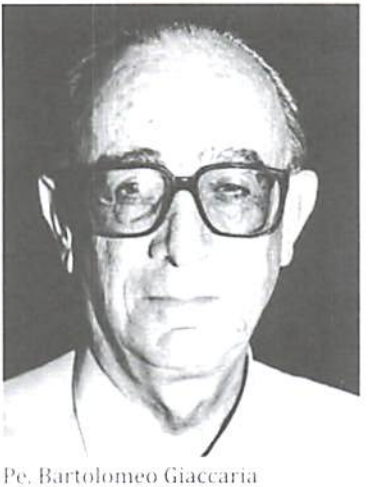
Pe. Osvaldo Scotti



Pe. Gonzalo Ochoa Camargo



Pe. Georg Lachnitt



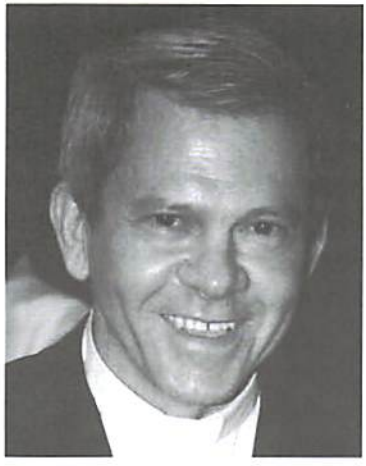
Pe. Bartolomeo Giaccaria



Me. Adalbert Heide



Pe. Mário Panziera



Pe. Gildásio Mendes dos Santos



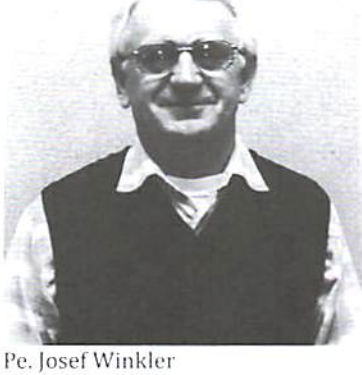
Pe. Umberto Pereita



Pe. João Bosco M. Maciel



Pe. José Marinoni



Pe. Josef Winkler



Pe. Guillermo Morales

Capítulo XI

Final do governo do Pe. Walter Bini – o novo Inspetor, Pe. José Winkler – 1978 – 1984

O período de governo de dois anos, de 1976 até o final de 1977, do Pe. Walter Bini foi caracterizado por alguns momentos difíceis e por outros momentos que lhe exigiram viagens mesmo para fora do país. Certamente seu governo foi assinalado pelas ocorrências do dia 15 de julho de 1976, em Meruri, onde perderam a vida o Pe. Rodolfo Lunkenbein, o índio Simão e o jovem Alípio. E, três meses depois, ocorreu a morte do Pe. João Bosco Burnier, jesuíta, que estava na região e posicionara-se em defesa das mulheres maltratadas. Essas mortes pediram novas posturas por parte de todos, dos missionários e dos poderes públicos.

As consequências dessas mortes, para os salesianos e para as Filhas de Maria Auxiliadora, trouxeram a necessidade de se estabelecer um contrato de parceria com a Funai, de se posicionar diante das exigências e orientações da CNBB mediante o Cimi e a promover algumas mudanças nas três colônias indígenas, de Meruri, Sangradouro e S. Marcos. Como perspectiva missionária também ficou estabelecido que os missionários atendessem os índios em outras aldeias; de fato foram nomeados alguns salesianos que ser tornariam encarregados de promover o trabalho missionário através da "itinerância" ou das viagens pelas aldeias dos índios.

Sob a liderança do Pe. Walter Bini, inspetor responsável pelas atividades e prosseguimento da vida salesiana nas diversas comunidades, iniciou-se um processo de estudo e de projeção diante do trabalho missionário. O conjunto dessas novas orientações foi coletado no "Diretório das Missões"; esse roteiro de normas e orientações para a presença e para a organização do trabalho dos missionários representou a atualização de todos diante da Congregação e do próprio Estado ou, em especial, diante do órgão do Estado responsável pelos índios, a Funai.

Em diversas viagens o Pe. Walter Bini foi em busca da concretização da assinatura de um Convênio com a Funai; em especial esse convênio viria normalizar um atendimento muito dispendioso e exigente aos índios no setor da saúde e atendimento nas doenças. Antes era tudo realizado pelas irmãs e pelos salesianos, mas, a partir do Convênio, pleiteava-se a presença de um atendimento no setor de saúde por parte do governo.

Depois de tantas tentativas e diversas correções, conforme a ata do Conselho Inspetorial de 13 de abril de 1977, o Pe. Walter confirmava que

a assinatura do Convênio com a Funai para Meruri dependeria de sua ida à Brasília a convite do Gal. Ismarth de Oliveira. O convite também se estendia para o recebimento de uma Medalha de Mérito Indigenista que fora concedida ao Pe. Rodolfo e ao índio Simão. Pe. Bini convidou os salesianos, Pe. Paulo Mohr, diretor de Sangradouro e Pe. José Marinoni, diretor de Meruri, para acompanhá-lo tanto para a assinatura do Convênio como para a recepção da Medalha do Mérito conferida pelo Funai ao Pe. Rodolfo.

No mês de maio de 1977, foi notificado ao Conselho Inspetorial uma convocação, por parte do Reitor-Mor, para que o Pe. Walter Bini fosse para Roma como integrante da comissão pré-capitular para organizar e planejar conteúdos e processos para a realização do próximo capítulo geral da Congregação. Tudo foi confirmado; Pe. Bini estaria fora da Inspetoria nos meses de junho e julho[1].

11.1 As atividades na Inspetoria nesse final de ano de 1977 e início de 1978 com a presença ativa do vice-inspetor, Pe. José Corazza

Por ordem da lógica constitucional, Pe. Corazza assumiu a coordenação da Inspetoria e, na reunião de junho de 1977, de acordo com o conselho, encaminhou o projeto da edificação de um prédio na cidade de Barra do Garças para o estabelecimento de uma escola salesiana nessa cidade. A decisão sobre essa questão ficou para a reunião de setembro, que aconteceria com a presença do Pe. Walter Bini e do diretor da casa, Pe. Firmo Pinto Duarte. Foram apresentadas as perspectivas para se instalar lá uma escola de segundo grau que marcasse bem a presença salesiana nessa cidade. A execução desse plano ficou a cargo do Pe. Zerbini, que iria estudar as possibilidades quanto ao prédio e à escola. Marcou-se o ano de 1979 para iniciar as atividades escolares.

As reuniões do conselho inspetorial depois de setembro foram presididas pelo vice-inspetor Pe. José Corazza, pois o Pe. Inspetor já havia se dirigido para Roma para o Capítulo Geral. Nesse período, o Pe. Jacuzzi foi designado para ir para o Seminário do Cristo Rei a pedido do bispo de Cuiabá. Na reunião do conselho de 18 de setembro, com a presença ainda do Pe. Walter Bini, houve a decisão de nomear o Pe. João Bosco M. Maciel como "Animador da Catequese na Inspetoria" e encarregado do Centro de Catequese na casa inspetorial. Também foi nessa reunião que o Pe. João Falco foi nomeado o encarregado do Museu D. Bosco; este deveria comandar a mudança do Museu do Colégio D. Bosco para o prédio do Pia Lami, vizinho da casa Inspetorial.

Também o conselho teve que apresentar alguma sugestão quanto à divisão da Prelazia de Guiratinga. Os salesianos foram concordes em apoiar a

[1] Atas do Conselho Inspetorial – 1973 a 1981. maio 1977, p. 33.

divisão do território da Prelazia, sugerindo que a sede da Prelazia deveria ser trasladada para a cidade de Barra do Garças; de uma forma ou de outra, deveria deixar a cidade de Guiratinga por sua pouco significância diante do futuro.

Até o final do ano, Pe. Corazza direcionou todas as atividades e possíveis mudanças dos salesianos nas casas. Porém, no dia 27 de dezembro de 1977, chegou a notícia de que o Pe. Walter Bini havia sido eleito no Capítulo Geral para Regional dos países da América do Sul da região do Atlântico. Pe. Corazza procurou assumir as atividades da inspetoria até novas notícias por parte do Conselho Superior.

No início do ano de 1978, sob a coordenação do Pe. Zerbini, iniciou-se a construção do prédio da futura escola da Barra do Garças. Também em Araçatuba, a nova capela foi inaugurada no mês de outubro, com cerimônia simples, pois o término da construção ocorreu com uns dois ou três meses de atraso.

No final do mês de fevereiro de 1978, com o retorno do Pe. Walter Bini, iniciou-se o roteiro de sua última visita às casas. Ao mesmo tempo, já iniciava o novo processo para a escolha de seu sucessor. A partir desse capítulo geral, a escolha para inspetor deveria ocorrer mediante consulta aos irmãos de todas as comunidades. O encarregado desse trabalho era o regional e, no caso, agora, o Pe. Walter Bini. Pe. Corazza foi confirmado pelo Pe. Walter Bini como o responsável pelo andamento da inspetoria.

Nesse tempo, no dia 16 de março de 1978, Pe. Ângelo Venturelli e Pe. Félix foram nomeados como membros participantes do Conselho Nacional da Funai. Pe. Ângelo como membro titular e Pe. Félix como suplente.

No dia 4 de abril de 1978, finalmente chegou a notícia esperada por todos na Inspetoria; chegou a carta de nomeação do novo Inspetor, Pe. José Winkler. Porém sua posse no comando da Inspetoria somente ocorreu no dia 23 de junho de 1978. Até essa data, a Inspetoria esteve sob o comando do vice-inspetor, Pe. José Corazza. Depois este viajou para a Itália para visitar os parentes.

Somente em 24 de junho de 1978, foi possível realizar a primeira reunião do Conselho Inspetorial com o novo inspetor, que tomara posse no dia anterior, dia 23 de junho de 1978. Nessa reunião, houve a confirmação da planta do prédio da Escola em Barra do Garças e uma análise detalhada sobre o convênio com o Estado para a Escola do Paulo VI.

Na reunião de 22 de julho desse ano de 1978, além de aprovar as reformas para o Colégio D. Bosco de Campo Grande e para o S. Gonçalo de Cuiabá, decidiu-se que a Paróquia da cidade de Maracaju deveria ser devolvida à diocese, e os salesianos deixariam a cidade. Durante a reunião do conselho de 26 de setembro de 1978, Pe. Zerbini, ecônomo inspetorial, comunicou

que tinha sido assinado um contrato com o novo governo do Estado de Mato Grosso do Sul para o aluguel do andar térreo do Prédio Pia Lami para o funcionamento provisório da Assembleia estadual dos deputados[2].

Na reunião de agosto, 14/08/1978, realizada em Coxipó devido à participação dos conselheiros na festa de 60 anos de sacerdócio do Pe. Czapla, realizada no dia anterior, houve uma decisão importante: Pe. João Bosco, a partir de setembro iria lecionar para os estudantes de teologia no Pio XI-Lapa, SP. Assim, o Centro Catequético ficaria sem seu encarregado e seria necessário pensar nesse assunto para o futuro.

11.2 O início do governo da Inspetoria do Pe. José Winkler

Praticamente o Pe. Winkler iniciou o seu período de governo na metade do ano de 1978; depois da nomeação teve que reorganizar a sua casa, o Colégio D. Lasagna de Araçatuba, onde as atividades dos salesianos eram distribuídas no cuidado com o Pré-Aspirantado, com os três turnos de aula do colégio, com o atendimento especial do curso universitário e com o auxílio à Paróquia São João e outras capelas. Uma comunidade de trabalho simples, mas muito exigente, pois além de tudo eram todos professores, quer no colégio, quer na faculdade.

Por outro lado, Pe. José Winkler representava uma leva de missionários alemães que vieram para a Inspetoria de Mato Grosso no tempo do Pe. João Greiner. Passou por todas as etapas de formação na inspetoria e estudou teologia no Instituto Pio XI-SP. Conhecedor do espírito missionário que anima a toda a Inspetoria, ele não teve que enfrentar estudar as casas e a identidade especial que animava as diversas comunidades. Sabia perfeitamente que era uma inspetoria missionária, mas atendia as escolas, cursos universitários e muitas paróquias. Entendia que era necessário um trabalho contínuo em prol das vocações, pois a sua última comunidade possuía um pré-aspirantado. Estando sempre presente aqui, conhecia muito bem os salesianos e as peculiaridades das diversas regiões atendidas pelos salesianos.

No dia 17 de janeiro de 1979, foi entrevistado no programa da TV de Campo Grande, "Momentos de Paz"; o texto por ele utilizado foi publicado pelo Noticiário de janeiro desse ano. Em suas afirmações sobressaem um profundo conhecimento da realidade da Inspetoria e do espírito de D. Bosco que a anima em suas comunidades. Eis algumas de suas afirmações dessa entrevista:

> Para atingir sua finalidade a Missão Salesiana poderá desenvolver qualquer obra de educação, ensino, assistência social e promoção hu-

[2] Atas do Conselho Inspetorial – 1973 a 1981. set. 1978, p. 48b.

mana, destacando-se as escolas de 1º e 2º graus e do ensino superior (faculdades) e núcleos indígenas para a assistência aos silvícolas e a assistência social e religiosa nas paróquias, centros juvenis, seminários e outras obras que atendam tal finalidade [...]
Atualmente a Missão Salesiana conta com 177 membros, sendo 120 sacerdotes, 30 irmãos leigos e 27 estudantes em fase de formação [...]
A nossa presença se estende pelo Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Oeste de S. Paulo [...] Os nossos destinatários principais são os jovens. É para eles que a Missão Salesiana existe e é para eles que os Salesianos direta ou indiretamente dedicam todo o seu trabalho. Em 1978, ano passado, mais de 20 mil jovens se matricularam em nossas escolas, sem contar o grande número de jovens que freqüentam os nossos movimentos juvenis de fins de semana. Ao responder a pergunta sobre suas grandes preocupações, ele respondeu:
1 - Manter vivo em nossas escolas o Projeto Educativo que D. Bosco deixou como preciosa herança e que se apóia na Religião, na Razão e na Bondade.
2 - Cuidar da formação aprimorada dos Salesianos para um atendimento cada vez melhor e à altura das exigências da juventude de hoje e das pessoas que de uma forma ou de outra são atingidas pela ação dos Salesianos.
3 - No setor missionário, propriamente dito, estamos presentes entre os índios, acompanhando seu desenvolvimento cultural dentro das orientações da Igreja e dos órgãos competentes do Governo Brasileiro, como a Funai, por exemplo, e um dos grandes objetivos nossos é que os índios, através do próprio trabalho cheguem a uma autossuficiência dentro de suas reservas, onde muitos dos nossos missionários já derramaram o próprio sangue em favor dos mesmos índios.
Como mensagem final deixou a frase de D. Bosco: 'Basta que você seja jovem para que eu seja seu amigo'!"[3]

De fato a entrevista confirma sua raiz de formação bem centrada na realidade inspetorial e seu conhecimento da Inspetoria ou Missão Salesiana, brota de sua vivência aqui, nessa região. Não fala de grandes projetos ou de grandes horizontes de forma intelectualizada, ou mesmo, não afirma outra coisa que todo o seu amor a D. Bosco, ao trabalho exercido pelas comunidades em prol dos jovens, do povo, dos índios e dos povoados do interior desses Estados.

Pe. José Winkler mostrou-se disposto a prosseguir no trabalho já em andamento e possivelmente tentando animar as comunidades com sua presença portadora de um estímulo de amor a D. Bosco.

[3] Noticiário da Missão Salesiana de Mato Grosso, jan. 1979, p. 14-16.

11.3 Atividades, iniciativas e decisões, na vida da inspetoria, nos seis anos de governo do Pe. José Winkler

A animação da Inspetoria durante o tempo de governo do Pe. José Winkler adquiriu a marca da normalidade das funções e dos meios. Assim suas visitas e as iniciativas das casas foram sempre chanceladas pelas reuniões do conselho inspetorial. Outra dimensão que se fortaleceu e adquiriu o significado de alto poder de comunicação e de participação de todos no governo da Inspetoria foi a persistência do Noticiário Inspetorial, que se tornou o "Boletim Informativo" da Missão Salesiana. Normalmente esse Boletim mantinha todos os salesianos a par das diversas atividades programadas pelo Centro Inspetorial. Pelo Boletim, todos tinham acesso à programação anual da Inspetoria, confirmavam-se as datas dos retiros e demais notícias que alimentavam o espírito de união entre todas as comunidades.

Precisamente, no dia 1 de janeiro de 1979, concretizou-se a divisão do Estado de Mato Grosso em dois Estados: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Houve festas para a instalação desse novo Estado. Em relação aos salesianos, ocorreu o aluguel de parte do prédio do Pia Lami para que pudesse iniciar a funcionar a Assembleia Legislativa do novo Estado. Segundo a Crônica da casa inspetorial, foi no dia da posse do novo Pe. Inspetor, Pe. José Winkler, 22 de julho de 1978, às dez horas da manhã que ocorrera também a inauguração desse prédio, para cuja cerimônia compareceram vários bispos, diretores salesianos e autoridades da cidade; depois da leitura da ata de inauguração do prédio, na Igreja S. José, houve uma concelebração com grande participação e posteriormente um grande almoço nas dependências da casa do Paulo VI. Nesse prédio, justamente que seis meses depois passaria a funcionar a Assembleia Legislativa do novo Estado de Mato Grosso do Sul[4].

Nesse tempo, passou a exercer um papel especial de animação o "Centro Catequético" adido ao centro da inspetoria. Na reunião de 13 de agosto de 1979, o Pe. Inspetor comunicou aos conselheiros que o prédio do "Centro de Catequese" já estava pronto, e o Pe. João Bosco, o encarregado e animador desse Centro, expôs ao conselho um regulamento para o uso desse ambiente e do material que estaria disponível para a animação pastoral catequética[5].

Em Barra do Garças, concretizou-se o plano do Pe. Inspetor anterior sobre a presença salesiana naquela cidade. No dia 14 de setembro de 1979, ocorreu a inauguração festiva do prédio da Escola de primeiro e segundo grau Dom Bosco; conforme a crônica do Pe. José Corazza,

[4] Crônica da Sede Inspetorial, 1980-1982. p. 142b-143.
[5] Atas do Conselho Inspetorial – 1973 a 1981. ago. 1979, p. 58.

> Sendo véspera da festa da cidade, estiveram presentes com o Governador do Estado, Dr. Frederico Campos, deputados estaduais e federais e vários secretários. A função foi presidida pelo Sr. D. Camilo Faresin, Bispo Prelado e pelo Pe. Inspetor, que após a missa saudou os presentes, dizendo que a Missão, respondendo presente à expectativa do povo, unia esforços para a grandeza da cidade. Fizeram-se ouvir outros oradores e encerrou a solenidade uma noite folclórica. A imprensa não deu relevo ao acontecimento, antes, na oportunidade a "Gazeta" publicou um artigo com referências a João Mineiro e atacando os salesianos. A Revista "O Contato" (ano I, nº 6, p. 55ss), ao acompanhar a visita do Governador à Barra, fala da "Profecia Salesiana": visão de D. Bosco em 1883.[6]

Antes, a cidade de Barra constituíra-se em um palco de uma deplorável sentença a respeito da morte do Pe. Rodolfo e do índio Simão. A conclusão lamentável foi apresentada numa página do Boletim da Inspetoria:

> Após quase três anos dos acontecimentos que culminaram com a morte do Pe. Rodolfo Lunkenbein, do bororo Simão e do menor Aluísio Bispo e vários feridos, realizou-se em Barra do Garças, nos dias 26 a 28 de março, o "Grande Julgamento" como foi classificado pelo "Correio da Fronteira", da mesma cidade. Acompanharam o desenrolar-se do julgamento, Pe. Inspetor, Pe. Firmo Duarte, Pe. José Marinoni e o Pe. Paulo Mohr. Depois de 21 horas de julgamento, a defesa viu aceitas "suas teses de negativa de autoria e de legítima defesa do patrimônio" e o "principal responsável pela 'Chacina de Meruri', o fazendeiro João Mineiro acabou facilmente absolvido. E outro resultado não se poderia esperar, já que seu julgamento aconteceu em Barra do Garças, onde ele impera... É mais uma injustiça que passa para a história. (Diário da Serra, 31/03/1979).[7]

Apesar de ter que suportar e realizar uma integração com as ocorrências trágicas de Meruri, a inspetoria conseguira organizar um plano de animação com reuniões para os diversos agentes ou salesianos: professores das escolas, párocos, missionários, encontros vocacionais, pastoral juvenil, reunião dos diretores salesianos, dos coadjutores; além disso promoveu sempre a participação em cursos de formação permanente para os salesianos quer em cursos promovidos pelos salesianos no Brasil ou no exterior, ou em alguns cursos específicos promovidos pela CRB no Brasil. Durante esse tempo de governo do Pe. José Winkler, houve várias comemorações de datas importantes bem como várias iniciativas de melhorias e construções de ambientes necessários para acompanhar o desenvolvimento das atividades nas casas e, na própria inspetoria das escolas, foram tratadas algumas questões sobre as

[6] Crônica da Sede Inspetorial, 1980-1982. p. 154b.
[7] Noticiário da Missão Salesiana de Mato Grosso, jun. 1979, p. 30.

escolas conveniadas com o Estado. Pe. Winkler, em encontro com o Secretário de Educação, asseverou que perduraria a cláusula em que se assegurava à Missão Salesiana o direito de indicar os diretores das escolas conveniadas: Paulo VI, Dourados, Santa Teresa e Cidade D. Bosco[8].

Quanto às escolas, também ocorreram anualmente encontros de Professores. Nos dias 27 e 28 de maio de 1979, na Chácara S. Vicente, 45 professores de sete colégios da Inspetoria participaram de um encontro em que foram ministradas palestras sobre o Projeto Educativo Salesiano, a condição juvenil, o panorama histórico da Missão Salesiana de Mato Grosso, a comunidade educativa e o Sistema Preventivo de D. Bosco. Foi, segundo a crônica, um encontro empolgante que animou a todos os presentes quanto ao sistema educativo de D. Bosco[9].

No ano seguinte, em 1980, nos dias 2 e 3 de maio, também foi realizado o III encontro de professores das escolas da Inspetoria. Dando sequência e ênfase quanto à educação salesiana, acentuou-se a forte presença a ser adquirida nas escolas pela "Comunidade Educativa"; foi um encontro cheio de alegria e de entusiasmo pela educação salesiana[10].

Por outro lado, as atividades pedagógicas desenvolvidas nesses encontros com os professores estavam todas muito bem delineadas nas seis linhas de ação demarcadas no Projeto Educativo-Pastoral Salesiano para a Inspetoria, e que fora desenvolvido nestes seis itens como referência e fundamentação das atividades pastorais e pedagógicas das comunidades da inspetoria. Assim foram marcados:

1º - Empenhar-se num conhecimento sempre mais profundo da situação juvenil, à luz do Evangelho como condição prévia de toda a nossa ação (ACGXXI, 30);

2º - Promover, em nível de comunidade local e inspetorial, a elaboração do Projeto Educativo-Pastoral Salesiano (ACGXXI, 105);

3º - Formar, em cada uma de nossas presenças, a comunidade educativa integrada por salesianos, colaboradores leigos, jovens e pais (ACGXXI, 132);

4º - Valorizar grupos e movimentos juvenis como comunidades, amadurecimento cristão e compromisso apostólico;

5º - Tornar presente, de um modo explícito, a dimensão vocacional em toda a pastoral juvenil e desenvolver uma ação vocacional específica como coroamento de nossa tarefa educativo-pastoral;

6º - Renovar a nossa pastoral litúrgica tendo em vista o crescimento e amadurecimento da fé nos jovens.[11]

---

[8] Boletim Informativo MSMT, dez. 1980, p. 7-8.
[9] Boletim Informativo MSMT, jun. 1979, p. 11-12.
[10] Boletim Informativo MSMT, jun. 1980, p. 19.
[11] Boletim Informativo MSMT, maio 1979, p. 21-28.

Dessa forma, organizava-se a animação inspetorial em todos os setores; essa postura e os encontros com os professores culminaram com a programação da realização de um Congresso Nacional sobre o Sistema Preventivo. No início do ano anterior, 1981, Pe. Tarcísio Scaramussa viera de Belo Horizonte para falar ao professores do Colégio D. Bosco sobre o seu livro: "O Sistema Preventivo de Educação: um estilo de educação". Foi o primeiro passo para o congresso nacional sobre o Sistema Preventivo. Cada inspetoria escolheu o seu tema e a preparação desse tema a ser desenvolvido no Congresso; a inspetoria de Mato Grosso escolheu o tema: "O Leigo no Sistema Preventivo de D. Bosco"; o local escolhido para o congresso foi Campo Grande.

Em setembro ocorreu a reunião dos educadores de todas as casas e das Filhas de Maria Auxiliadora, 23-25 de setembro; eram mais de cem. Com esse verdadeiro congresso regional, iniciou-se a celebração dos cem anos da chegada dos salesianos ao Brasil. Assim os salesianos iniciariam a comemorar esses cem anos com o desenvolvimento de uma temática muito expressiva quanto à salesianidade. Em outubro, nos dias 9-12, os 60 participantes da Inspetoria se uniram aos mais de oitocentos participantes de todo o Brasil. O tema reservado à Inspetoria foi apresentado, e o clima do Congresso entusiasmou a todos como D. Bosco acostumava entusiasmar e animar os jovens de seu tempo pela vida nas casas salesianas. Aqui tudo se direcionou de acordo com a pedagogia e o espírito salesiano. Uma comemoração digna dos cem anos da chegada dos salesianos no Brasil.

Em setembro de 1983, o Boletim Informativo apresentou um resumo de todas as atividades da catequese no Colégio D. Bosco, onde um bom número de alunos, mais de duzentos receberam o sacramento da crisma; o festival de música sacra também fora muito animado; assim registrou-se uma animação grandiosa no Colégio naquele semestre. Em Cuiabá, os cem anos da chegada dos salesianos foram comemorados com os escritos do Dr. Luis Philipe Pereira Leite; em artigo de jornal lembrou a presença de tantos coadjutores nos pátios do S. Gonçalo e publicou a grande homenagem ao Coadjutor Francisco Arese, retratando-lhe a sua presença e ação educativa no livreto "Louvor à Bondade".

Algumas estatísticas das escolas mostram o vigor da atuação dos salesianos nesse tempo e da grandeza do trabalho realizado pelos salesianos e leigos colaboradores. No ano de 1980, em dez escolas ou colégios da Inspetoria, cinco eram conveniadas e cinco totalmente particulares, o número de alunos no ensino de 1º grau foi de 12.956, de 2º grau 9.461 e de 3º grau 5.089 alunos das faculdades de Lins, Araçatuba e Campo Grande. O total de alunos atingiu 27.506.

Em 1981, o número de alunos nas escolas da inspetoria atingiu no 1º grau, 13.296, no 2º grau 8.991 alunos, e no 3º grau 5.654 em todas as fa-

culdades. Nesse ano de 1981, o número total de alunos atingiu 27.941. Praticamente repetiu-se o montante de alunos do ano anterior, 1980. No ano seguinte, 1982, para se ter um confronto com os dois anos citados, no 1º grau estavam matriculados 13.437 alunos, no 2º grau 8.079 e nas faculdades 5.401 alunos. Então, em 1982, o total de alunos em todas as escolas chegou a 26.917. Desse confronto de números de alunos projeta-se a quase manutenção do número total de alunos entre 26.000 e 27.000. Ao redor dessa estatística, imagina-se o grande montante de professores, de funcionários e de salesianos que movimentam constantemente as casas.[12]

No Boletim Informativo da Inspetoria de 1982, Pe. Frederico Himler publicou uma análise dos convênios sobre as escolas do governo que eram dirigidas pelos salesianos. Como o montante de escolas conveniadas, ou mesmo completamente estaduais, que funcionavam em prédios da Missão era muito alto, ele chamou atenção em relação à grande problemática que essa estrutura iria ocasionar para a Missão, diante das exigentes posturas de cada governo. Uma das questões que ele ponderou com esmero foi sobre o futuro das escolas conveniadas onde anteriormente funcionavam colégios particulares da inspetoria. Essa reflexão serviu de orientação para os salesianos se posicionarem quanto ao futuro próximo dessas escolas[13].

11.4 A animação da vida inspetorial através de algumas iniciativas pastorais, pedagógicas e organizacionais

Nesse período, a vida salesiana na inspetoria esteve bastante animada com atuação de grupos liderados por salesianos; conseguiram movimentar os jovens de forma exemplar. Uma das iniciativas que ocorria em Campo Grande na ocasião da festa litúrgica do "Corpo de Deus", foram as apresentação coreográficas dos jovens no campo de futebol "Morenão"; no dia 5 de julho de 1980, a Torcida de Deus foi organizada pelo Pe. Luigi Fávero. O jornal da cidade constatou o acontecimento como

> [...] a maior demonstração de fé do povo campo-grandense nos últimos tempos [...] Aproximadamente 40 mil pessoas participaram da festa religiosa que teve animação das Bandas do Dom Bosco, Joaquim Murtinho e Polícia Militar. O ponto alto da realização foi a imposição do pálio do Vaticano no arcebispo D. Antônio Barbosa [...] o pálio significa a dignidade de arcebispo metropolitano. Houve o agradecimento pela cobertura da imprensa que muito contribuiu para os resultados positivos do evento.[14]

[12] Boletim Informativo MSMT, dez. 1982, p. 59-60.
[13] Boletim Informativo MSMT, dez. 1982, p. 26-28.
[14] Boletim Informativo MSMT, jun. 1980, p. 36.

No ano de 1982, o Boletim da Inspetoria trouxe uma notícia ampla da Torcida de Deus daquela festa. De forma simples, os salesianos prosseguiam em seu trabalho de animação:

> No dia 10 de junho de 1982, mais uma vez, na Festa do Corpo de Deus, todas as paróquias de Campo Grande se reuniram no Morenão para celebrar a Eucaristia [...] Desde 1978 que a Torcida de Deus acontece em Campo Grande. Neste ano, houve a remodelação das coreografias que são realizadas durante a celebração religiosa. Os grupos de jovens de todas as paróquias tomaram para si a responsabilidade de preparar as coreografias e as demais iniciativas próprias da Torcida de Deus [...] Em uma reunião de revisão, ficou decidido que uma comissão de leigos já deverá começar a preparação da VI Torcida de Deus em 1983, que encerrará as comemorações do Jubileu da Arquidiocese.[15]

Assim essa atividade que tivera início com os alunos do Colégio D. Bosco, depois de quatro anos sob a responsabilidade dos salesianos, passou para a administração e programação da diocese. Na época, foi um movimento capaz de envolver muitos alunos e jovens para festejar a Eucaristia no dia de "Corpus Christi"; porém aos poucos a diocese passou a assumir o movimento que durou pouco tempo.

A atividade de animação pastoral na inspetoria nesse tempo sempre adquiriu consistência pelas iniciativas das casas ou dos setores de atividades educativas e pastorais. Como motivação para o grande entusiasmo dos salesianos, no BI de janeiro de 1984, foi publicado um texto muito condizente com animação pastoral:

> "Não Basta Amar" – O amor não é só sentimento, ou um amontoado de recomendações ou declaração de boas intenções. O amor é libertador: se esforça para favorecer o educador. Valoriza o educando que cresce, procura realisticamente o bem verdadeiro possível para ele, apresenta propostas e testemunha ideais, sociabilidade e coerência. É o "assistir" no sentido de D. Bosco, o encorajar a se aceitar, a progredir e acreditar. Sem ilusões, mas com esperança. "Não basta amar": é preciso amar de verdade com todas as implicações que brotam desse fato. É preciso reconhecer as próprias limitações, questionar-se, atualizar-se. Criar de novo um ambiente educativo sereno e estimulante, para o qual devem convergir funções e atividades complementares. E tudo isso contribui para humanizar a vida e os relacionamentos, apenas o início de um processo que deve estar integrado com aquilo que dá sentido a tudo. Deus tem seu projeto para cada pessoa. Entendê-lo e harmonizar a ele o próprio projeto de vida é uma tarefa indispensável para que a pessoa se sinta realizada. Para educar como D. Bosco, para entender bem o seu "Não basta amar", é preciso possuir sua espiritualidade: sentir a pre-

[15] Boletim Informativo MSMT, jun. 1982, p. 12.

> sença de Deus na própria vida, a ação da Providência, a Esperança para também nas provações. Encarnar a oração no sacrifício e na doação de cada dia, ouvir o grito de Deus [...] sentir-se pobre quando não se pode oferecer aos irmãos uma riqueza interior [...] O amor autêntico não é somente um caminho de crescimento oferecido ou recebido, mas uma espiritualidade de D. Bosco. (Pe. Carlos Borghetti).[16]

De acordo com esses pensamentos fundamentais de um filho de S. João Bosco, os salesianos na inspetoria tentaram sempre se organizar em diversos setores para poder, na convivência intensificar o espírito de S. João Bosco, como horizonte e inspiração para as próprias vidas e as dos jovens. Várias atividades pastorais permitiram esse exercício aos salesianos nesse tempo. Além disso, no Encontro interinspetorial de Pastoral da Juventude, os salesianos chegaram à conclusão das necessidades de cada coordenação local e inspetorial para a animação das diversas atividades pastorais das respectivas áreas. Falou-se também da necessidade de uma forte atualização do Sistema Preventivo como presença animadora dos jovens. Que a presença dos salesianos seja um amparo para o engajamento dos jovens nos diversos grupos de atividades nas comunidades educativas[17].

Seguindo esse roteiro de trabalho, Pe. Luigi Fávero noticiou no BI de abril de 1980 suas iniciativas quanto à pastoral universitária. Estabeleceu dois princípios:

> 1 – Fazer da Universidade um ambiente humano e cristão; 2 – Desenvolver na Universidade a consciência crítica, à luz da fé cristã, criando condições de seu engajamento no mundo de hoje, para transformá-lo segundo os valores evangélicos. Assim surgiu o grupo JUPS (Juventude Universitária para Semear) que se reúne aos sábados com seus 50 membros. Em março fizemos um dia de formação em preparação à Páscoa; estiveram presentes mais de setenta universitários. Realizamos duas missas universitárias toda semana [...] Estamos preparando o encontro nacional de Pastoral Universitária de todas as Faculdades Salesianas do Brasil, no dia 30 e 31 de abril. Será uma grande oportunidade para troca de experiências [...] Os universitários estão sedentos de alegria, de valores autênticos e evangélicos, com uma vontade enorme de construir um mundo mais humano e cristão, conclui o Pe. Luigi.[18]

De fato o que fora anunciado naquele início de abril de 1980, ocorreu nos dias 6 e 7 de junho: o encontro de Pastoral Universitária das Faculdades Salesianas do Brasil. Mais de quarenta participantes das faculdades salesia-

[16] Boletim Informativo MSMT, jan. 1984, p. 2-7.
[17] Boletim Informativo MSMT, dez. 1979, p. 10-12.
[18] Boletim Informativo MSMT, abr. 1980, p. 13-14.

nas: Araçatuba, Americana, Lorena e Campo Grande. Houve também a presença das Filhas de Maria Auxiliadora. Os dois dias de encontro na Chácara S. Vicente foi proveitoso pelos debates e trocas de experiências. Trataram dos assuntos principais referentes ao papel da pastoral universitária como "Evangelização e Cultura", "Formação de Construtores de uma sociedade pluralista" e "Extensão em favor dos pobres e dos jovens!" Depois do encerramento com o almoço do dia 7, todos foram convidados a visitar o museu D. Bosco e a FUCMT. A apreciação do encontro foi muito boa, e programaram outros para que as experiências de sucesso fossem comunicadas a todos que trabalham nessa área[19].

A animação pastoral das casas transparecia através dos artigos do BI. Assim, em junho de 1982, surgiu um artigo que descrevia a festa grandiosa de S. Domingos Sávio no Colégio D. Bosco de Campo Grande. O artigo tem o título: Festa de S. Domingos Sávio:

> O Colégio D. Bosco, durante duas semanas, promoveu intensas atividades, religiosas, culturais e esportivas, comemorando a Festa Litúrgica de S. Domingos Sávio. Delas participaram todo o corpo discente e docente do Colégio, desde as séries iniciais até o 2º grau, envolvendo a direção, coordenação, professores e alunos.
> O entusiasmo com que os educandos aceitaram este trabalho demonstra a sede que os nossos jovens têm de encontrar verdadeiros valores evangélicos, para contrabalançar o vazio que a nossa sociedade lhes oferece. Os alunos do Colégio D. Bosco encontraram em Domingos Sávio um ideal de simplicidade, humildade e bondade, que seduz e faz despertar novos valores no nosso jovem. Para muitos alunos ficou na memória a fórmula de santidade deste jovem de quinze anos: alegria e deveres de estudo, de piedade e fazer o bem aos outros. Houve trabalho literário de redação para os alunos da 4ª à 8ª série do 1º grau: "Primeiro Santo de Quinze anos". Os alunos das séries iniciais realizaram um concurso de desenho de Domingos Sávio. O melhor trabalho de cada turma levou a medalha de ouro, entregue na missa solene [...] O ponto alto da festividade foi a seriedade e o entusiasmo com que assumiram este trabalho com participação dos professores [...] Resta salientar mais uma vez o entusiasmo com que os alunos acolheram esta iniciativa, a dedicação dos professores[...] a semente está lançada [...] Domingos Sávio está vivo no Colégio D. Bosco, através de sua mensagem de alegria, humildade, bondade e piedade.[20]

Houve sempre iniciativas pastorais dignas de serem relembradas e registradas por suas grandes abrangências em proporcionar tempos excep-

[19] Boletim Informativo MSMT, jun. 1980, p. 17-18.
[20] Boletim Informativo MSMT, jun. 1982, p.30-31.

cionais de vivência espiritual e de formação catequética e bons momentos de aprofundamento da construção da fé no coração dos alunos. No BI do primeiro semestre de 1984, existe um relatório que apresenta várias iniciativas pastorais, todas cobertas de pleno êxito. Nesse relatório, sobressaem algumas atividades; a primeira foi uma caminhada com alunos e educadores com senha para um sorteio no dia da festa de D. Bosco; na semana os alunos podiam participar das missas comemorativas. Houve duas jornadas para os alunos do noturno. Houve sempre as manhãs de formação para as turmas do II grau; as turmas da 7ª série que participaram das manhãs de formação tiveram uma confraternização na Lagoa da Cruz, na parte da tarde [...] Além disso, iniciou-se a catequese de preparação para os alunos que fariam sua primeira Eucaristia ou Crisma no mês de setembro. No mês de maio haveria grande entusiasmo com a festa de Nossa Senhora Auxiliadora, um acontecimento marcante em nosso colégio. O mês de maio seria coroado também com a festa das mães. O primeiro semestre pleno de atividades, como sempre, um tempo intenso de alegria e de formação para os alunos[21].

Outra atividade que se iniciou nesses anos na Inspetoria denominou-se participação na "Pastoral do Menor". Sobretudo essa atividade era dedicada aos meninos de rua ou a outros menores assim denominados pelos órgãos do governo como a Secretaria do Desenvolvimento Social; a primeira finalidade foi socializar essa atividade em relação às atividades do governo em prol desses menores; os objetivos gerais foram: conhecer as reais situações dos menores necessitados da cidade, em que lugares se encontravam; programar algumas ações possíveis a serem realizadas em comum acordo com as assistentes sociais das entidades do governo; mobilizar educadores para que pudessem auxiliar a ministrar alguma atividade nos bairros das periferias para envolver também as famílias mais necessitadas. A pastoral do menor iria colaborar com a prefeitura que já promovia atendimento a dois grupos: engraxates e guarda-carro. Eram meninos que estavam na rua o tempo todo. Esperava-se a participação de agentes sociais no trabalho de atendimento ao menor, de modo mais consistente e bem planejado.

Em Cuiabá o Pe. Carlos Rey também liderava um grupo de pessoas que se interessaram pelo atendimento ao Menor Carente. Em Campo Grande, através dos estagiários do Serviço Social, os salesianos se faziam presentes nesse novo setor de atividade pastoral[22].

[21] Boletim Informativo MSMT, n. 2, 1984, p. 13-14.
[22] Boletim Informativo MSMT, n. 2, 1984, p. 35-37.

11.5 As atividades nas dioceses e paróquias da inspetoria no período - 1979-1984

A atividade pastoral dos salesianos se estendia também pelas diversas paróquias onde se encontram as comunidades salesianas. Essas paróquias normalmente estavam em territórios das dioceses, mas as paróquias indígenas, que em parte correspondem também a um território diocesano, diferenciavam-se como verdadeiras paróquias itinerantes conforme o atendimento dos missionários pelas inúmeras aldeias de diversas reservas indígenas.

A primeira atitude da inspetoria foi, neste período, estabelecer um convênio geral com as diversas dioceses; esse foi um dos assuntos da pauta da reunião do conselho inspetorial de 17/09/1980, em que foram individualizadas as paróquias com possibilidades de imediatamente se estabelecer um convênio com a respectiva diocese; analisaram as paróquias e deixaram registrado:

> Paulista: as paróquias de Araçatuba e Lins preenchem as condições; a paróquia de Lucélia está isolada e não permanecerá na inspetoria. Mato Grosso do Sul - Três Lagoas, a paróquia salesiana é a catedral. Em Campo Grande, paróquia S. José é catedral. A paróquia D. Bosco funciona na capela do Colégio. A paróquia Nossa Senhora Auxiliadora é da periferia. Em Corumbá, a paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora sempre encontrou dificuldades. A paróquia D. Bosco é popular e periférica. Em Mato Grosso - em Cuiabá, a paróquia S. Gonçalo é o marco inicial de nossa obra, foi aceita por D. Lasagna. Em Coxipó, paróquia Santo Antônio é anexa à comunidade. Em Várzea Grande, a paróquia é anexa ao Seminário Cristo Rei, somente enquanto os salesianos estiverem no Seminário; a paróquia de Nossa Senhora da Guia deverá ser entregue ao bispo. Em Guiratinga, a paróquia de S. João Batista deverá ser catedral. Em Araguaiana e Ponte Branca, as paróquias são isoladas. Em Poxoréu, Barra do Garças, Sangradouro, Meruri, S. Marcos, Xavantina e Alto Araguaia, são todas populares.
>
> Em resumo, deverá ser estudada a entrega às respectivas dioceses as seguintes paróquias: Campo Grande, S. José, catedral; Três Lagoas, catedral; Várzea Grande, as duas paróquias e as paróquias de Guiratinga, Araguaiana e Ponte Branca [...] O processo de entrega será estudado vez por vez, bem como o convênio a ser firmado com as dioceses.[23]

Já nesse documento elaborado pelo conselho inspetorial, estava antevista a perspectiva da entrega de diversas paróquias aos bispos das dioceses. Era uma orientação em sentido amplo, mas decisiva quanto ao futuro. Na reunião do conselho inspetorial de 06/09/1983, três anos após o estudo das paróquias, foi registrada a seguinte orientação:

[23] Boletim Informativo MSMT, dez. 1980, p. 6-7.

> Foram acrescentadas à minuta do convênio com as dioceses em relação às paróquias, as seguintes observações quanto à remuneração, financiamento de viagens de missionários e cursos de pessoal adido às paróquias. A paróquia ou diocese deverá pagar: a) três salários mínimos para cada salesiano adido às paróquias; b) 50% das despesas de viagens dos missionários e dos cursos. Além dos recolhimentos previstos dos encargos previdenciários. Quanto à duração do convênio dependendo da paróquia, umas serão por tempo ilimitado, outras por tempo provisório.[24]

Pelo registro, o conselho inspetorial depois de dois anos de vigência dos convênios com as dioceses, organizara a questão administrativa de forma bem clara e precisa.

Quando se trata de bispos salesianos missionários, não se pode deixar de registrar a grande repercussão internacional da condenação do bispo D. Miguel Alagna, salesiano. D. Ivo Lorscheiter realizou um ato de desagravo e a D. Luciano Cabral Duarte, que foi o promotor da moção a favor de D. Alagna e dos missionários salesianos. Eis umas palavras desse comunicado:

> O Episcopado Brasileiro, reunido em Itaici (SP) na 19ª Assembléia Geral da CNBB, vem de público, desagravar a CONGREGAÇÃO SALESIANA, e, especificamente, o querido irmão, D. Miguel Alagna, bispo-prelado do Alto Rio Negro (AM), pela iníqua condenação de "genocídio, etnocídio e discriminação" de que foram vítimas, da parte do 4º Tribunal de Russel, sobre direitos dos povos indígenas das Américas, celebrado em Rotterdam (Holanda) de 24 a 30 de novembro de 1980.
> A CNBB reafirma sua admiração pelo trabalho de doação evangélica, há tantas décadas desenvolvido pelos Padres Salesianos, nas Prelazias e Dioceses que lhes foram entregues, entre os índios da Amazônia. Com sacrifício de sua saúde e de suas vidas, os Padres salesianos vêm, desde muitos anos, marcando uma autêntica presença de Igreja entre aqueles nossos irmãos, que foram os primeiros habitantes do Brasil. A ação dos missionários, visando à cristianização, é também humanizadora, pois os valores do Evangelho conduzem sempre o homem à sua realização como pessoa. Possam estas palavras de desagravo, admiração e estima ser recebidas pela Congregação Salesiana no Mundo, e, em especial por D. Miguel Alagna, como sinal de solidariedade fraterna da CNBB. Possa a opinião pública ver aqui o repúdio do Episcopado Brasileiro à pseudo-sentença do 4º Tribunal de Russel![25]

Desde o início da presença dos salesianos nas missões indígenas do Mato Grosso em1914, a Santa Sé instituiu a Prelazia do Registro do Araguaia que foi confiada aos salesianos, uma vez que, nesse imenso território, foram

[24] Boletim Informativo MSMT, dez. 1983, p. 3.
[25] Boletim Informativo MSMT, abr. 1981, p. 28-29.

instaladas as primeiras colônias entre os índios bororos. Com o desenvolvimento da região e a afluência de uma grande população em busca de garimpos e de criação de gado, foram surgindo diversas cidades e então a imensa área ou território da Prelazia foi dividido em outras Prelazias e dioceses. Nos dias 27 e 28 de fevereiro de 1982, ocorreu a festa da instalação da diocese de Guiratinga e da posse do primeiro bispo diocesano: D. Camilo Faresin. A festa na catedral foi solene, e a presidência da celebração eucarística coube ao arcebispo de Cuiabá, D. Bonifácio Piccinini, ao lado de outros bispos, de Jataí e de Rondonópolis. Também esteve presente o Pe. José Winkler, inspetor. Depois da solenidade da posse na catedral, houve um alegre almoço com a presença das autoridades civis e eclesiásticas; afinal um novo tempo se iniciava para a Igreja daquela região, com muita alegria dos salesianos que nesse território tanto trabalharam[26].

Ao lado da festa de Guiratinga, ocorreu a solenidade da posse da nova diocese criada pelo Papa João Paulo II, sediada em Barra do Garças, na festa de instalação em que se deu posse ao novo bispo, D. Antônio Sarto. Conforme relatório do Pe. Firmo Duarte, esteve presente o bispo D. Luigi Bressan da Nunciatura Apostólica. A banda de música dos bororos de Meruri se fez presente com muitas músicas de animação. Os xavantes, ornamentados conforme o próprio costume, cantaram suas canções em língua xavante durante a celebração da santa missa. Houve uma longa procissão até à Catedral de Nossa Senhora da Guia, a mais bela igreja da região, na afirmação do Pe. Firmo. No banquete comemorativo, houve discursos em que se ressaltou o trabalho dos missionários salesianos que evangelizaram o médio Araguaia, nas missões, nos colégios e nas desobrigas. A presença de um desses antigos missionários, Pe. José Bessemans, alegrou a todos[27].

No governo da inspetoria, houve uma decisão que veio completar a relação desta com a antiga Prelazia, que merece um registro especial. Na reunião do conselho inspetorial de 17/09/1980, diante de um pedido por escrito de D. Camilo Faresin quanto aos terrenos, prédios de propriedade da Missão Salesiana, houve consenso quanto a esse pedido: que fossem doados à Prelazia. O Conselho foi concorde com o pedido, em passar as construções e terrenos da cidade de Araguaiana que pertencessem à Missão Salesiana para a Prelazia, somente que deveria o Sr. Bispo aguardar a homologação desse pedido em Roma, no centro administrativo da Congregação[28].

Outro fato digno de nota foi a festa grandiosa de inauguração da Igreja de S. João Bosco nas proximidades da Cidade D. Bosco. Naquela data, 8 de no-

[26] Boletim Informativo MSMT, abr. 1982, p. 8.
[27] Boletim Informativo MSMT, jun. 1982, p. 14-15.
[28] Boletim Informativo MSMT, dez. 1980, p. 4.

vembro de 1981, já havia sido elevada à categoria de paróquia, e até os dias de hoje, é uma igreja que nasceu para ser uma sede paroquial muito ampla e com muitas atividades. Como sempre o Pe. Ernesto Sacksida, ao lado do Pe. Mário Gosso, o batalhador que erigiu essa grande igreja, aproveitou para que fosse organizado um programa de festa em que foram envolvidas todas as atividades da Cidade D. Bosco. Para a sagração foi convidado o bispo do Rio Negro, AM, D. Miguel Alagna. Este fora diretor do Colégio Santa Teresa por muitos anos e foi o construtor do Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora ao lado do grande prédio do Colégio Santa Teresa. Da mesma forma, estiveram presentes dois salesianos irmãos e de origem da cidade de Corumbá, Pe. Raimundo Pombo Moreira da Cruz e seu irmão Pe. Nelson Pombo. Foi uma festa grandiosa e digna da dedicação do pároco, Pe. Mário Gosso[29].

A atividade da inspetoria pautada pelos encontros e pela gestão de áreas de atividades ocorreu dentro de planos e de medidas planejadas em todas as situações. Houve ações de grande repercussão que entusiasmaram os salesianos e os colaboradores leigos empenhados nesses trabalhos tanto nas paróquias como nas escolas ou em outros setores da pastoral salesiana.

Para completar o quadro de dioceses, convém lembrar que a cidade de Três Lagoas passou a ser uma nova diocese a partir de 7 de maio de 1978, e o primeiro bispo foi D. Geraldo Majela Reis; a diocese fora criada a partir da diocese de Campo Grande[30]. E no dia 6 de dezembro de 1979, no 42º aniversário de ordenação de D. Antônio Barbosa, a Santa Sé elevava Campo Grande à categoria de Arquidiocese, criando também a Província Eclesiástica de Mato Grosso do Sul, e a D. Antônio foi conferido o título de Arcebispo. Houve concelebração e muitas congratulações pela nova realidade dessa Província Eclesiástica[31].

A atividade paroquial nesse período foi variada tanto quanto as circunstâncias sociais de cada região solicitavam uma postura do pároco quase inesperada. Assim na paróquia de Cristo Rei, em Várzea Grande, o Pe. José Foralasso registrava um crescimento populacional violento; surgiam novos bairros e novas comunidades cristãs; era necessário levantar igrejas e atender essas comunidades com contínuas campanhas de visitas para poder formar novas comunidades. Por outro lado, a Legião de Maria vinha realizando nesses bairros um trabalho admirável. E o pároco confessa: 'nunca o vigário sozinho poderia alcançar o que estes leigos alcançaram!'[32]

Nesse tempo, o centro inspetorial estimulou e conseguiu que as lideranças de cada setor de atividades pastorais realizassem anualmente encon-

[29] Boletim Informativo MSMT, dez. 1981, p. 31-32.
[30] Boletim Informativo MSMT, jul. 1978, p. 21-22.
[31] Boletim Informativo MSMT, jan. 1979, p. 32.
[32] Boletim Informativo MSMT, abr. 1982, p. 13.

tros de estudos, de aprofundamentos e de trocas de experiências. Nos dias 11 a 13 de maio de 1982, ocorreu na Chácara S. Vicente mais um dos encontros de Párocos, com mais de 20 participantes. Houve palestras e opiniões sobre a catequese a ser desenvolvida em cada paróquia. Quatro foram as recomendações finais sobre a catequese: 1 – Descoberta e formação de agentes da catequese através de cursos e de grupos de catequistas; 2 – Organizar, incentivar e acompanhar os núcleos comunitários de nossas paróquias através de círculos bíblicos e de catequese permanente; 3 – Planejar e acompanhar o ensino religioso nas escolas que se encontram em nossas paróquias; 4 – Organizar a catequese nos diversos grupos paroquiais – crianças, jovens e adultos. Ao findar o encontro, marcaram a data e o tema para o próximo encontro do ano seguinte[33].

Nos dias 24 a 26 de agosto do ano seguinte, 1983, ocorreu um novo encontro de párocos conforme a temática programada no ano anterior. Eram mais de 20 os participantes; houve diversos momentos de entendimentos e também ocorreu a apresentação do convênio com as dioceses. Conforme a temática, uma das conclusões mais aclamadas foi um apelo para maior atenção às CEBs, explicitamente: formar círculos bíblicos e grupos de reflexão; apoiar e estar atentos à vida do povo. No final marcaram a data do encontro do ano seguinte com uma temática condizente[34].

Esta sequência de encontros em que ocorria o aprofundamento da relação dos párocos com o povo e com as novas necessidades para se fortalecer a instrução catequética do povo mostra o empenho de todos em se manter informados e com capacidade de estar alinhados com as novas perspectivas do povo e da necessidade organizacional das paróquias.

11.6 As atividades da inspetoria nas missões, durante esse período – 1979-1984

Em todos os setores de atividades das presenças salesianas, existia nesse tempo uma vontade e um ímpeto para que tudo fosse conquistado em benefício e em enriquecimento das ações apostólicas, quer educativas, quer pastorais. Movidos também por esse novo mundo grandioso em novas possibilidades, os salesianos das presenças missionárias trabalharam e lutaram para melhorar as atividades nas missões. Nesse sentido, por exemplo, depois da comemoração do 50º do Santuário de Nossa Senhora em Cuiabá, com a festa da comunidade inspetorial também, no dia 22 de outubro de 1979, seguiu de madrugada para Sangradouro uma grande comitiva de salesianos para estarem presentes na festa de inauguração da nova usina hidroelétrica

[33] Boletim Informativo MSMT, jun. 1982, p. 27-28.
[34] Boletim Informativo MSMT, set. 1983, p. 9-10.

de Sangradouro. Esta usina foi construída pelos irmãos coadjutores liderados pelo Sr. Luiz Wurstle. Às 9h houve a celebração da Santa Missa, em cujo término culminaram-se as cerimônias de inauguração: bênção, ligação da chave principal e discurso comemorativo do Pe. Firmo Duarte. Houve uma manifestação de gratidão por parte dos xavantes e bororos, com danças e imposição do Pariko no Mestre Luiz; em seguida, um lauto churrasco coroou a festa de inauguração dessa usina, possibilitando usufruir de luz elétrica para iluminação e para mover as máquinas necessárias para suavizar a vida dos salesianos, das irmãs e dos índios[35].

No ano seguinte, 1980, iniciou-se neste período uma tradição de se reunir os missionários para estudos e aprofundamentos sobre a atividade missionária. Em Sangradouro, ocorreu uma dessas reuniões de estudo e reflexão. Com a presença de dois salesianos muito bem capacitados no assunto da atividade missionária com os índios, Pe. Ângelo Venturelli e Pe. Félix Zavattaro, que colocaram para os presentes conceitos, aprofundamentos científicos e possíveis posturas para auxiliar o trabalho missionário. Pe. Ângelo falou sobre a cultura e apresentou um resumo de todas as definições que diversos antropólogos deram da cultura em si; algumas dessas afirmações foram:

> - A cultura existe onde há sociedade. O homem é um animal bio-cultural. Nenhuma cultura é condicionada pelo meio ambiente. A cultura é transmissível. Cada cultura possui certos "valores padrões". A cultura não é inata ao homem, mas adquirida. A cultura se manifesta essencialmente nas idéias e no comportamento humano. Os principais elementos culturais da evolução do homem foram a criação da linguagem e o domínio do fogo. A cultura tem suas razões, mas nem sempre é racional.
> - Depois apresentou alguns conselhos úteis ao ministério dos missionários: - Conhecer profundamente a cultura com que se vai trabalhar. Estudar a língua indígena. Ter capacidade de prevenir, de conversar e dialogar com os índios para amenizar quanto possível as mudanças culturais. Ter muito cuidado com novas experiências [...]
> Pe. Félx, por sua vez apresentou à assembléia várias sugestões para levar avante a problemática, a reflexão e a execução da pastoral missionária.[36]

Ao final desse encontro, houve grande manifestação de apreço e gratidão pelos dois salesianos peritos em linguagens e aspectos culturais em geral e em particular dos bororos. Foi um encontro muito bem planejado que agradou a todos e que iria prosseguir para os anos seguintes.

[35] Boletim Informativo MSMT, dez. 1979, p. 17.
[36] Boletim Informativo MSMT, dez. 1980, p. 10-11.

No BI da Inspetoria de setembro de 1981, existe um longo relatório das atividades dos salesianos que atuavam na região da Reserva de S. Marcos. Esse relatório minucioso e bem apresentado mostra aos coordenadores da Funai a relação das atividades planejadas e os respectivos resultados. Apresenta as atividades planejadas em várias aldeias da reserva e mostra o que foi executado ou não conforme o projeto apresentado pela Funai. Realça, em todas as aldeias, os nascimentos e óbitos bem como a presença ou não de escola e de atendimento da saúde. Exemplifica os gastos necessários com os medicamentos necessários para o atendimento de cada aldeia. Identifica a maneira de trabalhar dos índios e os resultados obtidos no ano na agricultura; ao mesmo tempo, mostra as atividades culturais como expressão da vida ativa nas aldeias, de modo especial em S. Marcos. Esse relatório tem o poder de mostrar a realidade dos índios naquela reserva; deixa claro a presença e o trabalho dos salesianos em especial no acompanhamento da execução dos projetos financiados pelo governo, no seguimento das escolas, em particular de S. Marcos, e da grande necessidade de adquirir medicamentos para atender a todos os doentes, especialmente as crianças e as mães[37].

No mês seguinte, nos dias 7 e 8 de outubro de 1981, ocorreu em Sangradouro um encontro de reflexão dos missionários de todas as presenças, com a presença do Pe. Inspetor e da Ir. Nilda Rangel. Foi um encontro de reflexão sobre a metodologia escolar ou processos didáticos que deveriam ser utilizados nas escolas indígenas tendo em vista o processo de aprendizagem e a cultura dos meninos indígenas. Foram dois dias de intensa programação, cujos assuntos variados expressaram a gama de problemas a serem enfrentados: a presença da legislação oficial, o aprendizado dos alunos indígenas, o contato com os civilizados, o sistema preventivo e outras questões didáticas. Pe. Inspetor apresentou a síntese do Seminário realizado em Mendes: fidelidade ao evangelho e à Igreja; fidelidade ao Fundador; atenção aos sinais dos tempos; princípios teológico-espirituais; capacidade de se confrontar com os novos tempos e refazer a unidade fundamental como modo de ser igreja.

Nesse encontro, foi apresentada a maneira de se fazer catequese na preparação aos sacramentos de Iniciação Cristã, catequese na escola, catequese dominical e nos dias festivos. Decidiu-se que esses assuntos deveriam fazer parte do Diretório Catequético Missionário. Ao final do encontro programou-se o próximo com data e assunto já determinados[38].

No dia 8 de dezembro de 1981, ocorreu em Meruri a cerimônia de ordenação presbiteral do diácono Miguel Gaya e a diaconal do clérigo Amércio Rezende. D. Camilo Faresin foi o celebrante dessa cerimônia muito bem con-

[37] Boletim Informativo MSMT, set. 1981, p. 23-29.
[38] Boletim Informativo MSMT, dez. 1981, p. 13-15.

catenada com as apresentações de cantos e cerimônias dos índios bororos e xavantes presentes. Sem dúvida que a morte do Pe. Rodolfo Lunkenbein foi lembrada para a comoção de todos. Após o final da Santa Missa, um grandioso churrasco alegrou também a todos, civilizados e índios presentes.

Depois houve outro acontecimento digno de nota: a inauguração da nova estrada Meruri-S. Marcos. A faixa inaugural postada na ponte do Córrego Fundo; antes houve vários discursos: irmã Josefina, o bororo Batista, o cacique Aniceto, Pe. Marinoni, Pe. Bruno e o Pe. Inspetor. Exaltaram todos a grandiosidade da obra executada pelo Me. Luiz Wurstle coadjuvado pelos outros irmãos coadjutores que ali trabalharam: Me. Euclides, Me. Franz, coadjuvados por alguns bororos e xavantes. Com o descerramento da fita, celebrou-se esse passo grandioso de se poder contar com uma nova estrada que ligaria as duas missões, Meruri e S. Marcos; daí em diante, os 40 km de distância poderiam ser percorridos com mais facilidade[39].

Nos dias 26 e 27 de maio, ocorreu o encontro de todos os salesianos e salesianas que trabalham nas missões. A temática geral era a "A Catequese Indígena"; esse tema exigiu muito tempo de reflexão. Os participantes ainda não haviam chegado a uma conclusão digna de ser registrada no "Diretório Catequético Missionário", pois as pendências a serem ainda estudadas eram muitas e de grande importância, como estabelecer critérios para a escolha dos catequistas e a junção das características culturais que devem ou podem ser assumidas como auxílio na catequese; também tratou-se das modalidades de acolhida dos grupos de jovens voluntários dispostos a trabalhar por algum tempo nas aldeias indígenas. A conclusão geral foi de que a temática continuaria a ser o objeto de mais profundos estudos antes de se proporem algumas conclusões.

Também nesse mesmo BI, foi apresentada uma estatística ampla dos xavantes da reserva de S. Marcos. As cinco aldeias dessa reserva continham uma população de 1.120 xavantes; a maior população concentrava-se na aldeia de S. Marcos, onde viviam 614 xavantes. Dessa população, grande número de crianças e jovens, fato de grande preocupação para poder a Missão manter uma presença de atividades assistenciais e pastorais em benefício desses jovens e crianças. Convém assinalar que esta reserva recebeu, nesse ano, a visita do presidente da Funai[40].

O diretor da missão de S. Marcos, no meio do ano de 1982, apresentou um amplo relatório para o conhecimento dos salesianos e da Funai sobre as principais atividades da missão e as grandes problemáticas no atendimento de saúde. Falou da produção agrícola em lavouras financiadas pelo governo

[39] Boletim Informativo MSMT, dez. 1981, p. 4-5.
[40] Boletim Informativo MSMT, jun. 1982, p. 25-26; 50-54.

em que foram colhidas em todas as aldeias da reserva, 15.628 sacas de arroz. Afirmou que, além disso, prosseguiam as roças de caráter familiar nas matas e que a incipiente pecuária prosseguia, mas sem grandes lances, pois os índios nunca foram criadores de gado. Apresenta de forma clara no relatório que para manter as lavouras de grande extensão seria necessário ter em mente a problemática da manutenção das máquinas. Afirmou que o atendimento no setor saúde, com a presença de médico, dentista e outros agentes da saúde, melhorou significativamente o atendimento, porém ainda precisava progredir no atendimento normal das aldeias. As escolas prosseguiam seu ritmo; estava de acordo com o processo de aprendizagem bilíngue, e a distribuição da merenda escolar tornou-se um fator muito importante para a escola.

Nesse mesmo tempo, o diretor de Sangradouro apresentou o relatório sobre a reserva de Sangradouro. Os problemas de medicina preventiva e de atendimento às crianças e aos doentes ainda necessitavam de maior amparo por parte da Funai. Porém, o maior problema que afligia a Missão de Sangradouro eram ainda questões de terras e de relações muito perigosas entre os índios e os proprietários da região pretendida pelos xavantes; essa região está situada à margem esquerda do Rio das Mortes e tem o nome de Volta Grande. Aos poucos a Funai ia tentando resolver esse problema[41].

No ano de 1982, a Missão de S. Marcos completaria 25 anos de existência; os caciques e os salesianos organizaram uma festa comemorativa. O cacique Aniceto liderou os preparativos; estavam presentes antigos missionários que trabalharam na reserva: Pe. Mário Pansiera, Pe. Mário Gosso, Pe. Giaccaria, não foram esquecidos o Pe. Salvador Papa, fundador da Missão, as missionárias e irmãs falecidas. Esteve presente o benemérito Dr. Salomon e sua esposa D. Ester. No dia 3 de outubro, houve a parte religiosa. A concelebração religiosa presidida pelo Pe. Inspetor teve a participação de centenas de xavantes que se apresentaram com indumentária festiva, salientando-se a presença da juventude e das crianças xavantes. No evangelho falou o xavante José Maria, que leu, em xavante, um discurso em que se resumia toda a trajetória da história da Missão de S. Marcos. No período da tarde, houve uma programação esportiva. Foi uma comemoração digna da grandeza dessa Missão de S. Marcos.

Na reunião dos missionários desse ano de 1982, de 5 a 6 de outubro, com a presença de todos os missionários e das irmãs salesianas, houve como temática a apresentação dos ciclos significativos da vida dos bororos e dos xavantes, uns diferentes dos outros. Depois trataram, conforme o relatório, de vários assuntos pertinentes à vida nas missões, como formação dos cate-

[41] Boletim Informativo MSMT, set. 1982, p. 17-20; 33-36.

quistas, os conteúdos da catequese, o material para a catequese, formação dos missionários e a necessidade de se aprender a língua do povo, os sacramentos – batismo, eucaristia, casamento – o serviço dos voluntários, os projetos agrícolas, índios estudantes e a presença do alcoolismo. Pela abrangência dos temas, percebe-se que o encontro foi muito introduzido e representou uma oportunidade para que as principais questões fossem apresentadas e discutidas por todos.

Nesse tempo, o Pe. Giaccaria apresentou um relatório de seu trabalho apostólico de visitas a 17 aldeias xavantes em todo o norte do território do Mato Grosso. Apresenta, em síntese, o cronograma de suas viagens que somente podiam ocorrer no período de seca devido às estradas que se tornavam intransitáveis no período de chuvas; afirma que chegava a percorrer mais de 600 km para poder atender os xavantes das aldeias mais distantes. Várias irmãs e pessoas dedicadas acompanhavam o Pe. Giaccaria nesses longos percursos de missionário itinerante. Essa era uma tarefa que exigiria muitos esforços dos salesianos e das irmãs em prol da catequese e evangelização dos xavantes[42].

O ano de 1983 foi marcado pela apresentação de estudos específicos das culturas; ao apresentar os assuntos assumidos pelos missionários no encontro 28 e 29 de abril de 1983, o BI confirma o retiro trimestral dos missionários sob a temática sugerida pelo Reitor-Mor na "Estreia", a Direção Espiritual. Pe. Giaccaria expõe a base cultural da união matrimonial entre os xavantes. Apresenta um horizonte antropológico da família xavante; mostra que a família concretiza a união dos dois clãs da tribo e mostra a complexa geração de encargos e papéis de cada membro das famílias. A possibilidade de negociações, mesmo antes do nascimento dos noivos, indica uma das fortes maneiras de se determinar o poder e as manifestações de construção do parentesco no grupo. Essa questão passa pela teia complexa de direitos e possibilidades no campo social; esse quadro de definições e de indicações de poderes gera a organização fechada das famílias entre si; por esse substrato de alianças e de direitos constituídos pelo parentesco, passa a organização das relações entre um grupo de xavantes, bem como alicerça a integração de todos na complexa rede de definições das funções e dos direitos de cada chefe de família em relação aos filhos, às famílias da nora e de todas as ações que implicam direitos e deveres. Assim algumas ações, como o direito sobre a caça e sobre os produtos de uma plantação, seguem rigorosamente as leis subentendidas pelas relações matrimoniais. Dentro desse horizonte, o Pe. Giaccaria propõe uma modalidade de aceitação de rituais para o matrimônio cristão dos xavantes. Dentro desse quadro, sabe-se que os pais possuem

[42] Boletim Informativo MSMT, dez. 1982, p. 44-54.

um poder sobre os filhos com grande durabilidade, por toda a vida deles. A consistência tribal desses relacionamentos garante a permanência das composições sociais que garantem a força tribal desse povo[43].

No BI de setembro de 1983, Pe. Giaccaria apresenta o relatório de dois encontros de preparação de catequistas indígenas; o primeiro aconteceu nos dias 5 e 6 de agosto, em Parabubure, com os catequistas ou agentes de pastoral de mais de seis aldeias. O segundo, nos dias 12 e 13 de agosto, em S. Marcos, para os agentes de pastoral das aldeias todas das missões e para os salesianos. A temática do encontro foi a relação entre fé e cultura, ou religião e cultura, local cultural da religiosidade. Muito bem preparado o texto publicado nesse BI. Apresenta tecnicamente a importância da cultura como ponto central ou esteio central, o suporte de tudo em uma moradia xavante:

> A vida individual nasce e se desenvolve numa base. Esta base são primeiramente os pais, depois a família, o parentesco e a tribo. O contexto social com seus costumes; na sua complexidade a "cultura" serve de base para a vida pessoal, semelhante a uma construção [...] Cultura e Fé são os elementos de uma evangelização verdadeira. A fé no Evangelho de Jesus Cristo não destrói a cultura, mas conserva-a e aperfeiçoa-a onde for necessário [...] assim chega-se às seguintes observações: a) a fé e a cultura são valores complementares; b) a cultura é a base de todas as atividades humanas garantindo a identidade pessoal e tribal; c) a fé aperfeiçoa a base cultural fornecendo-lhe uma firmeza alheia aos recursos meramente humanos; d) a fé tem condições de unir todas as atividades humanas fazendo-as entender como dons de Deus Criador; e) sem a força permanente da fé, existe o perigo de as atividades se desprenderem da própria cultura. Um perigo que existe onde são mantidos contatos fortes entre várias culturas [...] Uma afirmação comum ao texto nº 5: 'É preciso conhecer bem a cultura e o Evangelho para poder ser xavante cristão e de verdade e não gente de duas caras.' Em tom de conclusão afirma: 'Portanto cada cultura humana comporta sempre a possibilidade de mudar para o melhor. O Evangelho é a Boa Nova da salvação das pessoas [...] O Evangelho dirige-se diretamente para a alma do indivíduo ou do conjunto da mesma tribo. Porém, como já foi mencionado, não com a intenção de aniquilar a identidade tribal, mas preservando o que é bom e corrigindo o que é nocivo. Depois apresenta um paralelo entre a cultura xavante e a História da Salvação.[44]

Este último texto apresentado como parâmetro aos agentes de pastoral mostra a competência e o justo pensamento do missionário estudioso, Pe. Giaccaria. Com singularidade e com simplicidade, combina os valores culturais diante das belezas e dos valores do Evangelho. Por outro lado, tem

[43] Boletim Informativo MSMT, jun. 1983, p. 31-41.
[44] Boletim Informativo MSMT, set. 1983, p. 34-43.

a sensibilidade grande de não violentar os valores culturais que mantêm a estrutura tribal. Foi necessário muito tempo de reflexão e de confrontos com os próprios agentes de pastoral para se atingir a esse equilíbrio tão difícil. O que se pode argumentar é que é um pensamento necessário e que foi confrontado com tanto tempo de trabalho na evangelização, no atendimento de todas as aldeias, da vivência de muitos anos nesse grande trabalho de levar o Senhor Jesus Cristo como único Salvador de todos os homens de qualquer cultura, então também Salvador de qualquer xavante que o aceitar na fé. É bem verdade que essa luta para preservar a identidade cultural encontrou, na proximidade da cultura geral, um obstáculo muito difícil de ser deixado de lado. Os meios de comunicação social, a chegada da luz elétrica e outros fatores que o progresso e a proximidade oferecem, sem dúvida, promovem mudanças drásticas e profundas na vivência cultural dos xavantes ou de qualquer outra tribo. Assim a aceitação de Jesus Cristo pode e deve ser um porto seguro para que todas essas inevitáveis mudanças não inviabilizem o povo, mas, ao se tornar cristão, este saberá dar os passos culturais de integração com os civilizados de forma muito sincera e com sabedoria.

Ainda nesse ano de 1983, ocorreu no dia 13 de dezembro, entre os bororos de Meruri, o que foi denominado de "Romaria aos Tachos"; queriam celebrar a comemoração do centenário da chegada dos salesianos ao Brasil e prestar uma homenagem especial e agradecimento aos primeiros salesianos que haviam chegado a Meruri 81 anos atrás. Havia também o grande desejo entre os bororos de rezar pedindo a Deus auxílio para toda a aldeia; houve também um entusiasmo para que o antigo cruzeiro dos Tachos fosse refeito. Este havia sido destruído por um raio. A grande romaria partiu de Meruri em direção aos Tachos a pé; depois de terem reerguido o novo cruzeiro, a cena tornou-se histórica pela alegria e sentimento comum de gratidão brotado pelas orações fervorosas e pelas palavras de ânimo para todos de salesianos e de alguns bororos que fizeram uso da palavra. Todos retornaram para a aldeia de Meruri alegres e muito entusiasmados pelo que realizaram para comemorar a chegada dos salesianos e a vinda deles até os Tachos em 1902[45].

Ao apresentar um relatório da segunda reunião de missionários em Meruri, o BI de dezembro de 1983 apresenta dois outros textos muito significativos. Nesse encontro de Meruri, houve uma manhã de reflexão sobre o tema: "Reprojetamos nossa santidade salesiana." Foram debatidas outras questões, de modo especial, concernentes ao trabalho nas três sedes missionárias; ao estudar a proposta da Funai sobre a administração do hospital de Meruri, decidiu-se que a Missão não poderia arcar com a responsabilidade administrativa desse hospital; também foi tratada a questão do alcoolismo

[45] Boletim Informativo MSMT, dez. 1983, p. 16-17.

entre os índios. A sugestão de se iniciar um grupo de Alcoólicos Anônimos (AA) foi aceita, porém com a condição de que houvesse continuidade. Outras questões debatidas foram apreciadas e, entre elas, aprovada uma sugestão de haver na inspetoria um arquivo de todo o material missionário, bem como foi aprovada a reedição do livro sobre os xavantes, "Povo Autêntico". Depois desse relatório, o BI apresenta dois estudos sobre os Bororos. O primeiro documento publicado é o resultado de uma pesquisa entre os bororos sobre o passado e a realidade deles após a presença dos missionários. Logicamente que o critério desse confronto permanece um ideal em termos de imaginação, pois a presença dos salesianos entre eles não foi o único fator a influenciar em tantas mudanças assinaladas e ocorridas nesses mais de 80 anos.

Entre as inúmeras afirmações, dá-se especial destaque a uma, apenas por sua originalidade. Refere-se aos missionários então atuais, àqueles que residem com os bororos em Meruri: "As vezes pensam em abandonar a missão, isso é contra D. Bosco!" Quem faz essa afirmação é um bororo; essa afirmação manifesta a certeza da presença missionária como uma bênção e como uma das tantas previsões que D. Bosco teve em sonhos, e estes sonhos, sendo passados aos indígenas, produziu esse fulminante julgamento. O segundo documento desse BI refere-se ao estudo e à permanência de um casal de antropólogos da Universidade de Illinois, USA, que residiu por vários meses na reserva de Meruri e apresentou suas constatações de estudo sobre o povo bororo; uma de suas principais observações é de que o povo bororo de hoje mora em aldeias fixas, e isso não existia antigamente. Sobre a aldeia do Garças, afirmam que é especial, pois distingue-se das demais, porém passam necessidades de tudo e as condições não permitem uma vida saudável, as doenças são inúmeras. Concluem o relatório afirmando que, apesar dos problemas, o povo bororo conserva a própria língua e várias práticas e conhecimentos tradicionais. Alguns ritos e cantos se praticam regularmente, e, durante o funeral, a cerimônia mais elaborada e significante, eles mostram uma riqueza cultural em prática e nos conceitos. Os bororos conservam os cantos e enfeites próprios dos funerais e assim chegam perto de suas próprias raízes culturais. Esse pensamento dos dois antropólogos simplesmente confirma a vigência dos costumes tribais bororos até aquela data[46].

Nesse período, o BI de janeiro de 1984, apresenta um relatório que seria o último desse período do governo da Inspetoria pelo Pe. José Winkler. Trata-se de relatar o II encontro de Agentes de Pastoral Indígena, ocorrido na reserva indígena de Paraburue, nos dias 21 até 25 de novembro de 1983. Esse relatório bastante extenso consagra a atividade dos missionários itinerantes e que realizam um grande trabalho de prestar assistência aos cate-

[46] Boletim Informativo MSMT, dez. 1983, p. 31-52.

quistas dessas reserva, distantes da casas salesianas. O texto desse relatório traz, inclusive, uma bibliografia referencial nomeando revistas e outros órgãos de pesquisa antropológica. Relaciona os nomes dos catequistas xavantes ou agentes de pastoral de diversas aldeias e de várias reservas, atingindo mais de 30 participantes. O tema geral teve como título "A História do Povo Xavante". Nesse tema, estuda as origens e as fontes de todas as relações dos antepassados. Em seguida, mostra uma narrativa ancestral da origem do povo xavante a partir do grande arco do arco-íris; depois apresenta os ritos e as festas principais de iniciação e das várias etapas da vida de um homem ou de uma moça xavante: ritual de iniciação para o casamento, para os filhos e para as festas de caçadas especiais. Também apresenta um pequeno substrato da história da origem do povo quanto à geografia, por onde os ancestrais passaram e viveram. Mostra a vida dos xavantes em Goiás, os contatos com os brancos e, em seguida, mostra que os antigos xavantes decidiram deixar os brancos e atravessar o Araguaia e viverem sua vida, isolados perto do Rio das Mortes. Por fim, mostra a origem dos vários grupos dos xavantes daquele tempo, nomeados pelos chefes desses grupos que se tornaram individualizados pela luta entre si mesmos e pelos territórios de cada grupo às margens do Rio das Mortes, ao norte. Uma das conclusões do relato seria o estudo da identidade do povo xavante agora a partir da modalidade de vida, nas diversas reservas decretadas pelo governo federal[47].

O setor das missões no governo do Pe. José Winkler esteve ativo seguindo os parâmetros da organização dos encontros para reflexões e para estudos especiais. Houve, como foi indicado, algum atrito quanto à demarcação da área de terra da Volta Grande, depois do Rio das Mortes, para ser incorporada à reserva de Sangradouro. Mas os trabalhos dos missionários mantiveram-se dentro das perspectivas dos novos desafios e das novas oportunidades que a proximidade e os constantes contatos com a civilização, assim como as ofertas de tantas facilidades na vida nas cidades. A cada etapa, o trabalho missionário exigiu mais estudo e mais negociações com o governo para, sobretudo, oferecer aos índios o atendimento médico e um posto de saúde em cada missão. Além disso, a catequese também adquiriu algumas modalidades diferentes e teve que contar sempre com a presença estimulante dos missionários. Mudaram-se os tempos e as posturas dos missionários. A presença das Filhas de Maria Auxiliadora sempre foi de grande amparo para o ensino e para atividades de aprendizagem comum, como artesanato e costura. A relação dos índios com os missionários cresceu em questão de independência, pois eles tornaram-se capazes de levar avante as aldeias, conforme suas decisões e soluções de problemas junto aos representantes do governo.

[47] Boletim Informativo MSMT, n. 1, 1984, p. 40-53.

11.7 As atividades no campo da formação nesse período - 1979-1984

As atividades desse setor da inspetoria também estiveram marcadas pelo conjunto de reuniões e de programações para que as vocações fossem acompanhadas e bem direcionadas pelos encarregados da animação do setor e pelas comunidades das casas de formação. Nesse período, vivia-se um tempo inusitado na inspetoria, pois os formandos não se encontravam na inspetoria em nenhuma etapa. Nos tempos da "teologia da libertação" e das novas fronteiras de trabalho, a preocupação com as vocações deixou muito a desejar, e os salesianos de outros países também não mais vieram para o trabalho missionário da inspetoria que sempre se caracterizou por sua forte identidade por ser missionária. Durante quase quinze anos, de 1968 até o final de 1984, as vocações locais não receberam um trabalho convincente, e não houve perseverança das poucas que persistiam; assim, desse período somente uns três ou quatro salesianos mostram que a vocação salesiana é possível, apesar de tantos descuidos. A etapa de formação que cresceu a partir de 1980 foi a do aspirantado da Lagoa da Cruz, que atingiu o número de 67 aspirantes, e dos pré-aspirantados de Araçatuba e do Coxipó da Ponte. O resultado dessa melhoria de atendimento aos vocacionados mostraria os seus resultados no final do tempo de governo do Pe. José Winkler.

Os poucos formandos desses tempos fizeram o noviciado em S. Carlos, e a etapa dos estudos de filosofia, em Lorena. Assim, os formandos da inspetoria somente realizavam aqui a etapa do tirocínio, pois o tempo de estudos da teologia também ocorria fora da inspetoria, em S. Paulo, no Instituto Pio XI. Porém as esperanças não morrem, e novas vocações iriam surgir exigindo novas posturas do centro inspetorial. Na reunião do Conselho Inspetorial de 1983, o Pe. João Bosco expôs aos conselheiros o plano do Diretório da Formação para que fossem realizados estudos e observações pertinentes. Uma das novidades apresentadas pelo Diretório foi a igualdade de formação nos estudos, tanto para os vocacionados para o sacerdócio como para os irmãos coadjutores. Depois de várias observações, foi notificado que o texto seria enviado para a aprovação do Conselho Superior da Congregação[48].

Quanto ao Diretório da Formação, que orienta a formação em todas as etapas na vida inspetorial, somente foi aprovado pelo Conselho Superior na reunião do Conselho Inspetorial de 12 de dezembro do mesmo ano de 1983. Esse fato auxiliaria muito na orientação da animação das comunidades, pois nele estavam bem claros os critérios da formação dos salesianos que a inspetoria e a congregação desejavam para os novos formandos. De fato, essa aprovação permitiu uma animação bastante ordenada e consistente para os próximos anos no setor da formação na inspetoria[49].

[48] Atas do Conselho Inspetorial - 1982-1984, 12/04/1983, p. 39b.
[49] Atas do Conselho Inspetorial - 1982-1984, 12/12/1983, p. 63.

Baseado nas orientações do Novo Diretório da Formação, para o ano seguinte, 1984, o Conselho Inspetorial nomeou uma equipe de formação. Assim foi comunicado ao salesianos esse ato do conselho:

> Para cumprir o que ficou aprovado no 15º Capítulo Inspetorial (janeiro de 1983), isto é, preparar a volta dos estudantes de Filosofia para a nossa Inspetoria. O Pe. Inspetor convocou os padres, Antônio Secundino, Afonso de Castro, Geraldo Grendene, Walter Bocchi e João Bosco Maciel para constituir a equipe de formação. Como primeira tarefa, a Equipe está pondo em andamento essa deliberação do Capítulo Inspetorial "preparar um estudo objetivando a viabilidade de tal projeto, o lugar, a comunidade formadora, o currrículo etc., com as motivações plausíveis". A Equipe vem se reunindo periodicamente e, em breve, irá apresentar ao Conselho Inspetorial o resultado das reflexões e estudos. A Equipe está levando em consideração o que o Reitor-Mor disse ao Conselho Inspetorial em 29/07/1983 quando passou por Campo Grande: 'É desejável que especialmente os pós-noviços sejam formados no ambiente em que depois irão trabalhar. Sejam, porém, criadas as condições: a equipe formadora, locais apropriados, sem precipitar os acontecimentos e sem improvisações'. A Equipe está trabalhando com grande senso de responsabilidade visando ao bem da Inspetoria.[50]

Convém lembrar que essa comissão para a Formação com essa finalidade já havia sido nomeada pelo Conselho Inspetorial de 8 de abril de 1983, como também, que, apesar dos pesares, sempre houve um trabalho pelas vocações em âmbito inspetorial. Registrou-se que havia campanhas e modalidades claras de como preparar os vocacionados diante das opções possíveis. O BI de outubro de 1978 documenta essa atividade com todo o esmero e oferece a qualidade desse trabalho:

> A atividade vocacional deste ano em nossa inspetoria encerrou a primeira etapa com um saldo muito positivo, tanto em terras paulistas, quanto em terras mato-grossenses. Uns 600 rapazes poderão ser submetidos ao teste vocacional para revelarem quantos terão condições e requisitos favoráveis. Esta primeira etapa é um verdadeiro trabalho de garimpagem que se prolonga de março a junho e de agosto a outubro, entre milhares de alunos das escolas nas regiões supra-mencionadas. Em novembro e dezembro, com a ajuda dos clérigos de teologia e do pessoal das casas de formação, faremos o repasse para saber quantos desses moços reafirmam o desejo de entrar nos seminários. Haverá três cursinhos de férias; um em Coxipó da Ponte-Cuiabá, de 12 a 20 de dezembro para jovens da 4ª a 7ª séries. Outro em Campo Grande – Lagoa da Cruz – para alunos da 8ª série e do 2º grau, de 7 a 17 de janeiro, para toda a inspetorial. Um terceiro em Araçatuba, de 15 a 25 de janeiro, para alunos da 4ª a 7ª séries da Paulista e Mato Grosso do Sul. Chegamos a este resultado parcial bastante consolador graças aos es-

[50] Boletim Informativo MSMT, n. 1, 1984, p. 12.

> forços de todo o pessoal salesiano [...] Não se pode deixar de registrar o trabalho da Liga Vocacional, sobretudo nos núcleos de Campo Grande e Cuiabá, salientando o zelo e entusiasmo de Da. Celina de Almeida e de Da. Maria Alonso Malpici.[51]

Convém realçar que esse documento citado acima foi escrito pelo ardoroso Pe. José Mota; ele foi o animador entusiasta das vocações nesses tempos. Soube percorrer todo o território da inspetoria visitando as escolas salesianas, estaduais e municipais, para fazer a apresentação da vocação religiosa salesiana. Percorria esse trajeto com ânimo e sabia atrair a atenção dos meninos com mágicas e outras apresentações interessantes. Foi um batalhador das vocações na inspetoria. A etapa seguinte dessa animação vocacional consistia em uma concentração na Lagoa da Cruz dos alunos das oitavas séries dos aspirantados e de outros colégios da inspetoria. Segundo o BI de dezembro de 1980,

> A concentração se realizou nos dia 18 e 19 de outubro e teve seu encerramento no dia da festa da Comunidade Inspetorial, que se revestiu de um brilho singular que a juventude empresta a estas solenidades. A comunidade da Chácara composta de salesianos, aspirantes do 2º grau, alunos internos, deu provas de ter capacidade para organizar uma grande festa. Hospedou cerca de oitenta rapazes, mais de trinta sacerdotes e preparou os variados números da concentração de modo que os dois dias correram muito bem, dentro da programação estabelecida [...] Depois das atividades esportivas, no dia seguinte houve a Santa Missa e depois homenagens ao Pe. Inspetor; o almoço consistiu em um apetitoso churrasco. À tarde foram à cidade visitar os principais pontos da cidade de Campo Grande, o Museu D. Bosco e os colégios salesianos. Os rapazes despediram-se com saudades, pois tiveram dois dias de surpresas e satisfações. A finalidade desse encontro é dar oportunidade aos alunos das oitavas séries dos aspirantados de visitarem o local onde irão fazer o 1º ano do 2º grau, conhecerem o ambiente da Chácara e os futuros colegas e professores.[52]

Toda a atividade em prol das vocações foi devidamente estudada, planejada e confirmada por um encontro de salesianos do setor em Joboatão dos Guararapes, PE, com a presença do Pe. Vecchi. Lá foram traçadas as linhas fundamentais de acompanhamento dos aspirantes e pré-aspirantes. Foi assinalada a validade de se manter um pré-aspirantado como digna preparação dos jovens para o segundo grau nos aspirantados. Esse encontro serviu como referencial pelo grande trabalho que se realiza na inspetoria em prol das vocações[53].

---

[51] Boletim Informativo MSMT, out. 1978, p. 2 6-27.
[52] Boletim Informativo MSMT, dez. 1980, p. 14-15.
[53] Boletim Informativo MSMT, abr. 1980, p. 32-33.

Outra etapa vocacional muito bem organizada em suas realizações consiste nos "Cursinhos Vocacionais"; essa etapa ocorre todos os anos em algumas casas da Inspetoria:

> O Pe. José Motta, no seu peregrinar constante, vai selecionando candidatos, que são reunidos, em regime de internato, por dez dias, sob a direção de uma equipe de salesianos. Há meninos de 5ª a 8ª séries e rapazes do segundo grau. Seguindo a programação já aprovada pela experiência de anos anteriores, entra-se em contato direto com os candidatos que desejam estudar seriamente a vocação, o que é feito através de atividades várias: estudo, trabalho, artes (música, canto, teatro), esportes, moralidade, sociabilidade e saúde. Ao final é feita uma avaliação para verificar quem deu sinais de ter aptidões para a vida sacerdotal ou religiosas e se não apresenta impedimentos para os estudos ou para a vida regular no internato.[54]

Convém assinalar que esses encontros para estudo dos vocacionados sempre ocorriam em Coxipó da Ponte, MT, e em Araçatuba, para os jovens até a oitava série; para os que cursariam o segundo grau, o encontro sempre acontecia na Chácara S. Vicente. Nesse encontro, também eram realizados testes psicológicos para todos os candidatos, como medida mais pertinente quanto à escolha de um caminho vocacional futuro. Nesse ano de 1981, os candidatos para o encontro de Coxipó eram 86 meninos; para Araçatuba, eram 140 garotos e, para a Chácara, eram 28 jovens. Sem dúvida esses números representam o empenho do trabalho do Pe. José Motta e de outros salesianos.

Essa atividade devidamente retratada nesses anos prosseguiu nos anos seguintes, 1982, 1983, conservando o ritmo, as finalidades e colhendo os bons resultados. No início do de 1984, constatou-se uma nova adaptação do período de formação dos jovens antes da ida para o noviciado. No 3º ano do segundo grau, com um currículo especial de palestras semanais e acompanhamento específico, iniciou-se uma nova etapa na formação, o "Pré-noviciado". Compunha-se a integração da formação da inspetoria quanto ao roteiro desejado pela Congregação de seus futuros sócios. Assim, expressou-se um dos pré-noviços sobre a cerimônia de início dessa nova etapa de formação, o aspirantado permaneceria nas duas séries iniciais do segundo grau, enquanto a etapa do pré-noviciado teria início na 3ª série de segundo grau:

> No dia 1º de abril, nós do terceiro ano do segundo grau da Chácara S. Vicente, em cerimônia muito simples, mas muito significativa para nós, fizemos o compromisso com a Congregação Salesiana, representada pelo Pe. Afonso de Castro e diante de toda a comunidade. Celebrávamos o cinqüentenário da Canonização de D. Bosco. Estamos felizes por

[54] Boletim Informativo MSMT, abr. 1981, p. 16-21.

> concluir uma etapa e principalmente por iniciar outra de fundamental importância para a nossa formação salesiana. Somos a turma recorde no Pré-noviciado: 16 jovens provenientes de toda a região abrangida pela Inspetoria de Campo Grande. Contamos com o apoio e a oração de todos para que, com a ajuda de Nossa Senhora e de D. Bosco, consigamos aproveitar bem mais esta etapa de formação e reforçar a fileiras de D. Bosco, batalhando ao lado da juventude em prol dos mais necessitados.[55]

Dessa forma, a Inspetoria mostrava-se bem preparada para o trabalho de formação quanto às primeiras etapas, pré-aspirantado, aspirantado e pré-noviciado; porém ainda faltava uma atividade quanto às etapas seguintes. Isso somente iria ser iniciado nos anos seguintes. Nesse período, iniciou-se a estruturar o Projeto de Educação Salesiana, e foi publicada a Dimensão Vocacional; essa dimensão vocacional recebia denominações e características diferentes conforme a área dos destinatários. Assim, o BI publicou todo o roteiro orientativo da Dimensão Vocacional nos Oratórios (p. 44-48); Dimensão Vocacional nas Escolas (p. 49-54) e Dimensão Vocacional nas Paróquias (p. 55-60)[56].

Completando o conjunto de reflexões sobre a juventude, sobre as vocações e sobre as questões educativas ou sobre as características da juventude daquele tempo, o BI da Inspetoria publicou uma extensa reflexão sobre uma das dimensões do PES: Dimensão Educativo-Pastoral. Nesse texto, apresenta as características culturais da sociedade daquele tempo, acentuando a questão juvenil; posteriormente apresenta uma descrição de modalidades de abordagens e de novos posicionamentos dos educadores diante das necessidades que as novas perspectivas da cultura exigem dos salesianos e dos educadores. Nesse sentido, também a atenção dos formadores quanto às novas características dos jovens passa a exigir reflexão e atitudes dos salesianos formadores. A novidade dos tempos exige postura e atualização contínua dos educadores e também dos salesianos.

Na reunião do Conselho Inspetorial de 12 de dezembro de 1983, foi comunicado que havia chegado a notícia de que o noviciado de S. Carlos, SP, não poderia receber os noviços da Inspetoria de Mato Grosso, devido ao número elevado de candidatos da Inspetoria de S. Paulo. Foram feitas consultas telefônicas com outros noviciados salesianos do Brasil para se tomar uma decisão; no final da reunião, o Pe. Inspetor recebeu uma mensagem de que, em Minas Gerais-Barbacena, haveria lugar, e estariam dispostos a receber os noviços da Inspetoria de Mato Grosso. Dessa forma, ocorreu a terrível decisão de mudar o noviciado da inspetoria mais uma vez. E assim sucedeu; os

[55] Boletim Informativo MSMT, n. 2, 1984, p. 18.
[56] Boletim Informativo MSMT, abr. 1981, p. 44-60.

noviços da inspetoria foram realizar essa etapa formativa em Barbacena, ao lado dos noviços da Inspetoria de Belo Horizonte[57].

11.8 As festas comemorativas desse período – 1979-1984

Durante esse período, ocorreram algumas festas comemorativas que sempre em suas realizações tiveram o grande efeito de animar e prodigalizar novos ardores para o trabalho dos salesianos em suas comunidades. Entre as comemorações desse tempo, merece uma menção especial a recepção do Pe. Francisco Czapla pelo Papa João Paulo II, em Brasília. Pe. Czapla chegou ao Brasil em 1927. Foi diretor de nossas principais casas da Inspetoria sob a entusiasta direção do Pe. Carletti. Sendo polonês, teve oportunidade de se encontrar com o Papa, em junho de 1980, com quem manteve um diálogo tranquilo na catedral de Brasília. Para o Pe. Czapla foi um momento de grande consolação. Em outubro completaria os seus noventa anos de idade, boa parte gloriosamente passada na Inspetoria trabalhando sempre com grande dedicação[58].

O governo do Mato Grosso quis homenagear o falecido Pe. César Albisetti e, através do secretário de Educação e Cultura, Dr. Louremberg Ribeiro Nunes Rocha, em 1978, concedeu o nome de uma escola, Pe. César Albisetti em Poxoréu. Essa homenagem recebeu os devidos agradecimentos da Missão Salesiana[59].

Outra festividade que merece toda a atenção por seu grande significado foram as celebrações da comemoração dos 50 anos da inauguração do Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora, em Cuiabá. Segundo o Pe. Alfeo Levorato, que era o titular do Santuário, nesse dia foram distribuídos seis mil cartões postais do Santuário e dez mil livretos com a história do Santuário; esse livreto foi redigido pelo Pe. Raimundo Pombo. D. Camilo Faresin, que fora diretor do Colégio S. Gonçalo em 1948-1854, foi convidado para a missa dos ex-alunos. Após a missa, houve uma reunião no teatro para comemorações especiais. À noite, a comemoração foi encerrada com uma solene procissão com o andor de Nossa Senhora Auxiliadora. Ao lado da descrição da festa comemorativa do cinquentenário do Santuário, foram publicados um fac-símile da ata de fundação do Santuário e um resumo das diversas etapas de construção da Igreja do Santuário[60].

Outra comemoração festiva de cinquentenário ocorreu em Campo Grande: Colégio D. Bosco completava 50 anos. Os festejos foram marcados

[57] Atas do Conselho Inspetorial – 1982-1984, 12/12/1983, p. 62-62b.
[58] Boletim Informativo MSMT, set. 1980, p. 30.
[59] Boletim Informativo MSMT, out. 1978, p. 18-19.
[60] Boletim Informativo MSMT, jun. 1979, p. 18-22.

pela missa campal no pátio do colégio, presidida pelo Sr. Arcebispo D. Antônio Barbosa. Depois da Missa, houve a inauguração das quadras de esporte. Na sessão solene da noite, no teatro, estavam muitos ex-alunos célebres e políticos; entre eles, o deputado federal Benjamin Farah fez um discurso representando a primeira turma do colégio; o primeiro diretor do Colégio, Pe. João Pian, também fez seu discurso rememorando a vida do colégio nesses cinquenta anos. Todos os ex-alunos presentes se entusiasmaram com a comemoração festiva dos 50 anos do Colégio D. Bosco, que continua a ser uma referência em educação para todo o Estado[61].

Em dezembro de 1982, o BI publicou um texto singelo e glorioso do estimado Pe. Tomaz Ghirardelli, por ocasião dos 85 anos da casa do Coxipó:

> Em 1897, os filhos de D. Bosco se instalaram numa chácara às margens do Coxipó-Mirim, distante sete quilômetros de Cuiabá, não em busca do ouro ou pedras preciosas, mas para formar os futuros salesianos na primeira casa de Noviciado da incipiente Missão. Funcionando desde 1902 sob a sábia direção do Pe. Filipe Papalardo, teve como noviços figuras ilustres, como D. Aquino Corrêa e o Pe. Armindo de Oliveira: o primeiro, o imortal Arcebispo, glória da Congregação e do Episcopado Brasileiro, fúlgida inteligência entre os imortais da Academia Brasileira de Letras; o segundo, "Uma flor do Clero Cuiabano", cedo transplantada para o jardim celestial [...]
>
> Grandes salesianos passaram pelo Patronato: Pe. Colussi, Pe. H. Luthe, Pe. Sartori [...]
>
> O Patronato abriga também a grande organização do Projeto AMA, sob a direção dos Mestres Luiz e Franz. Todo o mundo missionário conhece o trabalho desses heróicos coadjutores, que, com suas possantes máquinas desbravam o sertão, abrindo estradas e erguendo ousadas pontes. As velhas máquinas da oficina agora estão mudas, mas, passando entre elas, parece ver a grande e esbelta figura do Me. Bondioni, que, com seu típico avental, fazia movimentar todas aquelas rodas numa sinfonia que deixou na alma da gente muita saudade das oficinas de D. Bosco [...] Esta é uma casa abençoada, onde se vive o espírito de D. Bosco, conservada pela presença de venerados irmãos, verdadeiras relíquias de salesianidade como o Pe. Francisco Czapla, que, apesar dos 92 anos, contagia a todos com sua alegria e disponibilidade para o trabalho [...] Desejamos que as bênçãos de Nossa Senhora Auxiliadora continuem a cair sobre essa casa e que os aspirantes HONREM o famoso Ferro do Pe. Armindo (onde ele segurou para não sair de lá) com a firmeza da vocação.[62]

Este trecho do Pe. Tomaz Ghirardelli vem de uma forma muito particular enaltecer essa casa e ao mesmo tempo proclamar a beleza e a grandeza

[61] Boletim Informativo MSMT, jun. 1980, p. 33-34.
[62] Boletim Informativo MSMT, jun. 1980, p. 55-56.

de tantos salesianos que por lá passaram ou trabalharam, mas vem revelar o coração grandioso de salesiano do Pe. Tomaz.

Outra comemoração festiva desse período foi a celebração do Centenário da Chegada dos Salesianos ao Brasil. Precisamente em 14 de julho de 1883, chegaram os primeiros salesianos enviados por D. Bosco através de D. Lasagna. A festa seria especialmente em Niterói, mas desejaram envolver a todas as inspetorias do Brasil nesse festejo. Pe. João Falco foi o encarregado de representar a inspetoria. Como diretor do Museu Regional D. Bosco, ele preparou uma bela exposição das culturas indígenas e do trabalho dos missionários através de fotos ou de slides a serem projetados. Além dessa exposição, foram programadas outras modalidades de comemorações, como um congresso sobre o Sistema Preventivo que ocorreu em S. Paulo, um festival da Canção promovido pela Inspetoria do Nordeste. Sem dúvida, esse centenário comemorativo foi recordado em todas as casas salesianas, através de muitas celebrações, em 1983[63].

Em Cuiabá, comemorando esse centenário e noventa anos de Mato Grosso, o jornal "O Estado de Mato Grosso", em 14/06/1983, publicou um artigo muito expressivo sobre a presença dos salesianos no Brasil, mas, sobretudo, em Mato Grosso. Nesse texto, ele relembra dois grandes salesianos de alma brilhante que trabalharam em Cuiabá: Sr. Me. Ângelo Sordi, que sempre primou pelo trabalho diário bem executado e muito conhecido na cidade; o outro foi o Me. Francisco Arese, também foi sempre uma pessoa de grandeza de alma e de coração. Me. Francisco mereceu, por sua santidade e simplicidade, um livro do autor desse artigo. O título do livro sempre foi muito sugestivo e expressivo: "Louvor à Bondade". Finaliza o seu texto, Dr. Luiz Philipe, com palavras de agradecimentos pela presença e pelo trabalho dos salesianos em Cuiabá[64].

Outra comemoração do centenário da chegada dos salesianos ao Brasil aconteceu na cidade de Barra do Garças. Pe. Tomaz Ghirardelli teve a brilhante ideia de construir nos contrafortes dos montes da serra que contorna a cidade uma estátua do Cristo Redentor, muito semelhante à estátua do Cristo Redentor do Rio de Janeiro. Depois de concluída a obra, situada no paralelo 20", foi lembrada como presença do mesmo sonho de D. Bosco que previu as grandes riquezas do Brasil, e a cidade de Brasília também recebeu a lembrança desse sonho. A inauguração aconteceu no dia 22 de abril de 1984, por ser o domingo da Ressurreição do Senhor; para a festa lá no alto todos tiveram que escalar o monte. Houve o descerramento da placa comemorativa pelo representante do governador do Estado, Sr. Heronides Araújo;

[63] Boletim Informativo MSMT, jun. 1981, p. 36-37.
[64] Boletim Informativo MSMT, jun. 1983, p. 29-30.

depois de seu discurso, a banda de música dos bororos tocou marchas festivas. Depois houve a Santa Missa presidida pelo Sr. Bispo e, após a leitura do Evangelho, o Pe. Firmo Pinto Duarte fez uma longa peroração, um discurso inflamado e vibrante. Ao final da Missa, fez uso da palavra o Sr. Prefeito Municipal, Dr. Carolino Gomes dos Santos, que agradeceu com palavras elogiosas o trabalho dos missionários salesianos.

Às 19h, estando uma multidão apinhada na frente da catedral, foram acesos os faróis que iluminaram muito bem a estátua do Cristo Redentor. A festa prosseguiu com um espetáculo de fogos e com as músicas da banda dos bororos. Pe. Tomaz, ao descrever a festa, nesse artigo, relembra do monumento que o Pe. Luiz Zanchetta construiu para Nossa Senhora, em cuja inauguração D. Aquino eternizou o instante com o grandioso poema: A Virgem da Guanabara. Para o Pe. Tomaz, o Cristo Redentor de braços abertos acolhe os mártires salesianos desse paralelo, Versiglia e Caravário na China, e o sangue dos "heróis autênticos" Padres Fuchs e Sacilotti, que foi derramado nas margens do Rio das Mortes, sob as bordunas dos xavantes. Segundo o Pe. Tomaz, no dia 1 de novembro, quando os dois sacerdotes foram mortos, os xavantes depositariam os seus tacapes junto ao túmulo dos dois sacerdotes e do outro grande herói o coadjutor, José Pellegrino. Esse monumento é uma homenagem a todos os missionários, em particular àqueles que derramaram seu sangue em prol dos índios, como o Pe. Rodolfo e o bororo Simão. Concluiu: "Devemos afirmar que foi Ela quem tudo fez! Como é bom ser salesiano!"[65].

As datas festivas permitiram todo esse conjunto de comemorações. Foi escolhida a casa de Cuiabá, S. Gonçalo, para encerrar as comemorações do centenário da chegada dos salesianos ao Brasil, por ser a casa primeira quando os salesianos vieram para Mato Grosso. Outra motivação foi expressar o agradecimento ao Pe. José Winkler, que estava encerrando o período de seu governo da Inspetoria. Houve missas, reuniões festivas de almoços e muita participação dos alunos. Promoveu também o Pe. Ariento Dominici uma visita ao Pantanal como passeio e como convivência entre os irmãos salesianos. Encerrava-se assim o período de governo da Inspetoria com a grandeza dessas comemorações para expressar a gratidão de todos a D. Bosco e ao Pe. José Winkler[66].

11.9 Visitas de superiores e outras iniciativas desse período -1979-1984

De acordo com as normas da Congregação, durante o período de um sexênio, haverá um visitador extraordinário que virá passar por todas as casas da Inspetoria e verificará a vida salesiana e as atividades das comu-

[65] Boletim Informativo MSMT, 02/1983, p. 5-6.
[66] Boletim Informativo MSMT, 03/1984, p. 19-20.

nidades, confrontando tudo com as normas constitucionais. O regional da América Latina-Cone Sul, fora inspetor aqui, Pe. Walter Bini, então o Superior Geral resolveu nomear outro salesiano como visitador. Para essa função, foi nomeado o salesiano espanhol Antônio Mélida. Chegaria no final de março e permaneceria em seu trabalho de visitar as casas até o final de junho, quando apresentaria aos salesianos o resultado de seu trabalho.

Depois de ter percorrido o imenso território da inspetoria e visitado todas as comunidades, na reunião do Conselho Inspetorial de 21 de junho de 1981, apresentou seu extenso relatório de avaliação geral. Entre tantas e inúmeras afirmações, mostrou que os salesianos da inspetoria, 174 possuem idade média de 49,5 anos. Os salesianos novos são somente 21; afirmou que é uma situação que merece muita atenção. Apresentou as estatísticas dos alunos, da população geral e dos índios atendidos pelos salesianos. Resumindo o seu trabalho, afirmou que "De outra parte nota-se que os salesianos vivem com bastante austeridade, são dedicados e otimistas; não há divergências ideológicas e a economia está bem montada." E a primeira recomendação geral consistiu nessa simples afirmação: "Robustecer a identidade salesiana de obras e atividades!" Em seguida especificou sua afirmação indicando os processos e os meios para que essa finalidade fosse bem estruturada. Outra afirmação digna de nota foi sobre a possibilidade de se instalar, na inspetoria, o noviciado e uma casa para os estudantes de filosofia, que estavam justamente em S. Carlos e Lorena, SP, quando disse que seria uma boa iniciativa, desde que houvesse salesianos que pudessem dirigir essas casas de formação com zelo e dedicação. Pe. Mélida encerrou seu trabalho e foi muito bem aceito por todos na inspetoria[67].

Em setembro de 1982, na reunião dos inspetores de todas as inspetorias do Brasil, foi comunicado a todos que, tendo sido feito o convite para o Reitor-Mor estar presente aqui na comemoração do Centenário da chegada dos salesianos ao Brasil, ele se dispusera a visitar as inspetorias do Brasil. Para a inspetoria de Campo Grande, ficou estabelecida a data de 23 a 26 de julho, viajando no dia seguinte, 27, para Belo Horizonte. No BI de junho de 1983, foi publicado o roteiro dessa visita, dando como dia 22 de julho sua chegada em Cuiabá, onde permaneceria no dia seguinte com extensa pauta a ser cumprida. No dia 24, iria para Meruri para visitar Meruri e S. Marcos. Dia 25, seria recepcionado no aeroporto de Campo Grande; neste dia teria encontro com os professores das escolas salesianas, com os diversos grupos da Família Salesiana de Campo Grande. E no dia 26, depois da celebração da Eucaristia na Chácara S. Vicente, festejaria o seu aniversário com toda a família salesiana. À tarde, teve oportunidade de visitar o Museu D. Bosco,

[67] Atas do Conselho Inspetorial – 1973 a 1981. jun. 1980, p. 85b-90.

onde a novidade era a enorme coleção de animais empalhados da coleção "Giovani Magrin". No dia seguinte, viajaria pela manhã para Belo Horizonte. O relatório e a descrição de todas as festas comemorativas do Centenário com a presença de D. Egídio Viganó resultou em um Boletim Especial, em que inúmeras fotos retrataram a alegria e o entusiasmo que ele despertava em todos, nos diversos lugares onde esteve, nos alunos, indígenas e professores que estiveram ao seu lado. Foi uma visita muito animadora para todos os salesianos da Inspetoria.

No dia 26 de julho de 1983, ocorreu uma reunião histórica do Conselho Inspetorial em que estavam presentes o Reitor-Mor, D. Egídio Viganó e o Regional, Pe. Walter Bini. Entre os assuntos abordados nessa reunião, esteve presente a questão das lutas nas missões, de um lado, os índios desejando ampliar as reservas e, do outro, os proprietários que já investiram dinheiro nessas propriedades. Conforme o registro houve afirmações bem claras:

> Sobre as Missões. Questão delicada no que diz respeito a terras. As autoridades governamentais decidiram não aumentar o território das reservas existentes. Que os salesianos presentes nas áreas indígenas sigam as orientações e decisões tomadas em âmbito inspetorial e mantenham uma linha definida no trato com os indígenas, a Funai e outros órgãos de influência. D. Viganó afirmou:
> - 'O equilíbrio e o bom senso devem continuar sendo a meta e o modo de atuar na Inspetoria, evitando ou diminuindo as influências negativas ou radicais sobre o comportamento dos Missionários e Indígenas'.
> - 'As Missões são um valor significativo na Inspetoria de Campo Grande, não só pelo passado, mas pelo presente e em vista do futuro!'
> - 'É desejado maior intercâmbio entre o Centro da Congregação e a Inspetoria em nível de reflexão sobre a problemática da Evangelização e Cultura, para dar segurança aos Missionários em sua ação!' Sobre o Menor Carente:
> - Mais que em obras novas, se pense em fazer com que as existentes tenham uma projeção marcante na promoção humana dos mais carentes, por exemplo, as faculdades de Direito e Serviço Social!' Sobre os estudantes de filosofia:
> - 'É desejável que especialmente os salesianos Pós-Noviços possam continuar sua formação e seus estudos em ambientes em que depois trabalharão. É indispensável que se criem as condições para que os jovens salesianos tenham um ambiente altamente formativo: locais apropriados e comunidade formadora.[68]

Com essas orientações bem claras, prosseguiram as festas comemorativas do Centenário da chegada dos Salesianos ao Brasil. Mais ainda, com a presença dessas duas autoridades da Congregação para dar maior ênfase à

[68] Boletim Informativo MSMT, set. 1983, p. 4-5.

vida celebrativa dos salesianos quanto ao passado em busca de uma postura pastoral condizente com o espírito de S. João Bosco.

Alguns outros acontecimentos tornaram-se bastante significativos nesse período na inspetoria. Desde 1980, havia sido proclamado pela Congregação o novo campo de Evangelização a ser incentivado: a África. O Reitor-Mor, D. Egídio Viganó, reservou para os salesianos do Brasil e do Cone-Sul, o trabalho de enviar alguns missionários para os países de língua portuguesa, precisamente para Angola e Moçambique. De modo especial, o projeto no Brasil ficou conhecido por "Projeto Angola"; foram escolhidos vários salesianos das inspetorias para se prepararem para essa missão. Da inspetoria de Campo Grande, alguns salesianos escolheram esse campo missionário como novo campo de trabalho e foram destinados para as casas salesianas desse país.

No dia 12 de dezembro de 1982, Pe. Aurélio de Oliveira Victório Neto deixou o Brasil e embarcou definitivamente para ser novo missionário em Angola. Foi o primeiro sacerdote salesiano a deixar a inspetoria para se transferir definitivamente para Angola. Depois de algum tempo, ao findar o seu tempo de governo da Inspetoria, Pe. José Winkler também foi trabalhar em Angola. Mais tarde, outro salesiano, Pe. Gino Fávaro, que fora diretor da Missão de S. Marcos, também foi ser missionário em Angola. Essa foi a contribuição da Inspetoria para com o projeto de Evangelização da África-Angola.

Outros dois fatos merecem ser notificados pela importância que tiveram durante essa gestão inspetorial. O primeiro foi fruto da decisão do Conselho Inspetorial de 21/03/1980:

> Chácara S. Vicente – Pretende-se fazer uma reforma nos prédios da 'Chácara' para maior conforto dos salesianos velhos e fazer um plano global que possa prever futuras exigências do Aspirantado. Os estudos estão em andamento.[69]

O primeiro passo desse projeto consistiu em reforçar todos os alicerces do prédio do Instituto Pedagógico, onde moravam os estudantes de filosofia desde a década de 1950, e cujos alicerces todos tiveram que receber uma viga de concreto e um estaqueamento de todos os pontos de suporte desse prédio. Depois, conforme o planejamento, foi derrubada a construção toda do prédio do antigo noviciado e, nesse local, surgiu o plano para um prédio em que houvesse vários apartamentos para os salesianos, bem como um bom salão de estudo para os Aspirantes, que, naquele tempo, atingira a ponto alto de mais de 67 aspirantes nas três séries. Ao lado do estudo, no andar superior, uma sala de TV para os aspirantes e, no ângulo próximo do

[69] Boletim Informativo MSMT, jun. 1980, p. 8.

refeitório, a biblioteca. No térreo, salas de aula e escritórios. Um prédio muito adequado, pois havia apartamentos no térreo e no andar superior para os salesianos. Esse prédio ficou concluído em dezembro de 1982. Basta ver uma foto panorâmica do mesmo no BI de abril de 1983, p. 21.

O outro fato digno de uma especial notificação consistiu no convênio com a Fapec sobre a coleção Magrin:

> Convênio – A Missão Salesiana de Mato Grosso e a Fundação de Apoio à Pesquisa, ao Ensino e à Cultura (Fapec) celebraram um convênio para exposição ao público no Museu Regional D. Bosco da coleção de animais empalhados pertencentes à fauna mato-grossense, de propriedade da Fapec. O convênio tem duração de 5 anos, podendo ser prorrogado. O Museu Regional D. Bosco está sendo estruturado para abrigar a coleção que o tornará ainda mais atraente e instrutivo. Valerá a pena visitá-lo vez que vier a Campo Grande.[70]

Assim o diretor do Museu garantiu a presença dos animais da "Coleção Magrin" de Batatais, SP, para ser exposta ao lado de tantas outras coleções do museu. Foi uma conquista ímpar para a Inspetoria.

No dia 29 de maio de 1984, em Lins, tomou posse como bispo o ex-inspetor da Missão Salesiana, ex-Regional e agora consagrado como bispo da cidade de Lins. Na posse D. Bini afirmou:

> Não ponham em mim tantas esperanças nem tantas expectativas. Darei continuidade a um trabalho a partir do Evangelho. Essa é realmente a nossa meta. O mais fica por conta do Espírito Santo, pelo exemplo de D. Bosco (dando também prioridade aos jovens), pelo empenho de Maria Santíssima junto aos salesianos e, acima de tudo, por conta da fé que o fez um Servidor de Deus, da sua igreja e do seu povo. Por isso todas as nossas esperanças foram ainda mais renovadas.[71]

D. Bini trabalhou conforme sua postura já bem delineada como superior de religiosos e agora como pastor de uma grande diocese, com simplicidade e muito carinho para com todos os fiéis, para com o clero e para com os religiosos da própria diocese.

[70] Boletim Informativo MSMT, abr. 1983, p. 22.
[71] Boletim Informativo MSMT, mar. 1984, p. 16-17.



Me. Luís Würstle



Pe. José Crevacore



Me. Armando Catrana



Pe. Luiz Silva Leal



Pe. Miguel Gaya Timoneda



Pe. Sandro Giancola

Capítulo XII

A gestão e a vida salesiana na Inspetoria de 1984-1990

Na metade do mês de maio de 1984, encerrava-se em Roma o Capítulo Geral 22 e, no dia 13 desse mês, chegava a Campo Grande o Pe. José Winkler, que desde o início do ano estivera participando desse capítulo em Roma. Depois da recepção, comunicou a todos que havia recebido do Reitor-Mor um encargo especial: promover imediatamente a consulta para ver quem seria o seu sucessor. No dia seguinte, 14 de maio de 1984, iniciou seu trabalho pelas comunidades de Campo Grande, partindo, em seguida, para realizar a consulta nas casas do norte da Inspetoria e, posteriormente, nas outras regiões. O resultado da consulta foi enviado para o Conselho Superior antes do final do mês de maio.

Nos dias 16 e 17 de junho, a reunião dos diretores das comunidades aconteceu em Cuiabá, onde também se realizou uma sessão acadêmica em homenagem ao Pe. Winkler, que estava finalizando o seu mandato de inspetor. No dia 09 de julho de 1984, Pe. Inspetor José Winkler anunciou que o seu sucessor seria o Pe. José Marinoni. Ficou marcada a data da posse no dia 17 de julho, pois havia a presença dos salesianos de várias comunidades que finalizavam naquele dia o retiro espiritual na Chácara S. Vicente.

Na capela do Colégio D. Bosco, contava-se com a presença dos diretores e de vários representantes das casas e da Família Salesiana, de ex-alunos e de autoridades; na cerimônia de posse, estiveram vários bispos, inclusive o recém-sagrado D. Walter Bini, que fora também inspetor dessa inspetoria. Depois do ritual da posse na capela, todos foram convidados para o coquetel nos pórticos do colégio. Iniciava-se assim a nova etapa de governo na Inspetoria[1].

Pe. José Winkler, que deixava o cargo, ainda viveu um constante atrito nas missões devido à morte do Pe. Rodolfo e do índio Simão, mas conseguiu dialogar bem com as autoridades e com a Funai na procura de soluções justas e pacíficas para as questões indígenas. Houve o tremendo momento de alta frustração por parte dos salesianos e indígenas quanto ao julgamento, na cidade de Barra, daqueles que haviam liderados os invasores da missão que culminou com as mortes do Pe. Rodolfo, do bororo Simão e do moço que fazia parte da comitiva dos fazendeiros. A atenção dos missionários e dos índios para a demarcação e ocupação da reserva permaneceu redobrada.

[1] Crônica da Casa Inspetorial 1983-2000, p. 25-27.

Nesse particular, acentua-se que o novo inspetor fora nomeado diretor da Missão de Meruri logo após esse desastre. Permaneceu nesse cargo alguns anos. Teve a grande oportunidade de conviver com a alta questão da demarcação das reservas indígenas, animou as reuniões dos missionários para a participação dos órgãos ou governamentais ou eclesiais dessa área, precisamente, para estar presente às reuniões ou convocações da Funai ou do Cimi. Esse tempo veio calhar como momento de vivenciar toda a problemática das relações dos missionários com os índios, com as autoridades e com a população envolvente. Por outro lado, naquela região havia o desafio da implantação de uma nova escola de segundo grau na cidade de Barra como clara demonstração da posição dos salesianos da Inspetoria. Sempre houve e continuaria havendo uma vontade precisa de atender à população da cidade e das vizinhanças bem como, de forma idêntica e similar, atender aos povos indígenas da região. Esse seria um grande desafio para o novo inspetor.

Quanto ao conjunto das presenças dos salesianos, o novo inspetor iria encontrar algumas iniciativas necessitadas de gritantes passos: a atividade vocacional e o trabalho nas casas de formação. O Pe. Winkler deixara a inspetoria com todos os formandos realizando suas etapas formativas fora do território da inspetoria. Tal fato consistia em grande demanda de estudos para a edificação das casas de formação para poder realizar algumas etapas da formação aqui no território da inspetoria.

Outros desafios manifestavam-se presentes, porém com mais viabilidade de se concretizar iniciativas necessárias para o aprimoramento ou atualização das atividades educativas e pastorais. Havia a questão da presença das meninas nas séries iniciais das escolas; perdurava a questão das escolas conveniadas com os governos; a interferência das grandes variações ou quedas de valor das moedas adotadas, com inflação veloz provocando momentos de tensão devido aos reajustes de professores e das mensalidades. Tais circunstâncias espelhavam a situação sociopolítica daquele tempo. Além dessas novas perspectivas que sempre iriam solicitar atitudes administrativas apropriadas e variáveis, houve o desenvolvimento da Pastoral do Menor, que culminou com a presença dos Menores na Casa D. Bosco. Por fim, esse período de governo teve que solucionar a questão postergada sempre anteriormente: o ensino universitário no Colégio D. Bosco. Duas demandas seriam enfrentadas nesse tempo. A primeira, iniciar o processo de instalação de uma universidade; e, em segundo lugar, a procura por um espaço apropriado para que a universidade tivesse seu campus de forma própria e exclusiva, liberando os espaços para o Colégio D. Bosco também conquistar sua própria exclusividade.

De forma simples, o novo governo prosseguiu a história da inspetoria em sua luta contínua para se atualizar conforme as necessidades dos tempos.

O governo do Pe. José Marinoni prosseguiu nesse ritmo e acentuou a participação dos encarregados dos diversos setores no planejamento das atividades pastorais; criou ritmos de reuniões dos grupos de atividades pastorais e intensificou estudos e propostas para a consolidação do Projeto Educativo e Pastoral da Inspetoria. Culminou com a participação de todos no processo de propostas de governo ao proclamar Assembleias dos Irmãos para propor agendas e critérios de trabalho para os diversos setores das atividades educativas e pastorais das comunidades salesianas. Esteve sempre aberto aos diversos segmentos da Família Salesiana: cooperadores, ex-alunos, Adma e Filhas de Maria Auxiliadora. Se as questões não puderam ser devidamente solucionadas, tal não se deveu à falta de encontros, de reuniões, de propostas e projetos compartilhados, que aconteceram em muitas oportunidades.

12.1 A organização inspetorial quanto às novas diretrizes e modalidades organizacionais de cada setor das atividades educativo-pastorais

Após a cerimônia de posse, houve uma preocupação em organizar roteiros de viagens, averiguar o andamento de alguns projetos e, já na reunião de 01/08/1984, apresentou-se a nova ficha para realizar uma nova consulta para conselheiros inspetoriais. Nessa reunião, ao realizar a programação de viagens e reuniões, o inspetor realçou que desejaria dois dias para as reuniões do conselho inspetorial, sendo que o primeiro dia seria utilizado para estudos de temas específicos e apresentação do relatório especial do inspetor. Em seguida, foram tratadas todas as reuniões: Cisbrasil, pastorais, da Família Salesiana e outras. Sinalizou que estava empenhado que houvesse participação nessas reuniões e todos os salesianos fossem informados sobre os conteúdos delas[2].

A reunião seguinte, 11-12 de setembro de 1984, iniciou-se com estudos e apresentação do relatório do inspetor; nesse relatório foram apresentadas as temáticas da reunião da Cisbrasil e de outros órgãos. Assim seria o esquema de suas reuniões. Na última reunião do ano, 04-06 de dezembro de 1984, o inspetor convidou o Pe. Osvaldo Scotti para apresentar a questão de demarcação de terras da reserva dos xavantes e dos processos de tentativas de inculturação na liturgia. Após seguir o esquema de apresentar os relatórios do inspetor e do setor administrativo, no dia seguinte, ao encerrar a reunião apresentou-se a organização da inspetoria através do "Plano de ação inspetorial para o ano de 1985"; este plano seria encaminhado ao encarregado do Centro de Catequese para a devida impressão. Esse plano apresenta os projetos e os encarregados das diversas áreas de animação pastoral nas regiões

[2] Atas do Conselho Inspetorial - 1982-1984. Ata de 01/08/1984, p. 80-84.

da inspetorial. Aqui somente são elencados os títulos da equipe de animação sem a nomeação dos salesianos: a) Formação; b)Pastoral Vocacional; c) Pastoral da Juventude: no norte, em Cuiabá, no Sul e no noroeste, S. Paulo; d) Família Salesiana; e) Oratórios e Centros Juvenis; f) Pastoral escolar de 1º e 2º graus; g) Pastoral de ensino universitário; h) Catequese e Comunicação Social; i) Pastoral Paroquial; j) Pastoral Indígena; l) Encarregado das Voluntárias de D. Bosco; m) Encarregado dos Cooperadores; e n) Pastoral do Menor. Os encarregados de todos esses setores de animação inspetorial sempre passaram a se reunir antes das reuniões do Conselho Inspetorial; esse grupo de encarregados recebeu o nome de EIP – órgão inspetorial de animação pastoral e educativa. Ao redor desse grupo de reflexão, ao conjunto de normas e orientações para as atividades pastorais e educativas denominou-se então de PEPS inspetorial e de cada comunidade. Essa modalidade de organização veio para direcionar e coordenar as atividades dos diversos setores para que sempre se encontrassem de acordo com as orientações provenientes dos Dicastérios do centro da Congregação. Convém lembrar que as questões administrativas passaram também a ser coordenadas por uma equipe dirigida pelo ecônomo inspetorial, pois os registros administrativos e as questões documentais da administração passaram pela unificação administrativa. Esse setor veio exigir uma constante atenção para as atualizações das leis federais específicas.

Nessa mesma reunião, foram indicados os possíveis candidatos para os cursos de formação permanente em Barbacena, Brasil, em Ramos Mejia, Argentina, e para o Cerne em Porto Alegre. Esta, outra modalidade de, com precisão, seguir esse atual governo as orientações que chegavam dos diversos Dicastérios do Conselho Superior. Ao mesmo tempo, as orientações recebidas do centro da Congregação tornavam-se presentes pelas constantes citações proferidas pelo Inspetor[3].

Convém notar que, ao lado da casa inspetorial, existia o Centro de Catequese como base de apoio às escolas e movimentos juvenis, às "manhãs de formação" do segundo grau do Colégio D. Bosco e de outras programações inspetoriais como a redação e distribuição do Boletim Informativo.

12.2 A Pastoral Juvenil e as atividades pastorais nas paróquias no período de 1984 a 1990

A atividade pastoral entre os jovens assumiu algumas características especiais nesses anos; prosseguiu com as atividades já consagradas, como a participação na festa de Corpus Christi, na apresentação da Torcida de Deus

[3] Atas do Conselho Inspetorial – 1982-1984. Ata de 06/12/1984, p. 97-100e.

e dos FIC, Festival inspetorial da Canção. Porém o que mais se tornou significativo foram as atividades nos colégios e na pastoral universitária nas comunidades de Campo Grande, Araçatuba e Lins.

Houve algumas celebrações que conseguiram proclamar pastoralmente o próprio significado; assim para iniciar o Ano da Juventude, ocorreu, na manhã do dia 26 de março de 1985, uma passeata pelas ruas centrais de Campo Grande. O jornal Diário da Serra notificou:

> Milhares de alunos nessa caminhada apresentaram São Domingos Sávio como modelo de jovem realizado [...] essa caminhada visou estimular iniciativas em nível interno e externo para que os jovens possam se expressar e mostrar suas esperanças, seus problemas e buscando soluções comuns... Os educadores salesianos fizeram a opção pela Juventude e desde os primórdios da Obra Salesiana, os filhos de D. Bosco trabalham entre os jovens para que estes se tornem "Honestos cidadãos e Bons Cristãos![4]

Também prosseguiram as bem sucedidas programações das atividades com os alunos dos colégios em todas as comunidades com escolas. Nesse ano de 1985, ocorreu, com a presença de alunos de Campo Grande, de Araçatuba e de Coxipó da Ponte, o FIC, no dia 25 de maio; a temática geral das músicas foi a celebração do "Ano Internacional da Juventude". Essa foi uma das atividades tipicamente salesiana que despertou o entusiasmo dos alunos e coordenadores do evento[5].

Para coordenar essas e outras atividades pastorais, prosseguindo com o ritmo de organização adotado nesse período, na reunião do Conselho Inspetorial de 04/06/1985, foi estabelecido que:

> Equipe de Pastoral - Reportando-se à reunião dos encarregados dos vários setores da Inspetoria, realizada no dia 20 de abril na Chácara, quando foram definidas as áreas e apontados o respectivos encarregados, Pe. Inspetor reafirmou as seguintes áreas: Comunidade educativa e pastoral juvenil, educativo cultural e escolas, evangelização (missões, paróquias, catequese), promoção vocacional - associacionismo (em seguida nomeou os responsáveis de cada área). Sendo suas tarefas de assessorar o Pe. Inspetor e seu Conselho na animação e pastoralização das obras e na execução do plano inspetorial, formando cada um dos encarregados sua equipe para reflexão na própria área.[6]

De acordo com a finalidade estabelecida, os coordenadores das diversas áreas tentaram estabelecer reuniões para estudos. Na reunião do Conselho Inspetorial de 11/03/1986, foi apresentado o resultado de uma

[4] Crônica da Casa Inspetorial - 1983-2000, p. 43b.
[5] Crônica da Casa Inspetorial - 1983-2000, p. 47.
[6] Atas do Conselho Inspetorial - 1985-1988. Ata de 05/06/1985, p. 42.

das equipes que estudara sobre a catequese e sua função nas casas salesianas. Fez-se, conforme registra a ata do conselho, uma análise da catequese no Colégio D. Bosco: organização, atividades, locais e subsídios. As conclusões foram: 1) intensificar e integrar evangelização e catequese nos colégios e paróquias; 2) investir na preparação de agentes, formando uma equipe; 3) investir na preparação do ambiente. Verificou-se a falta de símbolos religiosos, mormente de Crucifixos e subsídios. Concluiu-se que esses encontros são muito bons e necessários[7].

Dentro desse horizonte, convém notificar que ocorreu na Chácara S. Vicente do dia 30 de setembro até dia 3 de outubro de 1986, uma reunião de estudo para a qual vieram vários representantes das outras inspetorias salesianas para aprofundar uma série de temáticas referentes à Pastoral Juvenil. Essa reunião interinspetorial de responsáveis pela Pastoral Juvenil em suas respectivas inspetorias também mostrou a união de intenções de todos os salesianos da inspetoria que dela participaram[8].

As reuniões sobre a pastoral juvenil prosseguiram nos anos seguintes. Em agosto de 1987 aconteceu a reunião dos coordenadores de pastoral em Corumbá; o assunto da reunião foi o estudo de um texto editado pela Inspetoria de Porto Alegre, intitulado: "Manifesto para a Espiritualidade Salesiana". Embora com poucos participantes, obteve-se uma boa avaliação. Porém pediram que houvesse alguém da inspetoria que aprofundasse a temática. Ocorreu uma explicação no conselho que esse estudo da pastoral tinha em vista uma apresentação para os jovens, e não para os salesianos[9].

No dia 08 de junho de 1988, o Conselho Inspetorial teve como um item de sua pauta o estudo da relação de "Evangelização e catequese"; partindo de um documento proposto, ocorreram várias observações interessantes como a capacidade de integração no regional, no plano diocesano, mas com as características da identidade salesiana. Foi notado que o documento não apresenta nada sobre os Sacramentos, tão importante em nosso conjunto de pastoral e também, com pesar foi lembrado que esse documento não fala nada sobre Nossa Senhora. Ao menos valeu como estudo e como ocasião de apresentar as sugestões típicas da pastoral salesiana[10].

Dentro da perspectiva pastoral também esteve a preparação para a comemoração do Centenário da morte de D. Bosco, em 1988. Desde o início do ano anterior, precisamente em fevereiro de 1987, fora instituída uma comissão para programar as diversas possibilidades de comemoração com todos os grupos da Família Salesiana. Assim, no dia 14 de fevereiro de 1987, ocorreu

[7] Atas do Conselho Inspetorial. Ata de 11/03/1986, p. 56.
[8] Atas do Conselho Inspetorial. Ata de 11/03/1986, p. 67.
[9] Atas do Conselho Inspetorial – 1985-1988. Ata de 04/08/1987, p. 94b.
[10] Atas do Conselho Inspetorial – 1985-1988. Ata de 08/06/1988, p. 123-123b.

uma reunião na casa inspetorial da equipe Inspetorial D. Bosco 88, sob a coordenação do Pe. Pedro Ferreira, com a presença de Filhas de Maria Auxiliadora e do Inspetor Pe. José Marinoni. Iniciava-se assim a elaborar uma programação para celebrar com entusiasmo o Centenário da morte de D. Bosco[11].

Conforme o BI de janeiro de 1987, desde o início do ano havia sido escolhida uma comissão para a comemoração de D. Bosco 88 e, conforme a programação, haveriam de ser comemorações inspetoriais e locais com a participação mais ampla de alunos e do povo.

Diante das comemorações do centenário da morte de D. Bosco e de tantos documentos sobre a questão da Pastoral Juvenil Salesiana, o BI da Inspetoria de abril de 1988 trouxe a reflexão de um salesiano que, desde antes de 1970, iniciou seu trabalho com os jovens e ao lado de outros salesianos, com o nosso irmão já falecido aos 46 anos de idade, Pe. Teixeira. Este e Pe. Pedro Alves Ferreira haviam realizado um trabalho grandioso entre os jovens desde o norte da Inspetoria, Cuiabá, Barra e o sul, todo o território do atual estado de Mato Grosso do Sul e no oeste de S. Paulo. Esse trabalho foi profícuo e consistente a ponto de gerar inúmeras lideranças na sociedade e nas diversas presenças e movimentos da Igreja nesse amplo território. O BI apresenta, sob o título de Pastoral Juvenil, as duas páginas de reflexão sobre essas quase duas décadas no trabalho com os jovens; o autor expõe sua longa experiência e suas opiniões interessantes sobre cada época e sobre as diversas maneiras com que o trabalho na pastoral juvenil foi assumido e desenvolvido. Trata-se de uma exposição em que o Pe. Guilherme Morales, de longa experiência com os jovens na pastoral universitária e grupos de jovens em especial, apresenta os limites e as grandezas de uma pastoral juvenil bem programada e fundamentada[12].

Ainda em 1988, o BI da Inspetoria trouxe uma longa entrevista com D. Vecchi, que mais tarde seria também Reitor-Mor, sobre a Pastoral Juvenil. Aborda toda a abrangência dos questionamentos e das dimensões possíveis da atividade tão essencial aos salesianos. Diante de uma pergunta essencial sobre a Pastoral Juvenil, ele resumiu seu pensamento:

> Brevemente, como o Sr. definiria a Pastoral Juvenil? Pe. Vecchi: É sabido que tudo que os salesianos fazem é pastoral. Isto, porém, nem sempre acontece: organizamos aulas de religião, Missas ou confissões esporádicas, festas religiosas, encontros [...] mas nem sempre a pastoral pervade tudo. É preciso que cada presença salesiana tenha claro seu projeto educativo-pastoral e organize a obra para realizá-lo. A que visa a nossa Pastoral Juvenil? Três coisas. 1) Suscitar a fé nos jovens; 2) Formar comunidades cristãs. Instrumento fundamental para isto

[11] Crônica da Casa Inspetorial – 1983-2000, p. 73b.
[12] Boletim Informativo MSMT, mar./abr. 1988, p. 34-36.

são os grupos. 3) Transformar o mundo segundo o Evangelho. Isto se dá em tudo: na promoção e na educação, na organização e acompanhamento dos grupos, na pastoral vocacional, no uso dos MCS, na Evangelização propriamente dita [...] Quando D. Bosco dizia que seu objetivo era a SALVAÇÃO DA JUVENTUDE, ou formar bons cristãos e honestos cidadãos é a isto que se referia [...] É claro que muito disto nós já fazemos, aliás, sempre fizemos, mas cada comunidade por si, mudando tudo quando mudam as pessoas. É preciso unificar hoje a ação pastoral dos irmãos e das casas e isso nós fazemos através da elaboração do Projeto Educativo Pastoral Salesiano da Inspetoria e das comunidades. Não é só elaborar, mas também difundi-lo entre os colaboradores e destinatários e preparar, treinar as pessoas para a sua realização no dia a dia [...] é necessário uma equipe de pastoral na obra salesiana, é preciso sempre de um encarregado da Pastoral em nível local e em nível inspetorial.[13]

Na reunião do Conselho Inspetorial de 5 de setembro de 1989, o visitador extraordinário apresentou sua avaliação sobre a Inspetoria. Em seu relatório, ao se referir à Pastoral Juvenil, afirmou que houve regressão nesse setor devido à falta de PEPS apesar das tentativas de elaboração; falta de maior aprofundamento do sistema preventivo, perdeu-se o elã devido também à situação. Essa afirmação se restringiu à atividade da Pastoral Juvenil. Fato lamentável para os salesianos[14].

Em sua última reunião como inspetor, Pe. José Marinoni, que retornara da Itália após participar do Capítulo Geral 23, com a presença dos encarregados dos diversos setores da Pastoral na Inspetoria, fez a apresentação resumida do documento final desse CG23: Educar os jovens à fé, em três partes; 1) A realidade juvenil desafia a comunidade salesiana salientando: a) o contexto em que vive a comunidade salesiana, b) a situação juvenil, c) os jovens perante a fé e os desafios; 2) o caminho à fé: a) a comunidade frente aos desafios, b) o caminho de formação à fé, c) a espiritualidade juvenil salesiana, do cotidiano, da alegria e do otimismo, da amizade com o Senhor Jesus, da comunhão eclesial e do serviço responsável. 3) Parte: empenhos deliberativos [...] a) O caminho à fé dos jovens exige o testemunho e sua inserção no mundo juvenil; exige que se torne animadora da comunidade educativa, com uma pastoral orgânica, voltada à orientação vocacional, como nova forma de comunicação; b) Orientações operativas, indicando vários ambientes de ação em favor dos jovens, com ampla acolhida e encontro pessoal. Após expor esse documento, saudou ao novo inspetor, Pe. João Bosco Maciel e encerrou seu trabalho como inspetor[15].

[13] Boletim Informativo MSMT, jan./fev. 1988, p. 32-37.
[14] Atas do Conselho Inspetorial - 1988-1991. Ata de 05/09/1989, p. 166.
[15] Atas do Conselho Inspetorial - 1988-1991. Ata de 14/06/1990, p. 181b.

Por outro lado, o movimento pastoral nas paróquias acompanhou o ritmo do governo na Inspetoria, sempre de acordo com o pároco encarregado de animar o setor e de realizar os encontros anuais para estudos e ponderações necessárias de acordo com cada região onde situasse a própria paróquia.

Segundo o BI da Inspetoria, nos dias 16-18 de abril de 1985, na Chácara S. Vicente ocorreu a reunião anual dos Párocos e Vigários das paróquias da Inspetoria. Ao todo estavam os representantes das 23 paróquias da inspetoria. No primeiro dia do encontro, falou-se da vida de um pároco salesiano em suas alegrias e em suas dificuldades. Depois, iniciou-se o estudo do "Projeto Educativo Pastoral Salesiano na Paróquia" em suas 5 áreas: Comunidade Educativa, dimensão educativo-pastoral, evangelização e catequese, orientação vocacional, experiência associativa. De cada área examinou-se a situação, os objetivos e as atividades que poderiam ser programadas. Todas essas dimensões foram aplicadas à realidade de cada paróquia. Depois desse longo tempo de estudo, deliberou-se que o objetivo da próxima reunião seria elaborar o Projeto Inspetorial a partir dessas linhas e dimensões estudadas. Também desse encontro surgiu o novo encarregado desse setor para organizar os encontros dos párocos nos anos seguintes, Pe. Giulio Boffi[16].

A novidade no setor das paróquias nesse tempo foi a entrega definitiva da paróquia de Lucélia no dia 6 de janeiro de 1985. Essa paróquia esteve sob o compromisso dos salesianos desde 1954; antes os salesianos haviam chegado lá para abrir um colégio em janeiro de 1950, quando se iniciaram as atividades do Ginásio S. Domingos Sávio. Em 1960, o aspirantado de Tupã foi transferido para esse colégio, onde permaneceu até 1971 quando, por sua vez, esse aspirantado foi transferido para o colégio de Araçatuba. Depois que os salesianos assumiram a paróquia, coube ao Pe. Francisco Mahr a edificação da grandiosa Igreja paroquial, concluída pelos seus sucessores, Pe. Arduino Antonello, Pe. Mário Gosso e os dois irmãos Pe. Carmelo e Pe. Valério Útel. O último pároco foi o Pe. Fortunato Fávero. Nesse dia, os salesianos deixaram de estar presentes no território da diocese de Marília; a primeira presença salesiana nessa diocese foi em Tupã, quando se iniciou o colégio D. Bosco, que também tinha sido encerrado na década de 1970[17].

Nesse período, precisamente no início de 1985, a inspetoria entregava para o Sr. Bispo de Guiratinga a paróquia de Ponte Branca, às margens do Araguaia. Essa região desde 1937 sempre foi atendida pelos salesianos que partiam a cavalo da comunidade de Alto Araguaia para esse trabalho pastoral. Pe. Pio Maestro atendeu essa região com as "desobrigas" regulares até

[16] Boletim Informativo MSMT, maio 1985, p. 17-18.
[17] Boletim Informativo MSMT, maio 1985, p. 31-32.

o ano de 1957. Depois o Pe. Higino Fasso fixou residência no povoado; em 1974, foi o Pe. Humberto Angeloni que o substituiu, melhorou com reformas bem acabadas a residência do sacerdote, e construiu uma quadra esportiva para o pequeno oratório; houve tempo em que, além desse trabalho pastoral, foi designado diretor da escola estadual da vila. Em 1980, sucedeu-o o Pe. Carlos Egon, que lá permaneceu até 1985. A entrega dessa paróquia lembrou bem as modalidades de atendimentos pastorais realizados pelos salesianos em décadas passadas, sempre viajando a cavalo e atendendo a população rural da região toda. Um grande trabalho pastoral muito significativo para a edificação da Igreja[18].

Outra novidade no setor de paróquias ocorreu em Coxipó; a paróquia de Nossa Senhora da Guia de Coxipó era simplesmente imensa. No dia 14 de fevereiro de 1988, por decreto do Sr. Bispo foi desmembrada a Capela de Nossa Senhora Aparecida, edificada pelo mesmo decreto em nova paróquia e entregue aos franciscanos capuchinhos. Ainda assim, o território da Paróquia de Nossa Senhora da Guia, da comunidade do Coxipó, permaneceu imenso, pois abrangia mais de seis bairros populosos; logicamente que em cada um deles foi edificada uma igreja ou várias capelas atendidas sempre pelos salesianos[19].

A atividade pastoral salesiana nas paróquias serviu de base para a evangelização e construção da presença da Igreja em todo o território do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul no início do século XX; perdurou ainda esse trabalho em vários lugares, em especial nas cidades maiores, havendo sempre tendência de desmembramentos de território das paróquias e principalmente a fixação em paróquias que estivessem ao lado de uma comunidade salesiana. Muitas divisões e mesmo entrega de várias paróquias perduraram pelas décadas seguintes na atividade pastoral da inspetoria. Em Campo Grande, houve desde 1990 propostas para dividir o território da Paróquia D. Bosco em outras tantas, onde houvesse capelas com casa para acolher o pároco e uma igreja considerada apta para o funcionamento de uma paróquia. Por parte dos salesianos, houve uma abertura para que a diocese proporcionasse uma presença mais consistente à população, proposta nem sempre aceita de imediato. Mais tarde, alguns anos depois essa proposta foi assumida pela diocese[20].

[18] Boletim Informativo MSMT, dez. 1985, p. 49.
[19] Boletim Informativo MSMT, mar./abr. 1988, p. 12-13.
[20] Atas do Conselho Inspetorial – 1988-1991. Ata de 10/10/1990, p. 186b.

12.3 A presença salesiana nas escolas de 1º e 2º graus no período de 1984 a 1990

O setor mais privilegiado pelas escolhas de processo de atender a população e de mostrar a ação pastoral salesiana foram as escolas; nos primeiros tempos da inspetoria, a escola fora determinada pela modalidade de ser o internato o principal setor de atendimento. A escola era fortemente marcada pela modalidade de trabalho que os internatos exigiam. Nesse tempo, a ação dos salesianos se uniformizava nas metodologias de atendimento dos internos e nos processos pedagógicos vigentes. Com o passar do tempo, até o final de 1970, praticamente, devido ao desenvolvimento dos meios de comunicação e ao desenvolvimento das cidades em todas as regiões, o internato perdeu sua posição de destaque e, praticamente, as escolas passaram a se classificar somente como possibilidades educativas para alunos externos. Convém notar também que, se antigamente a escola era tipicamente para os meninos, desde essa época todas as escolas se tornaram ambientes classificados para acolher como alunos, tanto os meninos, como as meninas. Nesse período, as escolas da inspetoria iriam se defrontar com outros problemas que surgiram devido à instabilidade econômica no país e, por outro lado, com questões mais próximas do tempo, como a questão da escolha de um material didático com consistência de conteúdos e boa metodologia pedagógica. As diferenças provenientes da diversidade de teorias pedagógicas influíram também nas escolhas dos processos de aprendizagem. Em geral, nas escolas salesianas, prevaleceu a questão de um estudo consistente de conteúdos exigidos para os vestibulares das universidades mais concorridas.

Por outro lado, na inspetoria houve uma diversidade de processos nas escolas quanto à subsistência; havia as escolas tidas como particulares, em cuja base de sustentação estavam as mensalidades, e as escolas conveniadas, em que não havia mensalidade, pois os professores eram mantidos pelo estado. Essa distinção tornou-se um ponto de referência para o governo da inspetoria. A necessidade maior era o constante apelo por melhorias nas escolas particulares; estas deveriam estar em constante atenção pelo aprimoramento no atendimento, na proposta salesiana pedagógica e pastoral, bem como de acordo com as exigências do mercado quanto ao material didático. Havia também uma necessidade latente de constante melhoria dos ambientes e condições de uma oferta de atendimento sempre mais cuidadoso. Várias reformas nas escolas nesse tempo tiveram como referência a constante necessidade de melhorar o ambiente em geral e criar condições impecáveis de se construir um ambiente material de boa apresentação, um atendimento pedagógico ímpar e de se fortalecer a identidade salesiana pelas atividades pastorais e pedagógicas que pudessem sempre contribuir para se estruturar uma identidade forte e consistente.

Uma das constantes preocupações do centro inspetorial era a luta pela renovação dos convênios com as secretarias dos governos. Essa luta consistia em divergências quanto ao trato com as escolas conveniadas. Por alguns anos, o governo decretou que a nomeação de diretores de escolas seria por eleição, ao passo que esse processo não poderia ser aceito pela Inspetoria; outra dificuldade era demonstrar que as escolas conveniadas da Missão Salesiana deveriam ter seus diretores indicados pela Missão. Essa foi a posição ideal defendida pela direção da Missão. As escolas conveniadas situavam-se duas em Corumbá, a escola do Paulo VI em Campo Grande e todas as escolas das missões. Essa batalha continuaria por muitos anos tanto com o governo do Mato Grosso como com as posturas do governo do Mato Grosso do Sul. A título de exemplo, uma das constatações do Conselho Inspetorial de 4 de outubro de 1987:

> Escolas conveniadas: a questão ainda está em compasso de espera. Em Cuiabá, a Secretaria age sorrateiramente: marca reuniões e desmarca. Por parte da Missão foi comunicado que os nossos diretores não promoverão eleições e, se elas se efetuarem, a escola não funcionará em nossas instalações. Parece haver um movimento para ser introduzida uma emenda a favor das escolas conveniadas pela própria Assembléia. Em Mato Grosso do Sul, o projeto do Governo no mesmo sentido foi rejeitado pela Assembléia.[21]

Essas escolas conveniadas mais tarde prosseguiriam com os diretores indicados pela Missão Salesiana; o Colégio Santa Teresa voltaria a funcionar somente como escola particular. As escolas das missões, Sangradouro, Meruri e S. Marcos, seriam dirigidas pelos respectivos diretores das comunidades locais. A escola do Paulo VI teria um diretor leigo, mas sempre de acordo com o parecer da Missão Salesiana. Dessa forma prosseguiram as atividades nessas escolas, e as grandes divergências aos poucos foram solucionadas. Essas questões foram solucionadas devido à constante presença da Missão Salesiana, através de seus representantes, em busca de manter a identidade salesiana em suas presenças e nos processos pedagógicos e pastorais nas escolas.

Quanto às escolas ditas "particulares", salesianas, e completamente independentes do governo, a preocupação do Conselho Inspetorial sempre foi mantê-las como presenças atuantes e sempre atualizadas no atendimento aos alunos, como presença em que se concretiza o ideal de D. Bosco na educação dos jovens. Embora os colégios sempre tivessem sido a marca principal da presença educativa salesiana nesse território, com as profundas modificações da cultura vigente, passaram por períodos de reformulações e

[21] Atas do Conselho Inspetorial – 1985-1988. Ata de 02/10/1987, p. 102.

constantes ajustes. A título de exemplo de como os salesianos deveriam naqueles anos enfrentar situações complicadas, a Crônica da Casa Inspetorial registrou que, na noite do dia 20 de abril de 1986, o Inspetor e o Ecônomo Inspetorial viajaram para Cuiabá para prestar uma assistência aos salesianos que estavam muito esgotados de tanta preocupação com as reclamações dos professores por aumento no salário; porém, as mensalidades haviam sido "congeladas" devido ao pacote econômico promulgado pelo governo. Foram dias de muitas negociações e de greves que assustavam a direção do colégio[22].

Outras duas escolas também mereceram atenção especial; a escola de Barra do Garças e o prédio do antigo Ginásio Pe. Carletti, de Alto Araguaia. A escola de Alto Araguaia passou por tempos diferentes em que os dirigentes salesianos preferiram encerrar as atividades do internato; como isso não bastasse, assumiram a ideia de a transformar em escola pública, tornando-a uma extensão da escola conveniada das Filhas de Maria Auxiliadora. Tal posição durou pouco mais de um ano, e as Filhas de Maria Auxiliadora encerraram essa atividade que ocorria no prédio do Ginásio Pe. Carletti. Os salesianos que ali estavam não encontraram outra iniciativa a não ser desfazer-se desse prédio onde funcionou a escola salesiana do Ginásio Pe. Carletti e para onde se dirigira o então prelado do Registro do Araguaia, D. Malan, em 1920, levando para essa cidade a sede da Prelazia. Depois funcionou como escola regular de internato e externato, até essa época em que a comunidade salesiana não se encontrava mais nessa atividade. Surgiu a proposta da Universidade do Estado de Mato Grosso.

Essa questão do prédio de Alto Araguaia e da alienação da fazenda, foram assuntos de todas as reuniões de seis meses do Conselho Inspetorial; ora com algumas sugestões de venda, ora com outras. Ao final, da reunião de abril de 1990, praticamente tudo indicava que as negociações com a Unemat prosseguiriam[23]. De fato a Inspetoria mais tarde iria alienar o prédio para essa universidade que não cumpriria com seus compromissos de pagamentos. A fazenda de Alto Araguaia foi vendida, e os salesianos somente permaneceram cuidando da paróquia. Encerrava-se assim o trabalho educativo escolar da presença salesiana em Alto Araguaia, depois de mais de 60 anos de atividades em prol dessa população.

Na reunião Conselho Inspetorial de 20 de fevereiro de 1990, ocorreu a decisão de se construir em Araçatuba uma quadra coberta para melhor atendimento das atividades dos alunos. O ecônomo inspetorial iria verificar a questão do local dessa futura quadra[24].

[22] Crônica da Casa Inspetorial – 1983-2000, p. 59.
[23] Atas do Conselho Inspetorial – 1988-1991. Ata de 19/04/1990, p. 178b.
[24] Atas do Conselho Inspetorial – 1988-1991. Ata de 20/02/1990, p. 177b.

Ainda sobre a atividade das escolas, entrou em pauta, na reunião do conselho inspetorial de 25 de junho de 1989, a questão da escola em Barra do Garças; todas as possibilidades foram elencadas, a saber, conservar a escola como particular, como conveniada ou encerrar as atividades. A comunidade local achava impossível continuar como escola conveniada; apresentaram todas as dificuldades em todas as hipóteses. Mas, até o final do ano, uma solução seria assumida[25]. Na reunião de 06 de dezembro de 1989, o ecônomo inspetorial praticamente estava negociando com uma firma a alienação do prédio da escola de Barra, mas as negociações prosseguiam devagar; também foram notificados outros interesses pelo prédio, como o do governador do Estado. Essa posição ocorreu na reunião do Conselho Inspetorial de janeiro de 1990. Na reunião de fevereiro de 1990, o Pe. Inspetor referiu-se ao encontro que ele teve com o Secretário de Educação do Estado de Mato Grosso, que se manifestou interessado na compra do prédio; não assumiria o comando de uma escola a Missão Salesiana enquanto não houvesse uma definição da situação. Havia interessados de todas as partes, até o Sr. Bispo, assim foi registrado na ata de 7 de fevereiro de 1990. Na reunião do Conselho Inspetorial de 20 de fevereiro de 1990, assim ficou registrado:

> Colégio de Barra do Garças: Pe. Frederico historiou a sequência de encontros antes em Barra do Garças e depois em Cuiabá com o governador, que mostrou não ter informações corretas sobre toda a caminhada da questão, e com o Secretário de Educação. Concluiu-se com a desapropriação, por parte do Governo do Estado, do prédio e adjacências, ou seja, quadras e pátios. O governo providenciaria o levantamento de tudo para a indenização de acordo com a Constituição, a partir de abril.[26]

Essa desapropriação como estudo e como posse do Estado prosseguiu seu curso. Porém, na reunião do Conselho Inspetorial de 9 de maio de 1990, foi notificado que, no final do mês de abril, expirara o tempo para que o pagamento da desapropriação do prédio da Barra fosse liquidado. O Governo não pagou nem sequer avisou. Somente se constatou que aquela área e o prédio eram, de agora em diante, propriedade do Governo, e que a Missão Salesiana nada mais tinha a ver com a questão. A Missão, através de seus advogados, iria assumir uma postura condizente com esse caso[27]. Mas a questão não se resolvera, em julho chegou a notícia de que o Procurador do Estado estaria encaminhando uma proposta de compra com valor muito reduzido; a Inspetoria iria aguardar a chegada da proposta. Somente em agosto, chegou a

[25] Atas do Conselho Inspetorial – 1988-1991. Ata de 25/06/1990, p. 159.
[26] Atas do Conselho Inspetorial – 1988-1991. Ata de 20/02/1990, p. 177b.
[27] Atas do Conselho Inspetorial – 1988-1991. Ata de 09/05/1990, p. 180.

proposta do pagamento do Governo. A Missão passou as negociações para o engenheiro Haddad para que entrasse em contato com o governo. Na reunião de 10 de outubro de 1990, ficou registrado que a Inspetoria iria mover uma causa contra o Governo, que não pagou o que fora combinado anteriormente[28]. Dessa forma, o prédio da escola D. Bosco de Barra do Garças foi parar nas mãos do governo do Estado, que não honrou seus compromissos da desapropriação. Como a Missão moveu causa contra o governo, essa dívida tornou-se um "precatório" que não se esperava que fosse quitado pelo Estado tão logo. Assim encerrou-se esse período de negociação. O precatório seria quitado somente uns vinte e tantos anos posteriormente.

No setor das escolas, nesse período surgiram as propostas de construções e melhorias dentro do pátio do S. Gonçalo de Cuiabá. As salas do setor de pré-escolar e séries iniciais foram reformadas, e a presença de meninas nesse conjunto veio completar as modificações esperadas. Nesses anos, todas as atividades pastorais e educativas do S. Gonçalo atingiram momentos de intensa repercussão e de entusiasmo. O número de alunos de 1989 atingiu 3.600 alunos; as festas religiosas foram muito significativas: houve manhãs e tardes de formação em todos os níveis; a catequese preparou mais de 340 alunos para a primeira eucaristia no primeiro grau; no segundo grau, houve a crisma de 195 jovens. Estes dados falam por si somente[29].

No ano seguinte, 1990, o entusiasmo no colégio foi expressivo também; no carnaval houve um "Vinde e Vede" na quadra coberta da Universidade. Mas o que mais agradou a todos foram as reformas nas quadras do pátio inferior; as duas quadras foram cobertas e tiveram os pisos refeitos para consolo e melhor acolhida dos alunos. Embora essas melhorias trouxessem novas condições para acolher os alunos, perdurariam ainda algumas iniciativas apresentadas ao Conselho Inspetorial nesse tempo, tendo em vista a edificação de novas salas e novos ambientes para qualificar o colégio como tal[30].

No setor de escolas, houve algumas notificações importantes; ao menos para registrar, houve a decisão de encerrar o segundo grau para os aspirantes na Chácara S. Vicente, passando os aspirantes a frequentar as aulas do segundo grau no Colégio D. Bosco, depois da aprovação do conselho da casa e do Conselho Inspetorial que, na reunião de 07/10/1987, aprovou essa decisão. Todas as providências foram tomadas para que, no ano de 1988, os aspirantes passassem a frequentar as aulas normalmente como alunos do Colégio D. Bosco. Ainda em relação às atividades da comunidade da Lagoa da Cruz, voltou a ser muito criticado o funcionamento da escola estadual da

[28] Atas do Conselho Inspetorial – 1988-1991. Ata de 10/10/1990, p. 187b.
[29] Boletim Informativo MSMT – nov./dez. 1989, p. 39.
[30] Boletim Informativo MSMT – maio/jun. 1990, p. 15 e Atas do Conselho Inspetorial – 1988-1991. Ata de 09/11/1989, p. 170.

Lagoa da Cruz, a Escola S. Vicente, devido a uma atuação inapropriada dos professores nomeados pelo Estado. Por outro lado, também foram solicitadas melhorias quanto aos movimentos que ocorriam nas dependências de proximidades da casa de Retiro; o ecônomo inspetorial afirmou que tudo seria resolvido com a construção de uma área de recepção no final do corredor paralelo à estrada, e que seria construída uma Quadra-Teatro com palco e com banheiros condizentes para a recepção de grupos e que atendessem às necessidades dos visitantes ou de grupos de alunos que ali se reuniam para uma manhã de reflexão[31].

Na Cidade D. Bosco de Corumbá, iniciou-se, nesse tempo, a escola de Serralheria para a devida capacitação de profissionais nesse setor, ao mesmo tempo em que se criava o Centro Profissionalizante nessa obra com auxílios financeiros provenientes da Europa. Mais tarde, outros cursos iriam ser iniciados nessa casa, embora houvesse cursos similares no Senai da cidade[32]. No Boletim Informativo de maio/junho de 1989, existe uma longa entrevista com o Pe. João Zerbini expondo as conceituações e as motivações que o levaram a investir muitos recursos na construção do prédio onde está sediado o Centro Profissionalizante da Cidade D. Bosco. Existem motivações convincentes para o enorme montante de recursos empregados, sobretudo na aquisição das máquinas pesadas de cortar as barras de ferro ou aço nas oficinas de mecânica e em outros setores onde a serralheria seria a principal atividade dos aprendizes[33].

Nesse ano de 1989, em Corumbá, o Colégio Santa Teresa completava 90 anos de atividade; fora fundado pelo então D. Luiz Lasagna, que no retorno de sua viagem de Cuiabá, ao passar alguns dias em Corumbá, já deixara apalavrada essa fundação, que encontrou em seu diretor Pe. Miguel Alagna, depois bispo do Rio Negro, o grande autor dos projetos e reconstrução dos prédios antigos. Também foi do Pe. Miguel Alagna a edificação do Santuário de Maria Auxiliadora. Para celebrar esses 90 anos, uma poetisa, Sra. Magali de Souza Baruki, escreveu um longo poema, anexado no final deste capítulo (Anexo no I Poema: Santa Teresa: 90 anos – BI junho de 1989, p. 46-50).

Na reunião do Conselho Inspetorial de 11 de julho de 1990, foi discutido estudo apresentado pelo diretor da comunidade do Coxipó, Pe. Lauro Takaki Shinohara, sobre o futuro daquela escola. Depois das considerações, resolveu-se, mediante votação, que seria aceita a primeira hipótese em que se mostrava a solução pela anexação da escola ao S. Gonçalo, nas séries de 5 a 8, permanecendo a possibilidade de se introduzir uma escola mista para as

[31] Atas do Conselho Inspetorial – 1988-1991. Ata de 09/11/1989, p. 170.
[32] Atas do Conselho Inspetorial – 1988-1991. Ata de 11/08/1989, p. 164.
[33] Boletim Informativo MSMT, maio/jun. 1989, p. 35-41.

séries iniciais. Na reunião do mês seguinte, houve a apresentação das deliberações a partir das sugestões da comunidade do S. Gonçalo. Esta passaria a reger a escola e programaria todas as medidas cabíveis. Pe. Lauro ainda mostrou a necessidade de se adquirir carteiras novas para se iniciar bem o ano próximo. Ficou resolvido que a direção do S. Gonçalo iria solucionar essa questão. Na reunião seguinte, 10/11/1990, foram apresentados planos de melhorias e reformas no conjunto do prédio do Coxipó para o funcionamento da escola anexada ao S. Gonçalo. Pe. Frederico apalavrou que as reformas iriam depender dos recursos disponíveis[34]. De fato, no ano seguinte, houve a anexação da escola ginasial do Coxipó ao S. Gonçalo. Todas as atividades escolares do Pré-Aspirantado do Coxipó passaram no ano de 1991, a ser regidas pela diretoria Pedagógica do Colégio S. Gonçalo. A escola do Coxipó tornara-se uma mera extensão do Colégio S. Gonçalo, depois de tantos e tantos anos gloriosos de sua história.

O Boletim Informativo de junho de 1989 publicou uma estatística geral de todas as escolas da Inspetoria. Nessa estatística, estão incluídas as escolas conveniadas e as escolas das três Missões, Sangradouro, Meruri e S. Marcos. Da mesma forma, estão as escolas de Barra do Garças, Paulo VI, Escola S. Vicente da Lagoa da Cruz, Cidade D. Bosco e Indápolis; todas essas são conveniadas ou estaduais. O total de alunos do pré ao terceiro ano do 2º grau atingiu 19.689 alunos; e os alunos do Ensino Universitário em Lins, Araçatuba e Campo Grande totalizaram 5.354. Assim o número total de alunos nos estabelecimentos da Missão Salesiana atingiu, nesse ano de 1989, 25.043 alunos.

Essa estatística tem o poder significativo de constatar o valor da presença dos salesianos nos estabelecimentos de ensino e educação; por outro lado, os salesianos atuando como discípulos de D. Bosco trabalham com esse grande número de jovens para a sua formação profissional e cristã, para a construção da Igreja nessa região ou, segundo o lema de D. Bosco, para formar "Bons Cristãos e Honestos Cidadãos!"[35].

12.4 As perspectivas que se evidenciaram no complexo do Colégio D. Bosco e da Fucmt nesse período de 1984 a 1991

Em Campo Grande, precisamente no complexo do Colégio D. Bosco, esse tempo foi marcado por um aumento significativo de alunos dos dois órgãos que se dedicam à formação dos jovens: o colégio D. Bosco e os cursos universitários da Fucmt. O crescimento de atividades, tanto em um como no

[34] Atas do Conselho Inspetorial – 1988-1991. Ata de 10/10/1990, p. 188.
[35] Boletim Informativo MSMT, mai./jun. 1989, p. 21.

outro, provocou uma espécie de saturação dos ambientes. As duas entidades sofriam por esse motivo. A comunidade de salesianos, apesar de ser uma situação complexa, procurava administrar a situação de comum acordo para o atendimento de todas as necessidades de um e de outro órgão. Mas era visível a constante preocupação de se encontrar uma resolução para essa situação.

Alguns fatores de ordem externa vieram aumentar as preocupações tanto de um lado como de outro. No colégio, o crescimento do número de alunos e do curso pré-vestibular mostrou-se como uma exigência em seu atendimento para que se encontrasse uma possibilidade de acolher esses alunos que procuravam os professores e as dependências do Colégio D. Bosco para seus estudos.

Já em 1984, funcionava normalmente um novo departamento do Colégio: o Poliesportivo com quadras cobertas e campos de esportes, piscina olímpica, quadras de tênis e dependências para festas e encontros, cozinha e salão de festas. Este ambiente completava a capacidade de atendimento do Colégio e das Faculdades.

Para a reunião do conselho de 10 de março de 1986, foram convidados alguns salesianos diretores das faculdades e do colégio D. Bosco para expor aos conselheiros alguns itens da problemática da situação do D. Bosco e, se fosse o caso, apresentar alguma sugestão para que o ambiente fosse mais bem organizado e aproveitado. Inicialmente o Pe. Sanchez, diretor do D. Bosco-Fucmt, expôs as sugestões do engenheiro Davi Haddad sobre os problemas que, em breve, a Missão deveria enfrentar com o reordenamento urbano da cidade, em estudo na Secretaria de urbanização do município. Após a exposição, os diretores das diversas faculdades também fizeram uso da palavra para elucidar a exposição anterior. A maior constatação foi a pequenez do espaço de 8.000 metros quadrados, onde conviviam 15 salesianos, 300 professores e 10.503 alunos. Os vários cursos exigiam melhorias constantes nas salas de aula; a biblioteca não dispunha de espaço suficiente para atender a procura dos alunos, tudo isso para os diretores exigia um redimensionamento e um desmembramento das atividades realizadas dentro do Colégio D. Bosco-Fucmt. O redimensionamento exigia adaptar a escola ao momento, racionalizando o trabalho para dar melhor resposta às exigências do ensino do momento. Várias outras intervenções apresentaram detalhes desse projeto e da necessidade de se redimensionar os espaços do ambiente para se obter uma melhor qualidade no atendimento. Toda a problemática voltava-se ao atendimento aos jovens conferindo prioridade à oferta de uma educação digna. O diretor afirmou que "o problema da Igreja hoje são os jovens; que a nossa prioridade é a educação e a formação dos jovens; para isso

nos auxiliam os leigos, pois a juventude necessita de auxílios". Depois dessa apresentação, os salesianos do D. Bosco-Fucmt retiraram-se[36].

Na reunião do Conselho Inspetorial de 30 de abril de 1986, foi apresentado e discutido um documento preparado por uma comissão que estudou a questão do "Ensino Universitário". As apreciações foram de variado teor, mas nenhuma decisão foi estabelecida, apenas maior conscientização sobre o assunto.

No ano seguinte, com as reformas políticas federais, houve o congelamento das mensalidades das escolas particulares; o resultado dessa política foi a insatisfação geral dos professores, que viram os próprios salários serem desvalorizados de forma brutal. Tal fato provocou uma onda de reações nos colégios, em especial no S. Gonçalo, em Cuiabá.

No ano de 1989, em especial no segundo semestre, os alunos não aceitaram os reajustes das mensalidades na Fucmt, e houve negociações, ao final do mês de agosto praticamente os reajustes foram acertados, e o movimento estudantil de passeatas e de manifestações agressivas contra a diretoria da Instituição já estava finalizando. Mas no início de outubro, devido às denúncias, o Juiz federal Odilon de Oliveira decretou a prisão de alguns diretores de escolas particulares; entre esses diretores estavam o diretor do Colégio D. Bosco, Pe. Sanchez, a Irmã Aparecida Maria Marin, diretora do colégio Auxiliadora e o diretor do Colégio Alexander Fleming. Embora a portaria que exigia obediência quanto às mensalidade, a decisão de mandar prender os diretores ocorreu no dia 06/10. Foram presos e levados para o prédio da Polícia Federal. Foi um transtorno para se obter o Habeas Corpus; somente enviando advogados a S. Paulo para que a ordem chegasse logo. Depois houve o problema da alta fiança decretada pelo juiz em dia de sábado, mas, com a colaboração de muitos amigos e funcionários, foi possível afiançar a liberdade do diretor, que ficou um dia e uma noite preso no prédio da Polícia Federal. Foi lamentável, mas surtiu o efeito esperado[37]. Nessa ocorrência, um telefonema avisou a um salesiano que às 13h iriam prender o diretor do Colégio; avisado a tempo, o Pe. Sanchez não quis deixar a casa e ir para outra casa para não ser preso. Mas houve alguém que não queria essa prisão e avisara os salesianos. Para que tudo isso ocorresse, contribuiu muito a proximidade de estudantes universitários ao lado dos outros alunos do ensino colegial e fundamental[38]. Já se estudava a separação da Fucmt do complexo do Colégio D. Bosco.

Desde 1985, já se havia iniciado a reflexão sobre a complexidade que a presença da Fucmt trazia para o Colégio D. Bosco; ora uma convocação do

[36] Atas do Conselho Inspetorial – 1985b-1989. Ata de 11/03/1986, p. 56b-57.
[37] Boletim Informativo MSMT, set./out. 1989, p. 35-44.
[38] Atas do Conselho Inspetorial – 1985-1989. Ata de 11/03/1986, p. 56b-57.

Inspetor, ora outra reflexão para se apresentar as possíveis soluções ou diretivas a serem tomadas, prolongaram esse estado de superpopulação estudantil no Colégio D. Bosco. Em março de 1986, já havia sido apresentado ao conselho questões que o engenheiro Haddad apresentara como próximos reordenamentos das leis que iriam exigir providências no complexo D. Bosco.

No dia 12 de maio de 1987, numa reunião do Conselho Inspetorial em que o Pe. Sanchez deveria apresentar um relatório sobre as escolas, de fato apresentou as dificuldades das escolas diante das leis e dos decretos que congelavam as mensalidades, e a desvalorização da moeda levava a um desnível considerável diante da enorme inflação. Segundo ele, o Colégio D. Bosco estava conseguindo manter-se sem superávit algum, e a Fucmt estava trabalhando no vermelho e lutando para cobrir a folha de pagamento a todos. Diante dessa situação, ele apresentou ao conselho uma opinião de que não se deveria desistir das escolas, pois essa situação seria transitória e, mais para frente, tudo voltaria à normalidade. Depois introduziu um assunto determinante:

> Com a Fucmt, em particular, comunicou encerrando o seu arrazoado, que havia enviado ao MEC a carta-consulta, visando transformá-la em Universidade, conforme o cronograma da Comissão adrede criada. E agradecendo o interesse do Conselho, retirou-se. Os conselheiros aproveitaram do momento para questionar a situação. Em primeiro lugar o Pe. Frederico Himler que partindo das Constituições artigo 165, nº 5 indagava se o Pe. Ângelo Sanchez tinha autonomia para *motu proprio*, enviar a carta-consulta ao MEC. O Pe. Inspetor respondeu que ele autorizara, por sua inteira responsabilidade, os procedimentos necessários para converter a Fucmt em Universidade, que a carta-consulta é decorrência legal desta autorização, que para autorizar os provimentos legais para possível conversão da Fucmt em Universidade, ele, como Inspetor, não necessita constitucionalmente do consenso dos senhores Conselheiros, bastando prudencialmente ouvi-los; e que finalmente, ouvir os senhores conselheiros a esse respeito, já o vinha fazendo, nos seus repetidos períodos de membro do Conselho e, ultimamente também, como Inspetor. Houve alguém que retrucou a questão de somente o inspetor chamar para si a responsabilidade de decidir sozinho em matéria de conseqüências a médio e longo prazo e argumentou que o período dele de Inspetor duraria 6 anos e depois os outros deveriam agüentar as conseqüências de suas decisões solitárias. Concluiu que não seria justo essa decisão!... Mas a reflexão se desdobrou também na separação da Fucmt do Colégio D. Bosco, problemática que se arrasta desde a fundação da Fucmt. o debate prosseguiu por muito tempo. No fim o questionamento se restringiu ao procedimento do Inspetor. Os conselheiros querem participar nas tomadas de posição da Inspetoria ante seus problemas relevantes.[39]

[39] Atas do Conselho Inspetorial – 1985-1989. Ata de 12/05/1987, p. 81-81b.

Um ano após essa tomada de decisão por parte do Inspetor e do Diretor do Colégio D. Bosco-Fucmt, na reunião do Conselho Inspetorial de 12 de maio de 1988, o assunto foi reconduzido em pauta referindo-se ao parecer do Visitador Pe. Techera quanto à urgência de se dar uma solução à questão do espaço no Colégio D. Bosco-Fucmt que já havia sido apontada pelo visitador anterior. Houve várias ponderações sobre o assunto; a principal dificuldade foi apresentada pelo Ecônomo Inspetorial devido à situação financeira da Inspetoria, que não permitiria uma tomada de posição que exigisse muitos dispêndios. Pe. Sanchez, presente à reunião, mostrou que essa mudança seria a concretização do anseio de muitos professores. Afirmou também que a instalação da Universidade deveria ser progressiva; disse que já havia um projeto para esse objetivo e que seria amplamente estudado por uma comissão instituída para esse fim. Ao concluir o assunto, a decisão do Conselho permaneceu ainda sem decisão aguardando a palavra do Visitador, Pe. Techera. No dia 13, à tarde, na reunião do Conselho sob a presidência do Pe. Carlos Techera, houve a decisão sobre o projeto da Universidade Salesiana; ocorreu uma votação do Conselho que foi favorável à instalação progressiva da Universidade Salesiana. Houve a decisão prática de se estabelecer uma comissão para proceder aos primeiros passos nesse sentido e quanto à separação da Fucmt do Colégio D. Bosco[40].

Na reunião de abril desse ano de 1988, Pe. Sanchez havia apresentado aos conselheiros um organograma preparado por uma Consultoria que estava estudando como melhorar a organização de todo o complexo do Colégio D. Bosco-Fucmt. Havia explicitamente duas finalidades nesse trabalho da Consultoria: diminuir o número de funcionários e prepará-los para a informatização dos trabalhos. E na reunião do mês de junho, o Pe. Sanchez pediu que fosse indicada uma comissão para apressar o andamento do projeto da Universidade. Explicou que essa comissão deveria constar de salesianos e de leigos para que toda a extensão do projeto fosse desenvolvida. Na penúltima reunião do Conselho Inspetorial, Pe. Sanchez comunicou que, talvez no próximo ano, não haveria curso noturno no Colégio devido à falta de alunos. Nessa reunião, também foi comunicado que o novo ecônomo do Colégio D. Bosco-Fucmt seria o atual diretor do Santa Teresa de Corumbá, Pe. Segismundo Martinez. Esses foram os passos dados nesse ano de 1988 em relação ao complexo de atividades educativas Colégio D. Bosco-Fucmt de Campo Grande.

De agora para frente, precisamente de 1989 em diante, as exigências da resolução assumida no ano de 1988, sobre a separação progressiva do Colégio D. Bosco em relação às faculdades, haveria de se desenvolver em algumas

[40] Atas do Conselho Inspetorial – 1988-1991. Ata de 12/05/1988, p. 121-122.

frentes de trabalho. A primeira, promovida pela Administração Inspetorial quanto ao plano estabelecido pela Consultoria do "Irmãos Campos" para unificação de todos os processos administrativos sob o título de Missão Salesiana e demais departamentos individualizados pelos respectivos CNPJs de cada instituição. Uma adaptação administrativa que exigiria bom treinamento em contabilidade e em informatização. A segunda frente de trabalho consistiria em levar avante a montagem do processo de transformação da Fucmt, do conjunto de faculdades sob o título de Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso, em uma futura universidade. Esse processo demandaria a contratação de uma consultoria apropriada e muitos contatos com os conselheiros do MEC em Brasília.

Por fim, outra exigência de grande vulto e de maior visibilidade seria a aquisição de um terreno apropriado em suas circunstâncias de extensão, de proximidade com o centro da cidade, de fácil acesso para a localização da sede da nova instituição, ou a futura universidade salesiana. Para que essas atividades fossem assumidas pelos salesianos da comunidade do D. Bosco e da sede inspetorial, houve o necessário apoio e entendimento entre as duas cúpulas dirigentes. Depois de devidamente aprovados os passos iniciais pelo Conselho Inspetorial, a direção do D. Bosco assumiu a concretização dos processos necessários.

Na reunião do Conselho Inspetorial de fevereiro de 1989, Pe. Sanchez pediu que se aprovassem as modificações das comissões em relação à escolha do local da futura universidade e dos leigos. A comissão seria liderada pelo Pe. Martinez, ao lado do Pe. Jair Gonçalves e do Pe. Luigi e, juntamente, três professores leigos; a comissão aguardava uma decisão da Cúria diocesana a respeito de uma proposta sobre a permuta de terrenos possíveis para a sede da futura universidade. Nesse sentido, também foi notificado que o Pe. Afonso de Castro iria estudar em Brasília e poderia também estar sempre presente nas reuniões do Conselho Federal de Educação do MEC, para acompanhar o processo da futura universidade.

Na reunião de 28 de fevereiro de 1989 do Conselho Inspetorial, a convite do Pe. Inspetor, esteve presente Pe. Segismundo Martinez, o encarregado da comissão que haveria de ver as possibilidades de um local para a futura sede da Universidade D. Bosco:

> Presente, Pe. Martinez, ecônomo do Colégio D. Bosco-Fucmt, coordenador da comissão encarregada do exame de terrenos para a Universidade D. Bosco ou Unisa. Expondo o mapa da cidade, indicou vários lugares em diversos bairros, uns mais outros menos aptos. Mais favorável parece ser o terreno da diocese, rumo Chácara S. Vicente (fazenda do antigo seminário menor diocesano que os salesianos haviam dirigido por muitos anos), que tanto o Sr. Arcebispo, como o Conse-

> lho administrativo e presbiteral concordam em permutar com área do S. José. Após essa demonstração, Pe. Inspetor pediu que a comissão apresentasse sugestões para o Conselho poder decidir. Em seguida, Pe. Martinez se retirou [...]Em seguida o Conselho aprovou o documento sobre a Consultoria e a criação de vários departamentos e necessárias reformas no prédio para que se instalassem nele os novos departamentos [...] essa consultoria foi aprovada com aceitação geral.[41]

Na reunião do Conselho Inspetorial de abril, foram apresentadas duas sugestões sobre os terrenos para a sede da Universidade. Tanto o conselho da casa como o conselho inspetorial foram favoráveis ao local escolhido, qual seja, onde o exército mantém o campo de tiro ou treinamento de tiro. Esse local é alto, próximo e de muito boa localização em geral. Em segundo lugar, permaneceu a escolha do terreno da diocese, do antigo seminário. No mês seguinte, maio de 1989, foram apresentadas aos conselheiros as questões levantadas pelo comandante do Exército; ele não poderia dispor sobre a permuta dos terrenos, seria uma questão do Ministério da Defesa. Quanto ao terreno da diocese, haveria possibilidades de uma permuta. No mês seguinte, em junho, decidiu-se pelo terreno da diocese e, para a realização da permuta, haveriam então de preparar bem todos os documentos para os desmembramentos necessários juridicamente. Na reunião seguinte, em agosto, Pe. Sanchez mostrou aos conselheiros o mapa dos terrenos da Diocese que seriam permutados com a Igreja S. José e lote adjacentes.

Na reunião de outubro de 1989, a convite do Pe. Frederico, o engenheiro Haddad apresentou aos conselheiros o plano de ocupação da área da universidade; no início de janeiro de 1990, iniciou-se a perfuração dos poços artesianos para abastecimento de água. Na reunião de 9 de maio de 1990,

> Pe. Frederico distribui aos conselheiros um estudo sobre a Universidade e o projeto ou maquete da futura construção. Lamenta-se a falta do Pe. Sanchez para melhores explanações. Lembra que vários Capítulos Inspetoriais fizeram a opção pelo 3º grau, bem como as constantes insistências dos Visitadores para que o aglomerado D. Bosco fosse desmembrado, para melhor atendimento à clientela. O projeto é grandioso, mas distribuído em blocos, não exige necessariamente sua total execução, também visto ter sido recomendado que o atendimento abrangesse de 4 a 5 mil alunos, como universidade de médio porte. Pode ser feito em partes, iniciando com o primeiro bloco e o terminal, aproveitando-se salas vazias para alguns dos órgãos necessários: diretoria, secretaria, etc... Julgaram-se demais amplos os diretórios. O projeto deverá ser acompanhado, exigindo-se a aprovação vez por vez. O projeto é entregue aos conselheiros para um estudo mais aprofundado na próxima reunião.[42]

[41] Atas do Conselho Inspetorial – 1988-1991. Ata de 28/02/1989, p. 149-149b.
[42] Atas do Conselho Inspetorial – 1988-1991. Ata de 09/05/1990, p. 180b.

Na reunião seguinte de 14 de junho de 1990, o projeto foi reexaminado e foi comunicado a todos os conselheiros que a permuta ventilada com a diocese estava em andamento, mas não fora concluída ainda devido ainda não haver chegado a licença da Santa Sé. Também foi comunicado que o Colégio D. Bosco-Fucmt haveria de pagar todas as taxas públicas referentes à regularização do terreno da diocese; esse trabalho ainda exigiria um tempo para verificação dos órgãos públicos e estar com o montante alto de dinheiro para esses pagamentos em atraso por parte da diocese.

Na reunião de outubro, diante da situação financeira da inspetoria, já com o novo Inspetor, Pe. João Bosco, houve esclarecimentos sobre a sequência de itens aprovados anteriormente para o início da construção do primeiro bloco da Universidade. Devido à falta de recursos, as discussões foram inevitáveis. Na reunião de fevereiro de 1991, foi necessário que todos tomassem ciência do contrato com a firma "Haddad Engenheiros Associados Ltda". Essa firma contratou outra firma para o estaqueamento do Terminal Rodoviário e do primeiro Bloco a ser construído; alguns conselheiros relutaram em aceitar essa situação, mas ao final tudo foi esclarecido, e os alicerces desses dois prédios foram iniciados. Na reunião do Conselho Inspetorial do dia 27 de fevereiro de 1991, na parte da tarde, com a presença do Ecônomo Geral da Congregação, Pe. Omero Paron, e demais leigos, da advogada da Missão e do engenheiro Haddad, foi tratada a questão de se estudar a possibilidade de uma associação com a ABESC para se obter um empréstimo dentro dos padrões do Banco BIRD. Pe. Frederico fundamentou a situação:

> A universidade foi aprovada pelo Conselho Inspetorial no dia 13 de maio de 1988, com a presença do Visitador Pe. Carlos Techera [...] Havia esperança de se conseguir recursos financeiros de entidades internacionais para a instalação da Universidade Católica D. Bosco (Procedeu-se uma tarde inteira de esclarecimentos e discussões e nada de conclusão). Depois de tantas idas e vindas o Pe. Inspetor Pe. João Bosco disse pela segunda vez: "peço o seguinte voto de intenção dos conselheiros: aprovam o primeiro passo para se fazer um eventual empréstimo de dois milhões e meio de dólares do BIRD, para acelerar a construção da UCDB?" Todos responderam afirmativamente. Sobre o assunto o Pe. Omero afirmou: "Vim ao Brasil para o encontro de Ecônomos inspetoriais. Estou aqui em visita de amizade. Encontrei uma inspetoria vivaz e também com grandes desafios [...] Se já se decidiu que a UCDB há de existir, que se dêem os passos necessários [...] que se prossiga com coragem e não se importem muito com o que dirão os outros![43]

Aqui estão retratados os primeiros passos, ora simples ora complicados, que ocorreram para o início da construção dos dois primeiros prédios

[43] Atas do Conselho Inspetorial – 1988-1991. Ata de 27/02/1991. p. 195-197.

da atual UCDB, o Terminal Rodoviário e o Bloco nº 1; sendo uma atividade sem modelo e sem antecedentes, exigiu de todos os salesianos uma atitude exemplar. De modo especial, os dois inspetores, Pe. José Marinoni e, no final dessa reunião, o Sr. Pe. João Bosco M. Maciel tiveram a lisura e a postura de simplesmente serem fiéis na interpretação de tudo que anteriormente já havia sido discutido e aprovado pelo Conselho da Inspetoria. A palavra final do Pe. Omero Paron também mostrou essa liberdade de um verdadeiro salesiano diante dos grandes desafios em prol do bem dos jovens. Era um passo importante na vida da Inspetoria e, sem dúvida, que prevaleceram as ponderações do bom entendimento do Pe. Inspetor antigo e do novo para que se prosseguisse essa obra importante para todos.

Convém estabelecer uma relação de trabalhos no campo da edificação do novo campus da UCDB e dos trabalhos do projeto junto ao MEC para o reconhecimento da Fucmt como universidade. Depois de passar por outro membro do Conselho de Educação, o processo veio cair nas mãos da Conselheira Relatora Zilma Gomes Parente de Barros, que aprovou a Carta Consulta da Fucmt através do parecer nº 000113. No texto de aprovação, ela afirma que a MSMT tem três décadas de experiência no Ensino Superior e que as atividades de ensino, pesquisa e extensão mostram o desenvolvimento, maturidade e seriedade da área acadêmica. Aprovada a Carta Consulta, iniciou-se um novo processo que culminou com o Reconhecimento da Universidade Católica D. Bosco. Esse processo retornou para o Professor Ernani Bayer, que foi reconduzido para uma nova gestão no Conselho Federal de Educação; uma vez aprovada a Carta-Consulta, iniciou-se novo processo que culminaria com o Reconhecimento da Universidade Católica D. Bosco. Esse procedimento se realizaria num prazo mínimo de dois anos durante o qual foram feitas visitas de uma comissão examinadora do Conselho Federal de Educação, sob a orientação do professor Ernani Bayer. Nesse tempo o Pe. José Marinoni, que sucedeu o Pe. Sanchez, cumpriu com todas as determinações dessas comissões do MEC para a conclusão melhor: a aprovação da UCDB[44].

Assim se procedeu até o final desse processo de reconhecimento da Universidade Católica D. Bosco. Dois anos depois o MEC a aprovaria graças às decisões precisas e oportunas do governo da Inspetoria nesse tempo. Pe. João Bosco, que acompanhara o processo inicial como vice-inspetor, ao passar para a chefia do governo da Missão Salesiana, deu os justos prosseguimentos para que a obra iniciada fosse bem encaminhada até o final previsto: a aprovação da Universidade D. Bosco pelo Conselho Federal de Educação. Um grande projeto que se cristaliza como outros anteriores na Missão Salesiana, como inicialmente ocorreu com o início das missões entre

[44] Boletim Informativo MSMT, mai./jun. 1991, p. 24-26.

os bororos, projeto grandioso de D. Lasagna concretizado pelos missionários Pe. Malan e Pe. Bálzola.

12.5 As atividades nas missões, as questões de terras na reserva xavante de Sangradouro, pendências com a Funai e as reuniões do Cimi

Em primeiro lugar convém realçar que a presença salesiana nas missões sempre esteve dentro dos parâmetros estabelecidos em convênio com o órgão nacional do setor das atividades indígenas, a Funai. No ano de 1984, surgiram alguns problemas que logo foram solucionados de comum acordo com o Conselho Inspetorial.

O primeiro problema ocorreu de forma singular: o novo diretor de Sangradouro, Pe. Osvaldo Scotti, movido por seus ímpetos de inculturação queria a todo custo assumir um dos traços da cultura xavante mediante a perfuração das orelhas conforme ocorre com os jovens xavantes. A inclusão no mundo adulto passa por esse ritual. Diante das dúvidas da comunidade se deveria ou não submeter-se ao ritual, a questão foi solucionada na reunião do Conselho Inspetorial de março de 1984. A orientação do Conselho foi clara, e o diretor de Sangradouro abandonou a intenção de se submeter ao ritual xavante de perfuração das orelhas[45].

Na segunda metade do ano de 1984, surgiu também em Sangradouro uma perspectiva de processo contra o diretor, que estaria incentivando posseiros a invadirem uma área de terra nas cercanias daquele território. O proprietário das terras avisou que moveria um processo contra a Missão se a situação prosseguisse nesse ritmo. Novamente o diretor da Missão de Sangradouro acompanhado pelo Pe. Giaccaria foram convidados a expor a questão e oferecer esclarecimentos aos membros do Conselho Inspetorial. Na reunião do dia 12 de setembro de 1984, após as explicações dos dois salesianos convocados pelo Pe. Inspetor para prestar esclarecimentos sobre as ameaças, houve a decisão de se pedir ao Pe. Osvaldo que não se intrometesse de forma alguma sobre a questão. Este e juntamente o ecônomo inspetorial iriam consultar o advogado para se livrarem dessas possíveis ameaças novamente, mediante uma postura juridicamente acertada[46].

No ano seguinte, em 1985, a missão de Sangradouro continuou suas atividades de forma mais calma e a atividade missionária esteve como sempre a serviço das comunidades indígenas. Na medição dos terrenos da Missão Salesiana, surgiu uma divergência enorme sobre os limites da área do lote intitulado "Pé de Galinha". A questão girava ao redor de uma indefinição sobre

[45] Atas do Conselho Inspetorial – 1982-1984. Ata de 28/03/1984, p. 74-75b.
[46] Atas do Conselho Inspetorial – 1982-1984. Ata de 12/09/1984, p. 88b-89.

139 hectares reclamados pelo vizinho; a orientação do centro inspetorial foi que se promovesse uma solução pacífica sobre esse litígio[47].

No ano seguinte, também na região de Sangradouro, surgiram outras questões relativas às pretensões dos xavantes quanto a terras além do Rio das Mortes, uma batalha que duraraia mais de um ano até que as terras pretendidas pelos xavantes fossem integrada à área da reserva. A questão foi apresentada na reunião do Conselho Inspetorial, como parte integrante do Relatório do Inspetor. A mesma postura ocorreu na reunião de junho de 1986, quando o Pe. inspetor apresentou a notícia de que as terras da Volta Grande haviam sido desapropriadas para serem integradas à reserva de Sangradouro; houve convocação de índios e fazendeiros para um encontro em Cuiabá. A missão não foi notificada sobre esse encontro. Parece que a questão seria resolvida, e os índios, beneficiados com toda área denominada "Volta Grande", situada à margem esquerda do Rio das Mortes.

No encontro dos missionários e missionárias desse ano, que ocorreu em S. Marcos, o assunto principal, apresentado pelo ainda jesuíta Pe. Paulo Suess, foi denominação de "A Igreja Indígena", como expressão de uma igreja que assumiu a cultura indígena. Segundo o Pe. Leal, houve muitas contestações sobre essa nomenclatura eclesial sem correspondência teológica. Ficou esclarecido que o dever dos missionários era assumir a evangelização dos índios e trabalharem para isso[48]. Nessa reunião do Conselho Inspetorial, foi comunicado pelo ecônomo inspetorial que, finalmente, de forma pacífica foi possível regularizar os limites das áreas de terras de propriedade da Missão Salesiana sem litígios pendentes tanto em Sangradouro como na Lagoa da Cruz, em Campo Grande.

No ano seguinte, em 1987, os missionários estudaram bem a situação da atividade missionária e da presença entre os índios. Na reunião do Conselho do dia 10 de março de 1987, Pe. Leal apresentou um verdadeiro resumo da presença salesiana entre os índios xavantes e bororos. Esse resumo foi analisado para ser apresentado em uma reunião de evangelização em Brasília.

> Pe. Leal fez a exposição do estudo feito para representantes das três colônias. Aspecto histórico: 1ª tentativa com os bororos na Colônia Teresa Cristina (1895-1898); 2ª presença de 1902 até hoje nos Tachos, depois Meruri e nas Colônias da Imaculada (1905-1922) e Sangradouro (1906 até hoje). Com os xavantes, 1ª tentativa em Santa Terezinha (1932-1934) e uma 2ª de 1953 a 1962. Em 1956, um primeiro grupo de xavante chega a Meruri, estabelecendo-se no Córrego Fundo, mudando-se em 1958 (25/04) para S. Marcos; e em 1957, um

[47] Atas do Conselho Inspetorial - 1985-1988. Ata de 05/06/1985, p. 42b.
[48] Atas do Conselho Inspetorial - 1985-1988. Ata de 13/10/1985, p. 98b.

segundo grupo procurou a colônia de Sangradouro, estabelecendo-se a um quilômetro da sede. Atualmente a população indígena atinge 800 bororos e 5.000 xavantes espalhados em várias aldeias.

Nossa contribuição: os mártires Pe. Fuchs e Sacilotti vitimados pelas bordunas dos xavantes e Mestre Pellegrino pela malária e feridas cheias de vermes, heroicamente sofridas pela conversão da tribo e Pe. Rodolfo e Simão, o bororo, em defesa da terra.

Aspecto geopolítico: os índios têm as áreas demarcadas e homologadas apesar de longas lutas e demoras. A atual política desacultura e desintegra o índio pelos projetos agropecuários, pelo uso do dinheiro, pela maquinaria e outros mecanismos de corrupção. Nossa presença visa preservar-lhes a cultura, a educação além do lado positivo; abrir a mente do índio e valorizar-lhe a cultura própria tem seu lado negativo: interesse pelas coisas de fora; desapropriação da própria cultura, instabilidade no próprio grupo, nova liderança (não o velho, mas o sabido) Isto é mais acentuado entre os bororos.

Quanto à saúde: tem assistência mais metódica, mas desestimula a medicina tribal e o contato com os brancos traz novas doenças contra as quais sua natureza não reage. Quanto à evangelização; no começo era sacramentalização e catequese não assimilada; hoje dirige-se mais para a evangelização da cultura. O problema está no encontro da moral cristã com a moral indígena.

Contexto atual: relacionamento mais difícil pelos desafios; meios de comunicação, população envolvente, política e organismos (Funai-Cimi), asfalto e dinheiro. Nosso relacionamento mais aberto com o Cimi, a Igreja e a Funai e mais empenho em aprendizagem da língua e cultura. Nossa abertura para colaboradores (irmãs, voluntários/as), reuniões anuais e cursos, formação de monitores/catequistas. Desafios: a formação de uma igreja indigenista e nossa presença [...] Mais tarde, tratou-se ainda sobre a formação de pastos em Sangradouro, água encanada para as aldeias xavantes e reforma da instalação elétrica. Tudo foi aprovado desde que os índios colaborem. Sobre a reforma da casa das Irmãs, deixou-se para depois de um encontro com a Inspetora[49].

Esse longo relatório histórico-situacional e, ao mesmo tempo, profundamente cultural diante das buscas e de idas e vindas no processo de evangelização mostra, com clara evidência, que os missionários pensam e estudam as modalidades de atuação para não destruir, mas potenciar a cultura indígena; porém o relatório mostra que os contatos com o mundo da cultura envolvente é feroz e aparece com seu poder arrasador, pois mostra os benefícios que a vida da cidade oferece em todos os setores. Imagine uma aldeia com as influências dos meios de comunicação e sob o poder dos pro-

[49] Atas do Conselho Inspetorial – 1985-1988. Ata de 10/03/1987, p. 76b-77.

dutos que os supermercados oferecem para tornar a vida mais fácil e mais rica de bens de consumo!

Os missionários conviviam diariamente com esses e outros fatores que continuamente influenciariam a questão cultural e a evangelização, pois o poder das novas linguagens era muito intenso e forte.

Nesse ano, foi solicitado que o Me. Mário Bordignon fosse liberado para estar na diretoria do Cimi regional e fixasse sua residência na casa do Coxipó. O parecer do Conselho não foi favorável. Nessa reunião de junho de 1987, foi apresentada a questão dos postos da Funai nas missões e a presença da comunidade salesiana. Essa questão seria solucionada mais tarde. Na reunião do Cimi em Goiânia, O Sr. Mário Bordignon voltou a ser indicado para secretariar o Cimi em Mato Grosso. E, dessa forma, ele passou a residir em Coxipó e a trabalhar no Cimi Regional[50].

Nesse ano ainda as missões tiveram que resolver a questão das escolas nas missões; um contato com o Secretário de Educação do Estado solucionou parcialmente a questão. Na reunião do conselho de 9 de setembro de 1987, apresentou-se um relatório sobre o trabalho que os irmãos coadjutores assumiram para a formação de pastos nas terras da Missão em Sangradouro. Até aquela data, eles haviam desmatado 1.300 hectares e prepararam 500 hectares para lavoura e, em seguida, para a semeadura de capim para pasto para o gado. Trabalho grandioso esse, que permitiria melhor atendimento aos índios e às comunidade missionárias de toda a área, pois Sangradouro seria sempre o único ponto em que a Missão possuiria terras. Nelas haveria produção e contribuição também para as outras comunidades salesianas[51].

Na reunião do Conselho Inspetorial de 9 de fevereiro de 1988, foram aprovadas várias ações em prol das missões, reforma da usina e manutenção das estradas em Meruri. Em Sangradouro, ficou resolvido que as construções de uma casa e de um curral para o vaqueiro e a formação de 2.000 hectares de pastos seriam executadas o quanto antes. Essas ações uniam o centro com o trabalho missionário nas colônias. Nesse período, também houve uma grandiosa romaria até os Tachos; dessa romaria participaram cerca de 500 a 600 pessoas, contando com os índios e outros visitantes nessa ocasião. Essa romaria veio a fortalecer sempre mais a presença salesiana na região. Na reunião do mês seguinte, em seu relatório, o Pe. Inspetor apresentou aos conselheiros um relato sucinto da visita do Encarregado das Missões, Pe. Luck Van Looy, que se reuniu com os missionários e missionárias para uma palestra de animação[52].

[50] Atas do Conselho Inspetorial – 1985-1988. Ata de 10/07/1987, p. 90b.
[51] Atas do Conselho Inspetorial – 1985-1988. Ata de 09/09/1987, p. 98b.
[52] Atas do Conselho Inspetorial – 1988-1991. Ata de 14/09/1988, p. 131b.

Na reunião do Conselho Inspetorial de janeiro de 1989, foi apresentada uma carta de D. Henrique Froelich, bispo de Sinop, indagando sobre a possibilidade de se liberar o Me. Mário Bordignon para liderar as atividades do Cimi no Regional. Depois de muitas apreciações, para a palavra final os conselheiros preferiram esperar até o meio do ano na reunião do Cimi. Na reunião do Cimi, o Me. Mário foi aclamado como dirigente. E o Pe. Inspetor mostrou aos conselheiros o parecer do encarregado das Missões sobre essa possibilidade. Ele passaria a residir em Coxipó para poder exercer essa função[53].

Nesse período, em termos referenciais às Missões, ao trabalho pastoral dos salesianos ante os indígenas, ocorreram algumas comemoração muito significativas e muito pedagógicas para todos os tempos, ou para os indígenas, ou para os próprios salesianos. A primeira comemoração ocorreu na pequena cidade de Araguaiana, em 1º de novembro de 1984, lembrando os cinquenta anos das mortes do Pe. Fuchs e Sacilotti e do coadjutor Pelegrino; os dois primeiros, mortos nos encontros com os xavantes às margens do Rio das Mortes em 30/11/1934; o coadjutor Pelegrino, em Araguaiana em virtude de suas chagas pelo corpo adquiridas quando estava ao lado desses dois sacerdotes na espera de um contato com os xavantes no acampamento às margens do Rio das Mortes.

A comemoração foi muito bem celebrada com a presença de vários salesianos e seminaristas; houve um panegírico em que se exaltou o espírito de doação desses dois sacerdotes salesianos em prol da evangelização dos xavantes. Após a Santa Missa, todos foram convidados a visitar o atual túmulo dos dois mártires. Pe. João Bosco supervisionou a reforma do túmulo e verificou o estado dos restos mortais dos dois padres. Afinal eles representam, ao lado de tantos outros mártires salesianos da inspetoria, um verdadeiro tesouro espiritual e da fé dos filhos de S. João Bosco em certezas imorredouras no trabalho sempiterno da evangelização dos povos ainda não cristãos. Foi uma comemoração digna de tão grandes mártires da inspetoria. Pe. Gino Fávero, na série "Estudos" publicados nos Boletins Informativos da Inspetoria, no n. 3/1984, publicou uma verdadeira síntese de toda a trajetória da iniciativa dos salesianos estabelecerem um contato com os Xavantes. Nesse intento, essas páginas descrevem muito bem e com competência a história dos primórdios da ação salesiana no Rio das Mortes em busca desse contato com os xavantes, o tempo de espera e os primeiros passos das tentativas e viagens dos dois salesianos em busca dos sinais da presença dos xavantes. Mostra o terrível e doloroso sacrifício do Coadjutor Pellegrino, sua morte e, por fim, descreve o encontro fatal com os xavantes em que ocorreram as duas mortes. Foi e continua sendo uma das melhores

[53] Atas do Conselho Inspetorial – 1988-1991. Ata de 25/01/1989, p. 147.

homenagens prestadas aos nossos irmãos trucidados naquele dia 1º de novembro de 1934[54].

Na sequência das comemorações de datas significativas na Inspetoria, houve as celebrações dos 80 anos da Missão de Sangradouro e dos 30 anos de S. Marcos. Além das celebrações locais com a presença do Pe. inspetor e de ex-diretores para as Santas Missas Comemorativas, no Boletim da Missão foram publicadas anotações históricas sobre cada uma dessas duas missões.

Sobre Sangradouro, a sequência histórica foi muito bem detalhada em seus pontos principais realçando os salesianos mais significativos que atuaram nessa presença. Em Sangradouro, notificou-se a denominação dada pelo Pe. Bálzola ao chegar lá para a posse da fazenda e iniciar uma atividade missionária. Para o Pe. Bálzola, Sangradouro foi "Um brinde de Nossa Senhora!", pois sem dinheiro, Pe. Malan conseguiu recursos suficientes para fechar o negócio com o proprietário; Pe. Bálzola foi o encarregado de ir lá para a posse dessa nova propriedade, chegou justamente no dia 24 de maio de 1906. A finalidade dessa aquisição sempre foi direcionar para lá famílias bororos cristãs e a todos ceder lotes para a própria subsistência. O plano não deu certo, e o número de bororos sempre foi meio reduzido; em 1912, havia lá o total de 91 bororos. Desde 1915, com Pe. Henrique Luthe, iniciou-se a escola frequentada por bororos e filhos de civilizados. Depois veio o longo período de governo do Pe. César, que retornara de Roma, onde fora em 1925 preparar a exposição missionária no Vaticano. Sob a direção do Pe. César, as pesquisas culturais progrediram bem. Somente que em 1927, todos tiveram que abandonar a sede da Missão e deixar que os revoltosos da "Coluna Prestes" estivessem à vontade, apesar de lá ter ocorrido a batalha que os levou a sair da região. Os salesianos refugiaram-se nas margens do ribeirão das "Alminhas". Depois retornaram às atividades normais da vida nas missões, mas tiveram que refazer quase tudo, pois a batalha com os revoltosos provocara muitos estragos em todas as residências. Na década de 1940, surgiu o jovem bororo muito considerado como um santo: "Motojeba". Este faleceu aos 18 anos em Cuiabá, no dia 5 de maio de 1942.

De 1936 em diante, Sangradouro tornou-se a casa de férias para os salesianos estudantes de Cuiabá; esses tempos tornaram-se memoráveis na história da Inspetoria e da formação de tantos salesianos. Pe. César permaneceu lá de 1925 até 1948, como diretor, e promoveu grandes melhorias, entre elas a construção do canal da Mortandade para a iluminação elétrica, para o desenvolvimento das oficinas e da lavoura, do cultivo do trigo (que foi parar na exposição de S. Paulo em 1942, para a admiração de todos!). A capela foi refeita sob a planta de Giulio Valotti e a execução perfeita do Me. Roberto Pólice.

[54] Boletim Informativo MSMT, 1984, p. 49-60.

Em 1957, chegaram os xavantes que passaram a conviver com os bororos. Os xavantes aumentaram e, em 1974, houve a instalação de outra aldeia para os xavantes, a Aldeia D. Bosco na confluência do Rio Cristalino e Rio das Mortes. Por aqui passaram pessoas célebres como Mal. Rondon, D. Pedro de Orleans e Bragança e o Núncio Apostólico D. Carmine Rocco. Afinal Sangradouro nesses 80 anos soube crescer e manter vivo o espírito missionário salesiano.

Os 30 anos de S. Marcos teve como referência a recordação de que, no dia 2 de agosto de 1956, chegavam os 200 xavantes que estiveram um ano no Córrego fundo e, depois de um ano, mudaram para o Boqueirão, no dia 25 de abril de 1958. Era o início da grande aldeia de S. Marcos. Em 1961, outro grupo, do Sebastião chegou para S. Marcos; em 1964, foram para lá as Filhas de Maria Auxiliadora para auxiliar os salesianos nos trabalhos de atendimento na saúde e na escola. Em 1966, com os xavantes que vieram de Suiamissu, aumentou o número deles, mas a doença terrível que se tornou uma calamidade levou mais de cem deles. Depois da demarcação da Reserva, um território de mais de 188.478 hectares, S. Marcos, em 1984, abrigava uma população de 1.200 índios. Os salesianos sempre lutaram para que todos tivessem uma assistência de saúde, de escola e de segurança para que o desenvolvimento da tribo fosse saudável. Sempre houve a grande preocupação com a evangelização e a assistência religiosa, quer pelos próprios salesianos, quer pelas Irmãs ou pelos catequistas xavantes encarregados de cuidar da catequese e da preparação dos jovens para a recepção dos sacramentos. Nesse tempo, 1984, havia, além de S. Marcos, outras cinco aldeias na Reserva: Nossa Senhora Aparecida, S. José, Nossa Senhora Auxiliadora, Namuncurá e Buriti Alegre.

Celebrar essas comemorações sempre se tornou ocasião de fortalecer a identidade dos xavantes, de suas conquistas e da presença dos salesianos e das Irmãs ao lado deles[55].

12.6 Ainda atividades e ocorrências ao redor da ação missionária – o projeto AMA e suas atividades em prol das missões nesse período

Dez anos após a morte do Pe. João Bosco Burnier, D. Casaldáliga inaugurou nova maneira simbólica e ritual de celebrar os "Mártires" desse novo tempo, dando o título de "Caminhada dos Mártires" a essa nova maneira de celebrar os cristãos que defendiam a liberdade e os pobres. Essa "Caminhada dos Mártires", inaugurada em 11 de outubro de 1986, tornou-se uma ritual assumido por algumas dioceses ou paróquias da região norte do Estado de

[55] Boletim Informativo MSMT, ago. 1986, p. 18-23.

Mato Grosso[56]. Em outras comemorações, sempre foram lembrados os mortos de Meruri em julho de 1976, Pe. Rodolfo e o bororo Simão.

Outra atividade merecedora de uma atenção especial por sua eficiência e pela qualidade dos trabalhos que sempre beneficiariam as comunidades salesianas e os índios em diversas partes das missões – e em outros lugares também –, foi a presença dos salesianos do Projeto AMA. Na reunião do conselho inspetorial de 5 de junho de 1986 foram apresentadas as questões administrativas e jurídicas em relação às atividades do Projeto AMA; as decisões foram enviadas aos mestres que dirigem o Projeto para que analisem e vejam como regularizar dentro das normas administrativas da Inspetoria os gastos e o emprego dos recursos advindos de entidades do exterior.

Em agosto de 1986, por vários dias, ocorreu uma importante reunião com a presença de alguns bispos e missionários para uma apreciação sobre a questão missionária. Houve orientações novas e muitas apreciações sobre a falta de atendimento às populações indígenas. Também houve a conscientização de que seria necessária maior integração dos missionários com a cultura dos diversos povos indígenas. Muitas considerações sobre a maneira de se portar como promotor da evangelização. No Boletim Informativo da Inspetoria, outubro de 1987, foi publicado um estudo de muita competência na metodologia e nos conteúdos abordados pelos missionários sobre as dicotomias e paradoxos ou contrastes em que a atividade missionária se vê hoje imersa. Esse estudo foi apresentado em uma "visita de conjunto" de superiores salesianos em Brasília. Segundo esse estudo, os maiores desafios da ação missionária entre os índios na inspetoria seriam: a) maior preparação antropológica e linguísticas dos missionários; b) maior inserção e presença de leigos; c) formação de comunidades paroquiais indígenas; d) influência dos MCS e do pluralismo ideológico[57]. Pelas quatro expressivas conclusões, pôde-se redesenhar o universo dos missionários e estabelecer um horizonte enriquecido por atuações e intervenções atualizadas de acordo com as novas realidades em que os povos indígenas viviam ou conviviam.

No ano seguinte, as notícias publicadas pela Inspetoria sobre as atividades dos missionários incluíram algumas soluções para a atualização do trabalho missionário; nos dois encontros para catequistas e líderes xavantes em Sangradouro e em Parabubure em 1987, houve manifestação de novas posturas pastorais. A primeira, a de que passaram a formar os líderes xavantes das comunidades deles pela instrução e aproximação das celebrações litúrgicas para as comunidades quando não houvesse a presença de sacerdotes. Houve estudos apropriados para a inclusão de procedimentos de costumes xavantes nas celebrações litúrgicas, precisamente,

[56] Boletim Informativo MSMT, dez. 1986, p. 31-32.
[57] Boletim Informativo MSMT, set./out. 1987, p. 23-29.

> Em Parabubure, Pe. Jorge Lachnitt acrescentou aos participantes uma introdução à Celebração da Palavra de Deus para o Culto Dominical, na ausência do padre. Partindo de um mínimo, o anúncio do Evangelho frisou a importância de celebrar de maneira xavante a Palavra de Deus [...] Em Sangradouro, a reflexão versou sobre gestos dos brancos em confronto com gestos e símbolos xavantes [...] procurou-se projetar o início de uma liturgia xavante em que os próprios xavantes sejam sujeitos de uma futura liturgia inculturada. Valiosa contribuição prestaram as reflexões dos velhos sobre gestos e ritos tribais e sua interpretação [...] que seja um novo caminho da Igreja pós-conciliar na América Latina.[58]

Nesse artigo, inicialmente foi citada a paróquia de S. Domingos Sávio para as 25 aldeias da região de Parabubure. Fato já concreto de uma presença da Igreja em sua organização costumeira, entre os índios. Outra menção dos missionários seria a intenção de documentar os passos atuais das atividades missionárias e das novas linhas propostas para a concretização e atuação mais inculturada, em especial nas celebrações litúrgicas entre os índios.

Nesse ano de 1988, foi noticiado o início da alfabetização dos xavantes de forma bilíngue, pois anteriormente, sendo somente em português, ocorria um tempo muito longo para se concretizar a alfabetização das crianças xavantes. Foi elaborada uma cartilha apropriada em língua xavante para que esse processo pudesse adquirir consistência de acordo com essa nova metodologia. Esse processo foi descrito pelo Pe. Bartolomeu Giaccaria, que, junto com o Pe. Jorge Lachnitt, deve ter preparado o novo material didático para o uso das inúmeras escolas de todas as Reservas Xavantes[59].

No dia 2 de setembro de 1988, em Sangradouro aconteceu um encontro da Juventude indígena das Missões. Participaram 260 jovens, 90 de S.Marcos, 70 de Meruri e 100 de Sangradouro. Foi um dia de reflexão e de oração. O encontro terminou com a celebração da Santa Missa presidida pelo Pe. Luck Van Looy, Conselheiro Geral das Missões. Sem dúvida que foi um encontro de grande animação na atividade missionária tanto para os jovens indígenas como para os salesianos e Irmãs[60].

O ano de 1989 foi marcado por várias atividades no setor das missões. Com satisfação os missionários podiam contemplar um dos resultados desses mais de 15 anos da chegada dos xavantes para as missões e, agora, constavam como cresceram em número. Em 1969, a população xavante seria de 2.160 pessoas conforme consta no Livro "Xavante Povo Autêntico", p. 262, residentes em sete aldeias. Conforme a estatística do Pe. Giaccaria, o mesmo do livro citado, "hoje são 6.091 xavantes divididos em 57 aldeias, sendo

[58] Boletim Informativo MSMT, jan./fev. 1988, p. 40-41.
[59] Boletim Informativo MSMT, mar./abr. 1988, p. 45-46.
[60] Boletim Informativo MSMT, jan./fev. 1989, p. 12.

2.007 alunos nas escolas indígenas; em nossas missões há duas escolas de 1ª a 8ª séries". A de S. Marcos, com 362 alunos na sede da missão, e 155 em outras aldeias da Reserva. A outra escola, em Sangradouro, com 236 alunos na escola da sede da missão e 21 alunos em outras aldeias da Reserva. Assim, por cálculo aproximativo, no ano 2000, por baixo, a população xavante passaria de 15.000 pessoas, dos quais 4.941 seriam alunos. Essa projeção torna-se a base dos desafios para os missionários salesianos e para as Filhas de Maria Auxiliadora. Promoveram, nesse ano, curso de língua xavante para os missionários e missionárias.

No final de 1988, em S. Marcos ocorreu mais um encontro de Agentes de pastoral xavante; vários assuntos foram estudados entre os professores de séries iniciais e catequistas. Essas reflexões têm por finalidade manter preparados os catequistas das aldeias fora da sede dos missionários. Também foi tratado o processo de inculturação possível entre eles, dando importância dos cantos em língua xavante para acompanhar as celebrações litúrgicas. Ao mesmo tempo, foram relatadas as principais fases da História da Salvação para que os catequistas se mantivessem atualizados sobre a Sagrada Escritura e a preparação dos catequizandos quanto à doutrina cristã e à história da salvação[61].

Em maio de 1989, ocorreu uma reunião geral de salesianos e salesianas, sempre como encontro anual para estudos, reflexão e confronto sobre as atividades pedagógicas e pastorais. A reflexão abrangeu também as mitologias indígenas em confronto com as perspectivas da Nova Evangelização; também agendaram os encontros e cursos para os Agentes de Pastoral Indígena em Parabubure, em outubro, e em Sangradouro, em novembro. Nesse encontro, também foram apresentados os assuntos tratados na reunião do Cimi em julho desse ano. Dessa forma, a atividade missionária mantinha-se conectada e em constante confronto com as novas diretrizes da Igreja e em constante luta de atualização das metodologias de evangelização e de preparação dos Agentes de Pastoral para todas as aldeias[62].

Depois de algum tempo de espera e de expectativa, foi autorizada a criação de um Centro de Pastoral Indígena. O local escolhido foi o Paulo VI, porém com o apoio da Fucmt. Desde

> [...] 1987 a Fucmt assumiu mais especificamente as pesquisas linguísticas e antropológicas dos nossos missionários como pesquisas da própria instituição dando-lhes apoio científico e técnico. Assim foram impressas pesquisas de um dicionário e gramática xavante. De forma semelhante as pesquisas, desde o início do século, patrocinadas pela

[61] Boletim Informativo MSMT, mar./abr. 1989, p. 9-10; 43-44.
[62] Boletim Informativo MSMT, jul./ago. 1989, p. 37-38.

> mantenedora, a MSMT, foram assumidas pela Fucmt incluindo as volumosas pesquisas etnográficas dos missionários sobre os xavantes e bororos. Estamos de portas abertas para as pesquisas sobre outras etnias [...].[63]

Nesse período, ainda houve um encontro de missionários promovido pelo Cimi de 7 a 10 de fevereiro de 1990 em Coxipó. O curso versou sobre Pastoral de Inculturação, sob a assessoria do Pe. Taborda, jesuíta; a reflexão foi sobre os novos caminhos e métodos da atividade missionária que "se torna um grande desafio para os dias de hoje e exige uma renovação por parte de todos"[64]. E para encerrar o período de governo inspetorial, o BI de dezembro de 1990 apresentou, sob o título "Diretório Missionário", um resumo das atividades missionárias como encontros, reflexões, nova presença da Funai através dos postos de saúde, a renovação das escolas indígenas e a formação dos "Agentes de Pastoral Xavante" como catequistas e animadores da vida religiosa nas aldeias onde não residem missionários sacerdotes. De fato, sob esse título, apresenta o artigo os passos dados pelo setor de trabalho dos salesianos nas missões. Apresenta os passos dados quanto à inculturação com a inclusão de alguns ritos xavantes e bororos nas celebrações litúrgicas. Também apresenta a novidade da alfabetização bilíngue e da necessidade de a Inspetoria instituir um Centro de Pesquisa Indígena em sintonia com a Fucmt. Esse Diretório da Atividade Missionária da Inspetoria já havia sido aprovado pela congregação no dia 15 de julho de 1986. Dessa forma, a atividade missionária simplesmente procurou manter as linhas já instituídas pelo Diretório no sempre exigente trabalho na pastoral missionária[65].

12.7 A Pastoral do Menor – Casa D. Bosco

Essa nova denominação de trabalho com os meninos de rua, "Pastoral do Menor", encontrou entre os salesianos uma ressonância de acatamento e de estudos para se iniciar algo representativo e que a sociedade de Campo Grande aguardava em tom de esperança para atendimento dos meninos de rua. O trabalho com os menores de rua partiu da comunidade do Paulo VI, liderada pelo salesiano de então Rogerio Piccolo, que lá trabalhava com os oratorianos e em outras atividades de atendimento dos meninos daquele bairro. Ao apresentar essa perspectiva de trabalho ao conselho inspetorial na reunião de 5 de junho de 1984, esclareceu que seria um trabalho inicial com a família salesiana, pois iria incluir nesse trabalho as FMA, Cooperadores e ex-alunos. Esse trabalho com os meninos de rua, ou com o menor

[63] Boletim Informativo MSMT, nov./dez. 1989, p. 30-31.
[64] Boletim Informativo MSMT, jun. 1990, p. 14.
[65] Boletim Informativo MSMT, dez. 1990, p. 14-16.

carente, era a novidade de então e necessitava de amparo e de tempo. Ao encerrar sua apresentação encontrou apoio do centro inspetorial para suas atividades nesse setor[66].

No ano seguinte, com o afastamento do Sr. Rogério, a Pastoral do Menor permaneceu sob os cuidados das FMA, e a Missão Salesiana colaborou com o pagamento de dois funcionários adidos a esse trabalho; nesse tempo, os salesianos de Campo Grande iriam colaborar de forma possível com esse trabalho. Na reunião conjunta dos conselhos dos SDB e FMA, entre os assuntos comuns e aprovados, estava a presença das Irmãs e dos salesianos no trabalho de atendimento ao menor carente. Por enquanto continuaria sob a liderança das FMA essa atuação. A terminologia de "Pastoral do Menor" ganhou grande destaque devido a encontros em Minas Gerais, onde os salesianos agiam já em conformidade com a nova legislação e deixavam para trás a terminologia de "oratorianos" para o trabalho típico de jovens ou meninos em bairros de periferia. Assim, depois de participar de um desses encontros , o III encontro de pastoral do Menor, no qual se encontravam representantes de todas as inspetorias, o novo encarregado da Pastoral do Menor na inspetoria, Pe. Carlos Rey, apresentou uma série de itens de acordo com essa nova política governamental sobre o trabalho com jovens em estado de vida meio precário. Essa reunião ocorreu em Belo Horizonte em agosto de 1986[67].

Em 1986, na reunião do Conselho Inspetorial de 15 de setembro, convidado à reunião pelo Inspetor, Pe. Carlos Rey, responsável pela Pastoral do Menor, apresentou o trabalho e a visão de sua presença nesse setor; falou dos problemas do setor em Campo Grande e em Cuiabá; apresentou alguns projetos sobre as urgências de seu setor. Foi muito questionado pelos conselheiros, pois esse trabalho, segundo os conselheiros, deveria ser assumido pela diocese em igualdade de outras pastorais, se os salesianos assumissem esse setor, iriam resolver a questão do atendimento do menor, e não de pastoral. Um dos conselheiros afirmou que havia em Campo Grande 43 entidades prestando serviços ao menor carente. Por fim diante de vários questionamentos o Pe. Carlos Rey afirmou que seu trabalho se resumia em despertar o interesse pelo menor carente e influenciar setores para o atendimento desses meninos[68].

Meses antes, o BI inspetorial apresentava uma série de notícias sobre o tratamento recebido pelos "Menores de Rua" de Campo Grande, conforme noticiava o Pe. Carlos Rey; também apresentou algumas constatações em que descrevia a ação da Pastoral e a necessidade de providências para com os meninos de rua:

[66] Atas do Conselho Inspetorial - 1982-1984. Ata de 05/07/1984, p. 77.
[67] Boletim Informativo MSMT, ago. 1986, p. 2-3.
[68] Atas do Conselho Inspetorial - 1985-1988. Ata de 15/09/1986, p. 66b-67.

> Com a presença do Pe. Frederico, do Pe. Carlos Rey e da Ir. Neyde e o diretor do CEASA de Campo Grande e atacadistas, realizou-se na mesma CEASA uma reunião com a finalidade de encontrar meios para melhor atendimento aos menores que, neste lugar, procuram no lixo ou por meio de pequenos furtos, encontrar alimentos para as próprias famílias. Pe. Carlos visitou a CEASA de Campinas para ver de perto uma experiência que está sendo realizada para ver o modo de promover semelhante proposta em Campo Grande, com a colaboração da Pastoral do Menor, direção e atacadistas da CEASA. [...] Está em andamento a formação de uma equipe de reflexão e animação dos trabalhos com os menores, com a possível participação dos salesianos e salesianas [...] para despertar na Família Salesiana o interesse e o compromisso para com os menores carentes e abandonados.[69]

Na reunião do Conselho Inspetorial de 10 de março de 1987, esteve presente o Pe. Carlos Rey e apresentou novamente a questão da Pastoral do Menor.

> Pe. Carlos Rey, responsável pela Pastoral do Menor, após apresentar um quadro da situação do jovem e em particular do menor e das entidades que se dedicam aos meninos na cidade são 23, especificamente 12 para menores, como creches e delegacia para menores etc [...] expôs as perspectivas desta pastoral no âmbito diocesano e de acordo com a Campanha da Fraternidade e para os salesianos em vista do D. Bosco 88. Esclareceu que a Pastoral é da competência da diocese à qual damos nossa colaboração. Indicou as finalidades dessa pastoral: a) trabalho de conscientização e formação de agentes; b) casa do menor no centro da cidade como ponto de encontro e apoio. O gesto concreto da Campanha da Fraternidade 1987 seria em vista de alugar ou construir essa casa; c) Ceasa, onde deveria haver um barraco e distribuição de alimentos; d) procurara casais para acompanhamento ou assistência a menores. Os salesianos, e talvez juntos com as FMA, poderiam ver a possibilidade de assumir dois projetos: Ceasa, na periferia aproveitando a estrutura escolar já existente mediante reforço escolar, industrialização de produtos descartados e algum curso de profissionalização. O segundo projeto seria a Casa do Menor, no centro da cidade para maior facilidade para que os menores pudessem ter descanso, higiene, reforço escolar, além da proteção e organização. D. Bosco e Auxiliadora poderiam promover gincanas para arrecadar os recursos. O trabalho teria orientação salesiana e auxiliados por professores da prefeitura ou da Secretaria de Educação, além de pessoas voluntárias. Cabe, portanto ao Conselho refletir sobre a possibilidade de uma fundação do menor.[70]

Na primeira reunião do Conselho Inspetorial de 1988, em janeiro, falou-se sobre a construção da Casa do Menor na Rua Barão do Rio Branco, no lugar

[69] Boletim Informativo MSMT, jun. 1986, p. 24-25.
[70] Atas do Conselho Inspetorial – 1985-1988. Ata de 10/03/1987, p. 76-76b.

do estacionamento; afirmou-se que se constatou o envolvimento dos alunos dos Colégios Auxiliadora e D. Bosco em trabalhar para a aquisição do material para se construir essa casa; sempre foi tratado o assunto junto aos alunos como contribuição para o atendimento dos menores carentes. E, no início do ano de 1989, precisamente na reunião do Conselho Inspetorial de janeiro, houve o registro de que a casa do menor foi bem acolhida pela sociedade de Campo Grande. "É necessário que comece logo a funcionar para não gerar ilusões." Foi lembrado que essa casa poderia estar agregada à Fucmt como local onde se pudesse prestar assistência técnica e especializada pelas faculdades de Psicologia, Sociologia e Direito. Os conselheiros estavam todos favoráveis para que ocorresse essa atuação especial. O ecônomo afirmou que esperava as iniciativas do Pe. Carlos, o responsável para que fossem contratados os funcionários necessários para que se iniciasse o funcionamento regular da casa[71].

Porém, segundo os registros do Conselho Inspetorial, somente na reunião de 9 de dezembro de 1990, portanto um ano depois, precisamente, que o encarregado da Pastoral do Menor e da Casa D. Bosco apresentou aos conselheiros seu plano de implantação das atividades nesse setor novo de atendimento do menor em Campo Grande. Nesse documento apresentado, havia a relação das atividades projetadas e previstas para o ano de 1991. Em sua exposição, o Pe. Carlos apresentou os seguintes projetos:

> a) providenciar uma casa para moradia; b) procurar um terreno para iniciar as atividades agrícolas e horticultura; c) implantação de pequenas oficinas para entrar no mundo do trabalho. Os objetivos destas iniciativas são: a) estimular a convivência com preparo para melhoria; b) estimular o amor ao trabalho com várias atividades; c) propiciar o contato com a natureza.

Pe. Carlos falou também dos resultados dos meninos encaminhados para as escolas da cidade, cujo resultado foi muito bom quanto ao estudo, notando-se que a maioria dos meninos que frequentavam a Casa D. Bosco não retornavam à rua. Ao Conselho o Pe. Carlos pedia licença para iniciar o trabalho, tendo já da prefeitura a promessa de um terreno, cedido em comodato. Eram pequenas experiências que, não dando certo, poderiam ser interrompidas sem maiores consequências. Pe. Sanchez reafirmou a colaboração por parte das faculdades da Fucmt. Era preciso continuar as experiências para um melhor resultado, tendo como motivo fundamental a educação e o trabalho, como também asseguarr o envolvimento de mais pessoas da Família Salesiana como ocorre na Colômbia em obras similares, e assim poder partir para novas experiências.[72]

[71] Atas do Conselho Inspetorial - 1985-1988. Ata de 25/01/1989, p. 147b.
[72] Atas do Conselho Inspetorial - 1985-1988. Ata de 09/12/1990, p. 191.

Esse novo empreendimento tinha como objetivos bem claros: a) proteger e atender os menores de rua de Campo Grande; b) acompanhar as famílias, visando ao reforço do núcleo familiar e, quando possível, a reintegração do menor: c) descobrir com eles perspectivas de uma vida digna. Não se pretendia criar um internato ou uma escola, nem mesmo um centro de profissionalização dos menores. O maior esforço deveria ser na boa organização da equipe para um acompanhamento real e efetivo dos meninos, lá onde eles estivessem. Para realizar isso era preciso trabalhar em três áreas, a rua, a família e o centro de apoio. Este deveria sempre estar de portas abertas e ser uma perspectiva de resposta às suas necessidades mais elementares e urgentes, lugar de encontro com educadores amigos[73].

Em fevereiro de 1989, no BI da inspetoria, Pe. Carlos Rey publicou um longo artigo mostrando os objetivos, a identidade e os processos de atendimento da Casa D. Bosco. Entre os processos de atendimento, o mais importante, que a Casa D. Bosco seria uma referência importante para os meninos de rua da cidade de Campo Grande. Lá eles seriam acolhidos por educadores com quem estabeleceriam um contato para se averiguar as condições de vida e possíveis orientações para o futuro desses meninos de rua. Os educadores estariam preparados para atender bem e com propriedades pedagógicas para que se pudessem estabelecer laços possíveis de uma correlação educativa entre os processos utilizados e a melhoria de vida desses garotos. Ao mesmo tempo, estariam pensando em etapas futuras como trabalho e moradia para aqueles que se deixassem conduzir por orientações de reintegração no processo educativo normal[74].

Conforme a Crônica da Casa Inspetorial, no dia 24 de janeiro de 1989, ocorreu a inauguração da "Casa D. Bosco" para os meninos de rua. O jornal Diário da Serra desse dia apresentou a notícia com o título: "Casa do Menor será inaugurada hoje em Campo Grande". Afirma o jornal que esse fato é a concretização de um grande sonho em prol dos menores de rua; afirma que é necessária a colaboração de todos os campo-grandenses para o sucesso de empreendimento. Outro jornal, "O Correio do Estado" desse dia enunciou a inauguração com o título: "Salesianos buscam novas soluções para o problema do menor carente." Um longo artigo apresenta a atuação da casa e o funcionamento específico para acolher os meninos de rua e estabelecer contatos para possíveis atitudes novas em suas vidas. Através das palavras do Pe. Carlos Rey, foi esclarecida a finalidade desse empreendimento e os processos de acolhida e orientação aos menores que se dirigirem para esse estabelecimento, que surgiu em vista de uma organização para os acolher e poder

[73] Boletim Informativo MSMT, fev. 1988, p. 30.
[74] Boletim Informativo MSMT, fev. 1989, p. 18-19.

oferecer-lhes algumas orientações e serviços especiais em suas vidas. Assim os salesianos atualizavam a ação de D. Bosco para os menores dessa cidade[75].

A Casa D. Bosco foi uma das tentativas de os salesianos de Campo Grande participarem de outras atividades em prol dos menores carentes. Nesse mesmo tempo, em Corumbá surgia o Centro de Profissionalização com a mesma finalidade, porém com um campo bem estruturado de oficinas para a formação de profissionais em vários setores de atividades profissionais. De uma forma ou de outra, as atividades em prol dos jovens carentes sempre cumpriram com o dever de os salesianos estarem a serviço da promoção social e religiosa dos jovens em todos os tempos e em todas as épocas.

A iniciativa de se promover a instalação da Casa do Menor no centro da cidade foi bem acolhida por todos; porém, depois de algum tempo, devido aos transtornos que esses menores provocavam nas redondezas, iniciaram-se as reclamações e até acusação contra o diretor da casa por estar favorecendo a menores infratores e que continuavam a realizar atos de vandalismo e roubos pelas ruas centrais da cidade. Ao lado dos bons momentos, outras repercussões levaram a se repensar a iniciativa.

12.8 As iniciativas no setor administrativo da inspetoria e a implantação de nova modalidade administrativa e respectiva informatização

Ao final do período de governo do Pe. José Marinoni como inspetor, a mudança nas modalidades da administração da Inspetoria representou um passo grandioso de atualização na área. Ao lado do Pe. Inspetor, estava o Pe. Frederico Himler, que soube percorrer esse caminho ao lado de outros salesianos administradores que apoiaram sempre a iniciativa do centro inspetorial de atualizar processos administrativos na Inspetoria. O desenvolvimento do país no setor legislativo atingiu também a administração da Inspetoria; a reformulação da administração na inspetoria deveria passar por uma adaptação às novas leis do setor, que exigiriam estudos e instalação de novos processos.

Antes as casas deviam ter sua linha administrativa, mas a partir de 1975, iniciou-se uma discussão a esse respeito. O primeiro passo foi a elaboração de um estatuto que integrou oficialmente todas as casas, consequentemente houve uma única inscrição no Ministério da Fazenda e cada casa passou a ser um departamento da Inspetoria. Em 1976, iniciou-se então uma contabilidade de acordo com esse novo processo; o passo seguinte ocorreu quanto à organização da contabilidade e de todas as pendências necessárias para o funcionamento de cada casa como departamento do centro inspetorial.

[75] Crônica da casa inspetorial – 1983-2000, p. 96-96b.

O passo seguinte, de acordo com as necessidades de cada época, foi a questão da informatização de todo o processo administrativo. Para que isso de fato ocorresse, foi necessário um tempo para estudo e adaptações necessárias, como a aquisição de um programa adequado que servisse de suporte à informatização. Ao lado disso, surgiu a nova linguagem sobre a unificação administrativa. Em primeiro lugar, o centro inspetorial de administração seria o responsável por todo o conjunto da inspetoria, as casas passaram a ser as filiais desse centro. Toda essa estrutura seria estabelecida de acordo com a legislação vigente. Por outro lado, a integração da Inspetoria como uma instituição de fins filantrópicos condiz com a finalidade educativa de nossas obras para o atendimento dos bolsistas e dos jovens carentes em nossos colégios e faculdades. Afinal, essa integração conforme as leis permitiu que nossas casas voltassem oferecer um atendimento especial aos jovens mais necessitados.

Em toda essa reforma, segundo uma lógica administrativa, todos os padrões de contabilidade e registros passaram por uma informatização e uma padronização necessária. Esse novo processo exigiu no centro inspetorial uma organização adequada às novas necessidades. Assim surgiram os novos centros de atendimento quanto à assessoria jurídica, setor patrimonial, setor de compras e de recursos humanos e outros setores conforme as normas legislativas pediam. Singularmente, surgiu uma nova linguagem administrativa que, aos poucos, foi sendo introduzida para a compreensão de todas as comunidades[76].

Dentro desse novo organograma administrativo, o ecônomo inspetorial apresentou um novo plano para adaptar as instalações inspetoriais para acolher os novos setores administrativos. Todos foram favoráveis às propostas apresentadas pelo ecônomo[77]. Em fevereiro de 1987, os conselheiros foram convidados a estudar e apresentar objeções ao Regimento da Missão Salesiana de Mato Grosso; foram apresentadas várias sugestões quanto ao texto, e este seria depois aprovado de forma definitiva. Em fevereiro de 1988, notificou-se que a inspetoria processava o cadastro patrimonial de todos os bens do centro e das filiais para que a reforma administrativa ganhasse consistência contábil perante as leis vigentes. A inspetoria nesse setor será sempre a matriz e as outras comunidades, nesse cadastro patrimonial, as filiais, processo esse em seguimento às normas legais vigentes[78].

No meio do ano de 1988, os conselheiros mostraram a necessidade de o ecônomo inspetorial se inteirar de todas as implicâncias do âmbito dessa reforma administrativa. Foi-lhe indicada a experiência dos maristas, que já

[76] Boletim Informativo MSMT, dez. 1990, p. 17-20.
[77] Atas do Conselho Inspetorial – 1985-1988. Ata de 26/02/1986, p. 55.
[78] Boletim Informativo MSMT, fev. 1988, p. 16.

haviam realizado essa reforma em sua província e que valeria a pena ver e se inteirar desse assunto consultando-os. Dever-se-ia ampliar os conhecimentos em relação à mudança da administração e à finalidade advinda da denominação de "Sociedade de Fins Filantrópicos". Após ter consultado pessoas competentes nesse setor e vista a administração dos maristas, na reunião do conselho de 14/09/1988, Pe. Frederico apresentou um relatório elaborado pela firma "Irmãos Campos" que atuava junto aos maristas. Após tomar contato com o relatório, a questão foi apresentada aos conselheiros como uma possibilidade de se contratar essa firma para acompanhar o processo junto à inspetoria. Em dezembro de 1988, Pe. Frederico inteirou-se do processo que a firma "Irmãos Campos" havia desenvolvido na reorganização da administração da Fucmt-D. Bosco; soube dos processos utilizados e verificou os resultados apresentados na administração do complexo D. Bosco-Fucmt[79].

Assim, no início do ano de 1989, foi estabelecido o contrato com a firma "Irmãos Campos" para uma assessoria na remodelação administrativa da inspetoria; esse contrato iniciou-se a partir do mês de março de 1989[80]. Em fevereiro de 1989, o BI da Inspetoria publicou uma longa entrevista com o ecônomo inspetorial, Pe. Frederico Himler, que, em mais de dez páginas, esclareceu todos os aspectos da implantação da nova organização da administração da Inspetoria. Um passo se concretizava na vida da inspetoria, de modo especial com a informatização dos processos administrativos. Após a informatização dos dados da contabilidade, enfrentar-se-ia nova etapa, "o controle patrimonial". Somente após a informatização dos bens da inspetoria, das casas, que constituem o conjunto do patrimônio todo, seria possível então adotar uma postura lógica e consequente quanto à contabilidade pela depreciação do patrimônio de forma automática dos bens móveis e imóveis da Missão Salesiana. Então, após o trabalho dessa consultoria, a administração inspetorial serviria de base para que a MSMT assumisse, conforme a lei, a filantropia bem controlada, pois seria a inspetoria e a mantenedora e as casas, as filiais; seguir a lei das instituições de fins filantrópicos permitia que as casas pudessem atender melhor, através da filantropia, os estudantes carentes.

Ao setor administrativo centralizado na Inspetoria, outras modalidades de ação foram implantadas, como a informatização pelo Banco de Dados "ZIM", a organização do setor patrimonial, o setor de assessoria jurídica e o setor de recursos humanos. Foi um grande passo organizativo assumido pela inspetoria nesse tempo, bom e necessário![81]

[79] Atas do Conselho Inspetorial - 1985-1988. Ata de 07/12/1988, p. 145b.
[80] Atas do Conselho Inspetorial - 1985-1988. Ata de 16/03/1989, p. 152b.
[81] Boletim Informativo MSMT, dez. 1990, p. 19-20.

12.9 O retorno do noviciado e pós-noviciado para a inspetoria e atividade salesiana no aspirantado e pré-aspirantados

A formação de novos salesianos sempre foi uma das maiores preocupações dos salesianos desde os primeiros tempos. Assim surgiram os noviciados do Coxipó da Ponte, depois trasladados para Palmeiras. Também nos primórdios existiu a comunidade do Seminário da Conceição, que, em algumas décadas, foi a casa de formação para os estudantes de filosofia e teologia. Nesse tempo, de 1984 a 1990, a inspetoria inicialmente não tinha nenhuma das etapas da formação dos salesianos aqui em seu território; todas as etapas estavam na inspetoria de S. Paulo.

Uma das grandes preocupações dos salesianos seria trazer para a inspetoria algumas das etapas da formação dos futuros salesianos para que se cuidasse bem da identidade deles. Na primeira parte do ano de 1985, ocorreu em Campos do Jordão um encontro de formadores do Brasil todo, com os superiores da região e o encarregado da formação em âmbito da congregação toda. Os temas tratados abrangeram as relações entre a formação e cultura envolvente[82]. Na reunião dos salesianos missionários, em maio desse ano, estes pediram para que o noviciado passasse a acontecer na inspetoria. Ao retornar, o Pe. Inspetor nomeou uma comissão para estudar a instalação do noviciado na inspetoria. Esta comissão, após estudar as possibilidades de funcionamento do noviciado, propôs e foi considerada como a melhor opção que o noviciado passasse a funcionar em 1986, em Indápolis, e que o Pe. Luís Marconetti seria o mestre deles.

Assim, com os esforços do ecônomo inspetorial e do Pe. André Capelli, fundador da casa de Indápolis, no dia 31 de janeiro de 1986, festa de S. João Bosco, foi inaugurado oficialmente o noviciado. Após 20 anos fora da inspetoria, o Noviciado retornava para a inspetoria realizando o desejo de muitos salesianos; com ânimo decidido e muita alegria essa etapa teve um início digno e esperado por todos da inspetoria[83].

Na reunião do Conselho Inspetorial de março de 1984, foi discutida amplamente a questão da futura moradia dos pós-noviços. Uma das tantas características que indicava a escolha para eles residirem no Paulo VI seria a facilidade de se encaixar o trabalho pastoral no Centro Juvenil de lá e as possibilidades de um trabalho em oratórios, nas diversas capelas da periferia. Também foram consideradas as possibilidades de se construir uma residência apropriada para os acolher. Na reunião de junho desse ano, o conselho decidiu enviar uma carta ao Responsável para formação no Conselho Superior, Pe. Paulo Natali, com a proposta de se instalar o Pós-Noviciado na comunida-

[82] Boletim Informativo MSMT, maio 1985, p. 20-21.
[83] Boletim Informativo MSMT, fev. 1986, p. 15-16.

de do Paulo VI. E, na reunião dos diretores, em junho, em Cuiabá, o ecônomo inspetorial apresentou a todos os salesianos a planta baixa da futura casa do Pós-Noviciado. Pe. Sílvio seria o ecônomo da casa, encarregado de acompanhar a construção. Na reunião de agosto, foram esclarecidas as questões apresentadas pelo Pe. Natali, além disso, decidiu-se que um projeto bem detalhado da nova construção seria enviado ao Conselho Superior. Na reunião de outubro desse ano, o ecônomo inspetorial apresentou aos conselheiros a planta definitiva do prédio que serviria de moradia para os pós-noviços, bem como todas as questões pendentes, inclusive o orçamento da construção[84].

No dia 11 de outubro de 1985,

> [...] às 16 horas consumou-se fato tão simbólico para toda nossa comunidade inspetorial: a inauguração do Seminário Paulo VI, que representa um voltar-se concreto da Inspetoria para a formação de seus salesianos. Estavam presentes os aspirantes da Chácara S. Vicente, salesianos de várias comunidades, D. Antônio Barbosa e demais membros da Família Salesiana. Antes de desatar a faixa simbólica, houve a bênção episcopal, pronunciamento do Pe. Marinoni, Inspetor, do Pe. Afonso de Castro, diretor que ressaltou a gratidão devida ao Pe. Frederico, que levou avante a construção que estava sendo inaugurada [...] Em seguida, todos se dirigiram à Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora para a Santa Eucaristia [...] Ao fechar o dia, houve momentos festivos: churrasco e academia em homenagem ao Pe. Inspetor. A comunidade agradece de modo especial o Pe. Sílvio Sartori, que soube muito bem acompanhar o desenrolar da construção.[85]

No ano seguinte, os pós-noviços passaram a residir nessa casa; porém, somente em dezembro de 1986, foi finalizada a capela dentro da perspectiva desse projeto.

Na reunião do conselho inspetorial de maio de 1987, apresentou-se a dificuldade de como organizar a nova etapa da formação, o pré-noviciado. Essa etapa coincidia com o último ano do segundo grau e acontecia com palestras e apresentação da etapa seguinte, o noviciado e suas exigências quanto à decisão vocacional e decisão de se inteirar e de participar com abertura do processo formativo do noviciado. O pré-noviciado deveria ser um tempo de boa e consciente preparação para o noviciado. Nos anos seguintes, houve várias reuniões em que o tema do pré-noviciado retornou e sempre foi confrontado com os procedimentos também de outras inspetorias.

Ainda sobre o pré-noviciado, em julho de 1987, ao tratar da Pastoral Vocacional, Pe. Inspetor convidou o diretor da Chácara S. Vicente, Pe. Bruno Pedron, para auxiliar no processo de reflexão sobre as etapas de formação;

[84] Atas do Conselho Inspetorial – 1982-1984. Ata de 03/10/1984, p. 89-92b.
[85] Boletim Informativo MSMT, dez. 1985, p. 30.

este, apresentou sua apreciação do noviciado depois de sua visita. Houve algumas colocações sobre a etapa do pré-noviciado. O problema maior foi apontado para aqueles noviços que não tiveram oportunidade de realizar um bom tempo de experiência de vida de comunidade. Principalmente se deveria estudar a situação dos pré-noviços que vieram de outras casas e não realizaram essa experiência de vida de comunidade. Em algumas inspetorias do Brasil, assinalou Pe. Bruno, "o pré-noviciado está coincidindo com o primeiro ano de Filosofia; depois interrompem o estudo da filosofia para realizar o noviciado". Essas novas possibilidades de se realizar o pré-noviciado seriam estudadas posteriormente[86].

Uma vez consolidadas as presenças na inspetoria das duas fases da formação inicial, do noviciado e do pós-noviciado, com a respectiva atenção também voltada para a etapa de preparação para o noviciado, as atenções dos conselheiros voltaram-se para outra questão das casas de formação: os pré-aspirantados. Na reunião de 12 de maio de 1987, o assunto dos pré-aspirantados foi tratado entre os conselheiros, devido às disparidades de concepções e conceituações,

> Pe. Gino Fávaro alertou que na reunião da equipe se percebeu claramente acentuada a divergência na Pastoral Vocacional; os nossos pré-aspirantados estão em crise. Há a ideia que se vai incorporando cada vez mais, entre os formadores dos pré-aspirantados da inutilidade do trabalho vocacional com possíveis vocacionados, no primeiro grau de ensino; que esse trabalho há de se iniciar, quando muito, no segundo grau de ensino; finalmente que, se possível, os vocacionados fiquem em casa com os pais, sendo recolhidos somente na qualidade de pré-noviços. Os conselheiros ponderaram cada um a seu jeito. O consenso ficou em que não é prudente deixar a prática dos pré-aspirantados, amadurecida na Inspetoria e por ela colaudada, por outra prática idealmente mais confortável, todavia ainda incipiente e insegura. Tanto mais que ambas as práticas podem coexistir, sendo de todo em todo artificial a antinomia: ou pré-aspirantados ou pré-noviciados.[87]

A questão da vida nos pré-aspirantados foi sempre apresentada pelos estudos do grupo encarregado da Pastoral Vocacional como postura inconsequente na formação dos pré-aspirantes; havia latente uma incongruência entre a postura da inspetoria e a de alguns salesianos por estarem convencidos de que os pré-aspirantados deveriam cessar. Em Coxipó havia a questão pendente da regularização perante o governo da escola de primeiro grau enquanto tal. Era necessário que se adequasse legalmente o funcionamento da escola às leis. Depois de algumas conversas, na reunião do conselho

[86] Atas do Conselho Inspetorial – 1985-1988. Ata de103/07/1987, p. 88b.
[87] Atas do Conselho Inspetorial – 1985-1988. Ata de 12/05/1987, p. 79b.

de agosto de 1987, ficou registrado que talvez fosse conveniente anexar as séries do primeiro grau ao colégio S. Gonçalo; assim a escola da Coxipó se tornaria uma extensão do Colégio S. Gonçalo. Ficou resolvido também que o pré-aspirantado continuaria a funcionar apesar das opiniões adversas de alguns salesianos. Em abril de 1987, havia 42 pré-aspirantes em Araçatuba, e 53 em Coxipó[88].

Na reunião do conselho inspetorial de outubro de 1987, foi apresentada a proposta para que os aspirantes da Chácara S. Vicente passassem a estudar normalmente no segundo grau do Colégio D. Bosco; houve várias observações sobre o assunto, mas todos foram a favor dessa nova possibilidade desde que houvesse os devidos cuidados em acompanhá-los nesse novo ambiente de estudo. Essa decisão seria colocada em prática somente a partir do início do ano de 1988.

Na reunião do Conselho Inspetorial de 11 de abril de 1989, o Pe. João Bosco apresentou um breve relatório sobre a visita rápida do Pe. Paulo Natali, encarregado da formação no Conselho Superior. Ele visitou as três casas de formação: Chácara, o noviciado em Indápolis e o Pós-Noviciado no Paulo VI;

> [...] tendo conversado com as comunidades formadoras e mesmo com os pós-noviços insistiu sobre: a) abertura e alegria da vocação salesiana; b)a vocação salesiana no aspirantado, lembrando o sonho dos 9 anos, de D. Bosco; c) a vocação salesiana com os pós-noviços, falando de sua vivência nos países onde não há liberdade.
> Para os formadores lembrou que se deve insistir desde o início sobre: 1) motivações de fé para uma base sólida, respeitando as etapas; 2) formação sólida quanto ao celibato (afetos, sexualidade); 3) motivações de fé profunda para a vida de comunidade (vida de família); 4) aprofundamento da missão salesiana no seguimento de Cristo. Manifestou satisfação pelo ambiente encontrado nessas casas.[89]

Em agosto de 1990, a inspetoria já sob o comando do novo Pe. Inspetor, Pe. João Bosco, recebeu a visita do novo superior encarregado da Formação, Pe. Nicolussi. Essa visita teve a finalidade de uma verificação e constatação do processo de formação e respectivo andamento nas casas. Foi uma visita rápida, mas oportuna, pois ofereceu aos conselheiros uma boa oportunidade de esclarecimentos e novos direcionamentos quanto ao setor da formação na congregação. Pe. Nicolussi acentuou aos conselheiros:

> [...] congratulando-se pelo bom ambiente encontrado, acentuando o empenho pela pastoral vocacional e de formação, ponto central do CG23, salientou os seguintes pontos:

[88] Boletim Informativo MSMT, mar./abr. 1987, p. 7.
[89] Atas do Conselho Inspetorial – 1989-1991. Ata de 11/04/1989, p. 154.

- formação pessoal como vivência e capacitação renovada da caridade;
- elaboração de um plano de formação inicial para uma identidade específica salesiana e amadurecimento da consciência do jovem em formação;
- elaboração de um plano de qualificação na dimensão ética, que se manifesta fraca por falta de transmissão de valores;
- educar para uma secularidade com vivência serena e amadurecimento da consciência sócio-política [...] depois falou da necessidade de uma formação específica em cada fase e enfim, jovens sacerdotes e salesianos coadjutores diante da formação permanente.

Pe. João Bosco fez notar que a inspetoria assumiu como tarefa prioritária a consolidação das casas de formação e nesse sentido encontrou muitos desafios: pouca perseverança, formar os formadores e a formação permanente. Prosseguiram as questões que foram compartilhadas com todos os outros conselheiros [...].[90]

Consolidou-se o objetivo no setor da formação, em sua amplitude a constatação comunicada ao Conselheiro da Formação de que as casas de formação estavam bastante bem direcionadas e que a participação em cursos e em encontros no Brasil e no exterior consolidava a formação permanente e a atualização dos salesianos.

12.10 O final do governo da inspetoria durante o governo do Pe. José Marinoni - de 1984 a 1990

No Boletim Informativo Especial de comemoração final do governo do Pe. José Marinoni, surgiu uma crônica especial para expressar a posição de sua pessoa e a sua maneira de dirigir a inspetoria. Assim se expressou o cronista:

> Permitam-me um desabafo: Graças a Deus o nosso técnico não foi Lazaroni mas Marinoni [...] pode-se enxergar com nitidez marcantes semelhanças, pois a MSMT vem atuando com definida retranca [...] a partir de 1984, no período do Pe. José Marinoni, a nossa inspetoria deixou de jogar para a torcida e concentrou-se em si mesma [...] e todos crescemos. O Pe. José Marinoni tem sido um futeboleiro incansável [...] Na cancha ele é "líbero": ataca bem, mas defende melhor, preocupou-se bem com o meio campo, com nossas escolas [...] Nos derradeiros seis anos, a Inspetoria vem crescendo na consciência de articular todas as suas atividades por planos bem definidos. Principalmente no setor das escolas [...] O adensamento nas áreas missionárias das estruturas visíveis da Igreja, com o surgimento de novas dioceses e diversas paróquias, sobretudo o assassinato do Pe. Rodolfo Lunkenbein, projetaram as nossas presenças missionárias no cenário nacional e até

[90] Atas do Conselho Inspetorial - 1989-1991. Ata de 07/08/1990, p. 185.

> internacional [...] Mas qual seleção não chuta fora? A maior goleada vem sendo o "Diretório Missionário". Escrito a partir de nossa experiência missionária [...] Pe. Marinoni animou toda essa movimentação, tem o mérito de não ter deixado a peteca cair. Como jogador tem-se destacado mais na defesa. Foi incansável na defesa das escolas pelas secretarias Estaduais, pelos gabinetes do Governo Federal; na defesa das presenças missionárias, em Brasília perante a Funai [...] Não me consta que o Marinoni tenha alguma vez buscado a bola no fundo das redes [...] tudo continua com a bandeira da confiança e esperança.[91]

Encontra-se, nessas afirmações, a apreciação da atuação do Pe. José Marinoni como inspetor. E convém ainda afirmar que, nesse período, algumas iniciativas da inspetoria adquiriram forças e progrediram. Em especial, deve-se notar o progresso e o andamento na administração promovida pelo Pe. Frederico; a unificação patrimonial da inspetoria, a nova maneira de se administrar pelo estatuto unificado e pela contabilidade centralizada. Assim também, a remodelação diante do governo pela unificação das casas sob a gerência da matriz, a Missão Salesiana de Mato Grosso. Assim, as novas denominações administrativas através do CNPJ unificado e distribuído pelas filiais, tudo veio para dar suporte à informatização de todos os processos entre o centro inspetorial e as demais filiais. Tal unificação ocorreu também pela lei da Filantropia a que a Inspetoria e todas as casas se submeteram, para que houvesse legalmente a possibilidade de melhor atender aos jovens carentes e necessitados. A ação social desenvolvida por todas as casas da inspetoria tornou-se mais consistente e visível pela contabilização de todas as prodigalidades ofertadas aos alunos mais necessitados.

Ressalta-se que, nesse período, concretizou-se uma decisão anterior de se trazer para a inspetoria as etapas da formação dos salesianos que, por muitos anos, permaneceram foram daqui, na inspetoria de S. Paulo. Assim retornaram para cá a etapa formativa do noviciado e outra também, a do Pós-Noviciado. A inspetoria passou a contar com os pré-aspirantados de Coxipó e Araçatuba, com o Aspirantado da Chácara S. Vicente, e esses aspirantes passaram a frequentar as aulas do segundo grau no Colégio D. Bosco. Além disso, funcionou o Pré-Noviciado na Lagoa da Cruz, o Noviciado retornou para Indápolis, e os estudantes de filosofia, residentes na comunidade do Paulo VI, frequentavam o curso de filosofia na UCDB.

Além de todas essas efetivações na Inspetoria, a mais significativa em termos de processo foi a instauração da Universidade Católica D. Bosco. Essa foi a expressão histórica de um desejo que se prolongou desde os tempos de D. Lasagna, inspetor no Uruguai no final do século XIX, que sempre manifes-

[91] Boletim Informativo MSMT, dez. 1990, p. 2-6.

tou a possibilidade de abrir uma universidade salesiana na América. Esse tom marcante perambulou por muitos anos pelos corações dos salesianos de Mato Grosso. Encontrou consistência em D. Emmanuel, que uma vez arcebispo de Goiás moveu os corações dos salesianos Pe. Félix Zavattaro e Pe. Ângelo J. Venturelli, para que se iniciasse em Goiânia uma Universidade Católica, que, de fato, se tornou a atual Universidade Católica de Goiânia. Esses salesianos trouxeram a ideia para Campo Grande e, somente em 1962, puderam iniciar o ensino universitário com o funcionamento de duas faculdades. Depois de outros cursos, houve a Fucmt e finalmente, nesse período, a Universidade Católica D. Bosco. Uma grande realidade tendo em vista a atuação dos salesianos no ensino universitário.

Nesse tempo também ocorreu a promoção especial de duas "assembleias dos irmãos salesianos" para discernir e orientar o governo da Inspetoria. Segundo os dados, para participar da primeira, o número de irmão foi significativo e nem tanto quando se promoveu a segunda e, assim, encerrou-se a iniciativa.

Como última notícia importante desse período, destaca-se a inauguração da Estátua de D. Bosco numa praça pequena ao lado da Paróquia D. Bosco. A festa promovida pelo Pároco, Pe. Tomás Guirardelli, no dia 31 de janeiro de 1988, contou com a anuência e a participação de ex-alunos e de autoridades. A Placa comemorativa foi descerrada pelo Prefeito Dr. Juvêncio César da Fonseca. A estátua foi levada em procissão a partir da Capela D. Bosco, com acompanhamento da Banda Militar até à praça, também denominada "Praça D. Bosco". Lá, após discursos de ex-alunos, o próprio Pe. Tomás encerrou a cerimônia dessa homenagem a D. Bosco, pelo centenário de sua morte, com um discurso entusiasmante e clamoroso, concluindo que aquela estátua ali na praça, "seria uma imagem ora inaugurada, não é muda, mas fala alto e em bom tom: dizei aos meus jovens que os espero a todos no paraíso"![92].

[92] Boletim Informativo MSMT, fev. 1988, p. 13-14.

Anexo I – POEMA DE MAGALI DE SOUZA BARUKI

SANTA TERESA: 90 ANOS

Falar de Salesianos
É uma história a contar...
É ouvir o perpassar de vidas
Arrojadas e destemidas,
Que noventa anos
Vêm imprimindo em nosso espaço
Os rastros do engatinhar
Da educação...
É falar de firmes passos
Que nunca se detiveram
Ante o cansaço
Que advém de uma construção...
Edificação lenta, sofrida,
Nem sempre compreendida,
Algumas vezes aplaudida,
Outras vezes reprimida,
Mas sem se deixar vencer,
Porque sempre imbuída
Do valor maior
Que é o convencer...

Noventa anos
De salesianos
Educando gerações,
Fomentando vocações,
Rezando as orações,
Do viver
E com exemplos
Incensando o conviver...

Salesianos, noventa anos
Fazendo eco às palavras
Do poeta:
"Tudo vale a pena
Quando a alma
Não é pequena"...

E a alma, o espírito, a energia
Do seu profeta,
Que desde sempre acompanha
A construção
Dessa educação,
Que desafiando o tempo,
É grande demais
Para deixar sucumbir
Ante a pequenez
Da miopia que enxergando
Apenas o presente
Não consegue vislumbrar o futuro
Das gerações que seguem firmes em frente...
Essa grandeza da alma
De um profeta: D. Bosco,
Há quase um século conosco
Na construção dessa educação.

E falar de salesianos
Nesses seus noventa anos
De Corumbá,
É viver,
Rememorar,
Com prazer,
O vetusto Santa Teresa,
No dia a dia da vida,
Com seus padres, batinas brancas,
Conduzindo com presteza
E firmeza das palavras francas,
Jovens de cáqui e friso azul...
Ora no recreio, sol a pino,
Disputando o futebol,
Até que a voz do sino
Os levava para as aulas.

A fila, o silêncio
Subiam a escadaria
De madeira
Até à sala, à carteira,
Frente seu professor,
Porte ereto,

Do saber concreto
Que lhes abria os caminhos
Do conhecimento humano.

Já no aconchego da capela,
Diante de Cristo na Cruz,
Ou de Cristo no Sacrário,
Um outro saber, não temporário, os seduz:
Conhecer o sobre-humano;
O eterno; o Criador...
E com Ele aprender a dizer
A linguagem do amor
Que descobre,
Que cria,
Que inventa,
Sem causar dano nem dor...
E essa linguagem,
Essa lição ensinada
Aos meninos de cáqui com friso azul,
Tornava-se mais eloquente
Pela voz do barítono Audízio,
Puxando canto fremente
À hora da liturgia
Da missa de cada dia.

E falar dos Salesianos
Na festa de seus noventa anos
De educação em Corumbá
É trazer agora, para cá,
Nesta comemoração,
O palmilhar de gerações
Que imprimiram a história
Em nosso solo.
É o relatar do quotidiano
No seu viver de cada ano,
Lembrando de coisas singelas:
Aulas, lições, recreio,
Futebol,
Quadra de areia,
Voleibol,
Campeonatos,

Salão de atos,
Teatro...
Desfile escolar:
Ciclistas... banda...
Fuzis de madeira,
Espadas de metal,
Batalhão juvenil,
Empunhando a bandeira do Brasil
No mastro do ideal...
Jovens vestidos de branco
Não mais de cáqui, friso azul...
Padres com pretas batinas
E o Santa Teresa,
Envolto em beleza,
O momento de gala, conduz...

E falar de Salesianos
Nesses seus noventa anos
É viver o Santa Teresa
No seu pavilhão da frente
Que fez sofrer tanta gente
Ante sua demolição...
Com o que soterrou-se a saudade
Dos idos que não voltam mais
E que foram tão reais...

E nos seus noventa anos
Dos salesianos
Em Corumbá,
O Santa Teresa, transformado,
Renovado:
O casarão, prédio virou;
A estrutura material mudou.

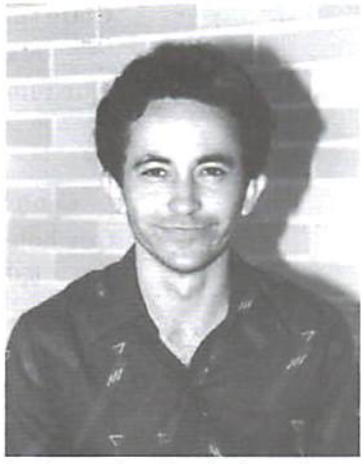
Padre agora, sem batina,
A capela, Santuário.
O cáqui com friso azul
Não mais se vê.
Mas impresso na retina
De Corumbá de uma era,
O passado ficou, porque:
Transformou-se em memória

Onde reside toda a história
De uma educação
Que também transformou,
Modificou,
Formou,
Centenas de gerações
Que hoje, num tempo novo,
Falam mais alto
Que paredes tombadas,
Porque revivem em pensamento
Em cada ação,
Cada momento,
A vida de D. Bosco,
O Profeta,
E também o que disse
Pessoa, o poeta:
"Tudo vale a pena
Quando a alma não é pequena..."
E isso hoje, exortamos,
E em público rememoramos,
Os salesianos
Nesses seus noventa anos...

Magali de Souza Baruki, 07/04/1989



Me. Aniceto Zonta



Pe. Osmar Orotides de Resende



Pe. José Alves de Araújo



Pe. Jair Gonçalves Ribeiro



Pe. Sebastião Paniago Vilela



Pe. José Benito Porto

Capítulo XIII

A Inspetoria sob o governo do Pe. João Bosco Monteiro Maciel – 1990 a 1996

A década de 1990 a 1999 foi marcada por inúmeros fatores, de modo especial, da ciência, os quais marcaram a vida de todos. Não houve fatos políticos de grande significado uma vez que, em 1988, a nova constituição do Brasil fora promulgada, e, sob a regência de uma nova organização jurídica, a constituição, o país passou a ser governado por presidentes devidamente eleitos, e a institucionalização do poder veio garantir o progresso e a estabilidade da nação perante todos, tanto aos brasileiros como aos outros países. Essa nova etapa política do país garantiu novas perspectivas para o progresso e a consistência administrativa a partir de governos democraticamente eleitos. Um grande passo se concretizara na organização política para que a consistência do progresso encontrasse a segurança necessária para o verdadeiro desenvolvimento.

Na inspetoria, a chegada do novo inspetor para o período de 1990 a 1996 encontrava alguns fatos que seriam relevantes nesse período. O primeiro deles, a celebração do centenário da chegada dos salesianos a Cuiabá, 18 de junho de 1894; a chegada dos salesianos a Cuiabá concretizava o sonho missionário de D. Bosco, a grande preocupação do novo bispo salesiano, D. Luiz Lasagna, que recebera o cognome de "Bispo dos índios do Brasil" em concretizar os passos para que os salesianos se tornassem presentes junto aos índios do Brasil. Cuiabá seria o ponto de base para as primeiras viagens dos missionários. Ao retornar para Montevidéu, D. Lasagna deixara apalavrada com o governo do Estado de Mato Grosso a presença dos Salesianos na Colônia Teresa Cristina. Foi o passo inicial.

Cem anos após, assumia a direção da inspetoria um salesiano que nascera na região de Cuiabá, região que já fora originária de outros grandes salesianos como o Arcebispo D. Francisco de Aquino Corrêa, do Pe. Armindo de Oliveira, do Pe. Luiz Zeferino, que como criança estivera presente à recepção dos primeiros salesianos que chegaram a Cuiabá. Pe. João Bosco Monteiro Maciel frequentou o aspirantado do Coxipó, tendo diretores e comunidades salesianas exemplares. Recebeu nesse berço, tão bem descrito por D. Aquino como um lugar ideal para a construção de uma personalidade, a formação muito bem adequada segundo o coração grandioso de D. Bosco.

O primeiro gesto de retidão da congregação ao se preparar para a comemoração dos cem anos de presença nessa região, fora a escolha desse sa-

lesiano como exemplo de que a congregação sempre, como ocorrera no passado, poderia suscitar novos seguidores de D. Bosco, conforme o dom grandioso de seu coração devotado ao bem dos jovens e da Igreja. Poder celebrar o centenário da chegada dos salesianos em Cuiabá tendo como inspetor um sacerdote lidimamente cuiabano e representante do espírito salesiano que impelira o trabalho, o sacrifício até a doação das próprias vidas em prol do ideal missionário, para levar a luz do Evangelho aos índios, sem dúvida foi a primeira graça de Deus aos salesianos da Inspetoria.

Pe. João Bosco encontrou as comunidades salesianas em diversos estágios, pois a própria cultura do país se manifestava em constante mudança. A cultura desse período passou a ser marcada pela aceleração das comunicações devido ao progresso do setor dos meios de comunicação social (MCS); a acessibilidade a tudo ocorria pela verdadeira cultura do simultaneísmo ou pela acessibilidade em tempo real à vida e aos acontecimentos em qualquer parte do mundo. A televisão e os computadores modificavam os processos e aceleravam a vida em intensidade e expressividade pelo mundo todo. A cultura passava a ser outra, e a vida a ser organizada pelas constantes mudanças propostas pelo mercado como expressão da alta capacidade de produção e de consumo. Então o consumismo, o "instantaneísmo", a TV, o rádio e os primeiros passos da Internet passavam a comandar a organização das cidades e também das comunidades. Novos horizontes decretados por essa cultura proporcionavam novos jogos midiáticos e novas diversões para os jovens e para as crianças, a ponto de se tornarem referenciais na educação dos jovens. Por outro lado, o alto consumo de drogas e as bebidas alcoólicas atrapalhavam a saúde da juventude. Diante desse cenário de uma cultura altamente envolvente e marcada pela velocidade, as comunidades salesianas, nesse período tiveram trabalhos grandiosos marcados pela dedicação ao trabalho e pela luta para se manterem fiéis ao espírito de S. João Bosco.

Tomar consciência e adaptar-se às novas exigências desse novo tempo, que ocorreu na Igreja e na Congregação pelo esforço constante de integração do trabalho salesiano de acordo com novas diretrizes da Igreja, foi a constante do novo governo inspetorial. Nesse período, houve o grande esforço para que a inspetoria estivesse com sua organização fundamentada nas orientações da Igreja e do Centro da Congregação. Assim houve uma grande preocupação em atualizar o Projeto Educativo Pastoral Salesiano (PEPS) inspetorial, os diretórios de algumas atividades pastorais como ocorreu como o "Diretório das Missões" e com as novas modalidades originárias das mudanças provenientes da reforma administrativa. No setor de administração da Inspetoria, ocorreram profundas mudanças estruturais para a devida adaptação às leis do governo, aos novos meios de se posicionar nesse setor, de acordo com os processos de informatização utilizados por computadores.

Ocorreram muitas melhorias e modificações estruturais em algumas obras; em geral houve adaptação às novas necessidades oriundas das mudanças sociais e pedagógicas. No setor da atividade pedagógica, houve muitas tentativas diante de novos posicionamentos originários das teorias pedagógicas. Nesse setor, ocorreram nas posturas pedagógicas duas grandes linhas, na organização de critérios, processos e métodos de animação nas escolas e obras sociais, bem como assim se sucedeu na fundamentação da presença salesiana em comunhão com as orientações e expressões teológicas da Igreja no Brasil e na América Latina. Esses processos de atualização e confrontações com a cultura e com as visões da pedagogia, ou ações educativas nas escolas, resultaram em muitos encontros e tempos de estudo. Esses conjuntos de estudos e de concretizações em documentos sobre as diversas atividades dos salesianos, de uma forma muito abrangente passaram a figurar no PEPS inspetorial do qual deveriam originar-se a organização e estruturação das modalidades de atuação pastoral e pedagógica em cada comunidade, conforme o seu campo de trabalho e de inserção na realidade local.

Para comemorar os cem anos de presença salesiana em Mato Grosso, dois fatos se tornam exemplares da atitude empreendedora dos salesianos que para cá vieram com um grande espírito de iniciativa, que brotava do coração e do exemplo de D. Bosco. A instalação da UCDB coroou o grande desejo de D. Luiz Lasagna, que trouxe a primeira expedição de salesianos que chegaram a Cuiabá. Depois de cem anos, a universidade que permanecera sempre em seu coração ganhou as configurações e as estruturas do campus novo da UCDB.

O segundo fato que exemplifica muito bem o espírito dos salesianos que edificaram essa inspetoria foi a expansão dos salesianos que acolheram o pedido do Prelado da cidade de Rondonópolis e aceitaram iniciar uma nova comunidade naquela vertiginosa cidade capaz de expressar também a força da terra de toda essa região do Estado.

Finalmente, nesse conjunto de novidades na vida da inspetoria nesse período, devem-se incluir alguns outros passos em diversos setores que promoveram a atualização desses setores de acordo com as novas exigências provenientes dos novos tempos. A comunicação entre as diversas casas e o centro inspetorial adquiriu visibilidade pela melhoria significativa do Boletim Informativo. Por outro lado, o passo que garantiu a consistência administrativa inspetorial foi a reforma de grande vulto no setor de administração. O suporte para a atuação desse processo administrativo novo consistiu em informatizá-lo. Entre as modalidades administrativas que incidiram em todas as atividades da inspetoria, houve sua inclusão na Lei da Filantropia. Esses e outros passos marcaram a grandiosidade festejada nos cem anos

da Missão Salesiana de Mato Grosso, então presidida pelo Pe. João Bosco Monteiro Maciel. Este soube coordenar esses esforços para que a atualização se redundasse em uma progressiva integração de todos os salesianos na vivência dos novos tempos, mas sempre a partir do ardoroso espírito de S. João Bosco.

A cerimônia da posse do novo inspetor, Pe. João Bosco Monteiro Maciel, ocorreu na celebração da Santa Missa no Santuário de Cuiabá, no dia 13 de junho de 1990, com a presença de todos os conselheiros e diretores das comunidades. A festa continuou na sessão lítero-musical no salão de atos com a presença dos pré-aspirantes de Coxipó, de alunos e membros da família salesiana de Cuiabá. O local induzia o maior significado, iniciava-se o tempo de se celebrar o centenário. Ao lado do novo inspetor, com a presença dos diretores das casas, sob o manto de Nossa Senhora Auxiliadora, iniciou-se o caminho para os festejos do centenário da presença salesiana nessa região do Brasil. Celebrar o centenário, em primeiro lugar, exigiu muito trabalho e muito entusiasmo para que a inspetoria revigorasse seu grandioso espírito de trabalho e dedicação como espelho de D. Bosco no trabalho para com os jovens, para com os povos indígenas e na estafante caminhada pela formação de novos salesianos, tendo em vista os próximos cem anos.

Nesse novo horizonte da vida da inspetoria em sua animação de governo, ocorreria outra posse de grande significado para todos. Na noite do dia 04 de outubro de 1994, foi realizada a tomada de posse do Pe. João Bosco Monteiro Maciel como Presidente da instituição público-civil Missão Salesiana de Mato Grosso. Perante o governo e as leis da sociedade, a Missão Salesiana passou a figurar como instituição pública regida pelas leis oficiais que regulamentam esse setor. A Missão Salesiana de Mato Grosso como entidade de fins filantrópicos passou a viger oficialmente a partir dessa data.

13.1 A inspetoria diante de projetos e de estudos para organização do trabalho pastoral nas escolas, Família Salesiana e na ação social

No início do ano de 1991, houve grandes preocupações manifestadas nas atas do Conselho Inspetorial justamente com a equação entre projetos e concretizações. Assim, na primeira reunião do Conselho no ano de 1991, pediram a presença do encarregado do Centro de Catequese para se dialogar sobre os projetos e atuações. Na reunião de 03/04/1991, o Pe. Delarim expôs aos conselheiros os planos de animação da Equipe Inspetorial de Pastoral; apresentou aos conselheiros o seu plano e pediu que todos estudassem as modalidades propostas para uma discussão futura. Na segunda parte da reunião, o encarregado da Pastoral Juvenil apresentou sua avaliação que consistiu em afirmar que a animação juvenil se restringia à realização do

festival inspetorial da canção (FIC); afirmou ainda que pretende abrir a Pastoral juvenil a todos os movimentos juvenis da inspetoria. Porém, afirmou, é necessário que se anime e articule a vivência da fé nos grupos de jovens.[1]

Ao lado da pastoral juvenil, a pastoral social mostrava-se bastante ativa nesse período. Na reunião de abril de 1991, o Pe. Carlos Rey Estremera, encarregado da pastoral social, convocado pelo Pe. Inspetor expôs aos conselheiros suas propostas a respeito da consolidação do projeto AMPARE, ou associação sob a liderança dos salesianos para amparar os menores abandonados ou meninos de rua de Campo Grande. Essa nova associação, comandada pelo Pe. Carlos, obteve nesse dia do conselho inspetorial a aceitação e a legitimação de seu trabalho. Como diz a ata da reunião, "enfim a Missão Salesiana de Mato Grosso dará à Ampare o apoio financeiro que lhe for compatível!". Assegurava-se assim a consistência desse empreendimento. Na reunião seguinte, tratou-se no conselho dos estatutos da Ampare; foi sugerido que o presidente oficial fosse o próprio ecônomo inspetorial devido à prestação de contas e transparência administrativa. Na reunião do conselho inspetorial de 8 de junho de 1991, foi apresentado o projeto pelo Pe. Carlos Rey, da "Casa-lar" como desmembramento, segundo as leis, do projeto Ampare, para acolher os menores que não poderiam mais ser acolhidos na Casa D. Bosco. Diante das complicações das leis e dos impasses, o projeto foi levado para outras reflexões antes de qualquer decisão[2].

Convém lembrar que o Capítulo Inspetorial seguinte, em julho de 1992, teve como tema central o PEPS; então houve um esclarecimento maior para todos da Inspetoria a esse respeito. No final do ano, precisamente na reunião do Conselho Inspetorial de 2 de outubro de 1991, por designação da Equipe Inspetorial e Pastoral (EIP), Pe. Sandro Giancola esteve presente na reunião do conselho para apresentar considerações sobre a Pastoral Vocacional. Este apresentou um apanhado de opiniões afirmando que a base de tudo foi o curso de formação permanente que fizera em Barbacena; afirmou também que se valera de pesquisas realizadas pelo Centro de Pastoral da Inspetoria. Após sua apresentação, houve manifestações de alguns conselheiros, ao apontar falhas quer práticas, quer teóricas; Pe. Sanchez tomou a palavra para solidarizar-se com o Pe. Sandro:

> [...] ao afirmar necessidade da prática em detrimento da teórica; já se discutiu muito e profundamente, nos capítulos gerais e inspetoriais, em reuniões de diretores [...] E a prática vem concretizando diferenciadamente, com os resultados que aí estão. A nossa prática tem ficado longe da teoria. Há tempo que se vem dizendo que os jovens hão de ser

[1] Atas do Conselho Inspetorial – 1991-1996, 03/04/1991, p. 2-3.
[2] Atas do Conselho Inspetorial – 1991-1996, 08/06/1991, p. 12.

seguidos, lá onde estão; mas eles estão lá e nós temos continuado sempre aqui [...] (depois de duas outras intervenções registradas na ata, o próprio secretário, Pe. Antônio Secundino de Castro apresentou suas preocupações) – afirmou de início se espantar ao assistir a discussão sobre a pastoral vocacional da inspetoria, mas de maneira desvinculada da história, como se a inspetoria estivesse começando agora o seu trabalho vocacional. No entanto a pastoral vocacional da inspetoria tem sua caminhada com periodizações.

- Nos primeiros três lustros de sua vida a inspetoria viveu empolgada pelas missões. Seu discurso era inteiramente missionário. Os salesianos se expressavam e eram vistos e compreendidos como "os missionários dos índios!". Tiveram audiência vocacional e medraram auspiciosas vocações.
- Com a Primeira Guerra Mundial e pela decapitação da inspetoria, os salesianos se derramaram pelas paróquias do antigo Estado de Mato Grosso. O discurso tornou-se "desobrigueiro"; eles se expressavam e eram vistos e se compreendiam como incansáveis "desobrigueiros". Perderam a audiência vocacional e inexistiram vocações.
- A retomada se iniciou com o Pe. João Pian. O discurso virou triunfalista. A vida religiosa, em geral, era salvacionista: o caminho que mais acertadamente levava a gente para o céu; e a vida salesiana, em particular, era o caminho mais alegre de a gente ir para o céu. Por esse discurso, o salesiano se expressava, era visto e compreendido. O processo era informalmente familiar. Deu seus frutos. Surgiram depois as "casas especializadas" – os aspirantados. Mas perdeu-se a informalidade. Os frutos têm sido como diamantes: de um montão de cascalho se catam dois ou três. Com que preço, porém, em termos de recursos humanos e financeiros.
- O concílio Vaticano II mexeu com a Igreja e exigiu da vida religiosa o "aggiornamento" que teve variadas traduções no Brasil, que vão de autênticas revoluções até a simples reformas ou continuísmos camuflados. O discurso da vida religiosa que vem ganhando força e profundidade é o libertário. Estamos longe de assumi-lo (finalizou). E o Pe. Frederick Himler falou que o ponto chave são as paróquias. Pois é o pároco que está em condições de contactar e conhecer as famílias. Lembrou que este conselho já havia discutido essa incidência das paróquias no cultivo das vocações. Pe. Bosco finalizou afirmando que seja a reflexão provocadora de projetos concretos nesse setor.[3]

Essa longa reflexão, segundo o Pe. Inspetor, ocorreu motivada pelos processos de recrutamento e acompanhamento dos meninos vocacionados enviados aos pré-aspirantados de Coxipó e Araçatuba.

A atividade pastoral integra a vida da Família Salesiana; nos dias 19 a 21 de julho de 1991, houve em Araçatuba, no colégio D. Luiz Lasagna, o congresso inspetorial dos cooperadores. O tema central foi "A nova evangeliza-

[3] Atas do Conselho Inspetorial – 1991-1996, 02/09/1991, p. 24-26.

ção e a identidade do Cooperador Salesiano"; o congresso contou com a presença do diretor Pe. Gino, do Pe. Inspetor Pe. João Bosco e com a presença de D. Irineu Danelon, bispo de Lins e salesiano também. Perdurou o tempo todo alto clima de cordialidade e de fraternidade, todos retornaram para suas cidades com grande alegria por ter participado desse evento[4]. Posteriormente houve o Congresso Nacional dos Cooperadores, que ocorreu na Chácara S. Vicente, Campo Grande e esteve muito bem. Estiveram presentes cerca de quatrocentos cooperadores de todo o Brasil; a professora Margarida Queiroz Pereira, do Colégio D. Bosco de Campo Grande, foi eleita coordenadora nacional para o triênio que se iniciava. Ficou decidido que o próximo congresso nacional seria realizado em Recife. No ano seguinte, em julho de 1993, ocorreu em Cuiabá o congresso dos cooperadores da Inspetoria; segundo a crônica, o encontro foi muito bom com representantes de todas as comunidades e núcleos. O tema do congresso foi: "A Missão e a Espiritualidade do Leigo à luz de Santo Domingo". Assim se prosseguiu a animação da Família Salesiana nesse período[5].

Outra área social assumida por alguns salesianos foi o atendimento a "assentados" ou àqueles trabalhadores rurais que receberam lotes de terra e então se dedicavam à agricultura familiar perto da cidade de Corumbá. Pe. Pascal Forin iniciou esse trabalho e mantinha-se presente entre os assentados com assistência pastoral e social também. Conforme foi publicado no Boletim Informativo de março-abril de 1992, desde 1987 que o Pe. Pascoal Forin vinha se dedicando a prestar serviços aos assentados. O trabalho constava de assistência no campo jurídico, da saúde, espiritual, além de cursos na área da diversificação rural. Esse trabalho tinha sua equipe e propunha oferecer seus préstimos aos assentados mediante projetos em todas as áreas, inclusive na produção rural; existiam sempre muitas limitações, mas procurava-se levar avante uma assistência qualificada para promover a dignidade humana e a honestidade na vida e no trabalho. Esse trabalho acontecia aos seguintes assentamentos: Mato Grande, Maria Coelho, Albuquerque, Tamarineiro, São Domingos e Taquaral. Havia mais ou menos 200 famílias em cada um desses assentamentos; a variedade dos lugares e da terra exigia uma assistência também diversificada. Um trabalho significativo e muito exigente[6].

Por sua vez, os salesianos de Cuiabá, em especial o Pe. Firmo Pinto, apoiaram os grupos de ação pastoral do S. Gonçalo em atividades de catequese; nesse ano sob o signo da Nova Evangelização, conseguiram preparar 400 crianças e jovens para a primeira eucaristia; 85 jovens receberam o sa-

[4] Boletim Informativo, jul./ago. 1991, p. 44-45.
[5] Atas do Conselho Inspetorial – 1991-1996, 04/08/1993, p. 117b.
[6] Boletim Informativo, mar./abr. 1992, p. 64-65.

cramento da crisma. As reformas nos campos e na piscina animavam a todos. Durante as celebrações do FIC desse ano, os jovens da Pastoral do S. Gonçalo lançaram um "Manifesto" para denunciar as injustiças e a pobreza de tantos jovens e se proclamaram evangelizadores sob o lema: "O Sonho de Deus é nossa missão!" Proclamaram-se jovens católicos e pertencentes à Igreja sempre renovada. Nesse ano também, propriamente no final do ano, 4 de dezembro de 1991, o Conselho Inspetorial reuniu-se em Coxipó, e todos os conselheiros foram verificar no local como seria o terreno pretendido para a construção de uma casa de descanso para todos na Chapada dos Guimarães. Diante da beleza do local e movidos pelo bom e grandioso projeto, aprovaram unanimemente a aquisição dos 18 hectares muito próximos da cidade; o local oferece uma vista singular e muito bela da Chapada dos Guimarães. Foi o primeiro passo para uma futura casa de retiros, encontros e descanso[7].

Esse empenho em preparar os jovens para o engajamento em grupos que liderem os movimentos e os encontros de jovens esteve sempre presente também em Campo Grande, em Corumbá e em outras comunidades salesianas. Havia grande esforço em tornar os jovens protagonistas em suas atividades de evangelizadores também. Os salesianos mostravam-se muito dispostos a acompanhar esses grupos e estar ao lado de suas iniciativas.

No ano seguinte, 1993, por iniciativa do Pe. Amércio foi realizada, com o auxílio de uma equipe de Campo Grande, a primeira jornada para os alunos do Santa Teresa de Corumbá; sempre o resultado foi altamente satisfatório. Jovens auxiliando os jovens de outras cidades.

No desfile da festa da cidade de Campo Grande, 26 de agosto de 1993, Pe. Carlos Rey, apoiado e incentivado por seus colaboradores colocou para desfilar pelas ruas da cidade os meninos da Casa D. Bosco. Taticamente foi uma modalidade de participação educativa, pois tornava pública essa obra para a população da cidade[8].

Se esses fatos exemplificam a atividade pastoral juvenil e social que acontecia em várias casas, assim prosseguiu esse trabalho com acontecimentos exemplares, muitos deles se tornaram modelares, e suas realizações prosseguiram em várias comunidades. A seguir serão também apresentados alguns fatos típicos de uma atividade juvenil em algumas casas durante esse período de tempo de 1993 em diante.

Uma dessas atividades teve início na casa de Lins, como descreveu para o Boletim o Pe. Dídimo:

> EFA – Escola de Formação e Aperfeiçoamento para alunos de 5 a 8ª série das escolas públicas, com a chegada da garotada da 5ª série, já está

[7] Boletim Informativo, nov./dez. 1991, p. 15, 30, 48-49.
[8] Boletim Informativo, nov./dez. 1991, p. 19 e 48.

funcionando regularmente. São 152 alunos que recebem no Salesiano, três vezes por semana, aulas de reforço escolar, aulas de natação, datilografia e aulas práticas de utilidades domésticas, além de formação humana e religiosa.[9]

Também em Lins, nesse ano, sob a grandiosa liderança do Me. Fernando o grupo da Pastoral Vocacional e o da Catequese se uniram para levar palestras aos pais dos catequizandos da paróquia D. Bosco e suas quatro capelas. O tema das palestras versou sobre família e educação religiosa dos filhos. O sucesso foi grandioso, e Me. Fernando afirmou: 'como é encantador ver as famílias que lutam para dar uma boa educação aos seus filhos!'. Na capela do Cristo Redentor, o grupo escolheu o tema: 'A grande vocação'. Me. Fernando falou para as 15 crianças presentes; despertou o interesse delas ao falar da família, da escola e do trabalho. Depois outros assuntos foram abordados. Em setembro, realizou-se também em Lins um encontro de oratorianos da cidade de Lins e de Araçatuba; muito esporte e muita alegria. Essas atividades em Lins sempre contariam com a grandeza da simplicidade do Me. Fernando, capaz de atrair e levar para Deus tantas e tantas crianças[10].

As atividades pastorais em Lins, animadas pela presença do Me. Fernando e da diretora do EFA e de outras iniciativas, tornaram o ambiente tipicamente salesiano como ficou documentado nessas pequenas notícias do início do ano de 1996:

> Clube da Amizade – O Clube Salesiano da Amizade – CSA – funciona aos sábados pela manhã no Complexo Salesiano de Lins, com inúmeras atividades no campo esportivo, de formação humana, cívica, moral e religiosa. O Grupo de Apoio, através de padrinhos e madrinhas, é o braço forte do CSA e já providenciou instrumentos musicais para o funcionamento de uma bandinha, bem como merendas suculentas e deliciosas para os participantes. O ambiente é de mútua cooperação, educação, amizade e alegria (Me. Fernando).
> Leveza – Os alunos e professores do Salesiano puderam meditar e buscar a conversão na "Noite do Perdão", realizada na Paróquia D. Bosco com a presença do bispo D. Irineu Danelon. Ficou visível o arrependimento dos presentes, pois a forma com que foi conduzida a reflexão, fez muitas lágrimas rolarem dos olhos. Os participantes saíram da igreja satisfeitos e sentindo-se leves, com o coração purificado. Queremos agradecer a D. Irineu por ter proporcionado esse momento! (Profa. Angélica).
> Ambiente – O início do ano escolar foi tranqüilo e alegre. Notamos a vontade de estudar dos alunos e de reencontrar aos amigos. Sentimo-nos como uma grande família, onde todos saem de férias e depois se

[9] Boletim Informativo, mar./abr. 1994, p. 19.
[10] Boletim Informativo, set./out. 1994, p. 14-15.

reencontram com abraços, beijos e sorrisos. Com as manhãs e noites de formação, o ambiente fica ainda mais agradável! (Profa. Angélica).[11]

Também em Lins a pedido dos próprios alunos foi reativada a Pastoral da Escola. As reuniões de estudo acontecem desde o início do ano de 1996; a Pastoral promoveu um retiro nos dias 22 e 23 de junho que superou todas as expectativas. Nesse retiro houve momentos de intensa alegria e de profundo silêncio para a oração. No final todos se sentiram tão unidos que ninguém queria ir embora. Foi muito bom e todos se comprometeram a participar das atividades promovidas pela Pastoral no Colégio (Pastoral).[12]

Conforme o informativo, no Colégio D. Henrique, está sendo programada para os dias 7 e 8 de outubro de 1996 uma Jornada para quem já participou dos retiros. A experiência de oração, de intimidade com Jesus e Maria tem deixado frutos tão bons. Após a Missão Salesiana ter se responsabilizado pela antiga FEBEM, agora Obra Social Salesiana, o nosso campo de ação multiplicou-se. A Pastoral tem marcado a sua presença todos os domingos, estando junto daquelas crianças, brincando, conversando, dando carinho. Tal fato tem levado alguns jovens a pensarem sobre a própria vocação. Tem sido muito gratificante em todos os sentidos, afirmou a coordenadora da Pastoral. Existem planos de animação junto as escolas estaduais para levar a todos uma palavra de vida e de encontro com Deus.[13]

De modo geral, as casas todas promoviam suas atividades pastorais com grande empenho e dedicação. Em agosto de 1994, o Boletim Informativo da Inspetoria publicou uma entrevista com jornadistas do Colégio D. Bosco em que manifestam sua vontade de atuar em grupos e promover a experiência de alegria dos encontros. Ali afirmam que são mais de 200 jovens que participam de diversos grupos como Grupo dos Direitos Humanos, Comunicart, Ecologia, Artistas Cristãos e outros. Afirmam que, após as Jornadas, suas atitudes mudaram tanto para com os amigos como para a família. Concluem que "depois de conhecer a Cristo, as pessoas passam a conhecer novos valores e ver o mundo de maneira mais ampla". Os jovens dos grupos passaram a evangelizar outros jovens mediante visitas a outras escolas onde promovem shows e celebrações. Celebram a nova vida cuja forte experiência se iniciou na Jornada. Agora eles se fortalecem pela participação nas oficinas de oração, oficinas bíblicas e na direção espiritual. A partir da experiência de Jesus Cristo, o jovem vai conquistando seu espaço para ser Igreja e dar testemunho cristão. Quem retrata essas experiências é a jornalista Lu Bigatão[14].

[11] Boletim Informativo, mar./abr. 1996, p. 12.
[12] Boletim Informativo, jul./ago. 1996, p. 18-19.
[13] Boletim Informativo, set./out. 1996, p. 16.
[14] Boletim Informativo, jul./ago. 1994, p. 29-31.

A partir dessas experiências, houve o 1º Congresso de Jornadistas que conseguiu reunir mais de 200 jovens de Campo Grande e Corumbá. Nos dias 2 a 4 de setembro ocorreu o encontro através de diversas palestras dentro do lema: "Alegres seguiremos a Cristo na Igreja com D. Bosco"; o objetivo foi estabelecer contatos de amizade e trocar experiências de trabalho pastoral para fortalecer o protagonismo juvenil nessas duas comunidades. No dia 3, os participantes se encontraram na Capela D. Bosco para orações, cantos, palestras e depoimentos. Durante a tarde, dividiram-se em grupos para a troca de experiências. O congresso se encerrou também com um ato cultural: foram visitar o Museu D. Bosco depois de uma calorosa despedida[15].

Outra iniciativa de grande alegria para o carisma salesiano constatou-se com o compromisso de alguns pós-noviços em assumir as aulas de religião no colégio conveniado do Paulo VI. Redundou-se em uma experiência muito contagiante para os alunos e para os formandos do pós-noviciado. Além disso, ocorreu nos dias 8 e 9 de abril, na Chácara S. Vicente, o encontro de líderes dos oratórios. Compareceram líderes de diversas comunidades da inspetoria: Nova Xavantina, Araçatuba, Auxiliadora de Campo Grande, Oratório de S. Sebastião, Cuiabá, Guiratinga, Poxoréu, Lins e Oratório do Paulo VI de Campo Grande. O encontro foi vibrante, movido por uma alegria contagiante. Acentuaram-se as várias notificações para a melhoria e conscientização da vida dos jovens na construção de uma comunidade eclesial sob o espírito de S. João Bosco[16].

Outra atividade pastoral digna de nota são os encontros com as crianças do Colégio D. Bosco animado pelos jornadistas. A dupla intenção desse encontro desenvolve-se pelo empenho e dedicação dos jornadistas em uma atitude de evangelização e animação e de outra parte pela participação intensa das crianças.

Dois encontros, a Sementinha e o Acampamento Bosco, assim estão no Boletim Informativo:

> A Sementinha: é a educação na fé e na infância ocorrem os primeiros passos. A Sementinha é um encontro feito com crianças das séries iniciais do Colégio D. Bosco (1ª a 4ª séries). O objetivo é, através da música, dança, brincadeiras e jogos, realizar uma experiência de amizade com Deus e com os outros. O encontro acontece nas manhãs de sábado. Há espaços para rezar, brincar e partilhar o lanche. Palestras e orientações em um clima de muita alegria. A oração, os cantos e a gincana são mais que animadores. Desenvolvemos um sentido de equipe, de participação e companheirismo. No final, todos são premiados. São os jovens jornadistas que organizam cada detalhe do encontro. Eles co-

[15] Boletim Informativo, set./out. 1994, p. 12.
[16] Boletim Informativo, maio/jun. 1995, p. 20 e 53-57.

> ordenam os estudos de grupo e orações, administram as palestras e animam os cantos [...] são semeadores que, num gesto de muita fraternidade, aprendem a lidar com pequenas sementes.
> Acampamento - Com muita alegria e entusiasmo, 30 jornadistas do Colégio D. Bosco acamparam nos dias 25 a 27 de agosto na fazenda Nossa Senhora da Conceição. O acampamento ganhou o nome de D. Bosco, pois é uma iniciativa dos jovens da pastoral do Colégio D. Bosco que têm assumido o protagonismo juvenil a partir de Jesus Cristo. As equipes que participaram (Ágape, Kairós e Shalon) fizeram uma experiência educativa com seus jovens, resgatando os valores da convivência, união e integração salesiana. Eles mesmos arrumaram suas barracas, prepararam sua comida, participaram de atividades educativas e, na dimensão celebrativa, rezaram o terço, participaram com entusiasmo da Celebração da Água Viva e da missa que encerrou o Campo Bosco com muito brilho e emoção.[17]

Da mesma forma, a animação pastoral ocorre em Cuiabá e em outras casas. Assim a pastoral ganha consistência e tradição nos processos de promover o bem dos jovens e crianças. Como elucidativas dessa postura, na Pastoral da Inspetoria vamos ver alguns acenos nas casas: Cuiabá, Paulo VI e Lins. Em Cuiabá, no início do ano, após a semana de confissões para os alunos em preparação para a Santa Páscoa, foi organizada também a primeira jornada feminina concluída no Domingo de Ramos. Foram três dias de encontro na Casa dos Sonhos para 35 líderes cristãs. É sempre, a Jornada, um processo de educação à fé, no qual os jovens têm possibilidade de parar para repensar a própria vida à luz do projeto e proposta de Cristo. A Quaresma e a vida se transformam em Ressurreição. Sobre a presença de Maria no pátio do S. Gonçalo, Pe. Firmo Borrini escreveu:

> Em Cuiabá, S. Gonçalo – A estátua de Nossa Senhora Auxiliadora, de barro queimado, que se encontra em um nicho do "Liceu Salesiano de Artes e Ofícios", foi trazida para Cuiabá em 1898, para ser colocada no pátio. Ao longo desses quase 100 anos, ela sempre foi citada nas crônicas e já faz parte da história dos salesianos de Mato Grosso. Em 1905, a estátua ganha uma iluminação em forma de estrela, com 35 lâmpadas. Em 1911, ao pé do monumento, o inspetor Pe. Malan, celebra uma Missa Campal, que é descrita com muita poesia no Boletim Salesiano. Atualmente se encontra num nicho, como guardiã das pessoas que circulam pelos pátios.[18]

Também em Campo Grande, surge um grande entusiasmo nesse mesmo período nas atividades do Oratório do Paulo VI; as atividades normais passam pelas aulas de violão, de capoeira, de teatro e pelas atividades es-

[17] Boletim Informativo, ago./set. 1995, p. 9-10.
[18] Boletim Informativo, mar./abr. 1996, p. 10-11.

portivas. Mas, nesse início de ano, a festa ou atividade principal foi a belíssima participação dos jovens na encenação da via-sacra, um mega evento muito esperado. Uma multidão acompanhou cada cena, tomando parte dos momentos que os envolviam em profunda contemplação na fé. Sem dúvida, esse acontecimento deixou entusiasmo e alegria para todos animadores e participantes.

Além disso, em Campo Grande, a presença salesiana também ocorria na Televisão através dos programas de TV na Globo com grande audiência, denominado de "Momentos de Paz!". Esses programas gravados por sacerdotes ocorriam diariamente. Também em Campo Grande, procediam aos encontros preparados pelos jornadistas para as crianças das primeiras séries; muita dedicação e entusiasmo levavam todos a uma experiência muito gratificante. A equipe de pastoral do Colégio D. Bosco também preparava, a cada semestre, uma palestra de formação para os pais dos jornadistas; depois houve um retiro para eles e, no final do ano, um encontro de confraternização entre os jornadistas e suas famílias. A ação pastoral ganhava espaços e processos eficazes de evangelização e educativamente levava a todos a mensagem de D. Bosco: "Bons cristãos e Honestos Cidadãos"[19].

Na comunidade de Lins, os alunos, entusiasmados, pediram para ativar as reuniões da Pastoral que ocorriam aos sábados; nessas reuniões, após estudar um tema sobre a vida juvenil ou sobre a prática religiosa, sempre ocorriam também algumas atividades educativas. Também em Lins, nesse ano, houve um fato inédito: a Missão Salesiana aceitou cuidar da FEBEM, uma casa para mais de 70 menores. De forma terceirizada, os salesianos passaram a estar presente e a conduzir todas as atividades em prol do bem e da educação desses menores abandonados. Vale muito nessa atividade a pedagogia de D. Bosco, a coragem e o trabalho dos salesianos. Também os alunos do Salesiano D. Henrique, aos poucos, passaram a animar algum período de atividade oratoriana com esses garotos da FEBEM[20].

Em Três Lagoas, atuando como pároco tipicamente salesiano, Pe. Humberto Angeloni iniciou uma longa peregrinação para construir um ambiente melhor para as aulas de catequese e para a cobertura de uma quadra de esporte para a animação dos jovens e catequizandos.

Para finalizar esse relato de atividades nas casas salesianas onde as iniciativas pastorais determinaram tantos e tantos exemplos de como se pode atingir e entusiasmar os jovens para o caminho da beleza, da honestidade e do seguimento de Jesus sendo "Bons Cristãos e Honestos Cidadãos", um registro merece especial atenção. Trata-se da reunião do Conselho Inspetorial com o "Visitador Extraordinário", Pe. Carlos Techera.

[19] Boletim Informativo, jul./ago. 1996, p. 8-11.
[20] Boletim Informativo, jul./ago. 1996, p. 18-19.

No dia 17 de fevereiro de 1994, no período da tarde, houve o primeiro encontro do Visitador, Pe. Carlos com o Conselho Inspetorial. Inicialmente ele pediu que todos apresentassem alguns pontos de vista da vida da Inspetoria, expondo principalmente os pontos críticos ou que merecessem alguma consideração especial. De acordo com sua iniciativa, Pe. Inspetor apresentou alguns tópicos especiais da inspetoria que estavam priorizando as atenções: a recente criação da UCDB e a necessidade de se desmembrar a comunidade a UCDB da comunidade do colégio D. Bosco. Focalizou os grandes desafios do trabalho missionário que passava por grande reformulação. Sobre escola profissional afirmou que estava sendo edificada a escola profissional na Cidade D. Bosco e finalizou que uma nova presença surgia em Rondonópolis. Sobre a formação, afirmou-se que está bem estruturada e caminha tranquila.

Pe. Sanchez apresentou em primeiro lugar o desequilíbrio entre os montante de salesianos idosos que focalizavam as atividades *ad intra* e os jovens que promoviam atividades *ad extra*. Apresentou as grandes diferenças entre o trabalho de uma comunidade com escola e o trabalho paroquial; por fim notificou a presença cada vez mais numerosa dos leigos em nossas atividades pedagógicas. Sobre as missões, o encarregado afirmou que existiam muitas mudanças e aproveitou para apresentar as questões políticas em relação à questão indígena por parte do governo. Em seguida, o secretário, Pe. Secundino afirmou que ainda faltava uma definição sobre o Estudantado de Teologia a partir das definições dos inspetores; em relação às paróquias afirmou haver uma necessidade de renovação da pastoral. Por fim o encarregado da Comunicação na inspetoria afirmou que houve um bom crescimento nesse setor, mas disse que ainda era artesanal e doméstica. Por fim afirmou que o maior desafio estava sendo a elaboração de Propostas educativas locais sobre a individualidade das obras.

Diante desse cenário apresentado pelos conselheiros, o Pe. Visitador agradeceu a colaboração e pediu orações para que seu trabalho redundasse em melhorias para a inspetoria. Essa foi a principal etapa do início dessa visita, que se encerraria no final de abril, precisamente depois de dois meses.

13.2 As posturas para melhorias nas instalações e no aperfeiçoamento pedagógico nas escolas e na ação pastoral das comunidades

Nesse tempo, os encarregados da animação dos setores diversos da inspetoria procuravam aprimorar a linguagem de comunicação; a partir desse pressuposto, na reunião do Conselho Inspetorial de 8 de maio de 1991, ocorreu a apresentação do encarregado das escolas que propôs refazer as afirmações sobre as escolas em uma linguagem mais condizente, classificada de "linguagem empresarial"; houve muitos questionamentos sobretudo para

que não se aumentasse a multiplicação de equipes. Foi uma tentativa de atualização da linguagem desse setor[21].

No final do ano de 1991, houve a grande proposta dos salesianos do S. Gonçalo ao Conselho Inspetorial para se adquirir uma área significativa próxima da cidade da Chapada dos Guimarães a fim de se construir uma casa de retiros, para descanso dos irmãos e atendimento das atividades da Pastoral do Colégio. O Conselho de 4 de dezembro de 1991, ocorrendo em Cuiabá, ao analisar a proposta da aquisição do terreno, no dia seguinte todos se dirigiram ao local mencionado e aprovaram com satisfação a aquisição desse terreno de 17 hectares inicialmente. Já na reunião do Conselho de fevereiro de 1992, Pe. Sanchez apresentou a planta da construção que inicialmente foi aprovada e cuja construção seria realizada com recursos do S. Gonçalo. Na reunião dos diretores seria apresentada a todos a planta já aprovada para o conhecimento da inspetoria. Porém a aprovação final somente ocorreu no Conselho de junho de 1992, após a aprovação geral dos diretores[22]. Essa construção foi avante e, nos anos seguintes, tornou-se uma referência para os salesianos de Cuiabá e da Inspetoria.

Da mesma forma, foi necessário que se agilizasse a construção de um novo prédio em Coxipó. Na reunião de maio de 1992, foi aprovado o projeto desse novo prédio, onde funcionaria uma extensão do Colégio S. Gonçalo. Em junho desse ano, o projeto foi aprovado pelo Conselho Geral e referenciado na reunião do Conselho de junho[23]. Iniciou-se a construção desse bloco. Dois anos após, na reunião do Conselho Inspetorial de março de 1994, o Pe. Sanchez, que era diretor do S. Gonçalo, por conseguinte também da extensão do Coxipó, pediu ao Conselho que se pensasse numa quadra coberta também para o colégio de Coxipó, pois os mais de 800 alunos estariam necessitando desse ambiente para suas atividades. O prédio novo do Coxipó fora inaugurado no dia 5 de fevereiro de 1993 e estava em pleno funcionamento. Da mesma forma, Pe. Sanchez já havia marcado para o mês de junho de 1994 a inauguração da "Casa do Sonho" na Chapada. Seria uma casa de encontros e de ação pastoral.

Nesses tempos, o Colégio S. Gonçalo havia investido em muitas melhorias significativas: laboratório de 50 computadores, nova quadra coberta, piscina, prédio novo e a "Casa do Sonho", onde, em 31 de janeiro de 1996, ocorreu um encontro com todos os professores e corpo técnico do Colégio para reflexão sobre o carisma de D. Bosco e momentos de confraternização[24].

[21] Atas do Conselho Inspetorial - 1991-1996, 08/05/1991, p. 6.
[22] Atas do Conselho Inspetorial - 1991-1996, 26/06/1992, p. 71.
[23] Atas do Conselho Inspetorial - 1991-1996, 23/03/1994, p. 150b.
[24] Boletim Informativo, mar./abr. 1993, p. 25-26 e jan./fev. 1996, p. 10-11.

Outros projetos e melhorias ocorreram também em Corumbá; na reunião do Conselho Inspetorial de 3 de junho de 1992, após longas ponderações e questionamentos, foi aprovado o auxílio solicitado pelo Pe. João Zerbini, então diretor da Cidade D. Bosco, para a ampliação dos galpões. De modo especial, essa construção de um novo e amplo galpão seria para instalar máquinas pesadas de prensar madeira e cortar barras de ferro. A aprovação veio de conformidade com uma recomendação do Visitador Extraordinário que indicara a necessidade de a inspetoria possuir uma escola profissional.

Também em Corumbá, a presença salesiana estava passando por outros caminhos a serem assumidos no Colégio Santa Teresa. Depois de muitos anos de convênio com o Estado, as condições impostas pelo governo praticamente inviabilizavam o prosseguimento desse convênio. Na reunião do Conselho Inspetorial de 11 de agosto de 1994, ocorreu a decisão de se denunciar o convênio com o estado e retornando as atividades do Colégio somente como escola particular. Pe. Frederico, ecônomo, ficou encarregado de providenciar os passos para a concretização dessa denúncia do convênio com o Estado. Na reunião do Conselho de 12 de dezembro de 1995, Pe. Frederico, do Colégio Santa Teresa, apresentou aos conselheiros algumas possibilidades de se fechar o convênio com o Estado dentro dos requisitos propostos pela Missão; uma das novidades seria o encerramento do noturno, outras medidas ainda seriam estudadas. No ano seguinte, em 1996, os salesianos do Santa Teresa ficaram decepcionados com as promessas de modificações e melhorias quanto ao pessoal para atendimento do Colégio. As divergências prosseguiam.

Porém os alunos de Corumbá realizaram, com o auxílio da equipe de Jornadistas de Campo Grande, a primeira Jornada Estudantil de 2 a 4 de julho de 1993 na Band'Alta. Foi, segundo a crônica, uma atividade marcante para os alunos e jovens; tão entusiasmante que eles já planejavam uma segunda Jornada. Também na Band'Alta, de 11 a 16 de fevereiro de 1994, o encontro "Carnaval com Cristo", que contou com a presença de 140 jovens da diocese de Corumbá. Com o trabalho dos próprios jovens e de alguns sacerdotes, de vários casais, o encontro foi muito proveitoso para todos e exemplo típico de ação pastoral juvenil salesiana[25].

Em Lins também, nesse período houve algumas modificações; na reunião do conselho de 3 de junho de 1992, foi apresentado um projeto de construção, separado do Colégio e das Faculdades, para a moradia dos salesianos. Na ata do conselho inspetorial de 8 de junho de 1994, foi transmitida a todos pelo Pe. Inspetor que a construção da nova moradia dos salesianos de Lins estava quase pronta. No final dessa mesma reunião, ainda se focalizou uma

[25] Boletim Informativo, jul./ago. 1993, p. 18 e mar./abr. 1994, p. 14.

ideia que perdurava perante os conselheiros: incorporar os cursos universitários de Lins e Araçatuba à UCDB. Ficou esclarecido que somente mediante um pedido ou solicitação ao MEC poder-se-ia obter uma resposta adequada.

Mas a vida salesiana nessas duas comunidades continuava e, em Lins, Me. Fernando continuava a animar os garotos da EFA e dos grupos do oratório. A EFA, escola de formação e aperfeiçoamento. Nesse meio, está sempre a pessoa do Me. Fernando que trouxe para os participantes da EFA o espírito da música, da alegria e da reflexão. Ele participava de cada encontro com cada classe da EFA. No dia de Pentecostes, 19 de maio, os familiares das crianças se reuniram num almoço no Salesiano, cada família trouxe um prato de comida a ser compartilhado com todos. Em junho, com os estagiários da Educação Física, foram animar os 100 internos da Febem. Em junho também houve, na quadra coberta, uma espécie de apresentação de várias bandas com os meninos, a partir de instrumentos de sucata. Alegria e entusiasmo para os organizadores e participantes. Desses encontros, resultou aos domingos a animação do oratório para os meninos e jovens que desejavam participar de jogos, de natação e de outras atividades nas dependências do Colégio D. Henrique[26].

A animação e o entusiasmo pelas atividades e a vida no colégio de Lins atraía muitos novos alunos; segundo a vice-diretora, Profa. Angélica, a procura por uma vaga foi tão grande que houve necessidade de oferecer o curso Técnico em Contabilidade e em Informática também no período diurno. As novas instalações, com mais salas de aula, mais um laboratório de informática com novos computadores e uma nova biblioteca, só poderiam favorecer ainda mais a qualidade, porque a quantidade já superava as expectativas. O mais importante era o clima que reinava na escola, de amizade, de tranquilidade, respeito e compreensão. Segundo a Professora, ali realmente funcionava o Sistema Preventivo de D. Bosco, e todos percebiam a presença desse clima educativo; mas tudo isso aconteceu também pelos retiros espirituais, pelas participações nas missas e na vivência da espiritualidade salesiana[27].

Para encerrar as novas aquisições da comunidade de Lins, cumpre assinalar que houve, realmente um franco progresso em todas as modalidades de cursos, tanto nos cursos da área de saúde, como na área da administração, da Educação Física e do Colégio. Assim ficou registrado:

> No dia 26 de julho de 1996, Pe. Ariento Domenici abençoou as dependências do novo pavilhão da obra salesiana em Lins. O empreendimento começou na gestão do Pe. Giulio Boffi quando os cursos da FACAC passaram para cinco anos de duração. São agora 1.700m2 de área

[26] Boletim Informativo, jul./ago. 1991, p. 14-16.
[27] Boletim Informativo, nov./dez. 1995, p. 15-17.

construída; no térreo funciona a biblioteca e três laboratórios (anatomia, microscopia e patologia) e, no piso superior, estão dois laboratórios de informática, quatro salas de aula e um setor de coordenação. O pátio interno – o antigo campo dos menores do tempo de internato – foi reurbanizado e tem como referência a bela cantina do "Bigode" e os belos canteiros do Pe. Sílvio. Houve uma melhoria acentuada nos laboratórios [...] A Pastoral da Escola do segundo grau foi reativada. As reuniões vêm acontecendo desde o início do ano, onde a prioridade vem sendo conhecer Jesus Cristo através do estudo do Evangelho e do exercício da oração. No mês de junho, a Pastoral organizou um retiro de 22 e 23 de junho que superou todas as expectativas. Assim se expressaram: cantamos, dançamos e também exercitamos o silêncio da oração, além de ouvirmos falar da amizade, da Igreja, da eucaristia e outros assuntos abordados de forma profunda e que despertou o compromisso em todos os participantes. Foram momentos gloriosos [...].[28]

Nesse período, também em Araçatuba houve nova postura da comunidade salesiana em relação ao colégio. Na reunião do Conselho Inspetorial de 10 de junho de 1995, foi apresentado o pedido dos salesianos de Araçatuba para preparar a introdução do segundo grau para o próximo ano. No pedido afirmavam que a casa estava preparada com ambientes adequados para que se iniciasse o segundo grau. Os conselheiros todos aprovaram essa proposta e auguraram bom início para essa atividade.

Outra atividade proposta pela comunidade de Araçatuba foi o plano para nova residência em Araçatuba; dentro da perspectiva do crescimento do colégio e dos cursos universitários, os salesianos propunham a construção de uma residência um pouco distante do prédio do colégio, embora dentro do terreno do pátio dele. Esse projeto também foi estudado tendo em vista uma possibilidade de reformas no prédio antigo para essa residência. Entre os gastos com reformas e uma nova construção, os salesianos da comunidade optaram pela nova construção. Inicialmente o projeto foi aprovado devendo ainda avaliar os gastos e a localização dessa residência. Na reunião do conselho de 9 de novembro de 1995, depois de examinar bem a planta e a localização da futura residência, o projeto foi aprovado pelos conselheiros. Assim a comunidade de Araçatuba iria iniciar logo a execução dessa planta para que os salesianos, em especial os dois idosos que lá residiam, pudessem ter um bom lugar para morar[29].

Já em relação a Campo Grande, tem-se registrado que no dia 24 de maio de 1991, às 8h, no Ginásio Poliesportivo, ocorreu a abertura dos XXIV Jogos Salesianos, um evento que reuniu mais de 2 mil atletas. A cerimônia de abertura contou com a presença das autoridades e da banda marcial do

[28] Boletim Informativo, jul./ago. 1996, p. 18-19.
[29] Atas do Conselho Inspetorial – 1991-1996, 03/08/1995, p. 186 e 09/11/1995, p. 195.

colégio D. Bosco; houve exibições de danças e de ginásticas. Esses Jogos Salesianos são uma tradição em Campo Grande desde 1967, quando foram realizados pela primeira vez. Os atletas divididos em várias categorias, por idade, participam das seguintes modalidades: atletismo, basquete, voleibol, handebol, natação, futebol de salão e tênis de mesa. Essa é uma das melhores oportunidades para se lançar uma campanha antidrogas estampada nas camisetas das diversas torcidas que se distinguem pelas cores e pelos movimentos de alegria e participação[30].

Por essa atividade anunciada anteriormente, e por outras diárias, no início de 1993, precisamente na reunião do Conselho de 03 de março de 1993, a comunidade dos salesianos do Colégio D. Bosco-Fucmt apresentou o projeto da construção de uma grande cobertura para quadras no Poliesportivo para poder atender a todos os treinamentos dos alunos. Foi bastante questionado o projeto, mas ao final o conselho aprovou essa nova iniciativa dos salesianos do D. Bosco-Fucmt[31].

Também no Colégio D. Bosco, em Campo Grande, finalmente concretizou-se o plano de informatização e de oferta aos alunos para poder trabalhar com computadores. Mais ou menos seriam adquiridos uns 300 computadores PC 486, com a mais moderna tecnologia de então; em 1995, os alunos do pré até a 4ª série estariam frequentando os laboratórios para se iniciarem nessa nova tecnologia auxiliar do conhecimento. Foi um grande passo inicial em direção ao futuro no uso da tecnologia e no progresso da educação que se descortinava[32].

Na comunidade salesiana do Colégio D. Bosco-UCDB (Fucmt então transformada em Universidade), no início do ano de 1995, o grupo de dança "Ararazul" de universitários, liderados pelo Pe. Arlindo, foi participar do 4º Festival Internacional do Folclore na cidade italiana de Agrigento, na Sicília. O grupo apresentou uma série de danças com elementos da cultura bororo, cultura negra e do carnaval. Assim, acompanhou o coral da UCDB que já estivera no ano anterior na Espanha no mês de outubro de 1994; em maio de 1995, teria sido a vez de 150 atletas do Colégio D. Bosco viajarem para Portugal para participar dos V Jogos Internacionais Salesianos, com a presença de quase todos os países europeus. Uma grande instituição, como a UCDB e o Colégio D. Bosco, também iniciaram suas apresentações em outros países para movimentar os alunos através desses momentos de intercâmbio e aprendizagens[33].

---

[30] Boletim Informativo, maio./jun. 1991, p. 9.
[31] Atas do Conselho Inspetorial – 1991-1996, 03/03/1993, p. 100b.
[32] Boletim Informativo, nov./dez. 1994, p. 17.
[33] Boletim Informativo, jan./fev. 1995, p. 13.

No Paulo VI, em Campo Grande, a mudança se deu numa transição na direção do Colégio Estadual; depois de dez anos na direção do Colégio, Pe. Jair Ribeiro deixou a direção do colégio. A Sra. Alzira Marães veio a substituí-lo na direção e manteve o espírito salesiano que reinava nessa escola pública. Até os pais estavam preocupados, pois o Pe. Jair, pela seriedade, organização e disciplina, deu nome à Escola e a fez respeitada e procurada. A presença dos pós-noviços nas aulas de Ensino Religioso e em outras atividades era uma das tantas modalidades de se perdurar o espírito salesiano nessa escola fundada pelo Pe. João Falco; todos reconheciam e agradeciam o trabalho do Pe. Jair , augurando-lhe que ele se recorde sempre dessa escola[34].

Ainda nos idos de 1992, no S. Gonçalo, em Cuiabá, teria ocorrido uma mudança tática na catequese dos alunos; conforme noticiaram, a experiência marcou duas novas posições; a primeira que a catequese deixou de ser ministrada por um professor em sala de aula regular, eram então 20 jovens catequistas que, uma vez preparados depois de terem recebido o sacramento da crisma, passaram a ser catequistas. O segundo item novo seria uma verdadeira escolha livre por parte da família e da criança para participar da catequese cujos encontros aconteciam após as aulas. Além disso, os grupos de jovens eram atuantes em suas diversas escolhas e animavam a vida religiosa do S. Gonçalo. Outra atividade desenvolvida pelos alunos e jovens da Pastoral do S. Gonçalo era o "encontrão"; ali os jovens refletiam, agiam e se divertiam na alegria da juventude animada pelo espírito salesiano. No dia 25 de maio, os jovens se reuniram nas dependências do S. Gonçalo para o II Encontrão de Grupos da Pastoral do Colégio. Na parte da manhã, aconteceu a reflexão sobre o Sistema Preventivo de D. Bosco. Depois do almoço, houve apresentações culturais de diversos grupos, principalmente de teatro e dança. Por fim, houve a gincana, organizada pelos professores do Colégio; a participação foi intensa por parte dos jovens e, ao finalizar, todos se encontravam animados e alegres por um dia cheio de atividades religiosas e educativas[35].

Nesse período de governo do Pe. João Bosco, uma das grandes lutas ou batalhas foi para se padronizar a assessoria às escolas; nesse componente, as mudanças requeriam que se estudassem as novas experiências pedagógicas sem abandonar a grande característica que seria a nossa marca, o Sistema Preventivo. Depois de muito tempo de ponderações, resolveu-se pela escolha de uma "Equipe de Assessoria às Escolas", na qual deveriam figurar alguns salesianos. Esse foi o passo aprovado pelo Conselho em 4 de agosto de 1993. Esse desejo de atualização didático-pedagógica seria uma necessidade que ainda exigiria muito trabalho e reflexões ou confrontos com as realidades

[34] Boletim Informativo, maio/jun. 1994, p. 12.
[35] Boletim Informativo, ago./set. 1992, p. 16 e maio/jun. 1996, p. 19-20.

desse setor que já ocorriam em outras congregações, como com os Maristas. A velocidade das mudanças exigia também que as escolas da Inspetoria apresentassem uma integração de meios, conteúdos e posturas educativas.

Esse problema foi sendo tratado com a devida cautela até que na reunião do Conselho Inspetorial de 11 de novembro de 1994, foi apresentado novo horizonte para a fundamentação na direção das escolas da Inspetoria. Foi confessa a frustração da base teórica anterior, a do "Planejamento Participativo", pois este não conseguiu alavancar a evolução pretendida pelo setor escolas. As comunidades conseguiram elaborar cada uma seu Projeto Educativo e Pastoral Salesiano; porém outras necessidades tomaram a dianteira de tudo. A necessidade de atrair os clientes gritava mais alto; devido a esta e a outras características do mercado, iniciou-se a caminhar para outras fundamentações do Projeto Escolar de acordo com essas tendências. Adotou-se a expressão de "Gestão de Qualidade" para se obter a pretendida "Excelência Institucional". A proposta se resumia em organizar as escolas pelo conceito de "Qualidade Total". Para esse novo horizonte, ficou decidido que a inspetoria arcaria com os custos de uma equipe para implantar essa nova modalidade de se organizar as escolas. Essa mentalidade e modelo estavam em franca atuação na Inspetoria Salesiana de Belo Horizonte. Ficou acertado que contratar-se-ia uma consultoria para implantar essa modalidade organizacional nas escolas de primeiro e segundo graus da Inspetoria. Seria um trabalho para se criar uma mentalidade para se conseguir a "Excelência Institucional". Assim se organizava o setor das escolas nesse período. Tempos de mudanças e de aplicação de novas perspectivas de animação pedagógica[36].

13.3 A visita do Papa João Paulo II

Logo no início do tempo de governo da Inspetoria do Pe. João Bosco, foi anunciada uma longa visita do Papa João Paulo II por várias capitais do Brasil. Entre elas estariam as visitas a Cuiabá e a Campo Grande. Sem dúvida que a visita do Santo Padre, o Papa, traria muita animação para os católicos, mas exigiria uma complexa atividade de preparação e de proteção ao Papa. Na reunião do Conselho Inspetorial de 8 de maio de 1991, dois assuntos tornaram-se notórios; o primeiro constou da notícia de que o Pe. Nelson Gil era o chefe da equipe diocesana que prepararia a vinda do Santo Padre, o Papa, a Campo Grande; seria uma grande honra, mas um trabalho ingente e muito exigente. A segunda notícia tornou-se importante para a inspetoria enquanto tal: foi anunciada a introdução da causa de beatificação de D. Antônio de Almeida Lustosa. D. Antônio, em 1929 e 1930 insistira muito junto aos sale-

[36] Atas do Conselho Inspetorial – 1991-1996, 04/08/1993, p. 117 e 19/11/1996, p. 171-171b.

sianos para que adquirissem o então Colégio Pestalozzi de Campo Grande; esse colégio foi o berço do grandioso D. Bosco de hoje e nessa aquisição esteve presente o insistente discernimento de D. Lustosa.

Em relação à preparação para a vinda do Papa ao Brasil, Cuiabá foi o local escolhido pela comissão geral para que o Papa tivesse oportunidade de se encontrar com índios. Nesse contexto, haveria de se preparar grupos de índios para que estivessem em Cuiabá nessa ocasião. Na reunião do Conselho Inspetorial de 4 de setembro de 1991, Me. Mário Bordignon comunicou que estava integrado na comissão encarregada de preparar a ida dos índios a Cuiabá, por ocasião da visita do Santo Padre, o Papa, e pediu ao Pe. Inspetor e ao conselho algum auxílio financeiro para poder preparar dignamente as viagens, alojamento e alimentação para os índios que deveriam estar presentes nesse encontro. A resposta foi afirmativa, mas seria estudada quanto ao montante desse auxílio.

O Boletim Informativo da Inspetoria de maio-junho de 1991 apresenta o roteiro da visita do Papa a Campo Grande: "chegará às 19h25, vindo de Cuiabá; será recebido por poucas autoridades". O Papa, acompanhado por 40 pessoas, viria em seguida para a Residência da Missão Salesiana onde tudo tinha sido estruturado sobre a acolhida, alimentação e alojamento também dos acompanhantes de Sua Santidade. A segurança dentro e fora da casa salesiana foi bem organizada pelo governo. "Sua Santidade jantará e descansará no apartamento que foi preparado devidamente para o acolher".Assim, no dia 17 de outubro, após o café, às 8h horas visitou o S. Julião, hospital dos doentes de hanseníase, à época completando 50 anos, e dirigiu-se logo após ao bairro Santo Amaro para a Missa Campal. O local, a praça do Papa, abrange uma área de 30ha. Segundo os cálculos, de Campo Grande havia somente 30% das pessoas, o restante, de outros países e de outras cidades, numa previsão de 500.000 pessoas. As músicas e os corais, comandados pelo Pe. Osmar Bezutte, devendo a missa terminar às 12h45. Programara-se para as 15h, a ida do Papa até a igreja de Santo Antônio, onde receberia 500 representantes das comunidades, dali dirigindo-se para o aeroporto rumo a Florianópolis. O tema da visita em Campo Grande foi a "Evangelização", em Cuiabá falou para os jovens e para grupos indígenas. Toda a visita foi coberta por 53 jornalistas estrangeiros e 80 nacionais. E a escolha da Missão Salesiana para hospedar o Papa deveu-se ao fato de ser uma casa religiosa que oferecia todas as condições para recebê-lo dignamente e com segurança[37].

O Boletim Informativo da inspetoria de setembro-outubro de 1991 resultou da cobertura jornalística da visita do Papa a Cuiabá e a Campo Grande; além de relatar a presença do Papa na comunidade da casa inspetorial,

[37] Boletim Informativo, maio/jun. 1991, p. 47-48.

registrou artigos de outros jornais sobre a atuação do Santo Padre nessas duas capitais. Em Cuiabá, rezou a Santa Missa para mais de 150.000 pessoas sob um calor de 42º. Depois teve uma audiência especial com diversos grupos indígenas e teve que ouvir uma série de denúncias de crimes contra os índios; os representantes de mais de 32 etnias reunidos nas dependências do DASA, expuseram ao Papa suas reivindicações e ouviram dele palavras de exortação e consolo: "O papa queria dizer a todos os índios do Brasil o amor que a Igreja lhes dedica." E que "A vida é um dom de Deus!". Em Cuiabá, o último compromisso do Papa foi o encontro com os jovens no ginásio da UFMT; ouviu as palavras da representante dos jovens e, em resposta, afirmou que "os jovens são os melhores dons de Deus!" Os jovens perceberam a profundidade e a riqueza de graça desse momento breve, mas ao mesmo tempo tão repleto de espiritualidade, carinho e paz. Assim se encerrou a passagem do Santo Padre em Cuiabá.

Em Campo Grande, na recepção ao Papa, tudo ocorreu conforme a programação. Ao se dirigir para a residência da Missão Salesiana, o percurso pelas ruas movimentou o povo e, em especial, os salesianos e funcionários que o aguardavam para que fosse bem recebido. Depois de se instalar, comportou-se como se estivesse em casa, e todos os salesianos e funcionários puderam de alguma maneira estar em contato com essa pessoa de grande significado para todos. A melhor descrição da estadia do Santo Padre na casa Inspetorial está contida na entrevista longa do Me. Salvador, que era o encarregado de apresentar todo o material e cuidado nessa hospedagem especial. Depois do café do dia seguinte, acompanhado pelo Pe. Falco e fotógrafos, o Papa quis visitar o Museu D. Bosco; depois esteve conversando com o Pe. Falco e com o Pe. Inspetor. No pátio da residência, comentou e parabenizou o trabalho do Pe. João Falco quanto ao museu. Afinal a convivência simples e agradável com as pessoas deixou uma marca indelével no coração de todos que puderam estar por algum tempo por perto da pessoa grandiosa do Papa João Paulo II. As fotos do Santo Padre nas refeições mostraram e documentaram o quanto ele gostou e apreciou a hospedagem na casa dos salesianos. Esses foram dias de muita alegria e de satisfação para todos. Os testemunhos individuais no Boletim Informativo retratam e espelham a alegria e a satisfação de todos. Foi um tempo de muita alegria para os salesianos, e as fotos imortalizaram essa passagem de João Paulo II pela residência inspetorial[38].

[38] Boletim Informativo, set./out. 1991, p. 04-23 e 29-41.

13.4 O trabalho inicial de instalação e desenvolvimento da UCDB – o ensino superior em Araçatuba e Lins

A concretização do projeto de uma universidade foi a marca principal do governo do Pe. João Bosco, pois a instalação da UCDB tornou-se a realização esperada por tanto tempo no progresso do ensino universitário da Inspetoria. Quase cem anos de sonhos, e então a UCDB tornou-se a realidade de um sonho cultivado desde o tempo de D. Luiz Lasagna. Quando o Pe. João Bosco assumiu a direção da inspetoria, o processo já estava em andamento e foi justamente seu apoio que veio dar continuidade ao processo.

Em 1990, as Faculdades Unidas Católicas começaram o processo de transformação para Universidade, tendo sua Carta-Consulta aprovada pelo parecer n. 0113, em 21 de fevereiro de 1991, iniciando a fase de acompanhamento da Instituição por uma comissão do CNE, liderada pelo conselheiro Ernani Bayer. Essa comissão teve vários encontros com a direção da entidade para marcar os passos a serem concretizados. Foram dois anos de intenso trabalho.

Na reunião do Conselho Inspetorial de 3 de abril de 1991, foi apreciado um documento que historiava a instalação da universidade. Ao final da apresentação desse documento, ficou aprovada a questão. Daí para frente, o procedimento resultou em um plano de concretização do projeto uma vez que a escolha do terreno da diocese foi aceita por todos, assim como uma permuta em andamento da passagem da igreja de S. José para a diocese como compensação pelo montante do terreno indicado para ser o campus da universidade. Muitos processos ainda estariam em andamento para poder legalizar juridicamente a posse das terras da fazenda do antigo seminário diocesano.

Depois de demarcada a área a ser permutada com a diocese, iniciou-se um processo de legalização levado avante pelo setor financeiro da Fucmt; concomitante, iniciou-se a execução dos empreendimentos necessários para poder construir os prédios planejados e já aprovados. Porém, na reunião do Conselho de 2 de outubro de 1991, houve a apresentação do projeto da construção de um dos setores da UCDB, tratava-se de se iniciar os fundamentos do "Terminal Rodoviário" que estaria ligando esse setor com os outros blocos planejados. Após esclarecimentos e devidos reparos ao processo de condução desse empreendimento, os conselheiros aprovaram os inícios e o prosseguimento das obras necessárias para que a comissão de vistoria do CFE pudesse constatar a concretização do plano global da obra[39].

Quanto ao processo de reconhecimento da universidade pelo MEC, houve um longo acompanhamento pela comissão determinada pelo governo.

[39] Atas do Conselho Inspetorial – 1991-1996, 02/10/1993, p. 32.

Esse trabalho iniciou-se em 1986, quando o Pe. Sanchez elaborou um estudo tendo em vista a transformação da Fucmt em universidade; para se concretizar esse projeto, o diretor da Fucmt instituiu uma comissão denominada Copape para elaborar um documento de acordo com as portarias do CFE. A carta-consulta elaborada por essa comissão foi aprovada pela Conselheira Relatora Zilma Gomes Parente de Barros, da Bahia, com o parecer n. 000113. Este foi o primeiro passo para a instalação de um processo regimental no CFE. Nesse documento, foi delineada a concepção da futura universidade em suas dimensões: nominal, UCDB; funcional, filosófica e católica. Em junho de 1991, foi designada uma comissão para acompanhar o processo pela portaria do CFE. Assim, em junho, esteve em Campo Grande essa comissão de conselheiros para a instalação do processo. Os meses seguintes foram assinalados pelos passos definitivos na elaboração definitiva do Processo através de reuniões e de ajustamentos necessários. Ao final do ano de 1991, já com o regimento finalizado e a estrutura de funcionamento ajustada, somente faltava a declaração final para que a antiga Fucmt pudesse utilizar o nome de universidade[40].

No início de 1992, o Boletim Informativo da Inspetoria publicou duas reportagens sobre a questão da UCDB como expressão da Pedagogia de D. Bosco, da ação histórica dos salesianos e toda a fundamentação teórica do que seja uma universidade em que as dimensões do ensino, da pesquisa e da extensão devem ser muito bem conceituadas. Essas duas reportagens conseguiram mostrar aos salesianos e demais educadores, além das conceituações teóricas, as contextualizações necessárias para cada conceito, quer culturalmente, quer geograficamente. Duas dimensões que não podem deixar de ser integradas ao projeto geral da universidade, a sua área geográfica e a dimensão cultural. Não somente visa estabelecer uma integração com a região e respectivas características de vegetação, de produção agrícola, mas, sobretudo, com a história, o povo, as culturas envolventes e a situação socioeconômica da região, incluindo as cidades. Tal fato não se limita ao horizonte regional somente, mas ao Brasil e ao mundo, pois uma das características da universidade é a de produzir e dialogar com o conhecimento de forma universal. Essa conceituação foi muito bem expressa nesses dois espaços do BI.

Dentro da conceituação do perfil da UCDB, foram acentuadas duas marcas individualizantes: universidade católica e segundo o espírito de S. João Bosco. Depois de apresentar a progressiva história do trabalho dos salesianos na região Centro-Oeste do Brasil, conclui:

> A partir desse processo sócio-cultural assumido pela Fucmt, na vivência dos conflitos do cotidiano social, surge a UCDB, como universidade

[40] Boletim Informativo, maio/jun. 1991, p. 24-26 e nov./dez. 1991, p. 25-28.

que busca, com a originalidade de suas propostas, uma visão acadêmica séria e comprometida com os problemas regionais. A Universidade Católica D. Bosco caracteriza-se pela defesa e o desenvolvimento da dignidade humana mediante o ensino, a extensão e a pesquisa.
Empenha-se em formar uma comunidade humana autêntica embasada nos princípios da mensagem do evangelho; tal como é transmitida pela viva tradição e pelo magistério da Igreja Católica, através da vivência do respeito recíproco, do diálogo e da defesa dos direitos de cada um. A doutrina e o exemplo do educador D. Bosco, Pai e Mestre da juventude, norteiam a ação educativo-social da UCDB, através da pedagogia salesiana caracterizada pelo Sistema Preventivo. O traço da genialidade de S. João Bosco está ligado à sua práxis educativa, ao sistema preventivo [...] a arte de educar de modo positivo propondo o bem em experiências adequadas, capazes de atrair pela sua nobreza e beleza; a arte de fazer crescer os jovens a partir de dentro, fazendo apelo à liberdade interior; a arte de conquistar o coração do jovens para estimular, com alegria e satisfação, para o bem, corrigindo os desvios e preparando os jovens para o futuro por meio de uma sólida formação do caráter [...] É então missão da UCDB anunciar, por todos os meios disponíveis, enquanto universidade, a todos os que integram a sua comunidade universitária, os princípios filosóficos de D. Bosco, para que à sua luz possam capacitar-se humana e profissionalmente, pelo saber e pelo ser, a viver em plenitude a sua vocação humana, em comunhão integral e vital com a natureza, com todas as pessoas e com Deus.[41]

Dentro do conjunto de requisitos para a aprovação definitiva da universidade, um item importante e exigido pelo CFE são os professores possuidores de títulos de mestrado ou doutorado. Na reunião do conselho inspetorial 3 de junho de 1992, houve a notificação de que essa estava sendo uma das grandes dificuldades para ser suprida. Esse requisito iria exigir muito para ser devidamente solucionado. Na reunião seguinte do conselho, surgiu a grande preocupação quanto à Emissora de Rádio pretendida pela universidade. Talvez a maior questão esteja correlacionada com a exigência fundamental para a universidade ter sua rádio, haver uma fundação de suporte para ser aprovada e rádio. Este será o caminho, pensar numa nova fundação conforme estabelecem as leis desse setor. A questão da criação de uma fundação exigida pela concessão da Emissora foi amplamente debatida na reunião do conselho de 11 de fevereiro de 1993; a resolução constou de passar a aprovação do conselho para que a comunidade do Colégio D. Bosco-Fucmt organizasse todo o trabalho legal para que se erigisse a fundação necessária para acolher a Rádio, conforme as normas legais do governo.

Nessa mesma reunião, o conselho inspetorial esclareceu outro item referente à UCDB; afirmou que o Centro de Documentação Indígena pertence

[41] Boletim Informativo, jan./fev. 1992, p. 23-30 e mar./abr. 1992, p. 29-36.

como tal à universidade por ser um setor mais afim com as finalidades da universidade. Deixou claro que as despesas da animação missionária seriam um encargo do centro inspetorial, mesmo que essa animação também viesse a incluir algumas atividades correlativas ao Centro de Documentação Indígena[42].

No ano de 1993, várias providências foram acertadas tendo em vista o processo de reconhecimento da universidade. Conforme o Boletim Informativo da Inspetoria (jan./fev. 1993, p. 12), a primeira sensação de universidade para os alunos foi a ocupação das novas instalações do Campus, o Terminal Rodoviário e as aulas e escritórios do Bloco A. Este foi o primeiro a ser concluído e ocupado pelos alunos e professores, bem como pela administração da casa. Outra tomada de posição bastante exigente foi noticiada também pelo BI da inspetoria (mar./abr. 1993, p. 34-36): "no dia 7 de janeiro de 1993, foi registrada em cartório a Fundação Dom Bosco, nomeando a diretoria e respectivos cargos de cada um com todas as exigências decorrentes". Daí em diante os salesianos teriam precisamente dois anos para instalar a emissora de rádio FM, 105,5 MHZ em frequência modulada. Seria uma emissora educativa. As dificuldades viriam a ser enfrentadas nesse setor novo de dependência da universidade.

Ao lado da Rádio a ser instalada depois da criação da Fundação D. Bosco, outra atividade surgiu no início do ano de 1993 na UCDB: a criação de uma Revista de Cultura, nominada KO'EMBÁ PYTÃ. O primeiro número foi editado em abril de 1993. "Será uma revista trimestral que estará sob a responsabilidade do Departamento de Letras; estará aberta para contribuições, pois nesse número os assuntos giram sobre o teatro no Estado e muita poesia" (BI, maio/jun. 1993, p. 19).

Em duas reuniões do Conselho inspetorial, precisamente de julho e de agosto de 1993, foram apresentadas as questões do Estatuto da UCDB com a finalidade de dar aos conselheiros conhecimento desse documento. O Boletim Informativo de setembro-outubro de 1993 apresenta uma avaliação do processo da comissão de acompanhamento para a aprovação do CFE. Chefiada pelo Conselheiro Ernani Bayer, a comissão aprovou em conformidade com as leis; o voto do relator foi de aprovação do processo institucional para o reconhecimento da Instituição Fucmt como Universidade Católica D. Bosco, de Campo Grande, voto esse em que se inclui a aprovação do Estatuto e do Regimento Geral da Universidade. "A UCDB conta nestes dias com 5.000 alunos em 13 cursos, sendo que no projeto, para o próximo ano mais cursos serão abertos"[43].

[42] Atas do Conselho Inspetorial – 1991-1996, 11/02/1993, p. 97-97b.
[43] Boletim Informativo, set./out. 1993, p. 31-34.

O credenciamento da UCDB ocorreu pela Portaria do MEC n. 1547, de 27 de outubro de 1993; esta portaria foi publicada no Diário Oficial da União no dia 28 de outubro de 1993. A partir dessa data, a UCDB tornava-se oficialmente uma universidade; a diretoria tratou logo de concretizar todas as linhas necessárias para a sua consolidação.

Ainda no ano de 1993, de acordo com uma proposta do governo estadual, foi instituída uma comissão de dois salesianos, Pe. João Falco e Pe. Segismundo Martinez, para estudar, avaliar a proposta do governo em ceder um prédio do Parque nas Nações Indígenas para abrigar o Museu D. Bosco. Na reunião do Conselho Inspetorial de 10 de setembro de 1993, sendo apresentada a questão dessa proposta do governo, foram levantadas todas as pendências a serem resolvidas anteriormente, tais como: o comodato não deve incluir somente o prédio, mas uma área plausível, e o auxílio do governo também com recursos consideráveis para a futura transposição de todo o acervo do museu para esse novo prédio cedido. A palavra final seria dada após o tempo de estudo dessa comissão[44].

Nos anos seguintes, 1994 e 1995, os trabalhos de implantação da UCDB prosseguiram de acordo com as normas do CFE; uma dessas normas seria a apresentação anual de um relatório que comprovasse o cumprimento das metas propostas. Uma das metas mais complicadas a ser cumprida foi a presença de professores titulados em cada área dos cursos oferecidos pela Instituição.

Algumas atividades manifestaram-se muito significativas para a Instituição; uma delas foi o convênio com a escola de Sangradouro para a formação de Magistério; a UCDB enviaria professores estagiários que lá permaneceriam por 30 dias e assim cumpririam com alguma disciplina do curso de magistério que habilitava os professores para diversas aldeias xavantes[45].

Na reunião do Conselho Inspetorial de outubro de 1994, foram apresentados para a aprovação dos conselheiros novos cursos para a UCDB. Seriam quatro cursos na área de saúde, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional, Educação Física e Nutrição, o quinto seria Turismo. Os cursos de Fonoaudiologia e de Terapia Ocupacional funcionariam na parte da manhã, os outros no período noturno. Esses cursos somente entrariam em funcionamento se as vagas oferecidas fossem preenchidas. Este será um requisito de sempre. Eles seriam propostos para o próximo ano, de 1995, ou então para o ano seguinte. Nessa reunião também foi também aprovada a modificação estrutural do projeto inicial dos Blocos; essa modificação visava tornar mais funcional e mais simples a cobertura central do Bloco, que fora projetado como os ou-

[44] Atas do Conselho Inspetorial – 1991-1996, 02/09/1993, p. 122.
[45] Boletim Informativo, jan./fev. 1994, p. 26-27.

tros, mas a urgência por mais salas de aula para abrigar o número crescente de alunos fora aprovado pelo conselho inspetorial na reunião de setembro desse mesmo ano. Assim, o conselho aprovava as modificações sugeridas pela economia e pela urgência gritante que o aumento de alunos exigia[46].

Na reunião do Conselho Inspetorial de 16 de fevereiro de 1994, com a presença do Visitador Pe. Carlos Techera, o Pe. Inspetor, Pe. João Bosco apresentou alguns desafios próximos a serem enfrentados, entre eles a problemática da complexa comunidade do D. Bosco, pois, com a aprovação da Universidade, a comunidade era uma só em duas obras grandes e muito importantes para a Inspetoria. Segundo o Pe. Inspetor, o ideal seria iniciar um roteiro para estabelecer duas comunidades independentes, uma para dirigir o Colégio D. Bosco, com mais de 4.000 alunos, e a outra, também autônoma, seria a responsável pela nova instituição, a UCDB, também com mais de 5.000 alunos. Essas duas grandes obras necessitam de comunidades independentes e autônomas em seus campos diversos de trabalho, por sinal cada um mais exigente que o outro. Esse desafio apresentado ao Sr. Pe. Carlos Techera, seria assumido pela comunidade inspetorial no ano seguinte[47].

No ano de 1995, algumas ocorrências notificaram a presença da UCDB como trabalho tipicamente universitário. Assim, em março, ocorreu a primeira convocação para uma reunião dos salesianos que trabalham em ensino universitário do Brasil para uma reunião em Brasília, de 2 a 4 de agosto, com a presença do Pe. Luc Van Looy e Pe. Raffaele Farina, para tomar consciência e poder pensar em traçar algumas linhas desse trabalho na congregação. A reflexão objetivava poder traçar algumas linhas operativas nesse setor. Essa reunião ocorreu, e o resultado da presença desses dois salesianos da área, bem como do Pe. Nicolussi encarregado da formação na Congregação, resultou em um conjunto de pensamentos e orientações concordes para expressar o carisma salesiano educativo no setor universitário. Essas orientações foram impressas em um livreto contendo todas as grandes linhas orientativas para o setor universitário no Brasil[48].

A vida salesiana, ou pastoral juvenil ou salesiana, também esteve sempre presente nos tempos de Fucmt e continuava com a nova instituição, a UCDB; a pastoral universitária continuaria no mesmo ritmo da vida ativa anterior como ficou registrado no BI da Inspetoria:

> Ações muito positivas já foram implantadas dentro do mundo acadêmico: a missa especial, todas as quintas-feiras, com liturgia bem preparada e uma notável participação dos estudantes ao sacramento da

[46] Atas do Conselho Inspetorial - 1991-1996, 05/10/1994, p. 167-167b.
[47] Atas do Conselho Inspetorial - 1991-1996, 16/02/1994, p. 144b.
[48] Atas do Conselho Inspetorial - 1991-1996, 09/03/1995, p. 184.

> Eucaristia; procissão de Nossa Senhora Auxiliadora dentro dos corredores da Universidade no dia de sua festa; dias de reflexão com grupos de jovens; formação de grupos de reflexão; cursos de catequese preparando acadêmicos para a Primeira Eucaristia e Crisma, sendo que, no ano passado, 145 estudantes foram crismados, e 45 receberam pela primeira vez a Eucaristia. Enfim, podemos dizer que Jesus Cristo tem muitos amigos dentro da Universidade que exaltam e promovem o seu Reino, com a coragem que D. Bosco tanto incentivava em seus jovens.[49]

O passo seguinte na atividade pastoral da UCDB ocorreu com a intenção de se fundamentar o relacionamento entre funcionários, alunos e professores da universidade como ocorre com outras comunidades salesianas. Dessa forma,

> [...] da necessidade de melhorar a convivência entre funcionários, professores, alunos e salesianos, a Pastoral da UCDB despertou interesse pela experiência de D. Bosco. O resgate de um modelo que estimula o crescimento da comunidade educativa, por isso aos sábados, juntamente com o Colégio D. Bosco, é oferecido um curso de Teologia Pastoral. O curso, completando o seu terceiro ano, se preocupa em oferecer formação teológica adequada aos leigos, educadores e agentes de pastoral [...] Durante o semestre, várias leituras são recomendadas, os alunos participam de seminários, cursos e apresentam trabalhos e uma síntese teológica no término do segundo ano do curso.[50]

Dessa forma, constata-se que a vida universitária na UCDB tem integrado as dimensões da Pastoral Salesiana que aqui se torna Pastoral Universitária. Ao lado da consistência administrativa, pedagógica e de excelência no ensino e respectivas extensão e pesquisa, a identidade da Instituição, através da atividade Pastoral, vai concretizando o seu caráter de instituição católica e regida pelo sistema educativo de S. João Bosco. Com a mesma proporção de dedicação às três dimensões do ensino universitário – ensino, extensão e pesquisa – a construção da identidade católica e salesiana acontecia de forma visível e muito bem delineada.

Na reunião do Conselho de 23 de abril de 1996, em seu relatório, o ecônomo inspetorial Sr. Raffaele Locchi disse aos conselheiros que a separação da administração CDB e UCDB está em caminho, e passos concretos estão ocorrendo. Sendo esse processo comandado por uma comissão, tudo vai ser estudado devidamente e esta comissão vai indicar os passos dessa separação, pois será uma decisão política, e não técnica ou econômica. Esperavam todos que essa decisão permitisse a independência no agir e nas programações das comunidades a partir de seu campo de trabalho e de atuação.

[49] Boletim Informativo, mar./abr. 1995, p. 12.
[50] Boletim Informativo, jul./ago. 1996, p. 11-12.

Assim eram assumidos novos projetos, como implantação de novos cursos, edificação de nossas estruturas e agilização do processo para a instalação da FM da UCDB. Muitos outros itens seriam ainda decididos, pois a vida universitária sempre haveria de trazer outras questões ao discernimento tanto da comunidade da UCDB, como da comunidade inspetorial, concretizada pela ação do Conselho Inspetorial. Encerrava-se o tempo governo do Pe. João Bosco, tempo marcado pela presença do campus universitário e de toda a vitalidade proporcionada por essa nova e grandiosa obra da Inspetoria.

13.5 Os trabalhos de pastoral indígena com encontros com Agentes de Pastoral Indígena - estudos sobre a cultura e o Centro Cultural Rodolfo Lunkenbein de Meruri

Nesse tempo, houve passos significativos quanto ao trabalho missionário entre os indígenas, de modo especial entre os xavantes e bororos. Os encontros entre os salesianos que trabalhavam nas missões ou em atividades correlatas, possibilitaram estudos e posições de adequação da atividade missionária aos novos tempos fundamentados nas orientações da Igreja e da Congregação. Por outro lado, também no país, houve um progresso significativo em questão de estudos das culturas indígenas e da cultura enquanto suporte de valores estruturais de grupos ou de povos. Nesse horizonte, as atividades dos missionários adquiriram novas modalidades como o grande esforço na produção de textos nas línguas originais dos xavantes e dos bororos.

Concretizando esses parâmetros, o Conselho Inspetorial, no dia 8 de maio de 1991, aprovou a institucionalização do Centro de Documentação Indígena sediado na Fucmt e dirigido pelo Pe. Georg Lachnitt. Ficou também decidido que as pesquisas do setor em nome da Fucmt seriam financiadas por esta instituição e que também a inspetoria estaria gerenciando e auxiliando os gastos com esses novos trabalhos. Conforme as relações desse ano de 1991, em Meruri, a situação dos bororos estava em grau de decadência crescente devido à presença do consumo de bebidas alcoólicas. Houve dois fatos significativos para animar a vida nessa missão: a notícia da ida de um grupo de bororos para o encontro com o Papa em Cuiabá e a publicação do Novo Testamento em língua Bororo realizada pelo Pe. Gonçalo Ochoa. Também nesse ano o Projeto AMA esteve por lá, na reserva xavante, para trabalhar na recuperação das estradas e no cuidado com os canais para o abastecimento de água na aldeia. Conforme o Boletim Informativo de dezembro de 1991, duas foram as aldeias socorridas com melhoria do fornecimento de água: Santa Cruz, com 90 xavantes, e Córrego da Mata, com 130 xavantes. Esse trabalho realizado pelos mestres do projeto AMA teve a presença constante dos salesianos de S. Marcos.

No ano seguinte, em 1992, a atividade nas missões foi analisada e repensada em algumas atitudes e posições dos salesianos e dos próprios indígenas quanto ao difícil trabalho que, no passado, foi levado avante mediante pesada infraestrutura em benefício dos índios. Na reunião dos Conselhos Inspetoriais dos Salesianos e das FMA, essa questão foi analisada e ponderada, pois os índios sempre contam e esperam a presença tanto dos salesianos e das FMA; nessa reunião também foi tratada a questão das modalidades de aceitação de voluntários nas missões[51].

Durante esse ano de 1992, houve uma forte presença do Projeto AMA nas missões mediante o patrolamento das estradas, renovação das instalações da luz elétrica em Meruri, onde também houve a tentativa de se preparar e envolver os bororos nas celebrações da Semana Santa, sempre com o intuito de concretizar algo de inculturação. Quanto aos xavantes, observou-se o alto índice de natalidade, e outras aldeias iriam surgir. Até o final do ano, o Projeto AMA havia instalado duas rodas d'água em duas aldeias xavantes, S. Filipe e Córrego da Mata. No Boletim Informativo da Inspetoria de dezembro de 1992, foi publicada uma extensa exposição do encarregado da "Animação Missionária", Pe. Georg Lachnitt, sobre as novas modalidades de atuar como Igreja no Campo das Missões.

Em 1993, as atividades nas missões foram marcadas profundamente pela atuação do Projeto AMA e pela atuação do Pe. Georg nas viagens de animação pelas diversas aldeias das reservas xavantes. Na reunião do Conselho Inspetorial de fevereiro desse ano, ficou bem claro que a Inspetoria arcaria com as despesas da atividade do encarregado da "Animação Missionária" e que os gastos com o atendimento às necessidades do Centro de Documentação Indígena estariam sob a responsabilidade da UCDB.

Já em 1994, além de se continuar a assistência às aldeias pelo projeto AMA, com a iluminação e com a oferta de água potável, a melhor novidade ocorreu, conforme noticiou o BI de janeiro e fevereiro, com a edição de dois livros de leitura para os xavantes conforme as sugestões dos professores xavantes. Nesses livros, uma das grandes novidades é a recuperação dos costumes da tribo na educação das crianças. Foi o início de uma nova etapa no trabalho missionário. Na Páscoa de 1993, houve em S. Marcos uma celebração histórica, o batismo de um grupo de velhos. Foram batizados 46 xavantes, sendo 30 mulheres e 16 homens; estes no Natal de 1992 fizeram as promessas catecumenais e, na Páscoa desse ano, receberam o batismo. Este trabalho foi realizado pelo Pe. Alfredo Haidler. A escola de Sangradouro contava nesse ano com 327 alunos e, em Meruri, as aulas do curso primário foram assumidas por professores indígenas; os salesianos acompanhavam esse início de autonomia prestando toda a assistência necessária aos novos docentes.

[51] Atas do Conselho Inspetorial – 1991-1996, 03/05/1992, p. 60-61.

No meio do ano de 1993, o projeto AMA preparou, para auxiliar as aldeias do Koluene, uma máquina de perfurar poços e estudaram a melhor bomba para ser adaptada a esses poços e socorrer os índios de lá e de todas as reservas. Outra novidade foi apresentada pelo Pe. Georg Lachnitt. Ao falar de sua dissertação de mestrado, apresentou uma iniciativa para auxiliar quem trabalha nas missões ou a quem se interessar pelo assunto; trata-se de seu curso de xavante por correspondência. O material é fornecido em papel e em Fita K7. Conforme registrou no BI de maio-junho, ao proclamar o curso em entrevista no Jornal Folha de S. Paulo, recebeu mais de 500 pedidos do curso. Por fim, em maio desse ano, houve uma reunião em Brasília, entre muitas entidades e xavantes, para se discutir e exigir o retorno da reserva de Suiá-Missu para os xavantes[52].

No ano de 1994, houve um fato inédito, mas muito significativo; o cacique da aldeia de S. Marcos queixava-se da entrega dos seus índios à televisão que chegara via antena parabólica[53].

No início do ano de 1994, constatou-se que fora altamente positiva a atitude de os bororos assumirem as aulas das séries do primário; outra notícia relevante refere-se à inauguração de um Centro Comunitário que fora inaugurado em novembro de 1993; este centro comunitário, Bai Mana Gejewu, deveria assumir as funções do Baito em sua cultura[54].

No Boletim Informativo de maio-junho de 1994, ocorreu o encarte de páginas amarelas escritas pelo historiador Pe. José Corazza, que, sob o título de Bororo e Xavante, apresenta uma verdadeira história do trabalho salesiano junto a esses dois povos indígenas. Esse e outros encartes escritos pelo Pe. Corazza, em comemoração do Centenário da chegada dos salesianos no Mato Grosso, devem ser unidos em um futuro livro para perpetuar a memória dessa grande história, para não dizer Epopeia Missionária Salesiana em Mato Grosso entre os Bororos e Xavantes.

No meio do ano, o BI trouxe uma notícia simples, mas alentadora sobre o trabalho missionário nesses últimos anos entre os Xavantes. Trata-se do Encontro de Agentes de Pastoral Xavante:

> Depois de 12 anos, o encontro anual de Agentes Xavantes em Parabubure, de 01 a 05 de agosto passado, parece ser um fato rotineiro. Na verdade cada curso é um acontecimento original. Desde o início, o Pe. Leal apresentou uma reflexão teórica e prática sobre a conjuntura nacional e regional e sua incidência sobre as comunidades indígenas [...] A reflexão sobre a própria cultura e elementos de sua religião por parte do Pe. Giaccaria, já está sendo assumida pelos próprios xavantes

[52] Boletim Informativo, jul./ago. 1993, p. 54-53.
[53] Atas do Conselho Inspetorial – 1991-1996, 06/12/1994, p. 176b.
[54] Boletim Informativo, jan./fev. 1994, p. 56-58.

> [...] A reflexão sobre a liturgia e sua inculturação foi enriquecida pela Instituição do Leitor para 13 dirigentes da oração dominical nas comunidades cristãs. Para isso veio, especialmente, o bispo D. Antônio Sarto, trazendo para os xavantes a bênção do Papa [...] As condições para isso foram: ser batizado e crismado, ser xavante assumido e merecer o reconhecimento da própria comunidade para esta missão de Leitor, ter participado pelo menos durante cinco anos do Curso de Agentes de Pastoral. Depois de um ano de missão, na avaliação, irão aparecer os resultados na prática litúrgica, na catequese de iniciação cristã e em traços originais de inculturação.[55]

Nesse ano de 1994, além de outras atividades missionárias, o projeto AMA viajou para as aldeias de São Pedro, Córrego da Mata, Couto Magalhães e Aparecida para perfurar poços semiartesianos e instalar bombas para fornecer água potável aos xavantes. Toda essa atividade ocorreu no mês de agosto de 1994, conforme noticiou o BI inspetorial de setembro-outubro de 1994. Sem dúvida que fora um trabalho grandioso, muito bem preparado e executado tecnicamente.

No ano seguinte, no setor das missões ocorreram fatos importantes, de modo especial quanto às visitas de personalidades importantes e significativas tanto para a Igreja como para a Congregação. Na reunião do Conselho Inspetorial de 10 de junho de 1995, foi notificada a visita à missão de S. Marcos do Exmo. Sr. Cardeal Jozef Tomko, da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos e Legado Pontifício para o COMLA, no dia 26 de julho. Segundo o BI de agosto-setembro desse ano, a comitiva do cardeal Jozef Tomko, um jornalista, D. Bonifácio e o vice-inspetor seguiram de helicóptero da FAB para S. Marcos, onde foram recebidos no campo de futebol por centenas de índios xavantes e bororos. Estavam presentes também os três diretores das missões, as irmãs salesianas e lauritas. Sua Eminência foi acolhido com danças e símbolos das duas tribos, cocares de cacique, que foram colocados em sua cabeça. Ele distribuiu a todos medalhas abençoadas pelo Papa e encerrou a função com o Pai Nosso em xavante. Seguiu-se um almoço festivo na casa salesiana de S. Marcos. Depois o cardeal visitou a aldeia, rodeado sempre pelos xavantes. Entrou em algumas cabanas e às 14h retornou para Cuiabá, com uma breve parada na Casa do Sonho, na Chapada dos Guimarães[56].

O Conselho Inspetorial nesse ano, em agosto de 1995, aprovou o Diretório para a Atividade Missionária para dar continuidade à Missão de Cristo e aos ideais de S. João Bosco. Na reunião seguinte, em setembro, esteve presente o representante da Congregação para as Missões, Pe. Luciano Odorico. Foi-lhe dada a palavra no Conselho Inspetorial para manifestar sua opinião

[55] Boletim Informativo, jul./ago. 1994, p. 34-35.
[56] Boletim Informativo, ago./set. 1995, p. 17-18.

sobre o trabalho missionário; suas recomendações foram publicadas no BI. Em resumo, foram estas suas recomendações: urgência da primeira evangelização, renovado esforço de inculturação, formar os jovens salesianos na história e metodologia de nossas missões, priorizar a formação de agentes de pastoral indígena, preocupação pedagógica do itinerário de discernimento das vocações indígenas e continuar as publicações científicas[57].

Nesse ano de 1995, em janeiro, o encontro de formação para os Agentes de Pastoral motivou também o estudo de salesianos novos para que pudessem auxiliar a todos nessa atividade missionária. Nesses encontros, as apresentações são sempre enriquecidas pela partilha de todos os presentes. Também nesse ano o Projeto AMA apresentou uma inovação: uma bomba movida por uma gangorra. Assim bastaria somente colocar duas crianças a brincar para proporcionar água potável para os índios. Também nesse ano, o Pe. Inspetor participou de uma experiência inédita: a Semana Santa na região dos xavantes de Parabubure. Logicamente celebrando tudo conforme a liturgia com as intervenções da participação conforme os rituais culturais dos xavantes[58].

No setor das missões, logo no início do ano, além das atividades normais programadas, como o curso para Agentes de Pastoral, foi comunicado, na reunião de março de 1996, que estava sendo agendado o início de um curso para formação de Bororos para o magistério. Esse curso seria realizado nas férias e, aprovado pela Secretaria do Estado de Mato Grosso, recebeu o nome de "Projeto Tucum"; teria início em julho, em Meruri, e contaria com 32 alunos e os professores, provenientes da UCDB, UFMT, Prodeagro e Missão Salesiana. Haveria alunos das várias aldeias bororos; esse projeto daria início a uma nova perspectiva quanto às escolas indígenas de língua bororo[59].

Segundo notícias do Pe. Georg Lachnitt, esse Projeto Tucum, estendeu-se: Projeto Tucum Polo II em Água Boa, MT, para 72 professores xavantes, e Projeto Tucum Polo III, para os bororos de Meruri. Também em abril, conforme narra o Me. Salvatore, ocorreu uma cerimônia inculturada para o batismo de vários xavantes. Até o sacerdote, segundo o narrador, estava paramentado conforme os costumes xavantes. O ritual continuou até o amanhecer, quando se iniciou a Santa Missa de Páscoa. Assim, na Páscoa de 1996, foram batizados 62 xavantes adultos na vigília pascal em Sangradouro, e 40 em S. Marcos. Na aldeia de Nova Jerusalém, foram batizados 18 xavantes e, na aldeia de S. Pedro, acompanhados pelas Irmãs Lauritas, foram batizados também na Páscoa 22 xavantes. Em Meruri, foram batizadas 12 crianças bororos. Assim,

[57] Boletim Informativo, ago./set. 1995, p. 41-43.
[58] Boletim Informativo, maio/jun. 1995, p. 61-62.
[59] Atas do Conselho Inspetorial – 1996-2003, 26/03/1996, p. 6.

na Páscoa desse ano, foram batizados142 índios adultos. A evangelização inculturada, de modo geral, está avançando[60].

A atividade missionária prosseguiu o seu ritmo normal com passos muito significativos para a Missão Salesiana e para os próprios índios. A passagem das aulas para os professores indígenas foi um salto significativo para todos. Outro fato importante foi o critério de preparação para o santo batismo a partir de rituais dos próprios índios. Mas não se poderá jamais deixar de evidenciar a importância da atuação do projeto AMA, para que a vida nas missões ou nas aldeias adquirisse melhor grau de saúde pela presença de água potável e de luz elétrica para todos. Foram tempos de muitos trabalhos e de bons resultados no âmbito da atividade missionária dos salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora.

13.6 As atividades nas casas formação na Inspetoria

As atividades do setor de formação nesse período de 1990 a 1996 foram marcadas por alguns passos provenientes de orientação e exigências do centro da Congregação. O período foi marcado por algumas reflexões sobre a formação e sobre a pastoral vocacional que estava em andamento na Inspetoria. Por outro lado, houve algumas inovações nas casas de formação conforme as necessidades pediram.

No ano de 1991, o Conselho Inspetorial teve que tomar algumas posições a respeito de duas casas de formação; a primeira na Lagoa da Cruz, onde as Filhas de Maria Auxiliadora deixaram de estar presentes com trabalhos na lavanderia e na cozinha. O lugar onde as FMA habitavam, foi reservado para que se organizasse a nova etapa de formação pedida pela Congregação, o pré-noviciado. A casa das FMA seria reformada para acolher os pré-noviços. Por outro lado, também na Lagoa da Cruz, foi aprovado o projeto da construção de uma quadra coberta; inicialmente o local proposto para essa quadra seria o campinho menor de futebol utilizado pelos pequenos da Escola Agrícola, situado bem em frente à entrada para a casa de retiros. A proposta que ganhou o consenso de todo foi aquela que mostrou como melhor local para a quadra coberta o campo de futebol da "escolinha", bem em frente à casa do futuro pré-noviciado. Nesse tempo, estava presente o Me. Luiz Wurstle com seu maquinário para a reforma do asfalto de entrada da Chácara e já poderia preparar a base para a futura quadra. Por fim, nas reuniões do Conselho Inspetorial no final do ano, aprovaram reforma no Aspirantado de Coxipó. Nas reuniões do Conselho Inspetorial, também houve reflexões sobre a pastoral vocacional. Pe. Antônio Secundino apresentou um histórico da Inspetoria nesse setor; o resumo já foi citado anteriormente, no início deste capítulo.

[60] Boletim Informativo, maio/jun. 1996, p. 23, 27-29.

Por fim, no ano de 1992, não havendo noviços, pois seria o ano inicial do pré-noviciado, seria necessário estabelecer um projeto com as atividades e devidas moções referenciais para o ano de pré-noviciado. Tudo deveria estar bem delineado em um currículo especial e inicial para o pré-noviciado[61]. Convém notificar que o Encontro Vocacional das Oitavas Séries (EVOS), de 1991 ocorreu junto com o FIC, entre 31 de outubro e 1º de novembro; eram dez pré-aspirantes do Coxipó, cinco de Araçatuba e mais cinco jovens que vieram de outros lugares. Entre as funções, houve durante a Santa Missa a entrega de pedidos de oito aspirantes do 3º ano para o Pré-Noviciado de 1992. Foi o passo inicial para se inaugurar, em 1992, essa etapa da formação[62].

No setor da formação, o ano de 1992 iniciou muito bem e será marcado pelo bom andamento do aspirantado na Lagoa da Cruz e pela inauguração da casa que abrigará a nova etapa da formação, o Pré-Noviciado. O panorama da Lagoa da Cruz no início do ano foi marcado pela presença de 130 alunos na Escola S. Vicente sendo 70 internos; foram iniciadas as obras de construção da quadra coberta e aqui estariam também os onze pré-noviços. Estes, na parte da manhã, iriam estudar filosofia na UCDB e depois retornariam para sua casa[63].

O início do ano letivo também foi marcado na Lagoa da Cruz com a inauguração da casa do Pré-noviciado. No dia 7 de março de 1992, às 19h ocorreu a cerimônia de inauguração dessa casa, que recebeu o nome de "Pe. Rodolfo Lunkenbein" por lembrar sua doação em prol dos índios e do trabalho missionário na inspetoria. Estiveram presentes o Sr. Bispo, Pe. Inspetor, Pe. João Bosco, vários outros salesianos e até dois índios bororos, devido ao nome da casa. Houve o pronunciamento do Sr. Pe. Inspetor, e revelou que como outrora o sangue dos cristãos seria a semente para novos, assim os mártires da inspetoria seriam a lembrança para a formação de novos salesianos capazes de doar também a própria vida pelo bem dos mais necessitados. O pré-noviciado nascia com uma capela nova. Esta foi ornamentada de forma muito ideologizada, pois tanto o altar, como o sacrário, mostravam a pobreza como exemplo, ao passo que a tradição salesiana, marcada pelas iniciativas de D. Bosco, em especial na construção da Basílica de Turim, mostrou que, para a casa de Deus, tudo seja muito bem ornamentado e muito bem organizado artisticamente, independente dos custos. Para a casa de Deus não se deveria olhar os gastos. Assim foi sempre a atitude de D. Bosco, mas, ali na Igreja do Pré-Noviciado, perdurou a ideologia da pobreza mesmo nas ornamentações da casa de Deus. Mas, enfim, os tempos mostrariam a verdadeira caminhada

[61] Atas do Conselho Inspetorial - 1991-1996, 07/08/1991, p. 15-17 e 20; 02/10/1991, p. 25 e 13/11/1991, p. 35b.
[62] Boletim Informativo, nov./dez. 1991, p. 12.
[63] Boletim Informativo, jan./fev. 1992, p. 10.

do espírito de S. João Bosco. Iniciava-se a nova etapa da formação na inspetoria. Também nesse número do BI informativo, foi publicada uma longa reflexão sobre a etapa da formação denominada de "Assistência: Presença Salesiana". Era uma reflexão de uma Filha de Maria Auxiliadora, Madre Castagno[64].

No final do ano, no dia 22 de outubro de 1992, após a visita inspetorial, seis pré-noviços entregaram os pedidos para serem admitidos ao noviciado para o ano de 1993. Pe. Inspetor destacou nessa homilia a beleza da vocação salesiana e a alegria por poder receber os pedidos desses seis candidatos à próxima etapa da formação, o noviciado. Nos dias 5 e 6 de novembro, em Campo Grande, estando presentes 40 pré-aspirantes, durante a Santa Missa, 13 deles fizeram seus pedidos para entrarem para o pré-noviciado para o ano de 1993. Foi um momento de festa e alegria para todos, pois as esperanças num reforço das fileiras salesianas tornavam-se uma realidade. Afinal foi uma etapa bem realizada o encontro dos pré-vocacionados[65].

A novidade na área de formação no ano de 1995 foi a realização de um encontro para os padres novos; nesse encontro, ocorrido em Indápolis, em que esteve o Pe. Inspetor, estiveram também cinco padres novos. Num clima de reflexão, oração, revisão e partilha da própria experiência sacerdotal, iluminados pela "Pastores dabo vobis", reabasteceram as energias espirituais e reconfirmaram os projetos apostólicos. Esse número diminuto de sacerdotes novos espelha a crise do trabalho vocacional em tempos anteriores, em que tudo e todas as posturas se converteram em expressões ideologizadas nem sempre de acordo com o espírito de S. João Bosco. Foi um período difícil, pois quem estava nas casas de formação não acreditava nesse trabalho e preferia que os aspirantes e outros formandos buscassem outros caminhos de engajamentos ideologizados[66].

No ano de 1996, no setor de formação, ocorreu a novidade sobre o noviciado. Tornou-se um noviciado interinspetorial e passou a acolher, ao lado dos noviços da inspetoria de Campo Grande, noviços provenientes de outras inspetorias. Em 1996, eram oito noviços, quatro da inspetoria de Campo Grande e quatro da inspetoria de S. Paulo. Assim, o início dessa etapa foi marcado pela presença também do Pe. Inspetor de S. Paulo, Pe. Altieri, que estivera presente e acompanhara os quatro noviços que vieram de sua inspetoria. Em um clima de festa e de alegria, iniciaram solenemente a etapa formativa do noviciado no ano de 1996.

Quanto ao pré-noviciado, todos seguiam normalmente os seus estudos e ocorreu a viagem pelas missões, do dia 12 a 18 de julho. Passaram pelas casas das missões e, em Meruri, puderam celebrar os 20 anos do falecimento

[64] Boletim Informativo, mar./abr. 1992, p. 18-20 e 53-55.
[65] Boletim Informativo, mar./abr. 1992, p. 19 e 21.
[66] Boletim Informativo, mar./abr. 1995, p. 13.

do Pe. Rodolfo Lunkenbein com a participação ao lado de outras pessoas que ali estavam somente para essa celebração. Depois desse longo período de viagem, puderam os pré-noviços aprofundar melhor no conhecimento dos futuros campos de trabalho da Inspetoria[67].

O trabalho no campo da formação finalmente encontrara o caminho mais condizente para que as vocações encontrassem amparo conforme o espírito salesiano. Muitos novos formandos encontravam-se com alegria nesse campo de trabalho e com entusiasmo viviam a alegria de quem estava seguindo uma vocação gloriosa na Congregação Salesiana, na Inspetoria de Campo Grande.

13.7 A nova presença salesiana em Rondonópolis

Na reunião do Conselho Inspetorial de maio de 1993, ocorreu uma longa reflexão em que todos os conselheiros tomaram parte ativa e se posicionaram diante da leitura da carta do Sr. Bispo de Rondonópolis, D. Osório Wilibaldo Stoffer, solicitando ao Pe. Inspetor uma presença salesiana naquela cidade, em especial para cuidar da juventude. As reflexões dos conselheiros convergiam para a aceitação desse pedido, tendo em vista a possibilidade de se iniciar uma obra em prol dos jovens mais necessitados da cidade. Rondonópolis tornava-se uma cidade em que as periferias cresciam, e o desenvolvimento do agronegócio havia transformado a cidade como um centro de distribuição de cereais produzidos pela região. Além disso, o crescimento constatado pela visita do Pe. Inspetor trouxe também, como consequência natural, o aumento de bairros pobres em que os jovens necessitavam de assistência e de encaminhamentos para a profissionalização. Todos os conselheiros estavam de acordo com a possibilidade de os salesianos abrirem uma presença nessa cidade, embora ainda não houvesse uma definição sobre a modalidade da obra. Alguns conselheiros afirmaram que o mais importante seria iniciar a presença e, depois, a comunidade designada para lá iria confirmar a natureza das iniciativas a serem tomadas, sempre analisadas e devidamente incentivadas ou não pelo Conselho Inspetorial. Os conselheiros estavam unanimemente unidos quanto ao sentido de estarem cumprindo com um sentimento manifesto no último Capítulo Inspetorial de que a abertura de uma presença em prol de jovens necessitados seria uma das melhores formas de se comemorar o centenário da chegada dos salesianos em Mato Grosso[68].

O Boletim Informativo de agosto de 1993 noticiou como decisão do Conselho Inspetorial o início de uma presença salesiana em Rondonópolis, a partir do ano de 1994. Para isso, fora designado o Pe. Bruno Pedron como di-

[67] Boletim Informativo, jan./fev. 1996, p. 12 e jul./ago. 1996, p. 6-7.
[68] Atas do Conselho Inspetorial – 1991-1996, 05/05/1993, p. 107b.

retor e primeiro organizador das possíveis atividades salesianas em prol dos jovens necessitados e do povo da região da cidade designada pelo Sr. Bispo, onde então estariam os salesianos planejando a nova presença.

No Conselho Inspetorial de agosto de 1993, o Pe. Inspetor comunicou a todos que a desejada nova presença seria mesmo em Rondonópolis. Também afirmou que as questões pendentes sobre isso seriam abordadas no encontro do Conselho Inspetorial com D. Osório Wilibaldo Stoffel, lá mesmo em Rondonópolis no próximo dia onze de setembro, pois, nesse tempo, a reunião do conselho seria em Sangradouro[69].

Nos dias 5 e 6 de outubro, depois de passarem pela cidade de Rondonópolis, os conselheiros manifestaram na reunião em Sangradouro sua impressões, mesmo que alguns não pensassem em iniciar uma obra por uma paróquia. A partir desta, um salesiano logo iniciaria um trabalho especial junto aos jovens mais necessitados. Esse foi o passo decisivo para se iniciar em 1994 a presença salesiana nessa cidade. Repetiu-se o processo iniciado 100 anos antes na cidade de Cuiabá.

No início do ano de 1994, foram para lá o Pe. Bruno Pedron e o Pe. Filipe Zentner, dois salesianos animados e dispostos a todas as iniciativas e dificuldades para se iniciar do zero uma atividade que pressupõe sempre uma boa infraestrutura. Com muito entusiasmo, eles se dispuseram a trabalhar, e trabalhar pelo bem de todos lá. Já em abril, o BI da inspetoria apresentava as iniciativas tomadas por eles. Estavam em uma residência alugada; no espaço de poucos meses, já haviam conseguido formar três grupos de jovens na paróquia, nos bairros Universitário e Boa Vista e outro na paróquia; promoveram retiros, campanha para os pobres, animação para a liturgia e celebração da Semana Santa. Estavam também iniciando três oratórios, embora sem muito espaço para eles. Ocorreu a doação pela Prefeitura de um terreno de 90 x 120 m para uma praça de esporte. Pensou-se num centro juvenil D. Bosco para ser iniciado em maio. Houve um trabalho especial de animação da catequese em material e iniciativas; o resultado é que mais de 700 jovens frequentam a catequese aos sábados e domingos nos vários bairros da paróquia. A conclusão não poderia ser outra: trabalho não falta e também alegria por ter a possibilidade de fazer um pouco de bem a tantos jovens que nos procuram. Pe. Filipe e Pe. Bruno traduzem assim nesse início a presença salesiana nessa cidade[70].

No ano de 1994, as atividades paroquiais iniciavam um processo de intensificação e de participação de todos. Assim os grupos de coroinhas e as atividades do Centro Juvenil iniciavam uma atividade bem conhecida pelos salesianos, dar continuidade e oferecer oportunidades de participação, sen-

[69] Atas do Conselho Inspetorial – 1991-1996, 04/08/1993, p. 117b.
[70] Boletim Informativo, mar./abr. 1994, p. 39-40.

do este o projeto salesiano em desenvolvimento na paróquia. No dia 6 de dezembro de 1995, foi inaugurada a capela de Nossa Senhora Auxiliadora num dos bairros mais pobres da paróquia: Olinda 1. Já funcionava a padaria comunitária e logo começaria a oficina de corte e costura e tapetes. Uma comunidade, a de Vila Rica, escolheu como padroeiro S. Domingos Sávio, com muita alegria de todos os participantes dessa comunidade. Assim a vida da nova presença continuava apesar de todos os percalços[71].

No final do ano de 1995, já com os vidros colocados, portas resistentes fabricadas e montadas pelo sempre prestimoso José Carpinteiro, de Campo Grande, e uma pintura no telhado e painéis em pedra, só faltavam alguns acabamentos, que poderiam aguardar tempos melhores. O povo estava orgulhoso da igreja, porque tinha custado muito trabalho com bingos e festas, um sinal de união entre todas as comunidades da paróquia. Pe. Filipe, cuidando com carinho do jardim, que encantava os paroquianos[72].

No ano de 1996 o pároco, Pe. Bruno, foi removido e, em seu lugar, veio o Pe. Fortunato Fávero, mas ficou poucos dias. Para levar avante a obra, foi destacado o Pe. Osmar Resende, que para cá veio com toda liberdade de coração para realizar um bom trabalho. Nesse tempo, há que se destacar o trabalho com os jovens, tendo à frente o tirocinante Ricardo Carlos; além das oficinas de teatro e curso de datilografia, outras atividades envolveram os jovens e despertando vocações, sendo dois jovens encaminhados para uma experiência vocacional. A paróquia tinha 14 comunidades, com missa diária na sede. Três comunidades, com missa dominical, e as demais, uma vez por mês, sendo que, nos finais de semana, se realiza o culto. "Assim essa paróquia caminha dentro de seus parâmetros possíveis"[73].

Esse foi o percurso da nova obra assumida pela inspetoria em comemoração ao centenário da chegada dos salesianos em Cuiabá, precisamente no dia 18 de junho de 1994. Nesse nome, iniciou-se uma obra em Rondonópolis, que ia progredindo conforme as possibilidades oferecidas pela própria comunidade. Campos de trabalho não faltavam e muitos jovens aguardavam a presença salesiana para os auxiliar em suas vidas de cristãos e de profissionais. Campo de trabalho tipicamente salesiano não falta para que essa presença se torne exemplar.

13.8 Sagração episcopal de D. José Foralosso

Pe. José Foralosso, italiano da parte norte de seu país, veio para o Brasil depois de sacerdote, quando na Congregação houve um apelo para que sa-

[71] Boletim Informativo, jan./fev. 1995, p. 17-18.
[72] Boletim Informativo, nov./dez. 1995, p. 19-20.
[73] Boletim Informativo, nov./dez. 1996, p. 29.

cerdotes europeus se dispusessem a trabalhar durante cinco anos em territórios de missão pelo mundo. Entre as regiões consideradas aptas a receber esses missionários por cinco anos, Mato Grosso foi considerado terreno bom para acolher esses missionários "pro-tempore". Entre os dois ou três grupos de sacerdotes que chegaram para trabalhar na MSMT, encontrava-se o Pe. José Foralosso. Aceitou logo a atividade de pároco como campo propício para aprender a língua e se inteirar da cultura do povo. Quando foi indicado para assumir a paróquia D. Bosco de Campo Grande, a sede da paróquia estava na capela do Colégio, precisamente no Bloco C, de frente para a Rua 14 de Julho. Ao se inteirar da grande área territorial da paróquia e perceber o desenvolvimento dos bairros centrais da cidade e as atividades paroquiais limitadas nos espaços pelas atividades do Colégio e da Fucmt, decidiu com grande entusiasmo erguer outra sede e, dessa forma, após adquirir os terrenos e iniciar a construção da atual Igreja onde está a sede paroquial, a passagem para lá foi imediata. Trabalhou muito e deixou a Igreja quase pronta.

Mais tarde, por iniciativa de seus superiores, foi para S. Paulo, onde lecionou Teologia Moral e se doutorou nessa área; no dia 14 de novembro de 1992, defendeu sua tese e estava enfim mais seguro quanto ao ensino dessa disciplina no Instituto Teológico Pio XI. Porém recebeu uma nova designação para o ano seguinte, estaria trabalhando com os estudantes de filosofia na casa do Paulo VI, em Campo Grande.

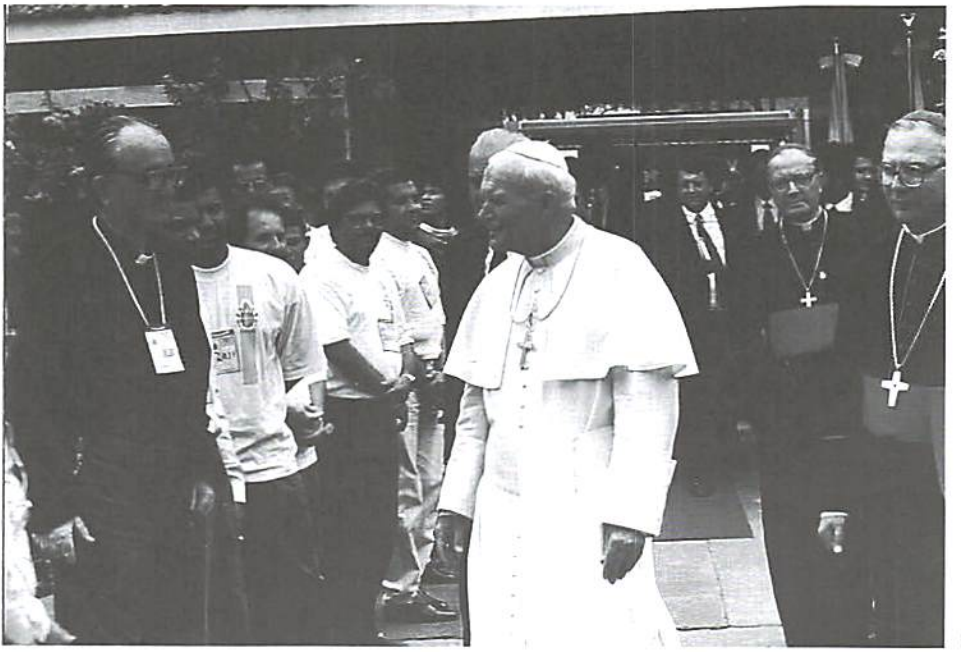
A sua vida adquiriu nova perspectiva pois no dia 20 novembro desse ano de 1992, foi designado para bispo da diocese de Guiratinga. A festa de sua sagração ocorreu no Santuário de Maria Auxiliadora, em Campo Grande no dia 15 de fevereiro de 1993. Em seguida, foi para a sede de sua diocese, um mês depois tomou posse como bispo titular de Guiratinga. Assumiu as heranças dos dois grandes trabalhadores daquela diocese, o antigo bispo D. Camilo Faresin e seu irmão Pe. Cornélio Faresin. Teve que solucionar as velhas questões e criar novas modalidades de animação da diocese. Trabalho não era questão para ele. Depois de muitos anos de trabalho em Guiratinga, foi transferido para a Diocese de Marabá, no Pará; outra cultura e outros aglomerados de pessoas atraídas pelo ouro e pedras preciosas e pelas grandes extensões para as lavouras mecanizadas.

Ao final de sua entrevista, D. Foralosso concluiu com muito carinho: "Gostaria de agradecer à Congregação Salesiana, que me formou e que amo: agradecer de modo especial à Inspetoria Salesiana de Mato Grosso. Aqui praticamente vivi minha vida sacerdotal. O longo convívio, as dificuldades enfrentadas, as alegrias e as tristezas compartilhadas, criaram laços profundos de pertença a esta Inspetoria!"[74].

[74] Boletim Informativo, jan./fev. 1992, p. 31-34.



JOÃO PAULO II NA CASA INSPETORIAL



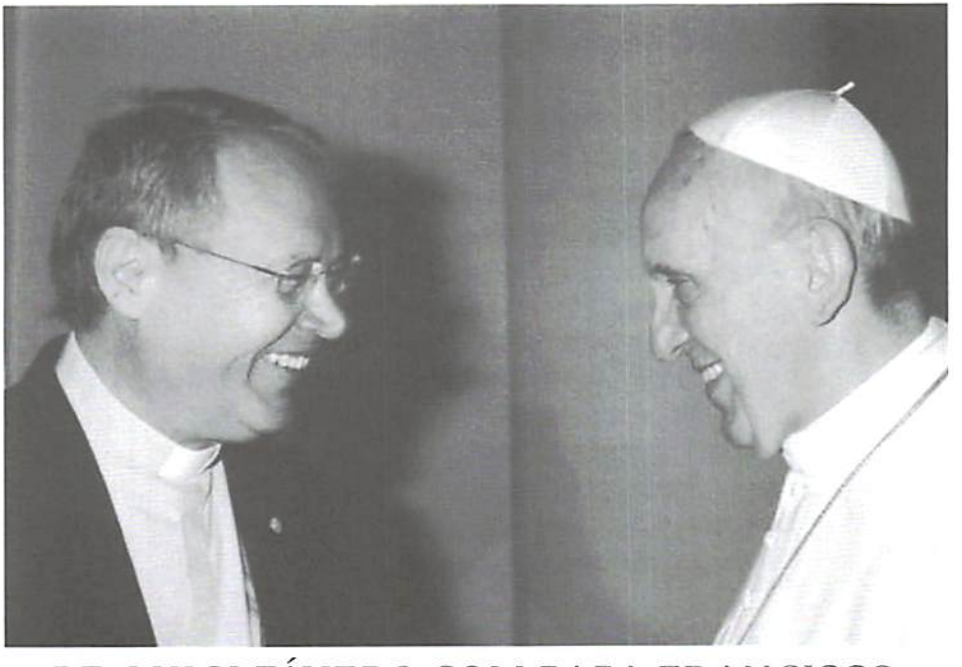


JOÃO PAULO II NA CASA INSPETORIAL





JOÃO PAULO II NA CASA INSPETORIAL



PE. LUIGI FÁVERO COM PAPA FRANCISCO

Capítulo XIV

Celebrações do Centenário e continuação do tempo de governo inspetorial de 1990 a 1996

Diante da perspectiva de comemorar dignamente o centenário da chegada dos salesianos a Cuiabá, todas as casas e o centro inspetorial estavam atentos para que esse evento fosse muito envolvente e muito significativo em todo o âmbito de sentidos. As ideias não faltavam, e modalidades de celebrar o centenário foram se delineando conforme as atividades dos salesianos.

A maior preocupação gravitava ao redor das celebrações que deveriam ocorrer em Cuiabá, local da primeira comunidade salesiana surgida com a chegada dos primeiros missionários acompanhados por D. Luiz Lasagna. Sem dúvida de que seriam comemorações dignas e altamente eloquentes quanto à história construída pela presença salesiana nesse território do antigo Estado de Mato Grosso, Oeste de S. Paulo e duas presenças no Estado de Goiás. As obras por si somente revelam a grandeza do coração dos salesianos que lideraram essa expansão grandiosa naqueles tempos em que tudo era demorado e muito complicado para ser realizado ou transportado. Não se poderia, ao celebrar os cem anos de presença nessa grande área, imaginar as condições dessas regiões no percurso desse tempo. Vale lembrar como eram, nesses tempos, os meios de transporte e de comunicação para uma real avaliação da magnitude do trabalho dos primeiros salesianos. Caberiam duas histórias paralelas somente para mostrar a grandeza do trabalho dos salesianos: a história dos meios de transporte por eles utilizados e, por outro lado, os meios de comunicação daquelas épocas. Não que os salesianos se julgassem os melhores ou que poderiam pensar em outras soluções, não. Eles valeram-se dos meios mais apropriados de cada época; ao enumerar os meios de transporte dessas épocas, há uma lista singular: transporte por cavalos ou muares, carro de bois e bruacas nos muares, por canoas ou navios pequenos, transporte por pequenos caminhões, por trens, por navios mais bem adaptados aos rios, por ônibus, por aviões militares, por caminhões de médio porte por aviões pequenos, por lanchas e embarcações maiores para os rios das Mortes e Araguaia.

Quanto aos meios de comunicação, encontramos outra lista imensa: cartas, depois telégrafo, correios internacionais de navio e, mais tarde, por avião, rádios amadores, telefones antigos, telefones modernos, e normalmente o telefone e, mais recentemente, os meios de comunicação via internet, que se iniciava com poucas perspectivas no tempo da comemoração do centenário.

Esses dois vieses, da comunicação e dos meios de transportes, conseguem mostrar as grandes dificuldades iniciais e a presença do progresso nas comunicações ou nos meios de transporte durante esse período. De forma simples, pode-se imaginar a organização das viagens e do transporte dos meios e bens necessários para a manutenção das presenças missionárias e dos colégios do interior. Os salesianos se integraram como qualquer outro grupo ao conjunto de possibilidades de vida que o progresso e a ciência podiam oferecer naquelas épocas. Sem dúvida, foram tempos muito diferentes das características da cultura e das possibilidades vitais de hoje. Mas, nesse meio e com essas possibilidades, que os salesianos sempre se empenharam para estar presente na educação e formação dos jovens e como missionários em meio aos índios, ao mesmo tempo em que percorreram imensas distâncias para o trabalho pastoral no atendimento das povoações e das pequenas cidades desse interior do Estado, quer ao leste de Cuiabá, quer ao sul do Estado, hoje, Mato Grosso do Sul.

Cumpre lembrar ainda que celebrar o centenário da presença salesiana na Inspetoria, seria também recordar as origens; seria o tempo para se contemplar as origens dos primeiros salesianos vindos dos países da Europa. A maioria dos salesianos daqui eram provenientes do norte da Itália; mais tarde, ao lado de D. Malan, vieram vários salesianos originários da França e, por fim, mais para frente vieram salesianos da Alemanha, Áustria e da Polônia. Assim a Inspetoria teve seu berço com a presença de salesianos de vários países europeus. Já nesse tempo da celebração do Centenário, haviam vindo salesianos de outros países da América Latina para trabalhar aqui: mexicanos, colombianos e até argentinos. Assim a perspectiva missionária sempre atraiu vários salesianos de outros países para se dedicarem ao trabalho entre os povos indígenas.

14.1 As celebrações do centenário da chegada dos salesianos em Cuiabá

A presença salesiana em Mato Grosso completaria seu centésimo ano em 18 de junho de 1994. Toda a inspetoria estava consciente da grande possibilidade de se comemorar a grandeza de tantas pessoas que realizaram tantas obras e tantos trabalhos em prol dessa região imensa do antigo Estado de Mato Grosso, de Goiás e de uma parte do Oeste Paulista. Foram obras muito significativas como paróquias, colégios para internos e externos, casas de acolhida para menores, creches, escolas profissionais, escolas conveniadas, presenças missionárias no sertão, presenças em meio aos índios, projetos de melhorias para os índios, como eletricidade, água potável, comunicação, construção de estradas, construção para moradia dos índios, trabalhos de animação e saúde para crianças em bairros pobres, mas, sobretudo, instru-

ção e estudos científicos culturais revelaram alguns dos traços mais importantes dos trabalhos dos salesianos nesses 100 anos de grandes atividades.

Ultimamente, acompanhando as demandas e o desenvolvimento do país, os salesianos tentaram instituir também para os jovens, além de movimentos típicos e conscientizadores de funções sociais e políticas, de engajamento de fidelidade à Igreja, o ensino universitário como campo apropriado para levar avante um trabalho iniciado entre os índios, o estudo antropológico dessas culturas. Isso resultou em projetos específicos de salvaguardar a língua própria dos xavantes e bororos mediante a confecção de estudos culturais de cada tribo e de elaboração conjunta de material didático nas respectivas línguas. Essa iniciativa se transformou em processo eficaz de manutenção da cultura e da língua, em especial entre os xavantes. Esse grande passo dos salesianos alicerçou-se em duas modalidades culturais e científicas introduzidas, construídas e mantidas pelos estudiosos salesianos: a instituição grandiosa do Museu D. Bosco e do ensino universitário concretizado na instituição maior, a Universidade Católica D. Bosco (UCDB).

Outro passo muito significativo em campo de trabalho pastoral obtido pelos salesianos dentro de tempo de trabalho missionário foi o atendimento pastoral através dos Agentes Pastorais Indígenas. Esse passo foi importante para que a presença da Igreja em numerosas aldeias ocorresse em primeiro lugar através dos próprios índios, em especial, nas reservas xavantes.

Sem dúvida que as duas ou três maiores expressões do trabalho dos salesianos nesse imenso território da Inspetoria foram suas atividades marcantes no ensino, na atividade de implantação e atendimento das populações como presença da Igreja e na contribuição com a ciência em seus campos de pesquisa. Como modalidade singular, deve-se notar que foi e continuará sendo uma individualização marcante da presença do trabalho dos salesianos a construção educativa em todos os setores, paroquial, colegial, universitário, social, juvenil, de uma identidade pelo método educativo de S. João Bosco; o sistema preventivo, os valores da alegria, a presença de Nossa Senhora Auxiliadora, o entusiasmo pela vida e o horizonte marcado pela expressão de D. Bosco - "Bons Cristãos e Honestos Cidadãos!" ao lado de um grande entusiasmo pela honestidade da vida e de todas as oportunidades de desenvolvimento pessoal em relação aos jovens, marcaram o trabalho e a presença salesiana nesse território de forma grandiosa. Ao lado dos salesianos, os membros da Grande Família Salesiana participam e manifestam pela vida, pela vivência o grande valor e o orgulho pela vida que se organizou regida pelos valores salesianos. E, para finalizar, a devoção a Nossa Senhora Auxiliadora se concretizou no coração, na vida de milhares de jovens e de famílias; principalmente o Santuário de Cuiabá, as igrejas de Nossa Senhora Auxiliadora em várias cidades tornaram-se referência não somente em Mato

Grosso, mas em especial na capital de Goiás, Goiânia, onde Maria Auxiliadora tornou-se, devido à presença dos salesianos, a padroeira da capital e da arquidiocese dessa cidade. Em outras cidades, Igrejas dedicadas a Nossa Senhora Auxiliadora mostram a força da presença dos salesianos, tais como em Tupã, Lins, Campo Grande, Corumbá, Alto Araguaia e, sobretudo, em Cuiabá.

Diante dessa grande constatação do consistente e vitorioso espírito salesiano presente e forte potencial de animação das comunidades, celebrar o centenário foi uma preocupação dos dirigentes da Inspetoria. Era consentimento de todos que as festas fossem reveladoras da grandiosidade da história construída pelos salesianos até o presente momento e que as celebrações fossem geradoras de entusiasmo para levar avante os trabalhos atuais com o legítimo espírito empreendedor do bem em prol dos jovens do grandioso fundador, S. João Bosco.

14.1.1 Preparação e comemoração do centenário da chegada dos salesianos em Cuiabá

A preocupação em relação à celebração do Centenário da Chegada dos Salesianos a Mato Grosso manifestou-se já presente na reunião do Conselho Inspetorial de setembro de 1991. Ficou estabelecido que a EIP daria os primeiros passos para que se pudesse organizar a "Comissão – Centenário". Nessa apresentação do projeto de uma comissão organizadora das programações da Celebração do Centenário, alguns pontos foram esclarecidos para os conselheiros; falou-se de uma comissão bastante reduzida que coordenasse todas as atividades na inspetoria e também na Inspetoria das FMA. O esquema teria como perspectiva apresentar, através de eventos, a história, a memória e também uma visão de futuro da Inspetoria. Para se concretizar esse horizonte, seriam utilizadas quaisquer atividades de animação que envolvessem salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, alunos e membros da Família Salesiana. As atividades programadas iriam desde sessões comemorativas, danças, teatro e música, bem como atividades esportivas e outras capazes de serem portadoras dos conteúdos celebrativos do centenário.

Falou-se em aproveitar dessas ocasiões para envolver autoridades e expressões artísticas e culturais regionais. Da mesma forma, augurou-se que, em todos os momentos celebrativos, haveria de se realçar a realidade da história da Inspetoria e sentido de unidade quanto aos valores e espírito que une e anima todas as comunidades. Nesse particular, também foi expresso o compromisso de que, em todos os momentos celebrativos, dentro das possibilidades, haveria de se contar com o envolvimento de todos os ramos da Família Salesiana. O ideal seria que todos fossem envolvidos como agentes e tomassem parte ativa nas comemorações propostas. Esclareceu-se que se

deveriam envolver os destinatários de todas as comunidades, jovens, paroquianos, indígenas, oratorianos e demais jovens dos movimentos juvenis. Também houve a orientação de que as celebrações não se restringissem a comemorações inspetoriais somente, mas que houvesse festividades comemorativas em cada comunidade. Então, concluiu-se nessa reunião do Conselho Inspetorial a amplitude e as grandes possibilidades aventadas para que as comemorações se tornassem muito intensas e significativas, mas sobretudo que fossem abrangentes quanto ao envolvimento dos destinatários[1].

No ano seguinte, em junho, a pauta do Conselho Inspetorial trouxe novamente à baila a questão da programação das comemorações do Centenário da Inspetoria; a questão foi abordada de diferentes maneiras. Surgiu a perspectiva histórica, as propostas de acontecimentos comemorativos nas casas e, por fim, como envolver a presença indígena em comemorações. Ficou acertado que o assunto do Centenário seria apresentado aos capitulares em julho, e as decisões seriam assumidas na reunião do Conselho do mês de agosto de 1992.

Em agosto, na reunião do Conselho, foi apresentada uma nova proposta a ser posteriormente confirmada; Pe. Carlos Techera, Regional, enviou documento afirmando que o Reitor-Mor viria para a América Latina para as visitas de Conjunto, na Argentina e no Brasil. Diante desse fato, enviou-se ao Pe. Carlos a proposta de que a visita do Reitor-Mor aos salesianos do Brasil poderia ocorrer na Chácara S. Vicente nos dias 19-23 de abril de 1994. Nesse período, haveria manifestações de comemoração do centenário com os salesianos da região sul da Inspetoria e, nos dias 24-25, os festejos seriam em Cuiabá, onde se reuniriam os salesianos da região norte da Inspetoria. Essa proposta foi enviada ao Regional para ulterior confirmação[2].

Ainda nesse ano, nas sucessivas reuniões do Conselho Inspetorial, foram definidas as datas da vinda do Reitor-Mor e sua passagem por Campo Grande e Cuiabá, precisamente em 24 e 25, e estaria em Cuiabá no dia 25, para viajar de retorno para Roma no dia 26 de abril de 1994.

Também ocorreram encontros entre os representantes do Conselho Inspetorial com as Filhas de Maria Auxiliadora para o planejamento que visasse à participação delas em alguma das cerimônias comemorativas do centenário da chegada dos Salesianos.

Ainda tendo em vista essas celebrações, foi convidado para realizar uma palestra o ex-salesiano Riolando Azzi. Pelos comentários sobre o texto da palestra, o palestrante seguiu sua linha ideologizante e mostrou a perspectiva da Igreja na região da Inspetoria sob o prisma de sua linha ideológica

[1] Atas do Conselho Inspetorial – 1991-1996, 04/09/1991, p. 22b-23.
[2] Atas do Conselho Inspetorial – 1991-1996, 08/08/1992, p. 74b.

ou conforme as bases do socialismo marxista; pelos comentários registrados na ata, foi uma palestra que nada veio acrescentar quanto à presença salesiana nessa região[3].

14.1.2 Palestras do Pe. Antônio Ferreira sobre a história da Inspetoria, tendo em vista a preparação para a celebração do Centenário

Para preparação da celebração das festas comemorativas dos cem anos de chegada dos salesianos a Cuiabá, foi convidado pela Inspetoria, para um ciclo de palestras sobre a História da Inspetoria de Mato Grosso, Pe. Antônio Ferreira, pesquisador e especialista em história. Do dia 4 até o dia 7 de agosto de 1992, aconteceram as palestras que abordaram a presença salesiana em Mato Grosso sob os prismas político, educacional-missionário e eclesial. Ao final desse tempo, concedeu uma longa entrevista ao "Plantão do BI" da inspetoria, nesse mesmo mês de agosto; suas respostas às perguntas que lhe foram apresentadas pelo jornalista, manifestam e expressam suas concepções e explicações sobre a história da presença salesiana em Mato Grosso.

Sobre as missões afirma que a escolha de D. Lasagna foi acertada e acarretou proporcionar a Mato Grosso uma presença também educacional com a atuação dos salesianos inicialmente em Cuiabá. A entrevista prossegue em clima inquietante, como se os salesianos tivessem a finalidade de "romanizar" a Igreja nessa área; também apresenta comentários sobre o confronto dos salesianos com a "catequese leiga", e a superação de todas as divergências mediante um bom trabalho missionário por parte dos salesianos.

Falou também do período difícil após a saída de D. Malan, pelo qual a inspetoria passou durante mais de dez anos. Os inspetores desse tempo, até a chegada do Pe. Carletti, não dispunham de recursos pecuniários nem souberam atrair missionário novos ou promover as vocações locais necessárias para o trabalho inicial dos salesianos. Em seguida, suas respostas acentuaram a novidade nas missões pela chegada dos xavantes. Esse povo trazia como perspectiva uma visão de futuro e de desejo de progredir e de se manter como povo valendo-se de tudo o que o contato com a cultura dos civilizados lhes podia oferecer como recursos para manutenção, remédios e proximidade com as cidades.

Por fim, expressou-se sobre a presença de uma universidade na inspetoria como caminho sério de grande poder de iluminação e de colaboração com o trabalho dos missionários entre os povos indígenas; afirmou que a universidade iria auxiliar na orientação das relações culturais entre os missionários e os povos indígenas. Para finalizar, ao responder à pergunta so-

[3] Atas do Conselho Inspetorial – 1991-1996, 09/12/1992, p. 84b-85.

bre o futuro da Congregação, expôs seu pensamento citando D. Bosco, que sempre afirmou que a Congregação iria progredir e não estava fadada a ter um fim. Ao contrário, a congregação poderia sofrer muitas transformações, mas terminar, não! Jamais essa concepção de fim estava no pensamento e na visão de S. João Bosco.

Essas palestras auxiliaram a reflexão dos salesianos; porém, nem sempre, foi expressa a força do carisma salesiano em seu estado de trabalho concreto e de realização dos sonhos de D. Bosco, que sempre anteviu um futuro glorioso para os salesianos. Da mesma forma, não se acentuou o grande poder de consistência, de fidelidade e de dedicação dos primeiros líderes salesianos quanto aos sonhos de D. Bosco, como foram D. Cagliero, D. Lasagna e, para Mato Grosso, sobretudo D. Lasagna e D. Malan.

14.1.3 A atuação do Pe. Firmo Pinto Duarte na preparação das celebrações do Centenário

No mês de julho do ano seguinte, 1993, tendo em vista o início das celebrações do Centenário em Cuiabá, Pe. Firmo idealizou seu projeto grandioso e altamente significativo para se iniciar qualquer festa em comemoração do centenário. Apresentou seu projeto ao Conselho Inspetorial e expôs seu plano na reunião dos diretores. Conforme a ata de 17 de julho de 1993, o conselho aprovou a iniciativa do Pe. Firmo, e estariam todos o incentivando para que esse projeto fosse o marco mais significativo entre todas as propostas de comemorações festivas quanto à celebração do centenário da Inspetoria[4].

Em preparação dos programas gerais do ano de 1994, publicou-se no planejamento inspetorial denominado "Programação – 1994" o item "III – Projetos Celebrativos do Centenário da MSMT" em que se registraram 29 atividades; entre estas, houve uma série delas em que a presença da temática da celebração do Centenário tornava essa atividade inserida no contexto dessa comemoração. Em algumas, tornavam-se necessárias atitudes e providências mais empenhativas, que exigiram o compromisso da inspetoria bem como das comunidades. Entre os itens mais significativos, destacam-se: condecoração "Mérito D. Bosco", diversas publicações sobre a história da Missão Salesiana, divulgação de temas do Sistema Preventivo, Boletim Salesiano Especial sobre a MSMT, mostra fotográfica, vídeos da MSMT e das casas, *outdors* com mensagens educativas e tentativas de publicações sobre a História da MSMT, sobre o trabalho dos salesianos na Meteorologia, biografia de D. Aquino, Diário do Pe. Fuchs, atualização do livro dos salesianos falecidos e outros. Alguns desses projetos resultaram em verdadeiras

[4] Atas do Conselho Inspetorial – 1991-1996, 17/07/1993, p. 113b.

coroas de glórias para a MSMT, como o "Esboço Histórico da MSMT" do Pe. José Corazza, a Vida de D. Francisco de Aquino Corrêa, do Pe. Pedro Cometti, e as publicações sobre meteorologia, pelo Me. Blombed. Repercutiu muito bem nas solenidades comemorativas a entrega da condecoração "Mérito D. Bosco".

Houve empenho por parte de todos para as celebrações manifestarem a alegria e o entusiasmo de todos em evidenciar a grandeza da história construída nesse século de muito trabalho, de muito sacrifício e de muita dedicação de tantos salesianos, quer pelo destaque obtido pelo desenvolvimento das obras, quer pelo trabalho e dedicação comuns. Tudo isso simplesmente sempre foi necessário para sustentar o conjunto de atividades de uma casa, de um colégio, para que a pedagogia e o espírito salesianos se manifestassem com seu grande poder educativo e capaz de gerar tantos brasileiros entusiasmados, comprometidos com a Igreja por serem "Bons Cristãos e Honestos Cidadãos!"

14.1.4 Abertura dos festejos do Centenário em Cuiabá 30/01/1994

Depois de ter seu projeto aprovado pelos diretores das casas da Inspetoria e pelo Conselho Inspetorial, a sua concretização tornou-se uma expectativa para toda a inspetoria e, principalmente, para a comunidade e o povo de Cuiabá. Afinal os salesianos cem anos atrás haviam aportado nessa cidade. Como naquele tempo foram recebidos pelo Presidente do Estado, pelo Sr. Bispo Diocesano e pelos representantes das guarda-civil e militar, acompanhados por uma multidão, proporcional à população da cidade no final do século XIX, agora o projeto do Pe. Firmo Pinto Duarte tinha como arcabouço principal reviver os momentos desse famoso dia 18 de junho de 1894. Em sua abrangência geral, o projeto consistiria em reproduzir quase teatralmente os momentos e a sequência de atos que constituíram as manifestações de satisfação pela chegada dos salesianos.

Pelos inúmeros documentos que registraram todas as iniciativas do Pe. Firmo Pinto Duarte, pode-se calcular o grande zelo pelo envolvimento das autoridades civis, militares e eclesiais para garantir a presença nesse dia magistral. Como grande conhecedor dos costumes e do "jeito de ser chapa e cruz!", cuiabano da gema, Pe. Firmo trabalhou muito e conseguiu emitir cartas e ofícios a todas as autoridades anunciando o evento e convidando-as para estarem presentes nesse dia. Para cada autoridade, ele pensou em algum gesto que as identificasse perante os salesianos que representariam os primeiros missionários que haviam chegado naquele tempo. Devidamente estudadas, a atuação e a entrega de menções ou objetos valiosos como presentes significativos, todas as principais autoridades estavam devidamente

instruídas para esse intercâmbio de significativos presentes e concessões de títulos, tanto do governo, como por parte da Congregação.

De modo particular, Pe. Firmo conseguiu que todas as paróquias, escolas católicas e instituições religiosas da Família Salesiana, mesmo sendo o tempo de férias escolares, fossem incluídas com respectivas representações para participarem do evento, após o devido consenso de cada uma dessas instituições. Um termo simples explicitando o programa dos festejos foi divulgado com antecedência por folhetos, ofícios e pelos meios de comunicação social, em especial, pelos jornais principais de Cuiabá. Esses órgãos de divulgação apresentavam o programa de forma simples:

> No dia 30 de janeiro de 1994 – domingo – relembraremos aqui em Cuiabá a Chegada dos Salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora a Mato Grosso. A comemoração constará de três atos:
> 1º - Procissão fluvial da Vila de S. Gonçalo Velho à Ponte Júlio Muller.
> 2º - Procissão alegórica-religiosa ao longo da Avenida XV de Novembro até o Colégio São Gonçalo.
> 3º - Celebração Eucarística e Coroação da Imagem de Nossa Senhora Auxiliadora.

Em seguida, esse comunicado pedia que todos trouxessem flâmulas, bandeiras e outras modalidades de participar simbolicamente do cortejo. Esse pequeno comunicado foi dirigido a sete instituições, com bastante antecedência dos eventos, justamente no dia 21 de outubro de 1993: S. Gonçalo, Colégio Coração de Jesus, Patronato Santo Antônio, DASA, Escola Paroquial D. Bosco, Escola Estadual Souza Bandeira e delegações de outras cidades.

Além das autoridades do Estado, foi convidado para estar presente o Cardeal Primaz do Brasil, D. Lucas M. Neves. Também em dezembro, o governador do Estado, Jaime V. Campos, nomeou por decreto uma comissão para preparação dos festejo do Centenário. Também, Pe. Firmo, por carta de dezembro de 1993, solicitava ao Pe. Inspetor que providenciasse três presentes significativos para o governador, para o prefeito de Cuiabá e para o prefeito da cidade de Várzea Grande. Ao lado de grande aceitação por parte das autoridades, houve, com oficiais do exército e de outros setores, uma organização especial do esquema do desfile, após o desembarque. Também uma empresa de Turismo havia construído o barco "Pantanal Cinco Estrelas" para o transporte dos salesianos na procissão fluvial do Arraial S. Gonçalo até à ponte Júlio Muller. O esquema discutido e organizado conjuntamente constituiu-se em 30 itens em que sempre aparecia uma faixa indicativa, pessoas desfilando e um carro alegórico; as faixas indicando a identidade de grupos, ou escolas, ou autoridades expressavam sinteticamente a presença salesiana, ou a identidade do grupo. Assim houve o carro alegórico de Miguel Sutil, do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, de D. Bosco, da Família Salesiana, das missões. Entre as

faixas, destacam-se: "Oratório: 1ª Obra de D. Bosco"; "O sonho do Cacique"; "Com suor e sangue foi plantada a obra de D. Bosco" e a última faixa – "Foi Ela quem tudo fez", precedia o quadro de Nossa Senhora e o andor da estátua de Nossa Senhora Auxiliadora fechando o grandioso desfile, conduzido pela Irmandade de Nossa Senhora Auxiliadora da Paróquia S. Gonçalo.

O Boletim Informativo de janeiro-fevereiro de 1994 trouxe a descrição das principais funções ou atos públicos da programação desse evento. Por outro lado, os jornais da cidade apresentaram dias antes reportagens muito sugestivas ao redor dessa comemoração do Centenário da chegada dos Salesianos, e a descrição de como ocorreu toda a programação divulgada, apresentando uma constatação quanto à grandiosa participação popular. Pela introdução do relato do Boletim Informativo da Inspetoria, obtém-se o resumo de toda a programação: "Milhares de pessoas presenciaram a comemoração do Centenário da chegada dos salesianos em terras mato-grossenses. A festa aconteceu no dia 30 de janeiro de 1994, em Cuiabá, com a seguinte programação: procissão fluvial, desfile alegórico e Celebração Eucarística. Nem mesmo a intensa chuva que desabou sobre a cidade de Cuiabá dispersou a multidão de fiéis. No dia 31, dando continuidade às comemorações, seis noviços e uma noviça fizeram a sua primeira Profissão Religiosa. No encerramento, um grande almoço reuniu a Família Salesiana". A solenidade começou com uma procissão fluvial do Arraial S. Gonçalo Velho à ponte Júlio Müller, onde se fez uma reconstituição histórica de 1894. No barco "Pantanal 5 Estrelas", que subiu o rio acompanhado de diversos outros barcos menores, estavam representados os cinco primeiros salesianos a pisarem o solo mato-grossense. Entre eles o Pe. Antônio Malan, representado pelo Pe. João Bosco, Inspetor da Missão Salesiana, e D. Lasagna, que foi representado pelo bispo da diocese de Barra do Garças, D. Antônio Sarto. Milhares de fiéis aguardavam a embarcação na ponte Julio Müller, para seguirem em procissão terrestre até as quadras do Colégio S. Gonçalo. Durante a espera, choveu muito, mas nem assim o pessoal abandonou o local. Todos aguardavam ansiosos, procurando o melhor local para a chegada dos barcos. Muitas autoridades políticas e religiosas estavam presentes, entre elas o Cardeal Primaz do Brasil e Arcebispo de Salvador, BA, D. Lucas Moreira Neves.

Na chegada houve trocas de presentes entre salesianos e autoridades, como aconteceu também em 18 de junho de 1894. Pe. João Bosco ofereceu três quadros do artista plástico Elios Longo de Oliveira: um para o governador Jaime Campos, retratando o sonho de D. Bosco sobre o Paralelo 19: "Brasília, terra da esperança", no centro aparece a Catedral de Brasília, emoldurando o rosto de D. Bosco; outro para o Prefeito de Cuiabá, Dante de Oliveira, retratando a chegada dos Salesianos à cidade; o terceiro foi para o prefeito de Várzea Grande, retratando a cultura e a terra mato-grossense.

Nesse instante o governador do Estado assinou um decreto outorgando a Ordem do Mérito de Mato Grosso, no grau de Grão-Cruz, ao Reitor-Mor, Pe. Egídio Viganó. Essa Ordem é a mais alta honraria do poder executivo do Estado a ser entregue ao Reitor-Mor no dia 25 de abril de 1994, durante sua visita à Cuiabá. Nesse dia a Assembleia será oficializada no salão de atos do S. Gonçalo. Depois de assinar o decreto dessa Ordem, o governador doou a caneta ao Pe. Inspetor.

Depois da entrega de presentes, uma grande procissão percorreu, embora debaixo de muita chuva, a Rua XV de Novembro até o Colégio São Gonçalo. À frente, cerca de 230 índios bororos e xavantes desfilaram ornados à maneira indígena. Tocando chocalhos e cantando, eles arrancaram muitos aplausos do povo presente. Diversos carros alegóricos acompanharam o cortejo, representando a fartura da terra, a oferta do ouro, o oratório, os bandeirantes, o encontro dos salesianos com os bororos e outros. A imagem do Bom Jesus foi levada num carro em forma de barco. Alunos e ex-alunos dos colégios salesianos participaram das comemorações, assim como toda a Família Salesiana. Os fiéis, mesmo se protegendo da chuva, admiravam tudo emocionados; para o povo a festa era linda, maravilhosa e muito bonita. A chuva proporcionou um momento de rara beleza, pois mesmo molhados ninguém perdeu a fé nem o bom humor. A chuva lavou a alma dos presentes.

Protegidos da chuva nas quadras do S. Gonçalo, iniciou-se a Missa Solene presidida por D. Lucas; outros bispos e inúmeros sacerdotes participaram. Foi uma celebração que contagiou a todos presentes. D. Lucas depois afirmou: "esta comemoração interessa a Cuiabá, Mato Grosso e ao Brasil, pois recorda uma verdadeira epopeia, um trabalho indescritível de gente que deu sua vida em favor do próximo. No ofertório, ao lado do pão e do vinho, foram ofertados dons da cultura mato-grossense e dos diversos ramos da obra de D. Bosco. No final, foi coroada a Imagem de Nossa Senhora Auxiliadora pelo Pe. Mário Pellattiero, diretor de Barra do Garças.

A preparação para essa solenidade foi demorada e envolvente em termos de Família Salesiana. Nesse encontro, constataram que grandes personalidades de Mato Grosso estudaram com os salesianos, como o Prefeito de Cuiabá, Dante de Oliveira, que testemunhou: "Eu agradeço muito os conhecimentos que os salesianos me proporcionaram e toda a experiência de vida que eu acumulei. O principal papel deles é colocar a fé dentro da gente, porque sem a fé não existe nada. A fé remove montanhas!"

Ainda coroando os dias de festa, no dia 31 de janeiro, ocorreu a profissão religiosa de seis noviços e uma noviça das Filhas de Maria Auxiliadora. Entre os professos havia um xavante e foi o motivo de se recordar os três salesianos que deram suas vidas para contactar os xavantes: Me. Pelegrino,

Pe. Fuchs e Pe. Sacilotti. Esses dois padres deram suas vidas ao entrar em contato com os xavantes no dia 1 de novembro de 1934.

Ao encerrar as atividades, a comunidade salesiana de Cuiabá ofereceu um grande almoço de confraternização na paróquia S. Gonçalo, onde o maior ingrediente foi a simpatia do povo cuiabano e do pároco que tudo organizara, ele também cuiabano. A presença da quase metade dos salesianos da inspetoria mostrou a grandeza dos eventos. Pe. Firmo Duarte foi o anfitrião da festa e deixou todo mundo à vontade. Segundo ele, foi uma bênção de Deus reunir toda a Família Salesiana na primeira festa desse ano. Pe. Firmo se alegrou com a realização desse evento envolvendo tantas autoridades, tantos fiéis e tantos salesianos. Ao contemplar os salesianos novos, Pe. Firmo se gloriou de poder antever o futuro, pois a alegria desses jovens salesianos o entusiasmou.

Depois de tantas reportagens nos jornais de Cuiabá e de tantos telegramas felicitando os salesianos por essa festa do Centenário, tão gloriosamente planejada e executada, os salesianos se preparavam para receber a autoridade máxima da Congregação no mês de abril, para dar sequência aos festejos planejados. Afinal, depois de cem anos gloriosos de trabalhos, os projetos comemorativos haveriam de mostrar a grandeza desse trabalho realizado pelos salesianos presentes em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Oeste de S. Paulo[5].

Cumpre lembrar que os jornais notificaram as presenças de inúmeros políticos presentes às celebrações comemorativas do Centenário, seja no dia do desfile, seja em outras ocorrências; inúmeros deputados estaduais, vereadores das duas capitais, todos os comandantes do exército, da polícia e membros do poder judiciário se fizeram presentes em todos os atos celebrativos, unindo-se ao conjunto da população imensa que se fez presente em homenagem a D. Bosco, a D. Lasagna, aos salesianos e a Nossa Senhora Auxiliadora. Encerraram-se gloriosamente os festejos de início das celebrações do Centenário, que deveriam ocorrer em outras presenças salesianas da Inspetoria e, em especial, em Cuiabá haveria mais festa por ocasião da vinda do Reitor-Mor, em 25 de abril de 1994.

Depois desses festejos altamente significativos para todos os salesianos, em especial pelos que estiveram presentes nesses dois dias de grandes comemorações, dia 30 e 31 de janeiro de 1994, em Cuiabá, onde quase metade dos salesianos da inspetoria esteve presente, de agora em diante, todos aguardavam os novos tempos de festa para celebrar o Centenário com a presença de D. Viganó, digníssimo Reitor-Mor, para o mês de abril.

[5] Boletim Informativo, jan./fev. 1994, p. 31-42 e Jornais de Cuiabá, diversos.

14.1.5 Comemoração do Centenário com a presença do Reitor-Mor em Campo Grande e Cuiabá: 24-04-1994 a 26-04-1994

A vinda do Reitor-Mor a Campo Grande e depois a Cuiabá foi um fato marcante ao lado da procissão fluvial em Cuiabá no dia 30 de janeiro de 1994 para se comemorar com grande esplendor o Centenário da chegada dos Salesianos a Mato Grosso.

Conforme foi registrado no Boletim Informativo de abril de 1994, D. Egídio Viganó chegou a Campo Grande na manhã do dia 24 de abril; às 9h45 os salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, alunos do Colégio D. Bosco, autoridades civis e eclesiásticas aguardavam a chegada de D. Viganó no aeroporto. Foi muito aplaudido e, na saída do aeroporto, a Banda do Colégio D. Bosco se apresentou com músicas de boas-vindas. Em seguida na sede inspetorial, ocorreu um encontro com os salesianos, sacerdotes, coadjutores, pós-noviços, noviços, tirocinantes e estudantes de teologia. A todos D. Viganó falou sobre Espiritualidade, vitalidade da Congregação, dedicação aos pobres e sobre a formação. O almoço ocorreu na Chácara S. Vicente; todos estavam à vontade, inclusive o Reitor-Mor. Ao final houve o bolo comemorativo do centenário e dos 50 anos da Chácara S. Vicente. Na tarde do dia 24, D. Viganó se reuniu com a Família Salesiana no auditório da UCDB. Houve manifestações de todos os ramos da Família Salesiana e, ao finalizar sua preleção, D. Viganó incentivou a todos a se manterem fiéis ao carisma salesiano, com a características da iniciativa e da criatividade diante dos desafios dos tempos atuais. Depois D. Viganó foi presidir a celebração eucarística na Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora para uma igreja completamente lotada de jovens e de membros da Família Salesiana. Afirmou, em sua homilia, que D. Bosco fora escolhido para educar e defender a juventude e esta seria a função e o papel dos grupos da Família Salesiana.

Para encerrar o dia, ocorreu um jantar na casa Inspetorial com autoridades, em especial com a presença do Governador do Estado, Dr. Pedro Pedrossian, e vários salesianos. O jantar foi servido com requinte e muito gosto ao seleto grupo. Houve troca de presentes e foram homenageadas várias autoridades presentes a esse encontro. O noticiário retratou a palestra especial do Reitor-Mor aos salesianos no encontro do dia 25 e, na UCDB, houve a sua intervenção publicada com o tema: "Nova Educação à Luz da Nova Cultura e Nova Evangelização". Essa palestra foi dirigida a estudantes e professores universitários. Em seguida, partiu para Cuiabá para continuar as festividades do Centenário.

Em Cuiabá, foi recebido com a presença de inúmeras autoridades e pelos salesianos da cidade. Em seguida, partiu para a Chapada dos Guimarães para a bênção da Casa dos Sonhos. Depois dessa inauguração e do almoço

servido pelos cooperadores de Cuiabá, em que todas as comidas características do local foram servidas, na sobremesa foi servido um bolo pelo aniversário do Pe. João Bosco, Inspetor. No retorno para Cuiabá, havia mais de 1700 alunos, do período da tarde, nas arquibancadas da quadra para recepcionar o Reitor-Mor. Este saudou a todos e os animou com palavras de D. Bosco. Depois foi se preparar para a celebração eucarística com a grande presença da família salesiana, alunos e fiéis para a comemoração do Centenário. Falou do amor e da dedicação à Maria Auxiliadora em toda a vida de D. Bosco; encerrou afirmando que foi sob a proteção de Maria que D. Bosco pôde conhecer e prosseguir em sua vocação de amigo dos jovens.

À noite, no salão de atos "Dom Malan" do Colégio S. Gonçalo, ocorreu a solenidade para que o Reitor-Mor pudesse receber do próprio governador a maior honorificência que o executivo pode, no Estado, conferir a uma pessoa: a "Ordem do Mérito de Mato Grosso" no grau de Grã-Cruz. Essa distinção já fora aprovada e concedida no dia 30 de janeiro por ocasião da chegada dos barcos que encenaram a chegada dos salesianos a Cuiabá pela primeira vez. Nesse momento, no salão de atos do S. Gonçalo, o governador depois de dirigir ao Reitor-Mor palavras de elogios, reconhecimento pelo trabalho dos salesianos no Estado, na cidade de Cuiabá, fez a outorga da honorificência em meio a uma aclamação entusiástica. Ao fazer uso da palavra, D. Viganó enalteceu também o trabalho dos salesianos e agradeceu na pessoa do Governador Jayme Campos a todos colaboradores e autoridades que reconhecem o mérito do trabalho educativo dos salesianos. A sessão foi marcada por vários e seletos números de cantos e danças regionais em homenagem ao Reitor-Mor e autoridades presentes.

Na manhã do dia seguinte, houve a solene abertura das Olimpíadas do S. Gonçalo. Antes do desfile, o Reitor-Mor dirigiu breves palavras à multidão de estudantes, todos identificados por camisetas, faixas e balões para o festivo desfile de abertura desses jogos, pelas ruas da cidade. Era uma solenidade aguardada por todos, uma cerimônia já tradicional no colégio. Muita festa, alegria e músicas marcaram a aclamação de todos ao final das palavras de entusiasmo do representante de D. Bosco.

O último ato da presença de D. Viganó na Inspetoria foi a cerimônia na Paróquia S. Gonçalo de agradecimento a Deus pelo Centenário da chegada dos Salesianos a Cuiabá; houve o cântico do Te Deum com a presença dos salesianos e dos alunos da escola paroquial e, com a despedida com a bênção do Santíssimo Sacramento, encerrou-se a visita do Sucessor de D. Bosco para a comemoração dos cem anos de presença dos salesianos nesse território. A presença de D. Viganó entusiasmou a todos e devolveu a força do carisma salesiano para todos: salesianos, leigos e membros da Família Salesiana. Tendo sido singular, bem preparado, esse fato foi muito significa-

tivo e importante na comemoração dos cem anos da chegada dos salesianos a Cuiabá[6].

As comemorações do Centenário prosseguiram em cada comunidade em modalidades mais simples, mas expressivas quanto à celebração histórica. O conjunto de celebrações e da presença de tantas autoridades ao lado do Reitor-Mor foi altamente importante para realçar o significado à comemoração e mostrar a grandeza da atuação dos salesianos em toda a região de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e no oeste de S. Paulo. Alegria e entusiasmo para todos, pois as comemorações suscitaram sentimentos de grandiosidade dos feitos dos salesianos nessa região pelo engrandecimento e implantação do Reino de Deus aqui.

14.1.6 Iniciativas significativas e festas comemorativas do Centenário em algumas comunidades

Depois do início dos festejos de comemoração do Centenário com a grande manifestação de apreço aos salesianos em Cuiabá, pela presença de autoridades eclesiásticas, sociais e políticas, houve ainda, em abril, a centralização das atenções nas celebrações com a presença de D. Viganó em Campo Grande e em seguida em Cuiabá. Foram momentos culminantes nos festejos comemorativos do Centenário. Porém, se examinarmos os documentos memoriais, houve outros atos celebrativos e comemorativos que enalteceram com competência a força do trabalho das comunidades salesianas nesse imenso território de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Oeste Paulista.

Justamente convém mostrar alguns que se tornaram importantes não tanto pela capacidade de congregar multidões, mas foram significativos para as comunidades salesianas em sua região ou cidade. Em primeiro lugar, convém citar duas obras que foram preparadas e publicadas narrando a história da Inspetoria. Trata-se de dois trabalhos do Pe. José Corazza; o primeiro saiu como livro: "Esboço Histórico da Missão Salesiana de Mato Grosso", editado em 1995 pela própria inspetoria. São 200 páginas de relatos e notificações dos principais trabalhos dos salesianos nesse espaço de cem anos em todo o território da Inspetoria. Sempre foi e será uma referência histórica para estudiosos e para o conhecimento histórico da Missão Salesiana para as novas gerações de salesianos. Consegue mostrar com justiça a força e a grandeza do trabalho realizado pelos salesianos, que, entusiasmados pelo espírito de S. João Bosco, souberam traduzir o carisma dele em obras para acompanhar a formação dos jovens dessa região.

[6] Boletim Informativo, abr. 1994, especial, p. 3-37.

O segundo fato muito significativo consiste na série de relatos históricos sobre cada obra da inspetoria e sobre a grandiosa personalidade de D. Luiz Lasagna. Nesses textos publicados em séries, como encaixe nos Boletins Informativos da Inspetoria no ano de 1994, Pe. Corazza completa sua obra em que consegue historiar as origens e o desenvolvimento das paróquias, dos colégios, das colônias missionárias, das casas ou paróquias mais isoladas em que, por algum tempo, residiram os salesianos. De forma simples, mas competente, ele completa sua narrativa histórica a respeito das obras e das atividades educativas, pastorais e missionárias dos salesianos nesse período de cem anos. Esse conjunto de escritos, unidos ao conjunto de publicações sobre D. Luiz Lasagna e sobre as histórias das origens de algumas comunidades, devem ser unificadas em uma publicação apropriada. Ao lado dos escritos do Pe. Corazza, todos publicados nesse ano de 1994, no Boletim Informativo, foram publicadas várias entrevistas com salesianos insignes e cuja vida e trabalho geraram conhecimentos e estudos significativos para a compreensão mais detalhada do trabalho dos salesianos. Essas entrevistas, unidas ao conjunto de escritos do Pe. Corazza, constituem-se em um material de cunho histórico e elucidativo para a compreensão da magnitude e dos traços mais significativos da vida salesiana na Inspetoria nesses cem anos de uma significativa história como presença salesiana.

Em comemoração do Centenário da presença salesiana em Mato Grosso, a Inspetoria propôs ao Boletim Salesiano editado no Brasil uma edição especial para o ano de 1994. Esse número do Boletim Salesiano, distribuído pelos salesianos do Brasil todo, expressou e relatou as grandes realizações dos salesianos da Inspetoria de Mato Grosso em todos os setores de suas atividades. Porém, em primeiro lugar, apresentou uma trajetória histórica das atividades dos salesianos. Ao lado dessa perspectiva histórica em que alguns salesianos sobressaíram e foram lembrados, como D. Luiz Lasagna, D. Malan, D. Aquino, Pe. Carletti, Pe. César Albisetti e muitos outros, através de uma entrevista com o salesiano brasileiro pesquisador do Instituto Histórico de Roma, retrataram, para sintetizar o desenvolvimento, os diversos passos da história da atividade missionária dos salesianos entre os Bororos e Xavantes. O pesquisador Pe. Ferreira, de posse dos dados mais antigos, expôs em suas respostas a grandeza da atividade missionária, tanto dos renomados salesianos, como Pe. Bálzola, Pe. Colbacchini e outros anônimos, mas verdadeiros heróis no trabalho diário em viagens intermináveis de carro de bois, tropas ou velhos caminhões antigos, ou em trabalhos de lavouras e cultivo de gado para a sustentação das presenças missionárias.

O Boletim apresenta depois o grande esforço dos salesianos da atualidade que trabalham entre os índios, para se estabelecer o valor da cultura indígena como tal, pelo processo constante de inculturação. Esse processo se

verifica sobretudo nos rituais da liturgia e nos processos de conservação dos valores tribais, em especial os rituais consistentes para a devida conservação da língua e dos processos de consolidação cultural. Apresenta o valor e a função importante da escola nas aldeias, da presença do Projeto AMA para a conservação das estradas e na manutenção da luz elétrica e da água potável. Dentro da perspectiva da educação indígena aparecem os novos pesquisadores em língua xavante e a tradução do Novo Testamento para a língua Bororo.

O Boletim apresenta também outras atividades importantes dos salesianos nessa região: bons e consistentes colégios, atendimento pastoral nas paróquias em quase toda a região desde o início do século XX, e por fim mostra a progressividade e a ousadia dos salesianos no setor educativo ao fundar a primeira faculdade particular em 1961 e, ao completar os cem anos de presença, esses mesmos salesianos que ousaram no ensino universitário para a região, em 1993, fundaram a primeira universidade salesiana do Brasil, a Universidade Católica D. Bosco de Campo Grande.

Também o Boletim Especial apresenta dois outros setores de grandes passos dados pelos salesianos no atendimento dos menores mais carentes; surgiram várias obras de assistência especial aos menores. Essas obras perduram até os dias de hoje e já contribuíram para a educação preventiva de muitos menores em diversas cidades dos dois Estados, MT e MS. Nesse mesmo ritmo, houve sempre grande atividade quanto aos oratórios festivos em todas as presenças da Inspetoria.

Outro setor muito bem apreciado pelos salesianos e que obteve grande receptividade foi o trabalho tipicamente salesiano com os jovens; a pastoral juvenil através de Jornadas, de Encontros e de outras atividades, sempre presente como ponto de referência para o engajamento juvenil na pastoral. Assim surgiram os "Intercâmbios", os retiros universitários, o grande movimento dos "Acólitos e Leitoras" como grupos bem definidos nas celebrações litúrgicas e outros grupos de animação nos colégios ou no ensino superior.

Por fim, o Boletim Especial apresenta o trabalho imenso e consistente das duas Inspetorias das Filhas de Maria Auxiliadora. Elas sempre estiveram presentes nas missões e cumpriram com sua missão na formação das mulheres indígenas e no setor educativo e escolar. Foram o amparo constante ao trabalho dos salesianos nas missões e em outras atividades como um serviço grandioso prestado nas casas de formação dos futuros salesianos. Sempre mantiveram o espírito salesiano ativo em oratórios e nos hospitais. O Boletim retrata o grandioso trabalho das FMA no Hospital S. Julião de Campo Grande, especializado em acolher e tratar os portadores de hanseníase.

Para completar o quadro de atividades, o Boletim Especial retrata o grande e altamente consistente trabalho dos salesianos nas Paróquias. Desde o início do século, os salesianos atenderam as paróquias do grande Estado

de Mato Grosso; depois passaram a atender também os povoados da Prelazia imensa de Guiratinga e todo o interior e sul do Estado. Os sacerdotes realizavam viagens de desobrigas durante mais de três meses para atender a todos. No sul do estado, as primeiras paróquias das pequenas cidades do estado foram fundadas e assistidas sempre pelos padres salesianos que viajavam continuamente desde Ponta Porã até Três Lagoas, ou de Cuiabá, Coxim, Campo Grande e Corumbá. Foram expressivamente construtores e edificadores da Igreja nesse imenso território. Assim O Boletim Salesiano Especial de 1994 retratou com muitas fotos, a vida dos salesianos, expressivamente caracterizada por seus empreendimentos e pelo constante trabalho para a edificação da Santa Igreja entre os índios e entre os habitantes desses dois estados, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso[7].

Nesse Boletim pouco expressivamente foram apresentadas as viagens pelos rios Araguaia e Rio das Mortes em busca dos primeiros contatos com os terríveis xavantes, um passo pastoral que custou a vida dos salesianos Pe. Fuchs e Pe. Sacilotti e do Me. Pelegrino; e mais recentemente o atendimento pastoral ribeirinho, mesmo entre os índios javaés e carajás, realizado por alguns salesianos que estavam radicados mais ao extremo norte da Inspetoria.

Ainda como parte do conjunto de iniciativas para as celebrações ou atos para comemorar o Centenário, o Centro de Pastoral da Inspetoria apresentou um vídeo muito bem preparado e estruturado para mostrar com animação as atividades de cada presença da Inspetoria. Durante dez minutos, conseguiram, por meio de imagens e de declarações, sintetizar as atividades de quase todas as presenças. Foram, nesse vídeo, realçadas as obras mais significativas quanto ao espírito salesiano. Foi distribuído e mostrado nos principais eventos das comemorações. Soube testemunhar com rapidez a grandiosidade do trabalho dos salesianos nas presenças, nas obras da Inspetoria.

Houve alguns fatos importantes nesse ano de 1994; entre eles aponta-se a iniciativa da Assembleia Legislativa de Mato Grosso ao conceder o título de Cidadão Mato-grossense a 15 membros da Família Salesiana, entre eles: D. Sarto, Pe. Pancot, Pe. Firmo, Pe. Giaccaria, Pe. Clemente, Pe. Sanchez, Me. Blombed, Me. Rocchi, Ir. Darci. Os títulos foram outorgados no dia 16 de agosto de 1994.

Em Campo Grande, ocorreu o primeiro Congresso de Jornadistas, com o lema: "Alegres seguiremos a Cristo na Igreja e com D. Bosco". Esse congresso ocorreu nos dias 2-4 de setembro com jovens jornadistas de Campo Grande e de Corumbá. Foram dias de grandes experiências e de vivência de

[7] Boletim Salesiano – número especial – Centenário da Presença Salesiana em Mato Grosso – 1894-1994, p. 3-42.

intenso espírito salesiano para os mais de duzentos jovens que participaram desse grandioso evento[8].

No final do ano de 1994, o Boletim Inspetorial apresentou, por ordem alfabética, todas as casas e o modo como essas casas encontraram sua maneira especial de celebrar o Centenário da Inspetoria. Entre as casas, algumas tiveram iniciativas muito eloquentes quanto ao Centenário ou ao Espírito de D. Bosco. Assim foi nomeado o Colégio D. Bosco de Campo Grande, onde se organizaram os jornadistas em nove equipes diferentes. Nessas equipes, cerca de 400 jovens se encontraram na amizade cristã, na participação da Eucaristia e no serviço ao próximo e aos jovens através de rádio, teatro, música, missa na televisão, oratórios e trabalhos missionários nas escolas estaduais.

Na Chácara S. Vicente, houve encontro de ex-alunos; em Cuiabá, houve a grandiosa procissão do dia 30 de janeiro de 1994; em Meruri, foi entregue a Comenda ao Mérito D. Bosco para D. Agripina, uma voluntária leiga com 57 anos de dedicação ao povo bororo. Em Sangradouro, foi aprovada e entrou em funcionamento a Escola Indígena de Magistério; 47 alunos xavantes terminaram o primeiro ano. A colaboração da UCDB foi indispensável para o êxito dessa nova escola. Em Três Lagoas, o destaque do ano de Centenário foi o número de pessoas que participaram da catequese para jovens e crianças; somente na matriz foram mais de 750 os participantes[9].

Na casa salesiana da Lagoa da Cruz, houve duas comemorações importantes nesse ano. A primeira ocorreu com um solene almoço na quadra nova, Centro Esportivo São Domingos Sávio. Esse almoço contou com a presença do Reitor-Mor D. Egídio Viganó e do Pe. João Bosco, inspetor. No almoço solene, os aspirantes tocaram e cantaram músicas próprias, que conseguiram tornar o clima muito familiar. Todos estavam à vontade, em especial, D. Viganó. Depois do almoço houve momentos de muitas fotos ao lado do Reitor-Mor, mas houve também um belo bolo de aniversário para comemorar alguns fatos: Centenário da MSMT, 50 anos da Chácara S. Vicente, 1944-1994 – a presença de D. Viganó e os 49 anos do Pe. João Bosco[10].

O segundo fato importante nesse ano na Lagoa da Cruz consistiu no encontro especial, nos dias 23 e 24 de setembro de 1994, para o grupo de salesianos mais idosos, ou da "terceira idade". A finalidade foi relembrar, mostrar os fatos e recordações da História da Inspetoria. A maior parte relatou suas experiências de vida, e confirmaram outras narrativas sobre os tempos antigos de trabalho nas comunidades salesianas. "Terminamos o encontro ufanos de ser salesianos e agradecemos, todos os dias, a Deus e Àquela quem

[8] Boletim Informativo, set./out. 1994, p. 12.
[9] Boletim Informativo, nov./dez. 1994, p. 11-14.
[10] Boletim Informativo, abr. 1994, p. 7 – D. Viganó-D. Bosco entre nós.

tudo fez!" Assim encerrou o relato desse glorioso encontro dos salesianos de mais idade na Lagoa da Cruz para comemorar o Centenário da Inspetoria[11].

Desde o início do ano de 1994, fora aprovada pelo Conselho Inspetorial, de junho, que a Comenda em comemoração do Centenário, denominada "Mérito D. Bosco", fosse concedida a leigos que se tornaram muito importantes para as casas através de trabalhos e de serviços prestados, simplesmente como colaboração para com os salesianos ou para com os destinatários das comunidades. Essa comenda foi outorgada a médicos e a outros doutores que auxiliaram sempre os salesianos nas missões ou em atendimentos sempre gratuitos para com os salesianos. Cada casa indicou seus candidatos que, sendo aprovados pelo Centro Inspetorial, receberam essa medalha cujo título foi muito significativo como expressão da gratidão e do reconhecimento por parte dos salesianos, e, por méritos, as bênçãos de Deus por intercessão de S. João Bosco. Foi o distintivo singular do ano essa medalha designada de "Mérito D. Bosco", como expressão da gratidão e reconhecimento dos trabalhos prestados por essas pessoas.

14.2 Alguns fatos importantes na inspetoria nesse tempo

Como história em tempo de construção, alguns fatos podem e devem ser relembrados pela sua força de falar e expressar o carisma salesiano. Nesse item, vamos nos ater a três personagens que, por sua vida e sua dedicação, falaram muito alto quanto ao carisma e quanto ao trabalho como salesianos.

O primeiro a ser lembrado é o Pe. João Crippa. Este chegou aqui como missionário; trabalhou em Campo Grande como auxiliar de pároco e viveu em condições extremas. Sua vida está concatenada com a Igreja S. José, que teve como início a "capelinha" que servia para acolher os oratorianos. Desde 1927, que o Pe. Crippa batalhou para obter um ambiente bom para acolher os meninos. Segundo o Pe. Corazza, "o oratório torna-se o centro da cidade para onde se dirigem os jovens e as crianças". Depois deixou Campo Grande e foi enviado para Miranda. Retornou a Campo Grande mais tarde e permaneceu no Oratório S. José. Em 1938, foi colocada a pedra fundamental da Igreja, que somente em março de 1949 seria inaugurada. Em 1940, exausto e doente, Pe. Crippa foi transferido para Três Lagoas, onde foi cuidado pelas Filhas de Maria Auxiliadora no hospital. Faleceu em 1941, com quase 80 anos de idade. Seus restos mortais hoje repousam na Igreja S. José. Sempre foi muito estimado e lembrado em Campo Grande por sua dedicação ao povo e ao oratório[12].

[11] Boletim Informativo, nov./dez. 1994, p. 18-19.
[12] Boletim Informativo, jul./ago. 1991, p. 17-20.

Outro fato importante para a inspetoria foi a proclamação, no dia 5 de dezembro de 1991, da introdução da causa de beatificação do bispo salesiano D. Antônio de Almeida Lustosa. Para a inspetoria ele se tornou muito importante ao batalhar junto ao inspetor para a aquisição do Colégio Pestalozzi em 1929. Em 1930, os salesianos tomaram conta do colégio que passou a ser conhecido como Colégio D. Bosco de Campo Grande e que, até os dias de hoje, tem sido uma referência para os salesianos e para o povo do Estado de Mato Grosso do Sul. A insistência de D. Lustosa, então bispo de Corumbá, para que os salesianos adquirissem o colégio em Campo Grande, foi marcante pela intuição e pelo vislumbre de um futuro glorioso para a presença dos salesianos em Campo Grande e no Estado todo. "Que esta causa vá para frente, pois ele sempre foi um filho ardoroso de nosso grande Pai S. João Bosco!"[13].

O terceiro salesiano que se tornou exemplar por sua escolha missionária chama-se Pe. Gino Fávaro, que viera como estudante para a Inspetoria de Mato Grosso. Aqui foi ordenado, trabalhou no colégio Ginásio Pe. Carletti de Alto Araguaia com alunos e animador da pastoral juvenil da paróquia. Depois foi diretor do Colégio D. Luiz Lasagna por vários anos e conseguiu construir um ambiente muito típico salesianamente. Mas, animado pelo projeto "África", lançado por D. Viganó, deixou essa região para onde viera como missionário e decidiu ir trabalhar na África, precisamente em Angola. Foi e encontrou-se muito bem nesse novo trabalho entre os angolanos[14].

Outro fato significativo para o ano de 1992 foram os festejos de 50 anos do Colégio D. Henrique Mourão; Pe. Giulio programou uma série de comemorações, entre elas, o lançamento de uma revista histórica e de um álbum fotográfico. Dois fatos promoveram a alegria da casa depois que o Pe. Giulio foi para lá: fundação do EFA, escola de formação e aperfeiçoamento para alunos das séries ginasiais das escolas públicas. Três vezes por semana esse inúmeros alunos recebiam aulas e atividades educativas. O entusiasmo era grande, em especial dos professores e do Me. Fernando, que se tornou amigo de todos eles. Outra atividade que superou as expectativas foi o oratório dominical, nesses tempos, frequentado por mais de 300 crianças e jovens para se divertirem nos jogos e na piscina. A animação da comunidade salesiana por essas atividades indica o grau de animação salesiana de todos eles, além dos funcionários e professores[15].

Nesse ano, houve, por parte do Ecônomo Inspetorial, a tentativa de sensibilizar a todos do Conselho Inspetorial para que a MSMT tivesse um esquema de um "planejamento estratégico" sempre como maneira de se pro-

[13] Boletim Informativo, nov./dez. 1991, p. 3.
[14] Boletim Informativo, nov./dez. 1991, p. 40-41.
[15] Boletim Informativo, mar./abr. 1992, p. 10-11.

gramar um pouco as ações e intervenções do futuro próximo. Ocorreu como estudo sua exposição aos membros do Conselho inspetorial no início do ano de 1992. Outro fato interessante nesse ano foi o trabalho do Projeto AMA, que preparou o terreno para a futura "Casa dos Sonhos" no terreno adquirido pelo S. Gonçalo. Esse projeto visou à possibilidade de encontros de salesianos e, mais tarde, de jovens também[16].

Ainda nesse ano dois acontecimentos foram importantes para a Inspetoria: o Congresso Nacional dos Cooperadores, ocorrido em Campo Grande, Lagoa da Cruz, nos dias 24, 25 e 26 de julho de 1992; estiveram presentes comissões de todas as inspetorias; nessas representações, a novidade foi a presença de jovens cooperadores. Eram mais de 300 participantes. Foi um encontro importante para estudos e trocas de experiências entre os vários grupos. A animação pelo espírito salesiano entusiasmou a todos.

O fato final do ano que marcou história ocorreu em Cuiabá; o governo do Estado para homenagear a D. Aquino, através do decreto de 17 de setembro de 1992, criou um prêmio com seu nome, a "Ordem do Mérito Educacional D. Francisco de Aquino Corrêa". Essa ordem terá como finalidade agraciar personalidades nacionais e estrangeiras que se destacarem na área educacional do Estado. O governador declarou que escolheu D. Aquino por sua formação internacional e por sua trajetória de vida no Estado e na Igreja e por ser salesiano e, quando diretor do S. Gonçalo, foi um exímio educador conforme as normas do Sistema Preventivo de S. João Bosco. Seu exemplo de vida dispensa qualquer julgamento quanto ao seu mérito e valor como educador[17].

Também algumas melhorias nas casas salesianas marcaram o ano de 1993: o reinício do noviciado no início de fevereiro com seis noviços; o primeiro ano de aulas da UCDB nos prédios novos no campus, precisamente no dia 8 de fevereiro de 1993; o início da construção da nova residência para os salesianos em Lins; o novo prédio em Coxipó, que permitiu novas salas de aula e nova postura no colégio. Relevante destaque no setor da formação foi o "reinício" das atividades no Noviciado em Indápolis, tendo seis noviços para que se reiniciasse a atividade dessa etapa de formação na Inspetoria.

A partir do início de 1993, Pe. José Carlos de Lima foi designado como responsável pela animação e acompanhamento dos grupos da Família Salesiana. Liberado de qualquer outro encargo, viajava para visitar as presenças salesianas e, com um programa bem estudado, promovia uma animação especial de todos os segmentos da FS com palestras, estudos e retiros especiais para cada grupo. Foi um trabalho muito significativo a ponto de toda a

[16] Boletim Informativo, ago./set. 1992, p. 17.
[17] Boletim Informativo, dez. 1992, p. 46-47.

inspetoria reconhecer o quanto foi valiosa essa presença de animação nas comunidades. O reconhecimento desse trabalho redundou em sua eleição como representante dos irmãos para o Capítulo Geral.

Outra notícia digna de nota apresentada no Boletim Informativo de julho-agosto: o falecimento do último "familiar" que havia na Inspetoria, Sr. Cirilo. Este passou quase 50 anos em Alto Araguaia no Colégio Pe. Carletti, como voluntário leigo trabalhando onde fosse necessário: dispensa, cozinha, almoxarifado, refeitório. Pe. Nelson Pombo, que com ele conviveu por muitos anos, afirma que a MSMT deve ao Sr. Cirilo os bons exemplos de piedade, pobreza, castidade, obediência e trabalho. Deixou saudades e um belo exemplo de vida!

Outro fato muito significativo desse ano ocorreu em Cuiabá: o VIII Congresso dos Cooperadores, que contou com representantes dos nove grupos existentes na Inspetoria; lá estiveram presentes 120 participantes. O tema "Espiritualidade e Missão dos Leigos hoje" foi bem discutido, em três dias de profundo, intenso e bonito trabalho em clima de alegria salesiana, otimismo e intenso calor humano[18].

No ano seguinte, dois acontecimentos marcaram a atuação dos salesianos em suas comunidades: a inauguração da nova residência para os salesianos da comunidade de Lins, no dia 31 de agosto, com afluência de salesianos e amigos. Depois da bênção da nova residência, foi oferecido um bom churrasco para todos. O segundo fato que marcou a presença salesiana ocorreu em Três Lagoas. Houve a festa de comemoração dos 70 anos da presença salesiana nessa cidade. Pe. Corazza, em três páginas, resumiu a história da casa de Três Lagoas citando o nome de todos os párocos desde que o primeiro bispo de Corumbá, D. Cirilo de Freitas, desmembrou-a da paróquia de Sant'Ana do Paranaíba. Os salesianos estiveram sempre presentes e atenderam a população da cidade e arredores em sua atividade pastoral. Durante o tempo em que Pe. Ariento Domenici foi pároco de lá, 1976-1981, ele preparou tudo para que o primeiro bispo, D. Geraldo Magela, tivesse uma acolhida digna e a diocese fosse bem instalada. Houve muitos salesianos dedicados que se tornaram sempre lembrados pelos fiéis e pelo povo em geral da cidade[19].

No início do ano de 1995, houve a nomeação do Pe. João Zerbini para bispo de Guarapuava no Estado do Paraná. No Boletim Informativo de janeiro desse ano, foi publicada uma resenha histórica, explicativa também, da presença dos salesianos da Inspetoria do Sul na cidade de Porto Murtinho. Os salesianos do sul dirigiram-se para essa cidade e lá permaneceram até o início de 1975, quando o Pe. Sigmundo Tarnowski foi transferido para Bagé,

[18] Boletim Informativo, jul./ago. 1993, p. 21.
[19] Boletim Informativo, maio/jun. 1993, p. 19-22.

RS. Mas o historiador Pe. José Corazza deixou nesse artigo a relação de todos os salesianos que por lá passaram para atender o povo da cidade, desde os primeiros tempos, em 31 de agosto de 1921, quando para lá se dirigiu o Pe. Hipólito Chovelon. Desde essa data até a chegada dos salesianos do sul, sempre os párocos salesianos da região atenderam essa cidade com sua presença pastoral e atividades de sempre na vida da igreja local[20].

Outros fatos do ano de 1995 foram muito significativos para a Inspetoria; no início do ano, no dia 11 de março, houve a primeira aula do curso de teologia para leigos no Colégio D. Bosco de Campo Grande. Eram mais de 80 alunos. O curso, de nível universitário, objetivava contribuir para a formação em profundidade dos leigos engajados em trabalhos ou serviços da Igreja.

Ao lado desses acontecimentos entusiasmantes, houve a notificação da morte de D. Egídio Viganó no dia 22 de junho de 1995; deixou muitas lembranças e grandes realizações em prol da Congregação devido às suas posturas de grande teólogo que estivera como assessor dos bispos no Concílio Vaticano II. D. Viganó esteve visitando a Inspetoria de Campo Grande em duas ocasiões; a última fora em abril de 1994, para comemorar o Centenário da presença dos salesianos em Mato Grosso.

Duas outras notícias completam os grandes eventos desse ano de 1995; o primeiro, a homenagem que o governo do Estado conferiu ao Pe. André Capelli. Por decreto a Rodovia MS-276, que liga a Br-163 à cidade de Deodápolis, recebeu o nome de "Rodovia Padre André"; essa rodovia tem a extensão de 47 km. Pe. André esteve nessa região desde 1956 e dedicou todas as suas energias ao progresso humano, social, religioso e científico da região lavoureira. Essa denominação foi um pedido dos trabalhadores rurais da região onde ele sempre exerceu grande liderança, na agricultura, na implantação de novas culturas na região bem como nos temas sociais, políticos e religiosos.

O segundo fato muito importante para a Inspetoria e para a Congregação refere-se à publicação do livro do Pe. José Corazza: "Esboço Histórico da Missão Salesiana de Mato Grosso – MSMT". Pe. Corazza aliou conhecimento e pesquisa para retratar nesse livro o resultado e a história da presença dos Salesianos em Mato Grosso; traz a marca de seu testemunho de salesiano devotado e de seu amor à Missão Salesiana de Mato Grosso[21].

Ao fechar o tempo de governo no ano de 1996, alguns acontecimentos foram muito importantes para a vida dos salesianos e da Inspetoria. A primeira notícia portadora de consolação e de consistência da congregação foi a chegada da notícia da escolha do novo Reitor-Mor. Para exercer o mandato de vários anos, foi escolhido no dia 20 de março de 1996, o Pe. Juan Vecchi,

[20] Boletim Informativo, jan./fev. 1995, p. 34-36.
[21] Boletim Informativo, mar./abr. 1995, p. 16; maio/jun. 1995, p. 28; nov./dez. 1995, p. 6.

argentino que chegara ao governo central por convite de D. Viganó. Este era conhecido por todos os salesianos da inspetoria, pois estivera aqui anteriormente como Visitador Extraordinário. Todos auguram bom governo ao novo Reitor-Mor.

No início desse ano, também foram lembrados com muita alegria e festas os 90 anos da Missão de Sangradouro; o Boletim Informativo apresentou a seguinte reportagem:

> Sangradouro – noventa anos. A fazenda de Sangradouro tinha 20.000ha, pertencia ao Dr. Joaquim Manoel dos Santos, médico e amigo dos salesianos, muito estimado em Cuiabá. Em março de 1906, Pe. Manoel de Oliveira, mais tarde bispo, na ausência do Pe. Malan, compra a fazenda Sangradouro por 40.000 contos de réis. No dia 24 de maio do mesmo ano, Pe. João Bálzola e o coadjutor Domingos Minguzzi tomam posse de Sangradouro com o nome de Colônia São José. Na época, Pe. Bálzola era o diretor dos Tachos. – Fatos notáveis da história de Sangradouro – Em março de 1907 começam a chegar os primeiros bororos e, em 1908, uns 67 deles se fixam na fazenda. Em dezembro do ano seguinte, falece o primeiro salesiano no local, Pe. Rafael Traversa, que foi o primeiro diretor da Colônia. Em julho de 1911, passa no local o tenente Coronel Cândido da Silva Rondon. No mesmo ano, chegam as primeiras Filhas de Maria Auxiliadora. Em 1912, há uma epidemia de sarampo, quando muitos índios morreram e os que sobram vão embora. Dr. Morbeck passa por aqui em 1914, com uns 200 homens, os salesianos fogem e quase tudo é roubado e destruído. Em 1918, começa o internato para meninos e meninas da redondeza. Em 1919, a casa de sapé dos salesianos dá lugar à casa de alvenaria, primeira visita do inspetor. No dia 1º de abril de 1923, instala-se o Posto de Meterologia. Em 1925, a primeira visita do Administrador Apostólico D. Couturon. O primeiro caminhão é adquirido pelo Pe. Miguel Curró, em 1925. Em dezembro de 1926, passa por aqui Carlos Prestes com sua coluna de uns 300 homens, todos fogem, e a Colônia é saqueada e devastada. Em 1938, Sangradouro torna-se a casa de férias para os estudantes de Filosofia e Teologia da Inspetoria. Em 1952, começa a construção da igreja, que foi inaugurada em 1956, festa do cinqüentenário. Em 1957, chegam os xavantes; eram uns 60. Em 1959, fecha-se o internato. Em 1971 chega a Operação Mato Grosso. No dia 24 de maio de 1996, festejamos os 90 anos da chegada dos salesianos a Sangradouro. Tivemos a preparação feita pelos xavantes e bororos que coincidiu com a novena de Nossa Senhora Auxiliadora. No dia 24, acordamos ao som da banda dos bororos de Meruri. Às 8,00 horas tivemos a Santa Missa de Ação de Graças presidida por D. Antônio Sarto, concelebrada por doze sacerdotes [...] Depois houve apresentações e festas [...] Foi uma tarde muito bonita. Terminamos à noite com uma procissão luminosa de Nossa Senhora Auxiliadora, bem participada pelos bororos e xavantes.[22]

[22] Boletim Informativo, maio/jun. 1996, p. 58-59.

No final do governo do Pe. Bosco, encerrou-se um processo de melhorias na casa de Lins em prol das atividades no setor universitário. Assim, no dia 26 de julho de 1996, Pe. Ariento Domenici abençoou as dependências do novo pavilhão da obra salesiana de Lins. O empreendimento fora iniciado pelo Pe. Giulio Boffi, pois os cursos da FACAC passaram para cinco anos de duração, e não haveria salas de aula suficientes. São 1.700 metros quadrados de área construída; no térreo funcionam a biblioteca e três laboratórios (anatomia, microscopia e patologia) e, no piso superior, quatro salas de aula e um setor de coordenação. O pátio interno foi reurbanizado e tem como ponto central a cantina do "Bigode" e os belos canteiros do Pe. Sílvio. Houve melhoria acentuada nos laboratórios. Graças a Deus esta obra é uma nova realidade dos salesianos de Lins[23].

Por fim o Pe. Inspetor publicou uma carta do Regional Pe. Carlos Techera, na qual se expressou com muita simplicidade ao exortar o Pe. Inspetor a continuar com entusiasmo a sua missão, "estamos certos de queremos com Cristo continuar salvando a juventude como dizia D. Bosco. E a Virgem não falha! Posso testemunhar-lhe... ajude-me a agradecer e a continuar unidos no futuro... Aproveito para agradecer toda a sua colaboração nestes anos". Assim finalizou a sua carta de despedida ao Pe. inspetor, Pe. João Bosco[24].

Dessa forma simples e fraterna, o Regional desses anos se despediu o Pe. João Bosco. Nesse tempo o que ocorreu de simplicidade, de comemorações e de desenvolvimento das atividades salesianas em prol dos jovens na Inspetoria, foi vivenciado com alegria, com espírito salesiano e com entusiasmo de todos.

14.3 As consolidações no setor administrativo: unificação administrativa, a informatização, o decreto sobre a Filantropia e outras tomadas de posição no setor

Duas iniciativas foram tomadas visando à unificação administrativa e à consolidação de se posicionar como MSMT unificada perante a lei, de modo especial para se posicionar como mantenedora de unidades escolares de primeiro e segundo graus, de unidades de ensino universitário e de unidades de obras sociais para menores.

Assim, na reunião do Conselho Inspetorial de 7 de agosto de 1991, foi anunciada a venda da Agropecuária Patrizzia Sociedade Anônima, situada no município de Alta Floresta. Finalmente a Inspetoria desfazia-se dessa fazenda e finalizava as pendências burocráticas da extinção dessa empresa[25].

[23] Boletim Informativo, jul./ago. 1996, p. 18.
[24] Boletim Informativo, maio/jun. 1996, p. 63-64.
[25] Atas do Conselho Inspetorial - 1991-1996, 07/08/1991, p. 19.

Outra pendência administrativa foi resolvida no final do ano de 1991 e início de 1992. Referia-se a uma herança de uma família alemã para ser empregada em edificações para menores necessitados; resolveu-se na reunião do Conselho Inspetorial de 31 de janeiro de 1992, que seria construído com o dinheiro dessa doação o galpão de 507 metros quadrados para abrigar a hidráulica para madeiras e outras máquinas menores que darão suporte de primeira qualidade aos cursos profissionalizantes, já em andamento na Cidade D. Bosco de Corumbá. Assim se processava a integração dessa doação de herança para o bem dos alunos da cidade[26].

No ano seguinte, em 1993, iniciaram-se as tentativas de se estabelecer um plano estratégico para encargos e salários em todas as obras da MSMT; na reunião do Conselho Inspetorial de fevereiro, constatou-se, ao falar desse assunto, que o Colégio D. Bosco-Fucmt possuía um plano então em ação. O conselho estudou a conjectura de passar esse plano para as outras casas. Porém constataram os conselheiros que as realidades sociais, trabalhistas, sindicais diferenciavam-se em cada região, não sendo possível uma homogeneização desse plano. A sugestão apresentada constou em estudar a questão com técnicos para se verificar essa possibilidade ou não. Mas ficou a exortação para que, depois do devido estudo, houvesse um esforço para que essa questão fosse resolvida da melhor forma possível[27]. Essa questão continuou a ser apresentada nas reuniões seguintes do Conselho Inspetorial, para que todos pudessem, além de opinar, constatar como estava o andamento para se encontrar o caminho correto para solucionar a questão. Somente depois de muitos estudos, em maio de 1994, o ecônomo inspetorial apresentou ao conselho o Plano de Encargos e Salários da MSMT, já debatido e aprovado na assembleia geral da Missão nos dias 16 e 17 de maio. Esse Plano de Encargos e Salários foi aprovado "ad experimentum" por dois anos. Nesse período de tempo, deveriam ser observadas as futuras correções para depois pensar em uma aprovação definitiva[28].

No final do mês de outubro de 1994, saiu o decreto de Filantropia para a MSMT; porém todas as comunidades deveriam ater-se às exigências desse decreto. Inclusive as filiadas, para obterem os benefícios da qualidade de entidade filantrópica, devem elaborar um verdadeiro processo de demonstração administrativa que está dentro dos parâmetros da lei de filantropia. As casas, acompanhadas pelos técnicos do Centro da Missão, deverão cumprir com essas exigências dentro de um tempo previsto. O decreto foi assinado somente no dia 2 de março de 1995. Era um passo esperado por todos, mas

[26] Boletim Informativo, jan./fev. 1992, p. 02.
[27] Atas do Conselho Inspetorial - 1991-1996, 11/02/1993, p. 97.
[28] Atas do Conselho Inspetorial - 1991-1996, 18/05/1994, p. 154b.

"as leis são exigentes e os diretores devem procurar a devida adaptação e integração nesse novo processo administrativo da MSMT"[29].

Ao lado da estruturação administrativa, nesse período de governo foi estudada a maneira de se estabelecer uma fundamentação para a qualidade das escolas da Inspetoria. O encarregado desse setor encontrou na experiência da Inspetoria de Minas Gerais um caminho que ele julgou ser viável também para as escolas da Inspetoria de Mato Grosso. Esse programa de "Excelência Institucional, ou Rexel" utiliza os elementos da "Qualidade total"; é um processo demorado; visa socializar a finalidade da instituição para todos os funcionários. Assim um professor tem que saber que não é somente lecionar sua disciplina, mas que deve ser a sua disciplina um meio para educar e evangelizar, busca-se a excelência dos organismos institucionais e a qualidade das educativa e pastoral. Qualificar os processos para que a educação salesiana se torne mais consistente, em especial a evangelização. Iniciou-se esse processo no início do ano de 1996[30].

Em setembro de 1993, veio por parte do governo do estado uma proposta sobre a questão do Museu D. Bosco. O Governo estava para criar nas dependências da área reservada para a instalação das autarquias governamentais e área de reserva, ou parque ecológico, o "Parque das Nações Indígenas". A partir desse projeto, o governo queria possibilitar a transferência do Museu D. Bosco para essa área. Depois de muitos debates, todos estavam de acordo que tudo dependeria do parecer do atual diretor do Museu, Pe. João Falco. Depois de um mês e tanto de pesquisa e de conversas sobre o assunto, o Conselho Inspetorial decidiu pela opinião sugerida pelo Pe. Falco. Entre outras coisas, ele e o conselho passaram a estudar as modalidades da oferta do governo para que se pudesse antever uma decisão definitiva. A proposta do governo consistiria em ceder uma área e construção de um prédio para o museu, em comodato por noventa e nove anos. Além disso, auxiliaria financeiramente quanto aos gastos de transporte e móveis para a instalação do acervo do museu.

Pe. Falco, na reunião do Conselho de outubro de 1993, descreveu aos conselheiros o conceito de um museu moderno; haveria de se construir dois prédios distintos e com finalidades diferentes. Um seria apropriadamente mobiliado para a exposição do acervo, e outro teria a função de guardar devidamente o material que não estivesse em exposição. Esse conceito deveria ser estudado devidamente com o governo antes de se fechar o contrato. Esses foram os primeiros passos entre a MSMT, a proprietária do acervo do Museu D. Bosco, e os representantes do governo. De fato a localização do

[29] Atas do Conselho Inspetorial - 1991-1996, 11/11/1994, p. 172.
[30] Boletim Informativo, mar./abr. 1996, p. 32-34.

Museu deixaria o centro da cidade, mas ganharia em proporções de espaço e de possibilidades de expansão e modernização. Por outro lado, houve o reconhecimento por parte do governo e da sociedade do valor e da importância do Museu D. Bosco para a cidade de Campo Grande e para o Estado de Mato Grosso do Sul[31].

14.4 O desenvolvimento das Obras Sociais diante do decreto de ser a MSMT uma entidade de fins filantrópicos

Justamente agora que a MSMT foi declarada pelo governo como entidade de fins filantrópicos, qualificou-se em sua natureza social pelo trabalho educativo em si e pelas obras sociais ou momentos de beneficência feita de acordo com a lei. Assim a unificação administrativa permitiria, de agora em diante, que todas as atividades sociais em prol dos menores necessitados e todos os auxílios prestados pelas diversas casas passassem a compor uma quota a ser preenchida regularmente e, dessas doações ou serviços, tudo seria integrado na lei das entidades de fins filantrópicos. Essa sistematização não mudaria a tonalidade da forma de trabalhar e de ser da MSMT, que sempre agiu em prol dos necessitados e, no início, além dos jovens necessitados, das populações indígenas. Somente que, de agora em diante, tudo deveria ser devidamente documentado como exigem as leis e as modalidades que regem as entidades de fins filantrópicos.

Sob esse prisma, as casas da inspetoria passaram a adotar uma atividade para preencher o percentual exigido por lei da filantropia; além disso, contabilizam também as obras sociais em si. Dessa forma, as obras sociais da inspetoria ganharam destaque e desde 1992, foi investido muito na escola profissionalizante da Cidade D. Bosco de Corumbá, cuja finalidade sempre foi oferecer cursos profissionalizantes para os jovens depois se tornarem profissionais capacitados. Para que essa Escola profissionalizante pudesse funcionar, foram necessários inúmeros investimentos, com o que contribuiu o esforço do projeto AMA, a construção dos galpões e a instalação de equipamentos adequados que sempre foram gastos dispendiosos.

Em Campo Grande, a MSMT passou a sustentar uma instituição de atendimentos a menores de bairros mais humildes, denominada de Ampare. Desde o ano de 1992, os salesianos passaram a gerenciar o funcionamento dessa obra social. Ao lado do funcionamento da Casa D. Bosco, aos poucos os salesianos passaram a gerenciar o funcionamento dessa casa para que os menores fossem bem atendidos, e os funcionários e a direção da Ampare passaram para a responsabilidade da MSMT.

[31] Atas do Conselho Inspetorial – 1991-1996, 05/10/1994, p. 124-125.

Essa posição assumida pela direção da MSMT vai perdurar a ponto de todas as atividades da instituição passarem para o comando da inspetoria, quanto ao gerenciamento e ao financiamento dos empregados a partir desse ano de 1995[32].

Além da cidade D. Bosco em Corumbá, da Ampare e Casa D. Bosco de Campo Grande, houve outras iniciativas de instalação de obras sociais. Em Lins, havia desde 1993, uma creche sob a dependência da Paróquia D. Bosco, que abrigava diariamente mais de 80 crianças; a paróquia provia o sustento dessa atividade quanto à alimentação das crianças e ao pagamento dos professores e funcionários necessários para esse atendimento. Porém, no ano de 1996, depois de várias tratativas, a Secretaria do Bem-Estar social do Estado de S. Paulo, no dia 28 de junho de 1996, assinou um convênio com a MSMT para a devida entrega da obra aos salesianos; esse convênio foi realizado com a FEBEM de S. Paulo para a cessão, em comodato, do imóvel da Unidade Anita Costa, em uma área de aproximadamente 84,5 ha, e instalações nela contidas, como lares e residências para funcionários. Assim a unidade passou a ser designada de "Obra Social Salesiana Anita Costa". É o ideal de D. Bosco que se renova no abrigo, na recuperação e nas formações profissional, humana, cristã e de bons cidadãos.

Logo que os salesianos se instalaram nessa instituição, perceberam as grandes deficiências a serem reparadas, desde a modalidade de contato com as crianças à necessidade de se reformar os ambientes e proporcionar melhores condições de moradia para os meninos. Houve logo a presença de estagiários dos cursos de educação física, fisioterapia e terapia ocupacional para auxiliar no cuidado dos menores. A escola de 1ª a 4ª séries continuou funcionando, e os menores das séries de 5ª à 8ª eram levados para outras escolas diariamente na cidade. Assim os salesianos conseguiam, através do sistema preventivo e de novos funcionários, iniciar um trabalho em prol dos mais de 100 menores da Obra da Anita Costa[33].

14.5 Encerramento desse período de governo inspetorial

Desde o início do ano de 1996, o Pe. Inspetor, Pe. João Bosco, teve que passar o governo da Inspetoria para o vice-inspetor, pois ele e Pe. Lima viajaram para Roma para participar do XXIV Capítulo Geral da Congregação que, entre outras incumbências, deveria escolher o novo Reitor-Mor. Pe. Viganó falecera no meio do ano de 1995, e todos aguardavam a escolha da nova direção da Congregação.

[32] Atas do Conselho Inspetorial - 1991-1996, 04/10/1995, p. 196.
[33] Boletim Informativo, jul./ago. 1996, p. 19-22; set./out. 1996, p. 28-33.

Nesses meses, houve algumas ocorrências na inspetoria que merecem destaque. A primeira refere-se ao início do estudo de separação administrativa das duas entidades, o Colégio D. Bosco e a Universidade Católica D. Bosco. O Sr. Raffaele Locchi liderava as atividades nesse setor para concretizar a independência administrativa dessas duas casas. Nesse teor de progresso administrativo, o reitor da UCDB apresentou aos conselheiros o passo que a Fundação D. Bosco dera ao apresentar ao governo o projeto da "Rádio FM" dependente dessa instituição.

Depois do retorno do Pe. João Bosco de Roma, onde o Pe. Juan Vecchi foi escolhido como Reitor-Mor, na reunião do Conselho Inspetorial de 21 de maio de 1996, foi entregue aos conselheiros o texto oficial do CG-24 e o Pe. Inspetor fez uma apresentação sumária dos pontos principais desse texto, realçando que, em sua última visita pelas casas, iria apresentar o conteúdo das novas orientações para a vida salesiana, então assumidas nesse Capítulo Geral.

Porém, nessa reunião, foi colocada em pauta a questão da Obra Social Anita Costa de Lins configurando a proposta da Secretaria da Criança e Bem-Estar Social do Estado de S. Paulo para o atendimento de 120 crianças e adolescentes residentes nessa casa em Lins. Após ouvir o relatório do Sr. Rafael Locchi, que visitara a Obra em Lins, o conselho foi favorável à proposta e teceu as necessárias considerações que a aceitação dessa obra passaria a exigir da Inspetoria. Foram apresentadas várias sugestões como propostas iniciais de os salesianos se organizarem bem para o atendimento desse novo campo de atendimento social de menores carentes[34].

Nessa reunião, ainda foi apresentada ao Pe. Inspetor a proposta do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul a respeito da transferência do Museu D. Bosco para o Parque das Nações Indígenas, em lugar apropriado mediante um comodato de 99 anos. Essa conjectura foi discutida, mas não encontrou o devido amparo para ser aprovada de imediato. Os conselheiros iriam ainda esperar pela intervenção do Diretor do Museu, Pe. João Falco.

Na reunião extraordinária do Conselho Inspetorial de 15 de junho de 1996, foi tomada a decisão sobre a aceitação da Obra Social "Anita Costa" de Lins; ficou estabelecido também que uma nova comissão iria estudar o assunto antes da assinatura do convênio com a Secretaria do Bem-Estar de S. Paulo. Também foi estabelecido que a aceitação poderia ser imediata, mas, até que os salesianos devidamente designados para aquela obra estivessem presentes nela, os procedimentos deveriam ser estudados e iniciados com prudência em relação às mudanças em relação aos menores e ao processo educativo. Seriam aos poucos introduzidas no relacionamento com os menores as normas comuns do sistema preventivo.

[34] Atas do Conselho Inspetorial, 1996-2003, 21/05/1996, p. 9-10b.

Nessa reunião extraordinária, o segundo item da pauta foi a proclamação da escolha do novo inspetor, Pe. José Winkler. Este seria o seu segundo mandato, pois já governara a inspetoria de 1978 a 1984, seguindo posteriormente para a Angola, onde permaneceu como Delegado Inspetorial, por todo esse tempo. Ao retornar em 1995, foi nomeado diretor de Meruri; decidiu-se pela posse do novo inspetor por ocasião da reunião dos diretores no dia 26 de junho de 1996. Nesse dia ocorreu, na parte da manhã, a última reunião do Conselho com a presidência do Pe. João Bosco. Este aproveitou da ocasião para expressar seus agradecimentos e avaliar o seu tempo de governo mediante uma série de considerações sobre os vários setores e as atividades da Inspetoria com sua apreciação e seu delineamento possível para o futuro. Esse *memorandum* constou de onze itens sobre algumas atividades e visões de governo para o futuro. Em síntese, alguns itens focalizavam a necessidade de se ampliar a pastoral social assumindo mais obras sociais, citou a necessidade de se organizar bem o setor educativo com as perspectivas de se obter um referencial gestor de excelência; afirmou a necessidade de se fortalecer o setor administrativo a partir da nova modalidade de ser a inspetoria uma entidade de "fins filantrópicos"; reiterou a necessidade de apoio às escolas profissionais de Corumbá e de Poxoréu; citou a necessidade de se acompanhar com grande empenho as etapas da formação inicial e apresentar oportunidade para não esmorecer a formação permanente. Nesse *memorandum* ficou expresso seu desejo de ver sempre a inspetoria progredindo conforme o carisma salesiano. Por fim agradeceu o empenho e a colaboração de todos em prol do desenvolvimento das obras da Inspetoria[35].

Em uma entrevista para o Boletim Informativo de junho de 1996, Pe. João Bosco expressou todo o seu carinho e afeto pela Inspetoria. Abaixo trechos de algumas de suas mais sintomáticas e expressivas apreciações em respostas às perguntas da jornalista Lu Bigatão:

> - Já houve vários brasileiros a ocupar esse cargo. A diferença é esta: acreditando na gente da terra e apostando nela, haverá retorno em termos vocacionais. Logo após a chegada dos primeiros salesianos a Cuiabá, um notável grupo de jovens dessa cidade, se encantou com Dom Bosco e entrou para a nossa Congregação. O expoente máximo dessa alvorada vocacional salesiana em Mato Grosso é o imortal arcebispo de Cuiabá Dom Francisco de Aquino Corrêa.
> - Acompanhando a caminhada da Inspetoria vejo que o elemento que mais contribuiu para acelerar as mudanças internas foi o Projeto Educativo Pastoral Salesiano, cujas cinco dimensões (comunidade educativo-pastoral, educativo cultural, evangelização e catequese, orientação vocacional, experiência associativa) envolveram e animaram os diver-

[35] Atas do Conselho Inspetorial, 1996-2003, 15/06/1996, p. 12; 26/06/1996, p. 12b-14.

sos setores da Inspetoria (Comunidade inspetorial, Oratórios, Centros Juvenis, Escolas, Paróquias, Missões, Pastoral Vocacional).

- Senti a força viva desta Inspetoria, cujos salesianos, leigos e jovens trabalham com grande amor, dedicação e entusiasmo pela causa do Reino seguindo os ideais de Dom Bosco.
- As maiores alegrias foram: celebrar o Centenário da Inspetoria, receber o Papa João Paulo II em nossa casa e acolher entre nós o saudoso Reitor-Mor, Pe. Egídio Viganó...
- Alegria é sentir a vitalidade da Inspetoria, é receber jovens irmãos na Congregação, é perceber através desses sinais que Deus nos ama e nos quer vivos para continuar através do tempo a escrever esta história de dedicação, coragem, amor e fé.
- Vejo uma Inspetoria viva, renovada, disposta a caminhar. Uma Inspetoria que está sabendo ler nos sinais do dia-a-dia as propostas que Deus lhe envia e que está buscando sempre novos caminhos para dar respostas atualizadas e válidas aos desafios dos tempos que está vivendo.
- Meditando sobre tudo isso, dou glória a Deus por Ele me conceder a graça de pertencer a esta querida Inspetoria de Mato Grosso, centenário campo que vem dando frutos valiosos e cresce vigoroso e rico de possibilidades. Somos uma Inspetoria que apresenta uma variada gama de atividades apostólicas: desde simples oratórios festivos a organizados centros juvenis, de pequenas escolas a campus universitários, de capelas rurais a paróquias urbanas de pequeno, médio e grande porte, de centros missionários fixos a ação missionária itinerante entre os povos Xavante e Bororo, de pequenos laboratórios a bem estruturados centros profissionais, e ainda comunidades vocacionais, casas de formação de jovens salesianos, o projeto AMA, atividades com meninos e jovens de rua, e muitas outras propostas que se abrem no campo evangelizador educativo e social.
- A pastoral vocacional e a formação permanecem como constantes desafios.
- Como mensagem final, deixo aos irmãos, a tarefa comum de continuar a construir uma inspetoria unida, uma família rica de apostolado, de dinamismo, de respeito mútuo, de valorização das potencialidades de cada um; uma inspetoria onde todos, jovens, adultos, idosos e anciãos, levem para frente com entusiasmo o ideal que os nossos primeiros salesianos há cem anos plantaram neste abençoado chão de Mato Grosso: levar o amor de Deus aos jovens, aos povos indígenas e aos mais necessitados. Dom Bosco e a maternal proteção da Auxiliadora que me acompanham sempre, intercedam junto de Deus por todos nós.[36]

Essas afirmações coroam o tempo de governo do Pe. João Bosco na inspetoria e indicam a qualidade de seus ideais de salesiano dedicado completamente ao trabalho de torná-la mais consistente em suas atividades em

[36] Boletim Informativo, maio/jun. 1996, p. 39-44.

prol dos jovens e das comunidades desse vasto território de MT, MS e Oeste de S. Paulo.

No dia 26 de junho de 1996, desde as 8h, houve reunião do Conselho Inspetorial e, à tarde, houve reunião dos diretores na Lagoa da Cruz, onde o Pe. Winkler tomou posse como presidente da Missão Salesiana de Mato Grosso. À noite, na paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora, houve missa solene para a posse de Inspetor da Missão Salesiana de Mato Grosso, com a presença de muitos membros da Família Salesiana. A festa culminou com um jantar para todos nas dependências do Salão Paroquial do Paulo VI. Assim se encerrava o período de governo do Pe. João Bosco e o Pe. Winkler assumia o comando da Inspetoria. No dia seguinte, houve reunião, na parte da manhã, do Conselho Inspetorial, quando então o novo inspetor, como tal, tomou sua primeira decisão para nomear seu substituto como diretor da Missão de Meruri. Para esta missão foi designado o Pe. Theodoro Neushauler. Iniciou-se assim com a presença dos diretores o novo período de governo nessa honrosa inspetoria de Mato Grosso. Na introdução do Boletim Informativo de setembro-outubro, o novo inspetor insistiu muito em um dos traços principais de inspetoria, vigoroso desde a sua origem: "Somos uma inspetoria missionária!" Proclamou!



Pe. Osmar Bezutte



Pe. Geraldo Grendene



Dom Valter Bini



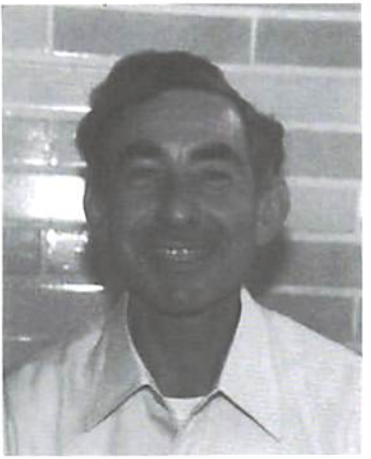
Pe. Lauro Takaki Shinohara



Pe. Luigi Marconetti



Me. Raffaele Lochi



Pe. Giovanni Dessi



Pe. Giulio Bofti



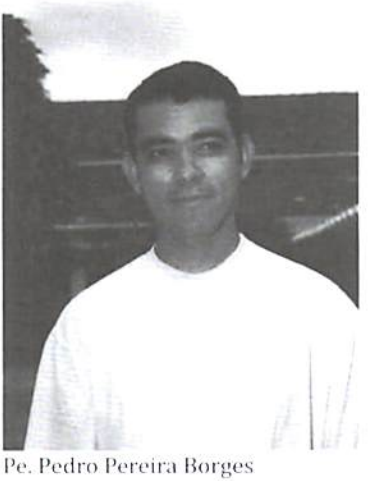
Pe. Augusto Issao Kian



Me. Manoel Ferreira de Lima



Pe. Sebastião Paniago Vilela



Pe. Pedro Pereira Borges

Capítulo XV

A vida da Missão Salesiana de Mato Grosso no período de 1996 a 2002 – O governo inspetorial do Pe. José Winkler

Para suceder o Pe. João Bosco no comando da Inspetoria, os superiores de Roma escolheram o Pe. José Winkler. Seu desejo de ser missionário, desde sua juventude, levou-o a ser enviado para a inspetoria missionária de Mato Grosso, onde realizou todas as etapas de sua formação de sacerdote salesiano e onde trabalhara por longos anos em comunidades diversas da inspetoria. Essa nomeação de inspetor para o período de 1996 a 2002 constitui a segunda vez em que assumiu esse cargo de comandar a inspetoria. Foi inspetor pela primeira vez no período de 1978 a 1984. Então, Pe. Winkler, depois de seu primeiro período de governo, foi enviado para trabalhar em Angola como dirigente da Delegação Salesiana, dependente da inspetoria de S. Paulo do Brasil, que se iniciava naquele país da África. A partir de 1986, passou a responder também pela Cáritas Nacional de Angola até 1992. Ao retornar para o Brasil no final do ano de 1994, foi trabalhar nas missões, sendo nomeado diretor de Meruri.

A posse do novo inspetor ocorreu com festas na missa solene no Santuário de Maria Auxiliadora – Paulo VI. O jantar festivo aconteceu no ginásio D. Bosco, onde também foram proclamados os votos de agradecimentos ao Pe. João Bosco pelo seu tempo de governo na Inspetoria.

A complexidade da inspetoria sempre foi marcada pela grande diversidade de atividades pastorais e educativas nas casas bem como no campo específico das missões. Mas essa complexidade tornava-se mais intensa nos processos organizacionais devido às necessidades sociais e ao próprio desenvolvimento cultural do Brasil, que passara a exigir novas posturas e novas modalidades de se trabalhar tanto nas escolas como nas paróquias e, sobretudo, nas obras sociais. Ocorreu uma mudança sensível quanto à presença do governo na organização do trabalho social através de uma legislação mais precisa e também devido à presença, nesse setor, de organizações não governamentais que, sob as novas leis, prosperavam de acordo com essas novas exigências legais.

Era tempo de uma efervescência cultural e desenvolvimentista; o país iniciou um período de consistência e de crescimento econômico. Tal fato permitiu uma expansão imensa no setor de agronegócios, no setor de transportes, na industrialização; porém a área da comunicação social ganhou um desenvolvimento ímpar pela presença de meios eficazes e modernos:

computador e internet. Como componente principal desse grande e expressivo crescimento do país, duas constantes foram decisivas: a consolidação da democracia pelo fortalecimento da economia e o aumento populacional do país. Este último fator permitiu uma onda migratória que imitara outras, mais antigas, dos nordestinos para a Amazônia e para o centro-sul do país; ocorreu um grande fluxo migratório dos estados do sul para a grande área central do país, em especial para a ocupação dos estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, o oeste da Bahia, o sul do Pará, Tocantins, Maranhão e Piauí. Essa migração possibilitou o desenvolvimento de forma jamais pensada nessa grande área desocupada dos cerrados; aí se desenvolveu o agronegócio de forma palpável, apoiado pela Empresa Brasileira de Pesquisas Agrícolas-Embrapa. Muitas cidades novas tornaram-se verdadeiros oásis de progresso sustentável; novos caminhos para escoamento dessa produção alta e novas posturas tornavam o país mais complexo e culturalmente mais exigente.

Ao contemplar esse período de desenvolvimento e de novas necessidades culturais, uma das consequências mais referenciais desse período foi a transformação de um país ainda um pouco agrícola em uma sociedade tipicamente urbana. Muitas consequências evidenciaram-se com essa mudança; uma delas foi o crescimento das cidades e novas modalidades de organização social, ora com o aumento da pobreza, ora com o grande problema das periferias das cidades, ora com as novas perspectivas na área da educação.

Nesse período, a inspetoria atravessava um período de transformação bem alta em termos de exigências na formação dos novos salesianos para enfrentar as necessidades dessa nova cultura; por outro lado, ainda perduravam as expressivas posturas ideologizadas quanto à organização do trabalho dos salesianos, se considerados pelos padrões ou posturas regidas por ditames sociopolitizantes quanto à camada social, onde somente os pobres seriam os merecedores de atenções especiais.

A nova realidade social e cultural do Brasil exigiu do Pe. José Winkler atenção especial quanto ao setor administrativo que teve o grande desafio de se atualizar como instituição de fins filantrópicos para poder atuar legalmente em prol dos jovens e crianças mais necessitadas. O passo foi dado, e muitas iniciativas ganharam consistência nesse campo de trabalho social.

O seu ecônomo inspetorial, Sr. Raffaele Locchi, já nesse tempo estava muito centrado em organizar a inspetoria de acordo com essa nova realidade; lutou pelo plano de solidariedade para que todos pudessem ser inscritos no plano de saúde Unimed; também lutou pelo Plano de Carreira do corpo docente e por outras posturas organizacionais da inspetoria[1].

[1] Boletim Informativo, maio/jun. 1996, p. 7, 11.

15.1 Notícias sobre a formação dos novos salesianos, sobre as casas de formação de cada etapa e sobre as orientações da Congregação para esse setor

Diante mobilidade das cidades e da alta complexidade da vida já nesse tempo, a questão das vocações e da formação passou também por algumas modificações inevitáveis. A constante preocupação do centro da congregação quanto à formação dos novos salesianos mantinha-se pelas contínuas orientações enviadas pela reflexão sobre esse assunto por parte do Conselho Superior. Na inspetoria, isso repercutiu no cuidado com a seleção e no criar as condições necessárias para que o fluxo das etapas se constituísse com firmeza e com entusiasmo.

Dentro dessa perspectiva, celebrou-se no dia 31 de maio e primeiro de junho, o encontro anual dos salesianos coadjutores na casa de retiro da Lagoa da Cruz; o tema central abordou a reflexão sobre a vida religiosa. Nesse evento, estiveram presentes três pré-noviços, dois noviços e dois pós-noviços coadjutores. Batalharam pela constante divulgação da vocação dos coadjutores; hoje se faz necessário entusiasmo na proclamação da vocação específica do coadjutor. Afirmaram ser necessário concretizar o conselho de nosso Pai D. Bosco: "não só amem aos jovens, façam com que eles percebam que são amados!". Amar nesse sentido significa fazer tudo com alegria, bom gosto, sinceridade e muita fé. Felizmente essa é a maneira de ser salesiano que está testemunhada em nossa Inspetoria[2].

O novo diretor do Aspirantado da Lagoa da Cruz era o Pe. João Bosco; os pré-noviços foram transferidos para o Paulo VI. Em fevereiro de 1997, os aspirantes eram 48, número para pensar em se conseguir manter e aumentar o número de salesianos. Este é resultado do trabalho vocacional na inspetoria. Desde esse período e nos anos seguintes, como mostra o BI de mar./abr. de 1998, p. 17-18, o trabalho vocacional liderado pelo Me. Fernando, em Lins, com grupos e com associações batalha pelas vocações e realiza encontros com jovens para o estudo apropriado na escolha vocacional, nas capelas e paróquias[3].

A reunião do conselho de 29 de julho de 1997 designou os encarregados dos vários setores das atividades educativas pastorais da Inspetoria; Pe. João Bosco foi designado representante quanto às casas de formação. Em setembro, foi aventada a possibilidade de se enviar alguns estudantes de teologia para outros centros que o Instituto Pio XI. As possibilidades se resumiam em estar com os salesianos em Curitiba, PR, ou em Belo Horizonte, MG; mas

[2] Boletim Informativo, maio/jun. 1996, p. 7, 16-17.
[3] Boletim Informativo, jan./fev. 1997, p. 9.

a maior parte dos estudantes de teologia preferiam continuar em S. Paulo, no Instituto Pio XI[4].

Em 1997, foi proclamado o programa do Reitor-Mor na condução da animação dos salesianos para o período de 1996-2002. No resumo de tudo em três itens, o primeiro bastante resumido, mas de uma abrangência enorme, referiu-se ao campo formativo dos futuros salesianos. Precisamente, afirmou como prioridade primeira a política de formativa e cultural, visando à qualificação dos salesianos. Então, a partir dessa orientação mestra, o campo da formação na inspetoria recebia uma orientação precisa e segura[5].

Após o 20º capítulo inspetorial, de 17 a 21 de junho de 1998, o conselho inspetorial decidiu organizar duas comissões; a primeira, sob a liderança do ecônomo inspetorial, Sr. Raffaele Locchi, dedicar-se-ia à elaboração de um possível redimensionamento das obras da inspetoria, após contatos com todas as comunidades. A segunda comissão de formação, para elaborar o plano de formação da inspetoria. O Sr. Pe. inspetor convidou alguns irmãos para participar dessa comissão interdisciplinar para melhor espelhar a problemática e soluções razoáveis que serão integradas ao Plano de Formação da Inspetoria[6]. Desde o início do ano de 1998, tanto em Coxipó como em Araçatuba, cessaram os pré-aspirantados. Por diversos motivos, essas casas passavam por uma reorganização e não mais haveria alunos internos denominados de pré-aspirantes. Como etapa de preparação para o noviciado, desse ano em diante, somente perduraria, na inspetoria, o aspirantado da Chácara S. Vicente e, posteriormente, o pré-noviciado como etapas antes do noviciado.

A animação vocacional acontecia em diversas casas através de grupos de fiéis animados sempre por algum salesiano; assim ocorria em Lins, sob a animação do Me. Fernando. Como Aspirantado, a casa da Lagoa da Cruz criava uma consistência de casa de formação como foi noticiado em maio de 1998:

> O Instituto São Vicente está repleto de alegria e animação. São 41 aspirantes que, desde janeiro, vêm fazendo esta experiência de vida comunitária, aspirando à vida salesiana e evangelização da juventude, seguindo o carisma de D. Bosco, nosso Pai e Mestre. O Instituto acolhe jovens que cursam o 2º grau e querem fazer um aprofundamento vocacional, procurando proporcionar todos os recursos necessários para que possam responder ao chamado de Deus. Temos várias ocupações, sendo o estudo nosso dever principal.[7]

No ano de 1998, outras posturas da inspetoria quanto ao plano de formação possibilitaram a formação de um grupo de salesianos para estudar o

[4] Atas do Conselho Inspetorial – 1996-2003.29/10/1997, p. 49b.
[5] Atas do Conselho Inspetorial – 1996-2003.18/02/1997, p. 28.
[6] Atas do Conselho Inspetorial – 1996-2003. 22/026/1998, p. 69.
[7] Boletim Informativo, maio/jun. 1998, p. 11.

processo de formação dos salesianos em todas as etapas e perspectivas. A constante necessidade de se ater à realidade social da região quanto à vida dos jovens era a dimensão a ser considerada nessas decisões. Por outro lado, as orientações do centro da congregação quanto ao processo e às etapas da formação foram esclarecidas por constantes documentos, que, por sua vez, sempre pediam estudo e integração no contexto da inspetoria. No final de 1998, a comissão de formação, CIF, publicou o resultado de suas reflexões no Boletim Informativo da Inspetoria. O documento altamente expressivo consta do desenvolvimento de mais de quatro capítulos, em que são abordados todos os temas e organização necessária, além de definir o papel de todos os salesianos quanto a esse dever para com a própria congregação. O título desse documento é expressivo quanto ao assunto: "A animação da Formação na inspetoria salesiana". Estabelece sete premissas e conclui a primeira parte afirmando que a inspetoria é a responsável pela formação dos salesianos. Fala do diretório inspetorial como expressão de um projeto claro tanto para a formação inicial dos irmãos como para a formação permanente. Fala da necessidade de um responsável pela animação do setor e das estruturas necessárias para que as etapas formativas encontrem comunidades bem conscientes de suas funções. Por fim apresenta uma conclusão: a formação na inspetoria exige muita dedicação, empenho e anuência de todos os irmãos da inspetoria[8].

Nos anos seguintes, houve algumas definições sobre o setor da formação; em agosto de 1999, o conselho inspetorial designou o Pe. João Bosco como o futuro mestre de noviços. O noviciado de Indápolis seria reiniciado no início do ano 2001. Dessa forma, os noviços da inspetoria não mais iriam para S. Carlos, SP. Esse passo foi importante como definição e manifestação de a inspetoria assumir essas etapas formativas com entusiasmo. Por orientação do Regional Pe. Helvécio Baruffi, decidiu-se também ser necessário finalizar o segundo grau antes de iniciar qualquer outra etapa formativa[9].

Nesse ano, na inspetoria também foram definidas algumas situações das antigas casas de formação; uma vez que cessaram os pré-aspirantados, as casas de Araçatuba e de Coxipó deixaram a denominação de casas de formação. Passaram a se organizar como comunidades educativas que assumem os alunos das escolas e a animação de oratórios e paróquias. A Chácara S. Vicente continuará sendo casa de formação, aspirantado.

Ainda no campo da formação, outra questão que se prolongou até o ano de 2001: os estudantes escolheriam outros lugares para realizar seus estudos de teologia dentro de três opções: S. Paulo, Curitiba ou Belo Horizonte.

[8] Boletim Informativo, nov./dez. 1998, p. 40-50.
[9] Atas do Conselho Inspetorial – 1996-2003. 27/12/1999, p. 109; 31/08/1999, p. 99b.

Na reunião do Conselho Inspetorial de novembro de 2001, determinou-se que a etapa de formação dos estudantes de teologia seria no Instituto Teológico Pio XI-SP[10].

Nessa mesma reunião do Conselho Inspetorial, chegou o pedido para que os noviços da Inspetoria de Manaus fossem aceitos para realizar essa etapa do Noviciado em Indápolis. A resposta do conselho foi imediata por uma aceitação simples, pois haveria grande satisfação em estar presente um número maior de noviços. Esse passo foi enriquecedor para a etapa de formação, Noviciado, na inspetoria.

No final do ano de 2001, na reunião do Conselho Inspetorial de novembro, o vice-inspetor, encarregado da CIF, apresentou ao conselho a proposta para se fazer um dia de encontros de todos os formandos da inspetoria, no dia anterior ao da Festa Inspetorial. Seria um dia de convivência em que haveria um tema a ser estudado e com celebração da Eucaristia pela manhã; no período da tarde, haveria esportes e, à noite, um sarau. No dia seguinte, eles participariam da festa inspetorial ao lado dos salesianos. Essa disposição abria uma possibilidade de maior integração entre todos. Na mesma reunião, ocorreu outra proposta interessante: "um encontro de formandos" no mês de julho. Nesse encontro, deveria haver um curso temático que duraria uma semana. Depois haveria um passeio coletivo de dois dias. Em seguida, haveria a possibilidade de uma visita rápida às famílias. Em dezembro, haveria mais tempo para uma permanência mais prolongada com os familiares. Todos os formandos deveriam receber designação para algum empenho pastoral nas casas[11].

No ano seguinte, em 2002, ocorreu o encontro de padres novos na comunidade de Lins; o primeiro dia foi de reflexão e, no dia seguinte, houve um passeio para todos; a avaliação foi muito positiva. Também, em Cuiabá, ocorreu da mesma forma o encontro de tirocinantes, com um dia de reflexão e outro de lazer.

Na reunião de março de 2002, ocorreu uma reflexão prolongada sobre o "Projeto Inspetorial de Formação", acentuando a descrição em um texto provisório da situação atual da formação na inspetoria. Falou-se da necessidade de se pensar bem sobre a formação permanente e validade de um projeto de qualificação dos irmãos. Sobre as fases formativas, falou-se do pré-noviciado que atualmente está na mesma casa dos já salesianos professos do pós-noviciado. Por ser o número de candidatos bastante elevado, passando dos 30 candidatos, seria bom examinar a conveniência de se manter o pré-noviciado na comunidade do Paulo VI. Ao mesmo tempo, conjecturou-se que, com a vinda dos noviços de Manaus, o número superior a 25 noviços

[10] Atas do Conselho Inspetorial – 1996-2003. 17/11/2001, p. 152b.
[11] Atas do Conselho Inspetorial – 1996-2003. 17/11/2001, p. 149b-150.

tornaria as acomodações atuais do noviciado um tanto apertadas, e a situação, muito desagradável. Mas o conselho optou por aguardar as confirmações quanto aos números de candidatos antes de se propor alguma solução ou iniciativa a ser executada.

Ainda nessa reunião, foram tecidas muitas conjecturas sobre os salesianos que estavam em outros países fazendo cursos; alguns os realizavam com rapidez, outros somente tinham pensamento em iniciar sem qualquer possibilidade de se delimitar o tempo de permanência fora da inspetoria. Fatos e situações que levaram o conselho a verificar o direcionamento do processo de capacitação dos salesianos. Assim, concluía-se a maneira de como fora conduzido o setor de formação na inspetoria nesses anos do governo do Pe. José Winkler[12].

15.2 Centenário da Casa de Coxipó 1897-1997

Para deixar gravada a celebração desse centenário, foi editada uma revista especial. O valor da revista evidencia-se pela apresentação das várias etapas históricas da casa, pela apresentação de fotos das diversas épocas, sobretudo, por um capítulo – "Aconteceu nos últimos 100 anos" – em que a progressividade dos fatos explicitam as etapas históricas. Outro capítulo especial refere-se à apresentação de ex-alunos de atuação significativa e de ex-alunos que se tornaram salesianos, hoje atuantes nas diversas comunidades da Inspetoria. Além disso, a Revista apresenta fotos das diversas etapas das construções lá existentes, desde as primeiras humildes residências, mais próximas das margens do Rio Coxipó, até as mais recentes que se distanciaram dos terrenos mais próximos do Rio. Tratando-se de documentar historicamente os tempos e as atividades dessa casa, apresenta as várias atividades dos salesianos nessa casa: em primeiro lugar, nos tempos de escola agrícola, o observatório de meteorologia, as oficinas de marcenaria e olaria, depois a fabricação de ladrilhos, cujos desenhos enfeitam algumas páginas da revista. Sempre houve atividades correlacionadas à agricultura e horticultura, à criação de gado e de outros animais, como porcos, galinhas. Uma das atividades que exigiu uma enorme construção para suas atividades foi o Projeto AMA; seus trabalhos foram sempre memoráveis, sobretudo na abertura e cuidado com as estradas das missões e da perfuração de poços semiartesianos. Ultimamente as oficinas do Projeto dedicam-se à confecção de bombas elétricas para bombear água dos poços nos aldeias indígenas.

Quanto ao aspecto escolar, desde o início, a casa possuía a escola elementar; somente depois da passagem dos aspirantes do Seminário da

[12] Atas do Conselho Inspetorial – 1996-2003. 17/11/2001, p. 159-159b.

Conceição para essa casa, iniciou-se o ginásio, em 1956. Antes se movimentava a escola agrícola com as classes do curso primário somente. Com o início da etapa de aspirantado, a necessidade de ampliar a casa exigiu sempre melhorias constantes. Principalmente depois de 1957, iniciaram-se as melhorias e, na década seguinte, quando o aspirantado já ultrapassava a presença de mais de cem aspirantes, foi necessário iniciar a construção do prédio central, paralelo ao prédio antigo onde se encontrava a capela desde os primórdios.

Como casa de formação permaneceu ampliando-se até quando se iniciaram modificações na casa de formação que cessava e passava a ser uma escola para externos a partir de 1968. Mas, nos mais de dez anos em que o Aspirantado esteve presente, vários aspirantes perseveraram e hoje são salesianos atuantes que se recordam que ali, naquela casa iniciaram seus passos para a concretização de suas vocações.

Segundo a Revista, pela Casa passaram personalidades importantes na história do Estado e até do Brasil; em 1902, D. Francisco de Aquino Corrêa realizou seu ano de noviciado; posteriormente o Pe. Armindo de Oliveira também realizou seu primeiro ano de formação nessa casa. Outros salesianos de renome também ali estiveram: Pe. Papalardo, primeiro mestre de noviços, Pe. Primo Turella, também mestre de noviços posteriormente; Pe. Nélson Pombo, primeiro diretor do aspirantado; Pe. Domingos e Pe. Sílvio diretores do Aspirantado; mas, sobretudo, esteve nessa casa por muitos anos o saudoso e "Santo" Me. Francisco.

Com o projeto AMA, a casa do Coxipó realizou trabalhos muito significativos para a vida e o desenvolvimento das atividades dos missionários, não somente nas regiões das missões, mas em outras reservas indígenas. Realizaram obras em outras regiões como na Amazônia e no Paraguai.

Ao celebrar o centenário, a Revista Comemorativa mostra a intensidade e a variedade das atividades que surgiram, cresceram e acompanharam a evolução dos tempos. Agora é a escola, ampliada por um prédio grande de salas de aula, por um ginásio coberto grandioso e por outras dependências, como a do salão de atos, todas merecedoras de uma vida salesiana animada e entusiasmada com a presença de tantos jovens. Ali houve grande animação da vida do oratório e dos esportes; a escola teve que implantar também o segundo grau para poder acompanhar o desenvolvimento de todos os estudantes.

A Revista Comemorativa do Centenário conseguiu registrar e mostrar, por meio de fotos e artigos, a grandiosidade da história dessa presença tipicamente salesiana. Uma presença que acompanhou as diversas etapas da história da Missão Salesiana em suas modalidades de expressão do carisma de D. Bosco em prol da educação dos jovens e na consolidação da Igreja nessa região remota do grandioso Brasil.

15.3 As atividades dos salesianos nas missões

Nesse período, o volume de atividades nas missões não representou intensidade ou mesmo grandes movimentos, simplesmente a presença dos missionários deu continuidade às ações e qualificaram melhor a presença com algumas iniciativas. Porém é muito conveniente realçar que, cada vez mais, a presença dos órgãos do governo nas aldeias passou a ocupar muitas das antigas necessidades que eram providenciadas pelos missionários. O atendimento em saúde, a escola e as estradas permitem maior autonomia e mais independência por parte das aldeias em relação às condições de vida de todos os índios. As intervenções dos salesianos tenderam a manifestar sempre mais uma qualificação da presença dos missionários. A facilidade de locomoção, a aquisição dos meios de sobrevivência e a presença da luz elétrica, do telefone, da parabólica que traz a presença da televisão para as casas das aldeias, proporcionaram um tempo novo em que a presença dos missionários foi sendo especializada por atitudes mais apropriadas e mais condizentes com a atividade tipicamente pastoral ou promotora da cultura desses povos.

Em junho de 1996, por exemplo, foram publicadas notícias sobre as missões em que se confirma a posição pastoral dos missionários. Foram batizados 62 xavantes adultos durante a Vigília Pascal em Sangradouro, e 40 adultos, em S. Marcos. Outro grupo de 18 índios foi batizado na aldeia Nova Jerusalém. Na aldeia S. Pedro, as irmãs Lauritas acompanharam um grupo de 22 catecúmenos no processo de iniciação cristã, e este grupo foi batizado na Páscoa desse ano. Em Meruri, foram batizadas 12 crianças bororos. Com isso, o total de 142 batizados adultos foram realizados na Páscoa desse ano nas várias aldeias de xavantes e de bororos. Os missionários constataram que o processo de inculturação vem progredindo, e o evangelho, ministrado também a partir do processo de inculturação; o Reino de Deus está crescendo nessas comunidades indígenas[13].

Notifica-se que houve bastante festa na comemoração dos 38 anos da aldeia de S. Marcos; Me. Salvador gostou tanto das festas religiosas, que as descreveu com gosto e entusiasmo. Assim se expressou:

> Em 1964, houve em S. Marcos os primeiros batismos [...] No dia 16 de abril de 1996, em S. Marcos, em Sangradouro e na aldeia São Pedro, houve batizados de velhos. Na véspera, os neófitos entraram na mata perto da aldeia e pintaram-se com as cores da festa mais bonita de sua cultura. Enquanto eles se pintavam, outro grupo preparava a dança para festejar o batizado. Ao cair do sol, como nas grandes festas de sua cultura, os neófitos, acompanhados pelo sacerdote, também pintado

[13] Boletim Informativo, nov./dez. 1996B, p. 22.

como os xavantes, se apresentam no meio da aldeia. Iniciou-se o rito do batismo como introdução da missa da ressurreição. Foi lindo ver os xavantes e o sacerdote de roupas vermelhas, típica cor da festa. Enquanto a água batismal aumentava os filhos de Deus no máximo silêncio, os neófitos e o povo participavam do acontecimento. Durante a missa, os cantos eram próprios deles, inundando de alegria seus corações e ecoando na mata ao redor. Após o batizado, continuaram as danças no ritual xavante até o amanhecer, continuando em seguida a missa de Páscoa. Durante o dia houve mais danças até o cair do dia.[14]

Nesses anos, os salesianos acompanharam o desenrolar do Projeto Tucum para preparar os índios para o exercício do magistério. No início do ano de 1996, Sangradouro estava em festa comemorando os noventa anos desde que uma fazenda passou, pelos salesianos, a ser a referência para os bororos e, depois de 1957, também para os xavantes. Não se pode falar da história de Sangradouro sem se referir a 1926, quando a Coluna Prestes saqueou a colônia, e os salesianos, junto com as Filhas de Maria Auxiliadora, depois de se refugiarem nas matas, ao retornar, tiveram que reiniciar tudo. Também não se pode celebrar a história dessa colônia sem falar da construção da grandiosa Igreja lembrada sempre pela presença do Me. Pólice; este fabricou os atuais bancos todos a partir de uma única árvore, um grandioso jatobá. Para celebrar os noventa anos, esteve presente o bispo de Barra, D. Sarto, que presidiu a Santa Missa comemorativa.

Outros acontecimentos nas missões marcaram a presença dos salesianos nesse ano. Para entusiasmar os salesianos pelo trabalho missionário, dois grupos de jovens visitaram as missões. O primeiro grupo, os pré-noviços, participaram em Meruri das comemorações dos 20 anos da morte do Pe. Rodolfo e do bororo Simão. A cerimônia foi comovente, e todos perceberam a grandeza da dimensão da vida dos missionários; o segundo grupo que ali esteve presente foram os jornadistas do Colégio D. Bosco de Campo Grande, com o objetivo de proporcionar a esses jovens uma troca de experiência cultural com os bororos e xavantes e, ao mesmo tempo, mostrar-lhes a grandeza do trabalho missionário na Igreja. Esse grupo, pequeno, teve essa oportunidade e posteriormente passará a força dessa experiência a todos os outros; eles perceberam como é o trabalho dos salesianos nas missões.

Para comemorar ainda o trabalho e a vida dos salesianos entre as populações indígenas, foi recordada nesse Boletim Informativo a grandeza expressiva dos estudos dos salesianos sobre a cultura dos povos indígenas condensada nas peças e acervos do Museu D. Bosco de Campo Grande. O Museu representa o apreço dos missionários pelas culturas e o acerto de

[14] Boletim Informativo, nov./dez. 1996B, p. 28.

que somente com muito zelo é que se pode construir algo significativo. Ficou registrado:

> O museu de Campo Grande é a história facilmente legível e documentada da obra de sacrifício e de sofrimento dos nossos missionários na difusão do Reino de Deus. Aos nossos leitores queremos deixar o convite: "visitai-nos e compreendereis! Um passado [...] mas continuamos a trabalhar [...].[15]

As manifestações do trabalho dos missionários salesianos por mais de cem anos nessa região promovem situações de compreensão e de reflexão para iluminar o presente, projetar o entusiasmo para o futuro e compreender a grandeza da atividade dos missionários no passado. Assim se expressou o Pe. José Winkler sobre a inspetoria:

> Outubro é o mês dedicado às missões. Nossa Inspetoria é missionária, não só porque estamos presentes entre os povos indígenas Xavantes e Bororos, mas, principalmente, porque participamos de um vasto Movimento de Evangelização, iniciado por D. Bosco e continuado por todos nós. Somos D. Bosco vivo que, hoje, atinge milhares de jovens e adultos, propondo-lhes uma vida modelada nos princípios do Evangelho. Somos Igreja viva! Somos todos missionários![16]

Para demonstrar que a atuação dos missionários qualifica o trabalho e a presença, o Projeto AMA construiu mais três pontes e arrumou alguns quilômetros de estradas para permitir que os alunos de algumas aldeias pudessem frequentar a escola de S. Marcos; não bastassem as estradas, a aldeia de Nova Jerusalém foi contemplada com a ação do projeto AMA para a obtenção de luz elétrica. Também em setembro, na reunião dos missionários em Sangradouro, assuntos importantes foram tratados, como o encontro de pesquisadores junto às sociedades indígenas; falou-se do projeto Tucum e de uma atitude da Funai, que deseja retornar à lavoura mecanizada junto às aldeias. Para isso a reflexão dos missionários é categórica: havendo recursos será possível. Por fim, nesse Boletim Informativo da inspetoria, a reflexão ficou a cargo do Pe. Lachnitt, que escreveu um longo resumo de mais de cinco páginas sobre o processo de inculturação do Santo Evangelho; destas, algumas afirmações são lapidares:

> A renovação da nossa espiritualidade leva a superar a monotonia de repetir as mesmas ideias em nossos discursos, a ponto de podermos sempre dar respostas novas a perguntas que hoje são feitas [...] Há uma grande insistência em avançar na reflexão e na prática da inculturação; as idéias sobre a evangelização inculturada são um consenso [...] falta

[15] Boletim Informativo, nov./dez. 1996, p. 6-7; 12; 46-52.
[16] Boletim Informativo, nov./dez. 1996, p. 3.

> concretizá-las na prática [...] Deus se revelou a todos os povos; isto é tirado das afirmações de S. Paulo [...] diante de Deus que falou e continua falando, precisamos tomar atitude de discípulo que escuta com amor e docilidade [...] A novidade de Jesus encarnado; anunciamos Jesus Cristo, o Filho de Deus, que agora quer realizar sua encarnação nos povos Bororo e Xavante, pelo processo de inculturação [...] A evangelização inculturada exige a acolhida da religião indígena como base irrenunciável para radicar o Evangelho profundamente, não à maneira de um verniz. (EM, 20) Longe de ser destruição, é consolidação e crescimento, é vida em plenitude da cultura com sua religião ancestral [...] Alinhar a própria vida à luz do Evangelho recebido é conseqüência, é resultado, é fruto de uma verdadeira e profunda iniciação dos mistérios do Cristo Ressuscitado [...] Estamos vivendo em tempos privilegiados da atividade missionária.[17]

Entre as mais variadas atividades dos missionários, surgem algumas que se mostram excepcionais quanto ao alcance de sua realização; assim representa uma grande conquista o anúncio de que, no dia 5 de janeiro de 1997, acontecerá a formatura da primeira turma de Magistério em Sangradouro. Sobre esse empreendimento dos missionários o Boletim Informativo da Inspetoria registrou:

> Foi concluído o Curso de Magistério em Sangradouro, onde 42 índios, entre bororos e xavantes, receberam o diploma de professores. O curso forneceu profissionais para várias aldeias e está na vanguarda no setor educacional. É a primeira escola regular do país a formar uma turma (de índios). A intenção agora é dar uma resposta para outra necessidade dos índios, que é a questão da saúde. Vai ser ministrado um curso de enfermagem para 35 alunos das aldeias de Sangradouro e de outras... O curso será adaptado à realidade indígena. Este curso tem convênio com o curso de Fisioterapia da UCDB.[18]

Depois de mudança de diretor, as notícias de Sangradouro continuam a mostrar a grande atuação dos salesianos; a formação de grupos de catecúmenos na comunidade xavante, o atendimento pastoral às populações vizinhas e a outras aldeias entusiasmam o novo diretor. A escola de Sangradouro está com mais de 400 alunos do ensino fundamental e médio; o curso técnico de enfermagem está preparando alunos indígenas que irão assumir essa função nas diversas aldeias. Com segurança avançam nesse setor, pois os professores da área específica são da UCDB de Campo Grande; eles oferecem aos alunos indígenas um roteiro seguro na área da enfermagem.

Por outro lado os missionários iniciaram, junto com as Irmãs Franciscanas da Mãe Dolorosa, um curso de preparação para os xavantes de

[17] Boletim Informativo, set./out. 1996, p. 3; 18-19; 50-55.
[18] Boletim Informativo, jan./fev. 1997, p. 17.

algumas aldeias da região das aldeias de Areões e de Água Branca. Eles mesmos se tornaram catequistas para poderem ser batizados. Para se capacitarem melhor na compreensão e entendimento da cultura xavante, os salesianos passaram a realizar alguns encontros em que as irmãs que o desejarem possam adquirir melhor conhecimento sobre a língua xavante[19].

Nesse sentido, o trabalho dos missionários amplia-se em diversas áreas. Assim, para favorecer mais o trabalho da catequese, o Evangelho de S. Marcos está sendo traduzido e o texto final será editado pela UCDB. Com o mesmo empenho, Pe. Ochoa preparou e vai lançar o primeiro dicionário Bororo-Português e Português-Bororo, que será também editado pela UCDB. Nesse sentido, o trabalho do Pe. Ochoa ganhou maior alcance ao preparar para a publicação o resultado de seu trabalho de missionário, a tradução para a língua bororo dos quatro evangelhos. O texto bororo apresentará em uma só edição os quatro evangelhos; também a UCDB publicará essa obra[20].

Nesse período, foi divulgada uma notícia sobre outro grupo de índios referentes aos xavantes; trata-se de um grupo de xavantes que permaneceram nessa região sul do Estado de Mato Grosso do Sul e que, aos poucos, ficaram reduzidos a um pequeno grupo de 27 pessoas. A Cesp de S. Paulo adquiriu uma área e construiu casas para esse remanescente grupo de índios xavantes, denominados de Ofaiés. Vivem em Brasilândia, MS, os 32 ofaiés descendentes desse outro grupo de xavantes que não emigrou para o norte de Goiás e depois para o Mato Grosso[21].

No meio do ano de 1998, tornou-se pública uma velha rixa entre os xavantes de S. Marcos. Os diferentes grupos, então já numerosos e consistentes, desejavam a direção da aldeia, mas a presença do cacique Aniceto, sempre mais consistente depois da chegada dos xavantes em 1957, quando era jovem, foi questionada por lideranças de outros grupos que para a aldeia vieram depois. Mas o perigo de uma mortandade entre os grupos se tornara visível. O diretor da Missão passou por momentos muito difíceis, até que o grupo desafiador dos xavantes liderados pelo Aniceto decidiu sem luta formar outra aldeia distante uns dez quilômetros de S. Marcos. O perigo iminente de uma guerra interna e de muitas mortes, depois de vários meses de contínuas ameaças, passou com o afastamento desse grupo que desafiava a chefia da comunidade xavante de S. Marcos.

O projeto AMA, nesse meio de ano de 1999, perfurou dez poços com sucesso e neles foram instaladas bombas d'água com o modelo de fabricação do próprio projeto. Essas bombas são denominadas de bombas gangorra,

[19] Boletim Informativo, maio/jun. 1997, p. 25-26; maio/jun. 1998, p. 19-20.
[20] Boletim Informativo, jul./ago. 1997, p. 26.
[21] Boletim Informativo, mar./abr. 1997, p. 28.

foram projetadas com a finalidade unir lazer ao trabalho, pois ao utilizar a gangorra como diversão, estarão bombeando a água do poço. Com essa modalidade, o projeto atendeu as aldeias dos Areões, da Volta Grande, e depois foram levar o projeto para as aldeias da região da reserva do Parabubure, nos meses de agosto e setembro desse ano. Outra notícia significativa para o trabalho dos missionários na Missão de S. Marcos foi a realização do primeiro curso de computação para os professores indígenas da escola. Mesmo sem o número de computadores necessários, houve a iniciação dos professores quanto à possibilidade do uso desse instrumento como auxílio para as aulas no exercício do magistério[22].

Por fim, a atividade mais significativa nas missões foram as reformas de casas e da rede elétrica nas aldeias. Essas reformas foram financiadas por doações de órgãos internacionais no ano 2000. A primeira ação de reforma em Meruri referiu-se à proposta de um projeto financiado por recursos provenientes do exterior. Constava, conforme foi explicado na reunião do Conselho, da reforma de uma sala, antigo dormitório, para que se pudesse instalar duas secções: uma para exposições culturais dos bororos e outra para projeções e vídeos. Porém não se decidiu nem quando nem como realizar esse pequeno projeto. No ano seguinte, as perspectivas sobre construções e melhorias em Meruri foram devidamente apresentadas no Conselho Inspetorial. A conclusão sobre a construção das casas para os bororos e sobre a rede elétrica melhorada para os xavantes permaneceu no ar, pois ainda pendiam questões sobre as reservas indígenas, e investir uma grande soma de recursos não se tornava conveniente enquanto não se delineasse bem a situação jurídica das reservas[23].

Somente em novembro de 2001, o conselho aprovou todos os pedidos de financiamento para as melhorias nas três sedes das missões:

> Projetos das missões indígenas – trata-se de pedidos encaminhados pelas três missões à Procura Missionária do Colle Don Bosco. O conselho inspetorial avaliou e se pronuncia favorável ao pedido de Meruri para a reforma das casas dos Bororos, do recurso para a condução enviado diretamente para a associação dos Bororos, e também do pedido para a manutenção de equipamentos a uso de salesianos para realizar a missão. O pedido de S. Marcos, visto que responde às necessidades locais, o conselho aprova o projeto por inteiro. Do pedido de Sangradouro foi aprovado: construção das 15 casas para os Bororos e a reforma da rede elétrica para a aldeia Xavante.[24]

Os projetos assinalados nessa reunião do Conselho Inspetorial, de fato foram muito importantes para as três missões. Esses projetos seriam

[22] Boletim Informativo, nov./dez. 1999, p. 9; 37.
[23] Atas do Conselho Inspetorial – 1996-2003. 13/12/2000, p. 138; 10/05/2001, p. 144.
[24] Atas do Conselho Inspetorial – 1996-2003. 17/11/2001, p. 152b-153.

financiados pela Instituição do Colle Don Bosco de Turim e foram iniciados mais tarde. Todos os projetos foram iniciados no ano seguinte, em 2002, e suas execuções prolongaram-se por bom tempo. Dessa forma, alguns passos concretos ocorreram nas missões para melhorar as condições de vida dos índios e dos salesianos. A grande novidade de casas novas para os índios, sem dúvida, foi o projeto mais celebrado por todos; mas a nova perspectiva de um local para expor e se trabalhar documentalmente com a cultura dos bororos foi um passo no processo de inculturação e de novas técnicas oferecidas aos próprios índios, para o devido cuidado para com o acervo de enfeites e de documentos sobre a história dos bororos e de seus costumes. Um salto em termos de estudo da cultura foi iniciado, uma vez que já havia índios devidamente preparados para esse trabalho.

15.4 A atividade paroquial desse período e as mudanças nesse setor

A atividade dos salesianos nas paróquias durante o governo do Pe. José Winkler foi marcada por algumas mudanças de párocos, por empreendimentos novos em alguma paróquia e por transferências de paróquias para as dioceses. Como nos outros campos de trabalho dos salesianos, sempre ocorreram as reuniões anuais dos salesianos que trabalham no setor paróquias, para reflexões, engajamento nas diretrizes da inspetoria e como animação inspetorial.

Nos dias 6 e 7 de agosto de 1996, ocorreu o encontro de párocos do ano na Casa de Retiros da Lagoa da Cruz. Pe. Luigi Fávero coordenou esse encontro e afirmou que, em clima de oração e fraternidade, animou a todos; o primeiro dia foi dedicado ao intercâmbio sobre a realidade social e pastoral de cada paróquia, seus projetos e programas pastorais. Segundo o Pe. Luigi, foi um panorama rico e cheio desafios rumo ao terceiro milênio; afirmou também, ao lado do encarregado, que crescia o interesse vocacional nas comunidades. Todos se sentiram animados para o empenho pastoral em preparar o terceiro milênio com ardor missionário e novos métodos de evangelização[25].

Em Rondonópolis, a paróquia recebia seu novo pároco, Pe. Osmar Resende. Com muita simplicidade procurou levar avante os projetos paroquiais. O mais visível seria o término do acabamento da Igreja matriz, ainda em construção, faltavam forro, piso e pintura. Apesar de tudo, não faltavam sonhos sobre a construção de nova residência para os salesianos e sobre o Centro Juvenil na praça em frente à paróquia. Segundo o Pe. Osmar, a paróquia contava com 14 comunidades. Na sede acontecia a Santa Missa dia-

[25] Boletim Informativo, jul./ago. 1996, p. 14.

riamente; em outras três comunidades, aos domingos, e nas demais, uma vez por mês. "A população de nossa paróquia é de gente simples e carente e merece uma atenção especial por parte dos salesianos. Há muito trabalho pela frente!"[26].

No início de 1998, Pe. Osmar Resende foi transferido para a paróquia de Alto Araguaia junto com o Pe. Francisco de Lima. Esses dois novos sacerdotes teriam pela frente um trabalho muito difícil: substituir o dinâmico Pe. Danilo. Este realizara em Alto Araguaia muitas obras, e não houve bairro em que não houvesse uma igreja. Essa sua atividade provocou, segundo os cronistas, muito pesar e choro nas despedidas dele. Mas Alto Araguaia também se recordava do Pe. Sebastião Vilela, que atendeu sempre o povo com muito carinho e com simplicidade.

Nesse ano de 1998, o Pe. Humberto Angeloni foi destinado para a paróquia salesiana de Araçatuba. Ao chegar, quis facilitar a convivência com os meninos da catequese; para isso quis abrir mais as dependências da paróquia para que os meninos se sentissem bem e pudessem usar a quadra e os ambientes depois da catequese, ao mesmo tempo quis potenciar a frequência à biblioteca paroquial. Ele que fora muito bem recebido por todos queria tornar as dependências da paróquia abertas aos jovens e crianças. Mas tal atitude no futuro não foi compreendida e tornou-se o ponto de uma divergência com o outro seu auxiliar, Pe. Ângelo Rudello[27].

Nesse ano de 1998, em Coxipó, aconteceu uma revolução quanto à igreja da paróquia de Nossa Senhora da Guia. A igreja antiga foi demolida, e o Pe. Fortunato Fávero conseguiu, em tempo recorde, elevar os alicerces, e a nova igreja ficou logo pronta. Ao contar com o antigo e o novo, conseguiu construir uma bela igreja com salão no subsolo, um centro de encontro e para a formação dos paroquianos. A nova igreja possui 24 janelas que possibilitam uma ventilação razoável. Também foram edificados ambientes para o novo escritório do pároco e demais ambientes para uma boa sacristia. Afinal tudo foi fruto do trabalho do pároco, que conseguiu grande apoio e colaboração de todos da comunidade paroquial. Depois de tantos anos, Coxipó tem agora uma nova igreja que oferece conforto e boa acolhida aos fiéis.

Em Corumbá, ocorreu um fato muito interessante, Pe. Paulo Mhor que atendia o assentamento do Urucum, a 20 Km da cidade de Corumbá, decidiu construir uma igreja ecologicamente correta; para isso usou o que havia ali na região, toda espécie de madeira, mas em especial as paredes foram revestidas por partes da palmeira carandá, muito abundante na região. O formato de uma viola auxiliou a expressão especial dessa construção. Tornou-se um

[26] Boletim Informativo, nov./dez. 1996, p. 29.
[27] Boletim Informativo, jan./fev. 1998, p. 5; 8.

monumento especial para a acolhida dos fiéis. Depois dessa experiência, Pe. Paulo Mhor iria mais tarde elevar outras igrejas nesse teor em outros bairros da cidade de Corumbá. A estátua de S. Francisco de Assis elaborada pela artista Izulina Xavier também contribuiu para a originalidade de tudo nessa igreja[28].

No setor da atividade pastoral das paróquias, além de outras iniciativas, nesse tempo sobressaiu a brilhante inauguração da Escola Paroquial D. Bosco da paróquia S. Gonçalo, em Cuiabá. Essa escola,nessa ocasião com mais de 700 alunos, dispõe de um ambiente agora com 14 salas de aulas e demais dependências, e tem alunos do primeiro e segundo grau. Desde 1999, está funcionando também o terceiro ano do segundo grau, e os paroquianos pensam em criar uma futura faculdade. Mais da metade dos alunos estuda com bolsa de estudo, pois é necessário atender o povo que mora na região. Essa escola foi também alvo do cuidado dos párocos anteriores, Pe. Mário Pansiera, Pe. Firmo Pinto Duarte, e por fim Pe. Luigi conseguiu construir o prédio de dois andares e ampliar consideravelmente a capacidade de atendimento dessa escola. Pe. Luigi, ao celebrar a inauguração da escola, entronizou a estátua de Nossa Senhora Imaculada em uma das varandas da escola. Para todos ali, origem da primeira presença salesiana em Mato Grosso, essa escola está concretizando o ideal salesiano de formar "Bons cristãos e honestos cidadãos!"[29].

Durante todo o ano de 1998, ocorreu na paróquia S. João de Araçatuba, um entrevero entre os dois sacerdotes que lá trabalhavam. O Pe. Ângelo Rudello interpretou as intervenções do Pe. Angeloni como restrição do campo de ação dos escoteiros nos ambientes paroquiais. Pe. Ângelo foi o grande promotor do movimento de escoteiros, na cidade de Araçatuba e arredores, dispôs sempre de grande liberdade para agir. Pe. Angeloni queria dar mais realce aos catequizandos e, para isso, necessitava dos espaços ao redor da Igreja. As diferenças cresceram, e a intervenção do Pe. Inspetor não conseguiu conciliar as posições. A consequência máxima foi que o Pe. Inspetor conseguiu a aprovação do conselho inspetorial para tomar suas decisões: afastar de lá os dois sacerdotes e entregar a paróquia à diocese. Essas decisões ocorreram na reunião do Conselho Inspetorial de 23/09/1998[30]. Três foram as consequências dessa decisão: Pe. Angeloni pediu para se transferir para a inspetoria de S. Paulo e foi trabalhar em S. Carlos. Pe. Ângelo Rudello pediu para se transferir para a diocese e, por fim, houve a entrega da grandiosa paróquia de S. João, onde tantos salesianos trabalharam com grande alegria.

[28] Boletim Informativo, set./dez. 1998, p. 24; maio/jun. 1998, p. 14.
[29] Boletim Informativo, jan./fev. 1998, p. 16-17; maio/jun. 1998, p. 14.
[30] Atas do Conselho Inspetorial - 1996-2003. 23/09/1998, p. 73.

Na reunião do Conselho Inspetorial de outubro de 1998, o diretor da casa do Coxipó explanou a situação dessa casa após não mais contar com os pré-aspirantes: a escola depende do S. Gonçalo, o Projeto AMA é independente, o Oratório está caminhando e a paróquia tem suas atividades. O diretor afirmou que seria necessário um ponto de apoio para animar a comunidade, mas nada apresentou de consistente quanto a esse assunto. Assim a paróquia continuaria suas atividades de forma independente, pois não havia um núcleo animador nessa casa[31].

No setor das paróquias, houve uma posição do Conselho Inspetorial contra uma das cláusulas do convênio com a diocese de Guiratinga; no mês seguinte, teve também que assumir outra posição contra as pretensões do Sr. Bispo de Barra sobre a paróquia de Nova Xavantina. O Sr. Bispo queria a todo custo a paróquia de Nova Xavantina para passá-la para os padres redentoristas, em vista de um santuário; os conselheiros afirmaram ser essa questão um motivo de discussão, porém que o Sr. Bispo ressarcisse a Missão Salesiana sobre todos os valores dos terrenos da Missão. A resposta do Sr. Bispo foi o anúncio de que os redentoristas haviam desistido de ir para lá[32].

O Sr. Bispo de Barra, D. Sarto, solicitou ao Pe. Inspetor para que o Pe. José Barbisan fosse o pároco da Igreja do Pontal, uma região da cidade de Barra. Por alguns anos, assim foi e, enquanto tinha condições, atendeu o povo dessa cidade vizinha de Barra do Garças. Também em Araçatuba, ocorreu a oferta aos salesianos da paróquia Bom Jesus; seria uma espécie de concretização do atendimento que a comunidade já realizava aos domingos nessa Igreja, mas a posição do Conselho Inspetorial foi de que não havia condições de assumir tal paróquia no momento.

Em seguida também, no final do ano 2000, Pe. Valério decidiu reformar a catedral de Três Lagoas. A situação da igreja como construção era calamitosa, e urgia uma reforma substancial; com um dinheiro de herança de sua família, Pe. Valério conseguiu realizar a devida reforma da Igreja que agora se mostra muito acolhedora e bem apresentável para todos que a frequentam[33].

No início do ano de 2001, D. Vitório Pavanello enviou ao Conselho Inspetorial um comunicado solicitando a entrega da Paróquia S. José. Esse comunicado tem por base uma negociação de anos anteriores sobre as terras da fazenda do antigo seminário; foram passadas essas terras para a Missão Salesiana, que lá estabeleceu o campus da UCDB. Toda a fazenda estava recortada por empresas de loteamentos e de terrenos cedidos a outras institui-

[31] Atas do Conselho Inspetorial – 1996-2003. 02/10/1998, p. 75b.
[32] Atas do Conselho Inspetorial – 1996-2003. 10/12/1998, p. 82.
[33] Atas do Conselho Inspetorial – 1996-2003. 28/11/2000, p. 136.

ções. A diretoria da UCDB negociou o acerto financeiro de todas as posições que estavam ilegais junto aos loteamentos e junto a outras firmas. O preço foi alto e, principalmente, na demarcação dos loteamentos irregulares e de outras concessões de terra da antiga fazenda, propriedades que jamais haviam tentado legalizar. Registrou-se ao redor do prédio do Seminário uma área adida ao seminário antigo. Outra área foi demarcada no final do loteamento ao lado da Av. Tamandaré para o novo seminário e residência do Bispo. Foi demarcada uma vasta área de reserva florestal. A regularização dessas propriedades exigiu alto dispêndio por parte da UCDB. Em compensação, inicialmente fora combinado que a Missão passaria para posse da diocese a paróquia S. José e todas as suas dependências. Assim foi o acordo. Mas os salesianos continuaram a prestar o atendimento pastoral na Paróquia S. José, pois a inspetoria está ao lado dessa paróquia. Em reunião, o Conselho Inspetorial decidiu construir um muro nos limites dos terrenos e passar a Paróquia S. José ao Sr. Bispo, D. Vitório Pavanelllo[34].

No final do ano de 2001, o bispo de Dourados insistiu fortemente junto à inspetoria para que os salesianos assumissem uma paróquia em Dourados. A presença dos salesianos na região sempre foi muito bem acolhida e percebida em todas as inúmeras capelas que os salesianos atendiam nessa região. Porém esse pedido não foi aceito devido a outras questões sobre o número de sacerdotes disponíveis na Inspetoria. O setor das paróquias nas atividades da inspetoria necessitava de constante renovação dos salesianos, pois vários foram transferidos, e outros, já idosos, não tinham mais condições de assumir uma paróquia nova. O pedido do Sr. Bispo representava um gesto de confiança, mas não foi possível atendê-lo[35].

15.5 A atividade educativa e pastoral nos colégios

O setor das escolas apresenta normalmente duas grandes dimensões a serem sempre abordadas em cada época, devido às variações constantes nesses campos: a animação pedagógica e a atividade pastoral nas escolas. Além desses dois grandes campos de atuação dos salesianos e da vida nas escolas, existiu nesse tempo outra qualificação determinante nas escolas: escolas particulares, normais, e as escolas conveniadas ou estaduais, ou mesmo municipais. Essas instituições, através de convênios, passaram a figurar nas atividades da Inspetoria inicialmente com grandes facilidades. Porém, com o correr do tempo, as exigências, ou do estado, ou das prefeituras, iniciaram a dificultar a presença da atividade tipicamente salesiana nessas escolas. A atividade pastoral nas escolas, quer particulares, quer conveniadas, sempre

[34] Atas do Conselho Inspetorial - 1996-2003. 15/02/2001, p. 139; 18/04/142.
[35] Atas do Conselho Inspetorial - 1996-2003. 19/09/2001, p. 148.

foi marcante e essencial para se construir uma identidade de escola salesiana que evangeliza e que promove a participação na vida da Igreja.

Quanto à atividade pastoral nas escolas, houve sempre muita animação como em Cuiabá, S. Gonçalo, em que, no mês de maio de 1996, aconteceu uma espécie de "Encontrão" dos jovens. Foi um dia animado; houve pela manhã uma reflexão sobre o Sistema Preventivo de D. Bosco, confrontando-se com as atividades da atividade pastoral dos jovens. Depois houve a apresentação dos vários grupos, e uma gincana animada fechou as atividades desse encontro. No colégio, durante o mês de maio, houve a peregrinação da imagem de Nossa Senhora pelas salas de aula; os alunos preparavam a oração da sala como uma verdadeira homenagem para a mãe do Céu. Assim caminhavam as atividades pastorais nas escolas. Já em Lins, a atividade da pastoral manifestava-se na acolhida dos meninos da FEBEM que se dirigiam ao colégio e eram recebidos pelos alunos da pastoral que promoviam brincadeiras e outras atividades para animar as crianças Sempre muito gratificante em todos os sentidos essas atividades promovidas pelos jovens da Pastoral.

Nesse ano, duas outras iniciativas deveriam ser tomadas quanto ao funcionamento das escolas. Ficou decidido, em abril de 1996, que no próximo ano o Colégio Santa Teresa retornaria a funcionar somente como escola particular. Depois de tantos anos em convênio com o Estado, atendeu milhares de alunos como escola estadual. Diante das condições difíceis do Estado, os salesianos retornam à origem do Santa Teresa, uma escola particular a partir do ano de 1997[36].

Definindo-se também como escola conveniada, a Escola Agrícola S. Vicente, que vigorou por muitos anos para atender alunos internos e externos na Lagoa da Cruz, diante das dificuldades apresentadas pelo convênio, ficou decidido pelo Conselho Inspetorial que seriam encerradas todas as atividades dessa escola a partir do ano de 1997. Assim, o ano de 1996 foi o último de funcionamento dessa sobredita escola que funcionava na Lagoa da Cruz[37].

Ainda nesse ano de 1996, houve a longa e persistente questão da adesão ao projeto apresentado pela consultoria do Sr. Adão Conrado. Muitos ainda não aderiram a esse projeto que visava ao melhoramento administrativo e à aceitação de uma referência de qualidade para as ações pedagógicas e administrativas nas escolas da Inspetoria.

No ano de 1997, no setor das escolas, prosseguiram as atividades tanto na pastoral como nos processos pedagógicos. O Colégio Santa Teresa finalmente se posicionou como escola particular somente. Ao completar 100

[36] Boletim Informativo, maio/jun. 1996, p. 19-20; set./out. 1996, p. 16-17.
[37] Atas do Conselho Inspetorial – 1996-2003. 24/09/1996, p. 20.

anos, o Santa Teresa retornava às atividades de uma escola particular como sempre foi. Ainda na reunião do Conselho de dezembro de 1997, foi ventilada a questão ou possibilidade de se levar para Corumbá cursos da UCDB, pois os espaços livres eram muitos e, havendo demanda, poder-se-ia estudar essa possibilidade[38].

Em Campo Grande, a ação pastoral dos salesianos continuava com muita dedicação; assim o 8º encontro das crianças do primário, denominado de Sementinha, contou com 72 crianças e com a colaboração de 15 jornadistas para auxiliar e animar o encontro. Foi uma experiência maravilhosa para os participantes e para os organizadores. Outra atividade pastoral de grande entusiasmo foi a vigília pascal passada em reflexão e descoberta interior. Tudo terminou com a Santa Missa em clima de grande festa. Também em Campo Grande, continuavam as manhãs de reflexão para as diversas turmas do primeiro e segundo graus. Verdadeiros encontros de formação para todos. Afinal, a ação pastoral anima e entusiasma os alunos e os encarregados da Pastoral no Colégio D. Bosco[39]. Nesse ano, a inspetoria aprovou para o Colégio D. Bosco a aquisição de 90 computadores para introduzir aulas de informatização para todos os alunos; de forma simples, mas convicta, o conselho inspetorial questionou a continuidade do contrato com a firma "Adão Conrado" sobre a assessoria nas escolas.

Em Araçatuba, houve o progresso da informatização da biblioteca e prosseguia a construção da nova residência para os salesianos, mas era necessário melhorar a administração; também nas reuniões do conselho inspetorial insistiu-se muito quanto à referencialidade de tudo ao PEPS. Acusou-se a necessidade inadiável de se ater ao PEPS a fim de que as casas harmonizassem as diversas atividades para ser a comunidade que vivia e agia em conformidade com as normas comuns para toda a atividade salesiana na inspetoria; assim os projetos de atividades educativas e pastorais deveriam caminhar de acordo com a administração e assim se concretizar a ação educativa em todas as comunidades[40].

O setor das escolas na inspetoria durante o ano de 1998 foi caracterizado por alguns pedidos que revelaram o apreço pela educação salesiana, ou mesmo pela história da presença dos salesianos na região de Mato Grosso. Esses pedidos de novas presenças ocorreram por iniciativas dos bispos de três dioceses. O primeiro pedido que chegou à inspetoria no início do ano de 1998 veio da diocese de Cáceres. O Sr. Bispo dessa cidade oferecia um colégio já pronto, que fora dirigido por irmãs, e agora desejava que fosse revitaliza-

[38] Boletim Informativo, maio/jun. 1997, p. 12-13.
[39] Boletim Informativo, mar./abr. 1997, p. 8-9.
[40] Atas do Conselho Inspetorial - 1996-2003. 19/03/1997, p. 31.

do com a presença dos salesianos. No mês de junho, foi a vez de o bispo da cidade de Juína, no norte do Estado de Mato Grosso, enviar um plangente pedido para que os salesianos abrissem um colégio naquela cidade, agora sede da diocese. O bispo fora inspetor na Inspetoria de Manaus e conhecia muito bem a força da pedagogia salesiana. Ao iniciar o seu trabalho pastoral na diocese, manifestou o grande desejo de que ali houvesse uma escola católica e salesiana. Já em dezembro de 1998, chegou outro ardente pedido do bispo de Guiratinga, para que os salesianos abrissem um colégio e uma paróquia na novíssima e próspera cidade de Primavera do Leste. Essas solicitações foram devidamente apreciadas nas reuniões do conselho inspetorial e, infelizmente, as respostas de todos foram negativas, em vista da verificação dos locais e das reais possibilidades da inspetoria quanto ao número de salesianos. Em agosto desse ano, foi finalizada a tratativa sobre as possibilidades de colégios em Cáceres e Juína depois que os salesianos indicados pelo conselho estiveram visitando as duas cidades e examinando as propostas no local[41].

Outras atividades no setor das escolas desse ano de 1998; uma das mais significativas foi lembrar os 100 anos do Colégio Santa Teresa de Corumbá que, desde o seu início, oscilou de 115 matrículas, em seu primeiro ano de funcionamento, até atingir em 1975 o número grandioso de 4.605 matrículas, quando funcionava como escola conveniada com o governo. Uma história muito significativa para a cidade e para a inspetoria. Os prédios foram todos modificados desde que deixou de haver internato e assim passou-se para uma concepção de escola tipicamente para alunos externos. No dia dia 04 de abril de 1998, iniciaram as comemorações do centenário dessa escola gloriosa, foi a segunda casa da Inspetoria do Mato Grosso. Sua existência deve-se ao interesse do Pe. Lasagna, que em sua volta para Montevidéu deixou agendada a fundação dessa escola na cidade de Corumbá[42]. De sua passagem de escola particular para escola conveniada com o governo, com 812 alunos mantidos ainda pelo governo, no ano de 1999 tornou-se uma escola particular como nos inícios de suas atividades em 1899. Nesse ano de 1999, ainda foi considerada a situação de processamento dos dados do Colégio D. Bosco vinculados aos mecanismos de informatização da UCDB; quanto ao colégio de Três Lagoas, a posição da Inspetoria foi de recuperar o prédio para se poder iniciar uma escola a partir da Missão Salesiana. Nesse ano, também chegou a aprovação do pedido da inspetoria para a construção de um novo bloco de salas de aulas para o S. Gonçalo de Cuiabá. Da mesma forma, a inspetoria pensou numa nova posição da comunidade de Coxipó, onde está a extensão

[41] Atas do Conselho Inspetorial - 1996-2003. 23/08/1998, p. 73; 02/10/1998, p. 78b; 10/12/1998, p. 82.
[42] Boletim Informativo, mar./abr. 1998, p. 10.

do S. Gonçalo, e verificar-se-ia a possibilidade de se abrir no Coxipó o 2º grau pois o Patronato contava então com 700 alunos do 1º grau[43].

No ano seguinte, 1999, houve uma grandiosa comemoração dos cem anos do Colégio de Corumbá, Santa Teresa, recordando desde os tempos do primeiro diretor, Pe. Ângelo Cavatorta, até o Pe. Segismundo Martinez, então atual diretor. A situação dos salesianos em Corumbá não se limitou ao colégio, foram construídas várias outras obras como o Centro dos Ex-alunos, o Santuário de Maria Auxiliadora, a Ação Social Salesiana. Vários ex-alunos tornaram-se celebridades pelo Brasil e até cientistas passaram pelos bancos das aulas do Santa Teresa, uma escola gloriosa. Nas comemorações, os ex-alunos mostraram-se entusiasmados e alegres pelos anos que passaram pelo glorioso colégio[44].

Também nesse ano de 1999, em Cuiabá, no S. Gonçalo, houve iniciativas muito plausíveis, entre as quais se destaca o projeto "Pantanal" em que, após inúmeros estudos, os alunos partiram para o centro do Pantanal. Foram dois dias de atividades intensas para os jovens cientistas, que se inteiraram dos problemas do meio ambiente. Na pousada, tiveram oportunidade de se encontrar com o Ministro do Turismo , quando então puderam constatar as grandes questões que o Meio Ambiente pode levantar para futuros estudos[45].

Além disso, na paróquia S. Gonçalo, foi inaugurado o prédio de três andares para funcionar a escola paroquial. Essa escola, Colégio Salesiano D. Bosco, acolhia nesse tempo 800 alunos, da pré-escola ao ensino médio. A inauguração ocorreu depois da procissão de Nossa Senhora Auxiliadora, com uma solene missa no pátio da nova escola, com a celebração presidida pelo pároco, Pe. Luigi Fávero e também diretor do colégio. Houve encenações, e a homenagem a Nossa Senhora foi grandiosa com fogos, que iluminaram o céu de Cuiabá, e com a solene coroação de Nossa Senhora[46]. Com a anuência de vários salesianos, estudou-se a possibilidade de também se abrir no S. Gonçalo alguns cursos universitários. Houve várias sugestões, mas não se concretizou nenhuma das hipóteses aventadas.

Nesse ano, ainda permanecia a análise ao insistente pedidos de D. José Foralosso para a presença dos salesianos na cidade de Primavera do Leste, o conselho decidiu que iria ainda estudar essa questão para um posicionamento ulterior. O Conselho, meio fora da realidade altamente crescente da cidade, ainda iria aguardar novos dados para se posicionar. Porém uma notí-

[43] Atas do Conselho Inspetorial – 1996-2003. 02/100/1998, p. 75b.
[44] Boletim Informativo, mar./abr. 1999, p. 8-9.
[45] Boletim Informativo, mar./abr. 1999, p. 22-23.
[46] Boletim Informativo, jul./ago. 1999, p. 6-8.

cia do jornal de Primavera do Leste, de 17/09/1999 afirmava: As Religiosas da Congregação das Irmãs Beneditinas da Divina Providência, com sede em Curitiba, PR, vão assumir a escola de 1º e 2º graus em Primavera. Essa notícia deixou de lado qualquer conjectura de os salesianos pensarem em uma presença nessa cidade para trabalhar no setor das escolas[47].

Durante o período de 2000 a 2002, ocorreram várias modificações no setor das escolas; a mais importante foi o desmembramento das comunidades salesianas que dirigem respectivamente a UCDB e o Colégio D. Bosco. A comunidade de salesianos que dirigiam a UCDB passou a residir no campus, tornando-se autônoma quanto a seu trabalho. Os salesianos do Colégio encontraram um campo vasto, novo e necessitado de muitas reformas para poder abrigar os alunos de forma competente e agradável. O planejamento de reorganização dos espaços no D. Bosco exigiu novas posturas e novas maneiras de considerar os ambientes. Nessas reformas, incluiu-se a grande área do Poliesportivo como parte integrante dos planos de treinamentos para os alunos. Dessa forma, os espaços nos pátios e nos blocos, no colégio, foram replanejados e reconfigurados. A grande novidade deu-se ao permitir o acesso dos carros para deixar já no pátio do colégio os alunos menores, que passaram a ocupar os espaços devidamente planejados do Bloco A, e os das séries de 5º ao 8º ano para o Bloco E; os alunos do científico permanecem no Bloco C; essas reformas tornaram o ambiente do colégio mais apropriados para acolher esses alunos e, ao mesmo tempo, proporcionou uma independência entre os três grupos de alunos[48].

Também no setor de escolas, houve a tentativa de se instalar faculdades em Cuiabá; essa notícia no ano 2000 encontrou grande expectativa por parte do povo, mas infelizmente a decisão não encontrou aspectos de se concretizar apesar de os salesianos estarem também favoráveis à implantação de cursos do Ensino Superior em Cuiabá. Outro fato singular desses dois anos, 2001-2002, foi a oferta dos Padres Redentoristas sobre o Colégio "Perpétuo Socorro" dirigido por eles. Queriam passar essa escola para os salesianos e procuraram estabelecer contatos e negociações, mas a direção da Inspetoria não deu esperança alguma sobre essa proposta[49].

Como programação do setor das escolas para o ano 2002, continuou-se a editar para os colégios a Agenda Escolar e, no meio do ano, ocorreria na casa de encontros dos Irmãos dos Sagrados Corações em Lins o Intercâmbio dos alunos dos vários colégios. Também foi aprovada a realização do Congresso Salesiano de Educação para os professores das escolas da Inspe-

[47] Atas do Conselho Inspetorial - 1996-2003. 25/03/1999, p. 92b; 05/10/1999, p. 101.
[48] Atas do Conselho Inspetorial - 1996-2003. 14/02/2002, p. 157; 156; 141.
[49] Atas do Conselho Inspetorial - 1996-2003. 17/11/2001, p. 152; 26/04/2002, p. 161.

toria. O tema do Congresso seria "Educação Salesiana: Identidade e Missão". Esses dois itens da programação do setor das escolas seriam realizados, mas já dentro do período de outro Inspetor[50].

15.6 A expansão do Ensino Superior na Inspetoria

A situação da Inspetoria diante de uma de suas atividades mais importantes, o ensino universitário, era, ao mesmo tempo, de grande expectativa e de muito trabalho. O ensino universitário expandia-se com velocidade por todo o país, e os salesianos animados por esse novo campo de trabalho – aliás nem tão novo assim, pois desde 1962, já acontecia em Campo Grande a inauguração da primeira faculdade salesiana no Estado –, também desejavam construir uma presença significante nesse ambiente por causa da presença dos jovens.

Desde 1962, com os primeiros cursos de licenciaturas em Campo Grande, nas Faculdades D. Aquino, descobriram o potencial em expansão para que a presença salesiana pudesse cumprir com um dos maiores requisitos de seu carisma: dedicar-se à educação dos jovens e à evangelização. A presença dos salesianos no ensino universitário, desde os primeiros anos, foi um fator consistente para se formar profissionais competentes e cristãos engajados. Ainda não existia Internet nem celulares, a comunicação pela TV era o ponto alto, mas era necessária uma presença de orientação firme para que também a Igreja Católica fosse sempre sustentada e pudesse acolher as novas gerações de jovens profissionais em diversos setores da sociedade. Essa atividade, a do ensino superior, mostrava-se plenamente favorável ao trabalho que os salesianos, por décadas, realizaram nos colégios em prol dos adolescentes, e então iniciariam a realizar com os jovens universitários.

Nesse período de 1990 em diante, ocorreu a solidificação da presença dos salesianos nesse setor, mediante a passagem da antiga FUCMT para a atual Universidade D. Bosco. O campus da universidade fala por si quanto ao seu futuro e à sua atuação no ensino e na profissionalização dos jovens do Estado e de outros lugares. Inicialmente a grande batalha da UCDB foi criar consistência em todas as áreas de atuação; posteriormente houve o grande trabalho da instalação dos mestrados e doutorados. Essa atuação exigiu a contratação de docentes titulados e competentes. Em seguida, além da expansão dos prédios do campus, foi necessário dotar de laboratórios as áreas de pesquisa e de experiência nos vários ramos do ensino. Os laboratórios, bem equipados e modernos, trouxeram a consistência esperada, e as possibilidades de pesquisa e experiências passaram também a exigir espaços

[50] Atas do Conselho Inspetorial – 1996-2003. 14/02/2002, p. 157b.

adequados, como os atuais no setor agropecuário. Mais ainda, os ambientes necessários tornaram a visibilidade do campus em um território variado e pleno de possibilidades para as diversas áreas.

A presença da universidade não afastou o ideal missionário dos salesianos. Com a universidade, foi possível auxiliar a população indígena por meio de cursos e capacitação de docentes indígenas; não somente no Estado de Mato Grosso do Sul, mas nas missões entre os xavantes e bororos, a presença da universidade trouxe, além da capacitação de professores, estudos e iniciativas no campo da pesquisa. De forma simples, mas vital, os salesianos, mediante o ensino universitário, continuam com sua grande característica, missionários em atuação entre os povos humildes e indígenas.

Nesse tempo, por mais de quatro anos, estudou-se a instalação de cursos superiores em Cuiabá. Houve salesianos que estudaram com dedicação essa possibilidade e, diante de um serviço grandioso e exigente com o Colégio S. Gonçalo, não se chegou a uma postura de se concretizar a fundação de faculdades salesianas em Cuiabá. O passo mais concreto nesse assunto foi dado pela elaboração de um projeto no MEC, solicitando alguns cursos para a cidade de Cuiabá.

O ensino universitário também se tornou uma realidade nas duas casas do Oeste Paulista, Lins e Araçatuba. Nessas duas cidades, houve salesianos que, ao perceber o final dos tempos de "colégios para internos", passaram logo a trabalhar para instalar o ensino universitário nessas duas casas. Em Lins, marcaram os cursos de Educação Física e Administração, posteriormente outros cursos na área de saúde. Em Araçatuba, a presença do curso de Contabilidade criou história, persistiu e posteriormente outros cursos tornaram a presença salesiana no ensino universitário muito significativa. A presença de tantos salesianos dedicados nesse trabalho criou uma tradição, e a expectativa de um progresso nesse setor permaneceu. Novas posturas, já nesse tempo, levantaram a possibilidade de uma união ao redor da instituição de um Centro Universitário unindo as faculdades de Lins e de Araçatuba.

15.6.1 O Ensino Universitário em Lins e Araçatuba

Quanto à organização do ensino universitário na Inspetoria, em 1996 ainda houve a tentativa de se unir as faculdades de Lins e de Araçatuba ao conjunto de faculdades e cursos da nova universidade, a UCDB. Com a resposta negativa quanto a essa possibilidade, os salesianos iniciaram a conjecturar novas modalidades de se organizar e melhorar o setor nas duas casas, em Lins e em Araçatuba. Estava chegando o momento de se posicionar por outra modalidade quanto ao funcionamento dessas faculdades. No final do ano de 1996, o diretor da casa de Lins enviou ao conselho algumas considerações

sobre o futuro do ensino universitário no Oeste Paulista da Inspetoria. Em primeiro lugar, foi apresentada a sugestão de se pensar em um futuro Centro Universitário abrangendo as faculdades das duas casas. Inicialmente algumas medidas seriam necessárias para que esse empreendimento adquirisse consistência. Algumas das posturas sugeridas foram: preparar a titulação dos professores e posteriormente ir melhorando os ambientes das faculdades[51]. Com essa aprovação inicial desse longo processo, as iniciativas foram ganhando consistência em Lins.

Durante o ano de 1997, foram enviadas ao conselho várias propostas de melhorias quanto aos ambientes para aulas, laboratórios e espaços para as atividades dos universitários. Ao mesmo tempo, iniciaram-se as diversas buscas para a qualificação ou titulação dos professores. Em julho, o conselho aprovou o projeto de amplas melhorias na casa de Lins. Também o conselho pediu que o diretor entrasse em contato com os salesianos de Araçatuba e com as irmãs Filhas de Maria Auxiliadora que detinham a faculdade de Pedagogia e de Psicologia, para que se unissem em uma só instituição para se concretizar em um futuro Centro Universitário. Em setembro, o Conselho Inspetorial aprovou as reformas solicitadas pela comunidade; no final do ano, o Pe. Inspetor pediu um estudo mais apurado sobre a possibilidade de se unir com as FMA para que estas participassem então desse futuro Centro Universitário. As conversas nesse sentido foram iniciadas. Porém muitas questões surgiram sem qualquer previsão de uma solução. A principal entre as questões constituía-se sobre a estruturação da mantenedora do Centro Universitário[52].

No meio do ano de 1999, houve a possibilidade de se adquirir uma área bem próxima da estrada que atravessa a Marechal Rondon para uma possível e futura atividade das faculdades do Centro Universitário. O Conselho Inspetorial consentiu com a aquisição da área de 140 hectares bem próxima do Country Clube de Lins. Em seguida, foram enviadas, por carta, as descrições dos passos necessários para a implantação do projeto do Centro Universitário. No final do ano 2000, o Conselho Inspetorial aprovou uma série de reformas para expandir as atividades do curso de Educação Física: uma quadra de 894 metros quadrados, piscina térmica para hidroginástica e outras melhorias[53].

A parte mais difícil de se preparar para o projeto do Centro Universitário seria o convênio estabelecendo as proporções de poder e de posse com as FMA. Houve várias tentativas nesse sentido e, somente na metade do ano de 2001, chegou-se à formulação de uma proposta de cooperação com as

[51] Atas do Conselho Inspetorial – 1996-2003. 10/12/1996, p. 27.
[52] Atas do Conselho Inspetorial – 1996-2003. 28/05/1998, p. 38; 42; 48; 67.
[53] Atas do Conselho Inspetorial – 1996-2003. 05/10/1999, p. 101b; 135.

FMA. No final do ano de 2001, em dezembro, o ecônomo inspetorial Pe. Segismundo Martinez apresentou às FMA um esboço de convênio a ser ratificado entre a Inspetoria delas e a Missão Salesiana. Foram notificadas sobre a questão patrimonial, pois a inclusão das faculdades de Araçatuba alteraria as porcentagens nessa diferença patrimonial. Ainda seriam esboçados os termos para que chegassem a um acordo normal sobre as questões pendentes.

No ano seguinte, precisamente no dia 26 de abril de 2002, o conselho tomou conhecimento do contrato assinado com o Escritório Murial de Belo Horizonte para a confecção do PDI sobre o Centro Universitário de Lins. O contrato fixou o mês de agosto de 2002, para que o Processo sobre o Centro Universitário fosse protocolado no Conselho Nacional de Educação. O preço desse processo chegou a R$ 60.000,00 a serem pagos em seis prestações ao escritório. No mesmo momento da assinatura desse projeto, foi realizada, por iniciativa do Pe. Segismundo Martinez, a elaboração de outro projeto a ser também apresentado ao CNE, a criação de vários cursos superiores em Cuiabá. Nessa reunião do Conselho inspetorial, foi notificado que as FMA não assinaram o convênio para o Centro Universitário, pois julgavam que havia muitas situações ainda não esclarecidas e iriam estudar as questões que elas julgavam pendentes diante da administração da inspetoria delas[54]. Os passos seguintes quanto a esse Centro Universitário, que passaria a unir os cursos superiores das casas salesianas de Lins e de Araçatuba, prosseguiram seus percursos, porém nesse ano finalizava o tempo de governo do então inspetor, Pe. José Winkler.

15.6.2 As tentativas por parte da inspetoria em abrir o ensino universitário em Cuiabá

O Boletim Informativo da Inspetoria do final de 1998 publicou uma notícia sobre a reunião de vários salesianos de Cuiabá, das missões e da UCDB para estudar a possibilidade se instituir cursos universitários em Cuiabá. Esse grupo selecionou seis possíveis cursos para se iniciar os trabalhos de elaboração de um processo a ser aprovado no Conselho Inspetorial e, posteriormente, encaminhado para o MEC. Esse grupo foi designado pelo Sr. Pe. Inspetor para estudar a viabilidade, ou não, de se estabelecer uma instituição salesiana universitária em Cuiabá[55].

Depois de examinar o relatório apresentado pela comissão que fora nomeada pelo Pe. Inspetor para esse propósito, houve um debate sobre as possibilidades viáveis para se iniciar o processo. Embora o Pe. Inspetor admitisse essa viabilidade, condicionou iniciar esse processo depois que a

[54] Atas do Conselho Inspetorial - 1996-2003. 26/04/2002. p. 101b; 135; 160b-161.
[55] Boletim Informativo, nov./dez. 1998, p. 19.

administração inspetorial saísse do déficit existente. Essa posição foi tomada em agosto de 1999. Durante o ano 2000, o assunto passou por algumas notificações e estudos. No início do ano de 2001, em reunião do Conselho Inspetorial, o assunto foi abordado novamente e, diante da impossibilidade de a inspetoria arcar com grandes investimentos, ocorreu a sugestão de utilizar as dependências do Colégio de Coxipó para a localização desses cursos, pois a disponibilidade dos espaços era sensível. Concluiu-se que se deveria ainda prosseguir nos estudos e refletir sobre a possibilidade de um processo para encaminhar ao MEC esse empreendimento[56].

Durante o ano de 2001, a questão da implantação do ensino universitário em Cuiabá foi discutida algumas vezes nas reuniões do Conselho Inspetorial. Houve momentos de desistências diante das dificuldades e das indefinições aportadas. Resolveu-se então apresentar a questão a ser debatida na reunião anual dos diretores para sondar como essa questão era vista pela inspetoria em geral. Depois dessa consulta, a questão permaneceu indefinida até o final de 2001. De fato o conselho não dispunha, junto com o Pe. Inspetor, de um ponto inicial para decidir sobre esse assunto.

Esse ponto de espera teve o seu final em abril de 2002. Ao participar de uma reunião em Araçatuba, onde o assunto principal seria a assinatura com o escritório Muriel de Belo Horizonte para se iniciar a elaboração de um processo de instituição do Centro Universitário Unisalesiano de Lins, estando presente o Sr. Pe. Segismundo Martinez, então ecônomo inspetorial, incluiu-se no contrato também os cursos a serem instalados em Cuiabá. O escritório Muriel ficou encarregado de elaborar o PDI desses cursos a ser apresentado ao CNE até o mês de agosto de 2002. Dessa forma, concretizou-se o projeto debatido por mais de três anos no Conselho Inspetorial, sobre a possibilidade desses cursos em Cuiabá[57].

Assim, já em agosto, os salesianos de Cuiabá teriam a certeza de que o processo estava no CNE; os passos posteriores seriam do encargo do Conselho Inspetorial, mesmo finalizado o governo do Pe. José Winkler na Inspetoria. Foi um tempo de decisões difíceis quanto ao ensino universitário entre os salesianos em Cuiabá.

15.6.3 Universidade Católica D. Bosco: novo campus e novos cursos

Esse período de governo inspetorial, de 1996 a 2002, representou a grande consolidação da UCDB em duas dimensões: na instalação de cursos novos e laboratórios adequados e na construção edilícia para abrigar as no-

[56] Atas do Conselho Inspetorial - 1996-2003. 31/08/1999, p. 100; 15/02/2001, p. 140.
[57] Atas do Conselho Inspetorial - 1996-2003. 26/04/2002, p. 160b-161.

vidades na área do ensino e da pesquisa. A expansão nesses dois sentidos foi simplesmente considerável.

Para fortalecer a identidade e o espírito salesiano, nesse ano, em união com o Colégio D. Bosco, deu-se prosseguimento ao curso de Teologia Pastoral,realizado aos sábados, para oferecer adequada formação teológica aos leigos, aos educadores e agentes de pastoral. Os professores lecionam no Instituto de Teologia e na UCDB; promovem seminários e exigem a leitura de textos muito significativos para a formação e orientação dos leigos, expressando um investimento muito apreciado. Nesse sentido de colaborar com a cultura, no dia 3 de junho de 1997, foi lançado o livro do Pe. Luigi Fávero, em que apresenta sua dissertação sobre as Cartas Pastorais de D. Francisco de Aquino Corrêa, um dos mais brilhantes salesiano e escritor de Cuiabá[58].

No ano de 1997, houve novos investimentos na UCDB; o primeiro deles constou da transferência de todos os mais modernos meios de produção de imagens do Centro de Catequese da Inspetoria para os estúdios do curso de comunicação, engajados nas atividades de televisão exercidas pelos professores e alunos. Também nessa ocasião, houve a comunicação de que a UCDB iria abrir uma série de cursos afins de algumas áreas, como na área da administração e da engenharia ambiental, para poder preencher a carga horária de vários professores especializados e devidamente titulados.

No final do ano de 1997, foi apresentado ao Conselho Inspetorial o projeto do Centro Administrativo da UCDB; esse prédio estava já expressivamente indicado no plano geral das construções necessárias para o funcionamento da universidade. Ao lado da aprovação da construção desse prédio, falou-se também da necessidade de se instalar novos laboratórios de informática para a capacitação dos alunos. Para isso a instituição também notificou que seria necessária uma aquisição de muitos computadores[59].

Nesse ano de 1998, o centro da congregação tomou consciência da nova realidade que ocorria em algumas partes da congregação; escreveu uma carta aos inspetores constatando a presença dos salesianos no setor do ensino universitário. O Reitor-Mor iria criar uma seção de serviços para auxiliar e orientar os direcionamentos desse setor; foi nomeado o Pe. Carlos Garulo para liderar os trabalhos nesse sentido. Notificou o Reitor-Mor que existem 26 instituições universitárias na Congregação, espalhadas em 17 países; no Brasil existem cinco instituições, das quais três pertencem à Inspetoria de Mato Grosso, e a UCDB é a única universidade genuinamente salesiana no Brasil[60].

[58] Boletim Informativo, jul./ago. 1996, p. 11; maio/jun. 1997, p. 8.
[59] Atas do Conselho Inspetorial – 1996-2003. 18/06/97, p. 37-37b; 113/11/1997, p. 54-54b.
[60] Boletim Informativo, jan./fev. 1998, p. 24.

Nesse ano de 1998, além de muitas iniciativas no campus da UCDB, outras surgiram de acordo com as possibilidades ou com as perspectivas. Assim, depois de muitas análises e estudos apropriados, em junho o Conselho Inspetorial aprovou a abertura de um campus da UCDB na cidade de S. Gabriel do Oeste. Duas outras novas iniciativas também surgiram nesse ano. A primeira proveio da solicitação dos missionários para que a UCDB bancasse um curso universitário para formar os professores indígenas. Chegaram à conclusão de que, para isso, seria melhor um convênio entre as UFMT e a UCDB. A segunda tomada de posição também adveio da iniciação do curso de Zootecnia. Estabeleceu-se um convênio entre a universidade e a comunidade da Lagoa da Cruz para o devido aproveitamento dos mais de 120 hectares de terras da Chácara S. Vicente, para as possíveis atividades com a criação de animais e com a implantação de experiências na agricultura. As terras da Comunidade da Chácara S. Vicente ficariam disponíveis para as atividades necessárias aos cursos da área agrícola e de criações de animais. Uma incorporação justa e muito digna de toda a área da Lagoa da Cruz, pois, acima de tudo, seria uma área apropriada e muito próxima do Campus universitário[61].

Depois de aprovado o novo campus de S. Gabriel pelo centro da Congregação, na reunião do Conselho Inspetorial de agosto de 1998, houve a proposta oral de que o governo eleito estaria apresentando na Assembleia Legislativa a lei de comodato sobre o terreno onde está iniciada a construção de longo prédio para sediar o Museu D. Bosco; este prédio foi iniciado pelo então governador Pedro Pedrossian com essa finalidade, somente que depois os entendimentos entre o governo e MSMT não prosseguiram. Agora chegava essa proposta de acordo com os indicadores apresentados pela MSMT naquele tempo e que seriam votados na Assembleia Legislativa, com o aporte de lei para sacramentar o acordo. Ante a proposta, o conselho decidiu esperar que fosse votada a lei antes de tomar qualquer iniciativa. Nos meses seguintes, o conselho aprovou outros projetos de construção no campus da UCDB, os projetos das clínicas e do centro jurídico, como também o acréscimo de mais um andar no prédio central da Administração. Dessa forma, na reunião do conselho de dezembro de 1998, todos os pedidos para novas construções na UCDB foram definitivamente aprovados[62].

No ano seguinte, as pendências foram resolvidas; em junho, depois de verificar toda a legislação, resolveu-se que até o final do ano, o Museu seria mudado para o prédio no Parque dos Poderes. Ao mesmo tempo, por demanda do curso de Educação Física também foram aprovadas as construções de

[61] Atas do Conselho Inspetorial – 1996-2003. 17/02/1998, p. 57b; 22/04/1998, p. 63; 18/08/1998, p. 69-71.
[62] Atas do Conselho Inspetorial – 1996-2003. 18/08/1998, p. 71; 23/09/1998, p. 73b, 80; 10/12/1998, p. 83.

uma quadra coberta, piscina e campos adequados para os treinamentos; tais construções jamais deixariam de lado as dependências do Poliesportivo que é administrado pelo Colégio D. Bosco[63]. Na Lagoa da Cruz, houve melhorias acentuadas nas dependências para a criação dos animais como gado, animais de pequeno porte, e todas as providências para prover o necessário alimento desses animais. Instalou-se na Lagoa da Cruz toda a infraestrutura necessária para o desenvolvimento das atividades agrárias, e tudo de acordo com as leis ambientais. Assim foi solicitada a compra de três geradores grandes para suprir a energia nos momentos de alto consumo e de alto gasto em todo o campus[64].

No ano de 2001, também foram aprovadas muitas iniciativas para a UCDB; em primeiro lugar, as condições de infraestrutura para o funcionamento da Rádio FM; depois, um convênio entre a TV Educativa do Estado e a universidade para que esta possa apresentar suas atividades nesse setor da televisão junto com a utilização dos projetos dos estagiários e professores da área. Posteriormente, foi estudada a questão do local para a moradia da comunidade da UCDB. Com a aprovação do Regional, chegou-se à conclusão de que a comunidade deveria residir nas dependências do campus universitário e, para isso, seriam resolvidas as questões necessárias. O Conselho também apreciou outros estudos necessários sobre a destinação dos espaços, ao lado da casa inspetorial, deixados pela transferência do Museu para o Parque dos Poderes. Da mesma forma, também aprovou as construções de novos laboratórios na Lagoa da Cruz para o devido acompanhamento das atividades de projetos agrários que a universidade ali desenvolve[65].

No ano de 2001, a expansão das atividades da UCDB prosseguiu em diversas frentes; teve que tentar colocar em funcionamento a Rádio FM e iniciou o caminho para uma nova fundação, denominada de "Fundação Tuiuiú", com a finalidade de ser um órgão adido à universidade para angariar recursos, ir atrás de financiamentos de projetos de pesquisa e extensão, sempre tendo em vista o progresso tecnológico da instituição.

Dentro desse horizonte de pesquisa e extensão, houve o convênio com o colégio Salesiano Santa Teresa quanto a duas dimensões; a primeira estabelecer um centro cultural na parte adida ao Santuário, onde outrora funcionara outra instituição do governo no tempo do Pe. Miguel Alagna. Propunha-se reconstruir a fachada do teatro e alocar as salas para atividades artísticas. Outra parte do empreendimento em Corumbá era estar presente na fazenda do Colégio, fazenda Band'Alta, para se constituir ali uma base de pesquisa de

[63] Atas do Conselho Inspetorial - 1996-2003. 119/12/1999, p. 108; 28/05/1999, p. 94.
[64] Boletim Informativo, nov./dez. 1999, p. 8.
[65] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 20/02/2000, p. 112-113; 22/06/2000, p. 123-124; 13/12/2000, p. 138.

criação de gado e de projeção de economias através do trato do leite. Muitos investimentos foram realizados nesse projeto: aquisição de gado de raça, de inseminação constante desse gado, novas instalações para infraestrutura, a construção de quatro novas casas para acolher os professores e funcionários. Além disso, outro projeto consistiu na experiência de criação de ovelhas na região do Pantanal. Esse projeto tornou-se dispendioso e demorado em constatar os resultados; agradou aos professores e estagiários como local de exercícios úteis.

Houve ainda outras iniciativas importantes para a consistência dos cursos iniciados nesse período. Enviaram professores para o curso de magistério nas missões e desenvolveu-se bem o campo das possibilidades de estágios e atividades extrassalas de aula. Também no campus avançado de S. Gabriel do Oeste, foram construídas mais salas de aula e ambientes para o corpo administrativo. A UCDB se viu na necessidade de atender a tantas iniciativas que surgiam com a progressividade e o avanço dos cursos que sempre exigiam mais condições para o desenvolvimento de um ensino de qualidade[66].

O ano de 2002 também foi marcado por atividades provenientes da complementação das atividades dos cursos instituídos e merecedores de uma qualidade significativa. Assim, para atender a demanda do curso de Farmácia, foi necessário que se aprovasse o projeto de se utilizar uma casa da Rua 13 de Maio, depois do Bloco E do Colégio D. Bosco, na esquina, para que ali pudesse ser instalada uma farmácia com a propriedade de manipulação dos remédios possíveis. O projeto foi aprovado no início do ano em uma reunião extraordinária do Conselho Inspetorial.

Outro projeto que mereceu estudos e aprovação do Conselho para ter continuidade, referia-se ao "Projeto Urucum" em Corumbá. Inicialmente tratava-se de estabelecer que, nesse prédio ao lado do Santuário, com o salão de teatro e demais salas, pudesse vigorar um espaço que se denominaria de "Espaço de Convenções – Maciço Urucum". Um grupo de professores iria providenciar os recursos necessários para as devidas reformas e remodelações naquele espaço. Inicialmente esse projeto foi aprovado como tal, como proposta a ser desenvolvida com os recursos que esse grupo de professores conseguisse angariar para tal projeto[67]. Também, em relação ao projeto do Museu, discutiu-se a possibilidade de se angariar recursos para ampliar e preparar o prédio do Parque das Nações Indígenas para abrigar o Museu D. Bosco. Estudos e processos em estudo para ampliar e solidificar a presença

[66] Atas do Conselho Inspetorial – 1996-2003. 15/02/2001, p. 139-140b; 19/09/2001, p. 144b.148.
[67] Atas do Conselho Inspetorial –1996-2003. 10/01/2002, p. 157; 26/04/2002, p. 161.

da UCDB no Estado e, principalmente, como instituição competente no campo das universidades. Uma atuação tipicamente salesiana, mas que exigia muita disponibilidade e muita dedicação, como sempre, a exemplo de nosso Pai D. Bosco, que conquistou muita coisa, mas com grande esforço e muito trabalho.

O período de governo inspetorial do Pe. José Winkler distinguiu-se pelo grande desenvolvimento do setor universitário. A UCDB adquiriu consistência em sua presença em Campo Grande e no Estado de Mato Grosso do Sul. A assinatura para a elaboração do Projeto a ser apresentado ao CNE, do Centro Universitário Auxilium de Lins, e o Projeto de instituição de cursos universitários em Cuiabá consolidaram esse crescimento do ensino universitário na Inspetoria. Depois de alguns anos de ponderações e de estudos, os projetos nesse setor adquiriram consistência e estavam em andamento suas realizações, um passo muito considerável para a Inspetoria enquanto tal.

15.7 Prosseguimento da implantação de melhorias no setor administrativo

Depois da unificação dos processos administrativos na Inspetoria, novas posturas adquiriram consistência, e os salesianos se uniram para que esse processo administrativo adquirisse a clarividência de uma postura altamente significativa, necessária à Inspetoria nesses novos tempos de grande ajuste administrativo. Na reunião do Conselho Inspetorial de março de 1997, foi bem detalhada a perspectiva de relações e independências enquanto valores a serem administrados livremente. Com a presença das Constituições, dos Regulamentos e do Diretório Inspetorial, todos os limites financeiros para cada setor da congregação foram devidamente esclarecidos. Dessa forma, foram bem assinaladas as quantias que permitem a ação independente de uma comunidade, de uma inspetoria sem necessidade de se recorrer à instância superior. Ao mesmo tempo, as quantias assinaladas indicam que, havendo empreendimentos superiores a elas, seria sempre necessário recorrer à instância superior, no caso, Conselho Inspetorial ou Conselho Geral da Congregação em Roma.

Em seguida foi esclarecido o grande problema da contabilização da Filantropia executada em cada presença. Cada comunidade deve dispor em obras ou ações filantrópicas os 20% de sua previsão de receita; esse conjunto de cada casa se une ao centro inspetorial para prestar contas perante o governo da Instituição da Inspetoria como órgão de fins filantrópicos, de acordo com a legislação vigente. Essa nova modalidade administrativa, a partir da natureza institucional da Inspetoria junto ao governo, deverá criar uma cultura de ação e de postura em todas as comunidades, independentemente

da natureza da atividade. No ano seguinte, precisamente em 12 de agosto de 1998, a Inspetoria recebeu o certificado de "Entidade de Fins Filantrópicos" com a data de validade até 31 de dezembro do ano 2000. Depois houve a apresentação de um relatório ao conselho, redigido pelos técnicos no assunto, focalizando os pontos críticos e as medidas necessárias a serem tomadas nesse tempo, a fim de facilitar a renovação desse certificado depois do ano 2000[68].

Retomando ainda ocorrências significativas para a Inspetoria no ano de 1997, ocorreram três fatos marcantes: o primeiro foi a inauguração da residência dos salesianos em Araçatuba; uma casa nova apropriada para a moradia dos salesianos e para ulterior etapa de formandos. As duas alas residenciais confluem no setor de cozinha e refeitórios. Também em Araçatuba aconteceu a informatização da biblioteca como expressão de facilitação dos acessos aos alunos. Por fim, na reunião de agosto tomaram parte os três novos conselheiros indicados pelos irmãos e consolidados pelo Pe. Inspetor para estarem presentes e atuantes no conselho pelo período de três anos[69].

No ano seguinte, de acordo com o parecer do Conselho Inspetorial, foi designada uma comissão para a visita às casas tendo em vista um redimensionamento possível das obras. Depois de um estudo apurado, a comissão apresentou ao conselho um plano para cada casa para que "através de um plano simples e objetivo pudesse atuar com um grau de significatividade atualizada." Também assinalaram que uma base sólida no trabalho permitirá sempre a continuidade dessa atividade e sempre alimentará as melhores esperanças sobre a atuação e significado em relação aos jovens, às cidades e mesmo às comunidades. Essa comissão também circunstanciou a questão do Plano de Encargos e Salários da MSMT e opinou sobre a cobertura de um plano de saúde na Unimed para todos os salesianos de votos perpétuos.

No início desse ano, o conselho decidiu a porcentagem da quota patronal a ser repassada para o centro inspetorial, a qual deveria ser de 7% sobre as receitas operacionais de cada casa. Também nesse ano, em agosto o inspetor e seu conselho admitiram o novo ecônomo inspetorial, Pe. Segismundo Martinez, que teria pela frente o comando da administração da inspetoria por seis anos.[70] No final do ano, o ecônomo inspetorial teve que orientar as diversas comunidades para uma nova lei que interferiria também em algumas comunidades que tivessem mais de cem funcionários. Essa nova lei, da contratação de pessoas portadoras de necessidades especiais, entraria em vigor no ano seguinte. Também nesse ano a inspetoria como instituição apresentou ao Ministério do Trabalho o novo plano de cargos e salários. Na

[68] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 19/03/1997, p. 31b-32; 18/08/1988, p. 71.
[69] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 18/06/1997, p. 38; 29/07/1997, p. 41.
[70] Atas do Conselho Inspetorial - 1996-2003. 11/11/1999, p. 105; 23/03/2000, p. 113; 18/04/2000, p. 116b.

reunião do conselho de 26 de abril de 2002, o ecônomo comentou com os conselheiros todos os itens tratados na reunião dos ecônomos da inspetoria dias antes, apresentou os novos processos de regularização do INSS junto às casas, em especial avaliou a situação administrativa enquanto contínua adaptação da administração inspetorial segundo as exigências legais e mostrou os vários setores de investimentos nas obras para conservação e melhor utilização dos prédios, tendo em vista um alinhamento administrativo em constante observação. Essa nova exigência da adaptação administrativa tornou-se um passo consolidado na inspetoria[71].

15.8 A grande expansão no setor das obras sociais

Alguns fatores contribuíram para a expansão das obras sociais na Inspetoria. Antes de tudo, houve a caracterização de uma atividade em obra social e outras atividades que também comportam uma postura de assistência social, sobretudo quando a obra social se refere ao atendimento de jovens e crianças durante o dia todo e outros atendimentos como os que ocorrem nos oratórios festivos. Nestes as atividades sucedem-se aos domingos ou feriados em um campo típico de algumas atividades, esportivas, ou religiosas, ou formativas, mas somente por algumas horas. Há também projetos específicos que se classificam como assistência social quando regularmente são oferecidos aos meninos uma cooperação nos estudos e na alimentação, como a EFA da casa de Lins ou o Projeto da Cidade D. Bosco. Porém outras obras sociais ampliam suas possibilidades através de um atendimento diário em diversas áreas onde também se inclui alimentação e assistência de saúde, como os projetos da Ampare, da Casa D. Bosco e outros.

Com a qualificação da Inspetoria como Instituição de Fins Filantrópicos, as obras sociais ganharam evidência em todos os sentidos, embora outra atividade também muito significativa tivesse passado a vigorar com mais amplitude: as bolsas de estudo. Dentro de uma atividade de beneficência, as bolsas tornaram-se um meio muito procurado para que se cumprisse a taxa exigida por lei.

A partir desse horizonte, algumas atividades assistenciais ganharam projeção na Inspetoria, como a obra social "Anita Costa" ou Febem, em Lins. Aceita como tal pela inspetoria e assumida a ponto de se estabelecer uma pequena comunidade a residir naquelas dependências, cuidar e prestar assistência a mais de cem menores tornou-se significativo como exemplo no setor, como foi descrito no Boletim Informativo:

[71] Atas do Conselho Inspetorial – 1996-2003. 26/04/2002, p. 161.

> No dia 12 de dezembro, uma equipe técnica da FEBEM-SP, com o vice-presidente Sr. Demi Renardi, esteve em visita ao Salesiano-Obra Social de Lins e disse que estava maravilhada e admirada por um verdadeiro milagre que a equipe salesiana conseguiu realizar na Obra, em tão pouco tempo de atuação. A transformação física e organizacional, o atendimento de qualidade prestado às crianças e adolescentes abrigados na Obra, sensibilizaram profundamente os visitantes e diretores da Fundação, de tal maneira que a Presidência da FEBEM-SP inquiriu sobre a disposição de a Missão Salesiana para repetir o "milagre" em outras unidades mantidas em São Paulo, pela mesma Fundação.[72]

Essa obra da "Anita Costa" de Lins fora assumida pela MSMT no dia 28 de junho de 1996; todo o conjunto de edificações e a área toda ao redor estariam sob a responsabilidade de animação da Missão. Criou-se logo uma comunidade para prestar os devidos cuidados assistenciais aos meninos e adolescentes que ali residiam, 110 abrigados e 80 crianças em regime de semiabrigados. Era um bom início para se manifestar o apreço dos salesianos para com os meninos abandonados e necessitados.

Mas a questão do atendimento em uma obra social não é um trabalho tão simples. Cada vez mais, o montante de funcionários adequados e exigidos pelos órgãos governamentais se torna uma tarefa bastante complexa como se pode perceber pelos inúmeros profissionais qualificados para o atendimento exposto na reunião do Conselho. Assim no atendimento educativo, necessita-se de músicos e artistas para os diversos grupos. O acompanhamento pedagógico somente poderá ser realizado por pessoas com formação específica; o acompanhamento no setor social de trabalho, é função tão somente para um assistente social, assim como o atendimento psicológico, por um profissional específico da área. Para os salesianos permanecem as atividades de animação e de acompanhamento na catequese e na formação religiosa. Dessa forma verifica-se que uma obra social, dentro dos padrões exigidos, torna-se uma obra de um trabalho educativo, mas muito complexo[73].

No final desse ano, foi editada uma Revista sobre as Obras Sociais da Inspetoria, que aponta a atividade da Inspetoria nessa área e mostra com bastantes fotos as diferentes obras em que os salesianos atuam em prol dos menores mais necessitados.

O Boletim Informativo de abril de 1998 apresenta um resumo histórico da obra social denominada Ampare. Traça o resumo histórico dessa obra iniciada pela Irmã Irma Zorzi e assumida posteriormente pelos salesianos. Uma obra que visa ao atendimento de menores no sentido de profissionalização e de atendimento social; a vida na entidade é baseada nos moldes do sistema

[72] Boletim Informativo, nov./dez. 1996, p. 8; jul./ago. 1996, p. 19-22.
[73] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 29/07/1997, p. 43, 43b.

preventivo, e os auxílios provenientes do governo e de entidades particulares como a UCDB, são decididamente utilizados para essas atividades e para o devido amparo a esses jovens. Visa encaminhá-los para o aprendizado de profissões e para o estudo regular. A MSMT tem prestado valioso auxílio a essa entidade e praticamente assumiu a direção e o custeio do andamento dos projetos nela instalados. Cada vez mais, torna-se uma obra salesiana[74].

Devido a vários fatores, tornou-se um pouco difícil a renovação do convênio entre a MSMT e o governo do Estado de S. Paulo sobre o funcionamento da Obra Social de Lins "Anita Costa"; mas prosseguiu e a comunidade salesiana desenvolveu um trabalho bastante consistente. Na comunidade salesiana, a presença do Pe. João Dessi possibilitou a celebração diária da Santa Missa e outras atividades tipicamente salesianas na promoção da assistência religiosa dos meninos e funcionários. Assim prosseguiu a presença salesiana nessa obra durante o ano de 1999 e 2000. Porém, no início do ano 2000, mudaram-se as perspectivas quanto a essa obra. Foram municipalizadas as obras de assistência aos menores. Assim os menores que não eram de Lins foram repatriados e somente algumas crianças permaneceriam nessa obra. A prefeitura preferiu encerrar o trabalho, e os salesianos deixaram a obra depois dessa tomada de decisão tipicamente política[75].

Também em Campo Grande, em junho de 2000, foram encerradas as atividades de atendimentos a menores na "Casa D. Bosco"; todos os funcionários foram dispensados e os possíveis atendimentos foram transferidos para a obra do Ampare. Depois de alguns anos de funcionamento, encerrava-se essa casa que fora construída para atendimentos a menores de rua.

No final desse ano de 2000, foi concretizado um acordo entre a MSMT e a entidade de assistência aos menores, denominada Ampare. Foi assinado um convênio para que a MSMT passasse a reorganizar essa instituição e procurasse os recursos para o devido atendimento dessa entidade completamente dedicada ao bem da promoção dos menores[76]. Até o final do ano de 2000, várias foram as conjecturas diante do convênio da MSMT e a Ampare, a partir das possibilidades jurídicas e da organização dessa instituição em união a outra antiga da Casa D. Bosco. Foi eleita a nova diretoria, e os passos seguintes prosseguiriam de acordo com as leis do CNAS, tendo em vista o pedido de renovação de a Missão ser outra vez aprovada como Entidade de Fins Filantrópicos.

O ano de 2001, no setor das obras sociais, obteve uma conquista muito importante. No dia 19 de setembro de 2001, foi assinado um convênio entre

[74] Boletim Informativo, mar./abr. 1998, p. 27-34.
[75] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 02/06/200, p. 116b-117; p. 125.
[76] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 06/09/2000, p. 131.

a MSMT e a Prefeitura, para se transferir para o Bairro Taquaral o Projeto Casa D. Bosco que funcionava no centro da cidade; a prefeitura cedia o terreno para que surgisse ali uma presença salesiana no campo da assistência e promoção social de crianças, adolescentes e jovens, como havia na Casa D. Bosco. Esse passo foi importante para a atuação dos salesianos naquele bairro. Ali seria construída uma verdadeira casa com ambientes adequados para o atendimento dessas crianças e jovens. Boa parte do financiamento proveio da Espanha e foi bem empregado na edificação das salas e ambientes necessários para esse trabalho assistencial. A previsão inicial seria para 100 crianças e, posteriormente, quando finalizassem as construções, o atendimento deveria girar ao redor de 460 entre crianças ou jovens, como terceira etapa do projeto[77].

Nesse setor de assistência social, o fato mais importante ocorreu em Três Lagoas onde o Me. Armando obteve em comodato a permissão de instalar um centro juvenil e de assistência social no bairro mais pobre da cidade, o "Vila Piloto". Ali seriam oferecidos aos jovens muitos cursos profissionalizantes e constante assistência social com auxílio para aprofundamento nos estudos. Os meninos receberiam instruções, possibilidades de prática esportiva e alimentação adequada. Uma obra que adquiriu fôlego e consistência perante as autoridades e a sociedade dessa cidade. Sem dúvida, uma presença salesiana com todos os traços educativos de D. Bosco sendo colocados em prática para poder auxiliar, orientar e afastar os jovens dos perigos próximos das drogas, prostituição e bebidas alcoólicas, ao mesmo tempo criando possibilidades de emprego fixo para eles[78].

De fato esse setor de atividade na inspetoria ganhou consistência e exerceu grande poder de convencimento diante das tantas necessidades dos jovens nessa região; com alegria os salesianos se empenharam nesse setor, e as atividades prosseguiram com entusiasmo.

15.9 A presença de Superiores de Roma em Campo Grande – Visitas Extraordinárias

Na reunião dos diretores em fevereiro de 1997, foram abordados os principais assuntos que envolvem o funcionamento de uma comunidade em seus traços essenciais de aquisição e sustentação do espírito salesiano e, principalmente, as medidas tradicionais ao lado das orientações do centro da congregação, para que cada comunidade se constitua uma referência consistente para o trabalho pastoral e pedagógico de cada obra da inspetoria. Abordaram-se as metas dos diversos setores, tendo em vista os próximos

[77] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 19/09/2001, p. 148-150, 158.
[78] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 14/02/2002, p. 152.

seis anos do novo governo inspetorial. Apresentou-se a situação econômica das casas; falou-se dos horizontes da animação missionária, da organização e animação no setor das escolas e sobre a pastoral juvenil e vocacional.

Em outubro, na reunião do Conselho Inspetorial, esteve presente o Revmo. Sr. Pe. Helvécio Baruffi, conselheiro regional. Estava aqui para realizar uma visita especial nas casas de Campo Grande e nas Missões. Ao participar da reunião, inteirou-se do movimento das casas e apresentou seu plano para o ano de 1999 programado para percorrer a Inspetoria como Visitador Extraordinário. Essa inspeção do Regional foi mais de animação e de uma presença especial para os salesianos da Inspetoria[79].

Dois fatos tornaram-se importantes no meio do ano de 1998; o primeiro consistiu em um comunicado do Boletim Informativo de que o Reitor-Mor, Pe. Juan Vecchi, anunciara que estaria em Campo Grande no ano de 1999, com todos os inspetores do Brasil e seus respectivos Conselhos, para uma "Visita de Conjunto". Esse encontro, que ocorre de seis em seis anos, dessa vez seria realizado na Chácara S. Vicente, com duração de seis dias, abordando temas vitais para a vida salesiana, e presentes mais de cinquenta salesianos de todas as inspetorias. O segundo fato foi a realização do 20º Capítulo Inspetorial em Campo Grande, de 17 a 22 de junho de 1998, com o tema central "Redimensionamento, redistribuição das forças e qualificação dos salesianos em toda a Inspetoria." Esse capítulo foi devidamente preparado por uma equipe de salesianos que apresentaram esses temas em estudos e propostas a serem ou não aprovadas pela assembleia dos participantes[80].

Conforme a programação apresentada, nos dias de 13 a 18 de abril de 1999, esteve na Lagoa da Cruz com os inspetores e os respectivos participantes dos conselhos inspetoriais, o Revmo. Sr. Pe. Juan Vecchi, Reitor-Mor, para um tempo de debate e de orientação para o governo da Congregação no Brasil. Sempre esteve também presente o Pe. Helvécio Baruffi, o Regional da área. Depois de encerrado o encontro na Chácara S. Vicente, houve então uma reunião com o conselho da Inspetoria. Após ter passado a parte da manhã em encontro com os formandos, Pré-noviços e Pós-noviços, à tarde esteve presente à reunião extraordinária do Conselho Inspetorial. Nessa reunião, houve tempo para que cada conselheiro pudesse apresentar o próprio setor de referência na inspetoria indicando as esperanças e as dificuldades. Conforme a ata, o Reitor-Mor ouvia tudo e pedia esclarecimentos, e foram apresentados os itens: missões, escolas, UCDB, casas de formação, obras sociais, movimentos juvenis, administração, paróquias, e não faltaram os problemas. Pe. Vecchi, tomando a palavra, mostrou-se ciente de que há "muitos sucessos mas também muitos desafios!" Pediu que as comunidades fossem numeri-

[79] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 29/10/1997, p. 50b.
[80] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 17/12/1998, p. 56.

camente equilibradas com o nível de atividades. Ao final todos agradeceram suas palavras e orientações. Foi uma reunião em que, ao lado do Regional, o Pe. Juan Vecchi pôde mostrar seu entusiasmo pela vida salesiana nessa região do mundo. Animados e alegres, despediram-se do Reitor-Mor. Houve a cogitação de sua ida até a cidade de Corumbá que, nesse ano, estaria completando os 100 anos de presença salesiana, mas devido à sua agenda não foi possível realizar esse sonho[81].

Nesse ano, conforme fora anunciado, ocorreria a Visita Extraordinária em todas as casas da Inspetoria. O Visitador seria o Pe. Helvécio Baruffi, o Regional dessa parte da América Latina. O Boletim Informativo de dezembro de 1999 publicou o roteiro integral das visitas do Pe. Baruffi, que chegaria a Campo Grande no dia 20 de fevereiro de 2000 e encerraria sua permanência aqui, visitando cada presença conforme a data assinalada no roteiro, até o último dia em que ocorreria a reunião com o Conselho Inspetorial, dia 20 de maio de 2000. No final do mês de março e início de abril, iria ao Paraguai para uma breve reunião com os inspetores de língua espanhola, retornando em seguida para suas visitas agendadas[82].

Pe. Helvécio Baruffi esteve presente nas reuniões do Conselho desse período. O visitador acentuou, nessa reunião, aos conselheiros a importância da responsabilidade pastoral, bem como a importância de programar e qualificar a nossa atuação nas comunidades. Focalizou também a necessidade de se acompanhar o processo de formação das diversas etapas e mostrou a importância da formação permanente. Ainda acentuou a necessidade de se formar os leigos para que vivam a nossa espiritualidade salesiana, pois trabalham em consonância com os salesianos e com os nossos objetivos educativos de "formar bons cristãos e honestos cidadãos!". Ao encerrar sua visita a esta inspetoria, conforme se registrou na ata de 13 de maio de 2000, afirmou que a "inspetoria está definida, com planos e mais credibilidade do que no passado". Desejou que cada obra traduza em processo para depois se colocar em prática. Afirmou também que o conselho deve-se fazer presente nas obras. Falou que falta unidade de orientação e que esta deverá vir do Inspetor e de seu Conselho, em base das informações que as casas fornecem. É necessário focalizar somente um ou dois objetivos e auxiliar as comunidades concretamente, marcando o processo. Os diretores sejam capacitados para essa atividade. Pensar sempre em um plano global para o andamento da Inspetoria. Mostrou, em seguida as necessidades de cada comunidade para que o Inspetor desse atenção a essas necessidades, em especial às casas de formação. Augurou a todos um bom processo de atualização e de trabalho.

[81] Atas do Conselho Inspetorial –1996-2003. 11/02/1999, p. 85; 19/04/1999, p. 89b-90.
[82] Boletim Informativo nov./dez. 1999, p. 43-44

Em seguida despediu-se dos conselheiros e iniciou sua viagem em direção a Roma[83].

Em setembro de 2001, chegou a carta do Reitor-Mor que foi lida na reunião do Conselho em que estabelece a consulta para o novo inspetor. Nesse período, o Pe. José Winkler deveria viajar para Roma para participar do Capítulo Geral 25, no final desse ano de 2001 e início de 2002, período em que a inspetoria seria dirigida pelo vice-inspetor.

No final do mês de abril de 2002, sob a direção do Pe. José Winkler, que havia retornado de Roma depois de sua participação no CG25, iniciou-se a reunião do Conselho inspetorial com a apresentação de sua participação no CG25, seguida dos itens da pauta dessa reunião. Entre os assuntos mais importantes da reunião foi realçado o contrato com o escritório Muriel, para a elaboração do PDI para o centro universitário de Lins e para os cursos universitários para Cuiabá. Após vários outros assuntos, encerrou-se essa reunião do Conselho Inspetorial, que aguardava a indicação do novo inspetor pela cúpula da Congregação em Roma[84].

15.10 O grande esforço no planejamento e execução dos projetos de animação pastoral

A atividade pastoral nas diversas obras adquiriu as características da identidade de cada uma conforme os objetivos e as pessoas que convergiam para essas presenças. Assim a atividade pastoral sempre teve as características juvenis nas escolas e universidade, ou mesmo nos grupos de jovens das paróquias; porém intensamente mostrou-se a presença salesiana nas paróquias, nas missões em que a atividade e a presença salesiana adquiriram traços especiais. Na pastoral juvenil, as especificações e variações pastorais tornaram-se mais significativas e individualizantes pela maneira salesiana de serem realizadas. Nesse tempo, também vários salesianos mantiveram programas nas rádios como meio de animar e de levar as pessoas a exercerem suas aptidões para a piedade; também, em Campo Grande alguns salesianos exerciam a pastoral pela presença em algum programa específico na TV, como os "Momentos de Paz ou missas dominicais". As diversas fases de idade foram contempladas com a metodologia pastoral adequada a cada faixa etária.

O exemplo dessa grande realidade na pastoral tornava-se conhecido através das notícias do Boletim Informativo. Em agosto de 1996, houve a notícia da produção do programa da TV Morena "Momentos de paz", de dois

[83] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 23/05/2000, p. 119.
[84] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 26/04/2002. p. 160-161b.

minutos de duração, e eram produzidos no Centro Catequético. Segundo a notícia, esse vídeo apresentava mensagens sobre vários assuntos e conquistou boa audiência; em seguida, o encontro dos alunos das 5ª séries numa manhã de domingo, denominado de "Sementinha", um projeto de formação e animação das crianças então em sua décima realização. Esse encontro, com momentos de formação e de recreação, sempre era animado pelos grupos de Jornadistas, que se tornaram responsáveis tanto pelos momentos de formação como pelos momentos de muita e vibrante recreação.

Os jornadistas de Campo Grande também eram os responsáveis pela animação dos alunos das 6ª séries com o encontro semelhante ao "Sementinha", denominado de "Vinde e Vede". No Oratório Paulo VI, tinham-se reiniciado todas as atividades e, no mês de agosto, aconteceria a Fegipa, uma gincana envolvendo todos os grupos de jovens de todas as capelas, também havendo torneios e competições marcando essa atividade do Oratório. Segundo o BI, em Lins, a pedido dos próprios alunos, foi reativada a Pastoral, com reuniões aos sábados para conhecer a Jesus Cristo através do estudo dos Santos Evangelhos e da oração; em junho a Pastoral promoveu um retiro que superou todas as expectativas. No final desse retiro, sentimo-nos todos tão unidos que ninguém queria ir embora. Também em Lins, para o encerramento do semestre para a EFA, houve uma festa junina animada com fogueira e danças, transpareceu uma alegria que contagiava a todos, uma característica do espírito salesiano. Ao final desse ano, essa atividade pastoral de Lins esteve realizando encontros de grupos, criou-se o costume de frequentar a sala da Pastoral para ler ou bater papo, houve encontros para oração e para celebrar o final do ano com grande alegria. Me. Fernando animava vários grupos e inaugurou o grupo de crianças para récita do terço; depois houve as apresentações do coral, em que as músicas do próprio Me. Fernando tornaram-se a atração como preparação para o Santo Natal[85].

Também nesse ano, 1996, em Indápolis, animado pelo D. Zerbini os cooperadores salesianos realizaram o Congresso anual, com o tema central "O Espírito Salesiano", enfocado nas dimensões da vida, da ação e da oração dos Cooperadores. A presença dos cooperadores foi muito significativa, com 133 participantes das três regiões da Inspetoria: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Oeste Paulista. Foi para todos um encontro alegre e com bom entrosamento entre os presentes. Também nesse ano, a festa inspetorial foi muito animada, com shows no teatro D. Bosco, na noite do dia 9 de novembro, e com uma santa missa animada na paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora; os jovens do oratório e do centro juvenil do Paulo VI, encenaram e cantaram durante a celebração, emocionando os presentes. Depois o encerramento

[85] Boletim Informativo, jul./ago. 1996, p. 5-8. 18; nov./dez. 1996, p. 17-19.

ocorreu na Lagoa da Cruz, onde houve o almoço de confraternização entre todos da Família Salesiana e Salesianos[86].

No ano de 1997, as atividades pastorais continuaram intensas, e uma das mais significativas em fundamentação do espírito salesiano ocorreu na UCDB, que promoveu um curso de Pós-Graduação em Educação Salesiana; constou de três tempos de aulas, então ministradas por pessoas escolhidas no Brasil, Europa e no Equador. Eram 43 participantes, sendo salesianos das inspetorias do Brasil, FMA de diversas inspetorias e 19 leigos. Esses participantes teriam o prazo de dois anos para finalizar tudo com a entrega das respectivas monografias sobre a temática estudada. Em julho, em Itajaí, SC, houve o congresso nacional dos cooperadores. Os participantes retornaram muito animados pelo encontro e pela proximidade do mar, apesar de ser inverno. Também na Lagoa da Cruz, houve um retiro para professores e alunos sob o tema: "Jesus Cristo, hoje e sempre!" Um sucesso. Em junho ocorreu, também na Lagoa da Cruz, o encontro de párocos, cujo tema foi o mesmo do retiro para professores, com a singular conotação do "Novo Milênio".

O primeiro BI de 1997 publicou, com cor especial, mais de seis páginas escritas pelo Pe. Ariento Domenici; escreveu seu testemunho pessoal sobre vários salesianos que haviam falecido nos últimos anos. Suas lembranças tornaram-se verdadeiro testemunho pessoal de seu grande amor pela inspetoria, pelo tempo que conviveu com esses salesianos, então merecedores de seus elogios e de seus amorosos registros pessoais. Um grupo de salesianos que se tornaram realizadores e grandes trabalhadores especializados em educação ou em diversas áreas científicas, mas todos foram grandes figuras que imitaram a D. Bosco no empenho e dedicação pela formação e educação dos jovens onde estiveram. Assim Pe. Francisco Guerci, Pe. Raimundo Pombo, Pe. Félix Zavattaro, Pe. João Falco, Pe. José Corazza e Pe. Ernesto Tessarolo tiveram o próprio perfil de sacerdotes salesianos segundo o "artista" que soube expressar o perfil de cada um pelos traços mais vigorosos da alma de cada um deles. Uma justa homenagem aos irmãos falecidos, realizada com alma e devoção pelo Pe. Ariento[87].

Na reunião do conselho inspetorial de março de 1997, houve uma acentuada postura do Pe. Inspetor e dos responsáveis por diversas áreas para que o PEPS inspetorial ganhasse a devida consideração em suas especificações. Pe. Winkler afirmou que iria realizar suas visitas pautando suas observações a partir das prioridades do PEPS e da Congregação, de 1997 a 2003, focalizando principalmente as prioridades estabelecidas: relação dos salesianos e leigos, a significatividade das obras e das ações, a comunidade como núcleo animador e a qualidade da formação que deveria acontecer na Inspetoria.

[86] Boletim Informativo, jul./ago. 1996, p. 17; nov./dez. 1996, p. 8.
[87] Boletim Informativo, jul./ago. 1997, p. 6-7; jan./fev. 1997, p. 19-26.

Outros conselheiros também afirmaram que seria interessante insistir muito para que todos aderissem ao PEPS. Assim, na visita do Pe. Inspetor à comunidade do Paulo VI, verificou-se que a casa, comunidade formadora, pautava as atividades e ações educativas e formativas, de acordo com as orientações recebidas. Notou-se melhor integração entre os formandos e melhor atitude nos empenhos pastorais. De modo especial, seria necessário mais presença e envolvimento dos salesianos na escola do Paulo VI. Lamentou-se a ausência de salesianos nas atividades do curso de Filosofia na UCDB[88].

As atividades pastorais prosseguiram de acordo com os programas dos colégios e das comunidades. Assim em 1997 e em 1998, a ação pastoral do Sementinha e o intercâmbio, em que os alunos de vários colégios se reúnem por alguns dias, prosseguiram conforme notificaram os Boletins Informativos da Inspetoria. O encontro dos alunos do Intercâmbio de 1997 ocorreu na Band'Alta, em Corumbá. Todos participaram e conheceram também a Cidade D. Bosco. No ano seguinte, em 1998, o VIII intercâmbio das Escolas Salesianas aconteceu em Araçatuba em julho, 14 a 19. Como sempre, o lazer, os encontros e as trocas de experiências, animados pela Espiritualidade Juvenil Salesiana, levaram todos os jovens a momentos de intensa vida e de muita alegria. Em Lins, a EFA empolgava a as famílias, e os salesianos tiveram que dobrar o número de atendidos para poder acatar os diversos pedidos para os adolescentes de 5ª a 8ª séries. Uma animação para o estudo e para as atividades que a faculdade oferece a todos. Também em Lins, outra atividade pastoral empolgou os alunos do 2º grau e das faculdades. Organizaram desde alguns anos no mês de julho uma viagem até as missões salesianas de Meruri e S. Marcos, com um grupo de alunos. O encontro com os índios e a linguagem do afeto e do carinho levaram todos a se sentirem acolhidos apesar de não entender as línguas indígenas. Os alunos afirmam que a experiência foi muito boa e querem repetir esses encontros tão diferentes[89].

Na reunião do Conselho Inspetorial de início do ano de 1998, houve um amplo debate quanto à pastoral vocacional; havia deixado de existir a etapa formativa de pré-aspirantes; havia uma lacuna quanto à perseverança das vocações e principalmente questionava-se a formação no aspirantado da Lagoa da Cruz; havia uma expectativa de melhorias na condução desse setor tão importante para a inspetoria, conjecturaram os conselheiros[90].

Em junho de 1998, ocorreu o 20º capítulo inspetorial na Lagoa da Cruz; entre as iniciativas assumidas pelo Capítulo, sobressaíram-se duas: criar uma comissão para o redimensionamento da Inspetoria, e outra, para elaborar o

[88] Atas do Conselho Inspetorial –1996-2003. 19/03/1997, p. 31; 18/06/1997, p. 37b.
[89] Boletim Informativo, set./out. 1998, p. 28; jul./ago. 1998, p. 8.
[90] Atas do Conselho Inspetorial –1996-2003. 17/02/1998, p. 55b.

plano de Formação para a Inspetoria. Ao menos essas tomadas de posições foram acatadas por todos e consideraram que a inspetoria poderia resolver, através do estudo dessas comissões, os problemas mais pendentes[91].

Os BI da Inspetoria de 1999 apresentam notícias sobre o andamento das atividades pastorais nos colégios. Falam da jornada masculina em Campo Grande, das manhãs de formação para os alunos de Lins, do grupo missionário em Cuiabá e da Jornada masculina que ocorre na Casa dos Sonhos, na Chapada dos Guimarães. São modalidades de pastoral juvenil consolidadas nos colégios e que proporcionam grandes momentos de progresso na vida dos jovens acentuando a formação para um compromisso sério com a Igreja e com o espírito salesiano. Nesses encontros, acontecem experiências profundas de vivência da fé, de descobrimento da vida e de Jesus Cristo, da vida sob o espírito salesiano da alegria como expressão da vida na graça de Deus, que permanecem imorredouros para esses jovens. Pautarão a própria vida de forma genuinamente cristã após a intensa vida nesse tempo de estudante nos colégios salesianos. Assim, em 1999, ocorreram o congresso de cooperadores e também o encontro de lideranças juvenis em Cuiabá; e em Campo Grande, Lagoa da Cruz, o retiro para professores. Fatos memoráveis e que sinalizam a grandeza da atividade pastoral quando alimentada por pessoas e salesianos que se dedicam com ânimo a esse trabalho[92].

Algumas modificações no governo da Inspetoria influíram nas modalidades das atividades da pastoral como um todo. A primeira situação de mudança ocorreu com o último número do Boletim Informativo da Inspetoria, que deixou de ser impresso no início do ano 2000 para o noticiário inspetorial ser comunicado pelo Site inspetorial. Assim as notícias desse tempo em diante passaram a ser notificadas no site da Missão Salesiana. Nesse último BI, a reflexão principal foi sobre a animação da Pastoral juvenil; são várias páginas que expressam as modalidades de grupos e de ações pastorais. Entre os itens apresentados, fala-se das metas desses grupos; 1) favorecer a vivência das relações interpessoais; 2) favorecer o crescimento humano dos jovens através de um itinerário de formação; 3) promover o jovem em movimentos mais amplos, em movimentos sociais, políticos e religiosos; 4) vivenciar os valores da Espiritualidade Juvenil Salesiana, para que atuem com identidade própria e com os valores do espírito salesiano[93].

No final do ano de 1999, houve a respectiva programação para o ano de 2000 e houve também a mudança de vice-inspetor que, no início do ano de 2000, será Pe. Lauro Takaki Shinohara. Assim as ações de animação da

[91] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 22/06/1998, p. 69.
[92] Boletim Informativo, nov./dez. 1999, p. 5; 11-13.10.
[93] Boletim Informativo, mar./abr. 2000, p. 25-32.

EIP estarão desde já sob sua orientação. Na reunião do Conselho Inspetorial de junho de 2000, ele propôs aos participantes da EIP uma instância de animação na construção da unidade pastoral da inspetoria através dos vários projetos dos setores[94].

Nas reuniões do Conselho Inspetorial do final do ano 2001, houve algumas reflexões interessantes que despertaram o interesse e o cuidado dos salesianos; a primeira foi a organização da etapa de formação do tirocínio para os clérigos e irmãos coadjutores, uma vez que o cenário organizacional das casas havia sensivelmente mudado. Antes a medida organizacional era pautada pela presença de jovens internos e, a partir de então, não haveria mais comunidade assim, a não ser o aspirantado. A reflexão despertou atenção, e houve indicações para que os tirocinantes se pusessem sempre como presença salesiana nos pátios e em atividades promovidas pela Pastoral de cada casa. A segunda medida quanto à etapa de formação dos estudantes do Curso de Filosofia, cuja grade curricular contava com a nova exigência, ao finalizar o curso o aluno terá que escrever uma "síntese filosófica", na expressão do Pe. Marconetti, ou então uma "monografia de conclusão de curso!" Essa exigência mostra a deficiência de alguns estudantes quanto ao estudo da língua portuguesa, compreensão dos textos e redação[95].

No ano seguinte, 2001, houve as intervenções significativas em que a Pastoral Juvenil aconteceu em algumas cidades através dos denominados "Encontros Marcados", em que, segundo o encarregado, mais de 500 jovens participaram. Outra preocupação do governo inspetorial foi a preparação para o XXI Capítulo Inspetorial. Na reunião do Conselho Inspetorial de setembro, todos aprovaram o Diretório Inspetorial e falou-se da necessidade de se instaurar um Centro de Documentação Inspetorial; e na reunião de novembro, aprovou-se a programação da Inspetoria para o ano de 2002, a qual seria apresentada aos irmãos por ocasião da Festa Inspetorial[96].

Entre tantos debates sobre novas posturas dos salesianos surgiu a captação da nova cultura dos jovens diante dos novos meios de comunicação social, em particular, a Internet. Esse foi o maior fator das mudanças culturais que afetaram os jovens e os MCS na década que se iniciava. Também a nova postura de utilização desses meios como auxílios pedagógicos e didáticos qualificaria esse novo tempo que se iniciava com o novo milênio.

[94] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 21/06/2000, p. 121.
[95] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 28/11/2000, p. 136.
[96] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 13/06/2000, p. 144b; 19/09/2000, p. 148; 17/11/2001, p. 152.

15.11 Atividades pedagógicas especiais, plano de qualificação dos salesianos e promoções de alguns salesianos

No ano de 1996, ocorreram as mortes de dois salesianos muito presentes na Inspetoria com sua colaboração especial. Pe. João Falco, em 18/12/1996, que se distinguiu pelo estudo e organização do Museu D. Bosco. Tornou-se reconhecido também em outras partes da Congregação. Houve um tempo em que ele foi convocado pelos superiores de Roma para organizar e montar o museu missionário do Colle D. Bosco, berço da vida de S. João Bosco. Pe. Falco ampliou o acervo do Museu em termos de coleções de várias etnias indígenas do Brasil; sua visão de museu levou-o a outros campos da ciência como as coleções de insetos e da malacologia. Deixou uma respeitável obra e sempre se mostrou fiel ao espírito de S. João Bosco.

Também o falecimento do Pe. José Corazza, em 19 de dezembro de 1996, deixou a recordação de como seu espírito se tornara referencial como salesiano profundamente identificado com o espírito salesiano vivenciado na Inspetoria. Foi diretor do Seminário diocesano de Campo Grande; ocupou o cargo de vice-inspetor por vários anos e soube sempre conduzir o governo inspetorial com muita simplicidade. Porém uma de suas contribuições que perdura como altamente importante e significativa para todos, consta de seu livro "Esboço Histórico da Missão Salesiana de Mato Grosso", publicado em 1995, como expressão singular das comemorações do Centenário da chegada dos salesianos a Cuiabá. Além de seus conhecimentos pessoais e convivência com os primeiros salesianos da Inspetoria, sempre soube documentar suas afirmações de forma técnica e consistente. Sua principal fonte de documentação partiu de um pequeno livreto do Pe. César Albisetti também denominado "Esboço histórico da Missão Salesiana de Mato Grosso". Pe. César foi uma excepcional personalidade em todos os seus empreendimentos e atuações. Nasceu na Itália em 1888 e faleceu em Sangradouro em 28 de dezembro de 1977. Sua grande obra, ao lado Pe. Ângelo Jayme Venturelli, foram os vários volumes da Enciclopédia Bororo, obra de renome internacional com o segundo volume prefaciado pelo antropólogo Levy Strauss. Pe. César escreveu uma história gloriosa da atividade missionária, pastoral e educativa dos salesianos na Inspetoria. Seu linguajar é o espelho de sua alma, sempre simples e honesta em suas posturas e afirmações.

Pe. Corazza deixou escritos e publicações outras, em especial, a breve história das diversas casas da Inspetoria. Para esses escritos, valeu-se de tudo o que o Pe. Francisco Mahr publicou nos jornais de Campo Grande. Pe. Corazza assumiu os artigos do Pe. Mahr e ampliou-os compondo um verdadeiro manual de história de todas as casas da Inspetoria. Colaborou sempre para que a história da inspetoria não se perdesse. De forma sim-

ples e técnica, publicou com o Pe. Gino Fávero um resumo da biografia de D. Luiz Lasagna; esse resumo foi baseado na fenomenal obra de Juan Belza "El Obispo Missionero". Merecem hoje esses escritos o reconhecimento técnico, enquanto Pe. Corazza testemunhou a história da vida dos salesianos na Inspetoria e afetivamente enquanto retratou a força do carisma salesiano na educação e como os salesianos auxiliaram a construção do Estado nessa região e a sustentação da presença da Igreja em todos esses territórios, em especial no Mato Grosso antigo, antes da divisão em dois estados. Esse é o grande valor desses dois grandes salesianos, pela vida religiosa testemunhal e por suas obras tecnicamente representativas e documentais[97].

Em setembro de 1997, confirmou-se a ida do Pe. Osmar Besute para a CNBB; auxiliaria a instituição do governo da Igreja no Brasil no setor de Liturgia, em especial no setor das músicas. Ele se tornara um especialista nesses dois campos depois de estudos realizados em Roma. Também, depois de dois anos de estudos em Roma, o Pe. Luigi Fávero apresentou o coroamento de seus estudos com a publicação do livro "Cartas Pastorais de D. Francisco de Aquino Corrêa"- Coleção Centenário. Esse estudo, segundo o narrador, é uma apresentação histórica, isto é, a história de cada carta pastoral e, ao mesmo tempo, mostra as ideias pastorais desse grande arcebispo de Cuiabá. Tornou-se um volume muito bem organizado e tecnicamente bem constituído para expressar o valor da ação pastoral de D. Aquino[98].

Nesse ano de 1996, o novo inspetor, Pe.Winkler teve que viajar para Roma para um encontro de inspetores; passou lá quase um mês e retornou na metade de dezembro para reassumir as atividades na Inspetoria. Nesse final de ano ocorreu a festa inspetorial antes da viagem do Pe. Winkler; houve a reunião de diretores, Santa Missa no Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora, e finalizou no Ginásio D. Bosco com um alegre e fraterno almoço. Segundo as orientações do diretório inspetorial, foram nomeados os diversos salesianos encarregados dos setores de atividades na inspetoria: encarregados dos párocos, das escolas, das missões, da formação e da família salesiana. Estes liderariam as reuniões e as pautas em vista das atividades desse período[99].

Nesse ano de 1998, Pe. Frederico, que fora diretor do Santa Teresa e ecônomo inspetorial, foi nomeado bispo auxiliar de Umuarama no Paraná. Sua sagração ocorreu em Corumbá no dia 31 de janeiro de 1999.

No dia 24 de março de 1999, também chegou a notícia da nomeação do Pe. Bruno Pedron para bispo de Jardim, MS, em substituição a outro bispo salesiano, D. Onofre Cândido Rosa, que teve seu pedido de renúncia aceito

[97] Boletim Informativo, nov./dez. 1999, p. 43-46.
[98] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 24/09/1996, p. 19-19b.
[99] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 18/02/1997, p. 29b.

pelo Santo Padre, o Papa, devido aos 75 anos de idade. No dia 21 de maio de 1999, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus de Rondonópolis, ocorreu a ordenação episcopal de D. Bruno Pedron; havia muitos bispos presentes e uma afluência de mais de 2.000 pessoas. No final da celebração, D. Bruno abençoou a todos os seus queridos paroquianos da cidade de Rondonópolis, onde fora pároco muito estimado[100].

No capítulo inspetorial desse ano, foi aprovada uma série de recomendações para a qualificação dos irmãos, com o título de "Plano de qualificação dos irmãos". De fato foram orientações aprovadas que merecem todo o apreço da comunidade inspetorial. Seguindo as orientações do Reitor-Mor, afirmam que em algumas áreas de maior urgência seria necessário qualificação cultural e formação profissional: Espiritualidade, Qualificação Pedagógica, qualificação cultural e gerencial e Comunicação Social. Além disso, propôs os critérios: - cada salesiano seja incentivado ao menos a fazer uma especialização; alguns deveriam iniciar estudos para a obtenção de títulos de mestre e doutor; que em cada área haja salesianos especializados para se poder realizar um caminho de reflexão; diversificar os locais para o estudo e a titulação dos salesianos e, por fim, que as propostas de qualificação dos irmãos faça parte da construção de uma visão mais ampla do que o momento em que se vive atualmente[101].

Na reunião do Conselho Inspetorial de 17 de junho de 1999, foi apresentada a solicitação da CNBB para que o Pe. Osmar permanecesse trabalhando nesse órgão eclesial em Brasília, por mais um período, de 1999 a 2003, no setor de Liturgia, música sacra. Depois de algumas relutâncias, houve uma resposta favorável para que o Pe. Osmar permanecesse lá, apesar de se haver delineado um trabalho para ele na inspetoria.

Outro fato que marcou muito a inspetoria nesse ano foi o grave acidente com o Sr. Me. Inácio. No dia 24 de outubro, por volta das 14h30, sofreu um grave acidente antes de descer a serra em direção a Cuiabá. Ele vinha de Alto Araguaia para Cuiabá; das cinco pessoas que estavam com ele no carro, quatro foram vítimas fatais; somente uma moça que sofreu várias fraturas recuperou-se bem. Me. Inácio sofreu lesões nos pulmões e deslocamento do fêmur e um braço quebrado. Depois do atendimento em Cuiabá, ele foi levado para Campo Grande para se recuperar das graves lesões. Foi um dos mais lamentáveis desastres que ocorreu na inspetoria nesses últimos tempos[102].

Por fim cumpre notificar que, no meio do ano de 1999, houve em Campo Grande o Congresso de Educação para os professores e colaborado-

[100] Boletim Informativo, mar./abr. 1999, p. 5-7.
[101] Boletim Informativo, dez. 1998, p. 13.
[102] Boletim Informativo, dez. 1998, p. 23-24.

res das escolas salesianas. Nesse encontro compareceram 500 professores de todas as escolas da Inspetoria. Houve debates, conferências e oficinas especializadas. Com novo ânimo, todos retomaram o segundo semestre com disposição; afinal o educador salesiano retornou com ânimo para enfrentar os trabalhos com maior entusiasmo a partir do espírito de D. Bosco[103].

Conforme a animação do setor de escolas, no início do ano 2002 ,na reunião do conselho inspetorial de fevereiro, marcou-se o tema para o Congresso das Escolas daquele ano, pois seria o segundo depois do Congresso de 1999. De comum acordo, sob a liderança do encarregado do setor das escolas, o próximo congresso teria como tema: "Educação Salesiana: Identidade e Missão"[104]. A realização de congressos levava os professores a acompanharem melhor as atividades salesianas em todas as escolas da inspetoria; ao lado de outras iniciativas como a realização do "Intercâmbio" entre alunos das escolas, o setor pedagógico mantinha-se em constante atualização e animação.

15.12 Coroamento de um tempo de grande empenho em organização

Durante seus seis anos de governo inspetorial, Pe. José Winkler valeu-se da experiência de seu primeiro mandato de inspetor de 1978 a 1984 e manteve sempre a perspectiva de que seu governo seria de acordo com as normas da Congregação e de animação participativa, em especial pelos encarregados dos diversos setores da animação da vida da inspetoria. Sua base de governo foram os encontros com os conselheiros que o auxiliaram sempre com suas participações significativas.

Pode-se tentar apresentar esse período de governo inspetorial como uma constante tentativa de resolução para as diversas questões surgidas pela demanda dos diversos setores de animação da vida da inspetoria. Os salesianos da inspetoria eram em torno de 160 inicialmente para depois dos seis anos baixarem para menos de 150, ou precisamente, eram 148. Os setores das escolas, das missões, das casas de formação e das paróquias necessitavam sempre de uma atenção especial devido às exigências normais do tempo, das novas manifestações culturais e das novas tendências sempre incorporadas pelo mercado e pela vivência social. Por outro lado, não se pode deixar de ter presente o desenvolvimento grandioso da região do país onde se encontram as casas salesianas. A mobilidade crescente de comunicação e de facilidades de viagens e de interiorização do progresso com a presença crescente do setor do agronegócio, do aumento da população que, nas principais cidades, adquiriu características novas, variadas e profundamente marcantes, e tudo isso interferiu em todos os setores da vida da inspetoria.

[103] Boletim Informativo, mar./abr. 1998, p. 27.
[104] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 14/02/2002, p. 157b.

A imensa gama de novas posturas e novas linguagens que foram devidamente incorporadas na vivência das comunidades tornou-se o referencial para estudos e reflexões com os conselheiros inspetoriais e com todos os irmãos, quando se reuniam por setores de animação, como escolas, paróquias, pastoral juvenil, casas de formação. Cada setor exigiu incorporações e novas posturas para se atuar mediante o sistema preventivo e os valores do carisma salesiano. Um exemplo típico foram os cursos de Magistério em prol das escolas indígenas nas missões. Mas o setor de comunicação também trouxe a necessidade de incorporação de novos processos, em particular na comunicação e na administração. A popularização da Internet veio trazer novas posturas e horizontes no setor de educação. Esses são alguns exemplos de que houve nesse período um grande esforço de atualização por parte da direção da inspetoria.

Outra grande tendência, já consagrada anteriormente, foi a constante presença do Regional da Congregação e de visitas dos Superiores Gerais. Mais ainda, em todos os setores de animação, existiam orientações provenientes do Centro da Congregação, de Roma. Esse esforço em abrir a inspetoria para essas orientações foi grande e tornou-se sempre referencial nesse governo. As orientações dos superiores através do Regional e das observações do Visitador Extraordinário mantinham sempre a abertura da Inspetoria para com o Centro da Congregação.

Por fim convém assinalar algumas áreas de atividade da inspetoria que adquiriram um bom desenvolvimento e necessária adequação às leis do governo. Assim, a administração inspetorial confrontou-se consigo mesma na adequação de todo o setor administrativo ao se tornar, a inspetoria, um "Sociedade de Fins Filantrópicos" conforme as orientações e diretrizes legais. Esse ajuste administrativo exigiu a postura de todas as casas cumprirem com o trabalho assistencial dentro das normas e das porcentagens exigidas pela lei.

Por outro lado, ao se tornar uma Sociedade de Fins Filantrópicos, as atividades com as Obras Sociais cresceram e ganharam maior dedicação por parte da Inspetoria enquanto tal. Surgiram obras sociais em diversas comunidades através de instituições ou de projetos de cunho assistencial e de promoção social; houve um grande investimento de recursos e de pessoas nesse setor de animação da inspetoria.

Outro setor da atividade inspetorial que ganhou consistência e relevância para o conjunto de obras e de trabalho salesiano ocorreu com o desenvolvimento do ensino superior na inspetoria, como local apropriado para a atividade educativa e para o desenvolvimento dos valores do carisma salesiano. Em Campo Grande, o desenvolvimento do campus da UCDB em inúmeras construções de apoio para uma justa infraestrutura aos projetos e cursos

iniciados, a progressiva perspectiva desse desenvolvimento devido ao início de cursos de mestrado e doutorado consolidaram a instituição como universidade que conseguira criar uma justa perspectiva de desenvolvimento e de progresso nesse setor para o Estado de Mato Grosso do Sul. A assinatura do contrato com o escritório Muriel de Belo Horizonte para a apresentação do PDI do Centro Universitário Auxilium de Lins e Araçatuba – Unisalesiano –, concluiu vários anos de estudo e preparação para a consolidação do ensino universitário em Lins e Araçatuba. Também, no mesmo dia em que se decidia o futuro do ensino universitário de Lins e Araçatuba, foi feito o contrato para que o escritório Muriel apresentasse um PDI para a instalação de cursos universitários em Cuiabá. Com esses fatos concretizados no início de 2002, concluíam-se tantas iniciativas nesse setor que, de agora em diante, seria um ponto alto no desenvolvimento da presença salesiana nesse setor na Inspetoria. Houve grande investimento e agora se considerava um campo devidamente estruturado para o futuro. Nem sempre se acompanhou a preparação dos salesianos para a compreensão e para o engajamento nesse setor, que por si só mostra-se altamente exigente em termos de competência, tanto administrativa como intelectual, no exercício do ministério educativo e pastoral no ensino superior.

Esses foram os pontos expressivos que marcaram, na inspetoria, o tempo do governo do Pe. José Winkler. Este trabalhou na África e depois, ao retornar para a inspetoria, nas missões. Agora deixava a inspetoria com essas conquistas que também representam grandes desafios para um progresso no futuro. Não foi significativo o trabalho na formação dos salesianos, em muitas etapas nesse período, as deserções foram numerosas e a presença de salesianos novos não significou a superação das deficiências na formação. Mas esse tempo de governo inspetorial teve também suas grandes conquistas, como no campo pastoral e no ensino universitário.

15.13 Falecimento do Pe. José Motta e a Pastoral Vocacional na Inspetoria

Pe. José Motta trabalhou na inspetoria desde os tempos do Pe. Guido Borra e os inspetores seguintes. Pe. Motta foi exemplar na atuação da promoção educativa pastoral dos alunos dos colégios e, em particular, dos aspirantes. Conviveu no aspirantado de Tupã com levas e levas de formandos; amável e dedicado, além de professor de português, sabia promover brincadeiras coletivas e teatros. Em sua atuação, percebia-se o grande desejo de seguir os ensinamentos de S. João Bosco. Salesiano devotado à Congregação, soube sempre promover entre os alunos as Companhias e as preparações especiais para festas e para os retiros mensais e anuais. Sabia educar

a todos como rezar e se portar na Igreja, nas participações das cerimônias. Por outro lado, soube sempre estar presente em todas as atividades das casas salesianas, participando ativamente como nos passeios mensais de um dia inteiro ou nos campeonatos futebolísticos. Acompanhava cada formando em sua identidade e individualidade. Sua presença era a expressão de uma linguagem para a devoção a Jesus e a Nossa Senhora. Imaginem os preparativos para o mês de maio, para o mês do Sagrado Coração e o mês missionário. Tudo era encaminhado de acordo com o pensamento de D. Bosco, e na alegria cumpria-se o dever de estudar, de participar dos jogos e de estar estudando com muita dedicação. Sempre foi estimulador da leitura de obras clássicas e da vida dos santos. Estava ali para acompanhar e promover a vida em estado de constante alegria.

Mais tarde dedicou-se às viagens para a animação vocacional na inspetoria. Para isso treinou tantas e tantas modalidades de atrair a atenção dos adolescentes e, entre tantas modalidades, tornou-se um grande mágico ao falar com os alunos das escolas estaduais por onde passava para fazer a propaganda vocacional para ser salesiano. Viajava constantemente e soube organizar grupos de Auxiliares das Vocações, senhoras que o auxiliavam a cuidar dos meninos vocacionados e a arrecadar fundos para poder enviar e manter esses garotos nos aspirantados. Trabalhou assim, de forma exemplar, por vários anos. Depois foi escolhido para ser o diretor do aspirantado de Coxipó; porém, naqueles tempos, o aspirantado caminhava para ser somente com alunos do segundo grau. Não se deu bem e retirou-se para Nova Xavantina.

Nessa nova etapa de sua vida de pároco, não deixou de lado nada que aprendera como salesiano; soube animar muito bem a comunidade da cidade do "além Rio das Mortes" e lá edificou uma grandiosa Igreja e organizou as diversas pastorais da paróquia. Não se esquecera do tempo em que fora o "promotor vocacional" da Inspetoria. Organizou um grupo de dedicadas senhoras para cuidar da promoção vocacional. Para isso, além de manter os grupos de vocacionados, angariava recursos para que estes pudessem se dirigir para o Aspirantado com toda a assistência possível. Dedicou-se a esse trabalho até os últimos dias de sua vida.

Infelizmente foi acometido por um câncer; foi se tratar em Goiânia, mas nada mais se podia fazer para vencer essa doença. Ainda com uma grandiosa potencialidade de trabalho pastoral, faleceu em junho de 1997, e a inspetoria viu-se gloriosa pela beleza da história da vida do Pe. José Motta, cuidadoso no êxito no cuidado para a promoção das vocações salesianas a partir das cidades da própria inspetoria. Foi um grande batalhador pela formação dos salesianos de acordo com os genuínos valores do coração grandioso de D. Bosco. Pode-se afimar que o Pe. José Motta "foi um grande salesiano segun-

do o coração de D. Bosco para o Reino de Deus e de sua Rainha, a Virgem Auxiliadora!"

Após a atuação do Pe. José Motta na promoção da Pastoral Vocacional, a Inspetoria sempre manteve um salesiano que prosseguisse esse trabalho sempre atento aos desejos dos jovens e proporcionando-lhes uma orientação firme e segura na formação. Ele inaugurou o processo, e a Inspetoria sempre se valeu desse processo para ir ao encontro de jovens vocacionados, segundo os tempos e as variações da cultura.



Pe. Inácio Enaureu Martins Silva



Pe. Klemens Deja



Pe. Alfredo Haidler



Pe. Arlindo Pereira de Lima



Pe. Pietro Sbardelotto



D. Giovanni Zerbini

Capítulo XVI

Governo inspetorial de 2002 a 2008

Ao final do tempo de inspetor do Pe. José Winkler, a inspetoria, através das decisões do Conselho Inspetorial, havia tomado algumas iniciativas que receberam as devidas atenções no período seguinte. Entre essas iniciativas, destacam-se duas: a assinatura de um contrato para a elaboração da instituição de um Processo para a instalação do ensino superior em Cuiabá e institucionalização, também mediante um processo que seria encaminhado para a aprovação do CNE quanto ao futuro Centro Universitário Salesiano de Lins. Esse Centro Universitário abrangeria também os cursos universitários já existentes ou que viessem a ser organizados em Araçatuba. Dessa forma, redesenhou-se o caminho da entrada dos salesianos da Inspetoria na área do Ensino Superior: três centros referenciais, Cuiabá, Campo Grande e Lins. Em Campo Grande, a UCDB mais que expressava uma progressiva luta para que o ensino universitário atingisse o ponto alto de uma Universidade com cursos de mestrado e doutorado, bem como pós-graduação em diversas áreas. Em Lins e Araçatuba, o advento da união das duas presenças mediante um Centro Universitário seria a meta mais plausível como objetivo institucional no setor universitário para a inspetoria. A iniciativa de uma presença salesiana no ensino superior em Cuiabá, que vinha em modalidades de estudos e perspectivas estudadas e avaliadas, ganhava com esse processo de enviar um projeto de Cursos Universitários para o CNE seu ponto inicial de concretização.

Convém realçar que, nesse início de século, outra atividade salesiana que já havia encontrado uma modalidade de trabalho um pouco diferente, mas com a devida consistência, foi a atividade missionária que se destacou para prática da "Itinerância" dos missionários pelas várias reservas tanto xavantes como bororos. A itinerância somente se tornou viável devido a posturas missionárias anteriores, como o grande cuidado em formar os "Agentes de Pastoral" entre os próprios índios. A realidade das centenas de novas aldeias, a presença do desenvolvimento das regiões através da agricultura mecanizada e os meios de comunicação presentes em todas as aldeias das reservas indígenas mudaram a perspectiva da ação pastoral na atividade missionária.

Por fim deve-se contar que, no início desse novo século, houve uma verdadeira explosão de progresso em toda a região central do país, tanto em Mato Grosso do Sul como em Mato Grosso, em Goiás, no Pará e no estado de

Tocantins; para completar essa faixa central do país marcada visivelmente pelo desenvolvimento da agricultura mecanizada e industrializada, é necessário acrescentar o grande desenvolvimento do oeste do Estado da Bahia e do Piauí. Assim, desde o oeste do Paraná, Mato Grosso do Sul, Goiás, Mato Grosso (poder-se-ia acrescentar também Rondônia e Acre), Bahia, Piauí, Tocantins e Pará, a mobilização cultural e social adquiriu nova configuração por diversas causas. Entre elas, destaca-se a forte presença de imigrantes de S. Paulo, dos três estados do sul do Brasil, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Essa nova população dessa imensa região do interior central do Brasil ocupou todas as áreas com lavoura mecanizada, acercou-se das novas técnicas para o plantio da soja, do algodão, do milho e de outros cereais, construiu novas cidades, bem organizadas, e gerou muita riqueza para o país em seu conjunto de alta produtividade nesse setor.

Como ponto central de desenvolvimento cultural desse novo século, deve-se notificar a massificação da comunicação através da internet e da presença do celular acessível a todas as classes. Mais tarde, ocorrerá a massificação de outros aparelhos como "Iphone", mediante os quais se unificam todas as linhas da Internet, dos celulares e de todas as novas modalidades de acessibilidade digitalizadas. Um grande progresso nesse setor irá influir nas escolas e na confecção do material didático adaptado a essa nova complexidade dos meios de comunicação digital, será a possibilidade de todos estarem dentro desse universo mediante os novos aparelhos e verdadeiros computadores nos celulares ou nos tablets.

Assim o início do século ou do novo milênio foi assinalado pela vivência decretada pelos fatores novos dessa realidade complexa que marca a nova cultura. As comunidades salesianas, em suas organizações e em suas atividades pedagógicas, tiveram que se modelar pelos novos traços culturais; de forma semelhante, a vida nas etapas de formação também levou a vivenciar seu tempo de formação de acordo com essas novas necessidades culturais. Houve acentuações diferenciadas na condução das atividades da inspetoria; em especial tentou-se manter os esquemas de organização pastoral e gerencial, mas principalmente focalizou-se a força e as potencialidades das comunidades em suas atividades pedagógico-pastorais, nas programações a partir do centro da inspetoria. Era necessário que as atividades locais prevalecessem sobre as atividades ou programações do centro da inspetoria. Foi necessário que cada comunidade tomasse suas iniciativas e as desenvolvesse promovendo a alegria de um trabalho tipicamente salesiano e entusiasmante.

A posse do novo Pe. Inspetor, Pe. Afonso de Castro, ocorreu no dia 22 de maio durante a concelebração no Santuário de Maria Auxiliadora, presidida pelo Regional Pe. Helvécio Baruffi. Depois desse dia, Pe. José Winkler, que

havia escolhido ir para a paróquia de Rondonópolis, viajou para um tempo de férias com os parentes na Alemanha. No dia 14 de junho de 2002, houve a primeira reunião do Conselho Inspetorial. Nessa reunião, foi nomeado o novo secretário inspetorial na pessoa do Pe. Ervino Martinuz. Um dos aspectos apresentados nessa reunião foi sobre os salesianos que estão trabalhando ou estudando fora da Inspetoria; todos aguardam alguma iniciativa a esse respeito. Desde o início, houve algum descontentamento por parte de alguns conselheiros sobre as orientações apresentadas pelo novo inspetor, mas ainda perduraram as decisões do governo anterior.

De acordo com os registros das atas do Conselho Inspetorial, por solicitação do Conselho Superior, o novo inspetor iria viajar para Roma para participar de reuniões junto ao governo central da Congregação no dia 16 de novembro e permaneceria em Roma até o dia 2 de dezembro. Nesta data estaria retornando para a Inspetoria.

16.1 Organização da inspetoria diante de acontecimentos inesperados

Após a primeira reunião do Conselho Inspetorial, ficou clara a intenção de alguns conselheiros quanto às orientações do novo Inspetor. Depois de algumas conversas pessoais ficou resolvido que se faria uma reunião extraordinária para a ratificação da decisão de três conselheiros que desejavam não mais participar do Conselho Inspetorial. Em reunião formal, após a devida apresentação dos motivos pessoais, ocorreu o registro dos pedidos de demissões, devidamente encaminhados ao Conselho Superior da Congregação. Depois dessa reunião de 17 de junho de 2002, foi necessário iniciar o processo de uma nova consulta para a escolha dos substitutos desses conselheiros demissionários[1].

Assim na reunião de julho de 2002, após a apresentação dos resultados, foram como ecônomo da inspetoria o Pe. Paulo Fernando Vendrame e como conselheiros os Pe. João Bosco Monteiro Maciel e o Pe. José Alves de Araújo. Nessa reunião, também foi aprovado o novo diretor da comunidade de Lins, Pe. Edmilson Tadeu Canavarros, assim como aprovada a saída do diretor de Meruri, Pe. Francisco Lima que iria estudar em S. Paulo. Ainda nessa reunião, houve um registro digno de nota: Pe. Kian, representando as missões, quis que se registrasse a atuação do Pe. Luis Silva Leal na missão de S. Marcos, onde a disputa entre caciques e dois grupos de xavantes de origens distintas quase promoveu uma chacina entre eles. Com a intervenção, ponderações e presença do Pe. Leal, então diretor daquela missão, um dos grupos antagônicos tomou a decisão de deixar a aldeia de S. Marcos, e

[1] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003, 17/06/2002, p. 164b.

resolveram fundar outra aldeia na reserva. Dessa forma, evitou-se um encontro em que as mortes seriam inevitáveis. Nesse tempo, Pe. Leal ainda estava prestando auxílios necessários para os xavantes que estavam estabelecendo-se em uma nova aldeia, um assunto a ser abordado novamente quanto se tratar da questão da vida salesiana nas missões.

Na reunião do conselho inspetorial de setembro, foi apresentada a questão das orientações provenientes do Conselho Superior da Congregação sobre possíveis abusos de menores a partir de religiosos. Tudo foi devidamente ponderado, e a atenção se voltou para alguns boatos que corriam na internet ou entre os salesianos da Inspetoria. Mas preferiu-se aguardar as provas para que se pudessem tomar providências concretas. O que criou um claro problema foi o número de salesianos fora da inspetoria e sem a devida documentação quer como "absentia a domo", quer como estudante no exterior ou como atendimento aos familiares europeus doentes, ou ainda alguns diante de problemas originários diante da admissão às ordens. Em um desses casos, sobre a solicitação do bispo de Ilhéus, responsável pela pastoral juvenil da CNBB, pela presença do Pe. Eduardo Pinheiro nesse trabalho em Brasília, a resposta do Pe. Inspetor foi de que ele adquirisse uma experiência pastoral devidamente salesiana no trabalho que ele estava exercendo no Colégio de Araçatuba; assim a inspetoria não atendeu a solicitação da liberação do Pe. Eduardo para esse trabalho. Também foi feita uma apreciação sobre os quatro salesianos que estavam estudando no exterior, na Europa e nos Estados Unidos. Essa questão precisava ser redimensionada na inspetoria junto com os salesianos que terminavam os estudos teológicos e respectivas ordens. Também nesse tempo, por solicitação do Regional, Pe. Helvécio Baruffi, houve a transferência do Sr. Coadjutor Antônio Teixeira para ir para a Inspetoria de BH para trabalhar na Cisbrasil. Sr. Antônio Teixeira, após solicitação de deixar de participar do Conselho Inspetorial, estava na casa de Araçatuba para estudar e finalizar o seu curso de mestrado, conforme ele mesmo havia informado[2].

Na reunião do Conselho de dezembro de 2002, foi apresentada a presença do novo Conselheiro na pessoa do Coadjutor Sr. Raffaele Locchi, legítimo representante dos irmãos leigos da Inspetoria.

No ano seguinte, a decisão inicial do Conselho Inspetorial sobre a solicitação do Sr. Bispo de Guiratinga para uma presença salesiana na progressista cidade de Primavera do Leste, próxima da missão de Sangradouro.

Não bastassem os acontecimentos inesperados sobre salesianos no ano de 2003, no ano seguinte, em 2004, novas e terríveis situações acometeriam a vida da inspetoria agora mediante os assuntos inusitados da época:

[2] Atas do Conselho Inspetorial –1996-2003, 03/09/2002, p. 168.

a pedofilia. A vida da inspetoria seria afetada por uma maré de invasões de mensagens pela internet e de acusação aos salesianos dentro dos padrões ocorridos na Igreja e mesmo no Brasil quanto a esse assunto. As novidades nas comunicações via internet e as reações de menores/adultos em várias cidades do país, depois de tantos e tantos problemas com os salesianos em outros países da Europa e nos Estados Unidos, chegariam também aqui para atormentar e alertar as posturas dos salesianos quanto ao problema candente das relações dos educadores e dos educandos, em especial em se tratando de menores abandonados ou carentes.

Essa questão passou por três fases diferentes; a primeira veio através de emails com acusações esporádicas e maliciosas sobre as atitudes de vários salesianos. O autor ou autores dessa enxurrada de mensagens não foram identificados, e o assunto ganhou então outro foco, ao centralizar-se nas perspectivas de acusação de pedofilia por parte de alguns salesianos. Essa postura encontrou em dois advogados o amparo do maior/menor então que passou a focalizar a acusação sobre dois salesianos. Essas ameaças assumiram posturas de extorsão, pois os dois advogados ameaçavam entrar na justiça se um acordo extra-judicial não ocorresse; o valor desse acordo mencionado era exorbitante. A terceira fase mostrou ameaças desses dois advogados a espalhar acusações sobre alguns salesianos em situação duvidosa com alunos. Porém, nesse intervalo, explodiu tudo com a publicação de um Artigo da Revista "Metrópole" explanando o assunto e mostrando fotos do Colégio D. Bosco como local referencial das seduções dos menores. Diante desse documento, a dimensão dessa intriga ganhou os jornais e diversos artigos e notícias foram publicados em revistas e jornais de âmbito nacional, como saiu uma pequena notificação na "Folha de S. Paulo".

Ao assumir essa dimensão nacional, sem comprovação dos boatos e das constantes ameaças, os salesianos da inspetoria tomaram a decisão de mover um processo contra o advogado do adulto/menor então para colocar um ponto final nesse assunto. Houve respostas a diversos jornais, e as questões foram sendo esclarecidas. O resultado do processo foi simplesmente esclarecedor, pois nada ficou provado quanto às acusações sobre os salesianos que foram incriminados como pedófilos. Todos os documentos referentes a todos esses acontecimentos encontram-se na sede inspetorial[3].

Depois de uma grande batalha diante dos meios de comunicação e diante das dioceses de MS e MT, os acusadores dos salesianos tiveram que se silenciar e, entre os salesianos, restou a grande preocupação em não se deixar levar por entrevistas ou declarações ambíguas ou com linguagem ina-

[3] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial em 2004, 12/08/2004, anexos 3 e 4; 16/11/2004; 01/12/2004.

propriada nesse assunto. Graças a Deus, o ambiente externo e interno na Inspetoria voltou à vida normal depois de mais de dois anos de ondas e ondas de falsas acusações.

Nos anos seguintes, o nível de atenção sobre possíveis atitudes de salesianos ou educadores quanto a comportamentos que pudessem levantar qualquer suspeita sobre a intencionalidade das relações com menores, foi redobrado de acordo com as normas gerais advindas do Centro da Congregação. Mas houve casas difíceis, em que os salesianos não queriam compreender que atitudes em relação às crianças, aos menores, em especial menores das obras sociais ou dos diversos projetos de assistência social deveriam ser mudadas. No ano 2005, houve casos claros em que a inspetoria teve que tomar atitudes drásticas sobre as atitudes de alguns salesianos; o mesmo ocorreu no ano de 2006, quanto a outros salesianos que não souberam se ater aos devidos padrões, ao cuidar de alguns menores carentes. O resultado jamais agradou a todos, e esses salesianos, advertidos dentro das normas da Congregação sem que houvesse mudança de comportamento, foram devidamente advertidos e encaminhados para situações em que assumissem suas escolhas. Vários deixaram a congregação de forma irregular, e tais circunstâncias nem sempre foram compreendidas como expressão de uma orientação do Centro da Congregação[4].

Esses fatos de dois ou mais anos trouxeram uma mudança radical em relação aos processos até então em vigor sobre as ações pastorais inspetoriais; todas as ações pastorais que envolvessem menores passaram a ser devidamente estudadas e realizadas com novas posturas para não suscitar qualquer possibilidade de acusação ou insinuações de que existissem salesianos com atitudes de pedofilia em relação aos educandos. Nem sempre essa postura foi compreendida, pois alguns salesianos maldosamente enviavam mensagem para o Centro da Congregação sempre expondo inverdades a esse respeito, vale dizer, dos processos utilizados pelo inspetor no trato desses salesianos. Essas acusações indébitas resultaram em constantes visitas dos superiores de Roma para averiguar *in loco* as questões que esses salesianos apresentavam; porém a verdade ficou esclarecida, e nada houve de extraordinário quanto a essas visitas dos superiores de Roma, como será apresentado no item seguinte.

16.2 Visitas de superiores de Roma e do Regional à Inspetoria

Além do governo central da Congregação fazem parte do Conselho Superior outros salesianos encarregados dos diversos campos de ação pasto-

[4] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial em 2005, 11/05/2005; 04/04/2006.

ral ou atividades específicas da Congregação. A função principal do governo central da Congregação é supervisionar e animar as atividades pastorais, pedagógicas e a vida religiosa em todas as Inspetorias. Uma longa série de salesianos do Centro da Congregação visitaram a inspetoria nesse período.

1) Pe. Tarcício Scaramussa

No início do ano, 12-14 de fevereiro de 2003, esteve aqui nesses dois dias para tomar conhecimento do seu setor, a ativação dos meios de comunicação; sendo brasileiro, Pe. Tarcísio Scaramussa tomou contato com a Universidade D. Bosco e com o centro inspetorial. Visitou o Centro Inspetorial de Comunicação e as casas de formação da inspetoria: o noviciado em Indápolis, o pré-noviciado na Chácara S. Vicente e o Pós-noviciado na comunidade do Paulo VI; entrou em contato com os formandos e deixou sua mensagem especial quanto ao grande desenvolvimento de sua área, a comunicação social como também local de inserção para as atividades pastorais e pedagógicas.

Outra intervenção dos superiores nesse ano de 2003, ocorreu com a convocação feita pelo Pe. Luc Van Looy, para que o Pe. Osmar Bezutte e os encarregados da Família Salesiana estivessem em Turim, por ocasião do Congresso Internacional dos Devotos de Maria Auxiliadora, a ADMA. Também houve o anúncio da vinda do Pe. Zuffetti em abril, e o encarregado das missões da inspetoria, Pe. Georg Lachnitt deverá estar em Roma em setembro para uma reunião no Dicastério das Missões em Roma[5].

2) Pe. Pier Luigi Zuffetti

Como fora anunciada, a vinda do Pe. Zuffetti, ocorreu dentro das viagens programadas; ele visitou, a partir do dia 30 de abril, as missões Sangradouro, S. Marcos, Meruri e Nova Xavantina. Posteriormente ocorreu, com sua presença em Campo Grande, a reunião do Pe. Zuffetti com o Reitor da UCDB, estando presentes também o diretor do Museu D. Bosco e o Pe. Inspetor. Era intenção clara do Pe. Zuffetti auxiliar o desenvolvimento das missões e do museu. Ficou decidido nessa reunião que a Inspetoria iria encaminhar para sua Instituição, "Noi per Loro" um projeto dos custos e investimentos necessários para se iniciar a revitalização do Museu D. Bosco. Na reunião do Conselho Inspetorial de junho, decidiu-se que seria contratada a Professora Aivone para comandar o projeto de revitalização do Museu D. Bosco e também preparar o contrato com o Governo do Estado de MS para a cessão do terreno do Parque das Nações Indígenas, para a localização dos vários blocos a serem previstos para a futura sede do Museu[6].

[5] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003, 02/02/2003, p. 179.
[6] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003, 10/03/2003, p. 181; 04/06/2003, p. 187.

Em outubro desse ano de 2003, foi anunciada a vinda à Inspetoria também do Superior Encarregado da Formação na Congregação, Pe. Cereda. Entraria em contato com os membros do Capítulo Inspetorial e com os salesianos engajados no trabalho das casas de formação da Inspetoria. Já no ano de 2004, as presenças dos Superiores de Roma seriam bastante significativas, por expressarem a vontade de todos eles estarem a par das ocorrências principais nesta região.

3) Pe. Adriano Bregolin

Depois de tantas ocorrências e posições desgovernadas de alguns salesianos devido aos problemas pessoais e da inspetoria quanto à colocação desses salesianos que se mostravam problemáticos, chegou a notícia através de um comunicado do Reitor-mor de que Pe. Bregolin, a segunda autoridade da Congregação, viria para uma visita à inspetoria. Tantos boatos e tanto descontentamento por parte de alguns salesianos devem ter chegado ao comando da Congregação. Afinal, nem sempre as correções e as descobertas de algumas atitudes não coerentes produzem as correções esperadas, mas atitudes de revide e de complicação de quem se mostra responsável pelo governo; algumas acusações que devem ter sido encaminhadas ao Centro da Congregação referiam-se ao cuidado com o Ensino Universitário, à preferência pelos salesianos mais novos, ao não cuidado com as obras sociais e ao não respeito para com alguns prelados que sempre desejavam que suas opiniões prevalecessem em detrimento do bem da Inspetoria. Sobretudo a maneira como essas tonalidades chegaram ao Centro da Congregação sobrecarregou a realidade em si ou a normalidade das ações do Inspetor e do Conselho Inspetorial. Então, no dia 20 de fevereiro, a inspetoria recebeu o comunicado do Reitor-Mor de que seu Vice, Pe. Adriano Bregolin viria realizar uma visita em toda a inspetoria para averiguar a situação dela. Esse comunicado foi imediatamente passado a todos os irmãos para que soubessem o que iria ocorrer nesse tempo. Em comunicado por email ao Reitor-Mor, o Pe. Inspetor esboçou o primeiro roteiro para que Pe. Adriano Bregolin pudesse visitar as missões, as casas principais e as casas de formação.

Pe. Adriano chegou no dia 26 de fevereiro e teve uma reunião a sós com o Pe. Inspetor; este lhe apresentou um longo relatório, de mais de dez páginas, em que esboçou a situação da vida salesiana na Inspetoria. Nesse relatório, foram destacados os pontos mais importantes sobre as diversas áreas de atuação das comunidades; individualizou a problemática que gerou muitas insatisfações sobre alguns salesianos devido a atitudes e posturas não condizentes com a vida religiosa; ao mesmo tempo, realçou a expressiva atuação no campo da formação, do ensino superior, do trabalho nas missões, nas paróquias e nas obras sociais. De forma bem clara, expressou a mudan-

ça de foco na animação da vida inspetorial, acentuou-se a atuação local na pastoral juvenil e na animação das atividades pastorais em prevalência das atividades inspetoriais.

No dia seguinte pela manhã houve uma longa reunião com o Conselho Inspetorial. Inicialmente Pe. Adriano esclareceu que o objetivo da sua visita: veio em nome do Reitor-mor para encorajar, ouvir os irmãos. Apresentou alguns dados sobre a Inspetoria por ser esta uma inspetoria em que se trabalha muito; afirmou que apreciou muito o encontro que teve com os estudantes de teologia na Lapa. Afirmou que é necessário crescer no espírito de família, cuidar da verdadeira espiritualidade salesiana e dar qualidade pastoral às presenças; falou também da necessidade de aprofundamento na formação inicial, de dar continuidade ao trabalho da Pastoral Vocacional e do cuidado em promover a Família Salesiana; da necessidade de diálogo na gestão inspetorial, pois a inspetoria é muito complexa: universidade, missões, paróquias e obras sociais. Afirmou que se deve ter em mente que a inspetoria tem uma história que se deve valorizar e desenvolver. Foram apresentadas algumas estatísticas, como a dos formandos, realçando que, em algumas etapas, os números sempre passam de dez, e do Colégio S. Gonçalo, com 4.600 alunos.

Depois desse rol de afirmações, os conselheiros também expuseram a situação da inspetoria em seu setor de trabalho: universidade, colégio, casas de formação, animação inspetorial e animação das missões. No outro dia, iniciou sua viagem de visitas a todas as casas da Inspetoria. Pe. Paulo Fernando acompanhou-o nessas viagens desde o dia 28 de fevereiro até o dia 4 de março, quando de S. Paulo embarcou para Roma. Dias depois, conforme solicitação do Pe. Adriano, o Pe. Inspetor enviou-lhe um relatório esclarecendo as causas, posturas e envolvimento de alguns salesianos nessas tentativas de extorsão e de acusações a salesianos quanto a abusos nas relações com meninos. Tudo foi esclarecidamente comunicado para que a tensão vivenciada na inspetoria fosse também compreendida[7].

4) Pe. Francesco Cereda

No início do mês de abril, chegou aqui para uma visita rápida o Pe. Cereda, encarregado do setor da Formação no Conselho Geral de Roma. Houve uma reunião com os formadores, quando ele expôs sua orientação quanto ao plano da formação na Congregação. Seu auxiliar direto, Pe. Crys Saldanha, falou a todos da necessidade de se manter na inspetoria uma postura e costume de um acompanhamento vocacional em todos os setores e áreas. Um trabalho importante para a vida futura da inspetoria. Salientou a necessidade de se pensar sobre nova mentalidade de se organizar o Pré-Noviciado. Pe.

[7] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial em 2004; II Reunião, 27/02/2004.

Cereda continuaria suas orientações por ocasião da reunião dos inspetores e dos membros das CIF inspetoriais em S. Paulo, no Instituto teológico Pio XI.

5) Pe. Pascoal Chavez Villanueva – Reitor-Mor

Foi entusiasmante a presença de animação do Reitor-Mor a três cidades ou lugares da inspetoria. Chegou a Campo Grande e foi muito bem recebido pelos salesianos no aeroporto. Em seguida, foi para a sede da Missão Salesiana e, posteriormente, houve o encontro com grupos da Família Salesiana na Chácara S. Vicente, onde, além dos momentos informais, pôde estar presente e constatar a alegria dos formandos, tanto aspirantes como prénoviços. O jantar solene e cheio de demonstrações de alegrias pela presença do representante de D. Bosco mostrou toda a capacidade de representar dos aspirantes. Depois de estar com os cooperadores e ouvir um pouco as inúmeras manifestações, retirou-se para a Inspetoria para o justo descanso. A jornada seguinte não seria menos exigente. De avião particular chegou-se até a cidade da Barra do Garças e, antes do almoço, de carro chegou-se à Meruri, onde os bororos e xavantes aguardavam a chegada dele para se iniciar uma Santa Missa campal, onde se pôde admirar a manifestação cultural dos bororos e xavantes. Essa celebração mostrou ao Reitor-Mor a dimensão do trabalho missionário dos salesianos da Inspetoria. Sua presença veio confirmar uma das características mais marcantes dos salesianos nessa região. Um grande almoço para os índios e breve refeição para os salesianos, pois deveriam retornar para a Barra e, em seguida, voar até Cuiabá.

A chegada ao aeroporto de Cuiabá foi festiva; o Reitor-Mor foi recepcionado pelos salesianos, e uma banda militar solenizou a ocorrência. Em seguida, houve a viagem até o Centro Esportivo do Colégio S. Gonçalo, onde o aguardava uma multidão de mais de 4.000 alunos com manifestações de apreço e alegria extraordinários. Talvez o Reitor-Mor não tivesse tido, em suas viagens, uma recepção tão animada como no Centro Esportivo do S. Gonçalo. Vibração e muita animação com a chegada do Reitor-Mor, para os alunos a presença viva de D. Bosco. Houve, na praça de esporte, manifestações de alegria e encenações muito significativas, tudo acompanhado pela excelente orquestra de violinos com o acompanhamento de cantores que executaram músicas clássicas salesianas e de outras características regionais. Tudo expressivamente manifestou a vitalidade de uma obra salesiana em seu ser e em sua história. Comovido, o Reitor-Mor dirigiu-se aos jovens e os animou, retribuindo-lhes a alegria com que fora recepcionado. Uma singular recepção que deve ter marcado a história da casa e das viagens o Reitor-Mor. Parabéns aos Salesianos de Cuiabá!

No dia seguinte, pôde dirigir-se aos salesianos da cidade e apresentar toda a sua gratidão pela grandiosa recepção e animou a todos com palavras

expressivamente salesianas. Antes do meio-dia, tomou seu voo para S. Paulo. Os salesianos de Cuiabá sentiram-se verdadeiramente acolhidos pelo sucessor de D. Bosco. Na reunião do Conselho Inspetorial de 22 de setembro de 2004, os conselheiros manifestaram-se amplamente sobre a visita do Reitor-Mor à inspetoria. Alguns assinalaram como significativa a presença de todos os formandos tanto na recepção, como na despedida do Reitor-Mor. Outro conselheiro assinalou que a presença dele foi fato muito bem notificado na mídia de Campo Grande e de Cuiabá, onde concedeu entrevistas à televisão e aos jornais. Com essa visita, muita suspeita tornou-se a certeza e brilhante limpidez do carisma salesiano vivenciado na Inspetoria[8].

6) Visita de D. Pier Luigi Zuffetti da Missioni Don Bosco – Turim – e a Exposição Bororo em Gênova

Ainda no ano de 2004, no início de setembro, houve a presença do Pe. Zuffetti, que se reuniu com o Pe. Inspetor, com o Ecônomo, o reitor da UCDB e a Dra. Aivone. Após o almoço, Pe. Zuffetti visitou a nova sede do Museu D. Bosco no Parque das Nações Indígenas. Além disso, foram-lhe entregues outros projetos a serem encaminhados para sua empresa "Missione Don Bosco". Nesse tempo, combinou-se então a exposição do acervo bororo em Gênova, na Itália, onde, ao lado do Diretor do Museu, estarão o vice-Inspetor Pe. Lauro e o Pe. Kian. Esse foi um dos grandes empreendimentos realizados pela inspetoria, financiado pelas empresas dirigidas pelo Pe. P. L. Zuffetti. Também lhe foram encaminhados outros projetos supervisionados pela Dra. Aivone para empreendimentos em prol da cultura indígena, tanto em Sangradouro, como em Meruri. Na reunião do conselho inspetorial de novembro de 2004, Pe. Lauro falou aos conselheiros sobre a exposição em Gênova. Essa exposição sobre a cultura bororo teve como título "Io sono bororo", realizada no mês de outubro; seguiram o grupo de índios às visitas de Turim e posteriormente de Roma. Junto com os índios, visitaram o museu indígena no Colle D. Bosco. Foram muito bem acolhidos em Gênova e em outras casas salesianas. Parecia até os primeiros momentos dos dois bororos que acompanharam o missionário Pe. Bálzola, em 1898, em visita a Turim. Afinal conseguiram seus objetivos de expor ao público os objetos que representam os momentos mais importantes da cultura bororo e, como tais, foram acolhidos e reconhecidos[9].

7) Visita do Regional e visita do Encarregado das missões, Pe. Alencherry

No ano seguinte, 2005, houve outras presenças de superiores do Conselho Geral; a primeira a ser programada foi a do encarregado das missões

[8] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial em 2004; VIII Reunião, 22/09/2004.
[9] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial em 2004; IX Reunião, 16/11/2004.

que viria aqui para uma visita às nossas missões. Conforme foi resolvido no Conselho Inspetorial na reunião de 3 de fevereiro de 2005, tanto a recepção como o devido acompanhamento desse superior ficaria sob a responsabilidade do Pe. Georg Lachnitt, também animador do setor das missões na inspetoria.

Em seguida, ainda em 2005, houve alguns acontecimentos importantes; duas ordenações episcopais na inspetoria. No final de janeiro desse ano, em Cuiabá, houve a ordenação episcopal do Salesiano até então ecônomo da casa de Coxipó, Pe. Segismundo Martinez. Foi muito bem organizada, e a festa ocorreu em um clube adrede preparado para tal fim. Unicamente de inconveniente houve a tentativa de entrevistas pelos canais de TV que viriam abordar os temas da pedofilia; tendo tido notícias a esse respeito, com o auxílio de algumas pessoas, foi possível evitar o vexame de uma entrevista na TV e abordar os problemas candentes com a publicação dos artigos em jornais e revistas.

Em maio esteve programada a ordenação episcopal do Pe. Eduardo Pinheiro; este, embora tenha, por própria iniciativa, se transferido para a inspetoria de S. Paulo, sendo da cidade de Lins, teve sua festa de ordenação organizada pelos salesianos daquela comunidade. Assim o Pe. Paulo Fernando organizou tanto a parte litúrgica como a festa posterior para que a ordenação episcopal do Pe. Eduardo ocorresse de forma muito alegre.

De 25 até 30 de abril, esteve na Inspetoria, conforme programação bem notificada, Pe. Alencherry, encarregado das Missões. Pe. Georg Lachnitt acompanhou-o em longo trajeto de visitas tanto em Campo Grande, como em todas as presenças missionárias e em outras aldeias onde ocorre o atendimento dos salesianos mediante a "itinerância" junto às aldeias xavantes de outras reservas mais ao norte do Estado. Deixou um relatório de algumas páginas com reconhecimento do grandioso trabalho dos missionários para com os povos indígenas. Foi uma visita de animação, e as suas apreciações foram objeto de análise e consideração nas reuniões e encontros dos missionários. Sempre muito bom quando o trabalho dos missionários, ao longo desse grande período histórico foi reconhecido e elogiado pelo superior visitador. Pe. Georg Lachnitt apresentou o relatório da visita do Pe.Alencherry ao conselho na reunião de 1º de junho de 2005[10].

Nesse ano ocorreu, em Brasília, a "Visita D'Insieme" com a presença do Reitor-Mor e todos os conselhos das diversas inspetorias. Apreciação da vida congregacional e da vida de animação. Também ficou decidida a vinda do Reitor-Mor a Campo Grande nesse ano para uma devida honorificência junto

[10] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial em 2005; IV Reunião, 01/05/2005-Anexo 3.

à UCDB. A data para esse acontecimento seria no final de outubro desse ano; porém seria uma data a ser confirmada ainda.

8) Presenças do Pe. Francesco Cereda e do Pe. Pascoal Chavez Villanueva

Assim, propositadamente ou não, a inspetoria contou na segunda parte do ano de 2005 com a presença novamente de dois dirigentes do Conselho Superior. Conforme anúncio do Pe. Helvécio Baruffi, o Regional, a inspetoria receberia para uma reunião especial com os participantes da Cisbrasil e dos encarregados da Formação nas inspetorias, o Pe. Francesco Cereda. A reunião ocorreria nos dias 21 e 22 de setembro, em Campo Grande. Conforme sugestão do Regional, estaria também uma viagem ao Pantanal como possibilidade para os participantes dessa reunião poderem conhecer essa região tão famosa.

De fato Pe. Cereda chegou no dia 19 de setembro, e houve várias reuniões com formandos e com os salesianos do setor de formação; a temática manifestou a grande preocupação do Conselho Geral quanto à profundidade da vida religiosa na Congregação. Nos dias seguintes ocorreram as reuniões conforme a programação da Cisbrasil.

Conforme já fora notificado, na reunião do Conselho Inspetorial de junho, no final de outubro haveria a festa de outorga por parte da UCDB do título "Doctor Honoris Causa" ao Reitor-Mor, uma vez que ele aceitara a proposta enviada pela Reitoria da universidade. A inspetoria organizou-se para essa visita de forma muito simples, mas condizente com a presença da autoridade máxima da Congregação. Uma vez que a cerimônia na UCDB fora definida para a noite do dia 31 de outubro, resolveu-se organizar a reunião dos diretores e outros salesianos para esse dia. E de fato tudo ocorreu conforme essa programação.

No dia 31 de outubro, estando presentes os diretores e outros salesianos, todos estiveram no aeroporto, e a recepção do Reitor-Mor em sala Vip foi muito entusiasmada; alegria grandiosa de todos os salesianos pela presença do Reitor-Mor foi expressa com espírito de família e poucos momentos de discursos formais. Em seguida, todos se dirigiram para o almoço na sede inspetorial. Após o almoço, houve tempo para repouso e encontros familiares com o Reitor-Mor. Após o jantar, todos se dirigiram para o anfiteatro central do Bloco A da UCDB, para a cerimônia da outorga do título ao Reitor-Mor.

Nessa cerimônia, após a apresentação solene dos participantes da cúpula da UCDB e de um relato rápido da história da universidade salesiana de Campo Grande, o Pe. Afonso de Castro, Pe. Inspetor, fez, através de um longo discurso sobre os escritos do Pe. Chavez publicados oficialmente nos órgãos da Congregação para todos os salesianos, a avaliação do Reitor-Mor como escritor e pensador sobre o carisma salesiano e sobre a cultura do

mundo atual. Essa longa exposição teve por finalidade confirmar perante os salesianos, autoridades, professores e alunos da universidade o mérito de tal honorificência que a universidade oferecia ao Reitor-Mor. Por fim, com uma peroração de agradecimento, ele exaltou a grandeza da UCDB e de sua longa história de contribuição com educação e ciência nessa grande região do extremo oeste do então Mato Grosso. Tudo finalizou com a alegria e a proximidade do Reitor-Mor com todos no coquetel.

Na manhã do dia seguinte, continuou-se a reunião dos diretores com a presença do Reitor-Mor, que dirigiu a todos sua fala por mais de uma hora. Com o almoço, encerrou-se esse encontro com o Reitor-Mor, que em seguida seguiu viagem conforme o seu roteiro. Os diretores continuaram a reunião para a organização do POI do ano seguinte, 2006.

9) Visitador Extraordinário, Pe. Filiberto Rodrigues

O ano de 2006 contou com a presença de outro superior na inspetoria. Pe. Filiberto Rodrigues veio por designação do Reitor-Mor para uma visita canônica de supervisão e animação na Inspetoria, tudo de acordo com as normas da Congregação.

Essa visita fora confirmada desde o início do ano para o início do mês de agosto desse ano. Assim no dia 28 de agosto, com a Santa Missa e depois a reunião do Conselho Inspetorial presidida pelo Visitador, iniciou-se o tempo dessa visita extraordinária conduzida pelo Regional da Espanha, Pe. Filiberto Rodriguez. Nessa reunião inicial, estiveram presentes os diversos encarregados dos setores das atividades pastorais: Família Salesiana, Pastoral Juvenil, Paróquias, Educação Básica, Animação Missionária. Todos eles fizeram uso da palavra e expuseram ao Visitador um relatório dessas atividades na inspetoria. Além disso, cada conselheiro expôs ao Visitador a realidade de suas atividades nas casas onde trabalham. Ao falar das escolas de Educação básica, apresentou as estatísticas das escolas particulares assinalando 11.000 alunos em nossas escolas; posteriormente cada setor apresentou as principais atividades de cada setor como animação inspetorial. Ao falar das escolas, foram realçadas algumas atividades como o intercâmbio e os jogos intercolegiais, o número de alunos bolsista devido à lei da Filantropia; falou-se da grande comemoração através dos Congressos para os Educadores. Além disso, apresentou-se a situação de três escolas conveniadas com 5.000 alunos atendidos com a filosofia salesiana de educação. Outra afirmação importante foi que a marca missionária ocorria em todas as nossas presenças, desde as paróquias até à universidade. O visitador inquiriu a respeito da Comunicação Social, e tudo lhe foi esclarecido devidamente. Também foram apresentadas as atividades no setor das obras sociais, e elucidou-se esse campo de atuação ao relatar o trabalho dos salesianos em diversas obras e cidades em prol dos

menores carentes. Por fim, apresentaram-se modalidades de vida religiosa que deveriam ser mais acentuadas: sentido de pertença, profissionalidade e formação permanente. Além disso, foram acentuados outros temas: vida espiritual, fraternidade, missão como projeto comunitário. Depois de encerrar suas palavras e assumir o roteiro de visita às casas, Pe. Filiberto deixou a sala do Conselho; este prosseguiu seu trabalho colocando em pauta os itens programados anteriormente.

Conforme o roteiro apresentado ao Visitador e aprovado por ele, depois do início de sua visita com a participação na reunião do Conselho Inspetorial de 26 de agosto de 2006, iria para Lins para iniciar sua visita a todas as casas. A sua visita terminaria no dia 24 de outubro de 2006, com uma reunião com todos os diretores. E no dia anterior haveria uma reunião com o Conselho Inspetorial para esclarecimentos eventuais. Nessa reunião Pe. Filiberto afirmou que era necessário manter a harmonia entre todas as nossas presenças; missões, escolas, oratórios, ensino superior, obras sociais; consolidar as presenças e preparar os salesianos para esses trabalhos. Os conselheiros agradeceram a presença e animação por sua pessoa sempre alegre e receptiva. Todos estavam concordes que o Visitador compreendeu nossa realidade. Por fim acrescentou o Visitador que a formação estava sendo o centro da preocupação da Congregação para garantir a continuidade do carisma salesiano em todas as culturas.

No dia seguinte, na Lagoa da Cruz, após a reunião com os diretores, onde o Visitador expôs os itens gerais de sua avaliação, encerrou-se esta Visita Extraordinária com a Santa Missa, quando estiveram presentes, além dos diretores e outros salesianos, os aspirantes, pré-noviços e pós-noviços. No período da tarde, a reunião com os diretores prosseguiu com os assuntos normais dessas reuniões de animação. Mais tarde, viria uma apreciação do Reitor-Mor com as devidas orientações práticas como resultado da Visita Extraordinária[11].

10) Visita do Reitor-Mor a Campos do Jordão – a presença do Pe. Adriano Bregolin por ocasião do encontro Nacional da Família Salesiana em Campo Grande. O Reitor-Mor com todos os inspetores da América em Costa Rica

Outras presenças de superiores no Brasil e, então, junto aos dirigentes inspetoriais ocorreram de forma programada pelo Conselho Superior, mas diante do conjunto de dirigentes de todas as inspetorias ou do Brasil ou da América.

[11] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 21/10/2006, VI Reunião; 23/10/2006, IX Reunião. Anexos Relatório do Visitador.

Em 2007, precisamente no dia 27 de maio, ocorreu o encontro do Reitor-Mor com todos os inspetores e representantes inspetoriais em Campos do Jordão; lá houve um encontro muito simples com o Reitor-Mor, que se encontrava no Brasil para participar da V Reunião do Celam e, então, aproveitou da oportunidade para esse encontro. Esse encontro ocorreu dentro de um clima de informalidade, e o Reitor-Mor deixou aos inspetores a iniciativa dos assuntos através de suas perguntas. De sua parte, o Reitor-Mor expôs o panorama geral da Congregação no mundo, em particular valeu-se do discurso do Papa Bento XVI na abertura do Celam. Assim, de forma muito simples, esse encontro encerrou-se com as palavras de animação do Pe. Pascoal Chavez, a partir desse grande encontro de bispos de toda a América[12].

Houve outra atuação anterior do Pe. Pascoal Chavez por ocasião do encontro de todos os inspetores da América, em Costa Rica, para um tempo de retiro com os Inspetores. Esse retiro foi marcado por algumas insistentes afirmações do Reitor-Mor sobre a necessidade de se partir da espiritualidade salesiana para se ter vocações; insistiu muito sobre a Pastoral Juvenil, que precisa ter a dimensão vocacional, e que a pastoral salesiana tem que ser evangelizadora.

A presença de outro Superior do Conselho Geral em Campo Grande ocorreu devido à reunião dos grupos da Família Salesiana na Lagoa da Cruz, Campo Grande. Todos os grupos da Família Salesiana estiveram presentes, e houve um grande entusiasmo por parte de todos, segundo o relatório do vice-inspetor Pe. Lauro, que esteve presente e acolheu a todos em nome da Inspetoria. Sempre a presença do Pe. Bregolin foi significativamente notada[13].

11) Roteiro de visita do Regional para a consulta sobre o próximo inspetor e a visita do Pe. Karl Oerder. Visita do Pe. Fábio Attard

Antes de finalizar esse período de governo inspetorial, houve mais duas visitas oficiais à inspetoria. Uma do Regional para a consulta sobre a escolha do próximo inspetor, e outra de um salesiano da Procuradoria de Bonn. Por fim, esteve aqui o novo encarregado da Pastoral Juvenil na Congregação, Pe. Fábio Attard, mas isso já no governo do Inspetor Pe. Lauro.

Na reunião do Conselho inspetorial de 16 de outubro de 2007, foi confirmado o roteiro para o Pe. Helvécio Baruffi realizar o seu trabalho de consultar as diversas comunidades para levar ao Reitor-Mor as propostas da escolha do próximo inspetor. Ficou estabelecido que a Visita do Regional teria início com sua chegada a Campo Grande no dia 25 de outubro; no dia seguinte, haveria a reunião dos salesianos de Campo Grande. Depois acom-

[12] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 10/06/2007, V Reunião.
[13] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 03/09/2007, VII Reunião.

panhado sempre pelo Pe. Inspetor, seguiriam para Corumbá; posteriormente para Cuiabá e Missões, Rondonópolis. Ao retornar para Campo Grande, no dia 1º de novembro, seguiriam para Três Lagoas e Araçatuba, onde iria conhecer a imponente construção nova do Unisalesiano. No dia 3 de novembro, ocorreria a última reunião de consulta em Araçatuba e, à tarde, retornariam para Campo Grande. Depois de encerradas as reuniões, Pe. Helvécio seguiu viagem para Belo Horizonte no dia 4 de novembro. De acordo com os anexos nº 4 e 5, esse roteiro foi devidamente percorrido, e o Regional deixou a Inspetoria com a simplicidade e alegria que encontrou em todas as reuniões dos salesianos.

O encarregado da Procuradoria de Bonn, Pe. Karl Oerder esteve percorrendo as obras sociais da Inspetoria, acompanhado pelo Pe. Georg Lachnitt de acordo com um cronograma previamente elaborado. Em Campo Grande, no dia de sua chegada, ele visitou as obras sociais dirigidas pelos salesianos: Ampare, Casa D. Bosco, Poliesportivo D. Bosco e Parque Airton Senna. Depois visitou todas as missões e demais obras sociais mantidas pela Inspetoria. Os salesianos poderiam então enviar para a Procuradoria de Bonn projetos que incluíssem sempre um plano de atendimento aos jovens e crianças necessitadas[14].

A última visita de um Superior do Conselho Geral da Congregação ocorreu em maio de 2008, já no governo do novo Inspetor, Pe. Lauro Takaki. Esteve aqui em Campo Grande, conforme afirmação do Reitor da UCDB, o Pe. Fábio Attard, o novo encarregado da Pastoral Juvenil na Congregação; esse salesiano maltês fora professor na Università Pontificia Salesiana (UPS) e, no Capítulo Geral, fora escolhido para liderar o setor das pastorais juvenis. Então, conforme as palavras do Reitor, Pe. Fábio queria conhecer a UCDB e o estilo de jovens universitários que a frequentam. Foi muito animadora essa presença e a admiração em ver a presença desses milhares de jovens que frequentam a universidade. Levou boa imagem de tudo o que conseguiu antever a constatar sobre a presença salesiana no ensino universitário[15].

16.3 Atividades normais nas casas quanto à pastoral nas escolas, paróquias e obras sociais

Uma questão de classificação ou de escolhas de processos marcou sempre, nos últimos tempos, as atividades da Inspetoria nesse setor de ação pastoral. Houve tempos em que a programação e o envolvimento das ações pastorais abrangiam grande massa de jovens, como na década de 1970 e

[14] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 14/11/2007, IX Reunião.
[15] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 25/05/2008, III Reunião.

1980, com a presença de salesianos que animavam o setor da juventude nos estados de MS e MT; posteriormente houve uma apropriação dessas atividades como exclusivas da animação e coordenação diocesana; e por fim, houve a especificação dos movimentos de jovens a partir de iniciativas dos salesianos, como tempo das manifestações no dia do Corpus Christi, ou nas grandes apresentações de massa, como foram os longos anos dominados pelo conceito do FIC. Paralelamente, houve o desenvolvimento de várias atividades nos colégios e, como tais, perduraram até os tempos presentes. Assim a atividade pastoral juvenil nos colégios, ensino superior, oratórios e em outros movimentos cujas origens não dependeram dos salesianos, cristalizaram-se em propostas bem salesianas e outras em correlações diocesanas.

Nesse tempo, após o esgotamento dos encontros festivos, incutiu-se a necessidade de potenciar e aumentar as atividades pedagógicas e pastorais marcadas pelo ritmo e progressividade de cada casa quanto aos encontros e jornadas, bem como a novidade desse tempo, que foi a aglutinação dos jovens como "acólitos" e as jovens como "leitoras". Esses grupos representaram o prolongamento das atividades normais das ações pastorais dos colégios. Houve, no setor dos oratórios, movimentos para os encontros e intercâmbios grandiosos e por região. Essa grande atividade pastoral, altamente agregadora e engendradora de um engajamento nas paróquias, gerou e expressou a força das casas e, como tais, não mais dependiam da animação do centro inspetorial. Essa foi a grande característica da pastoral juvenil desse tempo, intensa e muito difundida nas casas. A programação do encontro dos colégios mediante o esporte ou mediante o intercâmbio de jovens para estudos e experiências especiais, também foi a expressão desse novo foco ou dessa nova maneira de se organizar e dinamizar a pastoral das comunidades salesianas nesse período de tempo na inspetoria.

Em especial, a atividade dos salesianos nas diversas presenças, paróquias, escolas, ensino universitário, oratórios e obras sociais, todas foram marcadas por uma grande preocupação em atender a todos e levar avante a instauração do Reino de Deus através da conscientização dos jovens, crianças e adultos quanto ao sentido de pertença à Igreja e o engajamento no trabalho para a consolidação da Igreja diante de tantas outras igrejas evangélicas, ou mesmo da presença de uma sociedade sem religião ou sem Deus. As contínuas atividades e ações pastorais das comunidades salesianas ocorreram sempre de acordo com a natureza da obra animada pela comunidade. Assim veremos especificamente a grandeza do trabalho salesiano, conforme as obras específicas como predominantes e preponderantes nos diversos locais dessas presenças.

16.3.1 As atividades nas Paróquias

No setor das paróquias, houve pouca modificação no ano de 2002; Pe. José Winkler, ao deixar o governo da Inspetoria, pediu para ir trabalhar na paróquia de Rondonópolis. Assim o Pe. Geraldo Grendene retornou para sua atividade principal que sempre foi a de professor universitário na UCDB[16].

Uma preocupação surgiu na comunidade de Nova Xavantina quanto às solicitações do Sr Bispo de Barra em querer que os salesianos entregassem a paróquia; seu desejo era passar o Santuário de Nova Xavantina para outra congregação. Entre idas e vindas, optou-se pela permanência dos salesianos como sempre foram, cuidando da paróquia da cidade, tanto de um lado como do outro do Rio das Mortes, que corta a cidade; na reunião do Conselho Inspetorial de 5 de novembro de 2002, diante das insistências do Sr. Bispo, o conselho deliberou que se deveria responder simplesmente ao Sr. Bispo, D. Lufth, que não havia intenção de forma alguma de os salesianos deixarem a paróquia de Nova Xavantina. A mesma posição os salesianos assumiam perante o Sr. Bispo quanto à paróquia de Barra do Garças.

No ano seguinte, em 2003, no setor das paróquias houve algumas alterações; inicialmente pensou-se em entregar ao Sr. Bispo a paróquia de Guiratinga, devido às novas perspectivas para a organização da diocese, mas não foi levado a termo essa questão. Nos dias 3 e 4 de junho de 2003, houve o encontro de párocos na Lagoa da Cruz, o qual foi apresentado aos conselheiros como a grande perspectiva de que os párocos estavam revisando a atividade paroquial sob a linha de um trabalho tipicamente salesiano nas paróquias. Esse trabalho manifestava-se muito enriquecedor e muito entusiasmante para todos. Assim o inspetor, Pe. Afonso de Castro, ao visitar a comunidade salesiana de Nova Xavantina, constatou o quanto é importante a presença salesiana naquela paróquia. As inúmeras capelas rurais, mais de 15, cujo atendimento é regular, as capelas da periferia de Nova Xavantina, animadas pela presença do Pe. João Invernizzi, constituem um conjunto de atendimento pastoral fora do comum e em plena sintonia com a população ou com os paroquianos. Um belo trabalho, tipicamente salesiano[17].

No final de 2003, Pe. Paulo Mhor foi transferido para Poxoréu, onde deixou grandes empreendimentos na fazenda Band'Alta e construiu três igrejas sob a conceituação de "construção inculturada". A primeira foi no assentamento do Urucum, toda revestida de madeira própria do local, carandá. Tudo nessa igreja mostra a presença dessa madeira da abundante palmeira

[16] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 05/11/2002, p. 172b; 05/11/2002, p. 173b.

[17] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 04/06/2003, p. 186; 18/08/2003, p. 1888.

do pantanal. A segunda surgiu no bairro do Aeroporto e também sob a concepção artística do pantanal, sobretudo a ornamentação interior que caracterizou a especialidade de seu gosto pela vida no pantanal. A última foi a Igreja de S. Vicente em um bairro da periferia; nessa igreja, além de utilizar madeira do carandá, a ornamentação interna ostenta uma série de pinturas originais de artistas da cidade. São três igrejas que expressam a vontade daquele tempo, em que o Pe. Paulo Mhor tanto lutou pelo bem do povo da região e quis deixar algo que representasse a cultura pantaneira nas igrejas. Esse seu gosto pela cultura local também encontrou, em um bairro mais periférico de Poxoréu, a oportunidade de construir uma capela "inculturada", somente que lá as expressões artísticas são marcadas pela presença do garimpo, das pedras e de tantos outros traços utilizados nos antigos garimpos da região[18].

Nesse tempo, em Araçatuba, depois que os salesianos passaram para a diocese a paróquia S. João, houve várias tentativas de negociações para que os salesianos assumissem outra paróquia. A primeira tentativa recaiu sobre a paróquia "Bom Jesus", em região próxima do Colégio; mesmo sob os cuidados e atendimento da comunidade salesiana, não persistiu a proposta, e os salesianos tiveram que olhar para outra proposta que iria se concretizar, mesmo com uma das condições proposta pelo Conselho Inspetorial. Nesse ano, a diocese concedeu aos salesianos a paróquia da periferia no bairro um pouco distante da comunidade, mas com uma capela nas proximidades da casa salesiana. Sendo um bairro mais humilde, as capelas ainda necessitavam de alguns retoques e de uma organização mais acurada. Mas, na pessoa do Pe. José Alves de Araújo, os salesianos passaram a cuidar de outra paróquia nesta cidade[19].

Tendo em vista algumas inquietações entre os índios de Sangradouro e alguma perspectiva aventada de se criar nas terras da Missão Salesiana uma reserva para os Bororos, focalizou-se uma espécie de tensão que repercutiu na cidade de Primavera do Leste; Pe. Kian afirmou no conselho que não seria conveniente criar uma reserva para os Bororos, pois isso geraria confronto com os Xavantes; a situação ideal seria manter a atual situação, e os salesianos criarem uma presença nova na cidade de Primavera do Leste. Na reunião do Conselho de novembro de 2003, fixou-se a sugestão de se tentar estabelecer lá uma presença salesiana no Ensino Universitário.

Iniciou-se um roteiro de diálogo com o Bispo de Guiratinga para resolver algumas questões pendentes, entre elas a presença dos salesianos em Primavera do Leste. Depois de alguns encontros, ficou decidido que os

[18] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 1996-2003, 11/11/2003, p. 196b.
[19] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 10/02/2004, I Reunião.

salesianos assumiriam uma paróquia na periferia da cidade. D. Sebastião de Figueiredo criou a paróquia nova para se iniciar o trabalho salesiano no ano seguinte, 2006. Em compensação, o Sr. Bispo pediu aos salesianos que entregassem a paróquia de Alto Araguaia; decidiu-se então que a paróquia de Guiratinga também passasse para a diocese e, aos poucos, as propriedades salesianas na cidade seriam alienadas devidamente. Todos os registros dessas transferências e devidas negociações com D. Sebastião de Figueiredo, estão longamente expostos nos anexos nº 5 e 6 dessa reunião do Conselho Inspetorial de 22/04/2005[20].

Assim, no início do ano 2006, seguiu para assumir a paróquia de Nossa Senhora da Salete, em Primavera do Leste, o Pe. Tiago Figueiró, que havia trabalhado alguns meses como vigário paroquial em Corumbá. A casa para a moradia dos dois salesianos designados ficava bem perto da Igreja Central, mas, de fato era muito diminuta; os salesianos moraram ali por um ano e poucos meses, pois, no ano de 2007, alugaram outra casa mais ampla e um pouco distante da sede, mas com melhores condições de vida para os salesianos. O trabalho dos salesianos em Primavera desenvolveu-se normalmente, e muitas capelas da cidade e das regiões rurais foram assumidas e devidamente atendidas pelos salesianos[21].

No setor das paróquias, ainda no ano de 2006, ocorreu uma surpresa: D. Sebastião, depois de um tempo que os padres diocesanos haviam assumido a paróquia de Alto Araguaia, fez um apelo para que os salesianos retornassem para assumir novamente o trabalho paroquial nessa cidade. Depois de analisar e ponderar as questões, os salesianos haviam deixado a paróquia de Guiratinga e assumido Primavera, mas julgou-se conveniente reassumir o trabalho paroquial em Alto Araguaia. Em novembro de 2006, os salesianos retornaram para assumir o trabalho pastoral nessa cidade que muito bem conhecia o trabalho dos salesianos desde 1922, com a presença de D. Malan.

Também movimentou o setor das paróquias a necessidade de se construir uma residência razoável para os salesianos em Rondonópolis. Entre tantas idas e vindas, uma vez que a Missão já possuía os lotes, aprovou-se uma planta a ser executada pela comunidade de Rondonópolis. Mas, somente no final do ano de 2007, os trabalhos foram iniciados[22].

---

[20] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 22/04/2005, III Reunião-Anexos nº 5 e 6.

[21] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 01/08/2006, V Reunião; 07/08/2007, VI Reunião-Anexo nº 2.

[22] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 03/09/2007, VII Reunião.

16.3.2 As atividades nas Obras Sociais

As atividades salesianas na inspetoria dedicadas às obras sociais representam a integração do grande desejo de D. Bosco de auxiliar sempre os mais necessitados com qualificação profissional, preparação adequada para o estudo, recurso sócio-técnico-pedagógico mediante as práticas de artes e esportes, a defesa dos adolescentes contra as drogas, a convivência alegre mediante o cultivo dos valores salesianos e o encaminhamento para o aprofundamento da fé e vida na Igreja. Todas as atividades de promoção humana e da fé preenchem o carisma de D. Bosco para poder "Formar Bons Cristãos e Honestos Cidadãos!" Por outro lado, sendo a MSMT perante o governo uma entidade pública de Fins Filantrópicos, as atividades exercidas em todas as obras sociais da inspetoria, mesmo nos Oratórios, preenchem os requisitos legais para que a MSMT se estruture perante o governo com o atendimento grandioso dos jovens e adolescentes mais carentes mediante todas as atividades muito bem exercidas nessas obras sociais da Inspetoria.

Anteriormente, a inspetoria já havia assumido duas obras sociais em Campo Grande, a Ampare e a Cidade D. Bosco. Na Paróquia D. Bosco de Campo Grande, existe uma grande obra social que atende famílias, crianças e possui cursos profissionalizantes e agência de emprego, uma atividade social grandiosa, toda sustentada pela paróquia D. Bosco, sendo a única obra social de uma paróquia em Campo Grande. Em Corumbá, desde 1952, Pe. Ernesto Sacksida desenvolveu uma atividade muito grande em prol dos menores carentes, cuidou de muitas crianças mediante a adoção à distância, em que famílias da Europa auxiliavam financeiramente as famílias das crianças adotadas. Posteriormente, com o auxílio da Operação Mato Grosso, houve o desenvolvimento de outras atividades e, com a direção do Pe. Zerbini, organizaram-se as escolas profissionais. Além disso, Pe. Pascoal Forin fundou um centro de atendimento a crianças, a CRIPAM, a partir da paróquia D. Bosco de Corumbá. Por fim todos contribuíram para o Projeto Criança Feliz que está em pleno funcionamento.

Em Poxoréu, com o auxílio da OMG, também se instituiu um Centro Juvenil para auxiliar os jovens em alguma área de profissionalização. Nesse local, ainda hoje se sobressai a preparação de técnicos em informática. Um pouco menor, mas com muito desempenho perante as paróquias, surgiram outras obras como a da Paróquia S. Gonçalo, em Cuiabá, fundada pelo glorioso Pe. Firmo, chamada de "Creche Falcãozinho". Em Lins, Pe. Luigi Fávero fundara uma creche dependente da Paróquia e também em Lins, o Pe. Giulio Boffi fundara a EFA para auxiliar os meninos e meninas das escolas públicas com reforço escolar. Também em Lins, os salesianos tomaram conta da Febem por mais de dois anos e, devido a modificações legais no Estado de

S. Paulo, tiveram que deixar a obra, que hoje se transformou numa casa de reclusão para menores infratores. Dessa forma, verifica-se que a atividade nas obras sociais desde há muito tempo tem um longo percurso de trabalhos e serviços prestados aos jovens mais necessitados. Convém realçar que, nas escolas, esse auxílio ocorreu, e ainda perdura, e continuará mediante as bolsas de estudo e bolsas mediante a prática esportiva ou artística, ou ainda mediante projetos do governo, como o Prouni. Não existe atividade dos salesianos na inspetoria onde a promoção social em prol dos jovens mais necessitados não esteja em plena atividade. Merecem uma lembrança os oratórios festivos e atividades promovidas por salesianos e pelos membros da Família Salesiana.

Depois que o Me. Armando Catrana deixou o Centro Juvenil de Poxoréu, passou um ano na diocese de Juína, mas ao final decidiu retornar para trabalhar na inspetoria. Entre tantas possibilidades, foi para a cidade de Três Lagoas, onde a paróquia e a escola possuíam uma infraestrutura capaz de uma atividade social grandiosa. Tentou iniciar seu trabalho junto à residência salesiana, mas essa tentativa durou pouco, pois descobriu a Vila Piloto e uma grande área da prefeitura que poderia se tornar uma estrutura grandiosa para o atendimento da população juvenil daquela vila, abandonada desde a inauguração usina hidroelétrica Jupiá. A Vila Piloto foi construída para acolher e acomodar os trabalhadores, depois de terminada a usina, ela se tornou um refúgio dos mais pobres da cidade. Ali, a graça de Deus mostrou ao Me. Armando uma possibilidade grandiosa de um trabalho em prol dos jovens e adolescentes sem qualquer assistência social.

Depois de ter obtido um comodato com a Prefeitura para utilizar o espaço por trinta anos, iniciou a planejar e a construir as dependências necessárias para acolher os meninos e jovens dessa grandiosa obra social. Sempre soube ele atrair os auxílios das autoridades e dos amigos da Europa. Em 2003, o conselho viajando para uma reunião em Lins, teve oportunidade de visitar e constatar a beleza de tal obra que se iniciara ali. No ano seguinte, foram construídos os pavilhões necessários para o início regular de um atendimento contínuo e especializado pelas ofertas de preparação para o trabalho. Ao redor da cidade de Três Lagoas, com o grande empreendimento de transformação de eucaliptos em celulose, a cidade cresceu vertiginosamente, e a contratação de mão de obra específica exigia uma capacidade enorme de preparação. Me. Armando teve esse grande mercado pela frente e investiu na preparação de cursos para pedreiros, soldadores, ferreiros e peritos em computação. O crescimento das indústrias absorvia toda a possível mão de obra preparada. Me. Armando, além da preparação profissional, abriu um atendimento como projeto para os alunos das escolas da Vila para um local de estudo e de prática esportiva. Além disso, oferece uma alimentação sau-

dável a todos diariamente. Assim a Obra Social da Vila Piloto tornou-se uma referência muito bela para a cidade e para os salesianos. Foi construída uma casa residencial em frente à obra social para a moradia dos salesianos, além disso, o atendimento pastoral na capela central da Vila Piloto foi sempre realizado pelos salesianos.

Na reunião do Conselho Inspetorial de 3 de agosto de 2005, o Pe. Inspetor relatou aos conselheiros sua presença e participação na formatura das primeiras turmas de cursos profissionalizantes na Vila Piloto de Três Lagoas; as primeiras turmas do Centro Profissional receberam seus diplomas, pois concluíram os cursos de corte e costura profissional e serralheria. Esse foi um acontecimento promissor para o Centro Profissional da Vila Piloto. Em 2007, Me. Armando ampliou os barracões para novos cursos profissionais e, nesse ano, também inaugurou na quadra de esportes, em meio às árvores, uma grande tenda para encontros e promoção de atividades educativas. Esse Centro Juvenil vem correspondendo a todas as expectativas de uma obra salesiana para os jovens mais necessitados[23].

Convém concluir afirmando que as outras obras sociais continuaram, com exceção da Casa da Febem de Lins, os seus trabalhos dentro dos ritmos padronizados com as finalidades estabelecidas.

16.3.3 Algumas atividades pastorais nas escolas

Depois de tantos anos de animação centralizada das pastorais que envolvem os jovens, diante de uma exigência legal de se tratar com os jovens menores de 18 anos dentro dos parâmetros legais e da presença vigilante dos assistentes sociais e os direitos dos menores, foi imperioso que se fizesse uma distinção bem nítida nos movimentos juvenis. As atividades da antiga PJ e/ou AJS ficaram mais reservadas para os jovens com mais de 18 anos; estes encontraram nos movimentos paroquiais as referências para um engajamento juvenil, em especial nos movimentos Jovens Cursilhistas, De Colores e Segue-me. Surgiram outras iniciativas especiais como os encontros em acampamentos. Porém, nas casas salesianas que se mantiveram fiéis ao trabalho pastoral com os alunos ou ex-alunos, perduraram os movimentos de encontros especiais das "Jornadas, Rejornadas, Sementinha e outros". Também nas casas salesianas, surgiram dois outros movimentos juvenis muito bem conceituados e com a adesão de muitos jovens, tanto alunos como ex-alunos: Os Jovens Acólitos e as jovens Leitoras.

Convém lembrar que, entre os colégios, houve sempre o encontro de alunos denominado de "Intercâmbio", que arregimenta muitos jovens do en-

[23] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 10/06/2007, V Reunião.

sino médio. Infelizmente, no setor universitário, não se criou um segmento de movimento juvenil salesiano. Nas paróquias, prosseguiram os movimentos jovens independentes e muito bem atendidos pelos salesianos das paróquias. Diante dessa nova base social e dividida diante das perspectivas legais, os antigos movimentos tão animados da PJ na Inspetoria deixaram de ser proporcionados. As últimas vezes em que houve alguma tentativa ainda permanecia uma cultura do antigo FIC, mas não foi mais conveniente, perante as exigências legais, pois colocar em massas de jovens, menores e maiores de 18 anos aumentaria muito os riscos de responsabilização legal ou jurídica. Uma vez que a inspetoria já passara por momentos tão cruciais devido a acusações falsas nesse sentido, não conviria jamais correr esses novos riscos devido a modalidades diferenciadas de organização de um grupo de jovens maiores e de grupos de adolescentes.

A ação pastoral e de animação para com os docentes, professores, colaboradores e funcionários, tanto dos colégios como do Ensino Superior, manteve-se pela realização de "Congressos" devidamente preparados e agendados a cada dois anos; em geral os palestrantes foram sempre contratados entre aqueles de grande conhecimento e capacidade de animação de plateias numerosas. Os conteúdos sempre estiveram relacionados à profissão, à manifestação da fé e à pedagogia e espiritualidade de D. Bosco. Sobretudo, alguns conselheiros, na visita do Pe. Bregolin, expuseram essa quebra de postura entre os movimentos juvenis como eram realizados em tempos idos. Interessante que não houve notificação das novas e intensas iniciativas juvenis, como a dos Acólitos e Leitoras, ou mesmo o prosseguimento desses outros momentos como a grande e alegre movimentação dos jornadistas, dos Intercâmbios de alunos dos vários colégios e nem uma palavra sobre os "Congressos" para docentes. Outra reclamação recaiu sobre a falta de Boletim Informativo na Inspetoria. Aos poucos, o site oficial da Inspetoria regularia essa questão da comunicação entre as casas[24].

Nesse ano de 2004, ocorreu o Congresso para professores e colaboradores das escolas salesianas, em Cuiabá, de 10 a 12 de junho; estiveram presentes caravanas de todas as casas, e uma plateia imensa acolheu os temas com muita alegria. O encerramento com a celebração eucarística manifestou a alegria e a satisfação de todos os participantes. Esse era o novo passo, consistente na pastoral inspetorial.

Na reunião dos salesianos do setor das escolas, em agosto de 2005, estando presentes os diretores e outros salesianos que trabalham nas escolas, estes avaliaram as atividades dos congressos e a atuação nas principais escolas da inspetoria. No ano seguinte, precisamente em agosto de 2006,

[24] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 10/03/2004, III Reunião.

todas as atividades de animação e de ação pastoral do setor das escolas foram devidamente relacionadas e descritas ao Visitador Extraordinário, Pe. Filiberto, na reunião com os encarregados dos diversos setores de animação da Inspetoria[25].

Ainda no setor de animação pastoral, convém registrar que, nesse ano de 2007 e nos anos anteriores, sempre houve, na atividade catequética interligada entre o Colégio S. Gonçalo e o Santuário de Maria Auxiliadora, uma verdadeira explosão de atendimento. Após as aulas, enquanto persistiam as atividades nas artes musicais e nos esportes, os salesianos, e nesse ano um clérigo auxiliado por dois voluntários à vida religiosa salesiana, atendiam a mais de 400 catequizandos, entre a catequese de primeira eucaristia e a preparação para a Crisma. Uma obra grandiosa nesse sentido de presença pastoral que entusiasma os salesianos e as famílias cujos filhos estudam nesse colégio. Assim a pastoral se desenvolveu muito a partir das iniciativas e das ações consistentes de continuidade programadas e oferecidas com carinho e alegria[26].

16.4 As escolas da educação fundamental na Inspetoria

O setor das escolas na inspetoria abrange tanto as escolas propriamente ditas da Inspetoria, as particulares e as escolas em convênio com o governo ou escolas do governo que funcionam em convênio com MSMT; as escolas particulares da inspetoria são sete: Lins, Araçatuba, Três Lagoas, CDB de Campo Grande, Santa Teresa de Corumbá, Coxipó e S. Gonçalo de Cuiabá; as conveniadas são três: Paulo VI de Campo Grande, Indápolis e Colégio da Cidade D. Bosco de Corumbá.

Houve época na década anterior em que as escolas da inspetoria possuíam um montante superior a 13.000 alunos, sendo que, nesse tempo, até 2007, o número de alunos nessas escolas atingiu a 11.000. Assim progressivamente os colégios sofriam as consequências de escolas outras concorrentes e da situação demográfica em relação ao número de filhos por família. Quanto às escolas conveniadas, o número de alunos deveria atingir um pouco mais de 2.000 alunos.

Nesse período, as duas maiores escolas da inspetoria, o Colégio S. Gonçalo e o Colégio D. Bosco de Campo Grande, tiveram que enfrentar alguns problemas singulares como o progressivo aumento da necessidade da informatização, laboratórios adequados tanto para a informática como para as outras ciências, como a física e a química, mas sobretudo, a concorrência de outros colégios novos e com programas estritamente voltados à aprovação

[25] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 01/08/2006, VI Reunião.
[26] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 10/04/2007, III Reunião.

no vestibular. Esses dois colégios souberam se manter e, dentro dos padrões do material didático adotado há muito tempo, oferecer todas as novidades possíveis no ensino. Tais circunstâncias exigiram sempre investimentos grandes e especiais para a sequência dessa evolução. Mais tarde, eles iriam enfrentar além da informatização a presença de outros recursos já personalizados para os alunos. Sem dúvida que um dos maiores investimentos nessa área seria a adaptação contínua para o acesso à internet nas salas de aula.

No início de 2003, houve uma avalanche ameaçadora quanto à utilização do material didático da Rede Salesiana promovida pela Cisbrasil. As inspetorias de Minas Gerais e de S. Paulo estavam muito interessadas nessa iniciativa e desejavam, por meio do pensamento do presidente da Cisbrasil, que todas as escolas salesianas adotassem esse material. Na reunião do Conselho Inspetorial de fevereiro de 2003, ficou registrado que seria um material muito caro, sem avaliação prévia, muito aéreo, sem garantia de retorno e, sobretudo, não tinha uma avaliação condizente quanto ao mercado, vale dizer, não se submetera ao mercado, como qualquer outro material, a aceitação ou não no mercado das escolas, não fora testado e simplesmente a direção da Cisbrasil queria uma adesão a partir do nome de Salesiano somente. Foi uma batalha, apenas iniciada.

Na reunião do Conselho do mês seguinte, em março foi notificada certa pressão para que os salesianos entrassem nesse projeto da Rede Salesiana. Além de o gasto ser exorbitante, não havia segurança quanto ao abandono dos atuais materiais didáticos utilizados pelos colégios; segundo o conselho, as escolas não caminhavam mais nos moldes pretendido pela Cisbrasil. Tudo se tornaria muito temerário, e os professores não julgavam justa uma aventura assim. Os professores se sentiam inseguros e, como escola, tudo passava a correr o risco de uma perda de alunos imensa[27].

Ainda em 2002, tinha havido a insistente oferta por parte dos Redentoristas para que os salesianos adquirissem o Colégio Perpétuo Socorro, ao lado da Igreja do mesmo nome. Os salesianos responderam que não havia na inspetoria ressonância para tal negócio.

No ano de 2003, o encontro de alunos dos colégios para troca de atividades e participação em muitas oficinas, através do encontro denominado "Intercâmbio", ocorreu na Lagoa da Cruz; tudo correu conforme a programação, e os alunos puderam depois participar de uma excursão até Bonito antes de retornar para as próprias cidades[28].

Desde a metade do ano de 2003, iniciou-se um processo de avaliação do Colégio D. Bosco da paróquia S. Gonçalo, que, sob o comando do Pe. Luigi,

[27] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003, 02/02/2003, p. 180b.
[28] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003, 02/02/2003, p. 187b.

crescera e aumentara bastante o número de alunos; porém, depois da saída do Pe. Luigi, iniciou um período de questionamento sobre o seu futuro. Inicialmente o Sr. Raffaele Locchi pensou que a Inspetoria poderia assumi-lo e como tal ser incorporado conforme o ritmo das outras escolas da inspetoria, porém, depois de tantas idas e vindas, perante a derrocada do colégio, houve a tentativa de incorporá-lo ao patrimônio da MSMT, mas, perante a administração da Mitra diocesana, essa questão não se tornou possível. Assim decidiu-se no conselho inspetorial para a finalização das atividades dessa escola que estava em franca decadência e portadora de prejuízos administrativos para a MSMT. A conclusão de todos os passos para o encerramento das atividades dessa escola somente terminou em 2007; o prejuízo não foi pequeno devido a tantos passos não bem estudados e concluídos[29].

Em compensação, recebeu-se a notícia de que o Colégio S. Gonçalo, de Cuiabá, desejava ampliar a "Casa Dos Sonhos", para um atendimento adequado para as inúmeras jornadas e demais movimentos que ali aconteciam em todos os finais de semana devido às atividades intensas da pastoral do Colégio S. Gonçalo. Imediatamente o conselho apoiou essa atitude e augurando um trabalho grandioso para os salesianos da comunidade do Colégio S. Gonçalo[30].

Ainda no ano de 2003, ocorreu a oferta de um terreno em um novo loteamento da cidade de Três Lagoas, justamente na parte onde nascia o novo bairro. Como a inspetoria já esperava a entrega do prédio do Colégio Bom Jesus, não aceitou essa oferta devido à mesma intenção de retomar o prédio e abrir uma escola tipicamente salesiana para atender a demanda que o crescimento da cidade pedia também aos salesianos. Somente no ano seguinte, em 2004, é que se poderia antever a concretização desse projeto.

Em 2004, houve grandes melhorias na casa de Coxipó; planejaram a construção de uma piscina e melhoramento na residência dos salesianos. Em Corumbá, também planejaram melhorias de grande porte para o colégio: reformar o segundo andar do prédio da rua XV de Novembro sob o mesmo estilo da reforma concluída no terceiro andar; a reforma finalizada teve a perspectiva de ter mudado a apresentação de todo o andar, do que era antes e depois. O mesmo processo seria utilizado na reforma do segundo andar, que deveria ficar muito bem apresentável. Também o Santa Teresa estava preparando salas para um Laboratório de Informática, fato necessário para a qualificação do ensino[31].

Em 2006, houve a aprovação das reformas planejadas no Bloco A do Colégio D. Bosco de Campo Grande. Ao lado dessa reforma, que visava levar

[29] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003, 02/02/2003, p. 200b.
[30] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003, 02/02/2003, p. 198b.
[31] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 16/11/2004, X Reunião.

toda a administração para o plano térreo do Bloco A, já havia sido realizada uma grande reforma nas instalações da rede elétrica de todos os blocos, pois os riscos de algum problema nesse setor eram grandes. Mesmo em uma situação um pouco preocupante quanto à economia do Colégio D. Bosco, a reforma foi aprovada pelo Conselho Inspetorial na reunião de maio de 2007. No final desse ano, o espaço reformado para localização do setor administrativo já estava concluído. Essa reforma permitiu a consolidação de uma estratégia melhor para o atendimento das pessoas e um bom funcionamento do setor administrativo[32].

No início do ano de 2007, depois de tantos entrechoques e posturas jurídicas, o prédio da Escola do "Antigo Colégio Bom Jesus" de Três Lagoas foi devolvido à MSMT; então, na reunião de abril de 2007, o conselho decidiu que se deveria iniciar uma pequena reforma, somente nos ambientes essenciais, para que se pudesse organizar no segundo semestre as etapas legais para se iniciar lá uma nova escola a partir de 2008. Seria outra escola D. Bosco; a cidade, em franco desenvolvimento e quase duplicando a população, comportaria também essa escola. O bom desenvolvimento do Centro Juvenil e Obra Social da Vila Piloto seria uma referência para essa nova escola salesiana. Com o fechamento da escola D. Bosco em Cuiabá, encontrava-se a substituta nessa cidade de Três Lagoas.

Também no início do ano de 2007, Pe. Wagner Galvão apresentou ao conselho as modificações administrativas e pedagógicas que fizera para melhorar o ambiente e a aplicação dos alunos do Ensino Médio. Afirmou que as famílias esperam uma escola que prepare os alunos para passar no ENEM ou vestibular. Houve dispensa de vários professores antigos que não mais compunham com os novos moldes da pedagogia adotada com o novo material didático. Afirmou que os alunos matriculados chegavam a 4.200, sendo que se esperavam mais matrículas e mais uns 400 alunos para o Cursinho de Vestibular. Os alunos do 3º colegial noturno tinham participação gratuita, completavam a porcentagem da filantropia.

Notificou a melhoria considerável na mudança pedagógica das séries iniciais. Relatou que os finais de semana eram todos ocupados com movimentos pastorais na Chapada, na Casa dos Sonhos. Solicitou ao Conselho também que fosse autorizada uma reforma que possibilitasse acolher mais alunos nas jornadas. Seria construída uma grande sala de palestras em prolongamento do prédio, no andar térreo; essa sala também serviria de refeitório e, por isso, estaria praticamente muito próxima da cozinha.

Dessa forma, as atividades pedagógicas e pastorais do Colégio S. Gonçalo eram atendidas com muito cuidado e dedicação. Com a renovação

[32] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 14/12/2007, X Reunião.

da Casa dos Sonhos, a realização dos diversos encontros com os alunos e acólitos teve na sala nova maior espaço para atividades e mais conforto para todos[33].

16.5 A atividade missionária na Inspetoria nesse período

A atividade missionária nessa época prosseguiu normalmente de acordo com o planejamento de cada comunidade, de modo especial alguns setores foram privilegiados: a itinerância, as missas nas aldeias mais distantes, a animação das escolas nas três missões, a catequese e, sobretudo, uma presença contínua dos salesianos como referência da vida das comunidades. Houve outros fatos especiais que exigiram posições bem nítidas por parte dos missionários quanto às questões que surgiram entre os próprios índios. Não se pode deixar de assinalar que as reuniões dos missionários, com a presença das Filhas de Maria Auxiliadora, das Lauritas e de alguns voluntários, ocorreram de acordo com a programação aceita por todos. Sempre houve também a presença de salesianos nas reuniões normais do Cimi regional e, algumas vezes, também em reuniões nacionais.

Como passos concretos da presença de melhorias nas missões, ocorreu o grande projeto financiado pelo Pe. Pierluigi Zuffetti, da reforma geral de todas as casas dos bororos de Meruri. O mesmo ocorreu com a cobertura e colocação de um piso bom para as casas dos Xavantes em Sangradouro. Também em Sangradouro, todas as casas dos bororos foram refeitas; construiu-se também uma casa de encontro para eles ao lado de suas casas na missão. Tanto em Sangradouro como em Meruri, instituiu-se também a preparação de um prédio especial para uma espécie de arquivo-museu para os xavantes, em Sangradouro, e um arquivo-museu de escritos, objetos de ornamentos e outras peças especiais da cultura bororo, em Meruri. A finalidade dessas duas iniciativas foi de estimular os próprios índios a zelarem por seus adornos, objetos raros e conservar esses enfeites para serem utilizados em ocasiões especiais. Por outro lado, também seriam pequenos museus para a visitação de estudantes, de visitantes que por ali passam com frequência.

Em Sangradouro, mesmo com a reforma da usina elétrica, a questão do fornecimento da eletricidade não ficou devidamente resolvida. Em S. Marcos, essa questão sempre esteve dependente da conservação da usina que perdura até esse tempo, mas sem poder satisfazer os pedidos de outras aldeias xavantes, que desejavam também se beneficiar dessa fonte de energia elétrica. Em Meruri, a questão da luz e da energia estava custando muito caro, pois quase sempre tudo dependeria de movimentação de motor para

[33] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 16/02/2007, I Reunião; 10/06/2007, V Reunião.

se obter a energia. O custo do combustível passou a pesar muito nos gastos da casa. Como se notificou, o crescimento populacional, a presença do telefone, de carros, de caminhões, de geladeiras e de toda uma série de utensílios domésticos pedia a presença da luz elétrica mais à mão para todos. Essa questão somente se solucionou com a presença da linha de eletricidade denominada "Luz para todos". Sangradouro logo iniciou a utilizar dessa nova possibilidade, em seguida Meruri, e S. Marcos procurou ainda se manter com o funcionamento da usina, mas as aldeias todas estão se valendo de projeto do governo de fornecer a energia elétrica para as populações rurais.

Como já se notificou, na metade do ano de 2002, com o crescimento da tensão política entre dois grandes grupos de xavantes que compõem a numerosa população de S. Marcos, mais de mil xavantes nessa aldeia, foi resolvida com a presença atuante do Pe. Luis Leal, que evitou o encontro violento para disputar o domínio desta aldeia. Pe. Leal conseguiu que um grupo antagonista se deslocasse para outra área próxima, uns cinco quilômetros à beira da estrada, e fundasse uma aldeia nova para esse grupo dissidente. Assim a intervenção certa do Pe. Leal evitou aquilo que foi expresso por outros missionários como uma verdadeira "Chacina", como foi tradição passada entre esses grupos de xavantes antagônicos entre si. Na década de 1950, os salesianos tiveram que deixar a nova missão de Santa Teresinha às margens do Rio das Mortes, justamente por uma guerra entre dois grupos; nesse entrevero, houve poucos mortos devido também à intervenção corajosa dos missionários.

Na reunião do Conselho Inspetorial de setembro de 2002, o representante das missões, Pe. Kian, apresentou uma questão que deveria ser estudada com cuidado e estabelecer uma estratégia correta para se evitar consequências perigosas. Segundo ele, a Funai estava iniciando o trabalho de levantamento de áreas para se criar uma Reserva Bororo. Pe. Kian afirmou que os Bororos e Xavantes vivem em Sangradouro em um clima de harmonia e mútua aceitação. Mostrou as possíveis dificuldades que surgiriam entre eles se viesse a ser criada uma reserva; afirmou que as terras da Missão Salesiana sempre foi território livre para os dois povos; afirmou que é muito importante que não se cogite em outras posturas, pois o equilíbrio poderia ser quebrado. Além disso, a fazenda da missão sempre foi uma fonte de sustentação das atividades da comunidade dos missionários e das FMA. Pediu para se criar uma comissão que pudesse informar a Funai sobre o grande perigo que adviria caso se prosseguisse nesse trabalho de se iniciar a demarcação de uma nova Reserva, somente iria criar um acirramento do atrito entre os dois povos[34].

[34] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003, 05/07/2002, p. 164 e 168.

No início do ano de 2003, estando aprovados os projetos de reformas das casas em Sangradouro e em Meruri, houve o início dessas reformas. Pe. Kian cuidou de tudo, supervisionou a aquisição do material necessário e conseguiu que as reformas caminhassem com segurança. Em Meruri, houve necessidade de muitos funcionários para refazer as casas dos Bororos, e a dificuldade maior foi organizar e padronizar as reformas, pois as famílias bororos desejavam sempre mais e mais ampliações em suas casas, sempre aumentando a despesa com mão de obra e material. Esse constante desgaste de promessas de pagamento posterior por parte das famílias e aumento dos gastos complicou o processo. Porém, em abril de 2003, esteve presente nas missões e em visita especial à casa inspetorial, o Pe. Pierluigi Zuffetti, o grande benfeitor das missões e o patrocinador da reforma do Museu. Conseguiu-se um encontro muito bom e sob a coordenação da professora Aivone, os financiamentos dos projetos continuaram e a realização adquiriu maior segurança. Essa segurança proveio de uma simples constatação administrativa, todos os valores que o Pe. Zuffetti proporcionou, estavam sendo empregados devidamente e corretamente em cada projeto, sem qualquer desvio.

No final do ano, o projeto da cobertura das casas xavantes e da reforma das casas dos bororos em Sangradouro estava quase concluído; surgiu outro problema que foi resolvido com a aprovação do conselho inspetorial: construir nova usina hidroelétrica em Sangradouro. Também foi levado avante o projeto de se construir um local para o Centro de Documentação Indígena em Sangradouro[35].

O ano de 2004 nas missões teve como sinal esse projeto e a finalização da construção das casas em Meruri; no ano de 2005, tornou-se possível a questão de se obter a energia elétrica interligando a missões e as casas dos índios que desejassem a rede do "Luz para todos", fornecedora para toda a população rural do país. A questão da energia elétrica ficou assim solucionada em Sangradouro e em Meruri.

A celebração do Centenário da Missão de Sangradouro em 2006 foi relatada pelo Pe. Luis Leal, que viera a Campo Grande para a defesa de sua dissertação de Mestrado na UCDB; todos os grandes missionários foram lembrados, e as celebrações litúrgicas, de acordo com a grande presença dos índios. Após cerimônias ou danças típicas um grande churrasco alegrou a todos. Da mesma forma, foi lembrado o cinquentenário da chegada dos Xavantes a Sangradouro, em 24 de fevereiro de 1957. Celebrar e manter sempre vivas as raízes para se valorizar o presente.

[35] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003, 05/07/2002, p. 183 e 198.

Em outubro de 2007, também foi notificada uma questão de invasão por parte dos xavantes de uma porção de terra da reserva dos Bororos. Essa nova aldeia ficou sediada às margens da nova estrada que proporcionou uma nova saída para a rodovia Br 70, sem que os xavantes passassem pelas redondezas da missão de Meruri. Essa nova estrada foi conquista dos xavantes e, então, logo um grupo se instalou às margens do Ribeirão e os bororos reclamaram que ali era território da reserva bororo. As reclamações prosseguiram, mas em vão, pois os xavantes continuaram lá, firmes como sempre.

Na reunião do Conselho Inspetorial de 14 de novembro de 2007, estando presentes todos os encarregados dos diversos setores de atividade pastoral da Inspetoria, ao falar do ensino universitário e das missões, diante da constatação de mais de 80 escolas indígenas xavantes e bororos, constatou-se que as instituições salesianas deveriam tentar, de algum meio, proporcionar a formação dos índios para a direção e condução dessas escolas nas aldeias. Da mesma forma que em outras atividades pastorais, a inspetoria soube escolher as modalidades de presença na promoção dos Agentes Pastorais. Seria o momento de pensar em uma modalidade ou testemunhar tal necessidade perante o governo, a de formar, mediante cursos universitários apropriados, os indígenas que deveriam mais tarde cuidar da consistência das escolas nas inúmeras aldeias[36].

16.6 O trabalho de animação vocacional

A atividade de promoção vocacional passou por diversas etapas na inspetoria. Durante a vigência dos Pré-Aspirantados, a promoção vocacional sempre teve um encarregado que visitava escolas e realizava a apresentação da vida salesiana com muita animação. Houve vários encarregados que trabalharam nesse setor; o que mais se identificou com esse trabalho, sem dúvida foi o Pe. José Motta. Tornou-se uma verdadeira identidade desse trabalho, e muitos dos atuais salesianos dependeram de sua presença e de seu glorioso trabalho na descoberta de própria vocação. Nesse período, também esteve presente de modo marcante o Pe. Osvaldo Scotti, exímio mágico e grande animador nas escolas. Com a fixação do Aspirantado como etapa definitiva antes do noviciado, a atividade da promoção vocacional adquiriu nova feição: constituiu-se em grupos e, posteriormente, em um encontro decisivo no segundo semestre no Aspirantado da Lagoa da Cruz, para que se decidissem os vocacionados que iriam pertencer à etapa do Aspirantado no ano seguinte. Foi o tempo áureo do Aspirantado, chegando a ultrapassar a presença de mais de 60 aspirantes.

[36] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 16/10/2007, VIII Reunião; 14/11/2007, IX Reunião.

A evolução da condução dos vocacionados teve novas orientações por parte do centro da Congregação, e surgiu uma nova etapa no campo da formação: o pré-noviciado. Um ano antes do noviciado para um tempo melhor de aprofundamento vocacional. Inicialmente nesse ano, ocorria o estudo também do primeiro ano do curso de filosofia. Essa modalidade durou alguns anos; posteriormente o centro da congregação, depois de muitas considerações, instituiu um pré-noviciado sem o seguimento do estudo da filosofia. A finalidade sempre foi de que, nesse período da formação, os jovens pudessem se aprofundar no conhecimento de D. Bosco, na vida de oração e na convivência comunitária. Dessa forma, a organização das diversas etapas da formação sempre passou a ser ordenada pelo centro da Congregação.

No ano de 2005, depois da reunião da CIF e do "Curatorium" em S. Paulo, na reunião de agosto, o vice-inspetor apresentou um documento que continha a reflexão da Congregação sobre a fragilidade vocacional, com mais de 10 páginas, um verdadeiro compêndio ou roteiro para se entender e compreender as diversas dimensões que esse trabalho implica e abrange. Essa orientação exige novas posturas práticas como o acompanhamento psicológico dos formandos, a elaboração de um projeto de vida pessoal, elaboração de um projeto de cada comunidade formadora e, sobretudo, o aprofundamento pelo estudo da religião e do carisma de S. João Bosco. Em termos de estruturação, fundamentação e processos de maior compreensão da vida religiosa salesiana, tudo estava muito explicado e justificado. Cabia aos formadores a prática dessas novas orientações na condução do processo formativo na Congregação. Assim, a tarefa de cada comunidade seria a composição de um Projeto Formativo para cada etapa. Na reunião do Conselho Inspetorial de setembro ocorreu uma reflexão no conselho e foram enviadas contribuições ao documento sobre a Fragilidade Vocacional[37].

16.7 A animação nas diversas etapas da Formação

Durante o ano de 2003, ocorreram alguns eventos que interferiram nas casas de formação tendo sempre em vista a tentativa de melhor convivência e apresentação de um processo formativo conveniente na estruturação e na vida comunitária.

Na reunião do Conselho Inspetorial de setembro, foram tomadas duas decisões sobre as casas de formação. A casa do Paulo VI seria destinada somente para a permanência dos pós-noviços, e os pré-noviços, que já haviam permanecidos um ano em Araçatuba, no ano de 2002 retornaram para a casa do Paulo VI e, no ano de 2003, seriam transferidos para casa que original-

[37] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 29/06/2005, VI Reuo-Anexo 6; 29/092005, VIII Reunião.

mente foi organizada para tal fim, a parte do Pré-noviciado denominada de "Pré-Noviciado Pe. Rodolf Lunkenbein" seria então reativada. O Conselho encarregou o Pe. Paulo Fernando Vendrame, ecônomo inspetorial, de providenciar a devida preparação para receber, em 2003, os pré-noviços.

Por outro lado, para dar maior consistência à comunidade canônica da Lagoa da Cruz, resolveu-se que os salesianos da UCDB iriam residir e pertencer àquela comunidade religiosa. A proximidade da casa da Lagoa da Cruz da UCDB não seria um obstáculo, ao contrário ofereceria mais consistência à vida comunitária, embora a comunidade residente na UCDB não deixasse nada a desejar quanto à vida comunitária. Também nessa reunião, houve a consideração de se potenciar mais as comunidades em si que movimentos ou projetos de animação a partir do centro inspetorial. O Pe. Inspetor afirmou que ele pessoalmente iria cuidar da formação permanente, procurando organizar e cuidar os retiros anuais de forma tal que se tornem verdadeiros momentos de reconsideração da vida religiosa de cada um. Disse que iria propor uma nova modalidade de retiros a partir da estrutura da "Lectio Divina"[38].

Já no início do ano de 2003, na primeira reunião do Conselho Inspetorial, foram designados os diretores que iriam realizar um curso de atualização em Cachoeira do Campo. Na reunião de maio, foi apresentado o problema pendente da participação da edição dos livros do Professor Riolando Azzi sobre a vida e atuação dos salesianos, como um processo histórico. Ao analisar o 3º volume, o Pe. Inspetor expôs aos conselheiros todas as expressivas análises ideologizadas sobre os processos formativos, sobre as casas de formação dos salesianos, sobre testemunhos de salesianos que relegaram a congregação e depreciaram o conjunto de características do carisma salesiano. Resolveu que esses volumes deveriam ser destruídos e não distribuídos. Ao se tratar da anuência aos demais salesianos para o contrato com esse professor para a confecção e publicação de um possível quarto volume, a decisão resultou na rescisão do contrato perante a Cisbrasil. Tanto era uma obra acintosamente ideologizada e ideologizante pela depreciação da história do carisma salesiano no Brasil, bem como pelos promotores desse contrato que, nesse tempo, deixaram de ser salesianos e abandonaram a Congregação[39].

Ocorreram nesse ano de 2003, outras avaliações sobre as casas de formação na inspetoria; a constatação sempre foi de que existe uma animação normal para cada etapa da formação e um grande empenho e entusiasmo pelas atividades pastorais nos diversos oratórios. Houve a recomendação de que o noviciado seria uma etapa de formação exclusiva para aqueles jovens

[38] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003, 03/09/2002, p. 169b.
[39] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003, 14/05/2003, p. 186.

que mostrassem uma decisão clara quanto à vocação à vida religiosa salesiana. Quanto à avaliação da etapa do Pré-noviciado que reiniciara suas atividades na Chácara S. Vicente, obteve uma apreciação muito digna: "Nessa casa, o clima é bom, há disciplina, interesse pelo estudo e um bom ambiente de oração"[40].

No ano seguinte, foi significativa a presença do Pe. Francesco Cereda na Inspetoria. Após reunião com a CIF, apresentou a necessidade de se aprimorar sempre para o acompanhamento e respectivo discernimento dos formandos em cada etapa formativa.

No início do ano de 2005, precisamente em fevereiro, houve um singular encontro de formandos. Muita alegria e simplicidade. Um dos pontos de indicação da consistência da formação na inspetoria foi o número de participantes desse encontro no dia 31 de janeiro, para festejar a S. João Bosco: 40 aspirantes, 16 pré-noviços, 20 noviços de 2005, 22 neoprofessos, sete pós-noviços, três tirocinantes, quatro pós-tirocinantes que iriam iniciar os estudos de teologia e um diácono. Houve uma solene concelebração presidida pelo vice-inspetor Pe. Lauro e, em seguida, um jantar muito festivo. Assim iniciou-se com entusiasmo o ano de 2005 no setor da formação.

Nesse ano também foi abordado o problema do uso da internet nas casas de formação bem como o acesso à comunicação via internet. As casas de formação passaram a dispor de uma sala-laboratório de informática para também se poder acessar à internet[41].

No ano seguinte, 2006, prosseguiram as reuniões com os formandos; em particular, a reunião os tirocinantes foi muito animadora, pois todos puderam se confrontar com o trabalho relatado pelos presentes. A animação vem da comunidade local e da dedicação ao trabalho nessa fase de formação altamente experiencial.

16.7.1 Melhorias e reformas no Aspirantado e Pré- Noviciado

Como já se afirmou anteriormente, algumas mudanças na Chácara S. Vicente foram agilizadas, devido ao retorno dos formandos do Pré-Noviciado que deixariam a casa do Paulo VI exclusivamente como casa dos pós-noviços e retornariam para o lugar em que por primeiro funcionara essa etapa da formação na Inspetoria.

As reformas promovidas pelo ecônomo inspetorial abrangeriam a preparação do Pré-Noviciado para uma possibilidade remota de 30 pessoas. Além de reformas nos banheiros e pinturas, foi necessário adquirir móveis para acolher dignamente a todos os aspirantes. Com o retorno também dos

[40] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003, 01/10/2003, p. 193b.
[41] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 07/10/2005, IX Reunião.

salesianos da UCDB para residirem na Chácara S. Vicente, o ecônomo inspetorial realizou uma reforma em todos os apartamentos da casa dos salesianos. De forma semelhante, foram reformadas também a cozinha e lavanderia. "Esses ambientes agora, no início de 2003, estão todos aptos e prontos para receber os novos habitantes, tanto salesianos como pré-noviços"[42].

Dentro das novas exigências da congregação quanto ao acompanhamento dos pré-noviços, todos tiveram que passar por exames médicos e posteriormente prosseguir com o acompanhamento psicológico. São 22 pré-noviços que iniciam essa nova etapa da formação; pela manhã, estudam o primeiro ano de filosofia na UCDB e, à tarde, seguem a vida comunitária na Lagoa da Cruz. Além desses pré-noviços, existe outro que está temporariamente trabalhando na comunidade do S. Gonçalo em Cuiabá.

16.7.2 Melhorias no Noviciado

Depois de tantos encontros sobre a formação na Congregação, alguns procedimentos foram também introduzidos no noviciado. Ficou programado que, para iniciar o noviciado de 2003, haveria a presença de uma psicóloga para avaliações devidas e encontros com o grupo de noviços para que ocorresse um início bem simples, mas concatenado, entre eles e com as exigências da nova etapa de formação[43].

Com o crescimento do número de noviços e principalmente com a presença dos noviços da inspetoria de Manaus, a casa do noviciado já se mostrava pequena e sem a presença dos ambientes necessários. Iniciou-se a pensar na construção de uma nova casa bastante ampla e com todos os ambientes devidamente adequados. Existia a construção básica da casa que o Pe. Pedro Ferreira sempre utilizava para realizar os seus encontros de CLC, mas era uma casa já bastante deteriorada e com ainda alguns compartimentos de madeira; não se mostrava conveniente para acolher devidamente os noviços.

No início do ano de 2003, depois de estudos da comunidade do noviciado, foi apresentada ao Conselho Inspetorial uma planta de espaços amplos e devidamente situados, a qual foi examinada na reunião do Conselho Inspetorial de fevereiro de 2003. Na reunião de abril, depois de ouvir as observações de todos os irmãos do conselho e da casa, foi aprovada e, em junho de 2003, foi dada a entrada dessa planta na prefeitura para o devido aval para se iniciar a nova construção. Esta nova construção deveria ser levada avante até metade do ano seguinte, 2004. Pe. Benito seria o encarregado de acompanhar todos os passos desse novo empreendimento[44].

[42] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003, 07/02/2003, p. 178b.
[43] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003, 07/11/2002, p. 174.
[44] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003, 04/06/2003, p. 182b.

Nesse ano de 2003, o retiro no meio do ano na Chapada dos Guimarães foi conduzido pelo Pe. Inspetor, que passou a utilizar a metodologia da "Lectio Divina" desde o noviciado. Após três dias de intensa dedicação à meditação e contemplação, os noviços seguiram o roteiro de suas viagens para conhecer e entrar em contato com as missões, em especial conhecer os processos de presença e as exigências dessa atividade pastoral entre os índios.

Em dezembro, a construção do novo prédio do noviciado em Indápolis já estava em sua fase final; os noviços vinham auxiliando bastante nessa fase, pois a limpeza e a preparação para a inauguração para a turma de noviços de 2004 ficaram sob a responsabilidade desse grupo que encerrava o noviciado em janeiro de 2004. Eles deixaram tudo pronto para que os próximos noviços encontrassem um ambiente mais que agradável para se iniciar essa etapa da formação. A inspetoria daí em diante poderia acolher os candidatos à etapa da formação, noviciado, com tranquilidade e sem atropelos por falta de lugar para todos[45].

16.7.3 A vida salesiana no Pós-noviciado no Paulo VI-Campo Grande

A vida salesiana no pós-noviciado estava bastante bem encaminhada em todas as dimensões mais importantes; ao lado da casa, a paróquia oferecia sempre grandes possibilidades de atuação tanto na Igreja mãe, Santuário de Maria Auxiliadora, bem como nas inúmeras capelas, onde todas as atividades mereciam uma presença animadora dos salesianos jovens. Ao lado da paróquia, duas outras realidades sempre foram campos fabulosos para a ação pastoral dos jovens salesianos: havia o Oratório e o Centro Juvenil, onde sempre a animação esteve a cargo dos pós-noviços. E existia também, contígua à casa dos estudantes de filosofia, a escola Rui Barbosa, onde normalmente se tornava outro campo de animação dos estudantes, quer com aulas do ensino religioso, quer com outras atividades ou mesmo através de outras disciplinas referentes aos estágios obrigatórios do curso de filosofia. Mas a faixa de animação mais extensa referia-se às regiões periféricas do bairro onde o Pe. Mário Pansiera edificara mais de 15 capelas, em que se constituíam pequenas comunidades necessitadas de uma animação especial. A atuação dos salesianos estudantes, em geral, além de acompanhar os grupos dedicados à comunidade, consistia também na animação de recreações com as crianças em estilo autenticamente salesiano, ou oratoriano.

Ao lado dessas atividades pastorais, que em algumas ocasiões ocorriam durante a semana, os estudos e o cuidado com a casa ocupavam os estudantes o tempo todo. A complementação da formação deles acontecia

[45] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003, 03/12/2003, p. 199.

com aulas semanais sobre "a vida religiosa salesiana sob o carisma de S. João Bosco", e com as palestras dos formadores, em especial do diretor. Ao lado desses grandes embates, todos os estudantes estavam conscientes de que deveriam dar conta dos deveres de todas as disciplinas do curso e, em particular, desde o segundo ano, preparar a "Monografia" de conclusão do curso. Esse trabalho devidamente planejado quanto ao assunto, orientador e tempo, deveria ser defendido perante a banca dos professores, antes de saírem para a etapa formativa seguinte: o tirocínio.

Complementando esse período de formação, segundo as orientações recebidas e concretizadas como normas da formação, nessa etapa do pós-noviciado, todos deveriam passar por um acompanhamento psicológico. No Centro Inspetorial, havia duas psicólogas que, durante o período da tarde dos dias da semana, estavam à disposição de todos e conforme cada um agendasse, todos eram devidamente acompanhados pessoalmente por elas. Vez ou outra, conforme a necessidade ou conveniência, eram promovidos alguns encontros com grupos ou com todos para um treinamento comunitário[46].

No final de 2004, em pleno acordo com a solicitação do Pe. Inspetor de Manaus, preparou-se a casa para receber os pós-noviços da inspetoria de Manaus[47]. No ano seguinte, 2005, a previsão chegou à presença de 29 pós-noviços. Imediatamente houve a decisão de que se deveria mudar de condução para que então pudessem frequentar as aulas na UCDB; decidiu-se pela aquisição de um ônibus de 32 lugares para esse serviço.

De fato, tanto a comunidade do noviciado como a do pós-noviciado estavam bem estruturadas com a presença e possibilidade de mais de um salesiano como confessor e com a presença de outros que sempre se tornavam professores. Para atender as aulas do noviciado, alguns seguiam de Campo Grande para esse mister. No Paulo VI, os salesianos das outras comunidades sempre auxiliaram os formadores nesse trabalho. O que se deve afirmar sempre foi a louvável consistência formadora dessas três comunidades: Aspirantado, Chácara S. Vicente; Noviciado, Indápolis; e o Pós-Noviciado, Paulo VI, Campo Grande.

16.7.4 Tirocínio ou tempo experiencial de trabalho entre os jovens

A realização dessa etapa da formação adquiriu sempre as características consistentes das atividades de cada comunidade. Em especial, não houve tirocinantes nas paróquias, mas em todas as outras obras, sim. Em especial, esse tempo de forte experiência do trabalho tipicamente salesiano que ocorria nas diversas obras era a referência mais consistente para que o

[46] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 22/09/2004, VIII Reunião.
[47] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 16/11/2004, XI Reunião.

jovem salesiano se inteirasse da maneira de se colocar em prática a vida, a pedagogia e os processos educativo-pastorais vigentes nas casas ou instituições dirigidas pelos salesianos. Em especial havia a possibilidade de se engajar numa comunidade com escola até o segundo grau. Nessas escolas, as atividades programadas eram altamente exemplares e proporcionavam experiências especiais educativas quanto aos resultados com os alunos. As atividades pastorais dos colégios ofereciam a singular convivência com a expressão da alegria e entusiasmos contagiantes originados por encontros ou dias de formação. Normalmente essas experiências de encontros despertavam um entusiasmo grande em todos os salesianos para com os jovens das escolas. O projeto pastoral das escolas oferecia a possibilidade de se averiguar a força da pedagogia salesiana em todas as idades, desde encontros ou ações pastorais com as primeiras séries, bem como nas séries dos jovens do final do segundo grau. Além dessas possibilidades, outros movimentos de jovens detinham o poder de promover uma dedicação especial e tipicamente salesiana, como os "Acólitos" e as "Leitoras, ou com grupos de jovens "Ex-alunos". Um tirocinante que participasse com dedicação de todas essas atividades, adquiria ou aprenderia todas as etapas de um processo pastoral bem sucedido. Este exigiria muita preparação das pessoas e ambientes, execução do encontro dentro do programa e intensificação dos momentos mais importantes para que o entusiasmo por Deus e pelos irmãos contagiasse a todos e passasse a ser luz para os jovens.

Outro setor das obras da inspetoria em que o tirocinante sempre pôde adquirir uma experiência profunda, consistia no trabalho com os meninos e jovens das obras sociais. Essas obras também proporcionam aos formandos a visão do legado de D. Bosco, de estar ao lado e promover a vida dos jovens mais necessitados quer com formação humana, quer com a promoção mais simples da convivência, quer com a preparação profissional. Ao lado dessas necessidades, os bons salesianos jamais deixaram de cuidar da formação religiosa desses meninos ou jovens das obras sociais. Essa experiência sempre foi e continuará sendo um caminho de aprendizagem para a atividade dos salesianos na inspetoria. Algumas comunidades das obras sociais tornaram-se mais aptas para essa experiência, como em Poxoréu, em Rondonópolis e em Três Lagoas na Vila-Piloto. Houve época em que os salesianos estavam presentes na FEBEM de Lins, mas devido a mudanças políticas, a permanência dos salesianos lá não se constituiu em um momento de continuidade no trabalho dos salesianos com os meninos da FEBEM.

Outro campo de atividade pastoral-educativa de nossas comunidades consistiu sempre na presença em território de missão; de modo especial, as presenças de Sangradouro, Meruri e S. Marcos sempre foram campo de trabalho para os tirocinantes para que pudessem, com a convivência e com

a participação no trabalho dos missionários, adquirir também uma aptidão desse trabalho tipicamente missionário como tal. Em tempos passados, em Sangradouro e em Meruri, havia internatos para os índios e para os filhos dos civilizados que os levavam a residir com os salesianos por causa da escola oferecida por eles. Esse tempo não mais existe, e hoje nas missões, para os tirocinantes, existem momentos de animação e presença nas aulas da escola indígena, na animação e presença nas festas típicas da cultura deles, mas sobretudo o trabalho e experiência pastoral adquirem mais dimensão nas atividades de itinerância e em outras provenientes dos trabalhos típicos da manutenção de cada casa.

Todos os anos, seguindo as orientações da Inspetoria, ocorria um encontro dos tirocinantes para um confronto entre as várias atividades e para mútuo enriquecimento, com o testemunho dos irmãos de outras obras; eram encontros de animação e de apresentação de algum tema especial. O maior movente desses encontros era proveniente da troca de experiências e da convivência com os irmãos. Uma coisa e outra sempre despertavam muito entusiasmo pelo tempo de trabalho prático e de profunda aprendizagem pela experiência pedagógico-pastoral. Como exemplo, na reunião do conselho de novembro de 2007, Pe. Inspetor relatou aos conselheiros seu encontro com os atuais e futuros tirocinantes (estudantes de filosofia do 3º ano que iniciam o tirocínio no ano de 2008), nos dias 5 e 6 de novembro; eram 24 salesianos dessa fase de formação; apresentou aos conselheiros as qualidades desses assistentes e a alegria de todos em poder estar atuando nas comunidades ou iniciar a etapa. Estavam todos serenos e muito entusiasmados com o período de trabalho dessa etapa experiencial. Essa postura de todos eles provocou um clima de verdadeira alegria para todos da inspetoria, ao saber que os salesianos novos estão muito entusiasmados pelos diferentes campos de atuação nesse período de tirocínio[48].

Nesse tempo foi editado um texto escrito pelo Pe. Inspetor, cujo titulo seria, "Assistência - uma etapa gloriosa da vida salesiana!" Indicava os caminhos pelos quais deveria passar o salesiano para ultrapassar esse tempo encontrando nele momentos de intensa alegria e glória, ao se confrontar com a pedagogia utilizada por D. Bosco para entusiasmar os jovens por ideais altos e dignificadores da uma vida no mundo. Como sempre, com a presença da gloriosa Virgem Maria Auxiliadora, que se tornara a inspiração de todos os valores do carisma salesiano. A intenção seria de que todos os novos salesianos que se dirigissem para essa nova etapa da formação encontrassem algumas afirmações orientadoras a respeito de como se portar e proceder nesse tempo para se obter um momento altamente elucidativo sobre como se por-

[48] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 14/11/2007, IX Reunião.

tar nesse período de formação. O próprio título do texto, "Assistência - uma etapa gloriosa da vida salesiana!", expressa a característica principal dessa fase da formação: a experiência gloriosa da pedagogia salesiana, o esplendor da atuação dos salesianos entre os jovens e a vibração da vida em estado de entrega a Deus e ao trabalho, ao contato com jovens abertos e capazes de grandes momentos de entrega à graça de Deus.

16.7.5 Locais de estudos de teologia - uma etapa decisiva da formação

A etapa seguinte da formação na inspetoria nesses anos compreendidos entre 2002 e 2008, foi objeto de muitas considerações uma vez que, no início, em 2002, havia estudantes de teologia em diversos lugares e sem um caminho comum para aqueles que deveriam iniciar seus estudos de teologia. Assim houve tempo em que esses estudantes deixaram a referência principal do Instituto Teológico Pio XI-S. Paulo, para estarem presentes em outros dois lugares: Belo Horizonte, onde alguns salesianos mantinham aulas e orientações em um instituto de estudos de teologia denominado de ISTA, e outra referência foi a presença de alguns estudantes de teologia em Curitiba. Aí a referência era a comunidade salesiana que acolhia os estudantes que frequentavam o curso de teologia na Universidade Católica de Curitiba. Entre essas duas referências e a possibilidade de se retornar a enviar os estudantes para o Instituto Teológico Pio XI, S. Paulo, surgia um grande impasse, e a questão do destino dos estudantes de teologia da inspetoria tornou-se um ponto de interrogação quando a essa etapa de formação.

Em contato com o superior regional passou-se a outra modalidade de se organizar a comunidade dos formandos para a teologia em S. Paulo, Instituto Teológico Pio XI, através de um colegiado de todas as inspetorias, denominado de "Curatorium". Assim no final de 2002, ficou definido que todos esses estudantes deveriam se dirigir para esse Instituto. Esta decisão foi peremptória para todas as inspetorias, vale dizer que todos os formandos dessa etapa, de todas as inspetorias, deveriam ser direcionados para o Instituto Teológico Pio XI, conforme orientação do Regional Pe. Helvécio Baruffi, no final do ano de 2002[49].

Depois dessas orientações, ainda alguns de nossos estudantes de teologia continuaram seus estudos no ISTA de Belo Horizonte, somente mais tarde foi possível cumprir com essas orientações. Para essa nova modalidade de organização do Instituto Pio XI, todas as inspetorias deveriam enviar um salesiano para compor a comunidade formadora da casa de formação, e a direção do Instituto, enquanto Instituição de Estudo de Teologia, continuaria

[49] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003, 02/07/2002, p. 165b.

sob a responsabilidade da inspetoria de S. Paulo, pois o curso de Teologia estava integrado ao Centro Universitário da Inspetoria. Entre os cursos desse Centro Universitário, incluiu-se o curso de Teologia. Vale dizer que sobre a organização do curso, regido pelo MEC, como os outros cursos do Centro Universitário da Inspetoria de S. Paulo, o grupo de salesianos de várias inspetorias que comporiam a comunidade formadora não poderia interferir, pois não dispunha de possibilidade legal para isso.

No ano de 2006, a inspetoria enviou como seu representante na comunidade formadora do Pio XI, o Pe. Edmilson Tadeu Canavarros, que pertence à comunidade formadora, valia-se de sua presença em S. Paulo para cursar na PUC o seu mestrado em educação. Depois de um ano como membro da comunidade formadora, no ano de 2007, foi escolhido pela Cisbrasil como diretor da comunidade formadora. Constatou-se que o funcionamento dessa comunidade colegiada por salesianos de várias inspetorias, regida pelo então sistema denominado de "Curatorium", ainda não encontrara seu melhor funcionamento.

Em novembro de 2007, depois de constatar que o ambiente do Instituto Teológico Pio XI estava muito pesado, pensou-se na inspetoria em uma alternativa sobre a questão, pois alguns salesianos dessa fase formativa haviam terminado seus estudos em diversos lugares, e um, no seminário de Marília. Esse seminário sempre foi muito sério e bem conceituado; a presença de um estudante de teologia que concluiria o seu curso nesse local foi o toque de partida para que o conselho aventasse a hipótese de se criar uma comunidade apropriada na casa de Lins para os estudantes. Estes frequentariam as aulas no curso de teologia do seminário diocesano de Marília; para isso foram necessárias algumas providências a partir do mês de dezembro para que, em fevereiro, se iniciasse essa nova possibilidade de os estudantes de teologia frequentarem o curso em Marília e pertencessem à comunidade dos salesianos da casa de Lins.

A primeira providência quanto à casa referiu-se ao novo planejamento de se construir mais alguns apartamentos e aumentar a capela para que todos pudessem ser bem acolhidos. Nova planta e novos ambientes surgiram no conjunto da residência salesiana de Lins; para ser o responsável dos salesianos estudantes de teologia, foi designado o Pe. José Alves de Araújo, que deixou a paróquia de Araçatuba e se tornou o pároco em Lins e o diretor dos estudantes. No final de dezembro, tudo já estava encaminhado.

Diante dessas decisões, o Conselho Inspetorial opinou para que tudo fosse devidamente comunicado ao encarregado da formação em Roma. Em dezembro, ao ser informado da decisão da Inspetoria em enviar os estudantes de teologia para Lins, Pe. Francesco Cereda, respondeu, no dia 10/12/1007 que não se deveria assumir essa postura, por estar o Pe. Inspetor no final de

seu tempo de governo e não era uma decisão prudente. Diante de outro comunicado de que, com o apoio do Conselho Inspetorial, os estudantes iriam para Lins, Pe. Francesco Cereda, foi peremptório em sua resposta por carta de 15 de janeiro de 2008 ao afirmar que seria uma decisão do Conselho Superior que os estudantes deveriam iniciar seus estudos no Instituto Pio XI-S. Paulo. Tudo se tornou, diante dessa ordem, como uma mera possibilidade sonhada[50]. Continuar-se-ia a vigência do "Curatorium" para a comunidade dos formandos e formadores na condução dos estudantes de teologia, sediados no Instituto Teológico Pio XI-S. Paulo.

[50] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 07/01/2008. I Reunião.

Anexo I – BAKARU – ROWATSU'U – NOTÍCIAS MISSIONÁRIAS

Revista da Animação Missionária Inspetorial – Missão Salesiana de Mato Grosso, MS

Esta Revista surgiu como meio de animação e documentação das atividades missionárias da Inspetoria Salesiana ou Missão Salesiana de Mato Grosso (MSMT). Além dessa necessidade de se documentar as grandes realizações dos missionários nesse período de tempo em que a Revista Bakaru esteve viva em suas inúmeras edições, principalmente essa publicação teve sempre a intenção de ser um dos tantos meios de animação do setor das missões tendo como correlações necessárias outras atividades específicas dos salesianos na Inspetoria. Iniciou-se em 2003 e encerrou seu curso de publicação em 2009. Pe. Georg Lachnitt, desde o início, foi o idealizador e diretor dessa Revista. Além disso, sempre esteve unido à UCDB como participante ou encarregado do NEPPI, divisão da UCDB direcionada aos estudos das culturas indígenas. Inicialmente eram quatro números por ano, nos últimos anos as edições foram de uma a três somente por ano. A distribuição da revista adquiriu um campo bastante vasto de participação; pode-se imaginar que o foco principal dessa revista fosse a própria região das missões entre os bororos e xavantes em suas inúmeras Reservas e, nessas reservas, em inúmeras aldeias independentes. Em seguida, outras extensões ou campos também receberam os números dessa revista. Em primeiro lugar, as casas salesianas da Inspetoria, depois as casas inspetoriais das outras inspetorias, e nessas inspetorias, sobressaem as casas de formação dos salesianos. Como diversas camadas e dimensões do espaço específico, ainda se devem nomear as dioceses próximas e dentro desse vasto território das reservas indígenas. Depois os órgãos específicos da área missionária na CNBB, nomeadamente o Cimi e outros setores do Celam.

Deve-se também notificar que um dos patrocinadores da publicação da Revista Bakaru, além do centro inspetorial e da UCDB, foi a Procuradoria de Bonn, por anuência do Pe. Karl Oerder. Através desses órgãos nomeados, deve-se também notar que o Encarregado do setor de animação das Missões no Conselho Superior, também recebia regularmente os números correspondes dessa revista. Essas citações dimensionam, com muita simplicidade, o alcance ou as diversas possibilidades de receptividade dessa publicação.

Por outro lado, sempre imitando as belezas da história da Inspetoria, a Revista Bakaru esteve coligada à universidade por cumprir com uma das finalidades dessa instituição, qual seja, sempre favorecer o estudo e preservação das culturas indígenas. O processo de publicação da Bakaru não se deu

de forma diversa à das primeiras publicações científicas salesianas sobre as culturas indígenas então sob a direção da Inspetoria desde os dias de Pe. Malan, tais como o trabalho grandioso do Museu que esteve ligado ao Colégio D. Bosco e posteriormente à Fucmt e à UCDB, como a elaboração da gloriosa Enciclopédia Bororo, também coligada à Fucmt e à UCDB. Esse particular revela a grande preocupação dos missionários e dos salesianos para com o aspecto científico das publicações mesmo sem se negar ou diminuir a intensidade do aspecto de evangelização e de ação pastoral.

Nesse período, surgiu nova denominação das peregrinações dos missionários que atendiam as diversas aldeias das reservas dos bororos e dos xavantes, territórios imensos que foram pontualizados por pequenas e médias e grandes aldeias desses dois povos indígenas e que deveriam ser atendidas com relativa frequência para a devida animação pastoral da vida cristã e cultural desses grupos. Esse contínuo peregrinar pelas distâncias de aldeia em aldeia recebeu uma denominação nova: "Itinerância Missionária". Essa ação entre as fazendas, povoados e cidades do passado antigo, até 1957, foi realizada por salesianos que se tornaram exímios cavaleiros e conhecedores das rotas para se locomoverem nesse imenso território. A ação pastoral missionária entre os civilizados recebera a denominação de "Desobrigas", agora para os missionários salesianos o peregrinar nas caminhonetes pelas areias das estradas para chegar até as aldeias mais distantes recebeu a denominação de "Itinerância Missionária". Percursos, o *iter* para se chegar aos índios, xavantes, bororos e outros...

1 – Assuntos abordados por essa Revista

Através da análise dos assuntos elencados nos primeiros números, obtém-se a devida área de abordagem da Revista. No primeiro número, o índice traz 12 itens elencados, que contêm o conjunto de textos sobre esses títulos. Os principais, aqueles que expressam de forma bem característica a direção da Revista, foram:

Nº 1- 24/05/2003 – 30 páginas
- Projeto de organização do Dicastério para as Missões
- A Jornada Missionária Salesiana de 2003
- Noticiário sobre as Missões
- Necessidade de novos missionários
- Encontro inspetorial sobre animação missionária
- Encontro de animação de professores Indígenas em Areões
- Encontros de Capacitação de Professores Indígenas em Areões
- Estudo de Língua Xavante em S. Pedro

- Planejamento da Paróquia S. Domingos Sávio
- Entrega do Evangelho segundo João em Língua Xavante
- Curso de Agentes de Pastoral Bororo em Meruri
- Encontro de Formação sobre Pastoral entre os Kaiowás-Guarani
- Assembleia Pastoral Indígena Diocesana
- Curso de Pastoral Xavante em Areões

Nº 2 – julho de 2003 – 30 páginas
- Iniciação cristã dos xavantes de Areões com novos passos decididos
- Sermão de Despedida (de D. Bosco) dos primeiros Missionários Salesianos
- Avaliação do Curso de Agentes de Pastoral Bororo
- Área Indígena Raposa/Serra do Sol
- Conceitos de Cultura
- 29ª Assembleia Regional do Cimi
- Conflitos entre fazendeiros e xavantes em Sangradouro
- A ação Missionária

Esses itens elencados desses dois primeiros números da Revista exemplificam as afirmações anteriores sobre a amplitude e os focos principais das abordagens de cada número. Aqui foram sintetizados os itens de maior referência, e quase todos eles, de uma forma ou de outra, retornam em quase todos os números, pois constituem a razão das notícias, as motivações para as inúmeras posturas dos missionários quanto à iniciação cristã dos índios e, sobretudo, a grande preocupação, ao lado da pastoral, da evangelização constante e abrangente de forma que se instituam comunidade eclesiais indígenas. Da mesma forma como a finalidade da evangelização se torna abrangente, pois assume desde as reservas até a manutenção da cultura própria, bem como da sobrevivência e das escolas, da relação dos índios com a sociedade envolvente, como a evangelização se torne expressão consistente de que eles são filhos de Deus, unidos a toda a Igreja mediante a fé católica e a vida cristã.

Os índices desses dois primeiros números, ao exemplificar a diversidade dos assuntos referenciais a serem abordados, mostram com singular clareza os assuntos principais dessa iniciativa; evidenciam o trabalho missionário em sua evolução e em suas tentativas de que as culturas sejam integradas à vida cristã católica. Esse foi sempre o grande desejo de S. João Bosco.

2 – Assuntos abordados com mais frequência nos números da Revista

O assunto mais constantemente presente nos números da revista mostra a animação missionária através de algumas iniciativas; a mais persisten-

te consistiu na documentação das reuniões dos missionários. Normalmente, uma ou duas vezes por ano, aconteciam essas reuniões. O teor das reuniões registrado na revista indica a animação e o estímulo através da convivência, do debate sobre as experiências de cada comunidade, as novas questões na catequese e as ocorrências especiais nas viagens de "Itinerância". São registros importantes da atividade missionária enquanto ação apostólica, sobrevivência e atualização constante.

Outro item sempre registrado na Revista consta de Reflexões, tanto práticas como temáticas. Sobretudo nos primeiros anos, as reflexões temáticas tiveram sempre uma finalidade: auxiliar o processo de inculturação. Assim vários números seguidos apresentaram os temas: cultura, inculturação, mito, processos de inculturação. Esses temas, bem e profundamente apresentados em seus consistentes aspectos de ciências e de leituras da vida e da cultura, dos pontos fundamentais da vida em si. Esses temas foram sempre confrontados com as culturas dos xavantes e dos bororos. Eles auxiliavam a todos no entendimento e no processo de inculturação e de aproximação das verdades evangélicas com os aspectos da cultura desses dois povos.

Nos três últimos anos da revista, o aspecto do estudo e do aprofundamento assumiu outra dimensão, passou a apresentar documentos da Igreja ou da Congregação e, principalmente, a expor as orientações recebidas da Congregação como ordenamento para a atividade missionária dos salesianos. A mudança foi drástica e quebrou o ritmo da sequência iniciada pela revista. Passou a deixar de lado as iniciativas das reuniões para assumir e estudar documentos provenientes de fora. Uma mudança que praticamente mostrou outra revista a partir desses documentos apresentados. Abandonou-se a pesquisa local como objetivo principal dessa Revista.

A contribuição maior e mais difícil de se aquilatar a grandeza do desejo de os missionários lutarem para preservar e cultivar as culturas autóctones desses dois povos, resultou nas inúmeras reflexões e confrontos com os documentos da Igreja para se cristalizar a inculturação da doutrina católica, das cerimônias litúrgicas e das celebrações fundamentais dos sacramentos e das festas dos santos, em especial da Santíssma Virgem Maria. Esse aspecto ficou muito evidente nas festas e comemorações dos Bororos de Meruri, ao celebrar Nossa Senhora Auxiliadora no mês de maio. Porém a contribuição conjunta dos missionários ocorreu através de estudos e de encontros de reflexão; a revista mostrou o aspecto da inculturação a partir também dos documentos pontifícios de João Paulo II. A prática ou as ações concretas de planejamento da inculturação ocorria normalmente sob dois aspectos que serão mais bem explicitados mais adiante nos encontros de Agentes de Pastoral e no estudo dos textos bíblicos nas línguas xavante e bororo.

3 – A itinerância e os encontros de Agentes de Pastoral

Uma das maiores preocupações que os salesianos manifestaram nesse tempo foi a grande preocupação de estar presentes e procurar manter a presença da Igreja Católica em meio aos índios. Essa preocupação manifestou-se de forma singular, pois as diversas reservas xavantes e bororos, com mais de 100 aldeias espalhadas e distantes, tornaram-se o campo vasto e muitas vezes de difícil acesso para o atendimento pastoral missionário. Normalmente, registraram os relatos da Bakaru, ocorriam as viagens pastorais para os diversos campos de atendimentos dessas aldeias, em duas épocas do ano; em primeiro lugar, no tempo da seca, devido ao problema das estradas em tempo chuva, então as viagens multiplicavam-se. O segundo período de viagens ocorria antes e durante a preparação do Santo Natal. Inicialmente os alojamentos eram precários, nos anos posteriores, melhoraram sensivelmente. As celebrações litúrgicas eram sempre integradas a outros processos bem estudados de iniciação cristã dos índios, ou em tempo de celebração de rituais de conclusão de algum dos sacramentos, ou de festas grandiosas como o Santo Natal ou a Páscoa. Normalmente entre os bororos, todos os meses os salesianos iam atender aos bororos da aldeia do Garças; em outras ocasiões, também visitavam as aldeias do Tadarimana, mais distante.

Porém uma das mais intensas, frutuosas e bem planejadas das atuações dos Missionários salesianos ocorreu com os encontros para a formação dos Agentes de Pastoral. Como exemplo disso, noticiou a Bakaru que em maio de 2003 houve um período de formação de Agentes de Pastoral em Areões-Cachoeirinha, onde havia mais de 50 participantes durante vários dias. Nesse ano, houve para os bororos uma avaliação sobre o curso para Agentes de Pastoral em Meruri. A preparação dos índios para a recepção dos sacramentos acontecia de agora em diante mediante um processo de catequese já inculturado e assumido pelos catequistas, então denominados Agentes de Pastoral.

Convém realçar que outros passos foram dados pelos missionários para que a força da Igreja perdurasse entre os índios. Assim, ocorreram as traduções dos Evangelhos e de outros textos da Sagrada Escritura para que as celebrações em língua original tivessem os textos bíblicos devidamente já traduzidos em suas línguas. Desde 1992, havia sido publicada a tradução do Novo Testamento, todo em língua bororo; este trabalho ocupou muitos anos de pesquisa do Pe. Gonçalo Uchoa. Mesmo que as missas, em sua maior parte, em Meruri, não tivessem a originalidade da língua, durante a semana sempre houve a Santa Missa em Bororo rezada por esse salesiano.

Da mesma forma, a animação missionária dos salesianos, através do Pe. Georg Lachnitt e do Pe. Aquilino, xavante, publicaram os textos das liturgias da Palavra em suas especificações do Ano A, B, C e além disso, publica-

ram um manual de cantos para o acompanhamento das celebrações litúrgicas em xavante. O missal com todas as orações litúrgicas também foi publicado, e esses textos todos foram distribuídos entre os Agentes de Pastoral para a animação de cada aldeia onde eles estão agindo com verdadeira expressão de implantação do Reino de Deus. Os textos litúrgicos em xavante compreendem, além das celebrações dominicais, as celebrações especiais dos tempos especiais da liturgia como as celebrações do Natal, tempo da Quaresma, da Semana da Páscoa e de Pentecostes.

Esse passo grandioso sempre foi acompanhado por muito estudo e por reflexões entre os Agentes de Pastoral e os documentos da Igreja. Além disso, sempre tudo foi comunicado aos Srs. Bispos das respectivas áreas em que se encontram as reservas dos xavantes e bororos. A unidade com a Igreja sempre marcou a presença salesiana e, nesses moldes, também não poderia ser Igreja sem a aprovação da diocese local. Nesse teor, também os salesianos preparam os catecismos; o catecismo para o os catequistas e o catecismo para os iniciados. Tudo em xavante e devidamente explicado para os catequistas. Esse serviço de acompanhamento dos catequistas e seus trabalhos com os catequisandos sempre foi uma constante em todas as viagens de "Itinerância" pelas inúmeras aldeias das reservas. Um trabalho monumental para o Reino de Deus. Esses catecismos foram muito bem preparados, pois havia catecismos normais para as crianças e catecismos de iniciação cristã para os adultos. Da mesma forma, prepararam livros de orações para os xavantes, livros de celebrações sem sacerdotes para as comunidades e, sobretudo, foram traduzidos e distribuídos os evangelhos dos quatro evangelistas. Assim cada comunidade possui hoje um verdadeiro caminho para a iniciação cristã e a instalação de comunidades cristãs nas aldeias xavantes das diversas reservas. Esses manuais e textos bíblicos custaram aos estudiosos anos e anos de aprimoramento e de estudos mais conscientes e mais pertinentes em suas expressões conceituais na língua xavante.

4- O grande momento das missões e as novas conquistas

A revista Bakaru representa uma expressão do trabalho missionário salesiano perante a nova realidade dos índios, marcada pelas reservas e pelas inúmeras aldeias. Hoje cada reserva se tornou um verdadeiro formigueiro de aldeias, e cada uma delas, com sua chefia e organização própria. Nesse momento outro fator deve ser inserido nessas considerações: além da escola indígena, a presença da comunicação com a cultura envolvente e com os meios de subsistência tem modificado muito os costumes indígenas. O contato com a civilização do consumismo, da televisão, da luz para todos, da presença dos supermercados, do grande desenvolvimento das áreas ao

redor das reservas e, sobretudo, o estudo e o contato com o mundo todo através da TV, dos telefones, os celulares e dos inúmeros meios de locomoção, que são hoje os carros presentes em todas as aldeias, tudo modificou o viver cultural dos xavantes e dos bororos.

Com tudo isso e apesar disso, os salesianos estão sempre presentes em suas aldeias e oferecem aquilo que eles poderiam ter de melhor: livros em suas línguas. Os salesianos iniciaram a cuidar dos livros didáticos das escolas indígenas, porém dependendo sempre do governo, o processo de oferecer todo o material didático em língua xavante teve início, mas não foi possível continuar, pois as escolas das aldeias dependem de uma supervisão do governo e os salesianos não tiveram como enfrentar essa modalidade de atividade escolar, tentaram e deixaram que o governo prosseguisse em sua conduta de gerir as escolas indígenas.Uma pena!

Outro assunto que a Revista Bakaru sempre retratou foram as lutas dos diversos grupos indígenas por suas terras. Aparecem notícias sobre a famosa reserva para os índios no norte do país, Raposa/Terra do Sol; houve também a presença e a notificação dos entreveros dos xavantes de Sangradouro por terras e limites na reserva, e que os jornais de Primavera do Leste sempre reportaram. Mas, principalmente, os salesianos estiveram ao lado de um grupo de xavantes originários de uma região ao norte e que, depois de uma onda de peste de tuberculose, foram levados para S. Marcos em 1968 e que agora desejavam retornar para esse território denominado Marãiwatsédé e que fora finalmente demarcado como terra indígena. Problemas que foram sendo resolvidos e que agora permanecem em paz, pois as reservas xavantes e bororos finalmente foram todas devidamente legalizadas e, como tais, os índios vivem nelas em paz. A revista Bakaru sempre registrou esses momentos difíceis e que agora estão devidamente resolvidos.

5 – Conclusão

A revista Bakaru, em seus anos de vida, foi de fato um fator de expressiva animação do setor das Missões. Essa animação pervadiu todas as casas da inspetoria e incluiu nessa sua expressiva atividade missionária, não somente os salesianos, mas as irmãs salesianas, FMA, que desde os primórdios estiveram presentes nas aldeias e auxiliaram de forma única o trabalho dos salesianos junto aos índios, quer xavantes, quer bororos. Também a revista traz a presença das irmãs Lauritas, tanto nos momentos de "Itinerância" do norte, como de Mato Grosso do Sul. Elas sempre tentaram auxiliar os salesianos na implantação do Reino de Deus em meio às populações indígenas, quer das reservas, quer das aldeias urbanas, como é o caso dos índios de Mato Grosso do Sul.

Essa revista, que cumpriu com sua missão de expressar o trabalho missionário dos salesianos e das FMA numa determinada época, espelhou os pontos altos e as deficiências de organização dos responsáveis por essa atividade determinante na inspetoria. Ao deixar de animar os processos gerados entre os missionários, para anunciar documentos e exigências provenientes do centro da Congregação, apoiada pela nova orientação da Inspetoria, a revista não mais encontrou a devida vitalidade que surgia das iniciativas e dos empreendimentos originários do grupo de salesianos encarregados das comunidades salesianas nas missões e pela "itinerância" junto às aldeias das diversas reservas xavantes e bororos. Mas foi, fora de dúvida, um grandioso documento da extraordinária atividade, genuína e originária dos missionários salesianos, que sempre se dedicaram a promover a glória de Deus na edificação da Igreja entre os povos indígenas.

Publicações

As publicações dos estudos dos salesianos sobre a cultura indígena adquiriu sua maior expressividade quando foram publicados os volumes da Enciclopédia Bororo, da autoria do Pe. César Albisetti e do Pe. Ângelo Jayme Venturelli. Posteriormente temos as obras do Pe. Gonçalo Uchoa, em língua bororo, sobretudo o Novo Testamento e outras publicações. Me. Mário Bordignon publicou um estudo sobre a cultura bororo denominado "Roia e Baile".

Sobre a cultura xavante, os estudiosos Pe.Bartolomeu Giaccaria e o Sr. Adalberto Heide publicaram três textos sobre a cultura Xavante: Xavante Povo Autêntico, os relatos de um grande xavante idoso, "Memórias de Jerônimo" e outros escritos sobre a cultura de iniciação dos xavantes.

Porém, ao lado destes, houve um sem número de publicações do Pe. Georg Lachnitt, mormente, sobre a cultura e os processos de iniciação dos xavantes, sobretudo no que concerne aos rituais. Depois houve inúmeros itens publicados. Assim algumas publicações merecem ser divulgadas;

– Pe. Bartolomeu Giaccaria e Adalberto Heide, sdb – livros de catequese em xavante, para alunos e para catequistas.

– Pe. Georg Lachnitt, sozinho ou com o Pe. Aquilino – publicação de inúmeros textos em xavante, sobretudo textos das sagradas escrituras e manuais da liturgia católica. Porém o Pe. Georg Lachnitt publicara anteriormente os Dicionários xavante-português e português-xavante e um livro de curso para língua xavante. Publicou um livro de iniciação Cristã, depois com o auxílio do Pe. Aquilino publicou:

- Liturgia e Missal – rituais sacramentais em língua xavante
- Os evangelhos de Mateus, Marcos, João e Lucas em xavante

- Lecionários e rituais para as missas em xavante.

– Em termos de livros didáticos Pe. Georg Lachnitt publicou:

- quatro livros de Matemática; um livro de História e Cultura; três livros de Ciências; estes livros para as diversas séries;
- quatro volumes ou livros sobre a alfabetização xavante;
- uma gramática xavante.

– Na edição da UCDB, foram publicados mais de 15 volumes de estudos sobre aulas e sobre a aprendizagem dos xavantes

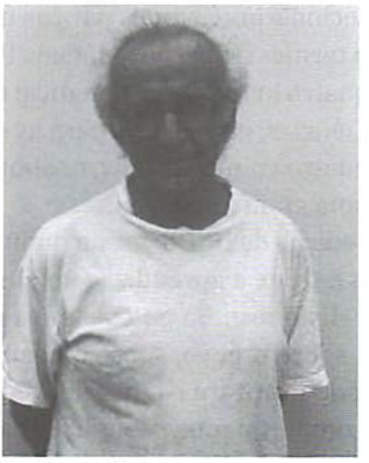
Este resumo ou coletânea de publicações dos salesianos sobre a cultura, sobre o povo, sobre a adaptação da liturgia à língua xavante, sobre a Sagrada Escritura e outros de cunho didático, não pretende ser abrangente, mas simplesmente exemplificar a força dos estudos e da dedicação dos missionários salesianos em oferecer aos povos indígenas uma autêntica iniciação aos estudos, uma progressiva aquisição dos estudos e possibilidades de se colocar como pessoa instruída perante qualquer outra camada social, com que sempre entrariam em contato. Essa contribuição expressa a qualidade da dedicação dos missionários ao povo bororo e xavante. Legitima a amplitude de uma ação e presença missionárias salesianas, conforme o estímulo e o apelo de S. João Bosco.

Resumindo o elenco das publicações salesianas referentes ao estudo, pesquisa e trabalho pedagógico-pastoral, em 2004 sobre Antropologia, 41 publicações; Linguística, 15 publicações; Linguística Aplicada e Textos didáticos, 37 obras; Catequese e Liturgia, 44 obras; diversos, 23 obras.

Sobre essas publicações, duas observações: a primeira indica que a nova modalidade de ser missionário prossegue e exige muito estudo e dedicação. A segunda observação refere-se aos "Livros Didáticos em línguas indígenas!"; uma pena que ainda não se realizou um trabalho de pesquisa para se ter o alcance desses textos em língua dos índios, xavantes ou bororos, ou dos resultados nas escolas mediante a presença desses textos. Hoje, os missionários estão no ponto alto de um trabalho quanto aos textos bíblicos, litúrgicos e de catequese em língua indígena. Todas essas publicações indicam o valor e a dignidade dos missionários salesianos ao entrar em contato com as culturas dos xavantes, dos bororos e de outros povos indígenas.



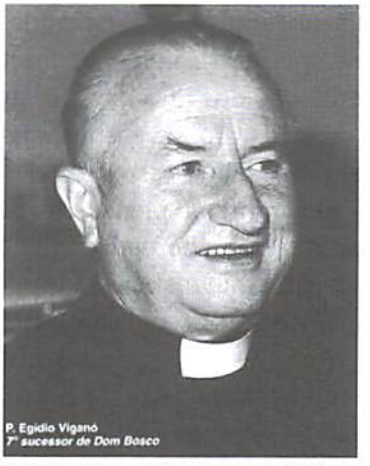
Pe. Danilo Rinaldi



Pe. Pietro Melesi



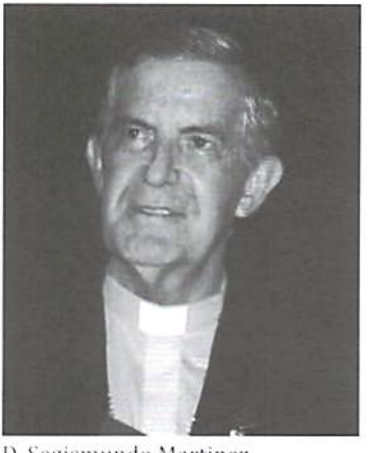
Me. Altair Gonçalo M. da Silva



D. Egidio Viganó, 7° sucessor de D. Bosco



D. Bruno Pedron



D. Segismundo Martinez

Capítulo XVII

As instituições do ensino superior e outros acontecimentos nesse período de 2002-2008

Desde a primeira presença salesiana no Uruguai, de onde partiram os primeiros salesianos para iniciar os trabalhos no antigo Mato Grosso em 18 de junho de 1894, o pensamento em fundar uma universidade sempre esteve presente no coração dos salesianos mais intrépidos, como foi o glorioso D. Lasagna. Mais tarde, D. Emmanuel, então bispo da nova capital de Goiás, Goiânia, concretizou essa ideia através da fundação da Universidade Católica de Goiânia, cujos primeiros cursos datam do final da década de quarenta, quando os salesianos tiveram que deixar para a Inspetoria de Minas Gerais a obra salesiana de Goiânia, o Colégio Atheneu D. Bosco. Somente em 1962, concretizou-se esse sonho para os salesianos de Campo Grande. Finalmente, diante do crescimento do país, populacional e economicamente, os salesianos deram o passo para se iniciar o trabalho no ensino superior. Conforme o fundamento referencial da visão, pode-se até incluir aqui aquilo que sempre impeliu o primeiro diretor do Colégio D. Bosco de Campo Grande, Pe. João Pian; este, em sua despedida do então Reitor-Mor, Pe. Filipe Rinaldi, recebera um legado dele através da exclamação: "Olhe bem Campo Grande! Campo Grande é o Campo Grande! Será de grande futuro para os salesianos!".

De fato, de alguma forma, a predição do Pe. Rinaldi ocorreu com a edificação da única universidade salesiana no Brasil, a Universidade Católica D. Bosco.

Nesse período de início do segundo milênio, a UCDB teve que dar passos significativos para conferir consistência em suas diversas áreas de atuação; em especial foi o tempo de consolidar o ponto mais alto de uma universidade: os cursos de mestrados e de doutorados. As diversas áreas escolhidas para os cursos mestrado e doutorado concorrem com a inserção da instituição no atendimento às necessidades da região toda. Em especial, os cursos de Desenvolvimento Local vieram, ao lado dos cursos em Educação, auxiliar e colaborar com a pesquisa na região e com as possibilidades a serem estudadas para o desenvolvimento desta região. Inserir-se nessa realidade para poder, em seguida, apresentar estudos e possibilidades de investimentos e melhorias para a vida em geral, para a cultura, para a pesquisa social e para a contribuição social com toda a população do país. Cumpre assim a finalidade de uma instituição universitária, a UCDB, quando, desde o passado, publicou

obras que dignificaram a pesquisa dos povos indígenas; agora se abre para outros campos promissores.

Cumpre salientar que o ensino universitário, bem como as instituições salesianas do ensino fundamental, a atividade pastoral missionária e juvenil, todos esses setores estão devidamente empenhados em acompanhar as expressões culturais mais evidentes desse início de século. Em particular, salienta-se a necessidade de estar em sintonia com as características da cultura marcada por dois fatores: a velocidade da comunicação, o simultaneísmo promovido pelos meios de comunicação, em particular os novos aparelhos que reúnem em si o telefone, a internet, o cinema, os rádios, e a televisão; outro ponto significativo desses novos meios é a velocidade da comunicação em tudo. Essa velocidade ocorre em tudo e por tudo, quer na produção, na obtenção das coisas, na confecção de todos os materiais a serem dedicados à ornamentação em geral e, sobretudo, na vivência da intensidade dos momentos. Essas mobilidades em gerar intensidade não conseguem mais vivenciar o tempo de espera... E assim a vida também nas instituições deverá acompanhar essa evolução altamente exigente.

Esse capítulo justamente tem o objetivo de mostrar e documentar o percurso percorrido pela Inspetoria, pela MSMT, para se tornar presente tanto para auxiliar como escola de excelência à formação de crianças, adolescentes e jovens, a todas as famílias, como também, com a ampliação do ensino universitário, realizar para os jovens aquilo que anteriormente os salesianos fizeram com competência mediante os colégios para internos ou escolas profissionais, formar cidadãos competentes profissionais e bons cristãos para a Igreja. Esse é o enfoque do desafio que os salesianos da inspetoria tentariam assumir e cumprir sempre com a proteção de Nossa Senhora e de D. Bosco.

17.1 A animação no setor universitário – os progressos na UCDB

Desde o início de 2002, ocorreram fatos profundamente significativos quanto à competência com que os salesianos atuam no ensino superior. Não consistem esses indicativos uma expressão de um planejamento altamente especulativo, mas expressam a competência e a metodologia assumida pelos salesianos em dar passos concretos, cuja eficácia sempre se evidenciava setorialmente. Não condiz com os salesianos um grande planejamento constituído em alicerces de previsibilidade ampla e distante. Uma sequência de dados concretos indica a maneira com que os salesianos se atualizam em suas conquistas e como progridem na concretude dos passos a serem dados. Os fatos que serão apresentados indicam justamente a concretização de projetos bem evidentes a partir daquela área ou do campo de atuação.

Já no início do ano de 2002, tendo em vista a promoção das atividades culturais na cidade de Corumbá, houve a tentativa de assumir o Projeto

Urucum, de cunho cultural. O esboço desse projeto consistiria na revitalização da casa do antigo 'Círculo Operário", com a fachada para a rua D. Aquino, ao lado da Igreja do Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora. A revitalização desse prédio para fins culturais e a reforma do ambiente do teatro seriam realizadas através de contribuições das verbas governamentais para a promoção da cultura. O projeto foi apresentado ao governo, mas os recursos não foram obtidos, e o projeto foi frustrado.

Nesse tempo, também se iniciaram as conversas e tramitações com o governo do Estado para a transferência do Museu D. Bosco para o Parque das Nações indígenas, ao lado da Avenida Afonso Pena e no prolongamento do parque de reserva florestal. Esse projeto caminhou a passos lentos, desde agosto de 2002 até um ano após. Depois de muitas tratativas, o projeto foi finalizado e assumido pelo Pe. Pierluigi Zuffetti da "Missioni D. Bosco" mediante financiamento e contrato de gestão da Professora Aivone e outros auxiliares. Já no final de 2003, depois de elaborar um contrato de comodato com o governo do Estado, passou-se à etapa seguinte, que viria exigir competência redobrada, a transferência do Museu D. Bosco da Av. Rio Branco para esse prédio cedido pelo governo e a ser preparado para acolher os acervos todos do Museu D. Bosco. No final desse ano de 2003, com a aprovação do financiamento para a preparação e transferência do Museu, este passou a fazer parte integrante da UCDB[1].

Outras questões relativas à UCDB, ou à vida universitária, foram devidamente resolvidas com muita coerência em virtude das expectativas do setor. Os salesianos dedicados às atividades do ensino superior tiveram que participar das reuniões desse setor promovidas pelo Centro da Congregação. No dia 25 de abril, ocorreu a primeira reunião em Brasília, onde se iniciaram as atividades desse setor, que passou a ser denominado de *Instituizioni Salesiane di Educazione Superiore* (IUS), em que se estabele a identidade das Instituições Salesianas de Educação Superior. Em julho desse ano, a reunião foi em Roma; nessa reunião, os salesianos das entidades universitárias programaram as atividades desse setor até o ano de 2007. A integração dos salesianos que trabalham no ensino superior ocorreu daí em diante com todos aqueles que também se dedicam a esta atividade no mundo todo[2].

Outras atividades na UCDB nesse tempo de final de 2002 e durante o ano de 2003, foram dignas de nota. A primeira foi a aprovação do Conselho Inspetorial para que se processasse o projeto de uma Farmácia para a manipulação de remédios. Esse projeto tinha em vista a consistência do curso de Farmácia. Assim surgiu a farmácia na esquina da Rua 13 de Maio ao

[1] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 11/11/2002, p. 198.
[2] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 02/04/2003, p. 183; 18/08/2003, p. 188.

lado do final da construção do prédio do Bloco E, do Colégio D. Bosco. Houve nesse tempo aprovação para abertura de mais cursos na UCDB e propostas possíveis e variadas, como a possibilidade de se abrir um curso de Serviço Social em Dourados e a conjectura de se abrir cursos universitários na cidade de Primavera do Leste, cidade situada na Br 70, próxima da missão de Sangradouro. Houve outras atividades importantes, como o fechamento dos processos em que foram necessários muitos levantamentos para finalmente poder legalizar toda a área dos terrenos onde está situada a UCDB. Foi muito complicado pela natureza diversa de transações ocorridas anteriormente na diocese e que não estavam legalizadas[3].

Na reunião do conselho inspetorial de novembro de 2002, foi apresentada ao conselho a questão de uma oferta de uma instituição de ensino superior de Corumbá – Instituto de Ensino Superior do Pantanal (IESPAN) – houve várias considerações a respeito da aquisição ou não dessa instituição. Pesou consideravelmente a notícia de que outras instituições de Campo Grande estavam interessadas na aquisição dessa faculdade. Se a UCDB não conseguisse uma resposta positiva quanto a essa oferta, uma das consequências seria a dificuldade posterior de abrir outra presença naquela cidade. O conselho ponderou que houvesse um entendimento entre a UCDB e o Santa Teresa de Corumbá quanto à utilização do mesmo prédio, pois havia espaços suficientes para isso. Depois de um bom tempo de negociações e estudos, fechou-se a compra da Instituição, então com quatro cursos em andamento. No ano seguinte, depois de um bom entendimento com o Colégio Santa Teresa, a IESPAN, tendo sido incorporada à UCDB, iniciou sua atuação sob o comando dos salesianos. De modo especial, potenciou-se o curso de zootecnia, devido à fazenda Band'Alta para a parte prática, e organizou-se um projeto para potenciar o curso de direito[4].

Com a mesma intenção de se avaliar com cuidado as novas possibilidades da UCDB, os salesianos receberam também uma proposta de se aliar às Filhas de Maria Auxiliadora para a administração do Hospital de propriedade delas, em Três Lagoas. Interessava sobremaneira esse passo para estar presente na cidade que, nesse tempo, se desenvolvia com muita rapidez. Talvez fosse uma tentativa a ser bem estudada antes de ser completamente assumida pela universidade. Uma suposição futura seria a de que, uma vez de posse de um hospital em atuação, facilitaria de forma decisiva a proposta de se instalar lá uma presença através de um curso de medicina. Depois de vários encontros, chegou-se a um acordo de que o início da passagem da administração do hospital para os salesianos concretizar-se-ia através da es-

[3] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 05/07/2002, p. 165; 167b;
[4] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 05/11/2002, p. 165; 171b, 177.

colha de um gestor indicado pela MSMT. Essas tratativas prolongaram-se até meados do ano de 2004; diante de alguns impasses, as questões tomaram rumos diversos, e não foi possível se concretizar o objetivo principal que seria a transferência da administração do hospital para a UCDB[5].

Durante os anos de 2004-2005, outros acontecimentos determinaram empreendimentos novos na área de atuação da UCDB. O mais importante desses passos foi a preparação de todas as etapas legais, mediante comodato com o governo, para a transferência do Museu D. Bosco para o Parque das Nações indígenas. Pe. Francisco Lima foi nomeado diretor do Museu. Em setembro de 2004, houve um acordo com o Pe. Pierluigi Zuffetti quanto ao financiamento da preparação do ambiente no prédio cedido pelo governo para o traslado do acervo do Museu. Ao lado do Pe. Francisco de Lima, sempre estaria a Professora Aivone, representante do Pe. Zuffetti, da "Missioni D. Bosco"[6].

Nesse ano de 2004, ocorreu a necessidade imperativa de se projetar e iniciar a construção do hospital adrede ao curso de Medicina Veterinária; somente em setembro desse ano, depois da aprovação do projeto pôde-se iniciar a construção desse sobredito hospital. Nesse tempo também, tendo em vista as atividades de projetos do curso de Turismo, a UCDB alugou um hotel perto da cidade de Bonito, às margens do Rio Formoso. A presença desse hotel auxiliou em parte a finalidade de promover o curso de Turismo, mas, depois de alguns anos, teve que ser devolvido aos proprietários[7].

Para completar o montante das atividades significativas que demandavam alguma postura de solução, a direção da UCDB teve que se posicionar quanto às reclamações judiciais dos alunos do curso de direito quanto à questão do pagamento de estágios. Outra situação que demandou muita atenção, acompanhada pelo Sr. Ecônomo Inspetorial, foi a legalização dos terrenos do território da Universidade D. Bosco. Iniciou-se também no final desse ano a conjecturar uma solução para a implantação de ar condicionado nos diversos ambientes dos blocos da UCDB. Iniciou-se uma pesquisa a esse respeito[8].

No ano de 2005, houve alguns acontecimentos importantes para a Universidade. Entre os fatores importantes, realça-se a implantação da presença da UCDB na educação a distância ou EAD, com oferecimento de alguns cursos a serem realizados em todo o país, mediante organização de polos referenciais onde ocorrer candidatos para esses cursos. A preparação de todas as salas para a gravação desses cursos já estava em fase de acabamento

[5] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 03/12/2002, p. 200b.
[6] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 22/09/2004, VIIIReu.
[7] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 22/09/2004, VIIIReu.
[8] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 16/11/2004, IXReu.

nesse tempo. Iniciou-se também o processo de escolha sobre a modalidade de ar refrigerado a ser implantado em todas as dependências do campus. Em agosto desse ano, a UCDB recebeu a visita do Superior Geral da Congregação, Pe. Pascoal Chavez, que aqui esteve presente para a cerimônia de concessão do título "Honoris Causa" para ele. E em novembro do ano anterior, 2004, o diretor do Museu e a Professora Aivone, junto com alguns convidados indígenas, haviam estado em Gênova-Itália para uma exposição dos artefatos indígenas; esse grupo, patrocinado pelo Pe. Zuffetti, teve oportunidade de ir a várias cidades da Itália e da França, onde foram recebidos pelo ancião antropólogo, Lévi Strauss[9].

No ano de 2006, alguns fatos muito importantes determinaram os pontos altos da atividade de promoção e de crescimento na UCDB. O primeiro acontecimento importante que mudou a perspectiva quanto à presença das atividades da universidade na cidade de Corumbá, ocorreu devido à avaliação de encarregados do CNE que opinaram pela não integração dos cursos da IESPAN de Corumbá no rol dos cursos da universidade enquanto tal. Diante dessa avaliação, promoveu-se então na inspetoria o desmembramento das atividades dos cursos superiores da UCDB que já estavam funcionando no Santa Teresa de Corumbá. Desse tempo em diante, os cursos superiores da antiga IESPAN passarão a ser vinculados ao Santa Teresa como Faculdades isoladas e assumidas pela comunidade local[10].

Nesse ano, foram promovidas melhorias significativas em todos os laboratórios da UCDB; outro fato que marcou de forma ímpar a presença da UCDB no Estado e perante os dirigentes políticos de então foi a inauguração do Museu das Culturas, agora situado no prédio cedido em comodato pelo Governo do Estado no Parque das Nações Indígenas, no dia 31 de outubro de 2006. A inauguração do Museu foi marcada pela assinatura de importantes documentos, entre eles o registro do comodato do local cedido pelo governo. Estiveram presentes as autoridades do Estado e, em especial, os secretários das pastas envolvidas, cultura e justiça. A descrição pormenorizada da festa será apresentada posteriormente, no item 34.9 deste capítulo, ao se falar da inauguração do Museu das Culturas D. Bosco[11].

A vida na universidade foi marcada por outros fatos importantes no ano de 2007; o primeiro assinalou a concretização do fechamento dos cursos que funcionavam na vizinha cidade de S. Gabriel do Oeste. Fato lamentável, mas necessário, pois hoje a UCDB conta com mais de 9.000 alunos em todas as suas presenças. Lá funcionavam alguns cursos que perderam a com-

[9] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 16/11/2004, IXReu; 01/06/2005, VReu.
[10] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 26/08/2006, VIIReu.
[11] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 16/02/2007, IReu; 12/03/2007, IIReu.

petitividade por ser a cidade muito restrita em termos de população. Outra novidade foi a adaptação do prédio contíguo à casa inspetorial, na Rua Barão do Rio Branco, depois da saída de lá do acervo do Museu, para que fossem preparadas sete salas de aula cedidas ao funcionamento dos cursos da UCDB. Todo o espaço que anteriormente fora ocupado pela exposição do acervo do Museu D. Bosco, foi reformado para que se tornassem úteis, em especial para a promoção de cursos de Pós-Graduação da Universidade. Em julho desse ano, houve em Roma, na casa Central dos Salesianos, um encontro de reflexão sobre a presença dos salesianos no Ensino Superior. Os salesianos da Inspetoria que estavam presentes nas casas onde havia cursos superiores participaram desse encontro para se atualizar e se confrontar com outros salesianos desse setor, que agora já está presente em muitas regiões do mundo, desde a América até os países do extremo Leste Europeu e da Ásia também[12].

Como a UCDB já estava devidamente organizada com os cursos de mestrados e doutorados, a área de biotecnologia mereceu a atenção especial por um salto de qualidade, marcada por um projeto que fosse altamente técnico e oferecesse um serviço quanto à produção de embriões devidamente manejados e qualificados. O novo projeto aventado para a universidade se lançar no campo do manuseio de embriões em laboratório, denominou-se de MS-Quality. Devidamente estudado e planejado, esse projeto apresentava duas grandes dificuldades e serem superadas: o alto custo dos aparelhos e local adaptado, e técnicos qualificados. Esse projeto tem vista um credenciamento em microbiologia para poder trabalhar com a fertilização *in vitro* e um trabalho de Biologia molecular do DNA bovino. O empreendimento era alto, mas era previsto um retorno condizente com os altos custos iniciais. Depois que tudo estivesse pronto e com a presença dos técnicos, após o credenciamento, a etapa seguinte seria a conquista de uma fatia do mercado, de expressiva movimentação, para se poder alcançar parte dessa faixa do mercado. Assim que tudo estivesse funcionando, esperava-se um salto de qualidade nesse setor, quanto ao encaminhamento de pesquisas e de confiabilidade no setor da Medicina Veterinária da universidade. A previsão era de que já no final do ano tudo estivesse em condições de pleno funcionamento[13].

Quanto ao financiamento desse empreendimento do MS-Quality, esperava-se que a fundação Tuiuiú conseguisse junto ao governo algum financiamento; a decepção foi grande, pois nada conseguiu, nem mesmo havia previsão de poder conseguir. Da mesma forma, a UCDB esteve preocupada com a outra Fundação, a D. Bosco, que serve de base para o funcionamento da Rádio FM.

[12] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 26/08/2006, VIIReu.
[13] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 10/06/2006, VReu; 03/09/2007, VIIReu.

No final do ano de 2007, houve um encontro de avaliação sobre as avaliações dos cursos pelo MEC, tanto da graduação como dos cursos de mestrado e doutorado. Nessa reunião, também foi notificada a insistência de se investir nos cursos promovidos pela EAD, uma vez que foram devidamente avaliados e aprovados pelo MEC. Por outro lado, falou-se da necessidade de se realizar constantes escolhas quanto aos cursos, pois as variações são constantes[14].

Uma notificação digna de nota surgiu da professora Margarita Victoria Rodríguez, coordenadora da comissão de avaliação, que em um comunicado manifestou-se sobre a importância dessa nota máxima, cinco, para o mestrado em educação; afirmou que "a nota cinco confere maior credibilidade e visibilidade acadêmica do Programa da Católica e o coloca como referência em educação no país!". Na reunião do Conselho Inspetorial de 16 de outubro de 2007, o Pe. Inspetor propôs aos dirigentes da UCDB que, ao lado dessa avaliação, caberia a inclusão, nesse programa de Mestrado em Educação, uma nova linha de pesquisa cujo título seria: Educação Salesiana e Sistema Preventivo – Pedagogia Salesiana, Espiritualidade Salesiana na formação dos jovens e Historiografia da Presença Salesiana no Brasil. Embora excelente, a proposta não foi assumida pelos dirigentes da UCDB.

Outro grande passo ocorrido na UCDB nesse final de ano foi a presença do atendimento a pacientes das clínicas e outros pelo SUS que foi conveniado com a instituição. Esse serviço garante a presença de profissionais e estagiários em seus tempos de estágio obrigatório; esta foi uma das modalidades de se integrar como prestação de serviço aos mais necessitados[15].

Por fim, notifica-se a presença do Pe. Zuffetti, em maio de 2007, para o planejamento da ordenação das exposições e calcular a questão da climatização necessária de todo o ambiente do novo prédio do Museu das Culturas Indígenas ou Museu D. Bosco. Depois de sua presença, foi organizado um organograma de gerenciamento das obras necessárias para a implantação da climatização para que se complementasse o projeto de edificação das exposições e apresentações das coleções existentes aos visitantes.

17.2 Interpelações sobre o ensino superior por parte do governo central da Congregação

No meio do ano de 2005, justamente quando os passos se concretizavam para a instalação do Centro Universitário Unisalesiano de Lins, Araçatuba, chegou um documento oficial do Conselho Superior de Roma, as-

[14] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 07/08/2007, VIReu; 04/11/2007, IXReu.

[15] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 16/10/2007, IXReu; Anexo n. 8.

sinado pelo Pe. Domenec, conselheiro encarregado da Pastoral Juvenil. Este, a pedido do Reitor-Mor, apresentou todos os pontos que o Conselho Geral julgava inconsistentes ou portadores de uma visão disforme com a realidade projetada ou prevista. Para estudar, considerar e elaborar as respostas justas a esse documento, foi convocada uma reunião do Conselho Inspetorial no dia 29 de junho de 2005. Nessa reunião, o documento interpelativo foi devidamente apreciado em seu conjunto e em suas peculiaridades. Houve a aceitação dos questionamentos em suas reais possibilidades de se tornarem um caminho sem retorno, que conduzisse a uma descomunal atitude que se transformasse numa espécie de "elefante branco" para o futuro da Inspetoria. Depois de analisar o documento vindo do Centro da Congregação, os conselheiros aprovaram, então, os itens que deveriam constar em um documento de justificativa histórica, que fundamentam esses passos assumidos como inspetoria, em relação aos empreendimentos para o desenvolvimento do ensino superior.

Foi elaborado um documento completo em que, além de historiar todos os passos da inspetoria nessa direção, desde mais de 50 anos atrás, apresentou-se uma projeção mais nítida e recalculada quanto às previsões dos números de alunos por instituição, UCDB, Lins, Araçatuba, Cuiabá e Corumbá. Reconheceu-se o erro quanto ao exagero de algumas previsões para os próximos cinco anos. Após isso e a consolidação do plano para o ensino superior como atividade normal da inspetoria, foi anexada uma carta que resumia e expressava a consistência de tudo o que se tinha afirmado no texto sobre o ensino superior na Inspetoria.

As afirmações ou explicações desse grande embate provocado pelo questionamento do Conselho Superior da Congregação, bem como todos os documentos elaborados e enviados como respostas, justificativas e explicativas, dos planos a serem executados, em especial em Araçatuba, Lins e Cuiabá, estão devidamente relatados no conteúdo da Ata da reunião do Conselho Inspetorial no 29/06/2005. A complementação de todo o roteiro da resposta está em 4 anexos específicos dessa ata[16].

Na carta do Pe. Antônio Domenec, foi transcrita uma projeção do crescimento do ensino superior na Inspetoria a partir de 2001 a 2003; ao confrontar essas afirmações com as projeções apresentadas pela unidade de Araçatuba, um pouco fora da realidade segundo a progressividade apresentada, surgiu o questionamento do Conselho Geral da Congregação. Essa foi uma das causas principais dos questionamentos; em seguida cita uma visita do Pe. Vecchi do ano 2000, em que insiste que, no ensino superior, os

[16] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 29/06/2005, VIReu, 4 Anexos; 03/08/2005, VIIReu.

salesianos deveriam "garantir a presença salesiana, a orientação e os valores salesianos... e a dimensão dessas instituições universitárias deve estar de acordo com o pessoal disponível e as exigências de uma inspetoria essencialmente missionária" (Anexo 2).

Além da observação primeira da discrepância das projeções quanto ao número de alunos, essa citação veio de acordo com algumas observações enviadas por alguns salesianos que não concordavam com o avanço do ensino superior na Inspetoria e denunciaram o inspetor desse tempo como o responsável por todo o conjunto de medidas. Entretanto os documentos mostram que, desde o ano 2000 a expansão do ensino superior já fora assumida pela inspetoria com as expectativas de crescimento. A instalação do ensino superior em Cuiabá ocorrera como decisão desse tempo. Tudo fora decidido anteriormente, e esses poucos salesianos, dentre os quais alguns que trabalhavam nas missões e pouco hábeis em melhor desenvolver o seu trabalho, decidiram relatar esse fato ao Reitor-Mor.

Nesse documento, por fim, foi apresentada a questão da construção do conjunto de prédios para o Unisalesiano de Araçatuba, mas antes o mesmo Conselho Geral já aprovara a aquisição do terreno para essa edificação. A inspetoria sabia desde sempre que, para a construção futura, haveria sempre de se seguir a norma administrativa da Congregação e pedir a licença do Conselho Geral. Jamais a inspetoria pensou em ludibriar as normas da Congregação em qualquer um de seus itens. Essas foram as questões apresentadas pelo documento do Pe. Antônio Domenec; a conclusão era clara: suspendia qualquer pedido de início das construções e aguardava os esclarecimentos da inspetoria para dar prosseguimento aos processos normais de aprovação dos projetos.

Diante desse impasse imprevisível pela direção da inspetoria, em consenso com o Conselho Inspetorial e com o apoio do Regional, Pe. Helvécio Baruffi, foi elaborado o Anexo n. 3, cujas partes principais indicavam a realidade histórica da inspetoria e a sequência das decisões atuais.

Esse documento apresenta a história das diversas atividades pastorais e pedagógicas da Inspetoria, desde o seu início até os tempos atuais. Indica que sempre houve aprovação dos capítulos inspetoriais quanto à progressividade da expansão do Ensino Superior na Inspetoria; ao final apresenta a aprovação da fundação do Centro Universitário no Oeste Paulista referente ao item nº 39 do capítulo inspetorial 20.

Em seguida, o documento apresenta especial projeção para cada instituição de 2002 até o ano de 2005; mostra que os pedidos de bispos e de outras autoridades não se relacionam mais ao ensino fundamental, mas que os salesianos criem instituições universitárias; inúmeros foram os pedidos nesse sentido, e duas cidades em especial esperavam a concretização dessas

solicitações, Cáceres, MT, e Primavera do Leste, MT. Foram correlacionadas novas previsões para cada instituição para os anos seguintes, de 2006 até 2007. Esses números foram essenciais para eliminar o erro projecional dos documentos enviados anteriormente.

Por fim, esse documento justifica e fundamenta que esse trabalho irá consistir na garantia da continuidade do carisma salesiano em seu pleno vigor em relação aos salesianos que hoje se esforçam, como no tempo de D. Bosco, para a aquisição de títulos de mestres e doutores, para se capacitarem para esse setor. Afirma que as posturas salesianas continuarão presentes, e a eficácia do carisma salesiano estará presente, de modo especial na promoção da pastoral juvenil universitária e em possibilidades vocacionais consistentes.

A carta de apresentação desses documentos consiste no Anexo n. 4; nele estão resumidos os passos estudados e muito simples, mas coerentes, expressa o agradecimento e o apreço pelas observações que levaram a todos da Inspetoria se posicionar com maior atenção e dedicação para a edificação de obras competentes no setor universitário.

Após essas ocorrências, as expectativas foram altamente intensas enquanto se aguardavam as soluções diante desse possível impasse. As bênçãos de Deus se concretizaram para o prosseguimento dos projetos, através das orações dos irmãos e da intervenção sábia do nosso Regional, Pe. Helvécio Baruffi, que testemunhou com sua palavra a seriedade e plausibilidade dos projetos da Inspetoria de Campo Grande no setor do Ensino Superior. Assim tudo foi esclarecido, e a realidade atual atesta a honestidade da postura dos conselheiros e do inspetor daquele tempo, bem como da grandeza de amor a D. Bosco dos salesianos que levaram avante a execução dos projetos. Hoje eles agradecem a D. Bosco e a Nossa Senhora as bênçãos concedidas apesar dos tantos sobressaltos e contratempos, mas conseguiram realizar obras memoráveis, que atestam a grandeza de dedicação a obras em prol da educação dos jovens segundo o espírito salesiano.

17.3 O Unisalesiano de Lins-Araçatuba

A partir do desenvolvimento do Ensino Superior nas obras de MSMT, aqui estará relacionada a história dos passos oficiais a esse respeito quanto à preparação da unidade de ensino superior sediada em Lins e, posteriormente, em Araçatuba. A inspetoria sabia de antemão que o pedido de um Centro Universitário implicaria um tempo longo de preparação e um processo exigente, devido às características a serem avaliadas pelas comissões do CNE. Depois da aprovação da Inspetoria, sob o governo do Pe. José Winkler, em uma reunião em Araçatuba, com a presença do Ecônomo Inspetorial,

Pe. Segismundo Martinez, foi assinado o convênio entre a casa de Lins com o Escritório Muriel de Belo Horizonte, para a preparação e montagem do PDI do Centro Universitário Auxilium, que abrangeria os cursos superiores de Lins, da FAL das FMA e da casa de Araçatuba. Estando presente o Pe. Segismundo Martinez, foi assinado também o contrato para a preparação do PDI referente à instalação de cursos superiores em Cuiabá. Esse contrato fora assinado no início de abril de 2002, em agosto deveria estar pronto, de acordo com o contrato o PDI para ser protocolado junto ao CNE, em Brasília. Convém assinalar que o Centro Universitário foi concebido com a anuência da participação das FMA, com suas faculdades sediadas em Lins; sua instituição denominada de FAL deveria fazer parte integrante do Centro Universitário pela incorporação de seus cursos nessa nova instituição, que abrangeria os cursos de Araçatuba também. Até essa data, as FMA haviam dado sinal de anuência quanto à sua inclusão, mas permaneceriam tácitas quanto ao convênio necessário a ser estabelecido entre a mantenedora delas e a MSMT[17].

Ainda no ano de 2003, na reunião do Conselho Inspetorial de novembro de 2002, foi aprovado o plano diretor e arquitetônico para as modificações e adaptações da casa de Lins, para melhorar o desenvolvimento dos cursos e o atendimento aos alunos; em especial visava esse plano a melhorias para o progresso dos cursos de saúde e de Educação Física. O Conselho pediu que se iniciassem logo as reformas necessárias. Na reunião seguinte, os conselheiros pediram que as comunidades de Araçatuba e de Lins estudassem a questão da implantação dos cursos solicitados ao CNE. Por outro lado, também pediram que estudassem as modalidades de um plano de cooperação que já havia sido assinado entre as FMA e a MSMT. Assim terminou o andamento de implantação do Centro Universitário nesse ano de 2002[18].

No ano seguinte, 2003, em março, o Pe. Inspetor pediu que se realizasse um encontro com os salesianos de Lins e as FMA para que se estudassem as condições do acordo de integração da FAL no Centro Universitário. Nesse ano, em Araçatuba, já funcionavam seis cursos universitários, estando programados para 2004 mais cinco cursos.

Na reunião do Conselho Inspetorial, que ocorreu na também na cidade de Lins, o plano de execução da planta do futuro centro universitário foi apresentado pela comunidade como impossível de execução no local programado, na fazenda que fora adquirida para essa finalidade. Esse terreno ficava de frente ao Country Club e fora adquirido numa situação de conveniência quanto ao preço, e agora a comunidade salesiana de Lins se colocava contra esse projeto. Sendo modificado o projeto, mais tarde ele iria ser iniciado

[17] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 26/04/2002, p. 161-161b.
[18] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 03-11/11/2002, p. 174b.

mesmo contra a vontade da comunidade daquele tempo. Resolveu-se que a inspetoria iria auxiliar a execução do projeto, e este seria iniciado com um contrato para a terraplanagem dos diversos blocos a serem edificados. Foi uma situação constrangedora, mas deveria prosseguir o projeto inicial de se preparar um ambiente necessário para comportar o desenvolvimento dos cursos, no futuro[19].

Na reunião do conselho inspetorial de 1º de outubro de 2003, apresentou-se o fato de que uma comissão do CNE havia visitado as três instituições, salesianos de Lins, FMA da FAL e os Salesianos de Araçatuba reunidos em um Centro Universitário. A decisão do conselho nesse sentido foi a de se criar uma comissão, que, no espaço de seis meses ou um ano, realizasse o plano dessa passagem e cumprisse com todas as tarefas determinadas pelo MEC. Depois de muito diálogo, chegou-se à conclusão de que o Pe. Inspetor e o Pe. Paulo Fernando iriam conversar com os salesianos dessas duas obras sobre os vários aspectos desse trabalho, que envolveria a organização dessas duas casas. Em especial, assinalou-se que deveriam ser muito bem estudadas as questões envolventes, em especial as questões jurídicas, trabalhistas e o aspecto acadêmico. O resultado desse encontro com os salesianos, tanto da casa de Lins, como de Araçatuba, foi relatado na reunião do Conselho Inspetorial do mês seguinte. Decidiu-se que fosse instituída uma comissão que levasse adiante todo o processo de implantação do Centro Universitário. Seria essa comissão formada por salesianos das duas casas e, se necessário, assessores especiais para auxiliar. Pe. Osvaldo dos Santos foi indicado como presidente da casa de Lins, e o Pe. Luigi Fávero, de Araçatuba, como relações públicas. O roteiro seria tratado a partir da indicação de quatro comissões devidamente individualizadas pelas áreas de competência, e os nomes dos participantes dessas comissões seriam indicados pelos salesianos das duas casas. A comissão central passaria a coordenar o trabalho das comissões específicas e sempre manteria o Centro Inspetorial informado sobre a progressividade dos trabalhos, pois o relator do processo no CNE poderia, a qualquer momento, vir visitar a instituição para examinar os procedimentos institucionais adotados. Descobriu-se que o trabalho seria bem maior que o esperado. Dessa forma, em Araçatuba, o trabalho da Universidade Aberta (UNA), foi integrada à obra salesiana[20].

Com a saída do diretor da comunidade de Lins, no início do ano 2004, Pe. Edmilson Tadeu foi designado a participar da comunidade do Instituto Teológico Pio XI-SP, e Pe. Paulo Fernando deixou a função de ser ecônomo inspetorial para assumir a direção dessa casa. Na reunião do Conselho

[19] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 03-02/04/2003, p. 182b; 16/09/2003. p. 190.
[20] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 03-01/10/2003, p. 193b; 11/11/2003, p. 196.

Inspetorial de agosto, foi apresentado aos conselheiros um relatório referente às diversas avaliações da comissão do CNE, tanto das faculdades dos salesianos, de Lins e de Araçatuba, bem como dos cursos da FAL. As recomendações deixadas pela comissão de avaliação foram claras, em especial quanto aos cursos que obtiveram avaliações baixas. A comissão do CNA deixou no relatório o laudo de aprovação do projeto, mas deixou, no final, as recomendações a serem cumpridas para a aprovação definitiva. Sumariamente, a última recomendação resume todo o documento: "que se refaça um cronograma que reflita o plano atualizado do Centro Universitário"[21].

No início do ano de 2005, os salesianos de Lins receberam uma proposta de venda do prédio, relativamente novo da UNIMEP, onde funcionaram por muitos anos alguns cursos universitários, em especial o curso de odontologia. Após dois encontros com os dirigentes ou representantes, Pe. Paulo, diretor da casa de Lins, comunicou ao Conselho Inspetorial que seria simplesmente impossível essa transferência, devido a vários motivos, entre eles também a diferença de religião, por parte deles.

No final do mês de abril, o Centro Universitário Auxilium recebeu a visita de três conselheiros do CNE para a verificação das providências adotadas pela instituição quanto às recomendações da primeira comissão de avaliação do CNE. Conforme o diretor, que disse aos conselheiros inspetoriais que tudo fora preparado devidamente para se obter uma avaliação positiva, como de fato ocorreu. A direção do Centro Universitário estava tranquila, e a visita foi bem sucedida. Cumpriram-se todas as exigências solicitadas, e assim, no dia 02 de agosto de 2005 foi publicada a portaria de aprovação do Centro Universitário. Essa portaria n. 2.701 de 29 de julho de 2005 tem como base dois artigos: o primeiro credencia o Centro Universitário Salesiano Auxilium, com sede em Lins, SP, por três anos. O segundo determina que, dentro de noventa dias, deve ser apresentado o Plano de Desenvolvimento Institucional e o Estatuto adequados à nova natureza institucional[22].

Imediatamente foram tomadas as providências para se estabelecer a organização institucional do Novo Centro Universitário (Unisalesiano), em conformidade com as modalidades pedidas pelos novos Estatutos. Da mesma forma, foi instituído um plano de Desenvolvimento Institucional conforme fora exigido pela portaria de instituição do Unisalesiano. Concretizava-se assim um passo juridicamente legal, e como tal a nova instituição exigiria muita dedicação e novos passos a serem concretizados em todas as dimensões. Duas iriam ser portadoras de grandes tentativas: as novas construções

[21] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 12/08/2004, VIReu; Anexo 5.
[22] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 03/02/2005, II Reu; 03/09/2005, VIIR, Anexo 9.

e o convênio com as Filhas de Maria Auxiliadora. Ao finalizar o ano, chegaram a um acordo provisório de um ano de validade, o ano de 2006. Nesse convênio, fora estabelecido que uma FMA ocuparia a direção dos cursos que ainda funcionariam no prédio da antiga FAL[23].

Durante o ano de 2006, houve várias reuniões com as FMA para se chegar a um acordo sobre o convênio no Unisalesiano. Depois de mais de cinco reuniões e variadas propostas, em outubro desse ano de 2006, foram esclarecidos todos os pontos em que não se poderia aceitar as propostas contidas em suas afirmações. Por fim, juiridicamente, foi exposta uma conclusão: "caso não haja convergência com o teor dessa proposta, a MSMT retorna ao acordo de vigência de 2002, em que se considera em caso de discordância o abandono do acordo". O texto completo está no Anexo n. 11 da ata da reunião do Conselho Inspetorial de 2 de outubro de 2006. Na reunião do Conselho Inspetorial de dezembro, consta no anexo n. 6 a resposta da Madre Inspetora Ir. Rosalba Perotti, em que apresentou todo o novo convênio condicionando a aprovação às sugestões que lhe foram enviadas anteriormente. Encerrava-se assim uma verdadeira batalha para a união do trabalho no Unisalesiano também com a presença das FMA[24].

Uma vez solucionado o problema do convênio com as FMA, sendo imediatamente contratadas três FMA pela nova instituição, em março foi assinado pela MSMT e a Inspetoria das FMA o acordo definitivo quanto à presença das FMA nessa nova instituição. A questão próxima a ser solucionada seria sobre onde e como construir uma sede capaz de acolher todos os novos cursos e laboratórios necessários. Inicialmente decidiu-se que a construção não seria conveniente onde haviam sido preparados os vários patamares de aterro para os prédios novos na fazenda então adquirida e preparada para tal, porém não foi conveniente prosseguir nesse rumo para a solução sobre as construções para o Unisalesiano. Se o ano de 2006 foi reservado para solucionar a questão da presença das FMA nesse projeto, o ano de 2007 seria também o tempo de se solucionar a questão da sede institucional do Unisalesiano.

Nesse sentido, houve várias tentativas em encontrar o local ideal para essa construção. Em maio, ocorreu a tentativa de se adquirir o terreno da antiga Garavello; o leilão ultrapassou o valor cogitado e, depois de 17 lances, houve a desistência, e o Bertin conseguiu o terreno. Depois ainda houve a tentativa de se adquirir o terreno todo do Seminário antigo, mas não se concretizou também.

Por fim, em agosto, as FMA ofertaram o terreno, exceto o prédio da antiga FAL, incluindo a casa residencial; como hipótese de se construir aí a

[23] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 05/10/2005, IXReu.
[24] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 11/12/2006, XReu.

sede futura do Unisalesiano, houve certa segurança nessa proposta. Depois de avaliações dignamente apresentadas por empresas do setor imobiliário de Lins, os salesianos resolveram adquirir o terreno todo, incluindo os lotes finais do terreno. Conforme o laudo de avaliação (Anexo n. 13 da reunião do Conselho Inspetorial de 07/08/2007), foi adquirido todo o terreno da antiga FAL; surgiu o plano de se edificar um prédio perpendicular ao prédio da FAL para sediar o Unisalesiano, incluindo o prédio antigo. Foram feitas as plantas respectivas e, quando tudo estava marchando para a conclusão, as FMA não admitiram de forma alguma vender para os salesianos o prédio antigo da FAL; houve um impasse inesperado, pois não haviam se pronunciado assim quanto à venda do prédio. A decisão foi constrangedora, e mais uma vez as iniciativas de se montar um projeto para a sede do Unisalesiano foram inúteis[25].

Quanto ao problema da sede do Unisalesiano em Lins somente foi resolvido depois destas inúmeras tentativas. Cogitou-se um novo prédio e uma nova entrada para o futuro, a partir de um projeto de construção onde antes estava situada a primeira quadra coberta. Na reunião de abril de 2008, depois de encerrar os procedimentos jurídicos pendentes com as FMA, apresentou-se então nova planta de construção de um prédio de quatro andares para comportar, unido ao antigo prédio das clínicas e do Colégio D. Henrique, a presença dos novos cursos que, em breve, deixariam a antiga sede da FAL e passariam a ocupar os espaços nesse novo prédio e nas demais partes dos prédios já existentes. Esse prédio deveria ser construído logo, e as duas propriedades adquiridas anteriormente para sediar o Unisalesiano seriam vendidas para obter recursos para a construção de novo prédio projetado ao lado dos outros do Colégio D. Henrique.

Depois de algum tempo, houve o aviso por parte das FMA que os cursos da antiga FAL poderiam permanecer no prédio ainda por um ano, vale dizer até 2009. Dessa forma, houve a aprovação desse novo projeto e, em seguida, foi contratada a construtora que havia realizado a construção do prédio do Unisalesiano de Araçatuba. Terminava assim uma longa história cheia de tantos percalços e também rica de perseverança por parte dos salesianos, que desejavam progredir nesse empreendimento tão esperado ao longo de quase seis anos. A inspetoria se enriquecia com uma solução técnica para esse novo Centro Universitário Salesiano Auxilium, herdeiro de tantos e abnegados trabalhos dos antigos salesianos, que conseguiram realizar a passagem do colégio de internos para as Faculdades que perduram firmes até o tempo presente[26].

[25] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 16/10/2007, VIIIReu.
[26] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 23/04/2008, IIReu (Anexos n. 2, 3, 4);

17.4 O Unisalesiano em Araçatuba

A presença do ensino universitário em Araçatuba marcou o trabalho dos salesianos desde que a presença do pré-Aspirantado havia cessado; houve um crescimento do colégio para os externos e, por outro lado, o noturno cresceu com as faculdades existentes no início, faculdade de contabilidade e depois os cursos técnicos de informática.

Com a chegada do Pe. Luigi, as previsões em aumentar a presença do ensino superior naquela instituição criaram uma boa expectativa. Primeiramente foram implantados novos cursos na área da saúde e outros que passaram a funcionar no prédio do Colégio D. Lasagna. O primeiro sinal da expansão do ensino superior sob a direção do Pe. Luigi foi a incorporação de uma área para a construção de ambientes para atender à necessidade de demanda dos próprios cursos. Na reunião do Conselho Inspetorial de 15 até 19 de setembro de 2003, uma parte consistiu na visita de todos os conselheiros à Una – Universidade Aberta da Terceira Idade – que como instituição desejava ser anexada às faculdades salesianas. Em seguida, foi mostrado aos conselheiros o prédio do Colégio Objetivo a ser alugado no ano de 2004, para ali funcionar os cursos do ensino superior autorizados pelo MEC, de modo especial os cursos de Enfermagem e de Fisioterapia, por causa dos ambientes da Una que seriam utilizados para os estágios. Na reunião posterior, na casa dos salesianos, foram apresentados os dados significativos de pesquisas sobre a cidade de Araçatuba, que teria condições de acolher vários cursos superiores. Nesse tempo, a casa possuía 6 cursos superiores em funcionamento; estes cursos estavam apenas nos primeiros semestres e exigiam espaços adequados para os próximos anos. Assim o aluguel do prédio do Objetivo atenderia a demanda por algum tempo, posteriormente necessitaria uma providência mais ampla. Em novembro de 2003, foi aprovada no conselho desse dia a inclusão da Una como parte integrante do futuro Centro Universitário a ser instituído pelos salesianos de Lins, Araçatuba, e pelas FMA da FAL[27].

No ano seguinte, 2004, foi elaborado e aprovado o projeto das Clínicas a ser construído no terreno da Una, cuja inauguração ocorreu em outubro do mesmo ano. Esse gesto de coroamento dos ambientes das Clínicas simbolizou o alcance sonhado para os próximos anos no progressivo aumento dos cursos do ensino superior liderado pelos salesianos, em especial pelo Pe. Luigi Fávero. Tendo em vista que os cursos atuais iriam necessitar de um ambiente para salas de aula, momentaneamente o problema seria solucionado pelo aluguel do prédio do colégio Objetivo. Porém essa solução aguardava

23/07/2008, IIIReu.

[27] Atas do Conselho Inspetorial – 1996-2003. 16/09/2003, p. 189b; 11/11/2003, p. 196.

a seguinte: onde e como projetar o futuro para acolher o crescimento do ensino superior nessa cidade? Assim na reunião do Conselho Inspetorial de dezembro foi constatada a necessidade de um grande investimento em Araçatuba para acolher devidamente a grande expansão dos cursos superiores registrada nessa instituição[28].

No ano de 2005, em Araçatuba, o grande problema. Depois de conseguir a solução para os cursos com o aluguel do prédio do Objetivo e da inauguração dos ambientes das Clínicas para os atendimentos na área de saúde, desde o início pensou-se na necessidade de se adquirir uma área para a implantação definitiva do Unisalesiano. Esse local deveria atender a algumas necessidades essenciais: área grande, proximidade das vias de comunicação e, sobretudo, lugar plausível para o projeto de hoje e para uma série de anos seguintes, que seriam marcados pelo constante aumento ou mudanças de cursos e necessidades dos ambientes necessários para se implantar laboratórios, espaços para ambientes para as práticas de cada curso, mas que fosse um local acolhedor e permitisse aos alunos provenientes de outras cidades ter facilidade de acesso. O local escolhido e muito bem situado foi adquirido no mês de março de 2005; no mês seguinte, ao apresentar a planta dos ambientes a serem construídos nesse novo local, foi apresentada a sugestão de se adquirir mais dois alqueires para que a área não se tornasse restrita com o passar dos tempos[29].

Ainda nesse ano de 2005, foi apresentada a possibilidade de o Unisalesiano assumir a responsabilidade do cuidado ambiental de uma extensa área urbana que margeia o córrego que atravessa uma parte da cidade até o zoológico. Depois de muitas tratativas, o projeto ficou inviabilizado por questões burocráticas da prefeitura.

O ano seguinte foi marcado pela inauguração do primeiro pavilhão do prédio central do Unisalesiano em Araçatuba. A construção correspondeu às expectativas, e a apresentação do prédio, precedida pela maravilhosa, bela faixa de jardins bem distribuídos e devidamente cuidados conforme o gosto e a grande capacidade do Pe. Jair Ribeiro Gonçalves, tornava tudo muito expressivo e belo. A igreja ao lado também correspondeu às expectativas quanto à simplicidade e grandiosidade. Mais ainda quando tudo se apresenta rodeado pelos jardins e pelas palmeiras imperiais, tudo muito bem planejado. Esse conjunto foi inaugurado depois que nele já haviam iniciado as aulas nesse ano de 2006. A construção, seguindo um rápido cronograma, foi concluída dentro do tempo previsto para que o ano escolar se iniciasse justamente em início de fevereiro desse ano glorioso de 2006.

[28] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 01/12/2004, XReu.
[29] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 03/02/2005, IReu; 22/04/2005, IIIReu (Anexos n. 2; 3; 4.

Assim a festa de inauguração completou com sua intensa solenidade a grandeza do que ali se iniciava; de fato a festa marcou a nova etapa para o Unisalesiano. Ocorreu como entrega de uma grande obra, de uma grande novidade na região e, para as cidades vizinhas, uma nova e bela referência onde os jovens poderiam concretizar suas escolhas profissionais, mediante a participação dos vários cursos oferecidos e que viriam a ser instituídos proximamente. Conforme o texto comemorativo, "no dia 24 de fevereiro de 2006, a inauguração do Unisalesiano contou com a presença do governador do Estado em exercício, Cláudio Lembo; do senador da República, Romeu Tuma; do bispo de Araçatuba, D. Sérgio Krzywy; do então presidente da MSMT, Pe. Afonso de Castro; do ex-prefeito de Araçatuba, Jorge Maluly Neto, de salesianos de várias cidades e de outras autoridades civis, militares e eclesiásticas"[30].

A inauguração do conjunto de prédios novos ocorreu debaixo de um verdadeiro vendaval que caía justamente no momento inicial. Uma verdadeira tempestade que veio mostrar a consistência de todas as construções. Valeu como passo concretizado e como grande contribuição para o desenvolvimento da região onde se situa. Ainda nesse ano, precisamente em junho, foi aprovado o cronograma para a construção de outro pavilhão para completar os ambientes necessários para as atividades de laboratório e especiais para cada curso. Depois de iniciado o outro empreendimento, a dificuldade foi cobrir os gastos dentro do cronograma estipulado, mas a palavra empenhada do Pe. Luigi haveria de garantir que todos os gastos seriam devidamente supridos com o tempo[31].

No ano de 2007, os investimentos para o Unisalesiano de Araçatuba referiam-se ao término das construções e ao imperativo de mobiliar devidamente o prédio todo, para que pudesse acolher os alunos dignamente. Embora a previsão quanto ao número de aluno fosse alta, talvez 5.000 alunos, nesse semestre, porém, houve somente 3.200 matrículas; esse fato veio gerar também uma revisão quanto à reposição dos gastos com a empreiteira. Somente em setembro, como fora previsto, depois de encerrado o trabalho da construtora na obra, foi possível fazer um planejamento de reposição do montante gasto. Dessa forma, foi feito de comum acordo um roteiro para que o Unisalesiano, agora sem construções, pudesse se organizar financeiramente e pensar no futuro depois da reposição do que foi gasto nas construções. Sem dúvida, a obra foi grandiosa, e o número de alunos iria crescer; os passos futuros estariam em consonância sempre com os novos cursos solicitados e com as possibilidades de empreendimento financeiro[32].

[30] Unisalesiano. Araçatuba - 100 anos de história - 1908-2008. Unisalesiano, p. 31.
[31] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 10/08/2006, VIReu.
[32] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 03/09/2007, VIIReu.

Sem dúvida que as novas instalações do Unisalesiano em Araçatuba, com o número de alunos sempre crescendo com a implantação de novos cursos, todo esse conjunto tornara-se uma nova realidade concretizada em Araçatuba, para alegria e admiração de todos os salesianos e professores de outras instituições na Inspetoria. No dia 14 de setembro de 2007, em reunião do conselho com a presença dos salesianos integrados no Ensino Superior, ao tomar a palavra, Pe. Luigi explicou o processo utilizado para se poder atingir o ponto de hoje. Houve momentos difíceis, mas hoje as construções estão finalizadas e tudo devidamente pago. Houve problemas muito graves na concorrência com outras entidades do setor. As últimas melhorias foram: inauguração do tribunal do júri, situado ao lado da UNA; também foi realizado um projeto "guarda-chuva" com a Santa Casa, para um provável curso de medicina. Espera-se a conveniência ou não de se implantar esse projeto. Pe. Luigi afirmou para os irmãos presentes que não se pode perder a coragem e a ousadia nesse setor. Ao ser interrogado sobre os jardins e a Igreja, respondeu que os jardins e a Igreja fazem a diferença. A Igreja se apresenta como proteção e indica tacitamente a identidade da obra e sempre foi a nossa proteção. Os jardins e a beleza estética externa do prédio contribuem sempre para que o ambiente seja agradável e acolhedor. Depois ainda acrescentou que, com o tempo, o crescimento através de novos cursos e de novos ambientes para laboratórios apropriados será uma grande realidade com força para expandir e melhorar sempre em todas as dimensões do ensino superior[33].

17.5 O Ensino Universitário em Coxipó e em Corumbá

Desde o ano 2000 que os salesianos pensavam em estabelecer uma instituição universitária em Cuiabá; houve, durante quase dois anos, salesianos empenhados em estudar as possibilidades para que fosse viável uma decisão do Conselho Inspetorial a esse respeito. Depois de 2002, uma vez que havia um estudo sobre essa possibilidade, iniciou-se o processo de tomada de decisão a esse respeito uma vez que os estudos anteriores indicavam uma viabilidade razoável nesse sentido. Então nesse tempo ocorreu a opção de se iniciar os cursos superiores na casa de Coxipó, uma vez que o São Gonçalo iniciara aulas no período noturno, e o Colégio D. Bosco da Paróquia estava ainda em pleno funcionamento. Esses foram os antecedentes antes de se concretizar a instituição de cursos superiores em Coxipó.

Em Corumbá, ao contrário, não havia claramente qualquer disposição ou intenção por parte dos salesianos de se iniciar qualquer tentativa de se estabelecer nessa cidade cursos superiores. O motivo principal sempre foi

[33] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 14/11/2007, IXReu (Anexo n. 1).

determinado pelo volume populacional da cidade, e o ensino universitário lá coube sempre à Universidade Federal, UFMS, que estabeleceu lá um campus avançado. Houve algumas tentativas da UCDB em estabelecer uma base para alguns projetos específicos, como a tentativa do "Centro de Convenções Maciço do Urucum" como projeto de expansão cultural da cidade. Ou então, o convênio com o Santa Teresa, para utilização de pesquisas na fazenda Band'Alta. Porém surgiu a oportunidade de se adquirir a IESPAN; esse foi o fator decisivo para que o ensino universitário fosse instalado sob a responsabilidade dos salesianos na cidade de Corumbá.

17.5.1 Implantação do ensino universitário em Coxipó, MT

Em abril de 2002, em Araçatuba, numa reunião conjunta dos salesianos de Lins e Araçatuba, estando presente o ecônomo inspetorial, Pe. Segismundo Martinez, estava presente o representante do escritório Muriel de BeloHorizonte, especializado em montar projetos sobre instituições universitárias a serem protocolados no CNE. A finalidade da reunião seria fechar o contrato para a elaboração de um Processo completo sobre as instituições universitárias salesianas de Lins e de Araçatuba, bem como foram incluídos os cursos da FAL das FMA de Lins, para que, juntas, essas três instituições passassem para a categoria de Centro Universitário, como de fato ocorreu.

Após fechar o contrato com a empresa Muriel, o Pe. Segismundo Martinez solicitou ao representante dessa empresa, a possibilidade de se realizar o mesmo processo, mas para a instalação de faculdades salesianas em Cuiabá, MT. Imediatamente a proposta foi aceita, e o escritório Muriel iniciou o trabalho para a elaboração dos projetos das faculdades salesianas a serem instaladas em Cuiabá, MT[34].

Em junho desse ano, o Pe. Martinez deixou a função de ecônomo inspetorial e foi transferido como administrador da casa de Coxipó com a finalidade de acompanhar as reformas necessárias para aquela casa.

Inicialmente o primeiro empreendimento nessa casa foi instalação de um laboratório de ciências para o colégio da casa. Em seguida, foi apresentado o pedido de adquirir uma área na Chapada dos Guimarães para atividades do colégio. A resposta do Conselho inspetorial de dezembro de 2002, foi que tudo ficava aprovado desde que a casa conseguisse a venda da chácara que é propriedade da casa às margens do Rio Mutuca. Nessa mesma reunião do Conselho de dezembro de 2002, foi apresentada a sugestão de se encaminhar o pedido para que a casa do Coxipó estudasse a possibilidade de estabelecer lá as faculdades que seriam aprovadas pelo CNE.

[34] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 26/04/2002, p. 161.

Em fevereiro de 2003, houve a resposta da direção da casa do Coxipó, um empreendimento cujos processos a comunidade iniciaria. Houve colocação dos inconvenientes e problemas como o acesso à noite até o Coxipó, que seria um trajeto complicado, e sugeriam que se iniciassem os cursos noturnos no Colégio S. Gonçalo. Por fim, a decisão pairou para que se iniciassem os cursos na casa do Coxipó e que as faculdades aprovadas pelo CNE recebessem o nome de "Faculdades Católicas Salesianas". Ao menos inicialmente essa foi a decisão sobre o ensino superior a ser implantado em Cuiabá[35].

Em abril de 2003, a comunidade de Coxipó, ao encontrar algumas dificuldades para adaptação dos ambientes à presença dos cursos universitários, pensou numa pequena mas necessária reforma dos ambientes, para poder receber bem os universitários; também concedeu-se à casa de Coxipó a aprovação para adquirir um lote especial que abriria a possibilidade de uma saída melhor quanto à presença de universitários, no futuro.

No início do ano de 2005, o Conselho Inspetorial aprovou a indicação dos cursos de Administração e Agronegócio para serem implantados em Coxipó, junto com o curso de Sistema de Informação. Aguardaram a aprovação do CNE.

Um dos empecilhos à aprovação dos cursos superiores para a casa de Coxipó foi a falta do comprovante do "Habite-se" em relação às construções antigas e mais recentes. Os salesianos se empenhariam para obter esse comprovante e assim poder se iniciar os cursos universitários solicitados. Aguardava-se a indicação do CNE para que pudessem iniciar os cursos universitários nessa comunidade, com os ambientes já preparados e, em especial, a biblioteca. A notícia desagradável foi a não aprovação ao pedido para se iniciar o curso de direito em Coxipó. Na reunião do conselho de 14 de outubro de 2007, o diretor da casa de Coxipó lamentou que isso tivesse ocorrido. Lá funcionavam somente dois cursos iniciados em 2006. Ao mesmo tempo, o diretor, Pe. Morales, aludiu ao terreno da Chapada dos Guimarães, de 12 hectares, que foi adquirido para que lá fosse erguido um grande monumento a D. Bosco e em que até então nada fora ainda realizado, e os ex-alunos aguardavam uma iniciativa nesse sentido. Afirmou que os dois cursos universitários iniciados possuem mais de 100 alunos e prosseguiam o curso normal de um início de atividades nesse setor[36].

17.5.2 O ensino universitário em Corumbá

A história mostra que nem sempre as ocorrências são programadas, em especial quando determinam modificações e novas posturas. Assim ocorreu com o Santa Teresa de Corumbá, jamais se pensou em iniciar ali o ensino

[35] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 07/02/2003, p. 178.
[36] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 01/12/2005, XReu; 07/03/2006, IIReu.

universitário. Porém, com a proposta da aquisição do Instituto de Educação do Pantanal, de ensino superior, as perspectivas mudaram. Essa instituição foi adquirida pela UCDB devido às iniciativas e planos da universidade em construir um elo de presença nessa cidade. Como havia interesse de outras instituições, todos foram concordes em adquirir essa instituição para se criar um elo de possíveis atuações e projetos da universidade em relação às atividades circunstanciadas pela região pantaneira. Assim, na reunião de 5 de novembro de 2002, foi aprovada essa aquisição, tendo em vista a ocupação dos ambientes do Colégio S. Teresa que estavam ociosos, em particular no período noturno. Uma vez realizada a transação, planejou-se o vestibular para se iniciar o ano de 2003 já funcionando nos ambientes do Colégio Santa Teresa. Conforme foi relatado aos conselheiros na reunião de 7 de fevereiro de 2003, a afluência em demanda pelo vestibular da IESPAN-UCDB foi muito boa. Os novos cursos a funcionar estavam com as vagas preenchidas. Seriam feitas reformas para atender a todos os universitários com a devida capacidade de todos os colégios e instituições salesianas. A comunidade assumiu o funcionamento dos cursos universitários e planejou um conjunto de reformas para atender às necessidades do funcionamento dos cursos universitários. A IESPAN ficou coligada e dependente da UCDB, mas foi a comunidade do Santa Teresa que assumiu a condução de sua direção[37].

Principalmente as reformas ocorreram no ano de 2006. De modo especial, foi realizada uma reforma ampla do térreo da entrada do prédio, pois ali foi sediado o atendimento denominado de Prajur, devido às exigências do curso de direito. Outra reforma solicitada, e muito bem realizada, ocorreu com a renovação do ambiente da biblioteca, que se tornou atraente e muito agradável para acolher os alunos, tanto do colégio, como dos cursos universitários. Essa biblioteca está situada no térreo do prédio e muito próxima da portaria, em lugar de fácil acesso e sem perigo de atrapalhar o movimento do colégio[38].

No meio do ano de 2006, devido à legislação e discernimento diante do CNE, foi necessário que se processasse o desmembramento da Instituição IESPAN da UCDB e voltasse a ser uma instituição independente. Assim surgiram as Faculdades Salesianas Católicas de Corumbá, ou os antigos cursos da IESPAN que da UCDB passaram para a responsabilidade da comunidade salesiana do Santa Teresa. Os diplomas dos cursos da antiga IESPAN poderão ser certificados e registrados pela UCDB. Dessa forma, as Faculdades Salesianas de Corumbá iniciaram seu percurso de forma independente, mas sempre muito bem orientadas e auxiliadas em suas pendências legais pelos técnicos da UCDB[39].

[37] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 02/04/2003, p. 182, 178b.
[38] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 14/11/2007, IXReu.
[39] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 01/08/2006, VIReu.

Na reunião do conselho inspetorial de maio de 2007, foi cogitada uma reunião do reitor da UCDB com o Ecônomo Inspetorial e com o Diretor das faculdades de Corumbá, Sr. Altair Monteiro da Silva, para que se preparasse a documentação da desvinculação das faculdades de Corumbá da UCDB. Além disso, foi ventilado que se deveria assumir finalmente outro nome, como o proposto de "Faculdades Salesianas de Corumbá". Essas faculdades, sob a direção do Sr. Altair, prosseguiam muito bem o seu curso de desenvolvimento e conseguiram uma grande simpatia para com o povo de Corumbá[40].

17.6 A pastoral juvenil nesse período, animação nas escolas, nos movimentos juvenis

A pastoral juvenil nesse momento adquire as características mais marcantes por duas linhas de distinção. A primeira que os salesianos, ao se dedicarem à animação pastoral nas escolas ou em outras obras, com as presenças em obras sociais, se distinguiam claramente de uma animação paroquial. Assim as posturas das obras salesianas diante dos jovens passaram a figurar de acordo com a atividade, e nas paróquias perduraram os movimentos típicos de jovens de acordo com a natureza e tendências de cada movimento. Em geral esses movimentos passaram a integrar jovens além dos 18 anos. Esse foi o fator de distinção maior na atividade da pastoral de animação dos jovens. Em geral, nas escolas os jovens se integravam em movimentos, mas sempre sob a tutela da animação da direção ou do encarregado nas comunidades escolares. O movimento de jovens simplesmente por serem jovens deixou de existir; passaram a vigorar tendências de acordo com os objetivos e acentuações dos movimentos. Dessa forma, a animação juvenil entre os salesianos adquiriu esse grande aspecto distintivo enquanto movimento e enquanto animação de grupos, mas marcados pela origem, ou pela comunidade, ou escola, ou paróquia. Outra esfera então se criou para que os jovens se manifestassem: os encontros entre os movimentos de animação nas escolas e não mais em ditos antigos de movimentos juvenis.

Dentro desse novo horizonte, houve sempre cobranças a respeito do movimento juvenil em moldes antigos ou de Pastoral da Juventude. Nesse sentido, o conselho inspetorial pediu que se animasse ainda a equipe de pastoral da Inspetoria, a EIP. Porém sempre haveria de se atender às novas demandas, e não aos antigos projetos. Esse assunto veio sempre à baila, mas com mentalidade antiga e jamais iria ocorrer movimentos ou acontecimentos marcantes da pastoral juvenil enquanto tal, pois, acima de tudo, a legislação sobre os menores era muito clara[41].

[40] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial; 09/05/2007, IVReu.
[41] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 03/09/2002, p. 168.

Exemplo dessa nova postura surgiu de um confronto em Cuiabá no ano de 2004; o Colégio S. Gonçalo possui a Casa dos Sonhos na Chapada dos Guimarães para realizar os encontros e as inúmeras atividades pastorais com os grupos juvenis do S.Gonçalo; ao passo que o Colégio da Paróquia S. Gonçalo e o Colégio do Coxipó não possuindo, ou não tendo esse meio, sentem-se meio desamparados no trabalho da pastoral juvenil. Isso vale dizer como a devida afirmação de que a pastoral desse tempo depende da atividade central da obra, e não de grupos de jovens, pois estes também estão integrados nas diversas comunidades paroquiais[42].

Um exemplo entusiasmante da pastoral juvenil, a partir das escolas todas da inspetoria, ocorria com a realização do encontro de alunos denominado de "Intercâmbio". Esse encontro entre os jovens das escolas salesianas era muito animado pelo assunto central, depois dividido em várias oficinas. O entusiasmo ocorreu, por exemplo, no intercâmbio de julho de 2006, com a presença de mais de 150 participantes de vários colégios. O assunto principal desse encontro foi a Espiritualidade e, em especial, a espiritualidade juvenil salesiana oriunda dos ensinamentos de S. João Bosco. Esse encontro espelhou o trabalho feliz dos encarregados da pastoral em diversas comunidades da inspetoria[43].

Na reunião do conselho inspetorial de 14 de novembro, o Pe. Inspetor colocou a par todos os conselheiros sobre o resultado da reunião da EIP e do entusiasmo ao conviver com relatos sempre animadores sobre as atividades pastorais das comunidades. Esse novo modo de se realizar a atividade pastoral diretamente proveniente das características de cada comunidade tem levado os irmãos mais novos a realizar experiências muito saudáveis e entusiasmantes. Na reunião, foi relatado o êxito do trabalho da animação pastoral da casa de Lins, onde os jovens, colocando em prática a espiritualidade de D. Bosco, iniciaram a ir às escolas públicas e, ao propor tardes de animação, conseguiram uma animação por parte das crianças tão alta e tão animadora que não estão dando conta de atender a todos os pedidos. O passo próximo seria levar as crianças para uma tarde de animação nas dependências dos ambientes da comunidade do Centro Universitário. Esse é o espírito que anima a pastoral juvenil nesse tempo. Para completar esse quadro, não se pode deixar de lembrar os salesianos que implementaram a animação juvenil a partir da animação dos grupos de Acólitos e das Leitoras, que auxiliam e estão presentes nas celebrações eucarísticas como expressão de uma resposta juvenil à dedicação desses animados salesianos que sempre estão e estarão ao lado dos jovens[44].

[42] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 15/04/2004, IVReu.
[43] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 01/08/2006, VIReu.
[44] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 14/11/2007, IXReu.

17.7 Estatísticas e encontros de animação dos vários setores de trabalho dos salesianos

A animação da inspetoria encontrou sempre nos conselheiros a ressonância necessária como padrão de identidade e de verdadeira animação da vida salesiana na inspetoria. Também nesse período, as intervenções dos conselheiros foram decisivas para as aprovações de diversas iniciativas de animação. Em novembro de 2002, foi programada a reunião de diretores para que todos pudessem intervir na programação da vida religiosa e pastoral de toda a inspetoria; mais precisamente, nessas reuniões, sempre ocorreram as revisões do POI dentro das perspectivas da programação das atividades do ano seguinte, no caso, para o ano de 2003. Nessa reunião, também foi lançada e aceita a atividade de se instituir uma modalidade de retiro especial, através da metodologia da *Lectio Divina* dentro de uma direção bem clara e sistemática; devido a isso, a quantidade de participantes somente poderia variar de seis a 12 pessoas. Depois de explicada, essa modalidade de retiro passou a ser aceita e executada na inspetoria a partir de janeiro de 2003. Essa modalidade de retiros foi também apropriadamente realizada com os formandos, como noviços e pré-noviços. Sendo o final do primeiro ano de inspetor, na reunião de novembro, foram também apresentados os resultados para a lista dos novos diretores. Após as devidas apreciações dos conselheiros, os novos diretores foram proclamados para se iniciar o período de governo nas comunidades ao iniciar o ano de 2003[45].

O ano de 2003 foi marcado por inúmeras atividades e por fatos especiais, sobretudo em questão de programação da animação da vida dos salesianos na inspetoria; o primeiro ato importante foi analisar a participação dos irmãos nos retiros espirituais. Houve uma frequência regular, mas muitos não compareceram aos retiros propostos nem justificaram a própria ausência. Seria um dos temas a exortação para que todos participassem dos retiros espirituais. Em seguida, foi programada a reunião dos diretores dentro da temática do CG25, Projeto da Comunidade Salesiana. Depois os assuntos especiais foram tratados nos encontros por categorias de atividades pastorais. O primeiro foi o encontro dos párocos realizado em abril, sempre animado dentro das perspectivas da vida salesiana na congregação e nas atividades propostas pela CNBB.

Nesse ano de 2003, houve uma série de ocorrências que merecem ser notificadas. Foi necessário nomear novo assistente espiritual para as Voluntárias de D. Bosco, respectivamente Pe. Osmar Bezutte, Pe. Pedro Borges para o núcleo de Araçatuba e, para o núcelo de Cuiabá, o Pe.

[45] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 03/09/2002, p. 168-174b.

Guilherme Morales; para a Família Salesiana, foi nomeado o encarregado Pe. Osmar Bezutte. Outro acontecimento importante para o qual deve concorrer grande número de salesianos da inspetoria, aqueles que trabalham no setor do Ensino Superior, foram todos convidados a participar do encontro internacional das IUS a ocorrer em Roma nesse semestre.

Para a realização do Capítulo Inspetorial de 18 a 25 de abril de 2004, na Lagoa da Cruz, foi indicado o vice-inspetor, que sempre contou com a aprovação do conselho inspetorial. Dois fatos importantes foram anunciados também: o encontro dos inspetores e representantes das inspetorias da América com o Reitor-Mor, em Costa Rica, nos primeiros dias de março de 2004. Ao lado desse encontro, foi anunciada a visita do Reitor-Mor às inspetorias do Brasil no mês de setembro; estaria em Campo Grande de 3 a 5 de setembro de 2004.

Em novembro, foi planejada a entrega das novas constituições para os diretores na reunião que aconteceria em novembro; estes, por sua vez, as entregariam aos irmãos da própria comunidade[46].

Quanto ao acompanhamento dos momentos de encontros, ou de formação, ou de retiros, foi convidado o Pe. Osmar Bezutte para assumir toda a parte litúrgica e organização nas funções religiosas. Assim foi muito interessante ver a reunião que ocorreu na assembleia dos irmãos e dos formandos no final do ano, em especial dos tirocinantes. Os formandos para o ano de 2004 seriam 18 pré-noviços; 24 noviços, sendo 9 da inspetoria de Manaus e 15 da inspetoria de Mato Grosso; 11 pós-noviços; cinco tirocinantes e 13 estudantes de teologia. O total presente nas diversas fases da formação na inspetoria atingiria a soma de 61 jovens; além disso, estavam previstos 40 participantes para o Cursinho de Orientação Vocacional para o aspirantado e para o Voluntariado. Esses números representam o alto investimento e atenção dispensados pelos salesianos que se dedicam à formação. Esses números também poderiam variar, pois ainda não se definira a presença dos pós-noviços da inspetoria de Manaus na casa do Paulo VI de Campo Grande[47].

No ano de 2004, a inspetoria passou por pontos altos e por muitos ataques através da Internet e dos jornais e revistas; houve muitas acusações sobre a atividade dos salesianos em relação aos jovens e em especial houve algumas acusações específicas sobre pedofilia. O maior problema foi evitar as falsas acusações que se desmembraram em tentativas de extorsões e de acusações falsas para aumentar a pressão, sempre tendo em vista a oportunidade de um processo contra os salesianos ou contra a Missão Salesiana. No final do mês de fevereiro, devido a tantos boatos, notícias e comunicados

[46] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 14/05/2003, p. 185b até 11/11/2003, p. 198b.
[47] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 03/12/2003, p. 200.

ao Reitor-Mor por parte de salesianos descontentes com a vida na salesiana, tivemos a visita inesperada do Vigário do Reitor-Mor, Pe. Adriano Bregolin. O relato dessa visita já foi descrito no início do capítulo XXXIII. Por outro lado, a vida religiosa e o trabalho nas comunidades sempre estiveram muito animados e entusiasmantes. Na reunião dos diretores em fevereiro, o encontro foi marcado pela união e pela temática muito interessante a ser viabilizada em cada casa: O projeto de Vida comunitária. Também nessa reunião foi apresentado o tema para reflexão: "Seguimento de Jesus Cristo – Alicerce do nosso ser Salesiano"(ACS 384)[48]. Em abril desse ano, ocorreu o Capítulo Inspetorial n. 22. Nesse mesmo tempo, foi apresentado o folder do Congresso de Educação para os colaboradores e educadores de todas as obras, obras sociais, colégios e instituições de ensino superior. Esse congresso ocorreu nos dias 10, 11 e 12 de junho, em Cuiabá, com a participação de mais de 500 colaboradores e professores das escolas salesianas da inspetoria[49].

Na reunião do conselho inspetorial de 16 de novembro, houve um planejamento para que se pudesse apresentar a todos os salesianos, em especial aos diretores, esclarecimentos sobre as ocorrências portadoras de ataques aos salesianos e indiretamente à Missão Salesiana. Ficou decidido que fossem apresentados aos salesianos os artigos publicados em jornais, em especial o que foi publicado na Folha de S. Paulo e em outras revistas, de modo especial na revista Metrópolis, em que as acusações foram individualizadas e claras. Decidiu-se então por processo judicial para a defesa e o esclarecimento das acusações que não se comprovaram. Apesar de nada comprovado, as acusações tiveram a força de querer denegrir a imagem dos salesianos. Na reunião dos diretores, tudo foi devidamente esclarecido e souberam da posição assumida pela Missão em defender os salesianos acusados sem comprovação de nada; realçou-se que os boatos são terríveis enquanto formam conjecturas, e isso é muito contraproducente para o trabalho educativo salesiano na Inspetoria. Mas tudo foi devidamente esclarecido apesar das constantes perseguições por parte de pessoas desejosas de receber dinheiro fácil por extorsão[50].

O ano de 2005 foi mais calmo, e não houve ocorrências tão calamitosas como no ano anterior. Tentou-se, através da lembrança nos encontros dos salesianos, revitalizar a realidade da vida religiosa nas comunidades pela alegria de se poder vivenciar os valores salesianos no trabalho cotidiano. Por outro lado, procurou-se conscientizar aos irmãos que a vivência de cada comunidade religiosa observante é um dos fatores preponderantes para o sur-

[48] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 10/03/2004, IIIReu.
[49] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial.15/04/2004, IVReu.
[50] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial.10/11/2004, IXReu.

gimento de vocações para a vida religiosa. Nesse sentido, houve encontros e possíveis orientações para as casas de formação quanto ao uso da Internet enquanto a novidade necessária dos novos tempos, mas não poderia essa novidade afetar a qualidade da vida salesiana nas casas de formação[51].

Na última reunião do conselho inspetorial, houve a apresentação dos formandos; em geral foi um ano bom nesse sentido. Assim foram apresentados quatro tirocinantes; 27 pós-noviços, destes, quatro eram da Inspetoria de Manaus; 19 noviços, sendo cinco da inspetoria de Manaus; e 13 pré-noviços foram aceitos para iniciar o noviciado no ano de 2006. Dessa forma expressiva, os jovens salesianos estão bem nas casas de formação da inspetoria[52].

Em preparação à reunião dos diretores na primeira parte do ano de 2006, surgiu o pedido do diretor da Missão de Meruri para que se iniciasse um estudo ou processo de declaração de "martírio" do Pe. Rodolfo Lunkenbein e do índio bororo Simão. Essa questão foi acolhida pelo Conselho Inspetorial, que se dispôs a apoiar a causa. Porém sendo um fato novo a ser analisado, pois dever-se-á comprovar o motivo desse fato ou a "causa mortis in fide!", para que se possa apresentar essa questão ao procurador de Roma encarregado de acompanhar as causas de salesianos que já comprovadamente tiveram oportunidade de prosseguir. Sempre houve algumas objeções a esse respeito; a primeira relaciona-se aos dois outros salesianos que foram mortos pelos xavantes em 1934, às margens do Rio das Mortes; a segunda é que o diretor da Procuradoria de Bonn já havia estado aqui e solicitara que se documentasse qualquer indício de ação sobrenatural pela intervenção de invocação do Pe. Rodolfo e que lhe fosse enviada, pois na Alemanha, terra natal do Pe. Rodolfo, eles estavam aguardando qualquer notícia para poder então promover a causa de santificação do Pe. Rodolfo. Essa iniciativa muito louvável permaneceu nesse estado, pois as justificativas desse martírio não foram devidamente esclarecidas até então. Da mesma forma, os depoimentos coletados das pessoas que estiveram presentes naqueles dias da morte do Pe. Rodolfo estão no arquivo inspetorial. Pe. Karl Oerder respondeu ao comunicado inspetorial, agradecendo e aguardando o que fosse possível realizar nesse sentido[53].

O Congresso para os colaboradores e educadores a ser realizado em Cuiabá estava programado e com capacidade para receber mais de 600 pessoas, o título temático desse congresso era: "Entusiasmar em ser educador salesiano!" Este seja um momento de muita alegria e muito entusiasmo para os participantes como educadores salesianos. Também havia outro congres-

[51] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial.07/10/2005, IXReu.
[52] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial.01/12/2005, XReu.
[53] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 07/03/2006, IIReu; 01/08/2006 (Anexo n. 5)

so nacional dos Cooperadores cuja temática indica a qualidade de vida de um cooperador salesiano: "Projeto de Vida Apostólica como cooperador salesiano! Também foi nomeado novamente o Pe. Lauro como regulador do Capítulo Inspetorial 23, a ser realizado no próximo ano; Pe. Ademir Lima de Oliveira seria o seu auxiliar mais próximo em todas as atividades e iniciativas desse Capítulo. Na reunião do Conselho Inspetorial de outubro, foi decidido que o Pe. Inspetor escrevesse cartas ao Revmo. D. Vitório Pavanello e ao conselho de presbíteros a respeito da maneira com que a diocese, na pessoa do arcebispo, interfere na configuração das paróquias salesianas sem o mínimo de consulta ou de consideração sobre o assunto. Uma verdadeira agressão ao salesianos que sempre se dispuseram a um grande trabalho para a Igreja nessa região. Parece até que a presença salesiana nas paróquias não mereça o respeito que a história do passado comprovou sempre por grandiosos méritos de tantos salesianos dedicados ao povo da região.

Nesse mês de outubro, também foi comunicada a notícia aos conselheiros de que o Pe. Inspetor, Pe. Afonso de Castro, fora indicado para a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras para a cadeira que fora de outro salesiano, Pe. Ângelo Jayme Venturelli. A solenidade da posse seria marcada oportunamente[54].

O ano de 2007 foi marcado inicialmente pela carta do Reitor-Mor lançando um apelo para melhor qualidade da vida nas comunidade; agradeceu as visitas que havia realizado a essa inspetoria, louvor o espírito de trabalho e pediu mais fervor no trabalho para com os jovens em geral. Os primeiros meses foram ocupados pela grande preparação do Capítulo Inspetorial n. 23 a se realizar no final de junho. Nesse ano, houve na inspetoria um prosseguimento dos trabalhos normais em todas as casas. A grande novidade, que, a pedido dos organizadores do Capítulo Geral 26, o Sr. Altair Gonçalo da Silva foi indicado para participar do próximo capítulo Geral, como irmão coadjutor.

Na reunião de programação da Inspetoria para o ano de 2008, um acontecimento diferente fez parte dessa programação: o roteiro da presença da Urna de D. Bosco nas cidades da Inspetoria[55].

Ainda nesse final de ano de 2007, ocorreu em novembro, precisamente no dia 14, uma reunião do Conselho Inspetorial com os representantes e demais salesianos que trabalham no ensino superior para uma avaliação e mútuo entusiasmo. No anexo nº 2 estão indicados os variados assuntos para a condução dessa reunião; sobretudo foram realçados os novos contextos em que o ensino superior deveria estar atento e se modelar, como a presença da

[54] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 02/10/2006, VIIIReu.
[55] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 16/10/2007, VIIIReu.

EAD. Nessa mesma reunião, ficou decidido que o Pe. Lauro iria representar o Pe. Inspetor e demais salesianos da Inspetoria em Viedma, Patagônia, na Argentina pela grande festa de beatificação do Jovem Zeferino Namuncurá. Na última reunião do Conselho Inspetorial foi socializada a notícia de que o Reitor da UCDB, Pe. José Marinoni, fora eleito presidente da nova instituição das Entidades Particulares de Escolas e Universidade, a ANEC[56].

No ano de 2008, após o retorno de Roma, onde o Pe. Inspetor e o delegado inspetorial Pe. Lauro participaram do Capítulo Geral 26, reiniciaram as atividades normais da inspetoria. Na reunião do Conselho Inspetorial de abril, após a finalização de um convênio com as FMA sobre a utilização prédio da FAL em Lins até o final desse ano, foi também ratificada a assinatura com a empresa Constren, para a construção do prédio planejado em Lins, uma vez que não mais se poderia contar com a utilização do prédio da FAL; tanto os convênios e contratos de comum acordo com as Filhas de Maria Auxiliadora e com a empresa Constroem, estão devidamente documentados nos anexos n. 2, 2a, 2b, 2c e n. 3b. Nessa mesma reunião, foi proclamado o novo inspetor, Pe. Lauro Takaki Shinohara, que fora vice-inspetor por nove anos seguidos. Combinou-se que a solenidade da posse do novo inspetor ocorreria na Capela do Colégio D. Bosco de Campo Grande[57].

No final do mês de maio, com a presença do Núncio Apostólico, que estava presente no encerramento do Sínodo Diocesano de Cuiabá, ele consagrou o Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora que passara por uma reforma grandiosa nos vitrais. Foi a presença de uma autoridade eclesiástica que sempre teve a oportunidade de relembrar a grandiosa festa de inauguração da Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora em Turim e, nesse tempo, se refazia a mesma alegria grandiosa em Cuiabá.

17.8 Problemas administrativos e como a grande crise econômica mundial também afetou a Missão Salesiana de Mato Grosso

A Inspetoria, no início do novo milênio, passou, como todas as entidades educacionais por necessárias transformações e adaptações às novas leis vigentes no país. Como já fora instituído, após a unificação de todas as casas como um só entidade de Fins Filantrópicos, a atenção sempre esteve em que essa instituição se regesse nas leis desse setor. Uma preocupação nesse tempo foi a inscrição da MSMT no CNAS como pressuposto para se manter como entidade filantrópica. Havia o representante da MSMT em Brasília, o qual estava sempre atualizando as posturas e mantendo em dia os encargos da inspetoria. Esse setor de se manter dentro dos princípios e exigências

[56] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 14/11/2007, IXReu; 04/12/2007, Xreu.
[57] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 23/04/2008, VIIIReu.

legais mereceu e exigiu sempre grande preocupação e atenção do ecônomo inspetorial.

Outros assuntos administrativos referiam-se às propriedades e ao necessário provisionamento das quotas para o devido pagamento da FOPA, mensalmente, e a grande preocupação com o provisionamento das FOPAS suplementares no final do ano. Assim a relação administrativa do centro com as casas era constante e, ao mesmo tempo, muito exigente; nem sempre as comunidades se mantinham dentro dos deveres do provisionamento necessário, quer mensal, quer anual.

Outras preocupações surgiam com a administração de propriedades pendentes como o do antigo prédio do Colégio Ginásio Pe. Carletti de Alto Araguaia. O colégio fora fechado e ainda não havia sido resolvida a questão do prédio; a outra propriedade, a antiga fazenda do Colégio fora vendida, e o gado transferido para Sangradouro. Esse prédio fora negociado com a prefeitura da cidade; esta, porém, não estava cumprindo com o pagamento estipulado e passara o prédio para a UNEMAT, que já estava funcionando lá fazia dois anos. Houve a tentativa de renegociar com a prefeitura, porém esta achou melhor que o prédio fosse negociado diretamente com a universidade estadual. Depois de muitas tentativas, fechou-se o negócio por um valor menor que a metade do avaliado; mas julgou-se, na missão, receber o prometido que permanecer nesse impasse por muito tempo. Assim, no segundo semestre de 2002, esse negócio foi finalizado, porém somente em março de 2005, a dívida foi quitada, e finalizada a transação. Com grande tristeza, pois aquele Colégio sempre foi uma casa salesiana muito agradável, por onde passaram muitas gerações de alunos; ainda bem que continua como entidade educativa[58].

Ainda no ano de 2002, houve a preocupação de sanear a contabilidade do Colégio D. Bosco e, na reunião dos ecônomos no final de abril, além de alertar a todos para os deveres de manter a contabilidade e os provisionamentos necessários, foi aprovada a inclusão dos salesianos de votos temporários no plano de saúde. Nesse ano, também foi recusada uma oferta da diocese de Dourados, que desejava passar para o salesianos a rádio da diocese[59].

Nos primeiros meses do ano de 2004, houve dois passos legais muito importantes que foram devidamente concretizados: a inscrição da MSMT no CNAS e a aprovação do Processo de Filantropia. Apesar de algumas diligências, as questões foram devidamente resolvidas. Também, por motivos de direção da casa de Lins, o Pe. Paulo Fernando, que era o ecônomo inspetorial, deixou esse trabalho para assumir a direção casa de Lins, que iniciara

[58] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 05/07/2002, p. 164b; 02/10/2002, p. 170.
[59] Atas do Conselho Inspetorial -1996-2003. 14/05/2003, p. 185-185b.

o processo para se tornar Centro Universitário junto com as faculdades de Araçatuba. O diretor da casa de Lins foi transferido para o Instituto Teológico Pio XI, SP, para ser o representante da inspetoria na casa de formação gerenciada pelo "curatorium" das diversas inspetorias. Nesse tempo, também foi renovado o Certificado de Fins Filantrópicos para a MSMT[60].

No mês de junho, assumiu a administração econômica da Inspetoria o Sr. Raffaele Locchi, que já fora ecônomo inspetorial anteriormente. Antes de tomar atitudes maiores, teve que enfrentar, nesse ano, uma série de fatos simples, mas necessários. O primeiro deles foi a questão do processo de "despejo" para se obter o retorno do uso do prédio do Colégio Bom Jesus de Três Lagoas, para a MSMT. Uma vez legalizado o direito de uso, a MSMT iria pensar como reativar uma escola naquele prédio. Outra pequena, mas importante, questão a ser resolvida veio com a necessidade urgente de se organizar o site próprio da Inspetoria e criar as devidas condições para colocá-lo em ação constante. Esse site iria normalizar-se em seu funcionamento quando no final do ano ao ser assumido pelo mesmo jornalista que se atinha a esse trabalho também na UCDB. Desde setembro de 2004, esse jornalista atendia à UCDB e ao site da Inspetoria. Por fim, nesse ano ainda duas outras questões tiveram que ser resolvidas; a primeira tratava-se da Rádio Educação Rural da diocese, mas dirigida por muitos anos pelo Pe. Ângelo Venturelli. Este se achava já sem condições físicas para manter esse trabalho; resolveu-se pela venda da rádio, que o Pe. Ângelo sempre desejara que fosse adquirida pela MSMT, mas não foi assim que se decidiu. Depois do negócio fechado, apesar de ter sido convidado a se transferir para a sede inspetorial, Pe. Ângelo preferiu permanecer residindo onde se encontrava, na casa do Sr. Bispo diocesano. E, por fim, a questão ainda a ser resolvida nesse ano de 2004, foi a manutenção ou não da entidade Ampare. Sr. Raffaele passou a estudar como manter essa entidade independente da MSMT, de grande poder em beneficiar as crianças daquele bairro de periferia. A solução foi colaborar com a entidade e lutar diante dos órgãos públicos por verbas que mantivessem a capacidade de atendimento sempre comprovada[61].

No ano seguinte, em 2005, dentro dos moldes normais, a administração da inspetoria manteve-se estável, e foram resolvidos pequenos problemas sempre de comum acordo com o centro inspetorial e com as demais casas. Já a administração inspetorial, no ano de 2006, teve algumas questões a serem enfrentadas com o devido cálculo. A primeira atitude do ecônomo nesse sentido foi de aumentar o saldo da MSMT e reduzir os gastos; essa

[60] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 10/03/2004, III Reu; 15/04/2004, IVReu.
[61] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 16/11/2004, X Reu; e todas as Reu de 2004.

postura foi apresentada na reunião dos ecônomos das casas realizada em abril; essa reunião foi assessorada por um auditor que esclareceu a administração inspetorial e mostrou onde os salesianos deveriam ter o devido cuidado para não balançar a economia das casas. Foram devidamente assumidos alguns problemas das casas, em especial do Colégio D. Bosco; foram necessários investimentos para duas reformas: a da estrutura elétrica e a reforma devida do Bloco A. A reforma da rede elétrica do Colégio D. Bosco era necessária para se manter o funcionamento da escola sem atropelos e riscos. Da mesma forma, foi necessário melhorar o Bloco A para acolher a séries iniciais e infantis; para isso foi necessário adaptar todas as salas para acolher as crianças nessa idade. Ao mesmo tempo, foi necessário reformar todo o conjunto de salas do térreo do colégio para acolher o setor administrativo[62].

Houve, nesse tempo, necessidade de se acompanhar a questão financeira da UCDB, que necessitava moderar seus gastos e, sobretudo, reduzir o montante de sua FOPA; foram necessários esforços especiais para que essa situação não se deteriorasse, mas causou algum estremecimento essa administração de uma instituição não se ordenar dentro de suas possibilidades. Diante desse estado financeiro da Inspetoria, foi aludido também ao Visitador Extraordinário que a Inspetoria moveria uma causa contra aqueles que acusavam injustamente alguns salesianos[63].

Os anos de 2007-2008 foram marcados por profundas mudanças na situação econômica da inspetoria. Acompanhando a situação mundial, a inspetoria iria passar pela mesma crise que afetou a economia mundial , a "pior crise econômica" desde 1926. As falências de grandes bancos americanos, de inúmeras empresas que quebraram, economicamente, muitos países, como o Brasil, sofreram inúmeras consequências em sua economia. O problema da sustentação financeira das empresas tornou-se agravante. A situação financeira da Inspetoria, dependendo sempre da arrecadação das empresas e do país enquanto tal, sofreu uma baixa considerável, pois dependia da arrecadação das casas. Foi um tempo difícil financeiramente para o mundo todo e também para as casas da Inspetoria. Foi necessário entrar em dívida com bancos para poder arcar com os gastos da FOPA.

Na reunião dos ecônomos desse ano, esse assunto foi abordado e foi exortado que todos se contivessem nos gastos para serem honrados os gastos com a FOPA de todas as casas. Esse foi um tempo difícil em que a inspetoria sentiu a crise financeira que assolava o mundo e também o Brasil. Na reunião dos ecônomos, esse assunto foi devidamente apresentado para que todos se sentissem corresponsáveis por esse tempo difícil financeiramente.

[62] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 09/05/2006, IVReu.
[63] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 23/10/2006, IXReu.

Por outro lado foi também tratada a questão do sistema de informatização da administração inspetorial e das casas[64].

Na última reunião do Conselho Inspetorial de 2007, foi apresentada a situação financeira da Inspetoria, e se constatou que o declínio da agenda financeira acompanhava o descompasso de algumas casas. Foi pedido ao Sr. Ecônomo que escrevesse e providenciasse, na reunião dos diretores, uma apresentação do estado financeiro de cada casa e da inspetoria como um todo, para que se conscientizassem quanto ao estado em que poderíamos baixar mais ainda se não houvesse uma contenção das despesas nas casas. Em especial, para manter em dia os pagamentos da FOPA, foi necessário recorrer a bancos, e assim os salesianos necessitavam compartilhar esse estado de crise financeira e sem deixar o barco correr, mas as casas necessitavam de tomar providências plausíveis quanto a esse sentido[65].

Convém realçar que ocorreu um grande desapontamento quanto a uma verba de R$ 800.000,00 prometida e, depois de realizadas todas as licitações, chegou a notícia de que não se poderia ceder essa verba, uma vez que seria para uma empresa não estatal. Depois de tanto trabalho e empenho, vem o despropositado comunicado de que esse montante não poderia ser aplicado na construção de outro bloco para o Museu no Parque das Nações Indígenas, que é e será sempre um lugar público. Coisas e coisas que deixam a vida em estado de interrogação.

Por outro lado, os precatórios referentes aos valores do prédio de Barra do Garças permaneceram inalteráveis na espera da liberação do governo quanto a essa dívida; ninguém poderia prever quando esse montante significativo de valores haveria de ser pago à MSMT. Na reunião do Conselho Inspetorial de maio de 2008, foi apresentado um relatório sobre a situação financeira da MSMT; as previsões de outros desembolsos sob a intimação da Receita Federal e de outros processos de devolução mostraram que seria impossível atender a essas demandas sem recorrer a empréstimo bancário. Por outro lado, o centro administrativo inspetorial aguardava que as casas passassem para a inspetoria aquilo que fora pago devidamente meses antes. De fato a questão financeira nesse período que se iniciava não estava alentadora e seria necessária uma união entre os conselheiros para que essa questão fosse devidamente afrontada e uma solução plausível fosse tomada com o apoio de todos. Afinal as casas, embora em tempo da crise econômica mundial, que também afetou a economia do povo brasileiro, necessitavam, por sua vez, de uma orientação segura e de forte colaboração para que a situação fosse contornada[66].

[64] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 10/06/2007, VReu.
[65] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 04/12/2007, XReu.
[66] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 21/05/2008, III Reu.

17.9 Inauguração do Museu no Parque das Nações Indígenas

Depois de tantos anos funcionando nos ambientes do Colégio D. Bosco e, posteriormente, na sede da Missão Salesiana na Rua Barão do Rio Branco, após algumas tratativas, o Museu D. Bosco encontrou uma nova e talvez definitiva sede no prédio cedido pelo governo do Estado de Mato Grosso do Sul no Parque das Nações Indígenas. A inauguração desse novo espaço para sediar o acervo todo do Museu D. Bosco ocorreu na noite de 30 de novembro de 2006. Essa solenidade de inauguração do Museu das Culturas, ou Museu D. Bosco, ou ainda Museu do Índio foi bem programada e até o fôlder enviado a todos os órgãos públicos do Estado e Município, para todas as casas da Inspetoria e para os professores da UCDB, foi a melhor expressão artística dessa nova realidade do Museu das Culturas D. Bosco.

Nesse anoitecer, estando presentes todas as autoridades convidadas, Exmo Sr. governador, Srs. senadores, deputados federais e estaduais, desembargadores, juízes e magistrados, representante do prefeito, diretores das casas salesianas e demais autoridades, Magníficos Reitores da UCDB e do UNISALESIANO de Lins e Araçatuba, representantes dos Bororos e dos Xavantes e demais etnias indígenas, Sr. Raffaele Locchi, Diretor do Museu, e Dra. Aivone e outros convidados, foi iniciada a bênção do local. Houve as palavras da Professora Aivone, do Inspetor Salesiano (anexo III) e de alguns representantes do governo. Após as palavras do representante do governo e do Inspetor da Missão Salesiana, todos se dirigiram para o terraço do prédio e, então, iniciaram as apresentações de três etnias presentes: Xavantes, Bororos e Terenas.

A dança dos Bororos foi magnífica e mostrou justamente o valor de toda a grande coleção dos enfeites dessa tribo ao festejar seus principais momentos da sua vida e de sua história. De modo vibrante e com muita força, foi a apresentação dos Xavantes; mais de trinta xavantes executaram danças e rituais de seu povo para expressar a cultura de um povo que outrora fora hostil e agora convive com o mundo dos civilizados de forma pacífica, como também com os missionários salesianos, com as Filhas de Maria Auxiliadora e que, nas reservas mais ao norte, sempre aguardam a presença dos salesianos para a devida catequese e acompanhamento da vida normal das aldeias depois do Rio das Mortes. Para finalizar, os Terenas que se situam nesse território de Mato Grosso do Sul e possuem mais ou menos cinco aldeias urbanas na capital do Estado, mostraram as faces de sua cultura pelas danças e cânticos típicos, que os identificam como um povo que não quer perder a própria identidade mesmo em território urbano, como é a situação das aldeias urbanas.

Foi um tempo solene e muito bem comemorado pelas apresentações dos representantes das três etnias, cuja cultura estará sempre devidamente guardada pelo Museu das Culturas D. Bosco. Ao final, depois desses inéditos

números de danças, encerrou-se a festa da inauguração e iniciou-se outra fase desse Museu: o estudo de disposição para que as culturas fossem muito bem estudadas em mostruários devidamente adaptados e capazes de mostrar a força cultural de cada etnia. Foi uma noite honrosa que marcava a nova etapa desse glorioso Museu D. Bosco.

17.9.1 Esboço histórico do Museu das Culturas D. Bosco

O Museu das Culturas D. Bosco, que hoje se situa no Parque das Nações Indígenas, teve seu início marcado por tantos desejos e, ao mesmo tempo, por um legado que os missionários trouxeram do próprio fundador da Congregação Salesiana, S. João Bosco, D. Bosco. Ele sempre incentivou os primeiros missionários a estudarem as culturas e, dentro dessa perspectiva, salvar, perante a cultura da civilização ocidental, as manifestações de expressão da vida de outros povos. Com essa abertura na mente, sempre os salesianos procuraram cultivar as culturas dos povos indígenas, e o Museu de Valsálice é a expressão desse legado deixado por D. Bosco a seus filhos. Outra grande manifestação dessa abertura perante as culturas foi o Museu Missionário organizado no Colle D. Bosco, cidade natal do próprio D. Bosco.

A história da presença salesiana neste território e no antigo estado de Mato Grosso abrangendo os atuais estados também explica a origem dos acervos coletados nesse museu. A antiga cidade de Cuiabá foi a porta de chegada que recebeu os primeiros missionários salesianos em 1894, sob a liderança de D. Luiz Lasagna. Eles vieram a pedido do Bispo de Cuiabá, D. Carlos d' Amour, para estar naquela parte do estado e, principalmente, para estar com os Bororos. O primeiro local de encontro com os Bororos foi a Colônia Federal Teresa Cristina, às margens do Rio S. Lourenço, onde permaneceram alguns anos. Posteriormente, em 1902, estabeleceram-se seguindo a linha do telégrafo na região dos Tachos e depois, em 1927, em Meruri. Desse contato, surgiram efeitos gloriosos com a presença da banda de música Bororo executando a peça *O Guarani*, de Carlos Gomes, perante o governo no Rio de Janeiro, em 1908. E o Brasil pôde ver a qualidade da cultura desse povo.

Antes de 1925, D. Malan já organizara, na cidade de Coxipó da Ponte, o Museu das Colônias Bororo, onde deveria estar documentado o trabalho missionário. Nesse incipiente museu, organizou-se a primeira exposição dos objetos da cultura Bororo. Mas a vida desse singelo museu teve curta duração. Esses objetos foram para uma exposição missionária em Roma, em 1925, e a semente do museu em Coxipó não foi para frente.

Nos anos de 1948/49, Pe. Félix Zavattaro e Pe. Ângelo Venturelli estavam no Ateneu D. Bosco de Goiânia e iniciaram a coletar material indígena para o início de um museu. Compraram a primeira coleção em Goiânia de

objetos da etnia carajá da ilha do Bananal. Esperançosos, iniciaram esse trabalho lá em Goiânia, porém a história não se mostrou amiga. Tiveram que ceder o Ateneu para a inspetoria salesiana de Minas Gerais e, ao se despedirem das terras goianas, Pe. Ângelo e Pe. Félix trouxeram duas coisas importantes para Campo Grande: a biblioteca e o pequeno acervo do incipiente museu. A biblioteca foi essencial, pois tinham em mente abrir uma faculdade – essa ideia foi o germe da FUCMT ou da UCDB, e os objetos que trouxeram foi o início do Museu D. Bosco que por muitos anos esteve no prédio do Colégio.

Pe. Félix e Pe. Ângelo desenvolveram o museu concomitantemente com a presença do Pe. César Albisetti que continuara a pesquisa sobre a cultura Bororo, dando prosseguimento ao que efetuaram o Pe. Antônio Colbacchini e o Pe. Pessina. Dessa proximidade, surgiu a publicação dos volumes da Enciclopédia Bororo; o último volume ainda seria publicado, então com a colaboração do Pe. Gonçalo Ochoa. O museu cresceu e ganhou relativa representatividade neste período.

O Museu D. Bosco foi, portanto, inaugurado no dia 27 de outubro de 1951, sob o título de Museu Regional D. Bosco; seu acervo estava devidamente exposto em belos móveis organizados pelo Mestre Sr. Roberto Pólice, exímio artista na carpintaria, o mesmo que já organizara a edificação da Igreja bela de Sangradouro, cujos bancos todos foram gerados de um só tronco de um enorme jatobá. Os armários para a exposição ocuparam duas salas belas do andar térreo do prédio do Colégio D. Bosco da Av. Mato Grosso, inaugurado em 1936, conhecido hoje como Bloco A. Era o prédio principal do colégio. Mais tarde, em 1969, foi deslocado para algumas salas do último andar do novo prédio da Rua 14 de Julho, conhecido e individualizado como Bloco C. A fase gloriosa do museu veio, porém, acontecer com o advento de um novo diretor depois de 1975, Pe. João Falco. Após a edificação do Teatro e suas dependências, o museu desceu e permaneceu por alguns anos no piso térreo do prédio do Teatro, onde ocorreu a segunda inauguração deste no dia 11 de novembro de 1975, por ocasião da comemoração do centenário das missões. Depois nesse local passaram a funcionar salas de aula e a biblioteca da antiga FUCMT.

A penúltima peregrinação do acervo do Museu D. Bosco foi sua trasladação para o prédio do Pia Lame, situado na Rua Barão do Rio Branco. Aí permaneceu por um tempo longo, e o diretor daquela época realizou uma exposição sempre grandiosa pois crescera muito o seu acervo. Em 1983, houve uma reinauguração do Museu D. Bosco devido à presença da coleção de animais empalhados, adquiridos pelo diretor taxidermista Giovanni Magrin[67]. De 1975 até o ano de 2006, o Museu permaneceu nesse prédio.

[67] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 01/12/2006, XReu.

Ao obter para o museu essa nova morada, Pe. Falco, depois de um período entre os Bororos de Meruri, idealizou uma exposição que abrangesse todo acervo existente. Além disso, estudou e conseguiu montar o acervo atual em todos os seus segmentos, malacologia, etnias, arqueologia. Enriqueceu o museu com a coleção Magrin, acervo de animais empalhados provenientes de Batatais. Junto com seus auxiliares, passou a viver para o museu; auxiliou-o sempre o seu escudeiro-mor, o jovem Clóvis.

Praticamente o Pe. João Falco refundou o museu e deu-lhe as dimensões atuais, dirigiu o museu de1975 até sua morte, em 1996. Tornou-o uma significativa referência cultura na cidade. Era um concorrido ponto turístico e meio pedagógico para as turmas de escolares que diariamente o visitavam como percurso didático. Na Congregação, Pe. Falco teve um reconhecimento internacional pelo seu trabalho: foi convidado a montar um museu missionário na terra natal de D. Bosco, nos Becchi, no Piemonte.

Tamanha foi a dedicação do Pe. Falco em enriquecer, aumentar o acervo e criar meios de expor suas conquistas que no final da vida foi intoxicado por elementos químicos provenientes de seus trabalhos de taxidermia. A congregação sempre reconheceu o mérito do Pe. João Falco, que soube levar avante e enriquecer o trabalho inicial do Pe . Ângelo e do Pe. Félix. Hoje, nesta nova sede, sua memória seja enaltecida e considerada pelo trabalho competente, árduo, solitário e mesmo, às vezes, não reconhecido. A ele nosso reconhecimento, a ele uma glória justa de um digno filho de D. Bosco.

Hoje o Museu das Culturas D. Bosco está devidamente correlacionado com a Universidade D. Bosco; assim, ao se dedicarem à pesquisa científica, os salesianos estão cumprindo com um legado recebido de nosso Pai D. Bosco, que sempre recomendara aos missionários levar além do saber, da evangelização, o espírito da pesquisa; sua recomendação resultou em salesianos reconhecidos mundialmente por seus trabalhos científicos e de conservação, de promoção do saber e da cultura. Assim foram os salesianos na Argentina, onde existe também um museu etnográfico documentando as etnias indígenas da Patagônia; existe aqui o Museu D. Bosco e, em Manaus, um incipiente museu sobre as etnias manauenses. O museu torna-se o legado da fidelidade dos salesianos para com os povos indígenas da nossa terra.

Nesse tempo, em outros moldes, muito mais estribados em estreita e séria cientificidade, a organização do museu esteve em boas mãos, sob a regência do Sr. Raffaele Locchi, ecônomo inspetorial e administrador da UCDB. A equipe orquestrada pela Dra. Aivone de Carvalho, que tinha, como precípua finalidade, a organização e dinamização do saber e da cultura através da ativação do acervo, através de exposições temáticas educativas, conduzia a edificação e as exposições novas em relação ao acervo do museu.

Depois de 2007, surgiu um novo projeto de organização das exposições do acervo do Museu das Culturas. Financiado pelo "Missioni D. Bosco", de Turim, Itália, comandada pelo Pe. Pierluigi Zuffetti, foi possível iniciar uma reforma das modalidades de exposições do acervo de cada cultura. Assim com a presença da arquiteto Massimo Chiapetta e do engenheiro Apolinário, brasileiro de Campo Grande, sob a gerência da Professora Aivone, foi iniciada uma série de trabalhos para se organizar, de forma projetada a partir de uma linguagem estética, os mostruários do novo museu. Ao mesmo tempo foi feito um estudo para a climatização de todo o ambiente. A professora Aivone assim descreveu o novo ambiente: "A novidade da estética metalinguística desperta o Museu das Culturas D. Bosco para deixar correr livre o encantamento e a imaginação. A expografia não está completa. A comunicação visual ainda está em andamento, ultrapassamos nossos próprios limites para entregar a Campo Grande essa obra e inscrevê-la como um dos pontos culturais importantes da cidade e do Brasil!"

As coleções do Museu englobam as coleções; Arqueologia (458 objetos); Etnografia (10.000 objetos e fotos das etnias Bororo, Xavante, Karajá, Moro, Povos do Rio Uapés e de Mato Grosso do Sul); Paleonteologia (2.700 objetos); Mineralogia (783 minerais); e Zoologia (cerca de 30.000 espécies entre moluscos, insetos, peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos). Dessas coleções, algumas são extraordinárias ao lado do material das culturas indígenas. A coleção dos invertebrados é a maior do museu, destacando-se a malacologia, cujo acervo é um dos mais completos do país. A coleção entomológica representa uma variedade de insetos que se torna muito importante; em especial sobressaem as coleções das borboletas. Assim também tornou-se importante a coleção de animais empalhados, adquiridos pelo Pe. Falco do Sr. Magrin de Batatais. E outras coleções que ali testemunham o valor do conjunto do acervo do Museu (CASTILHO; PLATERO, 2012, p. 37-52).

17.9.2 História dos novos mostruários e Festa da inauguração dos novos mostruários do Museu

Depois da inauguração oficial do Museu em 30 de novembro de 2006, houve o desejo do patrocinador, Pe. Zuffetti, em instalar os mostruários de acordo com um estudo e planejamento do Projetista Massimo Chiapetta, contratado por ele para auxiliar na implantação de todo o acervo no Museu. Foram estudadas as questões de informatização do acervo e de modalidades de explicações científicas e apropriadas a cada quadro em exposição. Esse trabalho de implementação e de construção dos mostruários levaria tempo e um capital respeitável. Pe. Zuffetti estava disposto a arcar com todos es-

ses dispêndios e contava com a presença do arquiteto e da encarregada do Museu, professora Aivone e suas auxiliares.

Por não ter sido liberada a verba federal tão aguardada para a edificação do segundo bloco do Museu, os empreendimentos se reduziram a colocar em ordem, classificar e informatizar e a climatizar os ambientes, com o auxílio proveniente da "Missioni D. Bosco", trabalhos levados avante durante o tempo necessário, que passou de um ano. Assim somente em 2009 é que foi possível inaugurar solenemente os mostruários planejados pelo arquiteto Massimo Chiapeta e passar o Museu a ser aberto às visitas regularmente.

Justamente na noite do dia 24 de agosto de 2009, com a presença de autoridades e, em especial, com a presença do Pe. Pascoal Chávez Villanueva, o 9º Sucessor de D. Bosco e Reitor-Mor da Congregação Salesiana, foram inauguradas as novas disposições dos mostruários das coleções de artefatos indígenas; essas novas modalidades de mostruários tornaram o Museu das Culturas D. Bosco uma expressão artística em si mesmo, em seu modo de ser museu, pela concepção da linguagem da arte que fala por si mesma como linguagem expressivamente decorrente do que mostra. Congeminam-se os artefatos com a forte linguagem dos contornos dos mostruários. Uniram-se numa só expressão os objetos e a arte de os abrir em seu forte momento de integração como mostruários. A partir dessa data, finalmente o Museu das Culturas D. Bosco passou a ser visitado em sua parte que foi devidamente preparada; para o futuro, havendo verbas disponíveis, poder-se-á completar as construções dos outros pavilhões necessários e que já haviam sido planejados, ambientes esses para cuja construção não se liberou a verba necessária.

17.10 Alguns fatos importantes na inspetoria no ano de 2008

Durante o ano de 2008, ocorreram na inspetoria alguns fatos que merecem ser destacados por causa da expectativa suscitada e seu forte significado histórico. O primeiro a ser nomeado por sua singularidade de sentido foi a devolução do prédio do Colégio de Três Lagoas; de agora em diante, finalmente, depois de mais de 20 anos, os salesianos poderiam reativar essa escola; a cidade de Três Lagoas, devido ao desenvolvimento das indústrias de transformação, em especial de celulose, atraíram grandes ondas de migração do próprio Estado de Mato Grosso do Sul e de outros também. Com uma pequena reforma no telhado desse prédio, foi possível nesse ano iniciar as atividades desse colégio, agora dirigido pelos salesianos. E a presença salesiana na cidade tornou-se mais ampla, pois a exuberância dessa presença está fortemente constituída pela atividade do Centro Juvenil da Vila Piloto. De agora em diante, além da paróquia, os salesianos estarão em atuação no

ensino mediante a ativação do antigo colégio "Bom Jesus", agora Colégio D. Bosco[68].

Também nesse ano, o novo Regional, Pe. Natali, realizou sua primeira visita às casas da Inspetoria para apresentar para as comunidades salesianas os documentos novos do CG 26, finalizado em Roma no mês de fevereiro desse ano de 2008. Outro fato muito pesaroso, mas que marcou a configuração do trabalho na inspetoria, foi a decisão que as Filhas de Maria Auxiliadora tomaram: deixaram de ter uma comunidade na Missão de Meruri, ainda manterão as comunidades de irmãs em Sangradouro e em S. Marcos.

Nesse ano de 2008, houve algumas iniciativas marcantes na atividade e estruturação da UCDB; em primeiro lugar, passaram para o período noturno o curso de Filosofia, que sempre havia funcionado no período matutino. Outra iniciativa marcante na UCDB foi o início da atividade denominada "O Dia de Campus"; uma atividade em que é oferecida a oportunidade de os alunos do terceiro ano colegial, de todas as escolas da cidade, visitar todos os ambientes, salas de aula, laboratórios e participar de momentos de animação no Labcom, com artistas, e assim conhecer a infraestrutura da universidade e os diferentes cursos e suas respectivas estruturas laboratoriais. Da mesma forma, conhecem as dependências e lugares onde ocorrem as experiências práticas de alguns cursos. Por fim, nesse ano, do dia 25 até o dia 31 de outubro, houve uma série de festas comemorativas dos 15 anos da UCDB. Festas e alegrias e animação que indicam a vitalidade dessa instituição. Toda a vitalidade dessa instituição passou, a partir desse ano, a se relacionar com o seu projeto de universidade, uma referência para todas as atividades institucionais, denominado de "Carta de Navegação". Essa denominação proveio de uma modalidade de assim se designar os Projetos Institucionais Universitários na Congregação Salesiana.

Nesse ano, sendo o Sr. Raffaele Locchi o ecônomo inspetorial e da UCDB, foi decidido que ele permanecesse somente na universidade nessa função; foi então iniciado o processo de consulta para a escolha do novo ecônomo inspetorial.

No final do ano de 2008, em dezembro, a assembleia dos irmãos aprovou o projeto de animação das diversas dimensões ou áreas de trabalho da MSMT, o POI. Assim ficou também registrado o número de salesianos presentes na Inspetoria: 140 salesianos. Constatou-se que esse número é um presságio muito significativo para o trabalho nas comunidades[69].

[68] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 23/07/2008, XReu.
[69] Atas e Anexos das reuniões do Conselho Inspetorial. 07/10/2008, VIReu.

17.11 Ao concluir o período de governo inspetorial de 2002 a 2008, surgem algumas considerações: novo mundo das comunicações, novo trabalho nas missões, na formação

Ao início do ano 2008, pôde-se aventar uma avaliação sobre o alto desenvolvimento das redes de comunicação, a característica da nova cultura nos meios de comunicação social. Nesse período, a Inspetoria sofreu ataques e invasão de seu site de comunicação devido a perseguições e acusações para fim de extorsão de dinheiro, tendo em vista acusações sobre as atitudes de alguns salesianos em relação aos menores. Tudo foi esclarecido, em especial quanto à conduta de salesianos com menores mais carentes. Mas o aprendizado foi muito doloroso e deixou marcas visíveis.

No setor das comunicações, convém lembrar que o último número da revista Boletim Inspetorial fora publicado no início do ano de 2000. Nesses anos, a comunicação na Inspetoria permaneceu por conta da iniciativa de algumas casas que inauguraram os próprios sites na Internet. No início do ano 2004, houve a decisão de se contratar um jornalista para prestar assistência ao site oficial da Inspetoria. Perdurou por vários anos a presença do jornalista que prestara serviços por vários anos na UCDB e fora contratado para dar cobertura ao processo de comunicação através do site inspetorial. Dessa forma, retornou-se ao contínuo das comunicações entre a Inspetoria e as casas; o site inspetorial tornou-se o jornal midiático da Inspetoria.

Nesse período, outro fato merece ser salientado na Inspetoria. Com o multiplicar das aldeias nas reservas indígenas, em especial dos xavantes, foi necessário adaptação dos missionários a essa nova realidade nas reservas xavantes. Os salesianos queriam que todas as aldeias fossem atendidas pelos salesianos sacerdotes para a revitalização dos cristãos pela vida sacramental e participação nas celebrações. Para auxiliar e manter essa presença religiosa, aos poucos se instituiu a presença dos Agentes de Pastoral. Esses indígenas recebiam as devidas instruções e passaram a ser responsáveis pelas comunidades das diversas aldeias; eles se tornaram catequistas e promoviam as celebrações normais da Palavra para os cristãos, quando não havia a presença dos sacerdotes. Além disso, eram os catequistas responsáveis pela formação dos catequizandos de cada aldeia. Foi um passo grandioso para a manutenção das comunidades cristãs nas aldeias. Os sacerdotes programavam as viagens para prestar a devida assistência a todas essas verdadeiras igrejas particulares das aldeias. A vida cristã acontecia dessa forma para as mais de 120 aldeias, nas várias reservas xavantes. Para assegurar a consistência da catequese, havia os livros em língua xavante e, anualmente, promoviam-se os encontros de preparação desses Agentes de Pastoral Indígena. Ao viajar constante dos sacerdotes para o atendimento das aldeias, deu-se o nome de

"Itinerância", serviço de atendimento às aldeias. Em tempos idos, desde o final do século XIX, quando o Pe. Solari realizou esse trabalho ao sul do Estado de Mato Grosso por solicitação do bispo de Cuiabá, esse trabalho apostólico tinha recebido o nome de "Desobriga" e assim perdurou até quase 1960.

Outro item a ser destacado nesse período de governo da Inspetoria foi a animação e o cuidado especial com as casas de formação. Foi necessário constatar que estas passaram por um ajuste quanto à idade dos vocacionados; da mesma forma, também foi necessário modificar a pastoral vocacional na inspetoria. Cessaram os pré-aspirantados de Coxipó e de Araçatuba. Focalizou-se o Aspirantado de segundo grau na Chácara S. Vicente. Ao lado do Aspirantado, a Chácara S. Vicente passou a sediar também o ano de preparação para o noviciado, então denominado de Pré-Noviciado. Os jovens que eram incluídos no Pré-Noviciado, realizavam também o primeiro ano do curso universitário de Filosofia. Os numerosos aspirantes, contactados pelos salesianos e selecionados por encontros anuais, estudavam o segundo grau no Colégio D. Bosco e eram seguidos por um grupo de salesianos muito bem animados e intencionados quanto ao espírito vocacional para ser salesiano. A vida no aspirantado era muito animada conforme sempre foi a vida salesiana. Grandes resultados dessa vida de empenho e animação foram obtidos nesse tempo.

As outras fases da formação salesiana caminhavam muito bem; o prénoviciado, animado e dirigido pelo mesmo diretor do aspirantado, conseguiu sua identidade e caminhou muito bem. O noviciado, que, além dos numerosos noviços da Inspetoria, passou a acolher os noviços da Inspetoria de Manaus, foi um primor de casa de formação ao criar um ambiente muito bem conceituado salesianamente. A outra fase de formação da Inspetoria referiu-se aos dois anos do Pós-Noviciado; dedicados aos estudos e sendo todos estimulados a se prepararem para finalizar o curso com a apresentação da "Monografia Final", não havia tempo para outras preocupações, pois eles todos, além de um estudo exigente, possuíam aulas e palestras complementares de formação e eram acompanhados devidamente por psicólogas que atendiam a todos. E nos finais de semana, empenhavam-se com alegria nos trabalhos pastorais dos oratórios diversos das capelas e no Centro Juvenil da Paróquia. Ambiente animado e, sendo numerosas, as atividades mantinham todos entusiasmados com esse tempo de formação.

Os salesianos do Tirocínio entraram a fazer parte das animadas comunidades que se dedicaram com ânimo e entusiasmo aos projetos pastorais dos colégios e das casas de formação. O período menos animado, portador de muitos e complicados problemas, foi o tempo de estudo da teologia. Alguns salesianos iniciaram esse período de estudo em outros estudantados que não o de S. Paulo. Ao final, por ordem superior, todos

tiveram que retornar para cursar teologia no Instituto Teológio Pio XI, SP. No início de 2008, houve a tentativa de se instalar a casa de Lins como local para a moradia dos estudantes de teologia que realizariam os estudos no seminário de teologia e filosofia em Marília; mesmo com muita insistência não se obteve a justa liberdade para essa iniciativa, e todos os estudantes de teologia tiveram que se dirigir para S. Paulo.

Nesse período, houve um investimento grandioso para com as casas de formação; tudo era feito com carinho e vivenciava-se uma característica que sempre foi peculiar na inspetoria: vivia-se a identidade conforme a forte tradição salesiana dos primeiros salesianos que vieram para cá e mostraram sempre a grandeza do espírito de S. João Bosco, através de tanta dedicação e de atualização, mas sem jamais deixar as tradições mais simples e animadas capazes sempre de entusiasmar os formandos. Nesse tempo, houve um entusiasmo pela história da Congregação e pelos passos encorajadores da história da inspetoria, incomum para com a força, a alegria e a dedicação dos salesianos do passado que não mediram esforços para que a inspetoria resultasse numa bela resposta de D. Bosco aos jovens dessa região.

Dentro da história evolutiva da inspetoria, constata-se a grande preocupação dos salesianos em estarem atentos às características culturais que determinam mudanças nas posturas educativas. Desde o início das atividades dos salesianos em Cuiabá, sempre souberam promover as posturas para a capacitação dos jovens; assim ocorreu com as escolas de Artes e Ofícios e com o S. Gonçalo Equiparado para oferecer o melhor para os jovens. Souberam os salesianos se adaptar às conveniências e necessidades dos tempos para esse trabalho; desde o início do segundo milênio, os salesianos da inspetoria empenharam-se em aos jovens oferecer ensino universitário de qualidade. Surgiu a UCDB, o Unisalesiano de Lins, Araçatuba, e as Faculdades de Corumbá. Depois de alguns anos de tentativas, finalmente surgiram alguns cursos universitários no Coxipó. Esse tempo foi marcado justamente pelas tentativas de dar esse passo com consistência. Houve momentos muito grandiosos e outros menos. Mas o Ensino Superior ganhou sua devida consistência na Inspetoria, não por vontade de um ou outro salesiano, mas devido à necessidade de se posicionar diante das novas características culturais que então pediam essa postura aos salesianos. A UCDB hoje é a única universidade salesiana no Brasil, e, apesar das dificuldades, o Unisalesiano luta e demonstra sua atualidade em se posicionar como presença salesiana bem identificada e muito bem de acordo com o carisma de D. Bosco.

Outro setor que se modificou de acordo com as novas normas determinadas juridicamente sobre o atendimento dos jovens, foi a pastoral juvenil. Até o final do ensino fundamental/médio, houve a cristalização de processos de pastoral juvenil a partir de projetos bem específicos de cada casa; ou ain-

da, as modalidades de ação pastoral de uma casa repetiam-se na outra, conforme as próprias circunstâncias. Como projeto mais amplo, sempre houve o "Intercâmbio" entre os alunos dos colégios e os "Jogos Escolares". Cessaram as atividades nos moldes do passado, em que os jovens deviam viajar e permanecer em algum lugar para poder participar das atividades pastorais. Devido à legislação, esse movimento sempre se tornou mais difícil. A Pastoral Universitária seria mais aberta, pois lá os jovens têm mais de 18 anos de idade. No âmbito da Pastoral nesse tempo, surgiram duas modalidades que, ao se identificar pelos nomes, tornaram-se movimentos característicos das casas salesianas. Trata-se do grupo de jovens denominados de "Acólitos", que possuem a participação na liturgia eucarística como ponto referencial e, ao lado dos jovens, as moças receberam a denominação de "Leitoras". Ao lado desses dois grupos, surgiram outros que sempre se mostram ativos, como os "Ex-alunos" jovens. Convém notar que a pastoral juvenil passou a se regular mais pelos projetos de cada casa que por um movimento inspetorial. Esse enfoque gerou um grande entusiasmo pela animação pastoral de muitas casas, inclusive a dos oratórios.

Com o advento da nova biografia de S. João Bosco, "Um padre para os jovens no século da Liberdade" de Pietro Braido, este expressou a consistência das grandes características do carisma de S. João Bosco; ao mesmo tempo, fundamentou os traços mais importantes, com consistente fundamentação histórica, da espiritualidade de nosso santo fundador, S. João Bosco. A proximidade da celebração do bicentenário do seu nascimento vai solicitar de todos uma atitude de profunda busca por sua espiritualidade. A preparação para essa celebração, com a programação da peregrinação da Urna com as relíquias de nosso amado Pai, será um fato marcante nesse sentido. Retornou-se a uma preocupação em exprimir os traços fundamentais da espiritualidade de S. João Bosco que sustentaram seu ímpeto para trabalhar sempre, até à exaustão, pela salvação dos jovens. Esse se torna o referencial modelar da nova postura dos salesianos diante do fundador.

Ao mesmo tempo que se procura uma consistência valiosa da espiritualidade, a pedagogia referencial para o embasamento da educação, da qualidade das relações dos salesianos educadores com os jovens, retorna com um particular entusiasmo e com muita disposição por parte dos salesianos; uma verdadeira onda de expressão dos moldes educativos de S. João Bosco retorna com o estudo, com a animação e com entusiasmo pela grandeza de nosso fundador.

As estatísticas indicam as características dos salesianos da inspetoria nesse período. Se em 1966 o número de salesianos da inspetoria atingiu o máximo, com 243 salesianos, nos últimos tempos, as estatísticas indicam uma natural tendência à diminuição do número dos salesianos na inspeto-

ria. Depois de 2000 até 2008, o número de salesianos da inspetoria variou entre 150 a 140, sendo 148 em 2004, conforme demonstrado em um gráfico realizado em 2006. O problema que esse gráfico anuncia são os conjuntos de salesianos por alguma época e mostra também as épocas em que não houve salesianos. Assim os salesianos de 69 até 79 anos somam 47; entre os de 39 e 49 anos de idade, não passam de 21, em especial os salesianos de 40 até 49 anos de idade são somente nove. Esse é o resultado de um dos piores períodos em que os salesianos fugiram da própria identidade e se ideologizaram na esperança de se salvar o mundo. Porém, nesse gráfico, há o espelhamento da realidade do trabalho da inspetoria nesse início do segundo milênio, os salesianos de 29 a 39 anos chegam a 62; e, de forma gritante, constata-se o valor do trabalho na formação, pois os salesianos de 20 a 29 anos de idade é o grupo mais numeroso, são nada mais nada menos que 40 jovens salesianos. Essa estatística prova o valor de um trabalho vocacional fundamentado nas raízes da santidade de S. João Bosco e no valor da história e da tradição, construída e mantida por um profundo amor de tantos e tantos salesianos, verdadeiros santos seguidores de nosso Pai, S. João Bosco! Que Glória para os formadores e responsáveis pela Inspetoria!

Anexo I – A UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO (UCDB)

Os salesianos que iniciaram suas atividades nesta região do Mato Grosso especificamente como missionários entre os índios bororos na Colônia Teresa Cristina, às margens do Rio S. Lourenço, em 1896, assumiram outras duas dimensões da atividade tipicamente salesiana: a paróquia S. Gonçalo, perto do Porto de Cuiabá, juntamente iniciaram o atendimento às crianças e jovens com o início do Oratório Festivo. Porém iniciaram também as suas atividades em uma terceira dimensão da atividade tipicamente salesiana: a inauguração da escola denominada igualmente de Colégio S. Gonçalo. Nos primeiros anos a atividade missionária, tornou-se modelar apesar dos desacertos com o governo do Estado e a saída dos salesianos da Colônia Teresa Cristina. Esse fato levou os missionários para o Leste do Estado e, nas imensidões dos cerrados centrais, fundaram a colônia dos Tachos em 1901 e, posteriormente, em 1905, outra Colônia da Imaculada e, por fim, em 1906, a de Sangradouro.

Em contraponto foi adquirida uma chácara não muito distante da Igreja S. Gonçalo, pois os alunos da escola não mais cabiam nas dependências da paróquia. Dessa forma nasceu o Colégio S. Gonçalo que, ao lado do Colégio Santa Teresa de Corumbá (1899), representavam com expressiva força a atividade dos salesianos na educação. O Colégio S. Gonçalo cresceu e prosperou; desde 1906, tornou-se um "Ginásio Equiparado" que por lei concedia "Titulação de Bacharel" ao final do curso ginasial como ocorria com outras instituições no país. A titulação de "Bacharel" sugeriu sempre o ensino superior, especializado a ponto de tornar o aluno um profissional da área.

Em décadas posteriores, os salesianos estiveram presentes na novíssima capital de Goiás, Goiânia, com o "Ateneu D. Bosco"; nessa época, o mesmo diretor do S. Gonçalo, Pe. Manoel de Oliveira, em 1906 até 1912, tornara-se o arcebispo de Goiânia; entre ele e os salesianos houve uma tentativa de se fundar uma universidade católica na cidade. Assim os primeiros cursos da Universidade Católica de Goiânia tiveram o berço nesse tempo, da década de 1945-1955, em comum acordo com os salesianos de Mato Grosso que então dirigiam o Ateneu. As primeiras faculdades surgiram no final desse tempo; porém os salesianos que lá estavam tiveram que deixar o Ateneu e vieram para a cidade de Campo Grande. Com eles veio a ousadia de se iniciar aqui o ensino superior.

A ideia permaneceu parada por mais de onze anos. Somente em 1961, foi possível realizar o projeto de abertura do Ensino Superior em Campo Grande. Pe. Félix e Pe. Ângelo Venturelli preparam o projeto que foi aprovado no final de 1961; dessa forma foi possível iniciar, em 1962, os primeiros cursos superiores de todo o Estado de Mato Grosso.

1 Breve história – o novo campus

Os salesianos estão presentes nessa parte do Brasil, no sul do antigo estado de Mato Grosso, desde 1924, para o atendimento paroquial de Aquidauana e de Campo Grande; em 1926 foi aberta a primeira escola salesiana nesta cidade, escola primária unida ao Oratório S. José iniciado pelo Pe. João Crippa. Em 1930, por indicação e insistência de D. Antônio de Almeida Lustosa, os salesianos adquiriram o colégio Pestalozzi e iniciaram as atividades escolares nesse local. Em 1936, foi inaugurado o grande prédio da Av. Mato Grosso, e para lá passaram as atividades do colégio que ocorriam no prédio da Rua 14 de Julho.

Como foi assinalado anteriormente, os salesianos que estavam no Ateneu de Goiânia chegaram aqui e assumiram a direção do Colégio; um ano após, precisamente em 27 de outubro de 1951, foi inaugurado o "Museu Etnológico Dom Bosco"; as salas de exposição do Museu estavam no Bloco A ou prédio da Av. Mato Grosso.

Já em 1960, os salesianos iniciaram o estudo de um roteiro de trabalho para se instituir no Colégio D. Bosco cursos superiores. Depois de tentativas, o processo encaminhado ao MEC recebeu, em novembro de 1961, a autorização para abertura de dois cursos superiores de Licenciatura; surgia o primeiro Centro de Educação Superior do Estado de Mato Grosso, a Faculdade "D. Francisco de Aquino de Filosofia Ciências e Letras (FADAFI), com os cursos de Licenciatura em Letras e Pedagogia; a finalidade era formar professores e educadores para suprir as necessidades de todo o Estado. No início do ano de 1962, depois do primeiro vestibular, entraram em funcionamento os dois cursos no prédio do Colégio D. Bosco. Com o correr do tempo foram instituídos outros cursos.

Em 1975, as várias faculdades receberam um título que as unificava: Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMT). Em 1990, iniciou-se o processo para a transformação da Fucmt em universidade; o processo foi aprovado pelo Parecer n. 0113, de fevereiro de 1991, para o início da fase do acompanhamento por uma comissão determinada pelo CNE para verificar os projetos e as realizações das etapas do planejamento para se tornar universidade. Depois de um ano e meio de encontros e reuniões da direção com a equipe designada pelo MEC, no dia 27 de outubro de 1993 foi aprovado o Credenciamento da Fucmt para universidade; a Portaria n. 1547 foi publicada no Diário Oficial da União, no dia 28 de outubro de 1993. A partir desse ato, a Fucmt assumiu a denominação oficial de Universidade Católica D. Bosco. O novo campus, fora das dependências dos prédios do Colégio D. Bosco, foi um passo consistente para o desenvolvimento das atividades da nova universidade.

A etapa seguinte caracterizou-se por novas posturas, pois, se antes o ensino era condizente, de agora em diante haveria de se consolidar uma nova terminologia e dinamizar as atividades de extensão e pesquisa. Procurou-se desenvolver os cursos de Pós-Graduação *lato sensu* e a projetar cursos de Mestrado e Doutorado *stricto sensu*. Em 1994, iniciou-se o Mestrado em Educação; mais tarde outros também tiveram início, em Desenvolvimento Local, em Psicologia e Biotecnologia. Anos mais tarde, vendo consolidados os programas de mestrados, iniciaram-se os doutorados nessas áreas, em especial em Educação, em Desenvolvimento Local e Psicologia.

Em 2001 houve a criação do primeiro campus fora da sede da UCDB, em S. Gabriel do Oeste, cidade distante da sede 137 Km, com dois cursos: Direito e Administração de Cooperativas e Empresas Rurais. Essa presença esteve em atividade até o ano de 2008, quando foram encerradas as atividades da UCDB naquela cidade.

2 A UCDB em números

A UCDB atualmente mantém em funcionamento um conjunto considerável de cursos, sempre houve variações de ofertas diante das novas necessidades do mercado e das especificidades das novas características que a ciência e o mercado de hoje exigem. Ao todo a UCDB mantém como possibilidades titulares na graduação 77 denominações de especializações em graduação dos 32 cursos originais. Vale dizer que o mercado pede que alguns títulos sejam acentuadamente específicos de determinadas partes do curso, e a graduação já se torna especial. Multiplicam-se as possibilidades conforme a especialidade acentuada que passa a vigorar legalmente como outro curso; dessa forma os 32 cursos duplicam as graduações, que chegam a 77 possibilidades bem específicas.

Alguns dados aproximativos sobre o número de alunos em geral, posteriormente cada área contará com esses números mais especificadamente.

- De 1989 até 1997 a média geral de alunos variou de 4.000 até 5.000 alunos;
- De 1998 até 2002 a média geral foi de 7.000 alunos;
- De 2002 até 2007 a média geral de alunos variou de 8.000 até 9.000 alunos;
- De 2008 até 2012 a média geral baixou para 7.000 alunos, ano da crise econômica no Brasil e no mundo;

Em 2013, os alunos são 8.703 alunos de todas as áreas e cursos. Esse montante de alunos se espalha por todas as dependências do campus e por todos os espaços dedicados ao trabalho de cada curso e suas especificidades.

3 Cursos de Pós-Graduação *Latu Sensu*, de Mestrado e de Doutorado

Como instituição universitária, a UCDB possui cursos de Pós-Graduação e cursos de Mestrado e Doutorado. Esses cursos tipificam uma das características da universidade, que é a pesquisa.

Em 2013 o número de alunos da Pós-Graduação é de 407 dentro de um total de 7120 alunos que já realizaram cursos nessa instituição. Os cursos de Especialização tiveram início na Fucmt, desde 1986. Também está em ação a Especialização à distância, em 2013, 4.136, tendo concluído os cursos, 786 alunos. Os cursos de Especialização em convênio com o "Portal Educação" são 21, atualmente.

- Os alunos do Mestrado em Educação são 51, a partir de um total de 182 alunos;
- Os alunos do Mestrado em Desenvolvimento Local são 50 a partir de um total de 210 alunos que já concluíram o curso;
- Mestrado em Psicologia são 51 alunos, dentro de um montante de 182 concluídos.
- Os alunos do Mestrado de Biotecnologia são 32 sendo que 48 já concluíram o curso;
- Os alunos do Mestrado em Ciências Ambientais e Agronômicas são 14 que estão cursando.

Os doutorados também mantêm um número de alunos para cada curso:

- Doutorado em Educação são 27;
- Doutorado em Psicologia são 12;
- Doutorado em Ciências Ambientais e Agronegócio são 26 alunos cursando

Convém sublinhar que são inúmeras as áreas de pesquisa da UCDB, aproximadamente são mais de 42 áreas assinaladas.

4 Dados sobre a Biblioteca "Padre Félix Zavattaro"

A biblioteca da universidade teve seu início como biblioteca do Colégio D. Bosco. Em 1950, Pe. Félix Zavattaro, então diretor do Colégio, criou a "Bibliotecca Central Escolar D. Bosco"; com o tempo serviu como biblioteca para a Fucmt e, no dia 20 de setembro de 1999, foi inaugurado no campus da UCDB o atual prédio da Biblioteca Central da universidade denominada então "Biblioteca Pe. Félix Zavattaro".

Atualmente, em 2013, a biblioteca da UCDB possui 107.031 títulos e 210.150 exemplares. Desse acervo constam as "Obras Raras", 75 com 119 exemplares. as "Obras Especiais", são 1480 sendo 2.170 exemplares.

Fazem parte do acervo as 1.087 dissertações impressas e 03 em CD; as teses são 165 e as monografias impressas 7.808 e em CD 14.222. Os periódicos são 3.792. O acervo total ainda possui mapas, dicionários, enciclopédias e outras fontes como CDs e vídeos.

Conforme a relação da biblioteca, o total de títulos atinge a 131.726; e o total de exemplares desses títulos vai para 306.561 exemplares.

O montante de atendimentos ocorridos na biblioteca, em 2011, totalizou 108.101; em 2012, chegou a 104.804; e até o mês de julho de 2013, os atendimentos atingiram a soma de 67.697.

4.1 Obras publicadas pela Editora UCDB

Em atividade desde 1996, a editora, com 261 títulos de obras avulsas, publica semestralmente cinco periódicos:

- Série-Estudos, desde 1995, é a revista do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Educação, hoje on-line;
- Multitemas, periódico das comunidades departamentais da UCDB, desde 1996;
- Interações, desde 2000, do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Desenvolvimento Local;
- Tellus, iniciada em 2001, é a revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas (NEPPI);
- Psicologia e Saúde, revista on-line do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Psicologia.

5 UCDB Virtual

Através da Portaria Ministerial n. 550, de 25 de fevereiro de 2005, a UCDB passou a oferecer cursos de graduação e pós-graduação *Lato Sensu* virtualmente; em setembro desse ano, 2005, houve início das atividades da Educação a Distância para vários polos entre eles, Belém, Recife, Salvador, Através de polos com apoio presencial em 13 locais do Brasil, a UCDB-Virtual oferece 4 cursos de Bacharelados e 12 de formação de Tecnólogos. Atualmente dois cursos de bacharelados e 11 de Tecnologia estão em funcionamento. Em 2013, havia 1.584 alunos matriculados nos cursos de graduação.

Os cursos de Pós-Graduação, 22 cursos, funcionam em convênio com o Portal Educação. Nos cursos de pós-graduação, estão matriculados 5.827 alunos, mas ativos são 3.751 somente.

Nos cursos de graduação virtual, 927 alunos já concluíram o curso regularmente e nos cursos de pós-graduação virtual 2.693 alunos concluíram suas especializações.

Atualmente, dos 1.584 alunos regulares da UCDB Virtual, concentram-se em quatro polos: Campo Grande, Brasília, Belo-Horizonte e Goiânia.

6 UCDB – PESQUISA

A pesquisa na UCDB sempre esteve correlacionada com os campos de pesquisa de cada Programa de Mestrado e Doutorado, e/ou com os grupos especiais de "Iniciação Científica e Tecnológica". Ao lado da atividade de pesquisa, está sempre correlacionada a questão das fontes de financiamento para os projetos ou de bolsas para a participação tanto de alunos dos cursos de graduação, como de alunos programas de Mestrado e Doutorado. Por outro lado, existem também pesquisas de algumas áreas que não estão vinculadas diretamente com esses programas, são linhas de pesquisas próprias e restritas, situação em que há poucos projetos.

6.1 PIBIC

As primeiras atividades do PIBIC surgiram em agosto de 1994 com 10 projetos, 10 pesquisadores e 10 acadêmicos; hoje existem em andamento 72 projetos, 89 pesquisadores e 253 acadêmicos envolvidos nesses projetos. As bolsas iniciais eram 10; atualmente são 80 bolsas do CNPq, 60 bolsas da UCDB e 116 voluntários.

6.2 PIBITI

Esse setor de pesquisa teve início em agosto de 2010 com cinco projetos, cinco pesquisadores e cinco acadêmicos; atualmente são quatro projetos, quatro pesquisadores e quatro acadêmicos; sendo que existem somente cinco bolsas do CNPq

6.3 PIBIC Jr

Também teve início em 2010, com dois projetos, dois pesquisadores e dois acadêmicos; atualmente são sete projetos, sete pesquisadores e oito8 acadêmicos e somente oito bolsas.

6.4 Pesquisas e Patentes

As pesquisas em andamento são várias e fazem parte do conjunto de Projetos.

Total de Projetos de pesquisa em andamento: 72 projetos com uma média de dois pesquisadores por projeto e 253 acadêmicos envolvidos, sendo uma média de quatro por projeto; esses projetos iniciaram-se em agosto

de 2012, com finalização em julho de 2013, devido ao tempo de vigência das bolsas. O número de bolsas previstas são 80 do CNPq e 60 bolsas da UCDB.

A relação de todos os projetos consta em uma tabela em que estão especificados o nome de cada projeto, pequena descrição da área e região e a especificação dos pesquisadores e dos acadêmicos envolvidos. Devido à enorme relação não será transcrita essa tabela onde estão relacionados todos os projetos especificadamente por área e região.

6.5 Intercâmbio e publicações

Sobre as publicações e as diversas Revistas Científicas, tudo foi devidamente marcado no setor da Editora UCDB e respectiva Biblioteca. Sobre o intercâmbio, 19 alunos já foram beneficiados em 2012; no ano de 2013, os acadêmicos beneficiados eram 20.

6.7 Núcleos de pesquisa da UCDB

Os grupos de pesquisa, dois de Ciências Agrárias; três de Ciências Biológicas; quatro de Ciências da Saúde; um das Ciências Exatas e da Terra; 20 das Ciências Humanas; três das Ciências Sociais Aplicadas; dois das Engenharias. Existem ainda dois Centros de Pesquisa: 1) **NEPPI** – em favor das populações indígenas. Está em funcionamento desde 1995, e o atual diretor é o Pe. Georg Lachnitt. Muitos estudos foram publicados e em especial a produção de estudos e de livros didáticos em língua original xavante; este material foi fornecido às escolas xavantes nas várias reservas, e prosseguem esses estudos e produções de textos em língua xavante e bororo. Além disso, atende outras populações indígenas: Guarani, Kaiowá, Terena, Bororo e Xavante. Acompanha projetos de piscicultura para um grupo indígena de Dourados e o ensino fundamental na Aldeia de Caarapó; 2) **Programa Rede de Saberes** – acompanha a permanência indígena no ensino superior. O Programa tem aporte financeiro da Fundação Ford.

Cabe ao final o esclarecimento de que as pesquisas dos Cursos de Pós-Graduação Lato Sensu já foram anteriormente assinaladas ao falar desses cursos. Também se deve assinalar que a UCDB mantém parcerias de pesquisa com 12 Instituições governamentais tanto estaduais como federais.

7 Infraestruturas de informática e laboratórios – Graduação, Pós-Graduação, Mestrados e Doutorados

A UCDB possui uma infraestrutura proporcional à grandeza de seus projetos e cursos, em especial muito atualizada em informática e em equi-

pamentos e possibilidades de análises químicas e qualificações de materiais ou de possibilidades de projetos. A especificação dos Laboratórios será de acordo com suas localizações pelos diversos blocos da instituição.

- Bloco A – funcionam três laboratórios de Informática, para o uso de 14 cursos;
- Bloco B – funcionam quatro laboratórios de Informática, para o uso de 18 cursos;
- Bloco C – funcionam cinco laboratórios de Informática para 10 cursos, em especial engenharias;

Outros Laboratórios Especiais:

- Bloco C – Laboratório de Redes, para quatro cursos de engenharias e tecnologias específicas;
- Bloco C – Laboratório Promove, para engenharias e tecnologias da área de informática;
- Bloco C – Laboratório de Automação e Controle, para engenharias e tecnologias da área;
- Bloco C – Laboratório Hardware, para seis cursos específicos da área;
- Bloco C – Laboratório de Física I - para nove cursos de engenharias, Arquitetura e outros;
- Bloco C – Laboratório de Física II – para nove cursos de engenharias, Zootecnia, Análises e outros cursos da área;
- LABCOM – dois cursos: publicidade e propaganda e Jornalismo;
- Nuprajur – para práticas jurídicas, curso de Direito;
- NEPI – Curso - Laboratório de Informática;
- GEPQ – Laboratório de Informática para desenvolvimento de projetos, para 06 cursos de graduação e para Mestrado em Biotecnologia, Mestrado e Doutorado em Ciências Ambientais e Sustentabilidade Agropecuária;
- Outros Laboratórios – Laboratório de Metalmecânica, Laboratório de Mecânica de Fluídos e Laboratório de Materiais de Construção.

Esses Laboratórios estão a serviço da capacitação dos profissionais da Engenharia de Computação, Engenharia Mecânica, engenharia de Controle e Automação; além disso, preparam tecnólogos dessas áreas bem como profissionais das Engenharias civil, sanitária e ambiental. Nesses laboratórios, trabalham 19 estagiários que procuram desenvolver 10 Projetos, específicos. Para alguns projetos existem financiamentos do CNPq, ou da própria instituição.

Por outro lado, os laboratórios de informática especificamente estão ao dispor de professores e alunos para suas atividades em todos os outros cursos.

8 Base de pesquisa e estudos na Lagoa da Cruz

A propriedade rural da Lagoa da Cruz passou para a UCDB para ser utilizada como campo experimental. Essa propriedade adquirida pelo Bispo D. Vicente Priante, passou para os salesianos desde 1944 e, então, aí se tornou casa de formação funcionando lá o noviciado, o pós-noviciado e depois o Aspirantado e o Pré-noviciado. Por fim permaneceu lá a Escola Agrícola S. Vicente, como escola estadual e internato para 70 alunos. Depois de muitos anos resolveram fechar a maior parte dessas atividades; por último fecharam o aspirantado e o pré-noviciado. Então a UCDB passou a utilizar toda a infraestrutura existente para instalar um campus experimental. E de fato assim ocorreu. Foi construída uma área grande onde antes era o pomar para servir de apoio para as aulas e para os laboratórios de pesquisa.

Os 191 hectares foram aproveitados em suas reais possibilidades para se montar uma área de cultivos experimentais e de pesquisa para os cursos da área: veterinária, zootecnia e agronomia. Todas as dependências foram ocupadas, além de se construir galpões para abrigar o maquinário apropriado para o manejo do solo e demais funções da atividade agrícola; as instalações todas são devidamente ocupadas e as atividades desse setor se desenvolveram conforme as possibilidades e as leis vigentes.

Desde o ano 2000, os cursos das Ciências Agrárias se instalaram para a realização de Experimentos, Monografias, TCC e local de pesquisa também para as pesquisas dos programas *Stricto Sensu*. Assim os laboratórios também entraram em atividade para os programas de pesquisa. São os seguintes os cursos que utilizam a Base de Pesquisa:

- Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia. Além desses,
- Biologia; Nutrição via CeTeAGro;
- Mestrado e Doutorado em Ciências Ambientais e Sustentabilidade na Agropecuária;
- Engenharia Civil; Engenharia Sanitária e Ambiental;
- Administração de Empresas.

Existem 13 projetos em vigor nessa Base de Pesquisa, alguns em agricultura, outros em Ciências Ambientais e outros quanto ao cultivo de algumas espécies de árvores ou vegetais. Para isso são ativados os laboratórios existentes no local.

A presença mais significativa corresponde ao Centro de Tecnologia do Agronegócio, CeTeAgro, e, a partir desse Laboratório, os cursos de Agronomia,Biologia, Engenharia Sanitária e Ambiental, Veterinária, Administração, Farmácia, Engenharia Computacional, Engenharia Mecatrônica e Nutrição puderam abrir seus projetos de pesquisa. Houve muitos trabalhos de pesquisa e valeram-se dos laboratórios existentes. Assim os bolsistas da

CAPES podem ali desenvolver os próprios projetos de pesquisa para conclusão de cursos, para conclusão do Mestrado ou Doutorado. Diversas pesquisas tornaram-se significativas para o conjunto experimental dessa Base de Pesquisa da UCDB.

9 UCDB – Extensão

A UCDB concretiza suas atividades de extensão através de projetos específicos. Essa dimensão da universidade envolve os docentes, os profissionais das diversas áreas e voluntários engajados nos projetos. Para o financiamento das atividades e projetos de extensão, a universidade realiza convênios com diversos órgãos tanto municipais, estaduais e federais, bem como com instituições independentes e internacionais ou nacionais. A universidade promove essas atividades através de seus profissionais das respectivas áreas em possibilidade de atendimento.

No ano de 2013, a UCDB contava com 44 projetos de extensão divididos por "áreas temáticas": Comunicação, três projetos; Direitos Humanos e Justiça, um projeto; Educação, 11 projetos; Tecnologia e Produção, três projetos; Meio Ambiente, seis projetos; Saúde, 20 projetos.

Atuam na execuções dos projetos 90 docentes, 98 alunos bolsistas e 306 voluntários. Alguns setores e órgãos que estão vinculados à Extensão: Centro de Educação Infantil S. Domingos Sávio, Programa de Educação e Diversidade, Universidade da melhor idade (UMI), Assistência ao Estudante, Setor de Cultura e Arte, Cursos de Extensão, Esporte e Lazer, Programas e projetos de extensão, SIMA (Estágios não obrigatórios) SUS. O convênio com o SUS atua em três áreas: Saúde Auditiva, atende 50 pacientes por dia; Fisioterapia, 56 pacientes por dia; e Terapia Ocupacional, em média atende 26 pacientes por dia.

10 Pastoral Universitária

A atividade pastoral está essencialmente unida à existência das sucessivas etapas pelas quais passou a UCDB; sempre esteve presente desde a inauguração dos dois primeiros cursos de Licenciatura da FADAFI e prosseguiu suas atividades até os dias de hoje. A ação pastoral faz parte da identidade institucional das obras salesianas. Sempre a ação da Pastoral esteve atuante entre os universitários. O primeiro titular da Pastoral foi o Pe. Guilherme Morales e sucessivamente sempre houve um salesiano na chefia desse departamento da UCDB. Entre as tantas finalidades da atividade pastoral na universidade, pode-se destacar algumas delas como:

- evangelizar e manter a união com a Igreja;

- fortalecer a identidade específica ou carismática da Instituição como salesiana;
- zelar pelo espírito salesiano em todas as relações educativas e profissionais;
- oferecer processos e metodologias, oportunidades para o engajamento de acadêmicos, colaboradores e docentes na atividade de evangelização e de propagação do espírito salesiano;
- integração entre a fé na Igreja Católica e a vida promovendo uma síntese entre a cultura e a fé;
- a atividade pastoral é parte integrante da vida da instituição para poder exprimir a sua identidade católica e agir de acordo com a fé em todos os setores e atividades.

Além disso, de acordo com a identidade salesiana da Instituição, a Pastoral visa à criação de um ambiente de espírito de família, à seriedade nos estudos, ao diálogo entre fé e ciência, à oferta de disciplinas de caráter ético e religioso, ao mesmo tempo visa proporcionar uma série de serviços e de atividades em que os alunos possam se encontrar e participar de atividades pastorais.

Por isso, a Pastoral celebram as festas de Nossa Senhora Auxiliadora, promove o sistema preventivo, divulga a devoção a D. Bosco, realiza cursos especiais para catequese de primeira Eucaristia, Batismo, Crisma, mantém o espírito de família e procura oferecer aos acadêmicos oportunidades e engajamento em algum grupo para ações pastorais em bairros afastados. Em vista disso, o setor de pastoral mantém:

- celebração da Eucaristia semanalmente;
- serviço de acompanhamento e aconselhamento espiritual;
- retiros espirituais para acadêmicos, professores e funcionários;
- campanhas de cunho solidário;
- espaço especial no Site Institucional com notícias, reflexões e colaborações dos acadêmicos;
- celebrações de festas especiais como a de D. Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora;
- ações para a formação permanente dos docentes, funcionários, através de encontros regulares ou retiros temáticos.

11 Unidades do PROED – atividades e ações da extensão e assistência social

Inúmeras são as ações e atividades institucionais para atendimento digno de professores, alunos e funcionários. Esses espaços assinalados integram os processos e são essenciais para o atendimento pedagógico e social de todos. Principalmente os Laboratórios cumprem com suas finalidades em

especificar a preparação dos acadêmicos e criar possibilidades de experiências próprias, criativas no desenvolvimento dos conteúdos dos diversos cursos que necessitam desses laboratórios e de ambientes especiais para as demonstrações específicas de cada conteúdo que os especificam, tanto o curso como a qualidade da aprendizagem.

11.1 Biossaúde

É um complexo que contém 34 laboratórios para as áreas básicas e específicas das Ciências Biológicas, da Saúde, Agrárias e alguns das Exatas e Tecnológicas, um centro analítico para a prestação de serviços para Farmácias de manipulação, Indústrias de medicamentos e alimentos, Indústrias de domissaniantes, análise de água e solo.

O conjunto de laboratórios do Biossaúde é amplo e diversificado. Segue uma lista das denominações dos Laboratórios dessa área de estudo e de pesquisa:

- Laboratório Saneamento;
- Laboratório Farmacognosia I – curso de farmácia e pesquisas;
- Laboratório Biotecnologia aplicada à nutrição animal- para o curso de Zootecnia;
- Laboratório de Microscopia II – para pesquisas diversas de graduação e pós-graduação;
- Laboratório Entomologia – pesquisas voltadas ao estudo dos insetos;
- Laboratório de Mutagênese; biologia e avaliações quanto a propriedades farmacológicas;
- Laboratório de Biologia Molecular – diversas áreas de pesquisas;
- Laboratório de Microbiologia II – pesquisas e avaliações;
- Laboratório de Síntese de Fármacos – para a área de química;
- Laboratório de Biotecnologia de matérias primas I e II – área de nutrição e vinculação com a Embrapa de Brasília.

Esse conjunto de Laboratórios específicos mostra as possibilidades que a UCDB oferece aos docentes pesquisadores, aos acadêmicos e à elaboração de projetos experimentais de pesquisa nessas áreas da ciência.

11.2 Biotério

O Biotério ocupa um espaço físico de 758 m^2 e foi criado com o objetivo de produzir animais de qualidade para as atividades acadêmicas e de pesquisa desenvolvidas na UCDB e Instituições parceiras.

11.3 Clínicas-Escola

O Complexo de aproximadamente 12.000 m^2 de área construída, volta-se para o atendimento de atividades relacionadas aos cursos de Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição, Enfermagem, Psicologia e Serviço Social. Abriga uma Unidade Básica de Saúde da Família (UBSF), e Núcleo de Apoio à Saude da Família (NASF), ambos vinculados ao Sistema Único de Saúde (SUS).

Desde 19 de março de 2001, quando foi inaugurado, esse imenso pavilhão acolhe as clínicas, onde trabalham profissionais e estagiárias. São as seguintes as clínicas:

- Clínica de Fisioterapia em quatro campos específicos;
- Clínica de Psicologia, atua em nove áreas específicas;
- Clínica de Nutrição, em avaliação, orientação e acompanhamento nutricional;
- Clínica de Saúde Auditiva: prevenção, diagnóstico, reabilitação e acompanhamento;
- Clínica de Fisioterapia – pelo SUS, atendimento neurológico e ortopédico;
- Clínica de Terapia Ocupacional – Pelo SUS, atendimento neurológico e ortopédico.

Esse conjunto de clínicas mantém diversos convênios com entidades oficiais e particulares. Em 2008, tiveram 22.793 pacientes e, no ano de 2013, 1.479 pacientes. Em convênio com o SUS, a partir de 2008 já foram atendidos 13.329 pacientes.

11.4 Complexo Didático Esportivo

Construído para o atendimento das necessidades do Curso de Educação Física, possui Academia Escola, Piscinas aquecidas, quadras cobertas, pista de atletismo, campo de futebol e Ginásio. Atende atividades de ensino, pesquisa e extensão.

O complexo "didático-esportivo" foi inaugurado no dia 19 de março de 2001; hoje esse complexo vai além de atender as necessidades estritas do curso de Educação física. Realiza-se no local: natação, ginástica geral, expressão corporal e rítmica, voleibol, basquetebol, musculação, ginástica de academia, atletismo, hidroginástica, handebol, futebol e futsal, ginástica artística e rítmica e alguns estágios do curso. Além dessas atividades, acontecem aqui as atividades da UMI, Academia Escola, Pulsar e atendimento do NASF; mantém contato com o Corpo de Bombeiros. Também este espaço é utilizado pelos cursos de Biologia e de Pedagogia.

Nesse complexo esportivo, acontecem cursos de capacitação e pós-graduação; atualmente estão presentes 13 docentes e 141 acadêmicos ex-

tensionistas; para essas atividades também concorrem alunos dos cursos de Fisioterapia, Psicologia, Pedagogia e Nutrição.

11.5 Hospital Veterinário "Dom Bosco" (Hovet)

O Hospital Veterinário construído dentro do padrão de modernos conceitos, possui uma área de 3.500 m^2, tendo como anexos – mangueiro e área de currais. Está capacitado para cirurgias, avaliação laboratorial, radiografias, internação e ultrassonografia de grandes e pequenos animais, voltado para o atendimento dos alunos do Curso de Medicina Veterinária. Dispõe de espaços e laboratórios para que os acadêmicos e professores possam atualizar suas disciplinas através de experiências concretas.

11.6 Laboratório de Comunicação (Labcom)

A atuação do Proed está diretamente relacionada aos Laboratórios Específicos e Agências Experimentais dos Cursos de Comunicação Social. Este Laboratório, com um bloco construído para seu funcionamento, funciona desde 1998. Possui o estúdio de TV com toda a infraestrutura para esse funcionamento. O Objetivo central é oferecer aos acadêmicos dos cursos de Jornalismo e Propaganda e Publicidade oportunidades práticas; nesse Laboratório são produzidos programas com a participação dos acadêmicos, vídeos experimentais. Através da TV-UCDB os acadêmicos têm um ambiente de aprendizado próximo ao mercado de trabalho. Os programas e outros vídeos são vinculados ao espaço cedido pela TV Universitária. Todo o equipamento do LABCOM possui a marca do passado; atualmente a universidade está abrindo um cronograma de investimentos necessários para a adequação de todo o Labcom para a migração para a TV digital.

11.7 Laboratório Interdisciplinar (Labinter)

O Laboratório Pedagógico Interdisciplinar das Licenciaturas da Católica é um espaço para desenvolver projetos/programas com vistas a fortalecer o conhecimento das práticas educativas na formação dos acadêmicos.

11.8 Núcleo de Prática Jurídica (Nuprajur)

Tem como atribuições supervisionar, controlar e orientar o estágio de prática jurídica desenvolvido pelos estagiários do Curso de Direito da UCDB e manter serviço de assistência jurídica à Comunidade, diretamente ou em convênio com entidades públicas e privadas. Atua em conjunto com a Unidade Jurisdicional conveniada, prestando-lhe apoio e cumprindo as obrigações que foram relacionadas à Universidade.

Em 1970, Pe. José Scampini, o segundo diretor da Faculdade de Direito, fundou a Assistência Jurídica D. Bosco; funcionou inicialmente onde estava a Faculdade, depois passou por outros lugares e se fixou na casa da Rua 13 de Maio ao lado do prédio da Faculdade, em 1986 quando o Pe. Bruno Pedron era o diretor; no tempo do Pe. Luigi Fávero, houve a primeira tentativa de informatizar os trabalhos. Aqui nesse local da rua 13 de Maio a Assistência Jurídica funcionou até 1996.

Pela Portaria n. 1.886, 30/11/1994, editada pelo MEC, uniram-se o Cartório e a Assistência Jurídica no Núcleo de Prática Jurídica e assim tornou-se disciplina regular do curso. O primeiro coordenador da Assistência Jurídica foi o Sr. Adhemar Mombrum de Carvalho Filho e sempre esteve nessa função por muitos anos.

A partir de fevereiro de 2001, a A. Jurídica passou a denominar-se NUPRAJUR; hoje são 20 os docentes que ali atuam na área cível e penal; esse órgão atende semestralmente 1.200 estagiários do Curso de Direito e alguns do Serviço Social; realizam mais de 1.000 atendimentos semestrais e hoje tramitam por lá 4.000 processos.

O NUPRAJUR, a partir de fevereiro de 2001 passou a funcionar em sua sede própria, nas dependências do campus da UCDB, com uma infraestrutura ímpar. Nessa área existem outros órgão da área jurídica e realizam processos e sessões de atendimento aos necessitados também, de acordo com a finalidade da universidade, que se dispõe a atuar em benefício da Comunidade em conjunto com a Unidade Jurisdicional conveniada.

A UCDB dispõe de um setor denominado "Assessoria Jurídica da UCDB" onde atuam mais de três profissionais em especial na área cível e penal; assessoram a reitoria e a administração em suas posturas e decisões. Esse órgão possui convênios com universidades e entidades da área em todo o país e também com outros órgãos no exterior.

11.9 Núcleos e grupos

A) Ações à Saúde Acadêmica (ASA) – tem como objetivo orientar, acompanhar as dificuldades individuais e/ou em grupo dos acadêmicos e promover atividades de desenvolvimento dos profissionais docentes.
B) Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP) – tem como objetivo contribuir na elaboração e execução de Projeto Políticos Pedagógicos dos Cursos e assessorar os professores em sua atividade docente. Além de acompanhar o atendimento aos Portadores de Necessidades Especiais.
C) Núcleo Integralizador da Saúde (NIS) – tem como objetivo a interação ensino-serviço-cidadania, construção da cidadania.
D) Ouvidoria da UCDB – órgão onde qualquer um pode manifestar demo-

craticamente suas opiniões visando melhoria no atendimento, na qualidade desse atendimento em todos os setores da Instituição. Elo entre os estudantes e toda a comunidade. Prioriza o atendimento das solicitações identificadas, buscando a veracidade dos fatos através dos canais competentes da Instituição.

12 Sistema de bolsas para estudantes

O processo de atendimento dos estudantes vale-se de todas as possibilidades que uma instituição possa oferecer. Assim, além dos atendimentos normais, o que mais realça são as possibilidades que a UCDB oferece para os alunos que não podem arcar com o peso das mensalidades e existe na universidade um atendimento constante para acolher e tentar solucionar o problema desses alunos. Existem na UCDB muitas instâncias em que um aluno pode cursar seus estudos regularmente e com bolsas de estudo. Atualmente existem 13 instâncias para que o aluno possa cursar seus estudos por bolsas de estudo. Entre estas treze possibilidades, as mais comuns partem da Iniciação Científica ou PIBIC, do Prouni, do Fies e de outras especiais, como a bolsa seminarista e outras. Cada um desses segmentos exige uma resposta do acadêmico; assim o PIBIC exige o acompanhamento de um processo de pesquisa, como o Fies, vai ser o financiamento para, depois de formado, ser devolvido ao banco.

A UCDB tem um alto montante de alunos que são mantidos por esses processos de acesso ao estudo universitário, alguns desses processos: Bolsa Social, 704; Bolsa Cultural, 70; Bolsa atleta, 108; Bolsa Colaborador UCDB/MSMT, 147; Bolsa colaboradores na Pós-Graduação Lato Sensu, 13; Bolsa Permuta, 27; Vale Universidade, 224; Bolsa Estágio, 117; Bolsa Extensão Universitária, 98; PIBIC, 48; ProUni, 816; FIES, 1.660; Bolsa Indígena, 82; Bolsa Seminarista, 37; Capacitação docente, Prosup, 55.

O setor de Assistência ao Estudante é um dos responsáveis pela execução dessa política junto com outros setores da Universidade através dos programas de incentivos estudantis. Cada programa enunciado acima possui suas normas e seus processos para que a bolsa seja concedida, bem como suas exigências para que ela permaneça em vigor. Desde 1998, a UCDB participa desses programas para beneficiar os estudantes necessitados.

Na UCDB, os 44 projetos de extensão acolhem os bolsistas em seu percurso de desenvolvimento, bem como os voluntários que se engajam nesses projetos. E os programas de Educação e Diversidade, o UMI, o Setor de Cultura e Arte, Cursos de Extensão, Esporte e Lazer, Projetos de Extensão, SIMA, e SUS são dimensões da atividade universitária capaz de acolher e proporcionar aos bolsistas experiências especiais de capacitação profissional.

A UCDB proporciona 44 projetos de extensão em diversas áreas e, nesses projetos, sempre é possível o engajamento dos alunos bolsistas para que tenham possibilidades especiais de aprofundamento profissional.

13 Jornal da UCDB

Sempre intitulado "Jornal da UCDB", o informativo institucional, cuja primeira edição aconteceu em 2.000, até hoje apresentou 272 edições.

Para a edição desse jornal, concorrem os estagiários de diversas áreas, como do Jornalismo, da Publicidade e de Letras. Esse jornal segue o ritmo da universidade nos meses letivos. A tiragem desse jornal é de 8.000 cópias. O objetivo principal desse jornal é divulgar as ações da UCDB, como projetos de pesquisa e extensão, a ser o elo entre a Universidade e os acadêmicos e para a comunidade. Além do jornal, existem outros meios de divulgação da vida universitária como o Portal da UCDB com espaço para notícias e para as redes sociais como caminho para as informações.

O Jornal da UCDB, além de retratar os projetos da vida acadêmica também serve como local de diálogo entre os professores e alunos sobretudo nos projetos de *Stricto Sensu* como caminho de informação e diálogo.

Esse Jornal da UCDB, sempre contou com boa aceitação por parte dos estudantes e da comunidade em geral. Muitas vezes, através das matérias nele vinculadas, a Universidade conseguiu destaque na mídia local, sendo uma rica fonte de informação para as redações de outros órgãos de comunicação.

14 Museu das Culturas Dom Bosco

A história do Museu está correlacionada com a história progressiva do desenvolvimento das atividades do Colégio D. Bosco. Ele foi inaugurado no dia 27 de outubro de 1951 com o nome de Museu Regional D. Bosco. Ao desenvolvimento do Museu também esteve correlacionado o desenvolvimento do grandioso projeto da "Enciclopédia Bororo", idealizada e realizada pelo Pe. César Albisetti e auxiliado pelo Pe. Ângelo Jayme Venturelli. Permaneceu ligado aos progressos das atividades salesianas no D. Bosco até que, em 1976, passou a ocupar um espaço considerável do prédio da Pia Lami, na Rua Barão do Rio Branco, onde permaneceu e cujo acervo nesse tempo passou por um crescimento considerável. Em 2005, iniciou-se o processo de transferência para o prédio do Parque das Nações Indígenas, firmado em comodato com o governo para ali se estabelecer e progredir sob o nome de Museu das Culturas D. Bosco.

No dia 24 de agosto de 2009, foi inaugurada a nova configuração das exposições, pois a inauguração oficial do Museu das Culturas D. Bosco nesse

local ocorrera no dia 30 de novembro de 2006. A data de 24 de agosto de 2009, conforme está na lápide comemorativa, refere-se à inauguração dos novos mostruários e novas maneiras de se mostrar as coleções do Museu. O atual prédio do Museu foi concedido à Missão Salesiana por Comodato por vários anos, bem como se incluiu nesse comodato uma área em que a MSMT poderá construir novos prédios para o acervo do Museu. A atual mostra de cenários e exposições foi concebida pelo arquiteto italiano Massimo Ciapetta, sob o patrocínio da ONG "Noi per loto", de constituição salesiana, em prol das culturas; sob o patrocínio dessa entidade, o Pe. Pier Zuffetti ofereceu possibilidade de se estender a atividade do museu na confecção e exposição de adereços indígenas em Meruri e em Sangradouro.

Agregados à história do Museu estão personalidades importantes como Pe. Ângelo Venturelli, Pe. Félix Zavattaro e sobretudo outros dois que muito realizaram em prol do Museu: Pe. João Falco e Pe. César Albisetti.

O acervo do Museu consta de diversas áreas: Antropologia, Etnologia, Arqueologia, Paleontologia, Mineralogia e Zoologia. A coleção do acervo etnológico possui objetos de diversas etnias indígenas: Bororo, Xavante, Karajá, Povos do Alto Rio Negro, Terena e Kadiweu, Ayoreo, Kinikinau, Kaiová e Guarani.

A coleção de arqueologia foi inaugurada em 1980; a seção de Zoologia possui aproximadamente 30.000 espécimes oriundas de diversas partes do Brasil; a seção vertebrados e invertebrados também é significativa. A mineralogia e a paleontologia também oferecem elementos de diversas idades geológicas; apresenta também uma coleção de peixes fósseis de algumas partes do Brasil.

O Museu é visitado diariamente por interessados e por turistas, além de oferecer possibilidades de visitas para alunos de diversas escolas, sem falar em estagiários que realizam suas observações e prestam seus serviços aos visitantes; no ano de 2012 foram registradas mais de 7.000 visitas ao acervo do Museu das Culturas D. Bosco vinculado à UCDB.

15 São Gabriel do Oeste

Diante de insistências da Prefeitura da cidade de S. Gabriel do Oeste, distante de Campo Grande 131 Km, às margens da Rodovia 163, a UCDB solicitou ao MEC autorização para que dois cursos funcionassem nessa cidade. Pensava-se também que poderia haver uma afluência de alunos de outras cidades como Rio Verde, Sonora, Camapuã e Coxim. Pela Portaria n. 1.688 de 19 de outubro de 2000, a UCDB foi autorizada a iniciar seus cursos nessa cidade. A prefeitura formalizou a doação de um espaço onde antes funcionava uma escola para que a UCDB instalasse lá o Campus oficial; houve uma

implicância por parte do MEC que passou a exigir que fosse construída em outra área uma escola similar à que fora cedida pela Prefeitura. A UCDB teve que antecipar essa construção para que pudesse iniciar suas atividades; o valor gasto pela universidade na construção dessa escola Pingo de Gente seria devolvido pela prefeitura posteriormente.

Os cursos oferecidos foram: Sistema de Informações, Administração em Agronegócios e Tecnologia em Gestão Ambiental. Para o funcionamento desses cursos e outras atividade complementares, sempre houve viagens para levar professores da UCDB-Sede para ministrar várias disciplinas dos cursos, pois os docentes locais eram poucos. De 2002 até 2009, o Campus foi dirigido pela Professora Sandra Mara Garcia que hoje atua na Assessoria Pedagógica na Pró-Reitoria de Ensino. Além das atividades das aulas, a UCDB procurou também incentivar a presença de estagiários e de animar a cidade com iniciativas de extensão como a UMI e outros departamentos como NUPRAJUR e estágio ADM.

A UCDB contribuiu com o desenvolvimento do Município de S. Gabriel através de suas iniciativas administrativas e de mapeamento das potencialidades sociais e regionais a serem devidamente movimentadas e exploradas. Em 2012, a UCDB encerrou suas atividades naquele campus e negociou com a prefeitura a devolução da área utilizada. A prefeitura decidiu transferir-se para a antiga sede do Campus Universitário. Durante esse período de funcionamento, de 2000 a 2012, aproximadamente formaram-se 364 profissionais a partir dos cursos oferecidos.

Essa foi a única experiência que a UCDB realizou com um Campus fora da Sede; Houve uma tentativa de se unir as faculdades salesianas de Corumbá à universidade, na condição de outro campus, mas a tentativa evidenciou uma série de fatores que impediriam uma relação adequada. A iniciativa não se concretizou e as faculdades de Santa Teresa de Corumbá tornaram-se autônomas e independentes.

16 O Centro Administrativo da UCDB

Entre os Blocos A e C foi construído, bem em frente à Biblioteca o Bloco Octogonal Administrativo da universidade. Nesse local, estão sediados todos os setores administrativos e os departamentos da direção da instituição: a Reitoria, as diversas Pró-Reitorias e os respectivos departamentos. Também nesse local sedia-se a Secretaria Geral e seus departamentos, assim como os departamentos de atendimentos aos alunos como a Ouvidoria, o Sistema de atendimento e informação aos alunos. Muitos outras secções que dependem de cada Pró-Reitoria também têm seus locais nesse prédio. Bem significativo é o saguão imenso de atendimento a todos bem fronteiriço à secretaria. Po-

rém é bom esclarecer que todo o conjunto de ação burocrática referente à Secretaria Geral está completamente informatizado e assim não há necessidade de que os alunos estejam ali presencialmente. Desde a primeira matrícula, o acadêmico poderá comandar seus atos de matrícula e informação sobre avaliações e outras questões via Internet.

Convém assinalar que um dos Departamentos mais importantes da UCDB é a direção da informatização de todos os processos e de todas as ações jurídicas ou referentes à documentação dos alunos, professores e funcionários; existe uma diretoria da TI (Tecnologia da Informação) para supervisionar e atualizar sempre a infraestruruta de captação e movimentação de todas as atividades acadêmicas, promocionais, administrativas e gerenciais de todas as áreas e atividades da Universidade. Além de coordenar toda a rede de suportes para todos os órgãos e departamentos, a TI da UCDB, também supervisiona todos os inúmeros Laboratórios de todos os Blocos. Este é um setor de importância vital para o gerenciamento e sobrevida de todas as atividades da universidade em todos os seus departamentos e segmentos. É um suporte essencial para a coordenação e registros de todas as atividades que ocorrem no campus da universidade.

Anexo I – INSPETORES DE MATO GROSSO

1 – D. Luiz Lasagna – 1894 e 1895
2 – Pe. Antônio Malan – 1896 a 1914 foi inspetor; de 1915 a 1918, foi Prelado e Inspetor
3 – Pe. Pedro Massa – 1919 e 1920, depois foi nomeado Prefeito Apostólico do Rio Negro, AM
4 – Pe. Hermenegildo Carrá – de 1921 a 1927
5 – Pe. Antônio Della Via – de 1928 a 1932
6 – Pe. Ernesto Carletti – de 1932 a 1946
7 – Pe. Guido Borra – de 1947 a 1958
8 – Pe. João Greiner – de 1958 a 1964
9 – Pe. Leonardo Jacuzzi – de 1965 a 1966
10 – Pe. Pedro Cometti – de 1966 a 1969
11 – Pe. Geraldo Pompeu de Campos – de 1969 a 1975
12 – Pe. Walter Bini – de 1976 a 1977
13 – Pe. José Winkler – de 1978 a 1984
14 – Pe. José Marinoni – de 1984 a 1990
15 – Pe. João Bosco – de 1990 a 1996
16 – Pe. José Winkler - de 1996 a 2002
17 – Pe. Afonso de Castro - de 2002 a 2008
18 – Pe. Lauro Takaki Shinohara – de 2008 a 2013

Sedes Inspetoriais

1 – Liceu S. Gonçalo – Cuiabá – de 1894 a 1947
2 – Colégio Dom Bosco – Campo Grande – de 1947 a 1976
3 – Casa São José – de 1976 até hoje

Anexo II – DISCURSO DO INSPETOR PE. AFONSO

Essa cerimônia tem o poder de assinalar uma nova etapa para o Museu Dom Bosco, para a cidade de Campo Grande e para a história do Estado de Mato Grosso do Sul; e acrescentamos para a Congregação Salesiana.

Este momento celebra o glorioso resultado da união de tantas forças, de tantas equipes, de tanto empenho na realização de um projeto que ultrapassou as expectativas e se mostra em seu resultado uma expressão gloriosa em que a arte e a tenacidade ao lado da generosidade e do bom discernimento puderam superar os estágios anteriores (o arcabouço do prédio parado neste lugar e do Museu na Av. Barão do Rio Branco) e chegar a este reconsiderado Museu que enriquecerá por muito tempo a cidade de Campo Grande.

Acontece essa celebração porque as forças convergentes do governo, na pessoa do Governador Zeca do PT nos concedeu a possibilidade de como Congregação Salesiana, como MSMT-UCDB ultimar o projeto de acordo com seu novo redesenho. Ao governador, o nosso reconhecimento pelo gesto de confiança em nos conceder a possibilidade de terminar uma obra iniciada pela ação pública e de ora em diante administrada pela UCDB; receba, Sr. Governador, através da minha palavra, o reconhecimento histórico dos salesianos pelo seu gesto de confiança em nos outorgar essa possibilidade que o Sr. poderá contemplar dentro em breve como uma saudável e gloriosa realidade.

Muitas perguntas devem brotar e com muita razão sobre as exposições culturais que estarão abertas ao estudo e à admiração dos visitantes a partir desta data:

Por que exposições da cultura Bororo e Xavante e de outras culturas mais ao norte como as etnias Javaés, Tucanos, Carajás, e não dos povos indígenas do Mato Grosso do Sul? Inúmeras são as razões; a história da presença salesiana neste território e no antigo estado de Mato Grosso abrangendo os atuais estados hoje, também explica. Pois a capital antiga de Cuiabá foi a porta de chegada que recebeu os primeiros missionários salesianos em 1894, sob a liderança de D. Luiz Lasagna. Eles vieram a pedido do Bispo de Cuiabá, D. Carlos d' Amour, para estar naquela parte do estado e principalmente para estar com os Bororos. O primeiro local de encontro com os Bororos foi a Colônia Federal Teresa Cristina, às margens do Rio S. Lourenço, onde permaneceram alguns anos; posteriormente, em 1902 estabeleceram-se seguindo a linha do telégrafo na região dos Tachos e depois, em 1923, em Meruri. Deste contato surgiram efeitos gloriosos com a presença da banda de música Bororo executando a peça o Guarani, de Carlos Gomes perante o governo no Rio de Janeiro em 1908. E o Brasil pôde ver a qualidade da cultura desse povo.

Antes de 1925, D. Malan já organizara, na cidade de Coxipó da Ponte, o Museu das Colônias Bororo onde deveria estar documentado o trabalho missionário. Neste incipiente museu, organizou-se a primeira exposição dos objetos da cultura Bororo. Mas a vida desse singelo museu teve curta duração. Esses objetos foram para uma exposição missionária em Roma, e a semente do museu em Coxipó não foi pra frente.

Nos anos de 1948/49 Pe. Félix Zavataro e Pe. Ângelo Venturelli estavam no Ateneu D. Bosco de Goiânia e iniciaram a coletar material indígena para o início de um museu. Compraram a primeira coleção em Goiânia de objetos da etnia carajá da ilha do Bananal. Esperançosos, iniciaram esse trabalho lá em Goiânia, porém a história não se mostrou amiga. Tiveram que ceder o Ateneu para a inspetoria salesiana de Minas Gerais e, ao se despedirem das terras goianas, Pe. Ângelo e Pe. Félix trouxeram duas coisas importantes para Campo Grande: a biblioteca e o pequeno acervo do incipiente museu. A biblioteca foi essencial, pois tinham em mente abrir uma faculdade – essa ideia foi o germe da FUCMT ou da UCDB, e os objetos que trouxeram foi o início do Museu D. Bosco, que por muitos anos esteve no prédio do Colégio.

Pe. Félix e Pe. Ângelo desenvolveram o museu concomitantemente com a presença do Pe. César Albisetti que continuara a pesquisa sobre a cultura Bororo, dando prosseguimento ao que efetuara o Pe. Antônio Colbacchini, Pe. Pessina; dessa proximidade, surgiu a publicação dos volumes da Enciclopédia Bororo; o último volume ainda será publicado, agora com a colaboração do Pe. Gonçalo Uchoa. O museu cresceu e ganhou relativa representatividade neste período.

Porém a fase gloriosa do museu veio acontecer com o advento de um novo diretor na década de oitenta, Pe. João Falco. Ao obter para o museu uma nova morada na Av. Barão do Rio Branco, onde permanece até os dias de hoje, Pe. Falco depois de um período entre os Bororos de Meruri idealizou uma exposição que abrangesse todo acervo existente. Além disso, estudou e conseguiu montar o acervo atual em todos os seus segmentos: malacologia, etnias, arqueologia... Enriqueceu o museu com a coleção Magri, acervo de animais empalhados provenientes de Batatais. Passou a viver juntamente com seus auxiliares para o museu; auxiliou-o sempre o seu escudeiro-mor, o jovem Clóvis.

Praticamente o Pe. João Falco refundou o museu e deu-lhe as dimensões atuais. Tornou-o significativo para a cidade. Era um concorrido ponto turístico e meio pedagógico para as turmas de escolares que diariamente o visitavam como percurso didático. Na Congregação, Pe. Falco teve um reconhecimento internacional pelo seu trabalho: foi convidado a montar um museu missionário na terra natal de D. Bosco, nos Becchi ,no Piemonte.

Tamanha foi a dedicação do Pe. Falco em enriquecer, aumentar o acervo e criar meios de expor suas conquistas que, no final da vida, foi intoxicado por elementos químicos provenientes de seus trabalhos de taxidermia. A congregação sempre reconheceu o mérito do Pe. João Falco, que soube levar avante e enriquecer o trabalho inicial do Pe . Ângelo e do Pe. Félix. Hoje, nesta nova sede, sua memória seja enaltecida e considerada pelo trabalho competente, árduo, solitário e muitas vezes não reconhecido. A ele nosso reconhecimento, a ele uma glória justa de um digno filho de D. Bosco.

Ao se dedicarem à pesquisa científica, os salesianos estão cumprindo com um legado recebido de nosso Pai D. Bosco, que sempre recomendara aos missionários que levassem além do saber, da evangelização, o espírito da pesquisa; sua recomendação resultou em salesianos reconhecidos mundialmente por seus trabalhos científicos e de conservação, de promoção do saber e da cultura; assim foram os salesianos na Argentina, onde existe também um museu etnográfico documentando as etnias indígenas da Patagônia; existe aqui o Museu D. Bosco e, em Manaus, um incipiente museu sobre as etnias manauenses.

Celebrar uma habitação definitiva para o Museu Dom Bosco, é para nós salesianos, celebrar a fidelidade de nossos irmãos ao legado carismático de nosso fundador, é expressar a grandeza de um ideal que se perpetua em realizações como essa do Museu, como a da UCDB e muitas outras que compõem a maneira, o modo de agir junto às culturas sonhado pelo nosso fundador. O museu torna-se o legado da fidelidade dos salesianos para com os povos indígenas da nossa terra.

Hoje, em outros moldes, muito mais estribado em estreita e séria cientificidade a organização do museu está em boas mãos. Sob a regência do Sr. Rafael Lochi, ecônomo inspetorial e administrador da UCDB, atua a equipe orquestrada pela Dra. Aivone de Carvalho, que tem como precípua finalidade a organização e a dinamização do saber e da cultura através da ativação do acervo, através de exposições temáticas educativas. Dessa forma a organização do museu D. Bosco posiciona-o e o aparelha para estar ao lado de qualquer museu do mundo ocidental. Parabéns à Profa. Aivone e à sua equipe pelo trabalho realizado. Parabéns ao Prof. Massimo Chiappetta, projetista e artista da organização e exposição do acervo; parabéns ao arquiteto Apolinário!

Não se pode deixar de lado uma instituição muito importante em todo esse aparato: a Missioni D. Bosco, que, liderada pelo magnânimo Pe. Pierluigi Zuffetti, tem oferecido os recursos para que tudo o que vemos tenha tido uma sustentação financeira garantida. Ao Pe. Zuffetti, de Turim, o nosso reconhecimento pelo seu trabalho e pelo seu zelo missionário; a ele a nossa eterna gratidão e o nosso reconhecimento. Foi ele quem financiou a reestruturação

desse prédio, a montagem e todo o necessário para a exposição do acervo. É bom lembrar também que foi ele que, através de um financiamento, possibilitou uma melhoria muito importante nas casas das aldeias Bororos de Meruri e na aldeia Xavante de Sangradouro. Sem o auxílio financeiro da Missioni D. Bosco, dificilmente obteríamos todos esses gloriosos feitos.

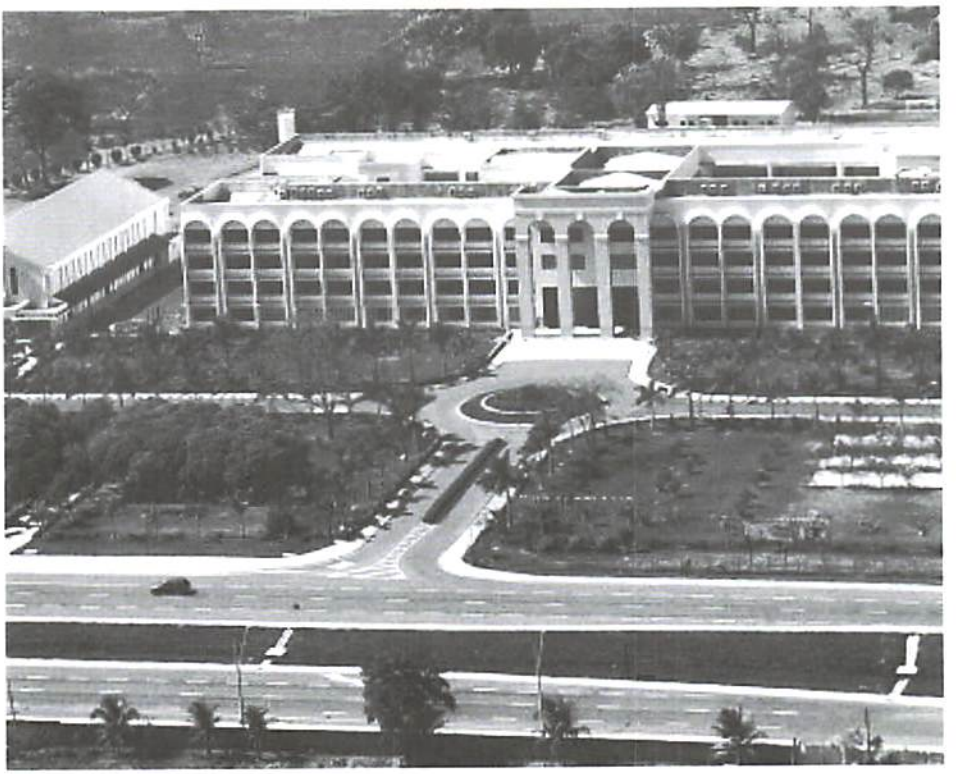
Nosso reconhecimento aos salesianos dedicados das missões que trabalham entre os Xavantes e Bororos; que estes dois povos se sintam muito dignificados por este monumento às suas culturas.

A todos, nosso reconhecimento perante o governo aqui presente e, aos nossos amigos e demais convidados, uma palavra e um apelo: que nos unamos em gratidão a Deus pelas grandes coisas que acontecem em nossas vidas, como poder exaltar àqueles que se dedicaram à pesquisa, à conservação e ao estudo de outras culturas. Justamente agora, o Museu D. Bosco inicia uma nova etapa de sua história. Que seja gloriosa quanto foram gloriosas as suas etapas anteriores!

Que Deus seja louvado por esta grande obra: o Museu D. Bosco em sua nova e definitiva sede. Continuará a ser uma grande referência para esta cidade, para o estado e para o Brasil!

Muito obrigado!

Pe. Afonso de Castro – Inspetor da MSMT
Campo Grande, 30 de novembro de 2006.



UNISALESIANO ARAÇATUBA





UNISALESIANO ARAÇATUBA



Capítulo XVIII

Os traços de S. João Bosco que se edificaram e perduraram na história da Missão Salesiana de Mato Grosso

Por mais de cem anos, os salesianos estão presentes nesse território que abrange boa parte do centro-sul e do leste do Estado de Mato Grosso, em quase toda a área do Estado de Mato Grosso do Sul, no oeste do Estado de São Paulo, precisamente nas sequências das linhas férreas antigas da Paulista e da Noroeste. Estiveram também presentes no território de Goiás, Goiânia e Silvânia por mais de duas décadas. Como salesianos educadores e pastores, auxiliaram a construção da Igreja e na educação dos jovens nesse imenso território. Sempre ofereceram aos pais dessa região o que possuíam de suporte e de força para se dedicar ao trabalho educativo-pastoral dos jovens e das comunidades: o grande amor a Deus e à Igreja e aos jovens. Transmitiram entusiasmo e confiança a todos.

Dessa presença surgiram algumas características que revelam o valor e a consistência da vida dos salesianos:

18.1 S. João Bosco

Ao lado da propagação do Reino de Deus, os salesianos ofereceram a essa região o grande patrimônio educativo-espiritual que brotou do coração grandioso de S. João Bosco. Através da difusão da biografia e dos momentos de verdadeiras revelações, houve a aceitação e a admiração por parte desse grande santo dos jovens; os salesianos conseguiram mostrar e oferecer o próprio fundador como modelo de santidade e de vida cristã santificada na sociedade moderna e na educação dos jovens. A identidade dos salesianos brota dessa fonte perene de orientação e entusiasmo que foi a vida e a dedicação de S. João Bosco na educação dos jovens.

Os salesianos, durante esse tempo nesse território, com exímio entusiasmo, souberam mostrar a gloriosa vida de D. Bosco através de sua dedicação e empenho diuturno no trabalho apostólico e educativo. Foram, como D. Bosco, modelares na doação de suas vidas pelo bem e pela santificação dos jovens. Hoje várias estátuas de D. Bosco pelos pátios atestam essa devoção; somente na cidade de Tupã houve um monumento em uma praça pública, que expressa a acolhida que os cidadãos daquela cidade tiveram para com os salesianos e para com D. Bosco.

Hoje a devoção a S. João Bosco significa para todos um verdadeiro mergulho na vida de trabalho para que os jovens sintam-se acolhidos e amados, ao mesmo tempo, pelos educadores, por D. Bosco e pela Mãe de todos, Nossa Senhora Auxiliadora.

18.2 Missionários

Nesse tempo, os salesianos que aqui chegaram e decidiram se estabelecer sempre mantiveram a verdadeira atitude inicial de serem missionários, propagadores do Reino de Deus. Mostraram-se grandes missionários ao propagar a Igreja Católica Apostólica Romana. Para o bom êxito desse trabalho, sempre se dedicaram em conhecer e respeitar a cultura local, quer dos civilizados, quer dos indígenas. Os salesianos sempre se mantiveram em meio ao povo e souberam promover a cultura das diversas regiões onde se encontrava cada comunidade.

Dentro desse horizonte, foram dignos filhos de S. João Bosco ao propagar a fidelidade à Igreja, ao Santo Padre o Papa e promover a vida da Igreja com muito amor e carinho.

Até 1978, os salesianos da Inspetoria ou MSMT eram, em sua maior parte, estrangeiros; aos poucos, promoveram as vocações autóctones; os missionários eram, em sua maior parte italianos, espanhóis, alemães, suíços, franceses, eslovenos, poloneses, e alguns da América Latina, como mexicanos, colombianos e argentinos. Todos eles se integraram muito bem aqui nesse território como missionários, enviados para a propagação do Reino de Deus sob o carisma de S. João Bosco.

Como missionários, os salesianos agem e continuarão a trabalhar sempre, pois em qualquer obra, oratório, paróquia, colégio, obra social ou universidade, o sentido de todas as atividades será sempre ser missionário ou propagador do Reino de Deus. Assim as obras salesianas sempre se estruturam para auxiliar as Igrejas locais a manter a fé e a estabelecer mais e mais fiéis. Missionários do Reino de Deus e da Igreja como parte concreta e visível do Reino do Pai, os salesianos tentarão sempre levar os jovens a serem bons cristãos!

18.3 A devoção a Nossa Senhora Auxiliadora

Não se pode falar de D. Bosco ou de salesianos sem se falar ou propagar Aquela que para D. Bosco foi "Aquela quem tudo fez!" Desde criança, historicamente pelo sonho dos nove anos e pela presença de sua santa mãe, Mamãe Margarida, Nossa Senhora sempre foi referência integral da vida de S. João Bosco. Tudo nasceu e se desenvolveu sob as bênçãos maternas de Maria

Auxiliadora na vida de D. Bosco. A expressão da grandeza da ação de Maria, na vida e na construção do legado espiritual e educativo de D. Bosco, fez com que sua gratidão se expressasse com carinho pela edificação do Santuário de Maria Auxiliadora em Turim, em 1868.

Acima de tudo, Maria sempre foi a referência de Auxílio dos Cristãos e Mãe da Igreja; mas sobretudo foi a Mestra que, nas narrativas da maior parte dos muitos sonhos, orientava a D. Bosco como filho carinhoso, e a mesma postura havia para com os seus filhos, os salesianos e os jovens. Modelar nesse processo materno, foi a conclusão do sonho do "Caramanchão das Rosas", ou ainda no Sonho do Elefante, ou ainda no Sonho da Jangada, ou ainda no Sonho do encontro de D. Bosco com Domingos Sávio no Paraíso. Em todos esse relatos, aparecem as inúmeras e gloriosas intervenções de Maria para proteger e orientar a vida de D. Bosco e dos salesianos.

Desse imenso e grandioso relato da presença de Nossa Senhora Auxiliadora na vida dos salesianos, houve sempre a expressão de amor de seus filhos para com sua Mãe Carinhosa. Assim existem hoje os Santuários de Nossa Senhora Auxiliadora em Cuiabá, em Corumbá, em Campo Grande e em Goiânia; em Lins e em Tupã existem igrejas paroquiais dedicadas a Nossa Senhora. Em Araçatuba, a igreja do Unisalesiano é dedicada a Nossa Senhora Auxiliadora. Na cidade de Alto Araguaia, a paróquia central da cidade é dedicada a Nossa Senhora Auxiliadora, edificada por um grande amor do Pe. Marinho Pini a Nossa Senhora.

A "novena perpétua de Nossa Senhora Auxiliadora" ocorre em um dia da semana nesses Santuários, é celebrada pelos dedicados membros da ADMA, e a bênção de objetos é muito concorrida. Porém, em Cuiabá, o falecido Pe. Firmo Duarte conseguiu uma celebração grandiosa da novena perpétua de Nossa Senhora Auxiliadora; tão grande a participação, variando de 2.500 a 5.000 a presença dos devotos, exigiu que a celebração da novena passasse a ser celebrada com a Santa Missa na quadra de esporte do S. Gonçalo, que possui capacidade de acolher mais de cinco mil pessoas nas arquibancadas.

Também os salesianos espalharam a imagem de Maria Auxiliadora em muitos lugares, em especial nos pátios dos colégios e nas casas salesianas. Além disso, duas outras modalidades da presença de Nossa Senhora Auxiliadora foram sempre propagadas pelos salesianos, a Novena Perpétua em um dia da semana e o Cartão a ser fixado nas portas das casas com a oração de Nossa Senhora Auxiliadora para se pedir a proteção da casa. Por fim, os sacerdotes salesianos se valem em muitas ocasiões, em especial na conclusão da celebração da novena, a oração especial da Bênção de Nossa Senhora Auxiliadora para se obter graças necessárias para aquelas circunstâncias em que a oração é dirigida à Maria Auxiliadora, como portadora de bênçãos e proteção contra os perigos.

18.4 O Método Educativo de S. João Bosco: o Sistema Preventivo – Bons Cristãos e Honestos cidadãos!

O método educativo de D. Bosco, denominado de Sistema Preventivo, cujo texto foi redigido por ele ao falar de seu processo educativo na França, acompanha sempre qualquer presença salesiana, tanto em uma paróquia, ou colégio, ou missão, ou oratório, ou no ambiente universitário. Os valores propagados pela pedagogia de D. Bosco encontram seu movente sempre em promover o bem completo dos jovens educandos. Vale-se da prevenção para evitar estragos na vida dos jovens, mas a preventividade ocorre em criar e poder oferecer aos jovens ambiente e oportunidade de autodesenvolvimento em todas as suas potencialidades ou possibilidades. Para isso o sistema preventivo contará sempre com a presença do educador como possibilidade de se estabelecer relações construtivas e belas; conta com a presença da religião para encaminhá-los para o sentido amplo da vida e com a colaboração para a aquisição da profissionalidade justa para uma vida digna na sociedade. Então, pode-se concluir como finalidade maior da postura educativa de D. Bosco a afirmação: "Formar Bons Cristãos e Honestos Cidadãos!"

Em tempos passados, toda a atividade educativa de uma instituição salesiana era dirigida pelos salesianos. Depois de grande crescimento populacional, o número de alunos ou de jovens presentes, cresceu consideravelmente. Os salesianos passaram a assumir o trabalho dos leigos para o atendimento normal das casas; para isso foi sempre uma grande batalha instruir e preparar os leigos de acordo com os valores e processos educativos do sistema preventivo. Sempre será uma luta para que todos os colaboradores e educadores leigos assumam vitalmente os processos contidos nas relações educativas circunstanciadas pelos valores e tradições do sistema preventivo de S. João Bosco.

18.5 A santidade salesiana

A vida salesiana, em suas expressões de uma vida conforme o evangelho, ou conforme a vida cristã, deverá sempre promover a santidade, a presença da graça de Deus nos corações juvenis. Ao realizar tal desempenho, os salesianos, nesse mister, procuram a própria santificação ou, em outras palavras, viver sempre na graça de Deus, conforme as virtudes e valores instaurados por S. João Bosco. A partir desse pressuposto, a grande maioria dos salesianos, em todos os períodos da história da presença deles aqui nessa região, santificaram-se. Em especial, uma santidade marcada pela dedicação ao trabalho. Salesiano tornou-se sinônimo de grande trabalhador. Uma dedicação e vida de trabalho para o bem dos jovens e da construção do povo de

Deus. Assim o trabalho sempre indicou o caminho da santificação dos salesianos, quer individualmente, quer comunitariamente.

A vida de santidade de muitos irmãos sempre foi modelar e exemplar, apesar de ser uma santidade não ostensiva, mas marcada pelo cumprimento do próprio dever conforme os ensinamentos de D. Bosco, na alegria e na satisfação para mostrar a presença de Deus para os educandos. Houve na inspetoria quatro salesianos assassinados por motivos de dedicação ao trabalho e ao Reino de Deus. Porém houve inúmeros salesianos, cujas vidas foram sempre muito humildes, mas expressivamente santos por sua caridade e dedicação ao trabalho para o bem da comunidade e, portanto, dos jovens. Houve salesianos que se santificaram na simplicidade de sempre estar ao lado dos jovens e diariamente orientá-los e animá-los para uma vida conforme os preceitos divinos. Santidade expressivamente enquanto linguagem das características do espírito de S. João Bosco, em especial marcada pela serenidade e vida alegre por viver sempre em estado de graça e de satisfação, mesmo em meio a muitas dificuldades e transtornos.

Existiram, em todas as gerações de salesianos, muitos que se destacaram pelo primor e pela certeza de estar sempre imitando o fundador D. Bosco no trato com os jovens e com o povo. Uma simplicidade e grandiosa dedicação capazes de encantar a todos por estar sempre à disposição e sentir-se bem por poder orientar ou atender as pessoas.

Houve sempre salesianos, também estudiosos e cientistas, que deixaram trabalhos primorosos no campo da ciência, e na vida espiritual foram exemplares como religiosos salesianos, filhos entusiasmados de S. João Bosco.

18.6 A presença dos salesianos gerou sempre confiabilidade

Desde os primeiros tempos da presença salesiana neste território da Missão Salesiana, houve diversas épocas em que algumas obras não prosperaram, e os salesianos investiram em mudanças e adaptações para que o serviço educativo e pastoral encontrasse nas diversas sociedades a receptividade desejada. Assim, em algumas regiões, os salesianos tiveram que acompanhar o desenvolvimento da região ou fixar-se naquelas regiões onde suas instituições pudessem vingar. Quando as cidades pequenas não evoluíram e havia um colégio salesiano nessas cidades, com o tempo a falta de desenvolvimento daquelas cidades, obrigaram a saída dos salesianos da região como foi o caso de Alto Araguaia, de Tupã e Lucélia, SP; porém onde as cidades cresceram, os salesianos também desenvolveram instituições consistentes como em Campo Grande, Cuiabá, Araçatuba e outras cidades. Esse caminhar histórico foi necessário também na adaptação das instituições para o

atendimento da juventude. Dessa forma, surgiram as instituições do Ensino Superior em Lins, Araçatuba e Campo Grande. Em especial hoje a UCDB indica o desejo de os salesianos estarem sempre ao lado das necessidades dos jovens em seu caminho de profissionalização.

Os colégios salesianos sempre primaram por um ensino modelar e que estivesse ao nível alto de qualquer outra instituição do ramo. O mesmo empenho sucede no ensino superior, e os salesianos sempre se colocaram na berlinda por uma estrutura e um processo de ensino e de pesquisa condizentes em qualidade superior. Afinal sempre os salesianos primaram por oferecer, como no tempo de D. Bosco, o que pudesse ser o melhor em termos educacionais aos jovens.

18.7 A Família Salesiana e as congregações que surgiram nesse território sob o carisma salesiano

Existem três grupos de pessoas que mais se aproximam das casas salesianas e prolongam o espírito de S. João Bosco conforme a vida laical: os Cooperadores Salesianos, os Ex-alunos das escolas salesianas e os Devotos de Maria Auxiliadora ou ADMA. Esses grupos participam do movimento de animação da vida salesiana. Estão sempre sintonizados com o progresso espiritual da congregação e vivem sua fé sob o entusiasmo da vida de S. João Bosco. Participam sempre de um programa de revitalização e de aprofundamento da vida espiritual salesiana. Fazem parte do conjunto de grupos pela vivência dos traços espirituais do carisma de S. João Bosco.

Ao lado desses grupos de leigos, surgiram duas congregações de irmãs fundadas na região por salesianos. As irmãs de Jesus Adolescentes, que foram fundadas por D. Vicente Priante, em Campo Grande, e as irmãs Missionárias do Bom Jesus de Cuiabá, fundadas por D. Orlando Chaves. Essas duas congregações fazem parte da Família Salesiana e traçam o próprio carisma congregacional pelo espírito de S. João Bosco.

Estão também presentes em Campo Grande as Irmãs dos Sagrados Corações que pertencem também à Família Salesiana, mas originárias da Colômbia e trabalham no Hospital S. Julião de Campo Grande, entre os leprosos.

Convém notificar que as Filhas de Maria Auxiliadora, que sempre estiveram ao lado dos salesianos nessa história, em especial nas Missões e nas casas de formação, é o ramo feminino da Congregação e tem nos traços da espiritualidade de S. João Bosco a fonte de seu carisma institucional.

18.8 Brasília – os sonhos de D. Bosco!

Na origem da mudança da capital do país do Rio de Janeiro para Brasília, D. Bosco esteve presente através da narrativa de um de seus sonhos missionários. Este sonho que serviu de suporte para a credibilidade da intenção de Juscelino Kubistcheck para mudar a capital, foi a expressiva linguagem utilizada por D. Bosco para conferir credibilidade para os seus filhos, quanto ao futuro da Congregação e para a sustentação do trabalho dos seus filhos das gerações futuras, para se instituir sempre o Reino de Deus nos países da América. Em sonho, D. Bosco anteviu o desenvolvimento da Congregação até à quarta geração de salesianos, inclusive nessa região.

Os sonhos de D. Bosco constituíram-se em um dos maiores canais de comunicação e de ilustração de seu legado espiritual e educativo para seus filhos. Tão forte foi esse linguajar pelos relatos de seus sonhos, que se tornou um caminho normal de se esclarecer e antever o futuro da Congregação tanto para o próprio D. Bosco, como para os seus filhos e para os próprios sucessores de D. Bosco.

Entre os sucessores de D. Bosco, D. Rinaldi, o terceiro sucessor de D. Bosco, ao se despedir do Pe. João Pian, que iniciava sua primeira viagem para a ser missionário nessa inspetoria, disse-lhe em tom de profecia: "Campo Grande! Campo Grande! Tenha muita atenção quanto ao futuro dos salesianos nessa cidade!" Essa mensagem ficou-lhe impressa no coração e, no ano de 1930, ele foi o primeiro diretor do Colégio D. Bosco, que, por sua vez, foi o berço da Universidade Católica D. Bosco. Imagine a alegria do Pe. Pian quando via o colégio com mais de 5.000 alunos, seu coração de grande ardor pela Congregação sempre se alegrava e dizia a todos que foi a profecia de D. Rinaldi que antevira todo esse grande desenvolvimento dos salesianos nessa cidade.

18.9 Contribuições na arte, na cultura e nos esportes

Em qualquer lugar do mundo onde estiverem os salesianos, a cultura e a arte serão sempre integradas como processo educativo para todos, assim foi desde o exemplo de S. João Bosco, que deixou, no Santuário de Maria Auxiliadora, um exemplo e, em seus primeiros salesianos, exímios músicos.

Não foi diferente aqui na Missão Salesiana de Mato Grosso. A primeira grandiosa expressão da arte foram os escritos, cartas pastorais e poesias, de D. Francisco de Aquino Corrêa; este foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, o mais rico e expressivo símbolo da arte literária. Outros seguiram seus exemplos como o Pe. Raimundo Pombo Moreira da Cruz, Pe. Firmo Pinto Duarte, que foram eleitos para a Academia de Letras de Cuiabá. Em Campo

Grande, o Pe. Félix Zavattaro e o Pe. Ângelo Venturelli também foram membros da Academia do Estado. Nesse sentido, muito me apraz poder hoje também representar a MSMT nessa Academia, ocupando a vaga que pertencera ao Pe. Ângelo Venturelli, e sempre espelhando os valores preconizados por D. Bosco, o grandioso suporte de nossa Missão. Nas ciências, destacaram-se vários, desde o Pe. Pessina, o Pe. Malan e o Pe. César Albisetti nos estudos antropológicos e linguísticos; mais recentemente outra leva de estudiosos, Pe. Bartolomeu Giaccaria, Sr. Adalberto Heide, Pe. Georg Lachnitt, Pe. Gonçalo Ochoa e Sr. Mário Bordignon, que se dedicaram ao estudo de culturas indígenas e processos culturais e linguísticos.

Em todas as presenças salesianas, o teatro, o aprendizado de piano ou órgão, o coral, a dança e as bandas musicais sempre fizeram parte do processo educativo das diversas casas. Participar de corais, de bandas musicais e de representações teatrais constituíam verdadeiros processos educativos em estado de plenitude, pois sempre conduziam para a educação do gosto artístico. Ultimamente, a orquestra de instrumentos de corda e o coral lírico do S. Gonçalo foi um exemplo marcante, ao lado dos grupos de dança e o coral da UCDB.

Em todas as casas, sempre se promoveu o esporte como processo educativo e de autodesenvolvimento. Mas em algumas casas, o esporte se tornou participação quase profissional, como o Futsal da UCDB; o desenvolvimento de natação, futebol, futsal, vôlei, basquete foi possível em Campo Grande devido à grande estrutura do Poliesportivo. Muitos ali treinaram com intenção de se profissionalizar nesse setor. Não existe casa salesiana sem um pátio e um teatro, ou meios de se dedicar a um desses ramos da arte ou do esporte. Foi sempre uma característica muito importante educativamente; conferiu-se sempre ao esporte, à arte o mesmo papel no desenvolvimento das potencialidades dos jovens. Essa foi a maneira integral que os salesianos empregaram também para serem missionários, levando o desenvolvimento dos jovens como expressão e dom de Deus ao jovens.

18.10 A alegria

Uma casa salesiana sem alegria e sem expressões da vitalidade juvenil não condiz com o caminho pedagógico de S. João Bosco. A alegria para S. João Bosco consistia em estar continuamente empenhado em se realizar como jovem e muito dedicado a todo e qualquer processo de aprendizagem ou expressão grandiosa da vida. Alegria no cumprimento dos próprios deveres de estudante e de cristão; alegria em participar das celebrações litúrgicas como expressão da presença de Deus na vida diária; alegria na beleza dos relacionamentos de amizade e de liberdade com os educadores, por isso sentir-se

sempre em casa e em família; alegria em expressões da força vital ao participar ativamente em todos os esportes em convivência fraterna e expressiva dos próprios dons; alegria por poder sempre contar com a presença do educador como amigo e irmão que sempre vai desejar e orientar para que o bem, o melhor aconteça na vida dos educandos; alegria por sentir-se amparado e acompanhado na vida de jovem e saber que sempre será chamado a se corrigir, a assumir novas posturas para o próprio crescimento como filho de Deus.

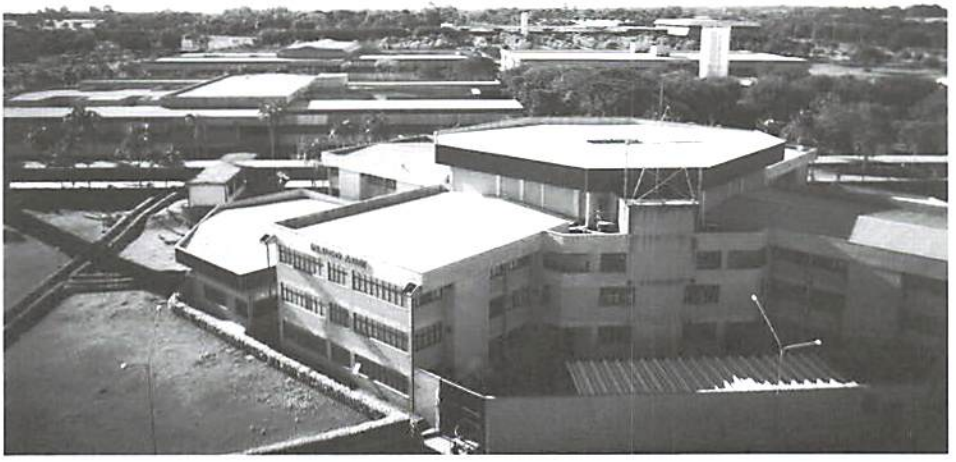
Alegria ao entrar numa casa salesiana e deparar com as imagens de Nossa Senhora, de D. Bosco e de Domingos Sávio como presença consoladora e orientadora da vida que expande e se desenvolve ali, naquele lugar agradável. Alegria por ter momentos de profundo recolhimento na capela com orações ou cantos ou com a celebração da Santa Missa. Alegria por sentir-se seguro nesse período da vida. Alegria por poder encontrar tantos outros modos de arte ou de esporte para o próprio desenvolvimento. E uma alegria especial por todo o tempo intenso que se vive ou viverá na casa salesiana.

Essa alegria contribui para a intensidade da vida consigo mesmo, com os colegas e com os educadores; nesse conjunto, com a presença de Nossa Senhora, da capela e do pátio, surge a completa percepção do espírito de família que passa a englobar também o sobrenatural. A vida em estado de alegria na casa salesiana, ao lado de Nossa Senhora e de D. Bosco, torna-se memorável. Será sempre lembrada e tornar-se-á fonte de inspiração para as outras etapas da vida. Assim D. Bosco concebeu e viveu com os jovens de seu tempo a verdadeira vida em uma casa salesiana; e aqui na inspetoria de Mato Grosso, os salesianos sempre lutaram para que essa experiência sempre se tornasse a realidade de todas as casas da Inspetoria.



UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO





UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO



Referências

AEROVISÃO – A revista da Força Aérea Brasileira, Rio de Janeiro, n. 230, p. 10, abr./maio/jun. 2011.

ALBERA, Paolo. *Mns. Luis Lasagna* – memórias biográficas. Tradução de José Vidal. S. Benigno Canavese: Es. Tipografica; Libreria Salesiana, 1906.

ALBERA, Paolo. *Lettere Circolari ai salesiani.* Torino: SEI, 1922.

ROSA, Carlos Alberto; JESUS, Nauk Maria de. *A Terra da Conquista* – história de Mato Grosso Colonial. Cuiabá, MT: Editora Adriana, 2003.

ALBISETTI, C.; VENTURELLI, A. J. *Enciclopédia Bororo* - vocabulários e etnografia. Campo Grande, MS: Museu Regional Dom Bosco, 1962a. v. I.

ALBISETTI, César. Esboço Histórico da Missão Salesiana de Mato Grosso. Campo Grande, MS: MSMT, 1979.

_____. *Enciclopédia Bororo.* Lendas. Campo Grande, MS: Museu Regional Dom Bosco, 1969. v. II.

_____. *Bollettino* Salesiano, Torino, anno LXXXVI, n. 23, 1º dez. 1962b.

_____. *Bollettino* Salesiano, Torino, anno LXXXV, n. 9, 1º maio 1961.

_____. *Bollettino* Salesiano, Torino, anno LXXXII, n. 11, 1º jun. 1958.

_____. *Bollettino* Salesiano, Torino, anno LXXXI, n. 3, 1º fev. 1957.

_____. *Bollettino Salesiano*, Torino, anno LXXX, n. 11, 1º jun. 1956a.

_____. *Bollettino Salesiano*, Torino, anno LXXX, n. 13, 1º jul. 1956b.

_____. *Bollettino* Salesiano, Torino, anno LXXX, n. 17, 1º set. 1956c.

_____. *Bollettino* Salesiano, Torino, anno LXXX, n. 21, 1º nov. 1956d.

_____. *Boletim Salesiano*, São Paulo, ano L, n. 3, p. 68, mar. 1926.

ALBISETTI, Cesar; VENTURELLI, Ângelo. *Enciclopédia Bororo.* Textos e Cantos de Caça e Pesca. Campo Grande, MS: Museu Regional Dom Bosco, 1976. v. III, parte I.

ALMEIDA, Fernando F. M. de. *Planalto centro-ocidental e Pantanal Mato-Grossense.* Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1959.

AQUINO, Francisco Corrêa. *A Santa Sé e o Estado de Mato Grosso.* No bicentenário da fundação de Cuiabá, 1719-1919. Cuiabá, MT:[s.n.], 1919.

ARQUIVO da Cúria Metropolitana de Cuiabá. Edição Digital do Acervo Eclesiástico (1756-1956). Cuiabá, MT: EdUfmt, 2011.

ARRUDA, Gabriel Pinto de. *Um trecho do oeste brasileiro* – São Luiz de Cáceres - Mato Grosso. Rio de Janeiro: [s.n.], 1938.

ATAS do Capítulo Inspetorial de 1947. ACI. Colégio D. Bosco, Campo Grande, 12 a 15 de janeiro de 1947.

ATAS do Conselho Inspetorial da Inspetoria Salesiana de Mato Grosso – Oeste de S. Paulo, de 05/12/1955 a 27/01/1966.

AUBERT, Roger et al. *A igreja na sociedade liberal e no mundo moderno*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976. (Tomo III).

AYALA, S. Cardoso. SIMON F. *Album graphico do estado de Matto-Grosso* Corumbá/ Hamburgo: [s.n.], jan. 1914.

AZEVEDO, Marcelo. *Comunidades Eclesiais de Base e Inculturação da Fé*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

AZZI, Riolando. *A obra de Dom Bosco no Brasil*. Consolidação da Obra Salesiana, 1908-1933. São Paulo: Editora Salesiana, 2002. v. II.

_____. *A obra de Dom Bosco no Brasil*. Cem anos de História 1883-1908. Babacena, MG: Centro de Pesquisa, 2000. v. I.

_____. *Filhas de Maria Auxiliadora no Brasil*. Cem anos de História. Implantação do Instituto, 1892-1917. São Paulo: [s.n.], 1999. v. I.

_____. *Os salesianos em Minas Gerais*. O decênio inicial da Obra Salesiana, 1895-1904. São Paulo: Editora Salesiana, 1986. v. I.

_____. Os salesianos no Brasil à luz da História. São Paulo: Editora Salesiana, 1983.

BADARIOTTI, Nicolau. *Exploração no Matto Grosso*. São Paulo: Esc. Typogr. Salesiana, 1898.

BÁLZOLA, João. Carta a Dom Rua, 29/09/1908. *Boletim Salesiano*, Torino, ano XXXII, dez. 1908.

_____. Carta. *Boletim Salesiano*, Torino, 1907.

BARROS, Iolanda M. Pierin de. *Dom Aquino* – política, violência e conciliação. Curitiba: Renascer, 1996.

BARROS, Abílio Leite de. *Pantanal* – pioneiros. Brasília: Edições do Senado Federal, 2007. v. 95.

_____. *Gente pantaneira* – crônicas de sua história. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998.

BARROS, Edir Pina de; VIERTLER. R. B. *Estudos de antropologia da doença entre os Bororos e os Kurâ-Bakairi*. Cuiabá, MT: EdUfmt, 1997. (Série Ensaios Antropológicos, v. 5).

BARROS, José de. *Lembranças para os meus filhos e descendentes*. São Paulo: [s.n.], 1959.

BAUMAN, Zigmunt*"A vida Líquida"*. 12. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

_____. *A cultura no mundo "líquido moderno"*. São Paulo: Saraiva, 2005.

BAXTER, Michael. *Garimpeiros de Poxoréo*. Mineradores de pequena escala de diamantes e seu meio ambiente no Brasil. Tradução de Benedito C. Ribeiro Nunes da Rocha. Brasília: Senado Federal, 1988.

BELZA, Juan E. *Luis Lasagna, el obispo misionero*: introducción a La historia salesiana del Uruguay, el Brasil y el Paraguay. Buenos Aires: [s.n.], 1970.

BEOZZO, José Oscar. *História geral da igreja na América Latina*. História da igreja no Brasil – segunda época. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980. (Tomo II).

BEOZZO, José Oscar (Coord.). *História da Igreja no Brasil* - segunda época – a Igreja no Brasil no século XIX. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980. p. 189.

BIANCO, Enzo. Profilo di Don Cesare Albisetti (1888-1977). *Bollettino Salesiano*, Torino, anno 102, n. 13-15, p. 24-28, 1º jul. 1978.

_____. *Bollettino Salesiano*, Local, anno LXXXVII, n. 13, 1º jul. 1963.

BITTAR, M. *Mato Grosso do Sul*: a construção de um estado. Campo Grande, MS: UFMS, 2009. v. I e II.

BOLETIM SALESIANO. Torino, ano LXXVI, n. 17, p. 331-333, 1° set. 1952.

_____. Torino, ano LI, n. 6, p. 177-179, jun. 1927.

_____. Torino, ano LI, n. , p. 140, maio 1927.

_____. Torino, ano XXXVIII, n. 11, 1° nov. 1914.

_____. Torino, ano XXXVIII, n. 8, 1° ago. 1914.

_____. Torino, ano XXXVIII, n. 6, 1° jun. 1914.

_____. Torino, ano XXVII, n. 11, nov. 1903.

BOLLETTINO SALESIANO. Torino, anno CIV, n. 8, p. 22-23, 1° maio 1980.

_____. Torino, anno XC, 1º dez. 1966.

_____. Torino, anno LII, n. 2, p. 42, fev. 1928.

_____. Torino, anno XXXVI, n. 10, out. 1912.

_____. Torino, anno XXXVI, n. 9, set. 1912.

_____. Torino, anno XXXII, n. 8, ago. 1908.

BORDIGNON, M. *Roia e Baile* – mudança cultural Bororo. Campo Grande, MS: UCDB, 2001.

BORGES, Durval Rosa. *Rio Araguaia* – corpo e alma. 2. ed. São Paulo: IBRASA, 2010.

BORRA, Guido. *Boletim Salesiano*, Torino, ano LXXXII, n. 19, 1º out. 1958.

_____. *Bollettino Salesiano,* Torino, anno LXXX, n. 19, 1º out. 1956.

_____. *Crônica da Inspetoria do Mato Grosso, Goiás e São Paulo*. Manuscrito. [s.d].

_____. *Crônica da Inspetoria de Santo Afonso* – 01/01/1947 a 31/12/1956. [s.d].

BORREGO, Jesús. Recuerdos de San Juan Bosco a los primeros misioneros. *Ricerche Storiche Salesiane*, Roma, ano III, n. 1[4], p. 167-208, genaio/giugno 1984.

BOSCO, Giovanni. *La Patagonia e le terre australi del continente americano*. A cura de Jesús Borrego. Roma: LAS, 1988.

_____. *Scriti pedagogici e spirituali.* A cura di Francesco Motto et alii. Roma: LAS,1987.

_____. *O jovem instruído.* Tradução. São Paulo: Editora Salesiana, 1948.

BRAIDO, Pietro. *Dom Bosco* – padre dos jovens no século da liberdade. São Paulo: Editora Salesiana, 2008. v. I e II.

BRITO, Henrique Ribeiro de. Dom Luis Lasagna, um pioneiro. Homenagem da Inspetoria de São João Bosco no I centenário de morte, 1895-06 de novembro 1995. Niterói, RJ: [s.n.], 1995.

BRUSADELLI. Giuseppe. *Um missionario salesiano assassinato nel Mato Grosso.* Torino: SEI, 1928.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna* – Europa 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *A arte da conversação.* São Paulo: Ed. Unesp, 1993.

BURKE, P.; PORTER, Roy. *História social da linguagem.* São Paulo: Unesp, 1997.

CAHILL, Thomas. *Navegando o mar de vinho* – por que a Grécia Antiga é essencial hoje. Tradução de Duarte. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

CAMPESTRINI, Hildebrando. *Santana do Paranaíba* – de 1700 a 2002. 2. ed. Campo Grande, MS: Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul, 2002.

CAMPESTRINI, H.; GUIMARÃES, A. Vaz. *História de Mato Grosso do Sul.* 2. ed. Campo Grande, MS: Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul, 1991.

CANAVARROS, Otávio. *O poder metropolitano em Cuiabá (1727-1752).* Cuiabá, MT:EdUfmt, 2004.

CAPÍTULO Geral Especial – XX. Roma, 1971.

CARLETTI, Ernesto. In: *Bollettino Salesiano*, Torino, anno LXX, n. 15, p. 149-150, 1° set. 1946.

_____. In: *Bollettino Salesiano*, Torino, anno LXV, n. 12, 1° dez. 1941.

_____. In: *Bollettino Salesiano*, Torino, anno, LVIII, n. 12. p. 377-379, 1º dez. 1934.

_____. In: *Bollettino Salesiano*, Torino, anno LVII, n. 6, p. 177-181, 1º jun. 1933.

_____. Comemorando o cinquentenário da Inspetoria Missionária de Mato Grosso e Goiáz - 1894. [S.l.: s.n.], jun. 1944.

_____. *Lembrança dos missionários salesianos Pe. Pedro Sacilotti e Pe. João Fuchs, trucidados pelos índios xavantes no Rio das Mortes.* São Paulo: Editora Salesiana, 1935.

CARLETTI, E.; DUROURE, J.; COLBACCHINI, A. *Heróis authenticos* – Pe. João Fuchs, Pe. Pedro Sacilotti, Me. José Pelegrino. Petrópolis, RJ: Vozes, 1937.

CARRÁ, Hermenegildo. In: *Boletim Salesiano*, Torino, ano XLIX, n. 7, p. 185-186, jul. 1925.

_____. In: *Boletim Salesiano*, Torino, ano XLVIII, n. 2, p. 48, fev. 1924.

CARVALHO, Carlos Gomes de. *Mato Grosso*: terra e povo. Um estudo geo-histórico. Cuiabá, MT: Edições Verdepantanal, 2001. v. I.

CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CASTELLI, Carmelo. *O Ginásio Municipal de Campo Grande, sob a objetiva* – 1932. Mato Grosso: Escolas profissionais salesianas do Lyceu C. De Jesus S. Paulo, 1932.

CASTILHO, Maria Augusta de (Org.). *Arquidiocese de Campo Grande* – 50 anos de vida e missão. Campo Grande, MS: UCDB, 2008.

CASTILHO, Maria Augusta de. *Religião, símbolo e poder no primeiro bispado em Campo Grande (1958-1978)*. Campo Grande, MS: UCDB, 1998.

CASTILHO, Maria Augusta de; FERREIRA, Rejiane Platero. *O Museu das Culturas Dom Bosco*: história, identidade e potencialidade de desenvolvimento local na educação básica. Campo Grande, MS: FIC-MS, 2012.

CASTRO, Antônio Secundino de. *História de Sociedade de S. Francisco de Sales a partir de 1888, História da Sociedade de S. Francisco de Sales no Brasil* e *História das Missões Salesianas no Brasil*. Apontamentos, 2003.

CAVIGLIA, Alberto. *Conferências sobre o Espírito Salesiano*. Tradução de João Bosco e Pe. João Pancot, 2011. (documento não publicado).

CHOVELON, Hipólito; FERNANDES, Francisco; SBARDELLOTTO, Pedro. *Do primeiro encontro com os xavantes à demarcação de suas reservas*. Campo Grande, MS: Missão Salesiana de Mato Grosso, 1996.

CINCO lustros da Missão Salesiana em Matto Grosso – apreciações e apontamentos. Cuiabá, MT: Typ. Calhao & Filho, 1919.

CINQUENTENÁRIO da diocese de Lins. Lins, 1976.

COJAZZI, A. *Don Balzola fra gli indi del Brasile* – Matto Grosso. Torino: SEI, 1932.

COLBACCHINI, Antônio. In: *Boletim Salesiano*, Torino, anno LXXVIII, n. 9, 1º maio 1954.

_____. *À luz do Cruzeiro do Sul* – índios Bororos-Orari do planalto Oriental de Mato Grosso e a Missão Salesiana. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1939. [Impressões].

_____. *Os mártires do Rio das Mortes*. [S.l.: s.n.], 1936.

_____. Carta. *Boletim Salesiano*, Torino, anno XII, n. 1, jan. 1917.

_____. Carta. *Boletim Salesiano*, Torino, anno XXX, n. 12, dez. 1906.

COMETTI, Pedro. *Apontamentos da história eclesiástica de Mato Grosso* - paróquia e prelazia. Cuiabá, MT: [s.n.], 1996. v. I.

_____. *Vida de D. Francisco de Aquino Corrêa*. Cuiabá, MT: [s.n.], 1994.

_____. *D. Aquino Corrêa* – Arcebispo de Cuiabá: vida e obra. Cuiabá, MT: [s.n.], 1993. p. 432-433.

COMPÊNDIO DO VATICANO II – constituições, decretos, declarações. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CORAZZA, José. *Esboço histórico da Missão Salesiana de Mato Grosso*. Campo Grande, MS: MSMT, 1995.

_____. *Síntese histórica das casas salesianas da MSMT* – Lins e Tupã, 1978.

_____. *Missão Salesiana de Mato Grosso* – Cenos históricos. [s.d.]a.

_____. *História de nossas casas*. [s.d.]b.

_____. *Síntese histórica das casas salesianas da MSMT* – Guiratinga. [s.d.]c.

CORRÊA FILHO, Virgílio. *Baianos em Mato Grosso*. Cuiabá, MT: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 1998.

_____. *Leverger* – o bretão cuiabanizado. Cuiabá, MT:Fundação Cultural de Mato Grosso, 1979.

_____. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / INL, 1969.

_____. *Pantanais matogrossenses* – devassamento e ocupação. Rio de Janeiro: Instituto de Geografia e Estatística, 1946.

_____. As Raias de Matto Grosso. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1925. (Fronteira Septentrional, v. I).

CORRÊA, F. de Aquino. *Dom José dos Reis*. Primeiro bispo diocesano de Cuiabá. Rio de Janeiro: [s.n.], 1954.

_____. *Terra Natal* – versos a Mato-Grosso, o grande estado do oeste brasileiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1940.

_____. *A fronteira Mato Grosso-Goiáz*. Cuiabá, MT:Typographia Official, 1919.

CORRÊA, Francisco. In: *Cinco Lustros da Missão Salesiana em Mato Grosso*. Cuiabá, MT:[s.n.], 1919.

CORRÊA, Lúcia Salsa. *História e Fronteira*: o sul do Mato Grosso. Campo Grande, MS: UCDB, 1999.

CORRÊA, V. B. *Coronéis e bandidos em Mato Grosso (1889-1943)*. Campo Grande, MS: UFMS, 2006.

CORRÊA, V. F. *Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Coeditora Brasílica, 1939.

COSTA, Antônio Macedo. *A questão religiosa do Brazil perante a Santa Sé ou Missão Especial a Roma em 1873*. Lisboa: Casa de Bragança, 1886.

COUDREAU, Henri. *Voyage au Xingu*: 30 mai 1896 - 26 octobre 1896. Paris: A. La Hure, 1897.

COUTURON, J. B. In: *Boletim Salesiano*, Torino, ano LIII, n. 2, p. 35-36, fev. 1929.

_____. In: *Boletim Salesiano*, Torino, ano LII, n. 4, p. 112-118, abr. 1928.

_____. In: *Boletim Salesiano*, Torino, ano LI, n. 7, p. 201-206, jul. 1927.

_____. In: *Boletim Salesiano*, Torino, ano LI, n. 3, p. 85, mar. 1927.

CRÔNICAS do Colégio Dom Bosco. Campo Grande – 1951-1960.

_____. Campo Grande – 1960-1964.

CRUZ, Walter Monte. *Catálogo bibliográfico mato-grossense*. Cuiabá, MT: UFMT, 1980.

CUNHA, Francisco Antônio Maia (Org.). *Campo Grande*: 100 anos de construção. Campo Grande, MS: Matriz, 1999.

D'AVERSA, Miguel. *Recordando* – os dezoito bispos e um Monsenhor Salesianos que trabalharam apostolicamente na Terra de Santa Cruz. Manaus: [s.n.], 1999.

DECLARAÇÃO do CIMI. Goiânia: CIMI, 25 de julho de 1976.

DECLEENE, A. In: *Bollettino Salesiano*, Torino, anno LXVI, n. 3, 1º mar. 1942.

DESRAMAUT, Francis. *Dom Bosco e a vida espiritual*. Campo Grande, MS: Missão Salesiana de Mato Grosso, [s.d.].

_____. *Don Bosco en son temps* – 1815-188. Torino: SEI, 1996.

DICASTERIO per le missione. Spiritualite missionaire salesianne. Roma, 1992.

DIZIONARIO Bio-Bibliografico delle Missioni Salesiane – C.S.S. M.S. Roma ,1977.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra* - nova história da Guerra do Paraguai. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DUROURE, João Baptista. *Dom Bosco em Mato Grosso*, 1894-1904. Campo Grande, MS: MSMT, 1977. v. I.

DUROURE, Jen Baptiste. *Sur le fleuve de la mort*. Lyon: Emmanuel Vitte, 1936.

FANAIA, João Edson de Arruda. *Elites e práticas políticas em Mato Grosso na primeira república (1989-1930)*. Cuiabá, MT: EdUfmt, 2010.

FARESIN. Santo Cornélio. *D. Francisco de Aquino Corrêa* – um astro luminoso. São Paulo: Editora Salesiana, 1988.

_____. *Da Prelazia de Registro do Araguaia à Diocese de Guiratinga*. Guiratinga, MT: [s.n.], 1982.

FARINA, R. et al. *Centenario delle Missioni Salesiane* – 1875-1975. Discorsi commemorativi. Roma: LAS, 1980.

FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. *Memória e História*. São Paulo: Graal, 2005.

_____. História do Brasil. 9. ed. São Paulo: Edusp / Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2001. p. 425.

_____. *Brasil, de Colônia a Democracia*. Madrid: Alianza Editorial, 1995.

FAVERO, G.; GHIRARDELLI, T. Comemorando o 50º aniversário de Pe. Fuchs, Pe. Sacilotti e Me. Pellegrino. 1º de novembro de 1934-1984.

FAVERO, G.; CORAZZA, J. *Lasagna, o Bispo Missionário*. Campo Grande, MS: MSMT, 1986. (Baseado em J. Belza).

FERREIRA, Antônio da Silva. 1901: La visita di Don Paolo Albera. Lettere di Don Paolo Albera a d. Michele Rua. *Richerche Storiche Salesiane*, Roma, n. 33. p. 335-371, 1998.

_____. *Epistolário*. Mns L. Lasagna (1873-1882). Roma: LAS, 1995. v. I.

_____. *La missione fra gli indigeni del Mato Grosso*. Lettere di don Michele Rua (1892-1909). Roma: LAS, 1993a.

_____. La missione fra gli indigeni del Mato Grosso. *Ricerche Sotoriche Salesiane* – Rivista semestrale di storia religiosa e civile, Roma, 1993b.

_____. Essere ispettore-vescovo agli inizi delle missioni in Uruguay, Paraguay e Brasile: Mns Luigi Lasagna. *RSS*, Roma, n. 19, p.189-190, 1991.

_____. La sucessione di Mons. Lasagna e la seconda visita di Mons – 1896. Cagliero in Brasile. *Richerche Storiche Salesiane*, Roma, p. 181-210, 1990a.

_____. Vent'anni de formazione del personale salesiano nell'ispetoria dell'Uruguai e del Brasile (1876-1895). *Richerche Storiche Salesiane*, Roma, ano IX, n. 17, Dicembre, 1990b.

_____. Cronistoria o Diário di Monsignor Luigi Lasagna. 3-1893 – 11-1895. Roma: LAS, 1988.

_____. O decreto de ereção canônica das Inspetorias salesianas, de 1902. *Richerche Storiche Salesiane*, Roma, n. 6, p. 35-71, 1985.

_____. Uruguay e Brasile visti dalle lettere di Teodoro Massano (1881-1888). *Richerche Storiche Salesiani*, Roma, n. 3, 1983, p. 296-298.

_____. Patagonia I – Realtà e mito nell'azione missionária Salesiana – II Vicariato apostólico della Patagonia Settentrionale. *Richerche Storiche Salesiane*, Roma, n. 26, p. 54, 1957.

_____. Visita do Pe. Álbera em Mato Grosso. *Richerche Storiche Salesiane*, Roma, n. XXXIII, p. 342, fev. 1988.

FERREIRA, M. R., *O mistério do ouro dos Martírios*. São Paulo: Biblos, 1960.

FORGIONE, M. *Colégio Diocesano de Lins*. 1º Lustro Salesiano - 1942-1946. Lins, SP: [s.n.], 1946.

FRAGA, Ezequiel. Viagem de D. Malan pelos estados do sul do Brasil. *Boletim Salesiano*, São Paulo, p. 152-161, nov./dez. 1917.

FRANÇA, B. T. *O triângulo dos diamantes* – a região das Garças e a luta armada de Morbeck e Carvalhinho em 1925. Goiânia: UFG, 1994.

FRANÇA, Joaquim. *Carta Mortuária de Pe. Antônio Dalla Via*. Thiene, Itália, 23/11/1956.

FUNCESP/ARCA. *Personalidades* – Pe. Félix Zavattaro. Campo Grande, MS: FUNCESP, 2002.

GALETTI, L. S. S. G. *Nos confins da civilização*: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso. Campinas, 2000. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, 2000.

GARULO, Carlos. El Latido del Bosque. *Génesis*: Libro de Orígenes e Germinaciones, Santiago do Chile, n. 30, 2008.

GIACCARIA. B. HEIDE. A. *Xavante povo autêntico*. 2. ed. São Paulo: Editora Salesiana, 1984.

GIACCARIA. B. *Pe. João Fuchs e Pe. Pedro Sacilotti* – Duas vidas em busca dos xavante. São Paulo: Editora Salesiana, 1984.

GIACCARIA, B; SALVATORE, C. *Iniciação Xavante* - Danhono. Campo Grande, MS: UCDB, 2001.

GINÁSIO, O. *Campo Grande*, ano 8, n. 37, mar./abr./maio 1943.

_____. *Campo Grande*, ano 9, n. 41, mar./abr./maio 1944.

_____. *Campo Grande*, ano 9, n. 42, jul./ago./set. 1944.

GOMES DE OLIVEIRA, Helvécio. *Missões Salesianas em Mato Grosso* – 1894-1908. São Paulo: [s.n.], 1908.

GUIMARÃES, Acyr Vaz. *A Guerra do Paraguai* – suas causas – 1823-1864. Campo Grande, MS: UCDB, 2001. v. II.

GREINER, J. *Relatório de trabalhos realizados na Inspetoria de S. Afonso de Ligório-MT*, de 1958-1964.

HOLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Monções*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

INSPETORIA Imaculada Auxiliadora – *Levantamentos estatísticos compilados para o Capítulo Inspetorial XI-FMA*, 5/11/1989. Campo Grande, MS, 1989.

ISAÚ, Manoel. *Liceu Coração de Jesus* – cem anos de atividades de uma escola numa cidade dinâmica e em transformação. São Paulo: Editora Salesiana, 1985.

JACUZZI, L. *Circulares*, 6 de nov. 1965.

JESÚS, Borrego. Primer Proyecto Patagonico de Don Bosco. *Richerche Storiche Salesiane*, Roma, Anno V, n. 1(8), 1986.

JORNAL DO COMÉRCIO. Campo Grande, MT, p. 1, 4 dez. 1961.

KLOPPENBURG, Boaventura. *Compêndio do Vaticano II*: constituições, decretos e declarações. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

KNOB, Pedro. *A missão franciscana do Mato Grosso*. Campo Grande, MS: [s.n.], 1988.

LACHNITT, Georg. *Curso de Língua Xavante*. Campo Grande, MS: MSMT, 2005a.

_____. *Cultura – religião – mito*. Campo Grande, MS: MSMT, 2005b.

_____. *Estudando o símbolo*. Campo Grande, MS: MSMT, 2004a.

_____. *Ritos de passagem do povo Xavante* – um estudo sistemático. Campo Grande, MS: MSMT, 2004b.

_____. *O símbolo "água" na iniciação cristã*. Campo Grande, MS: MSMT, 2004c.

_____. *Epopéia Xavante*. Campo Grande, MS: UCDB, 2003.

LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. *História e Memória*. 3. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 1994.

_____. *Por amor às cidades*. São Paulo: UNESP, 1998.

LEITE, Luis-Philippe Pereira. *A obra dombosquina e o oeste brasileiro*. Cuiabá, MT: Liceu Salesiano São Gonçalo, 1983.

LENHARO, Alcir. *Crise e mudança na frente oeste de colonização*: o comércio colonial de Mato Grosso no contexto da mineração. Cuiabá, MT: UFMT, 1982.

LEÔNCIO DA SILVA. Carlos. *Sete Lustros da Inspetoria Salesiana do Norte do Brasil (1895-1930)*. Lorena, SP: [s.n.], 1966.

LEMOYNE, Giovanni Battista; AMADEI, Angelo; CERIA, Eugenio. *Memorie biografique di S. Giovanni Bosco*. Torino: [s.n.], 1898-1948. (20 volumes)

LIMA, Antônio Carlos Souza. *Sobre indigenismo, autoritarismo e nacionalidade*: considerações sobre a constituição do Discurso e da Prática da Proteção Fraternal no Brasil. Rio de Janeiro: EdUFRJ/Marco Zero, 1987.

LISTELLO, Benjamin. *Carta Mortuária do Pe. Hermenegildo Carrá*. Monte Olivetto Pinerollo, 11/09/1969.

LOPARCO, G; ZIMNIAK, St. *L'Educazione salesiana in Europa negli anni difficili del XX seccolo*. Roma: LAS, 2008.

MACHADO FILHO, Oswaldo. *Ilegalismos e jogos de poder*: um crime célebre em Cuiabá (1972) e suas verdades jurídicas (1840-1880). Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

MACHADO, P. Coelho. *Pelas Ruas de Campo Grande*. 2. ed. Campo Grande, MS: Inst. Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008.

MAGALHÃES, Nícia Wendel de. *Conheça o Pantanal*. São Paulo: Terragraph, 1992.

MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil* (1916-1985). São Paulo: Brasiliense, 1989.

MALAN, Antônio. *Carta Pastoral*. Impressões de uma viagem à Europa em 1925. Petrolina, PE: [s.n.], 1926.

_____. Carta, 19/05/1906. In: *Boletim Salesiano*, Torino, ano XXX, n. 9, set. 1906.

MARCIGAGLIA, Luiz. *Os salesianos no Brasil*: a crônica dos primeiros anos – 1883-1903. São Paulo: Editora Salesiana, 1958. v. I.

_____. *Os salesianos no Brasil:* a crônica dos primeiros anos – 1904-1923. São Paulo: Editora Salesiana, 1958. v. II.

_____. *Os salesianos no Brasil* - primeiros 20 anos da obra salesiana de Dom Bosco no Brasil (1883-1903). São Paulo: Editora Salesiana, 1955.

MARIN, Jérri Roberto. A Igreja Católica em Mato Grosso e as divisões eclesiásticas. In: PERARO, Maria Adenir (Org.). *Igreja Católica e os cem anos da arquidiocese de Cuiabá (1910-2010).* Cuiabá, MT: EdUFMT, 2009.

MARTINS, Demosthenes. *História de Mato Grosso.* São Paulo: Vaner Bícego, [s/d].

MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. *Manual de redação e estilo de O Estado de São Paulo.* 3. ed. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1997. (verbete "índios", p. 145)

MARTINS, Júlio Alves. *Pouso frio* – as mais de doze vidas de um aviador pioneiro no cerrado brasileiro. Campo Grande, MS: UCDB, 2007.

MASSA, Pietro. In: *Boletino Salesiano*, Torino, anno LIII, 1º jan. 1928.

MEIRELES, Denise Maldi. *Guardiães da Fronteira* – Rio Gauporé, sec. XVIII. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

MELISI, Pietro. *Biografia di Mons. Giuseppe Selva.* Cortenova: Biblioteca Comunale de Cortenova, 1986.

MELLO, José Carlos. *Os tempos de Getúlio Vargas.* Rio de Janeiro: Topbooks, 2011.

MENDES, Marcos Amaral. *História e geografia de Mato Grosso.* 4. ed. Cuiabá, MT: Cafarnaum, 2012.

MENDONÇA, Estêvão de. *Datas matogrossenses.* 2. ed. edit. Goiânia: Editora Rio Bonito, 1973. v. I e v. II.

_____. *Quadro chorographico de Matto Grosso.* Cuiabá, MT: Escolas Profissionais Salesianas, 1906.

MENDONÇA. R. *História e memória.* Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1996.

_____. *Nos bastidores da história Mato-Grossense.* Cuiabá, MT: UFMT, 1983.

_____. *História de Mato Grosso.* Cuiabá, MT: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1982.

_____. Histórias das Revoluções em Mato Grosso. Goiânia: Editora Rio Bonito, 1970.

_____. *História do Poder Legislativo de Mato Grosso.* Goiânia: Editora Rio Bonito, 1967.

MIGUEZ, José Mario Guedes. *Chacina de Merui.* Barra do Garças, MT: Gazeta Maçônica, 1981.

MISSÃO Salesiana de Mato Grosso na Exposição Missionária de S. Paulo, A – 1894 – 18 de junho – 1944.

MISSIONARI SALESIANI. Indice de nomi ricorrenti nel Bollettino Salesiano 1877-1978. Roma: C.S.S.M.S., 1978.

MODESTI, João. *Eles construíram.* 2. ed. Araras, SP: [s.n.], 1988.

MOLINERIS, Michele. *Don Bosco inedito*. Istituto Salesiano Bernardi Semeria. Asti: Colle D. Bosco, 1974.

MORAES, Sibele de. *Episcopado de Carlos Luiz D'Amour em Cuiabá-MT (1878-1921)*. Cuiabá, MT: EdUfmt, 2009.

MOTTO Francesco. *L'Opera Salesiana dal 1880 al 1922*. Significatività e portata sociale. Roma: LAS, 2001. (Esperienze particolari in America Latina, v. III).

MOUTINHO, Joaquim Ferreira. *Notícia sobre a Província de Matto Grosso, seguida D'um Roteiro da Viagem da sua capital a São Paulo*. São Paulo: Typographia de Henrique Schoeder, 1869.

NOLASCO, Simone R. *Patrimônio cultural religioso*: a herança portuguesa nas devoções da Cuiabá Colonial. Cuiabá, MT: EdUfmt/Entrelinhas, 2010.

OLIVEIRA, João Pacheco; FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. *A presença indígena na formação do Brasil*. Brasília: MEC/SECAD; Rio: LACED/Museu Nacional, 2006. (Série Vias dos Saberes, v. 2).

OLIVEIRA, Altair Machado de. *Alto Araguaia* – dos garimpos à soja. Cuiabá, MT: Print Press, 1998.

Oliveira, Helvécio Gomes. *As missões salesianas em Mato Grosso* – 1894-1908. São Paulo: Liceu Coração de Jesus, 1908.

PAIVA, R. *Memória de D. Vicente Priante Bispo de Corumbá* – fundador das irmãs de Jesus Adolescente. Campo Grande, MS: [s.n.], 1997.

PEDRAÇA, Célio M. *O universo ideológico de D. Aquino e os anos Vargas*: entre a Igreja e o Estado (1930-1945). Cuiabá, MT: Fapemat, 2010

PERARO, M. Adenire (Org.). *Igreja Católica e os cem anos da Arquidiocese de Cuiabá (1910-2010)*. Cuiabá, MT: EdUfmt, 2009.

PEREIRA, Epaminondas Alves. *Resumo histórico* – cidade de Campo Grande – 1872-1878. [s/d].

PEREIRA, Margareth da Silva (Org.). *Um Brasil em exposição*. Rio de Janeiro: Casa Doze, 2010.

PESSINA, José. Relatório sobre uma viagem de atendimento pastoral aos índios nas proximidades do Rio das Mortes. *Bollettino Salesiano*, Torino, v. XXXVI, n. 10, out. 1912.

PIERIN DE BARROS, Iolanda, M. *D. Aquino* – política, violência e conciliação. Curitiba: Renascer, 1996.

PIMENTEL, Antonio Rodrigues. *A mais linda flor*. Cuiabá, MT: UFMT/Academia e Inst. Histórico de Cuiabá, 1982.

PÓVOAS, Lenine C. *Os italianos em Mato Grosso*. São Paulo: Resenha Tributária, 1989.

_____. *História de Mato Grosso*. Cuiabá/São Paulo: Resenha Tributária, 1985.

PÓVOAS, Nilo. *Galeria dos varões ilustres de Mato Grosso (obra póstuma)*. Cuiabá, MT: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1977. v. I.

PRELLEZO, J. Manuel. *Valdocco, neel'ottocento tra reale e ideale.* Documenti e testemonianze. Roma: LAS, 1992.

RODRIGUES, J. Barbosa. *História de Mato Grosso do Sul.* Campo Grande, MS: Edição do Autor, 1985

ROMANELLI, Otaíza de O. *História da educação no Brasil* - 1930-1973. 35. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SÁ ROSA, M; MENEGAZZO, M. Adélia; RODRIGUES, Idara. *Memória da arte em MS* - histórias de vidas. Campo Grande, MS: UFMS/CECITEC, 1992.

SALES, D. Eugênio Araújo. Em defesa dos índios. *Jornal do Brasil*, 1º caderno. p. 11. 24 jul. 1976.

SANTOS, Dirceu de Souza. *São Gabriel do Oeste, 30 anos.* A prova que o esforço e o trabalho transformaram uma região. S. Gabriel do Oeste, MS: [s.n.], 2010.

SANTOS, M. Isaú S. Ponciano. *Luz e sombras* – internatos no Brasil. São Paulo: Editora Salesiana, 2000.

SELVA, José. *A luz elimina a noite* – em nordeste, leste, norte e oeste. Guiratinga, MT: [s.n.], 1975.

SESQUICENTENÁRIO do Bispado de Cuiabá – 1826-1976. Notas históricas. Cuiabá, MT: [s.n.], 1976.

SGANZERLA. Alfredo. *A hisória do frei Mariano de Bagnaia.* Campo Grande, MS: Fucmt, 1992.

SILVA, H. R. *Garimpos de Mato grosso.* Viagens ao sul do estado e ao lendário Rio das Garças. São Paulo: J. Fagundes, 1936.

SÍNTESE da Crônica do Colégio D. Bosco de Campo Grande-MT. Campo Grande, MS: [s.n., s.d.], p. 1-2.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso* – da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2002.

_____. As minas de Cuiabá – primeiro tempos. *Revista UFMT*, Cuiabá, n. 1, p. 25-32, jan./abr. 1982.

SKIDMORE, Thomas. *Uma história do Brasil.* 4. ed. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. Brasil: de Getúlio a Castelo - 1930-1964. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

SOUZA, Lécio Gomes de. *História de uma região*: Pantanal e Corumbá. São Paulo: Resenha Tributária, 1973. (Pré-História – Tribos indígenas, v. I).

_____. *Bacia do Paraguai*: geografia e história. Brasília: MEC, 1978.

_____. *História de Corumbá.* [S.l.: s.n., s.d.].

SOUZA, A. F. *Antônio Paes de Barros e a política de Mato Grosso.* Cuiabá, MT: [s.n.], 1968.

_____. *Antonio Paes de Barros* – Totó Paes – e a política de Mato Grosso. Cuiabá, MT: Inst. Histórico de Mato Grosso, 1958.

SOUZA, J. B. *Mato Grosso, terra de promissão.* São Paulo: Revista dos Tribunais, 1953.

SOUZA, Lincoln de. *Entre os Xavantes do Roncador.* Brasília: Ministério da Educação e Saúde, 1952.

SQUINELO, A. P. *Guerra do Paraguai, essa desconhecida...* – ensino, memória e história de um conflito secular. 2. ed. Campo Grande, MS: UCDB, 2003.

STEINEN, K. Von Den. *O Brasil Central.* Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1942.

STELLA, Pietro. *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica.* Roma: LAS, 1979. (Vita e Opere, v. I).

TAUNAY, Affonso de E. *Os primeiros anos de Cuiabá e Mato Grosso.* São Paulo: [s.n., s.d.].

TONELLI, Antonio. *Cartas.* Valsalice, 17/05/1923 e 18/07/1925.

OCHOA, G. (Org.). *Meruri, na visão de um ancião Bororo* – memórias de Frederico Coqueiro. Campo Grande, MS: UCDB, 2001.

OCHOA, G. Pe. *Rodolfo Lunkenbein* – uma via pelos índios de Mato Grosso. Campo Grande, MS: MSMT, 1995.

PAPPALARDO, Felipe. Cartas. *Bollettino Salesiano*, Torino, v. XXV, n. 2, p. 50, fev. 1901.

_____. Cartas. *Bollettino Salesiano*, Torino, v. XXIV, n. 8, p. 227-228, ago. 1900.

UNISALESIANO. *Araçatuba* – 100 anos de História – 1908-2008. Araçatuba, SP, 2008.

VALLARINO, Sidrac. Das nossas missões. *Boletim Salesiano*, p. 140, set./out. 1923.

_____. Das nossas missões. *Boletim Salesiano*, p. 50, mar./abr. 1921.

VALDO, V. *Garimpeiros*: visionários da esperança. Brasília: Senado Federal/Centro Gráfico, 1987.

VARJÃO, V. *Barra do Garças* – migalhas de sua história. Brasília: Gráfica do Senado, 1985.

VASCONCELOS, Abílio de. *Institutos de Pensão do clero*: do padroado real ao padroado das Igrejas Particulares. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 1998.

VENTURELLI, A. Jayme. *Cinqüenta anos de Brasil.* Campo Grande, MS: Jornal do Comércio, 1983.

VENTURUZZO, O. *D. Carletti.* [S.l.]: Asas Brasil, [s.d.].

_____. *Dom Antônio Malan.* Campo Grande, MS: Asas Brasil, 1985.

_____. *Irás longe... Pe. Carletti.* Campo Grande, MS: Asas Brasil, 1982.

_____. *Bandeirantes Atuais.* Araçatuba, SP: Asas Brasil, 1969a.

_____. *Felizardos.* Araçatuba: Faróis, 1969b.

_____. *Diamante paulista descoberto em Goiás por Missionário de Mato Grosso* – Ademar Melo Souza, pequeno grande brasileiro. [S.l.: s.n.], 1956.

VIANNA, Helena. *Estudando o passado de Campo Grande*. Campo Grande, MS: Novos Escritores de MS, 1992.

VICENZI, Jacomo. *Paraíso verde*: impressões de uma viagem a Mato Grosso em 1919. [S.l.: S.n.], 1922. p. 41-83.

VIDA de D. Luiz Lasagna contada aos brasileiros no 50º de sua morte, A. Niterói, RJ: Escola Industrial D. Bosco, 1944. v. II.

VIEGAS, Izabel de Arruda. *Pantanal* – reminiscências de nossas vidas. Edição especial. Corumbá: [s.n.], 1997.

VILLAS BÔAS, O.; VILLAS BÔAS, C. *A marcha para o oeste*. São Paulo: Globo, 1994.

VOLPATO, R. Luiza Rios. *Cativos do Sertão* – vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850-1888. São Paulo: Marco Zero; Cuiabá, MT: UFMT, 1993.

VV.AA. *A mais linda Flor* – Discursos comemorativos sobre D. Francisco de Aquino Corrêa. Cuiabá, MT: UFMT, 1982.

VV.AA. *A Missão Salesiana de Mato Grosso e Goiáz no seu cinquentenário* – 1894 – 18 de junho 1944. Campo Grande, MS: MSMT, 1944.

VV.AA. *Cinco lustros da Missão Salesiana em Matto Grosso*. Apreciações e Apontamentos Chronológicos. Cuiabá, MT: Calhao & Filho, 1919.

VV.AA. *Salesianos Defuntos* – 1894-1954. Campo Grande, MS: MSMT, 1954.

VV.AA. *Vida de D. Luiz Lasagna, Bispo titular de Trípoli, contada aos brasileiros no Cinquentenário de sua morte.* Niterói, RJ: Escola D. Bosco, 1945. 3 v.

XAVIER, Jurandir da Cruz. *Poxoréo e o Garças*. Cuiabá, MT: Edições Calendário do Sol, 1999.



BICENTENÁRIO DE NASCIMENTO

1815 • DOM BOSCO • 2015



Pe. Afonso de Castro é graduado em Letras, Filosofia, Teologia e Pedagogia, mestre em Letras pela UNB e doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela UNESP de Assis (SP). Membro da Academia Sul-Matogrossense de Letras, possui várias publicações, entre as quais os livros Formação Salesiana - Trabalho, Educação e Ética; Releitura do Sistema Preventivo na Sociedade Pós-Moderna; Carta de Roma de Dom Bosco - reflexões; Presença Institucional Salesiana; Entre o Vale e a Imagem; Carisma para Educar e Conquistar: Espiritualidade, Alegria e Prazer na Educação Salesiana; Carinhos Pedagógicos; A Poética de Manoel de Barros; Pedagogia e Espiritualidade em Cinco Sonhos de Dom Bosco e Exercícios de Mim (Poesias).

Sacerdote salesiano de Dom Bosco desde 1970, foi professor nos cursos de Filosofia e Letras, pró-reitor da Universidade Católica Dom Bosco, diretor das Faculdades Salesianas de Lins e Inspetor Salesiano de Mato Grosso.

Ao longo dos anos, Pe. Afonso tem se dedicado a resgatar e divulgar o carisma salesiano, em especial o Sistema Preventivo, com o intuito de apresentar o tema com uma linguagem atual.

História da Missão Salesiana de Mato Grosso

- 1894 - 2008 -

UCDB

ISBN 978-85-7598-159-7